REVISTA TRIMENSAL

DO

Instituto Geographico

E

Historico da Bahia

FUNDADO EM 1894, RECONHECIDO DE UTILIDADE PUBLICA
PELA LEI N. 110 DE 13 DE AGOSTO DE 1895

[illegible]
[illegible]

MARÇO DE 1899

ANNO VI — VOL. VI — N. 10

BAHIA

1899

REVISTA TRIMENSAL

DO

Instituto Geographico

E

Historico da Bahia

FUNDADO EM 1894, RECONHECIDO DE UTILIDADE PUBLICA
PELA LEI N. 110 DE 13 DE AGOSTO DE 1895

Maxima sunt documenta equidem res temporis acti
In prœsens, validusque in veniens stimulus.

MARÇO DE 1899

ANNO VI VOL. VI N. 19

BAHIA
Typ. e Encadernação—Empreza Editora
80—Rua do Corpo Santo—80

1899

REVISTA TRIMENSAL

DO

Instituto Geographico e Historico

DA BAHIA

Anno VI | Março de 1899 | Num. 19

ARCHEOLOGIA

Exploração do escondrijo de uma casa á rua do Castanheda

MEMORIA APRESENTADA AO INSTITUTO EM SESSÃO DE 21 DE MARÇO DE 1897

Exm. Sr. Presidente:

Venho, com os collegas Drs. Reis Magalhães e Munoz Góes, dar conta da incumbencia que por V. Ex. nos foi commettida em um dos mezes do anno proximo findo.

Soube desde a infancia por pessoas de minha familia que havia um escondrijo praticado nas paredes de uma casa á rua do Castanheda, e meu pae, que serviu nas tropas da rebeldia em 1837, referiu-me que se lembrava de ouvir dizer que o Dr. Sabino Vieira possuia um subterraneo ou escondrijo em sua residencia.

Ora, eu vim a conhecer tempos depois que um amigo meu habitava no predio da rua do Castanheda, que faz esquina para a ladeira das Hortas, e conversando com elle sobre este assumpto, provoquei da sua parte uma exploração ao fôrro da casa, da qual resultou a verificação do que eu lhe tinha dito.

Outras indagações me levaram a conhecer que esta casa tem duas lendas; uma que a dava como tendo sido quartel-general no começo deste seculo e portanto durante os ultimos tempos da colonia e outra que dizia tambem ter sido ella residencia do Dr. Sabino Vieira e ter o mesmo alli assassinado sua mulher.

Graças á obsequiosidade do amigo, então locatario daquelle predio, que eu soube ainda ter pertencido, até ha bem·poucos annos, a uma irmã de Sabino, a freira do convento da Lapa Madre Maria José Barata, podemos por nossa vez fazer uma exploração.

Dirigiu-se, pois, a commissão áquella casa em companhia do Sr. Eduardo Carigé, que se dignou acompanhal-a, e procedemos todos a um estudo do edificio e especialmente do ponto mais interessante.

A casa, muito estragada hoje, revela ainda alguma cousa da sua grandeza e imponencia passadas, quando ella era provavelmente a unica na crista daquelle outeiro, ao nivel do monte das Palmas em cujo planalto fica, e fronteira ás alturas de S. Bento, sendo, portanto, um dos pontos mais elevados da Bahia.

Logo ao transpôr a porta larga, se depara com uma arcada, elegante ainda, apezar da sua degradação presente, que abriga o primeiro patamar ao qual se sobe por tres degráos, hoje muito pouco limpos.

Em frente, uma escada estreita de serviço desce para uma sobreloja bastante grande que preenche para trás o espaço que vae do andar superior até o rez do chão.

Na frente, a casa tem um só andar.

A' direita, encontra-se uma porta de almofadas, como a principal, porém um pouco menor, que dá ingresso para um commodo que é a loja mais im-

portante da casa, e que tem janellas para a ladeira das Hortas.

E' esta a peça de que falla o processo do Dr. Sabino quando foi accusado pela morte de sua mulher, como sendo a residencia de um seu irmão louco ou mentecapto.

Foi por esta porta que aquella senhora passou quando fugia, já com um braço fracturado, para sahir pela janella da mesma loja que dá para a frente, tambem de almofadas e de grande solidez, e onde foi recebida em braços pelas mulheres da visinhança que tinham acudido aos seus gritos e por soldados de permanentes que a levaram para uma casa proxima, onde se fez o exame medico e o primeiro curativo, como tudo consta dos autos que tivemos a fortuna de ler e do depoimento das testemunhas.

A' esquerda, ha outra loja menor e menos importante.

A escada de que já fallamos e que desce do primeiro patamar para o fundo do predio era de pedra primitivamente, agora de tijollcs e pedras, e, estreitando-se cada vez mais, leva a uma especie de avarandado que abre largamente para o grande quintal que outr'ora ia dar aos terrenos da Horta de S. Bento e que communica com a ladeira por um portão.

Fizeram ha pouco pequenos quartos de miseraveis tabiques neste alojamento.que nos tempos heroicos da casa poderia talvez conter 20 a 25 soldados de cavallaria e o duplo talvez de infanteria; emfim o que devia constituir a guarda ou escolta de um general.

A escada que leva ao 1o andar, logo á esquerda e depois de transposta a arcada e o patamar, é de construcção moderna.

Provavelmente occupa o mesmo logar da primitiva, mas não foi feita das madeiras que se encontram nas portas, janellas e soalhos, nem tem a solidez das escadas das casas nobres antigas, de degráos levemente inclinados, como feitas de pro-

posito para não cançarem os seus donos quando envelhecessem.

A que existe actualmente levanta-se esconsa e fragil, rangendo em alguns logares sob os pés dos visitantes.

Em frente da escada ha uma janella que dá para o telhado da casa visinha, a qual já existia em 1836 e que figura tambem no processo do Dr. Sabino, citado acima, porque foi por ella que fugiu a cunhada deste na occasião daquella desgraçada dissidencia conjugal.

No tôpo da escada dá-se logo, á esquerda, com uma bella porta antiga que abre para um salão; á direita enfia-se por um corredor que leva á sala de jantar, á qual é contigua uma cosinha que lhe é quasi egual em dimensões e que communica por uma escada de serviço, desfarçada por um alçapão, com a sobreloja que occupa por baixo destas peças toda a face correspondente da casa.

Os tres commodos nobres são do lado da frente; o salão vasto, com tecto muito ornado, todo em quadrados até ha bem pouco tempo, assim como um gabinete contiguo que forma o angulo do edificio para o lado da ladeira e um grande quarto após este.

Todas estas partes da casa têm ainda as suas grandes portas de madeira de lei, assim como os soalhos e janellas, talhadas em almofadões, do mesmo gosto que as das portas, dotadas de postigos afim de ver sem abrir e reparos de pedra junto ao parapeito do peitoril para servir de assento; senão todas pelo menos algumas.

Pelo estylo da construcção, pela argamassa branca dos muros, pela solidez do todo, deve ser o edificio contemporaneo da outra grande casa historica que lhe está bem proxima, muito mais vasta, porém muito peior situada, a casa do Berquó onde morreu Felisberto Caldeira ás mãos dos seus soldados revoltados, coherente com a maxima que, segundo se diz, elle mesmo estabelecera, quando foi preso Labatut, tambem n'uma sedição da tropa: «*Um general não se prende, mata-se.*»

Subimos ao telhado por uma escada de mão e deparamos com as taboas que forram toda a casa, excepto a sala de jantar e a cosinha.

Entre estas achamos uma abertura em fórma de parallelogrammo tendo de lado 2 metros e nas cabeceiras 1 metro e meio.

Fazendo chegar um lampeão ás bordas não podemos distinguir o fundo, pelo que fizemos descer a fita metrica, que tinha sido levada, amarrada a um pedaço de caliça que resvalou 3 metros, dimensão que fórma a profundidade do pequeno alojamento ou que melhor nome tenha.

Içamos a escada que nos tinha servido por alcançar o forro e, collocando-a mal por causa de um travessão de madeira que existe quasi no fundo da cavidade em questão, podemos descer com uma luz.

O escondrijo coube bem ao collega Munoz Góes e a mim e si não fosse o travessão que parece ter sido posto em epocha muito recente para sustentar o forro da escada, não ficariamos mesmo inteiramente mal.

Um homem póde alli ficar perfeitamente deitado, mover-se com facilidade para um ou outro lado, agachar-se, sentar-se, etc.

Si elle foi feito para o fim que presumimos não ha duvida que o seu inventor andou bem avisado, porque os legendarios porões da Presiganga deviam ser muito mais desagradaveis.

O fundo é hoje formado de caliça, porque parece que a tirada por occasião dos concertos que tem soffrido o telhado tem sido lançada para alli, mas se fôr limpa a cavidade, encontrar-se-ha necessariamente um soalho que corresponde justamente ao quadrado formado no tecto da parte inferior da escada que leva ao 1° andar e á qual já nos referimos.

De modo que, si aquella escusa morada tiver um habitante que se queira esconder a pesquizas policiaes ou outras, elle poderá ouvir ás vezes talvez, e com certeza, os passos das pessoas que subirem a escada principal e andarem pela casa, estará se-

parado dellas apenas por delgados tabiques, mas poderá desafial-as de lá que o descubram.

Mesmo subindo ao telhado, si a bocca daquelle escondrijo estiver coberta de taboas eguaes ás outras, sujas de pó, etc., ninguem poderá, andando sobre ellas, suspeitar que pisa sobre o retiro de um perseguido.

Este passeio sob as telhas foi, entre outras cousas, muito incommodo á commissão, porque o telhado é baixo, e como o das casas antigas daquella ordem, sustentado no meio por um grande pilar do qual parte o madeiramento que fórma as tres ou quatro descidas d'agua da cobertura.

E' ao lado deste pilar e não dentro delle que foi feita a obra. De um lado forma-lhe parede o pilar, de outro um destes armarios que quasi todas as casas antigas têm e onde parece que se guardavam provisões ou roupas.

A terceira parede é formada por uma das divisões separatorias da escada e um dos commodos, e a quarta foi feita com estuque ordinario para o lado da melhor camarinha, preenchendo um vão que devia existir antes deste trabalho.

Pela construcção do estuque se chega a conclusão de que elle foi feito em tempo relativamente recente.

Uma circumstancia não deve ser deixada em olvido, que prova não ter sido feito o retiro em questão na epocha em que se construiu a casa, mas muito depois, e é a seguinte.

Notando que o pequeno cubiculo é todo forrado de taboas, percebeu a commissão que em uma fenda deixada por um pedaço destas, menor ou que foi arrancada, se vê ainda um pouco da parede caiada do quarto ao qual foi roubado o espaço para o esconderijo.

O revestimento parece ter sido feito para tornar mais confortavel a permanencia alli de quem carecesse deste recurso, porque sem isso ficaria a parede não rebocada, aspera e irregular.

Collocaram tambem grandes pregos como se

costuma fazer nas habitações improvisadas para suspender roupas e outros objectos.

O que porém dissipa todas as duvidas sobre a descida e provavelmente até a permanencia de algum ente humano naquelle logar é a fumaça de que estão cobertas em alguns pontos as paredes do cubiculo, não só nas bordas como em baixo, principalmente ahi.

A prova evidente de que se accendeu vela ou pavio que enfumaçou as taboas é tão positiva e poderosa para provar que alli permaneceu gente, como a que certifica a presença dos homens primitivos nas cavernas pelos restos de cinzas que deixaram.

A necessidade de ver naquelle antro não devia ser uma das mais violentas para quem alli passou horas ou dias?

Infelizmente a commissão nada mais encontrou no interior da cavidade em questão, nem uma restea de papel, um fragmento de vestuario ou qualquer objecto de uso.

E' verdade que, como já vimos, o fundo da cavidade está entulhado. Será preciso tirar toda a caliça para fazer um exame consciencioso.

Um dos membros da commissão pensou a principio que houvesse alguma communicação com alguma galeria que désse sahida para os terrenos da antiga horta de S. Bento, hoje occupados pelo capinzal de uma empreza de carros publicos.

Reflectindo porém e estudando os logares julgamos não ser judiciosa esta hypothese, attendendo a verificação que fizemos depois, de formar exactamente o fundo do escondrijo parte do tecto da escada.

E' exacto ainda que uma das taboas do revestimento interno tem a fórma de um quadrado, como uma pequena porta ou postigo, mas não só se acha muito bem pregada, como parece ter sido alguma porção de madeira cortada e apparelhada daquella que foi aproveitada ás pressas para completar o revestimento, do que uma porta de communicação com o pilar que não deve ser ôco, porque si o fosse seria inutil dar-se alguem ao trabalho de preparar aquelle

retiro, tendo cousa melhor e mais segura. Isso tambem viria provar ter sido feita, a obra que examinamos, na epocha em que foi construida a casa, o que é improvavel.

Tambem aventou-se e estudou-se a hypothese de ter sido feito aquillo para corredeira de farinha, como em algumas casas antigas.

Occorre, porém, a circumstancia valiosa de que os cubos ou funis que se faziam para este fim eram muito melhor acabados, feitos sem frestas, e muito menores ou antes de dimensões muito mais estreitas, porque para encher a maior parte daquelle deposito, de modo que podesse cahir com facilidade a farinha, seriam precisas muitas centenas de saccas e as proporções da casa não são taes que nos autorisem a suppor que houvesse alli de permanencia um numero muito grande de individuos.

E' preciso considerar ainda que as aberturas superiores dos depositos de farinha eram quasi sempre no alto ou no meio de uma escada e vinham dar ao andar terreo, á sala de jantar quasi sempre, sob a vigilancia da dona da casa que usava ordinariamente de uma das muitas chaves para abrir o cadeado do deposito, afim de impedir os desvios que os escravos faziam quando achavam para isso geito.

E' bem provavel que não tivessem feito esta obra para abrir dentro de um armario, para um dos lados das paredes deste, em logar inteiramente escuro e onde seria quasi impossivel fazer funccionar bem a tampa da corredeira que era quasi sempre em fórma de alçapão.

Alèm do mais, as paredes do armario no lado que corresponde ao escondrijo não demonstram o mais leve indicio de ter alli existido uma abertura.

O transporte da farinha para o tecto é outra cousa inadmissivel, porque não ha vestigio de ter havido em qualquer ponto uma escada que levasse ao telhado, como seria muito difficil conduzir objectos pesados, depois de içal-os á grande altura, quasi de rastos até a borda do deposito, porque o telhado é

bastante baixo e em alguns pontos precisa quem o explora curvar-se e agarrar-se ás traves e tesouras. E não pode haver duvida de que a actual é ainda a organisação primitiva do esqueleto do cobrimento da casa!

De toda esta exposição, a commissão, dando conta do seu trabalho, conclue:

1.º Que ha um escondrijo na casa n. 126 da rua do Castanheda, districto de Sant'Anna desta cidade, o qual só é praticavel ou accessivel pelo fôrro e habilmente disfarçado nas paredes divisorias dos quartos, porque não é possivel desconfiar da sua existencia.

2.º Que esta obra foi feita muito depois de construida a casa, provavelmente nos principios ou meiados deste seculo, sem ser possivel fixar precisamente a data.

3.º Que é provavel ter sido elle habitado temporariamente por causa da fuligem que se encontra no revestimento.

4.º Que não foi encontrado objecto de uso, risco ou inscripcão alguma, que, entretanto, talvez seja possivel obter quando se desentulhar o logar referido.

5.º Que neste predio residiu o Dr. Sabino Vieira em 1836 e que alli deu-se o drama conjugal, do qual resultou a morte de sua esposa, e que o facto de ter pertencido ella a pessoas de sua familia, e talvez ao proprio Sabino, deve indicar que mais do que qualquer outro estava elle no caso de fazer uma obra daquella natureza.

6.º Que é bem provavel que nessa epocha já estivesse elle compromettido, ou antes é bem certo que já estivesse compromettido no movimento revolucionario que o desejo de independencia das provincias durante a menoridade do segundo imperador produzia no animo dos liberaes exaltados.

7.º Que já não habitava, porém, nessa casa no tempo da revolução, porque segundo um documento existente no Archivo Publico, se sabe que era em uma casa ás Portas do Carmo que elle residia, porque foi a chave desse domicilio levada por uma amante

do mesmo chefe revolucionario a Evaristo Ladislau e Silva, nesse tempo juiz de paz do curato da Sé, e que do auto de busca a que procedeu a autoridade consta a apprehensão dos seus papeis, livros, moveis, etc.

8.º Que dando-se o conflicto de que resultou a morte de sua mulher, escandalo vergonhoso, muito testemunhado, de que falla o processo triste que se seguiu, é bem rasoavel acreditar que procurasse o futuro chefe da Sabinada retirar-se daquelle local.

9.º Que não pode a commissão pelo respeito que deve ao Instituto e a si mesma, para que não se abalance ao ridiculo de inventar historia, arriscar-se a tirar outras conclusões, limitando-se a esta descripção do que encontrou, deixando que outros estudos mais completos e a descoberta possivel de documentos seguros revelem alguma cousa sobre e escondrijo da casa n. 126 da rua do Castanheda e o seu uso nas nossas agitações do periodo da independencia ou nas da regencia que se seguiu ao primeiro imperio.

A Commissão,

BRAZ DO AMARAL.

REIS MAGALHÃES.

INNOCENCIO GÓES.

O DIQUE DA BAHIA

No diadema de montanhas que ornam a cidade do Salvador, ha engastada uma formosa joia de que nunca soubemos aquilatar o valor, nem apreciar as bellezas nativas, porque as artisticas ainda ninguem lh'as accrescentou para lhe realçar o merecimento e as perfeições estheticas. Essa perola a que não temos dado mais estimação do que déra o gallo da fabula á que encontrou esgravatando a terra, e da qual agora nos lembramos quando nos bate á porta, ou antes nos opprime a necessidade nos apertos da sêcca, é o bellissimo lago que a próvida natureza collocou entre as collinas que margeam a cidade pelo lado oriental, e que o estrangeiro contempla admirado da sua natural formosura, e ainda mais do nosso indesculpavel despreso.

Lembramo-nos do dique, nome com que ha centenas de annos designa esse lago a população desta capital, não para o aformosearmos ainda mais, e para o convertermos em centro de goso e recreio publico, mas simplesmente para lhe pedirmos que nos mate a sêde com as suas aguas, que ora tranquillas reflectem como vasto espelho as encostas e a ramaria dos arvoredos marginaes, ora de leve encrespadas pela brisa da tarde, vão brandamente em minusculas ondas açoitar as ribanceiras por entre a folhagem sempre verde dos arbustos e dos juncaes.

O lago é graciosamente sinuoso, de largura variavel, e tem, mesmo agora, em alguns logares, uma profundidade superior a sete metros; a sua extensão é de cerca de dous kilometros, e já foi um pouco maior quando, ainda no meiado do seculo que finda,

as suas aguas vinham até á Fonte Nova e á calçada da Fonte das Pedras. Por esse tempo a sua profundidade devia naturalmente ser maior dous ou mais metros do que a actual, pois que as aguas nivelavam-se quasi com o aterro ou muralha que no sitio chamado *Moinho* as impede de se precipitarem no riacho Lucaia, chegando mesmo a galgal-o nas fortes invernadas, como ainda não ha muitos annos succedeu (5 de Junho de 1880) occasionando grandes inundações. Nesse aterro ha dous sangradoiros ou bueiros por onde se escoam as aguas excedentes ao nivel ordinario; as que saem por um delles moviam o rodizio de um moinho para cereaes, que ahi possuiu ha muitos annos, e não sei se estabeleceu primitivamente, o cidadão Francisco Ezequiel Meira, ha muito fallecido; este moinho passou successivamente a outros possuidores, e ainda lá funcciona, mas agora com intermittencias e com agua represada por muitas horas, por ser insufficiente, em virtude da sêcca, a que ainda corre por um dos bueiros para a calha do moinho. (1)

Do lado da Fonte Nova, e em alguns pontos de uma e outra margem as terras arrastadas pelas aguas pluviaes, e por pequenos desmoronamentos das ribanceiras têm, no correr dos tempos, encurtado e estreitado o dique, concorrendo em grande parte para o mesmo resultado os entulhos com que alguns proprietarios de terrenos confinantes procuram amplial-os para cultura, sem que jamais as autoridades competentes procurassem obstar áquelles damnos fortuitos, e a estas usurpações intencionaes.

Pode-se dizer que o dique actual (porque houve outros menores que occuparam o leito da rua de Valla) está virgem de obras d'arte, mesmo das que poderiam efficazmeme impedir a progressiva diminuição da sua área; pelo contrario, tem-se permittido cercear a sua superficie com obras parti-

(1) Em 1876 este moinho estava, e ainda esteve por alguns annos, convertido em fabrica de lapidar diamantes.

culares, que o têm estreitado, privando-o em parte da sua antiga formosura.

——

O dique era outr'ora povoado de jacarés, que constituiam um perigo para as pessoas que se banhavam nas suas aguas; hoje são raros alli estes ferozes amphibios, si é que ainda se encontra algum desgarrado.

Outro perigo, segundo a tradição popular, é que, em certos logares, pessoa que caia nas suas aguas fica presa no lodo, e só depois de adeantada putrefacção sobe á superficie.

Houve um tempo em que a extremidade contigua á Fonte das Pedras, onde era diminuta a profundidade e firme o sólo subjacente, foi o logar de preferencia para lavar cavallos e banhar negros novos sarnentos; e numerosos outros pontos eram, como ainda hoje, frequentados por lavadeiras e banhistas. Estes eram quasi exclusivamente os usos das aguas do dique, pois sempre tiveram a reputação de não serem boas para bebida, e de produzirem sezões e outras fórmas de impaludismo.

O dique está ligado á nossa historia por diversos factos que convém recordar. Quanto aos primeiros tempos coloniaes pouco ou nada se sabe a respeito desta lagôa.

O proprio Gabriel Soares, aliás tão minucioso na descripção desta cidade, nem sequer menciona a sua existencia no seu famoso *Tratado descriptivo do Brazil* (1587); isto será devido, talvez, a que a cidade nesse tempo era limitada á actual freguezia da Sé. Elle falla apenas de uma *ribeira d'agua* que nascia na horta do mosteiro de S. Bento, ribeira que mais tarde tomou o nome de Rio das Tripas, actualmente canalisado em grande extensão por baixo da rua da Valla, aberta pelo meiado deste seculo. E' tanto mais notavel este silencio de Gabriel Soares, quanto elle menciona as muitas e grandes roças e grangearias que esta cidade possuia em uma e duas leguas em

redor, e suggere já a utilisação das aguas dessa ribeira nas fortificações da cidade. Isto provirá, talvez, de ser a esse tempo o actual dique uma pequena e pouco importante lagôa, e, além disso, mais afastada da velha capital. Com effeito, si o paredão ou barreira atravessada na estreita garganta do sitio denominado *Moinho* é uma obra d'arte, como tudo parece indicar, a profundidade das aguas e a largura e extensão da bacia deveriam ser muito inferiores ás actuaes. Suppressa aquella barreira as aguas se escoariam promptamente pelo valle do riacho Lucaia, ficando em sêcco muito grande parte do terreno que ellas actualmente cobrem; e nem haveria razão para se dar o nome de *dique* a uma simples lagôa natural; a propria configuração do terreno indica ter sido entre dous outeiros convergentes o curso natural das aguas que dão origem ao riacho Lucaia, e que foi nesse logar estreito que se procurou represal-as e estendel-as até á Fonte Nova e mesmo além, o que ainda hoje se poderia fazer alteando o açude, e vedando o escoamento para a Lucaia.

E' certo que durante a occupação desta cidade pelos hollandezes, de 1624 a 1625, elles procuraram fortificar-se nella por todos os modos e por todos os lados, inclusive o de léste, e converteram todo o valle que vae da Barroquinha e da horta de S. Bento até ao logar denominado hoje *Sete Portas*, e talvez ao proprio dique, em um vasto fosso aquatico, em torno da cidade, represando as aguas em diversos logares com paredões ou trincheiras, formando os diversos diques que Barleu, historiador hollandez, figura na planta da cidade, e chama ao fosso *aguas mediterraneas*. Estas aguas enchiam todo o valle e suas anfractuosidades, como a da Lapa, Desterro e do Sangradouro, communicando provavelmente com as do dique; digo provavelmente porque não conheço documento historico bastante explicito a este respeito, e a planta a que me refiro não vae alem do sitio do actual arco da rua da Valla. Habeis como eram em materia de diques, com os quaes disputam ao mar grande parte do seu territorio, os hollande-

zes teriam tambem construido o nosso, que com os demais da rua da Valla aproveitava á sua defeza difficultando o accesso á cidade sitiada pelas tropas portuguezas, que os attacavam por tres pontos, S. Bento, Carmo, e o local onde depois se edificaram as igrejas do Desterro e Santa Anna, junto ao referido fosso aquatico.

Verdade é, segundo refere Accioli, que o general hollandez Van Dort, primeiro governador da cidade, «para maior segurança da capital pretendeu tornal-a uma ilha abrindo o dique, que fica do lado oriental da mesma cidade; mas renunciou a este projecto, por achar muito grande o espaço de terreno que lhe era necessario cortar.»

O mesmo Accioli diz, que quando as tropas portuguezas desembarcaram em Itapagipe e Santo Antonio da Barra encontraram os hollandezes fortificados nos baluartes das portas de S. Bento e do Carmo, tendo egualmente collocado artilheria nas eminencias do natural fosso aquatico já mencionado, e conhecido por *Dique.*»

Pouco adeante dá o mesmo historiador este ponto central, junto ao dique, occupado por 1700 homens portuguezes e hespanhoes, com o fim de attacarem por alli a cidade, por ser mais demorado e difficil fazel-o pelas portas de S. Bento e do Carmo.

Ora, si Van Dort renunciou a ilhar a cidade abrindo o dique, fazendo que as aguas a contornassem, deixando apenas dous isthmos, um entre a baixa dos Sapateiros e a praia, e outro entre a Barroquinha e o littoral da Preguiça, e si foram artilhadas pelos hollandezes as eminencias contiguas ao fosso aquatico, aquella obra de defeza já estava realisada quando os portuguezes acamparam no logar das *Palmas* ou das *Palmeiras,* isto é, no alto do Desterro e onde hoje está a matriz de Santa Anna. E a não ser assim não se comprehende como Barleu representa na referida planta da cidade, não o dique ou fosso natural que Van Dort pretendeu mas não ousou aproveitar para converter a cidade em ilha,

mas a serie de diques parciaes de que ella de facto estava cercada.

Na segunda invasão dos hollandezes, em 1638, receiando-se que elles pretendessem attacar a cidade por este lado, foi de novo fortificada, diz Accioli, a antiga trincheira das Palmas, junto ao dique, o que importa dizer que ainda existiam as aguas mediterraneas indicadas por Barleu; e que ellas continuaram a servir á defeza da cidade até 1716 parece deprehender-se do facto de ter n'esse anno o vice-rei Conde de Villa Verde tratado de melhorar as fortificações com diversas obras, e entre ellas a conservação do fosso aquatico da cidade, denominado *Dique*, sob a direcção do brigadeiro engenheiro João Massé, vindo de Lisboa (Accioli.)

E' certo, porém, que si o fosso aquatico precisava de obras de engenharia para a sua conservação, é que elle não estava nas condições em que o deixaram os hollandezes, e isto disse expressamente o fallecido J. A. do Amaral no seu *Resumo chronologico e noticioso da provincia da Bahia*, em 1885, nos seguintes termos: «Esse engenheiro (Massé) e os de nomes Miguel Pereira da Costa e Gaspar de Abreu, incumbidos do exame das fortificações, haviam, em 23 de Junho do anno anterior (1715), informado que era preciso que o *Dique* tornasse ao estado em que os hollandezes o puzeram, por ser uma defeza de muito grande consequencia para esta Praça e obra de eterna duração.»

O que não é exacto é o que diz o mesmo Amaral, que o dique fôra formado pelos hollandezes no anno de 1640; ha aqui engano de data, porquanto a segunda invasão foi em 14 de Abril de 1638 e durou só até 29 de Maio seguinte, em que elles, sempre repellidos, abandonaram a empreza de reconquista da capital. Elles não poderiam ter emprehendido essa grande obra senão durante a occupação da cidade, que foi de 9 de Maio de 1624 a 30 de Abril de 1625, obra deante de cuja magnitude recuou o governador Van Dort, e terá sido executada por algum dos seus

successores no governo e na direcção da defeza.

O mesmo citado *Resumo* contém ainda algumas outras interessantes informações, entre as quaes a de ter sido o dique formado de um lado que existia, e das aguas que nascem nas baixas do quintal do Convento de S. Bento, origem do regato denominado Rio das Tripas, engrossado pelas de differentes brejos, onde se fizeram diversas represas. Diz mais que uma dessas represas era na baixa do Convento do Carmo, outra nos brejos do Convento de S. Francisco, entre as ladeiras de S. Miguel e a da rua da Poeira, e a terceira entre a ladeira da Palma e a da Praça, o que está de accordo com a citada planta de Barleu. Mas é certo que sem outras represas não se poderia estabelecer a continuidade do fosso aquatico até communicar com o dique actual, especialmente uma que no logar denominado hoje *Sete Portas* impedisse as aguas de correrem para o rio Camorogipe.

Terá sido igualmente indispensavel outra represa lateral para obstar á descida das aguas do fosso da baixa dos Sapateiros para o Taboão.

O mesmo autor allude á abertura da rua da Valla e á canalisação do Rio das Tripas, affirmando que nas Sete Portas se lhe deu nova direcção para o Camorogipe, «privando-se por esta forma que fosse desaguar no dique, como outr'ora.» Que esse rio formado pelas aguas das fontes e brejos da rua da Valla não poderia desaguar no dique por declive natural, sem alguma obra d'arte que o represasse, é evidente, considerando a grande differença de nivel entre aquelle sitio e a Fonte Nova, ainda mesmo que aqui esse nivel tenha sido, como é provavel, mais baixo do que é hoje, e o nome de *Sangradouro* que ainda hoje se conserva parece indicar que outra represa ahi existiu entre a collina do Barbalho e a que fica sobranceira ás Sete Portas; de outro modo ficaria nesse ponto interrompido o fosso aquatico entre o Moinho e a Barroquinha; e tambem a represa do Moinho, a unica que resta de quantas se attribuem aos hollandezes para a defeza da cidade, fa-

lharia a este objectivo, si não tivesse a vantagem de assegurar a continuidade do fosso aquatico sem deixar uma interrupção que só aproveitaria aos sitiantes, facilitando-lhes o accesso á eminencia do Desterro. Por essa continuidade o fosso aquatico a partir do Garcia até ao Sangradouro ou Sete Portas, recurvando-se e correndo d'ahi em direcção opposta até á Barroquinha e a Lapa, ficava quasi duplicado em extensão, não permittindo a facil occupação daquella eminencia e da trincheira das Palmas senão ás tropas que desembarcaram em Santo Antonio da Barra em direcção ao alto de S. Bento.

Como quer que seja, parece certo, ou muitissimo provavel, que o que resta desse enorme fosso aquatico é o dique actual, que lhe conserva o nome e a tradição; e quanto a ser obra d'arte a represa do lado do Moinho, facil seria verificar pelo exame da natureza do terreno e de quaesquer materiaes que a constituem.

— —

Em 9 de Fevereiro de 1859 foi aberta ao transito publico uma estrada para o arrabalde do Rio Vermelho margeando o dique pelo lado de leste; foi-lhe dado o nome de *Dous de Julho*; e mais tarde, 8 de Junho de 1876, foi inaugurada uma linha ferrea assente no leito da mesma estrada pela companhia de *Trilhos Centraes.*

Esta linha cortou alguns braços do dique, dous dos quaes foram mandados entulhar pelo presidente da provincia, por arrematação, obras que foram executadas pelo director da mesma companhia. Esta diminuição da área do dique, e as chuvas torrenciaes que cahiram em Junho de 1880 occasionaram a destruição de grande parte da represa junto ao Moinho, e a massa enorme de agua que se precipitou para o riacho Lucaia destruiu em grande extensão o eito da linha ferrea, e uma fabrica de lapidação de diamantes servida por agua do mesmo dique.

———

A primeira idéa de embellezamento das margens

desta lagôa data de 1872, segundo refere o citado *Resumo*, quando «a lei n. 1231 concedeu privilegio por 50 annos para a abertura de uma communicação entre o dique e o mar, no logar mais conveniente, bem como para a construcção de uma linha ferrea do Rio Vermelho á Lapa ou ao Largo do Theatro Publico, o ajardinamento da margem do dique, etc., etc., conforme fôra requerido por diversos cidadãos, que posteriormente fizeram cessão do dito privilegio.»

Nenhuma dessas obras mencionadas no privilegio foi realizada até hoje, com excepção da linha ferrea, cuja execução foi concedida pela camara municipal á empreza de *Trilhos Centraes*, e approvada por acto do governo provincial, de 18 de Junho de 1874.

Este melhoramento em relação ao dique, apenas consistiu em tornal-o mais accessivel ás vistas da população, com a desvantagem de lhe diminuir um pouco a superficie com certos aterros desnecessarios, tendo podido a linha atravessar em pontilhões os braços, entulhados por iniciativa do proprio governo, que chamou concurrencia para esta obra, como acima ficou dito, em 6 de Junho de 1878.

Posso repetir, portanto, que o dique está virgem de obras d'arte que o embellezem e o convertam em centro de recreio publico a que elle se pode prestar, e como é necessario em uma capital como a nossa, onde não abundam as diversões, e ha um passeio publico, pode se dizer que nominal, quasi sempre deserto por não offerecer attractivo algum que o recommende á concurrencia dos nossos concidadãos e dos forasteiros, e um denominado parque no Campo Grande, que por emquanto nem é parque nem jardim, e só tem de importante o magnifico monumento commemorativo da nossa emancipação politica, que o publico em geral se contenta em contemplar de fóra.

O dique é povoado de diversas especies de peixes,

em geral de pequenas dimensões, que nunca foram estudados nem classificados scientificamente. Houve em tempo quem se propuzesse a cultivar alli outras e mais uteis especies de peixes para abastecimento do mercado; foi o Dr. Francisco Antonio Pereira Rocha, um dos concessionarios da Companhia do Queimado, que supponho ter pretendido para aquelle fim um privilegio, não me lembro em que data, mas é certo que elle publicou sobre a piscicultura do dique um folheto em que expunha as particularidades e as vantagens do seu projecto que, como outros sobre a utilisação do dique, ficou no esquecimento até hoje. (2)

Eram vistas alli tambem noutro tempo algumas grandes cobras aquaticas do genero *boa*, entre ellas a sucuriuba *(boas anacondo)*, que, como os jacarés, eram mais numerosas quando desertas ou pouco frequentadas as margens do dique. E' raro hoje ver-se alli um ou outro destes reptis.

Não consta que tenha sido estudada a hydrographia desta lagôa, nem mesmo determinada a sua profundidade em diversos pontos da sua extensão, nem a constituição geologica das suas margens, a natureza da vasa negra que em alguns logares se encontra no fundo, estudos que, como outros referentes ao dique, já deveriam ter sido feitos. Ha quem affirme que um caibro de quarenta palmos ou mais mergulha todo na agua e no lodo.

---

(2) Depois de escriptas estas linhas, verifiquei que effectivamente o Dr. Rocha arrendou o dique á Camara Municipal por 17 annos, com o privilegio de explorar alli a industria da piscicultura, povoando-o de peixes fluviaes e lacustres de especies indigenas e européas, qu forneceria ao mercado a 200 réis o kilo.

O folheto alludido tem a data de 30 de Maio de 1876; descreve os diversos processos conhecidos de piscicultura nos paizes estrangeiros, e termina convidando para a execução do projecto socios e capitaes, que nunca appareceram.

E' certo que em um sitio fronteiro ao novo bairro do Tororó, a commissão recentemente incumbida de estudar as aguas do dique encontrou uma profundidade superior a sete metros, e em outro proximo ao Garcia, superior a cinco metros, o que faz presumir, considerando a sua grande largura em alguns logares e extensão de dois kilometros, a massa enorme de agua alli represada, fornecida pelas nascentes, mesmo em épocas, como a presente, de prelongada sêcca.

Eis o que a respeito do dique posso dizer nesta breve resenha historica e descriptiva, que outros melhor informados poderão corrigir e augmentar. Não devo, entretanto, omittir aqui mais um projecto recentemente apresentado para o seu embellezamento e utilisação.

Este é, sem duvida, o mais arrojado de todos, e tambem o que maiores vantagens póde offerecer á população desta capital no presente e no futuro.

Tratando-se de solemnisar na Bahia o quarto centenario do descobrimento do Brazil, a grande e selecta commissão encarregada de indicar e promover os meios e modos de commemorar condignamente esta data primordial e gloriosa das ephemerides do Estado da Bahia, entre outros alvitres suggeridos para esse fim, teve de occupar-se com um projecto realmente soberbo, e digno ao mesmo tempo desta capital e do grande acontecimento historico que se pretende commemorar. E' nada menos do que abrir uma rua subterranea das margens do dique á cidade baixa, ajardinar os terrenos adjacentes, construir alli um grande edificio para uma exposição industrial, agricola, artistica, etc.; outro para um museu, e um jardim botanico e zoologico annexos, etc., para serem inaugurados nas festas do centenario.

Tudo isto é magnifico, e a realização de tão grandioso projecto viria absolver-nos de sobra do menos preço em que por longos annos temos deixado aquelle

esplendido lago e terrenos marginaes; mas. . . ha, infelizmente, a receiar dous obstaculos principaes a que a Bahia mostre que é digna de possuir aquella preciosa dadiva da natureza, elevando-a á estima que ella merece: o primeiro é a estreiteza do tempo, o segundo o avultado dispendio que tal emprehendimento exige.

Vencidos que fossem ou que sejam estes obstaculos, a Bahia, talvez mais do que nenhum outro Estado, daria ou dará ás festas commemorativas do quarto centenario um excepcional esplendor, legando ao mesmo tempo ás gerações futuras um monumento para recordar-lh'as com honrosa gratidão.

Tenha ou não tenha exito satisfactorio no todo ou em parte o alludido projecto elaborado por distinctos profissionaes em engenharia, o certo é que o dique não pode nem deve continuar no abandono em que se acha de todo e qualquer cuidado, ao menos de conservação e saniamento: elle tende constantemente a estreitar-se, como já acima ficou dito, e é receptaculo obrigado de immundicias e detritos de toda a especie, provenientes das povoações visinhas, da lavagem de roupa, animaes mortos, etc.; é em grande parte por isso que as suas aguas são olhadas com justificada suspeita de improprias para bebida, dependendo ainda de uma commissão especial nomeada pela Intendencia o juizo definitivo sobre as suas qualidades nocivas ou innocuas para uso da população em tempos ordinarios, e principalmente na actual crise aquaria. (3)

(3) Esta commissão, composta dos Drs. Manuel Joaquim Saraiva, (que, infelizmente, falleceu pouco dias depois de iniciados os seus trabalhos) Augusto Vianna e J. F. da Silva Lima, depois de expor os resultados das investigações chimicas e bacteriologicas a que procedeu, concluiu assim o seu parecer: "Portanto, baseados nas analyses chímica e bacteriologica, apezar de não ter esta revelado a presença de germens pathogenos, chegamos á conclusão de que a agua do dique não pode ser utilisada impunemente, sem que primeiro soffra rigorosos processos de purificação que

E quando, infelizmente, venha tambem a falhar, como os precedentes, o projecto apresentado á grande commissão do Centenario do Brazil, dê-se começo alli a alguns estudos e a obras de necessidade, como sejam desobstruir o prolongamento do Dique proximo á Fonte Nova, restituindo-lhe a sua antiga extensão; construcção de pontes em logares convenientes, especialmente uma, pouco dispendiosa, que communique o novo e já populoso bairro do Tororó com a margem oriental, onde a passagem de uma para outra se faz por meio de saveiros. Uma estrada pela margem occidental entre a Fonte Nova e o Polytheama ou Campo Grande offereceria ao publico não pequena commodidade, e convidaria, talvez, os proprietarios a iniciar edificações nos terrenos adjacentes.

As aguas deste lago poderiam tambem ser utilisadas para as bacias, chafarizes e repuxos do Campo Grande por meio de machinismos que as levassem a depositos na conveniente altura, não só para irrigação, como para jorrarem por occasião de festas nacionaes, ou de divertimentos publicos.

Quando se não faça tudo, faça-se desde já alguma cousa para que o Dique não continue desaproveitado como até agora; e si não pudermos ainda desta vez reunir alli o util e o agradavel, procuremos conseguir o primeiro ao menos, emquanto esperamos que melhores tempos, e mais felizes ou mais corajosos emprehendedores nos tragam algum dia o segundo.

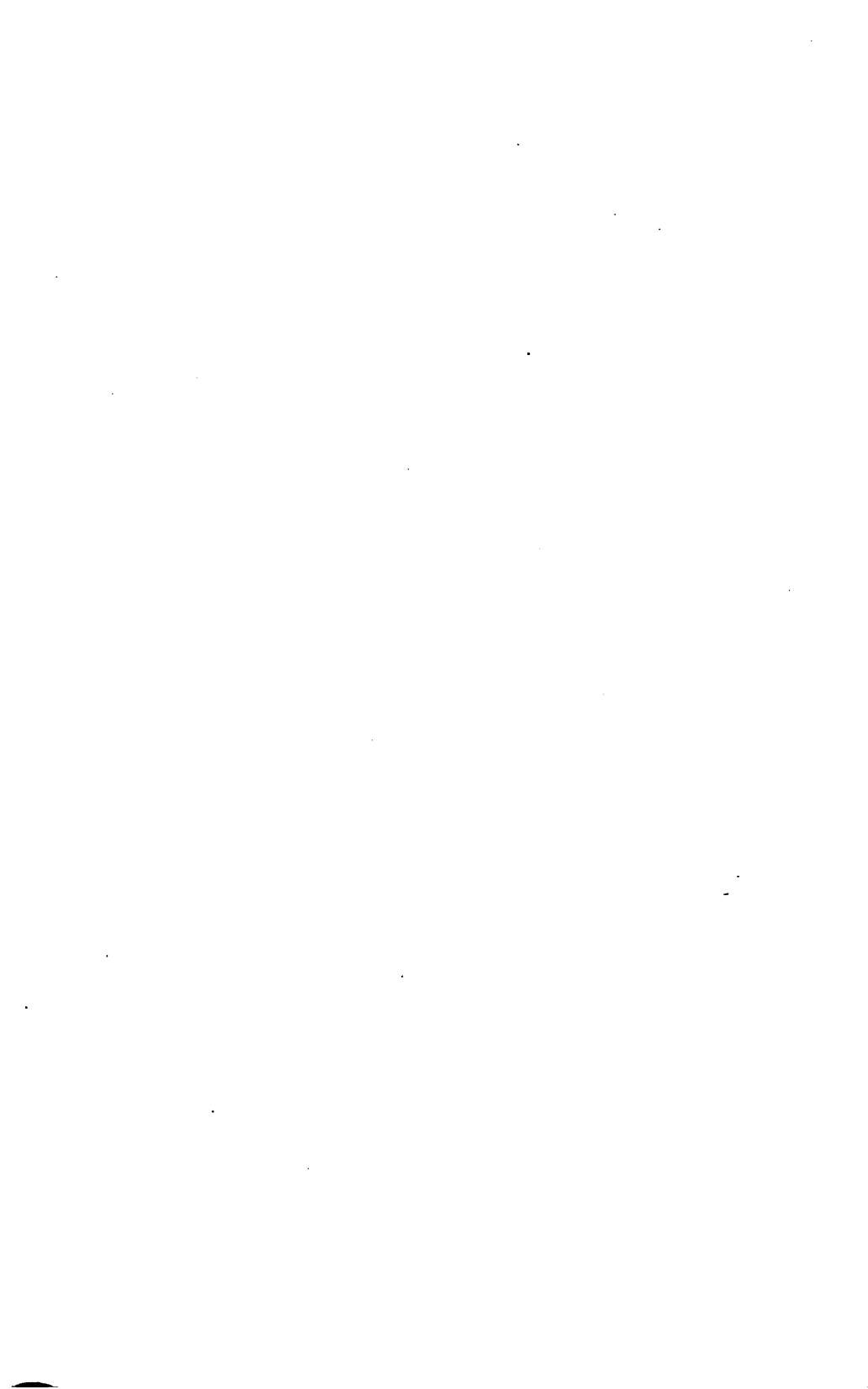
Bahia, Fevereiro de 1899.

Dr. Silva Lima.

---

a tornem incolume, processos estes que demandam não pequeno periodo de tempo, certamente incompativel com a urgencia da actualidade."

EPHEMERIDES CACHOEIRANAS

POR

Aristides A. Milton

MAIO

1 de Maio

—Em 1884, foi instalada nesta cidade a *Abolicionista cachoeirana,* cujos fins eram fazer propaganda a favor da libertação dos escravos, e auxilial-a por todos os meios a seu alcance.

2 de Maio

—Em 1817, reuniu-se a Meza da veneravel Ordem Terceira do Carmo desta cidade, e o respectivo thesoureiro propoz—que «estando os interesses da Ordem em decadencia consideravel se consumiam alguns dinheiros necessarios para as cousas de obrigação e utilidade em cousas de mero luxo e, além de inuteis, prejudiciaes, e motoras de intrigas entre os mesmos irmãos, como—por exemplo —gastarem-se annualmente 40$000 e mais, conforme o enthusiasmo e brio do thesoureiro, em ramos de flores fingidas, que se costumavam dar aos irmãos, e mezarios, e a outras pessoas particulares, tendo acontecido por varias vezes o quererem alguns irmãos menos cordatos ramos grandes, e não se contentarem com os que lhes davam, resultando disso inimizades, intrigas, e desordens nos dias

solemnes; sendo além disso improprios esses ramos, que em nada imitam os com que foi recebido em tal dia o nosso redemptor—Jesus Christo—em Jerusalém: e querendo a Meza não só economisar esse dinheiro tão superflua e inutilmente gasto com esses ramos, e mesmo desterrar para sempre esse abuso de mero luxo de que Deus se não serve, determinasse que de agora em diante não houvessem esses ramos, nem se levassem em despeza nas thesourarias futuras. E que, em logar delles, houvessem palmitos, compostos de lata e canutilho ou sem isto, que seria o mais proprio e decente, podendo haver alguma distincção nos da Meza, mas nunca de flores.»

A proposta foi approvada afinal.

Como se está vendo, foi uma variante da celebre *questão do hyssope* .

—Em 1883, deu-se uma explosão na fabrica de polvora, que Antonio José Ferreira da Silva Bastos mantinha nesta cidade.

No lamentavel sinistro, foram victimas dous pobres operarios.

Pelo que respeita á polvora, sempre que succede qualquer desgraça, como essa *verbi gratia*, despertam do seu torpor algumas autoridades para logo depois cahir em uma indifferença culposa . . .

—Em 1890, falleceu o abastado commerciante João Mendes de Queiroz, nascido em Portugal, mas aqui residente desde a infancia.

Era chefe de familia assás correcto.

3 de Maio

—Em 1815, foi agraciado com a commenda de Christo o tenente-coronel Pedro Antonio Cardoso, por ter introduzido na provincia, hoje Estado, da Bahia a primeira machina a vapor para mover engenhos de fabricar assucar; o que lhe custou muito dinheiro, e muito sacrificio tambem.

Mais de 50 annos depois, foram agraciados com titulos nobiliarchicos os fundadores dos primeiros

Engenhos centraes para canna, em Rio Fundo, e Pojuca.

—Em 1823, o Conselho interino do governo da Bahia, que estava aqui funccionando, deputou seu secretario—o Dr. Miguel Calmon du Pin e Almeida, que morreu marquez de Abrantes, e seu ajudante de ordens—o tenente-coronel Manuel Ignacio de Lima Pereira para irem felicitar, em nome da provincia, o almirante lord Cockrane, que havia chegado com uma esquadra ao porto da capital.

E na mesma occasião creou no porto da Torre d'Avila uma commissão composta de João da Silva e Oliveira, que depois foi substituido por José Soares, José Thomaz de Aquino, e Antonio d'Avila Pereira, para dirigir a respectiva alfandega.

—Em 1843, aportou á Bahia, trazendo 99 horas de viagem do Rio de Janeiro, o paquete nacional *Imperador*.

Foi um verdadeiro successo, ao ponto de se transmittir logo a noticia para esta cidade, onde a imprensa a commentou jubilosamente.

Hoje, entretanto, ha vapores que transpõem a mesma distancia em 46 horas apenas.

—Em 1882, os jornaes publicaram uma *local*, referindo a pescaria singularissima, que acabava de ser feita no logar denominado *Papagaio*, que fica á banda esquerda do rio Paraguassú

De um só lanço de rêde apanharam 300 curimans, e 1 méro, que media 1m. 25 de comprimento.

Já no dia 20 de Março do mesmo anno o pescador de nome Rodrigo de Assumpção tinha tido a fortuna de colher no dito rio, e de um só lanço tambem, para cima de 200 robalos.

—Em 1890, falleceu na cidade de S. Paulo o padre Francisco Gonçalves Barroso, que nesta nascera a 12 de Abril de 1835.

Tinha se ordenado no seminario da Bahia, de cuja cathedral fôra capellão.

Depois, transferindo a residencia para a cidade do Rio de Janeiro, exercera ahi por algum tempo

os cargos de capellão interino da Casa de correição, e de vice-reitor do seminario de S. José.

Por fim, passando a residir em S. Paulo, foi vigario das freguezias do Amparo, Porto Feliz, e mais outras, successivamente.

O padre Barroso prestara muito bons serviços á causa da abolição dos escravos.

—Em 1893, falleceu na villade S. Gonçalo dos Campos o cap. José Antonio Dantas, que ahi por longos annos habitara, e foi tronco de numerosa familia.

Nascera nesta cidade, e attingira aos 86 annos de edade.

4 de Maio

—Em 1781, foi aberta a primeirn *missão*, na freguezia de Santiago do Iguape (do termo e comarca desta cidade), pelo capuchinho fr. Antonio de Toldi que em todo o paiz trabalhou bastante pela causa da religião e da fé.

Como sempre acontece nessas occasiões, notou-se enorme concurrencia de fieis, que de todas as partes correram para ouvir a palavra do digno sacerdote.

Durante a prégação, foram legitimadas muitas uniões illicitas, e houve abundancia de excellentes conselhos, que no entanto dahi a dias estavam de todo esquecidos. . . .

5 de Maio

—Em 1801, el-rei D. João mandou metter—por um mez—na cadeia desta cidade, então villa, a João Luiz Ferreira, por este—em nome do povo—*se ter queixado das injustiças e vexames, praticados pelo respectivo juiz de fóra o Dr. Joaquim de Amorim e Castro.*

Digno, sem duvida, de especial menção . . . .

6 de Maio

—Em 1882, falleceu nesta cidade Victorino Peixoto Lopes, contando 111 annos de edade.

Era filho da cidade de Santo Amaro, e conhecido aqui por *Victorino dos novellos*, visto como negociava sómente em novellos de linha.

—Em 1884, succumbiu na sua fazenda *Olhos d'agua* o coronel Zeferino José de Carvalho, em avançada edade.

Fôra negociante de grosso trato em S. Felix, e tinha extensas relações em grande parte do sertão.

Affeito ás viagens a cavallo, no que despendera os melhores annos de sua mocidade, o coronel ás vezes recordava-se saudosamente d'esses tempos. E então para os honrar mandava fazer uma *feijoada de tropeiro*, e com este prato tomava um verdadeiro regabofe.

De mais, era um cavalheiro bastante prestimoso e um amigo dedicado tambem.

Usava de termos especiaes, como—por exemplo—*branquidade* para motejar dos que faziam grande questão de raça ou linhagem.

Foi elle que espirituosamente chrismara de *rifa* a distribuição immoderada de patentes da guarda nacional, quando esta foi reorganizada pelo cons. Lafayette Pereira, ministro do extincto imperio.

O povo, acostumado com *o major Zeferino*, pouca importancia deu ao novo pôsto, que este obtivera.

E não houve como demovel-o . . . .

O mais que se conseguiu foi que o chamassem —de então por diante o—*coronel major Zeferino*!

O coronel Zeferino tinha nascido no termo do Rio das Contas. (*)

(*) Digo *Rio das Contas*, e não *Rio de Contas*, como no entanto é de uso quasi geral.

O rio alludido não é cheio de contas, nem poderia ser formado por ellas.

Mas, como era á beira delle—que os interessados na mineração do ouro se reuniam, nas epochas

7 de Maio

—Em 1830, o governador das armas da Bahia marechal João Chrisostomo Callado se dirigiu por officio ao presidente da provincia, pedindo-lhe que fizesse executar a Provisão de 11 de Novembro de 1829, afim de ser pago o soldo das tropas em metal, uma vez que o papel moeda *estava soffrendo o rebate de 25 °/o* do que provinham grandes difficuldades á vida dos militares.

Nesse tempo, um alferes ganhava apenas 22$000 de soldo por mez.

—Em 1863, falleceu na Conceição da Feira, freguezia do termo e comarca desta cidade, o respectivo parocho padre Manuel Gomes de S. Leão.

Era conego honorario e chegara á edade avançada.

---

prefixadas, para ajustar as suas contas e fazer os respectivos dividendos, o rio muito naturalmente ficou sendo denominado o Rio *das Contas*.

E tal é o nome que lhe dão: Rocha Pitta *America Portugueza*, § 106; as *Instrucções*, fornecidas a João Baptista Cabral, capitão-mór das entradas dos mocambos dos sertões de Jacobina, Jacuipe e *Rio das Contas*, em 15 de Setembro de 1716; a *Provisão* de serventia do officio de escrivao das datas e quintos reaes, concedida a Antonio Carlos Pinto, em 26 de Setembro de 1722; a *Carta* do governador para o sargento-mór do *Rio das Contas*, em 22 de Abril de 1724; a *Carta* a André da Rocha Pinto sobre as minas dc *Rio das Contas*, em 27 de Março de 1729; a *Carta* para os officiaes da camara da villa de Nossa Senhora do Livramento das Minas do *Rio das Contas*, em 31 de Outubro de 1775: a *Carta* da camara da dicta villa ao governador Francisco da Cunha Menezes, em 16 de Julho de 1804; o alvará de 15 de Janeiro de 1810; o passaporte ao soldado Pedro Machado, em 9 de Agosto de 1824; o decreto de 22 de Julho de 1892, e outros.

Francisco Vicente Vianna, 1° presidente da provincia da Bahia, foi agraciado com o titulo de barão do *Rio das Contas*.

8 de Maio

—Em 1822, recebeu-se nesta cidade, então villa, a noticia de terem os deputados ás Côrtes de Lisbôa pela provincia da Bahia escripto uma carta de importancia politica incontrastavel, com endereço aos vereadores da camara da respectiva capital.

Por virtude das insinuações nella contidas, as camaras municipaes da Cachoeira, Santo Amaro, e S. Francisco de Sergipe da Barra do Conde resolveram convocar o respectivo corpo eleitoral para a nomeação consecutiva de seus *procuradores geraes*.

Eram os pródromos da luta feliz, que terminou pela independencia de nossa patria.

—Em 1850, a lei provincial n. 383 elevou a villa de Maragogipe á cathegoria de cidade, com o titulo de patriotica.

Foi esta, até 1890, parte importante da comarca da Cachoeira.

9 de Maio

—Em 1865, chegaram a esta cidade, de passagem para a capital, 70 *voluntarios* que, sob o commando do cap. Justino Pereira de Mello, tinham vindo do Joaseiro, com destino á guerra do Paraguay. No dia 12, seguiram daqui, debaixo de estrondosas acclamações, e cheios de ardente enthusiasmo.

10 de Maio

—Em 1686, o povo e o senado da camara da Bahia tomaram para padroeiro da cidade a S. Francisco Xavier, em consequencia da *promessa* feita para extincção da peste que, sob o nome de *bicha*, dizimava a população, e se prolongou aliás até 1694.

A *bicha*, felizmente, não visitou a Cachoeira, onde entretanto se soube logo—que ella atacava de preferencia *os brancos*.

Dahi talvez o panico de que apoderou-se o es-

col da sociedade cachoeirana, quando teve conhecimento da devastação causada na capital pela temerosa epidemia.

E a *bicha*, na verdade, era de metter medo, de inspirar terror. Acommettia de repente uma pessoa e dentro em poucas horas a despachava para a outra vida. Fez, assim, para cima de 2.000 victimas, que expiraram todas ardendo em febre, e lançando sangue pela bocca.

Num trabalho publicado em 1892, o Dr. J. F. da Silva Lima sustenta—que a *bicha* era a febre amarella; e para tanto funda-se elle no que escrevera, ao tempo da invasão do mal, o Dr. Ferreira da Rosa.

A *bicha* viera de Pernambuco para Bahia.

Quando morreram, 24 horas depois de ter jantado em casa de uma *horizontal*, os dous primeiros homens atacados da *bicha*, a pobre mulher foi accusada de os haver envenenado, e por segurança . . . abalou.

Mas, a luz fez-se dentro em pouco para gaudio da receiosa madama.

S. Francisco Xavier, a quem o povo recorrera em horas tão angustiadas, foi eleito padroeiro da cidade, em votação procedida por escrutinio secreto, a 31 de Março de 1689, de conformidade aliás com um *Breve* do Papa.

E S. Francisco Xavier obteve a unanimidade dos suffragios populares, não tendo havido, caso raro! quem attribuisse ao *bico de penna* o resultado assim constatado.

—Em 1823, ancorou no porto desta cidade, então villa, a escuna *Marianna*, pertencente a Lino José Gomes, morador na Bahia, e arvorando o pavilhão norte-americano.

Dizia proceder da Parahyba, e conduzia a seu bordo, juntamente com o tenente-coronel Antonio José Gomes Loureiro, muita farinha para soccorro dos portuguezes, inimigos de nossa independencia.

A *Marianna* montava 4 peças, trazia 20 pessoas de tripolação, e vinha abarrotada de munições de

guerra. Para guardal-a foram destacados de terra 20 soldados milicianos. A' noite, porém, a escuna levantou ferro e desceu o rio com os milicianos e tudo mais. Ao seu encalço seguiu, sem demora, uma força não pequena.

Perseguida tenazmente, quando enfrentou com a barra do Paraguassú fez fogo a escuna contra os que lhe davam caça. E começou d'este modo um combate, cujo resultado foi—a morte do commandante, do piloto, e de um marinheiro do navio, bem como os ferimentos de tres homens, pertencentes á força dos patriotas.

Afinal, a escuna rendeu-se, e, sendo conduzida para o porto já mencionado, ahi desarmaram-n'a incontinente.

11 de Maio

—Em 1877, falleceu o tenente João Manuel da Conceição, contando 60 annos de edade. Era escrivão de paz do districto desta cidade.

Bom amigo, e dedicado aos interesses da Egreja, muito fez em beneficio da capella de Nossa Senhora do Amparo.

Uma nota curiosa.

O tenente João Manuel não podia ver uma banana da terra, ou banana comprida, como em alguns pontos do paiz denominam essa especie da saborosissima fructa.

Avistando-a, fosse cozida, fosse crua, elle perdia a cabeça, não respeitava conveniencia alguma, rompia pelos maiores excessos, ficava furioso!

Singular idiosyncrasia. . .

— Em 1892, falleceu nesta cidade, com 100 annos, a preta Bernardina Pereira.

—Em 1896, finou-se o major Pedro Paulo da Costa Minho, que tinha apenas 43 annos de edade Era natural de Pirajuhia.

Negociante activo e bastante acreditado, membro do Conselho Municipal, e pessoa por muitos titulos

estimavel, o major Pedro Minho deixou de si memoria saudosa e querida.

—Em 1897, a esposa do artista Tude Xavier Santiago deu á luz, nesta cidade, tres creanças, de uma só vez; dentre ellas apenas um menino sobreviveu. O outro menino e a menina morreram; esta, logo depois de ter nascido, e aquelle, já com alguns mezes de edade.

Outros factos de egual fecundidade aqui se têm registrado. Trinta annos antes, por exemplo, a parda Izabel, criada do cabelleireiro A. Carvalho, residente á rua *13 de Maio*, então rua de Baixo, tivera de um sóparto tres filhos tambem. D'estes, porém, somente uma menina escapou, e vive ainda em S. Felix para onde se mudou, já depois de casada.

12 de Maio

—Em 1720, embarcou da Bahia para esta cidade, então villa, o mestre de campo do corpo de engenheiros Miguel Pereira da Costa, que tendo sido encarregado de uma commissão especial no districto de Minas do Rio das Contas, apresentou della minucioso relatorio ao vice-rei Vasco Fernandes Cezar de Menezes, em 15 de Fevereiro de 1721.

—Em 1823, o Conselho interino do governo da Bahia, cuja séde era nesta cidade, então villa, mandou prender e conduzir á sua presença Manuel Carlos de Saraiva Belfort e um seu genro, porque na villa de Agua-fria (que hoje não existe mais) *estavam conspirando por discursos e factos contra a causa sagrada do Brazil*.

Ao mesmo tempo, ordenou o Conselho *ao administrador dos córtes nacionaes*—Pedro Gomes tivesse prompta toda a madeira de que viesse a precisar o almirante lord Cockrane, commandante da armada imperial.

E deu ao ouvidor desta mesma cidade a incumbencia de examinar o archivo municipal de Abbadia, afim de informar—qual a verdadeira linha divisoria entre Sergipe e Bahia; devendo declarar—si

o rio Saguim era, ou não, o limite natural das duas provincias, agora Estados.

Pretendia Sergipe chamar a si o territorio, que constitue o termo daquella villa, como ainda hoje questiona sobre limites, reputando-se prejudicado por invasões da Bahia, o que aliás é lamentavel injustiça.

O Conselho, finalmente, mandou fazer uma *derrama de gado*, nas freguezias de Boipeba, Valença e Jequiriçá, com o fim de fornecer o exercito pacificador.

13 de Maio

—Em 1688, chegou á cidade da Bahia D. frei Manuel da Resurreição, 3.º arcebispo do Brazil.

Os restos do venerando prelado, que em 1691 falleceu, jazem na capella-mór da capella de Belém, a 6 kilometros mais ou menos daqui distante.

D. frei Manuel fôra, em Coimbra, dos *oppositores* de maior merecimento e graduação, collegial de S. Pedro, doctor em leis e canones, conego doctoral da Sé de Lamego, e deputado do Santo Officio.

Naquella povoação, recolheu o derradeiro suspiro do illustre antistite um sacerdote não menos illustre—o padre Alexandre de Gusmão, cujo nome ainda hoje é profundamente reverenciado.

—Em 1823, o Conselho interino do governo da provincia, que funccionava nesta cidade, então villa, mandou que o administrador da fazenda de Emygdio Francisco da Silva e Almeida, ao Capoeirussú, *facilitasse-a para servir de deposito ao gado miudo, destinado ao refresco e fornecimento da esquadra imperial, surta nas aguas da Bahia*, e do que João Antonio Moitinho se achava encarregado.

—Em 1842, prestou juramento o primeiro juiz municipal e delegado de policia, nomeado para este termo na conformidade da lei de 3 de Dezembro de 1841, Dr. Antonio Ladisláu de Figueiredo Rocha, que morreu desembargador, aposentado com

as honras de ministro do Supremo tribunal de justiça.

Além d'esse, o termo desta cidade contou mais os juizes municipaes que se seguem: dr. Antonio Rodrigues Navarro de Siqueira (1844), dr. João Lustosa da Cunha Paranaguá, depois marquez de Paranaguá (1848), dr. João José de Oliveira Junqueira, que morreu senador do imperio (1852), Dr. Trasibulo da Rocha Passos (1856), dr. Carlos Augusto Autran da Matta e Albuquerque (1868), dr. Salvador Antonio Moniz de Aragão (1870), dr. Domingos Rodrigues Guimarães (1871), dr. Manuel Caetano de Oliveira Passos (1878), dr. Julio Pereira de Carvalho (1880), dr. Arthur Pedreira de Cirqueira (1884), dr. José Machado Pedreira (1888), dr. Arthur de Almeida Boaventura (1891).

Este ultimo serviu como juiz preparador, depois que foi extincto pela reforma judiciaria do Estado o cargo de juiz municipal. Por fim, o logar de juiz preparador foi suppresso tambem.

—Em 1888, realizaram-se nesta cidade brilhantissimos festejos, em regosijo pela passagem da lei, que aboliu a escravidão no Brazil.

E nada, com certeza, mais humanitario, nem mais justo tambem.

Com a electrizante alegria, que em todo o paiz então reinou, contrastava a dolorosa lembrança do tempo nefasto, em que a camara do Rio de Janeiro se negava a executar o *Breve* do Papa Urbano VII, que mandava cumprir a bulla de Paulo III, pela qual este benemerito pontifice declarava livres aos naturaes da America . . . .

Longo foi o caminho, que a idéa da abolição perlustrou em nossa patria.

A 18 de Maio de 1826, José Clemente Pereira propozera um projecto, na camara dos deputados, para que se acabasse, até 31 de Dezembro de 1840, com o commercio de escravos no imperio.

Em 15 de Julho de 1837, o deputado Antonio Ferreira França apresentou novo projecto declarando livres todas as pessoas que nascessem no Brazil.

A esse tempo, já existia a lei de 7 de Novembro de 1831, quando era ministro da justiça o padre Diogo Antonio Feijó, e que condemnava como criminoso o trafico de africanos, o sujeitando a bem severas penas. A lei, porém, fôra illudida na sua execução como o ministro da justiça—com a maior hombridade—confessou, no seu relatorio de 1834.

Em 1850, entretanto Euzebio de Queiroz conseguiu fazer passar o Dec. n. 581 de 4 de Setembro, providenciando efficazmente sobre a abolição do trafico alludido.

E' forçoso convir—que para este resultado influiu bastante a diplomacia ingleza, Mas, a verdade é que sómente em 1856 o trafico cessou de todo.

A 28 de Setembro de 1871, foi promulgada a lei, que libertava o ventre das escravas, defendida calorosamente pelo ministerio do notavel bahiano—o visconde do Rio Branco.

A 13 de Maio de 1888, se poz o remate grandioso á obra immortal da emancipação dos escravos, abrindo-se dest'arte uma nova éra de trabalho e progresso para o paiz, e se fechando a historica e porfiada campanha do *abolicionismo*.

Convém lembrar—que Euzebio deportara os dous mais abastados *negociantes de escravos*: Manuel Pinto da Fonseca, e um outro conhecido por *Maneta*.

A lei de 31 declarava—que os africanos que, por força della, ficavam libertos, depois de 14 annos seriam emancipados, caso o requeressem (*decreto de 28 de dezembro de 1853*). Mas, o decreto de 24 de Setembro de 1864 concedeu emancipação immediata.

Uma nota. A data de 13 de Maio já nos era cara por ter sido nesse dia, em 1811, inaugurada a Bibliotheca Publica da Bahia que, a 22 de Novembro de 1856, contava 5.336 obras em 15.412 volumes. Hoje, á falta de um catalogo completo, pois o ultimo foi publicado em 1878, é de todo impossivel saber o numero de livros, que o desajudado estabelecimento possue.

Em 1894, teve logar a primeira *kermesse*, nesta

cidade. Foi realizada por lembrança, e em beneficio do club *Democratas carnavalescos*.

—Em 1897, falleceu o cons. Innocencio Marques de Araujo Goes, barão de Araujo Goes, que nascera em Santo Amaro a 4 de Julho de 1811.

O finado tinha exercido diversos cargos de magistratura, inclusive o de membro do Supremo tribunal de justiça, em cujo caracter aposentou-se no anno de 1886.

Como juiz de direito da comarca desta cidade, que o fôra de 1842 até 1853, prestou relevantes serviços, entre os quaes convém salientar a prisão do salteador Lucas, da Feira de Sant'Anna, para a qual muito concorreu, organizando o plano que a levou a bom exito.

Na qualidade de chefe de policia da Bahia, deu caça aos moedeiros falsos, que então infestavam a provincia. Descobriu e poude apprehender uma fabrica de *conhecimentos da Caixa das Economias*, da capital, da *Caixa Economica*, da cidade de Nazareth, e de outros estabelecimentos bancarios, os quaes tinham sido falsificados por um celebre *Fragata*, que foi preso e condemnado.

Em sua carreira politica, o barão de Araujo Goes foi presidente da Assembléa provincial da Bahia, desde 1838 até 1859; e tendo sido, por vezes, eleito deputado á Assembléa legislativa geral, em 1873 fôra escolhido para presidente tambem della, logar que exerceu por tres sessões consecutivas.

14 de Maio

—Em 1891, foi collocado no alto da torre da egreja da Sancta Casa de Misericordia desta cidade um para-raios que, por solicitação do respectivo provedor—o Dr. Aristides Augusto Milton, offereceu á irmandade o superintendente da estrada de ferro *Central da Bahia*—James Webster.

Só na estação dessa estrada—em toda esta cidade—existiam até então *specimens* do maravilhoso invento de Franklin.

—Falleceram:

Em 1880, o cap. Lino José de Azevedo, collector das rendas provinciaes em S. Felix, e vereador da camara municipal desta cidade.

Em 1891, o cap. Pedro Pedreira Sampaio, que contava 68 annos de edade, e era proprietario na Muritiba, então do termo e comarca desta cidade.

16 de Maio

—Em 1841, foi lavrado um termo de accôrdo com os respectivos hereus confinantes, ácerca de 18 braças de terra, que Ponciano Pereira Lima e sua mulher Josepha de Souza tinham doado para edificação da egreja de Nossa Senhora do Rosario, ao Monte-Formoso, d'esta cidade.

17 de Maio

—Em 1870, foram inaugurados, na povoação de S. Felix, hoje cidade, os trabalhos de construcção da linha principal da estrada de ferro *Central da Bahia*, pela companhia que substituira a denominada *Paraguassú*, primeira incorporada, pelo subdito inglez John Morgan, para levar a effeito tão digno commettimento.

Outro inglez—o engenheiro Hugh Wilson—foi o emprezario das obras a realizar-se.

18 de Maio

—Em 1845, foi cruelmente espancado, nesta cidade, o cap. Manuel dos Santos Maures.

O facto impressionou fundamente os animos, quer pela posição social da victima, quer pela do criminoso que a opinião publica logo attribuiu ser o Dr. José Joaquim de Novaes Rocha, cidadão que naquelle tempo gozava aqui de influencia politica incontestavel.

Contou-se então que Maures levara aquella sova por simples engano, o que parece ter vindo con-

firmar o acontecimento occorrido dous dias depois e ao qual me refiro no logar competente.

—Em 1889, falleceu repentinamente nesta cidade, de onde era natural, o tenente Constancio José de Meirelles, que era escrivão da collectoria provincial, e fôra em tempo negociante.

Pouco mais de 40 annos contava.

19 de Maio

—Em 1846, houve um grande desmoronamento de terras, na cidade da Bahia, parochia do Pilar; tendo aqui causado dolorosissima impressão a noticia, que do facto no dia seguinte chegou.

—Em 1855, foi publicada a *circular* do governo imperial, prohibindo a entrada de noviços nos conventos das ordens religiosas. Os frades do convento do Carmo, desta cidade, receberam muito mal a ordem de sua magestade.

—Em 1865, falleceu na capital da Bahia o tenente-coronel Joviniano José da Silva e Almeida, commandante do 12º batalhão da guarda nacional, e verdadeira influencia politica em Umburanas, então freguezia do termo desta cidade.

—Em 1866, finou-se o conselheiro Manuel Mauricio Rebouças, nascido em Maragogipe no anno de 1800.

Soldado voluntario nas lutas da independencia, tomara elle parte activa no ataque á barca portugueza que, em Junho de 1822, tentara impedir os festejos populares, organizados nesta cidade, a esse tempo villa, para solemnizar a recente acclamação do principe regente, que foi depois o 1.º imperador do Brazil.

Com o governo provisorio, installado por essa occasião, serviu Manuel Rebouças no *commissariado de bocca*, até 1823; distinguindo-se assás nesse posto, que o patriotismo havia lhe indicado.

O digno cidadão começara sua vida como escrevente de cartorio, e nessa qualidade trabalhou no

fôro de sua terra natal, em seguida no de Jaguaripe, e por fim no desta cidade.

Tendo ao depois concorrido a um cartorio da capital da provincia, hoje Estado, foi nomeado para o logar; mas, embargada a carta de provimento no transito da chancellaria, ficou ella sem effeito, o que naturalmente causou vivo desgosto ao candidato.

E, no entanto, esse mal veio para bem de Rebouças que, partindo com destino a Pariz, ahi formou-se em medicina; e, tendo voltado á patria, recebeu a nomeação de lente de botanica e zoologia da nossa Faculdade, onde por muitos annos professou.

Devem-se-lhe algumas obras scientificas de merecimento. O illustre cidadão era condecorado.

—Em 1887, foi inaugurada a estação *Bandeira de Mello*, na estrada de ferro *Central da Bahia*, que serve a esta cidade, e a uma zona extensa do nosso Estado.

20 de Maio

—Em 1843, *O Commercio*, jornal que se publicava na cidade da Bahia, deu á estampa uma carta do conego Benigno José de Carvalho Cunha, dirigida a um amigo que diziam morador nesta cidade, e datada de Carrapato a 4 de Abril, narrando alguns episodios de sua viagem ao sertão.

Simultaneamente, o illustre sacerdote manifestava a esperança de ser feliz nos resultados de sua exploração, levada a effeito para descoberta da *cidade abandonada*, que elle sonhara existir para as bandas do Sincorá.

Sonhava, digo eu, porque realmente fôra num sonho—que o conego Benigno vira uma cidade vasta, e coberta de edificios sumptuosos, mas infelizmente deserta.

E dahi por diante poz-se elle a procural-a, com uma tenacidade e uma fé realmente incomparaveis.

Entretanto, fazendo luminosa resenha dos desco-

brimentos de ruinas no continente americano, desde as de Palenque e Tula até ás que foram encontradas na Florida, no valle do Mississipi, e nas regiões do Orenoco e do Amazonas, o conde de la Hure não recusa crença á tradição da existencia desses restos de um grande centro de população, abandonado no sertão da Bahia. E julga possivel sua situação topographica atraz da serra do Sincorá, pouco acima da confluencia dos rios Una e Paraguassú.

No Sincorá notou-se a presença de estatuas, baixos relevos, e esculpturas, muito similhantes com as que foram encontradas em Comayaga (Honduras) e outros sitios da America Central.

Houve quem considerasse o roteiro da cidade abandonada como *uma allegoria feita pelo descobridor das minas de diamantes aos seus parentes*, com o fim de disfarçar o feliz achado.

Em todo o caso, ahi temos uma lenda, egual talvez á das *minas de prata*, que no seculo anterior tinham celebrizado Roberio Dias, e que forneceu a José de Alencar assumpto para um bello romance.

E por tocar neste facto, convém recordal-o, em poucas palavras embora.

E' num ponto a que chamam *Serra dos Paulistas* uns, e outros *da Muribeca*, perto do Joaseiro e de Sento Sé, que se presume existirem, si bem que ainda occultas aos olhos cubiçosos do homem, todas essas minas opulentas, e ao mesmo tempo inexhauriveis.

E tamanho quanto preciosissimo thesouro deixou de ser entregue á fecunda exploração do homem, simplesmente porque Felippe II não quiz fazer de Roberio Dias o sr. marquez das Minas !

O fidalgo *manqué* vingou-se plenamente do despreso do rei, sepultando comsigo o segredo que possuia...

A verdade—é que parece não ser mero producto de uma imaginação em delirio a historia, narrada pelo Roberio.

Simão Moreira, morador no Rio Verde, apresen-

tou—pelos annos de 1807 a 1808—ao tenente-coronel Joaquim Pereira de Castro, então procurador do conde da Ponte, bellas amostras de prata, já fundida em Villa-velha.

E sabe-se—que fôra um habitante de Pilão Arcado, companheiro antigo de Roberio, quem a Simão ensinara o logar certo das minas, attrahido pelos favores que deste recebera; lhe tendo, no entanto, recommendado—que para melhor se esclarecer procurasse ouvir aos indios de Joaseiro.

De mais, é quasi indubitavel—que o respectivo *roteiro* fôra parar ás mãos de um filho natural do alferes Antonio Pinheiro, residente na Barra do Rio Grande. Mas, esse cidadão—tendo commettido um crime—desappareceu com o *roteiro*, não se obtendo deste noticia alguma jámais.

Oxalá descubram-no ainda um dia, que será sem duvida de justo gaudio para o paiz inteiro!

—Em 1845, das 10 para as 11 horas da manhan, quando desembarcava de uma canôa, em S. Felix, foi aggredido e barbaramente espancado o Dr. Antonio Joaquim da Fonseca Lessa pelo crioulo Fortunato, escravo do Dr. José Joaquim de Novaes Rocha.

Concebe-se naturalmente a gravidade do facto, attendendo-se sobretudo á posição social, quer do mandante, quer da victima do crime.

Além disto, a hora em que o delicto foi praticado, a condição do respectivo mandatario, talvez escolhido muito de industria para aviltar mais ainda o Dr. Lessa, a inacção das autoridades locaes, diante do singular attentado, tudo produziu verdadeiro terror e profunda emoção, nesta cidade e seus arredores.

O Dr. Novaes, afinal, mudou-se para a capital da Bahia, onde esteve empregado na secretaria do governo; e o Dr. Lessa foi servir no corpo de saude do exercito, tendo sido muitos annos depois reformado, *contra direito*, disse—o elle, numa longa serie de artigos remettidos á imprensa.

—Em 1880, falleceu—no Rio de Janeiro—D. Anna ustina Ferreira Nery, viuva do capitão de fragata

Izidoro Antonino Nery, e que nascera nesta cidade em 1815.

A distincta cachoeirana havia prestado inolvidaveis serviços na guerra do Paraguay, durante a qual assistira nos hospitaes de sangue, revelando tanto patriotismo e caridade, ao ponto de ser conhecida pelo nome, expressivo e honrosissimo, de *mãe dos brazileiros*.

21 de Maio

—Em 1823, foi preso o general P. Labatut, que ficou logo á disposição do Conselho interino do governo da Bahia, cuja séde era nesta cidade, então villa.

Entre o general e o Conselho reinavam ciumes profundos, por causa de autoridade e poder, que ambos entre si disputavam tenazmente.

22 de Maio

—Em 1694, tomou posse do governo do Brazil D. João de Lencastro que, segundo já recordei, foi quem elevou a Cachoeira á cathegoria de villa.

Na administração d'esse fidalgo, vinculado por laços de familia aos reis de Inglaterra e Portugal, foi que se conseguiu bater o famoso *quilombo* dos Palmares, que em nossa história figura com muito merecida celebridade.

O illustre governador cuidou tambem de fomentar o progresso da Bahia, para o que realizou sua viagem ao reconcavo e ao interior. Ao mesmo tempo, tratou elle de estabelecer uma fabrica de salitre em Jacobina, deu regulamentos para a catechese dos indios, e fundou varias povoações, entre as quaes pode contar-se a cidade da Barra do Rio Grande e a villa de Sancta Ritta do Rio Preto.

Quando D. João de Lencastro governava, finou-se na capital da provincia, hoje Estado, o celebre padre Antonio Vieira, jesuita notavel pelos serviços que prestara a este paiz, e mais notavel ainda pelos raros

dotes oratorios e pela vasta erudição que o exornavam, como provam de sobejo os testemunhos irrefragaveis que elle nos legou.

—Em 1823, foi aprisionada em Itaparica, depois de renhido combate, a barca portugueza de guerra *Paula Marianna*, tripolada exclusivamente por pretos escravos.

A todos estes o Conselho interino do governo da Bahia, funccionando aqui, mandou vendel-os para que o respectivo producto fosse dividido entre as pessoas, que tinham se empenhado naquella gloriosa acção, defendendo a causa da nossa independencia.

—No mesmo anno, tendo chegado a noticia da prisão do general P. Labatut, reuniu-se a officialidade da brigada esquerda, que estacionava no sitio denominado *Armação do Gregorio*, assumindo então a presidencia respectiva o sargento-mór José Leite Pacheco, e servindo de secretario o escrivão da védoria-geral das tropas da provincia—Antonio Salustiano Ferreira.

Depois de pequena discussão, ficou resolvido—officiar-se ao Conselho interino do governo, que aqui funccionava, requisitando-lhe a liberdade do coronel Felisberto Gomes Caldeira, que havia sido reintegrado no commando da mesma brigada.

Para vir a esta cidade, então villa, trazer o officio foi designado o sargento-mór José Maria de Sá Barretto; e de todas essas occurrencias lavrou-se uma acta especial.

O general Labatut, por sua vez, dirigiu-se tambem por officio á commissão militar, allegando—entre outras cousas—o seguinte:

«Dez mezes de sacrificios pela liberdade da vossa e da minha patria devem ser attendidos, eu não devo ser, e os que têm servido á sacrosanta causa brasileira, o ludibrio do povo da Cachoeira; bem basta termos sido de uma tropa amotinada. . Em quanto a mim, vos protesto, perante Deus e o mundo todo, que sómente amarrado e á viva força serei apresentado ao povo e governo da Cachoeira.»

—Em 1893, falleceu—contando 86 annos de edade,

João Pereira de Castro, nosso conterraneo, e um dos ultimos representantes da classe, que usara de calções de seda e fino espadim, como *toillete* domingueiro, nesta cidade.

23 de Maio

—Em 1823, o Conselho interino do governo da Bahia, cuja séde era nesta cidade, então villa, ordenou—que o tenente-coronel Antonio Maria da Silva Torres marchasse de Sancto Amaro para o acampamento de Pirajá, pois ahi sua pericia militar era instantemente reclamada pelos commandantes de brigada do exercito pacificador.

—Ainda no dicto anno, o sargento-mór inspector do sul, Joaquim Velloso communicou, por officio ao já mencionado Conselho, ter se encontrado enterrados 3.600$000, pertencentes ao emigrado portuguez Silvestre de Almeida Campos.

Alguns patricios de Silvestre lhe tinham seguido o exemplo, e ha por isso thesouros desse tempo, que estão por descobrir ainda.

—No supradicto anno de 1823, procedeu-se á apuração dos pellouros da eleição realizada para membros do *governo provisorio* da provincia da Bahia, que foram logo empossados pela camara desta cidade, então villa.

—Em 1857, a camara municipal desta cidade contractou com Francisco Melchiades de Cirqueira a construcção de uma casa para mercado publico. E pouco tempo depois erguia-se ella na praça da Manga.

Apezar, porém, dos esforços empregados pelo contractante, a quem a policia francamente auxiliou, não conseguiu elle—que os negociantes de cereaes e outros generos alimenticios fossem vendel-os para ali.

Houve mesmo conflictos, motivados pela reluctancia popular, de uma parte, e pela teimosia do contractante de outra. Este, por fim, se viu forçado a ceder.

A casa ficou servindo para outros differentes misteres, e, decorrido certo tempo, foi demolida para aformoseamento da praça.

—Em 1857, tambem, a camara municipal desta cidade mandou construir uma ponte de alvenaria sobre o ribeiro Pitanga, no logar conhecido por *Capitãosinho*.

—Em 1865, seguiu da capital da provincia, hoje Estado, para o Rio de Janeiro, a bordo do vapor inglez *Galileu*, o 1.º batalhão de *voluntarios cachoeiranos*, commandado pelo tenente-coronel José Pinto da Silva.

Contava 460 praças.

—Em 1886, falleceu repentinamente o negociante tenente José Mathias da Silva Guimarães, que exercera diversos cargos de eleição popular e nomeação do governo, nesta cidade.

Moço ainda, deixou no entanto familia numerosa a lutar com grandes difficuldades, e fundas recordações no coração de seus amigos.

24 de Maio

—Em 1823, o Conselho interino do governo da provincia da Bahia, que funccionava nesta cidade, então villa, nomeou José Joaquim de Lima e Silva, coronel, para commandar o exercito pacificador, por achar-se impedido o general P. Labatut.

Simultaneamente, mandou—que o capitão de cavallaria José Gomes Moncorvo, acompanhado do porta-estandarte Bernardino da Silva Neves, fosse a Nazareth prender para conduzir á presença do mesmo Conselho os desertores Luiz da França Pinto Garcez e João Antonio dos Reis, *que tinham se evadido do exercito, e podiam ser perigosos*.

—Em 1866, feriu-se a famosa batalha de Tuyuty, em que tomaram parte as forças alliadas de um lado, e de outro o exercito paraguayo. Soffreu este uma derrota tremenda, com a qual teria terminado a guerra mais longa e accidentada, que já houve em toda a America, si os generaes, que dirigiram a

onde deveria ser tratado com toda decencia, urbanidade e segurança.

E recebeu a communicação de haver o commandante em chefe do exercito pacificador—José Joaquim de Lima e Silva, que achava-se em Pirajá, creado duas divisões com quatro brigadas no dicto exercito, e feito as nomeações dos respectivos commandantes.

No mesmo officio, esse bravo militar agradecia ao Conselho a honra da nomeação, com que o havia distinguido.

Por falar no exercito pacificador, um balancete, organizado em Setembro de 1823, dá como tendo importado a despeza feita com o mesmo exercito em 82:698$510, e a receita respectiva em 107:190$082; verificando-se por tanto um saldo de 24:491$572.

—Em 1897, falleceu no seu engenho *Caloié*, no Iguape, o coronel José Maria de Almeida, 2.º Barão de Belém.

O finado tinha sido, em sua mocidade, escrivão dos orfãos interino, no fôro desta cidade.

Dedicara-se depois á lavoura, e fôra chefe politico de muito prestigio, no districto de sua residencia.

No cargo de presidente da camara municipal desta cidade, em que a Republica viera encontral-o, o barão de Belém prestou serviços apreciaveis.

Como juiz de paz do Iguape, se houve sempre o barão de Belém com muito criterio e dedicação.

Pelo governo federal fôra distinguido com a nomeação de commandante superior da guarda nacional desta comarca.

Tinha 74 annos de edade.

29 de Maio

—Em 1861, o 1.º tenente da armada Francisco da Cunha Galvão, que tinha sido encarregado pelo Governo de fazer os estudos necessarios com o fim de se estabelecer a franca navegação nas partes alta e media do Paraguassú, apresentou seu relatorio, orçando em 214.000$000 as obras indispensaveis para tornar o rio

navegavel por barcos, até Lençóes, e em 578.000$000 o mesmo serviço para vapores.

Em 1863, foram encarregados de commissão identica os engenheiros Ladisláu de Videcki e Trajano da Silva Rego, que examinaram tanto o Paraguassú, como o Sancto Antonio, apresentando relatorio tambem.

Em 1888, o engenheiro Antonio Placido Peixoto do Amarante foi incumbido de examinar a parte baixa do mesmo Paraguassú, facto a que me refiro miudamente noutro logar. *(Vide 10 de Dezembro).*

A calamitosa secca de 1860 suggerira ao Governo a idéa de aproveitar esse rio, no transporte de generos alimenticios para o sertão.

Nada se conseguiu, porém; parecendo, entretanto, que a estrada de ferro *Central da Bahia* é que poderá resolver de uma vez o problema.

30 de Maio

—Em 1823, o Conselho interino do governo da provincia da Bahia, que se estabelecera nesta cidade, então villa, mandou abrir pelo ouvidor interino da comarca uma *devassa* a respeito da prisão do general P. Labatut.

Na citada diligencia, devia servir de escrivão o Dr. Francisco Xavier Furtado de Mendonça; e ella seria realizada no sitio, em que se encontrava o quartel-general do exercito pacificador.

O ouvidor interino, entretanto, deu parte de doente, sendo então substituido pelo juiz de fóra de Maragogipe.

—Em 1838, a camara municipal contractou por *30$000 annuaes* João José Maravalha para ser seu prégoeiro; obrigando-se elle a ficar sempre de promptidão *para o desempenho das respectivas obrigações.*

Talvez a mesquinhez d'esse ordenado se possa explicar pelo facto de ser o prégoeiro de outr'ora um auxiliar do commercio tambem, provindo-lhe desse serviço uma farta propina.

De facto. Quando qualquer negociante recebia *sor-*

timento novo escrevia, entre verdades e mentiras, um grande annuncio, que o prégoeiro, em regra dotado de uma voz de stentor, se encarregava de ler, ás esquinas das ruas principaes da villa.

Assim, não era raro ouvir-se o funccionario da justiça andar proclamando: na venda do Antonio Lisboa, ao becco das *Sete facadas*, vende-se bacalháu a tanto por libra, cebollas muito baratas, ratoeiras a escolher . . . .

E por tudo isto o prégoeiro recebia pingue gratificação.

Eis ahi, naturalmente, porque elle se contentava com os 30$000 annuaes da camara.

31 de Maio

—Em 1823, o faccinora José Rodrigues da Hora conseguiu ser pôsto em liberdade, falsificando um despacho do Conselho interino do governo da Bahia, que estava então funccionando aqui.

Tal qual fez ao depois um tal Pereira da Costa, muito conhecido por *Cobrinha-verde*, e gatuno realmente emerito.

Falsificou tambem elle a rubrica do delegado de policia desta cidade, num alvará de soltura, e lhe foi passar muito lampeiro pela porta, causando verdadeiro pasmo a essa autoridade, que o suppunha bem agazalhado na cadeia, e só então se reconheceu burlada.

Cobrinha-verde, a falar verdade, fez proezas inenarraveis, e deixou fama imperecivel, nos annaes da ladroeira. No entanto, é de justiça reconhecer e confessar—que elle era bem modesto no seu officio, porquanto se contentava com perús, gallinhas, carneiros, e outras quejandas ninharias, a que não costumam descer os ratoneiros de alto cothurno.

Ainda assim, foi—no genero—o typo mais perfeito que esta cidade já produziu.

—Em 1837, pelas 5 horas da manhan, desabou a torre da egreja Matriz da Moritiba, então do termo

e comarca desta cidade, a qual foi depois reedificada, mas até á altura da torre sómente.

—Em 1872, succumbiu, na cidade da Bahia, onde achava-se em tratamento da saúde, o commendador Manuel Caetano de Oliveira Passos, official superior já reformado da guarda nacional, e legitima influencia na freguezia da Cruz das Almas, a esse tempo do termo a comarca desta cidade.

Era veterano da independencia, em cujas lutas entrou com o posto de official da companhia de *Bellona*, organizada nesta cidade, então *villa—capital*.

Annos depois, o coronel Manuel Caetano figurou no scenario politico do municipio, como personagem de primeira ordem, sendo muito respeitado sobretudo pela energia do seu temperamento.

Occupou, sempre correctamente, varios cargos publicos, e era já septuagenario quando pagou á morte o doloroso tributo.

Cachoeira, Março de 1899.

A Milton.

Riqueza mineral do Estado da Bahia

VIII

O DIAMANTE

Ainda não pude examinar os celebres terrenos diamantinos do centro da Bahia, por isso nada posso affirmar *de visu*.

Tenho, porém, recebido pedras e cascalho lavado das formações dos terrenos da Chapada Diamantina e residuos de bateias, afim de poder estudar as rochas que predominam por lá.

Estudei tambem as descripções dos terrenos diamantiferos de Minas Geraes e da Bahia, feitas pelos Srs. Damas e Gorceix, e uma importantissima obra que trata minuciosamente das minas de diamante, existentes no mundo, escripta pelos Srs. Henry Jacob, ex-negociante da Bahia e Nicolas Chatrian, publicada em 1884, e editada em Pariz em casa de G. Masson.

Recommendamos esta valiosa e mui proveitosa obra, acompanhada de 50 a 60 gravuras e plantas finas, ás pessoas que se dedicam ao estudo da geologia e principalmente aos exploradores de diamante.

A' excepção de algumas descripções e episodios de viagens, tudo o mais é do maior interesse scientifico e commercial, e produz a sua leitura tal attracção, que fascina a mais exagerada phantasia, com as revelações das fabulosas riquezas, provenientes de um pequeno fragmento de crystal, illu-

---

Vide *Revista* n. 15 e anteriores.

minado por um celeste brilho, gerado no seio da natureza e que representa, entretanto, a mais preciosa das inutilidades.

As principaes jazidas de diamante emanam dos quartzitos das serras, denominados itacolumitos, que formam lages de gráus de quartzo, acompanhadas muitas vezes, por uma materia esverdeada talcosa, e que apparecem no centro dos Estados de Minas Geraes, S. Paulo, Goyaz, Matto-Grosso e principalmente no da Bahia.

No meio desses quartzitos acham-se os depositos de diamantes, que se encontram na Bahia, em muitos pontos, em maior ou menor quantidade, em parte já descobertos, e em grande parte ainda por descobrir.

Por ora são conhecidas e acham-se na maior parte em actividade as minas dos Lençóes, Ventura e Sincorá, Santo Ignacio, na serra do Assuruá, Morro do Chapéo e no Salobro, perto de Cannavieiras; havendo tambem alguma cousa ao longo da estrada de ferro do S. Francisco e em Camaçary.

Nestes dous ultimos pontos os diamantes são pequenos e tão poucos que não pagam a despeza da exploração; no Salobro, encontram-se os melhores do mundo; os do Morro do Chapéo são pequenos: mas as minas de Lençóes, Sincorá e Santo Ignacio deram muitos diamantes grandes e o carbonato, que hoje vale tanto quanto o diamante e que ainda não se encontrou nas minas de Minas Geraes ou em qualquer outra parte do mundo.

O sr. Gorceix affirma que a formação dos terrenos diamantiferos do centro da Bahia é totalmente egual e identica á dos de Minas Geraes; e que o diamante se acha no meio dos seixos rolados e arredondados, formando cascalho, tão conhecido pelos garimpeiros e que indica que tanto os seixos como os diamantes provém dos restos de rochas, que arrastados pelas aguas foram gastos pelos attritos.

Estes depositos occupam quer o fundo do Paraguassú e de todos os seus affluentes, desde suas nascentes, quer o centro dos maiores ou menores valles, no fundo dos quaes correm pequenos regatos, quer as gargantas das serras.

Os trabalhos da extracção do mineral dividem-se em serviços de rio, de campo e de serra.

O leito inteiro do curso das aguas dos rios está cheio de depositos de alluvião, os da parte superior são formados de pedaços de rochas apenas roladas, misturadas com grande quantidade de areia, que forma o entulho dos garimpeiros.

Esse entulho raras vezes contém diamantes, porém abaixo delle apparece o cascalho virgem, rico em diamantes, com seixos redondos, que ás vezes apparece em delgadas camadas e outras vezes com uma espessura de muitos metros.

O cascalho é algumas vezes coberto por grandes blocos de quartzito que o occultam, não sendo raro encontrar grandes riquezas por baixo dessas rochas, mas geralmente julgam o serviço perdido quando, removido o entulho, não encontram o cascalho virgem.

A estructura geologica geral dos terrenos diamantiferos do centro do Estado da Bahia é gneiss branco, chistos, quartzitos chistosos (itacolumitos), itabirites, quartzitos granulares, passando a conglomeratos, chistos argillosos, ardosias calcareas e grés.

O cascalho contém, além do diamante, muitos mineraes, os quaes são conhecidos pelos garimpeiros sob o nome de «formação», e considerados por elles como infallivel indicativo da presença da pedra valiosa.

O cascalho grosso é evidentemente derivado das rochas das serras visinhas atravessadas pelos rios e riachos e não soffreram grande transporte; as partes mais finas, porém, inclusive o diamante, são provavelmente transportadas de maiores distancias.

O professor O. A. Derby opina que a estructura geologica das regiões diamantiferas dos Estados da Bahia, Goyaz, Matto-Grosso e Paraná é essencialmente a mesma que a formação da região diamantina de Minas Geraes.

Essa região está situada ao longo da crista e em ambas as encostas da serra do Espinhaço, a grande cordilheira interior do Brazil, que divide as aguas do Rio S. Francisco das dos rios Doce, Jequitinhonha, Pardo, das Velhas, Contas, Paraguassú, Itapicurú e outros, e o prolongamento desta cordilheira para o norte inclue a região diamantifera de Minas Geraes e da Chapada Diamantina, no Estado da Bahia.

Apezar de supposições baseadas em muitos estudos feitos pelos naturalistas, ainda se ignora a origem do diamante, e dos mineraes que o acompanham e que provém da destruição de certas rochas.

Spix e Martius opinam que os diamantes se acham nos conglomerados de ferro, mas, apezar de se ter encontrado esse mineral imbutido em itabirites, não foi achado o mineral nos grandes depositos de itabirites em S Paulo.

Outros geologos contestam essa opinião e julgam que a formação do diamante pertence ao quartz chistoso.

Do Cabo communicam que descobriram o mineral com o auxilio do microscopio nas rochas dioriticas d'essa zona.

Diverge dessa opinião o sr. Gorceix, que fez longos estudos sobre a composição mineralogica do cascalho diamantifero, que encerra uma serie de mineraes especiaes, que constituem a formação dos garimpeiros, como o quartz hyalino rolado, denominado vulgarmente ovo de pombo, fragmentos de disthenio (ou chifre de boi), turmalinas arredondadas, (feijões pretos) ovoides, de hematite parda e vermelha (caboclos vermelhos) agulhas de

rutilo, crystaes octaedricos da mesma substancia, (cericoria de cobre) anatadio amarello e azul, (cericorias amarellas e azues) kaprothina rolada, (pedra de anil) silex, jaspe em fragmentos, com a forma de pequenos discos achatados, (favas), etc.

Julga o sr. Gorceix, contra a opinião de outros geologos, que esses mineraes não têm a menor importancia e que alguns se ajuntaram accidentalmente ao diamante:

Que os verdadeiros satellites são o rutilo, anatadio, ferro titanado e talvez o ferro oligisto e a magnetita, que nasceram com elle, provavelmente sob a acção das mesmas forças.

Nas rochas em que elles se acham em jazida primitiva, ahi tambem se deve encontrar o diamante. Ora, nos arredores da Diamantina de S. João da Chapada, isto é, no centro diamantifero por excellencia, os quartzitos e a fuchsita se apresentam, quer na superficie do sólo quer nos sulcos ou quebradas, abaixo dos quartzitos e grès mais modernos, que são atravessados por veeiros de quartz, mas, em vez das pyrites tão abundantes, que os impregnam na região aurifera, encerram ferro titanado, oxidos de titanio, klaprothina, ferro oligisto e magnetita, e parece natural que no meio destes quartzitos se encontre a jazida primitiva do diamante.

O Dr. Catão Gomes Cardim encontrou realmente em 1878 dous pedaços de rocha cravados com dous diamantes.

Esses pedaços de rochas tiveram o mesmo aspecto que certas variedades de pedras de lages, quartzito, e, baseada nesses factos, parece exacta a opinião do sr. Gorceix, que o diamante foi depositado nos quartzitos inferiores com fuchsita.

—

Na Bahia fizeram-se as primeiras explorações em 1844, no Mucugê, na serra de Sincorá, sendo des-

coberta a primeira jazida de diamantes pelo proprietario da fazenda S. João, José Rocha; mas já em 1821 os celebres naturalistas Spix e Martius, atravessando o braço da serra de Sincorá, ora conhecida por serra Diamantina, reconheceram, pela formação geologica dos terrenos e pela natureza das chapadas, a existencia dos preciosos diamantes, e a revelaram ao sargento-mór Francisco José da Rocha Medrado, proprietario de vastos terrenos nesses logares.

Fundaram-se para isso tambem no caracter rude e agreste da serra de Sincorá, que com as ramificações léste da serra da Chapada, é em tudo analoga á serra e á formação de itacolumito do Grão-Mogol em Minas Geraes; e embora não indicassem a séde dos diamantes e os logares das lavras, que dependia de trabalhos de explorações, foram completamente justificadas as suas previsões, com as descobertas feitas em 1844.

Humboldt tambem reconheceu, em excursões scientificas feitas no Ural em 1845, a existencia da formação diamantina, em uns terrenos pertencentes ao general russo Demidoff.

Não houve quem acreditasse que a terra do eterno gelo produzisse ou contivesse as luminosas pedras de diamante, que parecem nascidas dos soberbos raios solares do ardente clima tropical.

Mas, em 1848 appareceram os primeiros diamantes, acompanhados pela platina, e justificaram plenamente o real saber desse eminente sabio, auctor d'uma grande maravilha scientifica denominada «o Cosmos.»

Santa Izabel do Paraguassú nasceu com as grandes lavras diamantinas, descobertas no corrego de Mucugê, que passa dentro do povoado.

Nos primeiros tempos era o diamante tão abundante no leito desse riacho, que qualquer garimpeiro, mergulhando, catava em um pouco de cascalho pedras preciosas de subido valor, que depois, pouco a pouco, se encontraram em uma extensão de cerca

de 20 leguas, e principalmente com menos trabalho e grande resultado, nos pontos em que o Paraguassú e o Andarahy cortam a serie das rochas de Sincorá.

Pelo que me informaram e pelas pedras que me enviaram, é o quartzito vermelho a formação da cordilheira e das ramificações, um quartzito espesso e resistente, e pelas observações e informações de alguns intelligentes sertanejos, como o coronel Felisberto A. de Sá e outros, extende-se esta formação do sul ao norte em tres espinhaços parallelos, fraldejados de riquissimos valles para a lavoura do café, banhados por caudalosos rios, que descem desses espinhaços e dos muitos ramaes existentes.

Esta cordilheira é a continuação da serra do Espinhaço, de Minas-Geraes; segue para o interior do Estado da Bahia, e divide as aguas que correm para o Rio de S. Francisco, das que se encaminham para os rios de Contas, Paraguassú, no centro e Jequitinhonha e Pardo, no sul do Estado, tomando os seus ramaes diversas denominações, á proporção que se vae extendendo para o norte, até que entra na formosa e gigantesca cachoeira de Paulo Affonso.

Os terrenos diamantinos começam cerca de 360 kilometros da cidade da Cachoeira, na serra do Sincorá e extende-se a Brotas de Macahubas e Morro do Chapéo, correndo parallelamente a ella a serra Cocal, onde dizem que existem ricas minas auriferas.

Na vertente occidental da serra do Sincorá, nos brejos da *Farinha Molhada*, perto do Morro do Ouro, é que nasce o rio Paraguassú, o qual atravessando os Geraes como pequeno corrego, vae recebendo em seu curso os riachos Alpargata, Catinga Grande, antes do *Commercio de Fóra*, e depois o Preto, Combucas, Piabas, Santo Antonio e Una; despedindo-se das serras para banhar mattas agricolas, extensas e desertas.

Este rio, depois de percorrer cerca de 400 kilometros, deixa á sua margem as cidades da Cachoeira e S. Felix, e diversas povoações, e perde-se no oceano.

Pode-se dizer que este rio, desde o seu curso naquellas serras, onde recebe os rios que o engrossam e enriquecem, até á bocca do rio Santo Antonio, duas leguas abaixo da Passagem do Andarahy, assenta o seu prodigioso throno sobre diamantes, ouro, ferro e outros mineraes.

Todos os rios e corregos dessa região são diamantiferos.

Ainda não são conhecidos todos os terrenos diamantiferos do Estado da Bahia, pois nunca foram emprehendidos pesquizas e estudos methodicos, e todas as descobertas feitas até hoje são devidas ao acaso e aos garimpeiros.

Pela mesma maneira foram descobertas as minas do Salobro em 1881.

Origines de Cerqueira Santos, professor de primeiras lettras em Cannavieiras, guiado por um garimpeiro dos Lençóes, foi o primeiro que tirou diamantes, no logar chamado Salobro, em um cascalho, encontrado em um corrego que desagua no rio Pardo.

Com a vinda dos primeiros diamantes para Cannavieiras, espalhou-se immediatamente a noticia da descoberta da nova lavra e em curto tempo acharam-se reunidas mais de 1000 pessoas á cata destas preciosas pedras, que são muito superiores em belleza, alvura e crystallisação aos diamantes da Africa Austral, e mesmo das Lavras Diamantinas.

O Sr. João Cardoso da Silva, da Bahia, foi o primeiro negociante que transportou-se para o logar da lavra, e comprou logo na sua chegada mais de mil oitavas de diamantes, de superior qualidade, de um brilho e alvura notaveis.

A lavra é situada cerca de 70 kilometros da cidade de Cannavieiras, e seis a sete kilometros distante do ponto de embarque, denominado Jacarandá, no rio Pardo.

O terreno da lavra é coberto com cerca de dous

metros de argilla preta, rica de humus, e composto de pequenos morros, cortados por muitos corregos, formando uma parte das mattas virgens do sul do Estado, que se extendem em direcção S. O. com 360 kilometros, até á cidade da Victoria, e abrange pelo sul toda a costa do Estado até o do Espirito-Santo.

Os rios Pardo e Jequitinhonha cortam esses terrenos e desaguam no oceano Attlantico.

O sólo é coberto de viçosa vegetação e de arvores seculares, e ondulado, sem planicies, e apenas em alguns pontos baixo, pantanoso e doentio; o extraordinario numero de obitos em 1885, 1886 e 1887 foi devido á epidemia da variola e desta epocha em diante diminuiram muito o numero dos garimpeiros e a exportação do diamante.

Uma companhia franceza, estabelecida nesse logar, explora diamantes, e dizem que com vantagem para os accionístas.

O systema do trabalho da extracção é o mesmo dos Lençóes.

Os garimpeiros lavam o cascalho e encontram no fundo da bacia a mesma serie de satellites que existem na Chapada Diamantina, com excepção dos seixos rolados, que são substituidos por cascalho arenoso.

A mina tem produzido, até 1890, cerca de 54,000 oitavas de diamante, mas, desde 1886 tem diminuido o numero de garimpeiros e a èxtracção, e tambem nada consta dos resultados obtidos pela companhia franceza, estabelecida no Salobro.

Não se encontrou nessa mina carbonatos.

O cascalho encontra-se em um profundidade de um a dous metros, e tem por base a piçarra, sendo esta superposta ao grés, pedras de lage.

Por ora não se tentou explorar os leitos dos rios e dos corregos visinhos, mas é possivel que appareçam novas jazidas, ao longo das margens do rio Pardo.

Em 1883, correu um boato que o capitão Peixoto, estabelecido em S. Felix, tinha descoberto, perto

dessa cidade, na margem do rio Paraguassú, uma jazida de diamantes.

Em pouco tempo acharam-se reunidos milhares de homens, dentro de uma derrubada de matta virgem, á cata desse precioso mineral.

A serra do Sincorá é a unica jazida de diamantes do mundo que possue o carbonato, e que vale tanto como o proprio diamante.

Ha cerca de 30 annos uma oitava de carbonato custava apenas 1$280 rs., e servia unicamente, reduzido a pó, para limpar fina ferragem.

Hoje applica-se o carbonato para a lapidação dos diamantes, para cortar e furar rochas e para outros muitos misteres, e tem constantemente grande procura, com preços muito elevados, que regulam actualmente mais de dois contos de réis por cada oitava.

Consta-me de fonte certa, que a exportação mensal importa em cerca de mil oitavas, é porém impossivel calcular mesmo approximadamente a grande quantidade desses valiosos crystaes pretos, e os grandes valores que jazem sepultados, misturados nos enormes depositos de cascalho, terras, e pedras, extrahidas durante mais de 40 annos, dos depositos e da séde do minerio bruto.

O carbonato tem a rigidez do diamante, sem a transparencia, o brilho e a crystallisação; elle é em geral redondo, mas tambem ás vezes achatado, assemelhando-se pela côr ao ferro magnetite;—o commercio prefere pedras pequenas de um até o maximo de oito quilates, ao passo que pedras grandes acham com difficuldade compradores.

Desde o tempo dos gregos e dos romanos é conhecido o diamante da India, que foi descoberto no rio Mahana e em Golconda, donde o recebeu o commercio da Europa.

Durante muitos seculos deram essas minas milhares de oitavas, que foram vendidas por altos preços, até á descoberta dos diamantes do Brazil; desta epocha em diante diminuiram extraordinaria-

mente a extracção e a exportação para os mercados europeus.

Na Chapada Diamantina e em outros pontos do centro apparecem chrisolitas, aguas marinhas, o beryllo, as turmalinas pretas e verdes, granadas de todas as qualidades, topazios e amethistas.

Ha 60 annos todas essas pedras eram exploradas e davam logar a um commercio importante; hoje estão todas abandonadas, excepto a amethista, que existe em grande quantidade na comarca de Caetité, e sendo escolhida, alcança bom preço.

Ainda não se descobriram perolas, rubins, esmeraldas, turquezas e saphiras.

—

Nos tempos antigos era tão caro o diamante, que só as testas coroadas, os grandes principes, os ricos e magnatas podiam compral-o, mas, quando foram em 1729 descobertas as jazidas de Minas Geraes, julgou-se que essas pedras, que tinham alto preço pela sua raridade, não valeriam mais nada.

Essa descoberta produziu no seu tempo um grande panico, que fez baixarem os preços 50 a 60 %, sendo peior e mais duradora a crise de 1844, depois da descoberta das minas da Bahia.

A principal causa da baixa dos preços, e que durou muitos annos, foi a crença de que as novas jazidas produziriam muito mais do que o consummo, e os boatos que correram de que os diamantes appareciam tão numerosos quanto o quartz commum.

Não sabiam que, v. g., para estrahir na India um metro do cascalho, que muitas vezes não contém um unico diamante, precisa-se remover, e ás vezes com grandes difficuldades, cerca de 100 metros de terra e pedras, e que no Brazil, para extrahir o cascalho, desviam com grande dispendio o curso dos rios, gastando muito dinheiro e muito trabalho, e muitas vezes encontram apenas poucos diamantes, e ás vezes até cascalho completamente esteril; com uma ou outra pedrinha, de pouco valor.

Quando se descobriram as jazidas do Cabo, houve nova crise no commercio dos diamantes, e isso se repetirá muito naturalmente, todas as vezes que forem descobertas novas jazidas.

Diversas descobertas de novos depositos de diamantes, durante os ultimos annos, demonstrão que ainda não são conhecidas todas as minas que existem nos terrenos do centro do Estado da Bahia; e a prova é a descoberta, ultimamente feita na fazenda do Campo Grande (em Itapicurú) e no poço do *Trapiá*, de ouro e de diamantes, pelo tropeiro Velho Chrispim, antigo faiscador na Chapada diamantina.

No começo das pesquizas achou-se só ouro, e dizem que em curto temp o havia-se tirado 400 a 500 oitavas d'esse precioso metal, e continuando esse trabalho forão descobertos diversos diamantes, pezando os meno res um grão e meio e o maior 21 grãos.

Agradeço essas informações ao Snr. C. Fontoura que desde muitos annos dedica-se a pesquizas mineralogicas.

Pelo que dizem, é muito abundante o ouro nas terras da fazenda Campo Grande.

Ha cerca de 18 annos descobriu-se no Salobro, em um logar deserto, quasi á flor da terra, diamantes, e agora produziu-se o mesmo phenomeno nas terras da fazenda Campo Grande, e no poço do Trapiá.

Quem sabe quantos depositos d'esses ricos crystaes se achão ainda occultos em terras desconhecidas, á espera d'um feliz pionnier?

Bahia, Fevereiro de 1899.

Henrique Praguer.

A BAHIA DE TODOS OS SANTOS

POR

SIMÃO DE VASCONCELLOS (*)

«A formosa e espaçosa Bahia de Todos os Santos é assim chamada, ou porque parece um paraiso onde habitam todos os santos, ou porque parece que todos os santos do paraiso influem nella alguma parte de suas qualidades.

E na verdade, não sei eu se haverá em todo o descoberto paragem mais accommodada para o commercio e habitação humana, que esta da Bahia e seus arredores (que tudo entra na Bahia), nem será facil descrevel-a eu como é.

Quanto ao mar, é a Bahia uma capacidade de aguas de muitas leguas (dão-lhe alguns doze de diametro com seus braços mais grossos, e por conseguinte de circumferencia trinta e seis).

E' estancia fiel para navios, abrigada dos ventos e tempestades do Oceano, dentro de uma barra de duas leguas de largura (o que é limpo, fundo e navegavel, entrada segura de galeões e naus da India, sufficiente para todas as armadas do mundo, entresachada de aprazíveis ilhas, umas grandes, outras pequenas, e tantas em numero, que se affirma passam de cento da barra para dentro, pela maior parte enriquecidas de fazendas dos moradores, formosas, com graciosa variedade, em brancas praias, toscos penedos, verdes arredores, boqueirões, en-

(*) Insigne chronista da Gompanhia de Jesus no Estado do Brazil.

tradas e saidas que fazem bahias differentes, e enganam facilmente a vista umas com outras, dos que não tem experiencia. Está cercada quasi em contorno de terra firme, de cujo sertão vem a pagar tributo grandes rios: o da Praia, Matuim, Pernamerim, Seregipe, Paraguaçù, Jaguaripe, e outros que nascem destes, ainda que menores, não menos apraziveis, e todos elles navegaveis. Veem-se hoje todas estas bahias e margens de rios cercadas das ricas lavoiras da doce planta, canaviaes, já verdes, já loiros, quasi innumeraveis.

Porém o que mais admira e faz todo este reconcavo mais poveitoso, é a providencia particular com que a natureza deu portos e commercio a todas estas lavoiras e fazendas, ajuntando a qualquer destes rios maiores, uma plebe numerosa de riachos e esteiros que mettem pela terra; de maneira que até a partes muito distantes e situadas no coração della, foram buscar, como de proposito, estes riachos, todos navegaveis, para lhes darem porto e saida com tão alegre confusão, que se não pode facilmente julgar se está aqui a terra no mar, se o mar na terra. Avultam entre todas as grandes fazendas os engenhos de assucar, machinas lustrosas, porque contém grandes officinas e grandiosas casarias de egrejas, moradas dos senhores, vigarios, lavradores, officiaes, serventes, e escravos. E vem a ser estes engenhos em numero, quando isto escrevemos (1662), sessenta e nove, que representam outras tantas villas, e fazem aquelles arredores sobre maneira nobres e apraziveis.

E' notavel a facilidade do trato, commercio e serventia de todos estes moradores. São vistas aquellas bahias, rios, portos boqueirões, entradas e saidas, continuamente cheios de velas, quaes grandes quaes pequenas, todas sem conto; os arrais brancos, os marinheiros pretos, fazem todo o serviço; escusam carros e cavalgaduras, e vem a fazer o commercio não só muito facil e abreviado, mas proveitoso e alegre. A faltar esta grande facilidade de meneio

não vejo eu como fôra possivel desembocarem todos os annos desta Bahia para o reino de Portugal tantos milhares de caixas de assucar, que enchem grandiosas frotas de tanta quantidade de náus, como vemos, de toda a doçura e todo o riso do rei e do reino

As aguas deste grande lagamar, ou pequeno Oceano, da barra para dentro, parecem de crystal. Da náu mais alongada da praia experimentei, que olhando para o fundo das areias, vi nelle os seixos e as conchas branquejando a modo de pedaços de prata. As margens e ribeiras de rios, de ordinario, estão galanteadas da verdura dos mangues, mui engraçados, não só por verdes, mas por aquellas singulares laçadas com que a natureza vigorosa os enredou, porque do mais alto de seus braços lançam vergonteas a beber nas aguas, e nestas, como luxuriando, dos braços fazem pés, arreigam no fundo, criam raizes e tornam a brotar para o alto troncos diversos e diversos ramos. Não dão estas arvores fructo algum: recompensam, porém, a falta delle com varios préstimos em proveito maior dos moradores; porque aquelles braços que dissemos lançam do alto a prender outra vez nas aguas, formam cada um cinco ou seis raizes antes que cheguem á vara, as quaes naquelle espaço que lhes chegou a agua das marés, se cobrem com tanta quantidade de ostras, umas sobre outras, que talvez é bastante um só pé destes para encher um cesto. Debaixo destas mesmas raizes se cria tanta cópia de carangueijos, que sendo muitos milhares os moradores, principalmente serventes e escravos, a todos dão pasto quotidiano e gostoso só os que andam pelas margens dos rios. Com a folha destas arvores, pisada, se fazem os curtumes de toda a coirama do Brazil, muito mais brevemente que com o sumagre de Portugal; e com a casca pizada se dá a tinta vermelha e engraçada que tem os mesmos coiros. Dos seus troncos se fazem as melhores e mais incorruptiveis madeiras para todos os altos das casas, como são caibros,

enchimentos e pilares, e vem a ser esta arvore infructifera a de maiores prestimos.

De pescado é toda esta margem de mar e rios abundantissima; suas especies são innumeraveis, gostoso todo e sadio; nem é menor a cópia de generos de marisco, regalo de ricos e fartura de gente ordinaria.

A terra é um pintado mappa, sempre verde e sempre alegre, porque conservam todo o anno a folha os seus arvoredos. Na compostura da natuzeza, bem assombrada, levantada em oiteiros, estendida em campinas, povoada de bosques, abundante de pastos, retalhada de rios, fecunda de fontes, sempre a mesma, sempre vária; donde nasce que é innumeravel o gado, e todo o genero de criação abundantissimo.

O torrão de ordinario é fino, maçapé, feraz e vigoroso, não só das coisas naturaes, mas das do reino. Na fructa de espinho não dá vantagem á melhor da Europa; as parreiras todos os mezes sairiam com fructo, se todos os mezes foram podadas e beneficiadas.

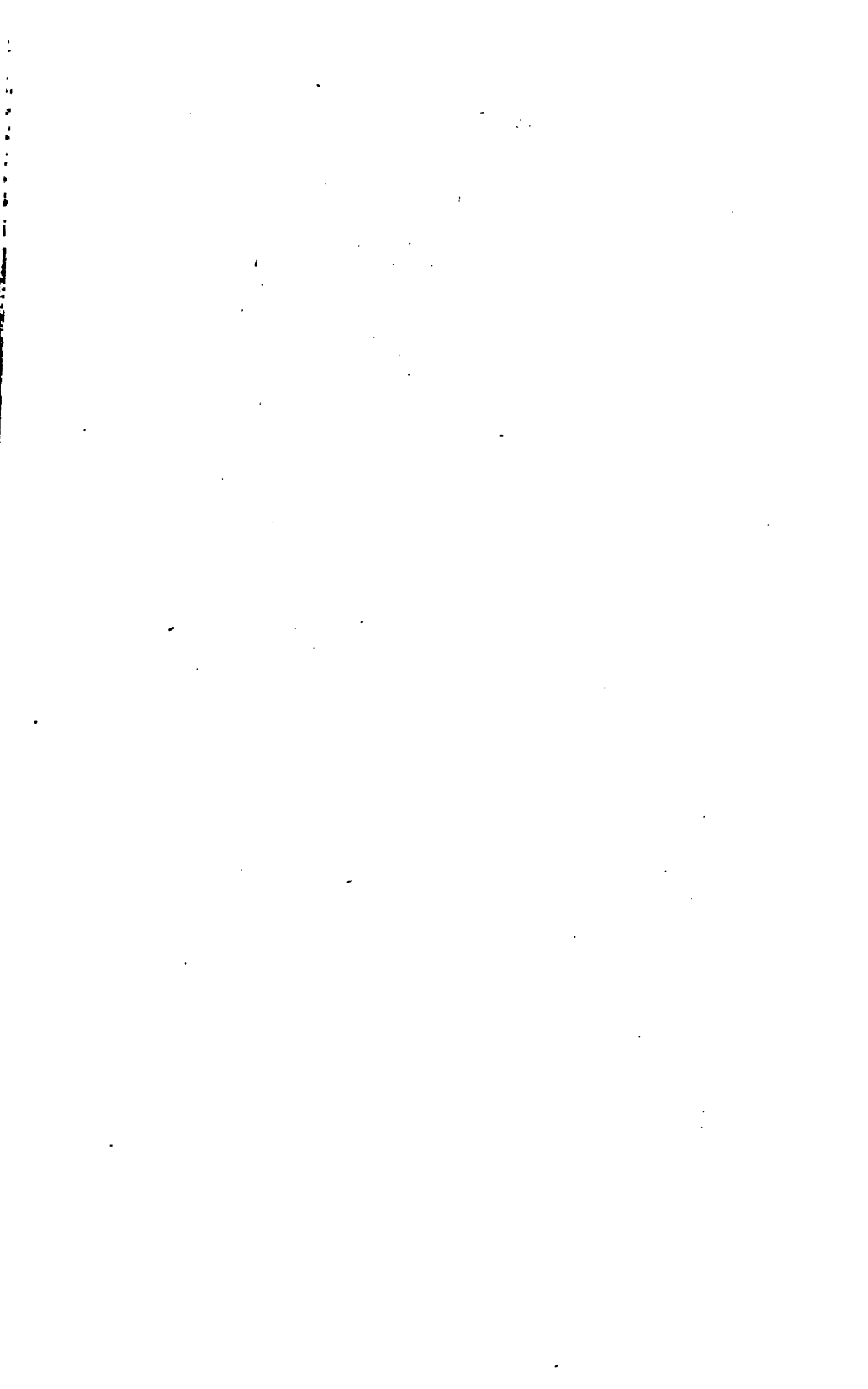
O sitio principal desta paragem é o daquella parte junto á barra, onde hoje avulta a cidade, prominente a toda a bahia, e donde a um volver d'olhos se estão vendo juntamente aquellas aguas, ilhas, praias, penedos, verdura, boqueirões, entradas e saidas, e as embarcações innumeraveis que acima dissemos. E' uma das vistas que no mundo se gabam.

Os moradores nativos da terra, por natureza são liberaes, engenhosos, magnanimos e dadivosos. Seria coisa grande descer ao particular, quer de esmolas, quer de donativos gratuitos. Homem houve que dispendeu graciosamente quantia de fazenda com que poderam enriquecer quatro. Ainda vivem successores seus, que seguem a liberalidade do pae. Occasião vi, em que tirando-se uma esmola para principio de uma obra pia, se ajuntaram só na cidade trinta e dois mil cruzados; outra houve em que se ajuntaran pela cidade e reconcavo, para a fabrica

de um templo, sessenta mil cruzados, dando um só morador trinta, em agradecimento dos quaes se lhe fez escriptura da fundação da capella-mór.

A região do ar é conhecidamente vital, um quasi segundo paraiso, uma perpetua primavera, onde raramente se sente excesso de frio ou de calma, d'onde andam desterradas as pestes e ramos della, as doenças contagiosas; e sem esta injuria dos climas morrem os homens por seus cabaes, cheios de dias e de annos. Está na altura de 13 graus e meio entre a linha e o tropico austral; comtudo zombam seus naturaes da doutrina dos antigos philosophos, que tinham para si que era inhabitavel esta parte do mundo, que não tinha ceo, que carecia de antipodas, e outros sonhos contrarios do que nos mostra a experiencia. Faltava só que fosse tambem melhor o ceo desta parte, e não será temeridade affirmal-o, segundo a doutrina que temos assentado no livro segundo das *Curiosidades do Brasil.* Parece, na verdade, se poz a natureza a formar esta parte do mundo quando estava com a mão mais folgada, como lá disse Plinio da sua Campania.

. . . .

O primeiro descobridor da Bahia foi Christovão Jacques, fidalgo da casa real, aquelle de quem dissemos já no livro primeiro das *Coisas do Brasil*, que andando descobrindo e demarcando os portos desta costa, veio dar com esta bahia, até então encoberta, e entrando nella, por sua formosura como de paraiso, lhe poz o nome de Bahia de Todos os Santos. E indo correndo seus reconcavos, num a que chamam Paraguaçú, achou duas náus de francezes fazendo resgate com os indios, as quaes, pondo-se ellas em resistencia, e não querendo largar o posto que lhes não pertencia, por ser conquista do rei de Portugal, metteu no fundo com gente e fazenda—que assim obravam os capitães d'aquelle tempo em coisas do serviço de seu rei.»

Noticia sobre a descoberta

DAS

Lavras Diamantinas na Bahia

Até o anno de 1838, não se havia descoberto em nosso Estado o diamante, que já era bem conhecido em Minas-Geraes.

Em fins de 1839, um explorador atilado, cujo nome não conseguimos saber, mas que nos dizem ter sido um mineiro, descobriu no logar denominabo «Tamanduá», distante onze legoas do Gentio do Ouro, alguns diamantes e fez attrahir para aquelle logar algumas pessoas para explorarem esse minerio.

A noticia do apparecimento dessa lavra de diamante correu em pouco tempo até Minas, donde vieram alguns garimpeiros e puzeram-se em explorações, obtendo alguns resultados satisfactorios.

Em 1841 alguns d'esses garimpeiros descobriram as Lavras de Santo-Ignacio, que foi o garimpo principal e para onde affluiram uma enormidade de garimpeiros, pois que alli encontrava-se com facilidade o diamante; descobrindo-se mais os importantes garimpos «Pintor grande e Pintor pequeno» que ainda hoje dão uma idéa do que foram em sua descoberta, assim como o das *Aroeiras* tão fallado em Minas e o «Cumbão» que deu boas pedras.

Em todos esses garimpos reuniram-se gentes de todas as partes e especialmente de Minas, donde vieram famosos garimpeiros, que ensinaram aos nossos patricios os processos admittidos em Minas para a mineração do diamante, fazendo-se applicações de bateias, carumbès, e frincheiras etc.

A esse tempo estava tudo subordinado á Resolução de 1832, que fixou a extenção dos lotes e favoreceu a concessão de certo numero de metros de terrenos, mediante o pagamento que era estipulado, mas diante das riquezas apparecid as em Santo Ignacio, aquillo tornou-se um cahos e alli só se cuidava de arranjar fortuna, sendo obrigado o governo de então a mandar para aquelle logar o alferes Portella, destacado com algumas praças, afim de prohibir a mineração e prender aquelles que desrespeitassem as ordens do governo, vindo residir o mesmo alferes em Santo Ignacio.

Grande panico causou aos garimpeiros a chegada d'aquella autoridade e tendo a maior parte dos garimpeiros seguido para os garimpos do Pintor grande e Pequeno, para alli se dirigiu o alferes com suas praças e fez effectiva a prohibição aos garimpeiros, prendendo alguns delles, dos quaes uns escaparam do poder dos soldados.

Occasiões houve de prisioneiros engulirem os diamantes, outros de atirarem o que haviam extrahido aos mattos e outros ficavam sem os diamantes que eram tomados pelos soldados.

Apezar da energia do alferes, comtudo os garimpeiros davam alli e acolá, e sempre encontravam o diamante, que depois da chegada do alferes era mais conhecido pelo nome de—*mocó*— em virtude de haver n'aquellas serras muitos desses animaesinhos, e era esse o meio do capangueiro saber

do garimpeiro se tinha algum diamante para vender.

Dentre esses garimpos sobresahiu tambem o conhecido por *São João*, onde até hoje encontra-se diamantes e carbonatos.

Consta-nos que um dos primeiros diamantes de Santo Ignacio foi vendido ao Sr. Fertin, já fallecido.

Em 1842 foi descoberto o garimpo da Chapada-Velha por uma parentéla de nome—Gróta— que fizeram explorações e tiraram muitos diamantes, tornando-se essas lavras muito frequentadas em pouco tempo, constituindo-se alli um commercio que mais tarde tomou melhores proporções.

Por essas minas appareceu um homem laborioso e activo, que a esse tempo morava na Fazenda «Cascavel», hoje termo de S. João de Paraguassú, e que acostumado a minerar em Chapada Velha e tendo de fazer uma viagem ás mattas do Andarahy, onde apenas havia um ou outro lavrador de mandioca, com o consentimento do Coronel Reginaldo Landulpho, dono das terras, notou ao passar por alguns dos corregos de Santa Izabel do Paraguassú, uma semelhança entre os cascalhos que elle havia lavado em Chapada Velha e que lhe havia dado a sorte de uma pedra de uma oitava ou 4 grammas de pezo, e dispoz-se a fazer algumas experiencias n'esse logar; e de volta de sua casa, convidou a um seu filho para lhe acompanhar e bem assim dois camarados seus.

Esse homem chamava-se José Pereira do Prado.

Installados todos no logar onde José do Prado havia encontrado os cascalhos, puzeramse em serviço, mas de todo infructifero por essa vez, pelo que Prado voltou com seu companheiro para o Cascavel, não desanimado, pois encontrou nos cascalhos algumas informações, que lhe asse-

guravão haver alli diamantes, e escrevendo ao seu afilhado Pedro Antonio da Cruz, que se achava na Chapada Velha, para vir até o Cascavel, este não podendo vir pelo seu estado de doença mandou-lhe um seu parente de nome Christiano Pereira do Nascimento, que já sabia lavar cascalhos, e então seguiram todos os companheiros com Christiano e fizeram nova tentativa em um canal que corta a cidade de S. João do Paraguassú de norte a sul, onde Christiano apanhou 2 diamantes na 1.ª lavagem que fez, pesando um d'elles, um tostão de pezo, que deve regular hoje 11 grãos, e o outro, 2 vintens de pezo ou 5 grãos, diamantes lindos e de boa qualidade.

Com essa experiencia obtida pelo Sr. Prado, conhecido mais por Casusinha do Prado, voltou elle de novo para o Cascavel, e no dia 26 de Julho de 1844 seguiu para a sua descoberta com os seguintes companheiros: Pedro Antonio da Cruz, Pedro Nery do Prado, Joaquim Manoel do Prado, Claudino de Novaes, Francisco José de Novaes, Cyrino Pereira do Prado, Octavio de tal, Antonio Azulejo, Manoel Trombeta, Estevão de tal, Jacintho de tal, Joaquim Gomes, e Christiano Pereira do Nascimento, ao todo 14 pessoas, trazendo elles a carne de uma novilha gorda para a provisão por algum tempo; e todos elles reunidos começaram os trabalhos no mesmo canal onde havião encontrado os 2 diamantes.

Esses trabalhos foram coroados pela quantidade de diamantes que elles tiraram, sendo um dos mais felizes o de nome Pedro Antonio da Cruz, que tirou logo 6 oitavas de diamantes grossos, que o fez ir á Chapada Velha para vendel-os, e alli chegando e apresentando a partida a um capangueiro, foi immediatamente denunciado por

este, como assassino de algum capangueiro da Provincia de Minas que seguia para a Bahia, pelo que foi elle obrigado a descobrir o segredo e ensinar o logar onde havião installado o garimpo que havia produzido aquelle barulho em Chapada Velha, afim evitar qualquer suspeita a seu respeito e maiores vexames; notando todos os garimpeiros uma superioridade extraordinaria entre esses diamantes e os de Chapada Velha, e cuja partida Pedro da Cruz vendeu ao Major Symphronio, importante capangueiro d'aquelle tempo, e que mais tarde foi assassinado em Santa Izabel, a 6$500 a oitava de 32 vintens quando não se apurava em pezos!

A noticia dos diamantes apparecidos em Santa Izabel do Paraguassú, e vendidos em Chapada Velha, fez affluir para o *canal* já conhecido uma grande quantidade de garimpeiros, ficando por todo mez de Septembro d'aquelle anno descobertas as Lavras de Santa Izabel, levantando-se toldos por toda a parte e iniciando-se muitos trabalhos, descobrindo-se muitos diamantes; e em pouco tempo, fazia-se alli um bom commercio de diamantes e generos de primeira necessidade.

D'ahi a tempos tratava-se da edificação de casas, sendo a melhor a do Coronel Francisco da Rocha Medrado, que a cobriu de zinco ou de folhas de Flandres.

O commercio tornou-se tão importante depois, que chegou a attrahir para alli homens importantes e de fortuna e até estrangeiros que vinham admirar as nossas lavras, já tão falladas em tão pouco tempo na Europa.

De todos os descobridores das Lavras Diamantinas (Santa Izabel), apenas vive o velho Pedro Antonio da Cruz, com 81 annos, residente no

Capão Grande, termo das Palmeiras, Comarca das Lavras, e onde vive de um pequeno negocio que tem, e do rendimento de uma chacara de café.

Essas informações, importantes para a nossa historia, nos foram dadas por elle e são verdadeiras, pois que muito nos merece aquelle ancião, cuja vida sem mancha é conhecida por todos os cidadãos importantes das Lavras e todos o sabem acatar e respeitar.

Posteriormente foram descobertas as Lavras de Andarahy, Chique-chique, Lençóes e Palmeiras que eram mattas virgens. Com as descobertas de tantos terrenos diamantinos que já eram do dominio do Governo pela lei de 24 de Dezembro de 1734 e Resoluções Legislativas de 25 de Outubro de 1832, art. 9, e n. 374 de 24 de Septembro de 1845, foi-se procurando facilitar os meios de mineração, creando-se administrações diamantinas, e em 1875 tivemos o Decreto n. 5.955 de 23 de Junho que deu-nos o Regulamento pelo qual ainda hoje nos regemos, apezar de pertencerem as minas ao nosso Estado e cuja arrecadação se faz pelas Collectorias das sédes das administrações.

Estamos certos que os nossos legisladores não se esquecerão de dar-nos uma reforma sobre as bazes mais largas possiveis, facilitando todo o meio de acquisições de terrenos para a mineração, sob preços rasoaveis, tornando-se assim mais importante essa fonte de renda Estadual.

Bahia, Março de 1899.

G. A. Pereira.

APONTAMENTOS HISTORICOS

SOBRE O ANTIGO

INSTITUTO BAHIANO

(CONTINUAÇÃO)

ANNO DE 1867

No *Jornal da Bahia* de 27 de Abril encontra-se o seguinte convite firmado pelo 1º secretario:

«Sendo a ultima sessão do anno social do Instituto em 28 do corrente, havendo muitos e urgentes negocios a tratarem-se, mormente ácerca de não pequena correspondencia e diversos escriptos remettidos ao Instituto de diversas provincias; são convidados os dignos membros d'essa sociedade para a sessão annunciada que terá logar á 1 hora da tarde, no Paço Archiepiscopal. O Secretario, *Correia Garcia*».

Nada consta sobre a sessão d'esse dia.

—

No dia 16 de Junho teve logar a sessão magna, e o Jornal de 20 dá a seguinte noticia:

«No domingo 16 do corrente houve a sessão inaugural do Instituto, a mais importante associação que se tem estabelecido aqui. Fundado o Instituto em 3 de Maio de 1856, tem vivido 11 annos, vida modesta sim, progressiva, graças a esses poucos caracteres que amam a patria, como as lettras e a gloria, que disto resulta.

Achando-se doente o Exm. presidente dessa associação e fóra da capital o seu 1º vice-presidente,

foi a sessão presidida pelo 2º, o Dr. Pedro da Costa e Abreu, cujo discurso inaugural daremos no proximo numero e bem assim o elogio historico de diversos membros do Instituto que falleceram durante o anno pelo orador dessa sociedade o Dr. Virgilio Damasio. Dando essa succinta noticia, é-nos grato render profalças a esses cidadãos que têm sustentado essa sociedade por esse não pequeno espaço de tempo e da qual a Bahia tanto espera».

—

Annunciada outra sessão para o dia 23 de Junho para a eleição dos novos funccionarios durante o anno social de 1867 a 1868, por causa do mau tempo não foi possivel ter logar, sendo convocada outra para o dia 30 do mesmo mez.

———

Discurso do presidente Dr. Pedro da Costa e Abreu

Senhores do Instituto Historico. — Cumprindo o dever, que me impõe o artigo 9 § 1º. do Regimento Interno na falta do virtuoso e sabio Prelado, que dirige os destinos da Egreja Brasileira, digno presidente desta sociedade, e na ausencia do Dr. Francisco José da Rocha, seu 1º. vice-presidente, annuncio-vos o undecimo anniversario do Instituto Historico da Bahia, que hoje, em sessão magna se commemora.

A existencia do uma sociedade de lettras assignala progresso no mundo moral. Temos caminhado.

Escrever, senhores, a historia desta Provincia e a biographia de seus homens notaveis, marca o fim, a que se destina esta sociedade.

Realisar, pois, o grandioso pensamento, que presidiu a creação do Instituto Historico, pondo em relevo o monumento gigante das glorias patrias,

traçando em caracteres indeleveis a vida e os costumes deste povo, seus progressos na marcha da civilisação, os grandes feitos e as acções magnanimas de seus heroes, é a tarefa ardua, que nos cabe e o sacrificio a que tem direito o paiz de exigir de nós.

Trabalhemos, senhores, que teremos a palma de tantos esforços, que hemos a vencer, na gratidão sincera dos vindouros.

Meu espirito, porém, neste momento se confrange ao golpe do profundo sentimento de magoa ao registrar a esterilidade do anno social, que findou; o Instituto Historico, que tem já prestado relevantes serviços ao paiz, marchou neste anno tibio, deixando pouca restia de luz em sua passagem.

Triste verdade!

O egoismo de uns, o septicismo de outros e a indifferença de muitos, parece ter destruido o germen fecundo de dedicação ao estudo, e ao trabalho, e atrophiado o sentimento nobre do amor de gloria, e crestando os ramos frondosos da arvore do patriotismo, que brota espontanea no solo abençoado da terra de Santa Cruz e tem um culto em nossos corações.

Não desanimemos, senhores: recuar seria um crime; tenhamos fé e perseverança, que conseguiremos formar o edificio que tentamos erigir em honra da Patria, e elle soberbo e magestoso affrontará as iras do tempo.

Está aberta a sessão.

Os jornaes de 26, 27 e 30 de Julho trazem em sua integra o elogio historico dos socios fallecidos, proferido pelo orador do Instituto Dr. Virgilio Damasio, a saber: correspondentes cons. brigadeiro Antonio Manuel de Mello, fallecido em Corrientes a 8 de Março de 1866; (visconde de Uruguay,)

mendações das Côrtes nos ultimos officios reçebidos: 3· pelo tempo que insta em que se fuja o chegar á Côrte de Portugal no coração do inverno: 4· porque ainda que os Eleitores da Comarca da Jacobina fiquem sem voto, soffrem nisso a pena da sua escandalosa demora para a qual só elles tinham concorrido, sem que possa atinar-se com o motivo: 5• que havendo-se a Provincia das Alagoas constitucionalisado ha pouquissimo tempo não devem partir antes os seus Deputados sem quebra do capricho desta Provincia, a primeira que no Brazil proclamou a Constituição: 6· pelo incommodo que têm soffrido os Eleitores das outras Comarcas aqui detidos que necessitam regressar aos seus casaes: 7· finalmente para aproveitar a Charrua armada em guerra que pode comboiar o navio, que conduzir os Deputados, circunstancia mui attendivel em tempo que se achão os mares coalhados de Corsarios: e sendo presentes os vinte e quatro Eleitores constantes da lista, que abaixo vai por mim escripta, pertencentes as Camaras desta Cidade de Sergipe d'El Rei, de Ilheos, e de Porto Seguro, e o Chanceller acima mencionado substituido logo por ter recahido a eleição de Presidente no dito Excellentissimo Deão pela pluralidade dos votos, que foram corridos; e com este immediatamente se procedeu nas eleições de hum Secretario, e dois Escrutinadores tirados dentre os mesmos Eleitores, e corridos os votos, e apurados ficárão eleitos para Secretario o Capitão-Mór Francisco Elesbão Pires de Carvalho e Albuquerque, e para Escrutinadores os Excellentissimos Paulo José de Mello Azevedo e Brito e Francisco Antonio Filgueiras á pluralidade dos votos, e aos mesmos logo apresentavam os seus Diplomas os demais Eleitores, para serem examinados, nomeando-se huma Comissão de tres Eleitores, que pela acclamação sahirão eleitos o Marechal Luiz Paulino de Oliveira Pinto da França, os Desembargadores Francisco Carneiro de Campos e Antonio Augusto da Silva, e a estes entregárão

aquelles os respectivos Diplomas para o fim de serem examinados, e no dia seguinte por todos informados sobre a legitimidade dos mesmos: e logo depois se procedeo nas leituras dos quatro capitulos da Constituição relativos ás eleições, e bem assim das certidões das Actas das eleições das Comarcas remettidas pelos respectivos Presidentes: tudo da conformidade das Instrucções e ordens da Excellentissima Junta Provisional do Governo.

E por esta forma se houve esta Sessão por finda ficando addiada a mesma para o dia seguinte de amanhã. E por constar se fez este auto que eu Francisco Elesbão Pires de Carvalho e Albuquerque, Secretario da Junta Eleitoral desta Provincia a escrevi e assignei com os Excellentissimos Presidente e dous Escrutinadores.—*José Fernandes da Silva Freire.---Francisco Elesbão Pires de Carvalho e Albuquerque Secretario Paulo José de Mello Azevedo e Brito, Escrutinador, Franscisco Antonio Filgueiras, Escrutinador.*

LISTA DOS ELEITORES

COMARCA DA CIDADE DA BAHIA

O Exmo. e Rmo. Deão José Fernandes da Silva Freire.
O Exmo. Paulo José de Mello Azevedo e Brito.
O Exmo. Francisco Antonio Filgueiras.
O Capitão Mór Francisco Elesbão Pires de Carvalho e Albuquerque.
O Doutor Francisco Vicente Vianna.
O Desembargador Francisco Carneiro de Campos.
Alexandre Gomes Ferrão Castel-Branco.
O Doutor Cypriano José Barata de Almeida.
O Rdo. Vigario Marcos Antonio de Souza.
João Ladisláo de Figueiredo Mello.
O Desembargador Antonio Augusto da Silva.
Luiz Antonio Vianna.
O Marechal Luiz Paulino de Oliveira Pinto da França.

O Doutor Domingos Borges de Barros.
O Desembargador Antonio José Duarte de Araujo Gondim.

COMARCA DE SERGIPE D'EL REI

O Rdo. Vigario Caetano da Silva da Natividade.
O Rdo. Vigario Antonio José Gonçalves de Figueiredo.
O Capitão Mór Henrique Luiz de Araujo Maciel.
O Tenente Coronel José Rodrigues Dantas e Mello
O Tenente coronel Manuel Rollemberg de Azevedo Acciaivoli.
O Coronel José de Barros Pimentel.

COMARCA DOS ILHÈOS

O Rdo. Domingos Antunes Brun.
O Rdo. José Francisco de Paços.

COMARCA DE PORTO SEGURO

O Rdo. José Simplicio Ferreira.

SEGUNDA ACTA

Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e vinte um. Aos trez dias do mez de Septembro, n'esta Cidade do Salvador Bahia de todos os Santos, capital d'esta Provincia da Bahia, e casas da camara d'ella e a portas abertas, aonde se achavam reunidos o Excellentissimo Deão José Fernandes da Silva Freire, Presidente d'esta Junta Eleitoral de Provincia, commigo Secretario da mesma junta Francisco Elesbão Pires de Carvalho e Albuquerque, e os dous Escrutinadores os Excellentissimos Paulo José de Mello Azevedo e Britto, e Francisco Antonio Filgueiras e os tres Eleitores Marechal Luiz Paulino de Oliveira Pinto da França, Desembargadores Antonio Augusto da Silva e Francisco Carneiro de Campos, da commissão nomeada para o exame dos Certificados das eleições dos Eleitores que compõe a Meza da dita junta e bem assim os

demais Eleitores das quatro comarcas d'esta cidade da Bahia, Sergipe d'El-Rei, Ilhéos, Porto Seguro abaixo assignados, os quaes pela chamada se acharam presentes todos os 24 para effeito de se proceder á eleição dos 8 deputados e 3 supplentes, que com relação ás ditas comarcas devem por parte d'esta Provincia concorrer ás Côrtes Geraes Extraordinarias, e Constituintes da Nação Portugueza na capital de Lisboa, ficando reservada a Comarca da Jacobina para de per si fazer a nomeação do Deputado, que corresponde áquella Comarca, considerando-se para este effeito somonte com a capital de Provincia na conformidade do § 3· do Dec. das mesmas Côrtes de 18 de Abril de 1821, vista a maior distancia de 80 leguas, em que se acha d'esta Cidade, e a grande demora, que tem havido na chegada dos seus Eleitores desde o dia 8 de Julho, marcado para a reunião de todos nesta capital; e logo por mim Secretario, e ditos Escrutinadores foi declarado acharem-se legalisados os poderes e Cartas de suas nomeações, e da mesma fórma foi declarado pelos tres Membros da Commissão nomeados para o exame dos Certificados apresentados pelo dito Presidente, por mim Secretario, e os dous Escrutinadores, e depois de assistirem á Missa solemne do Divino Espirito Santo celebrada na Igreja do Collegio, que serve de Cathedral, e de feitas as perguntas pelo Presidente sobre si havia suborno, ou conloio, para que o denunciassem, e não haver queixa alguma, se procedeu á eleição dos 8 Deputados e 3 Supplentes, huma depois de outra, e na fórma determinada nas Instrucções; e corridos os votos e apurados sahiram eleitos para Deputados de Côrtes com a pluralidade absoluta de votos, a saber — o Senhor Padre Francisco Agostinho Gomes com a de 20 votos;—o Senhor Doutor José Lino Coitinho com a de 21;—o Senhor Bacharel Cypriano José Barata de Almeida com a de 16;—o Senhor Doutor Domingos Borges de Barros com a de 19; o Senhor Marechal de Campo Luiz Paulino de Oliveira

Pinto da França com a de 19;—o Senhor Alexandre Gomes Ferrão Castel-Branco com a de 18;—o o Senhor Reverendo Vigario Marcos Antonio de Souza com a de 18; e pela mesma forma foram nomeados os tres Deputados Supplentes, e com pluralidade de votos sahiram eleitos—o Senhor Doutor Christovão Pedro de Moraes Sarmento com a de 23 votos;—o Senhor Doutor Ignacio Francisco Silveira da Motta com a de 20:—e o Senhor Doutor Francisco Elias Rodrigues da Silveira com a de 23, cujas eleições foram logo publicadas, em alta voz huma a huma pelo dito presidente.

E por esta fórma se houveram por feitas e concluidas as sobreditas eleições dos referidos Deputados; e para constar lavrei este auto, que assignaram o dito Presidente, Escrutinadores, e mais Eleitores commigo Secretario que o escrevi.

José Fernandes da Silva Freire, Presidente. — *Francisco Elesbão Pires de Carvalho e Albuquerque*, Secretario. --*Paulo José de Mello Azevedo e Britto*, Escrutinador. —*Francisco Antonio Filgueiras*, Escrutinador. — *Francisco Vicente Vianna.* — *Francisco Carneiro de Campos.* —*Alexandre Gomes Ferrão Castel-Branco.*—*Cypriano José Barata de Almeida. Marcos Antonio de Souza.*—*João Ladislao de Figueiredo e Mello.* — *Antonio Augusto da Silva.*— *Luiz Antonio Vianna.* — *Luiz Paulino de Oliveira Pinto da França.*—*Domingos Borges de Barros.*— *Antonio José Duarte de Araujo Gondim.*—*Caetano da Silva da Natividade.* —*Antonio José Gonçalves de Figueiredo.* — *Henrique Luiz de Araujo Maciel.*— *Manoel Rollemberg Acciaivoli.* — *José Rodrigues Dantas e Mello.*—*José de Barros Pimentel.*—*Padre Domingos Antunes Brun.*—*José Francisco de Passos. Padre José Simplicio Ferreira.*

Approvação do Juramento da Constituição de 1821 na Bahia.

PRESIDENTE, MEMBROS DA JUNTA PROVISIONAL DO GOVERNO DA BAHIA

Eu El-Rei vos envio muito saudar.

Tendo sido sempre os meus constantes disvellos o bem e augmento da Monarchia, que Deus confiou aos meus cuidados, o governo e a prosperidade de todos os meus vassallos, que muito consiste na Conservação da Ordem e tranquilidade, não me podião ser indifferentes. nem os acontecimentos em Portugal, nem os anciosos desejos de meus vassallos de ser melhorada a forma de Governo, elevando-se a Monarchia Constitucional. Sendo porém este objecto de tanta importancia e consideração, exegia as mais serias meditações e combinações, para que sem offender essencialmente o Deposito Sagrado da Autoridade Real, que devo deixar illesa os meus Augustos Successôres, se consiguissem os resultados felizes de um Governo Representante, solidamente constituido, no qual por meio de uma bem entendida e reciproca influencia dos poderes, que constituem a Soberania se estabelecessem solidamente as bazes de uma bem regulada liberdade civil e politica, compativel com o imperio das Leis, manutenção da Ordem e socego publico, e felicidade commum. E quando eu já havia Mandado dar as providencias quando pareceram justas e adequadas, para consolidar o Throno, e assegurar a felicidade de todos os meus vassallos, não Hesitei, pelos dezejos de condescender com os votos de meus vassallos, de Adoptar e Jurar no dia 26 de Fevereiro proximo passado a Constituição que se está formando nas Côrtes extraordinarias, congregadas em Lisboa, para ter logar em todo meu Reino Unido e gozarem igualmente das vangens d'ella os habitantes dos tres Reinos. Haven-

do-se porém antecipado os d'essa Provincia, tomando a resolução, que me partecipaes em a vossa Carta de 12 do ditomez, a qual dirigindo-se ao mesmo fim, e pelos mesmos motivos veio a coincidir, e conformar-se com a Minha Real Deliberação que já vos mandei communicar por Aviso de 26 de Fevereiro que foi circular para todas as Provincias d'este Reino e Dominios: Sou Servido approvar o Auto de Juramento a que se procedeu no dia 10 nos Paços do Conselho d'essa Cidade, cuja copia fizestes subir á Minha Real Presença; e igualmente as vossas nomeações para o Governo Provisional d'essa Provincia, não me restando mais do que recommendar-vos a vossa maior vigilancia não só para que se empregue a necessaria moderação e exacção na distribuição da justiça e em todos os ramos da publica administração, mas para que se não dissolva a União com as mais partes d'este Reino do Brazil, como base essencial para firmar e consolidar a que estabeleci pela Carta de Lei de 16 de Dezembro de 1815 com os de Portugal e Algarves, e que fiz proclamar n'esta Cidade no memoravel dia 26 do passado. Espero do vosso zelo pelo bem publico, pela prosperidade d'esta Monarchia que dirijaes n'esta conformidade o espirito publico e conserveis a ordem e a tranquilidade que devem gosar os Habitantes dessa grande e rica Cidade, e Provincia, a quem muito prêso pela sua importancia e serviços, e até por ser a primeira parte d'estes vastos Estados, a que aportei com grande regosijo publico e satisfação Minha. Escripta no Palacio do Rio de J neiro em 28 de Março de 1821. REI COM GUARDA. Para o Presidente e Membros da Junta Provisional do Governo da Bahia.

Sobre a Independencia do Brazil (*)

"CARTA PATENTE DE 13 DE MAIO DE 1825. PELA QUAL O SENHOR REI D. JOÃO VI LEGITIMOU A INDEPENDENCIA POLITICA DO IMPERIO DO BRASIL, RESERVANDO FORMALMENTE A SUCCESSÃO DE SUA MAGESTADE O IMPERADOR D. PEDRO Á CORÔA DE PORTUGAL"

Dom João por graça de Deus, Rei do reino unido de Portugal, e do Brasil e Algarves, d'aquem e d'alem mar, em Africa Senhor da Guiné, e da conquista, navegação e commercio da Ethiopia, Arabia, Persia e da India, etc., etc.

Faço saber aos que a presente carta patente virem, que considerando eu quanto convém, e se torna necessario ao serviço de Deus, e ao bem de todos os povos, que a divina providencia confiou á minha soberana direcção, pôr termo aos males e dissenções, que tem occorrido no Brazil em gravissimo damno e perda, tanto dos seus naturaes como dos de Portugal e seus dominios: e tendo constantemente no meu real animo os mais vivos desejos de restabelecer a paz, amizade, e boa harmonia entre povos irmãos, que os vinculos mais sagrados devem conciliar, e unir em perpetua alliança: para conseguir tão importantes fins, promover a prosperidade geral, e segurar a existencia politica, e os destinos futuros dos reinos de Portugal e Algarves, assim como os do Brazil, que com prazer elevei a essa dignidade, preeminencia e denominação, por carta de lei de 16 de Dezembro de 1815: em consequencia do que me prestaram depois os seus habitantes novo juramento de fidelidade

---

(*)—Borges de Castro. Collecção dos tratados e convenções, vol. V.

Além desta Carta Patente foi ajustado o tratado de reconhecimento da independencia a 29 de Agosto do mesmo anno entre D. Pedro I e seu pae, o rei D. João VI.—Era uma *carta de alforria*, diz Abreu e Lima, comprada por dois milhões de libras esterlinas.

Como é irrisorio tudo isto!!

no acto solemne da minha acclamação em a côrte do Rio de Janeiro; querendo de uma vez remover todos os obstaculos, que possam impedir, e oppôr-se á dita alliança, concordia e felicidade de um e outro reino, qual pae desvelado, que só cura do melhor estabelecimento de seus filhos... sou servido, a exemplo do que praticaram os Senhores Reis Dom Affonso Quinto, e Dom Manoel, meus gloriosos predecessores, e outros Soberanos da Europa, ordenar o seguinte:

O reino do Brazil será d'aqui em diante tido, havido e reconhecido com a denominação de imperio, em logar da de reino, que antes tinha.

Consequentemente tomo, e estabeleço para mim, e para os meus successores, o titulo e a dignidade de imperador do Brazil, e Rei de Portugal e Algarves, aos quaes se seguirão os mais titulos inherentes á coroa destes reinos.

O titulo de principe ou princeza imperial do Brazil, e real de Portugal e Algarves será conferido ao principe ou princeza herdeiro ou herdeira das duas coroas, imperial e real.

A administração, tanto interna como externa, do imperio do Brazil, será distincta e separada da administração dos reinos de Portugal e Algarves, bem como as destes da daquelle.

E por a successão das duas coroas, imperial e real, directamente pertencer a meu sobre todos muito amado, presado filho, o Principe Dom Pedro, nelle, por este mesmo acto e carta patente, cedo e transfiro já, de minha livre vontade, o pleno exercicio da soberania do imperio do Brazil, para o governar, denominando-se Imperador do Brazil, o principe real de Portugal e Algarves, reservando para mim o titulo de Imperador do Brazil, e o de Rei de Portugal e Algarves com a plena soberania destes dois reinos e seus dominios.

Sou tambem servido, como Grão Mestre, governador e perpetuo administrador dos Mestrados, e Cavallaria, e ordens de Nosso Jesus Christo, de S. Bento d'Aviz, e de São-Thiago da Espada, delegar,

como delego, no dito meu filho, Imperador do Brazil, e principe real de Portugal e Algarves, toda a cumprida jurisdicção e poder para conferir os beneficios da primeira ordem, e os habitos de todas ellas no dito imperio.

Os naturaes do reino de Portugal e seus dominios serão considerados no imperio do Brazil como brazileiros, e os naturaes do imperio do Brazil no reino de Portugal e seus dominios como portuguezes; conservando sempre Portugal os seus antigos fóros, liberdades e louvaveis costumes.

Para memoria, firmeza e guarda de todo o referido, mandei fazer duas cartas patentes deste mesmo theor, assignadas por mim, e selladas com o meu sello grande; das quaes uma mando entregar ao sobredito meu filho, Imperador do Brazil, e principe real de Portugal e Algarves, e outra se conservará, e guardará na Torre do Tombo; e valerão ambas como se fossem cartas passadas pela chancellaria, posto que por ella não hajam de passar, sem embargo de toda e qualquer legislação em contrario, que para esse fim revogo como se della fizesse expressa menção.

Dada no palacio da Bemposta, aos 13 de Maio de 1825.---(Assignado) *El-Rei com Guarda*

Prohibição do uso da imprensa no Brazil nos tempos coloniaes

D. João por graça de Deus, rei de Portugal e dos Algarves, da quem dalém mar em Africa senhor de Guiné, etc.

Faço saber a vós governador e capitão general da capitania do Rio de Janeiro, que por constar, que deste reino tem ido para o Estado do Brazil quantidade de letras da imprensa, no qual não he conveniente se imprimão papeis no tempo presente, nem ser de utilidade aos impressores trabalharem no seu officio, aonde as despezas são maiores que no reino, do qual podem hir impressos os livros e

papeis no mesmo tempo, em que d'elle devem ir as licenças da Inquizição o do meu Conselho Ultramarino, sem as quaes não se podem imprimir, nem correrem as obras; portanto se vos ordena, que constando-vos que se acham algumas letras de imprensa nos limites do vosso governo, as mandeis sequestrar, e remetter para este reino por conta e risco de seus donos, a entregar a quem elles quizerem, e mandareis notificar aos donos das mesmas letras e aos officiaes da imprensa que houver, para que não imprimão nem consintão, que se imprimão livros, obras, ou papeis alguns avulsos, sem embargo de quaesquer licenças que tenham para a dita impressão, consigando-lhes a pena, de que, fazendo o contrario, serão remettidos presos para este reino á ordem de meu Conselho Ultramarino, para se lhes imporem as penas, em que tiverem incorrido, na conformidade das leis e ordens minhas, e aos ouvidores e ministros mandareis intimar da minha parte esta mesma ordem para que lhe dêm a sua devida execução e a fação registrar nas suas ouvidorias.

El-rei nosso Senhor o mandou por Thomé Joachim da Costa Côrte Real e o desembargador Antonio Freire de Andrade Henriques, conselheiros do seu Conselho Ultramarino e se passou por duas vias.

Caetano Ricardo da Silva a fez em Lisbôa a 6 de Julho de 1747.

—O Secretario Manuel Caetano Lopes de Gouvea a fez escrever. (Assignados)—*Thomé Joachim da Costa Côrte Real.* —*Antonio Freire de Andrade Henriques.*

Assim decretada por D. João V a prohibição da imprensa na colonia, somente 61 annos depois, por Dec. de 13 de Maio de 1808, estabeleceu-se no Rio de Janeiro a *Imprensa Régia* onde se imprimiam toda a legislação e papeis diplomaticos.

Data d'ahi a origem definitiva e legal da imprensa brazileira.

A 10 de Setembro de 1808 surgiu da imprensa régia o primeiro numero da *Gazeta do Rio de Janeiro*, o primeiro jornal editado no Brazil.

Em 1811, por permissão do principe regente, posteriormente D. João VI, obtida a 5 de Fevereiro a instancias do Conde dos Arcos, appareceu na Bahia o periodico—*Idade de Ouro.*

Prohibindo a creação de machos e mullas no Brazil e sua completa extincção . . .

Para os governadores do Estado do Brazil.

Eu El-Rey vos envio muito saudar. Sendo-me presente que pelo costume, que de annos a esta parte se tem introduzido no continente desse Estado, de fazerem os moradores delle os seus transportes em machos, e em mullas, deixando por isso de comprar os cavallos, de sorte que se vai extinguindo a creação delles, por não terem saida, em grave prejuizo do meu Real serviço, e dos creadores, e bem commum dos Lavradores dos sertões do mesmo Estado, e das Capitanias de Pernambuco, e do Piauhy: E attendendo ao que por elles me foy representado, Sou servido ordenar, que em nenhuma cidade, e villa, ou Lugar do Territorio desse Governo se possa dar despacho por entrada, ou por sahida a machos, ou mullas:

E que antes pelo contrario todos os que nellas se introduzirem depois da publicação desta sejam irremissivelmente perdidos e mortos; pagando as pessoas em cujas mãos forem achados os sobreditos machos, ou mullas, a metade do seu valor para os que os descobrirem. Nas mesmas penas incorrerão as pessoas, que de taes cavalgaduras se servirem, ou seja em transportes, ou em cavallaria; ou em carruagens depois de ser passado hum anno, que lhes concedo para o consumo das que actualmente tiverem já, sendo matriculadas para se conhecerem. E para obviar as fraudes, que se podem maquinar contra esta Minha Real Determi-

nação: Vos ordeno que logo que receberdes esta, e depois de a fazerdes publicar por Editaes afixados no Logares publicos dessa Capital, e das mais Povoações desse Estado:

Passeis as ordens necessarias para que se faça hum exacto Inventario de todos os machos, e mullas que se acham no districto desse Estado com a declaração das suas idades, e sinaes, para por elles serem confrontados os que de novo apparecerem; e se proceder na execução desta minha Real Determinação contra os trangressores della pela prova que resultar das ditas confrontações. O que tudo executareis e fareis executar com a exactidão que de vós confio. Escripta no palacio de Nossa Senhora da Ajuda, a dezenove de Junho de mil sette centos sessenta e hum. (*)

Rey.

Ordem regia de 1720 prohibindo no Brazil as rifas e acções entre amigos

«D. Pedro d'Almeyda, etc., etc. Faço saber a todos os moradores deste governo que sendo S. Magestade a q. D. guarde, informado que o Padre Fr. João Joseph, Religioso Carmelita descalço, introduzio neste governo humas sortes a que chamão rifas na forma que se usão nos Reynos Estrangeiros, as quaes sem ordem dos Governadores e informação dos ouvidores geraes das Comarcas fazem algumas pessoas para dar sahida aos seus bens que por outro modo não venderiam tão brevemente, sendo nestes casos excessivo o valor por que se rifa, a saber: escravos, fazendas e moradas de casas em que S. Magestade reconhece prejuizo dos moradores d'essas minas, pois lhe chegou á sua Real noticia que muitos entravão nas ditas rifas mais por contemporisar com pessoas de res-

---

(*)—Este documento existe no Archivo Publico da Bahia.

peito que por vontade propria, com dez, vinte e trinta oitavas cada huma, e querendo o dito Snr. obviar o damno que se póde seguir aos seus vassallos das ditas rifas: foi servido ordenar-me as não consentir-se nessas minas sob penas graves para que se não tornasse a usar das ditas rifas e crescesse o damno com a sua demasiada frequencia: portanto ordeno que nenhuma pessoa d'aqui em diante possa fazer rifa alguma nem entrar nella, ou seja voluntariamente ou solicitada por outra, quando succeda pelo contrario qualquer pessoa que rifar qualquer das cousas sobreditas perderá a dita cousa rifada, a metade para a fazenda Real e a outra a metade para as obras pias, e os Ouvidores geraes farão cada hum na sua comarca que se observe com todo o rigor esta ordem que S. Megestade a quem D. g. me ha por muito recomendada, e para que venha á noticia de todos a mandei publicar a som de caixas, registrar nos livros da Secrª. d'este governo e nos da Ouvidoria e Comarca de todas as villas.—Villa do Carmo 15 de Março de 1720. -*Conde D. Pedro d'Almeyda.*

—

Lucto Publico

No dia 20 de Março preterito pelas onze horas e um quarto da manhã chamou Deus a Agustissima Senhora Raynha Dona Maria Primeira á Santa Gloria, que Lhe havia destinado pelas suas Grandes e raras Virtudes: e El Rey Nosso Senhor Foi Servido Determinar que se tomasse Luto geral por tempo de hum anno, seis mezes rigoroso e seis aliviado, não obstante o Capitulo 17 da Pragmatica de 24 de Maio de 1749. O que partecipo a Vm. afim que por tão infausto motivo faça logo praticar na Camara d'essa Villa todas as honras funebres, que são de estylo em similhantes occasiões, publicando-se o Luto geral na forma referida. Deus Guarde a Vm.

Bahia, 4 de Junho de 1816.

Conde dos Arcos.

Sr. Dr. juiz de Fóra da Villa da Cachoeira.

enviando a lista dos novos funccionarios eleitos para o exercicio de 98 a 99; do Dr. Silvino Moura offerecendo, em nome da «Federação Spirita Brasileira», as obras de Leon Denis---«Depois da Morte» e «O Porque da Vida», traduzidas do francez; do socio Dr. Wenceslau de Oliveira Guimarães, communicando haver transferido sua residencia para a cidade de Valença, neste Estado: do socio Desembargador Paranhos Montenegro offerecendo quarenta e quatro volumes constantes da relação que acompanhou á carta e communicando que ao Snr. Thesoureiro do Instituto fez entrega da quantia de Rs. 1:250$ (um conto duzentos e cincoenta mil reis) correspondente aos mezes de Setembro a Novembro da subvenção concedida pela União; do Dr. Cincinato Pinto da Silva, enviando uma noticia historica do fortinho denominado «Paraguassú», situado no rio deste nome, distante 10 leguas desta capital; e do capitão de mar e guerra Francisco Joaquim Ferreira do Amaral, commandante do cruzador portuguez «Adamastor» surto no porto desta capital, despedindo-se e agradecendo a visita que lhe fez o Instituto por intermedio de uma commissão, em 12 de Janeiro proximo findo.

O Dr. 1· Secretario deu noticia de haverem sido offerecidos ao Instituto dois quadros representan do as obras da construcção do monumento ao 2 de Julho, pelo socio Major Aloysio Lopes Pereira de Carvalho, e a obra «Dom João de Castro», em inglez, de J. B. Amancio Gracias, de Nova-Goa--- pelo Dr. Joaquim dos Remedios Monteiro.

O Exm. Snr. Cons. Presidente declarou que, antes de passar á ordem do dia, cumpria o doloroso dever de communicar ao Instituto o fallecimento dos socios effectivos Christino de Oliveira Ramos a 7 do cadente, Frei Francisco da Natividade Carneiro da Cunha, a 15, e Dr. João Baptista de Sá e Oliveira, a 16 do mesmo mez, fazendo honrosas referencias a cada um dos ditos socios, que foram fundadores deste Instituto, ao qual prestaram relevantes serviços, declarando ao mesmo

tempo que o Instituto se fez representar no sahimento funebre dos dois primeiros extinctos, não o fazendo no do ultimo por haver fallecido fóra da capital, no municipio de S. Felippe.

Pelo Snr. Francisco Gomes Ferreira Braga foi lido o demonstrativo da receita e despesa durante o anno de 1898, importando a receita em 58:094$939 rs. e a despeza em 52:349$340, havendo um saldo na importancia de 5:745$599 rs.

Foi remettido com urgencia á commissão de fundos e orçamento para dar parecer.

Pelo Cons. 1· Secretario foi lido um parecer da commissão de admissão de socios, favoravel ás propostas que lhe foram enviadas.

Declarou o Cons. Presidente que, não havendo numero legal de socios, ficava a votação adiada para a sessão seguinte.

E por nada mais haver a tratar, o Cons Presidente encerrou a sessão ás 2 horas da tarde, do que, para constar, eu, servindo de 2· Secretario, lavrei a presente acta, que assigno. Filinto Justiniano Ferreira Bastos.--*Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque--João Nepomuceno Torres--Filinto Bastos.*

OFFERTAS

Mez de Janeiro

—Pelo socio *Dr. José Francisco da Silva Lima*: Tres moedas de prata, de 2$, de 1$, e de 500 rs. commemorativas do centenario da India.

—Pelo socio *João da Silva Freire*: 37 Fasciculos da Revista Brazileira de 1879 a 1881.

--Pela *Secretaria do Interior*: Relatorio apresentado ao Governo do Estado pelo Dr. Secretario do Interior, Justiça e Instrucção Publica—1898.

--Pelo cidadão *Alfredo F Rodrigues*:

Diario do Rio Grande do dia 16 de Outubro de 1898, numero especial commemorativo do 50º anno de sua fundação.

--Pelo socio *Coronel Raymundo Cyriaco Alves da Cunha*: Diarios officiaes do Estado do Pará do mez de Janeiro de 1899.

—Pelo cidadão *Mario da Cunha Freire*: Um bloco de manganez extrahido das minas da cidade de Nazareth (Bahia).

--Pelo Academico *Francisco Mangabeira*: O Exercicio da Medicina e a liberdade profissional (These inaugural do Dr. Francisco Monteiro Alves).

--Pelo cidadão *Pedro Dantas de Araujo*: O n 7 do Jornal do Commercio do Rio, anno de 1828.

--Pelo socio *Dr. Thomaz Pompeu de Souza Brazil*: Um opusculo contendo artigos sobre a maniçoba e suas congeneres.

--Pelo socio *Ismael Gracias*: O Imposto e o Regimento Tributario da India Portugueza.

--Pelo cidadão *Philotheio Pereira de Andrade*, de Nova Goa: Documentos Kinkanes para a historia de Gôa (Centenario da India):

Introducção ao estudo de Jurisprudencia portugueza; A Inercia da materia (Ensaio Philosophico).

--Pelo socio *Antonio Neves*: Uma pelle de cobra e uma collecção de pedras apanhadas na alta região do São Francisco, e uma camisa de malhas, indigena, para mulher, de uma das tribus do sul do Estado.

--Pelo socio Dr. *José Antonio da Costa*, secretario da viação: Tres chapas do cobre, com inscripções, tiradas da fachada do antigo palacio do Governo á praça da Constituição.

--Pelas *respectivas redacções*:

Comptes Rendus des seances, n. 8 de 1898; Revista Maritima Brazileira, n. 6; O Rio Novo, orgão da imprensa publicado na Capital Federal; Novidades, orgão da Imprensa publicado em S. Paulo, ns. 16 e 17; «O Futuro», orgão da imprensa publicado na cidade do Bomfim (Bahia) n. 6; Boletin della Sociedad Geografica de Madrid, ns. 4 a 6 de 98; Revista de Geografia Colonial y Mercantil, ns. 13, 14 e 15; Revista da Academia Cearense, tomo 3º de 1898; Revista Trimensal do Instituto do Ceará, 4º trimestre-1898; Revista dos Tribunaes (Bahia) vol. 14. nº 2; Polyanthéa em homenagem ao Senador e Intendente da cidade de Belém (Pará) Antonio Lemos, no seu anniversario natalicio (17 novembro de 1898) por seus amigos e admiradores; Boletim n. 5 da Commissão Geographica e Geologica do Estado de Minas Geraes, vol, 2; Revista do Archivo Publico Mineiro, fasc. 3º de 1898.

--Pela *redacção do Diario da Bahia*: Sementes do Beliche para o anno de 1899.

Mez de Fevereiro

--Pelo academico *Herculano Cunha*: Annaes do Senado de Pernambuco-1898.

--Pelo cidadão *Luiz Leopoldo Flores*: Os opusculos «Estado do Rio Grande; A nacionalidade dos filhos de pae portuguez nascidos no Brazil.

--Pelo socio *Dr. Felippe da Costa*: L'Univers-Histoire et Description de tous les peuples; Bresil, por M. Ferdinand Denis; Recreasão Filozofica, tomo 4° por P. Theodoro de Almeida.

--Pelo socio *Nicoláu Tolentino Carneiro da Cunha*: Uma moeda de-prata da provincia de Cordoba (9 d.) 1849.

--Pelo *Centro Spirita-Religião e Sciencia*: Depois da Morte; O Porque da Vida, por Leon Denis.

--Pelo socio *Candido Costa*: Quem descobrio o Brazil (These) 1899.

--Pelo socio *Dr. Mariano Pelliza*: La Australia Argentina, pelo membro correspondente do Instituto Argentino Roberto J. Payró.

--Pelo *Dr. José Bonifacio da Cunha*: Quatorze photographias da cidade de Blumenau, referentes a mesma cidade.

--Pelo socio *Dr. Luiz Ferreira Gualberto*: Cinco periodicos antigos a saber: Astréa--1829, Gazeta do Rio de Janeiro--1810, O Brazileiro Imparcial--1838 e o Boletim da Regeneração--1870, todos edictados no Rio de Janeiro.

--Pela *Sociedade Nacional de Agricultura*: Os Boletins ns 7, 8, 9 e 10--«A Lavoura»; Industria Pastoril, fasc. 2°, e Alimentação do Vegetal, fasc. 3°.

--Pela *Redacção do Diario de Noticias*: Estado de Sitio--discurso proferido na Camara dos Deputados pelo Dr. José Joaquim Seabra.

--Pela redacção do *Diario da Bahia*: O Governador de Pernanbuco e a morte de José Maria, por Egas Fafe.

--Pelo socio *Major Aloysio de Carvalho*: Dois quadros representando a construcção do monumento ao 2 de Julho, ao Campo Grande, nesta Capital.

--Pelo socio Dr. Cunha Barbosa:

Marajó--1° fasc. pelo Dr. Vicente de Miranda; Historia da Republica de Uruguay, 2 vol. por Isidoro De Maria; Rio Grande do Sul--descripção physica historica e economica, 1 vol. por Alfredo Varella;

Collecção Numismatica: moedas portuguezas; moedas do Imperio do Brazil—1822 a 1889; as moedas da Colonia do Brazil—1645 a 1822; medalhas referentes ao Imperio do Brazil--1822 a 1889—por Julio Meili; Almanak Paranaense para 1899; Almanak do Rio Grande do Sul--1898--por Alfredo Ferreira Rodrigues.

--Pelo Dr. *Manuel de Oliveira Junqueira*: 55 Volumes de relatorios de ministerios do antigo regimen a contar do anno de 1861 a 1886.

--Pelas respectivas *Redacções*:--La Cultura Geographica, ns. 1 e 2--anno 1.º; Bulletin de la Société de Geographie Commerciale de Bordeaux, ns. 23 e 24 de 1898 e 1.º e 2.º de 1899; Revista Illustrada de Geographia (Firenze---Italia; Revista Maritima Brasileira, n. 7--Janeiro 1899; Revista Portugueza Colonial e Maritima, n. 16, 3.º vol; Gazeta Medica da Bahia n. 5--de 1899; The National Geographic Magazine, n. 12, vol 9; Bollettino della Società Geografica Italiana, n. 1 vol. 12--1899; «O Annuncio»--orgão de propaganda commercial, organisado para o Carnaval de 1899 e a «Alvorada Carnavalesca (Edições especiaes); Bulletin of the American Geographical Society, n. 5, vol. 30--1898.

Mez de Março

--Pelo socio Dr. *Mariano Pelisa*: Constituição Nacional da Republica Argentina e Constituições Provinciaes vigentes, por Arthur Carranza.

--Pelo Guarda-Marinha *Nuno Pirajá*: A Batalha de Riachuelo, por Ignacio Joaquim da Fonseca.

--Pelo Cons. *João Nepomuceno Torres*: Revista de Bellas Artes, 2 vols.--1897 e 1898; Attentado de 5 de Novembro 1 vol. contendo o Relatorio do Dr. Vicente Neiva, Artigos de Caneca publicados na Gazeta de Noticias e o Manifesto politico do Dr. Manoel Victorino.

--Pelo *Director da Bibliotheca do Estado do Pará*: Relatorio apresentado ao Governador do Estado

pelo Bacharel Joaquim Rodrigues de Souza Filho, Secretario em Commissão--1898.

--Pela Secretaria da *Faculdade Livre de Direito da Bahia*: «Revista» da mesma Faculdade---1897; Relatorio apresentado á assemblea geral e ao ministerio da justiça e negocios interiores, pelo Desembargador João Rodrigues Chaves, Director da dita Faculdade. 1899.

--Pela *Repartição de Estatistica e Archivo do E. de S. Paulo*: Relatorio do anno de 1897 apresentado ao Secretario do Estado dos negocios do interior, pelo Dr. Director Antonio de Toledo Piza.

--Pela *Inspectoria Geral de Hygiene deste Estado*: Boletim de Estatistica Demographo--Sanitaria da Cidade do S. Salvador, ns. 7, 8, 9 e 10---anno 3º.

--Pelo professor *Viriato da Silva Lobo*: Um Compendio de sua «Geographia do Municipio de Santo Antonio de Jesus» para uso das escolas e do povo.

--Pelo socio *Eduardo Carijé*: Um quadro representando o Sonho de Gigante na Questão Christie, VI de Janeiro de 1863.

--Pelo socio *Luiz Rodolpho Cavalcanti de Albuquerque*: Um amarrado com flechas e arcos dos indigenas do Alto Amazonas; e uma pelle de cobra sucuruyuba do Amazonas.

--Pelo socio *Rogociano Pires Teixeira*: Trechos Selectos do Padre Antonio Vieira, Lisboa, 1897; Discurso pronunciado em Madrid pelo pintor brazileiro Eugenio Teixeira; Finanças e Politica da Republica, Discurso e Escriptos do Dr. Ruy Barbosa; Relação dos cidadãos que tomaram parte no governo do Brazil de 1808 a 1889; Reforma da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro pelo Dr. Erico Coelho, 1890; A Politica do assassinato--uma pagina da historia pernambucana, pelo Dr. Gonçalves Maia; Reorganisação financeira pelo Dr. Aristides Galvão de Queiroz; Casamento Religioso, carta aberta ao Congresso por Alvaro Reis; Reclamação do Episcopado Brazileiro ao chefe do governo provisorio em 1890; O caso de Sergipe, representação da Assemblea legislativa ao Congresso nacional;

Centro Artistico--exposição de arte retrospectiva, na exposição nacional de bellas artes: Notas para a historia, o vandalismo no Rio Grande do Sul por Euclides Moura; Exame da questão do divorcio por Teixeira Mendes; O centenario da India por Bruno Pereira; O Auxiliador da Industria Nacional vol 61: Relatorio do Luiz Rodolpho Cavalcanti, sobre a alfandega de Santos e a companhia de Docas de Santos; Limites entre o Brazil e a Bolivia pelo Dr. Thaumaturgo de Azevedo: Organisações e Programmas ministeriaes desde 1822 a 1889, organisados na Secretaria da Camara; Commentarios á Constituição dos Estados Unidos por J. Story, traduzidos pelo Dr. Theophilo Ribeiro, vol. 2. ; Reforma dos Generaes pelo Dr. Cavalcanti Mello; Trabalho Agricola por Henri Raffard; 19 vols. de Relatorios dos ministros de Estado, de 1893 a 1898; e varios folhetos:

--Pelo Sr. *Prudencio de Carvalho*, proprietario da Imprensa Moderna: O Almanach Brinde para 1899.

—Pelas *respectivas redacções*:

Bulletin de la Société de Geographie Commerciale de Bordeaux, n· 3; Comptes Rendus des Seances, n· 9 de 1898 e n. 1 de 1899; Bolletino della Societá Geografica Italiana ns. 2 e 3 de 1899; Revista Maritima Brazileira n. 8--1899; Revista dos Tribunaes (Bahia) Nov. 1898; Boletin della Sociedad Geografica de Madrid, ns. 7--8--9 de 1898; The National Geographic Magazine, n. 1, vol. 10--1899; Bulletin de la Société de Geographie Commerciale de Bordeaux, ns. 4 e 5 de 1899; Bulletin de la Société de Geographie de Pariz, 4.· trimestre--1898; La Cultura Geografica (Firenze, Italia) n.· 3 de 1899; Revista Italo-Braziliana, n. 20 de 1899; Gazeta Medica da Bahia, n. 6 de 1898; A Lavoura (Boletim da Sociedade Nacional de Agricultura Brazileira), ns. 11 e 12 de 1898; Boletim do Museu Paraense. n. 4, vol. 2 de 1899.

APONTAMENTOS BIOGRAPHICOS

FREI CARNEIRO

Consignando a *Revista* os traços biographicos desse illustre sacerdote presta o Instituto Geographico e Historico a homenagem devida ao homem que muito se distinguiu, nesta ultima metade do seculo, entre os seus contemporaneos quer como cidadão da religião catholica, quer como apostolo dos deveres sociaes para com a patria e seus irmãos. Sem esquecer os deveres do seu sacerdocio dedicava-se com ardor patriotico ás santas causas da patria que nelle tinham um intelligente e extrenuo defensor, animado em todas as occasiões pelo seu espirito liberal. Collocando-se sempre ao lado do povo, propugnava pelos seus direitos ou balsamificava-lhe as dores com os preceitos da religião de que era fervoroso crente, nos momentos em que os soffrimentos physicos e moraes podiam infundir a descrença e o desanimo.

Os 74 annos da sua existencia foram todos exclusivamente dedicados á religião e á humanidade.

Ornamento da ordem Benedictina, a que pertencia e do clero em geral, deixa entre seus irmãos um vacuo difficil de preencher; não sendo tambem menos digno do respeito da posteridade como cidadão pois o seu modesto habito cobria um coração rico de virtudes civicas.

Mesmo nos ultimos annos da vida, preso pelos seus padecimentos á silenciosa e obscura vida dos claustro, o seu espirito manifestava-se animado da mesmas idéas ainda quando, só com difficuldade, podia satisfazer aos seus deveres sagrados.

Na impossibilidade de colher mais outros dados biographicos do respeitavel monge, damos os que foram publicados, pelo *Diario da Bahia*, por occasião do quinquagesimo anniversario da sua primeira missa a 31 de Dezembro de 1898.

Nasceu Frei Francisco da Natividade Carneiro da Cunha, neste Estado, então provincia, no curato da Sé, na rua do Pão de-Lót, em 3 de Setembro de 1825, filho legitimo do commendador tenente-coronel provedor da casa da Moeda, Francisco Manoel da Cunha, e baptisou-se em 18 de Janeiro de 1826 na capella do Senhor do Bomfim, sendo seus padrinhos o cons. de Estado, senador do Imperio, Marquez de Caravellas, José Joaquim Carneiro de Campos, seu tio avô, representando-o por procuração o commendador Joaquim Carneiro de Campos, seu avô, tocando a coroa por procuração do dez. Francisco Carneiro de Campos, depois senador do Imperio, o negociante matriculado Custodio José de Souza.

Prompto da escola e de linguas e de sciencias (Portuguez, Francez, Latim, Historia, Geographia, Mathematicas elementares e Doutrina Christã) entrou para o Claustro, com 15 annos e 2 mezes de edade, para ser religioso Benedictino, no Mosteiro de S. Sebastião, desta cidade, em 5 de Setembro de 1840.

Um anno depois, professou, em 8 de Setembro de 1841, fazendo votos solemnes ao Instituto Monastico do Patriarcha S. Bento, na Congregação Benedictina Brazileira, em sua casa capitular e convento desta cidade,

Sahindo do Noviciado onde estudou cerimonias, rubricas, exercicios, leis Monasticas e ainda preparatorios outros, entrou para o Choristado em 10 de Setembro de 1842, seguindo no Collegio, novos cursos: Philosophicos, Theologicos e Mathematicos; concluindo-os em 1849, sempre com approvações plenas.

Esperou edade para ordenar-se; completando-a, recebeu ordens de Subdiacono em 19, Diacono em

26 e Presbytero em 30 de Novembro, constituindo-se sacerdote Regular, em 1848.

Celebrou a sua primeira missa em 31 de Dezembro do mesmo anno. Tendo feito os respectivos exames e sido approvado obteve carta de pregador em 1° de Fevereiro de 1849. Em 25 de Agosto de 1850 pregou o seu 1° sermão em Maragogipe, na solemne festa de S. Bartholomeu.

Dispensando a Santa Sé a falta de vinte annos de habito para os religiosos serem legisladores da ordem e tambem eleitos, restringindo de 20 para 12 os annos, foi elle um dos escolhidos por votação do capitulo geral; sendo logo eleito chronista-mór da congregação, em 1854, 1857 e 1860, cargo que somente em um triennio, o de 1866, deixou de occupar por estar no Paraguay.

Por preceito de sua consciencia, nunca quiz, de modo algum, exercer cargo administrativo, em sua ordem, anhelando ser humilde monge, prompto sempre a cumprir e executar todos e quaesquer serviços outros de sua ordem.

Em 1855, pela epidemia do *Cholera Morbus*, gratuitamente prestou serviços valiosos na cidade de Maragogipe e seus arredores, Nagé, Coqueiros, Necessidades, etc., sendo muito elogiado por todas as autoridades do logar, pelo presidente da provincia, arcebispo, etc.

Pela guerra do Paraguay, não lhe foi indifferente este pleito de honra, offerecendo-se para seguir como voluntario; e em 6 de Julho de 1865, embarcon com o seu batalhão, o 3°, depois 23 de Voluntarios da Patria.

Por aviso de 14 de Julho do mesmo anno, do ministerio da guerra, foi nomeado capellão capitão. Em 19 de Julho seguiu do Rio Grande do Sul com seu batalhão. Nas marchas foi elogiado em *ordens do dia* de 10 de Outubro, 27 de Novembro de 1865, pelo commando da brigada expedicionaria, por «seu procedimento exemplar, dedicação, zelo e caridade no serviço publico militar.» Em as «ordens do dia» de 24 e 30 de Janeiro de 1866, foi

tambem elogiado pelo commando da divisão expedicionaria. Em 3 de dezembro de 1865 no boletim n. 31 do quartel general, foi elogiado pelo tenente general barão de Porto Alegre. Em 12 de janeiro do mesmo anno, foi nomeado chefe do serviço ecclesiastico pelo general barão de Porto Alegre; desejando unicamente conviver bem com os seus collegas, e não ter supremacia, pediu dispensa que lhe foi dada em 23 do mesmo mez; ficando porém a sua pessoa unicamente sujeita a ordens do quartel general.

Quando se extinguiu a enfermaria da 1.ª divisão, foi elogiado em ordem do dia de 21 de junho de 1866, pelo commandante, general Joaquim José Gonsalves Fontes, pelos *serviços relevantes e extraordinarios prestados* áquella enfermaria.

Por occasião do Cholera-Morbus ter-se manifestado no 2· corpo do exercito, foi louvado pelo commando daquelle corpo, pelos seus *inexcediveis serviços prestados a humanidade e á Patria.*

Em 6 de junho de 1867, por meio de uma commissão de officiaes de marinha, recebeu um officio do exm. Almirante Joaquim José Ignacio, louvando e agradecendo os seus serviços prestados á marinha nacional por occasião do Cholera, recebendo, tambem, outro do chefe de divisão Elisiario dos Santos, louvando *pelos serviços prestados, sem requisição ou ordem, ás praças de bordo dos navios* sob seu commando.

Estando seriamente doente, pediu dispensa do serviço, que lhe foi dada pelo exm. Marquez de Caxias, escrevendo uma honrosissima carta, onde dizia: *com sentimento extremo, de não poder s. rvma. continuar a prestar os seus bons serviços ao exercito, que tenho a fortuna de commandar; ficando certo de que nelle deixa muitos amigos, em cujo numero está s u chefe.*

No Rio Grande do Sul o bispo diocesano deu-lhe p deres de chrismar e exercer outros ministerios d suas ordens.

Examinador Synodal das dioceses do Maranhão, Rio Grande do Sul e archidiocese da Bahia.

Foi o primeiro Padre ou Religioso que combateu do pulpito o elemento servil em 7 de setembro de 1851, pelo que foi muito censurado então.

Desde 1841 alistou-se na arena jornalistica, pugnando sempre pelas Liberdades Patrias, sendo redactor chefe dos jornaes e periodicos: «Caixeiro Nacional», «Independencia», «Imparcial», «Voluntario», etc: collaborador constante dos jornaes e periodicos: «Mercantil», «Correio Mercantil» «Commercio», «A Opinião», «Opposição», «O Seculo», «Paiz», «Protesto», «Guaycurú», «Interesse Publico», «Diario da Bahia», «Noticiador», Catholico». «Doutrinario», «Argos Bahiano», «A Imprensa», «O Cruzeiro» e o «Democrata», todos daqui da Capital.

No Rio de Janeiro: «O Typographo», «Diario do Rio», «Apostolo» e «Brasil Historico».

Socio fundador de varias Sociedades litterarias, como Conservatorio Dramatico, Instituto Historico, etc.

Em 13 de fevereiro de 1872, fundou um collegio para meninos pobres, que sustentou até 1887, sem subvenção outra senão o fructo de seu trabalho, tendo aulas de primeiras lettras, Portuguez, Francez, Latim, Musica e Cathecismo; o maior numero de meninos asylados foi de 30, porém no decurso de 1872 a 1887, teve em seu estabelecimento de caridade 79.

Foi 20 e tantos annos capellão honorario do Arsenal de Guerra, onde fundou um curso de doutrina christan.

Serviu durante o mesmo tempo como capellão do Collegio dos Orphãos de S. Joaquim, sem a menor remuneração.

Nunca recebeu proventos, de festas patrioticas, quando pregava.

Era Pregador Imperial, por decreto de 14 de março de 1860 e tenente coronel honorario do exercito brazileiro.

Como orador sacro era fluente, produzindo discursos onde faziam-se salientes os seus dotes de memoria e de talento, como a vasta illustração que possuia.

Por isto mesmo, e por todas as virtudes que exornavam-lhe o espirito era muito conhecido e respeitado pela nossa população que o admirava.»

Frei Carneiro, na occasião da sua morte, occupava os seguintes cargos na sua ordem: secretario e chronista da congregação, prior da casa capitular, 3.º definidor e substituto do 1.º

—

Em prova de apreço ao seu saudoso socio fundador, o *Instituto Historico* fez-se representar, na cerimonia funebre do seu enterramento, que teve logar a 15 de fevereiro do corrente anno, por uma commissão composta dos srs. cons. João Torres, capitão Ferreira Braga e coronel Borburema, e presta á sua memoria ainda hoje esta homenagem consignando á posteridade os seus serviços por intermedio desta Revista.

Ignacio Alves Nazareth

O ultimo que restava da geração patriota que pugnou, nos campos de batalha, pela independencia bahiana e que nos deixou, como legado precioso de amor á patria e á liberdade, a data gloriosa de 2 de Julho de 1823, era Ignacio Alves Nazareth, que falleceu, ha pouco, contando 98 annos de idade e de bons serviços á patria.

Foi tambem um dos poucos que teve a satisfação de, nos braços do povo, assistir o pagamento de uma divida sagrada de que se fizera credôra a phalange de heroes denodados, da qual fez parte, e que firmára, com o proprio sangue, nos cimos das montanhas de Pirajá e Cabrito a liberdade e a independencia da Bahia contra o jugo da metropole portugueza.

Com Constantino Nunes Mucugê e Francisco de Assis Gomes, os unicos representantes daquella geração, presentes a 2 de Julho de 1895, testemunhou o veterano Nazareth o levantamento do monumento que, na praça Duque de Caxias (Campo Grande), relembra aos vindouros o feito patriotico de 23; e com os seus dous velhos companheiros foi alvo de significativa ovação do povo bahiano que, acclamando-os, atirava-lhe «flores sobre sua fronte encanecida, onde parecia lêr-se em lettras de luz a historia dos gloriosos feitos de nossos antepassados,» alli tão simplificados.

Além dos serviços de campanha nos pontos de Itapoan e Armação, onde se bateu animado de ardor patriotico, prestou Nazareth serviços outros, desempenhando com escrupulosa honestidade diversos cargos de confiança.

Depois de servir no hospital de misericordia sob a assistencia do commissario Varginha e adminis-

tração de Luiz A Balthazar da Silveira foi para a pagadoria do arsenal de marinha, tendo sob sua guarda avultadas quantias.

Em 1838 foi provido vitaliciamente no logar de contraste do municipio da cidade do Salvador; e por acto do governo, desta então provincia, de 19 de Março de 1866 foi nomeado para o logar de ensaiador de joias e metaes preciosos. Vergando-se ao peso dos annos que lhe haviam consumido as forças, todavia, até quasi os ultimos momentos de vida exerceu o seu logar de ensaiador de metaes preciosos no Monte de Soccorro Federal.

Respeitado pelo seu caracter honesto e pelos seus serviços falleceu Ignacio Alves Nazareth a 1 hora da tarde do dia 20 de Novembro de 1898.

Como descendencia deixou tres filhos o Dr. Ceciliano Alves Nazareth, o engenheiro Manuel Alves Nazareth e o empregado publico Francisco Alves Nazareth.

O Instituto presta n'esta linhas uma homenagem ao representante da geração de 1823, consignando esta noticia, na deficiencia de mais detalhados esclarecimentos.

Padre Joaquim Cacique de Barros

Eis o nome de um incançavel obreiro da civilisação e da caridade, que, devotado ao bem de seus semelhantes, tem de modo excepcional honrado a terra que lhe foi berço e a generosa Bahia.

Já entregue á tarefa altruistica da instrucção da mocidade, já amparando a pobres orphans, carentes de todos os cuidados, já interessado pelo conforto aos desprotegidos da fortuna, que mendigam pelas ruas o pão de cada dia; o Padre Cacique tem sido um verdadeiro apostolo na cidade de Porto-Alegre, capital do Estado do Rio Grande do Sul.

Testemunho melhor e mais imparcial não podemos dar do que aqui asseveramos que a transcripção dos seguintes trechos da chronica «Monumento a *Castro Alves*», publicada no *Diario da Bahia* de 28 de Julho de 1898 com a assignatura do illustre litterato rio-grandense Damasceno Vieira.

«Sei que prodigios pode operar a dedicação bahiana: a minha terra natal, o Rio Grande do Sul, teve della um glorioso exemplo.

O illustrado sacerdote, natural deste Estado, padre Cacique de Barros, director do *Asylo das Educandas de Santa Thereza*, planeou construir, proximo desse *Asylo*, em arrabalde de Porto Alegre, um espaçoso edificio destinado a recolher os infelizes que esmolam de porta em porta, no adro das egrejas, nas praças publicas, patenteando aos transeuntes o triste espectaculo de suas enfermidades e de suas miserias sempre compungentes.

Obtida licença de effectuar o seu humanitario pensamento em terreno pertencente—não sei por que titulo—ao imperador, começou logo a deitar os alicerces, cuja pedra obteve gratuitamente.

Pelas dimensões do traçado, parecia que se tratava de erguer uma vasta fabrica, si a capella collocada ao centro não indicasse estabelecimento pio.

Era elle proprio o administrador das obras do *Asylo de Mendicidade.*

Para fazer face a despezas indeclinaveis, o venerando sacerdote creou, no circulo de suas relações, um livro de protectores e deste modo em sabbado algum deixou de pagar a feria ao seu limitadissimo numero de operarios.

Era elle só, a luctar contra a indifferença publica-a fazer calar no animo de seus concidadãos a necessidade imperiosa de se instituir no Rio Grande do Sul um recolhimento á miseria desvalida.

Director de educandas, pae espiritual de cincoenta creanças e donzellas a cuja subsistencia e educação provia, alcançando-lhes um futuro e formando-as professoras diplomadas pela Escola Normal, o padre Cacique sabia dividir o tempo, applicando-o proveitosa e brilhantemente em um e outro trabalho.

Dentro em pouco, o *Asylo de Mendicidade* tornou-se uma obra popular, collaborada por todos. Donativos, legados, offertas ou em dinheiro ou em materiaes, affluiam, como si o sentimento de caridade que palpitava no coração do illustrado sacerdote pulsasse com a mesma intensidade no coração de seus admiradores.

Contribuir para o *Asylo* do padre Cacique era uma gloria.

Operarios offereciam-se para ir gratuitamente trabalhar no edificio, crentes de que Deus abençoaria a bôa vontade de seus serviços.

O sacerdote soubéra dar impulso á sua idéa: o povo secundou-lhe os esforços e forneceu-lhe os recursos de que elle necessitava.

Todos os domingos accorriam visitantes ao arrabalde de Santa Thereza a admirar os confortos de que gosavam as orphãs habituadas a todos os trabalhos domesticos, e a acompanhar de perto a edificação da casa dos pobres.

Afinal, depois de quinze ou dezeseis annos de luctas e de sacrificios (*) em que revelou tenacidade de heroe, o illustre padre concluiu o seu monumental trabalho, avaliado de duzentos a trezentos contos de reis, excluido o valor do terreno.

O *Asylo de Mendicidade* é hoje um dos grandes edificios que mais honram Porto Alegre. Effectuou-se a sua inauguração no mez de Junho deste anno.

E' a primeira vez que fóra de minha terra natal faço referencias ao padre Joaquim Cacique de Barros, fundador e primeiro director da Escola Normal rio--grandense, da qual fui um dos alumnos.

E' grato ao discipulo recordar aqui o nome do Mestre, quando este, por um conjuncto de virtudes excepcionaes, se impõe não só ao respeito de um homem, porém ao da grande collectividade sagrada que se chama a Patria.

O recolhimento que a sua caridade evangelica proporcionou aos mendigos é um padrão glorificador de seu abençoado nome.

Nenhuma riqueza da terra lhe poderia erigir mais tocante monumento.

Na historia dos emprehendimentos difficeis que conheço, é este o maior e mais imponente, conquistado pelo gigantesco esforço de um bahiano».

Sabemos que o virtuoso sacerdote nasceu nesta capital, onde recebeu as ordens sacras; sendo filho de modesta, mas honestissima familia.

F. B.

(*) Por ordem do imperador, estiveram paralysadas as obras durante cinco annos. A intriga pretextou ser inconveniente a approximação dos dois *Asylos*, quando ha entre ambos a distancia de 300 metros. Melhor informada, a princeza D. Isabel permittiu que continuassem os trabalhos.

Dr. Alfredo Kantack

UM BAHIANO ILLUSTRE

O «Jornal do Commercio» do Rio traduziu da «Nature» de Londres um artigo sobre o fallecimento do sabio Dr. Alfredo Antunes Kantack, nascido na Bahia e fallecido em 21 de Dezembro de 1898, em Cambridge, Inglaterra, de cuja universidade era professor.

Os jornaes scientificos inglezes, principalmente a «Nature», referem-se a morte do professor Kantack com os maiores elogios ao seu saber e ás suas qualidades pessoaes.

Os paes do professor Kantack, que são naturaes de Pernambuco, ainda vivem e residem no Pará, onde gosam de invejavel reputação.

Diz a «Nature»:

«Com a morte do professor Kantack a sciencia da phisiologia perdeu um dos seus mais perseverantes e habeis membros e a universidade de Cambridge, pela segunda vez dentro de quinze mezes, um brilhantissimo lente da sua cadeira de pathologia.

Alfredo Antunes Kantack foi o segundo filho de Emilio Kantack, domiciliado no Estado do Pará e de sua esposa Victoria, ambos nascidos em Pernambuco. Nascera na Bahia a 4 de Março de 1863 e passou os primeiros annos da sua vida no Ceará e na Bahia. Veiu para a Allemanha em 1869 e foi confiado aos cuidados do padre Hoppe, de Atlenburg sobre o Elba, pae do professor Hoppe, de Berlim, que ainda existe. Em 1870 foi mandado para Hamburgo, onde recebeu instrucção de um sêverissimo presbytero, «um pedagogo tyranno mas um excellente ensinador de cousas elementares».

Neste periodo da sua vida é elle apontado como nada «brilhante mas extremamente applicado». Em 1875 foi para o collegio, matriculando-se no gymnasio Wandsbeck, perto de Hamburgo. Em 1876 foi transferido para o gymnasio de um outro estabelecimento de educação do governo prussiano em Guneburg, e em 1878 para o gymnasio de Gutersloh, onde muito se distinguiu durante a sua frequencia.

Em 1881 dirigiu-se a Liverpool, onde, ao tempo seus paes estavam residindo, proseguindo nos estudos no Shaw Street College, (Departamento Classico). Em 1882, depois de haver feito o seu exame de matricula da universidade de Londres, começou o seu tirocinio nas artes, estudando simultaneamente medicina com Mitchell Banks, Caton, Mot e outros bem conhecidos professores da escola medica de Liverpool, recebendo sempre, com honrosas menções, em 1884, 1886, 1888 e 1892, os diversos gráos do seu titulo que em 1897 alcançou no Real Collegio de Medicos, de Londres.

Depois de haver completado o seu tirocinio medico, o Dr. Kantack, em 1889, foi a Berlim, e ahi, em resultado dos estudos que fizerá com Vircow e Krause, deu ao «Archivo» de Vircow uma preciosa collaboração sobre a histologia do larynge, trabalho esse que originou uma viva discussão, no decurso da qual o Dr. Kantack sustentou a sua these com notavel habilidade e bom exito. Durante a sua estada em Berlim trabalhou com Kock e quer trabalhando com elle, quer trabalhando nos laboratorios de pathologia recebeu sempre do seu professor a maior attenção e os melhores incitamentos. Pouco depois do seu regresso de Berlim, e muito provavelmente como determinativa da opinião a seu respeito expressa pelos seus professores—Virchow e Kock, foi designado conjunctamente com os Drs. Beaven Rake e Buckmaster (que assim compuzeram com elle um comité mixto do Real Collegio de Medicos de Londres, do Real Collegio de Cirurgiões e do Comité Executivo da Liga Nacional da Lepra) com-

missario especial para investigar sobre a pathologia e o tratamento da lepra que grassava na India.

Em 1891 o Dr. Kantack foi agraciado com o premio John Lucas (Viagens) por indicação do fallecido professor Roy, succedendo ao Dr William Hunter. Durante o seu collegiato em Cambridge, publicou com o sr Hardy, um trabalho sobre as cellulas perdidas dos mammiferos, no «Jornal de Physiologia», e um outro sobre o mesmo assumpto nos «Annaes» da Real Sociedade, vol LII. Esses artigos são de extrema importancia, pois indicam que o seu auctor, si bem que conhecesse proficientemente toda a obra de Metschnikoff e quanto aquelle auctor poderia augmentar em apoio da sua theoria phagocitica, o Dr. Kantack, durante o tempo que estivera na Allemanha, previra com extrema exactidão a orientação a que havia de chegar a direcção que ao estudo estava sendo imprimida na Allemanha pelos discipulos de Koch. Durante este periodo, tambem fez elle serias investigações sobre o «Madura Zoot» e o estudo comparativo da mycetona e da actinomycesis; esses trabalhos viram a luz da publicidade no «Jornal de Pathologia» e nas «Transacções» da Sociedade de Pathologia.

Em 1892 o Dr. Kantack fez-se preceptor, medico da real enfermaria de Liverpool, e para que as suas raras aptidões de bacteriologista pudessem ser aproveitadas, foi alli creada uma cadeira de demonstrador bacteriologista. No anno seguinte a directoria do hospital de S. Bartholomeu utilisou-se dos seus serviços, nomeando-o director da secção de pathologia do collegio e do hospital e expositor das materias de pathologia e bacteriologia: um anno depois fel-o tambem curador do museu.

Ao mesmo tempo que, neste periodo, se occupava com o leccionamento e o trabalho quotidiano dos seus cargos, fez elle aos Annaes da sociedade pathologica communicação de varias notas e observações e, certo para systematisar o seu trabalho ensino e poupar tempo na exposição de detaes—publicou, em 1894, em collaboração com o

Dr. Rolleston, um «Manual de anatomia morbida e pratica» e no anno seguinte, em collaboração com o Dr. Drysdale, um estudo sobre «bacteriologia pratica».

No principio de 1896 o Dr. Kantack resignou os seus logares do hospital de S. Bartholomeu e concentrou exclusivamente a sua attenção para a universidade de Cambridge, para cuj. cadeira de pathologia fôra nomeado, após o fallecimento do professor Roy.

Em 1895 o professor Kantack casara com uma menina de Liverpool, filha do sr. John Henstock, miss Lucie Henstock.»

Dr. Sá Oliveira

Pertencia a geração nova e ao grupo de moços que não se deixam dominar pelo goso esteril dos passatempos do mundo, e que empregam o tempo e as energias da natureza e do talento em trabalhos uteis a si e á sua terra; e é por isso que alguma cousa, hoje podemos dizer a seu respeito como um tributo de sentida lembrança.

Tivemos a ventura de conhecel-o desde os bancos academicos, de onde datam as relações de amisade que sempre mantivemos, apesar mesmo da divergencia no modo e meio de encarar e resolver algumas questões politicas, e coube-nos tambem a dolorosa incumbencia de consignar nas paginas desta Revista a sua biographia.

A 12 de Julho de 1854 nasceu na cidade de Ilhéos João Baptista de Sá Oliveira, filho legitimo do major Joaquim José de Oliveira e D. Adelaide Mello de Sá Oliveira, já fallecidos tambem.

Com 15 annos de edade, depois de cursar a aula primaria deixou a sua terra natal e em companhia dos seus irmãos José Joaquim de Oliveira e Pedro Antonio de Sá Oliveira entrou para o collegio Gymnasio Bahiano, onde completou o seu curso de humanidades, matriculando-se, em 1874, na Faculdade de Medicina da Bahia, tendo recebido a approvação com distincção em alguns dos exames das materias exigidas para essa matricula.

A' applicação e aos conhecimentos que revelou no curso preparatorio deveu elle a distincção de ter sido chamado, no mesmo anno em que o finalisava, para reger a cadeira de mathematicas no Collegio S. José (antigo Gymnasio Bahiano) e no collegio do illustrado e provecto educador Dr. Carneiro Ribeiro, em

substituição ao seu professor o engenheiro Maia Bittencourt.

Fazendo o curso medico com regular aproveitamento e applicação doutorou-se em medicina em Dezembro de 1879 ao mesmo tempo que o seu irmão mais velho José Joaquim de Oliveira; indo fixar residencia em Ilhéos onde se dedicou a vida clinica. Dotado de um espirito de caridade, a sua clinica poucos proventos lhe deixava, pois exercia na quasi totalidade gratuitamente, pelo que tornou-se popular e estimado entre os seus conterraneos.

O partido liberal, ao qual pertencia toda sua familia, quando teve em 1885 de organisar a sua lista de candidatos á Assembléa Provincial, distinguiu-o com a inclusão n'ella do seu nome, sendo eleito deputado a 6 de Dezembro para a legislatura de 1886 a 1887.

Nesse periodo e annos seguintes para os quaes fôra reeleito, pugnou pela abolição dos escravos; principalmente na comarca de Ilhéos, onde conseguiu pacificamente muitas liberdades.

Havendo incompatibilidade, por lei, entre os logares de deputado provincial e professor da Academia de Medicina, na seguinte legislatura não se apresentou ao eleitorado e inscreveu-se para o concurso da cadeira de psychiatria da mesma Academia.

N'este concurso foi preterido, por motivos de ordem politica.

Desgostoso por este e outros factos, só acceitou d'ahi em diante o cargo para que fôra nomeado de delegado de hygiene publica.

Depois disso manteve-se em opposição aos dous partidos monarchicos militantes como se infere de alguns artigos (com sua assignatura) publicados no *Diario de Noticias* d'esta capital (durante o ministerio Ouro Preto)

Proclamada a Republica, a 15 de Novembro de 89, na capital do paiz, elle, no dia immediato (quando disso teve conhecimento por telegramma) adheriu ao movimento do Rio com os seus amigos de Ilhéos.

Logo que foi dissolvida a camara municipal de Ilhéos, os seus amigos, confiados na sua energia e actividade, indicaram-n'o ao governador da Bahia, o Dr. Manuel Victorino, para o cargo de intendente, sendo nomeado em Abril de 1890.

Prestou nesse cargo bons serviços á sua terra, promovendo muitos melhoramentos materiaes no municipio, sem que a politica local, que havia sido durante muito tempo de luctas barbaras e renhidas, obstasse a que se firmassse o respeito á nova lei e obediencia ás auctoridades constituidas,—o que, ha muito tempo, era ali desconhecida; como consta dos jornaes—«Diario da Bahia», «Gazeta da Bahia», etc.

Procedendo-se a eleição para o congresso constituinte do Estado Federado da Bahia, foi eleito deputado em 1890, sendo escolhido por seus collegas de assembléa 2º secretario, cargo que continuou a exercer depois na assembléa legislativa ordinaria.

Fixando sua residencia na capital do Estado, pediu demissão do cargo de intendente de Ilhéos, sendo substituido pelo cidadão Tenente-Coronel Paiva.

Em 15 de Outubro de 1890, reunindo-se na capital da Bahia o Terceiro Congresso Brazileiro de Medicina e Cirurgia, nelle tomou parte, apresentando uma monographia sobre--«Os Indios Camacans»--, envolvendo-se nas discussões suscitadas a proposito de outros trabalhos scientificos, apresentados pelos seus collegas que tomaram parte naquelle congresso, o primeiro que aqui já se reuniu.

Em Fevereiro de 1891 foi, pelo governo federal, nomeado preparador da cadeira de Medicina Legal da Faculdade Medica, neste Estado, quando se organisou o ensino dos Institutos Superiores do Brazil.

Em 27 de Fevereiro de 1892 consorciou-se com a Exma Sra. D. Antonia de Sá Oliveira, viuva

do fazendeiro Coronel Antonio de Carvalho Pinto Lima, que foi por muitos annos deputado provincial.

Em 27 de Outubro de 1892 foi proposto e unanimemente acceito socio effectivo da Sociedade Medica da Bahia.

O jornalismo bahiano recebeu tambem sua intelligente collaboração.

No *Diario do Povo*, e principalmente n'*A Bahia* publicou, além de artigos relativos a questões de interesse geral, sobre hygiene publica, ensino e outros assumptos, uma serie de artigos sobre as raças e seu cruzamento, os quaes depois reuniu em folheto.

Era realmente um espirito activo e operoso que foi roubado ao grupo dos moços de trabalho a 15 de Fevereiro do corrente anno, quando falleceu.

Caracter docil e lhano, o Dr. Sá Oliveira era, todavia, concentrado, timido e acanhado mesmo no trato, de modo que só pelos seus trabalhos deixava ver o producto do seu estudo e da sua intelligencia.

Membro do Instituto Geographico e Historico, do qual foi um dos socios fundadores, era geralmente estimado e considerado.

E' mais uma perda que o Instituto lamenta, associando-se á sua Exma. familia e aos seus amigos.

Dr. R. M.

EPHEMERIDES E ANEDOCTAS

(Continuação)

1701—Uma carta regia de 11 de Janeiro ordena se mandem para a Bahia vidraças feitas pelos moldes que se remetteram as destinadas ao pharol de Santo Antonio da Barra, expondo-se que os vidros que d'antes se tinhão mandado de Portugal tinhão chegado á Bahia todos quebrados.

1707.—Manda o governo dar 400 reis diarios a Frei João da Assumpção, franciscano, para cuidar da cultura da canella e da pimenta da India, no Brazil.

Era pouco, porém isto demonstra a importancia que desde o descobrimento das Indias orientaes e occidentaes se deu ao cultivo e ao negocio das especiarias.

N'este negocio achavão-se muito envolvidas as differentes ordens religiosas mandadas aos novos territorios descobertos.

N'uma nota de um trabalho meu, publicado nesta mesma Revista com o titulo «Uma pagina da Historia do Brazil», dei algum desenvolvimento a este ponto.

Macaulay falando nas expedições dos jesuitas diz que elles se achavão naquella epocha por toda a parte—«até nas ilhas das especiarias.»

Conhecida é a famosa e desgraçada expedição do conquistador hespanhol Gonzalo Pizarro ás provincias *«de la Canela y del Dorado»*.

Relativamente a esta expedição diz o proprio Pizarro em carta a El-Rei de Hespanha, datada de Tombamba, terra de Quito, a 3 de Setembro de 1542 e mandada copiar no *Archivo de Indias* pelo Sr. M. Jimenez de la Espada: «—fiz saber a V. M.

como pelas grandes noticias que tive em Quito e fóra d'elle, e bem assim pelos caciques principaes e antigos como tambem pelos hespanhoes, que concordavão, ser a provincia da Canela e Lagoa do El Dorado terra muito povoada e muito rica, por cujo motivo decidi de iá ir conquistar e descobrir, por servir a V. M. e lhe alargar e augmentar seus reinos e patrimonio real, e porque me certificárão que destas provincias se haverião grandes thesouros d'onde V. M. fosse servido e soccorrido para as grandes despesas que a diario tem V. M. nos seus reinos... E como as aguas augmentavão, procurei de me informar de que parte era a terra da Canella de alguns indios que hei feito prisioneiros dos naturaes, os quaes me disserão que sabião onde estava a terra da Canela; e como fosse cousa de que tanta noticia se tinha e por tão rica terra era conhecida, porque V. M. melhor e mais certamente fosse informado da verdade, determinei de ir em pessoa vel-a com oitenta soldados a pé sem levar cavallo nenhum, porque a disposição e difficuldades da terra não dava logar a isso. E assim eu andei á procura das arvores da Canela e provincia onde estava, bem mais de setenta dias, nos quaes passamos grandes trabalhos e fomes por motivo da difficuldade (aspereza) da terra e mudança dos guias, de cujos trabalhos morrerão alguns hespanhoes, pelo motivo das grandes aguas e fomes que passamos; e no fim deste tempo achamos as arvores que levão a Canela (*) que são uns caroços (capullos), a mostra dos quaes mando a V. M. e a--folha tem o mesmo gosto, e a cortiça nem o resto tem gosto algum; os quaes estavão em umas montanhas muito ingremes, despovoadas e inhabitaveis; e umas arvores erão pequenas e outras um pouco mais grossas e muito afastadas entre si. E' terra e fructo de que V. M. não pode ser servido nem aproveitar, porque a sua cantidade é pouca e de pouco proveito».

(*) *Nectandra cinna momoides*, ao caroço ou calix capuliforme chamão no Equador *ixpingo*.

Esta expedição como é sabido deu desastrosos resultados pela deserção de Orellana e outros desastres que n'ella se derão.

O Sr. Gaston Paris, o sabio autor de *Historia poetica* de Carlos Magno, escreveu ha tempos nos *Debates* um verdadeiro capitulo de historia sobre a cosinha da Idade-Media.

N'esse artigo dizia-se aludindo á reedição de um livro de cosinha do seculo XV.

«Era uma terrivel cosinha, ao mesmo tempo grosseira e complicada, como é muitas vezes a poesia desse tempo. Grosseira--pelo motivo de que na carne de vacca, de vitella ou de carneiro se não fazia differença (como ainda hoje acontece no campo) entre os bocados succulentos ou delicados e os outros; não se conhecia nem o filet, nem esse requinte gastronomico, o *chateaubriand*, nem a molleja de vitella, nem as costelletas de carneiro. Servia-se tudo misturado, em padaços enormes, cortados em largas fatias, destinadas a grandes comilões. Complicada, por causa dos temperos que consistião principalmente em especiarias, as quaes, quanto mais quentes e fortes, tanto mais agradavão: que variedade nos revelão os livros da idade media neste assumpto, sem fallar do alho, que já não estava tanto em favor no seculo XIV como estivera antes, e dos condimentos mais inoffensivos, como o aniz, os cominhos, a alcaravia, o coentro, erão sobretudo as especiarias propriamente ditas que, em todas as combinações possiveis, acompanhavão as iguarias ou formavão a base dos molhos: a cada linha reappareceu a canella, o cravo, o *garingal,* o gengibre, a *noix muguette* (nox moscada), a pimenta, o pimentão e menos frequentemente o cardamomo, o *ciloal,* a cubeba, etc.»

Esta paixão pelas especiarias remontava á antiguidade.

Uma das causas do prestigio das especiarias,como iá temos dito, era o atractivo do mysterio que girava sobre os Eldorados e sobre os maravilhosos paizes e as ilhas que produzião aquelles raros temperos, como na Europa a terra produz a urze e o joio,

sementes tão preciosas que cada onça dellas se vendia a pezo d'ouro.

A este respeito ainda diz Mr. Gaston Paris:

«Em allemão diz-se ainda *da wo der Pfeffer wæchst* (lá onde cresce a pimenta) para exprimir a idéa d'um paiz fantasticamente longinquo. Mas as imaginações aventurosas trabalhavão e procuravão o meio de chegar directamente ás regiões a que Deus concedera esses dons preciosos, que recusára aos nossos climas. Era o que impellia Vasco da Gama a dar a volta á Africa, Christovão Colombo a navegar direito a esse famoso Cipango (Japão), que elle julgou attingir quando vio as costas de Hispaniola erguerem-se-lhe na frente. Emfim, lá se chegou aos taes paizes das especiarias e o seculo XVI vio-as entrar nos nossos portos a bordo dos navios portuguezes em carregamentos de uma riqueza até então desconhecida.»

Antes da descoberta das novas especiarias a cosinha medieval empregava tambem abundantemente o tempero com vinho.

Rabelais cita «la saulce au monlt» no seu *Gargantua.* Um dos personagens do seu livro tendo pedido carne de porco deplora que não acha mais sobre a mesa a famosa «saulce au monlt». *Taillevent,* outro personagem, recommenda este molho para servir-se com o porco.

A palavra *monlt* ou *monst (mustum)* era um vinho ainda não fermentado, vinho doce.

Rabelais que parecia ser grande apreciador deste molho torna a fallar delle no cap. XXXVII do *Gargantua* referindo-se a «trois cens gorets (porcos) de lait *a beau monst*».

Taillevent dá a seguinte receita deste preparo:

«Prener des raisines hors la hors de la grappe et les escachez dans une pot. Mettez le couillir sur le feu demyquart d'heure et y mettez *un bien peu de vin vermeil* si n'avez assez de raisin; les laissez refroidir; aprés passez parmy l'estamine et pour quatre

platz, prénez deux onces de gingembre et passez tout ensemble par l'estamine excepté le sucre».

O que são as modas!

Apenas abundárão nos mercados, passou um tanto a voga das especiarias. Ou porque o seu barateamento lhes tirasse todo o prestigio, ou porque o paladar europeu tivesse experimentado uma alteração sensivel, a partir do meiado do seculo XVI a sua voga com effeito diminuio e hoje só excepcionalmente figurão nas modernas receitas culinarias.

A Bahia porém ainda tem o seu tempero especial da *malagueta* como o Mexico tem o seu Pimento-Chile.

1718--A 6 de Abril D. João V. compra a Cosme Roiim de Moura a capitania do Espirito Santo por quarenta mil cruzados.

--A 11 do mesmo mez e anno forão os ciganos do Reino degradados para a Bahia, tendo-se recommendado ao Governo de pôr o maior cuidado em que elles não ensinassem a seus filhos a sua lingua e costumes afim de conseguir-se a sua extincção.

A' vista dos bandos de ciganos armados que hoje ainda infestão o interior do Brazil não parece que se tenha conseguido aquelle fim, aliás louvavel.

1723--A 20 de Janeiro D. Luiz Alvares de Figueiredo dá os seus estatutos ao recolhimento dos Perdões, situado perto do Largo de Santo Antonio além do Carmo na Bahia.

Este convento foi fundado por Domingos Rosario e Francisco das Chagas para n'elle ser recolhida uma irmã d'estes chamada D. Antonia de Jesus, juntamente com outras mulheres devotas.

Este edificio que tem sido diversas vezes reformado acha-se sobre uma antiga e immunda valla de materias fecaes, o que não obstou para elle ter sido ha pouco reformado sobre a dita valla sem nenhuma preocupação da hygiene.

1724--Uma Carta Regia de 22 de Fevereiro d'este anno diz o seguinte:

Dom João por graça de Deus Rey de Portugal e dos Algarves de quem e dalém mar em Africa Senhor

de Guiné etc.--Faço saber a vós Ayres de Saldanha de Albuquerque Governador e Capitam Gn. da capitania do Rio de Janeiro, q. havendo visto o que me representou ao V. Rey e Capitam Gnl. de mar e terra do estado do Brazil Vasco Frz. Cezar de Menezes em carta de trinta e hu de Mayo do anno passado, sobre o aviso que lhe fez Franc° Per.ª Mendes que pelo interim se acha governando afeitoria de Ajudá a respeito de ter hido a ilha da Trindade hum paquete ingléz botar gente em terra para apovoarem, e depois a ilha grande p.ª venderem a fazenda que levavão, o q. não conseguirão pello cappitam de mar e guerra Joseph de Lenedo lhe dar duas vezes cassa e tornando para o d.° porto de Ajuda a lansara em terra, carregando depois de escravos em um Navio da companhia que se suppunha tinha hido para a costa do Brazil em cuja povoação da dª ilha da Trindade afirmão os Inglezes he muy empenhado o duque de Xambre hoje o mais interessado na comp.ª de Guiné com o interesse de q. introduzindo lhe muytos escravos os possa mais facilmente passar a ilha grande e por q. o meyo de se atalhar este damno que certamente há de causar a introdução deste commercio na d.ª Ilha sou servido ordenarvos por rezolução de dez de Janeiro deste prezente anno em consulta do meu Cons. Ultramarino q. sefortifique a d.ª praça, tendo-se nella hus taes Ministros que zelem e impidão este negocio, o qual se o conséguirem os Inglezes será não só muy pernicioso ao Estado do Brazil mas a este Reyno: de q. vos aviso pª que assim o tenhaes entendido e executardes esta minha Real dispozição. El Rey nosso Senhor o mandou por José Telles da Sylva e Antonio Roiz da Costa conoelheyros do seu cons. Ultramarino e se passou por duas vias. Antonio de Cobellos Pereira a fez em Lxª Occ. a vinte e dois de Fevereyro de mil sette contos e vinte e quatro.

O Secretario, André Lopes de Laura a fez escrever.

— João Telles da Silva --- Antonio Roiz da Costa.

1725--A 4 de Fevereiro a *Academia Brazileira dos Esquecidos* celebrou a sua ultima sessão na cidade da Bahia, onde ella tinha sido creada no anno anterior sob os auspicios do Vice-rei Vasco Fernandes Cezar de Menezes, mais tarde Conde de Sabugosa.

Referindo-se a esta Sociedade diz um chronista: «Esta foi uma das generosas tentativas litterarias e scientificas feitas n'esta terra, e esmagadas pela metropole e pela indiferença do povo. Entre ellas podemos citar as seguintes e que tambem tiveram vida ephemera:

Academia dos Felizes, Academia dos Selectos, Sociedade brazileira dos Academicos Renascidos, Arcadia Ultramarina.

1725--No mez de Junho d'este anno toma posse da diocese da Bahia o 6.º arcebispo d'esta mitra D. Luiz Alvares de Figueiredo, o qual deu grande impulso a edificação da Egreja da Sé, onde mais tarde foi sepultado.

1731--Uma lei promulgada n'este anno declara que todos os diamantes encontrados nas minas do Brazil, de 20 quilates para cima, pertencerião á Coroa e serião logo remettidos para Lisboa, dando-se 400$000 a quem os achasse, e alforria, sendo escravo, sob pena de confisco e perda das pedras achadas para a Fazenda Real.

1733--A 10 de Março uma ordem regia vinda de Portugal prohibe que das capitanias do Brazil passassem mulheres a Portugal sem permissão previa do Rei.

«Ordem exquisita e impertinente--diz um chronista--que apenas parece receiar a conquista de Portugal pela belleza das nossas patricias »

1736—A 20 de Março prohibe-se entrar no Brazil e mais colonias do Reino todo e qualquer tabaco estrangeiro.

1739—A 3 de Fevereiro, foi fundado na vertente sul do morro do castello da Capital do Brazil o Seminario episcopal de S. José, cujo fundador foi Frei ntonio de Guadelupe, 4º Bispo do Rio de Janeiro.

1752—A 30 de Janeiro celebra sessão no palacio Governador e capitão-general Gomes Freire de

Andrade no Rio de Janeiro a *Academia dosSelectos,* os quaes accordarão entre si endereçar applausos em prosa e verso ao referido capitão-general, por ter sido o mesmo promovido ao posto de Mestre de Campo general, e ao emprego de primeiro commissario da medição e demarcação dos limites meridionaes do Brazil.

Esta associação composta de homens eruditos estabeleceu mais tarde no Rio uma typographia, que a côrte «mandou queimar e abolir, para não propagar ideias que podião ser contrarias ao interesse do Estado».

1752—Ainda n'este anno a Camara Municipal da Bahia manda fazer a bica ou chafariz conhecido com o nome *d'Agua de Meninos* destinada ao serviço publico.

As aguas d'esta bica provinhão do alto da montanha ao pé da qual acha-se construido o chafariz.

Foi o Governador Thomé de Sousa quem concedeu a Christovão de Aguiar Daltro a titulo de sesmaria uma porção de terreno situado no alto e ao norte da cidade, no qual existia uma nascente de copiosa agua, que ia correndo atè beira mar formando alli um lago bastante extenso.

N'este lago costumavão banhar-se diariamente grande numero de meninos que alli vinhão por vezes de muito longe, pelo que o logar foi d'então para cá conhecido com o nome *d'Agua de Meninos.*

No terreno concedido a Aguiar Daltro fundou este um engenho de canna de assucar, cujo motor erão as aguas da nascente encanadas por elle, o qual tambem montou alli um alambique de distillar aguardente.

Em 1773 o governo mandou fazer um grande tanque ao lado do chafariz para bebida dos cavallos do quartel de cavallaria, construido nas proximidades.

Em 1776 foi restaurado o chafariz na mesma occasião em que foi aterrado o *Lago dos meninos,* no intuito de se construir o caes e a rua que alli existem.

1754—Os commissarios regios condemnão o magnetismo e um medico faz, a proposito, o seguinte epigramma:

«Se algum ente original
Duvida, sem ter de que,
Podemos dizer-lhe:—Crê
No magnetismo . . . . animal!»

1758--A 3 de Julho d'este anno dá prinicipio á fundação do Recolhimento de S. Raymundo, na capital da Bahia, o abastado capitalista sargento mór Raymundo Maciel Soares, deixando em seu testamento valiosa quantia para a sua conclusão, com a condição de resarem todos os dias uma *Salve Rainha* por sua alma as mulheres que voluntariamente alli quizessem recolher-se.

1760--A 19 de Abril são presos e atravessam as ruas da cidade da Bahia, no meio de numerosas escoltas, levando na frente grande multidão de povo, como si fossem grandes scelerados, os Jesuitas alli residentes, e no dia seguinte partem para Lisbôa.

1762--Em 2 de Abril o governo viu-se obrigado a publicar um decreto contra o luxo e á ostentação das mezas dos generaes e officiaes superiores do exercito, que sob o reinado de D. José tinhão chegado até o escandalo.

N'esse decreto ordenava-se que nos quarteis, em que as tropas estivessem juntas ou separadas, só fosse permittido ao general que commandasse em chefe dar meza aos generaes e officiaes que costumavam ir a ella, com declaração de que ainda na meza do mesmo general não poderia haver mais de vinte pessoas, nem mais de uma coberta de *vinte pratos, sorteados da cosinha e outra coberta de fructas e doce*, nem peça alguma de prata que não fossem colheres, garfos, facas e cafeteiras, nem louça alguma da China, e tudo debaixo da pena de desagrado ao general em chefe, e de perdimento dos postos contra todos os militares que, achando a meza servida em outra forma, se sentassem para comer nella, ou ainda em outra meza separada.

Nas mesmas penas incorreriam todos os generaes e militares desde mestre de campo general até capitão inclusivamente, que no referido exercito ou quarteis das tropas dessem mezas que não não fossem, a saber: Os mestres de campo generaes e sargentos móres de batalha aos seus ajudantes de campo e officiaes de ordens que estivessem de dia, sem excederem *um prato de sopa, outro de cosido, outro de assado e outro de guizado*, pelo que tocava á cosinha, e *outros quatro pratos de doce, fructa e queijo*, pelo que pertencia á cópa.

1763--A 13 de Junho nasce na cidade de Santos José Bonifacio de Andrada e Silva, patriarcha da independencia do Brazil, a quem a patria erigiu um monumento no largo de S. Francisco de Paula, na actual Capital federal.

1773--Sahe de Goyaz uma expedição com destino ao Pará, uma expedição que pela primeira vez subiu o Rio Tocantins.

1774--Diz um curioso: «El-Rei que havia jurado guerra de exterminio aos burros para favorecer os cavallos, em Goyaz reconsidera o seu acto, e concede amnistia aos orelhudos muares. Estes, satisfeitos, fizerão uma manifestação a João Manuel de Mello, então Governador e Capitão-general da Capitania de Goyaz.

Mais de um seculo depois o Sr. Totó-Nicossia, n'um famoso brinde pronunciado na inauguração da famosa *Metropolitana* no Rio de Janeiro, torna a declarar guerra aos burros, d'esta vez, para favorecer á tracção electrica.

1775--O capitão general de S. Paulo, Martim Lopes Lobo de Saldanha publica um bando prohibindo, sob pena de prisão e multa, o uso que fazião as mulheres das mantilhas de baêta, com as quaes se envolvião de modo a occultar o rosto.

Este costume commum ás filhas do Perú e de Andaluzia parecia não ser do gosto d'aquella auctoridade . . . . positivista, que gostava sem duvida de que todos vivessem ás claras.

1781--A 15 de Janeiro falleceu com mais de 62

annos de idade, D. Marianna Victoria, viuva de D. José I. Mandou-se deitar luto por 6 mezes e multa de 2$000 para quem o não deitasse.

1783--Com a data de 4 de Junho existe no archivo Publico da Bahia um documento, publicado ha poucos annos por um jornal d'aquella capital e extrahido do livro 1º de *Cartas* por S. Magestade, e referente a minas de cobre na cidade de Cachoeira, e cujo documento é do teor seguinte:

Ill. Exm Senhor.--Na diligencia que se fez em virtude da Ordem de 14 de Setembro de 1782 no districto onde foi estrahido o cobre, para ver-se se descobria alguma mina delle, ou de ferro, se achou outra porção do mesmo cobre que o Sr. Juiz de Fóra da Villa de Caxoeira já me entregou, o qual quero eu mesmo ser que o apresente a V. Exa. com o Mapa Topografico daquelle districto. Elle foi tirado junto do lugar em que se descobrio o primeiro e pesa hua arroba, hua libra e dez onças, e entre algumas pequenas pédras que tambem agora se descobrirem no dito Lugar mandei ensayar na Caza da Fundição, digo da Moeda, hu que pezava hua Onça, e no ensayo que se lhe fez produzio duas oitavas, e sincoenta e dous grãos. Tambem acaso se achou no mencionado Lugar huns grãos de ouro em pó de folheta miuda, e tirando-se nove para se fundirem, ficárão em oito, tendo de toque pelo ensayo que se lhe fez vinte e tres quilates e tres oitavas.

Todas estas experiencias se fizerão na minha presença, e remeto a V. Exa. o papel junto do Ensayador da Moeda, Clemente Alves de Aguiar em que declara o que eu sobre ellas tenho relatado a V. Exa. Bahia a 4 de Junho de 1783, Illm. Exm. Senhor Marinho de Mello e Castro.*(Marquez de Valença).*

1785—A 5 de Janeiro foi publicado um alvará ordenando se fechassem no Brazil, sobre as mais graves penas, todas as fabricas, manufacturas e teares de algodão, de bordados de ouro, prata, seda, linho, lã ou algodão, exceptuando-se apenas a fa-

zenda grossa de algodão para uso dos negros, dos indios e das familias pobres.

—E' ainda d'este anno uma postura do Senado e da camara da cidade de São Salvador reproduzida pelo *Diario da Bahia*, estabelecendo o seguinte a respeito da *venda de peixe*:

«*Peixe*—Cada uma libra dos peixes seguintes: cavalla, bijupirá, pescada, garopa, mero, sioba, vermelho, xerne, pampalo será vendida a 30 rs. nas Armações, desde principio de Outubro até o ultimo de Abril, e nas praças a 40 rs., e de primeiro de Maio atè ultimo de Setembro nas Armações a 50 rs., e nas praças a 60 rs. ; o dourado, olho de boi e agulhão se venderá com a diminuição de 10 rs. em cada libra nos differentes tempos já indicados.

O xaréo, cação e arraia se venderá a libra nas Armações a 10 rs. e nas praças a 15 rs. no tempo do verão; e no inverno a 15 rs. nas Armações, e a 20 rs. nas praças. As garopas secas serão vendidas a 100 rs., e as salpresas a 120 rs., sendo ordinarias; e as grandes secas a 120 rs., e as salpresas a 160 rs., os meros ordinarios a 320 rs, e os grandes a 480 rs. Todo o peixe fresco de Itapagipe, Pedreiras, Agua de Meninos, Rio Vermelho, Ubarana, Pituba, Itapoan e o que vem de fóra, que se pesca em rêde, linha, mozuás, cofos, grozeiras e armadilhas, que não forem capazes de fazer posta, será vendido nesses lugares na fórma que está estabelecido a respeito das cavallas, bijupirás, etc., á excepção de peixe miudo, que se venderá a 20 rs. a libra, nos respectivos lugares, e nas praças a 30 rs., debaixo da pena de 6$ e 30 dias de cadêa.

Nenhuma ganhadeira, pescador, ou outra qualquer pessoa que seja poderá vender peixe algum senão a peso, tendo para isso balanças e pesos afilados, e praticando o contrario serão punidos em 6$ e 30 dias de cadêa, e tomado o peixe para os presos. »

1791—A 17 de Janeiro uma carta regia declara que, em caso algum, poderião os indios do Brazil ser conservados em captiveiro.

1795—D. Fernando José de Portugal, governador e capitão geral, manda fazer nos Paços da camara e do Senado, reedificado por Francisco Barretto de Menezes, governador geral da Bahia, os reparos necessarios para n'elles serem instaladas a cadeia publica, a enxovia e a sala fechada, correndo as despezas por conta das rendas da Camara.

«No centro do edificio,—escreve um curioso—erguia-se uma torre com abobada, e sobre esta existiu até pouco tempo um grande catavento de ferro, representando uma feia figura humana com cordas e correias de açoitar nas mãos, a que o povo chamava o *Giga da cadeia*, o qual foi substituido por um mastro em que é içada a bandeira nacional nos dias de gala. Havia tambem na torre um sino, que tangia, por tres dias, o juiz do povo para reunil-o como era costume.»

1798—Em 29 de Janeiro estabelece D. João V as diversas formas por que devião usar-se os tratamentos de *Excellencia*, *Senhoria* etc.

1803.—O general Francisco da Cunha Menezes, governador da Bahia, compra ao coronel Caetano Mauricio Machado um terreno em logar aprazivel na cidade alta daquella capital, visinho ao Forte de S. Pedro, na fregueza da Victoria.

Mais tarde o Conde dos Arcos decidiu a creação naquelle logar do actual Passeio Publico, do qual se goza de uma incomparavel vista do mar, quiçá unica no mundo e que os olhos não se saciam de admirar.

E' pena que os possuidores desta verdadeira joia da natureza não se decidam a sabel-a aproveitar e gozar.

1804.—A' capital da provincia da Bahia chega o navio *Bom-Despacho*, trazendo, a seu bordo, os escravos que levara á Lisboa e que alli vaccinados trazem a vaccina para o Brazil.

1805.—A 12 de Junho Fr. José de Santa Escolastica, monge benedictino e 13° arcebispo da Bahia toma posse da diocese.

1808.—A 28 de Janeiro, uma carta-régia franqueia

os portos do Brazil a todas ás nações amigas e alliadas do Rei de Portugal.

Teixeira de Mello chama-a «*Carta de alforria.*»

—A 1º de Abril revoga-se o Alvará de 5 de Janeiro de 1785, sobre a iniqua prohibição de fabricar-se no Brazil tecidos finos e bordados de algodão e outras materias.

—A 7 de Abril crea-se o *Archivo Militar* para reunião e guarda dos mappas e cartas geographicas do Brazil e dos dominios ultramarinos de Portugal.

—A 13 de Maio (data aurea) deste anno, funda-se no Rio de Janeiro a *Imprensa Régia.*

Foi nessa imprensa que se publicou o jornal brazileiro, que se denominou - *O Diario do Rio de Janeiro.*

Antes dessa data, a arte typographica era prohibida no Brazil e nunca existiu, apezar de saber-se que Gomes Freire de Andrade, Conde de Bobadella, quando governador e capitão-general, no tempo da Colonia, animou a creação de uma typographia, da qual foi fundador Isidoro da Fonseca.

O que é certo, segundo o Sr. Dr. João Nogueira Jaguaripe em carta remettida ao *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro e publicada por este em 4 de Maio de 1895, é que o governo portuguez mandou destrüir e queimar aquella typographia e que não se pode precisar a data de sua fundação.

1809.—A 5 de Janeiro deu-se, pela segunda vez na Bahia, uma revolta dos escravos da nação *Ussá*, os quaes praticaram todo genero de attentados a tres legoas daquella capital, sendo precisa a intervenção da força armada para submettel-os e batel-os.

1810.—A 30 de Setembro, toma posse do governo da capitania da Bahia o Conde dos Arcos, D. Marcos de Noronha e Britto, que exerceu esse cargo até 26 de Janeiro de 1818, dia em que foi rendido pelo Conde da Palma.

Ao Conde dos Arcos deve a Bahia grandes melhoramentos materiaes.

1814—Uma portaria de 10 de Maio, auctorisada pelo governo do principe regente D. João VI, concede licença ao Governador da Bahia para fundar o

edificio da Praça do Commercio sobre os terrenos que sobravão da antiga bateria de São Fernando.

—A 17 de Dezembro lançarão-se os fundamentos do edificio da Praça do Commercio da Bahia, sendo commemorado o fausto acontecimento com um esplendido baile dado ao Governador da provincia. N'uma das salas do edificio figura ainda o retrato a oleo e em ponto grande do referido governador. Elle foi mandado tirar pela corporação commercial para perpetuar a memoria d'aquelle administrador.

1816—A 26 de Fevereiro chega ao Rio de Janeiro procedente do Havre, a bordo do navio americano *Calpte*, o Sr. Joaquim Le Breton secretario perpetuo da secção de Bellas-artes do Instituto Real de Pariz, á frente de uma colonia de artistas francezes, mandada vir de França com o fim de implantar no Brazil o estudo das Bel'as Artes.

D'essa expedição fazião parte Nicoláo Antonio Taunay, pintor; Augusto Taunay, esculptor; e Grand-Jean de Montigny, architecto.

—A 13 de Março do mesmo anno D João VI ordena que sejão incorporados em um só escudo as armas dos Reinos—Unidos de Portugal, Brazil e Algarves.

As armas do Brazil forão: de azul e em campo uma esphera armillar de ouro.

O Escudo Real de Portugal inserto n'esta esphera com uma corôa sobreposta, ficou sendo d'alli em diante as armas do Reino-Unido para todos os effeitos e usos da pragmatica.

1817—A 28 de Janeiro inaugura-se a Praça do Commercio da Bahia.

N'esta occasião a corporação commercial offerece ao Governador uma rica espada de honra, fabricada em Londres.

1818—A 26 de Janeiro toma posse da Capitania general da Bahia o Marquez de São João da Barra, que foi senador do Imperio por São Paulo e precedentemente titulado, primeiro conde da Palma.

—N'esse mesmo anno as villas Real de Cuyabá e

Bella, da Capitania de Matto-Grosso, passão a cidades com as denominações de *cidade de Cuyabá* e *cidade de Matto-Grosso.*

A villa Boa, da capitania de Goyaz, passa a ser *cidade de Goyaz.*

1821—Em Abril d'este anno os deputados da Banda Oriental do Prata, resolvem, em Montevidéo, constituir-se em provincia (denominada *Cisplatina*) e incorporar-se ao imperio do Brazil.

—No mesmo mez de Abril d'este anno as Côrtes de Lisboa declararam que os governos provinciaes do Brazil se tornarião independentes do Rio de Janeiro, ficando dependentes do Governo de Lisboa.

1823—A 8 de Janeiro o imperador D. Pedro I convoca todos os brazileiros e chama-os para o Brazil sob-pena de serem considerados portuguezes os que, no prazo de 6 mezes, não voltassem á patria.

1824—Rompe em Pernambuco a revolução conhecida pelo nome de *Confederação do Equador.*

O novo governo mandou para o estrangeiro ao Dr. José da Natividade Saldanha.

As coisas da democracia tendo corrido mal, foi elle condemnado a morte pela commissão militar.

N'esta occasião mandou de Caracas aquelle distincto Pernambucano a seguinte procuração *a favor* do seu collega o juiz Dr. Thomaz Xavier Garcia de Almeida que havia sido condemnado:

«Pela presente procuração, por mim feita e assignada, constituo por meu bastante procurador na provincia de Pernambuco, ao meu collega Dr. Thomaz Xavier Garcia de Almeida, para em tudo cumprir a pena que me foi imposta pela commissão militar, podendo este morrer enforcado, para o que lhe outorgo todos os poderes que por lei me são conferidos. Caracas, 3 de Agosto de 1825. *José da Natividade Saldanha.*

—A 2 de Julho, Manuel de Carvalho Paes de Andrade chama ás armas as provincias do norte convidando-as a confederar-se em um estado independente, sob a denominação de—«Confederação do Equador».

Originou-se essa rebellião do desgosto causado pela dissolução da *Assembléa Constituinte.*

O enthusiasmo popular não correspondeu a este appello dos patriotas republicanos, porém a proclamação da novel republica apressou a promulgação e juramento do pacto constitucional, que manteve a integridade do Brazil.

1825.—A 17 de Março, João Guilherme Raticlif, Joaquim da Silva Loureiro e João Metrowich, foram conduzidos ao logar da forca e ahi «padeceram morte natural para sempre» como reza a certidão passada por José Joaquim de Gouveia.

Raticlif escreveu o seguinte na parede do oratorio:

Quid mihi mors nocuit?
— *Virtus post facta vires uti,*
—*Nec sæve perit illa tyranni.*

(Que mal me faz morrer?—A virtude reverdece depois da morte. Não a mata a espada de um tyranno).

Ainda diz o seguinte: «Morro innocente e pela causa do Brazil e da humanidade: possa meu sangue ser util a ambos».

No ultimo degráo do patibulo diz mais ao povo:

«Brazileiros! eu morro innocente, morro pela causa da razão, da justiça e da liberdade. Praza ao céo que o meu sangue seja o ultimo que se derrame no Brazil e no mundo, por motivos politicos».

1826.—A 23 de Novembro o governo do Brazil assigna com o da Inglaterra um tratado pelo qual, d'então por diante, ficou prohibido o trafico de africanos no Imperio Brazileiro.

1829.—Em 4 de Maio morre no Rio de Janeiro o notavel orador franciscano, Fr. Francisco de São Carlos, a *Sereia do pulpito*, como o appellidavam os seus contemporaneos.

1834.—A 19 de Fevereiro uma singular representeção do conselho geral da provincia de S. Paulo pede ao Governo dispensa do celibato para o clero.

O cabido da diocese, a quem foi remettida a representação, deu a seu respeito a informação seguinte: «Que o cabido, empregando toda a cir-

cumspecção que o assumpto merece, responde que, comquanto julgue a dita representação baseada em justiça e razão, comtudo, julgava que só o Exm. prelado, que melhor que ninguem conhece o estado do bispado, podia informar convenientemente.»

—A 29 de Janeiro uma ordem da thesouraria da alfandega estabelece que não se recebesse moeda de cobre senão pela metade de qualquer pagamento a fazer-se naquella repartição.

Era esta a época dos famosos *chan-chans*, moedas de cobre falsificadas em grande escala, muito mal feitas e cujo som fanhoso ao chocar entre si lhes valeu o nome com que foram designadas.

A medida da thesouraria da alfandega foi proveitosa, pois as moedas falsificadas desappareceram pouco depois.

1835—A 24 de Janeiro rebentou na Bahia uma insurreição de escravos africanos, os quaes, no meio de estrepitosa gritaria, assaltaram os póstos e quartel de permanentes ou soldados de policia, estabelecidos no Largo do Theatro Publico, na Mouraria e no Collegio, levando as suas correrias até o quartel de artilheria do Forte de S. Pedro e de cavallaria d'Agua de Meninos, sendo repellidos de todos estes pontos e presos 25 d'entre elles.

O resto fugiu para os mattos ou afogou-se atirando-se para o mar.

O Dr. Francisco de Souza Martins, então governador da provincia, deu as providencias necessarias para o severo castigo dos revoltosos e para evitar no futuro tentativas da mesma natureza que, effectivamente, não mais se reproduziram.

—Em Abril deste anno é eleito Regente o Padre Diogo Feijó.

1836.—O Sr. Dr. Urbano Duarte na sua *Chronica Fluminense* para o *Diario Popular*, de S. Paulo, escreveu ha dois annos o seguinte:

«Em 1836, o deputado maranhense Estevão Raphael de Carvalho, um originalão de truz, apresentou á assembléa o seguinte projecto (que leio na Revista

do *Instituto Historico*, tomo XLIX, 4º **trimestre** de 1886, pag. 291:

«Art. 1.º Todo o individuo que se inculcar **patriota** ou se provar que o seja, pelas suas palavras, escriptos, acções e pensamentos:

Penas de 4 a 12 annos de prisão com trabalho.

Nesta classe entram os paes da patria, martyres da liberbade, defensores das liberdades publicas, etc.

Art. 2.º Todo aquelle que se intitular philantropo, ou se provar que o seja, pelas suas palavras, acções, escriptos e pensamentos:

Penas de 6 a 12 annos de enfermaria privada no hospital.

Nesta classe entram os defensores da humanidade opprimida, os peccadores d'almas perdidas, etc., etc:

Paço da camara dos deputados, 2 de Julho de 1836.—*Raphael de Carvalho.*

Este estrambotico projecto produziu hilaridade geral, e naturalmente não foi julgado objecto de deliberação.»

1838.—Em Abril deste anno foram derrotadas as forças imperiaes na batalha do Rio Pardo (Rio-Grande do Sul), e no mesmo mez é eleito Regente effectivo o Marquez de Olinda.

1839.— A 2 de Dezembro começa a funccionar novamente, depois de sua reforma, o pharol de Santo Antonio da Barra da Bahia.

Antes de sua ultima reforma, alcançava 15 milhas com 12 metros de elevação acima do mar, rotação de 4 minutos e mudanças de côres de 80 em 80 segundos.

1851.—A 24 de Janeiro foi lançada a primeira pedra para a construcção do obelisco existente no Passeio Publico, visinho ao Forte de S. Pedro, na cidade alta da Bahia.

Este obelisco era destinado a commemorar o desembarque da Familia Real Portugueza, na mesma capital.

A obra fei feita por conta da municipalidade e á sua inauguração assistiu grande concurso de povo, formando em parada toda a guarnição.

1853.—Em 21 de Fevereiro chegou ao Rio de Janeiro o famoso diamante *Estrella do Sul*, encontrado na Bagagem, (Minas-Geraes) e avaliado em perto de dous mil contos.

O possuidor dessa pedra chamava-se Casemiro José de Moraes.

1855.—A 13 de Junho ficam terminadas as obras do arco, que passando sobre a Rua da Valla, fez communicar o largo do Barbalho com o de Nazareth, na Bahia.

1856.—Considero curiosa a referencia da seguinte anedocta, que achei em um numero de Agosto de 1892 do *Jornal do Commercio*, da Capital Federal.

«Corria o anno de 1856. Tinha subido á escolha imperial uma lista triplice, votada pela provincia do Rio de Janeiro. Fôra a lucta crespa, e todos os matizes de partido haviam conseguido induzir um dos seus candidatos. Mais votado e 1°—Sayão Lobato, 2°—Thomaz Gomes, 3°—Candido Borges.

Apostas sobre apostas se faziam em par um ou outro candidato.

Achava-se á respeito disputando um grupo de pessoas na rua do Ouvidor. Entre elles figurava Sayão Lobato, manifestando ora esperança, ora tristeza.

Approximou-se Thomaz Gomes, e depois dos cumprimentos habituaes, felicitou Sayão por ser o primeiro da lista, dizendo-lhe pousada e como convencidamente—*In principio erat verbum*

—Agradeceu-lhe Sayão os cumprimentos, retorquio-lhe e accrescentou—*In medio consistit virtus.*

Não poude conter-se tranquillo um espectador; virou-se para ambos, e exclamou: Como se illudem! Mais certo é o axioma—*Finis coronat opus.*

Candido Borges foi o escolhido.

Pela classificação e adaptação:

Rio, 20—4—99.

Adolfo Morales de los Rios.

NOTICIARIO E VARIEDADES

Homenagem do Instituto Historico da Bahia ao Padre Antonio Vieira

Lê-se no *Jornal do Commercio* do Rio, do dia 12 de Fevereiro ultimo:

Homenagem do Instituto Geographico e Historico da Bahia ao grande e famoso orador P. Antonio Vieira no bi-centenario de sua morte.»

Devemos á gentileza do proprietario da acreditada livraria Cruz Coutinho a offerta de um exemplar dessa importante obra, organisada pelo Cons. João Nepomuceno Torres, 1º Secretario do Instituto Historico da Bahia.

Os leitores do *Jornal do Commercio* estão certamente lembrados das noticias que aqui publicamos em Julho de 1897 sobre as festas com que a Bahia solemnisou o bi-centenario da morte do glorioso pregador luso-brasileiro. Essas festas foram, como se sabe, promovidas pelo Instituto Historico d'aquelle Estado, que assim prestou justa homenagem á memoria do Padre Antonio Vieira, cuja vida foi toda de serviços ao Brazil.

Quem quer que por ventura se consagre ao estudo da influencia exercida pelas nossas associações scientificas, terá que assignalar os enormes serviços prestados ao perfeito conhecimento do nosso passado pelos Institutos Historicos do Rio de Janeiro, da Bahia, de Alagoas e de Pernambuco, bem omo pela Academia Cearense, cuja *Revista* é já m valioso repositorio de importantes trabalhos, aças ao esforço e ao exemplo de Thomaz Pompeo Guilherme Studart.

Ainda ha bem pouco tempo o Instituto Historico e Archeologico de Alagoas, depois da mais profunda analyse e da mais ampla discussão, proferio o seu laudo sobre Calabar, que tão importante papel desempenhou, collocando-se ostensivamente ao lado dos hollandezes invasores, e cuja individualidade é tão diversamente apreciada pelos nossos historiographos, alguns dos quaes o julgam um traidor e outros, como Fernandes Pinheiro, um transviado, e ainda outros um homem digno, cujo crime se cifrara em optar pelo jugo benefico da Hollanda progressista e liberal.

O Instituto Historico da Bahia, em cujo seio não são raros os sabios, tem prestado ao estudo da historia nacional os mais relevantes serviços, principalmente na parte referente ao dominio colonial.

A commemoração do bi-centenario do glorioso sacerdote, em cujas mãos, como bem disse Rebello da Silva, «o idioma patrio se tornou um instrumento docil, poderoso e irresistivel» é um outro titulo de gloria para esse mesmo Instituto Geographico e Historico da Bahia.

O volume que temos á vista é uma obra de notavel importancia, em que figuram as conferencias feitas pelos Srs. Drs. Braz Hermenegildo do Amaral e Ernesto Carneiro Ribeiro, Padre Elpidio Tapiranga e Monsenhor José Basilio Pereira, membros do Instituto.

Devemos destacar como as mais notaveis as conferencias do Dr. Ernesto Carneiro Ribeiro, que em phrase admiravelmente burilada estudou Antonio Vieira como classico da lingua que Camões falou, e de Monsenhor Pereira, que longa e minuciosamente apreciou o immortal pregador como politico e como diplomata.

Lendo-se a conferencia do Dr. Ernesto Ribeiro, fica-se convencido da verdade de uma affirmativa de Theophilo Braga, que de memoria aqui reproduzimos.

«Plinio, escrevendo a Tacito, dizia-lhe: Felizes os que sabem praticar cousas dignas de serem escri-

ptas e escrever cousas dignas de serem lidas. Tal é o caracteristico do grande homem. Vieira possuio esta dupla capacidade.»

A conferencia de Monsenhor Dr. Basilio Pereira corroborou brilhantemente o juizo que sobre o Padre Vieira. como politico e como diplomata, proferio Thomaz Ribeiro.

«O Padre Antonio Vieira foi o maior liberal de seu tempo. Disse verdades amargas ao povo e ao Rei».

Essas duas conferencias por si só bastariam para valorisar a publicação do Instituto Geographico e Historico da Bahia.

São dignos tambem de citação a noticia sobre a importante exposição bibliographica feita pelo Instituto e os juizos de escriptores de nomeada sobre o Padre Antonio Vieira.»

Lê-se n'*A Verdade*, Jornal de Fortaleza:

«Temos sob as vistas o primoroso volume, que contém a descripção das bem merecidas festas celebradas pelo Instituto da Bahia por occasião do bi-centenario da morte do egregio Jesuita.

Basta dizer que encerra as admiraveis Conferencias realisadas então na Capital Bahiana para fazer o elogio do livro e recommendal-o aos homens de lettras deste Estado.

A glorificação do grande Antonio Vieira pelo modo como soube fazel-o aquella distincta e patriotica Associação deve trazel-a cheia de ufania e regosijo.

Nossas felicitações ao Instituto da Bahia.»

Donativo ao Instituto da Bahia

O Dr. G. Studart acaba de retirar de sua riquissima collecção de documentos historicos doze, que dizem respeito a Manoel Alves Branco, e os offereceu ao Instituto da Bahia de que faz parte.

Além do valor que esses documentos encerrão para a biographia do notavel Bahiano, elles são preciosos por conterem os autographos de grande numero dos mais illustres politicos e estadistas do 1.º e 2.º reinado, como sejam D. Pedro I, D. Pedro II; Diogo Antonio Feijó, Francisco de Lima e Silva, João Braulio Muniz, José da Costa Carvalho, Pedro de Araujo Lima; Clemente Ferreira França, Francisco de Paula Souza e Mello, Joaquim Marcelino de Brito, Nicolau Pereira de Campos Vergr.º, José Carlos Pereira d'Almeida Torres, Candido José de Araujo Vianna, Candido Baptista de Oliveira, Miguel Calmon du Pin e Almeida, Francisco Gê Acayaba de Montezuma, José Saturnino da Costa Ferreira, Manoel do Nascimento Castro e Silva e outros.

Grande Artefacto Lithico

(Feira de Sant'Anna)

Baldo de conhecimentos scientificos especiaes para firmar o juizo de minhas observações, e sem pretender, portanto, que a minha opinião tenha valor aproveitavel para os que se dedicam a estudos archeologicos, penso que a Feira de Sant'Anna está situada dentro de um recinto de monumentos prehistoricos.

Os vestigios de ruinas que se encontram na circumvisinhança desta cidade, em distancias mais ou menos determinadas, impressionam a qualquer observador por menos esclarecido que seja, no tocante á natureza do material de construcção: uma argamassa que lembra edificações de origem excessivamente remota e attesta a existencia de monumentos de uma vetustez incalculavel.

Foi a qualidade da argamassa dessas ruinas que levou o Sr. Christovam Barreto á descoberta do monumento da «Laginha», a que elle appellidou «Tres Torrinhas», pela semelhança de torres que apresentam os tres blocos, toscamente levantados da base oval, de 25 metros de circumferencia.

Este monumento talvez tenha sido a construcção

mais importante e mais notavel daquelles antigos tempos, nesta parte da Bahia, não só pela solidez que se nota no conjuncto dos materiaes aproveitados na obra, como tambem pela altura que deveriam ter as suas torres, a julgar-se pela linha de blocos extendidos em sua base, marcando ainda hoje a direcção do primitivo desabamento.

Examinando-se qualquer pedaço dessa argamassa parece ser ella composta de uma especie de cimento ou calcareo, saibro e argilla, notando-se, além disso, pequenos fragmentos de ossos.

A especialidade desta composição tornou-se-nos tão familiar que, viajando em companhia do mesmo Sr. Christovam Barreto, pela estrada que vae ter aos «Olhos d'Agua das Moças», pelo simples exame que fizemos em um orificio circular encontrado na superficie do solo, na planicie que então atravessavamos, descobrimos a existencia de uma caverna, que me pareceu artificial, podendo ter sido, talvez, um primeiro abrigo de indigena troglodyta.

Nesta caverna, que visitamos dias depois, e onde penetramos previamente munidos de lanterna, trena, bussola e o mais que na occasião nos pareceu necessario a tão temeraria empreza, nada encontramos, como se poderá ler em um dos topicos da descripção que então fizemos daquelle antro, e que aqui reproduzo:

«Paramos junto áquella bocca circular e negra; que apenas tem a capacidade bastante para engulir um homem de cada vez, sondamos o abysmo e verificamos ser a descida toda em linha vertical; medimos a sua profundidade; accendemos a lanterna e penetramos arrojadamente no desconhecido; nossos pés tocaram emfim o solo da caverna e respiramos alliviados.

A nossa lanterna projectou um clarão sinistro, como sombra phantastica, por uma galeria estreita e que se alongava em plano horisontal.

Por ali seguimos quasi de rasto, ouvido attento ao menor ruido, por entre grossas raizes presas ao

tecto e ao sólo, parecendo columnas de bases invertidas, mas que se desfaziam ao menor contacto.

A escuridão que nos cercava era profundamente triste, e do silencio pavoroso nem a aza de um vampiro perturbava o horror. A 60 metros distante da bocca da caverna paramos em uma especie de sala circular, onde pudemos ficar de pé, em frente de um bloco de argamassa, cahido do tecto que nos prohibia de ir além.

Nada mais encontramos ali sinão aquella argamassa, no tecto, nas paredes e no solo.

Entre a parede e o bloco cahido havia, porém, uma pequena abertura, que, si não dava passagem a um homem, lhe permittia comtudo a introducção do braço armado de lanterna, para ver que a galeria continuava e na mesma direcção da recta que tinhamos percorrido. Voltamos.

Antes de subir, examinamos o lado opposto, que agora nos ficava em face, e reconhecemos que a galeria se prolongava por aquelle lado tambem. Mas estava de tal modo obstruida a entrada que abandonamos a idéa de qualquer exploração por diante. Depois o nosso maior desejo era sahir, ver a luz do dia, porque aquella hora de treva já nos incommodava demais. Subimos.»

—Lembro-me agora que durante o regresso à Feira vinhamos profundamente tristes e pensativos, porque, si tinhamos a convicção inabalavel da importancia scientifica de nossa descoberta, faltavam-nos, entretanto, os meios precisos para virar as folhas daquelle velho alfarrabio de argamassa, que bem a nosso pezar abandonavamos.

Resta-nos, entretanto, o consolo da opinião de um sabio analysta do museu de Berlim, a quem remettemos o desenho das «Tres Torrinhas» e amostras em blocos do material da velha construcção, e que nos affirma ser aquillo um monumento prehistorico feito de argamassa artificial, conforme ficou provado pelos trabalhos ali procedidos nos respectivos laboratorios.

Inspirado nesta opinião, acredito ter o pilão, que

offereço ao Instituto Geographico e Historico da Bahia, certo valor scientifico, não somente pela sua qualidade e vetustez, sinão tambem porque a materia de que foi feito se assemelha tanto áquella argamassa do monumento, como duas gottas d'agua entre si.

Este artefacto encontrado á margem do rio Paraguassú, provalmente em algum sambaquy não explorado, mede 65 centimetros em sua maior altura e tem um metro e 27 centimetros de circumferencia.

A sua construcção, como se poderá ver, é por demais tosca e rudimentar: um tronco velho e carcomido pelo tempo, talvez coevo dos gigantescos desdentados, e sem duvida a flor da arte ante-diluviana.

Em minha opinião, porém, semelhantes artefactos devem ser considerados a chave que abrirá as portas da prehistoria á sciencia, quando for possivel explorar-se esta região tão rica em despojos, para contar aos sabios, que tenham de estudal-a, os segredos insondaveis da epoca em que a nossa mãe commum, a Terra, se abriu á luz das artes neste grande triangulo, que depois se denominou America do Sul.

Cezar Ribeiro.

Um monstro de pedra

Foram desenterrados recentemente no Estado de Wyoming, nos Estados Unidos, os ossos petrificados do animal mais colossal que jámais se tenha desentranhado das camadas da terra.

Este monstro de pedra foi um dos habitantes da epoca jurassica, um dinosauro, tendo proximamente 130 pés de comprimento e tendo talvez 35 pés de altura nos quadris e 25 pés nos hombros, animal

tão notavel pelo seu excessivo tamanho, que só o seu esqueleto petrificado pesa mais de 40.000 libras.

Foi seu descobridor W. H. Reed, da secção de geologia da Universidade do Estado de Wyoming, que achou-o em Agosto ultimo, a 90 milhas a N. O. de Laramie, em uma excursão que fizera a essas paragens a procura de fosseis e desde então os empregados da secção occupam-se em restaurar o monstro.

E' tão grande o esqueleto, que o menor osso encontrado não pode ser levantado por um homem só, tal o seu peso. Comparado com o famoso Mammouth, este animal acha-se na mesma relação que um cão para um cavallo. No mundo dos fosseis só ha um que possa ser proximamente equiparado a este, e esse mesmo não passa de um pigmeu ao lado daquelle, é o famoso brontosauro do Dr. Marsh, hoje existente no Muzeu Yale em New Haven e que foi restaurado egualmente pelo professor Reed em 1879.

Calcula-se que o peso d'este bruto em vida devia ser approximadamente de 80,000 libras, ao passo que, nas mesmas condições, o do recentemente descoberto devia exceder de 60 toneladas.

O nó do diabo

O Dr. Eeyners d'Estrey, communicou debaixo de certa reserva, á *Revue des Sciences NaturelesAppliqués*, a descoberta do *landoctopus*, planta vorazmente carnivora da America Central.

Originaria do Nicaragua, os indigenas a chamam nó do diabo. O naturalista Dunston, que passou dois annos a estudar a fauna e a flora do Nicaragua, encontrou uma vez o *nó do diabo* em um dos charcos circumvisinhos do grande lago Nicaragua.

E' o caso que o cão do naturalista começou de repente a dar latidos de afflição e voltando-se o dono a ver o que seria, foi encontral-o preso numa rede inextrincavel de filamentos vegetaes e era o landoctopus, a planta carnivora, que enleava o cão, que o prendia tenazmente em proveito proprio.

Ramalhuda e sem folhas, com seus numerosos talos flexiveis, dá ella a idéa de um chorão despido; seus numerosos fios, verdadeiros tentaculos, são pretos e revestidos de uma gomma que pega para não mais largar, secretada pelos póros da planta. Dunston, de faca em punho, cortando aqui, cortando acolá, procurava soltar o cão, com enorme difficuldade, porque os grandes e flexiveis caules do *nó do diabo* são por demais carnudos.

Solto o cão, vio então o naturalista que elle tinha todo o corpo a verter sangue, dilacerado o couro em diversas partes, em outros completamente arrancado, e já quasi morto de inanição.

Mais ainda: ao cortar aquelles verdadeiros cipós, vio Dunston que elles tentavam enrolar de novo ao redor de seus pulsos, cousa que faziam com tanta força que lhe era preciso muito esforço para se não deixar prender.

A gomma ou visco desta carnivora é pardo escuro e tem cheiro repugnante.

Temem-n'a os indigenas, que lhe attribuem factos extraordinarios e lendas interessantes.

Difficilima de estudar nas condições em que o naturalista se achava, não foi ella então estudada.

Cada ponto da pelle por elle tocado era um pedaço de pelle que lá se ia ao tiral-o de cima. Si o contacto se demorava, lá se ia um pedaço da propria carne.

Todos os filamentos ou cipós de tal planta são munidos de ventosas, que se abrem para receber o alimento, ventosas innumeras, por toda a parte e em todos os sentidos.

Si a presa é um animal, o *nó do diabo* suga-lhe o sangue e só o deixa quando exgotado. Dando-se-lhe

um pedaço de carne crua, em 5 minutos todo o sangue é chupado.

Sabia-se, dil-o a botanica, da existencia de plantas carnivoras, mas especialmente insectivoras, planta, porém, de acção lenta quasi imperceptivel.

Voracidade e rapidez de movimentos como o do *landoctopus* é, porém, a primeira vez que se nota, e nessas condições aquella planta, como outros muitos segredos da natureza, é mais um animal do que vegetal, está mais do lado da intelligencia, que é uma força consciente do que do lado da vegetabilidade, a que se nega a consciencia.

SUMMARIO DO N. 19

Mesa Administrativa

Presidente—Cons. Salvador P. de Carvalho e Albuquerque
1· Secretario—Cons. João Nepomuceno Torres
2· Secretario—Dr. Isaias de Carvalho Santos
Orador—Dr. Braz Hermenegildo do Amaral
Thesoureiro—Capitão Francisco Gomes Ferreira Braga

Commissão de Redacção da Revista

Consº. João Nepomuceno Torres
Dr. Joaquim dos Reis Magalhães
Dr. Innocencio Muniz de Araujo Goes.

ASSIGNATURAS

Por um anno . . . . 12$000
Por seis mezes. . . . . 6$000

PAGAMENTO ADIANTADO

Numero avulso e os anteriores. 3$000

AVISO

A correspondencia e todas as remessas de livros, jornaes e quaesquer objectos de valor historico devem ser encaminhadas para a Secretaria do Instituto, á Rua da Misericordia, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde.

REVISTA TRIMENSAL

DO

Instituto Geographico

E

Historico da Bahia

FUNDADO EM 1894, RECONHECIDO DE UTILIDADE PUBLICA
PELA LEI N. 110 DE 13 DE AGOSTO DE 1895

*Maxima sunt documenta equidem res temporis acti
In præsens, validusque in veniens stimulus.*

JUNHO DE 1899

ANNO VI | VOL. VI | N. 20

BAHIA

1899

Mesa Administrativa

Presidente—Cons. Salvador P. de Carvalho e Albuquerque
1· Secretario—Cons. João Nepomuceno Torres
2· Secretario—Dr. Isaias de Carvalho Santos
Orador—Dr. Braz Hermenegildo do Amaral
Thesoureiro—Capitão Francisco Gomes Ferreira Braga

Commissão de Redacção da Revista

Cons. João Nepomuceno Torres
Dr. Joaquim dos Reis Magalhães
Dr. Innocencio Munoz de Araujo Goes.

ASSIGNATURAS

Por um anno . . . . 12$000
Por seis mezes. . . . . 6$000

PAGAMENTO ADIANTADO

Numero avulso e os anteriores. 3$000

AVISO

A correspondencia e todas as remessas de livros, jornaes e quaesquer objectos de valor historico devem ser encaminhadas para a Secretaria do Instituto, á Rua da Misericordia, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde.

REVISTA TRIMENSAL

DO

Instituto Geographico

E

Historico da Bahia

FUNDADO EM 1894, RECONHECIDO DE UTILIDADE PUBLICA
PELA LEI N. 110 DE 13 DE AGOSTO DE 1895

Maxima sunt documenta equidem res temporis acti
In præsens, validusque in veniens stimulus.

JUNHO DE 1899

ANNO VI | VOL. VI | N. 20

BAHIA

—

1899

REVISTA TRIMENSAL

DO

Instituto Geographico

E

Historico da Bahia

FUNDADO EM 1894, RECONHECIDO DE UTILIDADE PUBLICA
PELA LEI N. 110 DE 13 DE AGOSTO DE 1895

Maxima sunt documenta equidem res temporis acti
In præsens, validusque in veniens stimulus.

JUNHO DE 1899

ANNO VI VOL. VI N. 20

BAHIA
Typ. e Encadernação—Empreza Editora
80—Rua do Corpo Santo—80

1899

REVISTA TRIMENSAL

DO

Instituto Geographico e Historico

DA BAHIA

Anno VI **Junho de 1899** **Num. 20**

A LITTERATURA BRAZILEIRA COLONIAL

MEMORIA OFFERECIDA AO INSTITUTO GEOGRAPHICO E HISTORICO DA BAHIA PELO SOCIO CORRESPONDENTE DR. A. DA CUNHA BARBOZA.

Não vimos escrever a historia da litteratura brazileira colonial, mas sim offerecer algumas *Notas*, para que outros mais competentes a desempenhem. Se apresentamos quadros mal acabados, temos comtudo consciencia de que nos esforçámos por traçar esboços interessantes e fieis. Rebuscámos e consultámos todos os autores notaveis nessa materia, e da nossa cuidadosa consulta colleccionámos o que de mais importante nos pareceu. Se nos faltaram a philosophia e a erudição, qualidades essenciaes ao historiador, restou-nos entretanto o espirito investigador para fielmente reproduzirmos o que pacientemente anotámos.

Para distrahir-nos das nossas tristezas, com o fallecimento de toda a nossa boa e saudosa familia, nossos queridos Paes e irmãos, e com as molestias gravissimas que temos soffrido, apro-

veitámos as poucas horas de paz, para estudarmos os tempos coloniaes da nossa amada patria.

Se esta nossa primeira tentativa fôr bem recebida; se este nosso ensaio tiver bom resultado, conforme a acceitação obtida, trataremos ou não da litteratura em outras épocas, se Deus nos der vida e saude.

I

A litteratura brazileira nos seculos XVI e XVII

No campo das lettras brazileiras, diz o Sr. Dr. Oliveira Lima, cabe ao indigena, além da contribuição propria, um quinhão na acclimatação das tradições populares portuguezas transportadas pelos colonos. A's antigas serranilhas gallezianas que, como quer o Sr. Theophilo Braga, constituiram as nossas *modinhas* e *lundús*, deram os aborigenes, ás primeiras pelo menos, pois resentem-se as segundas da vantagem de influencia africana, uma boa parte do lascivo encanto e seducção irresistivel que encerram essas arias, verificando-se semelhante acção pelo cruzamento das raças no producto nacional muito mais do que por influencia directa. (1)

Ao contrario do que se passava nas colonias hespanholas, em que se fundavam associações litterarias, em que funccionavam typographias e abriam-se livrarias para illustrar os colonos, Portugal impedia e perseguia mesmo qualquer tentativa nesse sentido.

No Chile em 1570 foi impressa parte da *Araucania* por Ercilla, e em 1605 Pedro d'Ona publicou o seu *Aranco Domado* em 19 cantos.

---

(1) Dr. Oliveira Lima—Aspectos da litteratura colonial brazileira.

Em Lima organisou-se uma Arcadia Antarctica, já existindo nesta época uma typographia onde em 1602 Diogo D'Avalos y Figueiroa imprimiu a sua *Misselanea Austral y Defensa de Damas* Em 1608 nessa Academia já se tornavam distinctos como arcades Mexia, Ona, Cabello e Duarte Fernandes.

Em 1611 compunha em Lima Fr. Diego de Hojeda a sua epica *Christiada* e Fernando Alvares de Toledo o seu *Puzen Indomito*. O Mexico tambem acompanhou o movimento litterario do Chile. Juan de Castelhanos cantou a historia dos hespanhóes, que desde Colombo mais se illustraram na America.

Em 1588 Gabriel Zasso e Antonio Savedra compuzeram epopéas a Cortez; e em 1604 foi pu blicado o poema *Grandeza Mexicana* pelo bispo Balbuena. Em 1610 o capitão Gaspar de Villagra publicou a sua Historia de lo Nuevo Mexico onde descreve as festas do *Adiantado Onate* e seus companheiros.

Em um poema escripto em quadras, descreve o P. Rodrigode Valdez a fundação de Lima.

Em Buenos-Ayres tambem Martin del Barco Centenera procurou escrever a sua historia. (2)

Até mesmo em Cuba adeantou-se mais a imprensa do que no Brazil.

O grande poeta canarino Troya e Quesada escreveu o poema *Espejo de paciencia*, considerado o poema mais antigo daquella ilha, versando sobre uma invasão de piratas francezes no porto Manzanillo.

De 1696 a 1760 em Santa Clara o poeta D. José Suri e Aguille poz em verso os preceitos da sua

---

(2) F. A. Warnhagen—Florilegio da poesia brazileira, Tomo I, pag. XII.

profissão de medico e pharmaceutico. Era habil em improvisar lôas, que recitava diante das imagens nas procissões e festividades religiosas.

Poderiamos ainda mencionarl Avo y Monteagudo, Martinez Avileiro e a poetisa anonyma, autora do poemeto *Dolorosa y metrica expressiva del sitio y entrega de Habana*, no qual cantava a invasão ingleza em 1762.

Se bem que só fosse decretada a liberdade de imprensa desta bella ilha em 1811, pelas Côrtes de Cadiz, comtudo antes dessa época, não só nas datas que apontamos como em outras, appareceram trabalhos de notaveis litteratos.

Em 1720 foram publicadas algumas obras e em 1790 foi impresso o primeiro periodico *El Papel Periodico*, em cuja redacção figurou o eminente poeta Zequeira, poeta que hombreou com os melhores litteratos ibero-americanos. Cultivou de preferencia o genero epico, escrevendo as odes: *Batalha real de Cortés en la laguna del Mexico, Dos de Mayo. El primer sitio de Saragoza*, etc. Escreveu tambem poesias lyricas como *A la pina*.

Quasi na mesma época appareceram os jornaes: *El papel Periodico e El Redator Americano*, fundados pelo illustre pae do jornalismo, Soccorro Rodrigues, que os fundou em Nueva Granada (Columbia). Foi um jornalista illustre, tendo sido director da Bibliotheca Nacional. Escreveu muitos epigrammas, decimas, lôas laudatorias, etc.

Outros poetas appareceram em Cuba, bem como em Havana e em Santiago, etc., que escreveram e publicaram seus trabalhos nessa época.

Em principios deste seculo surgiu o vulto eminente do maior poeta de Cuba e um dos maiores da America—José Maria Heredia—, que aos 10

annos já compunha versos e aos 17 (1820) bacharelava-se. (3)

Se continuasse a acompanhar os Srs. F. A. Warnhagen e Antonio Salles, estudando o desenvolvimento litterario nos paizes citados, notariamos que em todos elles houve mais ou menos a mesma tendencia.

No Brazil porém os que escreveram sobre elle, os seus trabalhos ou foram impressos em Portugal ou publicados depois da independencia.

Sem fallar do thaumaturgo padre jesuita José de Anchieta que foi o precursor da litteratura brazileira, cujos trabalhos são puramente americanos, de quem trataremos quando apresentarmos um outro trabalho nosso sobre a instrucção publica durante o Brazil colonial, o documento mais antigo sobre o Brazil é uma carta de Pero Vaz Caminha, escrivão da frota de Cabral, escripta no seculo XVI e dirigida a el-rei D. Manoel de Portugal, na qual relata o descobrimento do Brazil.

Depois delle Pero Lopes de Souza, irmão do donatario Martim Affonso de Souza, escreveu um interessante *Diario da navegação da armada que foi á terra do Brazil de 1530 a 1537*, publicado em Lisboa por Warnhagen em 1839, e transcripto no tomo XXIV da «Revista do Instituto Historico e Geographico Brazileiro» de 1861.

No seculo XVI, ainda em 1576, escreveu Pedro de Magalhães Gandavo, o *Herodoto portuguez*, a sua *Historia da Provincia de Santa Cruz*, a que vulgarmente chamamos Brazil. Offerecida ao Sr. Dom Lionis pro-governador que foi de Malaca, etc., das partes do sul da India, imprimiu-a na mesma data na officina de Antonio Gonsalvez em Lisboa, com 48 folhas.

---

(3) Antonio Salles—Poetas Cubanos. Revista Brazileira. IV anno, tomo XIV, fasciculo 78, pag. 301.

Tornando-se rara e esgotada, foi reimpressa em 1858 pela Academia Real das Sciencias de Lisboa; e neste mesmo anno publicada no tomo XXI da «Revista do Instituto Historico e Geographico Brazileiro».

Escripta em estylo claro e attrahente, o seu autor, começando a tratar pelo descobrimento do Brazil, continúa narrando factos que se deram posteriormente á sua descoberta, e termina descrevendo os costumes dos indigenas e os seus usos.

Gandavo, o portuguez que primeiro tratou das cousas do Brazil, além da referida *Historia*, tambem escreveu um *Tratado das terras do Brazil*, no qual se contém uma informação das cousas que ha nestas partes. Foi publicado em 1826 na Collecção das Noticias para a Historia das nações ultramarinas.

Em 1587, o colono Gabriel Soares de Souza, compoz o seu *Tratado descriptivo do Brazil*, dedicado a Christovam de Souza.

Desse *Tratado* muito se aproveitaram em 1599 Pedro de Mariz para o seu *Dialogo de Varia Historia*, Fr. Vicente do Salvador para a sua *Historia do Brazil* e Fr. Antonio Jaboatam para o seu *Novo Orbe Seraphico Brazileiro*, ou chronica dos frades menores da provincia do Brazil, impressa em Lisboa em 1761.

Começado a imprimir pelo sabio Fr. José Mariano da Conceição Velloso, foi concluido pela Academia Real das Sciencias de Lisboa, que o publicou no volume da Collecção das Noticias para a historia das nações ultramarinas.

Em 1851 foi editado em primeira edição, pelo douto historiador F. A. Warnhagen, e em 1879 em segunda o Instituto Historico e Geographico Brazileiro transcreveu-o no volume XIV da sua importante Revista.

Depois de ter tratado do roteiro geral das costas do Brazil, de descrever as suas grandezas, a sua historia e colonisação, a sua descripção topographica, enseadas, ilhas, etc., termina por uma noticia ethnographica de seus recursos e metaes.

Embora escripto em estylo rude e pouco castigado, comtudo encanta a sua dicção.

O Tratado descriptivo do Brazil de Gabriel Soares de Souza, se bem que não seja um trabalho de estylo elegante, comtudo prende a attenção pela formosura e correcção da linguagem. Constitue, na bella phrase do Sr. Dr. Oliveira Lima, um verdadeiro manual de propaganda da colonia para uso dos governantes. Inventario cuidadosamente executado, expõe circumstanciadamente as riquezas do Brazil. Colleccionando Gabriel Soares as notas em que poude elaborar o seu *Tratado*, em breves capitulos methodicamente escriptos, descreve com minuciosidade: a costa do Brazil, indicando os seus rios, enseadas, recifes e baixos. Enumera os exemplares conhecidos da fauna e flora brazileiras. Bosqueja os costumes dos selvagens e dá finalmente informações dos metaes e pedras preciosas do interior do Brazil. Essencialmente descriptiva, essa obra tem se conservado entre os seus posteros com sincera admiração, que d'ella se têm servido proveitosamente para a elaboração de outros trabalhos.

Fernão Cardim, quasi contemporaneo do primeiro periodo colonial do Brazil, acompanhando na qualidade de missionario jesuita, de 1583 a 1590, o visitador padre Christovão Gouvêa pela Bahia, Ilhéos, Porto Seguro, Pernambuco, Espirito Santo, Rio de Janeiro, S. Vicente, etc., escreveu uma rilhante *Narrativa Epistolar*, na qual descreve estado em que se achavam esses lugares na poca em que os visitou. N'esse precioso trabalho

nos dà uma pintura exacta dos usos e costumes dos indios, da conversão empregada pelos padres jesuitas, das festas e dos *descantes*, com que os indios entoavam os versos de Anchieta.

«As cantigas, diz elle, pias de José em propria lingua, contrapostas às que elles costumavam cantar vãs e gentilicas».

Em relação ao ensino nos refere o insigne narrador.

«Na Bahia os jesuitas tinham um collegio com uma livraria regular. Em Pernambuco uma escola em que ensinavam uma lição de casos, uma outra de latim, uma aula de lêr, escrever, pregar, confessar, etc. Em Porto Seguro haviam algumas aldêas de indios catechisados, e em todas ellas existiam escolas de lêr e escrever leccionadas pelos padres. Aos mais habeis eram ensinados o cantar e tanger frautas, viola e cravo, e officiar missas em canto d'orgão. Esses meninos fallavam o portuguez, cantavam a doutrina, e pela rua encommendavam as almas do purgatorio.

Na *Narrativa* ainda Cardim falla de uma graciosa representação, de um dialogo pastoril em lingua brazilica executado pelos indios; e de seus versos compostos aos martyrios do padre Ignacio de Azevedo.

Esse interessante trabalho impresso em Lisboa em 1847, mais tarde especialmente editado pelo Sr F. A. Warnhagen, foi em 1881 publicado pelo Dr. J. F. de Souza Araujo, com o titulo de: *Do principio e origem dos indios do Brazil e de seus costumes, adoração e ceremonias*.

Escriptor correcto, singelo e verdadeiro, se bem que pouco observador, os trabalhos de Fernão Cardim comtudo são lidos com grande interesse.

No seculo XVII, em 1663, foi publicado em

Lisboa em primeira edição a excellente *Chronica da Companhia de Jesus* do padre jesuita Simão de Vasconcellos. Em 1864 o Sr. Francisco Antonio Martins publicou uma segunda edição, annotada pelo saudoso conego Dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro. Em 1865 appareceu uma terceira edição, editada pelo illustre bibliographo Francisco Innocencio da Silva.

Simão de Vasconcellos descreve exacta e minuciosamente as cousas do Brazil. Tratando da entrada dos jesuitas n'esse Estado, nos falla dos seus trabalhos missionarios, dos seus collegios e seminarios, da educação que davam aos indios e pequenos colonos.

Abrange essa preciosa *Chronica* todo o periodo da administração do venerando padre Manoel da Nobrega, fundador e primeiro provincial da provincia do Brazil. Descrevendo a vida e a morte do venerando Nobrega, occupa-se tambem especialmente com o grande thaumaturgo padre José de Anchieta.

E' um trabalho completo, perfeito e minucioso, consultado e seguido por todos os historiadores, que depois d'elle trataram do Brazil Foi o pharol que nos guiou, em um outro trabalho nosso—A instrucção publica nos tempos coloniaes do Brazil.

Simão de Vasconcellos é o pae da chronica do Brazil, como Sebastião da Rocha Pitta o é da historia e Ayres do Casal da chorographia.

II

Seculo XVII

Bento Teixeira.--Fr. Vicente do Salvador.--Gregorio e Eusebio de Mattos Guerra.—Padre Antonio Vieira e outros.

No seculo XVII, epoca em que o Brazil, diz o auctor da *Historia da litteratura Brazileira*, se viu a braços para repellir do seu solo invasores estrangeiros, em Pernambuco os hollandezes, que o dominavão de 1624 a 1644. e no Maranhão os audazes francezes; a instrucção publica, se bem que os successores de Nobrega e Anchieta continuassem a se interessar por ella, conservou-se no mesmo estado. O movimento litterario, porém, teve mais animação. (1)

Muita razão tem o Sr. visconde de Porto Seguro quando considera, que toda a guerra bem dirigida convém de tempos a tempos ás nações, para as despertar de seu torpor. N'ella o sangue é fecundo quando bem derramado. e a conquista das glorias é tão necessaria como o augmento de suas rendas. (2)

Começou a dar nome ao seculo Bento Teixeira, pernambucano illustre e distincto litterato. Dotado de profundos conhecimentos, seus escriptos são elaborados com muita elegancia. bellas descripções e perfeita correcção de forma. O seu poema *Prosopopea*, impresso em Lisboa em 1601, e dedicado ao governador Jorge de Albuquerque, é escripto com grande imaginação e sentimento, em estylo doce e elegante. E' o poeta mais antigo e foi quem primeiro escreveu no Brazil depois de Anchieta.

---

(1) Dr. Sylvio Romero. Historia da Litteratura Brazileira.
(2) F. A. Warnhagen—Florilegio da poesia brazileira.

Os Dialogos pandegos do Brazil de Bento Teixeira, de instructiva e amena leitura, é um trabalho litterario de merecimento, no qual o seu auctor compendia as observações sobre as terras brazileiras, costumes dos habitantes, productos do solo esingularidades de organisação social, que lhe haviam sido suggeridas nos annos de maturidade despendidos no funccionalismo e na agricultura. E' uma obra recreativa, repleta de annotações curiosas, engenhosas explicações, parallelos sensatos, interessantes descripções e dados valiosos de toda a especie.

Segundo o Sr. Dr. Oliveira Lima, o poema epico *Prosopopea,* de Bento Teixeira, nasceu visivelmente da influencia americana. (3)

O Sr. Dr. F. A. Pereira da Costa, porém, nota que além das flagrantes lembranças dos Luziadas, se encontram n'elle passagens bebidas directamente na leitura compassada de Virgilio.

E' um poema em que o seu auctor faz a apologia de um guerreiro, commemorando a bravura de Jorge de Albuquerque Coelho, quando de regresso do captiveiro africano. Cheio de sentimento de heroismo luzitano, o illustre pernambucano faz o elogio do heroe de Alcacer Kibir.

O franciscano Vicente do Salvador, nascido na Bahia em 1564, illustra tambem o seculo XVII, escrevendo a sua *Historia do Brazil*, concluida a 20 de Dezembro de 1627. Dedicada a Manoel Severino Faria, conservou-se em manuscripto na Torre do Tombo até 1857, em que foi extrahida uma copia por João Francisco Lisboa. Mais tarde tendo sido adquirida pela Bibliotheca nacional, o seu honrado e distincto actual director Dr. J. A.

---

(3) Dr. Oliveira Lima—Aspectos da litteratura brazileira olonial.

Teixeira de Mello, depois de revistal-a confiou-a ao douto historiador Capistrano de Abreo, que depois de tel-a prefaciado, publicou-a em 1888, em um dos numeros dos Annaes da referida Bibliotheca. O seu eximio auctor nos dá uma bella noticia do descobrimento do Brazil, descreve o seu estado na época do seu descobrimento, occupa-se com os governos dos governadores Thomé de Souza, Manoel Telles Barretò, Gaspar de Souza e Luiz de Oliveira.

Apezar de alguns defeitos e lacunas, mesmo assim o livro de Fr. Vicente é um testemunho de primeira ordem, possue tão subidos quilates que nunca poderá descer do lugar que occupa. (4)

Historiador mais antigo da America portugueza, descreve em linguagem clara, precisa e correcta o periodo da historia do Brazil de 1500 a 1627.

Dividida em cinco livros, os dois primeiros nada adeantam o *Tratado descriptivo do Brazil* de Pedro Magalhães Gandavo e a *Historia da Provincia de Santa Cruz* de Gabriel Soares; entretanto os tres ultimos capitulos são inteiramente novos e de grande ensinamento.

Segundo o Sr. Dr. Sylvio Romero, os tempos que precedem á guerra hollandeza não podem ser estudados sem o livro de Fr. Vicente.

Se bem que escripta por portuguez, em anonymo appareceu em 1619, uma obra intitulada *Dialogos da grandeza do Brazil.* Em forma de dialogos descreve o seu autor o estado em que se achava o Brazil nesta época.

Se passarmos da historia para a litteratura admiraremos, na poesia o lindo poema escripto em latim, *A Paixão*, pelo padre Domingos Barboza, e as bellissimas tragedias e dramas compostos por Salvador de Mesquita de 1622 a 1670.

---

(4) Dr. Sylvio Romero—Historia da Litteratura Brazileira.

Pernambuco foi a cidade em que primeiro brotou e floresceu a litteratura nacional. Muito concorreram o bom governo de Duarte Coelho, a fertilidade de suas terras, a facilidade de viagens à Europa, e finalmente a tendencia litteraria de seus capitães-móres, como Jorge de Albuquerque e seu filho D. Duarte. A Jorge de Albuquerque dedicou em 1710 Bento Teixeira a sua Prosopopéa. Na Bibliotheca Luzitana do abbade Barboza Machado, é citado um manuscripto de Jorge de Albuquerque em hespanhol—as *Memorias Diarias*, documento capital para a historia da invasão hollandeza em Pernambuco.

Ainda em Pernambuco existiu um grupo litterario, em que figuraram Fr. Francisco do Rosario, Jorge de Albuquerque, Bento Teixeira e outros.

Gregorio de Mattos Guerra, o *Ovidio Brazileiro*-ou antes o *Bocca do Inferno*, como era appellidado, poeta mavioso, lyrico, satyrico, mordaz e pilherico, tomou Quevedo para o seu modelo. As suas composições ressumbram de attivismo, graça e ironia, ao mesmo tempo chistosas. Tão notavel jurisconsulto como poeta, foi, segundo o Sr. Dr. Sylvio Romero, um dos homens mais notaveis de seu tempo, e podia occupar as mais altas posições, se não fôra o seu genio tão mordaz e satyrico. Tomou quasi que por assumpto de suas composições a administração do governador Antonio Luiz. Perseguido por elle, não o poupou tornando-se muitas vezes maledicente. Delle dizia o padre Antonio Vieira: Mais se deve ás satyras de Mattos do que aos sermões de Vieira. Nascido em 1623 na Bahia, falleceu em 1696 com setenta e tres annos de edade. Seus restos mortaes repousam na egreja da Penha no Recife.

Debalde procurámos encontrar o local em que devem estar, para lhe prestar as nossas home-

nagens. Com a restauração desse sumptuoso monumento ignora-se a sua verdadeira sepultura.

Gregorio de Mattos tomou por modelo os poetas hespanhóes do seu tempo: Lope de Vega, Gongora e Quevedo. Reintroduziu o verso de dez syllabas, já abandonado, e que foi denominado *Verso de Gregorio de Mattos*. (5)

Uma das figuras mais proeminentes das lettras coloniaes, foi um poeta essencialmente satyrico, porém de uma linguagem séria e não obscena. A sua satyra dos *Ratos*, verdadeira allusão pessoal aos costumes, é muito apreciada pelos seus typos allegoricos, se bem que cruel no espirito.

Satyrico, tambem cultivou o genero lyrico, pecando porém as suas poesias por uma certa affectação deformada, segundo o Sr. Dr. Oliveira Lima, pelo culteranismo da época.

Conhecedor profundo da lingua vernacula, em seu estylo guindado, de um rico vocabulario popular, empregava ao mesmo tempo com gosto os termos indigenas e africanos.

Seu irmão Eusebio de Mattos Guerra, se não foi tão popular como elle, foi entretanto muito reflectido, dotado de vasta illustração e de uma bella pureza de estylo em todas as suas composições. Segundo Eduardo Perié as suas obras passaram á posteridade como uma nota doce, vibrante, harmoniosa e reflectida, envoltas em uma atmosphera de sentimento e idealismo que lhes dão um encanto indefinivel.

Foi Eusebio de Mattos, na Bahia, o rival no pulpito de Antonio Vieira e Antonio de Sá. Homem prodigioso, Perié considera que elle foi tudo quanto quiz ser nas lettras e nas bellas artes. (6) Os seus

---

(5) **F. Wolf.—Histoire de Littérature Brésilienne.**

(6) **Eduardo Perié—Historia da Litteratura Brazileira.**

excellentes e copiosos trabalhos infelizmente acham-se na maior parte perdidos. O seu *Ecce Homo*, as suas *Praticas dos Espinhos*, das *Cordas*, etc., o seu sermão de *Soledade*, a sua *Oração funebre*, são excellentes composições, sufficientes para recommendar o seu autor á posteridade.

Manoel Botelho de Oliveira que não foi egual a Eusebio de Mattos, comtudo a Academia Real de Sciencias de Lisboa o distinguiu considerando-o entre os classicos portuguezes, pela linguagem pura, castigada e correcta de seu estylo. Qual outro Anchieta, como este pertencia á escola americanista. Se o thaumaturgo brazileiro com as suas poesias na lingua tupy, foi a primeira vibração da litteratura brazileira, Botelho de Oliveira foi a primeira pedra do edificio intellectual que tantos e tão preclaros varões haviam de levantar bem alto. Autor de uma bella descripção da *Ilha de Maré*, de um poema a *Musica do Parnaso*, e de uma outra composição *Amôr, enganos y zelos*, foi o primeiro litterato brazileiro que mandou pessoalmente os seus trabalhos ao prelo. Foi contemporaneo de Frei Manoel de Santa Maria Itaparica.

Distinguiram-se ainda n'essa epoca Frei Christovam da Madre Deus Luz nascido no Rio de Janeiro em 1650, autor de dous preciosos trabalhos: *Cuidado contra o tempo* e *Cartorio da Provincia da Immaculada Conceição do Estado do Brazil*. D. Francisco Manoel de Mello, um dos maiores homens de Portugal e de Castella, testemunha occular, escreveu a *Epanaphora bellica* ou a *Historia da expulsão dos hollandezes de Pernambuco*. (7)

Manoel Botelho de Oliveira filiado á escola de

(7) F. A. Warnhagen. Florilegio da poesia brazileira.

Gongora, as suas poesias se resentem de muito amaneiradas, entretanto recommendam-se pelo sentimento nacional e pela sua côr verdadeiramente local.

O jesuita padre Francisco de Souza, foi um dos padres de Loyola, que mais trabalhou para a catechese dos indios. Erudito, seus trabalhos são escriptos com muito atticismo e pureza. O seu *Oriente Conquistado* é uma bella composição recommendavel.

Segundo uns nasceu em 1628, segundo outros em 1630. Barboza Machado julga ter nascido em Itaparica.

Tendo entrado em Goa para o noviciado dos jesuitas, fez ahi seus estudos e tomou as ordens sacras de presbytero. Depois de ter sido parocho da freguezia, veiu de prestar serviços no Oriente, tendo sido depois disto deputado do tribunal de Santo Officio, e tomado assento a 9 de Agosto de 1700.

Poeta sacro classico, fez versos em latim exaltando as cousas sagradas.

Além do *Oriente Conquistado* foi-lhe tambem attribuido o poema *Eustaquidos*, cujo autor verdadeiro é Frei Manoel de Santa Maria Itaparica.

O *Oriente Conquistado* foi publicado a primeira parte, comprehendendo os primeiros vinte e dous annos da historia da Companhia de Jesus na India, e a segunda parte de 1564 a 1585 em dous volumes appareceu com a primeira em 1710, a terceira ainda está inedita.

Segundo Barbosa Machado é uma obra de methodo claro, estylo elegante, exacta na parte geographica e chorographica. (8)

---

(8) Poetas Bahianos. Seculo XVII. Dr. Manoel Brito. Revista Trimensal do Instituto Geographico e Historico da Bahia. Vol. IV n. 14, pag. 628.

Outro poeta bahiano d'essa epoca foi João Alvares Soares da Franca, filho de um fidalgo da casa real e de D. Catharina de Souza Barbalho; nasceu na Bahia a 8 de Setembro de 1676.

Tendo estudado no collegio dos jesuitas e obtido o grão de mestre em artes, assentou praça no terço da infantaria da praça da Bahia. Mais tarde em 1718 recebeu ordens de presbytero.

Poeta erudito e socio da *Academia dos Esquecidos*, deixou publicados seis sonetos em castelhano, apparecidos em Lisboa em 1704. Classico gongorico deixou ainda um sermão a Sant'Anna publicado em Lisboa em 1733, e um tomo de 72 discursos moraes e politicos e uma *Oração Academica* inedita, recitada na Academia dos Esquecidos. (9)

Tratemos ainda de um outro illustre bahiano, Domingos Barbosa.

Nascido em 1632 pertenceu a Companhia de Jesus. Tendo tomado na Bahia a roupeta, foi mestre em artes, professor de noviços e procurador geral da sua ordem. Compoz muitas poesias em latim, entre ellas: *Passio servatoris Jesu Christi*, em que a elegancia do metro se coaduna á tonsura do affecto.

Morreu em 22 de Novemdro de 1685, no cargo de director do collegio, (10) com 62 annos de edade.

Que nos permitta o Sr. Dr. Manoel Brito, que tanto nos está auxiliando, continuarmos a aproveitar dos seus bellos trabalhos, para tratarmos de outros bahianos egualmente illustres do seculo de que nos occupamos.

Pedro Gomes Ferreira de Castilho, filho de

---

(9) Dr. Manoel Brito. Loco cito pag. 625.
(10) Dr. Manoel Brito. Loco cito pag. 627.

Antonio Gomes Ferreira de Castilho. instruido, talentoso e apreciado poeta, escreveu o soneto —*Despedida a meu filho.*

Antonio Gomes F. de Castilho, digno rival na satyra de Gregorio de Mattos Guerra, publicou satyras, elegias, sonetos etc.

José Borges de Barros, nascido na Bahia em Março de 1657, depois de ter estudado na escola da Companhia de Jesus, foi completar os seus estudos na Universidade de Coimbra, onde recebeu o gráo de mestre em artes e o de bacharel em sagrados canones.

Foi mestre de escola da Cathedral da Bahia, desembargador da Relação Ecclesiastica, vigario geral e juiz de residuos. Em Coimbra foi provisor e vigario geral e prior de Santa Maria de A eredo e S. João de Almediana e arcediago de Cêa.

Bastante estimado, philosopho e theologo illustrado, foi orador sagrado de grande merecimento. Dedicando-se à poesia latina, foi o melhor comediographo de seu tempo. Dotado de uma bella calligraphia, escrevia com os mais lindos e perfeitos caracteres. Dentre as suas obras deveremos mencionar: *Tractatus de Præceptis Decalogi 4º de M. S.—Pratica Indicial* com o Formulario do provisor e vigario geral.—Tratado pratico das materias heraficiaes. *A Constança com triumpho*, comedia.

Fr. Francisco Xavier de Santa Thereza, pertencente á provincia religiosa de Santo Antonio de Sergipe, nasceu no dia 12 de Março de 1686 na Bahia. Tendo estudado na escola dos Jesuitas, entrou para a Ordem de Santo Antonio em Sergipe do Conde a 4 de Julho de 1703.

Mais tarde passou para Pernambuco e depois para a ilha da Madeira, onde foi leccionar theologia,

indo receber finalmente as ordens de presbytero em Lisboa.

Commissionado para representar a sua Ordem em Londres, aproveitou a occasião para visitar a França, Hollanda, parte da Allemanha, regressando à Inglaterra em 1714, depois de ter visitado tambem os Paizes Baixos. Foi uma excursão muito aproveitavel, e adquiriu grande cabedal de estudos e observações. Depois de ter assistido o combate naval do golpho de Passavà, no archipelago de Corfú, na qualidade de capellão de uma frota que para ahi partiu, voltou para Portugal a leccionar theologia e occupar diversos outros cargos honrosos.

Notavel orador sagrado, litterato e poeta latino, fallando correctamente diversas linguas, os seus sermões e obras litterarias foram tão apreciados, que lhe deram entrada na Arcadia Romana, com o nome poetico de *Elvedio*, já tendo tido egual distincção na Academia Real de Historia Portugueza.

Não se sabe ao certo a data de sua morte.

Escreveu diversas orações, sermões, elogios funebres e poemas. A comedia do *Martyrio de Santa Felicidade e seus filhos*, foi considerada por seus contemporaneos, como a obra prima de suas composições metricas e tragicas.

José de Oliveira Serpa, socio da Academia dos Esquecidos, foi outro frade bahiano illustre. Nascido em 1696, estudou com os jesuitas, entrando depois para aquella Academia, onde desenvolveu o seu espirito humoristico e poetico, revelado desde moço. Carmelitano, o seu soneto dedicado a seu collega de Academia Rocha Pitta, é um verdadeiro hieroglipho classico e gongorico, difficil de ser comprehendido por quem não conhecer a mythologia ou não tiver o Diccionario da Fabula de

Chompré. O seu *Romance joco-serio*, é de pouca importancia actualmente.

Gonçalo Soares da Franca, poeta bahiano, fundador da Academia dos Esquecidos, com o pseudonymo de *obsequioso* foi um grande latinista; tendo composto n'esse idioma um poema sobre o descobrimento do Brazil, e varias poesias de merecimento.

Socio da Academia Real da Historia Portugueza, estudou no collegio dos jesuitas. Dedicando-se ao sacerdocio, tomou o habito de S. Pedro, cultivando a historia sagrada e profana.

Segundo Barbosa Machado o seu poema *Brazilica*, de 1800 oitavas rimadas, foi lido em uma das sessões da Academia dos Esquecidos.

Manoel Pereira Rebello, biographo de Gregorio de Mattos, considera o padre Gonçalo Franca, um dos mais brilhantes engenhos bahianos.

Além do poema *Brazilica* escreveu Soares Franca: *Gloza* à oitava 50ª do canto 4º dos Luziadas de Camões; Cinco sonetos, dos quaes um só é de versos dos Luziadas; Quatorze emblemas com epigrammas portuguezes; Dissertação da historia ecclesiastica do Brazil; Oito dissertações de assumptos puramente brazileiros.

O padre Manoel de Macedo, notavel pernambucano, tomou ordens sacras em Portugal; dedicando-se à oratoria sagrada, tornou-se um dos prégadores notaveis dos meiados do seculo XVII. Sua celebridade foi tal, que sempre é citado como um padre de grande merito e illustração pouco vulgar.

Se bem que o famoso jesuita, o *Chrysostomo portuguez*, padre Antonio Vieira, tivesse nascido em Portugal e à sua patria tivesse prestado os mais relevantes serviços, comtudo como o veneravel thaumaturgo José de Anchieta, adoptou o

Brazil para a sua segunda patria. Distinguiu-se principalmente pelos seus admiraveis escriptos e pelos serviços prestados à catechese dos indios e à civilisação dos aborigenes. Foi um dos homens mais notaveis e illustres do seu tempo.

Segundo o Sr. Dr. Sylvio Romero, o padre Vieira é a figura mais alta da litteratura portugueza depois de Camões. Jesuita como Anchieta, tambem como o apostolo do novo mundo entregou-se á cathechese dos indios e à prosperidade e riqueza do Brazil. O mais celebre pregador de sua época foi um consumado politico e diplomata e um dos homens mais eminentes que têm habitado o Brazil. Dotado de um grande talento, de uma eloquencia admiravel, fallando e exprimindo-se com a maior facilidade, escrevendo com grande pureza e elegancia, os seus sermões e as suas interessantes cartas são verdadeiros modelos de estylo epistolar e tidos por classicos.

Se para Renan, a litteratura de um povo é a mais completa expressão da sua individualidade, sendo mais instructiva do que a sua propria historia, para Louis Borné, a historia de um povo, sendo a biographia do seu egoismo, a sua litteratura é a historia da sua vida humanitaria.

Á litteratura portugueza devendo a sua existencia a Antonio Vieira, que salvou a sua lingua da corrupção, do gongorismo que a influencia do castelhano creara, do estylo alambicado e dos trocadilhos da moda hespanhola; a brazileira tambem deve a Antonio Vieira as suas sabias lições nos collegios da Bahia e de Olinda, nos cursos de humanidade alli creados pela Companhia de Jesus, que vieram salvar a ignorancia indigena das trevas em que se perpetuava.

Ao padre Antonio Vieira, Portugal deve-lhe pois

a sua autonomia, e o Brazil a aurora da liberdade dos gentios. (11)

Descrever o caracter individual e politico do padre Antonio Vieira é declarar que o seu empenho pela civilisação dos indios é o traço mais refulgente da sua vida de missionario: assim se exprime o Sr. Candido Costa, em sua memoria—«Centenario do padre Antonio Vieira»—escripta no vol. IV n. 14 da Revista Trimensal do Instituto Geographico e Historico da Bahia.

Se Voltaire representa, como continúa a dizer o Sr. Candido Costa, no seculo dezoito a synthese do espirito francez na transição do cezarismo para o dominio das reformas politicas surgidas da revolução de 1789, o padre Antonio Vieira synthetisa a politica, a nacionalidade, a lingua, a litteratura de Portugal no seculo anterior, sóerguida «a nação do abysmo em que se precipitava necessariamente, como provincia da Hespanha.» Mas, se Voltaire, continúa o illustre paraense, pertence como homem á França, como mentalidade ao Universo, Antonio Vieira pertence como mentalidade à civilisação e á humanidade.

Os indios Nheengaibas ainda hoje se gloriam de serem convertidos pela palavra poderosa do immortal Vieira, a quem chamam—*Padre grande*.

O padre Antonio Vieira não foi um homem, mas a eloquencia encarnada no homem—*Cicero non hominis, sed eloquentiæ nomen habetur,* como diz Quintiliano de Cicero.

Em Janeiro de 1720 foram exhumados os seus restos mortaes e guardados em uma urna, cujo paradeiro ignora-se. Mas, segundo Monsenhor Dr. José Basilio Pereira, em uma carta dirigida ao

---

(11) Ovidio Filho—Centenario do padre Antonio Vieira. Revista Trimensal do Instituto Geographico e Historico da Bahia, Vol. IV n. 14, pag. 315.

Dr. José Francisco da Silva Lima, relativa ao centenario da morte do padre Antonio Vieira, parece que os seus despojos, como os do veneravel padre José de Anchieta, ainda se conservam em jazigo secreto no soberbo templo, que hoje serve de Cathedral, e são verdadeiros thesouros occultos que lá deixaram os padres da Companhia.

Quanto aos preciosos despojos do padre Anchieta, foram trasladados da capital do Estado do Espirito-Santo para a egreja do Collegio da Bahia em 1611, e depositados junto ao altar-mór de Sant'Iago, por ordem do padre Claudio Aquaviva.

O padre Antonio de Sá, fluminense e contemporaneo do padre Antonio Vieira, foi tão talentoso e a sua reputação de orador sagrado subiu a tal ponto, que era conhecido pelo Chrysostomo portuguez. O padre Vieira dizia: A sua ausencia não seria sensivel, pois tinha no padre Antonio de Sá um substituto. Imitador de Vieira, procurava sempre imprimir em seus sermões uma linguagem e estylo alevantados, ricos sempre de grande imaginação poetica e de imagens vivas. (12) Nascido no Rio de Janeiro em 1620 e fallecido em 1678, tornou-se adepto da escola de Gongora, então predominante na occasião.

O distincto ex-bibliothecario da Bibliotheca Nacional. Sr. Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, comparando o padre Antonio de Sá com o padre Antonio Vieira refere: «Se este foi o oraculo da tribuna sagrada, aquelle foi o principe da oratoria ecclesiastica». E tem bastante razão o escriptor do *Pulpito no Brazil*, pois o padre Antonio de Sá revelou em seus eloquentes sermões vasta erudição e completo conhecimento das escripturas sagradas. Nas paginas da historia litteraria do

---

(12) Dr. Sylvio Romero—Loco cito.

Brazil, o seu nome deverá ser inscripto como exemplo de uma erudição e eloquencia admiraveis

Em 1689 Diogo Grasson Tinoco compoz um poema descrevendo os sertões brazileiros, tomando por heroe Fernando Dias Paes e intitulado: *O descobrimento das esmeraldas.*

Deveremos mencionar ainda Bernardo Vieira Ravasco e seu filho Gonçalo Ravasco, irmão e sobrinho do padre Antonio Vieira. O primeiro compoz os *Autos Sacramentaes.*

José Borges de Barros que escreveu uma comedia: *A constancia e o triumpho.*

Egualmente são dignos de nota os pregadores Fr. José da Natividade, homem de grande talento philosophico e especial subtileza; e o padre Angelo dos Reis, jesuita que se distinguiu como mestre de humanidades, de philosophia e theologia.

Não menos notavel foi ainda o infeliz paulista Manoel de Moraes, que escreveu diversos opusculos em hollandez sobre o Brazil, e especailmente a sua *Historia da America.* muito elogiada por João de Lery.

A actividade litteraria teve maior desenvolvimento depois da guerra com os hollandezes. Os padres Antonio Vieira, Antonio de Sà, Eusebio de Mattos e outros astros brilhantes d'esse glorioso periodo, com os seus instructivos e eloquentes sermões, despertaram o apparecimento de tantos outros illustres pregadores. Foi essa uma época de grande desenvolvimento intellectual, na qual figuraram os virtuosos jesuitas. Homens illustres, eximios poetas e eloquentes oradores, attrahiam para os templos a sociedade, para ouvir os seus bellos sermões. (13)

---

(13) Dr. Sylvio Romero. Loco cito.

Apezar da preocupacção constante em que se via a metropole, durante o seculo XVII, para debellar o dominio hollandez de Pernambuco e desembaraçar-se do jugo dos hespanhoes, tornando-se novamente nação livre e independente, não se descuidava Portugal totalmente do desenvolvimento litterario da sua colonia. Acompanhando a tendencia que havia desde o começo da colonisação do Brazil, nos portuguezes e brazileiros, para escrever a historia das terras de Santa Cruz, por alvarà de 8 de Maio de 1658, foi nomeado chronista do Brazil, Diogo Gomes Carneiro, que escreveu alguns fragmentos litterarios e historicos. Por carta regia de 11 de Janeiro de 1699, foi creada uma escola de artilharia e architectura militar.

III

Seculo XVIII

José Basilio da Gama—Santa Ritta Durão —José Francisco Cardoso—Academia dos Esquecidos, dos Felizes, dos Selectos, Litteraria.

No seculo XVIII ainda mais se accentuou o gosto pelas letras e por todas as cousas do espirito. Appareceram duas tendencias: a politica na Inconfidencia e a romantica no *Caramurú* e *Uruguay*, os dous melhores poemas que se têm escripto até hoje, o primeiro por José Basilio da Gama e o segundo por José de Santa Ritta Durão.

José Basilio da Gama, nascido em Minas Geraes, fez parte da Arcadia de Roma, da Academia de Lisboa e da Arcadia Ultramarina do Rio de Janeiro, da qual foi um dos fundadores e escreveu a *Quitubia*, a *Declamação Tragica* e o immortal poema *Uruguay* publicado em 1760. De um enredo vivaz, seu assumpto consiste em atacar os

jesuitas, condemnando os seus methodos, a sua politica e a sua educação. Fazendo figurar o indigena lutando face a face com o europeu, incidentemente trata dos limites do sul do Brazil com as possessões antigas hespanholas.

Inferior ao poema *Caramurú* no assumpto, é-lhe entretanto superior no estylo e no brilho da forma. (1)

O *Caramurú* publicado em 1781 por Santa Ritta Durão, segundo o Sr. Dr. Sylvio Romero, é o poema mais brazileiro que possuimos. Superior ao *Uruguay* pelo assumpto, é tambem pela apreciação do problema ethnico, pela comprehensão do elemento historico e pelo justo equilibrio concedido ao colono portuguez entre os caboclos. (2) O seu verdadeiro valor consiste ainda em ser uma especie de resumo historico do Brazil, nos tres seculos em que elle foi colonia. A leitura d'esse primoroso trabalho nos faz assistir a fundação da mais antiga cidade brazileira, acompanhando ao mesmo tempo o crescimento da nação até quasi nossos dias. (3)

Se o veneravel padre José de Anchieta foi a primeira vibração da litteratura brazileira, e Manoel Botelho de Oliveira a primeira pedra do edificio intellectual, José Basilio da Gama e Fr. José de Santa Ritta Durão foram os verdadeiros fundadores da escola litteraria puramente brazileira.

Afastando-se da escola rotineira européa crearam uma outra inteiramente original, essencialmente americanista.

Tomando por assumpto o seu poema; factos, usos e costumes dos habitantes e dos aborigenes,

---

(1) Dr Sylvio Romero. Lococito.
(2) Dr. Sylvio Romero. Lococito.
(3) Dr. Sylvio Romero. Lococito.

souberam ao mesmo tempo dar a precisa côr local, o exacto cunho da nacionalidade. (4)

Se o distincto soldado hespanhol Alonzo Ercilla foi o primeiro poeta americano que tratou em seu poema puramente americano *Araucania, O Chile e o Archipelago de Chiloe*, Santa Ritta Durão e Basilio da Gama, dous brazileiros não menos distinctos, foram os dous primeiros que cantaram em suas poesias factos verdadeiramente brazileiros. (5)

O poema *Uruguay* é considerado por Garret como o poema mais moderno de mais merito, e seu auctor é ainda julgado por Sotero dos Reis, como o poeta brazileiro mais notavel do seculo XVIII. No *Uruguay*, diz elle, Basilio da Gama soube-se aproveitar da mais pura côr local, applicando-a com bastante arte. No *Caramurú*, continúa o illustre maranhense, tambem se admira aquella côr local especial. Os usos, os costumes, as suas acções e sentimentos são exactamente os caracteristicos do Brazil.

José Agostinho de Macedo, referindo-se a este poema dizia: «Só faltava antiguidade para ser considerado grande.»

Sustentaram esta escola procurando consolidal-a os saudosos e eminentes litteratos: conego Januario da Cunha Barbosa, no seu poema Nictheroy, Dr. Domingos José Gonçalves Magalhães, na *Confederação dos Tamoyos*, José de Alencar, no *Iracema* e Antonio Gonçalves Dias nas suas maviosas poesias.

Entretanto o Sr. Dr. Valentim de Magalhães considera que Santa Ritta Durão e Basilio da Gama, tendo sido os primeiros poetas que aproveitaram o

---

(4) Sotero dos Reis. Curso de litteratura brazileira e portugueza.

(5) Sotero dos Reis—Loc. cit.

elemento indico para se immortalisarem nos seus poemas, comtudo não lhes pode competir a gloria de verdadeiros fundadores do genero ou da escola, mas sim a Gonçalves de Magalhães. Gonçalves Dias e José de Alencar, que foram os que imprimiram o verdadeiro e puro caracter braziliense.

O illustre professor do Gymnasio Nacional pensa que os poemas de Durão e Basilio da Gama estão muito eivados de lusitanismo. Segundo o illustre critico, o autor do *Uruguay*, apezar de brazileiro, fôra educado em Portugal, e ahi compoz o seu bello trabalho dedicando-o ao Marquez de Pombal O cantor do «Caramurú» graduara-se em theologia em Lisboa, onde tomara o habito agostiniano. (6)

Basilio da Gama, nascido em 1740 e fallecido em 1785, no seu poema *Uruguay* celebrou as lutas entre as forças portuguezas do Conde de Bobadella e os indios das Missões sublevadas pela suggestão dos jesuitas. Admirador frenetico de Pombal, diz o Sr. Dr. Oliveira Lima, o poeta censura violentamente as intenções theocraticas da Companhia e os seus correlativos processos de educação, destinados a manter os aborigenes na inferioridade social, que lhes era aliás imposto pela rudimentar e pouco progressiva intelligencia de que davam testemunho. (7)

Afastando-se da escola mythologica, este poema offerece notaveis descripções, interessantes episodios narrados com um grande sentimento de realidade.

Fr. Francisco de Santa Ritta Durão, emulo de Basilio da Gama, nasceu em 1737 em Minas-Geraes, e falleceu em 1784. Tendo estudado as

---

(6) Valentim de Magalhães—A Litteratura Brazileira, Lisboa, 1896.

(7) Dr. Oliveira Lima.—Aspectos da litteratura colonial Brazileira. Pag. 219.

humanidades no Rio de Janeiro, partiu para Portugal e foi cursar as aulas da Universidade de Coimbra.

Mais tarde entrou para a ordem monastica dos Agostinhos. Depois de ter residido algum tempo na Hespanha e em Roma, voltou para Coimbra onde foi leccionar naquella Universidade.

Nessa occasião escreveu o immortal poema *Caramurú.* Baseado em uma lenda historica, como Basilio da Gama, Santa Ritta Durão abandonou as tradicções mythologicas. Pediu a Christo inspiração, em vez de imploral-a ás Musas. O dogma da existencia de Deus, a fé divina, a crença no Creador e a apparição da Virgem Maria entre as nuvens. taes foram os sentimentos esboçados em tão magnifica epopéa.

Possuindo menos fluencia, menos facilidade poetica, menos colorido e menos harmonia, diz o illustrado autor dos *Aspectos da litteratura colonial brazileira.* o seu plano porém é mais largo que o do poema *Uruguay*. Se o episodio de Diogo Alvares é de importancia inferior ao da guerra das *Missões*, continúa o distincto pernambucano, em compensação passa-se em um scenario mais espaçoso, tira da legenda grande parte da sua attracção, augmenta-se de um sem numero de referencias curiosas, e evoca uma multidão de feitos gloriosos. (8)

E' um poema verdadeiramente indiano. Quasi todo elle é dedicado ao aborigene, nunca perdendo de vista o indigena, quando nos decasyllabos da sua epopéa condensa a historia do Brazil de tres seculos. (9)

Extremado patriota, o erudito monge exprime

---

(8) Dr. Oliveira Lima.—Loco-cito. Pag. 224.
(9) Dr. Oliveira Lima—Loco-cito. Pag. 231.

verdadeira confiança no futuro do Brazil. Falla com enthusiasmo da grandeza do seu territorio e da riqueza de sua producção.

Na mesma época em que brilham estes dous admiraveis epicos, tambem figurou um outro epico, José Francisco Cardoso, autor de um poema escripto em latim e traduzido para o portuguez por Boccage. Constitue o seu assumpto a expediço de Donald Campben contra o Dey de Tripoli.

Se o meiado do seculo XVIII accentuou-se com a tendencia à creação de uma escola litteraria romantica, brilhantemente representada por Basilio da Gama e Santa Ritta Durão, o seu final celebrisou-se por uma outra tendencia, a politica manifestada pela inconfidencia mineira. No principio mesmo do seculo, houve uma certa animação, um verdadeiro renascimento das lettras. Iniciouse, a idéa da fundação de typographias e creação de associações litterarias. Surgiu a edade de ouro da oratoria ecclesiastica brazileira. A linguagem tornou-se mais pura, mais perfeita e mais elegante.

Subindo ao throno de Portugal D. João V, a Bahia, então elevada a vice-reinado, gozava de uma paz invejavel e de uma grande prosperidade. O vice-rei D. Vasco Fernandes Cezar de Menezes, conde de Sabugosa, desejando tornar conhecidos os homens de grande merito e não vulgar illustração, resolveu fundar nessa cidade uma Academia vasada nos moldes da dos *Generosos e Singulares* de Lisboa; nesse sentido dirigiu-se em circulares às pessoas de maior graduação e entendimento pedindo-lhes o seu auxilio. Pressurosos acudiram ao seu convite, já pelo desejo de acompanhar o movimento litterario da metropole, já por despeitados por não terem sido contemplados na Academia Real de Historia, fundada em Lisboa em 1720.

Reunidos o padre Gonçalo Soares da Franca, o desembargador Caetano de Brito Figueiredo, chanceller do Estado, o desembargador Luiz de Siqueira da Gama, ouvidor geral do civel, o Dr. Ignacio Barbosa Machado, juiz de fóra da cidade, o coronel Sebastião da Rocha Pitta, o capitão João de Britto Lima e José da Cunha Cardoso, sob a presidencia do vice-rei, depois de discutidas as bases da sua fundação, na tarde de 7 de Março de 1724 teve lugar a primeira sessão official.

Fundada sob a protecção do vice-rei e com a denominação de *Academia Brazilica dos Esquecidos*, os fundadores dessa Academia tomaram para empreza o sol—*Sol oriens in occiduo.*—Ficou determinado que os seus trabalhos teriam lugar no palacio do governode quinze em quinze dias, e que a sua materia consistiria no estudo da historia brazileira, dividida em quatro partes: natural, militar, ecclesiastica e politica. Os academicos seriam denominados: *obsequioso*, *nebuloso*, *occupado*, *laborioso*, *infeliz*, *vago* e *virtuoso*.

Dirigiu a primeira sessão em 23 de Maio do referido anno, o chanceller Caetano de Brito Figueiredo sob a denominação de *nebuloso*, e pronunciou o discurso inaugural o desembargador José da Cunha Cardoso, tendo o secretario recitado um soneto. A segunda sessão deveria ser presidida pelo juiz de fóra Dr. Ignacio Barbosa Machado com o cognome de *laborioso*. A terceira pelo padre Gonçalo Soares da Franca com o titulo de *obsequioso*. Finalmente a quarta pelo ouvidor geral do civel Luiz de Siqueira da Gama denominado *occupado*. O coronel Sebastião da Rocha Pitta, intitulado *vago*, o capitão João de Britto Lima, *infeliz* e o Dr. Ignacio Barbosa Machado, *venturoso*

completaram o numero dos academicos fundadores da Academia. (10)

Os mestres academicos das quatro sessões deveriam ser successivamente alternados, dous a dous. As sessões deveriam ser dirigidas por um presidente que as abriria com uma oração ou discurso, sendo a materia ou assumpto escolhido á livre vontade de cada um. Nessas conferencias, além do discurso do presidente, deveriam ser lidas pelo secretario poesias heroicas, lyricas ou poemas anonymos. A oração do secretario, na primeira sessão, não foi mais do que um verdadeiro *laus perenne* ao vice-rei. Sobre o assumpto lyrico foi lido um soneto de Antonio Cardoso da Fonseca, relativo ao sol.

A segunda conferencia foi presidida pelo coronel Rocha Pitta, mais feliz do que seu antecessor, recitando uma bellissima oração, na qual tornou saliente o topico sobre a utilidade da religião. No genero lyrico foi lido o poema—*Quem mostrou amar fielmente, Elicie ao sol, ou Eudimião a lua.*

Abriu a terceira conferencia João de Britto Lima, menos florido que Rocha Pitta, comtudo manifestou-se sentencioso, correcto e fluente. Foi seu thema lyrico: *Uma dama que sendo formosa não fallava por não mostrar a falta que tinha de dentes.*

Foi ainda lido um soneto pelo coronel Rocha Pitta.

Da setima conferencia incumbiu-se o padre Raphael Machado, reitor do Collegio dos Jesuitas da Bahia. Demonstrando uma vasta erudição, digno emulo de Rocha Pitta e Britto Lima, discorreu perfeitamente sobre o pensamento de Salomão: *Nihil sub sole novum.*

---

(10) Conego Dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro—Estudos Historicos.

Dezoito foram as conferencias effectuadas pela Academia. A ultima teve lugar a 4 de Fevereiro de 1725, data em que foram interrompidos os seus trabalhos. Distinguiram-se principalmente os academicos coronel Sebastião da Rocha Pitta, que além da sua importante *Historia da America Portugueza*, nos legou ainda mais um bello soneto—*As damas de Carthago dão os seus cabellos para incharcia da armada Carthagineza*, e umas delicadas *Endechas*; e João de Britto Lima que escreveu uma decima, na qual descreve D. Joaquina Rosa de Tavora recolhendo-se ao convento por morte de seu esposo, o Marquez de Gouveia. (11) Existem colleccionados os trabalhos desta Academia em tres grossos volumes pertencentes ao Instituto Historico e Geographico Brazileiro.

Interrompidos os seus trabalhos deixou de existir no Brazil outra sociedade litteraria, até 1736, época em que foi organisada no Rio de Janeiro uma nova associação denominada—*Academia dos Felizes*, a qual tinha por empreza—*Hercules a afugentar com a clara o ocio* e por divisa *Ignaria fugenda et fugienda*. Apezar da valiosa protecção do governador, em cujo palacio tinham lugar as suas sessões, apezar ainda de serem seus socios verdadeiras illustrações, comtudo ephemera foi a sua duração. Creada pelo Dr. Matheus de Saraiva, era composta de trinta membros que se dedicavam ao estudo da botanica.

Mais feliz não foi a terceira academia creada em 1752, sob a denominação de *Academia dos Selectos*, destinada a cantar as gentilezas do capitão-general Gomes Freire de Andrade. Tendo celebrado apenas uma unica sessão em 30 de

(1 1) Conego Dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro.—Lo o-cito.

Janeiro de 1752, os seus trabalhos só foram publicados em 1754.

Se bem que, como diz Eduardo Perié (12), essas tres academias não fossem mais do que ensaios sem importancia, comtudo serviram de proemio para a fundação de uma associação importante creada em 1772, sob a protecçãodovice-rei marquez do Lavradio, intitulada—*Sociedade Litteraria.*

IV

Seculo XVIII

Academia Brazilica dos Renascidos—Arcadia Ultramarina —Sebastião da Rocha Pitta—Bernardo Pereira Berredo —Simão Marques—Fr. Santa Maria Jaboatão—Antonio José da Silva—Bartholomeu e Alexandre de Gusmão—Pedro Taques de Almeida Paes Leme—Fr. Garpar de Madre de Deus.

A imprensa, esse pharol brilhante do progresso, do mesmo modo que as tres malogradas academias, não se poude sustentar durante os tempos coloniaes do Brazil; o governo da metropole impedia e perseguia mesmo todo e qualquer desenvolvimento da sua rica colonia.

Em meiado do seculo passado Antonio Izidoro da Fonseca, tendo estabelecido uma typographia com autorisação do vice-rei Gomes Freire de Andrade, não conseguiu conserval-a por muito tempo. Conhecida a sua fundação pelo governo de Lisboa, mandou este logo destruil-a. D'ahi em deante não se cogitou mais na creação d'esta natureza, até a chegada no Rio de Janeiro em 1808 da familia real portugueza, em que se instituiu a imprensa nacional. (1)

---

(12) Eduardo Perié.—Litteratura brazileira.

(1) Alfredo do Valle Cabral.—Annaes da Imprensa Nacional.

Entretanto clandestinamente n'ella se publicaram dous trabalhos: *Exame de artilheiros* por José Fernandes Pinto Alpoym, dedicado ao governador Gomes Freire de Andrade, e *Exame de bombeiros* pelo mesmo autor e com a mesma dedicatoria.

Sete annos depois da extincção da Academia dos Selectos, na cidade de S. Salvador da Bahia de Todos os Santos, prestimosos cidadãos, no intuito de demonstrar a sua satisfação pelo completo restabelecimento de Sua Magestade Fidelissima, e de dar-lhe provas de affecto á sua real pessoa, resolveram crear uma academia sob o plano da antiga Academia dos Esquecidos, sob a denominação de *Academia Brazilica dos Renascidos*

Composta de quarenta socios effectivos e setenta e seis supra numerarios, tomaram por empreza—*A Phenix fitando os olhos no céo*, e por divisa—*Multiplicabo dies.*—Inaugurada a 6 de Junho de 1759, no palacio do governador conde dos Arcos a quem tomaram por protector, foi nomeado director perpetuo o conselheiro José Mascarenhas Pacheco Pereira Coelho de Mello. Nascida sob os melhores auspicios, dedicada aos estudos de questões importantissimas, e quando já apresentava o resultado dos seus trabalhos, foi inesperadamente interrompida, em consequencia da prisão injusta feita a seu venerando director, accusado de fazer parte da inconfidencia. Dos trabalhos que foram lidos em suas sessões apenas são dous conhecidos. (2) Um manuscripto intitulado—*Historia militar do Brazil desde 1754 até 1762*, escripto por José Miralles, academico da Academia Brazilica

---

(2) Conego Dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro—Loco-cito.

dos Renascidos, e offerecido a el-rei D. José I, e o *Culto Metrico*, trabalho de Joseph Pires de Carvalho e Albuquerque, impresso em Lisboa em 1760, na typographia de Francisco Luiz Ameno. E' um poema no qual seu autor narra a vida da Virgem Santissima desde a sua conceição até á assumpção.

Com o fallecimento do Marquez do Lavradio, o seu successor Luiz de Vasconcellos e Souza, conjunctamente com o bispo D. José Joaquim Mascarenhas Castello Branco protegeram uma arcadia — *Arcadia Ultramarina*, — fundada nas mesmas condições que a Arcadia de Roma. Instituida por Ignacio da Silva Alvarenga, José Basilio da Gama e outros, graças á protecção dispensada pelo vice-rei, teve logo no começo grande animação, conseguindo attrahir para seu gremio os homens mais illustres do seu tempo: Bartholomeu Antonio Cordovil, Domingos Vidal Barbosa, João Pereira da Silva, Ignacio Souto Maior Rendon, José Ferreira Cardoso, Manuel de Arruda Camara, José Mariano da Conceição Velloso, Domingos Caldas Barbosa, etc., e tantos outros eminentes litteratos, a quem se vieram ligar os mineiros Fr. José de Santa Ritta Durão, Claudio Manuel da Costa, Alvarenga Peixoto e Thomaz Antonio de Gonzaga, que mais tarde tambem fundaram a Escola de Minas. (3)

Houve um verdadeiro prurido litterario nesse tempo; aos litteratos mencionados vieram se unir mais outros, e todos contribuiram para que houvesse uma abundante seara.

Dentre os que mais sobresahiram deveremos mencionar: Fr. Francisco Xavier de Santa Thereza e Manoel de Santa Maria Itaparica. O primeiro

(3) Eduardo Perié.—Loco-cito.

legou o poema *Espirito-Santo* e a tragedia *Santa Felicidade e seus filhos*.

Fr. Itaparica, superior a Fr. Santa Thereza, d'entre os seus trabalhos sobresahe o *Eustachidos*, poema sacro etragi-comico em que se contém a vida de Santo Eustachio, martyr, chamado antes Placido, e de sua mulher e filha. Não menos importantes são a *Descripção do Inferno* e a *Descripção da Ilha de Itaparica*, poemas ineditos, publicados no excellente Parnaso Brazileiro do Sr. Dr. Mello Moraes.

O jesuita Prudencio do Amaral, exercitado na poesia latina, deu à luz o *Carmen de sacchari apificio*; o padre Francisco de Almeida, cultor tambem da poesia latina, nos legou o *Orpheu braziliense*, no qual descreve as virtudes dos padres José de Anchieta, Gonçalo Soares da Franca, autor da *Brazilica* ou poema sobre o descobrimento do Brazil; foi um dos fundadores da Academia Brazilica dos Esquecidos, e como Britto Lima, foi um dos poetas que mais poesias imprimiu.

Luiz Sancho de Noronha, contemporaneo de Itaparica e de Rocha Pitta, compoz um bello idylio: *Um seraphim carregando um navegante naufragado, vence as ondas para conduzir à praia*. Esta poesia inedita foi publicada no Parnaso do Sr. Dr. Mello Moraes Filho, onde egualmente foram uns bellos sonetos de Antonio de Figueiredo Magalhães, de João de Oliveira Serpa, do coronel Sebastião da Rocha Pitta e de Antonio de Freitas do Amaral. No referido Parnaso desse illustre litterato ainda figuram: *uma Pregação* de Manoel Tavares de Siqueira e Sá, um romance lyrico endecasyllabo de Francisco de Almeida Jordão e um outro identico de Antonio Nunes de Siqueira, e um motte de Fr. Manoel da Encarnação. Quasi

todos estes poetas pertenceram à Academia dos Selectos.

No começo do seculo, de que nos occupamos, se destaca o vulto proeminente de Sebastião da Rocha Pitta, um dos fundadores da Escola Brazilica dos Esquecidos. A sua Historia da America Portugueza, desde o seu descobrimento até 1724, publicada em Lisboa em 1730, é um trabalho precioso que, segundo o Sr. F. A. Warnhagen, se recommenda pela riqueza das descripções e elevação de estylo, parecendo pela sua leitura amena mais um poema que prosa (4). Foi o primeiro brazileiro depois de Fr. Vicente do Salvador, que escreveu ou antes deu a conhecer a historia do Brazil. Antes delle, é verdade, do Brazil tambem trataram Gabriel Soares de Souza e Pero de Magalhães Gandavo, mas estes além de algum tanto omissos, foram mais chronistas do que historiadores.

Sebastião da Rocha Pitta não pode ser comparado aos grandes historiadores modernos, nem pertence à sua escola, mas, pelos elementos que possuia em seu tempo, o seu trabalho é um monumento que muito honra o Brazil.

O coronel Rocha Pitta é pae da historia brazileira, como Ayres do Casal é da chorographia e Simão de Vasconcellos da chronica. (5)

Antes de escrever a sua Historia compoz Rocha Pitta um romance *Palmeirim*, alguns sonetos e outros trabalhos.

O Sr. Dr. Sylvio Roméro, em sua Historia da Litteratura Brazileira, tratando de Rocha Pitta, refere: «Dotado de grande alcance moral a obra de Rocha Pitta, por seus idylios, sobre a natureza physica desta porção da America, seu enthusiasmo

---

(4) F. A. Warnhagen.—Florilegio da poesia brazileira.

(5) Conego Dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro—Curso de Litteratura Brazileira.

por nossos feitos, foi como uma especie de téla em que se acham debuchados o nosso valor, nossas acções e nossas esperanças (6). Continúa o illustrado autor dos Contos populares do Brazil: «Nas suas descripções ha grande vigor, expressões felizes e verdadeiras enumerações das grandezas naturaes do Brazil; desse modo é elle precursor da escola romantica, e nesse genero não foi ultrapassado ainda».

Para o Sr. Visconde de Porto-Seguro, os tres maiores historiadores do seculo XVIII foram: Sebastião da Rocha Pitta que, apezar de omisso nos factos essenciaes, não tendo recorrido ás fontes as mais puras, comtudo a sua Historia é bastante recommendavel, porque veiu tornar o Brazil mais conhecido na Europa. (7)

Entretanto o Sr. Dr. Joaquim Manoel de Macedo pensa que, em estylo claro, elegante e correcto, revelando-se notavel litterato, a sua Historia descreve minuciosamente o Brazil desde 1500 até 1724. Escriptor copioso e erudito, colleccionador incançavel de noticias e factos relativos á historia do Brazil, a sua excellente Historia instrue e deleita (8). Compulsando documentos esparsos nos archivos publicos e nas ordens religiosas, não se contentou com as suas consultas, estudou tambem os idiomas francez, hollandez, inglez e italiano, tomando apontamentos nos autores que nelles trataram do Brazil. Seu cabedal de conhecimentos é vasto, suas descripções são verdadeiras e claras, que, com justa razão, poderá ser appellidado o *Herodoto brazileiro*.

O segundo historiador Bernardo Pereira de Ber-

---

(6) Dr. Sylvio Roméro —Historia da Litteratura Brazileira.
(7) Visconde do Porto-Seguro—Historia Geral do Brazil.
(8) Dr. Joaquim Manoel de Macedo—Anno Biographico Brazileiro.

redo, governador do Maranhão, em 1749, escreveu os «Annaes do Estado do Maranhão», offerecidos ao Augustissimo Monarcha D. João V, e publicados depois da sua morte, constituem um dos livros mais preciosos sobre o Brazil; e, graças a elle, se pode escrever a historia do Maranhão no periodo de 1644 a 1713. A sua primeira edição foi publicada em Lisboa na officina de Francisco Luiz Ameno; e a segunda em 1849 no Maranhão na typographia Maranhense. Descrevendo o descobrimento desse Estado, os seus rios, a sua fauna, o dominio francez, etc., nos dá Berredo nos seus preciosos *Annaes* uma descripção mais ou menos exacta do Maranhão.

O terceiro grande historiador, Simão Marques, publicou a sua *Brazilia Pontificia,* cujo assumpto consiste nas faculdades especiaes concedidas pela curia aos bispos do Brazil.

Fr. Antonio de Santa Maria Jaboatão, insigne pernambucano e chronista da sua Ordem, nos legou um interessante trabalho intitulado *Orbe Seraphico*. A primeira parte foi publicada em Londres em 1767, e a segunda editada pelo Instituto Historico e Geographico Brazileiro de 1859 a 1861, em dous volumes. A *Chronica* de Fr. Jaboatão fornece abundantes subsidios aos estudiosos da nossa historia, tanto mais apreciaveis quanto o seu autor parece não ter em mira senão relatar factos concernentes á sua Ordem. (9)

O illustrado Sr. Dr. Sylvio Romèro, que tanto nos tem auxiliado na execução d'este nosso trabalho, fallando de Fr. Jaboatão, na sua referida Historia da Litteratura Brazileira, faz o seguinte conceito: «Trabalho de estylo simples e claro, abundante

---

(9) **Dr. Joaquim Manoel de Macedo—Anno Biographico Brazileiro.**

em tradições, lendas e noticias locaes, nos dando conhecimento dos estudos feitos nos conventos franciscanos desde a sua fundação até meiado do seculo passado, nos expõe ainda uma resenha das obras escriptas pelos religiosos da ordem. (10) E, na verdade, n'esse precioso trabalho encontram-se documentos importantes, que muito auxiliam a quem pretende tratar da historia do Brazil colonial, como sóe acontecer-nos.

Outro escriptor notavel foi o fluminense Antonio José da Silva, denominado *Judeu*. Foi autor de diversas comedias muito apreciadas no seu paiz e no estrangeiro. As guerras do *alecrim e mangerona* escriptas em estylo chistoso e pilherico, cheias de idéas picantes e sobretudo dotadas de uma habil invenção dos enredos e de grande valor linguistico, ainda hoje são consideradas como modelo de classica litteratura.

Merecidamente apreciado por notaveis litteratos como Warnhagen, Wolf, Theophilo Braga, Machado de Assis e Sylvio Romé o, Antonio José foi o iniciador do estylo dramatico brazileiro. Escrevendo para o povo, as suas composições têm um tom popular e independente, ressumbrando n'ellas o seu grande talento lyrico, e ao mesmo tempo demonstrando ser um verdadeiro successor de Gil Vicente e de Camões. As suas obras foram colleccionadas por Francisco Luiz Ameno com o titulo de—*Theatro comico*.

Nasceu o *Judeu* no Rio de Janeiro em 1705 e foi educado em Lisboa, onde escreveu algumas composições dramaticas de grande merecimento. Victima do Tribunal da Inquisição, morreu queimado em 1739 com trinta e quatro annos de edade. Filiado à escola de Gongora, então em moda, com

(10) Dr. Sylvio Roméro. Loco-cito.

Gregorio de Mattos, foram os precursores da escola mineira.

Entre as suas composições, quasi todas originaes deveremos mencionar: *Encantos de Medéa, Sacatrapo e Arpia, Esfuziote, Taramella e Sanguixuga no Labyrintho de Creta, Sevadilha, Facundes, Simicupio nas Guerras do Alecrim e Mangerona, Carangueijo e Maresia nas Variedades de Proteo, Chichisbéo no Precipio Faelonte.*

Em quasi todas as operas os machinistas representam um papel importante. Algumas d'ellas são verdadeiras magicas, em que uma nuvem, um alçapão ou um feitiço poem fecho a um lance embaraçoso ou abreviam a chegada de uma scena esperada. (11)

Na sua estructura dramatica, a sua architectura é pouco complicada e pouco subtil, e de um pessoal limitado de typos que se repetem. Estas faltas porém acham-se suppridas pela veia comica com que nos apparecem tratados os assumptos.

O illustrado historiador dos Aspectos da Litteratura Colonial Brazileira, apreciando os trabalhos dramaticos do Judeu, assim se exprime: «A fluencia e a permanencia do riso são realmente notaveis. A gargalhada resalta amplamente dos ditos dos creados, que encarão o bom senso popular fustigando as pieguices de sentimento e os exageros de estylo dos personagens classicos.»

Realmente, profundo conhecedor da arte dramatica, Antonio José procurava não cançar a attenção de seu auditorio, despertando em occasiões appropriadas, com habilidade e pericia a hilaridade da platéa, sem entretanto afastar-se

(11) Dr. Oliveira Lima.—Aspectos da litteratura colonial brazileira.

da urdidura da péça que acompanhava com o maximo interesse.

Se os seus dramas não podem ser comparados aos de Metastasio, pela falta de suavidade e elegancia, entretanto são muito recommendaveis pela naturalidade e chiste com que são escriptos. A originalidade do estylo e a correcção da linguagem denotam uma especie de renascimento litterario. Elaboradas em um periodo de transicção litteraria, são as suas operas escriptas com grande força de imaginação, os caracteres pintados com bastante intuição e a sociedade ambiente em que viveu criticada com verve.

Popularisando as suas festejadas operas, procurava ao mesmo tempo o Judeu vulgarisar as suas melodiosas modinhas, que eram muito apreciadas pelos estrangeiros que as ouviam cantar.

O padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão e seu irmão Alexandre de Gusmão, foram dous paulistas illustres que muito se distinguiram no periodo colonial. O primeiro, pregador de grande nomeada, dispondo de muita illustração, seus sermões eram muito apreciados pela sua admiravel eloquencia, pela dicção correcta e pelas elegantes e castigadas phrases. Distinguiu-se porém principalmente esse notavel santista, pela sua descoberta dos aerostatos, denominado por isso o *Voador*.

Por insinuação de el-rei de Portugal D. João V, escreveu a *Historia do bispado do Porto*, que foi bem accolhida pela Academia Real de Historia Portugueza, que o recebeu no numero dos seus cincoenta academicos fundadores Foi um dos brazileiros mais illustres que o Brazil tem produzido. (12)

---

(12) Dr. Sylvio Roméro—Loco-cito.

Alexandre de Gusmão, homem tambem de grande talento, dotado de vasta intelligencia e de uma erudição invejavel, foi até 1750 a intelligencia inspiradora das mais importantes negociações externas. Ministro recto, habil e energico, em sua sabia administração revelou-se um dos mais consummados diplomatas da sua época. Distincto litterato como seu irmão, tambem como elle foi um dos cincoenta academicos fundadores da Academia Real de Historia Portugueza.

Não menos distincto paulista, foi o insigne historiador Pedro Taques de Almeida Paes Leme, que com a sua «Nobiliarchia Paulistana» ou «Genealogiadas principaes familias de S. Paulo», escripta em meiado do seculo passado, nos legou um primoroso e aproveitavel trabalho.

Manuseando todos os archivos e cartorios, dotado de vasta erudição pratica, perfeito conhecimento dos documentos historicos, a sua *Historia* é uma composição perfeita e copiosa, repleta de narrativas e descripções bem uteis. Dispondo de melhores documentos ineditos do que Jaboatão a sua «Nobiliarchia» é mais perfeita e completa do que o «Orbe Seraphico» daquelle illustre franciscano.

Outro eminente paulista foi Fr Gaspar da Madre de Deus, provincial e abbade do mosteiro da sua Ordem no Rio de Janeiro. Quando exercia aquelles cargos escreveu Fr. Gaspar uma «Relação chronologica de todos os documentos do patrimonio do seu mosteiro». Retirando-se mais tarde para o convento de S. Paulo, em 1768 escreveu as suas «Memorias para a historia da capitania de S. Vicente, hoje chamada de S. Paulo do Estado do Brazil», impressas em primeira edição em 1797 pela Academia Real de Sciencias de Lisboa, e em segunda em 1847 no Rio de Janeiro na typographia de Agostinho de Freitas Guimarães.

Abundando em indagações originaes authenticas, se bem que não fosse o seu autor tão bem preparado como o seu contemporaneo e patricio Pedro Jaques, comtudo revela um estudo profundamente pesquizador. (13)

Além das suas excellentes *Memorias* escreveu ainda Fr. Gaspar as «Noticias dos annos em que se descobriu o Brazil» e a «Historia das Minas de S. Paulo e expulsão dos jesuitas.»

Elaborados com a mais escrupulosa execução dos factos, baseados em documentos fidedignos e escriptos em estylo fluente e elegante, os trabalhos de Fr. Gaspar são recommendaveis pela pureza da sua vernaculidade. (14)

Capital Federal, 1899.

DR. CUNHA BARBOSA

(*Continúa*)

---

(13) Conego Dr. Joaqnim Caetano Fernandes Pinheiro.— Curso de Litteratura Brazileira.

(14) Conego Dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro.— Loco-cito.

EPHEMERIDES CACHOEIRANAS

POR

Aristides A. Milton

JUNHO

1.º de Junho

—Em 1754, o senado da camara desta cidade, então villa, declarou formalmente ao magarefe Antonio Antunes, residente em Jaguaripe, a deliberação que tomara de só lhe consentir cortar carne verde aquí, si quizesse vendel-a ao preço de 480 rs. cada arroba. O homem submetteu-se, sem replica; é tanto basta para acreditarmos que fosse excellente o negocio que elle fez.

Ha ensejo, entretanto, de estabelecer-se um confronto. Em 1899 a carne verde chegou a vender-se á razão de 16$500 aquelle mesmo peso, a saber, 34 vezes mais cara....

Na mesma proporção, quanto um bife ha de custar no anno 2.000?

—Em 1838, foram elevadas á cathegoria de parochias as capellas de Sancto Estevam de Jacuipe, e de Nossa Senhora do Desterro do Oiteiro-redondo, ambas então do termo e comarca desta cidade.

—Em 1842, tomou posse do cargo de juiz de direito desta comarca o Dr. Innocencio Marques de Araujo Goes, que foi depois barão de Araujo Goes, e aposentou-se como membro do Supremo Tribunal de Justiça.

Nomeado em 5 de Fevereiro de 1842, foi o primeiro que aqui serviu por força da lei de 3 de Dezembro de 1841.

Eis a relação dos seus successores, até hoje:

Dr. Manoel Joaquim Bahia, depois desembargador, nomeado em 21 de Dezembro de 1853; Dr. Polycarpo Lopes de Leão, depois desembargador, nomeado em 14 de Setembro de 1857; Dr. Antonio Ladislau de Figueiredo Rocha, depois desembargador, nomeado em 1858; Dr. Ignacio Carlos Freire de Carvalho, depois desembargador, nomeado em 26 de Outubro de 1861; Dr. Domingos Ribeiro Folha, depois desembargador, nomeado em 5 de Julho de 1872; Dr. Daniel Luiz Rosa, depois desembargador, nomeado em 13 de Dezembro de 1873; Barão de Anadia, nomeado em 23 de Outubro de 1875; Dr. Manoel Alves de Lima Gordilho, depois desembargador, nomeado em 23 de Outubro de 1879; Dr. José Joaquim de Oliveira Andrade, depois desembargador, nomeado em 28 de Junho de 1882; Dr. Antonio José de Castro Lima, depois membro do Tribunal de appellação e revista, nomeado em 2 de Março de 1884; Dr. Hormino Martins Curvello, removido depois para a capital do Estado, e nomeado em 5 de Agosto de 1892; Dr. José Machado Pedreira, que falleceu na comarca, nomeado em 28 de Fevereiro de 1898, e Dr. Joaquim Antonio da Silva Carvalhal, que ainda serve, nomeado em 21 de Julho de 1898.

—Em 1845, foi preso pelo capitão Julião, muito conhecido por seus actos de bravura, o Dr. José Joaquim de Novaes Rocha, accusado de ter mandado espancar o Cap. Manoel dos Sanctos Maures, e o Dr. Antonio José da Fonseca Lessa, acontecimentos a que noutros logares alludo.

Como gozasse então o Dr. Novaes de grande influencia eleitoral, o acto da policia foi bastante commentado, e não errarei dizendo que causou profunda impressão, pois muita gente suppunha impossivel tamanho.... arrojo.

O Cap. Julião fazia parte da 1.ª linha do exercito, mas consta que não sabia ler.

Num *levante* de escravos africanos, occorrido na cidade da Bahia, já se tinha celebrisado o Cap. Julião, por matar grande numero, e prender numero maior ainda, de negros insurgidos.

—Em 1869, foi dado á luz em S. Felix, o *Paraguassú*, primeiro periodico publicado naquella povoação, hoje cidade.

Em 1847, já tinha existido um outro com egual nome, nesta cidade; e, muitos annos depois, um terceiro *Paraguassú* sahiu de S. Felix tambem.

—Em 1881, foi inaugurada a *União do Paraguassú*, sociedade creada pelos proprietarios de barcos da carreira entre esta e a cidade da Bahia.

Dos fins a que se propõe a utilissima associação destaca-se o compromisso de cobrar ella os fretes de seu serviço por uma tabella previamente conhecida, e mantel-o com a maxima regularidade, de maneira que todos os dias parta do nosso porto um barco, pelo menos, e chegue outro a elle tambem.

—Em 1884, falleceu o pharmaceutico Trajano Moreira Guimarães, que contava 50 annos, e fôra vereador da camara municipal desta cidade, onde nascera.

Era muito bem quisto e, além de ser um homem de espirito, decifrava facilmente as mais intrincadas charadas.

—Em 1891, finou-se na cidade do Rio de Janeiro, onde estava residindo, o engenheiro civil Leopoldo de Carvalho Ribeiro, nosso conterraneo.

Contava 32 annos de edade apenas, e fôra sempre muito bom parente.

2 de Junho

—Em 1851, foi sepultado o adv. José Ribeiro Pereira Guimarães, que era tambem vereador da camara municipal desta cidade.

—Em 1862, falleceu o capitão João Francisco de Oliveira, pessoa muito relacionada, e socio gerente

de um grande escriptorio de fazendas, nesta cidade.

—Em 1870, appareceu o 1.º numero da *Ordem*, que ainda vive.

Durante a monarchia, foi orgão do partido conservador, mas depois da proclamação da republica tornou-se *imprensa neutra*.

—Em 1886, foi installado o *Club Regadas*, que teve uma vida ephemera.

3 de Junho

—Em 1702, tomou posse do governo do Brazil—D. Rodrigo da Costa, a quem se deveram varias obras de fortificação na foz do rio Paraguassú.

Foi elle quem mandou construir o fortim da *Varginha*, á margem direita do mesmo rio, o qual infelizmente está reduzido a ruinas.

Por provisão régia de Junho de 1550, tinha ficado reservada uma sesmaria de terras no rio para o 2.º governador D. Duarte da Costa, e seus successores.

Mas elles contentaram-se com o titulo de donatarios do Paraguassú, e, sem cuidarem de estabelecer ao menos uma povoação, deram de arrendamento as terras a varios particulares.

E' que isso era mais simples, e mais... rendoso tambem.

—Em 1705, o governador expediu providencias acertadas para bater e destruir o mocambo de negros fugidos, que havia se formado nos mattos de Jacuipe, do termo desta cidade, então villa, e se constituira um verdadeiro flagello para os habitantes dessa grande zona.

—Em 1809, generalisou-se a todas as cidades e villas do Brazil o imposto da decima urbana, creado pelo alvará de 7 de Junho do anno anterior para as povoações á beira-mar.

Ao mesmo tempo, foi estabelecido o imposto da

siza por compra e venda de bens de raiz, e o da meia siza por transacções relativas a *escravos ladinos*.

—Em 1823, o Conselho interino do governo da provincia da Bahia, cuja séde era nesta cidade, então villa, mandou prender, e conduzir á sua presença o sargento-mór de Maragogipe —Joaquim Ignacio da Costa, provavelmente por faltas, que este commettera no exercicio do seu cargo.

—Em 1827, a administração da Sancta Casa de Misericordia desta cidade verificou,—que a despeza mensal com todo o serviço do seu hospital não excedera de 80$000, ou sejam, 960$000 annualmente.

A mesma Sancta Casa, no anno compromissal de 1896 a 1897, despendeu 29.901$043.

—Em 1892, falleceu—contando 48 annos de edade —o tenente Manuel Amancio da Silva, natural de Maragogipe e director do *Gymnasio Cachoeirano*, collegio de educação para ambos os sexos.

—Em 1838, falleceu na capital do Estado, onde estava com assento na camara dos deputados, o coronel Juvencio de Rezende, que nascera nesta cidade, e tinha apenas 38 annos de edade.

Gozava de incontestado prestigio politico em Valença, logar de sua residencia.

5 de Junho

—Em 1640, chegou de Lisboa á Bahia D. Jorge Mascarenhas, governador do Estado do Brazil, trazendo uma frota de 8 navios e 2.500 homens de equipagem.

A população recobrou coragem com este acontecimento, pois pensava já não poder oppôr a minima resistencia aos hollandezes que, sob commando do almirante Lichtard, tinham chegado do Recife, conduzindo 2.500 soldados.

Estes, ás ordens do coronel Tourlon, e por mandado do principe Mauricio de Nassau, vieram assolar o reconcavo da provincia, com a incumbencia expressa de destruir tudo, só poupando as creanças e as mulheres.

Vinte e oito engenhos de assucar, com egual numero de cannaviaes, foram effectivamente incendiados, causando o facto um panico profundo e geral.

—Em 1754, tomou posse perante o senado da camara desta cidade, então villa, o primeiro juiz de fóra para aqui nomeado—o Dr. Paschoal de Abranches Madeira Fernandes.

—Em 1759, fundou-se na Bahia a *Sociedade Brazilica dos academicos renascidos*, destinada a escrever a historia da America portugueza.

Os estatutos dessa sociedade encontram-se na *Bibliotheca nacional* (Rio de Janeiro), em manuscripto.

A sociedade compunha-se de 40 academicos, e 66 supranumerarios. Tinha por emblema a Phenix, fitando os olhos no sol, com esta inscripção por baixo: *multiplicabo dies*; e seguiam-se á Phenix varias aves, tanto européas como americanas, com estas palavras de Claudiano: *convenient aquila, curitœque ex orbe volueres. Ut solis conullentur avem.*

O sello de que a Sociedade usava em cartas, despachos e diplomas, trazia a Phenix tambem, alvasando-se em chammas, com esta phrase *Ut viuvam*; e na circumferencia o titulo *Acad. Bras. dos Renascidos.*

Aqui teve a Sociedade alguns socios.

—Em 1777, o senado da camara desta cidade, então villa, mandou distribuir por seus proprios membros, empregados, alcaide, e respectivo escrivão, a somma de 230$000, afim de que todos elles puzessem luto pela morte de D. João I, de Portugal, *nosso rei e nosso senhor.*

O senado, ao que vejo, procedia qual corporação, que era, respeitabilissima por sua experiencia. Si não tivesse a cautela de fornecer aquella quota para a fazenda preta e o fumo dos chapéos, arriscar-se-hia a não ter *quem sentisse* a morte do soberano, por mais poderoso e distincto que houvesse sido o amigo do Marquez de Pombal.

Era um *luto official*, bem se sabe; mas o que ha

nisto de estranhavel, quando ainda hoje dão-se *applausos e palmas... officiaes?*

—Em 1875, foi inaugurado o serviço telegraphico entre esta e a cidade de Nazareth.

—Em 1894, chegou a esta cidade, pela primeira vez, o arcebispo D. Jeronymo Thomé da Silva, unico que neste seculo estendeu até aos sertões da archidiocese a sua visita pastoral.

No dia 11, S. Ex. Revm. voltou para a capital do Estado.

6 de Junho

—Em 1753, o senado da camara desta cidade, então villa, mandou fortificar a cadeia, que fica aliás no pavimento terreo do seu paço; e assim procurou evitar a fuga dos respectivos presos, pois que duas tinham já se dado, quasi seguidamente.

—Em 1826, falleceu o Visconde da Cachoeira—Luiz José de Carvalho Mello, desembargador do paço, conselheiro de Estado, e um dos collaboradores da Constituição do Imperio.

Nascera na cidade da Bahia, em 6 de Maio de 1764.

Formado em leis pela universidade de Coimbra (Portugal), fôra depois membro da Assembléa constituinte e um dos seus presidentes.

Era de illustração pouco vulgar. A elle deveu-se os primeiros Estatutos, dados aos Cursos juridicos do imperio, trabalho meditado e consubstancioso.

Por tres vezes, o visconde da Cachoeira serviu de ministro dos estrangeiros; e nesta qualidade assignou elle, de parte do Brazil, o tratado de reconhecimento da nossa independencia politica pelo governo de Portugal; assumpto que, como é sabido, se resolveu por intervenção da Inglaterra.

A esta, passados mais de 70 annos, retribuiu 'ortugal a fineza, servindo de medianeiro nc conicto levantado entre a mesma Inglaterra e o Brazil, proposito da ilha da Trindade.

O visconde nenhuma affinidade tinha com a Cachoeira. Parece, porém, ter determinado a escolha de seu titulo nobiliarchico o desejo de reunir o nome de um varão notavel por feitos referentes á independencia ao de uma terra, que para ella havia tão distinctamente concorrido.

— Em 1864, falleceu no arraial de Belém, do termo desta cidade, o Cap. Antonio Francisco Vieira, que ali dispunha de influencia incontestada.

7 de Junho

—Em 1823, começou-se a cunhar moedas de cobre, do valor de 80 réis cada uma, na Casa de moeda que o Conselho interino do governo da Bahia mandara abrir nesta cidade, então villa, e de que foi o 1.º provedor, interinamente, Joaquim José da Silva Seixas.

Nella serviram tambem: de thesoureiro—Francisco da Cunha Nabuco de Araujo, de mestre da fundição—Domingos Lapidario Mandacarú, de 1.º ajudante e 2.º cunhador—Manuel Camarão Côrte-nacional, de mestre de cunhos—Antonio Fructuoso Pessôa da Silva, de ensaiador—Zacarias Luiz Pereira de Britto, de 1.º cunhador—José Braz Quaresma, e de porteiro—Manuel Teixeira Ferreira.

O *engenho de cunhar* com que ali trabalhou-se, primeiramente, deveu-se á pericia de Francisco Xavier Carnide.

O facto de não se encontrar moeda alguma, que indique ter sido fabricada aqui, se explica pela razão de se haver trabalhado com os mesmos cunhos, que serviam na casa de moeda da cidade da Bahia, e não foram jámais modificados.

—Em 1823, tambem, foram iniciadas as obras de reparo de que carecia o convento do Carmo desta cidade, o qual assim foi salvo de imminente ruina. Despendeu-se então 4.000$000.

O convento, e a egreja, cujo frontespicio é bellissimo, estão de novo reclamando concertos urgentes.

—Em 1898, falleceu na cidade de Sancto Amaro,

onde desde muito residia, o nosso conterraneo Aureliano Helvecio Moniz Barretto, que era empregado no fôro.

Tinha 55 annos de edade.

8 de Junho

—Em 1754, D. João V que reinava em Portugal, de onde eramos colonia, mandou dar 8:000 cruzados para construcção da capella-mór, sachristia, e casa de fabrica da Matriz actual desta cidade, então villa.

Essa egreja tinha tido começo no fim do seculo XVII. Naquelle tempo, administrava as obras della Francisco de Amorim Silva, que succedera ao padre José da Costa, e foi quem recebeu os dictos 8:000 cruzados, após exame, procedido por uma commissão de artistas vindos da Bahia, sob à presidencia do engenheiro Antonio Pereira da Silva, nas construcções já feitas no novo templo.

Desde 1727, entretanto, havia sido creada a irmandade do Santissimo Sacramento da Cachoeira.

O orgão, existente na Matriz alludida, foi assentado em Abril de 1815; mas hoje não funcciona, em consequencia de um desarranjo que soffreu.

—Em 1872, falleceu Francisco Americo Zenith, que nascera a 24 de Julho de 1809.

Este cidadão, aliàs muito estimavel, era victima de certas manias.

Entre ellas, destacava-se o apêgo ferrenho que tinha á *Grammatica philosophica* de Jeronimo Soares Babosa, cuja leitura o absorvia, ao ponto de contrariar-se com qualquer freguez, que por acaso o interrompesse para comprar algum objecto dos que vendia, na sua lojinha em baixo dos Arcos.

E o supremo desgosto, que soffreu o nosso conterraneo, foi quando furtaram-lhe, por gracejo pirracento, aquelle livro de sua paixão. Nem que lhe houvessem despedaçado uma fibra d'alma !

Para obter-se um bom chá possuia o velho Zenith curiosima receita. E era, mais ou menos, a se-

guinte: assim que a agua, posta na chaleira, começasse a ferver convinha apagar immediatamente o fogo para reaccendel-o logo após, e apagal-o de novo, quando segunda fervura apparecesse.

Tres operações destas eram necessarias, e sómente depois da ultima deveria alguem utilizar-se da agua para a infusão, que ficaria deliciosa, benza-a Deus!

Zenith encarregara-se de cuidar dos tamarindeiros plantados no largo dos Arcos, e si não fôra elle os *capadocios* não teriam consentido que essas arvores crescessem.

De uma feita a *enchente* do Paraguassú, que á noute crescera com surprehendente rapidez, penetrou na casa de Zenith, que estava então dormindo; e as aguas levaram-lhe as chinellas, postas em baixo da cama.

Pois o nosso patricio andou de pés descalsos por muito tempo, á espera—dizia elle—que o rio, por occasião de outra cheia, lhe restituisse as chinellas!

Fizeram-lhe por tal motivo uma grandissima troça em varias cartas anonymas; e até houve quem dentro de uma dellas mettesse uma cedula de 2$000, offerecendo-a ao nosso philosopho como auxilio para compra de novo calçado.

Tudo de balde! Zenith só tornou a usar de sapatos, quando começara a soffrer de uma infiltração, que era prova evidente de estar alterada a sua saúde.

Resumindo, esse Zenith era um verdadeiro zenith... de singularidades.

9 de Junho

—Em 1753, o senado da camara desta cidade, então villa, encarregou o *capitão-mór das entradas* —Antonio Rodrigues de Leão, de partir no encalço dos presos que no dia 6, haviam se evadido da cadeia publica. E para desempenhar bem a incumbencia foi a elle imposta a ordem de convocar os *capitães de*

matto e mais gente, e dada a faculdade de exigir do povo uma contribuição pecuniaria.

A despeito de ser *Leão*, e ainda por cima—*capitão das entradas*, não consta que o tal capitão-mór fizesse entrar de novo na prisão qualquer dos fugitivos a que dera caça...

—Em 1860, suicidou-se o tenente-coronel Alvino José da Silva e Almeida, pessoa de representação nesta cidade, de cuja camara municipal fez parte em mais de um quatriennio.

O inesperado acontecimento causou profunda mágua.

—Em 1898, falleceu o ten. Jesuino José Ramos, com 56 annos de edade.

Como autoridade policial, que tinha sido, contribuira para a prisão do bandido Bazilio, de detestavel memoria.

10 de Junho

—Em 1858, o fogueteiro Manuel Martiniano de Farias, que tinha contractado todo o fogo para os proximos festejos do *25 de Junho*, soffreu sensivel prejuiso.

Uma vela accesa, cahindo sobre a polvora com que elle trabalhava, queimou para cima de 300 duzias de foguetes do ar, e grande porção de bombas, além de muito damnificar-lhe a casa.

Tres pessoas ficaram gravemente feridas.

11 de Junho

—Em 1699, por accordo lavrado entre o senado da camara e o Cap. João Rodrigues Adorno, proprietario das terras em que acha-se situada esta cidade, então villa, fixou-se em 900 réis o preço de cada braça (1 m., 24) de terrenos que fossem aforados para edificação.

—Em 1852, o Papa fez publicar a bulla *Ad perpetuam rei memoriam*, ampliando a todo o imperio do Brazil o acto do arcebispo de Nisibi, internuncio da

Sancta Sé, que tinha abolido para a diocese do Rio de Janeiro algumas das festas de preceito, vulgarmente conhecidas por *dias sanctos*.

13 de Junho

—Em 1853, tiveram brilho excepcional as festas, realizadas em louvor ao thaumaturgo Sancto Antonio de Lisboa, quer nos templos, quer em casas particulares, onde é costume rezar as *trezenas*.

A proposito, trasladarei para aqui certos apontamentos curiosos, que encontrei na *Synopse da legislação brazileira* pelo sr. M. J. do Nascimento e Silva:

«*Carta regia de 7 de Abril de 1707*, faculta a praça de capitão entretido do forte de Sancto Antonio da Barra da Bahia, com o respectivo soldo, á Imagem do mesmo Sancto, collocado no convento de S. Francisco daquella cidade.

Carta regia de 21 de Março de 1711, confirma o posto de capitão, conferido pelo governador Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho á Imagem de Sancto Antonio, do Rio de Janeiro, pelo motivo de sua intercessão, quando entraram os francezes nessa cidade com o capitão Duclerc.

Decretos de 14 de Julho, e 13 de Setembro de 1810, promovem Sancto Antonio aos postos de sargento-mór, e major de infanteria.

Decreto de 26 de Julho de 1814, promove o mesmo Sancto a tenente-coronel de infanteria, por occasião da paz que o céo se dignou conceder, á monarchia portugueza, devido isto á sua intercessão; dispensando-se a despeza com a sua patente.

Decreto de 13 de Agosto de 1814, confere a Sancto Antonio a Grã-cruz de Christo.

Resolução de 29 de Outubro, e provisão de 19 de Novembro de 1750, concede á Imagem de Sancto Antonio de Goyaz o soldo de capitão.

Aviso de 26 de Fevereiro de 1799, concede á Imagem de Sancto Antonio, de Ouro-preto, o soldo de 480$000.

Aviso de 15 de Outubro de 1890, da contadoria da guerra, declara—que emquanto não fôr, por acto especial, annullado o decreto de 26 de Julho de 1814, que conferiu o posto de tenente-coronel á Imagem de Sancto Antonio, do Rio de Janeiro, deve continuar a abonar-se-lhe o soldo a que tem direito, e que até agora tem sido pago.»

14 de Junho

—Em 1878, succumbiu em uma sua fazenda, situada na freguezia da Conceição da Feira, do termo e comarca desta cidade, o abastado proprietario João Nepomuceno Bastos, que deixou testamento, entre cujos legados é justo destacar o que fez á Sancta Casa de Misericordia da mesma cidade.

Contava 74 annos de edade, e havia mandado, em tempo, preparar a sua sepultura no recinto da egreja dessa irmandade.

—Em 1889, suicidou-se com um tiro de rewolver a mulher de nome Francisca Cardoso *Lyrio*; que nascera na cidade de Nazareth, mas nesta residia a muitos annos.

Não se soube o motivo, que levou a tal extremo tão valente dama.

—Em 1895, falleceu na cidade da Bahia o Dr. Manuel Bernardino Bolivar, cachoeirano distincto por seus talentos, e formado em medicina.

No regimen monarchico, fora eleito deputado provincial para o biennio de 1881 a 1882.

Cultivava com amor as musas, e deixou varias producções litterarias, esparsas em jornaes e revistas.

Tinha 66 annos de edade, e ultimamente perdera a vista.

15 de Junho

-Em 1822, uma carta do principe D. Pedro, que depois imperador, escripta ao general Ignacio iz Madeira de Mello, ordenava-lhe—que se retise para Portugal com as tropas do seu commando;

e o responsabilisava pela desobediencia a essa ordem real.

Sua alteza dignou-se communicar o facto ao Conselho interino do governo, que se estabelecera nesta cidade, então villa.

Mas, para nenhuma duvida restar sobre sua attitude, D. Pedro dirigio—na mesma data—ao povo bahiano uma proclamação, em que lhe dizia, animando-o contra a metropole: *haja coragem, haja valor!*

—Em 1856, falleceu—contando 90 annos de edade—o procurador do fôro Francisco Gonçalves Barroso, que era artista tambem, e foi o progenitor de numerosa familia. Aqui nascera, e aqui residia.

—Em 1893, falleceu no engenho da «Ponte», freguezia do Iguape, do termo e comarca desta cidade, o africano Martinho Americo da Silva, com 119 annos de edade.

16 de Junho

—Em 1797, foi expedida uma *provisão* do Conselho ultramarino, subscripta pelo governador D. Fernando José de Portugal, em que se depara com uma informação exacta sobre os emolumentos, que os parochos então cobravam, bem como ácerca dos rendimentos, attribuidos a cada uma das freguezias desta archi-diocese.

O trabalho, organizado pelo conego Antonio Borges Leal, foi depois de prompto remettido—em 19 de Fevereiro do anno citado—á indispensavel approvação daquelle Conselho.

D'esse documento se vê—que os vigarios, não falando na congrua que era de 50$000, em regra, além de uma quantia variavel entre 10 e 40$000 para cavalgadura ou canôa, percebiam:

Das conhecenças 80 rs. por casal, e por pessoa solteira 40 rs. de communhão e 20 rs. de confissã sómente. Por offerta de baptisado, uma moeda (prata, ou de ouro, sem determinação de valor. I cada missa solemne, festiva ou funebre, 2$000.

A *provisão* referida orçava os rendimentos desta freguezia de Nossa Senhora do Rosario da Cachoeira em 650$000 annuaes, inclusive a congrua; os da de Moritiba em 500$000; os da do Outeiro Redondo em 400$000; os da de S. Gonçalo dos Campos em 400$000 tambem; e os da de Sancto Estevam de Jacuipe em 280$000, sem real para cavallo.

O parocho da Moritiba tinha 40$000, egual quantia o de Outeiro-Redondo, e 250$000 o de S. Gonçalo dos Campos, cada anno, para um animal de sella

—Em 1865, o decreto imperial n. 1242 autorizou a incorporação da companhia, que se propunha a construir a estrada de ferro *Paraguassú*, convertida depois em *Estrada de Ferro Central da Bahia.*

—Em 1873, finou-se, no arraial de Belem, freguezia da Conceição da Nova Feira, do termo e comarca desta cidade, o Cap. Augusto Pimentel Coelho, juiz de paz do respectivo districto, e agricultor considerado.

Era quinquagenario.

17 de Junho

—Em 1755, por deliberação do senado da camara desta cidade, então villa, ficou taxado em 10 réis o preço de uma passagem de ida e volta, por canôa, daqui para S. Felix.

Hoje, se cobra 160 e 200 réis.

Pela ponte Pedro II custa 60 rs.; mas nem todos servem-se della, porque não está collocada no centro da cidade, como aliás convinha.

—Em 1860, foi sepultado o Cap. José Raymundo de Figueiredo Branco, distribuidor e contador do fôro, e regente de uma orchestra nesta cidade.

Durante a *Sabinada*, prestara elle serviços relevantes á legalidade.

—Em 1863, baixou á campa o Cap. Francisco de ssis, que era secretario da camara municipal desta dade, e professor jubilado de latim.

Tinha sido aqui tambem subdelegado de policia,

e regera sua cadeira primeiramente em Minas do Rio de Contas, donde fora removido a seu pedido.

—Em 1872, falleceu com 69 annos de edade o barão de Nagé (Francisco Vieira Tosta.)

Presidente da camara municipal e commandante superior da guarda nacional desta cidade, supplente do juiz dos orphãos do termo, juiz de paz e chefe politico da freguezia do Oiteiro-Redondo, era o barão de Nagé cidadão muito prestimoso; e sua morte abriu grande vacuo na sociedade cachoeirana.

A nossa terra lhe deve serviços valiosos, e foi durante a administração municipal do illustre titular —que se começou o novo calçamento da cidade e a serie de obras publicas, felizmente até hoje não interrompidas.

O barão de Nagé possuia varias condecorações, e era um espirito eminentemente ordeiro e moderado.

18 de Junho

—Em 1823, o Conselho interino de governo da Bahia, cuja séde era nesta cidade, então villa, mandou executar a ordem imperial de 10 de Maio, pela qual fora restituida ao seu antigo estado a administração da justiça na villa de Urubú.

—E simultaneamente ordenou—que o 1º tenente da armada Manuel Joaquim José da Cruz fosse á Itapagipe inspeccionar e fiscalisar os trabalhos do arsenal, que ahi se estava montando sob a direcção do capitão de mar e guerra Tristão Pio dos Sanctos, commandante da flotilha nacional.

—Em 1856, succumbiu á grave molestia o Dr. Pedro da Fonseca Mello, natural do Genipapo, que hoje faz parte do municipio de Curralinho, e pertencia então ao desta cidade.

O Dr. Mello era muito estimado e, durante a epidemia do *cholera-morbus*, havia prestado bons serviços.

—Em 1865, baixou á campa o antigo negociante Antonio Manuel Barretto, que tinha deixado o com-

mercio para estabelecer uma fabrica de colla, ainda existente, á rua da Pitanga desta cidade.

Era um velho considerado como excellente pae de familia, e cidadão respeitador das autoridades e da lei.

—Em 1869, morreu Luiz Osana Madeira, que muito se distinguira nas lutas, travadas nesta cidade por occasião da independencia nacional.

Era homem de côr, dotado de intelligencia não vulgar, mas tambem de genio francamente mordaz.

Abolicionista sincero, alforriara em tempo os seus escravos todos; e sempre se offerecia para curador dos que litigavam por sua liberdade; quando aliás fazel-o era expor-se ás iras e vingança dos poderosos.

Madeira solicitava no fôro, mas acabou pedindo esmolas.

—Em 1881, após inveterados padecimentos, finou-se o Dr. Paulino Gil da Costa Brandão, que nascera em S. Felix, então pertencente ao termo e comarca desta cidade.

Medico estudioso, litterato e poeta, o Dr. Paulino Gil—como homem de talento—honrava a terra, que lhe fôra berço.

Republicano indefesso, o esforçado moço collaborara, nos tempos da propaganda, para manutenção e bons creditos do *Horizonte*, periodico que se publicava na cidade da Bahia, sob a redacção principal do conego Rodrigo Ignacio de Souza Menezes.

O Dr. Paulino Gil propendia para a escola materialista, e não attingiu aos 40 annos de edade.

—Em 1889, deixou de existir a mulher de nome Gertrudes da Silva, que tinha mais de 100 annos.

Além desta, e de outros macrobios aos quaes me refiro especialmente, é justo não esquecer a Ritta Maria de Araujo, que em Junho de 1882 morreu com 100 annos, e Manuel Galdino Mereira, que já completara 127, quando o chamou Deus a contas.

Manuel Galdino, que expirou no dia 19 de De-[illegible]bro de 1891, fôra barqueiro na sua mocidade, e [illegible]o envelhecido passara a ser vendedor de rosarios.

[illegible]bem aqui se vive!

19 de Junho

—Em 1691, o governador partecipou á S. Magestade o rei a deliberação, tomada pelo Dez. Antonio Rodrigues Banha, de fazer a medição das terras do Iguape, ou Uguape, como as denomina Gabriel Soares, no *Roteiro do Brazil*, e que ainda hoje pertencem ao municipio e comarca desta cidade.

—Em 1712, começou a ser construido o cáes dos Arcos, nesta cidade, o qual só depois de um seculo e tantos foi prolongado até ao logar conhecido por *Alambique*, onde Antonio Paes Cardoso da Silva preparara um pequeno trecho, que serviu por muitos annos para venda do pescado.

Mais de 200 annos depois foi que se conseguiu concluir essa obra do cáes da cidade.

A escada que fica no largo dos Arcos é toda de pedra, de excellente qualidade, extrahida das immediações do Caquende, onde ha porção della á espera de canteiros, que queiram aproveital-a.

—Em 1823, o Conselho interino do governo da Bahia, cuja séde era aqui, nomeou o padre Manuel Gomes de S. Leão, que foi depois vigario da Conceição da Feira, para substituir gratuitamente o padre Manuel Dendê Bus na cadeira nacional de grammatica e lingua latina desta cidade, então villa.

Esse padre Dendê Bus tinha um craneo de fórma original, que foi aproveitado opportunamente na meza de anatomia da Faculdade de Medicina da Bahia.

Aquella cadeira, como todas as de humanidades que existiam disseminadas pela provincia, hoje Estado, foram desde muito extinctas.

Ultimamente, crearam duas *Escolas normaes*, no centro, para formação de professores primarios.

—Em 1898, falleceu—com edade superior a 90 annos, o antigo negociante José Luiz de Carvalho e Silva, decano da colonia portugueza nesta cidade mas dedicado amigo do Brazil.

Deixou numerosa descendencia.

20 de Junho

—Em 1718, o vice-rei deu ordens terminantes ao capitão-mór desta cidade, então villa, para que fizesse prender os ciganos e ciganas, aqui por acaso encontrados; pois s. magestade os tinha, a todos, mandado permanecer na cidade da Bahia, donde entretanto haviam muitos fugido em busca de outras paragens.

—Em 1822, o juiz de fóra desta cidade, então villa, assignou este officio:

«Hoje, pelas 5 horas da tarde, appareceu na praça desta villa quasi toda a guarnição da barca canhoneira, surta neste porto, unida com os marujos da lancha, que hontem chegou da cidade para conduzir o 1.º tenente Domingos Fortunato do Valle, por ser rendido no commando da sobredicta barca por outro official; e, armados todos de espadas, pistolas e espingardas, pozeram na maior consternação os pacificos moradores; mas, felizmente, a ordem se tem restabelecido, pois neste momento tudo parece tranquillo, tendo muito concorrido para pacificação da referida tripolação o zelo do 1.º tenente Domingos Fortunato do Valle: e me consta que a bordo da mesma barca se acha preso um frade, a quem imputam ter occasionado aquella assuada com razões, que tivera com um soldado da dicta guarnição.

Queira v. s. levar ao conhecimento do Governo o que exponho para que determine o que parecer mais justo, e não vermos repetidas taes acções, que podem arrastar males incalculaveis. Deus guarde a pessoa de v. exa. Villa da Cachoeira, ás 8 1/2 horas da noite de 20 de Junho de 1822—Illm. exm. sr. Francisco Carneiro de Campos, secretario e membro do Governo provisorio desta provincia da Bahia.

De v. exa.—subdito muito respeitador—O juiz de fóra *Antonio Cerqueira Lima.*»

—Em 1823, desertaram do porto da Barra do Paraassú todos os soldados das *ordenanças*, ahi des-'ados.

Naturalmente, assim procederam elles muito urgidos de precisões...

O certo é que, pelo motivo exposto, a força que guarnecia aquelle ponto, ficou reduzida a 58 praças, de outros batalhões; e destas ainda 13 foram tiradas para serviço inadiavel em Salinas.

—Em 1827, nasceu na provincia de Sergipe, hoje Estado, o Dr. Joaquim Antonio de Oliveira Botelho, que prestou á população desta cidade os mais assignalados serviços, durante a epidemia do *cholera-morbus*.

Formado em 1850, o Dr. Botelho era medico da armada imperial, quando aquella peste inopinadamente irrompeu.

Vindo então para esta cidade, transformou-se num verdadeiro heroe. Expôndo a propria vida a todo momento, conseguiu salvar a vida de centenares de pessoas, tanto aqui, como em S. Felix, Iguape, S. Gonçalo dos Campos, Conceição da Feira, Sancto Estevam, Moritiba e Cruz das Almas.

Como testemunho do seu agradecimento, a população desta cidade offereceu ao medico honrado e caritativo uma rica medalha de ouro, com significativa legenda; tendo se realizado, para a respectiva entrega, uma festa brilhantissima.

O Dr. Botelho professou, quer na Faculdade de medicina, quer no Lyceu, da Bahia. Cedendo aos impulsos do seu patriotismo, partiu a 24 de Março de 1866 para a guerra do Paraguay, em cujo campo sacrificios novos elle fez, tanto á sciencia, como á patria.

A 22 de Junho de 1869, porém, a morte cortou-lhe o fio da existencia, que tão util e proveitosa poderia ser ainda.

—Em 1871, falleceu o commendador Egas Moniz Barretto de Aragão, proprietario de varios engenhos de fabricar assucar, commandante de um batalhão da guarda nacional, e presidente, que fora, da cama municipal desta cidade.

Descendente de uma das mais antigas familias d

Bahia, tinha cerca de 60 annos de edade, e fora sempre um excellente *causeur*.

—Em 1890, effectuou-se o primeiro casamento civil 'nesta cidade, por força de lei, que a respeito o governo provisorio da Republica tinha decretado.

21 de Junho

—Em 1823, o Conselho interino do governo da Bahia, funccionando aqui, mandou que fossem recebidas, e circulassem como sempre as notas do *Banco Nacional*, que os inimigos da independencia tratavam de desacreditar.

—Em 1846, pelas 11 horas da manhan, manifestou-se um grande incendio na fabrica de fogos artificiaes de que era proprietario, nesta cidade, o tenente José Luiz Pires Valença.

A catastrophe foi motivada por imprudencia do artista Zozimo José Barretto; e della sahiram feridas 4 pessoas, entre as quaes Antonio de Queiroz Marinho, que no dia seguinte falleceu.

—Finou-se, em 1877, o Dr. Benigno Tavares de Oliveira, que exercia então o cargo de promotor publico da comarca da Feira de Sant'Anna.

O Dr. Benigno, antes d'esse, occupara outros logares de nomeação do Governo; e como delegado de policia, que fora nesta cidade, se tinha recommendado pela intemerata energia com que procedeu sempre, e por diversas prisões importantes que realizou.

—Em 1895, foi solemnemente instalada a sociedade *Beneficencia Cachoeirana*, digna dos maiores applausos e de toda animação.

22 de Junho

—Em 1864, falleceu na povoação de S. Felix, hoje .de, o negociante Germano de Barros Amorim, era subdelegado de policia, e deixou fortuna regular.

S. Felix fazia, então, parte do termo e comarca desta cidade.

23 de Junho

—Com edade superior a 70 annos, finou-se em 1884 o capitão Antonio Francisco do Nascimento Vianna.

Era escrivão dos orphãos do termo desta cidade, e ao mesmo tempo o presidente da corporação musical de Nossa Senhora d'Ajuda, a cuja orchestra deu fama e realce, como artista consummado que sempre foi.

Em tempo, havia occupado o cargo de secretario da camara municipal.

24 de Junho

—Em 1882, ancorou no porto desta cidade a canhoneira *Traripe*, construida no arsenal de marinha da Bahia, e que adquirira certa celebridade, em virtude da discussão de que foi objecto entre pessoas competentes, empenhadas no estudo de suas condições nauticas.

Outr'ora, era costume vir—de vez em quando—um vaso da esquadra nacional visitar nosso porto, conduzindo a bordo muitos aprendizes marinheiros, que dest'arte exercitavam-se na faina propria da profissão.

Mas, hoje os navios apodrecem na bahia do Rio de Janeiro...

25 de Junho

—Foi em 1822.

Por causa de graves acontecimentos, occorridos na cidade da Bahia, o governador general Ignacio Luiz Madeira de Mello concebeu suspeitas de que o padre Lourenço da Silva Magalhães Cardoso, vigario collado da freguezia de S. Pedro, tratava de *alarmar* o povo.

E como ao mesmo tempo lhe houvesse constado que o benemerito sacerdote se retirara para est

cidade, então villa, Madeira ordenou—que uma canhoneira da esquadra portugueza, surta na Bahia de Todos os Santos, viesse occupar o nosso porto, bem municiada e guarnecida.

O general, com muitos bons fundamentos, receiava—que a propaganda do vigario Cardozo assumisse o caracter de uma verdadeira revolução, despertando sentimentos de natural patriotismo, que tinham, estado até aquella hora adormecidos no coração dos bahianos.

E tanto mais era isto de temer, quanto aqui já se haviam feito sentir os prodromos da reacção, que a liberdade apparelhava nos seus arsenaes inexgotaveis.

Processos, ou melhor—*devassas*, pullulavam contra pardos, cabras,e pretos, que de ha muito moviam-se em favor da independencia do paiz; e ainda a 1.º do mez Manuel Romão, Manoel Anselmo da Silva, Luiz Pereira, e outros, tinham promovido um *ajuntamento* revolucionario, do que resultara lhes uma pronuncia criminal.

Como quer que fosse, a medida tomada por Madeira produziu effeito diverso do que elle provavelmente calculara.

De mais, no dia anterior se tinha propalado—que Joaquim Antonio Moutinho havia recebido da capital uma carta, escripta pelo Dr. Francisco Gomes Brandão Montezuma, que morreu visconde de Jequitinhonha, communicando—que o partido luzitano estava resolvido a tomar a iniciativa da acclamação do principe regente: pelo que convinha anteciparem-se nessa medida os patriotas do reconcavo.

Convém, no entanto, recordar—que o capitão-mór da villa de S. Francisco Joaquim Ignacio de Siqueira Bulcão, tendo recusado—desde os factos luctuosos occorridos em Fevereiro na capital da provincia—ntinuar a obedecer ao general Madeira, começara receber e sustentar em seus engenhos do Iguape, termo e comarca desta cidade, então villa, os soldos de 1.ª linha que desertavam da capital.

E elles ahi se conservaram, até que o grande acontecimento explodiu.

De outra parte, alguns patriotas estavam, desde o dicto mez de Fevereiro, concertando o plano de uma revolução, que consistiria em acclamar-se a regencia do principe real D. Pedro, como precursora da independencia do Brazil. E a pequena demora, que houve, em levar-se a termo essa idéa proveio principalmente do trabalho que se teve para decidir os mais timidos, que receiavam ser esmagados pelas forças portuguezas.

Afinal, os revolucionarios, começando a executar seu plano, conseguiram do sargento-mór Joaquim José Bacellar e Castro um officio para o coronel commandante do regimento de infanteria da villa, communicando—que a população desta andava agitada, pelo que convinha chamal-o ás armas, afim de enfrentar a imminente desordem.

Tendo acudido o coronel a essa insinuação, formou logo o regimento ao primeiro toque de corneta.

A verdade é—que a chegada aqui de um vaso de guerra aterrara todos os animos, pelo que cidadãos de reconhecido prestigio trataram de organizar a resistencia, que se tornou felizmente efficaz. E tanto mais justificada era ella, quanto—como já vimos—parte da guarnição da barca tinha vindo á terra promover desordens, que deram azo a um brusco movimento de repulsa popular. (*Ephem. de 20 de Junho.*)

O commandante do regimento de cavallaria miliciana—José Garcia Pacheco de Moura Pimentel e Aragão, sendo a patente mais elevada que ao tempo existia aqui, se pôz á frente da revolução para encaminhal-a, e servil-a com os elementos, que elle e varios outros brazileiros haviam pouco a pouco, e pacientemente, accumulado.

A's 8 horas da noite do dia 24, correra o boato de estar se reunindo no arraial de Belém grande grupo de patriotas, dispostos a vir no dia seguin realizar nesta cidade, então villa, um golpe politi de alcance indubitavel.

O coronel José Garcia, porém, se antecipou; de modo que ás 3 horas da madrugada do dia 25, que foi uma terça-feira, achava-se já elle no Largo do hospital, hoje praça da Regeneração, na casa em que residia o major José Joaquim de Almeida Arnizáu, para onde foram chamados, além de outros, o advogado Antonio Pereira Rebouças e o padre José Marcellino de Carvalho, aos quaes o chefe da revolução encarregou de proclamar ao povo, e tambem convidal-o para comparecer á sessão da camara, em que devia ser acclamado o principe D. Pedro como regente do Brazil.

Publicados, que foram, esses dous importantes documentos em nome do coronel José Garcia, partiu este para se encontrar com a força armada que, tendo descido de Belém, achava-se acampada á margem do Pitanga. Antes, comtudo, de fazel-o, o coronel havia mandado convidar para a projectada solemnidade os commandantes dos differentes corpos militares, bem como o Dr. juiz de fóra, afim de reunir a camara, e o vigario da parochia que devia cantar opportunamente um *Te-Deum*.

No entanto, depois que o coronel José Garcia seguira, se tratou com muito ardor, em casa do major Arnizáu, de formar um deposito de armas, e reunir toda a gente armada, a que veio tambem juntar-se a força de *ordenanças*, que afinal deliberara adherir.

A esse tempo, o coronel aggregado Rodrigo Antonio Falcão Brandão, commandando uma centena de bravos, que havia alistado por Iguape e outros logares circumvisinhos, levantava o acampamento, e deixava a margem do Pitanga, para onde viera de Belém, depois da celebração de uma missa votiva, que tanto elle, como seus destemidos companheiros, ouviram com verdadeira uncção religiosa.

Conduzindo sua tropa a esta cidade, então villa, o coronel Rodrigo Brandão entrou pela rua dos Curraes-Velhos (hoje Marechal Deodoro), dahi tomou a praça da Regeneração, até então denominada Largo do Hospital, e, descendo pela rua da Matriz, surgir na Praça Municipal, onde fez alto.

A força patriotica dentro em pouco estava engrossada com o *regimento dos auxiliares*, a *companhia aggregada*, composta de homens de côr, o *esquadrão de cavallaria, quatro companhias de infanteria*, além de muitos *voluntarios*.

Estes, em geral, eram combatentes experimentados na revolução pernambucana de 1817; e que não se fizeram demorar á voz da patria em perigo.

Dominados, assim, por um só e nobre pensamento, os revolucionarios resolveram apressar a esperada acclamação de D. Pedro, como regente do Brazil. E não ha negar—que esse passo em muito contribuiu para a separação, e consequente independencia do novo, mas opulento paiz, que era então a principal colonia do reino.

Foi com aquelle intuito alevantado e digno, que a multidão chegou á Praça, onde a tropa, formando em alas, prolongou-se pela rua da Matriz e outras adjacentes.

Davam 9 horas da manhã.

Sahiu do seu paço, então, a Camara e, acompanhada por todas as pessoas gradas do logar, encaminhou-se para a egreja Matriz de Nossa Senhora do Rosario, afim de assistir o *Te-Deum*, que foi cantado pelo padre Manuel Jacintho Pereira de Almeida, parocho encommendado da respectiva freguezia, e depois vigario collado de Nazareth.

Na brilhante solemnidade, prégou sermão eloquentissimo o vigario de Santo Estevam de Jacuipe—padre Francisco Gomes dos Santos Almeida, que veio a fallecer no anno de 1837.

Concluido o acto religioso, e após a benção que foi lançada ás tropas pelo padre Manuel Jacintho, a corporação municipal, tornando á casa de suas sessões, assomou sem demora á janella central desta. E, sendo desfraldado o respectivo estandarte, ella—pelo orgão do seu presidente—acclamou D. Pedro, filho de D. João VI, como regente do Brazil, á cuja liberdade ergueu *vivas*, que foram correspondido estrepitosamente pelo povo e pela tropa.

A camara, nesse memoravel dia, foi presidida pel

juiz de fóra Dr. Antonio de Cerqueira Lima, e á sessão compareceu tambem o capitão-mór de *ordenanças* José Antonio Fiuza, tendo sido encarregado de redigir a acta respectiva o advogado Antonio Pereira Rebouças.

E foi elle mesmo quem, annos depois, escreveu: *estando os povos bem dispostos a expor-se pela causa da patria, tiveram os patriotas mais influentes por opportuno o dia 25 de Junho do mesmo anno de 1822 para o rompimento da revolução, acclamando a regencia do principe imperial D. Pedro de Alcantara, como precursora da independencia em que, dentre nós, já havia quem meditasse.* (PRIMEIROS MOVIMENTOS PARA A INDEPENDENCIA DO BRAZIL).

Terminados, que foram, os *vivas*, a tropa deu uma descarga com cartuchos de festim. Tanto bastou para que da barca luzitana fossem disparados para terra varios tiros de bala, e não poucos de metralha, a despeito do compromisso de honra tomado pelo respectivo commandante, quando affirmara que por nenhum modo impediria aquella manifestação pacifica dos briosos cachoeiranos.

Uma das balas, atiradas do navio, passou pela cornija do sobrado n. 2 á rua da Matriz, e outra ricocheteou no cáes dos Arcos, por estar então baixa a maré.

Uma bucha, alcançando o tambor-mór Manuel da Silva Soledade, o prostrou por terra a lançar golfadas de sangue.

Sahiram feridos dous soldados de cavallaria, que aliás tinham se portado heroicamente.

Quando começou-se a responder ao fogo da barca, fugiram do campo da luta os soldados das *ordenanças*, não por deslealdade ou cobardia, mas antes para obedecer á ordem, que neste sentido o capitão-mór terminantemente lhes dera.

Da casa do portuguez Manuel Machado Nunes, no entanto, fizeram repetidos tiros de fuzilaria, auxiliando assim a gente de bordo; e um delles varou a barretina do major Joaquim José Bacellar e Castro.

A luta se tornava de momento a momento mais accentuada e tenaz.

Em virtude de tão graves acontecimentos, deliberou-se eleger uma *Junta conciliatoria de defeza*, que teve por presidente Antonio Teixeira de Freitas Barbosa, depois barão de Itaparica, e como membros —Antonio Pereira Rebouças (secretario), Dr. José Joaquim da Silva e Azevedo, padre Manuel José de Freitas, que mudou o nome para Manuel Dendê Bus, capitão-mór José Paes Cardoso da Silva, e Antonio José Alves Bastos.

A's 5 horas da tarde, a *Junta* estava installada, e declarou-se em sessão permanente, como as circumstancias exigiam. Seu primeiro acto foi proclamar ao povo, em nome da salvação da patria, para que *resistisse ás machinações dos inimigos do Brazil*, uma vez que a intenção perversa da guarnição da barca estava patente pelas hostilidades que ella rompera, tanto quanto pela fé da palavra quebrada pelo respectivo commandante.

O juiz de fóra desta cidade, então villa, communicou immediatamente ao secretario da *Junta provisoria*, da cidade da Bahia, a brilhante acclamação do principe regente.

E desde então a tropa e o povo redobraram de energia e de valor para repellir a estranha provocação dos luzos, que de momento a momento se tornava mais cruel pelo fogo incessante e bem nutrido que a barca fazia.

Tomando, comtudo, as posições mais convenientes nos cáes dos Arcos, de Maria Alves, e do Alambique, aquelle punhado de bravos respondeu com tiros de mosquetaria aos disparos da maruja portugueza, que pela inesperada aggressão mais aggravava a deslealdade do seu commandante.

E, assim, por um heroismo incontestavel, e valor indefesso, a Cachoeira conquistou na historia nacional um logar de primazia, que ninguem jámais lhe poderá disputar.

«A Cachoeira, disse o Visconde de Cayrú (*Histor. dos principaes successos do Imperio do Brazil*), te

a fortuna de ser a que não só fez publico acto de reconhecimento da regencia do principe real, mas tambem a que o confirmou com a valente e feliz destruição do bloqueio, com que o regulo Madeira imaginava poder obstar a qualquer movimento contra sua prolongada oppressão.»

A. Rebouças (*Recordações da vida patriotica*), referindo-se aos acontecimentos dados em fevereiro na capital, observa—que elles unicamente «deixaram de ser nefastos por induzirem á emigração para a villa da Cachoreira e mais partes do reconcavo, e á acclamação, a decorrer de 25 de junho de 1822, precursôra da independencia, e constituição da nacionalidade brazileira.»

Por sua vez, o Visconde de Jequitinhonha escreveu: «não teve a camara da capital a gloria de ser a primeira em acclamar o principe regente. Esta gloria estava destinada ao brioso, e não egualado, povo da grande e muito patriotica villa da Cachoeira.»

E Accioli (*Memorias Historicas*) accrescenta: «foi o primeiro logar da provincia (a Cachoeira), onde teve principio o impulso á causa da independencia.»

Finalmente, o Dr. Mello Moraes (*Brazil imperio e Brazil reino*) accentúa «que a villa da Cachoeira, hoje cidade, foi o logar da provincia da Bahia, onde se deu—pela resistencia armada—o primeiro impulso para a independencia do Brazil.»

Em 1832, se começou a festejar a data memoravel do *25 de Junho*; e dahi para cá todos os annos, ella é commemorada dignamente pelo povo cachoeirano.

Agora, é justo abrir espaço á importante acta, que dos acontecimentos occorridos foi lavrada na camara municipal.

TERMO DE VEREAÇÃO DO DIA TERÇA-FEIRA 25 DE JUNHO, EM QUE FOI ACCLAMADA A REGENCIA DE SUA ALTEZA REAL

Aos 25 dias do mez de Junho de 1822 annos, nesta [illegible] de Nossa Senhora do Rosario do Porto da Ca[illegible]eira, em os paços do Conselho e casa da ca[illegible]a della, onde se achavam presentes o Dr. juiz de [illegible]residente Antonio de Cerqueira Lima, e verea-

dores o mais velho o tenente-coronel Jeronymo José Albernaz, o Cap. Antonio de Castro Lima, e por ausencia do sargento-mór Francisco José de Almeida, que se acha na Bahia, veio o do anno transacto Joaquim Pedreira do Couto Ferraz, com o procurador actual o cidadão Manuel Teixeira de Freitas, para onde todos foram convocados por officio do coronel de cavallaria miliciana José Garcia Pacheco, que se achava á frente do corpo do seu commando na praça desta villa, para que se achassem em camara, onde com effeito sendo vindos e juntos em meza de vereação, o dicto ministro presidente, vereadores e procurador: logo ahi compareceu o coronel José Garcia Pacheco effectivo, e o coronel Rodrigo Antonio Falcão aggregado, e por elles foi dicto—que haviam convocado a camara e autoridades do districto para o fim de que, com presidencia da mesma camara, se acclamasse sua alteza real o senhor D. Pedro regente, e perpetuo defensor, e protector deste reino do Brazil, na fórma que foi acclamado na cidade do Rio de Janeiro. O que ouvido pelo dicto ministro e membros da camara, accordárão que a mesma camara chegasse ás janellas dos paços do Conselho para saber a vontade do povo e tropa, que na praça se achava postada, assim a de cavallaria, como a de milicias de infantaria com o chefe commandante Joaquim José Bacellar, e a de ordenanças presidida pelos officiaes respectivos, achando-se o capitão-mór José Antonio Fiuza de Almeida na casa da camara. E sendo perguntado o povo e tropa pelo procurador do senado da camara Manuel Teixeira de Freitas, que se achava com o estandarte na mão, se eram contentes que se acclamasse sua alteza real o senhor D. Pedro de Alcantara por regente e perpetuo defensor do reino do Brazil assim, e na forma que foi acclamado na cidade do Rio Janeiro? E logo pelo povo, e tropa que se achava postada na praça, foi respondido que sim. E lançando o procurado[r] o estandarte fóra das janellas, todos houveram p[or] acclamado sua alteza real o senhor principe D. Pedr[o] na fórma acima dicta e da mesma maneira que f[oi]

acclamado na cidade do Rio de Janeiro, dando todos muitos e repetidos *vivas* á sua alteza real com grande alegria; conservando-se esta villa, e todo o seu districto debaicho da sujeição e obediencia das autoridades constituidas na capital da provincia, logo que esta tenha adherido ao sisthema da côrte do Rio de Janeiro, que acabamos de proclamar; ficando esta camara obrigada na primeira occasião representar á sua alteza real a retirada da tropa européa, por ser esta, além de desnecessaria, prejudicial ao sossego desta provincia. E de como assim se cumpriu e declarárão, fiz este termo. E declaro que o vereador, que assistiu a esta conferencia por emprestimo, foi Joaquim Pedreira do Couto Ferraz. E mais declaro que neste acto só compareceo o capitão-mór José Antonio Fiuza de Almeida somente, não a sua tropa de ordenanças. E outrosim que esta camara participará ao governo civil da provincia este acto da acclamação com autentica do termo da vereação. E declarárão mais os mesmos chefes e pessoas, que concórrerão a este acto, que na representação que esta camara deve levar á presença de sua alteza real expresse a falta que houve em quasi todos os habitantes desta provincia de declararem sua vontade acerca da desunião publica, que se fez desta provincia para com as mais deste reino do Brazil. E assim mais declarou o capitão-mór que, posto não tivesse comparecido á testa de sua corporação por não ter sido requerido para isto, comtudo se obrigava, como com effeito se obrigou, a manter e guardar a ordem estabelecida, e armonia publica com todos os meios a seu alcance. Do que tudo fiz este termo. Eu Jacintho Lopes da Silva, escrivão da camara, escrevi e declarei. Lima.—Albernaz.—Castro.—Pedreira.—Teixeira.—José Garcia Pacheco de Moura Pimentel e Aragão, coronel commandante de cavallaria.—Rodrigo Antonio Falcão Brandão, coronel aggregado de cavallaria.—O capitão-mór José Antonio Fiusa de Almeida.—José Joaquim de Almeida Arnizáu, sargento-mór.—Joaquim José Bacellar e Castro, major.—José Moreira

Guimarães.—Francisco José Damasio Mattos.—O vigario Francisco Gomes dos Santos e Almeida.—Fr. José de S. Jacintho Mavignier, prégador regio, examinador das tres ordens militares.—Padre Manuel Alves Moreira da Fonseca Guimarães.—O padre Manoel José de Freitas.—O vigario encommendado Manuel Jacintho Pereira de Almeida.—O vigario foraneo Francisco Borges de Figueiredo.—José Garcia Cavalcante de Albuquerque Aragão.—Antonio Teixeira de Freitas Barbosa.—Manoel José da Silva Lemos. —O padre Manoel Teixeira de Santa Anna.—José Peregrino da Gama.—O coadjutor Luiz Antonio dos Sanctos.—Manuel Joaquim Pereira.—O cirurgião-mór José Caetano Alvim.—Felippe Pereira Pinto de Souza e Araujo.—Ignacio Antunes de Abreu Carvalho Contreiras.—Francisco Teixeira de Freitas Barbosa.—Antonio Pereira de Araujo.—Manuel dos Santos Maures.—Francisco de Salles Ferreira.—Manuel Francisco do Nascimento Vianna.—Feliciano Pereira da Silva Castilho.—José Ribeiro Berlinque.—Ajudante Germano José da Silva Pinto.—Francisco José da Costa Faria.—José Francisco de Nascimento Vianna.—Padre Sebastião Navarro de Andrade.—Luiz Ferreira da Rocha.—Miguel Barbosa Cabral.—Francisco da Silva Pinto.—Joaquim dos Santos Gonçalves. —Francisco Antonio Fernandes Pereira, tenente quartel-mestre.—Carlos José Coelho, capitão.—José de Azevedo Motta, ajudante.—Domingos José Fernandes, tenente.—Antonio José Alves Bastos, alferes. —Matheos da Franca Adrião, tenente.—Francisco Gomes Moncorvo, tenente.—Luiz José Pinto da Silva. —Antonio Teixeira de Freitas Barbosa Junior, alferes. —Bento José de Almeida, alferes.—José da Silva Gomes.—Manuel Rabello.—Joaquim Antonio Amorim Vianna.—Manuel Lopes de Menezes, alferes.—O capitão José Paes Cardoso da Silva.—Manoel Gonçalves do Coutto.—João Peixoto de Miranda e Veras. —João Pedreira do Coutto.—Manoel Pinto de Azevedo, tenente.—José Venancio da Cunha Ribeiro.—Francisco Antonio de Souza Lemos.—José Gom Moncorvo.—Manuel Rocha Galvão.—Clemente Jor

Martins Milagres, tenente.—Virissimo Cassiano de Souza Gomes—Joaquim Simões de Araujo—Francisco de Paula Castro, primeiro ajudante—Manoel Pereira de Macedo e Aragão, capitão—José Rocha Galvão—Victor da Silva Torres—Joaquim Cardoso de Magalhães — Antonio Gomes da Costa—Francisco Gonçalves de Oliveira França.—Francisco Rocha Galvão—Fructuoso Gomes Moncorvo—Joaquim José dos Santos Sousa—Manuel Vicente Pereira Mascarenhas—José Pinto da Silva.—José Martins de Azevedo.--Francisco Antonio de Araujo.--Joaquim Cerqueira Mascarenhas.—José Alexandre de Oliveira.—Francisco José Corrêa,—Antonio Simões de Oliveira.—Eduardo Francisco da Trindade e Oliveira. —Felippe Pedreira Lapa.—O padre Antonio José Lopes de Carvalho Portugal—Manoel Ferreira Campos. —Francisco Pereira de Araujo.—Clemente Alves Maia.—Calixto José dos Santos.—José Ferreira da Silveira.—José Antonio da Silva Castro.— Antonio Martins da Silva Reis.—José Ferreira Sarmento.—Ignacio Joaquim Ferreira Lisbôa.—Manoel da Rosa.— Manoel José Rodrigues da Silva — José Leonardo Muniz Barretto—Luiz Lopes da Silva Castro—Antonio Pereira Rebouças—Manoel Affonço Fraga—Manoel Ferraz da Motta Pedreira—Manoel Joaquim Cerqueira —Francisco Xavier da Motta—Manoel Gonçalves de Oliveira—Ignacio Xavier Barradas—José Ferreira da Cruz—José Leandro de Oliveira—Ignacio Ferreira da Costa—Manoel Felippe da Silva—Manoel Benardo de Amorim—Antonio Francisco Ribeiro Gumarães—José Moreira Guimarães Junior—Francisco José dos Santos Corvino—Francisco Pereira da Silva— Manoel Pereira da Resurreição — Antonio Fernandes da Silva—Alexandre Peixoto Mascarenhas—João Pereira de Souza—Antonio Joaquim Lisboa—Alferes Domingos Ferreira da Silva—José Lopes de Menezes e Aragão—Francisco Manoel dos Santos Barretto—Joaquim Miguel dos Santos Gama. Manoel Joaquim de Sant'Anna—Cipriano Gonçalves Barroso—Eugenio Marciano dos Santos—Domingos Francisco de Souza—Manoel Pereira Fialho

—José Bernardino de Magalhães Cerqueira—Antonio Maria de Moura Mattos—José Joaquim de Oliveira —Manoel Ancelmo de Almeida—Antonio Mendes Loureiro—Joaquim Thomé da Silva Pimentel—Francisco de Amorim—Angelo Custodio da Silva—José da Rosa—Antonio Dias de Passos—Bernardino José do Valle—Felippe da Silva Teixeira—Francisco Macario Leopoldo—Thomaz Joaquim Ladislau—José Antonio de Souza Lopes—Vicente Ferreira Villasboas —João Evangelista—Dyonisio Luiz de Queiroz—Bernardino da Silva Neves—Joaquim Matheos da Silva Couto—Francisco Rodrigues Salgado—Manoel Gonçalves da Silva Rocha—José Henrique da Silva—Antonio Xavier Braga—José Thomaz Pereira—Manoel da Silva Lobo—Manoel do Carmo Ferreira—Joaquim José de Almeida—Francisco Antonio de Mello—Pedro José da Purificação—Manoel Pereira de Jesus—José João de Campos—Joaquim José de Almeida—Mancio Fermino Ernesto—José Francisco da Costa—Joaquim José da Costa—José Maria—Antonio José Alves Pereira—Francisco Vaz Lordello—Joaquim José de Sant'Anna—Basilio José Dias—Manoel José da Cruz—José Joaquim da Silva Azevedo—Severo Mendes Monteiro—José Luiz Chaves—Francisco Maria Pereira Muniz Barretto—Antonio Alves da Fonseca—José Bernardino de Miranda—Antonio Pinto de Sousa—Francisco Pereira de Araujo—Manoel Joaquim de Mello—Eusebio da Costa Tavares—Antonio José Marinho Sodré—Leandro Joaquim de Araujo—Florentino Rodrigues da Silva—Manoel Paulino de Oliveira Béo—Alberto Magno Soares—Apolinario Pereira do Nascimento—Joaquim Felix Moreira—Mauricio Pereira Lima—João Evangelista—Manoel Francisco Martins—Candido José Alves de Araujo—Domingos da Resurreição Villela—José da Silva Santos—Manoel Rabello Ferreira—Manoel Eleuterio Alves de Araujo—José dos Santos Lôbo—José Pinto Ribeiro—José Pereira de Castro—Antonio Martins Curvello—Manoel Joaquim de Magalhães—Francisco Martins Coelho—José Ricardo.—Manoel José de Araujo—João Vicente Ferreira—Antonio

erraz da Motta—José Nunes de Sampaio—Viris-
mo José de Oliveira—Antonio Pereira do Lago—
sé Alvares' dos Santos Sousa—Francisco Alvares
Andrade—Herculano José de Araujo Silva—Ma-
el Claudiano—Thomé de Cerqueira—Manoel Vi-
orio—Francisco Manoel Ernesto Pereira—Pedro
sé de Almeida—Antonio Joaquim—Joaquim Dias
imarães—José Coimbra de Andrade—Felix Theo-
ilo de Alcantara—José Dias da Costa—Francisco
ixoto de Miranda e Veras—José Raymundo de Fi-
eiredo—Caetano Gonçalves de Oliveira—José Luiz
Azevedo—Francisco Rodrigues Pinheiro—Manoel
Jesus—João Francisco Regis—Francisco de Pas-
s da Solidade—Francisco Gomes—João Alves da
nha—Manoel Gonçalves Pereira—José Xavier de
gueiredo—Manoel Xavier da Costa—Antonio José
edes—Custodio José da Costa Guimarães—José
tonio de Carvalho—Manoel José da Conceição—
o Pinto de Menezes—O tenente-secretario Roberto
rbosa Saldanha—Belchior José Joaquim Ignacio
Silva—Clemente José Teixeira—Joaquim José da
sta—Joaquim José Ribeiro Guimarães—Manoel
quim de Sant'Anna—Manoel Martins de Andrade
ncisco Ludgero Tavares da Gama—Custodio Mar-
s Rodrigues.

—Em 1869, falleceu no seu engenho de fabricar
ucar, situado na freguezia do Iguape, termo e
marca desta cidade, o tenente-coronel Francisco
mes Moncorvo, cidadão prestimoso, e muito recom-
ndavel por seus actos de beneficencia e cor-
ra.

—Em 1870, a commissão dos festejos patrioticos
25 de Junho, dirigida pelo Dr. Aristides Augusto
lton, Manuel Baptista Leone e Ricardo José Ramos
olveu—para maior esplendor da grande comme-
ração—libertar algumas crianças do sexo femi-
o, pois ainda existia a escravidão no Brazil.

A respeitabillissima Sra. D. Maria Josepha Dias de
onseca offereceu tambem tres dos seus captivos
ra figurarem na solemnidade, passando-lhes as
rtas de alforria.

A commissão dos festejos, por meio de subscripção popular, conseguiu redimir varios outros innocentes, que eram victimas da maldicta instituição social.

E no *Te-Deum* que, segundo o costume, se cantou na egreja Matriz, foram entregues os titulos de liberdade assim adquiridos, em homenagem ao dia das glorias cachoeiranas.

Com o fim de auxiliar idéa tão alevantada e patriotica, o Dr. José Leoncio de Medeiros, que era a esse tempo estudante da Faculdade de Medicina da Bahia, viera com uma escolhida porção de collegas seus dar, no theatro desta cidade, um espectaculo, levando á scena o *Demonio Familiar*, do operoso José de Alencar.

O beneficio effectuou-se em a noute de 19, com uma concurrencia extraordinaria de espectadores, e no meio de umenthusiasmo verdadeiramente febril.

Afóra aquella peça, foi tambem representada uma excellente scena comica; feitas varias sortes de prestidigitação; e magistralmente executado um *duo* por piano e flauta.

Os artistas D. Filomena Wandek e seu marido tomaram parte no espectaculo, trabalhando com bastante correcção.

Muitas e primorosas poesias foram recitadas, durante o espectaculo, por diversos membros da futurosa e distincta legião de mancebos. E não houve quem lhes regateasse ovações e applausos.

Tiveram brilhante recepção estudantes e artistas, e quando partiram daqui foi no meio das maiores demonstrações de reconhecimento e saudade.

Infelizmente, ao chegarem elles à capital, foi assaltado por uma febre de máu caracter o 1.º annista Arthur Jansen de Mello Rocha, que tinha sido um dos mais influentes da generosa caravana.

E dias depois, coitado! era cadaver....

Nascera no Maranhão.

Relembrando aqui seu nome, rendo o tributo qu

á sua memoria deve esta cidade, pelo serviço que elle prestou-lhe tão gentil e desinteressadamente.

—Em 1891, o cidadão Antonio Carlos da Trindade Mello iniciou, com alguns amigos, a subscripção para fundar o asylo *Filhas de Anna*, que mezes depois estava inaugurado nesta cidade, e tem prestado serviços preciosos ás meninas desamparadas.

26 de Junho

—Em 1673, o Governo por uma portaria mandou dar 80 réis por dia aos *principes* do reino das Pedras, pobres africanos que tinham vindo *limpos* do Rio de Janeiro, e precisavam ter com que... *comprar os melões.*

A gente, meio-selvagem, que então povoava esta cidade, simples aldeia a esse tempo, foi tomada de pasmo, sabendo da existencia de altezas a quatro vintens...

Chamavam-se D. Simão, e D. Lourenço, ambos da Silva, os dous pretinhos, «que da selva tinham sahido em hora fatidica.»

—Em 1822, os patriotas cachoeiranos, com o fim de darem proveitoso ensinamento á guarnição da barca portugueza, que continuava a insultar os brios do nosso povo, mandaram buscar aos engenhos de assucar uns vaivens que brócaram, montando-os ao depois nuns *reparos* improvisados, para servirem de peças.

Nesse affanoso trabalho, salientou-se muito o cidadão Luiz Osana Madeira.

Collocados os dictos vaivens, tanto aqui como em S. Felix, conseguiu-se com elles dar tiros contra o navio, causando-lhe assim bem sérias avarias.

Durante o dia, não cessou o fogo da barca para terra; secundado aliás por certeira fuzilaria de que se encarregara a gente, acastellada nas casas dos portuguezes Antonio Pinto de Lemos Bastos e Ma-[illegible]l Machado Nunes.

[illegible] vista d'estes notaveis successos, a «*Junta con-[illegible]oria e de defeza*,» instalada nesta cidade, então

villa, dirigiu-se ao Governo provisorio da capital da Bahia, queixando-se do procedimento do commandante da canhoneira, que tinha metralhado o povo, como já ficou dicto.

E acrescentou—que tão estranho procedimento inspirara a organização da *Junta* para «guiar, defender e terminar os males, que o mesmo povo estava soffrendo.»

A *Junta*, creada nesse mesmo dia, ficou assim composta. Cap. Antonio Teixeira de Freitas Barbosa. depois barão de Itaparica, presidente, Antonio Pereira Rebouças, secretario, cap. José Paes Cardoso da Silva, professor Manuel José de Freitas, e Cap. Antonio José Alves Bastos, vogaes.

A respectiva eleição teve logar em casa do padre Navarro. no largo do Hospital, hoje praça da Regeneração; e a *Junta* passou a funccionar no edificio do mesmo hospital de S. João de Deus, hoje Sancta Casa de Misericordia.

De sua parte, o juiz de fóra Dr. Antonio de Cerqueira Lima remetteu cópia da acta da acclamação do principe Regente ao referido Governo provisorio; e, simultaneamente, declarou-lhe—«que era perigoso o estado da villa, pelo que solicitava promptas providencias afim de evitar-se a guerra civil.»

—Em 1887, falleceu o Dr. Reinaldo Martins Ramos com 29 annos de edade apenas.

Occupava o cargo de juiz de orphãos desta cidade, onde nascera.

27 de Junho

—Em 1749, a Relação ecclesiastica proferiu sentença, favoravel á irmandade de Nossa Senhora do Amparo, em uma antiga pendencia, que esta trazia com a devoção de Sancto Antonio, ambas desta cidade, sobre precedencia de logar nas procissões a que comparecessem.

Questão similhante á do *hyssope*, ella teve a força de apaixonar os animos por muito tempo...

—Em 1822, proseguiu mais alentada ainda, a luta

que desde o dia 25 se travara entre o povo e a guarnição da barca luzitana.

—Em 1873, falleceu na cidade da Bahia, para onde se tinha ultimamente mudado, o capitão Julio Emilio Pereira Guimarães, que fôra aqui proprietario.

28 de Junho

—Em 1822, já por tarde, o commandante da barca portugueza, que desde o dia 25, fazia fogo contra o povo cachoeirano, ameaçou—por meio de um officio insolente, endereçado ás autoridades locaes,—arrazar a villa, si esta por acaso não se lhe submettesse logo.

E, antes de receber a merecida resposta, redobrou suas hostilidades, atirando até sobre as canôas que, cheias de passageiros, navegavam pelo rio Paraguassú.

Muito de industria, os adversarios da causa brazileira tinham feito correr insistentemente o boato de que estava a chegar outra canhoneira para auxiliar a primeira, ao mesmo tempo que esta se movia para tomar posição, onde ficasse fóra do alcance da fuzilaria, bloqueando portanto o porto.

Importa não esquecer—que um troço da maruja portugueza havia descido á terra, em a noute do dia 25 e apagara ás luminarias postas á casa em que o Dr. juiz de fóra morava.

Entrementes, a *Junta Conciliatoria*, presidida pelo capitão Freitas Barbosa, não tendo conseguido que o commandante da canhoneira, a quem respondera moderada, si bem que dignamente, desistisse do seu proposito, proclamou ao povo, e assentou preparar cuidadosamente a resistencia.

Com tamanha felicidade o fez, que, tendo começado um vigoroso fogo de fuzilaria ás 8 1/2 horas da noute, antes das 12 a canhoneira se havia rendido, com 26 pessoas da guarnição feridas, inclusive o proprio commandante, tendo ficado mortas 12 praças: outras fugiram a nado.

A rendição realizou-se, depois de ter feito o navio calar sua artilheria, que começara com frequencia, mas a pouco e pouco se foi tornando mais espaçada, e terminou por emmudecer de todo, quando içou elle uma bandeira branca.

A barca, tendo soffrido dous tiros ao lume da agua, não poude continuar o combate. Antes, algumas balas tinham já crivado o costado do navio, e cortado a cordagem de suas velas.

Então, nossos valentes conterraneos, tomando canôas, abordaram a barca e passaram a prender o commandante e a tripolação della.

Ainda encontraram duas peças carregadas.

Presas as 27 pessoas que achavam-se a bordo, foram todas enviadas, dentro de poucos dias, para a cádeia de Inhambupe por uma escolta de que foi commandante o sargento Manuel Lino Pereira.

Nessa campanha, que terminou por tão notavel triumpho para os cachoeiranos, distinguiram-se por actos de patriotismo e valor, além dos cidadãos que já tenho mencionado, mais estes:

O capitão-mór Joaquim Ignacio de Siqueira Bulcão, João Pereira Gallo, João Pedreira do Couto Ferraz, José Antonio da Silva Castro, Domingos Cravador, Joaquim Antonio Moutinho, Ignacio Joaquim Ferreira Lisboa, Virissimo Macario, Cassiano Macario, Roberto Barbosa Saldanha, José Joaquim Souza Leite, o padre Villaboim, capitão de cavallaria Antonio do Castro Lima, Ignacio Joaquim Pitombo, Cap. José Gomes Moncorvo, Manoel Ferraz da Motta Pedreira, Dr. João Martiniano Barata, tenente Francisco Gomes Moncorvo, tenente João Borges Ferraz, Pedro Jacome, os irmãos Lesbios do Funil, José Pinto da Silva, José Venancio Tupinambá, os irmãos Rocha Galvão (Lourenço, Manuel e José), Cardoso de Magalhães, Manuel Mauricio Rebouças, Victor José Topazio, padre José Marcellino de Carvalho, José Marcelino dos Santos, major José Antonio da Silva Castro, Miguel Barbo Cabral, alf. José Garcia Calvacanti, sem falar e muitos outros, que seria longo ennumerar.

Dentre as diversas providencias, que foram tom

das para repellir o inimigo, assignalarei como mais importantes as que menciono abaixo:

O estabelecimento de um telegrapho entre esta cidade, então villa, e a barra do Paraguassú por meio de signaes; incumbindo-se do respectivo serviço ao capitão José Felix da Silva.

A creação de uma *posta* para uso dos dous pontos indicados, tendo sido nomeado inspector della o capitão Manuel Pereira de Macedo.

A organisação de duas companhias de voluntarios a que denominaram de *Marte* e *de Bellona*.

A esse tempo, existiam no rio Paraguassú duas fortalezas, que podiam cruzar seus fogos; uma na ponta da Saubara, e outra na ponta da Barra, afóra a celebre fortaleza do Paraguassú, construida pelos hollandezes.

Das peças tomadas ao vaso portuguez, umas foram remettidas, debaixo do commando de Victor Topazio, para o engenho de Tóróró, aonde hoje existe a fabrica de tecidos denominada *S. Carlos*, afim de fortifical-o; as melhores tiveram destino para a referida fortaleza do Paraguassú de que era então commandante o 2.º tenente A. G. da Rocha de Queiroz Marinho Jaboticaba, e as outras foram aproveitadas, algumas nas obras de defeza do nosso porto e o resto na villa de S. Francisco, afim de proteger-lhe o porto.

A *Junta* não se esqueceu de providenciar sobre o fornecimento das tropas, e para acautelal-o convenientemente fez sahir o capitão-commissario Francisco Manuel de Castro.

Entretanto, quando correu a noticia da tomada da barca, expontanea illuminação surgiu promptamente em todos os edificios publicos e na maior parte das casas particulares. A's 11 horas da noute, a villa inteira apresentava um aspecto brilhante e jubiloso.

No mesmo dia, a *Junta provisoria do governo da Bahia,* composta dos cidadãos Francisco Vicente anna, Francisco Carneiro de Campos, Manoel Igna- da Cunha Menezes, José Cardoso Pereira de Mello Antonio da Silva Telles, dirigiu-se ao general

Madeira, communicando-lhe a acclamação do principe regente e a installação da *Junta de Defeza*, que aqui tinham tido logar, mas protestando não reconhecel-a e não prestar-se, portanto, a entreter correspondencia com ella, cujos actos considerava tão precipitados quanto illegaes, incompativeis além de tudo com a obediencia immediata, em que achava-se a provincia para com as côrtes d'El-rei.

Os coroneis José Garcia Pacheco de Moura Pimentel e Rodrigo Antonio Falcão Brandão fizeram ao mesmo governo communicação, egual á que a *Junta Provisoria* havia dirigido.

—Em 1852, pelas 10 horas da manhan, deu-se a explosão de um barril de polvora, na venda de molhados, pertencente a Ildefonso Mendes Franco, estabelecido á rua de Baixo (hoje *13 de Maio*), desta cidade.

No trecho da rua, comprehendido entre as da Ponte-nova e do Alambique, tres sobrados e tres casas terreas foram destruidos completamente pelo fogo, que só a muito custo poude ser extincto.

O facto emocionou profundamente a população da cidade, mas... ainda hoje se vende polvora em todo canto, com uma indifferença que pasma...

—Em 1898, falleceu na Conceição da Feira, do municipio e comarca desta cidade, o respectivo vigario Manoel Felix Teixeira, com a idade de 55 annos.

Era natural da Feira de Sant'Anna, e tinha já parochiado a freguezia de Monte Santo.

29 de Junho

—Em 1751, o Capitão João Rodrigues Adorno fez doação das terras, em que aqui foi levantado o hospicio dos carmelistas calçados, no flanco do monte conhecido por *Mangabeira*.

Decorridos alguns annos, o hospicio foi demolido. e, um pouco abaixo do sitio em que existira, e[illegible] ficaram o convento actual, pertencente á mesma O[illegible]dem, e que data do meiado do seculo XVII.

O bello frontespicio, que a respectiva egreja ostenta, foi concluido em 1773, quando tambem se lhe fez o côro, onde collocaram magnifico *orgão*.

A capella do Sacramento, que o vasto, embora arruinado, templo possue, deve-se ao zelo religioso do coronel Lourenço Corrêa Lisboa, que nella está sepultado.

—Em 1822, as villas de Maragogipe, S. Francisco, Inhambupe e Santo Amaro, seguindo o patriotico exemplo dado pela Cachoeira, tambem proclamaram D. Pedro como principe regente do Brazil.

—No ultimo anno citado, dissolvida a *Junta de defeza*, em virtude de deliberação assentada entre os membros que a compunham, continuaram estes a constituir a *Commissão*, encarregada de administrar a *Caixa militar*, cujo fim era fornecer os meios necessarios ao proseguimento da guerra contra o general Madeira.

A mudança de nome, assim effectuada, teve como causa a reclamação feita por uma deputação enviada pelas villas de S. Francisco e Sancto Amaro, composta do Dr. Miguel Calmon du Pin e Almeida (depois marquez de Abrantes, e senador do imperio), do tenente-coronel Felisberto Gomes Caldeira, e do major Antonio Maria da Silva Torres.

Dos membros da *Junta de defeza* apenas o Capitão José Paes Cardoso não passou a fazer parte da *Commissão de administração da caixa militar*, mas assumiu logo o commando das *ordenanças*, no impedimento do respectivo capitão-mór.

A *Commissão* tratou, sem demora, de officiar para as outras villas da provincia, concitando-as a que seguissem-lhe o patriotico exemplo. E destacou, ao mesmo tempo, uma força commandada pelo coronel Rodrigo Antonio Falcão Brandão para proteger a povoação de Cabrito; assim como um troço de batalhão ás ordens do Cap. José Antonio da Silva Cas-[illegible] afim de proteger os habitantes de Nazareth, que [illegible] podiam—muito embora os seus entranhados de[illegible]os—pronunciar-se pela acclamação do principe [illegible]nte.

A *Commissão da caixa militar* ordenou tambem —que algumas companhias do batalhão *Cachoeirense* marchassem daqui para defender a cidade da Bahia, e que outras acudissem ás povoações do Funil, e da Barra do Paraguassú.

Chegando, comtudo, a Funil, o Cap. Antonio de Souza Lima se passou com a força ás suas ordens para Itaparica, pois era ahi que o inimigo se apresentava mais temeroso.

—Em 1823, o Conselho interino do governo da Bahia mandou prender, e conservar no convento de S. Francisco do Paraguassú, que fica em territorio d'este municipio e comarca, fr. Thomaz de Aquino Lascasas, professor de grammatica e lingua latina, que aqui chegára da capital emigrado.

A respectiva portaria não declina o motivo da prisão.

—Em 1892, falleceu—com edade de 100 annos, a preta Thomazia Joaquina de Affonseca, nascida e residente nesta cidade.

—Em 1895, á noute, se recebeu aqui a noticia de haver fallecido o marechal Floriano Peixoto, vice-presidente da Republica.

O lugubre acontecimento occorrera, no mesmo dia, na estação da *Divisa*, do Estado do Rio de Janeiro; mas o cadaver foi transportado para a capital federal, onde—a custa da nação—se fizeram pomposos funeraes.

O marechal Floriano suffocara a revolta de 6 de Setembro, promovida por parte da armada nacional; e desta sua attitude correcta lhe resultou grande popularidade.

30 de Junho

—Em 1822, a *Commissão da Caixa militar*, creada nesta cidade, então villa, fez partir o advogado Manuel Maria Rebouças para Maragogipe e outros pontos da provincia com officios, communicando a acclamação do principe regente.

—No mesmo anno, o general portuguez Madeira de

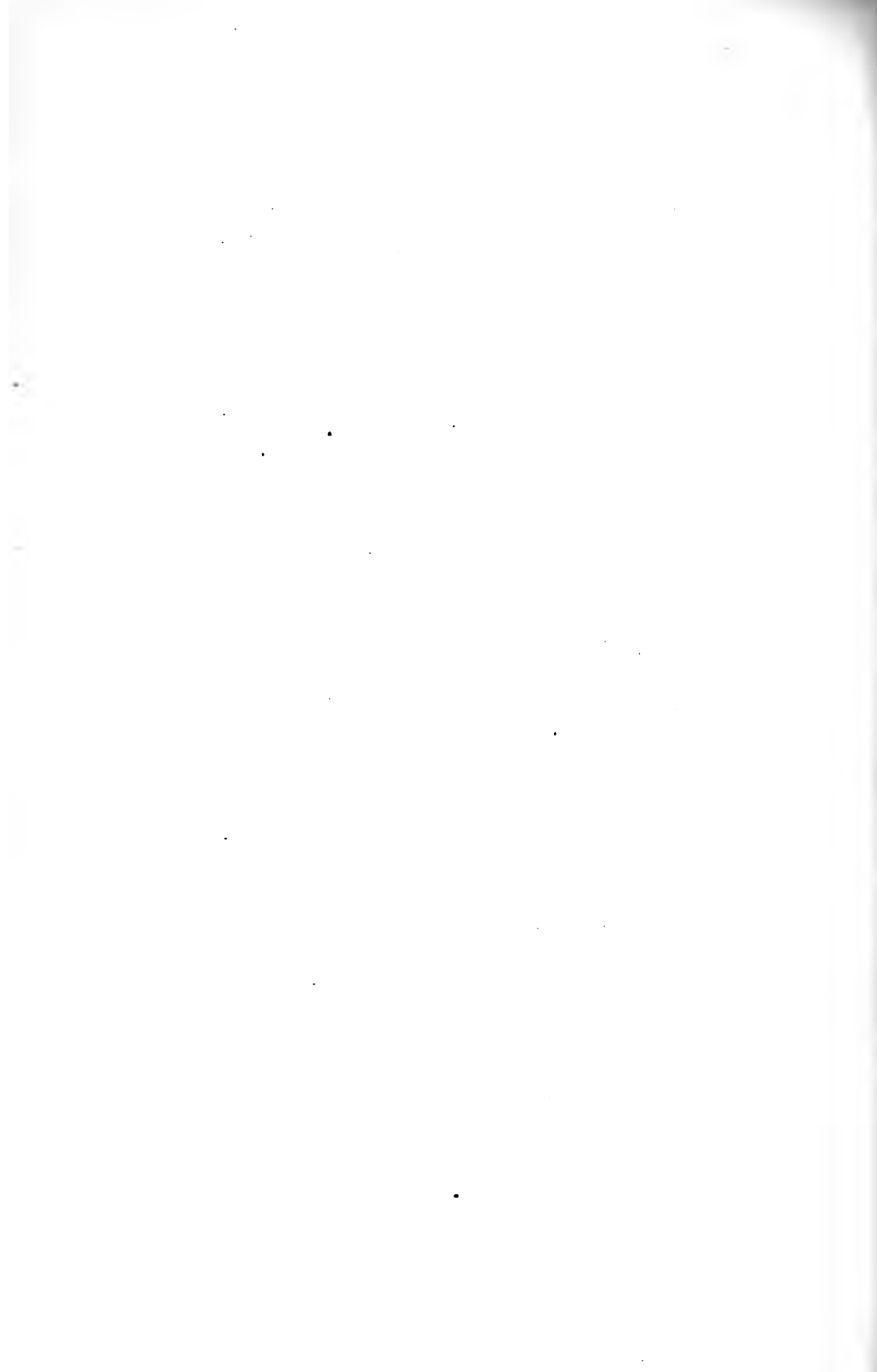
Mello, se dirigindo por officio á *Junta provisoria do governo da Bahia*, que estava já funccionando na capital, prometteu recorrer á força e a todos os meios energicos para abafar a *revolução da Cachoeira*, cujo exemplo aliás ia sendo imitado por outras villas da provincia.

—Em 1842, foi traiçoeiramente assassinado com oito punhaladas o cidadão Manuel Felix, conhecido por *Bamburral*. O facto se deu ás 11 horas da noute, quando a victima sahia da casa do Dr. Emilio Tavares de Oliveira, onde estivera a palestrar; e causou vivissima impressão, á vista das circumstancias especiaes de que se rodeou.

Foi attribuido o crime á pessoa de posição social, e, para explicar-lhe a causa, toda a gente recordava o *cherchez la femme*, do celebre policiador francez...

Cachoeira, 1899.

(*Continúa*)

A. MILTON.

Municipio dos Poções (1)

(COMARCA DA CONQUISTA)

Limites—Limita-se este municipio ao S. com o municipio da Victoria, da fazenda Taquaral, rumo direito a Lagoa da Serra,—d'ahi estrada direita á casa e morada de José Pereira do Rosario (fazenda Lagedo), d'esta tambem estrada direita á fazenda e morada de Joaquim José de Almeida, sita à margem do Riachão do Gado Bravo: e d'ahi atravessa o Riachão rumo direito às Araras, fazenda de Manuel Alves Portugal, margem do rio Gavião. A. O. com o do Brejo Grande, pelo rio Gavião abaixo (ultimo ponto ao S.) até a sua barra no Rio de Contas e por este abaixo. A' N. O. com o de Maracás pelo mesmo rio.

A' N. E. com o de Areia pelo mesmo rio até confinar com o municipio da Barra do Rio de Contas, a L. observando-se os limites deste municipio até se encontrar com o ponto de partida na Serra do Taquaral. Taes são os seus limites discriminados pela camara municipal da Victoria em sessão de 14 de Novembro de 1840. (2

---

1) A descripção do municipio é trabalho do fallecido Dr. Tranquilino Torres, e publicado no *Diario da Bahia* de 27 de ho de 1888.

Estes limites acham-se em parte alterados hoje pela Lei 30 de 1 Julho de 1897 que creou o municipio de Je-, separado do de Maracás,

Aspecto geral—Este municipio é geralmente montanhoso dos lados de O. e E., sendo coberto por esse lado por immensa floresta, continuação da do municipio da Victoria, a que pertenceu e que se estende até os municipios visinhos d'Areia e Amargosa, ao N. d'este municipio.

Seu terreno no centro é onduloso, havendo ao S. muitas planicies, erradamente tambem conhecidas por *veredas* e onde se desenvolve com abundancia a criação cavallar e vaccum.

A' O. nota-se terrenos de catingas, pequenos bosques de terras fracas, porém as mais preferidas pela população para a plantação de legumes e cereaes, e pela facilidade que ha nas derrubadas dos bosques, e pequeno trabalho no plantio. Ahi se cria com grande vantagem a raça cavallar, bovina, caprina e suina.

Serras e morros—As serras que formão a parte montanhosa do municipio, suppõe-se, como affirmamos descrevendo o municipio visinho da Victoria, ser uma ramificação geral da cordilheira da provincia, cadeia central ou serra do Espinhaço, e que attravessa o municipio de S. para L. com a denominação de Serra do Grongogi que separa as vertentes ou bacias do mesmo nome, e as do rio Cachoeira que vão ter ao oceano Atlantico.

Morros—O mais importante de todos é o morro da «Mattinha», que dista uma legua do logar—Cachoeira, e de altura culminante; e o morro «Agudo», ao S. S. O. do municipio, o qual se forma em grande planicie com uns 30 metros de altura pouco mais ou menos, havendo perfeito antagonismo entre o nome que se lhe dá e a sua conformação, pois representa a copa de um chapéo arredondada: não deixa elle de attrahir a attenção dos viajantes que admirão aquella elevação original

n'uma planicie sem nenhuma ramificação montanhosa.

Rios—O municipio é banhado por grande numero de rios, alguns já descriptos no municipio da Victoria, como sejão o Grongogi e Gavião.

—O rio de Contas, de todos o mais caudaloso, que nasce na Serra da Tromba, uma legua distante da villa do Bom Jesus do Rio de Contas, corre para o Oriente e S. E., separando os termos do Brejo Grande do do Rio de Contas, atravessa o municipio servindo-lhe de limite ao N. entre este mesmo municipio e o de Maracàs, na distancia de perto de 30 leguas, e desembocca no Atlantico, passando pela Villa da Barra do Rio de Contas. Recebe como tributarios o rio Ourives, que por sua vez tem por tributarios o rio do Brejo Grande e o Tamandúa; o Sincorá, que recebe diversos riachos permanentes, como são o do Barbado, o do Ribeirão, do Bom Jardim e Carahybas; o rio Jacaré, todos no municipio do Brejo-Grande. N'este municipio recebe o Grongogi, cuja descripção já demos no municipio da Victoria, tendo apenas a accrescentar que elle recebe por sua vez o rio Formiga, o rio da Uruba, e o rio do Macario.

O rio dos «Poções», que nasce no MorroPreto, tendo suas cabeceiras em matta virgem, cinco leguas distante da villa dos Poções, atravessa-a e faz barra no rio da Cachoeirinha, distante uma legua da villa: seu curso é pequeno, de pouca profundidade e agua pesada.

O rio «Cachoeirinha» nasce no rio das Mulheres, tres leguas distante da villa, desagua no rio de Contas, abaixo do Jequié; mais caudaloso que o dos Poções, corre para o N., tendo uma extensão de mais de 20 leguas.

O rio da «Uruba» ou «Morrinhos», que nasce leguas distante da villa, na Serra Geral do S.,

ooa saude e tem boa constituição, e dedica-se á lavoura e a criação.

MINERAES—Ha no municipio grande numero de mineraes: os mais geralmente usuaes são a pedra de construcção, o barro de olaria, a tabatinga, o salitre, o ferro. Consta que existem minas de diamantes as quaes não estão exploradas.

Existem, porém, minas de ouro no riacho de Salgado, de agua salobra, distante uma e meia legua da Villa dos Poções; e na Serra do Timorante ao Oriente, 10 leguas distante da villa, com boa jazida d'esse metal, tendo já sido explorada com proveito pelo capitão-mór João Gonçalves da Costa e seus filhos.

«Sabe-se tambem, diz Accioly em suas Memorias historicas, pag. 160, n. 5, desde 1808 que é summamente aurifera a serra da Arubá (aliás Uruba) districto da Conquista no sertão da Resaca (hoje termo de Condeuba), conhecimento esse devido ao respectivo capitão-mór João Gonçalves da Costa, quando n'aquelle anno percorria tal continente, commandando uma bandeira contra os indios selvagens que haviam hostilisado algumas fazendas, ignorando-se todavia o motivo por que deixou de progredir em outras indagações locaes, como lhe fôra ordenado em Av. de 2 de Outubro do mesmo anno, expedido ao governador d'esta provincia pelo ministro d'Estado, o conde, depois marquez d'Aguiar, a quem o capitão-mór havia remettido uma amostra do ouro de sua descoberta, que se verificou no Rio de Janeiro ser de qualidade superior.»

MADEIRAS, AVES, ANIMAES e FRUCTAS SILVESTRES—Nada podemos accrescentar ao que descrevemos no municipio annexo, da Victoria, por ser o prolongamento da mesma flora, e dos mesmos terrenos,

e que terá inteira applicação a este municipio o que já dissemos d'aquelle outro.

HISTORIA—A villa dos Poções foi primitivamente povoação, creada por Thimotheo Gonçalves da Costa, com seus filhos Bernardo e Roberto Gonçalves da Costa. depois da conquista dos indios pelo capitão-mór João Gonçalves da Costa e seus filhos. Ja se viu na descripção da historia da Victoria a cujo territorio pertenceu este municipio, a attitude energica e patriotica que assumiram João Gonçalves e seus filhos nos principios d'este seculo na conquista dos indios: n'este empenho separarão-se, fixando residencia o capitão João Dias de Miranda na Manga, 5 leguas distante da villa dos Poções; ao N. da mesma Antonio Dias fixou residencia na Uruba, meia legua distante da Manga e quatro e meia da villa; e o sargento-mór Raymundo, nos Morrinhos, antiga tribu dos Mongoyós, havendo-se casado com uma filha de Thimoteo Gonçalves da Costa.

Após demorado pleito juridico que teve de sustentar Bernardo Gonçalves da Costa com os fidalgos de Portugal, sobre as terras havidas por compra ao capitão Bento Garcia Leal, doou aquelle Thimoteo meia legua de terreno em quadro por escriptura passada pelo padre Vicente d'Araujo Franco, sendo testemunha José Joaquim Fragata em 3 de Agosto de 1830, ao Divino Espirito Santo dos Poções para n'ella se edificar a casa de oração com essa invocação.

A capella iniciada por José Joaquim dos Santos, genro do sargento-mór Raymundo, foi edificada pelo capitão-mór João Dias de Miranda em 1842 e a terminou seu sobrinho o capitão Antonio Coelho Sampaio.

Pela lei n. 1848 de 16 de Setembro de 1878 foi recta em freguezia, sendo seus limites os dos dis-

trictos de paz dos Poções e Areião, e foi elevada á cathegoria de villa, e como tal separada do muncipio da Victoria, pela Resolução n. 1.986 de 26 de Julho de 1879, mas só installada a 25 de Abril de 1883.

Foi elevada a termo, pertencendo à comarca da Victoria, hoje Conquista, e installado o fôro a 14 de Julho de 1883.

Topographia: Esta villa está situada ás margens do rio dos Poções que a atravessa: suas ruas são em geral estreitas, e as casas mal alinhadas; tem uma praça bastante comprida, quasi quadrada, onde está sita a egreja matriz.

A' excepção de algumas casas, ultimamente construidas, suas propriedades são terreas e de má edificação.

Seus principaes edificios são a egreja matriz que é pequena, verdadeira capella, e que não comporta a grande população que a frequenta, e o cemiterio que é grande e foi edificado à expensas da população em 1872.

Ainda não tem casas da camara e cadeia, pois, servem-se ainda de edificios particulares.

Tem, porém, uma pequena ponte de madeira ligeiramente construida que communica os dous bairros da villa.

População: Sua população é calculada em 18 mil almas; fez antigamente, pelo recenseamento de 1872, parte da parochia da Victoria, cujo computo foi de 18,836: este numero, porém, esteve sempre muito longe da verdade pela falta de criterio, e real indifferença nos dados officiaes então colhidos.

Agricultura e lavoura: Consistem na cultura do café, canna de assucar, mandioca, tabaco, algodão, milho, arroz, feijão, havendo tambem o cultivo de algumas especies de fructas.

As principaes criações são de gado cavallar, muar e vaccum, em que consiste o primeiro ramo de exportação, além da criação do gado cabrum, lanigero e suino para o consumo do municipio.

Ha diversas fazendas que se occupam exclusivamente desta industria.

A pequena criação limita-se a aves domesticas.

Quanto á pesca, ainda está em embryão esta industria: rigorosamente fallando, ella mal dá para o consumo diario.

Entre seus habitantes, sobresahiu-se na piscicultura o Sr. José Pereira do Rosario em sua fazenda Lagêdo, limites d'este termo com o da Victoria.

INDUSTRIA FABRIL: A industria fabril consiste em assucar, aguardente, fumo, farinha de mandioca e milho, obras de olaria, como sejão louças de barro, telhas, tijollos; fabrico da rapadura, e tecido de algodão em seu estado rudimentar.

COMMERCIO: A exportação se limita ao café, assucar, aguardente já extrahida da canna, já da jaboticaba que se presta maravilhosamente para o vinho, (d'ella e do maracujá se extrahe tambem bom vinagre), fumo, farinha de mandioca, feijão, arroz, milho, queijos e requeijões, gado vaccum, cavallar, muar e toucinho.

Ella, porém, limita-se aos municipios visinhos da Victoria, Areia, Amargosa e Maracás, sendo em grande escala o café, o fumo, e animaes; o transporte se faz em costas de animaes.

POVOADOS E SUAS ORIGENS: O municipio contém varios arraiaes, ou povoados.

O arraial do Areião, sito ao Occidente do muni-[illegible]o, na margem direita do Rio de Contas, antigo [illegible]oado e que hoje rivalisa-se com a villa dos [illegible]ões, séde e cabeça do termo, é ponto de pas-

sagm de tropas e viajantes que procurão a capital, ou alto sertão e Estado de Minas; nelle passa a estrada real deste Estado para o de Minas. Dista 16 leguas da villa dos Poções, e é um importante centro de commercio.

Bocca do Matto (*)—Este povoado fica 5 leguas distante da villa dos Poções, ao norte do municipio: foi em suas immediações que o coronel João Gonçalves da Costa encontrou a André da Rocha, antigo escrivão do Rio de Contas, que abandonou o cargo por haver incendiado o cartorio, achando-se então processado: vivia alli este escrivão acoitado, longe da justiça e da sociedade em estado de completa selvageria.

Arraial do Porto-Alegre—a O. N. O. do municipio, sito na margem direita do mesmo rio de Contas, logar novo por onde passa a estrada que vai ter ao alto sertão, pela Passagem de Sant'Anna e Areião, e que atravessando o rio, segue para o termo de Maracás e cidade da Cachoeira. O principal ponto da população é na margem esquerda do mesmo rio.

Passagem de Sant'Anna--logar tambem novo, sito à margem direita do mesmo rio de Contas, na mesma estrada geral que vai ter ao centro do Estado; é um logar que promette, si para alli convergirem as vistas do governo. Serve o rio de limite ao municipio com o do Brejo-Grande; fica a oeste do municipio.

Arraial do Gavião—sito na barra do rio Gavião com o rio de Contas.

E' ainda estrada geral que communica a capital com o centro; é populoso e logar destinado a ser entreposto de commercio por ser limitado com os municipios do Brejo-Grande e Bom Jesus dos Mei-

(*)—**Actualmente Arraial da Boa Nova.**

ras; está distante da villa dos Poções 22 leguas aproximadamente.

Morrinhos e Benguela—antigos aldeiamentos de indios Mongoyós, hoje povoações, insignificantes e em completo abandono.

Além d'estes, ha outros pequenos arraiaes que se vão formando, e que constituirão para o futuro, com a immigração e colonisação nacional ou estrangeira, centros importantes de commercio e industria.

INSTRUCÇÃO.—Ha na séde do municipio duas escholas, uma para o sexo masculino e outra para o sexo feminino, uma outra na povoação do Areião, e uma eschola mixta no arraial da Boa Nova.

E' lamentavel que n'uma população de 18 mil almas, só hajam 3 ou 4 escholas, cujo maximo de frequencia mal vai a 20 alumnos.

E' verdade que existem pequenas aulas nas *fazendas* a esforços de seus proprietarios; mas quão longe vai a verdadeira instrucção dos pequenos rudimentos que n'essas escholas recebem seus filhos, limitando-se apenas a subscrever o seu nome para firmar lettras commerciaes ou votar nos collegios eleitoraes!

DIVISÃO ECCLESIASTICA

Pertence este municipio á diocese da Bahia: só possue uma parochia, a do Divino Espirito Santo dos Poções, creada pela lei n. 1848 de 16 de Setembro de 1878. Tem a egreja matriz construida em terreno proprio, doado pelo capitão Bernardo Gonçalves da Costa, com os seguintes limites:—pelo N. com as terras de Maria Florinda; pelo S. com Francisco Vieira de Carvalho; pelo P. com Joaquim José Sampaio e pelo Nasc. no rio dos Poções, tendo de extensão um quarto de legua quadrada. Estas terras, segundo a lei n. 601 de 18 de Setembro de

1850 e decreto de n. 1318 de 30 de Junho de 1854, forão registradas a 22 de Junho de 1858 a fl. 51 do L. 2.º do tabelião da Victoria.

Tem ainda as terras em commum na fazenda do Gentio e que limitão-se pelo N. com Rodrigo Meira Sertão, pelo P. com José Pereira do Rosario, pelo S. com a fazenda Bom Jesus, pelo Nasc. com Manuel Gonçalves da Costa, e cuja fazenda tem 5 leguas de extensão e forão registradas a fl. 48 do 2º livro.

Além da egreja-matriz ha diversas capellas importantes, taes como:—a do *Areião*, dedicada a N. S. do Livramento; foi edificada pelo capitão Lourenço José de Lima, Joaquim Miguel de Souza Guimarães e alferes Manuel Alves Pereira Junior, com seus genros e filhos. Teve começo em 1875, si bem que desde 1867 se houvessem lançado os alicerces, que mais tarde forão destruidos e novamente reconstruidos. As terras forão doadas a 3 de Agosto de 1865 pelo capitão Lourenço, tendo-as havido por compra a Francisco dos Santos Pereira com o fim de se erigir a capella. Tem um bom cemiterio. Um projecto da assembléa provincial d'este anno, 1888, a eleva a freguezia. Seus limites estão traçados na escriptura passada pelo escrivão de paz Joaquim Ferreira Sapucaya.

A capella da *Volta*, dedicada a N. S. da Purificação e edificada pelo capitão Rodrigo Meira Sertão, como consta das verbas do seu testamento nos cartorios da Victoria, em terrenos doados pelo mesmo e reconstruida por seu sobrinho Martiniano de Souza Meira. Tem um bom cemiterio.

A capella de *Monte Alegre*, distante da villa dos Poções 12 leguas para o P., dedicada a S. Antonio; edificada pelo portuguez Francisco de Sousa Bittencourt, em terrenos por elle doados, estando hoje em abandono.

A capella da *Bocca do Matto*, dedicada a N.

S. da Boa Nova, edificada pelo capitão Antonio Coelho Sampaio em 1848, em terrenos proprios por elle doados. Tem um bom cemiterio.

A capella, sita nas *Salinas dos Caetanos*, dedicada a S. Antonio, edificada a esforços do tenente Antonio Joaquim da Silva em 1883 em terras por elle compradas, e doadas para esse fim; tem meia legua em quadro.

A capella *da Boa Viagem dos Gomes*, dedicada a S. José, edificada por Francisco Gomes Ribeiro e sua sogra, em terras por elle tambem doadas.

A dos *Morrinhos*, dedicada a S. Antonio, e edificada em 1883 pelo professor Antonio Silverio de Araujo Lima, com auxilio da população em terrenos em commum, pertencentes a diversos condominios.

Além d'estas, existem outras capellas, menores, conhecidas por Lapinhas.

DIVISÃO POLICIAL: O municipio tem uma delegacia com duas subdelegacias, a da villa e a do districto do Areião, creada pela Resol. n. 731 de 18 de Maio de 1859. Ha diversos quarteirões, porém, a insufficiencia dessa divisão, bem como a dos districtos de paz, que são os mesmos correspondentes ás subdelegacias, bem longe estão de fornecer à justiça, à policia, à administração e à estatistica, os serviços, esclarecimentos e dados indispensaveis á boa marcha dos publicos negocios.

RENDAS. A renda da collectoria estadual em 1897 foi de 5:860$000. O ultimo orçamento municipal calcula a receita em 13:227$000, e a despeza em igual quantia. (*)

CURIOSIDADES: Não sabemos si existem curiosidades dignas de ser escriptas, pelo muito que ha no municipio por se explorar; já o dissemos, faltão-nos

---

(*) Nota da *Redacção*.

pessoal habilitado e o precioso tempo para esses estudos.

Estradas: Muito tem ainda que fazer o novo municipio dos Poções para se rivalisar com os seus visinhos no attinente á estradas São muito atrazadas as vias de communicação, o que muito difficulta a exportação de seus productos, e a importação dos que se utilisa a população, uma das razões por que se vendem esses objectos por alto preço.

A principal é a do *Descadeirado*, immensa ladeira na comarca de Areia, que affronta os animaes, desanca não poucos, o que dá nome á estrada pelo terror que sempre incute aos viajantes. Já a descrevemos, tratando do municipio da Victoria: passa ella pela comarca de Areia; foi continuada por este termo pelo capitão Justino Ferreira Campos, desde a Cachoeirinha de Manuel Roque, 11 leguas distante da villa dos Poções, até o Periperi Grande, 6 leguas além da mesma villa pelo lado de L. do municipio da Victoria.

A estrada dos Poções, da qual tambem já fallamos, é que apenas chegou ao logar *Sentido,* equidistante 6 leguas das villas dos Poções e Victoria, bem como as que se communicão com os povoados do Gavião, Areião, Porto-Alegre e outras pequenas de fazenda á fazenda precisão ser abertas, (porque nunca o forão, senão por animaes em busca d'agua, fazendo mil voltas e rodeios), necessitando de fiscalisação severa, afim de se conservarem limpas, para que possa o municipio gosar das suas riquezas naturaes e productivas e se engrandecer, chamando para seus territorios a população ociosa e dispersa.

Muito incremento tomaria este municipio si a estrada de ferro de Nazareth tomasse em seu curso uma directriz que cortasse as mattas d'esta abundante e feracissima região.

Pela lei provicial n. 2,430 de 11 de Agosto de 1883, ficou o governo da provincia autorisado a dispender a quantia de 5:000$000 para a abertura deuma nova estrada real que, partindo da fazenda Santa Cruz, termo do Bom Jesus dos Meiras, vá à barra do rio Gavião, deste ao Areião, Riachão do Peixe e Porto-Alegre, e dahi até Maracás com 30 palmos de largura. Esta estrada, que innumeros beneficios prestaria ao O. do municipio não só, mas até ás comarcas do Brejo Grande, Condeúba e ao Estado de Minas, não foi ainda iniciada

DISTANCIAS—Este municipio dista da capital do Estado 74 leguas, ficando distante da estação do Tambury da Braziliann Imperial Bahia Central Railway, a mais proxima viação ferrea do termo, umas 30 leguas aproximadamente ou 120 kilometros.

As distancias ás villas e cidades dos municipios confinantes são:

A' cidade da Conquista ao S., 12 leguas ou 41 kilometros: à villa do Brejo-Grande a S. O., 25 leguas mais ou menos: á villa de Maracás a O. N. O. do municipio 40 leguas: a N. E. a villa de Areia com 60 leguas mais ou menos.

CENTENARIO DO BRAZIL

O Primitivo e o actual Porto Seguro (*)

Ainda vivia o visconde de Porto-Seguro, quando, na sessão deste Instituto de 23 de Novembro de 1877, iniciei a leitura de uma memoria, na qual procurava refutar as erroneas apreciações daquelle historiador, sobre uma questão de maximo interesse relativamente á historia do nosso paiz.

Referia-me então a um officio que da Bahia, em data de 25 de Setembro daquelle anno, dirigira elle ao ministerio do Imperio, officio que foi publicado no *Diario Official* de 10 de Outubro seguinte, e em outros jornaes desta côrte.

Dizia o visconde que, no intuito de consultar os archivos de Porto-Seguro e Ilhéos, emprehendera e realisára uma viagem áquellas villas.

Não obstante, porém, as investigações a que procedera, nas poucas horas em que se demorou em cada uma dellas, nenhum documento encontrára digno de ser recolhido ao archivo publico do Imperio.

Apezar de sua mallograda tentativa, ainda assim se consolara com a lembrança de que os fructos recolhidos nesta viagem seriam da maior importancia para a historia patria, sendo tres as vantagens que neste sentido apontava: a primeira, o ser de não pouca monta o desengano de que nesses archivos nenhuns documentos mais existem, cuja falta de

---

(*) Memoria lida no Instituto Historico e Geographico Brazileiro em 26 de Novembro de 1880 pelo socio marechal Beaurepaire Rohan.

exame pudesse deixar escrupulos; a segunda, ter sido para elle de grande vantagem o conhecimento individual que fizera destas localidades, nucleos de duas de nossas capitanias primitivas, as quaes melhor poderia descrever para o futuro; a terceira, finalmente, ter tido occasião de resolver, por uma vez, todas as duvidas a respeito de ter tido logar no actual Porto-Seguro e não na bahia de Santa-Cruz, *como acreditara, e fizera acreditar Ayres do Cazal*, o primeiro desembarque de Pedro Alvares Cabral, e de ter sido dita no mesmo *recife ilhado*, que fórma o dito porto, e não na Corôa-Vermelha, mais ao norte, a primeira missa nesta terra de Santa-Cruz, ponto este a respeito do qual se propunha a apresentar as provas *de todo convincentes* em uma dissertação, que do seu posto na Europa pensava enviar, com a possivel brevidade, ao Instituto Historico.

Nada tenho que vêr com as duas primeiras vantagens da sua viagem. Quanto, porém, á terceira, não a posso deixar passar sem um protesto, tanto mais que o illustre historiador, antes do seu lamentavel fallecimento, pôde enviar ao Instituto Historico a promettida dissertação, a qual se acha inserta á pagina 5 da 2ª parte do tomo XL da nossa *Revista Trimensal*.

Não foi Ayres do Cazal quem acreditou e fez acreditar que o Porto-Seguro de Cabral é aquella bahia a que hoje chamam os incolas *Enseada da Corôa-Vermelha*, e á qual o autor da *Chorographia Brasilica*, em veneração certamente á memoria do descobridor, impuzera, de seu moto proprio, o nome que tambem adoptou M. Mouchez, nos seus trabalhos relativos á costa do Brazil, embora seja elle inteiramente desconhecido na propria localidade.

Antes de Ayres do Cazal, o haviam dito Pero de Magalhães Gandavo, em 1576 (*Historia da Provincia de Santa Cruz*); Gabriel Soares de Souza, em 1587 (*Roteiro do Brasil*); e, finalmente, além talvez de outros de que não tenho noticia, Manuel Pimentel, em 1762 (*Arte de navegar e roteiro de viagens*).

Attendamos para a opinião de cada um d'estes escriptores.

Gandavo—«A quinta capitania, a que chamam Porto Seguro, conquistou Pero de Campos Tourinho. Tem duas povoações que estão distantes da dos Ilhéos trinta leguas em altura de 16 1|2, entre as quaes se mette um rio que faz um arrecife na bocca como enseada onde os navios entram. A principal povoação (o autor se refere a Porto Seguro) está situada em dous lugares; convém a saber, parte d'ella em um teso soberbo que fica sobre o rólo do mar da banca do Norte, e parte em um varzea que fica pegada com o rio.

«A outra povoação, a que chamam Santo Amaro, está a uma legua d'este rio para o Sul. Duas leguas d'este mesmo arrecife para o Norte (attenda-se bem) está outro que é o porto onde entrou a frota, quando esta provincia se descobriu. E porque *então lhe foi posto este nome de Porto Seguro*, como atraz deixo declarado, ficou d'ahi a capitania com o mesmo nome; e por isso se diz Porto Seguro.»

Gabriel Soares—«N'este porto de Santa Cruz esteve Pedro Alvares Cabral, quando ia para a India, e descobriu esta terra, e aqui tomou posse d'ella, onde esteve a villa de Santa Cruz, a qual terra estava povoada então de Tupiniquins, que senhoreavam esta costa do rio Camamú até o de Cricaré, de cuja vida e feitos dizemos ao diante.

Esta villa de Santa Cruz se despovoou d'onde esteve, e a passaram para junto do rio Sernambityba, pela terra ser mais sadia e accommodada para os moradores viverem.»

Manuel Pimentel, na descripção que faz da costa, tambem menciona o porto de Santa Cruz, *onde ancoraram as primeiras naus que descobriram o Brasil.*

Nunca houve quem puzesse em duvida a asserção dos escriptores que acabo de mencionar.

E' ainda essa a tradição constante n'aquella parte do nosso littoral, como tive occasião de o verificar pessoalmente, quando na minha juventude visitei aquella região. A carta de Pero Vaz de Caminha,

posteriormente encontrada no archivo da Torre do Tombo, vem ainda mais reforçal-a, e por ella se guiou Ayres do Cazal, acerca do assumpto.

O autor da *Chorographia Brasilica* a vulgarisou, inserindo-a na sua obra, e d'ella nos deu ultimamente uma copia mais exacta o visconde de Porto Seguro.

Além das autoridades que tenho citado, para provar que a enseada da Corôa-Vermelha, ou bahia Cabralia, é aquella a que Pedro Alvares Cabral deu o nome de Porto Seguro, ainda me resta mencionar um escriptor que, em relação ao objecto, devemos considerar acima de toda a suspeita.

Seu opusculo tem por titulo: *O descobrimento do Brasil, chronica do fim do XV seculo, segunda edição, revista, correcta e accrescentada pelo autor*: Rio de Janeiro, 1840.

N'este escripto toma o autor por base a carta de Pero Vaz de Caminha, e adopta integralmente o seu roteiro, não só quanto ás circumstancias da navegação, como quanto á descripção da «famosa enseada, que, com tanta justiça, diz elle, houve lembrança de ser denominada Cabralia»; o que prova que elle estava bem convencido de ser esse o porto em que surgia a armada portugueza; que n'elle se effectuou a primeira missa, e houve logar o auto de posse, como o declara no correr do seu opusculo. Para tirar qualquer duvida a tal respeito apresentarei o seguinte extracto do seu capitulo final:—«E o Brasil se descobriu. Onde são, porém, os padrões de tão glorioso e transcendente acontecimento, que influiu na sorte de tantos homens? A bahia Cabralia vai para quatro seculos quo espera por este nome, e com mais razão espera um monumento que a ennobreça, e a terra circumvisinha altamente o reclama.

«O ilhéo ainda não teve a fortuna de servir de base a uma torre luminosa, que emquanto utilise aos navegantes, qual outro pharol de Alexandria, accuse ao viajante, em testemunho de gratidão, que ali foi plantada a primeira arvore do Christianismo, e se celebrou primeiro a religião de nossos pais.

«Pois já que faltam monumentos physicos, procuremos nós ajudados pelos Souzas, Vasconcellos, e com o auxilio dos modernos, apregoar estes e outros factos do territorio em que os destinos da Providencia nos reservaram o berço.»

Mas quem é o autor dos trechos que acabo de citar?

Quem é o escriptor que no arrebatamento do seu patriotismo toma tanto a peito os interesses da bahia Cabralia, como aquella em que a esquadra descobridora encontrou esse porto seguro em que se abrigou?

Esse autor, esse escriptor é Francisco Antonio Varnhagem, visconde de Porto Seguro.

D'onde procede, porém, tamanha divergencia de opinião entre o seu escripto de 1840 e o de 1877?

Deveremos consideral-o, por ventura como o resultado de uma imaginação enferma?

Não ha quem mais sentisse do que eu a morte do visconde de Porto Seguro, e a ninguem cedo o meu quinhão de reconhecimento pelos serviços por elle prestados ás lettras patrias, exhumando dos archivos e dando publicidade a documentos de incontestavel merecimento.

E tanto assim é que, logo que soube do seu fallecimento, resolvi-me a não mais refutar suas idéas, porque me doia n'alma a lembrança de entrar em luta com um homem que já não se achava em estado de se explicar, de justificar a sua opinião, de se defender peito a peito com seu adversario.

Todavia, acima d'estas considerações estão os interesses da nossa historia; e eu me consideraria seu cumplice no erro, si, por mera condescendencia aos meus escrupulos, deixasse passar sem protesto as asserções que admittidas sem o menor reparo, teriam em resultado a mais completa perturbação em todas as noções que temos relativamente a um facto que tem em seu abono as tradições de perto de quatro seculos e o testemunho sincero de nossos chronistas, sem exceptuar o do proprio historiador que é objecto da minha critica.

N'esse empenho de querer a todo transe que o actual Porto-Seguro em que ancorára Cabral, empenho que o interessa a ponto de se pôr em contradicção comsigo mesmo, é facil vêr que o visconde de Porto Seguro era impellido por um pensamento occulto, por uma causa estranha que influia na sua mente.

Digamol-o com franqueza: o titulo de visconde de Porto Seguro o havia deslumbrado.

Desde logo, com o fim bem patente de perpetuar na sua descendencia a memoria de tão assignalada distincção, accrescentou ao seu nome de familia o de «Porto Seguro», pelo qual são hoje conhecidos seus filhos. Longe de o censurar por este facto, antes o applaudo como uma prova do apreço que lhe mereceu um titulo que era justa recompensa de grandes serviços prestados ao paiz, já como litterato, já como diplomata.

Parece, porém, que o affligia intimamente a idéa de que o seu viscondado não fosse o genuino Porto Seguro de Cabral. Em verdade todos os testemunhos historicos, e á testa delles a carta de Pero Vaz de Caminha, provam que a armada de Cabral ancorára naquella parte da Bahia de Santa Cruz, a que hoje chamam enseada da Corôa-Vermelha.

Foi perto de quarenta annos depois, que Pero de Campos Tourinho, vindo tomar posse da sua capitania, estabeleceu-se em uma collina que demora á margem esquerda do rio Buranhem, a duas leguas ao sul do porto em que ancorára a armada de Cabral, e ahi fundou a villa de Porto Seguro, nome da terra que lhe havia sido doada por dom João III.

Si a tal respeito pudesse pairar a menor duvida no animo do visconde de Porto Seguro, cumpria-lhe proceder com toda seriedade ao exame da questão.

Dispondo de um navio a vapor que o governo puzera á sua disposição, nada lhe teria sido mais facil do que dirigir-se do Buranhem á bahia de Santa Cruz, para poder fazer um estudo comparativo das duas localidades.

Si assim houvesse procedido, teria tido occasião

de reconhecer, desde logo, que cabe perfeitamente a uma bahia, e não a um rio a pintura que nos faz Vaz de Caminha do porto em que surgiu a armada de Cabral com sua entrada larga e alta de 6 a 7 braças e ancoragem de 5 a 6 braças.

Teria varificado a existencia d'esse ilhéo «que na bahia está», onde foi celebrada a primeira missa, e no qual pretendia Francisco Adolpho de Varnhagem que se erigisse um monumento commemorativo d'esse grande acontecimento. Teria visto o pequeno rio que alli se despeja, e á pouca distancia do qual «a dois tiros de bésta» foi plantada a Cruz com as armas e divisa d'el-rei.

E si tivesse então posto em parallelo á descripção pittoresca a hydrophica de Caminha com a de M. Mouchez, teria feito plena justiça á lealdade d'aquelle estimavel escriptor, quando afirmava a seu soberano que, «a ancoragem dentro é tão grande, tão formosa e tão segura que podem jazer dentro n'ella mais de 100 navios e náus»; e, certamente, Caminha não teria dito outro tanto do mesquinho ancoradouro do Buranhem, ainda quando as circumstancias hydrographicas d'este rio fossem taes que tivessem offerecido um abrigo á armada.

Pois bem; o que elle não fez, porque lhe era ocioso proceder a estudos, quando seu plano estava prévia e definitivamente traçado, fal-o-ei eu agora, em desempenho da tarefa a que me dediquei.

Attendamos para o que nos diz Mouchez ácerca da bahia de Santa-Cruz.

«Cette baie qui a sept miles de longueur sur deux ou trois de largeur, est protégée par une ligne de récifs paralléle á la plage, qui en fait, aprés Camamú, la meilleure rade de la côte entre Bahia et Rio. Elle est si peu fréquentée, qu'on peut dire qu'elle est restée jusqu'a ce jour á-peu-prés inconnue, même à la marine brésilienne; et aucune instruction n'en fait mention. si ce n'est pour dire, d'aprés Roussin, que la petite riviére qui y débouche est completement obstruée par les récifs nord de Porto-Seguro.

Cependant «la grande étendue et la sûreté de cette

rade», suffisamment abritée par ces récifs contre les mauvais temps qui n'ont jamais que peu de force et de durée dans ces parages, la commodité de sa petite rivière (rio Sernambityba ou de Santa Cruz) oú peuvent entrer sans aucune difficulté des navires de 3m. a 3m., 50 de tirant d'eau, semblaient la destiner á un avenir plus prospére sur une côte dénuée de tout autre abri.

«Elle jouit, du reste, d'une certaine célébrité historique, comme ayant été le point oú débarqua, le 24 de Avril 1500, Pedro Alvares Cabral, qui, deux jours avant, venait de découvrir le Brésil, en arrivant en vue du mont Pascal et de la côte du rio do Frade.

Ce navigateur signalait déjá la sûreté de cette rade par cette exclamation:

«Somos (*sic*) em Porto Seguro». d'oú vient le nom donné á cette côte.

«Il est vrai qu'une localité voisine dans le sud a plus tard usurpé ce nom»; mais le mouillage de Porto Seguro étant complétement ouvert du S. á l'E., il est d'autant moins probable que ce soit lá le point qui Cabral ait ainsi désigné, qu'aprés la tempête qu'il venait d'éprouver, et qui ne pouvait être que de la partie sud, il aurait fort mal mouillé á Porto-Seguro, tandis qu'il était parfaitement abrité dans la baie de Cabral.».

Passando a tratar dos recifes exteriores, diz M. Mouchez: «Il existe cinq récifs différents, situés entre les deux points extremes de cette baie e un peu en dehors de la ligne qui les joint. Ils laissent entre eux cinq passes, dont quatre sont assez profondes pour donner accés á des navires de toute dimension.

La cinquième, celle du N., près de la pointe San-Antonio, n'est praticable que pour les caboteurs qui filent le long de la côte en dedans des recifs Araripe, dont nous avons parlé plus haut.»

A maior das entradas que menciona M. Mouchez, comprehendida entre as Alagadas e o baixio da Corôa Vermelha, tem de largura 2 1/3 milhas.

Entre este baixio e o recife da Corôa-Vermelha existe a entrada meridional.

Foi, sem a menor duvida, por ella que entrou na bahia a armada de Cabral, e bem que menos larga que a outra cabia-lhe ainda assim a denominação de *entrada larga* que lhe dá Caminha, por ter mais de um kilometro de largura. O recife da Corôa-Vermelha forma a extremidade meridional da bahia; e ao sul d'elle, mui perto de terra, demóra um ilhéo de areia vermelha, sempre descoberto.

O mencionado recife, na direcção de N. N. E., fórma com a costa da bahia que se dirige ao N. O. um pequeno porto perfeitamente abrigado dos ventos do sul, e onde ha 6 a 7 metros de fundo.

«C'est dans cette anse, accrescenta M. Mouchez, que dût mouiller Cabral, et c'est sur ce petit ilot de sable de la Corôa-Vermelha qu'il debarqua la premiére fois pour faire dire une messe d'action de graces en présence d'une grande quantité d'indigénes accourus sur la côte voisine pour assister á cet spectacle.»

Nem tanto seria preciso para pôr em evidencia o erro que commetteu o visconde, contestando á bahia de Santa Cruz a honra de ter sido aquella a que Cabral impuzera o nome de Porto Seguro.

Entretanto, apezar de tudo, e ainda que não seja senão como simples motivo de curiosidade, passemonos agora para o Buranhem, e vejamos o que a respeito deste rio nos diz M. Mouchez: «Rio Buranhem anciennement nommé *Rio Cachoeira*, á cause de ses nombreuses cataractes, tire son nouveau nom d'un arbe trés commum sur ses rives. Il coule de la chaine des Aymorés et n'est navigable qu'a quelques lieues de son embouchure. Quand il arrive á la côte, il trouve, comme le rio Santa Cruz, tout le rivage devant la vallée barré par une chaine de rochers qui dévie son cours et l'oblige á remonter au nord, comme le fairait une digue ou un quai.

Il débouche á l'E. E. S. E. de la Matriz, par un canal de 200 métres de largeur et de 4 m. 30 á 4 m. 50 de profondeur á mer haute; á une mille, au dessus,

devant la ville, on trouve encore á mer haute 3 m, 50 á 4 métres d'eau; á mer basse il ne reste á l'embouchure que 1 m. 70 á 1 m. 80.

Les plus grands navires de cabotage peuvent donc entrer dans cette riviére pour s'y mettre á l'abri.»

Tal é o Buranhem, qual o descreve o sabio hydrographo, e qual o teria descripto Caminha, si d'elle houvesse tido conhecimento; rio tão estreito que o atravessavam a nado os cavallos dos viajantes, como o posso attestar por observação propria

E' esse o rio ao qual, no conceito do visconde, deu Caminha, o nome de *Bahia*, com entrada larga, e alta de 6 a 7 braças, e capacidade necessaria para conter duzentos navios e náus; entretanto que nelle podem apenas se abrigar navios de cabotagem—sumacas e patachos.

Como poderiam ter surgido em similhante ancoradouro as náus da expedição? O visconde procurou sanar esta difficuldade com argumentos sem a menor consistencia. Ouçamol-o:

«Quanto ao fundo em que dentro ancoraram, diz elle, o não passar hoje de Porto Seguro de tres a quatro metros, não será argumento em contra, para os que saibam que com as roças, todos os nossos portos, começando pelo de S. Vicente e Pernambuco, estão hoje consideravelmente mais areados que antes.» A isto responderei que já no tempo de Gabriel Soares, ha cousa de trezentos annos, os navios que entravam livremente no Buranhem eram de 60 tonéis; e este autor declara que os navios maiores limitavam-se a receber mais carga, e iam acabar de carregar em Santa Cruz.

Já se vê que o defeito vem de longe, e não é possivel admittir que entre o tempo da descoberta e aquelle em que escrevia Gabriel Soares, se tivessem deteriorado a foz e o ancoradouro do Buranhem a ponto de difficultar e impedir a entrada de navios de maior tonelagem.

Em falta de um ilhéo que representasse no Buranhem o da Corôa-Vermelha, recorre o visconde ao

recife que se acha á entrada da barra d'aquelle rio e lhe dá o nome hybrido de *recife ilhéo*.

Ora, um recife é cousa muito differente de um ilhéo. Recife, como bem o define o *Diccionario Maritimo Brasileiro*, é uma «cadeia de rochedos á flor d'agua, onde quebra o mar.»

Tratando d'aquelle accidente hydrographico ao qual hoje chamamos Coróa-Vermelha, diz Vaz de Caminha:

«N'este ilhéo, onde fomos ouvir missa e pregação, espraia muito a agua e descobre *muita areia e muito cascalho*.» E mais adiante:

«Foram alguns, em nós alli estando, buscar marisco e não o acharam; e acharam alguns camarões grossos e curtos entre os quaes vinha um muito grande camarão e muito grosso, que em nenhum tempo o vi tamanho; tambem acharam cascas de brigões (bribigões) e ameijoas, mas não toparam com nenhuma peça inteira.»

Na menção que faz dos materiaes de que se compunha o ilhéo, o minucioso escriptor falla da areia, do cascalho, das cascas de duas especies de molluscos, e nenhuma palavra nos diz a respeito de rochedos, que são a essencia dos recifes! E foi, como nos quiz fazer acreditar o visconde de Porto-Seguro, por cima d'esses rochedos, que constituem aquillo a que elle chamou *recife-ilhéo*, que se póde armar o esparavel á sombra do qual foi celebrada a missa de que nos dá noticia Caminha!

Tão seguro de suas convicções se considera o visconde, que afinal exclama com ufania:

«Não ha mais logar para hesitações. Esse grande porto (!) muito bom e muito seguro, em que entraram, e a que Caminha denomina tambem «bahia», é o chamado ainda hoje Porto-Seguro (!).

Basta. Seria innutil continuar na analise d'essa famosa dissertação, que offereceu ao Instituto Historico o visconde de Porto-Seguro.

Felizmente annexou elle ao seu trabalho a carta de Pedro Vaz de Caminha, pondo em seguimento ao erro o mais poderoso correctivo que se poderia

desejar. Leiam todos o precioso documento, tão digno da nossa admiração pela escrupulosa minuciosidade com que seu illustre autor narrou os factos de que foi testemunha, e encontrarão nelle a mais completa refutação dos argumentos produzidos pelo visconde de Porto-Seguro, em sustentação de sua these.

Aqui terminaria, si não me parecesse idonea a opportunidade para rectificar alguns erros commettidos por diversos autores que têm escripto sobre a descoberta do Brazil.

E' o que passo a fazer.

«Primeira rectificação.—Sobre a data da descoberta do Brazil». João de Barros na sua 1.ª «Decada» e outros autores depois delle, pretendem que esse acontecimento tivera logar a 24 de Abril de 1500. Guiaram-se evidentemente pelo roteiro do piloto anonymo que faz parte da collecção de Ramusio. (Delle navigazioni e viaggi).

Alli se acha, com effeito, assignalada aquella data. Vaz Caminha nos diz, porém, na sua memoravel carta que houveram vista de terra na quarta-feira 22, de Abril. O roteiro do piloto dá a essa mesma quarta-feira a data de 24 de Abril.

Basta um ligeiro exame para reconhecer que ha erro do citado roteiro, devido certamente a defeito do copista, do traductor ou do impressor. Em tudo o mais ha perfeita concordancia entre as datas de Caminha e do piloto, desde a sahida do Tejo até que de Porto-Seguro seguiram para a India.

«Segunda rectificação.—Sobre o ponto da costa em que ancorou a armada, no dia 23 de Abril.» Caminha nos diz simplesmente que a ancoragem teve logar a meia legua de terra, em fundo de 9 braças, e «em direito á boca de um rio».

Que rio será esse? Ayres do Cazal pretende, não sei com que fundamento, que se trata do rio do Frade. Não posso acceitar similhanta opinião, por diversos motivos:

1.º porque, segundo Caminha, no dia seguinte, 24 de Abril, pelas 8 horas, pouco mais ou menos, da manhã, levantou ancoras a armada, seguiu para o

norte, e sendo pela costa obra de 10 leguas, chegaram, pouco antes do pôr do sol, á entrada da bahia, na qual já se tinham abrigado os navios pequenos. Ora, do rio Frade á enseada da Coróa-Vermelha ha apenas a distancia de 20 milhas, isto é, 5 leguas de 15 ao gráo, que era a legua usual n'aquelle tempo, e portanto, metade da distancia mencionada por Caminha; e para vencel-a, não era preciso um lapso de tempo tão consideravel como o que gastaram nessa singradura, tanto mais que reinava o S. E., e lhes era portanto favoravel o vento;

2.° porque, referindo-se a esse rio, o piloto anonymo o qualifica de rio pequeno («fiume piccolo»), qualificação que se pode applicar a um riacho, mas não ao rio do Frade, o qual si tem em verdade uma barra má, é, todavia, bastante largo e navegavel no seu interior, como o sei por experiencia propria, e o confirma M. Mouchez;

3.° porque todas as barreiras da parte da costa comprehendida entre o rio do Frade e a enseada da Coróa-Vermelha, são de côr vermelha.

Ao sul do rio do Frade, as primeiras barreiras brancas que se encontram são as de Juassema, ás quaes se seguem as barreiras vermelhas de Juriquara e mais ao sul as brancas do Cahy. Ora, Caminha, na descripção que faz da costa, diz o seguinte: «traz ao longo do mar, em algumas partes, grandes barreiras dellas vermelhas e dellas brancas.» Está claro que elle não teria feito menção de observações, se limitado ás que ficam ao norte do rio do Frade. Foi, portanto, muito ao sul deste rio que teve logar a ancoragem do dia 23.

4.° porque o monte Paschoal, visto do N. N. e de L., como o observou M. Mouchez, se apresenta como um unico massiço isolado, e só visto do S. E. se reconhece que é acompanhado de outros montes menos elevados. Si Caminha o tivesse visto do parallelo do rio do Frade que lhe fica ao N. E., ou tambem do Corumbá a léste não teria visto a respeito delle «um monte mui alto e redondo e de outras serras mais baixas ao sul delle.»

Para fazer esta descripção do monte Paschoal cumpria tel-o observado do S. E., isto é, de um ponto muito ao sul do rio do Frade. Parece-me provavel que o Cahy é aquelle rio de que falla Caminha, tanto mais que dista 40 milhas da enseada da Corôa-Vermelha, e, portanto, 10 leguas de 15 ao gráo, e lhe cabe bem o qualificativo de «fiume piccolo» que lhe dá o piloto anonymo.

E si não é o Cahy o rio a que se refere o citado piloto, não sei que outro possa ser; mas em todo o caso nunca poderemos, pelas razões allegadas, tomar como tal o rio do Frade.

«Terceira rectificação.—Sobre a singradura do dia 24 de Abril». A este respeito nos diz Caminha:

«Fômos de longo, e mandou o capitão aos navios pequenos que fossem mais chegados á terra, e que se achassem pouso seguro «para as náos», amainassem; e sendo nós pela costa obra de 10 leguas donde nos levantamos, acharam os ditos navios pequenos um recife com um porto dentro muito bem e muito seguro, com uma «mui larga entrada», e metteram-se dentro e amainaram, e as náos arribaram sobre elle, e um pouco antes do sol posto amainaram obra de uma legua do recife e ancoraram-se em 11 braças.

«E sendo Affonso Lopes, nosso piloto, em um d'aquelles navios pequenos, por mandado do capitão, ser homem vivo e dextro para isso, metteu-se logo no esquife a sondar o porto dentro, e tomou em uma almadia dois daquelles homens de terra, etc.»

Está claro que esse porto, de que falla Caminha, é aquelle em que já estavam ancorados os navios pequenos a espera das náos, as quaes effectuaram, com effeito, a sua entrada no dia seguinte.

E senão, vejamos ainda o que em continuação do seu roteiro, refere Caminha:

«Sabbado pela manhã, mandou o capitão fazer véla, e fomos «demandar a entrada», a qual era mui larga e alta de 6 a 7 braças.» E' evidente que a singradura daquelle dia foi directa.

Nem Caminha, nem o piloto anonymo alludem a

qualquer porto intermediario em que tivesse entrado parte da armada.

Assim o entendeu Ayres do Cazal, e nem ha outro modo de o entender. Entretanto, M. Mouchez, tratando deste assumpto, paraphrasêa do seguinte modo a narração de Caminha: «Aprés avoir parcouru une dizaine de lieues, les caravelles rencontrent une *embouchure* de rivière formée par un récif, en dedans duquel ils trouvent un excellent petit port parfaitement abrité, elles y entrent. Mais les grands navires sont obligés de rester mouillés en dehors, á 1 lieue ou large, par 11 brasses de fond. Des relations pacifiques s'établissent immédiatement avec les indigénes qui sont la tribu des Tupiniquins.

Mais Cabral trouvant sans doute ce mouillage trop peu abrité, bien qu'il ait donné au port le nom de *Porto-Seguro*, appareille de nouveau.

Le lendemain, 25, il va mouiller dans l'excellent rade, qui a conservé depuis le nom de *Bahia Cabralia.*»

E' da maior inexactidão tudo isso que diz M. Mouchez; e não ha uma só palavra na carta de Caminha, nem tão pouco no roteiro do piloto anonymo, que autorize nem sequer a suspeita de que antes da chegada á bahia de Santa Cruz tivessem os navios pequenos entrado em outro qualquer porto, e muito menos no rio Buranhem, ao qual certamente allude M. Mouchez.

Os navios pequenos tinham ordem de procurar um *pouso seguro para as náus*, e ainda quando, seduzidos pelo aspecto da costa, tivessem tentado entrar nesse rio, desde que, reconhecido pela sondagem que elle não dava entrada ás náus, era do seu dever regressar sem perda de tempo, do contrario expunham-se a um naufragio sem possibilidade de salvação.

E, demais, havia uma razão poderosissima para que os navios pequenos não navegassem em direcção ao valle do Buranhem. Ao norte da barra desse rio ha, como bem o sabe M. Mouchez, uma serie de re-

cifes, que se estendem a tres milhas para o mar; teria sido mais que imprudencia, teria sido uma verdadeira necessidade da parte dos capitães e pilotos, em meio de um temporal de S. E., irem-se collocar a barlavento desses rochedos.

Assim, pois, desde que os navios pequenos que iam na vanguarda, sentiram, pelo embate do mar, a presença daquelles recifes, outra cousa não tinham a fazer senão afastarem-se delles e continuarem a sua navegação para o norte, como com effeito o fizeram, até chegarem á altura dessa bahia a que deram o nome de Porto Seguro.

O visconde de Porto-Seguro tirou todo o proveito possivel do erro em que cahiu M. Mouchez, e affirma que entraram no Buranhem, não só os navios pequenos, como tambem as proprias náus.

Já demonstrei a impossibilidade de similhante facto. Segundo M. Mouchez, deu Cabral a dois ancoradouros differentes o nome de Porto-Seguro sendo o primeiro o de Buranhem, e o segundo o da enseada da Corôa-Vermelha; e quanto a este attribue aquelle navegante esta phrase incorrecta: «*Somos em Porto Seguro*»; e, finalmente, diz ainda que a enseada da Corôa-Vermelha conserva, desde então, o nome de *Bahia Cabralia*, o que é inexacto, porque, como já o disse, foi Ayres do Cazal quem lhe deu essa denominação, a qual é portanto de data mui recente, e tanto assim que ainda não se tornou vulgar.

Por sua parte, o visconde de Porto-Seguro designa tres ancoragens diversas para a armada descobridora: a primeira, como já o fiz ver, é a enseada da Corôa-Vermelha ou Bahia Cabralia, que fórma a parte mais meridional da bahia de Santa-Cruz, e nisso está de accordo com a descripção de Caminha; a segunda, como se vê de uma nota á pag. 72 da 2ª edição da sua *Historia Geral do Brazil*, foi esse porto entre a Ponta-Gorda e a foz do Buranhem, abrigado da banda do mar, por varias restingas, na mais secca das quaes se teria effectuado o acto da posse.

Cumpre advertir que entre a bahia Cabralia e o Buranhem não ha nem porto, nem restinga de qua-

lidade alguma, e são portanto inteiramente arbitrarios os accidentes por elle apontados. A terceira ancoragem, completamente impossivel, foi a do rio Buranhem. Parece incrivel que em face de um documento tão authentico, como o é a carta de Pedro Vaz de Caminha, ainda se commettam erros desta laia Entretanto, devo dizel-o, M. Mouchez é por este lado mui desculpavel.

Aquelle documento, com a sua phraseologia antiga e ainda mais com a sua orthographia sediça, torna-se um tanto abstrusa para as pessoas não versadas na lingua portugueza; e foi por isso que M. Mouchez nem sempre o entendeu. Seria para desejar que o sabio hydrographo fizesse desapparecer estes senões em alguma nova edição de sua admiravel obra *Les cotes du Brésil*.

«Quarta rectificação—*Sobre o motivo que determinou a descoberta casual do Brazil*».

Attribuem esse acontecimento a diversas causas: 1°, instrucções secretas de D. Manoel, em virtude das quaes devia Cabral, no seu trajecto para India, explorar os mares occidentaes em procura de terras desconhecidas; 2°, a necessidade que sentia Cabral de evitar as calmarias da costa de Guiné; 3°, correntes maritimas e erros de navegação. Seja como fôr, o que é hoje bem sabido é que não foi a isso obrigado por um temporal. Nem Caminha, nem o piloto anonymo fallam de similhante phenomeno. Desde a partida do Tejo, até o dia 23 de Abril de 1500, em que ancoraram na costa da terra de Santa-Cruz, teve a armada uma viagem serena. Na noite desse dia declarou-se um temporal do S. E., que obrigou a armada a procurar um abrigo ao norte. Esse temporal occasionou a descoberta de Porto-Seguro (enseada da Corôa-Vermelha), mas não a do Brazil, que já tinha sido descoberto a 22 daquelle mez. A asserção em contrario da parte de alguns historiadores é o resultado de uma sensivel confusão.

Quinta e ultima rectificação. Sobre o logar em que Cabral mandou plantar a Cruz.—O Visconde de Porto-Seguro nos diz, tanto na primeira como na segunda

edição da sua «Historia Geral do Brazil», que foi em um morro visinho que se levantou a Cruz com a divisa do venturoso rei D. Manuel. M. Mouchez, por seu turno, affirma que a Cruz foi plantada no logar o mais elevado da costa, onde está hoje a egreja de Santa Cruz. Tudo isso é inexactisssimo.

Sabemos por Caminha que a Cruz se ergueu na praia, ao sul e á pequena distancia (a dois tiros de bésta) do pequeno rio que alli desembocca. O piloto anonymo assim se exprime a respeito deste estabelecimento: «il capitano andó in terra e mandó a fare una croçe molto grande de legno e la mandó e piantare nella spiaghia.» Estão, portanto, no mais perfeito accordo as duas testemunhas do facto. Ora, do ponto em que ancorára Cabral ao morro onde se acha a egreja matriz da Villa de Santa-Cruz, ha uma distancia de tres milhas, e si M. Mouchez tivesse entendido a carta de Caminha, teria reconhecido que os portuguezes não fizeram tão longa romaria para effectuar o acto de posse, assignalado pela Cruz, com as armas e divisa do rei de Portugal. Na sua *Dissertação* nos diz agora o visconde, em retractação da sua primeira opinião: Quanto ao local, em que no dia 1° de Maio e com assistencia já dos indigenas, se disse a segunda missa, junto á Cruz de madeira inaugurada «com as armas e divisa de S. A., que lhe primeiro pegaram», contentemo-nos agora com a certeza de que não foi (como até agora nos havia feito crer *certa tradição*) o alto desse morro, onde depois Pero do Campo fundou a primeira villa, e onde ainda hoje está a matriz e a casa da camara da actual villa, mas sim pelo rio acima «contra o sul» na distancia do rio, obra de dois tiros de bésta.»

Ao criterio dos moradores da ribeira ou bairro inferior da villa de Porto-Seguro, deixamos a tarefa de dissertar acerca de qual haverá sido ao justo essa paragem, tendo presentes as palavras do mencionado Pero Vazde Caminha, cuja carta escripta ao rei, *deste* PortoSeguro, constitue por si só neste ponto, como em tudo o mais, a chronica mais minueiosa e authentica que possuimos deste descobrimento, ao passo

que é ao mesmo tempo, o documento mais venerando da historia patria.» Faço o mesmo conceito do merito de Caminha; e emquanto existir esse documento precioso será debalde qualquer tentativa que se puzer em jogo para estropiar a historia do descobrimento da nossa querida patria.

CONCLUSÃO

Não só pelo lado historico, como tambem considerada em suas relações economicas, é digna de estudos sérios a antiga capitania de Porto-Seguro. Nada, porém, temos feito neste sentido. Si possuimos uma carta hydrographica daquella parte da nossa costa, devemol-a às explorações de um sabio francez, M. Mouchez; mas seu inestimavel trabalho ainda deixa muito a desejar, em tudo aquillo que interessa á topographia do littoral, tanto mais que as denominações locaes estão em geral completamente estropiadas, o que augmenta as difficuldades de quem procura estudar aquella região.

Entretanto, é ella dotada de uma esplendida bahia, além de outros ancoradouros que servem á navegação e ao commercio. Seus mares são piscosos, e como taes aproveitados pelos incolas, os quaes fazem, com effeito, da pesca uma das suas principaes industrias; são ferteis suas mattas de madeiras de construcção; salubre o seu clima.

Si fossem geralmente reconhecidos esses recursos naturaes, de ha muito teriam elles attrahido a attenção do governo em prol da colonisação. Infelizmente tem sido a indifferença a partilha daquelle paiz que, o primeiro na America, saudou o estandarte da nação portugueza, e foi a origem do imperio brazileiro.

Tive, ha alguns annos, a idéa de visitar, mais uma vez, aquellas paragens, com o fim de proceder a alguns estudos que tivessem por objecto rectificar a carta de sua costa, determinar a altitude e a posição do monte Paschoal, assignalar o logar em que foi plantada a Cruz, como padrão glorioso da memoravel

descoberta; e, finalmente, indicar as localidades que, por sua situação e recursos, melhor se prestassem a um plano de colonisação.

Era mais um serviço feito á *Carta Archivo* de que estou encarregado.

Fui applaudido por todos aquelles a quem communiquei o meu pensamento, e reconheci com satisfação que não me faltariam collegas dedicados á realisação delle; e bem que não seria grande a despeza para pôr em effeito similhante commettimento, nem assim deixou elle de ser um mero desejo, como outros tantos que me preoccupam, quando se trata de ser util ao nosso paiz.

O Sr. Comm. Oliveira Catramby, em sua conferencia feita na Sociedude de Geographia do Rio de Janeiro, na sessão de 1 de Agosto de 1895, deu a *ultima de mão* sobre o assumpto, confirmando os argumentos do general Rohan, de modo a inutilisar completamente a «Memoria» do Visconde de Porto Seguro.

Em relação ao ponto em que Cabral desembarcou, si no *lagamar* de Porto-Seguro, ou na enseada de Santa Cruz, diz o illustrado Sr. Catramby: (*)

«Saber o lugar verdadeiro da chegada de Cabral ao Brazil é um assumpto que, quem conhecer navegação e consultar os trabalhos do nosso littoral como os mais exactos até hoje conhecidos do almirante francez Mouchez, e comparar estes trabalhos com a Carta que Pero Vaz Caminha escreveu ao Rei de Portugal da «Ilha de Vera Cruz» em 1º de Maio de 1500, encontrará a verdade do ponto em que Cabral denominou *Porto-Seguro* ou *Porto do bom abrigo*; hoje Porto de Santa Cruz em que o grande geographo francez apresenta em seus trabalhos o ancoradouro exterior, a grande enseada, denomi-

(*) Rev. da Sociedade de Geog. do Rio de Janeiro, vol. XI, 1895.

nando-a de—Bahia Cabralia da entrada do rio para o Sul, e para o Norte— de Bahia de Santa Cruz.

A carta de Caminha não falla em latitudes nem em longitudes do lugar, e quando as tivesse ellas seriam inuteis á vista das observações daquelle tempo.

A derrota de Cabral não existe, e o terremoto de Lisboa em 1755 foi a causa do desapparecimento de tão precioso documento: a verdade é si nada mais existisse do que a Carta de Caminha escripta de Santa Cruz, ella só nos levaria com toda exactidão ao ponto desejado.

E para que fique resolvido de uma vez o verdadeiro ponto em que Cabral desembarcou em terras do Brazil, em que alguns escriptores tanto divergem, pelo motivo da não existencia da derrota do mesmo Cabral, desapparecida dos Archivos em 1755 no reinado de D. João I motivado pelo grande terremoto dessa época, tenho presente um documento de 1709, quarenta e seis annos antes dessa grande catastrophe, em que prova o seu autor ser o Porto de Santa Cruz o primeiro desembarque de Cabral, e não o Porto Seguro, como alguns affirmam.

A autoridade deste livro é a maior de todas as excepções, por ser escripto pelo Cosmographo Mór do Reino e Senhorios de Portugal, Manuel Pimentel.

Esta autoridade, como Cosmographo Mór do Reino, tinha á sua disposição os documentos necessarios e pelos quaes publicou o grande livro a «Arte de Navegar», livro de grande formato e escripto com exactidão como o affirmam as licenças nelle escriptas, não só do Santo Officio, como do Rei.

Diz o livro a paginas 302:

«Derrota para Porto Seguro.

Indo de Setembro até Março para Porto Seguro em tempo, que reinam os Nordestes, ireis buscar terra por 15 gráos e meio até dois terços.

Nestas paragens, que é entre os Ilhéos e Porto-Seguro, está um rio, que chamam *Rio Grande*, o qual tem tres barras capazes para *sumacas*, e delle começam os baixos de Santo Antonio, muitos dos quaes são sobreagudos.

Ireis correndo estes baixos pela banda do mar ao sul; e como fordes no cabo dos recifes, que são sete, e se podem contar, se faz uma aberta, por onde se entra para o Porto de Santa Cruz, onde ancorárão as primeiras náos, que descobrirão o Brazil.

Entra-se a Oeste com a sonda na mão por 10 braças; e indo tanto avante, que vos fiquem os recifes ao mar, ficareis em rio morto em um reconcavo grande, que tem pela banda do sul uma ponta de arêa, fazendo um formoso porto com 9 e 10 braças de fundo.»

Eis aqui a descripção perfeita, igual em tudo com os trabalhos hidrographicos ultimamente feitos pelo almirante Mouchez no nosso littoral, com excepção das sondas, em que a quasi quatro seculos deverão ter diminuido».

Continuando com a descripção da derrota diz:

«Tres legoas deste porto ao sul fica a barra de Porto-Seguro, onde hoje está a povoação.

Para entrar neste porto, ireis correndo os baixos pela banda do mar ao sul; e como estiverdes no fim delles, estareis Léste Oeste com a villa, indo-vos chegando a terra com resguardo, e surgireis de 12 até 8 braças.

Adverti, que tanto a vante como o Rio Grande, em que acima se falla, está uma baixa, pelo que, quem fôr a Porto-Seguro para os Ilhéos, vá affastando de terra 4 a 5 legoas.»

Na mesma Arte de navegar ensina que nos mezes de Setembro até Março deve-se demandar a costa por 15 gráos e meio e tres quartos, porém nos mezes de Março e Setembro, demandar-se-á por 17 gráos não passando por maior altura por motivo dos baixos dos abrolhos, a ver sempre o Monte denominado Paschoal, sendo esta a monção de Cabral em que o acaso o levou a avistar a terra, o mesmo Monte Paschoal, por serem as brisas dos quadrantes do Sul como justamente aconteceu com a navegação que este fizera para ancorar no porto de Santa Cruz, tendo navegado para o Norte, logo que deu com o baixo de Itacolomy o que não o faria si o vento fosse do Nordeste.

Pimentel, como Cosmographo Mór do Reino, escreveu este livro, que foi apresentado á commissão de Santo Officio em 1709, isto é, quarenta e seis annos antes do terremoto de Lisboa, deveria por necessario consultar a derrota de Cabral nessa época existente para escrever um livro de Navegação, e a derrota de Porto Seguro.

Eis aqui o documento tambem importantissimo, de um dos mais distinctos geographos o almirante Mouchez, que tanto trabalhou para nos dar os melhores trabalhos do nosso littoral em uma grande collecção de mappas, e como este documento tem toda a analogia com a descripção da carta de Caminha.

Diz Mouchez em seu livro sobre a costa do Brazil a paginas 88 e 89 o seguinte:

«A Bahia de Santa Cruz, que tem 7 milhas de comprimento por 2 a 3 de largura, é protegida por uma linha de recifes paralielos á costa que faz depois de Camamú o melhor porto da costa entre a Bahia e Rio de Janeiro, é tão pouco frequentada que pode-se dizer que é até hoje muito pouco conhecida, mesmo da marinha brazileira e nem uma instrucção delle faz menção, talvez porque, segundo Roussin, o riacho que ahi desembocca está completamente obstruido pelos recifes do norte de Porto-Seguro.

Entretanto a grande extensão e segurança deste porto, sufficientemente abrigado por estes recifes contra o mau tempo que não é muito forte e duravel nessas paragens, a commodidade de seu ancoradouro aonde podem entrar navios de tres, a tres e cincoenta, metros de calado, parece destinado a um futuro mais prospero, sobre uma costa desprovida de qualquer outro abrigo.»

Eis, Senhores, o Porto a que Cabral chamou *Porto de bom abrigo* ou *Seguro para ancorar a sua frota* e que o actual Porto-Seguro não apresenta condição alguma pela qual se possa suppôr, que foi este em que ancorara Cabral, muito principalmente a descripção que delle faz Caminha, confrontada com a carta do almirante francez Mouchez.

Actas das sessões e Offertas

64ª SESSÃO, EM 16 DE ABRIL DE 1899

Presidencia do Exm. Sr. Cons. Dr. Salvador Pires

Aos 16 dias do mez de Abril de 1899, nesta cidade do Salvador, Bahia de Todos os Santos, no salão do Instituto, á 1 hora da tarde. presentes os socios Cons. Drs. Salvador Pires, presidente, e João Nepomuceno Torres, 1° secretario, Dr. Satyro Dias e Cons. Dr. Pedro Mariani, vice-presidentes, Dr. Braz do Amaral, orador, Dez. Thomaz Montenegro, Drs. Silva Lima, Alfredo Cabussú e Innocencio Góes, Conego Manfredo de Lima, Capitão Ferreira Braga, thesoureiro, Henrique Praguer, Comm. Salvador Pires, professor Austricliano Coelho, Horacio Urpia, Nicolau Tolentino, Eduardo Carlgé, Alfredo Soledade e Isaias Santos, 2° secretario, foi aberta a sessão, sendo lida e approvada sem debate a acta da sessão anterior.

O expediente constou do seguinte:

Officios: Do presidente e secretario da Associação Commercial enviando a relação da Directoria eleita e empossada a 16 de Janeiro do corrente anno; do secretario do interior do Estado do Amazonas enviando um exemplar do relatorio da Secretaria e repartições annexas, apresentado ao Governador em Janeiro do corrente anno; do Director da Bibliotheca

do Estado do Pará enviando o seu relatorio; do Director da repartição de estatistica e do archivo do Estado de S. Paulo enviando um exemplar do relatorio correspondente ao anno de 1897, contendo dados sobre as condições demographicas, economicas, intellectuaes e moraes da população paulista no referido anno; e do 1º secretario da Sociedade Nacional de Agricultura communicando que, logo que seja decidida em ultima instancia a acção judicial que a Sociedade Nacional de Agricultura move ao Sr. Ennes de Souza, que continúa a reter bens a ella pertencentes, remetterá os numeros pedidos, de 1 a 6, d'*A Lavoura*, os quaes estão retidos indevidamente na Casa da Moeda.

Cartas: Do Dr. Bibliothecario da Faculdade de Direito do Recife pedindo o n. 10 da *Revista* que falta á collecção; do Director do Museu de La Plata accusando o recebimento do n. 18 da *Revista*; do cidadão José Ribeiro do Amaral enviando 2 exemplares de cada uma de suas obras «*O Estado do Maranhão em 1896 e Apontamentos para a historia da Balaiada na provincia do Maranhão*», as quaes foram enviadas á commissão respectiva para dar parecer: do socio Dr. Miguel de Teive e Argollo, director da Estrada de Ferro do S. Francisco, offerecendo um mappa da antiga parochia de Alagoinhas e adjacentes, encontrado no archivo da mesma freguezia e que, segundo consta, fôra organisado pelo seu primeiro vigario, padre Pontes, o qual escreveu um livro com a chronica semanaria da localidade, livro que se deve encontrar hoje, segundo informações obtidas, em mãos de quem estiver o archivo do conego Antonio Martins da Silva Telles, ha pouco tempo fallecido; e do socio capitão Cezar de Cerqueira, residente na Feira de Sant'Anna, enviando para o Instituto um pilão de pedra de 0,^{m}65 de altura e 1,^{m}27 de circumferencia, acompanhando-o uma descripção sob o titulo—«Grande Artefacto Lithico», que deixa de ser lida, porque, como observou o Sr. Cons. 1º Secretario, já se acha impressa na *Revista* a distribuir-se.

Em seguida, foi lido o parecer da commissão de

admissão de socios, e sendo submettido á votação por escrutinio secreto foram acceitos e proclamados como socios correspondentes e honorario os seguintes cidadãos: Socio honorario o Cons. Francisco Joaquim Ferreira do Amaral, residente em Lisboa; socios correspondentes os Drs. Antonio de Paula Freitas, do Rio de Janeiro, João Pereira Monteiro, de S. Paulo, Pedro Leite Chermont, de Belém (Pará), Dr. Joaquim Aureliano Sepulveda, residente em Sabará, Minas-Geraes, e o cidadão Alfredo F. Rodrigues, do Estado do Rio-Grande do Sul.

O Dr. Silva Lima, presidente da commissão do centenario do Brazil, com a palavra, diz que, em satisfação ao programma do Instituto, a Commissão já havia escripto para Lisboa sobre a edição especial autographica e typographica da carta de Pedro Vaz de Caminha e que espera trazer ao Instituto uma solução favoravel; que em relação á cruz de pedra, havia se entendido com o nosso consocio Dr. Argolo, director da Estrada de Ferro de S. Francisco, para mandar preparal-a, e que para organisação da Polyanthéa e da Memoria Historica sobre o povo indigena da Bahia, havia a Commissão convidado os consocios Dr. Innocencio Munoz e professor Borges dos Reis.

O Instituto deliberou approvar as medidas já tomadas pela Commissão, resolvendo autorisal-a a agir, livremente e com poderes plenos, sobre o assumpto, de modo que possa entender-se directamente com o Governo do Estado sobre o n. 8 do programma, no que respeita ao reconhecimento local e descriptivo dos pontos do littoral, relacionados com o descobrimento do Brazil.

Pelo Sr. Cons. Dr. Presidente foi dito que a Mesa havia deliberado não solemnisar este anno o anniversario do Instituto, como de costume, por se achar o predio, onde o mesmo vae funccionar, em obras dispendiosas e ter sido iniciado o trabalho de catalogação dos livros, resolvendo que nesse dia fosse celebrada uma sessão ordinaria.

O Instituto approvou essas deliberações.

Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão, e de tudo, para constar, eu, 2º Secretario, lavrei a presente acta e assigno.—Isaias de Carvalho Santos. Approvada em sessão de 3 de Maio de 1899.—*Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque.—João Nepomuceno Torres.—Isaias de Carvalho Santos.*

OFFERTAS

Mez de Abril

—Pelo Sr. *José da Nova Monteiro*: Uma collecção encadernada da *Revista* do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, de 1839 a 1872 (35 vols.);—De Martens, collecção de Tratados, 12 vols., Historia Geral da Diplomacia Franceza, 7 vols.; Tratados de Paz y Commercio por Alejandro del Cantillo, Madrid, 1843, 1 vol.; O Valle do Amazonas por Tavares Bastos; Historia do Progresso do Direito das Gentes na Europa e na America por H. Wheaton, 1846, 2 vols.; Droit des Gents por Martens, 1831, 2 vols.; Meisel, Curso de estylo diplcmatico, 1823, 2 vols.; Memoria offerecida ao congresso de Venezuela, 1860, sobre o tratado de limites e navegação fluvial entre o Brazil e a Venezuela, 1 vol.; Direito das Gentes Moderno da Europa por Kluber, 1 vol. 1831; Exploração official desde o norte da America do Sul até o Rio de Janeiro de 1855 a 1859 por Michelena y Rójas, 1 vol. (1867); Recopilação das leis dos Reinos das Indias, mandadas imprimir por D. Carlos II, Madrid, 1841, 1 vol.; 3 grossos vols., contendo artigos da imprensa do Rio da Prata sobre a Guerra do Paraguay, de 1865 a 1868.

—Miscelanea, contendo uma Memoria sobre as Questões de limites entre o Imperio do Brazil e a Republica de Nova Granada pelo Cons. Duarte da Ponte Ribeiro, 1870; a Collecção diplomatica dos tratados celebrados pelo Perú com as nações estrangeiras desde a sua independencia até 1858; Expo-

sição sobre as questões pendentes entre o Perú e o Equador, Lima, 1869.

—Miscelanea, contendo a Collecção dos tratados celebrados pela Republica da Bolivia com os Estados estrangeiros por José Gutierrez, Santiago, 1869.

—Miscelanea, contendo os Relatorios dos Secretarios do Interior e Justiça de Venezuela, em 1844, da Faz. em 1857, das Relações exteriores em 1857; Const. Politica de Nova Granada e Leis de 1858, e o Tratado de Paz entre o Governo Provisorio da Confederação Argentina e o Governo de Buenos-Ayres em 1853.

—Miscelanea, contendo os opusculos:
Ephemerides sangrentas da dictadura de Juan Manuel Rosas; Documentos relativos á declaração de guerra do Governo Argentino ao do Paraguay; Tentativas para a pacificação da Republica Oriental do Uruguay por A. Lamas, 1865; Alliança do Brazil e das Republicas do Prata contra o Governo do Paraguay por J.Long, Paris, 1866; Memorias secretas da Princeza do Brazil D. Carlota Joaquina escriptas por seu secretario D. José Presas, Montevidéo, 1858; As Provincias ante a Côrte por Marcellino Ugarte, Buenos-Ayres, 1866.

—Miscelanea, contendo um opusculo sobre o Guano por F. R., Paris, 1860; Relatorio do Governo do Perú sobre uma expedição ao interior da Republica, Lima, 1868; Regulamento do serviço consular do Perú, 1864; O magnetismo terrestre no Perú, por Soldan, 1869.

—Miscelanea, contendo: Exposição relativa ao canal interoceanico de Panamá ao congresso dos Estados Unidos da Columbia em 1869; Revoluções de Roma, (Memorias do celebre diplomata D. José Nicoláo de Azara), Madrid, 1847; O bombardeamento de Valparaizo e Combate de Callao—documentos officiaes, Paris, 1866; As Antilhas Espanholas ante as nações civilisadas, Caracas, 1869.

—Miscelanea, contendo a Missão especial do Cons. J. A. Saraiva ao Rio da Prata em 1864; Correspondencia trocada entre o governo imperial e o da Republica Argentina relativa aos tratados cele-

brados entre o Brazil e o Paraguay, Rio, 1872; Um caminho de ferro através dos Andes, Paris, 1874; Questão sobre Asylo apresentada ao Congresso do Perú, 1867; Questão de limites entre o Chile e a Republica Argentina, Valparaizo, 1874; Limites da Bolivia e Chile.

—Miscelanea, contendo a correspondencia diplomatica relativa a varias reclamações apresentadas ao Congresso do Perú em 1870; Sobre assumptos com a Bolivia em 1870; Expedição ao interior do Perú pelo engenheiro Juan Nystrom em 1868; Questões Politicas que ha tido a Republica Boliviana (1826 a 1868) por J. Gutierrez, Santiago, 1869.

—Miscelanea, contendo a Questão de Limites entre a Bolivia e o Brazil por José Gutierrez em 1868; Tratado de amizade, limites, navegação e extradicção entre o Brazil e a Bolivia em 1867; Questão de limites entre o Chile e a Bolivia por Amunategui, 1863; Refutação ao opusculo—Questão de limites entre o Equador e o Perú por Modesto Basadré, Lima, 1860; Colombia, Brazil e Perú, Questão de Limites, por Pedro Moncayo, Valparaizo, 1862.

—Miscelanea, contendo varios opusculos contra a Companhia de Consignação do Guano na Inglaterra pela Commissão dos delegados fiscaes do Perú, 1872, e sobre o contracto com a casa Dreyfus & C. em 1869.

—Miscelanea, contendo «Navegação do Amazonas», resposta á Memoria de Maury por M. De Angelis, Caracas, 1857; Collecção de Documentos relativos á navegação fluvial do Rio da Prata, Amazonas e seus confluentes por um sul-americano; e de varios Documentos extrahidos do ministerio das relações exteriores do Brazil com o fim de definir a sua politica para com os Estados visinhos e amigos,—Caracas, 1857.

—Miscelanea, contendo—«Navegação do Uruguay» por Pereira Pinto, Rio, 1863; O Paraguay por Charles Quentin, Paris, 1865; Carta de Watson Webb, ministro plenipotenciario dos E. U. sobre o Brazil, dirigida a Bramley-Moore, em 1863; Mensangem do Governo de Buenos-Ayres ao Congresso em 1844;

Documentos historicos sobre a conspiração de Quinteros (Uruguay) em 1858.

—Miscelanea, contendo as Memorias de Don Felix de Azara sobre a historia do Paraguay e do Rio da Prata, Madrid, 1847; La Crisis de 1866, ou os effeitos da Guerra dos Alliados, Paris, 1866; Papeis do Tirano del Paraguay tomados pelos alliados em 27 de Dezembro de 1868, Buenos-Ayres, 1869; Estudo sobre a idéa de uma liga americana por J. A.—Lima, 1864: Questões do Rio da Prata, pelo Dr. José Avelino do Amaral, Rio, 1869; As 4 derradeiras noites dos Inconfidentes de Minas (1792) por A. de Pascual, Rio, 1868.

—Miscelanea, contendo—Um Juizo sobre o acontecimento que teve logar em Caracas em 24 de Janeiro de 1848; Un Recuerdo de Colombia, Caracas, 1856; Interesses, Perigos e Garantias dos Estados do Pacifico nas regiões orientaes da America do Sul, Paris, 1866; Resposta ás cartas do Dr. Alberdi sobre os interesses argentinos na guerra do Paraguay, Buenos-Ayres, 1865; Documentos relativos á declaração da guerra, Buenos-Ayres, 1864; Navegação dos rios affluentes do Prata—Buenos-Ayres, 1857; Relações entre a Hespanha e os Estados do Rio da Prata, Madrid, 1861, por D. Jacintho Albistur; A Politica brazileira no Rio da Prata ante as calumnias do Partido Blanco, Buenos-Ayres, 1864.

—Miscelanea, contendo «Perú y Equador», questão internacional, Lima, 1861; Terrenos Baldios do Equador, 1858; Discursos do Barão de Cotegipe, Tratados de Assumpção, Rio, 1873; Um Episodio da Revolução de 1854 no Perú, Lima, 1855; Correspondencia trocada entre o Governo imperial e o da Republica Argentina relativa aos tratados com o Paraguay, Rio, 1872.

—Miscelanea, contendo a «Historia do Direito Romano de Giraud», em castelhano pelo Dr. F. Jimenez, Valencia, 1854; Refutação ao Relatorio da Commissão do Senado de Nova Granada sobre o tratado de amizade e limites da Republica com o imperio do Brazil; Questão promovida pelos agentes

consulares da França e da Inglaterra em Nova Granada (1858).

—Miscelanea, contendo—«O Chile em 1858» por André Cochut; Discurso pronunciado em La Paz no dia 2 de Dezembro de 1867 pelo padre Dr. Escobari em acção de graças pelo natalicio de D. Pedro II; A Guerra do Prata em 1865 (Londres, 1865); A esquadra e a opposição parlamentar por Affonso Celso, Rio, 1868; Relatorios da repartição de estrangeiros do Brazil em 1836 e 1845; Relatorio sobre os actos da commissão mixta para conhecer e decidir das reclamações norte-americanas contra a Venezuela, 1868.

—Miscelanea, contendo—«Tableau General de la Province de Saint-Paul» par Auguste de Saint-Hilaire, Paris, 1851; Vespuce et son premier voyage par F. A. de Varnhagen, Paris, 1858; Relatorio ao Congresso de 1858 da Venezuela sobre o estado das relações exteriores, emigração e instrucção publica; Tratado de paz, amizade e limites entre a Republica Mexicana e os Estados Unidos. 1848; Exame de alguns pontos da Historia Geographica do Brazil por Varnhagen, Paris, 1858; Discursos do Cons. Cruz Jobim em 1848 na Camara dos Deputados do Brazil.

—Miscelanea, contendo «Questão de limites entre a Republica Argentina e o Governo do Chile» por Manoel Ricardo Trelles, Buenos-Ayres, 1865; Proclamações de Simão Bolivar, libertador da Colombia, New-York, 1853; As Relações dos Governos Inglez e Brazileiro, Londres, 1865; Corographia do Chile para uso dos emigrantes dos Estados-Unidos e da Europa por Daniel Hunter, New-York, 1866, com um mappa; Relatorios das relações exteriores do Brazil em 1841, 1843 e 1845; Resenha dos principaes portos de commercio da costa da Republica Dominicana por F. A. R., Santo Domingo, 1853.

—Pelo Director da Secretaria dos negocios do interior do Estado do Amazonas: Relatorio apresentado ao Governador do Estado do Amazonas pelo Secretario dos negocios interiores, em 1898.

—Pela *redacção do Diario da Bahia*: Indicador Geral da Viação do Brazil, por J. Cateysson; O

Echo da liberdade, por Salles Souza, Saudação a Ruy Barbosa em sua visita ás officinas do *Diario da Bahia*, pela redacção e corpo typographico da mesma folha.

—Pelo cidadão *João Ribeiro do Amaral*: Apontamentos para a historia da revolução da Balaiada, na provincia do Maranhão, parte 1ª 1837 a 1839; O Estado do Maranhão em 1896, pelo offertante.

—Pelo socio *Nicolau T. Carneiro da Cunha*: Quatro cedulas paraguayas de 3 pesos, e um tinteiro de metal que pertenceu ao General Rasquin, na Campanha do Paraguay.

—Pelo cidadão *Gœtz de Carvalho*: Monographias Patrias e Cabral perante a historia, pelo offertante.

—Pela *Secretaria do Interior*: Um Mappa da divisão judiciaria do Estado da Bahia, 1899.

—Pela *Directoria Geral de Estatistica*: O Recenceamento do Estado do Alagoas em 31 de Outubro de 1896.

—Pelo socio *Cons. Guimarães Cerne*: 30 vols. de sua obra—*Ordenações em vigor*, e uma moeda de cobre, portugueza, cunhada em 1731.

—Pelas *respectivas redacções*: Revista Portugueza Colonial e Maritima, n. 18, 3º vol.; Bulletin de la Societé de Geographie Commerciale de Bordeaux, ns. 6, 7 e 8; Boletin de la Sociedad Geografica de Madrid, n. 17, 1899; Revista Maritima Brasileira, n. 9, 1899; Bulletin de la Societé de Geographie Commerciale du Havre, 4º trim. de 1898; La Cultura Geografica (Firenze, Italia) n. 5; Revista do Museu Paulista, vol. 3, 1898; Bulletin of the American Geographical Society, n. 1 vol. 31; The National Geographic Magazine, ns. 3 e 4, vol. 10; Revista dos Tribunaes (Bahia) n. 4, vol. 14; Boletino de la Sociedad Geografica de Madrid, ns. 10, 11 y 12, Tomo XL; Comptes Rendus de Seances, n. 2, Fevereiro, 1899.

65ª SESSÃO EM 3 DE MAIO DE 1899

SESSÃO ORDINARIA EM COMMEMORAÇÃO DO 5º ANNIVERSARIO DA INSTALLAÇÃO DO INSTITUTO

Presidencia do Exm. Sr. Cons. Salvador Pires

Aos 3 dias do mez de Maio de 1899, á 1 hora da tarde, nesta cidade do Salvador, Bahia de Todos os Santos, no salão do Instituto, presentes os socios: Cons. Drs. Salvador Pires, Luiz Vianna, João Torres, Filinto Bastos, Eduardo da Silva e Braulio Xavier, Drs. Satyro Dias, Braz do Amaral, Abilio de Carvalho, Faria Rocha, Octacilio Santos, Mello Mattos, Innocencio Góes, João Cerqueira, Fernando Koch, Alfredo de Andrade, Alfredo Cabussú, Octaviano Barretto, Arlindo Fragoso, Julio da Gama, Reis Magalhães, Silva Lima e Julio Barbuda, Conegos Ludgero Pacheco e Manfredo de Lima, Padre Luiz da França, Professores Torquato Bahia, Elias Nazareth, Borges dos Reis e Austricliano Coelho, Commendador Joaquim Manuel de Sant'Anna, Major Sabino Pedreira, Capitão Ferreira Braga, Eduardo Carigé, João Freire, Barbosa Coelho, Octaviano Soledade, Eloy Guimarães, Henrique Praguer, Castro Menezes, Pharmaceutico Alvaro da Motta e Silva, Isaias Santos, e grande numero de visitantes, cujos nomes constam do livro de presença, entre os quaes o distincto litterato Henrique de Coelho Netto, foi pelo Sr. Cons. Presidente declarado estar aberta a sessão, sendo convidado o Exm. Sr. Cons. Luiz Vianna, Governador do Estado, a tomar assento á meza.

Foi lida e approvada sem debate, a acta da sessão anterior.

O Sr. Cons. 1º Secretario declarou que o expediente constava de duas propostas, a saber: uma, assignada pela commissão especial do Centenario, propondo para socio correspondente o distincto litterato brazileiro, Henrique de Coelho Netto, residente na Capital Federal, e a outra, assignada por numero

legal de socios, indicando para socio effectivo o Dr. Julio Afranio Peixoto, as quaes foram com urgencia remettidas á commissão respectiva.

Em seguida o Sr. Cons. Presidente expoz os motivos por que havia convocado a sessão, sessão ordinaria, sem a commemoração festiva do costume, referindo-se ao que se passou na ultima sessão, em que ficou deliberado não fazer-se festa por causa das grandes despezas que o Instituto está fazendo com as obras de adaptação do predio que adquiriu; e passando a apresentar ao Instituto o distincto litterato Sr. Henrique de Coelho Netto, fez a este as mais justas e honrosas referencias, congratulando-se com o mesmo Instituto pela visita que lhe fazia esse illustre homem de lettras, cujo elogio certamente seria feito pelo orador official.

Dada a palavra ao Dr. Braz do Amaral, orador do Instituto, fez este, novamente, a apresentação do Sr. Coelho Netto, a quem a commissão incumbida das festas do centenario da descoberta do Brazil havia proposto para socio correspondente, como uma homenagem ao seu merecimento; referiu-se aos trabalhos dessa commissão para a commemoração daquelle grandioso acontecimento, salientando o auxilio que tem ella encontrado por parte do Governo do Estado, nomeadamente com a designação do cidadão Major Salvador Pires de Carvalho e Aragão, e do consocio Alfredo Soledade para, no Sul do Estado, fazerem os estudos necessarios á resposta de quesitos apresentados; e leu parte de importante memoria historica sobre o Castello da Torre de Garcia d'Avila, na Comarca da Matta de S. João, neste Estado, que foi ouvida com geral satisfação.

Sendo lidos os pareceres da Commissão de admissão de socios sobre as propostas, pouco antes apresentadas, foram approvados, por escrutinio secreto, os cidadãos propostos, sendo então proclamados, pelo Sr. Cons. Presidente, como socio correspondente o Sr. Henrique de Coelho Netto e como socio effectivo o Dr. Julio Afranio Peixoto.

Pedindo a palavra o Sr. Coelho Netto, agradeceu

a sua acceitação para socio do Instituto, e, alongando-se em considerações, manifestou sua gratidão á Bahia pelo modo cavalheiresco porque o recebeu, e, particularmente, referiu-se ao papel importantissimo que ao Instituto cabe representar em todos os departamentos de sua actividade; sendo, ao terminar, muito felicitado.

Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão ás 2 1/2 horas da tarde, e de tudo, para constar, eu, 2º Secretario, lavrei a presente acta e assigno.— Isaias de Carvalho Santos.

Approvada em sessão de 14 de Maio de 1899.— *Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque.—João Nepomuceno Torres.—Isaias de Carvalho Santos.*

66ª SESSÃO, EM 14 DE MAIO DE 1899

Presidencia do Sr. Cons. Salvador Pires

Aos 14 dias do mez de Maio de 1899, nesta cidade do Salvador, Bahia de Todos os Santos, no salão do Instituto, á 1 hora da tarde, presentes os socios Cons. Drs. Salvador Pires, João Torres e Filinto Bastos, Drs. Innocencio Góes, Alfredo Cabussú e Julio da Calasans, Capitão Ferreira Braga, Coronel Barbosa Coelho, Commendadores Salvador Pires e Joaquim Manoel de Sant'Anna, Horacio Urpia, Eduardo Carigé, Henrique Praguer, Eloy Guimarães, Nicolau Tolentino e Isaias Santos, foi aberta a sessão, sendo lida e approvada sem discussão a acta da sessão anterior.

O expediente constou da seguinte communicação feita pelo Sr. Cons. Dr. João Torres, 1º Secretario, relativa a diversas offertas feitas ao Instituto, a saber:

Pelo mesmo conselheiro, 1º Secretario: Um mappa dos Estados Unidos do Brazil, desenhado e gravado sob a direcção do Barão do Rio Branco; pelo socio Eduardo Carigé, e organisadas por elle,—Coordenadas Geographicas da costa do Estado da Bahia, pelo

meridiano do Rio de Janeiro: pelo Dr. Vieira Lima, «Atalá» de Chateaubriand com os desenhos de Gustavo Doré, traducção de Guimarães Braga; pelo socio professor Borges dos Reis, o Almanak do Estado da Bahia para 1899, organisado pelo mesmo; pelo socio Major Sabino Pedreira, uma moeda de prata de 1696, portugueza, de 320 rs.; pelo socio Dr. Isaias Santos duas moedas da Republica do Uruguay, uma de bronze e outra de prata; e pelo cidadão coronel Raymundo Magalhães dois tembetás encontrados no municipio dos Poções e uma amostra de pedras de ferro das serras do municipio.

O Sr. Cons. Presidente declarou o motivo da sessão, que fôra convocada na fórma dos Estatutos, para a eleição da meza administrativa e das commissões para o exercicio de 1899 a 1900; mas, por não haver numero legal de socios presentes, convocava nova reunião para o proximo domingo, devendo ser feitos os convites pela imprensa.

Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão ás 2 horas da tarde, e de tudo, para constar, eu, Isaias de Carvalho Santos, 2º Secretario, lavrei a presente acta que vae devidamente assignada.

Approvada em sessão de 21 de Maio de 1899.—*Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque.—João Nepomuceno Torres.—Isaias de Carvalho Santos.*

67ª SESSÃO, EM 21 DE MAIO DE 1899

Presidencia do Exm. Sr. Cons. Salvador Pires

Aos 21 dias do mez de Maio de 1899, nesta cidade do Salvador, Bahia de Todos os Santos, no salão do Instituto, a 1 hora da tarde, presentes os socios: Cons. Drs Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, João Nepomuceno Torres, Pedro Mariani e Filinto Bastos, Drs. Deocleciano Ramos, Bonifacio Faria Rocha, José Octacilio dos Santos e e José Julio de Calasans, Conego Manfredo Alves de

Lima, Pharmaceutico Luiz Filgueiras, Coronel Ernesto Barbosa Coelho, Capitão Francisco Gomes Ferreira Braga, Eloy Guimarães, Commendador Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, Henrique Praguer, Major Sabino Pedreira do Couto Ferraz, abriu-se a sessão, sendo approvada sem discussão acta da sessão anterior.

Não houve expediente.

O Sr. Cons. Presidente deu noticia do fallecimento do socio fundador Cons. Dr. João Baptista Guimarães Cerne, no dia 7 do corrente mez, e, depois de fazer as mais justas referencias aos serviços por elle prestados ás lettras patrias, propoz que se inserisse na acta um voto de pezar por tão infausto acontecimento, o que foi unanimemente approvado.

Em seguida o Sr. Cons. Dr. Filinto Bastos, pedindo a palavra, leu a communicação feita por Ernesto de Sá Bittencourt Camara Junior a mandado de seu pae, coronel Ernesto de Sá Bittencourt Camara, residente na cidade de Camamú, deste Estado, offerecendo ao Instituto um camafeu de louça brazileira feito pelo bacharel José de Sá Bittencourt Accioly, alguns annos antes de 1773, representando o retrato de D. Maria I de Portugal; lendo tambem apontamentos biographicos, referentes ao mesmo bacharel Accioly.

Em seguida, pelo Sr. Cons. Presidente, foi dito que, na fórma dos Estatutos, ia-se proceder a eleição da meza e das commissões, e, começando a votação, depois de concluida a chamada, verificou-se haver sido recebidas 16 cedulas para cada votação, e, sendo apuradas, deram o seguinte resultado:

Para Presidente: Cons. Salvador Pires, 15 votos; Dr. Satyro Dias, 1.

Para 1º Vice-Presidente: Dr. Satyro de Oliveira Dias, 15 votos; Cons. Pedro Mariani, 1.

Para 2º Vice Presidente: Cons. Pedro Mariani 14 votos; Conselheiro Filinto Bastos, 2.

Para 1º Secretario: Cons. João Nepomuceno Torres, 15 votos; Francisco Calmon, 1.

Para 2º Secretario: Dr. Isaias de Carvalho Santos, 15 votos; Cons. Filinto Bastos, 1.

Para Supplentes de secretario: Dr. Abilio de Magalhães Carvalho e Major Aloysio de Carvalho, 16 votos a cada um delles.

Para Thesoureiro: Capitão Francisco Gomes Ferreira Braga, 15 votos; Eloy Guimarães, 1.

Para Orador: Dr. Braz Hermenegildo do Amaral, 15 votos; Dr. Octaviano Muniz Barretto, 1.

Para Substituto do orador: Cons. Dr. Filinto Justiniano Ferreira Bastos, 13 votos; Conego Manfredo Alves de Lima, 3.

Commissões:

Admissão de socios: Dr. Alfredo Cezar Cabussú, Dr. Abilio de Magalhães Carvalho e Professor Austricliano Francisco Coelho, 14 votos cada um, havendo 2 cedulas em branco.

Fundos e Orçamento: Horacio Urpia, 14 votos; Commendador Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque e Eloy de Oliveira Guimarães, 13 votos cada um, e duas cedulas em branco.

Redacção da Revista: Dr. Reis Magalhães e Dr. Innocencio Munoz de Araujo Góes, 14 votos cada um; Cons. Dr. João Nepomuceno Torres, 13; Cons. Dr. Filinto Bastos, 1 e duas cedulas em branco.

Manuscriptos e Documentos: Dr. Antonio Calmon du Pin e Almeida, 14 votos; Cons. Filinto Justiniano Ferreira Bastos e Conego Manfredo Alves de Lima, 13 cada um; Dr. Deocleciano Ramos, Padre Luiz da França dos Santos, 1 cada um e duas cedulas em branco.

Geographia, Historia e Etnographia: Cons. Dr. Pedro Mariani, 14 votos; Dr. Francisco Marques de Góes Calmon, 13; Pharmaceutico Luiz Filgueiras, 12; Henrique Praguer, 1 e Conego Ludgero dos Humildes Pacheco 1, havendo duas cedulas em branco.

Estatistica e Demographia: Engenheiro Affonso Glycerio da Cunha Maciel e Pharmaceutico Adolpho Diniz Gonçalves, 14 votos cada um; Dr. José Alvaro Cova, 13; Dr. Deocleciano Ramos 1 e duas cedulas em branco.

Topographia e Archeologia: Dr. Julio da Gama. Professor Torquato Bahia e Henrique Praguer, 14 votos cada um, havendo duas cedulas em branco.

Philatelia, Numismatica e Ceramica: Professor Elias de Figueiredo Nazareth e Dr. Manoel Bonifacio da Costa, 14 votos cada um; Dr. Bonifacio de Aragão Faria Rocha, 13 e duas cedulas em branco.

Mappas, Retratos e Cartas Geographicas: Professor Antonio Alexandre Borges dos Reis e Alfredo Octaviano Soledade, 14 votos cada um; Conego Ludgero dos Humildes Pacheco, 13; Dr. José Julio de Calasans, 1 e duas cedulas em branco.

Biographias: Dr. Joaquim dos Reis Magalhães, Dr. Manoel Joaquim de Souza Britto e Dr. Guilherme Pereira Rebello, 14 votos cada um.

Findo o processo eleitoral, foram proclamados pelo Sr. Cons. Presidente como eleitos os socios mais votados, e empossados os membros da meza. que se achavam presentes.

Pelo socio Dr. Isaias Santos foram offerecidos em nome do Engenheiro Genesio Sampaio Neves diversos *specimens* do reino mineral para serem distribuidos pelas secções respectivas e entre elles um machado de ferro pertencente a indigenas do Piauhy, bem como um *specimen* de pedra hume em bruto, extrahido de uma jazida, tudo do logar denominado S. João do Piauhy, no Estado do Piauhy.

Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão ás 2 1/2 horas da tarde; e de tudo, para constar, eu, Isaias de Carvalho Santos, 2º Secretario, lavrei a presente acta e assigno.—Isaias de Carvalho Santos.

Approvada em sessão de 25 de Junho de 1899.—*Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque.—João Nepomuceno Torres.—Isaias de Carvalho Santos.*

———

OFFERTAS

Mez de Maio

—Pelo socio Dr. *Guilherme Studart:* Revista Hydrotherapica do systema Kneipp, 3º anno, n. 2, 1899; Adolpho Caminha e a sua obra litteraria (discurso pronunciado na sessão commemorativa do «Centro litterario» em 8 de Fevereiro de 1897), Lei organica do Centro Cearense; Quadro synoptico dos Nomes Indo-Brazileiros, sua reivindicação e pórórócas, pelo Conego Raymundo Ulysses de Pennafort; Boletim Trimestral do Centro Cearense, ns. 1, 2 e 3 de Maio de 1898 a Janeiro de 1899.

—Pela *Secretaria do Interior, Justiça e Instrucção Publica*: Relatorio do Director da Secretaria do Interior, Justiça e Instrucção Publica apresentado ao Dr. Satyro de Oliveira Dias.

—Pelo Dr. *Alfredo Barros*: Obras completas do Marquez de Santa Cruz, Arcebispo da Bahia, D. Romualdo Antonio de Seixas, dadas á estampa pelo Padre Romualdo Maria de S. Barroso, 1 vol.

—Pelo socio *Eduardo Carigé*: Coordenadas geographicas da costa do Estado da Bahia pelo meridiano do Rio de Janeiro, e pelo mesmo organisadas.

—Pelo socio Cons. *João Torres*: Um mappa dos Estados Unidos do Brazil, desenhado e gravado sob a direcção do Barão do Rio Branco.

—Pelo Dr. *Vieira Lima*: «Atalá» do Visconde de Chateaubriand com os desenhos de Gustavo Doré, traducção de Guilherme Braga; Pernambuco ao Marquez de Pombal, em commemoração do 1º centenario do grande estadista, numero unico, pela commissão executiva do Gabinete Portuguez de Leitura.

—Pelo socio Professor *Borges dos Reis*: O Almanak do Estado da Bahia para 1899, 2º anno, pelo mesmo organisado.

—Pelo socio Major *Sabino Pedreira*: Uma moeda de prata de 1696, de 320 rs., portugueza.

—Pelo socio Dr. *Isaias Santos:* Duas moedas, sendo

uma de prata de dez cent. da Republica do Uruguay.

—Pelo cidadão Coronel *Raymundo de Magalhães*: 2 tembetás encontrados no municipio dos Poções e uma amostra de ferro das serras do mesmo municipio.

—Pelo Sr. *José Luiz da Fonseca Magalhães*: Doutrina do Real, por Prospero Pichard; Resumo da Historia da Pedagogia, por Cirne Junior; O Centenario do Infante D. Henrique; Considerações sobre o Presente e o Futuro de Portugal, por Nogueira Soares; Juristas Philosophos, Criminologia e Epochas e individualidades, por Clovis Bevilaqua; Origens Poeticas do Christianismo e Antologia Portugueza, por Theophilo Braga; Contos tradicionaes do povo portuguez, por Theophilo Braga; Os naufragos das ilhas Auckland, por F. E. Raynal; Guarda Nacional, por Josino do Nascimento; Historia Antiga, por João Ribeiro; O Vandalismo no Rio Grande do Sul, por Euclydes Moura; A Obra Prima da Irmandade da Misericordia do Porto, por Cherubino Lagôa; A Synagoga no Porto por Cherubino Lagôa; Cousas do Mar.

CONS. GUIMARÃES CERNE

Consignando nas paginas da *Revista* os traços biographicos do illustrado magistrado e consocio Cons. João Baptista Guimarães Cerne, presta o «Instituto» merecida homenagem á sua memoria.

Espirito jovial e de grande erudição, distinguiu-se sempre pela probidade e rectidão de caracter no exercicio das altas funcções que conquistára por merecimento proprio, e pelo seu animo altivo contra toda sorte de oppressões.

Poeta de merecimento notavel, era no tráto intimo lhano e affavel, grangeando a estima de seus collegas e amigos, principalmente quando apreciava com ditos chistosos os homens e as coisas do seu tempo: era igualmente um parente distincto e um pae de familia exemplar.

D'*A Vida Valenciana* extractamos as notas biographicas do illustre conterraneo, quando registrou o seu passamento.

Filho legitimo do coronel José de Oliveira Guimarães e de D. Leopoldina Rosa de Pinho Guimarães, já fallecidos, nasceu o Cons. João Baptista Guimarães na cidade de Valença, deste Estado, a 24 de Junho de 1846.

Falleceu na cidade da Bahia a 7 de Maio do corrente anno de 1899, com 53 annos incompletos...

Em Fevereiro de 1858 entrou para o Gymnasio Bahiano sob a direcção do Dr. Abilio Cezar Borges, onde fez o curso de preparatorios, dando sempre as mais brilhantes provas do seu talento.

Seu pae destinou-o á carreira ecclesistica, cursando no seminario de Santa Thereza, a qual aban-

donou logo por falta de vocação, seguindo em 1864 para o Recife, em cuja academia de Direito formou-se em 1870.

Na jornada academica, foi um dos academicos mais populares e estimados, sendo as suas producções poeticas publicadas em livro—*Favos e Travos*—, muito apreciadas pelo humorismo que as distinguia, e que mereceram de Tobias Barretto honrosos elogios.

Depois de formado, abriu banca de advogado em Valença, e dedicando-se á magistratura exerceu os cargos de promotor nas comarcas de Ilhéos e Taperoá; e juiz municipal e de orphãos nos termos de Valença e Porto-Seguro.

Foi juiz de direito nas comarcas de Botucatú, S. Paulo, em 1880, que se achava conflagrada; Porto-Calvo, em Alagoas, do Rio Pardo, em Minas, Camamú e Matta de S. João, na Bahia.

Na orgrnisação da magistratura estadual em virtude da Lei n. 15 de 1892, foi aproveitado para juiz do Tribunal de 1ª instancia, que mais tarde foi extincto, passando os juizes a exercer funcções de juiz de direito em varas privativas.

Depois de brilhantes provas em dous concursos, foi nomeado conselheiro do Tribunal de Appellação e Revista em 1897, publicando por essa occasião sob o titulo—*Ordenações em vigor*—paciente e volumosa compillação das Leis Philippinas.

Nesse cargo, foi forçado a aposentar-se um anno depois, por estar physicamente inhabilitado para o serviço publico, a que consagrou mais de 25 annos.

No regimen monarchico, filiado sempre ao partido liberal, exerceu mais as funcções de chefe de secção da Secretaria do Governo da Bahia, por instancias do presidente Cruz Machado, secretario do governo do Paraná e chefe de policia de Sergipe.

Como litterato, fazia parte de associações scientificas e litterarias, e collaborou em varios jornaes publicando versos humoristicos de bastante merecimento, dos quaes se destacam «*Os Puffs de um Sertanejo* sobre a interminavel estrada de ferro do Joazeiro».

Deixou ineditos, um trabalho que destinava ás escolas primarias—farta collecção de enigmas—adaptados á intelligencia infantil, escriptos em espirituosos versos, e um diccionario de rimas nacionaes, infelizente incompleto.

Foi casado em primeiras nupcias com a Exma. Sra. D. Maria Augusta Gomes da Silva, filha do Dr. José Gomes da Silva, de Nazareth, e poetisa distincta.

Deste consorcio, que teve logar em Fevereiro de 1872, não deixou filhos.

Em segundas nupcias, a 6 de Agosto de 1881, desposou D. Marcolina Cardoso, distincta alumna-mestra diplomada pela Escola Normal, e professora publica da cadeira da Barra, nesta capital, da qual se havia demittido por esse motivo.

E' filha do fallecido desembargador Sebastião Cardoso, uma das glorias da magistratura brazileira.

Deixa desse consorcio seis filhos menores, um dos quaes cursa com distincção o Gymnasio da Bahia.

E' mais uma perda que o «Instituto» lamenta, associando-se á sua Exma. familia, e aos nossos distinctos consocios seus dignos irmãos e cunhados.

NOTICIARIO

Predio do Instituto. Isenção de decimas

«A commissão de Justiça tomando em consideração a petição da direcção do *Instituto Historico e Geographico da Bahia*:

Considerando ser de inteira justiça o que a mesma direcção pede, principalmente quando todas as associações têm obtido deste Conselho favores identicos, é de parecer que, attendendo á utilidade dos serviços reaes prestados ás lettras patrias, seja adoptado o seguinte projecto de lei:

O Conselho Municipal da capital da Bahia decreta:

Art. 1.º Fica isento do pagamento de decima urbana o predio n. 13, sito á Praça *15 de Novembro*, pertencente ao *Instituto Historico e Geographico da Bahia.*

Art. 2.º A presente isenção vigorará desde o 2.º semestre do corrente anno.

Art. 3.º Revogam-se as disposições em contrario.

Bahia e sala das Commissões, 20 de Dezembro de 1898.—*Manuel Querino.*—Dr. *Glycerio Velloso.*—

LEI N. 355

O Conselho Municipal da capital da Bahia decreta:

Art. 1.º Fica isento do pagamento da decima urbana o predio n. 13, sito á Praça *15 de Novembro*, pertencente ao *Instituto Geographico e Historico da Bahia.*

Art. 2.º Revogam-se as disposições em contrario.

Paço do Conselho Municipal da capital da Bahia, 22 de Maio de 1899.—(Assignado) Dr. *Manuel de Assis Souza*, vice-presidente.—*Sergio Severiano da Cunha*, 1º secretario.—*Manuel Raymundo Querino*, 2º secretario.

Publique-se e cumpra.

Gabinete da Intendencia Municipal da capital da Bahia, 30 de Maio de 1899.—(Assignado) Dr. *Antonio Victorio de Araujo Falcão.*

Centenario do Brazil

Ao eminente bahiano Dr. Ruy Barbosa, dirigiu a commissão do «Instituto Historico», incumbida dos festejos de commemoração do descobrimento do Brazil, a seguinte carta:

«Bahia, 12 de Maio de 1899.—Exm. Sr. Cons. Ruy Barbosa.—A commissão executiva nomeada pelo *Instituto Geographico e Historico da Bahia* para dar cumprimento ao programma da commemoração do 4º centenario do descobrimento do Brazil, tem a honra de saudar a V. Ex. e pede desculpa de interromper por momentos a attenção que V. Ex. presta aos altos interesses da nossa patria commum.

Estando incluida nesse programma uma edição especial illustrada da carta de PEDRO VAZ CAMINHA AO REI D. MANUEL, por ser um documento primordial da historia do Brazil, a commissão resolveu edital-a em Lisboa, onde se conserva o original, reproduzindo-a em *fac simile*, e em seguida em orthographia moderna; mas, para realçar o valor deste preciosissimo documento, ella julgou indispensavel ornal-o com um prefacio traçado por penna amestrada e de reconhecida proeminencia entre as dos nossos mais celebrados escriptores contemporaneos.

E' este valiosissimo subsidio que a commissão vem solicitar do patriotismo de V. Ex. e de seu amor á terra que se desvanece de lhe ter sido berço, na esperança de que, dignando-se acceitar este pedido,

concorra para abrilhantar a festa bahiana, commemorativa do primeiro contacto da civilisação européa com a barbaria dos povos que occupavam o Brazil pre-historico.

Tendo de attender ao prazo de tres mezes, ou até o fim de Agosto, no maximo, fixado pelos editores de Lisboa, para a remessa de autographos, photographias e informações e ao numero limitado de paginas que comporta a edição contractada, a commissão vê-se na contingencia de ajuntar ao seu pedido estas restricções de tempo e de espaço, que lhe foram impostas, e que, sendo benevolamente acceitas, importarão um segundo favor, que duplicará para com V. Ex. a divida do seu reconhecimento.

(Assignados) Dr. *José Francisco da Silva Lima.—Satyro Dias.— Pedro Mariani Junior. —Horacio Urpia.*—Conego *Manfredo Alves de Lima.—Aloysio de Carvalho.*—Dr. *A. A. de Andrade.—Antonio A. Borges dos Reis.*—Dr. *Braz do Amaral.*

A commissão de nove membros, eleita pelo *Instituto* para promover os meios de commemorar o 4.º centenario da descoberta do Brazil, de accordo com um dos numeros do programma assentado, solicitou do Sr. Dr. Governador do Estado, a nomeação de pessoas habilitadas para fazerem uma descripção exacta, o que até hoje não existe, de Vera Cruz, onde aportaram as naves que nos trouxeram a civilisação européa.

Sua Ex. accedendo a este tão justo pedido, escolheu o Sr. Major Salvador Pires e Aragão e o Sr. Alfredo Soledade photographo, que farão um estudo minucioso, photographando pontos que isso mereçam.

SECRETARIA DO INTERIOR, JUSTIÇA E INSTRUCÇÃO PUBLICA

De ordem do Exm. Sr. Cons. Governador do Estado, nomeio uma commissão composta do engenheiro major Salvador Pires de Carvalho e Aragão e Alfredo Octaviano Soledade, para proceder sobre

o littoral deste Estado, onde ancorou a esquadra de Cabral, aos estudos e as averiguações necessarias para a elucidação das questões que se referem ao descobrimento do Brazil, de accordo com as indicações offerecidas pelo «Instituto Historico e Geographico da Bahia».

Secretaria do Interior, Justiça e Instrucção Publica do Estado da Bahia, 28 de Abril de 1899.— Dr. *Satyro de Oliveira Dias.*

A commissão formulou os seguintes pontos para serem estudados pela commissão nomeada pelo governo.

Como se vê da relação abaixo publicada, os interessantes trabalhos confiados ao Sr. major Salvador são inteiramente novos, não tendo encontrado a commissão documento algum a respeito, que lhe pudesse servir de subsidio á execução da parte do programma que se refere á memoria commemorativa do descobrimento.

1.—Desenho de toda a costa de Santa Cruz, para o norte principalmente.

2.—Sendo possivel, deve ser sondada a bahia para dentro do recife, de Porto-Seguro, para o norte até a Corôa-Vermelha, em diversos pontos, assim como o braço de mar ou canal que fica entre a Corôa-Vermelha e a terra firme.

Como este trabalho é quasi irrealisavel agora, bastará nas proximidades de Santa Cruz para o norte.

3.—Aquarella de toda a zona que nos interessa, de modo a obter a tonalidade em côr dos verdes e das areias, etc., o que é necessario para que o trabalho que se vae fazer na Europa não represente uma costa de Portugal sem *nuances* que não sejam nacionaes.

4.—Um mappa comprehendendo toda a bahia Cabralia.

5.—Tirar photographias (si fôr possivel do mar)

ou em falta, de alguns pontos que se prestem, de modo a termos reproducção, em maré cheia e vazia, da Corôa-Vermelha e da costa, o que nos dará tambem o relevo da terra, e idéa da altura da serra que se levanta a pouca distancia do mar, etc.

6.—Explorar a terra firme, procurando verificar si existe algum marco ou pedra deixada alli antigamente, assim como qualquer inscripção que por ventura exista em alguma pedra, etc.

7.—Verificar qual o ponto (fonte ou riacho) em que ha agua, e que foi, portanto, onde se abasteceu a esquadra de Cabral, e que é de presumir não tivesse ancorado longe desse ponto.

8.—Procurar verificar qual o ponto da costa que melhor se poude prestar para a celebração da missa, e especialmente para a collocação do padrão ou grande cruz de madeira, que alli deixaram os portuguezes, pois é de presumir que tivessem escolhido algum promontorio ou ponto mais elevado e descoberto para ser bem visto, especialmente do mar.

9.—Descrever, o mais minuciosamente que fôr possivel, toda aquella parte da costa, o seu estado actual, povoamento e, si fôr possivel, explorar para o interior, procurar vestigios dos indios que portuguezes alli encontraram.

10.—Indicar precisamente onde deve ser assentada a cruz de pedra, que para lá vamos mandar. Si será melhor collocal-a na Corôa-Vermelha ou na terra firme, ou si será mais conveniente proximo á entrada do porto de Santa Cruz.

Não se deve perder de vista que ella deverá ficar em ponto tal, que permitta vel-a bem do mar.

11.—Procurar na costa interior ou praia da bahia Cabralia, o ponto ou pontos em que podiam ter atracado com facilidade os botes ou lanchas dos navios da esquadra, pois é natural que procurassem angras, calhêtas ou surgidouro, si por ventura toda a praia não é accessivel.

12.—Prestar attenção neste estudo, e informar-se dos pescadores de Santa Cruz, quaes os ventos rei-

nantes nos mezes de Abril e Maio, e quaes os pontos que nesta quadra dão melhor desembarque.

13.—Procurar informações seguras e estudar, não só tudo o que possa interessar sobre as correntes oceanicas na costa, especialmente nas proximidades da bahia Cabralia, como saber quaes as variações reinantes em fins de Abril e principios de Maio e quaes os logares ou atracação a embarcações pequenas dentro da Bahia.

14.—Trazer em photographias e aquarellas a idéa mais completa do Monte Paschoal, sendo as chapas tiradas em horas differentes e devendo as aquarellas indicar os diversos aspectos do monte em tempo claro e encoberto, quando elle se descortina todo do mar, ou quando se acha parcialmente envolto em cinzeiro ou nevoas.

PROJECTO DE LEI PARA AS DESPEZAS DO CENTENARIO

Em sessão de 2 de Junho foi apresentado o seguinte projecto na Camara dos Deputados, abrindo o credito para as despezas do Centenario:

Art. 1.º Fica o governo do Estado auctorisado a abrir um credito extraordinario até cem contos de réis para as despezas a fazer com o centenario da descoberta do Brazil.

Art. 2.º Revogam-se as disposições em contrario.

Em camara, 2 de Junho de 1899.—*J. Octacilio.—Francisco Eulcão.—Marciano Sampaio.—Sallustiano Vianna.—Cerqueira Lima.—Fernando Koch.—Oliveira Porto.—Souza Britto.*»

CONCURSOS LITTERARIOS A PREMIO

A commissão executiva da commemoração do 4º centenario do descobrimento do Brazil, na Bahia, pela commissão para esse fim especialmente eleita, declara abertos dois concursos, de accordo com n. 5

do programma approvado em sessão plena, realisada no edificio da intendencia municipal:

1.—Para um drama de assumpto nacional, o qual será levado á scena num dos theatros desta capital.

2.—Para um poema descriptivo do descobrimento do Brazil ou um esboço historico sobre o mesmo assumpto.

São condições dos concursos as seguintes:

1.—A entrega do original dentro de um prazo, terminando ás 3 horas da tarde de 31 de Dezembro de 1899.

2.—A assignatura dos trabalhos apresentados com um pseudonymo, acompanhanho-os carta explicativa, convenientemente lacrada, desvendando o pseudonymo adoptado.

3.—Os dois trabalhos preferidos no julgamento (o drama e o poema) darão direito a cada um dos seus autores a premios de 1:000$000.

4.—A commissão executiva incumbir-se-á de mandar imprimir á sua custa os dois trabalhos premiados, cabendo aos auctores 100 exemplares da sua producção.

5.—Ficam de todo garantidos aos auctores os direitos de propriedade.

6.—Os trabalhos que não forem premiados, serão restituidos, guardando-se sobre elles completo sigillo si assim fôr necessario.

Bahia, 15 de Junho de 1899.—Dr. *Satyro de Oliveira Dias.—J. Octacilio d s Santos.—Aloysio de Carvalho.*—Dr. *Braz H. do Amaral.—Alfredo A. Andrade.*

Sobre os trabalhos do centenario lê-se ainda no *Diario da Bahia*:

A Commissão do «Instituto» incumbida de levar a effeito a commemoração do centenario reuniu-se em casa do seu digno presidente, o Dr. Silva Lima, para ouvir a leitura do relatorio do Sr. major Sal-

vador Pires de Carvalho e Aragão, de volta do sul do Estado onde foi estudar a Bahia Cabralia.

Ficaram, entretanto, firmadas diversas deliberações, como a adopção dos modelos das medalhas que serão cunhadas por occasião dos festejos, a impressão autographica e em orthographia moderna da Carta de Caminha, em livro luxuoso, ornado de gravuras, dando a idéa do que é actualmente a paragem em que se abrigou Cabral.

O relatorio apresentado excedeu a espectativa da commissão, firmando pontos dubios da nossa historia, apontando de modo incontestavel o ribeirão Mutary como o em que se abasteceu a esquadra descobridora, o local da primeira cruz, etc. O estudo da bahia foi muito bem feito, com sondagem de 10 em metros, dimensões de recifes, sua fórma, etc.

O documento, que mereceu elogios, è acompanhado dè mappas, aquarellas, muitas e excellentes photohraphias, amostras de rochas, terrenos, areias e madeiras, e contèm 19 capitulos referentes á Bahia Cabralia, além de um sobre Porto-Seguro. Aquelles são: 1.° A Bahia Cabralia; 2.° aspecto geral da costa; 3.° a Corôa-Vermelha; 4.° rios e ribeiros; 5.° Santa Cruz; 6.° o fundo da Bahia; 7.° sondagens; 8.° marcos; 9.° onde se abasteceu de agua a esquadra de Cabral; 10, onde foi collocada a primeira cruz; 11, pontos onde podem atracar embarcações pequenas; 12, vestigios de indios encontrados por Cabral; 13, flora e fauna; 14, onde deve ser levantada a primeira cruz; 15, dimensões da nova Cruz; 16, terrenos e culturas; 17, o monte Paschoal; 18, correntes oceanicas, 19, o que se pode esperar desta zona para o futuro.

CONCURSO PARA O MONUMENTO DE PEDRO ALVARES CABRAL NA BAHIA

A mesa da commissão do centenario da descoberta do Brazil, na Bahia, resolveu abrir o concurso entre artistas residentes no Brazil e Portugal para a apresentação de projectos do referido monumento, observadas as seguintes determinações:

I—Os artistas residentes no Brazil e em Portugal que desejarem apresentar-se neste concurso devem remetter á mesa da commissão do centenario. na Bahia, os seus projectos até o dia 30 do mez de Novembro do corrente anno, devendo conter os mesmos projectos, além das indicações technicas indispensaveis para a sua approvação, a descripção dos principaes detalhes artisticos.

II.—Cada projecto deverá ser acompanhado do respectivo orçamento com descriminação de cada uma das partes principaes do monumento.

III.—Em egualdade de circumstancias será preferido o projecto que obedecer ás regras do estylo manuelino, usado em Portugal no tempo da descoberta do Brazil.

IV.—O monumento deverá comportar, no socco, ou onde parecer mais esthetico e conveniente, bustos ou medalhões representando quatro ou mais homens notaveis da Bahia, nos tempos coloniaes e após a independencia.

V.—As dimensões do monumento deverão quanto possivel circumscrever-se ás convenientes para a sua accommodação em uma praça de metros quadrados.

VI.—O auctor da proposta classificada em primeiro logar pela commissão, ouvida a Escola de Bellas Artes, receberá a quantia de cinco contos (5:000$000) pelo direito de propriedade do mesmo projecto, que ficará pertencendo ao Estado da Bahia, ficando o mesmo auctor com direito á adjudicação da construcção do monumento, si as condições exigidas para tal fim convierem á commissão.

VII.—O projecto classificado em segundo logar dará direito a seu auctor, ao premio de quinhentos mil réis (500$000), ficando ao arbitrio da commissão dar aos desenhos e ornamento deste projecto o destino que entender.

VIII.—Os projectos não classificados serão remettidos aos seus respectivos auctores.

SUMMARIO DO N. 20

Mesa Administrativa

Presidente—Cons. Salvador P. de Carvalho e Albuquerque
1º Secretario—Cons. João Nepomuceno Torres
2º Secretario—Dr. Isaias de Carvalho Santos
Orador—Dr. Braz Hermenegildo do Amaral
Thesoureiro—Capitão Francisco Gomes Ferreira Braga

Commissão de Redacção da Revista

Cons. João Nepomuceno Torres
Dr. Joaquim dos Reis Magalhães
Dr. Innocencio Munoz de Araujo Goes.

ASSIGNATURAS

Por um anno . . . . 12$000
Por seis mezes. . . . . 6$000

PAGAMENTO ADIANTADO

Numero avulso e os anteriores. 3$000

AVISO

A correspondencia e todas as remessas de livros, jornaes e quaesquer objectos de valor historico devem ser encaminhadas para a Secretaria do Instituto, á Rua da Misericordia, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde.

REVISTA TRIMENSAL
DO
Instituto Geographico
E
Historico da Bahia

FUNDADO EM 1894, RECONHECIDO DE UTILIDADE PUBLICA
PELA LEI N. 110 DE 13 DE AGOSTO DE 1895

Maxima sunt documenta equidem res temporis acti
lo presens, validusque in veniens stimulus.

SETEMBRO DE 1899

ANNO VI | VOL VI | N. 21

BAHIA

1899

REVISTA TRIMENSAL

DO

Instituto Geographico

E

Historico da Bahia

FUNDADO EM 1894, RECONHECIDO DE UTILIDADE PUBLICA
PELA LEI N. 110 DE 13 DE AGOSTO DE 1895

Maxima sunt documenta equidem res temporis acti
In prœsens, validusque in veniens stimulus.

SETEMBRO DE 1899

ANNO VI VOL. VI N. 21

BAHIA
Typ. e Encadernação Empreza Editora
80—Rua do Corpo Santo—80

1899

REVISTA TRIMENSAL

DO

Instituto Geographico e Historico

DA BAHIA

Anno VI Setembro de 1899 Num. 21

Noticia Historica sobre o Collegio dos orphãos de S. Joaquim no 1. Centenario de sua fundação.

Instituição dos tempos coloniaes, sagrada pelo vulto venerando de Joaquim Francisco do Livramento para abrigar debaixo de seus tectos a orphandade desvalida, commemora este anno o primeiro centenario de sua fundação.

Não é intuito nosso dar uma descripção minuciosa desta Casa Pia durante o periodo secular de sua existencia.

Para isso seria mister consultar documentos que já desappareceram, pela negligencia indesculpavel dos nossos antepassados, ou se acham mettidos nas gavetas de particulares, condemnados á traça e ao fogo!

Farei apenas uma ligeira resenha commemorativa do Collegio, desde sua origem até hoje, como uma homenagem á memoria do seu benemerito fundador, e de outros varões illustres que cooperaram para a estabilidade deste grande edificio.

A vida de Joaquim Francisco do Livramento, ou melhor do *Irmão Joaquim*, como elle queria que o chamassem, foi a de um verdadeiro apostolo da caridade, pela sua nunca desmentida abnegação e desprendimento das vaidades humanas. (1)

«Varão incansavel e piedoso, accrescenta um dos seus biographos, seria de certo um outro Vicente de Paulo, si encontrasse, como aquelle, o vastissimo theatro da França e os auxilios poderosos, que lhe ministrou o seculo de piedade em que viveu.

Filho legitimo do sargento-mór Thomaz Francisco da Costa e D. Marianna Jacintha da Victoria, naturaes da ilha dos Açores, nasceu na villa do Desterro, hoje cidade de Florianopolis, capital do Estado de Santa Catharina, aos 20 de Março de 1761.

Desde a mais tenra idade que o menino Joaquim resolveu abandonar a profissão commercial, consagrando ao serviço dos desvalidos a vida inteira por decidida vocação.

Obtida a licença paterna á força de repetidas instancias, Joaquim, desprezando sua casa e bens de fortuna, veste um saial ou tunica escura, cingiu-se com uma grosseira corda, guarnecendo o peito do habito com a figura de um calix e hostia em signal de sua grande devoção, e põe-se a caminho com a idéa capital de fundar um asylo para a pobreza.

Viajando sempre a pé, corre as provincias de Santa Catharina e Rio Grande do Sul, affronta perigos e trabalhos de todo genero, falla ao coração do pobre e do rico, e de volta de sua expedição auxilia poderosamente a fundação de um hospital para os enfermos em sua terra natal, do qual se fez enfermeiro.

Satisfeitos seus votos neste particular, e considerando quanto soffrem os meninos desvalidos e a quantos perigos ficam expostos, resolve a fundação de asylos onde elles recebessem a necessaria instrucção, alimentação e vestuario, ora recorrendo á caridade do povo, ora á generosidade do governo.

---

(1) Dr. Teixeira de Mello, *Ephem. Nac.* vol. 1º;—Conego Dr. Fernandes Pinheiro, *Esb. Biogr.*, *Rev. Pop.* vol. 14;—Conego Oliveira e Paiva, *Rev. do Inst. Hist. Braz.* vol. 8, 1846. pag. 397.

E' assim que, desembarcando nas praias desta capital em 1798 e, vendo o desamparo em que viviam os meninos pobres desta cidade, vagando pelas ruas, inteiramente ociosos, sem nenhuma educação e sujeição, dormindo pelas portas dos templos e adros dos conventos, concebeu desde logo o pensamento de recolher e agasalhar estas victimas da sorte, para dar-lhes posição e trabalho.

Para levar a effeito sua pretenção, e vencendo os obstaculos que se antolhavam, dirigiu nesse mesmo anno uma petição á Sua Magestade D. Maria I expondo a necessidade de recolher os orphãos desamparados, acompanhando-a de uma attestação do Senado da Camara, de uma representação de diversos cidadãos notaveis desta capital em data de 27 de Maio de 1798 e de informações do governador e capitão-general D. Fernando José de Portugal. (2)

Nesta petição tratou elle tambem de um hospital para os miseraveis enfermos incuraveis.

Levada a supplica ao Principe Regente, permittiu elle, por Aviso Regio de *4 de Janeiro de 1799*, assignado no palacio de Queluz por D. Rodrigo de Souza Coutinho e dirigido ao governador desta Capitania, ao Irmão Joaquim Francisco do Livramento pedir aos povos esmolas para a creação deste Collegio; e por Aviso de 17 de Outubro de 1803 assignado pelo Visconde de Anadia no palacio de Mafra, S. A. Real approvou e autorisou o estabelecimento creado pelo Irmão Joaquim, e determinou que o governador o auxiliasse com todo o desvelo possivel.

Em virtude d'esta real recommendação, e não offerecendo a casa primitiva commodos sufficientes, obteve o Irmão Joaquim em 4 de Junho de 1804 do governador Cap. general Francisco da Cunha Menezes a administração da Capella de S. José de Riba-Mar, na freguezia de Santo Antonio Além do Carmo, precedidas as diligencias do estylo no juizo da provedoria e capellas, a esse tempo presidido pelo Dr. Cypriano da Silva Souza e Azevedo. (3)

---

(2) Os documentos vão publicados em Appenso.
(3)—Ignacio Accioli. *Mem. Hist. da Bahia*, vol. 1.

Tomou posse da capella a 10 de Dezembro do anno seguinte, e n'ella recolheu alguns orphãos, cerca de 40 que já tinha, quando impetrou a confirmação d'essa posse, servindo-lhe de fiador Manoel Gomes Corrêa.

Pela Resolução régia de 12 de Janeiro de 1807 foi-lhe concedida a Capella, fazendo-se-lhe mercê da administração d'ella e suas pertenças com declaração de, no caso de extinguir-se o mesmo estabelecimento de orphãos, reverterem para a Real Corôa.

O Alvará de concessão é de data de 14 de Fevereiro do mesmo anno de 1807, e a Carta régia passada em virtude d'esse Alvará, e na qual estão inseridos por extenso elle e a Resolução de 12 de Janeiro, é de data de 24 de Outubro por provisão do Conselho Ultramarino.

Esta carta foi cumprida n'esta cidade em 18 de Janeiro de 1808 pelo Conde de Palma e taes foram os esforços empregados por Joaquim do Livramento que em pouco tempo o estabelecimento conciliou as publicas attenções, passando, por Carta régia de 29 de Outubro de 1808, a ficar sob a inspecção do prelado diocesano.

A capella de S. José de Riba-Mar, situada na freguezia de Santo Antonio, a cavalleiro do antigo Quartel de cavallaria, e seis moradas de casas que lhe são annexas e lhe pertencem, foi instituida por Domingos do Rozario Lopes e sua mulher Sebastiana Lopes da Conceição, onde pretenderam levantar um recolhimento para quinze donzellas, mas por falta de administradores cahiu em commisso e devolvera-se á Corôa real.

*
*

Continuou assim a Casa Pia de S. José com as esmolas que offereciam os fieis, até que em 1818 o governador Conde de Palma, D. Manoel de Assis Mascarenhas, conhecendo de quanta utilidade e importancia seria aquelle azylo, lançou suas vistas

para o antigo convento dos extinctos Jesuitas, que estava em ruinas, situado na praia da Jequitaia e conhecido por *Noviciado*, bastante vasto e espaçoso para conter um grande numero de meninos, e dirigiu-se ao Principe regente pedindo a sua concessão.

Por esta occasião, tendo a corporação do commercio promovido uma grande subscripção para solemnisar a coroação do monarcha reinante D. João VI e que attestasse o publico regosijo d'esta provincia, appareceu a luminosa idéa de applicar-se apenas o que fosse mister para um solemne Te-Deum, destinando-se a quantia restante para a reedificação da casa, consignando-se igualmente um fundo de 40:000$000 para os mesmos orphãos.

Esta idéa mereceu geral acolhimento, e immediatamente, passados os dias dos festejos, o Conde de Palma incumbiu-se de encaminhar á Sua Magestade a petição do commercio, que foi benignamente deferida, como consta do Aviso de *31 de Julho de 1818* escripto na real Fazenda de Santa Cruz, e assignado por Thomaz Antonio de Villa Nova Portugal, e Carta Régia de *28 de Julho de 1819*, escripta no palacio do Rio de Janeiro.

Feita a concessão, continuaram as subscripções por toda a Provincia para se obter o necessario com que levantar o collegio das ruinas em que jazia.

Pelo Aviso citado de 31 de Julho de 1818 revogou o Senhor D. João VI a disposição da Carta Régia de 29 de Dezembro de 1808, que havia commettido a administração do Collegio aos Arcebispos, e ordenou que d'ali em deante ficasse sob as vistas e inspecção dos Governadores.

O Conde de Palma por este mesmo Aviso foi encarregado de regenerar a Casa Pia e organisar os seus Estatutos.

Pela Carta régia, já mencionada, de 28 de Julho de 1819, determinou S. M. para se não despender nas obras o dinheiro que se arrecadára na subscripção dos festejos e ficar reservado para patrimonio; e que por espaço de 6 annos corresse uma lo-

teria, segundo o plano que fosse mais commodo, para deduzir-se de cada uma d'ellas o producto liquido de quatro contos de reis.

O Conde de Palma satisfez esta determinação com a maior solicitude, incumbindo da tarefa da direcção das obras ao negociante José Antonio Rodrigues Vianna, «á cuja liberalidade e influencia se deveu em grande parte o breve andamento de um tão interessante estabelecimento, recommendavel até pela belleza e sumptuosidade do edificio.» (4)

Dispendeu-se com a reedificação do edificio perto de 80:000$000, além de importantes offertas de materiaes, que fizeram alguns negociantes e pessoas abastadas desta Capital e do Reconcavo.

Em 1º de Agosto de 1819 foi eleita a primeira Meza, á similhança da Casa da Misericordia, sob a presidencia do Governador Conde de Palma, com 12 irmãos, os quaes deram immediatamente cada um 1:000$000 para a reedificaçãc do edificio.

Forão redigidos os Estatutos pelo Juiz de Orphãos Francisco Carneiro de Campos, e approvados provisoriamente por Aviso de 17 de Fevereiro de 1821.

No dia 12 de Outubro de 1825, anniversario natalicio do fundador do imperio, teve emfim logar a transferencia dos 28 orphãos que existião no seu humilde aposento de S. José para o edificio do Noviciado, já reedificado, sendo Provedor da Meza Francisco José Lisboa, e Presidente da provincia JoãoSeveriano Maciel Costa.

O acto de transferencia foi pomposo e solemne!

De S. José para o seminario, que ficou com a denominação de Casa Pia e Collegio dos Orphãos de S. Joaquim, para honrar a memoria do seu instituidor, vieram os orphãos ás 9 e meia horas da manhã, *acompanhados por todas as pessoas da mais alta jerarchia*, sendo recebidos pelo presidente da Provincia, que assistiu ao solemne *Te-Deum* entoado pelo vigario capitular, occupando a tribuna sagrada o illustrado padre João Quirino Gomes, ficando entregues aos desvelos e solicitude do seu novo rei-

(4) Ignacio Accioli, *Op. cit.*

tor, o Desembargador da Relação ecclesiastica Antonio dos Santos Correia.

A respectiva capella achava-se sobremaneira ornada, sobresahindo os famosos paineis que n'ella se divisão, obra do insigne pintor bahiano José Theophilo de Jesus.

Em uma grande e fina pedra marmore collocada no alto da porta principal da egreja, se lêem as seguintes inscripções:

«El-Rei D. João VI por mediação do Governador Conde de Palma doou esta Casa aos Orphãos desamparados que o Irmão Joaquim posera a S. Joaquim ás esmolas dos fieis.»

«A generosidade do Corpo do Commercio e a caridade dos habitantes da Cidade e Reconcavo desarruinaram-na, engrandeceram e dotaram para educação fabril e litteraria dos Orphãos, solemnisando assim a Gloriosa Acclamação do Doador.—13 de Maio de 1822.»

« Debaixo dos Auspicios do Muito Poderoso Senhor D. Pedro I, Imperador Constituicional e Perpetuo Defensor do Brazil, foram recolhidos n'esta Casa Pia e Seminario os meninos Orphãos no dia 12 de Outubro de 1825, Dia venturoso da Liberdade Brasileira, Natalicio do Augusto Fundador do Imperio, Anniversario de sua Gloriosa Acclamação. Era 2.º Presidente J. S. M. C.»

Estas ultimas iniciaes querem dizer João Severiano Maciel da Costa, depois Marquez de Queluz e então presidente da Provincia.

Por sobre a porta do salão da escola lêem-se os seguintes versos, producção do distincto latinista José Francisco Cardoso de Moraes:

«*Quo Petrus natusque die Imperiumque potitus*
Hos est nacta pios Orba Juventuta lares.
An. MDCCCXXV.

* *
*

O Irmão Joaquim não teve a fortuna de ver assim abençoada a sua empresa.

Ignora-se os motivos que o levaram a retirar-se para o Rio de Janeiro.

«Vendo com prazer o seu seminario bem montado, diz o Conego Oliveira e Paiva, entregou-o á administração de um reitor, e retirou-se para o Rio de Janeiro em 1808, onde mereceu a amizade de D. João VI, que o encarregou da fundação de um seminario na provincia do Rio e dois outros em Itú e Sant'Anna, na provincia de S. Paulo.

Em 21 de Maio de 1826 embarcou para Lisboa em busca de padres da congregação da missão para os seminarios do sul.

Nada podendo obter em Lisboa em vista da nossa emancipação politica, dirige-se para Roma, onde aggravando-se seus padecimentos, ataques epilepticos a que era sujeito, viu-se forçado a regressar e morre em Marselha no anno de 1829, na idade de 68 annos, longe da patria e dos seus queridos orphãos por quem havia sacrificado seus dias.

«Nasceu rico, viveu mendigando e expirou na miseria, exclama o conego Dr. Fernandes Pinheiro! (5)

Elle viverá, entretanto, na imaginação de todos os orphãos d'esta Casa Pia, e de todos nós, os continuadores de sua gloriosa e santa cruzada.

O Noviciado

Pelos annos de 1706 a 1710 começou Domingos Affonso Sertão (assim chamado por ter adquirido grande fortuna nas suas viagens ao sertão) a edificar a casa, que ainda se conhece pela denominação de *Noviciado*, e concluindo-a em 1724 com despeza de 28:000$000, doou-a ao provincial dos Jesuitas do

---

(5) Rev. Popular, vol. XIV.

Collegio d'esta cidade, legando-lhes posteriormente as fazendas de gado que possuia nas margens do rio S. Francisco.

O edificio, como já dissemos, cahiu em ruinas depois da expulsão dos Jesuitas.

A cerca do antigo convento do Noviciado dos Jesuitas, consta do livro Tombo a f. 20 o seguinte:

«No anno de 1724 governando Vasco Fernandes Cesar de Menezes, fundou-se a obra do Noviciado para os noviços do collegio dos Frades da Companhia, e se offereceu a fazer toda a despeza d'ella um morador com grandes cabedaes; e alcançada a licença de S. M. e do Revm. padre geral da Companhia, se fez exame em varios sitios mais ou menos apartados, escolheu-se por melhor ao que chamam Jequitaia, formosa praia na enseada da Bahia, meia legua distante da cidade, e fundou esta sumptuosa casa com capacidade e commodo para 70 religiosos, constando de uma dilatada quadra que recolhe em si tres pateos, dous que servem de lados á igreja e o terceiro incomparavelmente maior que fica dentro do edificio, cuja area tem de fundo 500 palmos e 350 de largo. Foi seu fundador o capitão Domingos Affonso descobridor e conquistador das terras do Piauhy: de exercicios humildes passando a penetrar os sertões da Bahia teve por appellido Domingos Affonso Sertão.

Testou muita riqueza e, havendo despendido 70,000 crusados com a obra do Noviciado, deixou encapellados os mais bens, que constavam de opulentas fazendas de gado, ao Collegio dos Jesuitas, ordenando que do seu rendimento se lhe mande dizer seis missas quotidianas e dê tres dotes annuaes a orphãs e outras esmolas na Bahia, e na sua patria, e que o liquido que ficar do rendimento d'ellas se divida em 3 partes, uma para o Collegio como administrador, e duas para a casa do Noviciado, deixas pontualmente executadas pelos religiosos da Companhia.»

Proximo ao Collegio e occupando parte de suas pertenças já se achava estabelecido o Trém, hoje

Arsenal de Guerra, e por isso foi necessario fazer uma divisão que servisse de titulo de posse para o Collegio e de reconhecimento dos limites de cada um.

Esta divisão foi incumbida ao tenente-coronel de engenheiros Salvador José Maciel, e por Acto de 9 de Novembro de 1819 foi approvada com a condição de fazer o Collegio um encanamento para fornecimento de aguas afim de evitar communicação com o arsenal.

Já em 1798 o Irmão Joaquim Francisco do Livramento tinha em mira o antigo Collegio do Noviciado dos Jesuitas, porque em 10 de Maio d'esse anno ha uma doação feita por Theodoro Gonçalves da Silva e sua mulher de 8:000$000 rs. e duas moradas de casas para a reedificação do Collegio.

Situação do estabelecimento, suas proporções e compartimentos

O edificio está situado na freguezia do Pilar, na frente de uma praça da parte do mar.

Tem de extensão 75 m. e 70," apresentando a porta da igreja no centro, duas lateraes de entrada, oito janellas com grades de ferro no pavimento terreo e dezeseis no superior, largas e rasgadas, com pulpitos de grades de ferro.

Tendo por base a extensão e linha da frente segue para o fundo um quadrado fechado pela continuação da casa com espaçoso pateo no centro, para o qual os corredores deitam suas janellas, e no pavimento terreo tambem suas portas.

No fundo accresce em cada lado um alegrete com 10 m. e 65', vindo todo o edificio a ter de comprimento 90 metros.

No pavimento terreo estam a Capella e suas dependencias, cravada no centro do edificio, um espaçoso refeitorio, salas para officinas, quartos dos serventes, cosinha toda circulada de mezas de pedra

de cantaria fina, dispensa, banheiro, latrinas e armazens, havendo um grande pateo no centro, onde foi construido um elegante barracão para os exercicios de gymnastica e recreio.

No pavimento superior estão situadas a sala da Meza, secretaria, bibliotheca, tres sallas para aulas, tendo uma d'ellas cem palmos de comprimento e sufficiente largura, dormitorios, rouparia e enfermaria, aposentos do Reitor e empregados, largos e compridos corredores.

Todo o edificio é claro e bem arejado quer por seu elevado ponto, quer pela collocação de suas janellas e portas, e dispõe de um chacara ou roça para a qual existe sahida immediata, com abundante fonte nativa, de construcção antiga sobre pilares de alvenaria.

A capella é grande, de muito gosto e toda doirada, com 3 altares á Romana, com um zimborio na capella-mór, que a faz clarissima, lageada de cantaria européa, e um importante relogio de torre com corda para oito dias.

No altar-mór está collocado um grande quadro representando S. Pedro de Alcantara, o Angelo Custodio do imperio com a mão sobre a corôa imperial, a Senhora, a SS. Trindade, e alguns orphãos: os dous altares lateraes contêm outros magnificos quadros, producção do celebre pintor bahiano José Theophilo de Jesus, fallecido a 19 de Julho de 1847, e auctor de muitas outras pinturas em diversas igrejas.

A capella gosa de isenção parochial concedida pelo Exm. Arcebispo D. Luiz Antonio dos Santos por despacho de 8 de Maio de 1889.

A antiga bibliotheca ou livraria da casa, ainda em 1859 quando foi visitada pelo ex-imperador D. Pedro II, continha 852 (?) volumes, pela maior parte truncados, de diversas obras pertencentes á extincta congregação dos frades de S. Felippe Nery.

Na sala das sessões, além dos retratos do Irmão Joaquim, mandado tirar em 1826, sem que elle o soubesse, pelo pintor José Theophilo, e de Dom

Pedro II, existem os dos bemfeitores do Collegio—o negociante José Antonio Rodrigues Vianna, commendadores Pedro Rodrigues Bandeira, Antonio Vaz de Carvalho, José Pinto Rodrigues da Costa e José Augusto de Figueiredo, em Agosto de 1885 por deliberação e expensas da Meza, os quaes todos se tornaram dignos de honra tão elevada pelos valiosos serviços prestados ao estabelecimento.

Entre os bemfeitores distinguiram-se José Antonio Rodrigues Vianna, a cujos desvelos se deve a reedificação do edificio do collegio, o provedor Antonio Vaz de Carvalho, que deixou o que lhe devia Manuel da Silva Carahy Coimbra e uma parte da importancia dos damnos e prejuizos do seu engenho da Conceição, como consta do livro de legados a fls. 9, e o Comm. Pedro Rodrigues Bandeira, que deixou 20 apolices de um conto de réis cada uma.

O estabelecimento goza das seguintes isenções de impostos: da taxa de heranças e legados pelos arts. 12 § 5º da Resol. de 6 de Agosto de 1879 e do Acto do Governo da Bahia de 20 de Setembro de 1888; da decima; do imposto predial pelo art. 4, n. 6 do Dec. n. 7051 de 18 de Outubro de 1878, e do imposto de transmissão de legados e heranças em apolices da Divida publica pelo Dec. n. 46 de 7 de Junho de 1892, e art. 12 § 11 do Dec. n. 2800 de 19 de Janeiro de 1898.

Sociedade-Beneficencia

Em 16 de Agosto de 1835 o Cons. Antonio Telles da Silva, Miguel Calmon Du Pin e Almeida, depois Marquez de Abrantes, Desembargador Joaquim José Pinheiro de Vasconcellos, (Visconde de Montserrat), Cons. Joaquim Marcellino de Britto, Comm. Manuel

Belens de Lima, negociantes João Vaz de Carvalho e Luiz de Souza Gomes, installaram nesta capital uma sociedade que denominaram—*Beneficencia,* addida á Casa-Pia e Collegio de S. Joaquim, para a sustentação e educação de mais 50 meninos, além dos que o fossem pelos rendimentos do Collegio.

A sociedade organisou os seus estatutos, que foram approvados, e ficou sujeita á inspecção do Presidente da Provincia: os orphãos por ella amparados, a administração dos bens e o governo dos empregados ficariam debaixo do mesmo regimen e governo do Collegio, na fórma dos seus estatutos.

O capital social consistia, em principio, de 4000 acções de 10$000 cada uma, que os socios pagariam no acto de sua entrada, e na annuidade de quatro mil reis.

Infelizmente teve esta sociedade vida ephemera, e não correspondeu aos elevados intuitos dos seus benemeritos organisadores.

Parece que as desordens e commoções de 7 de Novembro de 1837 (a *Sabinada*), não consentiram que ella fosse por diante.

Entretanto deixou na Caixa Economica a quantia de 6:000$000 em acções, que posteriormente passou para o Collegio.

Direcção e Governo do Collegio

O Collegio está sob a protecção do governo do Estado, de quem depende a approvação dos eleitos na conformdade dos Estatutos, approvados por Carta imperial de 30 de Abril de 1828, depois de ouvido o Inspector dos estabelecimentos litterarios e scientificos do Brazil, o Visconde de Cayrú, sendo posteriormente modificados por Acto do governo da provincia em 5 de Maio de 1863.

E' administrado por uma corporação com o titulo de—*Meza do Collegio*—, eleita por espaço de tres annos, e composta de treze pessoas ou vogaes, a

saber: de um Presidente com o titulo de Provedor, um Escrivão, um Thesoureiro, um Procurador, e nove Consultores.

A direcção interna é confiada a um Reitor (Sacerdote ou secular), Censores, economo, enfermeiro e mais empregados necessarios ao serviço.

As Mezas tomam posse no mez de Agosto, depois da festividade de S. Joaquim, Padroeiro do Collegio,

O primeiro provedor, eleito antes da transferencia dos orphãos, foi o governador Conde de Palma em 1.º de Agosto de 1819, e d'ahi para cá têm sido escolhidos para esse cargo homens da mais elevada distincção por seu saber e fortuna.

No começo d'este seculo forão provedores: o Capitão general Conde de Palma, José Antonio Rodrigues Vianna, Coronel Francisco José Lisboa, Comm. Antonio Vaz de Carvalho, Joaquim José de Oliveira, o Exm. Arcebispo D. Romualdo Antonio de Seixas (marquez de Santa Cruz), Desembargador Joaquim José Pinheiro de Vasconcellos; mais tarde, o Revm Vigario Vicente Ferreira de Oliveira, Padre João Querino Gomes, Cons. Honorato José de Barros Paim, José Pinto Rodrigues da Costa, Manoel José de Magalhães; e já em nossos dias, Francisco José Godinho, Manoel Joaquim Alves, Desembargador Manoel Libanio Pereira de Castro, Dr. Antonio Ribeiro Lima, Coronel José Lopes Pereira de Carvalho, Comm. José Augusto de Figueiredo, que exerceu esse cargo durante 21 annos, desde 1873 a 1894, e o Cons. Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, que muito tem concorrido para a prosperidade do estabelecimento.

A actual Meza, eleita e approvada em 19 de Setembro de 1894 e reeleita para o triennio de 1897 a 1900, é composta dos cidadãos seguintes:

Provedor—Cons. Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque.

Escrivão—Cons. João Nepomuceno Torres.

Thesoureiro—Comm. Manoel Pinto Rodrigues da Costa.

Procurador—Dr. Manoel Pereira Espinheira.

Mezarios—Pharm. Galdino Fernandes da Silva.—Alberto Soares de Azevedo.—Pedro Sá.—João Tolentino Alvares.—José Alves Ferreira.—Eloy de Oliveira Guimarães.—Comm. Manoel Pinto dos Santos.—Dr. Joaquim dos Reis Magalhães, eleito na vaga do Pharm. Carlos Ceciliano de Souza. de saudosa memoria e Victorino Antonio da Costa

Fins da Instituição

EDUCAÇÃO E INSTRUCÇÃO DOS ORPHÃOS

O Collegio é pura e unicamente asylo dos orphãos desamparados, onde recebem a instrucção primaria, e são obrigados a applicar-se ás officinas existentes ou que venham a estabeceler-se, até que completando a idade de 17 para 18 annos sejam reclamados por seus pais ou parentes, ou empregados no commercio e em estabelecimentos fabris.

Só podem ser admittidos com a idade de 7 a 9 annos.

A admissão depende de prova de filiação, obito dos pais, e attestados de vaccina e pobresa dos orphãos e das mães.

Desde sua fundação têm sido admittidos até hoje 1197 orphãos: d'estes falleceram 55, inclusive 6 que foram victimas do cholera-morbus, e sahiram para diversos misteres 1057.

O seu numero actual está limitado por deliberação da Meza a 85: d'estes são orphãos de pai—56, e de pai e mãe—29.

Além do curso da aula primaria e de francez, ultimamente creada, frequentam os orphãos as aulas de desenho industrial, musica vocal e instrumental, de gymnastica, officinas de alfaiataria, sapataria, marceneria e typographia. Durante o verão fazem os orphãos exercicios de natação.

As aulas de desenho industrial e musica estão confiadas á alta competencia dos professores Cap. Manoel Raymundo Querino e Guilherme Pereira de Mello, que foi alumno do estabelecimento.

PATRIMONIO E ESTADO FINANCEIRO

Com o producto da venda do predio n. 4 sito á Praça Conde dos Arcos ao Governo do Estado, por escriptura publica de 8 de Outubro de 1895 e pela quantia de 200:000$000, para a Directoria das Rendas Estadoaes, entrou o Collegio em nova phase de prosperidade durante os dois ultimos triennios.

Estando arruinados muitos predios, e exigindo grandes obras o saneamento do edificio do Collegio, a Meza actual, depois de haver resgatado o debito existente na *Caixa Economica*, actual Banco Economico, e não obstante a excessiva carestia de viveres e de materiaes, foi forçada a dispender quantiosas sommas com a reconstrucção e reparos de alguns d'elles, despeza em grande parte reproductiva, e a levar a effeito tambem melhoramentos imprescindiveis para o desenvolvimento do ensino e educação phisica e moral dos orphãos, já com a creação de novas aulas e officinas e desenvolvendo as existentes, já fazendo a acquisição de novo instrumental para a banda de musica, de nova mobilia escholar, de machinas e ferramentas para as officinas, a construcção de um vasto barracão para os exercicios de gymnastica, além da compra de novas camas de ferro com lastro de arame para os dormitorios.

São fontes de receita propriedades, apolices e acções bancarias, legados e donativos particulares: e por disposição dos Estatutos as sobras da receita, depois de feita a despeza ordinaria, bem como os legados e rendas extraordinarias, que tenhão de ser convertidos em patrimonio do estabelecimento, serão convertidos em apolices da divida publica, ou predios urbanos.

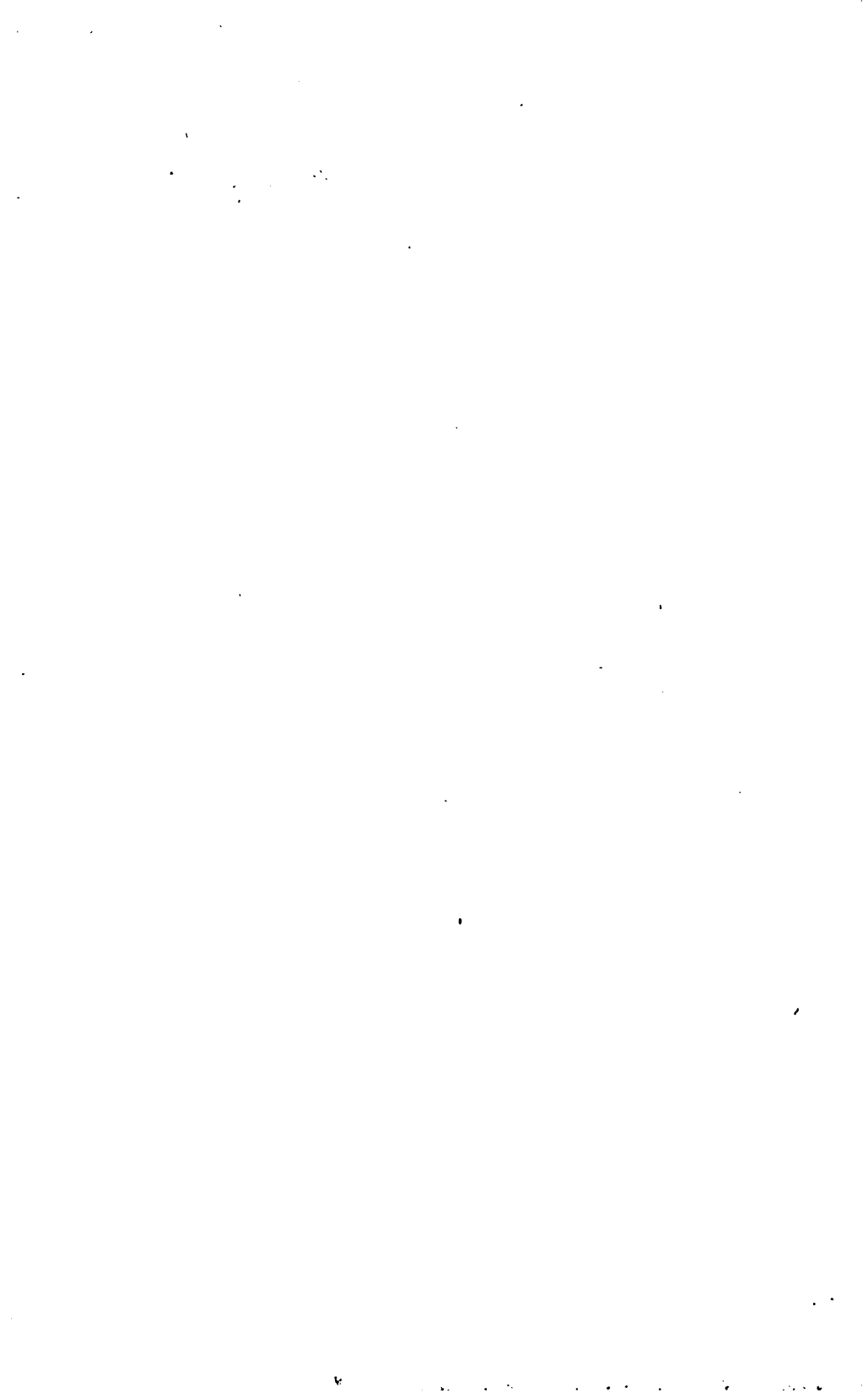
Ao Exm. Governador do Estado Cons. Luiz Vianna deve o estabelecimento o ter sido elevada, de 7 para 12 contos annuaes, a subvenção com que o Estado sempre o tem auxiliado, proporcionando-lhe d'est'arte mais amplos recursos para a sua manutenção.

O patrimonio do Collegio consiste em propriedades, apolices, e acções bancarias no valor de 738:478$827, a saber:

Joias da Capella	2:068$827
Apolices da Divida Publica. . . .	144:810$000
Idem Estaduaes	1.000$000
Acções do Banco da Republica. .	4:600$000
Propriedades de aluguel	411:000$000
Edificio do Collegio.	120:000$000
Dinheiro a prazo fixo	55:000$000
	738:478$827

Em conclusão, si, no dizer de Cicero, nenhum serviço se pode prestar á republica mais proveitoso e honroso, que o de instruir e educar a mocidade, a Meza administrativa faz votos sinceros e ardentes para que os poderes publicos e a população d'esta capital, tomando exemplo e estimulo nas gerações passadas, venham em seu auxilio—correspondendo aos elevados intuitos d'esta instituição—augmentando o patrimonio com que é agasalhada e instruida a orphandade desvalida.

Bahia, 20 de Agosto de 1899.

João Nepomuceno Torres.

DOCUMENTOS

Requerimento (*)

Senhora: — Humildemente representa o Irmão Joaquim Francisco do Livramento a V. M. com os documentos juntos o desamparo que ha na cidade da Bahia a respeito dos meninos orphãos, por nella não haver uma só casa de educação ou seminario, em que sejam instruidos, e tambem cuidar-se em amparar os miseraveis; e como já V. M. no anno de 1791 attendeu para outro hospital da Ilha de Santa Catharina, sua patria, agora o que pretende só é o beneplacito régio para poder entregar-se ao mesmo exercicio na dita cidade, por ver o grande desamparo em que estão os ditos, como V. M. verá, quando ler os ditos documentos; e para pôr em execução uma obra tão pia, e do que resultará muita honra e gloria a Deus e proveito do proximo, recorre e pede a V. M. se digne conceder a licença, que o supplicante pede attendendo a honra e gloria de Deus.

E. R. M.

Attestado do Senado da Camara (**)

O Dr. juiz de fóra, vereadores e procurador do Senado da Camara desta cidade da Bahia e seu termo, etc., attestamos em como o numero dos miseraveis e enfermos, que se acham pelas ruas da cidade e portas das igrejas, é maior que os que por

(*) Requerimento dirigido a D. Maria I.
(**) *Brazil Historico*, vol. 2º, pag. 123.

caridade se acham recolhidos no hospital da Santa Casa da Misericordia, o qual por pequeno, e por não ter o equivalente redito, não soccorre a todos, conforme a sua instituição, assim como tambem a immensidade de meninos orphãos e indigentes, que vagão pelas mesmas ruas a mendigarem, sem educação alguma, sendo todos dignos da real attenção e commiseração de Sua Magestade, para que se estabeleça um hospital publico para aquelles desvalidos, e um seminario para a illustração destes innocentes, o que affirmamos sob juramento de nossos empregos, signaes e sello. Bahia, em Camara, 16 de Março de 1796.—José Rodrigues Silveira, escrivão do Senado, a fez escrever.—*Francisco Antonio Maciel Monteiro.—Francisco José de Mattos Ferreira Gama.—Ignacio José Aprigio da França Galvão.—Adriano de Araujo Braga.*

Doação

Tendo nós sempre em vista a grande necessidade que ha nesta cidade de um seminario tendente á perfeita educação da mocidade de um e outro sexo, como preludio mais certo e evidente dos bons ou máos costumes, que no decurso dos annos se adquirem, unicamente attentos á honra de Deus, caridade destes innocentes e bem publico da mesma cidade; de motu-proprio e nossa livre vontade doamos para a reedificação e estabelecimento da casa, que serviu de Noviciado dos denominados Jesuitas, que se tem pedido á Sua Magestade para este fim, a quantia de 8:000$000, ao juro da lei, que por escriptura nos é devedor o coronel Francisco José de Araujo Bacellar e mais duas moradas de casas de sobrado, novas com suas lojas e chãos annexos, tanto nos fundos, como na ilharga, em que já estão levantadas as paredes para outro sobrado. E havendo alcançado o Irmão Joaquim Francisco do Livramento o beneplacito régio para a conclusão deste

estabelecimento, nos obrigamos a entregar esta nossa doação; e para firmeza do referido, mandamos fazer este, em que ambos nos assignamos.—Bahia, 10 de Maio de 1798.—*Theodoro Gonçalves Silva.*—*D. Anna de Souza de Queiroz e Silva.*

Nós abaixo assignados, moradores nesta cidade de S. Salvador, da Bahia de Todos os Santos, tendo à vista as publicas necessidades, e quasi inevitaveis desordens, que ha nella pela falta de um seminario para educação de meninos orphãos, pobres, desamparados, o que é publico e notorio; e justamente condoidos de vermos morrer á necessidade pelas portas das igrejas e dos conventos, e ainda pelos corpos de guarda, tantos pobres, por causa de não haver uma casa para invalidos, imploramos todos a Vossa Magestade se digne pelo Amor de Deus, e por sua real grandeza e innata clemencia conceder para consolação de seus vassallos o que pretende o irmão Joaquim Francisco do Livramento no requerimento que já fez á Vossa Magestade, pela grande utilidade que resulta de tão caritava e piedosa obra aos mesmos moradores da sobredita cidade, e pelo augmento do serviço de Deus e de Vossa Magestade. Humilhados na presença de Vossa Magestade, esperamos a mercê da graça implorada.

Bahia, 27 de Maio de 1798.—O Conego *Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque.* (Seguem-se mais 46 assignaturas). (*)

Aviso de 4 de Janeiro de 1799 (**)

S. M. manda remetter á V. S. a representação inclusa do Irmão Joaquim Francisco do Livramento, e é a mesma Senhora servida que V. S. permitta ao supplicante, em quem parece respirar uma exem-

---

(*) *Brazil Historico*, vol. 2º, Pag. 123.
(**) Aviso dirigido ao Capitão-general D. Fernando José e Portugal, governador da Bahia.

plar piedade, licença para pedir esmolas para a creação de um hospital, que se propõe edificar em utilidade publica; tendo, porém, V. S. o cuidado em primeiro logar, em nomear depositario para as esmolas que tirar; e em segundo logar, em vigiar que o seu emprego seja só para o louvavel fim, que se propõe; e finalmente vigiando sempre V. S. em que esta piedade não seja affectada, e não haja outras vistas encobertas, que possam ser de qualquer modo nocivas ao bem publico.—Deus Guarde a V. S.—Palacio de Queluz, 4 de Janeiro de 1799.—D. *Rodrigo de Souza Coutinho.*

Sr. D. Fernando José de Portugal.

Aviso de 17 de Outubro de 1803 (*)

Sendo presente ao Principe Regente, nosso Senhor, a petição inclusa e documentos a ella juntos, em que se mostra que Joaquim Francisco do Livramento, com louvavel zelo e caridade tem principiado a formar na cidade da Bahia uma casa da educação para os meninos orphãos e desamparados, com esmolas que adquiriu, e que muitos desses habitantes estão promptos a concorrer voluntariamente para uma similhante fundação; querendo S. A. R. promover e animar uma obra tão louvavel, não só approva e autorisa este estabelecimento, mas ordena que V. S. o proteja e auxilie por todos os meios, que a sua intelligencia e desvélos pelo interesse publico lhe possam suggerir, para que elle se consolide de modo que se consiga a sua futura permanencia e estabilidade.

Si forem necessarias algumas ulteriores providencias, que dependam das ordens desta côrte, V. S. as porá na real presença por esta secretaria de Estado afim de que S. A. R. possa resolver o que julgar mais justo, e mais conducente para a conservação e fir-

---

(*) Archivo Pub. da Bahia. L. 91 das Ordens Regias de 1803 onde se acha o traslado da petição e documentos, inclusive o inventario dos bens da capella.

meza de um estabelecimento de tanta utilidade para os habitantes dessa capitania.

Deus Guarde a V. S.—Mafra, 17 de Outubro de 1803.—*Visconde de Anadia.*

Sr. Francisco da Cunha Menezes

N. 2. Nós Deão, Dignidades e Conegos do Cabido da Santa Igreja Cathedral Metropolitana da Bahia, Sé Vaga etc.

Attestamos que o Irmão Joaquim Francisco do Livramento se occupa com muito zelo em recolher, para uma casa que com esmolas comprou nos suburbios d'esta cidade, os meninos Orphãos e desamparados, onde com assistencia de um sacerdote de intelligencia e bons costumes os faz introduzir na doutrina e exercer todos os actos de religião e ao mesmo tempo aprender com um mestre, que para isso paga, e conserve as primeiras lettras athé que instruidos n'estes primeiros deveres sejão confiados a outros artistas para aprenderem aquelles officios para os quaes n'elles se descubra talento e inclinação, donde tem resultado não pequena utilidade ao publico. E por nos ser esta pedida, o mandamos passar e assignamos. Bahia em Cabido aos 16 de Julho de 1803.—*Manoel de Almeida.*—*Manoel Salvador da Fonseca Burbosa.*—*João Cerqueira de Britto.*—*Manoel Marques Brandão.*—*Luiz Antonio de Barros Paim.*—*Matheus de Lima Passos.*

Carta Regia de 14 de Fevereiro de 1807

D. João por graça de Deus, Principe regente de Portugal e dos Algarves, d'aquem e d'além-mar em Africa e Guiné, etc.

Faço saber aos que esta minha carta virem, que por parte do Irmão Joaquim Francisco do Livramento, na qualidade de director da educação dos meninos

orphãos da cidade da Bahia, me foi apresentado um alvará por mim assignado, passado pela chancellaria da côrte e Reino e com as verbas e registros necessarios, cujo theor é o seguinte:

Que o Irmão Joaquim Francisco do Livramento, incumbido da educação dos meninos orphãos da cidade da Bahia me representou por sua petição: Que dignando-me approvar e recommendar o dito estabelecimento ao governador e capitão-general daquella Capitania, por carta de officio expedida pela secretaria de Estado dos negocios da marinha e dominios ultramarinos, para que o protegesse e auxiliasse afim de que elle conseguisse a sua futura permanencia, resultára desta minha real providencia ser o supplicante nomeado administrador da pequena capella de S. José, que constava de seis pequenas moradas de casas, nas quaes se podia estabelecer o agasalho dos ditos meninos, na forma que mostravam o requerimento, despachos do mesmo Governo e do provedor das capellas daquella repartição.

E que, supposto se achasse o supplicante de posse da dita administração, se persuadia comtudo que nada devia innovar, sem approvação minha; pois que só com ella poderia ampliar as ditas casas com as esmolas dos fieis e reduzil-as a melhor e mais proprio commodo para a habitação dos mesmos orphãos, que já chegavão a *quàrenta*; que por falta do dito estabelecimento não tinha crescido o seu numero tão util ao Estado e á dita capella, que além da despeza de seu guisamento não tinha outro algum encargo. Pedindo-me portanto lhe concedesse a graça da confirmação do mesmo estabelecimento na referida capella em attenção á sua utilidade.

E tendo consideração ao requerimento do supplicante, ao que sobre elle informou o Conselheiro Chanceller da Relação da mesma cidade, as respostas dos procuradores regios de minha fazenda e corôa, que mandei ouvir, e ao mais que igualmente me foi presente em consulta do meu Conselho ultramarino, com o parecer do que fui servido con-

formar-me, Hei por bem, por minha regia resolução de 12 de Janeiro do corrente anno, não confirmando a nomeação nulla, que se fez ao supplicante para administrar a dita Capella de S. José de Riba-Mar, suburbio da cidade da Bahia. instituida por Domingos do Rozario Lopes e sua mulher Sebastiana Pereira da Conceição, fazer-lhe mercê da administração d'ella e suas pertenças para o referido estabelecimento, com declaração de que no caso de se extinguir o mesmo estabelecimento, reverterão á minha real corôa a dita capella e suas pertenças, aonde estavão devolutas por commisso ou vacatura.

E mando aos Conselheiros do meu conselho ultramarino que, apresentando-lhes o dito Irmão Joaquim Francico do Livramento esse alvará por mim assignado, averbado no registro da dita Resolução, que lhe precedeu, registrado no registro geral das Mercês, e passado pela minha chancellaria-mór do Reino, lhe fação passar carta de administração da dita Capella, na qual se trasladará este alvará, que se cumprirá como n'elle se contém e valerá posto que seu effeito, e haja de durar mais de anno, sem embargo da Ordenação Livro 2.º, Titulo 4.º em contrario. E pagou de novos direitos 30 reis, que se carregarão ao thesoureiro d'elles a fl. 58 v. do livro 3.º de sua receita: e se registrou o conhecimento em fórma no livro 74 do registro geral. Lisboa, 14 de Fevereiro de 1807. PRINCIPE. Por immediata resolução de S. A. R. de 12 de Janeiro de 1807, tomada em consulta do Conselho Ultramarino.—D. *Fernando Antonio de Noronha*—D. *Diogo de Souza*. O secretario Francisco de Braga Stockler o fez escrever.

Aviso de 31 de Julho de 1818

"REGISTRO DO AVISO REGIO DE 31 DE JULHO DE 1818, ENCARREGANDO A ADMINISTRAÇÃO DO SEMINARIO DOS MENINOS ORPHÃOS AO ILLMO. E EXMO. SR. CONDE DE PALMA, E MAIS SENHORES GOVERNADORES QUE LHE SUCCEDEREM, COM OUTRAS PROVIDENCIAS CONSTANTES DO MESMO AVISO REGIO."

N. 82. *Illmo. e Exmo. Senhor.*

Com o officio de V. Exa. N. 48 em data de 30 de Maio do corrente, foram presentes a El-Rei Nosso Senhor o Projecto dos Negociantes d'essa Praça de applicarem em Beneficio da Casa Pia dos Meninos Orphãos e desamparados d'essa cidade o excedente do dinheiro que prestaram por subscripção para os regosijos publicos pela Feliz Acclamação do Mesmo Senhor, abatidas as despezas de um *Te-Deum* em Acção de Graças, a resposta que V. Exa. lhes dirigiu a este respeito e o Quadro do estado actual da sobre dita casa.

E sendo muito conforme com os reaes e pios sentimentos de S. Magestade e com o Paternal zêlo com que desveladamente promove o bem, e felicidade de seus Vassalos, e procura amparar a classe indigente, e miseravel, conferindo-lhe um previlegiado direito á sua Real Protecção, não pode deixar de se lisonjear muito com o acceitado arbitrio que tomaram os Negociantes d'essa Praça de consagrarem á Memoria de sua Gloriosa Coroação, e Exaltação ao Throno de Seus Reinos um testemunho tão authentico do Patriotismo e generosos sentimentos que os animam: Dignando-se com a maior satisfação de Approvar tão louvavel Projecto, e de encarregar a V. Exa. da Regeneração d'aquella Casa Pia e da Organisação de seus Estatutos, proporcionados ao novo augmento que ella deve adquirir com este Donativo.

Para se conseguir tão importante fim, Ha o Mesmo Senhor por bem, Revogando a Disposição da Carta Regia de 29 de Dezembro de 1808, que commetteu a

administração desse seminario aos Arcebispos, Ordenar que d'ora em diante elle fique debaixo das vistas, e inspecção de V. Exa. e dos seus successores no Governo d'essa Capitania para administrarem e promoverem tudo quanto for concernente, e proveitoso ao destino de uma Instituição Pia e tão util ao Estado; e na consideração do zêlo, e intelligencia com que V. Exa. se emprega no Seu Real Serviço, e das repetidas provas que têm dado os referidos Negociantes do quanto são promptos para concorrerem com os seus cabedaes para Estabelecimentos de Publica utilidade, Sua Magestade está bem certo de que o Seminario dos Orphãos da Bahia corresponderá muito aos seus Paternaes cuidados e desvelos. O que de ordem do Mesmo Senhor participo a V. Exa. para que assim se execute, louvando e agradecendo V. Exa. no Seu Real Nome á Corporação do Commercio d'essa Cidade esta nova demonstração de seu patriotismo. Deus Guarde a V. Exa.

Palacio da Real Fazenda de Santa Cruz, 31 de Julho de 1818.

SENHOR CONDE DE PALMA.

Carta Regia de 28 de Julho de 1819

SOBRE OS TERRENOS DO NOVICIADO

Conde de Palma, Governador e Capitão-General da Capitania da Bahia. Amigo, Eu El-Rei vos envio muito saudar, como aquelle que amo.

Tomando em consideração o que expozestes em o vosso officio n. 29 de 2 de Abril do corrente anno, não só sobre as circumstancias, que concorrem no convento arruinado dos extinctos Jesuitas denominado—*Noviciado*—, para em parte d'elle se edificar o Seminario dos Orphãos d'essa Capitania, por se prestar a isto o sitio, em que elle está fundado, e pela utilidade, que resulta aos orphãos de terem vizinho o Trém, onde devem aprender as artes e

officios mecanicos; mas tambem o que representastes acerca dos soccorros precisos para a obra do edificio, que não deixará de ser dispendiosa, por maior economia que n'ella se empregue, não sendo aliás conveniente distrahir porção alguma do fundo dos 40:000$000 da contribuição, que convém se conserve intacto, nem do seu rendimento annual, que deve ser somente applicado para as despezas diarias do sustento, dos ordenados dos mestres e outras ordinarias:—Hei por bem autorizar-vos para destinardes uma parte do mencionado edificio arruinado, que foi dos extinctos Jesuitas para sobre as suas paredes se formar a necessaria accommodação para os orphãos; e para auxilio das despezas d'esta obra sou servido permittir uma loteria por tempo de seis annos, segundo o plano que vos parecer mais conveniente, para se deduzir de cada uma d'ellas o producto liquido de 4:000$000 de reis, não devendo comtudo embaraçar a sua extracção as que tenho concedido ao theatro d'esta Côrte. O que me pareceu participar-vos para que assim o tenhaes entendido e façaes executar. Escripta no Palacio do Rio de Janeiro, em 28 de Julho de 1819.—*Rei.* Para o Conde de Palma.

— —

Officio de Communicação aos Mezarios

Havendo sido authorisado pelas Reaes Ordens o Illm. e Exm. Sr. Conde de Palma, Governador e Capitão General d'esta Capitania para prover, quer provisoria quer direitamente tudo quanto fosse do augmento e prosperidade da Casa Pia dos Meninos Orphãos d'esta cidade, que Foi S. Magestade servido Tomar debaixo da sua Immediata Protecção, tem julgado conveniente estabelecer huma Meza composta de Pessoas caritativas e zelosas do bem d'este Estabelecimento pela Portaria que a ella será apresentada, e querendo S. Exa. presidir a esta primeira na qualidade de Provedor, nomêa a Vm. para o

logar de Escrivão, e me ordena haja de o avisar para na manhã de domingo 1.º de Agosto se achar Vm. no Palacio de sua residencia para tomar posse do dito logar, confiando S. Exa. do seu zelo e favor, que merece a causa dos Orphãos, não deixará de o acceitar como exige o bom serviço do Estado, e do Publico, concorrendo com seu voto e bom conselho para as justas e acertadas deliberações, que se devem esperar de huma Meza illustrada e disposta a velar incessantemente nos interesses dos ditos Orphãos, principal objecto da sua instituição, na intelligencia de que continuarão as seguintes sessões da Meza no mesmo Palacio nos domingos, ou em outros quaesquer dias que se accordar, conforme as circumstancias exigirem.

Deus Guarde a Vm. Bahia, 29 de Julho de 1819.

Francisco Elesbão Pires de Carvalho e Albuquerque

Sr. Antonio Ferreira Coelho.

Do mesmo theor e data se officiou aos demais Mezarios. (*)

Posse da 1.ª Meza

Ao primeiro dia de Agosto de mil oito centos e dezenove, no Palacio da residencia do Illm. e Exmo. Sr. Conde de Palma, Governador e Cap. General d'esta Provincia da Bahia, compareceram, além do Exm. designado para exercer o logar de Provedor, eu Antonio Ferreira Coelho, para o de Escrivão, Antonio Vaz de Carvalho para o de Thesoureiro, José Antonio Rodrigues Vianna para o de Procurador, Francisco Gomes de Souza, Manoel João dos Reis, Domingos Antonio Pereira Franco, An-

(*) Archiv. Publ. Cartas do Governo. L. n. 40, Pags. 77 e 78.

tonio Luiz Ferreira, Manoel José de Almeida, Bernardino José Bastos, José Antonio Ribeiro d'Oliveira, Manoel da Silva Friandes e Domingos José de Almeida Lima, para o de Consultores, e sendo-lhes lida a Portaria do mesmo Illmo. e Exmo. Senhor Conde Governador, datada de 29 de Julho proximo passado, que vae lançada no Livro do Registro de Diplomas Regios, pela qual foi estabelecida a presente Meza do Seminario dos Meninos Orphãos d'esta Cidade da Bahia, se prestaram todos a tomar posse dos seus cargos para bem o servirem, e desempenharem em o presente anno primeiro da sobredita creação da Meza, que decorre de 1819 para 1820. E de como tomaram posse e prometeram servir bem, assignaram esse termo, commigo sobredito Escrivão, Antonio Ferreira Coelho, que o escrevi. *Conde de Palma.—Antonio Ferreira Coelho.—Antonio Vaz de Carvalho.—José Antonio Rodrigues Vianna.—Manoel João dos Reis.—Antonio Luiz Ferreira.—Francisco Gomes de Souza.—Bernardino José Bastos.—Manoel José de Almeida.—Domingos Antonio Pereira Franco.—Manoel da Silva Friandes.—José Antonio Ribeiro de Oliveira.—Domingos José de Almeida Lima.*

——

Donativos para a reedificação do Collegio

«Graças a sabedoria, ao acrisolado patriotismo e á veneração geral dos negociantes da Bahia, pelo amado e immortal soberano, o Senhor rei D. João VI, que offerecerão 40:000$000, destinados a celebrar com estrondoza magnificencia a sua exaltação ao throno, para fundo de um esbelecimento perpetuo a beneficio dos meninos orphãos, o que foi approvado pelo magnanimo coração d'aquelle principe assás clemente, pio e generoso, e inclinado á beneficencia, como innata na sua realeza e paternidade, para amparo d'aquella porção de seus subditos tão indigentes e por isso digno de compaixão.

Os Romanos levantárão templos á clemencia; os negociantes da Bahia levántarão igualmente outro, ornado das riquezas da sensibilidade e humanidade, ao augusto monarcha, pai, tutor e amigo dos seus póvos.

Formárão aquelles uma Meza á similhança da Casa de misericordia, á qual presidio o excellentissimo Conde de Palma, governador, com 12 irmãos, os quaes derão immediatamente cada um 1:000$000 para a reedificação do edificio, ainda quando a generosidade real lhes doou aquelle dos Jesuitas no suburbio da cidade.

Fizerão-se estatutos para a direcção e aproveitamento dos meninos, restando, para immortalisar aquelle estabelecimento, que se tenha igualmente entregado á vigilancia do governo, para receberem d'aquella casa pia a educação conveniente.

(*Mons. Pizarro. Annaes Hist. do Rio de Janeiro,* Tom. 5.° Pag. 121).

Officio Circular

Eis o officio que o Governador Conde de Palma dirigiu aos Ouvidores, Juizes de Fóra e Capitães-móres das Comarcas e Villas do Reconcavo.

Illm. Sr.—Havendo a beneficencia de muitas pessoas contribuido para o augmento e melhoramento do pequeno Collegio dos Orphãos, que já havia n'esta cidade, S. M. achando digno de sua real contemplação hum tão pio como interessante estabelecimento Foi servido não só approvar o plano e fazer a este governo as mais positivas recommendações para a sua cabal execução, mas tambem conceder, a beneficio do estabelecimento, parte do edificio do Noviciado dos extinctos Jesuitas, além de outras valiosas Graças.

Tendo portanto merecido já esta empreza piedosa Paternal Contemplação de El-Rey Nosso Senhor, a beneficencia de grande numero de pessoas, que

voluntariamente têm concorrido a formar um fundo capaz de sustentar em applicações de utilidade publica uma porção de infelizes meninos, que não podem achar o abrigo paternal senão nos corações e caridade das pessoas sensiveis; e porque o fundo existente ainda não seja bastante para a continuação das obras do novo Collegio e sua manutenção, na consideração de que o beneficio do Instituto não he limitado sómente a amparar os Orphãos d'esta Cidade, mas que se estende aos de toda a Capitania; e como me pareça que muitas pessoas que residem fóra da cidade têm deixado de concorrer com donativos e materiaes talvez pela incerteza em que estão de ser o beneficio d'este Estabelecimento commum aos Orphãos de toda esta Capitania, e de que elle mereça tanta Attenção a S. M., e por consequencia a este Governo:—Recommendo a V... que promova quanto lhe for possivel subscripções voluntarias das pessoas que no seu Districto possão e queirão contribuir com dinheiro ou generos para hum fim de tanta humanidade, convencendo-as da importancia e utilidade d'este pio Estabelecimento e da muita Attenção que tem merecido a El-Rey Nosso Senhor.

Os donativos, pois, com os quaes contribuirem os bemfeitores, serão arrecadados debaixo da fiscalisação de V... que fará remessa d'elles, logo que for possivel, a Antonio Vaz de Carvalho, actual Thesoureiro da Mesa interina dos Orphãos, devendo acompanhar esta remessa huma declaração nominal dos contribuintes, em que seja expressa a quantia que cada hum deve, para d'isto se fazerem os competentes assentos e constar em todo e qualquer tempo.

Nem eu poderei (sem faltar a hum dever sagrado) deixar de louvar toda a efficacia que V.. applicar a este piedoso fim, e de agradecer aos generosos e caritativos contribuintes, nem S. Magestade deixará de contentar-se muito com o serviço que V.. fizer a este respeito, bem como das provas de humanidade e beneficencia que derem seus Vassalos, sempre agradaveis ao Nosso Exemplar Soberano.

Deus Guarde a V... Bahia, 16 de Fevereiro de **1820.** *Conde de Palma.*

Subscripções

Donativos angariados por Antonio Vaz de Carvalho, José Antonio Rodrigues Vianna, Coronel Francisco Alexandre Guimarães e José Alexandre da Cruz Rios, de 1819 a 1821.	56:269$000
Idem pelo Provedor Antonio Vaz de Carvalho	5:124$000
Donativo de Manoel Ignacio Moniz Barretto e Aragão	500$000
Idem de Salvador Moniz Barretto e Aragão	500$000
Idem de José Joaquim Moniz Barretto e Aragão	500$000
Contribuição enviada pela Villa de Cachoeira pelo Juiz de Fóra Antonio de Cerqueira Lima .	1:512$000
Idem, idem pelas Villas de Porto Seguro e S. Matheus . . .	907$000
Idem, idem pela Villa de Inhambupe de Cima	217$000
Idem, idem pela Villa de Nazareth	121$400
Idem, idem pela villa de Jacobina	800$000
Idem, idem pela villa da Estancia	543$000

Relação dos Provedores das Mezas Administrativas

1.ª Meza creada e nomeada por Portaria do Exm. Governador e Capitão-General da Bahia Conde de Palma em 29 de Julho de 1819.
Provedor—Conde de Palma.

De 21 de Outubro de 1821 a 1824:
Provedor—José Antonio Rodrigues Vianna.
A Meza foi eleita pela precedente com approvação da Junta Provisoria do Governo da Provincia.
O Provedor serviu até Maio de 1824, quando retirou-se para Portugal.

De 21 de Maio de 1824 a 1825:
Provedor—Coronel Francisco José Lisboa.

De 21 de Dezembro de 1825 a 1826:
Provedor—Comm. Antonio Vaz de Carvalho, que foi reeleito até 1828.

Triennio de 31 de Agosto de 1828 a 1831:
Provedor—Joaquim José de Oliveira.

Idem de 1831 a 1834:
Provedor—Exm. Arcebispo D. Romualdo Antonio de Seixas.

Idem de 1834 a 1837:
Provedor—O Presidente da Provincia, Desembargador Joaquim José Pinheiro de Vasconcellos.

Idem de 1837 a 1840:
Provedor—Rvm. Vigario Viçente Ferreira de Oliveira, sendo reeleito até 1843.

Idem de 1843 a 1846:
Provedor—Padre João Quirino Gomes.

Idem de 1846 a 1849:
Provedor—Cons. Honorato José de Barros Paim.

Idem de 1849 a 1852:
Provedor—José Pinto Rodrigues da Costa, que foi reeleito até 1855.

Idem de 1855 a 1858:
Provedor—Manuel José de Magalhães.

Idem de 1858 a 1861:
Provedor—Comm. Francisco José Godinho, que foi reeleito até 1862, quando por sua morte foi substituido pelo Comm. Manuel Joaquim Alves.

Idem de 1864 a 1867:
Provedor—Dez. Manuel Libanio Pereira de Castro.

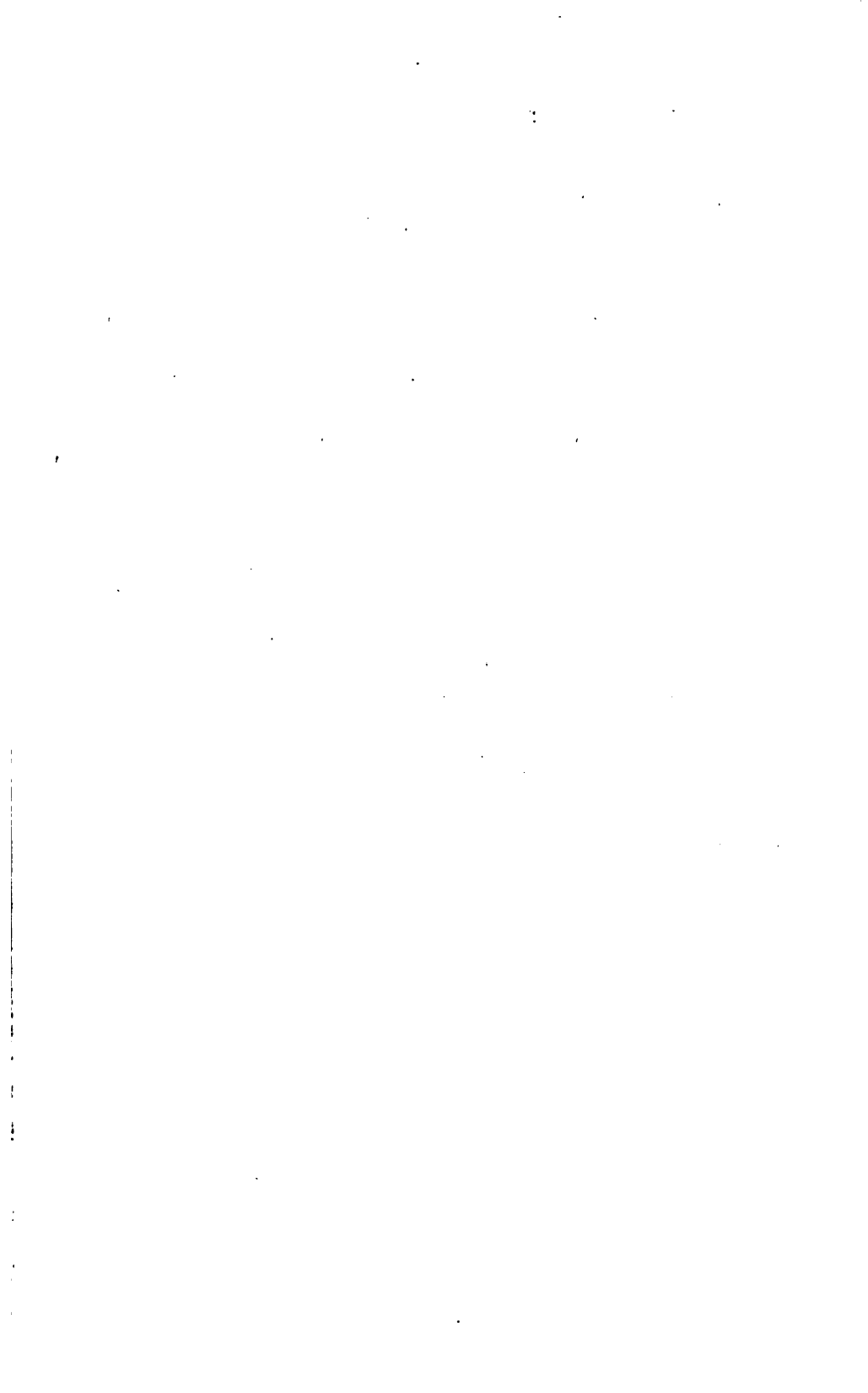
Idem de 1867 a 1870:
Provedor—Dr. Antonio Ribeiro de Lima.

Idem de 1870 a 1873:
Provedor—Coronel José Lopes Pereira de Carvalho.

Idem de 1873 a 1894:
Provedor—Comm. José Augusto de Figueiredo.

Idem de 1894 a 1900:
Provedor—Cons. Dr. Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque.

EPHEMERIDES CACHOEIRANAS

POR

Aristides A. Milton

JULHO

1º de Julho

—Em 1705, o governador D. Rodrigo da Costa escreveu á camara desta cidade, então villa, para que ella não consentisse fazer-se no Capoeirussú, Pinguela, Varge, e freguezia de S. Pedro da Moritiba, outra plantação, que não fosse a de mandioca.

E' que já se sentia a necessidade de prevenir o futuro, não compromettendo a cultura da preciosa euphorbiacea, indispensavel para alimentação do nosso povo.

E, no entanto, ainda hoje se incide nesse erro; de modo que temos lutado com verdadeiras crises, ao ponto de se chegar a vender aqui por 800 réis cada litro de farinha, feita da saborosa raiz. . .

—Em 1822, sahiu de Itaparica para cá José Marcellino dos Santos, que se tinha evadido da Bahia. Vinha acompanhado pelo capitão Antonio de Souza Lima, que na vespera havia ali chegado. E ambos estavam encarregados de solicitar auxilios, que podessem firmar naquella ilha o novo systema de governo adoptado.

Mas, a communicação com esta cidade, então villa, achava-se interceptada por uma canhoneira portugueza, ancorada na fóz do Paraguassú, rio que aliás navio não ousava subir, com receio de encontrar

sorte egual á do outro, que fôra tomado no dia 28 de Junho.

Os dous patriotas, comtudo, conseguiram illudir a vigilancia daquella canhoneira, e desembarcar no porto de S. Domingos da Saubara, de onde vieram por terra para aqui.

Logo no dia seguinte, foi mandado á Itaparica o sargento Manuel Martins, levando diversas proclamações, assignadas ainda pela *Junta de defeza*, que por meio dellas convidava os itaparicanos a trabalharem unidos em prol da liberdade e da patria.

—Em 1823, rompeu grande tumulto nesta cidade, então villa, onde haviam chegado alguns portuguezes, emigrados da Bahia, contra os quaes a população nacional se levantou quasi inteira.

O Governo interino, porém, providenciou prompta e acertadamente, de sorte que dentro de poucas horas a ordem ficou restabelecida.

2 de Julho

—Em 1823, tendo entrado na cidade da Bahia o exercito pacificador, terminou brilhantemente a luta pela independencia do Brazil. O general Madeira de Mello se fez, afinal, de vela para a Europa, acompanhado pelas ultimas tropas portuguezas, que tinham tentado recolonisar o nosso paiz.

Daquelle glorioso exercito fizeram parte numerosos e bravos cachoeiranos, a cuja memoria me seja permittido consagrar nestas linhas um tributo de respeito e saudade.

E me parece que cabe perfeitamente agora commemorar as façanhas de D. Maria Quiteria de Jesus Medeiros, tão valente quanto honesta senhora, que muito trabalhou, e muito mais obteve para honra e fama do nome bahiano.

Nascida em S. José das Itapororocas, pertencente a esse tempo ao municipio desta cidade, então villa, a intrepida Maria Quiteria para aqui se transferiu, desde que teve noticia dos graves acontecimentos,

que se estavam desenrolando no interesse da libertação da patria.

Antes, porém, de entrar no pôvoado, trocou ella por trajos masculinos as roupas proprias do seu sexo. E desta maneira chegando á presença da autoridade militar competente, pediu-lhe para sentar praça no regimento de artilheria, donde pouco depois passou para o batalhão de caçadores *Voluntarios do principe*.

Por ordem datada de 28 de Março, do anno acima indicado, o Conselho interino do governo da Bahia, que funccionava nesta cidade, outrora villa, mandou fornecer á D. Maria Quiteria, que tinha então praça de cadête, dous saiotes de camellão, ou de outro panno similhante e uma fardeta de policia.

E a 31 do citado mez e anno, o mesmo Conselho deu autorisação para se entregar á referida senhora uma espada tambem.

D. Maria Quiteria teve occasião de se collocar á frente de algumas dezenas de impavidas amazonas, minhas conterraneas, para repellir e bater os soldados portuguezes, que procuraram effectuar um desembarque na foz do Paraguassú.

E, segundo informação do commandante em chefe do exercito pacificador, ministrada em officio de 24 de Julho de 1823 ainda, D. Maria Quiteria tres vezes entrou em combate, e em toda a campanha se distinguiu por *indizivel valor e intrepidez*.

A heroina cachoeirana, terminada que foi a guerra, partiu para o Rio de Janeiro, com o fim de levar ao imperador D. Pedro I a noticia da desoccupação do solo bahiano pelas forças portuguezas. E sua magestade, apreciando devidamente os serviços de D. Maria Quiteria condecorou-a, e por suas proprias mãos collocou-lhe ao peito a insignia do gráu honorifico de que lhe fizera mercê.

—Em 1866, foi sepultado o Cap. Paschoal Bailon Pedreira, que tinha sido negociante, e por vezes vereador da camara municipal desta cidade.

—Em 1895, chegou aqui—telegraphicamente—a noticia de ter sido inaugurado na capital do Estado

o monumento ao glorioso dia *2 de Julho*, que ora se ostenta no Campo Grande, e foi construido mediante uma subscripção popular, uxiliada pelos Poderes locaes. A somma, assim arrecadada, elevou-se ao total de 350.000$000.

O monumento alludido mede, de altura, 25 metros, e 280 metros quadrados tem de base; estando esta decorada com grandes figuras allegoricas, representando o rio S. Francisco, e o nosso Paraguassú tambem. Todo de bronze e marmore, é de marmore branco um grande octogono, que se eleva sobre o respectivo pedestal, e acha-se cercado de relevos e trophéus, allusivos aos combates de Itaparica, Funil, Cabrito, e Pirajá.

Sobrepôndo-se a esse octogono, outro se destaca, egualmente de marmore, encimado por uma riquissima columna de bronze, onde foram esculpidas as datas mais notaveis da campanha de nossa independencia.

Em torno da columna, veem-se as estatuas de *Moema* e da *Liberdade*, medindo 4 metros cada qual dellas. E no vértice da mesma columna avulta a figura de um indio, de 4^m 80^c de altura.

O monumento foi executado na Italia, e é illuminado por 8 bellos candelabros, que assentam sobre fundamentos de granito roseo, extrahido das jazidas da serra da Itiuba, neste opulento e legendario Estado.

3 de Julho

—Em 1766, o Governo portuguez mandou destruir todas as fabricas de tecidos de algodão, linho, lã, e seda, existentes no Brazil; recommendando, nas instrucções reservadas que, a 5 de Janeiro de 1785 expediu ao vice-rei, fizesse este sentar praça no exercito a quem quer *que transgredisse aquelle régio mandato*.

Admira, entretanto, que fosse ministro o marquez de Pombal, quando ao rei fidelissimo acodiu similhante idéa estreita e perfida....

—Em 1822, a *Junta provisoria do governo da Bahia* dirigiu-se ao general Madeira de Mello, propôndo-lhe as bases para um accordo, cuja consequencia principal seria a immediata dissolução da dicta *Junta*, que aquelle militar affirmava ter sido creada illegal e precipitadamente.

Madeira, porém, respondeu—que só concordaria com a proposta sob condição de se proclamar aos réus, afim de que depôzessem as armas, e «se entregassem á prisão os envolvidos nos attentados ás autoridades, tanto civis como militares, de alferes para cima.»

A imposição do general portuguez foi dignamente repellida.

—Em 1823, o *Governo provisorio*, que funccionava aqui, mandou cessar o recrutamento, aberto em tempo afim de reforçar as fileiras do exercito pacificador. E provindenciou no sentido de voltarem para a cidade da Bahia, tanto os livros e utensilios da Casa da moeda, como as munições de bocca, existentes nesta cidade, então villa.

Foi para esse estabelecimento que o coronel Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque fez cortar perto de 12.000 *chapas* de 80 réis cada uma.

—Em 1842, partiu com destino á Lisbôa a fragata *Paraguassú*, conduzindo a seu bordo os cidadãos A. Limpo de Abreu, depois marquez de Abaeté, Geraldo Leite Bastos, F. de Salles Torres Homem, depois visconde de Inhomerim, e mais tres cidadãos, de influencia e de valor politico todos elles, mas accusados de crimes contra a ordem publica e as instituições então vigentes.

Os habitantes ribeirinhos do Paraguassú, porém, lamentaram sinceramente—que o Governo houvesse tomado tão extrema, quanto desnecessaria medida....

——

4 de Julho

—Em 1823, o Governo provisorio, que fora installado nesta cidade, então villa, tendo recebido a grata noticia de haver seguido para a Europa a esquadra portugueza, composta de 84 velas, e que tanto hostilisara o movimento da independencia brazileira, resolveu transferir-se para a capital da provincia, com todas as repartições administrativas que de lá tinham vindo.

A communicação daquelle faustoso acontecimento fôra transmittida pelo governador de Itaparica; e recebeu a data de 8 de Julho o primeiro officio, que de sua nova séde o governo provisorio expediu.

—Em 1838, falleceu nesta cidade o *capitão-mór* José Paes Cardoso, que eu supponho haver sido—entre nós— o derradeiro exemplar dessa autoridade lendaria, que fez as delicias, e foi tambem o terror, dos nossos caros avós.

—Em 1875, finou-se na capital de Pernambuco, onde achava-se de passagem para a Europa, o Dr. Antonio Luiz de Almeida, nascido nesta cidade a 17 de Fevereiro de 1833.

5 de Julho

—E' tradicional que, em 1746, ficou prompta a Casa de oração, que alguns devotos levantaram no logar conhecido por *Monte*, e foi consagrada á Conceição de Nossa Senhora.

O Cap. José Gonsalves Fiusa edificou depois, no dicto sitio, uma Capella de que fez doação á mesma Virgem, no anno de 1784.

Debaixo da administração de Manuel Freire de Almeida, entretanto, novas obras foram iniciadas para aformosear esse templo, que em 1796 estavam quasi concluidas. Mas, ao devoto Antonio João Bellas coube a fortuna de pôr-lhes o devido remate.

Comtudo, só em 1846 se poude construir a torre da mesma egreja, graças ao zelo dos mezarios da respectiva irmandade, dentre os quaes muito sa-

lientou-se o capitão José Antonio Dantas, fallecido em 1893 na villa de S. Gonçalo dos Campos.

—Em 1822, reuniram-se nesta cidade, então villa, com uma deputação que viera das villas de Santo Amaro e S. Francisco, as autoridades locaes e os cidadãos qualificados para fazer cessar a *implicancia das palavras Junta de defeza* de que se tinham servido os redactores da acta de *25 de Junho* para qualificar o ajuntamento dos patriotas, então realizado. E deliberaram cambial-a por estas outras—*Commissão de administração da Caixa Militar.*

A *implicancia* provinha do facto de haver quem pensasse *que aquellas palavras designavam um governo para este districto. . .*

A *Commissão*, novamente creada, devia cuidar tanto da arrecadação e fiscalisação dos fundos destinados á defeza da provincia, quanto da promptificação das munições de bocca e de guèrra, necessarias para o proseguimento da campanha.

6 de Julho

—Em 1717, o marquez de Angeja, que então governava, mandou para aqui—devidamente acompanhado—o Dr. corregedor Manuel Gomes de Oliveira, com o fim de *devassar do assassinato de um soldado*, succedido havia pouco tempo, e simultaneamente *fiscalisar a exportação do tabaco.*

Como se está vendo, não é de hoje que a fiscalisação do fumo preoccupa os nossos governantes.

—Em 1747, o rei de Portugal prohibiu—sob comminação de graves penas—o uso da imprensa no Brazil.

Sómente 61 annos depois, foi inaugurada a *Imprensa régia*, no Rio de Janeiro. Mas, o primeiro jornal editado em nosso paiz foi a *Gazeta do Rio de Janeiro*, que viu a luz em 1808. Neste Estado, a *Idade de Ouro*, o mais antigo de seus periodicos, appareceu no anno de 1811.

—Em 1752, o senado da camara desta cidade, então villa, resolveu—que, d'esse dia em diante, fosse

feita quotidianamente a matança do gado necessario para abastecimento da população.

A 5 de Agosto seguinte, soffreu pesada multa o tenente Antonio de Araujo Dantas, marchante, *por estar matando gado nas calçadas, e despejando os fatos* (fressuras) *nellas, cahindo o sangue junto ás casas dos moradores.*

Hão de confessar—que naquelle tempo um tenente valia muito, e no entanto o Antonio de Araujo pagou a multa sem bufar.

Digno de nota. .

—Em 1822, o general portuguez Madeira de Mello negou, por officio endereçado ao Governo provisorio da provincia, conceder o perdão que tinha sido solicitado por este para os *sublevados* da Cachoeira, Sancto Amaro, Maragogipe e S. Francisco.

Os *sublevados*, porém, tanto admiraram-se da *espontaneidade* do Governo provisorio, quanto riram-se da toleima do regulo luzitano. E foram por diante. . .

—Ainda em 1822, o Governo, cuja séde havia sido transferida para a cidade da Bahia, dirigiu proclamações patrioticas ao exercito nacional e ao povo.

—Em 1823, o capitão das ordenanças do districto de Itapororocas, então pertencente a esta cidade, que era simples villa, representou contra um certo João Paulo, porque este extorquira de José da Costa Simas um carneiro, duas vaccas, e o recibo de não pequena divida, sob promessa de lhe conseguir um despacho de escusa do serviço militar, *por intermedio de tres figurões de palacio.*

O Governo, em resposta, affirmou ter providenciado, no sentido de ser punida rigorosamente a grossa bandalheira.

Em todo o caso, ahi temos mais uma prova de que a advocacia administrativa não é tão nova, como geralmente se pensa.

—No mesmo anno de 1823, chegou a esta cidade, então villa, o batalhão mineiro, que tinha marchado de Sabará para vir auxiliar os nossos comprovincianos, nas lutas em prol da independencia nacional.

Era seu commandante o tenente-coronel José de Sá Bittencourt e Camara.

Afim de recebel-o, o Governo provisorio mandara até cá o deputado do quartel-mestre general.

O distincto batalhão demorou-se aqui até o mez de Dezembro, quando seguiu para a capital da provincia, deixando de si lembrança immorredôra.

—Em 1842, assumiu o exercicio, depois de haver prestado o juramento de estylo, o primeiro juiz de orphãos, nomeado para o termo desta cidade,—o Dr. José Thomaz de Britto.

Esse cargo foi posteriormente occupado pelos magistrados, cujos nomes vão se ler: Dr. João Gonçalves Ferreira (1846), Dr. João Lustosa da Cunha Paranaguá, hoje marquez de Paranaguá (1850,) Dr. Ricardo Pinheiro de Vasconcellos (1853), Dr. Francisco Gonçalves Martins (1857), Dr. Eduardo da Silva Rebello (1861), Dr. Antonio José de Castro Lima (1866), Dr. Clemente de Oliveira Mendes (1873,) Dr. Quintino Ferreira da Silva (1880), Dr. Thomé Affonso de Moura (1882), Dr. Reinaldo Martins Ramos (1885), e Dr. Pedro Vicente Vianna (1887).

Com o advento da republica, a vara especial dos orphãos foi supprimida.

—Em 1871, falleceu o mais notavel, dentre os poetas bahianos, Antonio de *Castro Alves.*

O *Cécéu,* como era elle conhecido entre os amigos, nascera—a 14 de Março de 1847,—na fazenda *Cabaceiras,* do districto de Curralinho que, a esse tempo, fazia parte das freguezias da Moritiba, e Cruz das Almas, do termo e comarca desta cidade.

Attingindo á edade escolar, Castro Alves veio para aqui frequentar a escóla das primeiras letras, regida pelo professor particular Auguste Frederic Loup.

Algum tempo depois, elle acompanhou seu pae, que se mudara para a capital da provincia, hoje Estado; e ahi matriculou-se no *Gymnasio Bahiano,* collegio fundado e dirigido pelo emerito pedagogo Dr. Abilio Cezar Borges, que morreu barão de Macahubas.

Foi no *Gymnasio* que Castro Alves começou a ostentar o seu estro portentoso, colhendo applausos merecidos, em *outeiros* e jornaes do notavel estabelecimento de ensino, que tanto honrou a Bahia.

Como estudante da Faculdade de direito do Recife, donde se passou depois para S. Paulo, Castro Alves dirigiu *O Futuro*, apreciadissima revista litteraria, tendo por companheiros A. de Carvalhal, Maciel Pinheiro e A. Milton.

De então por diante, o imaginoso bahiano foi se revelando um cultor apaixonado da poesia e do drama.

Desgraçadamente, malogrou-se em grande parte a bem fundada esperança, que a patria depositava no talento peregrino do nosso co-municipe immortal.

O laureado autor dos *Escravos*, do *Navio negreiro* e das *Espumas Fluctuantes*, o festejado escriptor do *Gonzaga* e de tantos outros primores litterarios, ainda joven teve de ceder á fatalidade que cruel o fulminou. Do seu nome, porém, guardamos lembrança indelevel.

—Em 1882, morreu – já cego de ambas as vistas —o nonagenario Manoel Lino Pereira que, na qualidade de sargento, tomara parte nas lutas da independencia nacional, e fôra o commandante da escolta, encarregada de conduzir para a cadeia do Inhambupe os prisioneiros, feitos na canhoneira luzitana, que se rendera a 28 de Junho, conforme já relatei.

—Em 1898, finou-se o Dr. José Machado Pedreira, que era juiz de direito da comarca desta cidade, onde fôra juiz municipal tambem.

Nascido em 1858, tivera por berço a freguezia de S. Gonçalo dos Campos, por cujo futuro empenhava-se enthusiasticamente.

Chefe de familia extremoso, amigo fiel, e magistrado correcto, seu passamento foi muito sentido, como demonstraram o concorridissimo funeral que lhe fizeram, e as manifestações de pezar, com que se recebeu a noticia de tão prematuro traspasso.

O Conselho municipal desta cidade associou-se a esses testemunhos de affecto e saudade, rendidos á memoria do preclaro cidadão.

No cemiterio de sua terra natal, está sepultado o Dr. José Machado Pedreira.

7 de Julho

—Em 1834, a Camara municipal designou para depositos de lixo, e de entulho, os seguintes pontos desta cidade: Portinho dos frades, riacho do Pagão (ao pé do morro, em que está situada a egreja do Amparo,) Calabar e Pedreiras.

Tanto basta para affirmar-se—que de hygiene a illustre corporação nada entendia. Todos esses pontos, exceptuado o ultimo, ficam no coração da cidade.

—Em 1885, foi entregue ao transito publico a ponte de ferro *Pedro 2.º*, que liga a esta a cidade de S. Felix.

Deve-se esse notavel melhoramento á companhia da estrada de ferro *Central da Bahia*. (*Vide ephem. de 22 de Dezembro.*)

8 de Julho

—Em 1853, a Camara municipal d'esta cidade recebeu, e mandou cumprir, o *Breve apostolico* do Papa, que supprimiu o preceito de varias festas, diminuindo assim o numero dos *dias santos*, que era excessivo então.

—E na mesma occasião a Camara resolveu substituir por grades de ferro as de páu, que existiam nas janellas de seu paço.

Custou essa transformação 108$000, apenas.

Tão bom tempo não volta mais....

—Em 1878, falleceu na freguezia de S. Gonçalo dos Campos, então do termo desta cidade, o tenente da guarda nacional—Manoel Caetano de Andrade e Mello Coitinho de Vilhena Castello-

branco de Almada, nascido em Portugal, mas brazileiro adoptivo, e de longos annos ali residente.

Tinha botica, e não raras vezes fazia tambem de medico e de cirurgião.

Como eleitor, que o era, apresentava-se nas eleições com um cabrestinho que guardava cautelosamente num dos bolsos, donde o sacava toda vez que lhe pediam votos. Então o exhibia ao candidato, como prova de.... independencia e altivez.

Teve a habilidade de decorar occultamente um sermão, que o vigario Vicente Ferreira Gomes escrevera; e, na vespera da festa em que este o deveria prégar, o Manuel Caetano recitou-o inteiro ao proprio autor, que surprehendido, e contrariado ficou, ao ponto de não subir mais ao pulpito.

Certa noite, em que o tenente voltara da *bilontragem* já bastante tarde, não quiz a senhora lhe mandar abrir a porta da rua; mas nem por isso mostrou-se elle agastado. Retirando-se muito pachorreutamente, foi chamar ao mesmo vigario para acudir-lhe a mulher que, segundo elle dizia, tinha sido assaltada por um accesso de loucura.

O bondoso sacerdote, muito triste e pezaroso, não se fez esperar.

Quando, porém, bateu á porta da casa, em que morava o amigo, responderam-lhe de dentro com palavras asperas, que soaram-lhe muito mal aos ouvidos.

Era a propria mulher do Manuel Caetano quem falava, enraivecida, na supposição de ser o marido que ainda insistia por entrar.

O vigario deu-se então a conhecer, e a senhora fez-lhe franquear immediatamente a casa, com as mais instantes desculpas.

Era isto, entretanto, o que o nosso homem aguardava .....

Emquanto os dois explicavam-se, elle esgueirou-se para dentro da alcôva, e foi lampeiro dormir o seu somno de.... justo.

Uma brejeirice. Como o mesmo conego Vicente não tivesse querido—certa vez—emprestar-lhe de-

terminada quantia, ao mesmo tempo que o encarregava de comprar na feira um bom cavallo, o Manuel Caetano obteve, a pretexto de *experimentar*, um animal nas condições exigidas, e foi leval-o ao padre, a quem affirmou tel-o comprado.

E, de mais, fez notar a coincidencia de ser o valor do contracto exactamente egual á somma, que lhe havia sido peremptoriamente negada.

O vigario acreditou no *conto*, e fez ao amigo prompta entrega do preço ajustado; mas passou pelo desgosto de restituir o cavallo, pois o verdadeiro dono não tardou em reclamal-o.

Arguido pelo padre Vicente, que estranhava-lhe o gracejo, o Manuel Caetano, a seu turno, estranhou-lhe—que não tivesse dinheiro para lhe emprestar, conforme pouco antes allegara, e o achasse comtudo para comprar cavalgaduras.

Ambos riram-se do caso, e uma sincera reconciliação o fez logo esquecer.

De outra feita, encontrando em S. Gonçalo um cavalheiro que o havia obsequiado na Feira de Sant' Anna, o Manuel Caetano instou com elle, afim de que lhe aceitasse a hospedagem...de rapaz solteiro.

Levou-o, porém, para a casa do vigario, então ausente, e que tornando, dentro em pouco, ficou surprezo, por encontrar um desconhecido deitado muito *á fresca*, em rede, e assoviando a cavatina da moda.

Depois de esclarecido o equivoco, o viajante mostrou-se indignado, e custou demovel-o do proposito de ir procurar o Manuel Caetano para pedir-lhe immediata satisfação.

Sem levar em conta essas, e outras pilherias, o Manuel Caetano era um homem bastante estimavel, e amigo extremoso da familia.

Morrendo, o vigario Vicente deixou recommendado no testamento—que seus herdeiros pagassem sem examinar qualquer conta de serviços e medicamentos, que por ventura o seu amigo Manuel Caetano lhes apresentasse.

Este, porém, com as lagrimas a marejar-lhe olhos,

declarou—que nada, absolutamente nada, lhe ficara a dever o amigo de cuja perda jámais poderia consolar-se.

—Em 1888, succumbiu nesta cidade o padre José Pinto de Oliveira Santos, que contava 85 annos de edade, e nascera na freguezia da Serra-preta.

Uns contam—que elle se ordenara para se livrar do serviço da guarda nacional, e outros affirmam que o fizera por causa de amores contrariados.

Como quer que fosse, antes de receber a tonsura o cidadão, a quem me estou referindo, era caixeiro de uma casa commercial, onde parecia viver satisfeito.

Em tempo, o padre Pinto serviu como vigario encommendado da freguezia desta cidade; mas nos ultimos annos de sua vida se retrahira, ao ponto de só sahir de casa para celebrar missa na capella da Ordem Terceira do Carmo. Não havia forças, que o fizessem comparecer a qualquer outro acto, religioso ou profano.

O padre Pinto, no entretanto, era tambem musico habilitadissimo, e deu famosos discipulos, entre os quaes os nossos *maestrinos* Aragão (o *Casusinha*), e João Dantas.

Fugindo, porém, ao bulicio da sociedade, encerrava-se em sua residencia, e se entretinha em tomar nota dos factos que o impressionavam, commentando-os a seu sabor. Está claro—que o fazia sempre em prejuizo da actualidade, que elle—á guiza de todos os velhos—considerava muito inferior ao passado.

O padre Pinto tambem se distrahia fabricando uns *relogios do sol*, muito procurados aliás, porque regulavam bem. Dava-os elle de mimo aos amigos, e por ahi fóra não é difficil encontrar-se especimens de tão util artefacto.

9 de Julho

—Em 1823, o Governo Provisorio, que fôra installado aqui, dirigiu-se por officio a S. M. o imperador, communicando-lhe ter—se trasladado para a cidade do Salvador, antiga capital da provincia.

—Em 1824, o Dr. João Ricardo da Costa Dormund foi eleito—a contra gosto seu—deputado á Assembléa legislativa geral.

D'este modo, os desaffectos do illustre cidadão, que era juiz, conseguiram ver-se livres delle, cuja judicatura não lhes agradava. O Dr. Dormund perdeu, portanto, a vara que empunhava; e os seus eleitores nadaram por isto em jubilo.

Terminada, porém, a legislatura, o nosso deputado veio solicitar a reeleição, pois tinha tomado gosto ao novo cargo.

Mas, os eleitores que já o não temiam fizeram-lhe ouvidos de mercador e elle apenas logrou reunir 20 votos, ao todo. De sorte que, afinal, nem juiz, nem deputado!

Foi uma bella manobra dos nossos avós, essa que aqui fica registrada.

Ah! como sabiam elles fidalgamente vingar-se... E vingaram-se mais ainda, obrigando o Dr. Dormund a recordar certa fabula de La Fontaine, que havia outr'ora traduzido...

10 de Julho

—Em 1822, partiram de Itaparica para esta cidade, então villa, diversos cidadãos, que eram apontados como hostis aos interesses da facção luzitana.

Mas, a verdade é que elles mostravam-se profundamente indignados, porque naquella ilha tinha apparecido o Capitão Joaquim José Teixeira, por alcunha o *30 diabos*, commandando um destacamento de 80 praças, e trazendo ás suas ordens varias canhoneiras, que estavam bombardeando a povoação.

Protegido dessa fórma o desembarque, e depois de terem sido mortos em terra dous soldados, o

30 diabos conseguiu assenhorear-se da fortaleza de S. Lourenço. E, uma vez dentro della, dirigiu grosseiros insultos ao respectivo commandante—Antonio Francisco de Barros Taparica, encravou todas as peças, inutilizou-lhes o carretame, quebrou a palamenta, e retirou-se em seguida para a cidade da Bahia.

--Em 1851, falleceu nesta cidade o Dr. Joaquim Francisco Moreira, advogado, e commandante de um batalhão da guarda nacional por eleição popular.

Tinha occupado, antes, o logar de juiz municipal e de orphãos em um dos termos da provincia de Minas-Geraes, hoje Estado.

—Em 1865, o Governo imperial expediu sob n. 3500 um decreto, concedendo privilegio a Luiz da Rocha Dias para explorar minas de cobre, e outras, na comarca desta cidade.

Rosnam por ahi que, á falta de cobres, os concessionarios nunca trataram de procurar o cobre, que o Governo lhes concedera.

Certo é, comtudo, que temos provas irrecusaveis da existencia desse minerio bem perto daqui.

Foi no sitio denominado *Mamocabo*, da freguezia do Iguape, no termo e comarca desta cidade, donde dista 4 kilometros approximadamente, que encontrou-se o pedaço do cobre nativo, pesando 840 kilogrammas, immediatamente sequestrado, e logo após remettido para Lisboa, em cujo museu ainda figura.

Servia-se delle um pobre homem, para bater a roupa na fonte.

Denunciado o facto pelo alferes do *Henrique Dias*—Antonio Machado da Trindade ao juiz de fóra Dr. Marcellino da Silva Pereira, em 1782, veio da capital para syndicar delle o desembargador José da Rocha, muito tempo ao depois. Foi só em 1807 que esse magistrado chegou ao sitio referido, cumprindo a ordem superior que havia recebido.

O *Mamocabo* pertencia ao capitão Antonio Gonçalves de Aguiar e Souza.

Uma carta régia, expedida do palacio de Queluz, em Portugal, concedeu por sesmaria á empreza, que

Francisco Gomes devia organisar, os terrenos das minas de cobre do municipio desta cidade, com isenção de direitos e outros favores, para a respectiva exploração.

Sobre as minas do Iguape escreveu curiosa *Memoria* Guilherme Christiano Feldner, sargento-mór de artilheria, addido ao estado-maior do exercito.

—Em 1899, Evaristo Martins dos Santos, creança de 12 annos apenas, querendo vingar-se de seu protector Manuel Antonio dos Santos, que havia ameaçado castigal-o por certa maldade que elle tinha praticado, pôz veneno em uma panella de feijão, que depois foi servido á familia, em cujo seio o perverso tinha encontrado acolhida e protecção.

O facto aconteceu na rua dos Remedios, desta cidade, e produziu a morte do Manuel Antonio, a de sua mulher Maria Euzebia, conhecida por *Cóta*, bem como a de sua cunhada Clementina da Boa-Morte.

Instaurou-se o respectivo processo.

11 de Julho

—Em 1692, o Governo deu parte ao rei de Portugal da formação de uma aldeia no *Capoeirussú*, hoje suburbio desta cidade. O primeiro nucleo se constituiu com cerca de 60 indios, que achavam-se esparsos pelo sertão, e ali foram localizados.

Capoeirussú não passa de uma modificação do nome *Caperossú* (tapera grande), que aquelle sitio teve primitivamente.

O Capoeirussú tem crescido de importancia, de alguns annos para cá.

12 de Julho

—Em 1832, nasceu nesta cidade, então villa, o Dr. Vital Ferreira de Moraes Sarmento, que veio a fallecer em 12 de Fevereiro de 1890.

Entre outros cargos que exerceu, foi juiz municipal e de orphãos do termo da Barra do Rio Grande, e

juiz de direito da comarca de Santo Amaro, neste Estado, outr'ora provincia, a que elle tambem serviu na qualidade de chefe de policia.

—Em 1843, chegou a esta cidade, causando dolorosa impressão, a noticia de terem corrido a 9, na capital, as terras da montanha, em ponto pertencente á freguezia do Pilar.

O desastre foi precedido de copiosos aguaceiros, e produziu sensiveis prejuizos materiaes. Além disto, victimou elle o parocho João Nepomuceno Moreira de Pinho, e um hospede d'este, tambem vigario da freguezia do Rio Fundo.

Foi o decimo desastre do mesmo genero, que se contou na Bahia.

13 deJulho

—Em 1822, a Camara desta cidade, então villa, querendo communicar ao principe D. Pedro de Alcantara, que foi depois imperador com o nome de D. Pedro I, a sua acclamação para principe regente do Brazil, dirigiu-lhe o officio que se segue:

«*Senhor!*—O leal e brioso povo do districto da Cachoeira, de quem temos a honra de ser orgão, acaba de proclamar, e reconhecer, a V. A. Real, como regente constitucional e defensor perpetuo do reino do Brazil.

Debalde o verdugo da Bahia—o oppressor Madeira—quiz renovar nesta villa as sanguinosas catastrophes do dia 19 de Fevereiro e seguintes da capital da provincia. Debalde contou ainda augmental-as, destacando neste rio uma escuna artilhada para bombardeiar, por alguns dias, com balas e metralhas, não só os honrados cachoeiranos (cujo crime consiste em quererem ser brasileiros e subditos de V. A. Real) mas até seus innocentes edificios.

Similhante affronta, SENHOR, foi dignamente repellida pelo denodo e patriotismo do povo: e o commandante da referida escuna, com mais 26 pessoas que se achavam a bordo, ficaram presos á ordem de V. A. Real, tendo se rendido á discreção, na noite

de 28 de Junho, depois de um renhido combate de tres horas.

Altamente penetrado da mais viva gratidão para com V. A. Real, este povo brioso almejava para repetir o grito regenerador dos mais felizes fluminenses, paulistas, mineiros, continentista e pernambucanos; almejava para apagar a feia nodoa do scisma, que a seu bel prazer esses homens levantaram entre esta e as mais provincias brazileiras.

Mas, SENHOR, os cachoeiranos são bahianos; elles não queriam roubar a seus irmãos da capital uma gloria, que lhes tocava com tanta maior justiça, quanta é a intima convicção, que em todos reina, da perfeita egualdade de sentimentos que nos liga.

Cresceu o tyranno, cresceram os grilhões e algemas, que cada vez soneavam mais a soberania inauferivel de seus illustres habitantes. E aquelles mesmos, SENHOR, que outr'ora com denodado esforço arrancaram da poderosa França e da terrivel Hollanda as provincias brazilienses, hoje não podem unir a sua a essas que defenderam!

Os cachoeiranos, SENHOR, não poderam mais contemporizar: porção a mais brilhante da illustre descendencia da primogenita do Brazil, elles fizeram repercutir em todos os pontos do globo o valente grito de 80,000 brazileiros, proclamando a sua liberdade e gratidão.

Surgiram de improviso os generosos povos das villas de Inhambupe, Santo Amaro, Sergipe do Conde e Maragogipe; e attentos á voz do patriotismo lavraram, como nós, o augusto titulo de sua verdadeira regeneração.

Perto está o feliz momento de ser V. A. Real acclamado em todos os pontos do solo bahiano: assim podessem nossas forças inferiores esmagar as do tyranno com o massiço ariete do nosso patriotismo.

V. A. Real é nosso protector e defensor. Nós somos opprimidos, e soffremos crueis hostilidades. Cada dia augmenta mais o tyranno suas forças, cada dia maneja novas armas. Do torpe charco de venaes

jornalistas surgem, á voz do infame, execraveis monstros de tyrannia: e, ora enxovalhando o respeito devido á Junta do governo, ora espalhando falsas noticias aterradoras, fazem-nos pelo tyranno a mais encarniçada guerra, reduzindo á inteira nullidade aquellas principaes autoridades da provincia; ameaçando, depôr a primeira, prender a segunda, e arrogar-se o governo geral da mesma.

Grande numero de europeus, escudados com a força do malvado, se conspiraram contra nós. Já em um Conselho, consta, protestava o pae da perfidia fuzilar em tres dias todos os que adherissem á acclamação de V. A. Real: e já cortou toda importação para o reconcavo.

Emfim, SENHOR, somos rebeldes, somos facciosos, porque queremos ter patria, porque queremos entre nós o excelso filho do nosso immortal rei, porque adoramos o successor já jurado da monarchia portugueza.

Ah! SENHOR! Nós já devemos muito a V. A. Real para que nos deixe de ser em extremo sensivel ferir mais com as nossas supplicas seu terno coração. V. A. Real sente os nossos males. V. A. Real vae já destruil-os com a paternal solicitude, que já tem desenvolvido.

Eis o que firmemente esperamos, eis o que unicamente salvará da ultima desgraça meio milhão de honrados subditos de V. A. Real.

Deus guarde a augusta pessoa de V. A. Real, como todos havemos mister. Cachoeira, em camara, 13 de Julho de 1822.—*Antonio Cerqueira Lima.*—*Jeronymo José Albernaz.*—*Antonio de Castro Lima.*—*Manuel Teixeira de Freitas.*»

Este documento foi publicado no *Constitucional*, da Bahia, n. 37 de 22 de Agosto de 1822, e remettidó para o Rio de Janeiro por um *positivo.*

Uma nóta.—O major L. Titara, no 4º canto do seu poema epico *Paraguassú*, descreve todos os acontecimentos, que tiveram logar nesta cidade, com relação á independencia do Brazil.

14 de Julho

—Em 1672, foi creado o logar de capitão de campo, ou do matto, com o fim de perseguir os escravos fugidos, que por acaso se encontrassem neste districto da Cachoeira; sendo logo nomeado Gaspar de Souza para desempenhar tão... sympathicas funcções.

E por especial Provisão, datada de 1º de Março de 1673, mandou-se crear egual cargo nos visinhos districtos de Iguape, Maragogipe e Paraguassú, sendo escolhido para exercel-o Raphael de S. Gonçalo.

Quantas crueldades não teriam praticado os façanhudos capitães contra os desgraçados pretinhos!...

15 de Julho

—Em 1698, o senado da camara da Bahia se dirigiu, por officio, ao rei de Portugal, que era então o soberano do Brazil, fazendo grandes elogios ao espirito caritativo e á fecunda actividade do governador—marquez de Minas—, a quem se devem serviços inolvidaveis, prestados áquella cidade, quando foi ella invadida pela peste, a que o povo deu o nome pouco significativo de *bicha*, e que se suppõe ter sido a febre amarella.

Para se calcular o gráo de miseria a que chégara a população da Bahia, flagellada por tão mortifera epidemia, bastará lembrar—que, no documento citado, o senado da camara affirmava á Sua Magestade: *que para pagamento das contribuições ordinarias eram tirados os brincos ás orelhas das mulheres; e ás viuvas as proprias saias!*

Deviam ter ficado galantes essas viuvas, assim, sem saias...

—Em 1844, falleceu nesta cidade o padre Henrique José da Fonseca, sacerdote muito considerado e digno de referencia especial.

—Em 1869, finou-se—tambem nesta cidade—o

Dr. Manuel Jacintho Navarro de Campos, formado em direito, e que exercera differentes cargos publicos, entre os quaes o de sopplente do juizo de orphãos e o de juiz de paz deste districto.

Vivia da lavoura, e era cidadão recommendavel por seu espirito ordeiro e conciliador.

16 de Julho

—Em 1823, o general José Joaquim de Lima e Silva, commandante em chefe do exercito pacificador, pediu a S. M. Imperial—que, mediante razoavel indemnisação, fossem declarados livres os escravos, que, ou *por fraude*, ou *por exigencia das circumstancias*, haviam se alistado no *batalhão dos libertos*, que no mesmo exercito combatia pela independencia da patria.

Em 30 de Julho, foram expedidas ao presidente da provincia as ordens convenientes, em deferimento ao pedido indicado; e dellas deu-se conhecimento ao exercito, no dia 1º de Agosto.

Já Roma, nos seus tempos historicos, tinha usado de recurso egual; e a elle nós mesmos voltámos, por occasião da guerra do Paraguay, si bem que incorrendo na censura de alguns politicos de então.

—Em 1879, foi sepultado em S. Felix, onde nascera, o tenente-coronel Franklim de Menezes Fraga, cidadão que na villa do Rosario do Orobó (hoje Itaberaba) gozava de grande influencia eleitoral, e sempre se distinguiu pelo aferro ás idêas politicas que sustentava.

Fallecera na villa de Itaparica, hoje cidade, para onde se tinha passado, em busca de melhoras á sua saúde, desde muito arruinada.

17 de Julho

—Em 1701, o capitão João Rodrigues Adorno, que era prior da Veneravel Ordem Terceira do Carmo, nesta cidade, então villa, fez doação do terreno necessario para ser edificada a respectiva egreja, cujas obras ficaram concluidas em 1778.

O muro externo, que fecha o espaço comprehendido entre a mesma egreja e o atrio de fóra foi construido em 1813.

A Ordem Terceira tinha sido instituida como irmandade, em 1691. O seu «Compromisso» fôra coordenado pelo Rev. Fr. Manuel Ferreira da Natividade, vigario provincial do Rio de Janeiro, commissario reformador, e visitador geral da Ordem do Carmo.

(*Vide Ephem. de 24 de Outubro*).

18 de Julho

—Em 1878, succumbiu—com edade superior a 60 annos—o Cons. Manuel de Cerqueira Pinto, desembargador aposentado da Relação do Maranhão.

Nascido na freguezia de S. Gonçalo dos Campos, desta comarca, desde muito tempo residia elle naquella provincia, em cuja capital está sepultado.

—Em 1893, alguns empregados da estrada de Ferro *Central da Bahia*, que serve a esta cidade tambem, declararam-se em *grève*, ou *parede*, pedindo augmento de salário.

Houve muita promessa e troca de telegrammas, ficando por fim de contas tudo. . . como d'antes.

Alguns annos depois, os reclamantes obtiveram, sem bulha nem matinada, que sua reclamação fosse attendida.

—Em 1984, a imprensa local iniciou viva campanha contra a emissão de *valles*, com que varios negociantes haviam inundado, quer esta cidade, quer seus arredores.

Havia *vales* de todos os valores, desde 40 réis até 10 mil réis, a pretexto da falta de moeda divisionaria; e para pôl-os em circulação toda pessoa se reputava autorizada e competente !

Depois de uma luta que durou muitos mezes, o buso foi afinal cohibido. Tornara-se preciso, entretanto, instaurar processo crime contra alguns dos ulpados.

20 de Julho

—Em 1700, assentou-se, com a solemnidade ao tempo usada, a primeira pedra *para fundamento da cadeia e casa da camara* desta cidade, então villa; si bem que os alicerces do respectivo predio estivessem já *na altura de 10 palmos na frente*, conforme reza o auto, que na occasião foi lavrado.

O logar preferido para essa construcção, que ainda hoje está de pé, o foi principalmente para evitar-se—que até lá chegasse o rio Paraguassú, nas suas *cheias* periodicas.

E com o fim de abrir espaço sufficiente ao edificio projectado, realizou-se a desapropriação das casas de taipa, que Maria da Cruz, Roque Fernandes de Carvalho, Manuel Fernandes e Ignofre (*sic*) da Costa possuiam nas immediações daquelle sitio.

Nas obras da cadeia, trabalharam como mestres: de pedreiro—*Manuel* Gomes Moreira, e de carapina—*Manuel Garcez*. Preparou as grades para as prisões respectivas—o ferreiro *Manuel* Dias Ribeiro.

Do edificio, já então concluido, se fez entrega em 20 de Dezembro de 1712; anno esse tambem recommendavel para nós, por ter presidido a factura do caes dos Arcos, com a sua escada de cantaria, toda esta aqui mesmo tirada, ás margens do regato Caquende.

O primeiro carcereiro, nomeado para a nova cadeia, chamava-se *Manuel* de Souza, que pelo nome não perca; entretanto, como não podesse exercer o logar, foi substituido por *Manuel* de Araujo Ramos, que veio assim a ser quem—antes de qualquer outro—desempenhou aqui aquelle cargo.

Anteriormente á data acima citada, a camara e a cadeia funccionavam nas casas de Antonio de Carvalho Guimarães, alugadas por 40$000 annuaes

E muitos annos depois Antonio Paes Cardoso da Silva fez edificar, para uso dos presos, um altar á Nossa Senhora da Lapa, sob as arcadas da cadeia, e de que existem ainda hoje alguns vestigios.

—Em 1713, o vice-rei mandou *levantar a planta* do

forte de Santa Cruz do Paraguassú, *devendo com ella se declarar—si era conveniente havel-a, ou não, na parte em que estava para a defença da entrada do rio, e de que guarnição necessitava; e ser depois enviada para a secretaria de Estado.*

Em 1718, o capitão Fradcisco de Araujo Aragão era quem commandava esse forte, que estava situado no sitio, onde actualmente se encontra a povoação da Barra do Paraguassú, mas de que já não existem se quer as ruinas.

—Em 1829, o tenente-ajudante do batalhão 113 de 2ª linha, organisado nesta cidade, então villa, indo a S. Gonçalo dos Campos inspeccionar o respectivo destacamento, encontrou todas as praças alojadas em casas particulares, *porque não tinham nem quartel, nem tarimba, candieiros, nem torcidas,* conforme a declaração do tenente-coronel Ignacio Joaquim Pitombo ao general commandante das armas.

Diz-se—que a população de S. Gonçalo não ficou muito satisfeita com os hospedes, que as circumstancias assim lhe impuzeram.

21 de Julho

—Em 1823, o coronel Felisberto Gomes Caldeira communicou achar-se promplo para assumir o seu logar de membro do Governo da Bahia, pois havia sido eleito por esta cidade, então villa. E declarou —que si antes o não fizera fôra por achar-se no exercito, onde seus serviços eram reclamados.

22 de Julho

—Em 1713, o governador Pedro de Vasconcellos, querendo acabar com os *atravessadores* do gado vaccum, que infestavam tanto esta cidade, então villa, quanto seus arredores, declarou ao Senado da camara—que todas as boiadas deviam ser conduzidas para a capital, onde iria dahi por diante compral-as quem o quizesse. Apenas ficava permittido *largar* aqui o numero de cabeças, necessario para

abastecimento da respectiva população, e dos religiosos do convento de Belém.

Não ha que duvidar: era uma escandalosa restricção á liberdade commercial, que assim se consagrava...

—Em 1778, o referido Senado da camara desta cidade, então villa, mandou proceder a varios reparos no cáes e linguêta, que desde 1712 existiam para embarque e desembarque, ao largo dos Arcos.

—Em 1822, a junta provisoria do governo da Bahia, funccionando na capital da provincia, timida e vacillante como sempre, lembrou-se de proclamar aos habitantes do reconcavo, pedindo-lhes «que abandonassem os seductores que os abysmavam, e se reunissem de vez á roda das autoridades... até que as soberanas Côrtes de El-Rei decidissem seus destinos».

A Junta, porém, clamou no deserto; pois a idéa da independencia rompia impavida seu glorioso caminho.

—No mesmo anno de 1822, foi creada nesta cidade, então villa, a companhia denominada *Bellona Cachoeirense*, por influencia de Ignacio Joaquim Pitombo; sendo logo eleitos os respectivos officiaes e approvados os artigos por que se deveria ella reger.

—Em 1856, foi publicada sob n. 598 a lei, referente ao assentamento de uma ponte entre esta cidade e S. Felix, idéa que só muitos annos depois realisou-se, graças á companhia da *Estrada de ferro Central da Bahia.*

—Em 1878, falleceu na capital da provincia, onde desde alguns annos estava residindo, o commendador Luiz Baptista Leone, que fôra negociante aqui por longo tempo, e era homem bemfazejo.

Deixou boa fortuna, e tinha nascido na villa da Barra do Rio Grande, agora cidade.

—Em 1880, tambem na capital, para onde havia seguido, afim de se tratar no seio da familia, finou-se o conego Dr. Candido de Souza Requião, vigario da freguezia desta cidade, a contar de 13 de Julho de 1860.

Era bacharel em sciencias juridicas e sociaes.

Incontestavelmente, foi o melhor parocho de que ha memoria entre nós.

Intelligente, orador feliz, zeloso das prerogativas da Egreja, e ainda por cima trabalhador infatigavel nos reparos de sua Matriz, como tambem vivo exemplo de uma moralidade isenta de hypochrisia, o digno sacerdote legou-nos, a todos que fomos seus admiradores, uma lembramça preciosa e uma saudade duradoura.

23 de Julho

—Em 1830, accentuou-se um conflicto, levantado entre o Dr. juiz de fóra e o commandante do batalhão n. 113, da 2ª linha, cuja parada era nesta cidade, então villa. E por pouco deixou esse caso de produzir consequencias desastrosas.

Ainda, entretanto, não achava-se elle de todo esquecido, quando outro conflicto declarou-se entre o commandante do regimento de cavallaria 42, da 2ª linha tambem, e a municipalidade, a proposito das nomeações de um official e de um guarda do dicto regimento, para o emprego de fiscal da camara.

O commandante das armas interveio, reclamando *contra a maneira incivil* por que a edilidade se tinha dirigido officialmente ao chefe do 42; e salientou—que esta chegara «a ponto de offender a honra, melindre e dignidade de um coronel!»

Está se vendo que—não foi só com a republica que o elemento militar andou *na ponta*.

—Em 1893, falleceu com 42 annos de edade o negociante Ivo Horacio Peixoto, que era estabelecido nesta cidade, onde nascera.

Passou sempre por pessoa bastante espirituosa.

25 de Julho

—Em 1858, effectuou-se a primeira reunião dos accionistas da empreza, que projectava construir um theatro, no alto da Conceição do Monte desta cidade.

Por mal nosso, a idéa não conseguiu medrar; posto

que tivessem sido lançados os alicerces do edificio, cuja planta, quiçá por exigir grandes sommas para sua execução, não poude ser levada avante.

Um predio particular occupa, hoje, o local destinado ao theatro falho.

Pois foi pena!

—Em 1877, a camara municipal informou favoravelmente a petição, em que diversos estrangeiros e nacionaes pediam licença ao presidente da provincia para edificar um cemiterio acatholico, e ao mesmo tempo instituir uma sociedade religiosa, com a denominação de *Evangelica*.

Existe, ao Monte Formoso desta cidade, o cemiterio indicado, e a sociedade funcciona regularmente, a uma dezena de annos, comquanto da sua propaganda bem poucos fructos tenha colhido.

—Em 1889, falleceu na *Fazenda Grande*, freguezia da Moritiba, então pertencente ao termo e comarca desta cidade, o Dr. João José Espinola, que fôra juiz dos orphãos do dicto termo, antes da reforma de 1841. Era septuagenario.

—Em 1897, foi installada solemnemente a cidade de S. Gonçalo dos Campos, que faz parte da comarca desta cidade.

26 de Julho

—Em 1850, o decreto n. 687 classificou a comarca desta cidade entre as de 3ª entrancia. Depois da Republica, ella passou a ser de 2ª entrancia.

—Em 1865, foi sepultado Aprigio Gomes de Pinho, que nascera na cidade de Santo Amaro, e nesta residia desde sua infancia.

Coxeava de uma perna, e era notavel a sua antipathia pelos bachareis em direito. Preferia-lhes naturalmente, qual um dos primeiros governadores que tivemos, os homens de espada e farda.

Quanto ao mais, Gomes de Pinho cultivava com amor as musas, e promettia ser um jornalista de escól.

A morte, porém, colheu-o muito novo ainda; quando contava vinte e poucos annos de edade.

—Em 1877, finou-se na cidade da Bahia de cuja, Relação era membro, o desembargador Ignacio Carlos Freire de Carvalho.

O fallecido fôra sempre magistrado correcto, e cidadão credor das mais justificadas sympathias.

Entre os differentes cargos que exerceu, contou-se o de juiz de direito da comarca desta cidade, onde deixou memoria saudosa.

Tinha 66 annos de edade.

27 de Julho

—Em 1855, o cidadão Geminiano Ferraz Moreira offereceu tres pára-raios para serem collocados nesta cidade, destinando logo um delles para o hospital da Santa Casa de Misericordia.

Foi o offerecimento acceito *com muito agrado*, conforme a *chapa*; até hoje, porém, não chegaram taes pára-raios.

E não tratassem de ver outros...

—Em 1865, foi installado o registro geral das hypothecas, nesta cidade, de accordo com a lei, que recentemente havia sido promulgada.

—Em 1892, o decreto n. 956 approvou a fusão da *Companhia Bahiana de Navegação a Vapor* com o *Lloyd Brazileiro*.

Por este motivo, uma secção do dicto *Lloyd* serve actualmente a esta cidade.

28 de Julho

— Em 1673, Estevam Ribeiro Baião Parente recebeu carta do governo, dando-lhe parabens pelo *bom successo* que tivera ..... *combatendo os indios dos Maracás*; e juntamente a ordem necessaria para que a gente que elle trazia embarcasse para a Bahia, logo que chegasse a esta cidade, então villa.

— Em 1753, o senado da camara d'esta cidade, então villa, resolveu deferir o requerimento em que

Francisco de Amorim e Silva, administrador das obras da nova Matriz de Nossa Senhora do Rosario, pedia — que se mandasse comprar um relogio para ser collocado em uma das torres da egreja.

O senado votou para ssse fim a somma de 350$000, mas a 21 de Junho de 1755 augmentou-a. de mais 250$000, por não se ter encontrado d'aquelle preço cousa que prestasse.

O relogio a que me estou referindo é o mesmo, que ainda hoje serve aqui de regulador publico. Tem soffrido varios concertos, d'entre os quaes é justo especialisar o de 1898, por ter sido completo.

— Em 1825, a Relação da Bahia sustentou o despacho de pronuncia, que havia sido proferido contra Antonio Pereira Rebouças, ex-secretario do Governo de Sergipe, « o qual tentara por meio de revolução mudar a forma de Governo, e subverter a ordem publica ».

Ninguem acreditou em similhante aleive contra um dos obreiros da nossa independencia....

— Em 1867, foram inaugurados os trabalhos da estrada de ferro *Central da Bahia*, no logar então denominado *Calabar*, desta cidade.

A solemnidade esteve na altura do acontecimento que se celebrava. A população inteira porfiou nas demonstrações do justo regosijo de que soube possuir-se.

Entre as pessoas que honraram com a sua presença o acto, notou-se o arcebispo D. Manoel Joaquim da Silveira, e o presidente da provincia Dr. José Bonifacio Nascentes de Azambuja.

E' corrente — que por difficuldades creadas pela camara municipal da epoca, o ponto inicial da estrada de ferro foi mudado para S. Felix, onde construiram a estação principal e as officinas, que cada dia se alargam mais.

Si existe ainda algum vereador d'esse tempo deve, no entanto, estar arrependido do que tão levianamente praticou.

Sem querer mesmo alludir a outras vantagens que a Cachoeira perdeu com aquella imprudencia

dós seus edis, apontarei tão somente o aterro e o cáes do *Calabar*, que a empreza da estrada forçosamente teria feito a sua custa, e que nos vae agora consumir centenas de contos de réis, que bem poderiam ser applicados a outros melhoramentos, que estão esperando a sua vez.

— Em 1874:

Desabou parte do tunel, em construcção na *Capapina*, sitio proximo d'esta cidade. Dous trabalhadores ficaram soterrados, e um terceiro recebeu ferimentos graves.

E falleceu na villa, hoje cidade, do Camisão, para onde fôra clinicar, o Dr. João Vicente Sapucaia, formado em 1854 pela Faculdade de medicina da Bahia.

Quando a patria conspurcada pelo despota do Paraguay, teve que appellar para o patriotismo de seus filhos, o Dr. Sapucaia foi um dos que lhe offereceram prestes os seus serviços e a sua dedicação.

No theatro da guerra, o Dr. Sapucaia firmou seus creditos de medico humanitario e de cidadão prestimoso.

— Em 1893, teve logar — n'esta cidade — a primeira *tourada*, promovida por um *capinha* de nome Lagartigilla.

Felizmente, o gosto pelo barbaro divertimento aqui não se acclimou, si bem que em 1899 se tivesse repetido.

29 de Julho

— Em 1822, as duas barcas enviadas pelo general portuguez Madeira de Mello, com o fim de romper o supposto bloqueio do *Funil*, inopinadamente surgiram, quando apenas doze homens estavam de guarnição á praça.

Ainda assim, a duzia de nossos soldados, patriotas todos elles, rompeu nutrido fogo contra as barcas, impedidas aliás de manobrar pôr falta de vento á feição.

Desde que a vasante da maré facilitou a entrada no

porto, João Baptista Massa, que tinha seguido d'esta cidade em soccorro dos ditos patriotas, desembarcou facilmente, acompanhado de tropa bem municiada.

O fogo, entretanto, durou ainda por algumas horas; e afinal os navios retiraram-se para o ancoradouro da Bahia, com perdas bem sensiveis.

— Em 1839, partiu desta cidade, com destino á Villa Nova da Rainha, hoje cidade do Bomfim, onde chegou ás 2 horas da tarde de 19 de Agosto seguinte, o tenente-coronel Ignacio J. Pitombo, commandando uma força militar.

N'aquelle ponto se tinham dado serios disturbios, e achavam-se em armas os dous partidos politicos então militantes.

O provocador da luta fôra Manoel Joaquim dos Santos Moriroba que, sob pretexto de vingar a morte de seu proprio pae, arregimentara gente para hostilizar por todos os meios o capitão Joaquim Simões da Silva.

O grupo denominado dos *Passos*, ás ordens de Victorino dos Passos e parte tambem na questão, quiz entrar —em Novembro— pela villa a dentro; sendo necessario que para repellil-o a força publica rompesse o fogo, que foi correspondido pelos assaltantes, havendo então varios ferimentos e uma morte.

Já em Outubro havia sido descoberto um plano, concertado entre alguns soldados e pessoas do povo para assassinar o commandante e os officiaes da força legal, assenhorear-se depois do cofre della, e assim dominar a situação.

Descoberta, porém, a trama, os culpados foram remettidos presos para a cidade da Bahia.

30 de Julho

—Em 1710, foi fixado na escandalosa somma de 8$000 annuaes o ordenado do porteiro do senado da camara desta cidade, então villa de Nossa Senhora do Rosario do Porto da Cachoeira.

Manuel Fernandes Fróes, tal era o nome do ci

dadão que, segundo consta, passava com aquella quantia muito mais regaladamente do que póde passar o porteiro actual, vencendo 600$000 annualmente.

—Em 1822, foi creada—a esforços do capitão-mór Antonio Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque—a companhia de *Mavorte*, sendo approvados ós seus *Artigos fundamentaes*.

Tanto ella, como a de *Bellona*, foram incorporadas ao exercito pacificador.

—Em 1828, embarcou na capital, com destino a esta cidade então villa, o batalhão de milicias de Sabará, conhecido geralmente por *batalhão de Minas*, que tinha vindo tomar parte na campanha da independencia, mas não chegara a tempo de fazel-o.

Em tódo o caso, o *batalhão de Minas* conquistou —por sua disciplina—as mais carinhosas affeições. Daqui voltou elle, por terra, para o logar de sua parada.

—Em 1871, amanheceram quebrados quasi todos os lampeões da illuminação publica desta cidade.

Um grupo de *capadocios*, exaltados por atroz partidarismo, concebeu e realisou tão deprimente... façanha.

Deus queira que mais nunca a politica sirva para mascarar eguaes selvagerias.

—Em 1877, falleceu na cidade de Pariz, onde achava-se praticando a medicina, o nosso conterraneo Dr. Durval Mendes de Queiroz, que dous annos antes formara-se na Faculdade da Bahia, dando grandes esperanças á familia e aos amigos.

Os restos mortaes do malogrado moço vieram para aqui e foram solemnemente inhumados na egreja da SantaCasa de Misericordia.

31 de Julho

—Em 1842, teve começo uma eleição de eleitores, as mais disputadas e perigosas, que já houve nesta idade.

Durante a chamada dos votantes, um conflicto

enorme se travou, dando em resultado sahirem gravemente feridas varias pessoas.

A egreja Matriz, em cujo recinto o facto occorrera, foi logo declarada interdicta.

Só mezes depois, afinal, se conseguiu proceder á eleição, tendo os dous partidos adversos concordado em suffragar uma só chapa, composta de cidadãos estranhos ás lutas locaes.

Cachoeira, 1899.

A. MILTON.

(*Continúa.*)

A IMPRENSA BAHIANA

DE

1811 a 1899

Ao Exm. Sr. Cons. João Nepomuceno Torres

I

INTRODUCÇÃO

Ha mais de meio seculo, em 1846, o Conselheiro Drummond, escrevendo de Lisboa ao Instituto Historico e Geographico Brazileiro, lembrava a creação de um archivo de jornaes brazileiros, insistindo na sua grande valia como soccorro a futuros historiadores.

Falta cuja importancia augmenta de dia a dia, aquelle judicioso alvitre, suggerido quando ainda era possivel reunir collecções completas de todos os orgãos da nossa nascente imprensa, não foi infelizmente executado.

Quem quer que, como nós, procure hoje investigar as origens da litteratura periodica brazileira, estudar como, quando e onde surgiram os numerosos elementos que a têm constituido, como têm progredido, por que phases têm passado até chegar á sua florescencia presente e á posição proeminente que occupa na vida nacional, lastimará mil e mil vezes a incuria que deixou no esquecimento tão util providencia

A' actual dispersão dos materiaes, que por este meio teria sido obviada, accresce, para tornar ainda mais penoso este genero de estudos, a quasi absoluta carencia do auxilio de antecessores; d'ahi resulta serem, salvo rarissimas excepções, de simples desbravamento os trabalhos que agora se vão emprehendendo sobre a historia do jornalismo da maioria dos nossos Estados.

Comtudo, é mister inicial-os; saiam embora incompletos, descozidos e recheiados de incorrecções, pois que «l'essentiel», como dizia Sainte Beuve a proposito da imprensa franceza, «c'est d'établir les grandes lignes de la chaussée; les perfectionnements viendront ensuite».

Ora, é innegavel que, quer considerado quanto ao numero de seus orgãos, quer ao valor intrinseco de cada um delles, o contingente com que a Bahia tem contribuido para o incremento da imprensa no Brazil, é dos mais avultados e brilhantes; entretanto os seus fastos ainda estão por escrever!

Não pretendemos vir prehencher tão ampla lacuna com a presente noticia sobre os jornaes bahianos publicados de 1812 a 1899; as difficuldades com que lutamos para organisal-a ainda assim deficiente, nos ensinaram que semelhante empreza só prometterá inteiro exito quando commettida por quem, dispondo de luzes que nos fallecem, entregar-se a demoradas pesquizas nas bibliothecas e archivos da Bahia.

O nosso intuito é mais modesto: em obediencia ao preceito do eminente critico acima citado aspiramos apenas orientar futuros exploradores quanto á rota a seguir, delineando o tosco esboço da obra perfeita que lhes cabe realisar.

Advertimos, porém, que urge sem demora começal-a porquanto de muitos dos rarissimos primeiros jornaes talvez poucos *specimens* ainda restem, e estes não tardarão a desapparecer destruidos pelo caruncho, a traça e a humidade do nosso clima, cujas propriedades biblioclasticas já ha cem annos Humboldt lamentava.

As informações necessarias á elaboração deste

despretencioso tentamen, cujo caracter provisorio mais uma vez acentuamos, foram colhidas principalmente na opulenta collecção de jornaes brazileiros do nosso amigo o Sr. Dr. João de Oliveira, collaborador inestimavel dos «*Subsidios para a Historia do Jornalismo Brazileiro no Seculo XIX*», obra à qual ha annos consagramos diuturnos esforços e que esperamos brevemente offerecer ao publico.

Encontramos ainda noticias preciosas sobre a imprensa bahiana esparsas nas *Memorias Historicas*, de Ignacio Accioli; na *Corographia Historica* e na *Historia do Brasil—Reino e Brasil-Imperio*, do Dr. Mello Moraes; nos *Diccionarios Bibliographicos* de Innocencio da Silva e de Sacramento Blacke, e sobretudo na secção relativa a—publicações periodicas—do *Catalogo da Exposição de Historia do Brazil*, realisada pela Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro a 2 de Dezembro de 1881.

II

Origens e progressos do jornalismo bahiano

E' assaz provavel que, como em Pernambuco (1706), e no Rio de Janeiro (1747), tambem na Bahia o primeiro e ephemero estabelecimento da arte typographica tenha occorrido no seculo XVIII; todavia o facto da sua instituição definitiva na velha capital do Brazil, em principios do actual, subsistirá ainda quando se venha a descobrir provas capazes de converter em realidade aquella conjectura.

Até então a imprensa era do numero das prerogativas ciosamente vedadas á colonia americana, e os raros ensaios clandestinos para implantal-a no sólo brazileiro foram sem tardança abolidos, receiando a metropole podéssem concorrer para a propagação de idéas contrarias aos interesses do Estado.

Esta prohibição só cessou quando, foragida da

Europa e compellida a buscar asylo na opulenta possessão ultramarina, a côrte portugueza veio inaugurar entre nós uma éra de civilisação e de progresso, e dentre as providencias beneficas então realisadas avulta, de certo, a introducção da maravilhosa arte de Gutenberg.

Installada solemnemente no Rio de Janeiro, a 13 de Maio de 1808, a *Impresão Régia* foi por espaço de quasi tres annos a unica typographia do Brazil.

A 30 de Outubro de 1810, porém, assumiu o cargo de Governador e Capitão-General da Bahia o Conde dos Arcos, D. Marcos de Noronha e Brito, bello exemplo de administrador zeloso e probo, illustrado e magnanimo.

O seu genio emprehendedor imprimiu logo fecunda direcção aos negocios publicos, promovendo importantes melhoramentos materiaes e dando grande incremento ao commercio, á industria e às artes.

Espirito culto e amigo das lettras esmerou-se em favorecer a instrucção, creando escolas e uma bibliotheca; cuidou igualmente em dotar a capitania de uma instituição destinada a divulgar o pensamento. Neste designio animou o negociante Manoel Antonio da Silva Serva a montar uma officina typographica, cujo funccionamento foi permittido por D. João VI em carta régia de 5 de Janeiro de 1811. Começando a laborar naquelle mesmo anno a primeira imprensa bahiana deu á luz varias publicações hoje muito raras e por isso difficil de enumerar em rigorosa successão chronologica.

Aos primordios da sua actividade pertencem, sem duvida, o opusculo intitulado—*Plano para o estabelecimento de huma bibliotheca publica na cidade de S. Salvador da Bahia de Todos os Santos*—, e o livro de João da Silva Lisboa—*Observações sobre a franqueza da Industria e o estabelecimento de Fabricas no Brazil*—ambos impressos em 1811.

Igual data é geralmente fixada ao apparecimento da gazeta—*Idade de Ouro do Brazil*—, comquanto

auctor fidedigno (1) assevere que o seu numero inicial só foi publicado a 7 de Janeiro de 1812.

Foi este o primeiro jornal bahiano e o segundo que surgiu no Brazil, e como tal a sua historia detalhada deve merecer os cuidados de promptas indagações, pois as noticias que sobre a sua existencia logramos laboriosamente colligir de varios escriptores são por demais escassas.

Apenas conseguimos averiguar que a sua publicação perdurou ininterrupta até Junho de 1823, sendo seus principaes redactores o bacharel Diogo Soares da Silva Bivar e o padre Ignacio José de Macedo. O periodico, em começo de formato in-4º e depois in-folio pequeno, trazia como divisa os versos de Sá de Miranda:

Fallai em tudo verdades
A quem em tudo as deveis.

A exemplo da—*Gazeta do Rio de Janeiro*—era uma especie de orgão official, prehenchendo exclusivamente as suas columnas com os actos officiaes do governo, noticias dos acontecimentos mais notaveis do paiz e do estrangeiro, annuncios particulares e avisos; nos ultimos tres annos, porém, tomou parte activa nas lutas politicas da epocha.

Affirma o Dr. Mello Moraes (2) ter vindo à luz na Bahia, ainda em 1812, um *Jornal de Variedades*, que, caso realmente tenha existido, foi a primeira publicação litteraria feita no Brazil, pois, *O Patriota*, jornal litterario, politico, e mercantil do Rio de Janeiro, ao qual se tem arrogado este titulo só appareceu em Janeiro do anno seguinte.

Não padece duvida, porém, que desde então até o inicio do movimento constitucional precursor da Independencia, a—*Idade de Ouro do Brazil*—foi o unico representante do nascente jornalismo bahiano.

Os principios liberaes da revolução portugueza de 1820, abraçados na Bahia com fervido enthusiasmo, provocaram demonstrações de sympathia presagas

(1) *Sacramento Blacke*—Dicc. Bibl. Braz. *II*, *183*.
(2) *Corographia Historica*—Tomo I, Parte 2ª, 123.

de graves perturbações, e o Conde de Palma, D. Frrancisco de Assis Mascarenhas, que a 26 de Janeiro de 1818 succedera ao Conde dos Arcos, debalde tentou serenar a crescente agitação dos animos, fomentada sem descanço por um grupo de conspiradores presidido pelo medico Cypriano José Barata de Almeida.

Um motim militar, promovido por elles, ensanguentou as ruas da capital, a 10 de Fevereiro de 1821, e os constitucionaes triumphantes, tendo obrigado o ultimo capitão general a acompanhal-os, acclamaram uma Junta Provisoria de Governo que, presidida pelo desembargador Luiz Manoel de Moura Cabral, apressou-se em prestar, «ante Deos todo poderoso e todos os santos da côrte celestial», a sua inteira adhesão ao novo regimen.

A' concordia dos primeiros dias succederam de prompto differenças de opinião, e a provincia achou-se dividida entre dous partidos, constituidos principalmente pala animosidade cada vez mais pronunciada entre Portuguezes e Brazileiros.

A 21 de Fevereiro a Junta permittiu a liberdade da imprensa sujeita todavia á prévia censura dos desembargadores Francisco Carneiro de Campos, Joaquim Ignacio da Silveira da Motta e do bacharel Diogo Soares da Silva Bivar, regulando-se estes pelas instrucções do secretario da Regencia de Lisboa, datadas de 29 de Setembro de 1820.

Desta prerogativa aproveitou-se logo o negociante portuguez e procurador da camara Joaquim José da Silva Maia, encetando a publicação do—*Semanario Civico*, do qual sairam 117 numeros até 7 de Junho de 1823. Alliado á—*Idade de Ouro do Brazil*—este periodico fez-se arauto das pretenções da facção européa e defensor dos actos do governo que dispensava-lhe visivel protecção.

Não tardaram os nacionaes em oppor-lhes tenaz campanha por intermedio do seu orgão, o—*Diario Constitucional*—, nascido da iniciativa de Francisco José Côrte-Real (mais tarde Côrte-Imperial) e redigido com brilho e denodo por elle e por Francisco

Gomes Brandão Montezuma (depois Francisco Gê Acayaba Montezuma e Visconde de Jequitinhonha), José Avelino Barbosa e Euzebio Vanerio.

Manteve-se porfiada a polemica até fins de 1821, quando, em obediencia á lei de 1 de Outubro que mandava crear novas juntas, desenvolveu-se violenta cabala no proposito de ser reeleita a primitiva; as medidas arbitrarias postas em pratica para este fim aterraram os escriptores da opposição, diz Accioli, e por isso, a 15 de Dezembro, suspendeu-se a publicação do *Diario Constitucional*, ficando emtanto o campo livre á *Idade de Ouro do Brazil* e ao *Semanario Civico*, orgãos do partido da junta provisoria.

Ainda nos ultimos mezes de 1821 nos consta ter sido publicada uma *Minerva Bahiense*.

Entretanto procedeu-se á eleição de que sahiu a nova junta empossada a 2 de Fevereiro de 1822 e presidida pelo Dr. Francisco Vicente Vianna, que a 4 deu execução á lei de 12 de Julho de 1822 abolindo a commissão de censura.

Em virtude desta providencia reappareceu, a 8 de Fevereiro, o *Diario Constitucional*, renovando a luta contra os seus dous predecessores; pouco depois o orgão nacionalista teve o titulo mudado para *O Constitucional*, ostentando como epigraphe a phrase do abbade Mably: «Le probleme le plus important en politique, c'est de trouver le moyen d'empecher que ceux qui n'ont aucune part au gouvernement ne deviennent la proie de ceux qui les gouvernent». São dignos de menção os artigos que então publicou sob o pseudonymo de *Catão*, attribuidos ao Dr. Antonio Pereira Rebouças.

As duas facções apresentavam já tendencias mais definidas, recebendo a senha uma de Lisbôa outra do Rio de Janeiro; forcejando uma por manter a colonia subordinada a Portugal e porfiando a outra pela realisação do nobre anhelo emancipador.

Era o tempo em que se accentuava na politica bahiana a influencia nefasta do mais pertinaz adversario da causa brazileira, o famigerado general Ignacio Luiz Madeira de Mello. Nomeado governador das

armas, cargo de que apossou-se sem as formalidades legaes e tumultuariamente, apoiado em numerosa soldadesca, autoritario e impetuoso, tornou-se com facilidade o supremo arbitro dos destinos da provincia, apparentando comtudo ainda respeitar a auctoridade da junta provisoria e do senado da camara completamente reduzidos a instrumentos dos seus designios.

Não tolerava a sua indole despotica o desassombro com que *O Constitucional* propugnava os interesses nacionaes, e, a 10 de Junho de 1822, queixou-se á Junta Provisoria do Governo contra este periodico que, «proclamando aos povos para se unirem ao Rio de Janeiro, era incendiario e os seus auctores perturbadores da ordem estabelecida.» (3)

Igualmente foi por elle inspirado e visava sobretudo o jornal dos independentes, o officio dirigido, em 3 de Julho, pela junta ao ouvidor do crime, recommendando-lhe rigorosa observancia da lei sobre a liberdade da imprensa e chamando a sua attenção sobre «os redactores desta cidade que cada dia se tornam mais arrojados, espalhando doutrinas que excitam os povos á rebellião e os provocam a desobedecer ás leis e ás auctoridades constituidas, desacreditando-as aleivosamente para lhes diminuir a força moral.» (4)

Entretanto a folha de Côrte-Imperial e de Montezuma proseguia impavida na sua nobre missão, e, como si do numero esperassem a victoria sobre o vigoroso contendor, os governistas oppuzeram-lhe mais tres jornaes: Joaquim José da Silva Maia creou, a 21 de Junho, a *Sentinella Bahiense*, pouco depois secundada pel'*O Analysta* e pel'*O Baluarte*.

Aos ataques dos cinco contrarios resistiu ainda com vantagem *O Constitucional*, «unico periodico, no dizer de Accioli (5), que ousava publicar algumas peças officiaes mais transcendentes a promover o

(3) Mello Moraes.—*Hist. do Brazil-Reino.* I, 273.
(4) *Ibidem.*—I, 283.
(5) *Memorias Hist. e Pol. da Bahia.* II, 135.

enthusiasmo contra o systema recolonisador; mas, bem depressa desappareceu esta publicação, por isso que vendo os corypheus do mesmo systema que não impedia a sua circulação o grande numero de folhas que de proposito compravam, recorreram á violencia.

Falhando todas as tentativas de aggressão contra Côrte-Imperial, o tenente-coronel Victorino José de Almeida Serrão, por alcunha o *Ruivo*, dirigiu-se com varios officiaes e soldados á typographia da Viuva Serva & Carvalho, onde, depois de maltratarem e insultarem o proprietario, empastellaram o numero do jornal que se achava composto: d'alli passaram á residencia de Côrte-Imperial, cercaram-lhe a casa, e felizmente não o acharam, o que o livrou de estar hoje morto, escreveu um contemporaneo; (6) mas, para provarem ao que iam, quebraram-lhe todos os moveis, e finalmente foram ás lojas nas quaes se vendia aquella folha e, não contentes com despedaçarem quantas encontraram, até espancaram os pobres vendedores.

Assim terminou, victima de selvagem attentado, a gloriosa carreira d'*O Constitucional* a 21 de Agosto de 1822.

Ao expirar o anno continuavam na ingrata tarefa de defensores do absolutismo o *Semanario Civico* e a *Idade de Ouro do Brazil*, cognominada de *Idade de Ferro* pela opposição; a *Sentinella Bahiense* déra o seu 15º e ultimo numero a 7 de Outubro, havendo já antes desapparecido *O Analysta* e *O Baluarte*.

No interim os partidarios da Independencia, atrozmente perseguidos, abandonavam a capital e refugiavam-se na villa de Cachoeira, nucleo da resistencia á metropole e onde D. Pedro fôra reconhecido principe regente a 25 de Junho de 1822 e imperador a 9 de Maio de 1823.

Em começos do referido mez chegou alli, transportada na escuna *Seis de Fevereiro*, commandada por Manoel da Silva Ferreira, uma typographia en-

(6) Mello Moraes.—*Hist. do Brazil-Reino*, I, 387.

viada pelo imperador, acompanhando-a na qualidade de director José Francisco Lopes, em virtude da portaria expedida pela secretaria d'estado dos negocios do imperio de 19 de Dezembro do anno antecedente, conforme fôra exigido pelo governo interino.

Com o titulo de *Typographia Nacional* iniciou ella os seus trabalhos publicando varias peças officiaes, avulsos e o primeiro jornal cachoeirano—*O Independente Constitucional*—, redigido pelas mesmas pennas que tanto haviam illustrado *O Constitucional*, do qual foi continuação.

Organisado pelo general Labatut o exercito independente, cujo nervo principal eram as tropas pernambucanas do tenente-coronel José de Barros Falcão de Lacerda, foi occupando victoriosamente o Reconcavo e estreitando o assedio da capital, expugnada após prolongada resistencia no memoravel dia 2 de Julho de 1823.

Transportada para a Bahia a *Typographia Nacional* proseguiu alli a publicação d'*O Independente Constitucional*, que durou até 1826, tendo a partir de 1825 accrescentado ao titulo a declaração de *Diario*.

Com a expulsão do general Madeira o governo da provincia foi confiado a uma junta presidida por Francisco Eleshão Pires de Carvalho e Albuquerque, durante cuja administração occorreu a dissolução da Constituinte, que graças aos habeis manejos dos irmãos Calmon foi recebida sem produzir notavel commoção.

Não passou, porém, sem protestos tambem na Bahia aquelle arbitrario golpe d'estado: o padre pernambucano João Baptista da Fonseca que, desde 3 de Outubro de 1823, alli redigia o periodico *O Liberal*, fiel á sua divisa de—*Ser livre he tudo; he nada o ser escravo*, verberou com vehemencia a inclinação absolutista que começava a revelar a politica imperial.

Sob o dominio da junta as suas declamações foram toleradas, mas assumindo o governo o presidente Dr. Francisco Vicente Vianna, quiz este dar prova da sua fidelidade á côrte fazendo violentamente cala *O Liberal*; a 27 de Janeiro de 1824 foi o padre Fonsec[a]

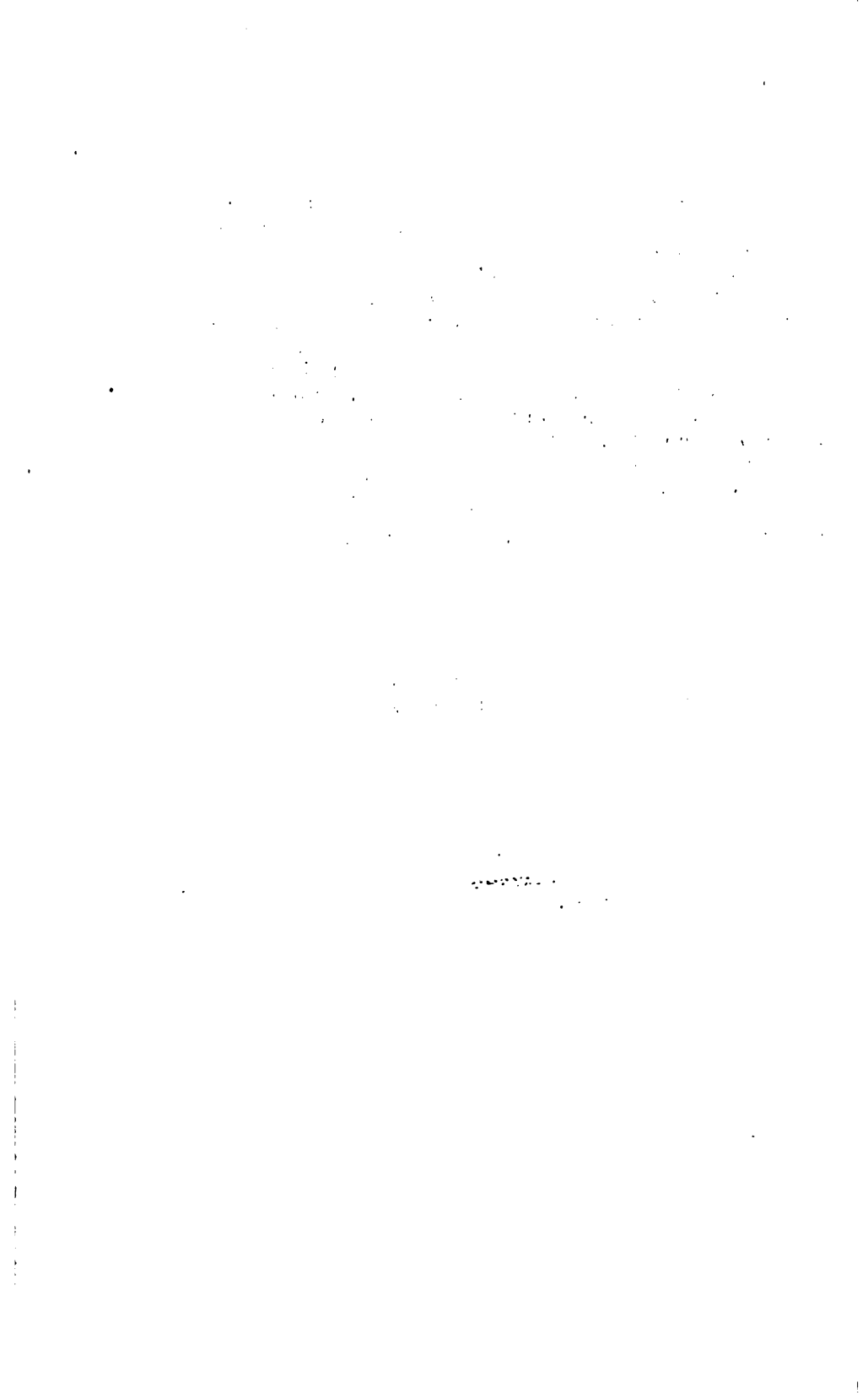
preso e constrangido a embarcar numa escuna que o transportou á sua provincia natal, onde festivamente acolhido continuou a militar na imprensa.

Foram contemporaneos d'*O Liberal* e sobreviveram-no talvez *A Abelha* e o *Echo da Patria*, folha que mereceu de Accioli o qualificativo de bem escripta.

D'ahi por diante multiplicaram-se as publicações periodicas por tal modo que se nos torna impossivel, á falta de dados, acompanhar os progressos do jornalismo bahiano até a actualidade.

No catalogo junto enumeramos todos de que podemos alcançar noticia pelas diversas localidades onde foram publicados; e talvez apenas metade dos que realmente têm vindo á luz dentro dos limites politicos do Estado.

Recife, 1899.

ALFREDO DE CARVALHO.

Catalogo dos Jornaes Bahianos

PUBLICADOS DE

1811—1899 (*)

III

I. ALAGOINHAS

1	O Noticiador Alagoinhense. (1)	1864
2	O Raio. (2)	
3	A Verdade. (3)	1877—83
4	O Porvir.	1878
5	O Liberal.	1880
6	O Alagoinhense. (4) 16 de Julho	1884—88
7	A Propaganda. (5) 4 de Agosto	1889
8	O Corisco. (jornal critico)	1889
9	A Voz do Povo. (6)	1889—91
10	O Semanario.	1889—92
11	O Trabalho. (7)	1892—93
12	O Binoculo. (jornal critico)	1893

(*) A' amabilidade dos Exms. Srs. Conselheiro João Nepomuceno Torres e Dr. Oliveira Campos deve-se apparecer o catalogo muito mais completo do que fôra primitivamente organisado, e o auctor aproveita-se com prazer do ensejo para agradecer aos mencionados cavalheiros o seu valioso auxilio.

(1) Redactor proprietario o advogado José Justino da Silva Telles.

(2) O mesmo redactor-proprietario.

(3) Redactores o advogado José Justino, Drs. José Maria da Rocha Carvalho, Dionysio Martins e Moura Magalhães.

(4) Fundador e proprietario José Pinheiro da Silva Reis.

(5) Ibidem.

(6) Ibidem.

(7) Começou a ser publicado diariamente. Redactores João Lopes e Mares de Souza.

13	O Alagoinhense. (1) Fevereiro	1894—99
14	O Popular. (2)	1895—99
15	O Telescopio. (jornal critico)	1897
16	Phenix Caixeiral. (3) Janeiro	1899
17	O Mosquito. (jornal critico, numero unico)	1899
18	O Riso. (4)	1899

II. AMARGOSA

1	O Echo Amargosense. 1º de Agosto	1884—90
2	A Ideia.	1885
3	A Cidade de Amargosa.	1891—99
4	A Mocidade.	1892
5	O Popular. 5 de Janeiro	1894
6	O Municipio. 7 de Março	1894
7	O Cysne. 15 de Outubro	1896—97
8	O Pyrrhonico. 23 de Agosto	1897
9	A Violeta. (Revista Litteraria Semanal)	1898
10	O Labaro.	1898—99
11	A Lide. (5) 2 de Julho	1899

III. ARATUHYPE

1	O Aratuhype. (6) Abril	1882—88
2	A Alvorada. (7)	1889—93
3	Cidade de Aratuhype. (8) Junho	1895—99

(1) Redactor Mares de Souza.

(2) Redactor-proprietario André Costa.

(3) Orgão da Sociedade Beneficencia Caixeiral. Redactor-chefe Dr. Americo Barreira.

(4) Critico e litterario. Redactor João Cicero da Franca.

(5) Periodico litterario sob a redacção do Dr. Aurelino Leal.

(6) Orgão de propaganda abolicionista. Redactor-proprietario coronel Albino Henrique Pinheiro.

(7) Orgão republicano sob a direcção do Dr. João Martins da Silva e outros.

(8) Periodico. Propriedade do coronel Albino Pinheiro. Redactor-gerente José Ribeiro Soares.

IV· AREIA

1 A Cidade de Areia. (1) Janeiro 1894
2 O Areiano. 11 de Fevereiro 1894
3 A Tribuna. 1° de Novembro 1894—99
4 A Luz. 21 de Novembro 1895—96
5 Album Litterario. (2) Agosto 1895—96

V. BAHIA

1 Idade de Ouro do Brazil. (3) 1811—23
2 Jornal de Variedades. 1812
3 O Semanario Civico. (4) 1° de Março 1821—23
4 O Diario Constitucional. (5) 4 de Agosto 1821—22

---

(1) Periodico semanario. Era impresso na cidade de Valença e distribuido na de Areia: só deu 2 numeros e desappareceu.

(2) Publicação mensal sob a redacção de João Bastos, no arraial, hoje villa, de Jequié.

(3) Primeiro jornal bahiano, redigido pelo Bacharel Diogo Soares da Silva Bivar e pelo padre Ignacio José de Macedo. Era publicado na typographia de Manuel Antonio da Silva Serva.

A bibliotheca publica da Bahia possue a collecção encadernada até o dia 24 de Junho de 1823, quando se suppõe ter suspendido a publicação, faltando o 1° vol. Tinha elle 17 centimetros de largura de impressão: na parte superior da 1ª folha entre as palavras—*Idade de Ouro*—vê-se a corôa portugueza em miniatura, e no fim da 2ª a seguinte declaração:—Com permissão do Governo da Bahia.

O jornal começou a ser publicado em 1811, em Maio mais ou menos, ignorando-se infelizmente a data do numero inaugural, e era publicado de 3 em 3 dias, ou de 4 em 4; pois que a bibliotheca da Bahia possue o n. 68 do 1. anno que traz a data de *3 de Janeiro* de 1812. No 2.° anno, cujo 1. n. tem a data de *7 de Janeiro* de 1812, forão publicados até o dia 29 de Dezembro 104 numeros, e no 3. anno 105 numeros.

E' errada portanto a data de 7 de Janeiro de 1812 para o numero inaugural, dada por Mello Moraes e outros.

(4) Redigido por Joaquim José da Silva Maia: 117 numeros até 7 de Junho de 1823.

(5) Fundado e redigido por Francisco José Côrte-Imperial,

5	Minerva Bahiense. (1) 7 de Abril	1821
6	O Regulador Braziiico Luso.	1821
7	A Abelha. 2 de Dezembro	1822—23
8	O Analysta.	1822
9	O Baluarte.	1822
10	O Constitucional. (2) 10 de Abril	1822
11	A Sentinella Bahiense. (3) 21 de Junho	1822
12	Diario Constitucional Bahiense.	1823—27
13	O Independente Constitucional. (4) 1º de Março	1823—24
14	O Echo da Patria. 19 de Agosto	1823—24
15	O Liberal. (5) 3 de Outubro	1823—24
16	O Grito da Razão. (6) 13 de Fevereiro	1824—27
17	O Correio da Bahia. (jornal politico e commercial)	1824-29
18	Diario — O Independente Constitucional. (7) 3 de Janeiro	1825-26
19	Diario Mercantil da Cidade da Bahia. (8) 22 de Julho	1826
20	Correio Mercantil da Cidade da Bahia. (9) 3 de Janeiro	1827—32

Francisco Gomes Brandão Montezuma, José Avelino Barbosa e Eusebio Vanerio, foi substituido pel'*O Constitucional*, da mesma redacção.

(1) Publicava-se duas vezes por semana.

(2) Publicado em continuação ao *Diario Constitucional*, desappareceu a 21 de Agosto de 1822.

(3) Redigido por Joaquim José da Silva Maia: 15 numeros até 7 de Outubro de 1822.

(4) Publicado em continuação a'*O Constitucional*. Sahiu a principio em Cachoeira, publicado na Typographia Nacional. No dia 2 de Agosto de 1823 passou a ser publicado na Bahia.

(5) Redigido pelo Padre João Baptista da Fonseca: trazia por epigraphe—"Ser livre é tudo: é nada o ser escravo."

(6) Era redigido a principio por Vicente Ferreira Moreira.

(7) Em continuação a'*O Independente Constitucional*.

(8) Era impresso na Typographia Imperial e Nacional. Foi publicado até o dia 26 de Dezembro de 1826, e substituido pelo *Correio Mercantil da Cidade da Bahia*.

(9) Publicava-se na Typographia Imperial e Nacional a 2$000 por trimestre. Reappareceu em Outubro de 1833 até 1856.

21 Gazeta da Bahia. (1) 1826—36
22 O Farol. (2) 9 de Fevereiro 1827—35
23 O Soldado de Tarimba. 1828
24 O Bahiano. (3) 4 de Março 1828—31
25 A Funda de David. 1829
26 A Massa de Hercules. 1829
27 Luz Brazileira. 1829
28 Nova Luz Brazileira. 1829
29 O Imparcial Brazileiro. (4) 24 de Setembro 1829—30
30 O Investigador Brazileiro. 1829—33
31 O Escudo da Constituição Brazileira. (5) 12 de Janeiro 1830—31
32 O Campeão Brazileiro. (6) Agosto 1830—31
33 O Despertador das Brazileiras. 8 de Agosto 1830—31
34 Gazeta Commercial. 1º de Outubro 1830
35 Voz do Povo. (Periodico politico e moral) 1830—31
36 A Milicia. 13 de Maio 1831
37 Echo da Liberdade. 28 de Maio 1831
38 Nova Sentinella da Liberdade. Na Guarita do Forte de S. Pedro, na Bahia de Todos os Santos. (7) 29 de Maio 1831
39 O Adolescente. Agosto 1831—32
40 O Alarma. 1831—32
41 O Brazileiro. 24 de Fevereiro 1831

(1) Foi redigida por Manuel Antonio da Silva Serva.

(2) Publicou-se a principio na Typ. Imp. e Nac., e depois na Typ. da Viuva Serva e Filhos.

(3) Pela Constituição e pela Lei. Creado pelo Dr. Antonio Pereira Rebouças e redigido depois por Bernardino Ferreira Nobrega.

(4) Jornal politico e litterario.

(5) Hebdomadario. Era impresso na Typ. d'*O Bahiano.*

(6) Periodico mensal, politico, historico e litterario; trazia como epigraphe os versos de Bocage:

O premio da Virtude he a Virtude,
O castigo do Vicio he o proprio Vicio.

(7) Redigido por Cypriano José Barata de Almeida.

42 O Conservador. Maio 1831
43 O Diario Bahiense. 5 de Setembro 1831
44 O Mensageiro da Bahia. 17 de Novembro 1831—32
45 O Nacional. 23 de Janeiro 1831
46 O Orgão da Lei. 16 de Maio 1831—32
47 O Paschoal. 30 de Agosto 1831—33
48 O Pereira. 28 de Julho 1831—32
49 O Pereirinha ou Pereira Junior. 6 de Agosto 1831—32
50 O Popular. 19 de Setembro 1831
51 O Soldado Constitucional. Janeiro 1831
52 O Voto Bahiense. 30 de Maio 1831
53 Ronda dos Capadocios. 1831
54 Sentinella da Liberdade. Na Guarita do Quartel General de Pirajá. 12 de Janeiro 1831—34
55 Jornal da Sociedade de Agricultura, Commercio e Industria da Provincia da Bahia. (1) 22 de Setembro 1832—38
56 O Conservador Social. 22 de Março 1832
57 O Descobridor de Verdades. 19 de Julho 1832
58 O Diabo Disfarçado em Urtiga. Outubro 1832
59 O Federal pela Constituição. 14 de Novembro 1832
60 O Marimbondo. 1º de Outubro 1832
61 O Papagaio. 20 de Fevereiro 1832
62 O Paraguassú. 8 de Novembro 1832
63 O Paschoal contra os Banzelistas. 4 de Maio 1832
64 O Portacollo. 2 de Junho 1832—33
65 O Precursor Federal. 1º de Fevereiro 1832
66 O Viajante. 1832
67 Correio Mercantil. (2) Outubro 1832—56

(1) Redigido pelo Padre Francisco Agostinho Gomes.
(2) Publicava-se diariamente. De 18 de Abril de 1836 em diante passou a ser folha official, de commercio e de litteratura.

68	Diario da Bahia. (1) 1° de Fevereiro	1833—37
69	Gazeta Commercial da Bahia. (2) 1o de Maio	1833—46
70	Jornal do Commercio. (3) 9 de Julho	1833—37
71	O Democrata. (4) 20 de Julho	1833—42
72	O Militar. (5) 31 de Janeiro	1833—34
73	Quatro de Abril. 20 de Julho	1833
74	A Trombeta do Norte. 22 de Novembro	1834
75	O Defensor do Povo. (6) 15 de Maio	1834—36
76	O Genio Federal. 5 de Junho	1834
77	Sentinella da Liberdade na Guarita da Bahia de Todos os Santos. (7)	1834
78	Correio da Bahia.	1835
79	O Espelho dos Petit-Metres.	1835
80	O Noticiador. 8 de Julho	1835—36
81	A Aurora da Bahia. (8) 2 de Dezembro	1836
82	O Democrata.	1836
83	O Gallo de Campina.	1836
84	O Pirajá. 12 de Julho	1836
85	Revista Catholica.	1836
86	Novo Diario da Bahia. (9) 1 de Agosto	1837—38
87	O Aristarcho. (10) 30 de Junho	1837
88	O Censor. (11) 29 de Janeiro	1837—40
89	O Direito.	1837—38

---

(1) Jornal mercantil, politico e litterario.

(2) Publicava-se diariamente na Typ. de Viuva Serva e Filhos.

(3) Periodico.—"Constituição e o Sr. D. Pedro 2.°"

(4) "Liberdade ou Morte!" Red. por Domingos Guedes Cabral.

(5) Orgão da Sociedade Militar.

(6) Jornal politico. Impresso a principio na Bahia, passou para Cachoeira na Typ. de Costa e Souza.

(7) Red. por Cypriano José Barata de Almeida.

(8) Folha politica e commercial. Typ. de Serva e Comp.

(9) Jornal politico e commercial. Typ. do *Diario da Bahia.*

(10) Periodico politico e litterario. Typ. do *Correio Mercantil.*

(11) Periodico mensal, politico, historico e litterario.

90	O Futuro. (folha do progresso moral e intellectual)	1837—40
91	O Recopilador Analysta. (1) 16 de Agosto	1837
92	O Seculo.	1837—38
93	O Separatista.	1837
94	O Sete de Novembro. (2)	1837
95	O Tabaquista.	1837
96	Correio Brasiliense. 13 de Agosto	1838—39
97	O Combatente.	1838
98	O Constitucional. (3) 15 Julho	1838—41
99	O Legalista. Julho	1838—39
100	O Portuguez. (4) Dezembro	1838—39
101	O Tupinambá.	1838—40
102	O Athleta.	1839—41
103	O Brazileiro. (5) Março	1839—41
104	O Dous de Julho. (6) 10 de Abril	1839
105	O Tolerante na Bahia. 20 de Abril	1839—40
106	Theipolita. (7) 20 de Abril	1839
107	O Canhoto.	1840
108	O Ferreiro. 20 de Fevereiro	1840
109	O Filho Constitucional.	1840
110	O Fiscal. Janeiro	1840—48
111	O Gafanhoto. (8) Fevereiro	1840
112	O Homem do Povo.	1840
113	O Monarchista. (9) 3 de Novembro	1840—42
114	O Perú.	1840
115	O Presente. 30 de Setembro	1840

---

(1) Folha critica, moral e caridosa.
(2) Diario politico e commercial.
(3) Jornal litterario, politico e commercial. Publicava-se na Typ. de Epiphanio Pedroza.
(4) Jornal politico, historico e litterario, baseado nos principios de patria, religião, monarchia e lei. Red. por uma Commissão de litteratos.
(5) Periodico mensal. Propagador de conhecimentos uteis.
(6) Publicação litteraria, moral e instructiva. Typ. de Manuel Antonio da Silva Serva.
(7) Jornal litterario, politico-religioso.
(8) "Periodicosinho chistoso".
(9) Folha official, politica e fiscal.

116	O Sceptico.	1840
117	O Surucucú. Maio	1840
118	A Escola Domingueira. 13 de Junho	1841—46
119	Echo da Bahia. (1) 10 de Março	1841—42
120	O Commercio. (2) 1° de Setembro	1841—47
121	O Monarchista Constitucional. 11 de Dezembro	1841
122	O Progresso. 12 de Novembro	1841—43
123	Pedro 2° e a Constituição. Janeiro	1841—42
124	O Cacete.	1842—43
125	O Guaycurú. (3) Julho	1842—59
126	O Mercantil. (4) 30 de Outubro	1843—52
127	O Rabequista. (5)	1843
128	O Cabalista. (6) 1° de Abril	1844—46
129	A Sentinella do Theatro. (7) Maio	1844
130	O Musaico. (8)	1844—47
131	O Brado Liberal.	1844
132	A Marmota. (9) 21 de Dezembro	1845—50
133	O Crepusculo. (10) 2 de Agosto	1845—49

(1) Periodico monarchista e religioso.

(2) Folha official, mercantil, politica e litteraria. Red. por João Alves Portella.

(3) Jornal francamente republicano, red. por Domingos Guedes Cabral. Trazia como divisa os versos da tragedia Catão—de Garrett:

Da liberdade a arvore não cresce
Se não rega dos despotas o sangue.

(4) Publicava-se diariamente. Propriedade de Manuel Lopes Velloso & Comp.

(5) Periodico critico e litterario.

(6) Jornal politico e litterario, red. por Ignacio Accioli de Cerqueira e Silva.

(7) Folha de litteratura dramatica. Declamação e Variedades.

(8) Periodico mensal da Sociedade Instructiva da Bahia, red. pelo Dr. Malaquias Alvares dos Santos.

(9) Folha humoristica, red. por Prospero Diniz. Typ. de Epiphanio Pedroza.

Em 1851, surgiu a *Verdadeira Marmota*, como continuação da antiga.

(10) Periodico instructivo e moral do Instituto Litterario da Bahia. Publicação quinzenal até Julho de 1846, e de-

134 O Espectador. 1845
135 A Sovella. 1846
136 O Mentor da Infancia 1846
137 O Tamoyo. Junho 1846
138 Romancista. 1846
139 O Microscopio. Julho 1847
140 O Noticiador Catholico. (1) 1847—63
141 Revista Americana. (2) 1847—48
142 A Tolerancia. (3) 1848—50
143 O Beija-flor. 1848
144 O Fiscal. 18 de Dezembro 1848
145 O Imperio. (4) 1º de Maio 1848
146 O Luzia. 1848—49
147 O Saquarema. (5) 1º de Novembro 1848—49
148 O Seculo. (6) 9 de Outubro 1848—52
149 A Borboleta. 1849
150 A Epocha Litteraria. (7) 1849—51
151 A Razão. 9 do Outubro 1849—50
152 Lyra Bahiana. 1849
153 O Atheneu. (8) Abril 1849—50
154 O Dois de Julho. Outubro 1849—50
155 O Jornaleiro. (9) 26 de Julho. 1849

---

pois mensal, sendo nesta ultima phase red. pelo Dr. Ascanio Ferraz da Motta.

(1) Fundado pelo Padre Mariano de Santa Rosa de Lima, de 1852 em diante foi red. pelo Padre Francisco Bernardino de Souza.

(2) Jornal dos conhecimentos uteis, scientificos e litterarios.

(3) Jornal politico, litterario e commercial.

(4) Jornal politico e litterario. "Ordem, Monarchia e Lei".

(5) Periodico politico e litterario.

(6) Publicava-se na Typ. do Guaycurú. Creado pelo Dr. Candido Ladislau Japiassú de Figueiredo e Mello, e red. depois pelo Dr. João José Barbosa de Oliveira.

(7) Periodico scientifico, litterario, historico e de bellas artes, red. por uma Sociedade sob a direcção de Constantino José Gomes de Souza.

(8) Periodico scientifico e litterario. Fundado e exclusivamente redigido pelo Dr. Augusto Victorino do Sacramento Blake.

(9) Era publicado na Typ. Bahiana de J. A. Portella & C.

156	O Novo Cabalista. Julho	1849
157	O Povo. (1)	1849
158	O Sargento. (2) 24 de Setembro	1849
159	A Justiça. (3)	1850—54
160	A Saude Publica. (Bolettim)	1850
161	A Opposição.	1850—52
162	O Argos Bahiano. 7 de Setembro	1850—52
163	Boletim Commercial.	1850
164	O Calabrote.	1850
165	O Liberal.	1850
166	O Medico do Povo. (4)	1850—53
167	O Noticiador.	1850—53
168	O Papagaio. 16 de Novembro	1850—53
169	O Pedro Malas-Artes.	1850—51
170	Voz da Mocidade.	1850
171	A Verdadeira Marmóta. (5) Setembro	1851—56
172	O Cascavel. (6)	1851
173	O Constitucional.	1851
174	O Estandarte.	1851
175	O Interesse Publico. (7)	1851
176	Jornal dos Debates.	1852
177	O Democrata. 17 de Outubro	1852
178	O Povo Bahiano. 12 de Outubro	1852
179	A Verdade.	1853—54
180	A Verdade Evangelica.	1853—54
181	Jornal da Bahia. (8) 9 de Maio	1853—78
182	Jornal da Tarde. (9)	1853
183	O Academico.	1853
184	O Brazil Maritimo. 15 de Dezembro	1853—58

(1) "Jornal do povo, para o povo, e pelo povo."

(2) Periodico politico e litterario.

(3) "Ordem, Liberdade e Constituição jurada."

(4) Jornal de propaganda homœopathica red. pelo Dr. Alexandre José de Mello Moraes e João Vicente Martins.

(5) Creado em substituição á *Marmota* por Epiphanio José Pedroza.

(6) Redactor—Manuel Pessoa da Silva.

(7) Houve outro de egual nome em 1860, red. por Do[illegible]gos Guedes Cabral.

[illegible]) Orgão do partido conservador. Redactor-proprietario [illegible] Francisco José da Rocha.

[illegible]) Periodico commercial e scientifico.

185	O Prisma. (1) Maio	1853—56
186	Recreio do Bello Sexo.	1853
187	A Epocha. (2) 11 de Outuoro	1854-55
188	O Doutrinario. (3)	1854—57
189	O Caixeiro Nacional. (4) Dezembro	1854—55
190	O Genio do Brazil. (5) Janeiro	1854
191	O Marcos Mandinga.	1854—62
192	O Ortodoxo. (6) 13 de Setembro	1854—55
193	O Paiz. 15 de Abril	1854—56
194	Revista da Instrucção Publica. 13 de Julho	1854—55
195	O Protesto. Abril	1855—56
196	Diario da Bahia. (7) 1º de Janeiro	1856—99

(1) Periodico scientifico e litterario da Escola de Medicina da Bahia.

(2) Periodico politico e commercial.

(3) Periodico moral, politico e religioso. Editor Luiz Olegario Alves.

(4) Periodico politico, litterario e commercial.

(5) Periodico politico e litterario.

(6) Periodico moral e religioso. Prop. e redactor Manuel Pinto dos Santos Lorena.

(7) E' o decano da imprensa da Bahia. Fundado pelos Drs. Demetrio Cyriaco Tourinho e Manuel Jesuino Ferreira.

Em 1858 passou a ser propriedade do Dr. José Joaquim Landulpho da Rocha Medrado, deputado geral, publicista e habil jornalista.

Em Agosto de 1868 passou a ser orgão do partido liberal, pertencente á uma sociedade anonyma.

Alli levantaram sua tenda de trabalho Manuel Pinto de Souza Dantas, Leão Velloso, Silva e Almeida, Antonio Euzebio, Filgueiras Sobrinho, Rodolpho Dantas, Ruy Barbosa e muitos outros liberaes.

Foram tambem redactores deste orgão de publicidade o insigne jornalista Bellarmino Barretto e o illustrado Dr. Augusto Guimarães, que dedicou seus esforços, actividade e constante collaboração ao *Diario da Bahia* por muitos annos e do qual tornou-se proprietario.

Por sua morte em 17 de Março de 1896 passou a empreza a pertencer a familia deste, que em Abril do anno de 1899 vendeu a typographia e o grande predio em que ella funcciona ao capitalista e antigo magistrado Dr. Domingos Rodrigues Guimarães, que é seu actual proprietario e director.

(Continúa)

Actas das sessões e Offertas

68ª SESSÃO, EM 25 DE JUNHO DE 1899

Presidencia do Exm. Snr. Cons. Salvador Pires

Aos vinte e cinco dias do mez de Junho de 1899, nesta cidade do Salvador, Bahia de Todos os Santos, no salão do Instituto, á 1 hora da tarde, presentes os socios Cons. Drs. Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, Presidente, João Nepomuceno Torres, 1· Secretario, Filinto Justiniano Ferreira Bastos, e Drs. Braz Hermenegildo do Amaral e Abilio de Magalhães Carvalho, Dez. Thomaz Garcez Paranhos Montenegro, Padre Luiz da França dos Santos, Henrique Praguer, Comm. Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, Horacio Urpia, Cap. Francisco Gomes Ferreira Braga, Eloy de Oliveira Guimarães, Pharm. comm. Joaquim Manoel de Sant'Anna e Isaias de Carvalho Santos, 2· Secretario, abriu-se a sessão, sendo lida, e, sem debate, approvada a acta da sessão anterior.

O expediente constou do seguinte:

Officios: do Snr. Gen. Commandante do 3· districto militar, do Secretario da Camara dos Snrs. deputados, do Presidente do Tribunal de Revista, do Secretario do Interior, Justiça e Instrucção Publica, do Intendente Municipal desta Capital, do Inspector Geral do Ensino, dos Directores das Faculdades de

Medicina e Direito, do Director do Archivo Publico Nacional e do Secretario do Gabinete Portuguez de Leitura, todos agradecendo a communicação da eleição da nova meza Administrativa do Instituto; do Secretario do Conselho do Centro Operario communicando ter sido solemnisado, no dia 7 de Maio ultimo, o 5· anniversario de sua installação, e dando noticia da eleição do Conselho executivo; do Secretario da Sociedade Beneficencia Caixeiral enviando a relação dos novos funccionarios eleitos para o corrente anno de 1899; do Presidente da Sociedade Gremio Bibliophilo Barrense communicando a reorganisação das aulas em dois cursos—primario e secundario; da Direcção do Club Nacional da cidade de Curitiba communicando a sua installação a 21 de Abril, tendo por fim a commemoração das datas nacionaes; do Ministro de Viação enviando a exposição apresentada ao Presidente da Republica, justificativa da exposição internacional commercial que o Museu Commercial de Philadelphia pretende realisar em Setembro do corrente anno, e do Intendente Municipal communicando a fundação de uma bibliotheca municipal e pedindo a remessa da Revista.

Cartas: dos socios correspondentes Henrique Coelho Netto e Dr. Pedro Chermont agradecendo a communicação de terem sido eleitos socios correspondentes e promettendo que se esforçarão em promover a prosperidade do Instituto; do socio Desembargador Montenegro enviando nove opusculos para a bibliotheca do Instituto; do socio capitão de mar e guerra Antonio Alves Camara enviando uma collecção de Revista Maritima, e do cidadão José Luiz da Fonseca Magalhães, proprietario da livraria Magalhães, offerecendo dezoito volumes de obras, cuja relação será publicada na Revista.

O Cons. Dr. 1· Secretario declarou acharem-se sobre a mesa tres propostas apresentando para socio effectivo o Dr. Augusto de Araujo Santos, advogado, e para socios correspondentes Drs. José Pires Falcão Brandão e Innocencio Serzedello Correia e D. Ignez Sabino de Pinho Maia, residentes na

Capital Federal, Dr. Manoel de Mello Cardoso Barata, Senador Federal, residente na cidade de Belem, Pará, e Dr. Manoel de Oliveira Lima, actual secretario da legação brazileira em Washington, as quaes forão enviadas á commissão respectiva.

Em seguida o snr. Cons. Dr. Presidente communicou ao Instituto o fallecimento dos socios correspondentes Cons. Visconde de Cavalcanti, no dia 14 do corrente, na cidade de Juiz de Fóra, tendo 70 annos de idade e do Dr. Pedro Nolasco Buarque de Gusmão no dia 16, tambem do corrente, na Capital Federal; fez referencias as serviços por elles prestados ao Instituto e propoz que se consignasse na acta um voto de pesar pela perda de tão distinctos consocios, o que foi approvado.

Pela Commissão de Fundos e Orçamento foram apresentados os pareceres sobre as contas da receita e despeza, prestadas pelo Thesoureiro Capitão Francisco Gomes Ferreira Braga, relativas ao anno de 1898, bem como o novo orçamento para 1899, que foram lidos e discutidos separadamente, sendo em seguida approvados.

PARECER DA COMMISSÃO DE FUNDOS E ORÇAMENTO

A Commissão de fundos e orçamento examinando attentamente as contas de Receita e Despeza prestadas pelo Thesoureiro, Capitão Francisco Gomes Ferreira Braga, durante o anno de 1898, assim como a escripturação, as julga merecedoras de approvação da Assembléa Geral.

No demonstrativo apresentado e extrahido da respectiva escripturação vê-se que a Receita foi de Rs. 58:094$939 e a Despeza attingiu a Rs. 52:349$340, a saber:

RECEITA

Saldo do anno anterior		2:375$059
Subvenção estadoal	6:000$000	
Subvenção federal .	9:582$480	
Mensalidades de socios	1:514$000	

Joias de socios . . .		690$000	
Assignaturas da *Revista*.		108$000	
Producto de loterias		6:000$000	
Remissões de socios		250$000	
Hypotheca do predio n. 13 á Praça Quinze de Novembro		30:000$000	
Receita eventual:			
Saldo da subscripção do Padre Antonio Vieira . . .	725$000		
Vendagem da *Revista*	480$000		
Aluguel da Casa do Instituto.	400$000	1:575$400	55:719$380
			58.094$939

DESPEZA

Aluguel da casa	1:080$000
Importancia da Revista do Centenario (Homenagem ao Padre Antonio Vieira). . .	2:370$000
Importancia da Revista Trimensal ns. 14 do anno de 1897—15, 16 e 17 de 1898 .	2:895$000
Encadernação e compra de livros	1:529$100
Ordenado do amanuense. . .	860$000
Idem do Cobrador	399$960
Commissão ao mesmo . . .	262$650
Ordenado do Porteiro.	640$000
Juros ao Banco Auxiliar pela hypotheca.	1:500$000
Compra do predio ao casal Condessa Marinho	38:000$000
Dispendido com a compra do mesmo:	

Gratificação ao protocolista	10$000	
Sello da hypotheca	33$000	
Averbação e sello na Camara	10$800	
Ao Tabellião Americo Lima	17$300	
Seguro e sello da apolice . .	118$000	
Differença nos titulos: Joias e Remissões	40$000	
Compra de moveis	88$000	
Despezas geraes, inclusive da Secretaria e anniversario. .	2:524$730	52:349$340
Saldo para o anno de 1899		5:745$599

Bahia e Sala das sessões do Instituto Geographico e Historico da Bahia, 15 de Julho de 1899.—*Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque.—Horacio Urpia.—Eloy de Oliveira Guimarães.*

ORÇAMENTO PARA O ANNO DE 1899

A commissão de orçamento submette á approvação da Assembléa Geral o novo orçamento para o corrente anno de 1899.

RECEITA

Art. 1. A receita é fixada em		19:845$599
A saber:		
§ 1. Saldo do anno anterior .	5:745$599	
§ 2. Mensalidades de socios .	1:500$000	
§ 3. Joias e donativos	500$000	
§ 4. Assignaturas da Revista	100$000	
§ 5. Subvenção estadoal. . .	6:000$000	
§ 6. Dita federal	5:000$000	
§ 7. Dita municipal.	500$000	
§ 8. Dita municipal votada pelo Conselho especialmente para auxilio da publicação da «Guerra da Independencia»	500$000	
9. Receita eventual do producto de loterias, etc. . . .	$	19:845$599

DESPEZA

Art. 2. A despeza é fixada em A saber:		$
§ 1 Aluguel de casa, 7 mezes.	630$000	
§ 2. Ordenado do Amanuense	960$000	
§ 3. Idem do Porteiro. . . .	720$000	
§ 4. Idem do Cobrador. . . .	400$000	
§ 5. Commissão ao Cobrador	$	
§ 6. Publicação de 4 numeros da Revista, 600 exemplares de cada numero.	3:000$000	
§ 7. Publicação da Guerra da Independencia	500$000	
§ 8. Juros e amortisação ao Banco Auxiliar das Classes pela hypotheca da compra do predio	7:575$000	
§ 9. Seguro do predio	116$800	
§ 10. Despezas geraes, inclusive da Secretaria e anniversario	1:500$000	15:401$800

Art. Additivo. Fica o Thesoureiro autorisado a despender a quantia necessaria para os concertos do predio e effectuar a mudança dos moveis do Instituto para o mesmo predio.

Bahia e sala das sessões do Instituto Geographico e Historico da Bahia, 15 de Junho de 1899.—*Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque.—Horacio Urpia.—Eloy de Oliveira Guimarães.*

Em seguida o Sr. Cons. Dr. 1º Secretario apresentou e justificou uma indicação no sentido de apresentar a commissão de orçamento no mez de Outubro ou de Novembro um novo orçamento para vigorar no anno de 1900, e sendo submettida á discussão, foi approvada.

Nada mais havendo a tratar foi encerrada a sessão ás 3 horas da tarde; e de tudo, para constar, eu,

2º Secretario lavrei a presente acta que vae por mim assignada.—Isaias de Carvalho Santos.

Approvada em sessão de 6 de Agosto de 1899.—*Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque.—João Nepomuceno Torres—Isaias de Carvalho Santos.*

Offertas

(MEZ DE JUNHO)

—Pelo socio *Candido Costa*: Questão de limites, por Manoel Tapajóz; Questões Penitenciarias e propaganda de emigração, por Pedro Regalado E. Baptista; Limites da Republica com a Guyana Ingleza, por Ernesto Mattoso.

—Pelo socio *Cons. Filinto B stos*: Acta da Installação do Conselho Municipal de Caetité.

—Pela *Secretaria da Agricultura do Estado de S. Paulo*: Relatorio correspondente ao anno de 1898, apresentado ao Presidente do Estado pelo Dr. Alfredo Guedes, Secretario da Agricultura.

—Pelo socio Dr. *Alfredo de Carvalho*: «Jornaes Pernambucanos» de 1821 a 1898 (Simples Catalogo).

—Pelo socio *Dez. Thomaz Montenegro*: Trabalhos do Cons. Manoel Francisco Correia; O Rio Acre, por Serzedello Correia; Porto da Fortaleza no Estado do Ceará (Memorandum); A Irmandade do S. S. Sacramento da Freguezia de N. S. da Candelaria, por F. B. Marques Pinheiro; 7.ª Conferencia para o tricentenario de Anchieta, pelo General Couto de Magalhães; Limites entre o Brazil e a Bolivia, por Thaumaturgo de Azevedo; Academia de Commercio, em Juiz de Fóra (Estado de Minas); Carta de despedida do Bispo D. José Pereira da S. Barros ao clero e ao povo; Limites de Goyaz com Matto Grosso, pelo General F. Raphael de Mello Rego.

—Pelo socio *Cap. de mar e guerra, Antonio Alves Camara*: Uma Collecção da Revista Maritima.

—Pelas *respectivas redacções*:

Bulletin de la Société de Geographie de Geneve, Tomo 9 (n. especial) e n. 1 de Novembro de 1898 e Tomo 10, Janeiro de 1899-; Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa, n. 10-1897; Bolletino de la Societá Geographica Italiana, vol. 12, n. 5-1899: Revista Portugueza Colonial e Maritima, n. 20, 4-vol; La Ensenanza, Periodico Quincenal (Assumpção) anno 1.-ns. 3 e 4; Revista Maritima Brasileira, ns. 11 e 12, anno 18; Revista Juridica (Rio de Janeiro) fasc. 2º, anno 5º; Bulletin of the American Geographical Society, n. 2-de 1899; Bulletin de la Société de Geographie Commerciale de Bordeaux, ns. 10 e 11 de 1899; Boletin della Sociedad Geografica de Lima, ns. 4, 5, 6, 7, 8 y 9 de 1898; A Lavoura, Maio de 1899; The New Penny Magazine, ns. 5, 6, 20, 22 e 23; La Madonna della Guardia (Bollettino illustrado) Italia, anno 4º, n. 1. Maio de 1899; La Cultura Geografica (Firenze) n. 8; Gazeta Medica da Bahia, n. 10, Abril-1899; Comptes Rendus des seances, n. 4-Abril de 1899; The National Geographic Magazine, n 6-Junho de 1899.

(MEZ DE JULHO)

—Pelo socio *Dr. José Octacilio dos Santos*: Uma collecção da «Troça» dos annos de 1887 a 1888, e outra de modinhas (de Ricardo).

—Pelo *Dr. José Paula Antunes*: Revista do Rio Grande do Norte, ns. 1 a 12.

—Pelo socio *Cons. Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque*: Consolidação das leis da Organisação Judiciaria do E. da Bahia, pelo offertante.

—Pelo socio *Alfredo F. Rodrigues*: Almanak Litterario e Estatistico do Rio Grande do Sul—1894 a 1897—A Pacificação do Rio Grande do Sul; Noticia Historica e Descriptiva do Estado do Rio Grande do Sul, todos pelo offertante.

—Pelo cidadão *Alberto F. Rodrigues*: Almanak Popular Brasileiro de Pelotas, dos annos de 1895 a 1898.

—Pelo socio *Dr. Demetrio Urpia*: Um osso encon-

trado na escavação de um tanque na Villa do Raso, em Maio de 1898; uma bala conica encontrada em uma das Egrejas de Canudos e um amarrado de flexas de indios deste Estado.

—Pela Secretaria dos Negocios do Reino de Portugal:

«Resultados das Investigações scientificas feitas a bordo do Yacht «Amelia» sob a direcção de D. Carlos de Bragança (Pescas maritimas).

—Pelo *Cons. Dr. Pedro dos Santos*: Um machado de pedra.

—Pela *Secretaria do Thesouro e Fazenda do Estado*: Relatorio apresentado ao Governador do Estado pelo Dr. Rodrigo Brandão, 1899.

—Pelo *Dr. Francisco Limeira*: A Escola (6 fasc.] Periodico quinzenal do Gremio Normalistico, publicado em 1880.

—Pelo Cidadão *Alfredo Varella*: Direito Constitucional Brazileiro-1899.

—Pelo cidadão *José Antonio Pillado*: Uma Bandeira historica (Buenos Ayres) pelo offertante.

—Pela *Inspectoria de Hygiene da Bahia*: Boletim de Estatistica Demographo-Sanitaria da Cidade de S. Salvador- Janeiro de 1899, n. 2, anno 5· e Annuario de Estatistica Demographo-Sanitaria da mesma cidade- 1898.

—Pelo *Dr. Director da Bibliotheca Nacional da Capital Federal*: Annaes da mesma Bibliotheca-1898.

—Pelo academico *Herculano Cunha*: Datas Celebres e Factos Notaveis da historia do Brazil por José de Vasconcellos; Historia do Brazil durante os tempos regenciaes, pelo Cons. Pereira da Silva; Commemoração do Centenario de Claudio Manoel da Costa, em 1889, pelo Instituto Historico e Geographico Brasileiro; Fac-Simile da Declaração da Independencia do Estados Unidos; Colonias Industriaes; Historia de uma viagem feita a terra do Brazil, por João de Lery; A Ilha de Fernando de Noronha (Noticia historica, geographica e economica, por Francisco Augusto Pereira da Costa; Annaes

da Camara dos Deputados do Estado de Pernambuco 1898—2 volumes.

—Pelo cidadão *Cunha Gomes*: Commissão de limites entre o Brazil e a Bolivia, Re—exploração do Rio Javary—1899, Rio de Janeiro.

—Pelo academico *Alvim Martins Horcades*: «Uma viagem a Canudos».

—Pela redacção do *Jornal de Noticias*: Diversos opusculos.

—Pelas respectivas redacções: Boletin de la Sociedad Geografica de Madrid-tomo 41-1899 Buletin de la Société de Geographie Commerciale de Bordeaux, n. 42-Junho 1899; Revista Portugueza Colonial e Maritima, n. 21-4. vol.; Boletin de la Sociedad Geografica de Madrid, n. 19-1899; A Lide (Amargosa) sob a redacção do Dr. Aurelino Leal; Comptes Rendus des Seances, n. 5-1899; Bollettino della Societá Geografica Italiana, n. 6-volume 12-1899; The National Geographic Magazine, n. 7-volume-10; A Lavoura-Boletim da Sociedade Nacional de Agricultura Brasileira, 2.ª serie, 1899; Bulletin de la Société de Geagraphie Commerciale de Paris, n. 12-1899; Revista Juridica (Rio de Janeiro) Fasc.3-1898.

69ª SESSÃO EM 6 DE AGOSTO DE 1899

Presidencia do Exm. Sr. Cons. Salvador Pires

Aos 6 dias do mez de Agosto de 1899, á 1 hora da tarde, nesta cidade do Salvador, Bahia de Todos os Santos, no salão do Instituto, presentes os socios: Cons. Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque e João Nepomuceno Torres, Presidente e 1º Secretario, Drs. Silva Lima, Abilio de Carvalho e Faria Rocha, Commendador Joaquim Manuel de Sant'Anna, Capitão Ferreira Braga, Horacio Urpia, Eloy Guimarães e Damasceno Vieira, abriu-se a sessão.

O Cons. 1º Secretario leu o expediente, que constou do seguinte:

Officio do Intentendente interino da cidade de Valença, coronel Joaquim Loureiro dos Santos, communicando que, no dia 10 de Julho do corrente anno, celebrou-se naquella cidade uma sessão solemne do Conselho, commemorativa do 1º centenario da installação da Villa de Nova Valença, á cuja cathegoria fôra elevada a ex-povoação de Una, enviando cópia authentica da acta respectiva, bem como da acta da dita installação e o exemplar do periodico «Labaro», onde se acham descriptos os festejos publicos realisados em honra do mesmo centenario.

Mandou-se archivar, e que opportunamente fossem publicados na «Revista».

Officios: do Conselho Central da Sociedade de S. Vicente de Paulo, enviando o relatorio dos trabalhos da sociedade no biennio de 1897 a 1898; do Ministro da Justiça e Negocios Interiores, transmittindo para os fins convenientes um exemplar do 7º Congresso Internacional de Geographia, que se reunirá em Berlim em Outubro proximo; do Director da Bibliotheca Nacional, enviando o volume XX dos Annaes da mesma Bibliotheca e communicando que se acham naquelle estabelecimento quinze pacotes de obras destinadas a este Instituto, vindos do estrangeiro; do Director de hydrographia da Capital Federal, enviando um exemplar do folheto que publicou relativamente ás descobertas das nascentes do Javary; do Presidente da Associação Commercial, enviando um exemplar do relatorio dos seus trabalhos durante o anno de 1898.

Cartas: do Escrivão Mesario do Collegio dos Orphãos de S. Joaquim desta capital, convidando á Mesa do Instituto para visitar o estabelecimento por occasião da festa do Padroeiro, quando aquelle Instituto de educação commemora o 1º centenario de sua fundação: do Juiz de Direito da comarca de Lavras Diamantinas, Dr. Antonio José da Fonseca, enviando a descripção topographica do municipio de Lençóes, em resposta á circular que lhe foi dirigida; do socio Aloysio de Carvalho, offerecendo para a bibliotheca deste Instituto varios folhetos e opusculos, em nome da redacção do *Jornal de Noticias*.

Telegramma: do socio Dr. Luiz Gualberto, da cidade de S. Francisco, em Santa Catharina, enviando ao Instituto saudações pela gloriosa data do dia 2 de Julho.

Declarou o Cons. 1º Secretario que se achavam sobre á mesa as seguintes offertas: do socio Dr. Demetrio Urpia um fossil, e uma bala conica encontrada em uma das egrejas de Canudos; do academico Herculano Cunha offerecendo 4 vols. dos Annaes da Camara dos Deputados e do Senado de Pernambuco, e diversos folhetos, e tambem pela Secretaria dos Negocios do Reino de Portugal um vol. das Investigações Scientificas do Yacht «Amelia» sob a direcção de D. Carlos de Bragança.

Em seguida o Sr. Cons. Presidente deu noticia de achar-se presente o consocio litterato Damasceno Vieira que, pela primeira vez, vinha tomar parte nos nossos trabalhos, pelo que o felicitava, bem como ao Instituto.

O Sr. Damasceno, pedindo a palavra, disse que: «A saudação que lhe foi feita pelo Sr. Cons. Presidente do Instituto muito agradecia, penhorado, bem como a distincção que o mesmo Instituto lhe fez elegendo-o unanimemente socio effectivo, e como prova de reconhecimento offerecia á bibliotheca do Instituto nove exemplares de livros que tem publicado: *Atravez do Rio da Prata*, impressões de viagem; *Poemetos e Quadros*, poesias; *Noites de Verão*, contos; *Esboços Litterarios*, apreciações criticas; *Arnaldo*, drama; *A Voz de Tiradentes*, scena dramatica; *A Musa Moderna*, poesias; *Brinde a Olympio Lima*, satyra; *A Castro Alves*, poesia.

Communicou que, estimulado pelos preparativos da grande festa patriotica que o Instituto pretende realisar em 3 de Maio de 1900, em commemoração ao 4º centenario da descoberta do Brazil, pretende publicar, por essa occasião, um livro de 406 paginas contendo tudo quanto tem encontrado de importante e precioso nos chronistas antigos e modernos sobre a historia geral do Brazil, desde o descobrimento até os acontecimentos que servirem de fêcho ao presente

seculo, servindo-lhe de subsidios valiosos documentos publicados pela «Revista do Instituto Historico e Geographico do Brasil», pelas deste Instituto e por outras obras importantes que está compulsando activamente.

Concluio fazendo votos pela prosperidade e engrandecimento do Instituto, que considera um dos florões de gloria da Bahia e um dos orgulhos do Brazil litterario.»

Pelo Cons. 1º Secretario foi lido o parecer da commissão de admissão de socios sobre as propostas que lhe foram enviadas, propondo que fossem reconhecidos e proclamados socios os seguintes cidadãos: Drs. Manoel de Mello Cardoso Barata, Innocencio Serzedello Correia, José Pires Falcão Brandão, Manoel de Oliveira Lima, Augusto de Araujo Santos e D. Ignez Sabino de Pinho Vieira,

Declarou o Cons. Presidente que não havendo numero legal de socios para que fosse votado o parecer, na fórma dos Estatutos, ficava adiada a materia para a sessão seguinte.

E nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão ás 3 horas da tarde, e de tudo, para constar, mandei lavrar a presente acta, que vae por mim assignada como secretario *ad-hoc* —Dr. Joaquim dos Reis Magalhães.

Approvada em sessão de 10 de Setembro de 1899.— *Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque.—João Nepomuceno Torres.* — Dr. *Joaquim dos Reis Magalhaes.*

OFFERTAS

(MEZ DE AGOSTO)

—Pelo socio *Dr. Mello Mattos:* Mappa da Capitania de S. Vicente, no seculo XVI, organisado segundo Carta de Johannes Blaeu, de Amsterdam, na fórma sada pelos Jesuitas.

—Pelo Professor *J. de Siqueira Góes*: The Life of rthur Vandeleur, Major, Royal Artillery.

—Pelo *Director do Archivo Publico Mineiro*: Revista do mesmo Archivo, fasc. 1 e 2 de 1899.

—Pelo socio *Dr. Augusto Victorino do Sacramento Blake*: Diccionario Bibliographico Brazileiro, 5º vol., pelo offertante.

—Pela *Directoria da Associação Commercial*: Relatorio da mesma Associação, 1899.

—Pela *Inspectoria Geral de Hygiene da Bahia*: Boletim de Estatistica Demographo-Sanitaria da Cidade de S. Salvador, Fevereiro, 1899.

—Pelos *Srs. Souza Vianna & C.*: A Mala da Europa, n. 44, Julho, 99.

—Pelo socio *João da Silva Freire*: Um machado de pedra encontrado na serra do Sincorá.

—Pelo cidadão *João Bastos*: Uma collecção da Revista «Album Litterario» publicada na cidade de Areia, annos de 1895 e 1896.

—Pelo socio *Dr. Eduardo Augusto de Caldas Britto*: Instantaneas Parlamentares; O Rei dos Jagunços por Manoel Benicio, e o Catalogo da bibliotheca do Senado Federal.

—Pelas *respectivas redacções*: The National Geographic Magazine, n. 6, vol. 10; Bulletin de la Société de Geographie de Paris, 2º trimestre de 1899; Revista Maritima Brazileira n. 1. anno 19, 1899; Boletin de la Sociedad Geographica de Madrid, n. 20, 1899; Bulletin de la Société de Geographie Commerciale de Bordeaux, n. 14, 1899; Revista Portugueza Colonial e Maritima, n. 22, vol. 4, 1899; Bulletin of the American Geographical Society, n. 3, 1899; Revista dos Tribunaes (Bahia), n. 4, vol. 15º, 1899.

70ª SESSÃO, EM 10 DE SETEMBRO DE 1899

Presidencia do Exm. Sr. Cons. Salvador Pires

Presentes os Srs. Cons. Salvador Pires, João Nepomuceno Torres e Filinto Bastos e o Dr. Reis Magalhães, Comm. Salvador Pires, engenheiro Henrique Praguer e capitão Ferreira Braga, abriu-se a sessão.

Na ausencia do 2º Secretario, Dr. Isaias Santos, foi chamado para servir de secretario o Dr. Reis Magalhães.

Lida a acta da sessão anterior, foi sem discussão approvada.

O expediente constou da leitura de um estudo historico sobre o municipio da Divina Pastora, em Sergipe, pelo pharmaceutico Alfredo Accioly do Prado a titulo de apresentação para socio do Instituto. Foi enviado á commissão de admissão para dar parecer; Carta do consocio Alfredo A. Rodrigues accusando a recepção do numero da «Revista do Centenario do Padre Antonio Vieira» e informando ter conseguido a permuta da Revista com o «Diario do Rio-Grande»; do Secretario da Academia Cearense, Dr. Studart, enviando a relação dos socios eleitos para a sua meza administrativa, a 15 de Agosto do corrente anno; do socio Dr. João Pereira Monteiro, professor da Faculdade de Direito de S. Paulo, accusando o recebimento da communicação de sua eleição para socio correspondente deste Instituto, e offerecendo os seus serviços naquelle Estado; do consocio Barão de S. Francisco, enviando para o Archivo do Instituto tres importantes autographos a saber: Uma carta datada de 1º de Abril de 1826 da qual é auctor o capitão-mór Joaquim Ignacio de Siqueira Bulcão (1º Barão de S. Francisco) narrando a seu filho Joaquim Ignacio de Aragão Bulcão, estudante em Paris, a chegada de D. Pedro I a esta capital e as manifestações que lhe foram feitas; o 2º—traços biographicos do Dr. Francisco Vicente Vianna, 1º Barão do Rio de Contas e 1º Presidente da Bahia e o 3º é uma carta dirigida de Genova em 1879 pelo glorioso maestro Carlos Gomes ao offertante quando presidia a então provincia da Bahia, na qual expressava o seu reconhecimento quando foi levada á scena pela primeira vez nesta capital a opera—*O Guarany*.

Foi lida uma proposta apresentando os cidadãos ...ão Gama e tenente-coronel Ismael Candido da Silva ...ara socios effectivos.

Passando-se á ordem do dia, foi lido o parecer da

commissão de admissão de socios, cuja votação ficou adiada para esta sessão, e procedendo-se ao escrutinio secreto, foram approvados e proclamados socios os seguintes cidadãos: Dr. Manoel de Mello Cardoso Barata, senador federal, residente em Belém, do Pará; Dr. Innocencio Serzedello Correia, deputado federal, residente no Rio de Janeiro; D. Ignez Sabino, litterata, residente na Capital Federal; Dr. José Pires Falcão Brandão, advogado e jornalista, residente na Capital Federal; Dr. Manuel de Oliveira Lima, litterato e historiador, residente em Washington, como secretario da Legação Brazileira, socios correspondentes; e para socio effectivo o Dr. Augusto de Araujo Santos, advogado, residente nesta capital.

E nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão ás 3 horas da tarde, e de tudo, para constar, lavrou-se a presente acta. Eu, Abilio de Carvalho, supplente de secretario a escrevi.—*Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque.* — *João Nepomuceno Torres.*—*Glycerio Velloso da Silva*, secretario *ad hoc.*

OFFERTAS

—Pelo Dr. *Marques Pinheiro*: O opusculo «Irmandade do SS. Sacramento da freguezia da Gloria.

—Pela *Secretaria de Agricultura*: Relatorio apresentado ao Governador do Estado da Bahia pelo engenheiro civil José Antonio Costa, 1898.

—Pelo socio Dr. *Guilherme Studart*: Datas e Factos para a historia do Ceará, pelo offertante.

—Pelo cidadão *Arthur Octaviano Nobre Vianna*: Estudos sobre o Pará (Relatorio, 1898).

—Pelo socio Dr. *Demetrio Urpia*: Duas vistas do arraial de Canudos.

—Pelo Dr. *Miguel Calmon Vianna*; Sete moedas de prata, brazileiras e portuguezas e cinco de cobre.

—Pelo socio Dr. *Severino Vieira*: Duas medalhas commemorativas da visita do General Roca ao Brazil e do monumento ao Duque de Caxias.

—Pelo socio Dr. *Antonio da Cunha Barbosa*: Estudos Historicos, pelo offertante.
—Pelo cidadão *J. Barros*: Annual Reports of Boards, 1899.
—Pela *Sociedade Smithsonian de Washington*: Annual Report of the Board of Regents of the Smithsonian Institution, Julho de 1895, Junho de 1896 e 1897; Report of the U. S. National Museum, 1893, 1894, 1895 e 1896.
—Pelas *respectivas redacções*: A Lavoura, Boletim da Sociedade Nacional de Agricultura Brazileira, 2ª serie (supplemento) e 2ª serie ns. 4 e 5; Bulletin de la Société de Geographie Commerciale de Paris, ns. 3 e 4, 1893; Gazeta Medica da Bahia, ns. 11 e 12 e n. 1 do anno 31, Maio de 1899; Revista dos Tribunaes (Bahia) vol. 16 n. 1; Bulletin de la Société de Geographie Commerciale de Bordeaux, ns. 15 e 16, 1899; Revista Portugueza Colonial e Maritima, n. 23, 1899; Revista Industrial de Minas-Geraes, n. 1, anno 7, 1899; Boletin de la Sociedad Geografica de Madrid, tomo 41, 1899; Bulletin de la Société de Geographie Commerciale du Havre, 1º trimestre, 1899; Boletim da Sociedade de Geographic de Lisboa, 16ª serie, n. 11; The National Geographic Magazine, vol. 10, n. 9; Bulletin de la Société de Geographie de Paris, 4º trimestre, 1897; Bollettino della Societá Geografica Italiana, vol. 12, n. 8.

Offerta de autographos

CARTA DO SR. BARÃO DE S. FRANCISCO

«Illm. e Exm. Sr. Cons. Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque.—Associando-me, com viva e plena satisfação, ao patriotico pensamento de reorganisação do *Instituto Geographico e Historico da Bahia*—operado em curto periodo pelos esforçados collaboradores que tão dignamente succederam, na

faina louvabilissima que constitue o fim dessa associação, á illustre pleiade que succumbiu antes de ver inaugurado o monumento erigido á memoria daquelles que, bahianos ou não, no territorio da Bahia se fizeram heróes da independencia do Brasil,—e desejando sinceramente concorrer, quanto em meu alcance estiver, para o incremento desse precioso repositorio de documentos e ao mesmo tempo fecundo laboratorio da historia nacional, peço a V. Ex. permissão para, por meio de uma extraordinaria offerta aos seus já enriquecidos archivos, levar-lhe, ainda uma vez, o meu tenue concurso, na esperança de que elle não desmereçerá do acolhimento de V. Ex.

São tres autographos:

O primeiro delles é uma carta datada de 1 de Abril de 1826, da qual é auctor o capitão-mór Joaquim Ignacio de Siqueira Bulcão, cuja inexcedivel dedicação, ardor illimitado e assignalados serviços á causa da emancipação politica do nosso paiz, lhe grangeara, com as honras de grandeza, o titulo de Barão de S. Francisco, o fizeram incluir no limitado numero dos condecorados com a grã-cruz da ordem do Cruzeiro, por occasião da creação della, e mais do que isto, lhe gravara o nome nas paginas da historia da ex-provincia, e hoje Estado da Bahia, e na memoria do povo bahiano.

Nesta missiva, elle, em estylo familiar, narrava a seu filho Joaquim Ignacio de Aragão Bulcão, (então estudante em Pariz, depois Barão de Matoim) a chegada de D. Pedro I a esta capital e as publicas manifestações de regosijo que este acontecimento despertou em seus habitantes, naquella quadra de justa e merecida exaltação do sentimento patriotico.

Presidia a provincia da Bahia o notavel mineiro João Severiano Maciel da Costa, depois marquez de Queluz, e um dos auctores da carta constitucional de 25 de Março de 1824.

O segundo são traços biographicos do Dr. Francisco Vicente Vianna, primeiro Barão do Rio das Contas, e, na ordem chronologica, o primeiro presidente da provincia da Bahia, cargo para que fôra

nomeado por carta imperial de 25 de Novembro de 1823, quando proclamado foi D. Pedro I.

O auctor deste interessante trabalho foi seu filho, do mesmo nome, depois Barão de Vianna, que m'o offertou e de cujas mãos o recebi.

Ahi se encontram excellentes subsidios para factura da biographia daquelle distincto brasileiro e servidor da patria, biographia que numa das sessões do antigo *Instituto* requereu fosse escripta o operoso e illustrado socio Dr. Manuel Correia Garcia.

O terceiro autographo é uma carta que me foi dirigida de Genova, datada de 12 de Novembro de 1879, quando eu presidia a provincia da Bahia, pelo insigne e glorioso *maestro* Carlos Gomes, na qual elle me expressava seu reconhecimento por se ter de, naquella época, levar á scena, pela primeira vez entre nós, a sua tão justamente applaudida opera *O Guarany*, para o que se fizeram, na occasião, por meio de commissões, compostas de prestantes cidadãos, os mais brilhantes e ruidosos preparativos devendo-se igualmente inaugurar, no theatro *S. João*, que acabava de ser restaurado, o retrato do eminente musicista.

A esta justa homenagem prestada ao immortal compositor, não faltou a sagração pelo sentimento abolicionista, já bastante desenvolvido no paiz, e cuja expressão por todos conferia naquelles tempos um valor particular e altamente emocionante a quasi todas as solemnidades publicas, e muitas vezes ás festas de familia.

Assim a outorga de tres cartas de liberdade deu ao acto o nobre e humanitario cunho que nessa época costumava caracterisar as manifestações de jubilo e de enthusiasmo.

Espero ter occasião ainda de realisar outras offertas ao Instituto, sobrando-me vivos desejos em prestar o meu debil contingente aos que, animados os melhores intuitos, promovem o desenvolvimento e tão util instituição, que com tanto vigor e brilho itre nós renasce.

Acceite V. Ex. os puros sentimentos da particular estima e distincta consideração, com que me confesso—De V. Ex. affectuoso amigo e collega—*Barão de S. Francisco*».

DR. TEIXEIRA DE FREITAS

DISCURSO PRONUNCIADO PELO CONS. FILINTO BASTOS NA SESSÃO DO DIA 11 DE AGOSTO DE 1899 DO TRIBUNAL DE APPELLAÇÃO E REVISTA, POR OCCASIÃO DE SER COLLOCADO O RETRATO DO GRANDE JURISCONSULTO NA SALA DE SUAS SESSÕES

Meus Senhores:

Obedecendo ao preceito universalmente recebido, que os Romanos synthetisaram no *«suum cuique tribuere»*, o Tribunal de Appellação e Revista do Estado da Bahia vem praticar hoje um acto de incontestavel justiça. Não é que um pleito em desaggravo a interesses offendidos tenha hoje, neste recinto, sob o patrocinio do talento e do saber, a ultima decisão, da qual já se não admitte recurso, não;—que muitas vezes, sob a mascara de razão e direito, ambições mal contidas, violenta deshumanidade, cynismo impudente, ousam approximar-se das aras da justiça, pretendendo um galardão, que nunca lhes pudera pertencer, indifferentes de todo a que se rasgue a tunica immaculada da verdade, se entreguem á corrente da adversidade as flores virentes do justo e do honesto, comtanto que consigam impor-se á admiração dos grandes da terra, como representantes legitimos da audacia—irman dilecta da fortuna. E' com certeza superior a qualquer suggestão menos digna esta solemnidade, em que vimos pronunciar um *veredictum* não solicitado por acção dos litigantes, mediante contestação e arrazoados, não visando ao campo onde se degladiam os

vivos e se movimenta o direito, mas espontaneo, reflexo de um raio do sol da consciencia nacional sobre a sepultura humilde de um grande finado

Bem merece esta homenagem o cidadão modesto que consumiu a existencia no estudo das letras juridicas, sem as preoccupações dos partidos que têm empolgado os nossos melhores talentos; surdo á grita dos que porfiavam pelo vellocino das altas posições, donde facil lhes fosse deslumbrar a multidão; nada pretendendo senão enriquecer a jurisprudencia patria; obreiro sem repouso que, dentre os que seguiam a sua profissão, se considerava o ultimo, elle que fôra o principe dos jurisconsultos— *primus inter pares.* Não o impressionava a lisonjaria interesseira, que pretendesse enredal-o em suas seductoras tramas. Conhecedor profundo da nenhuma valia das gloriolas terrenas, aprazia-lhe recordar os versos de Voltaire:

(*) "Tous ces honneurs mondains ne sont qu'un bien stérile,
"Des humaines vertus récompense fragile,
"Un dangereux éclat qui passe et qui s'enfuit,
"Que le trouble acompagne et que la mort dètruit„.

Natureza privilegiada, cujo desejo unico era labutar, para conquistar pela lucta algo de glorioso para sua patria, somente ao estudo pedia inspiração para devassar os arcanos do porvir e energia indomavel para mergulhar no cháos do preterito, nos abysmos da secular jurisprudencia, afim de retirar do pó das velharias o oiro finissimo do profundo senso juridico e saber inexcedivel dos jurisconsultos das éras remotas; afim de joeirar dos anachronismos e das discordancias doutrinarias o substancioso trigo do ensino, cujo pabulo são alimentasse a geração moderna.

Mas, se o passado o prendia a suas tradições e a seus monumentos, e o futuro reclamava de sua cultura as modificações da evolução e do progresso;

(*) *La Henriade*—Canto 7.

absorviam-no tambem as cousas de seu tempo, o presente merecia todo o seu desvelo; e curando dos velhos preceitos que se deviam conservar, mostrando aos legisladores as necessidades do *jus constituendum*, organisava tambem um plano vastissimo para a estructura do Direito hodierno, pelas tradições do direito Romano, pelas disposições das Ordenações do Reino e das leis extravagantes, pelas lições dos reinicolas e dos jurisconsultos patrios e estrangeiros, affeiçoadas ás necessidades mais palpitantes do momento juridico. E assim, verdadeiro cenobita, sem embargo do tumultuar de uma grande cidade, firmado sobre o rochedo inamovivel do proprio esforço, alheiando-se a todas as festas e distracções, e aspirando apenas a uma transformação proficua e duradoura do Direito Nacional, trabalhou, trabalhou sem tregoas, animado pela esperança de que á Patria util seria o seu sacrificio, e pôde ver coroada a obra magna de suas locubrações, quando o Brasil acolheu maravilhado a *Consolidação das Leis Civis*.

E' a esse Pontifice Maximo da jurisprudencia patria que consagramos hoje a nossa festa. Quiz o Exm. Sr. Conselheiro Presidente deste Tribunal que fosse eu nella o interprete dos seus e dos nossos sentimentos: será esta, com certeza, máo grado meu, a falha de que se resentirá nossa justissima, embora modesta, solemnidade.

*
* *

A' margem esquerda do Paraguassú, formoso rio cujas aguas ouviram as primeiras palavras dos irmãos Rebouças, de D. Antonio de Macedo Costa, e foram talvez a primeira inspiração do sublimado *poeta dos escravos*, ergue-se risonha a cidade de Cachoeira, a terra onde abriu os olhos á existencia aquella heroina do patriotismo e da caridade que nas paragens longiquas e doentias do Paraguay mereceu titulo glorioso de *Mãe dos Brasileiros*. Foi alli tambem que, em 19 de Janeiro de 1817, nasceu Augusto Teixeira de Freitas, filho legitimo do Barão

e da Baroneza de Itaparica, predestinado a ser o primeiro jurisconsulto bahiano, não digo bem, um dos mais notaveis jurisconsultos da America latina, e, sem contestação, o maior do Brasil.

Seguindo os impulsos de uma vocação irresistivel, Augusto Teixeira de Freitas, recebeu na Faculdade de Olinda, em 1837, o grão de Bacharel em Direito.

Voltando a esta capital no fim daquelle anno, consorciou-se com uma virtuosa filha de seu tio paterno Manuel Teixeira de Freitas, sendo depois surprehendido pelo Decreto n. 9 de 20 de Janeiro de 1838, pelo qual era nomeado Juiz de Direito da 1ª vara civel da comarca da Capital, tendo o referido decreto a assignatura de João Crrneiro da Silva Rego, um dos chefes proeminentes da *Sabinada* e vice-presidente do Estado Independente da Bahia, e a de João Carneiro da Silva Rego Filho, Ministro e Secretario dos Negocios da Justiça. Por causa de tal nomeação foi elle, em 12 de Dezembro daquelle anno, denunciado como particípe na revolução de 7 de Novembro de 1837. Processado, como réo ausente, foi afinal julgada pelo Dr. Juiz de paz, Antonio Gomes Villaça, improcedente a denuncia, recorrendo deste despacho o promotor para o conselho de jurados. Reunindo-se em 25 de Janeiro de 1839, o jury, de accusação, de que fez parte, como primeiro sorteado o jurado João José de Almeida Couto, hoje Barão do Desterro, não achou motivo para accusação contra o recorrido; decidindo o Dr. Juiz de Direito Francisco Gonçalves Martins, depois Visconde de S. Lourenço, como presidente do tribunal do jury, que não procedia o recurso contra o Dr. Augusto Teixeira de Freitas.

Depois desse golpe que a fortuna quiz que se lhe deparasse aos vinte annos, confiando nos elementos que lhe ministrara um estudo perseverante ao serviço de uma pujante mentalidade; certo de que entre as forças que dominam o meio social, a da vontade não é das menos preponderantes, dirigiu-se á capital do extincto Imperio e quando pela primeira vez sua palavra echooui nos auditorios daquella ci-

dade, convenceram-se todos de que esse joven provinciano, desconhecido, que alli havia chegado sem a precedencia de alto renome e sem o amparo dos favores e do empenho, podia collocar-se ao lado dos mais notaveis advogados daquella epocha.

Proclamada sua aptidão, não mais houve paradeiro áquella extraordinaria actividade em um centro, onde a pragmatica da Côrte. as apresentações do alto mundo official, as recommendações dos advogados celebres, o bafejo do Conselho de Estado, as indicações dos chefes dos partidos, nada puderam para nullifical-a ou desvial-a do caminho que de ante-mão se havia traçado: trabalhou e venceu.

Aos vinte e seis annos de edade, meus Senhores, Augusto de Teixeira de Freitas havia firmado invejavel reputação na côrte do Rio de Janeiro: e assim é que, em 1843, ao lado dos Drs. Caetano Alberto Soares, Luiz Fortunato de Britto Abreu Souza Menezes e quatro outros emeritos advogados, fazia elle parte da commissão encarregada de adaptar ao *Instituto dos Advogados Brasileiros* os estatutos da *Associação dos Advogados de Lisboa*, mandados publicar anteriormente na «Gazeta dos Tribunaes» pelo Conselheiro Francisco Alberto Teixeira de Aragão, Ministro do Supremo Tribunal de Justiça; e depois que, por Aviso de 7 de Agosto de 1843, mandou o Imperador que fossem approvados os estatutos do predito *Instituto*, em 21 daquelle mez, reuniram-se vinte e seis advogados para a eleição da primeira administração, sendo eleito para fazer parte do conselho director o bacharel Augusto Teixeira de Freitas.

Da Memoria—*Cincoenta annos de existencia*—, lida, na sessão solemne commemorativa do 50° anniversario da fundação do *Instituto da Ordem dos advogados Brasileiros*, pelo seu illustrado 1° Secretario Dr. Manoel Alvaro de Souza Sá Vianna, destaca-se dentre varias informações proveitosissimas, que o *Instituto* approvou a proposta de collocar o retrato do seu benemerito consocio com os de outros socios fundadores na sala de suas sessões. E não satisfeito

ainda com tal demonstração, trabalha para levantar em uma das praças publicas da Capital Federal um monumento que «perpetue a sua memoria gloriosa».

«A memoria de um homem que attinge a esse gráo de grandeza moral a que chegou Teixeira de Freitas, diz notavel orgam de publicidade daquella capital, é imperecivel, não ha duvida; mas é preciso que ella se perpetue de outro modo, no bronze, no marmore, para que o povo possa bem conhecel-a e veneral-a. E' por isso que o benemerito *Instituto dos Advogados* deliberou promover os meios de ser levantado nesta cidade um monumento ao Dr. Teixeira de Freitas, um dos seus fundadores».

Rico de merecimentos, trabalhado o seu espirito pelo estudo das sciencias juridicas, atirou-se Teixeira de Freitas, sem ostentação nem temor, ao campo do Direito Criminal, do Commercial e do Civil, mas foi este que lhe mereceu decidida predilecção.

Tinhamos grande cópia de leis esparsas, muitas caidas em desuso, umas revogadas, derogadas outras, e muitissimas incompativeis com o regimen de governo então dominante; mas não possuiamos um trabalho sério sobre legislação civil devido á penna de um brasileiro. Portugal deixara de ser politicamente a nossa metropole, mas continuava a reger-nos com as suas leis e a doutrinar-nos com os seus civilistas, sem embargo da Carta que nos outorgára Pedro I e das promessas de codigos nella contidas.

Tivemos o *Codigo Criminal*, em 16 de Dezembro de 1830, e, em 25 de Junho de 1850, o *Commercial*, publicado com varias incorrecções, que sómente foram emendadas em virtude do Decreto n. 3.257 de 10 de Abril deste anno. Relativamente ao primeiro, alguns commentarios appareceram, algumas lições ricas de erudição e criterio, como as do Dr. Braz Florentino, da Faculdade do Recife, estudos e monographias: entretanto, foi elle revogado pelo *Codigo Penal*, de 11 de Outubro de 1890, depois de sessenta annos, sem que tivesse apparecido um trabalho verdadeiramente notavel de criminalista nacional. Em relação ao *Codigo Commercial*, merece tambem re-

paro que até 1874, quando o illustre jurisconsulto e senador maranhense, Dr. Candido Mendes de Almeida, deu a lume a sexta edição dos—*Principios de Direito Mercantil e Leis de Marinha*—por José da Silva Lisboa, Visconde de Cayrú, obra a que Innocencio da Silva chama—«um monumento extraordinario de erudição juridica e philosophia que inscreveu o nome do auctor no livro de ouro destinado á immortalidade», nenhum trabalho houvesse mais importante que o *Codigo* editado por Orlando, «em que se observa sensivel deficiencia critica.»(*) O Dr. Augusto Teixeira de Freitas publicou em 1878 os *Additamentos ao Codigo do Commercio*, cujo caracter saliente, diz-nos o redactor d'*O Direito*, é a mais reflectida critica assim das excrescencias em que se demasiou o nosso vigente Codigo do Commercio, invadindo os soberanos dominios do Direito Civil, como mesmo do seu incerto systema em alguns dos assumptos mais importantes». E dizendo ainda sobre o merito da obra, pergunta o citado escriptor: «Que nos falta para a revisão do actual *Codigo do Commercio* que o illustrado auctor tanto reclama?»

Excederia em muito os limites que devo traçar a este discurso, meu Senhores, a analyse das obras do grande civilista, a cuja memoria vimos render hoje tão singelo preito; e devo confessar-vos que me sinto sem competencia para fazel-o.

A quem quer que conheça, ainda ligeiramente, as nossas letras juridicas licito não é ignorar que á historia do Direito Civil Brasileiro está ligado o nome de Teixeira de Freitas como o do jurisconsulto que na phrase do illustrado Dr. João Vieira, «se animou a atacar de frente» as antigualhas do direito civil portuguez e os institutos incompativeis com a fórma de governo que nos regia, afim de dar-lhes conveniente transformação.

Depois que em Dezembro de 1858, appareceu a *Consolidação das Leis Civis*, « a par com o estudo profundo, erudição vasta, e methodo didactico,

(*) *Dirt.* vol. 4.º, pag. 37.

dá testemunho do zelo, dedicação e constancia de seu distincto auctor», como se exprimiu a commissão encarregada, por Aviso de 9 de Fevereiro daquelle anno, de examinar a dita *Consolidação*, e composta do Visconde de Uruguay, José Thomaz Nabuco de Araujo e Caetano Alberto Soares, reconheceu o fôro, que vivia «desvairado pela incerteza e diversidade de opiniões, as quaes, no vasio do direito patrio achavam logar para o arbitrio», que nova athmosphera envolvia a existencia do direito nacional e que, em falta de um Codigo, se tinha naquella obra monumental um roteiro seguro para a verdade da lei e a victoria da justiça.

Não era só um investigador paciente, e criterioso distribuidor das materias que se deviam aproveitar para uma boa compilação, o Dr. Augusto Teixeira de Freitas; pensador, philosopho, conhecedor das doutrinas e theorias mais adiantadas da sua epocha, sentindo que lhe alvoroçava o coração intenso amor á patria, deixou patente o grandioso plano de sua obra imperecivel na *Introducção* que a precede, e que a commissão alludida qualifica de «bello epilogo do Direito Civil; historica e profunda quanto ao preterito, rica de idéas e elementos quanto ao futuro ou *de constituendo*». Quereis, senhores, uma prova do espirito snblime e do coração nobilissimo do nosso immortal conterraneo? Ouvi as suas proprias palavras: «Cumpre advertir que não ha um só logar do nosso texto onde se trate de escravos. Temos, ó verdade, a escravidão entre nós; mas, se esse mal é uma excepção, que lamentamos, condemnado a extinguir-se em epocha mais, ou menos, remota, façamos tambem uma excepção na reforma das nossas Leis Civis; não as maculemos com disposições vergonhosas que não podem servir para a posteridade: fique o estado de liberdade sem o seu correlativo odioso». E em outro logar, referindo-se ao estado e á capacidade das pessoas nos dominios do Direito Civil, diz ainda: «Excluido o estado de escravidão opposto ao de liberdade, tambem é mister excluir o estado de estrangeiro em opposição ao de cidadão; e ficam-nos somente o es-

tado de familia e todos os outros resultantes das incapacidades de obrar, naturaes e legaes. Não ha entre nós caso possivel de privação de direitos civis, ou seja pela perda da qualidade de cidadão brazileiro, ou seja por effeito de condemnações judiciarias. Suppor actualmente um Direito Civil de pura nacionalidade, negar direitos civis aos estrangeiros, fallar em morte civil; é conceber um chimerico estado de cousas que evoca tradições do Direito Romano, reproduz más theorias do Direito Francez, mas que nada tem de semelhante com a realidade de nossa vida civil. São aberrações, como diz Savigny, a que sempre conduz uma applicação inhabil de factos historicos mal comprehendidos.»

A superioridade mental do illustre morto, meus Senhores, temol-a proclamada em poucas palavras pelos Drs. Sizenando Nabuco, Clovis Bevilacqua e Cons. Lafayette.

O primeiro expondo os motivos porque seu fallecido pae, o Cons. Nabuco, um dos mais fulgidos astros do fôro e da politica, no Brasil, não concluiu o Codigo Civil, de que fôra incumbido, quando se refere a Teixeira de Freitas, assim se exprime: «Melhor do que ninguem podia elle crear um codigo, porque tinha com a sciencia a inspiração do direito».

O Dr. Clovis, tratando das pessoas juridicas, a que Teixeira de Freitas chamou «pessoas de existencia ideal», depois de repellir o conceito de Savigny da «creação artificial do sujeito dos direitos dos bens» accrescenta: «Cumpre banir da sciencia este preconceito das ficções, onde elle absolutamente não existe, como victoriosamente o mostrou o inclyto Teixeira de Freitas, um dos escriptores, entre nacionaes e estrangeiros, que mais lucidamente conceberam as abstracções deste assumpto. (*)

E a seu respeito, affirma o Cons. Lafayette que o qualifica de «sabio e eminente jurisconsulto, que como a mestre estava habituado a respeitar»: «Os

(*) "Resumo de Lições de Legislação Comparada. Bahia—897.

trabalhos do Sr. Dr. Teixeira de Freitas, pela profundidade das investigações, pela audacia do pensamento e pela riqueza de erudição, competem com o que de melhor se tem publicado no estrangeiro».

Reduzindo a uma synthese grandiosa toda a antiga legislação escoimada das incongruencias, que o systema de governo repelia, e dos anachronismos destoantes do progresso, da cultura e da nova orientação do direito, a *Consolidação das leis Civis* tornou-se um livro indispensavel á jurisprudencia brasileira e deixou bases largas sobre as quaes se levante um codigo de primeira ordem. Ainda em 1882, o Cons. Tristão de Alencar Araripe, na Advertencia que precede o seu *Codigo Civil*, escrevia: «A obra de Teixeira de Freitas já está julgada pelos homens doutos, e o methodo da distribuição das materias é digno de seguir-se; por isso na compilação que faço observo a disposição e ordem que elle deu».

A *Consolidação*, affirma o senador Candido Mendes de Almeida, é a primeira e a mais importante obra que no Brasil se tem publicado em materia de jurisprudencia civil. Aqui se encontra, além da concisão e elegancia do estylo, ordem e senso juridico tão difficeis de achar nos escriptos sobre assumpto tão espinhoso e amplo e profundo conhecimento do nosso direito. Se nossa palavra fosse auctorisada, e reconhecida nossa competencia, ousariamos denominar o auctor—o CUJACIO BRAZILEIRO.

Julgo, meus Senhores, que a decisão dos mestres sobre a grande obra do Mestre não pode ter laivos de suspeição.

Todos nós que lidamos quotidianamente com a legislação civil, professores, advogados, magistrados, muitas vezes não ficamos tranquillos e acastellados em umaa auctoridade notavel, senão depois de haurirmos na *Consolidação* a doutrina pura e crystalina.

A obra, a que nos estamos referindo, seria por si só um padrão de gloria—*ære perennius*—para o grande extincto; sua miraculosa actividade, porém,

não consentiu que nella se circumscrevesse o seu esforço.

Acceita e louvada por Aviso de 25 de Dezembro de 1858 a *Consolidação*, trabalho preparatorio do *Codigo Civil* projectado. foi Teixeira de Freitas escolhido para redigir o projecto.

Depois de ter apresentado notavel *Esboço de Codigo Civil*, precioso monumento de sabedoria juridica, na expressão do Dr. Clovis, o qual serviu em muitissimos artigos de modelo ao Codigo Civil Argentino, segundo confissão de Velez Sarsfeld, redactor do respectivo projecto, e ao Codigo Civil do Uruguay, de 1868, por cuja commissão revisora foi considerado como o trabalho mais notavel de codificação por sua extensão e pelo estudc e meditação que revela (*); declarou Teixeira de Freitas ao Ministro e Secretario dos Negocios da Justiça. Cons. Martim Francisco Ribeiro de Andrada, em 20 de Setembro de 1867: Ha desharmonia profunda, Exm. Senhor, entre o meu pensamento actual sobre taes assumptos, e as vistas do governo imperial. Está satisfeito o governo com os trabalhos, de que já tem conhecimento, e o auctor mal contente. O governo espera por um projecto de Codigo Civil no systema desse *Esboço*, systema traçado no meu contracto de 10 de Janeiro de 1859; e para mim não ha já possibilidade de observar tal systema, convencido, como estou, de que a empreza quer diverso modo de execução.

O venerando mestre Dr. Coelho Rodrigues, dá como verdadeira causa de semelhante resolução «o notorio estado de monomania religiosa, em que acabou o famoso jurisconsulto, provavelmente por excesso de trabalho. . . cedendo naturalmente ao peso da afanosa profissão, aggravado pelos annos que nunca passam debalde sobre as cabeças que encaneceram, principalmente quando sua velhice foi precipitada por uma vida toda votada á meditação e ao estudo. Nem de outro modo se poderia explicar que elle com a capacidade, que nunca foi posta em duvida, e com

(*) *Apud* Clovis, Op. cit.

a competencia de que déra provas sobejas na *Consolidação*—talvez mais difficil que o proprio projecto —tendo redigido cerca de cinco mil artigos, desistisse do seu contracto. . .» Não sei se procederá de todo o motivo allegado pelo eminente civilista e romanista patrio, e ao qual allude talvez o notavel commercialista argentino Lysandro Segovia quando diz—el sabio *y mallogrado* dotor Freitas; e para isso me fundo em differentes razões.

A Secção de Justiça do Conselho de Estado, composta dos Senadores José Thomaz Nabuco de Araujo, Francisco de Salles Torres Homem e o Visconde de Jequitinhonha, opinou que se acolhesse como digno de toda a consideração o novo methodo de codificação, proposto e justificado pelo Bacharel Augusto Teixeira de Freitas, accrescentando: «A nova idéa é de difficil execução, mas não deve por isso ser repellida *in limine*, quando quem se propõe a executal-a é o mencionado Bacharel, que tantos abonos tem dado de sua alta capacidade. Que inconveniente ha em que o governo ajude e facilite a grande concepção do auctor?» Ora, não é crivel que, estando o grande jurisconsulto impossibilitado de realisar a obra, por fraqueza mental, pela predita monomania, usasse o Conselho de Estado de uma tal linguagem ante o Governo; entretanto, o governo, por Acto que traz a assignatura do Cons. Manuel Antonio Duarte de Azevedo e a data de 18 de Novembro de 1872, sem embargo de declarar o *Esboço* trabalho de incontestavel utilidade e merecimento, rescindiu o contracto de 10 de Janeiro de 1859.

Accresce, meus Senhores, que a idéa de dois Codigos, um geral, outro especial, e a refusão do Codigo Commercial no Civil, que naquelle tempo não era tão preconizada como hoje, apaixonou o inclyto Mestre, que não quiz abandonal-a, nem mesmo por solicitações do Governo Imperial.

E' que elle, ante a grandiosa e ideal figura de sua concepção juridica, assim como o grande Vate de Florença diante da visão do *Paraiso*; podia dizer:

«A' proporção, porém, que se apurava

A minha vista, aquelle mesmo objecto
Parecia cobrar aspectos varios» (*)

e aquillo, que a outros olhos estava occulto sob o véo do ignoto, sorria-lhe como seductora realidade, como verdade triumphante, a cujos dictames obedecia como sacerdote da sciencia. » Não creio diz o Dr. Sizenando Nabuco, que em toda a historia das idéas haja sinceridade maior, nem resistencia tão grande opposta pela aspiração á necessidade, para manter o pensamento livre e a vontade intacta ».

O projectado Codigo Geral, dizia o pranteado Mestre, conterá todas as definições necessarias, assim as das disposições de cada um dos codigos particulares, de modo qne nestes ultimos nada se defina. Conciliamos dest'arte o preceito com a necessidade. No Codigo Geral as leis que ensinam, nos outros Codigos as leis que mandam. O Codigo Geral para os homens de sciencia, os outros Codigos para o povo. O projectado Codigo Geral será muito mais que um codigo de definições. Comprehenderá todas as materias do 1.º Livro do nosso *Esboço do Codigo Civil* sobre pessoas—cousas—e factos, elevando-os, porém, á sua derradeira altura. Se das leis civis no systema usado tira o Codigo Geral todas as disposições elementares sobre pessoas, bens e factos; se das leis do processo, ou de quaesquer outras, separa as disposições que regulam as provas; do actual Codigo do Commercio removerá o que concerne a estas mesmas materias, e do Codigo Penal apartará toda a theoria e nomenclatura dos delictos, como parte integrante da theoria dos actos illicitos». A idéa de um codigo Geral não é nova, tem a sua primeira semente nos dois ultimos Titulos do *Digesto* e a outra na *Legum leges* de Bacon.

Ora, essa grande concepção de um Codigo Geral, originalmente sua, comquanto a diga fructo do Direito Romano e dos *Aphorismos* de Bacon, era bastante

(*) Divina Comedia—*O Paraiso*, Traducção do *Barão da Villa da Barra.*

para captival-o e para derramar-lhe no coração o balsamo de suavissima alegria, fossem quaes fossem os obstaculos que surgissem á sua realisação; nem era menos intenso o seu prazer, por lhe tomarem o ideal como um sonho confuso de um cerebro doentio —*velut ægri somnia*. «Os profundos contentamentos d'alma, diz-nos o grande publicista e orador bahiano, são os que nascem do embate com as resistencias sombrias, como a marejada branca do azul de encontro aos penhascos».

Os jurisconsultos notaveis da Secção de Justiça do Conselho de Estado comprehenderam o alcance da genial inspiração do glorioso mestre, e affirmaram que a censura geralmente feita ao Codigo Civil Francez, por causa dos seis primeiros artigos, cujas disposições não são exclusivas do Direito Civil mostra a necessidade de um Codigo Geral, aonde essas disposições aliás essenciaes, sejam proprias e cabiveis—; e aquillo que então pareceu ao governo uma idéa triste e original, nascida de um espirito já enfraquecido, foi pouco depois proclamado por jurisconsultos europeus de nomeada como verdade, hoje triumphante, cabendo ao Brasil a gloria da iniciativa dessa idéa, segundo se exprimiu o *Jornal do Commercio*, do Rio, em 25 de Dezembro do anno passado.

Se no campo das indagações scientificas, as quaes estudando o valor e a extensão das differentes normas, chegam a assignalar-lhes a verdadeira posição logica, é que, segundo pensa Pietro Cogliolo, tem importancia a seguinte observação de Maine—«classificação perfeita seria a que distribuisse as regras legaes segundo suas reciprocas relações e se fundasse portanto em uma analyse completa de todas as concepções juridicas»—incontestavel é que Teixeira de Freitas com systema e criterio encaminhara para uma grande verdade scientifica o seu conceito de um Codigo Geral.

Já ao tempo em que o illustre morto propugnava a fusão do Codigo Commercial no Civil, «homens eminentes como Riviéra, Courtois» sustentavam essa doutrina que tem hodiernamente na Italia os mais

valentes campeões, posto que por lá encontre tambem notaveis impugnadores como David Supino, que ainda na sexta edição de sua obra *Instituzioni di Diritto Commerciale*, de 1898, sustenta a necessidade da dupla codificação, não obstante as grandes affinidades que existem entre as materias do Direito Civil e do Commercial, ramos do Direito privado. Julgo, meus Senhores, não ser azado o ensejo para a critica de semelhante materia; mas com franqueza direi que, pesados os argumentos dos dois lados contendores, não caberá o melhor quinhão do litigio aos adversarios do inclyto civilista patrio; e que precipitado andou o governo rescindindo o contracto de Janeiro de 1859, obstando a realisação de um projecto monumental. Os que lidam com a alta classe dirigente e não sabem obrigar a espinha dorsal a curvaturas indecorosas e ridiculas, são muitas vezes repellidos, mal aponta com ares de razão o primeiro pretexto. O illustrado Dr. Coelho Rodrigues mesmo poderá dar testemunho a este asserto.

Algumas pessoas fidedignas que conheceram em Curityba o Dr. Teixeira de Freitas, já então dominado por certa exaltação religiosa, affirmam contestes que mal se lhe fazia uma consulta juridica, ou qualquer cousa se lhe dizia sobre o que de mais adiantado e notavel se dava nos varios departamentos do Direito, seu talento libertava-se de qualquer obnubilação, e apesar de alquebrado por precoce velhice, discorria com eloquencia, vivacidade e segurança sobre todos os assumptos, auxiliando sua profunda illustração uma memoria prodigiosa «verdadeiro repertorio de jurisprudencia». Dentre essas pessoas, lembrarei o nome do um distincto paranaense, roubado á patria no viço da juventude, o Dr. Arthur Franco Fernandes de Barros, um dos melhores talentos e um dos mais puros caracteres que conheci, em intima convivencia, da Academia de S. Paulo, e o Exm. Sr. Dr. Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, nosso illustre conterraneo, magistrado aposentado e que já honrou a presidencia deste Tribunal.

Tão insuspeitos testemunhos são além disso confirmados amplamente pelos trabalhos magistraes do jurisconsulto, após a rescisão do contracto alludido. Quem poderá melhor dizer da integridade de sua concepção juridica do que as obras que elle publicou até pouco antes de sua morte, e, portanto, muito posteriores a 1872? Proclamam-no e de modo inequivoco. os *Additamentos á Consolidação das Leis Civis*, «verdadeiro monumento que honra as nossas letras juridicas»; os *Additamentos ao Codigo do Commercio*, a que já nos referimos; as *Primeiras Linhas sobre o processo Civil*, por Pereira e Souza, *accommodadas ao foro do Brazil até 1877* «o primeiro livro —Mestre do nosso fôro civil; a *Doutrina das Acções* por Correia Telles, *accommodada ao fôro do Brazil*, «livro que não é só indispensavel na estante de todos os cultores das letras juridicas, mas que ha de ser para futuro trabalho legislativo de direito formal aquillo que já a *Consolidação das Leis Civis* é com relação ao nosso futuro codigo civil, isto é, um elemento imprescindivel na elaboração cuidadosa deste ramo da legislação»; o *Tratado dos testamentos e successões* por Gouveia Pinto, *accommodado ao foro do Brazil até o anno de 1881*, obra classica, de incomparavel merito, na qual a selecção criteriosa das opiniões dos auctores anda a par de segura critica e vasta erudição; o *Formulario do Tabellionado*, do qual disse o redactor d'*O Direito*: «Como mestre e sabio, o illustre jurisconsulto desempenhou-se da tarefa que se impoz, merecendo que toda a justiça se diga do seu *Formulario do Tabellionado* o que da obra de Correia Telles disse o Dr. Viriato Sertorio perante a associação dos advogados de Lisboa, em 1849: « . . . este livro é ao mesmo tempo o codigo do Tabellionado, e a escola do tabellião: indispensavel a este, necessario ao advogado, util a todos»; o *Promptuario das leis civis* que mereceu que do auctor se escrevesse «que lhe estava reservada a gloria de, como *Bartolo*, ser proclamado, na phrase de Dumoulin—o corifeu dos interpretes do direito»; e *Regras direito*, livro de paciente investigação e fundo senso

juridico publicado no anno anterior ao de seu passamento.

Tão profundo e instruido, quanto fecundo em insignes producções, trabalhos outros ha ainda que attestam o seu estudo ininterrupto, suas investigações do maior proveito a quanto nos dedicamos á sciencia do direito e á pratica do processo.

Aos que conhecem a influencia climaterica sobre o organismo e a actividade cerebral não pode, meus Senhores, passar despercebido o phenomeno pouco commum de se entregar o Dr. Teixeira de Freitas a tantas publicações, sem abandonar os affazeres de seu escriptorio de «advogado quasi sem competidores no seu tempo, solicitado por consultantes de todas as provincias e muitas vezes por collegas e juizes», em um meio deprimente da saude e das energias, como a capital do extincto Imperio. Já concorrendo para a confecção de algumas leis, já redigindo longas consultas, como, ainda em 1881, o *Parecer sobre o processo de desappropriação, intentado pela Fazenda Nacional contra Finnie, Irmãos & Comp.*, do Rio; já se envolvendo em cerrada polemica, assim como nos dá noticia a *Nova Apostilla*, severa critica ao Codigo Civil Portuguez. do Visconde de Seabra; sua penna era manejada por dextra firme e elegante, não deixando no tremulo das linhas indicio de que sobre ella já se fazia sentir a neve dos annos. E mais notavel é ainda que, excepção feita da *Consolidação das Leis Civis*, concluida aos 41 annos, e do *Codigo Civil-Esboço*, aos 43, sua maior actividade se revelou aos 60 annos, publicando em 1877 a 1882 oito obras volumosas, do maior criterio e erudição; tendo, já aos 58, dado a terceira edição da «*Consolidação*, trabalho que se pode em grande parte considerar como um novo livro, graças á opulencia das notas que a illustram e nas quaes respondeu o Mestre ás *Observações á segunda edição da Consolidação das Leis Civis*, do pranteado jurista bahiano, Cons. Antonio Pereira Rebouças «um dos grandes vultos da nossa Jurisprudencia», na phrase de Candido Mendes.

As *Observações*, de Rebouças, ás *Leis Civis* e á

2 edição da *Consolidação* deram ao Mestre ensejo de revelar que sendo um dos mais fervorosos cultores da sciencia devia ser um dos mais conscienciosos sacerdotes da verdade.

Seu espirito superior não se julgava humilhado, quando justa era a lição que promanava dos labios do seu contradictor. Corrigia-se, explicava-se, com a calma e precisão, sem ambages nem sophismas; accentuando seu pensamento por meio de seus escriptos; mostrando-se capaz de ensinar, mesmo quando se lhe apontava algum desvio, quasi sempre insignificante; deixando tambem que se inundasse na luz de seu saber o adversario que não poderia escapar á convicção diante da argumentação do Mestre, quando fôra elle mal comprehendido. Ao lado do saber estava a modestia; ao publico ensinava, de publico se corrigia; fazendo realçar a obra dos que *sine ira ac studio* criticavam os seus trabalhos, concorrendo com sinceridade e poderosamente para recommendal-a e favorecel-a.

Não pude jamais conformar-me, Senhores, com a idéa de que fôra a «monomania religiosa» a causa verdadeira que impelliu o Governo Imperial a privar o Brasil da gloria de ter como codificador de suas leis aquelle que as consolidara de um modo tão brilhante, a merecer festivas acclamações dos homens cultos. Ainda em 1877, escrevia o Cons. Aquino e Castro, a proposito do *Promptuario das Leis Civis* — n'*O Direito*: «O talento brilhante do conhecido escriptor perdura ainda vivido e robusto; sua actividade incançavel: sua illustração progressiva: não seja pois de estranhar-se que ainda hoje venham novos fructos de um saber inestimavel, amadurecido no estudo e na pratica da sciencia do direito, enriquecer a messe abundante que hão já colhido as letras patrias no fertil campo de uma tão cultivada intelligencia». Ora, nos annos subsequentes de 1879 a 1882, novas obras do eximio jurisconsulto vieram opulentar a nossa litteratura; bastando para salientar-lhes o alto merecimento, lembrar que é de 1881 o incomparavel *Tratado dos Testamentos e Successões*,

obra a que elle chamara—«*Meu livro predilecto*—talvez ultima producção minha no genero das publicadas—*si fata voluerint*».

O pensamento, quando transcendendo a região azul da phantasia, defronta com o ideal que havia sonhado, depois de quedar-se embevecido ante a fulgida imagem, cinge-a em amplexo eterno, e vae com ella, como a nuvem irisada, percorrer o infinito campo do céo. E se alguma vez esse ideal, que o deslumbra, se torna em realidade mais ou menos sensivel, e o espirito consegue desengastar do firmamento algum astro, que transmuda em fóco de luz inextinguivel sobre a terra, o Archanjo da Gloria, deixando as sublimes alturas, acolhe-o para exalçal-o até aos páramos onde a vida não se extingue, onde não têm occaso as estrellas, onde eternamente soam, pela tuba da fama, os nomes dos eleitos da Immortalidade.

Ou nos enleve os sentidos a musica ineffavel, que se desprende das cordas de harpa harmoniosa tangida por inspirado menestrel; ou nos arrebatem o coração e a alma as estrophes magnificas de amor e saudade dos poetas de genio; quer nos arrastem a indomito enthusiasmo as vibrações guerreiras dos clarins das batalhas; quer nos prendam as aureas correntes da sciencia ou as infinitas graças das bellas-artes; felizes, mil vezes felizes, meus Senhores, aquelles que havendo lobrigado ao longe, muito ao longe embora, o lume portentoso da inspiração e do ideal, puderam ver um raio, um só de seus raios, circumdar-lhe a existencia, aureolando-a com esse nimbo ethereo que a divina Religião dá aos seus Santos e a Sciencia aos seus Immortaes. Essa felicidade não foi negada a Teixeira de Freitas: entreviu uma grande legislação, adiantada e liberal para sua patria, e a realidade favoreceu-lhe os gigantescos tentamens.

Feliz ainda porque poude ver, no seio carinhoso da familia idolatrada, o culto da sciencia de sua predilecção no herdeiro e portador de seu proprio nome, escriptor laborioso que foi «conceituado advo-

gado dos auditorios da Côrte e auctor de obras de direito vantajosamente conhecidas no fôro».

Como o grande poeta, amigo de Mecenas, contemplando «o monumento de suas obras, mais duradouro que o bronze e mais alto que as pyramides reaes», podia Teixeira de Freitas, ao tomar o caminho da Eternidade exclamar:

«Não morrerei de todo; o negro tumulo
Não terá do meu ser a melhor parte. . .
«*Non omnis moriar*; *multaque pars mei*
Vitabit Libitinam.»

O retrato do Dr. Augusto Teixeira de Freitas vae d'ora avante honrar a sala em que celebra este Tribunal as suas sessões.

Em uma quadra melindrosa e difficil em que a dissolução de todas as normas conservadoras dos principios e das instituições manifesta os prodromos de uma grande degeneração nacional, faz-se mister a colligação de todos os sãos elementos da Republica Brasileira, para que, no estrangeiro, seja respeitada a nossa soberania, e, no interior do paiz, impere sempre fraternal concordia. Ora, não sei que haja meio mais efficaz e adequado á consecução de tão patriotico *desideratum*, do que o culto á Justiça, pela fiel observancia das leis e pela nobilissima tarefa de applical-as com elevação, criterio e dignidade. A téla, que alli vemos, se não pode mostrar-nos a alma e o coração do grande jurisconsulto, permitte á nossa imaginação envolver-se na luz que o pincel do artista imprimiu ao olhar do retratado, deixando-nos a gratissima illusão de que elle não nos abandonará jámais em nossas decisões, que presidirá sempre a nossos trabalhos, incitando-nos ao levantamento da jurisprudencia nacional, pela criteriosa e segura uniformidade nos julgamentos, que é o alento vivificador das leis e do direito.

Teremos agora e sempre o mestre incorruptivel, cuja cerebração privilegiada nos forneceu os subsi-

dios indispensaveis a uma grande e sabia codificação: elle que não cedeu ás solicitações dos Ministros da Corôa, quo o induziam ao repudio de sua arraigada convicção de que «a grande obra da communhão do direito, a unidade de legislação—synthese dos dictames da consciencia popular depurados no crisol dos mais elevados principios da sciencia—era condição primordial á grandeza moral e politica da patria.

Felizmente poude elle escapar, o patriota vidente, ao descalabro da multiplicação das leis do processo, que acabarão por deturpar o direito substantivo, anniquilando assim desde já a vida nacional em sua unidade juridica, e mais tarde, com certeza, na sua integridade territorial!

Devemos todos nós, que nos abrigamos à sombra do constellado pavilhão auriverde, honrar e reverenciar os doutores da lei, aquelles que, como o glorioso morto, cujo retrato nos attrae hoje a esta solemnidade, foram indefessos na obra de nossa regeneracão e de nosso renome, alto e inexcedido entre as nações da livre America. «Os jurisconsultos tiveram entre todos os povos grande importancia e por isso grande estimação, mas tinham-na tanto maior quanto mais tendencia tinha o povo para o direito. O direito foi para os Romanos justamente o que a religião foi para os Hebreus e a arte para os Gregos; Roma repelliu os artistas, fechou as portas aos philosophos, tolerou os sacerdotes, mas honrou com favor popular os jurisconsultos—*sacerdotes justitiœ* e pomposamente chamou ájurisprudencia *rerum divinarum atque humanarum noticia, justi atque injusti scientia,*—e aos seus cultores *oraculum totius civitatis.* (*)

Quanto mais nos avisinharmos do direito, tanto melhor poderemos comprehender os seus oraculos, Ao em vez de palavras que o tempo arrastaria através das correntes sonoras até ao fatal esquecimento, as obras do Mestre dilecto ahi estão, como um padrão

(*) *P. Cogliolo.* Philosophia do Direito Privado—trad. do *Bach. el Eduardo Espinola*—Bahia —1898.

18

eterno, dando testemunho de quanto vale um cidadão, quando o amor da patria alenta uma mentalidade prodigiosa, illuminada pelo estudo e fortalecida pela perseverança.

Não é prematura sua glorificação. Conhecido sobejamente e devidamente avaliado o seu espolio litterario, o verbo dos competentes já o sagrou—Mestre dos mestres. «Se para ajuizar-se do merecimento de Portalis, no dizer do Cons. Aquino e Castro, não é preciso mais que perpassar-se o soberbo discurso preliminar que antecede a grande obra do *Codigo Napoleão*; para conhecer-se o que vale a instrucção juridica do auctor da *Consolidação das leis Civis*, basta a magnifica *Introducção* que serve como de portico grandioso ao sanctuario do templo em que se ostenta a magestade da lei e se exercita o sacerdocio de um de seus mais dignos ministros. A *Introducção* da Consolidação faria por si só e em toda a parte a reputação de um jurisconsulto. Sagrou a perfeição da obra e a especial aptidão do obreiro a sentença dos mestres, o voto irrecusavel dos oraculos da sciencia do direito».

Vimos tambem dar hoje o nosso humilde voto em prol da merecida apotheose. Não nos move acanhado «*chauvinismo* bahiense», como, em tom de mofa, se exprimem certos escriptores pouco generosos e quasi sempre injustamente prevenidos, quando se referem á Bahia,

...... a terra hospitaleira,
De preclaros varões progenitora,
Do patriotismo, do saber, morada;

«O ninho onde cantou Castro Alves, verde ninho murmuroso de eterna poesia debruçado entre as ondas e os astros», onde, se emplumou, e donde mandou ao sol o primeiro desafio, essa aguia altaneira—Ruy Barbosa, a constellação mais fulgente do nosso firmamento intellectual, que sobre todo o Brasil esparge, extasiando-o, as irradiações incomparaveis de seu phenomenal talento, de sua eloquencia dominadora, de seu saber excepcional, a grande distancia de todos, quasi sem companheiros, bri-

lhando, brilhando sempre, como aquella magestosa estrella que se ostenta—solitaria—no glorioso pavilhão do Chile.

O nome de Teixeira de Freitas é uma gloria nacional; e esta solemnidade tem sua inspiração na espontanea e patriotica propaganda do *Instituto da Ordem dos Advogados Brasileiros*, o qual, angariando assignaturas para exemplares do retrato do seu benemerito socio fundador, afim de levantar-lhe um monumento na Cidade do Rio de Janeiro, o fez mais lembrado ao paiz, promovendo um acto de reparação á quasi indifferença que acolheu a noticia do seu passamento e da inhumação do seu despojo mortal no cemiterio de Maruhy, em Nicteroy, em 12 de Dezembro de 1883, «dia de luto nacional», como lhe chamou, á beira do tumulo, um dos quatro advogados que compareceram ao funebre sahimento, o illustrado Dr. Carlos Perdigão, de cujo discurso alevantado e sentido reproduzimos as seguintes palavras:

«A bandeira brasileira, que fluctúa sempre no tope dos mastros, nos dias festivos, devia descer hoje até o meio da haste; e o canhão devia tambem, troando a espaços, soltar aos ares o pregão dessa morte, annunciando ao Brasil que toda aquella pompa, todo aquelle fausto e todas aquellas galas devidas á magestade do talento, converteram-se em funereo crepe, cobrindo-se de cerração tenebrosa o horisonte brilhantissimo que dahi se projectava!

«A morte do jurisconsulto Augusto Teixeira de Freitas quer dizer a morte do verdadeiro rei, ao mesmo tempo propheta e sacerdote, mandando, prevendo e consolando, tendo por sceptro a justiça, por manto o trabalho, e por throno e docel a sciencia» !

Em meio ás vacillações que deprimem os povos latinos, fadados talvez á perda de sua supremacia intellectual, pelo menosprezo ao direito, pelo abandono a que condemnaram a justiça, ampara, ó grande idadão, a tua patria, guiando-a para a região al-'nitente da liberdade pela submissão ás leis illimida e incondicional; fazendo-a conhecer e reverenciar

os monumentos que soubeste levantar ao engrandecimento do espirito brasileiro. por «esse nobre sentimento, esse amor de perfeição, que só a consciencia pode recompensar»; apontando-lhe a estrada larga e desassombrada de seu progresso, pela comprehensão dos segredos da vida juridica, que foram o enlevo de tua existencia terrena.

Extende-nos tambem a potente dextra de Mestre, e leva-nos ao paço de tuas obras impereciveis, a contemplar os thesouros de tua sabedoria, onde deixaste perennaes reflexos de tua alma e de teu coração. para aprendermos comtigo a amar eternamente as leis e a Patria, ó jurisconsulto immortal.

Tu Duca, tu Maestro, tu Dottore!

Bahia, Agosto 1899.

FILINTO BASTOS.

Poetas Bahianos

SECULO XVIII

III

PADRE MIGUEL LUIZ TEIXEIRA

Na freguezia de S. Gonçalo da então villa da Cachoeira, na Bahia, nasceu no dia 8 de Setembro de 1716, Miguel Luiz Teixeira, filho legitimo de Simão de Abreu Teixeira.

Desde a mais tenra idade mostrou o cachoeirano predilecção pela poesia classica e religiosa; a sua leitura constante eram as obras de Eusebio de Mattos Guerra e Frei Itaparica; a sua aprimorada educação foi-lhe ministrada por seu tio paterno, Gaspar da Cunha Coutinho, o qual ensinou-lhe o latim, a rethorica, a philosophia e a theologia manifestando o discipulo muita applicação e aproveitamento.

Aos dezoito annos, já senhor das disciplinas que havia estudado, dedicou-se a escrever uma obra poetica de grande folego que lhe desse nomeada, e compoz um poema epico em latim em doze cantos, com o titulo—*Triumpho de Jesus Christo Senhor nosso sobre a morte*.

Foi esta a sua primeira obra. Vendo a sua inclinação pela vida ecclesiastica, seu tio mandou-o para

a Bahia afim de completar os seus estudos de sciencias maiores no collegio dos jesuitas, no qual elle em pouco tempo obteve o gráo de mestre em artes.

O gosto pela vida religiosa fazia com que o jovem poeta se aprofundasse cada vez mais nos seus conhecimentos theologicos, e tanto se avantajou na tribuna sagrada que foi considerado pelos seus contemporaneos como o primeiro pregador de seu tempo, na Bahia.

Era porém a patria *um campo pouco vasto* para o desenvolvimento intellectual do poeta; era-lhe imprescindivel uma universidade onde completasse a sua carreira, e n'este intuito partiu para Coimbra, e lá estudou e douctorou-se em direito canonico.

O bispo de Algarves tanto estimou e considerou o padre brazileiro que o nomeou vigario geral e provisor, não se arrependendo nunca da acertada escolha que fizera.

D'este poeta bahiano, predecessor da escola Mineira, hoje completamente esquecido, foram muito escassos os dados biographicos que pudemos colher.

Poucos são os authores que se occupam do Padre Miguel Luiz Teixeira e estes mesmos, quando não se limitam apenas a referir o seu nome, citam a sua primeira obra como unica da qual só conhecem o nome!

Por incuria chega a não se saber a data de sua morte.

De suas obras algumas foram impressas, outras ficaram em manuscripto e estão todas perdidas.

IV

PADRE FRANCISCO DE ALMEIDA

Quarto e ultimo dos poetas bahianos que precederam a Eschola Mineira, nasceu Francisco de Almeida na Villa da Cachoeira em 1724. Filho do Capitão mór Amaro Ferreira de Almeida e D. Barbara de Souza e Almeida.

O seu homonymo Francisco de Almeida Jordão, com o qual muitos escriptores o confundem, não foi padre, era natural do Rio de Janeiro e pertenceu á *Academia dos Selectos*; d'elle só resta um *romance endecasyllabo* feito ao General Gomes, que vem transcripto na integra a paginas 114, 115 e 116 do primeiro volume do *Parnaso Brazileiro* do Dr. Mello Moraes Filho.

A respeito do anno do nascimento de Francisco de Almeida, discordam os authores: J. M. Pereira da Silva no tomo segundo de seus *Varões illustres do Brazil durante os tempos coloniaes*, a pagina 236 do *Supplemento* dá 1721; Dr. J. M. de Macedo a pagina 367 do terceiro volume de seu livro intitulado *Anno Biographico Brazileiro* marca o anno de 1724. Segundo Blake foi em 1706

E é somente esta data duvidosa a unica que possuimos sobre a vida do nosso poeta!

Francisco de Almeida desde a mocidade manifestou como estudante o seu talento superior para as lettras.

Enthusiasmados com a sua intelligencia os jesuitas chamaram-no para a sua ordem, onde entrou a 7 de Dezembro de 1721.

Poucos annos de vida restava á poderosa ordem de Jesus; o Marquez do Pombal pouco tardou em fulminal-a com o seu banimento; este pouco tempo, porém, foi o bastante para immortalisar entre os Apostolos do Novo Mundo o nome do Padre Francisco de Almeida.

Muito estimado e muito applaudido em seu tempo o padre poeta manejava com a mesma facilidade as linguas latina e portugueza que serviram ás inspirações de sua musa. Recebeu ordens sacras e leccionou diversas materias. Foi orador sacro muito applaudido.

N'aquellas duas linguas escreveu muitas poesias que foram apreciadas devidamente pelos seus contemporaneos, das quaes não possuimos infelizmente um só especimen para apresentarmos ao leitor.

A sua obra mais notavel, unica talvez que salvou o eu nome do esquecimento, foi um poema escripto em

SUMMARIO DO N. 21

Mesa Administrativa

Presidente—Cons. Salvador P. de Carvalho e Albuquerque
1. Secretario—Cons. João Nepomuceno Torres
2· Secretario—Dr. Isaias de Carvalho Santos
Orador—Dr. Braz Hermenegildo do Amaral
Thesoureiro—Capitão Francisco Gomes Ferreira Braga.

Commissão de Redação da Revista

Cons. João Nepomuceno Torres
Dr. Joaquim dos Reis Magalhães
Dr. Innocencio Munoz de Araujo Goes.

ASSIGNATURAS

Por um anno . . . . : 12$000
Por seis mezes. . . . . 6$000

PAGAMENTO ADIANTADO

Numero avulso e os anteriores. 3$000

AVISO

A correspondencia e todas as remessas de livros, jornaes e quaesquer objecto de valor historico devem ser encaminhadas para a Secretaria do Instituto, á Rua da Misericordia, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde.

REVISTA TRIMENSAL

DO

Instituto Geographico

E

Historico da Bahia

FUNDADO EM 1894, RECONHECIDO DE UTILIDADE PUBLICA
PELA LEI N. 110 DE 13 DE AGOSTO DE 1895

Maxima sunt documenta equidem res temporis acti
In præsens, validusque in veniens stimulus.

DEZEMBRO DE 1899

ANNO VI VOL VI N. 22

BAHIA

—

1899

REVISTA TRIMENSAL
DO
Instituto Geographico
E
Historico da Bahia

FUNDADO EM 1894, RECONHECIDO DE UTILIDADE PUBLICA
PELA LEI N. 110 DE 13 DE AGOSTO DE 1895

Maxima sunt documenta equidem res temporis acti
In præsens, validusque in veniens stimulus.

DEZEMBRO DE 1899

ANNO VI VOL VI N. 22

BAHIA

—

1899

REVISTA TRIMENSAL

DO

Instituto Geographico e Historico

DA BAHIA

Anno VI — Dezembro de 1899 — Num. 22

MUNICIPIO DO PRADO

A joia do Estado da Bahia

Viajei no sul deste Estado, e voltei para a pomposa Bahia de Todos os Santos, qual acordado de bello e phantastico sonho dourado, suavemente deleitado o meu espirito e a minha alma, recordando-me dos soberbos encantos e das formosas maravilhas da natureza, do rico e grandioso sólo, do ainda em grande ponto desconhecido sul do Estado da Bahia, que denominarei com toda a justiça— *a joia do Estado da Bahia*.

Lembrei-me por vezes das encantadoras e maravilhosas fabulas das bellas historias de mil e uma noites, quando vi um rio, denominado *Iaia*, no municipio de Santa Cruz, com trechos de agua fria e agua quente, corregos, com a nascença nas mattas virgens, cujas aguas são nas partes superiores verdes e tambem amarellas, outros, e lagoas, conquistados e dominados pela traiçoeira e seductora *dama do lago*—muralhas enormes, construidas pela natureza com o mais perfeito alinhamento e comple-

tamente cimentadas, para abrigo do grande porto de Porto Seguro, contra os perigosos elementos das furiosas tempestades do sul, enormes paredões ao longo da costa, de côr vermelha, violeta, amarella, preta, côr de rosa, rôxa e branca, sólos sobre os quaes se caminhando, estremecem, morros e serras que retumbam e onde em noites escuras apparecem, lampejando, fogos fatuos e nuvens de fumaça, plantas silvestres impregnadas de balsamos, argillas e terras ora pretas como o carvão, ora brancas como a neve, ora vermelhas como o sangue humano, cinzentas e azuladas, impregnadas de betumes oleosos, de negro alcatrão, da naphta, producto impuro do petroleo e de bellas resinas cheirosas,—terras que produzem a cera egual a das abelhas, e outras sulfurosas, enxofre compacto e tambem em pó e crystalisado, plombaginas puras e misturadas com o graphito, carvão de pedra e lenhites, turfas brancas, amarellas, cinzentas e prêtas, cascalhos dos rios e dos corregos que sahem das mattas virgens, contendo, os amarellos topazios, as prêtas tormalinas, as roxas amethistas, as vermelhas e escuras granadas e as brancas crisolitas e aguamarinas, e os rubis, côr de fogo,—massas enormes e gigantescas de ferro magnitite, oligista, micaceo, escamoso e oxido, em camadas de metros e leguas quadradas de superficie.

Toda a costa do sul forma nas suas zonas montanhosas importantes jazidas de ferro, quasi sempre acompanhadas por outros mineraes, inclusive o valioso manganez.

Não desejo relatar a espantosa riqueza das terras e da flora em geral, para não ser taxado de exaggerado.

Mas é segredo publico a magnificencia da matta virgem com as suas arvores gigantescas, abraçadas com interminaveis cipós e trepadeiras, que ostentam as galas mais elegantes, distinguindo-se o rei das arvores, o nobre jacarandá, pela elegancia da sua folhagem, o inssará, o tão querido cauino do indio, a piassava, a copahyba, a mangabeira, o jatobá, o

genipapo, o páo-brazil, as palmeiras, a sacupaia, a sucupira, o vinhatico e muitos outros de importante e grande valor commercial.

As terras, cobertas por enormes quantidades de humus, producto de decomposição das plantas e das arvores de milhares de annos, são fertilissimas e produzem tudo, e ainda não vi no Estado da Bahia terrenos taes e productos de fructos e de legumes tão descomunaes.

Vi cachos de bananas da terra, contendo alguns 186 fructos, e carga pezada para dois homens; inhames, aipins e mandiocas, e tudo o mais com pezos e tamanhos extraordinarios.

Até as celebres e geralmente de todos tão cubiçadas areias do Prado jazem nessas felizes terras, e no fundo das jazidas das mesmas; nas mattas virgens visinhas, existem arvores colossaes que exalam cheiro aromatico, e outras que produzem o pechuim, o copal, o sangue de drago, a copahyba, e em grande abundancia a modesta e tão aromatica e apreciada baunilha.

Vi tambem uma curiosa antiguidade, n'um alto morro, com difficil subida, perto da cidade alta de Porto Seguro, no lado esquerdo da ladeira e escondido no matto, um grande canhão de bronze, de feitio antigo, de calibre 50, com a seguinte inscripção:

18 2 15

Um velho disse-me que o canhão é do tempo da guerra dos hollandezes, e que ouviu dizer isso dos seus antepassados.

Perto desse logar não existe o menor vestígio de alguma fortificação, e offerece ao espectador um esplendido panorama sobre o horisonte e o mar.

∴

Um soberbo e grandioso aspecto apresenta-se aos passageiros dos vapores da Companhia Lloyd Brazileiro, em viagem para o sul do Estado, na approximação da barra da actual cidade do Prado.

Brilhantemente illuminados pelos ardentes raios

solares, apresentam os celebres barreiros da encantada costa, vista de longe, aos passageiros e ao intelligente observador, um maravilhoso, estupendo e deslumbrante panorama, representado galhardamente pelos mais ricos e mais vivos desenhos de bella côr de rosa, oriunda de pouco vulgar formação das suas rochas e das suas terras, recamadas, qual renda finissima, nas suas faldas, pelas esmeraldinas côres do vasto e poderoso lençol d'agua, rico berço das afamadas areias de Curumuchatiba, e dominados nas suas corôas e cumes, pelas escuras sombras dos proximos morros e serras e das magestosas mattas virgens, ainda hoje inviolavel abrigo dos ultimos restos dos pobres indios, antigos senhores deste bello, fertil e rico sólo.

Os barreiros começam, cerca de uma legua da barra, dividindo, no extremo sul, com terrenos de Alcobaça e estendem-se, no mais perfeito semicirculo, com pequenas interrupções, cerca de 130 kilometros até Corumbáo, divisa com as terras do municipio de Porto Seguro, e na frente do porto apresenta-se, desde a barra até o lugar denominado Pixame, quasi em linha recta, uma grande ordem de recifes, com uma extensão de cerca de 130 kilometros, que se destacam para o centro da bacia do mar; e ainda para maior realce da bella costa e praia, cerca de 100 kilometros de recifes, caprichosamente jogados e espalhados em diversos pontos da grande bahia, allongando-se ás vezes até a praia e a encosta dos barreiros.

Cerca de uma legua de distancia da barra do porto para o vapor, leves canôas levam passageiros e bagagens, em uma hora de viagem, pela barra e pelo rio Jucurucú, para o centro da futurosa cidade do Prado.

Durante as epochas em que reina o perigoso vento do sul, a viagem da barra para a cidade, e principalmente d'esta para o vapor, é muito arriscada, e muitas vezes até impossivel.

O rio que mede da barra até ao ponto do desembarque na cidade cerca de mil metros, tem geral-

mente uma profundidade de 4 a 444 metros, excepto na entrada da barra, que tem em certa extensão apenas 3.66^{m}; mas os vapores do Rio de Janeiro, por serem de menor calado, entram perfeitamente no porto, e costumam carregar, junto a uma pequena ponte, na frente da cidade, passageiros e mercadorias.

Rios do Municipio—Infelizmente não tive tempo de examinar o rio Jucurucú, que tem franca navegação uns 30 a 40 kilometros da cidade para cima, até o começo das cachoeiras, para patachos; e devo aos senhores agrimensor Domingos Soriano de Alcantara, estudioso e curioso, e ao intelligente senhor Magno T., valiosas e interessantes noticias, a respeito d'esse importante e pouco conhecido rio, que tem um longo curso.

Dizem que é desconhecida por ora a origem do rio, constando, porém, que nasce em Minas Geraes, e atravessa a cordilheira dos Aymorés, onde tem muitas cachoeiras, e as mattas virgens, e entra no municipio do Prado, onde recebe pela margem esquerda os seguintes tributarios conhecidos: Bom-Viver, Beija-Flor do Norte, Ribeirão da Lage, Furados, Ribeirão, Agua Branca, e riacho das Pedras, e pela margem direita os ribeirões do Quebrado, Perigoso, Beija-Flor do Sul e Riacho Grande de cima, pela margem esquerda do rio do Sul, Canudos, Quilombo, Ribeirão da Cachoeira e Ribeirão da Pedrinha, e pela margem direita, o Corrego do Nascimento.

O rio do sul, que nasce perto de S. Miguel, em Minas-Geraes, cerca de 4 leguas distante dessa cidade, une-se com o rio do Norte, cerca de 24 kilometros distante da cidade do Prado, no logar denominado «Fazenda Duas Barras», pertencente ao fazendeiro Osmundo da Silva Gomes, e toma, deste ponto em deante, o nome indigena «Jucurucú».

Navios e vapores sobem perfeitamente até as «Duas Barras» e desse ponto em deante navegam canôas até os córtes de madeiras na matta virgem, tanto no ri norte, como no rio sul, passando, porém, em c :os logares com grandes difficuldades, e por vezes

por cima das pedras, puchadas a bois, por causa das cachoeiras

As cachoeiras por ora conhecidas são:

A cachoeira de Baixo, Bom Socego, Secca, Grande, Tope, Teimoso, Arrependido, Massaranduba, Santa Clara, S. Benedicto, Funil, Trapezio, S. Pedro, S. Paulo, Santa Izabel, Santa Barbara e S. Francisco.

O rio Corumbáo, que serve de limite entre o municipio do Prado e o de Porto Seguro, é bastante caudaloso, e o Riacho Grande do Norte, Embassuaba, Rio do Peixe Grande, Rio do Peixe Pequeno, Curumuchatiba e Gahy desembocam no oceano pelo norte, Riacho do Ouro, Dous Irmãos, Areia Preta, Japamirim, Japará Grande, das Ostras, da Paixão, Viçosa e das Barreiras desaguam pelo lado norte da cidade do Prado.

Serras – No municipio não ha nenhuma serra notavel, e a costa é geralmente baixa, excepto o terreno entre o Prado e Curumuchatiba até Corumbáo, que tem uns morros escarpados de 30 até 40 metros de altura, que no fundo desses augmentam, principalmente nas margens das cachoeiras do Jucurucú, a maiores alturas, até a serra dos Aymorés, que segue em maior ou menor distancia da costa para o Norte, com ramificações que vão em certos pontos quasi até a costa, formando a cordilheira, denominada «Serra Verde», e entre o rio do Norte e da Villa Verde, a denominada «João do Leão», com alguns picos de fórma pyramidal, e com ramificações denominadas, Monte do Pescoço, Monte Coroado e Monte da Janella.

Na divisa do municipio com o de Porto Seguro existe o Monte Paschoal, a primeira terra do sólo brazileiro descoberta por Pedro Alvares Cabral a 22 de Abril de 1500; é o monte mais notavel do municipio do Prado.

Mineraes—Dizem que ha na serra dos Aymorés diamantes, e no João do Leão turfas, betumes, enxofre e carvão de pedra; no rio do Norte plombagina, agua-marinas, crisolitas, rubins, amethistas, topazios e granadas, e até fallam de ouro, mas isso só

pode ser verificado por sérios estudos das formações das rochas existentes, auxiliados por uma intelligente exploração.

O que é certo, é a existencia de enormes quantidades de oxydo de ferro, e a das celebres areias phosphaticas.

⁂

O municipio é composto da actual cidade do Prado, que tem cerca de 700 casas, todas munidas de passeios, 12 ruas largas e algumas mais estreitas, completamente alinhadas, um trapiche, uma egreja, Camara Municipal, uma philarmonica, cerca de 7 a 8.000 habitantes, e mais cerca de mil emigrados na maior parte de Assú da Torre que residem na povoação «Escondido», e cerca de 300 na povoação de Curumuchatiba, na maior parte antigos indios.

Na primeira povoação ha uma capella, e na segunda uma egreja e um cemiterio, sendo a instrucção publica representada por um professor e uma professora.

A respeito da origem da povoação, consta que foi fundada por indios, ignorando-se por quem, e em que epocha, sendo provavel que a creação fosse devida aos padres jesuitas.

Os antigos contavam que havia na povoação só 12 casas, habitadas por indios, e que em 1508 vieram os primeiros 5 portuguezes e 6 brazileiros que trouxeram, para vigario da freguezia, o Padre José Lopes Ferreira.

A familia Marcial, que anda hoje existe, é descendente de Ignacio Marcial, que foi um dos primeiros moradores da freguezia.

Havia então nesta freguezia um indio de nome Calixto Soares, por alcunha, Calixto Traude, que exercia o cargo de juiz ordinario.

Diz mais a tradição que elle usava, como distictivo, uma roda de sipó vermelho, enfiada em um [illegible]s braços; na rua em que elle passava quem não [illegible] puzesse de pé e não descobrisse a cabeça, era

immediatamente preso, e levado para o tronco pelo tempo que lhe conviesse.

Prado foi creada villa, por carta regia de 12 de Dezembro de 1784, e possue de patrimonio 4 leguas quadradas de terrenos.

Os limites são os seguintes:

Pelo Norte o rio Corumbáo que divide o municipio com os de Porto Seguro e Alcobaça; pelo Sul na ponta das Guarabibas, no rio Taifiuga, na frente com o mar e com os recifes que formam as barras do Sul e do norte e a bacia do porto da cidade, que se espraia em uma extensão de cerca de 75 kilometros e com cerca de 5 a 6 kilometros de largura.

Os fundos dos terrenos do municipio formam as mattas virgens do Sul do Estado, que se allongam com cerca de 240 kilometros até a villa de S. Miguel, ao Norte do Estado de Minas Geraes.

As margens do rio Surucucú consistem nos primeiros 30 kilometros de barrancos de 3 até 4,00^{m} de de altura, compostos de grés e alguma argilla, e terminam ao pé dos proximos outeiros e morros.

Em 18 de Outubro de 1784, o Ouvidor geral da Capitania de Porto Seguro o desembargador Thomaz Coelho de Abreu, proclamou e inaugurou a villa, e pela lei de 3 de Agosto de 1896 foi elevada á cidade.

A cidade do Prado tem um grande futuro, e tem um clima muito ameno; cerca de duas leguas distante da cidade começam as soberbas mattas virgens, onde nasce provavelmente o celebre rio Jucurucú com as suas formosas desesete cachoeiras.

O terreno, excepto 2 leguas de praia é fertilissimo, e consiste em grés, e argillas ferruginosas, sendo regado e cortado por innumeros corregos e regatos.

O clima é muito sadio, pois não ha pantanos nos grandes e extensos terrenos entre Prado, Alcobaça e Porto Seguro; os habitantes esperam anciosos a chegada de colonos activos e morigerados, para fazerem desta vasta e rica zona um emporio de lavoira, de industria e commercio, visto que é auxiliada por bons pórtos e facil communicação pelos rios para os pórtos do mar, e destes para a capital da Bahia.

O sr. engenheiro José Barroso de Souza, que tem estado longos tempos nessas paragens, e as conhece perfeitamente, confirmará certamente o meu imparcial juizo a respeito da riqueza dessas terras, e quão vantajoso será *a installação de alguns pequenos nucleos coloniaes, entre a zona de Alcobaça até Porto Seguro e Santa Cruz* para a actual administração, que já tem dado brilhantes provas de que quer organisar uma colonisação exemplar e especial, abandonando os pessimos e antigos systemas, que sempre naufragaram.

A intendencia, dirigida pelo laborioro e intelligente Coronel José Ferreira Ramos, para facilitar o transporte dos productos de grande numero de fazendas creadas ultimamente, mandou abrir por conta da Camara uma importante estrada de communicação, que começa na cidade do Prado, e termina em S. Miguel, no Estado de Minas Geraes, atravessando para esse fim cerca de quarenta leguas de mattas virgens, habitadas por algumas tribus de indios mansos.

O encarregado desse importante trabalho, acompanhado de curiosas e mui interessantes episodios, incommodos e perigos soffridos, foi o engenheiro francez, o Dr. Frot, que provavelmente tomou valiosas notas a respeito das peripecias dessa audaciosa escursão, digna de ser publicada.

O fim dessa excursão foi iniciar a communicação do porto do Prado com a villa de S. Miguel, abrindo o transito de 250 kilometros de matta virgem, tanto em proveito dos activos e industriaes mineiros ldo extremoNorte do Estado de Minas Geraes, quanto dos interesses e do progresso do Sul do Estado da Bahia.

O engenheiro Frot encontrou-se com mais de 200 indios mansos que moram nas visinhanças da nova estrada explorada, e que offereceram os seus serviços.

Esses indios são descendentes dos gentios Aymores.

Ha poucos annos todo o commercio reduziu-se á extracção da piassava e ao côrte das madeiras das mattas; mas hoje occupa-se uma grande parte da população com a plantação do café e do cacáo, e, durante alguns dias que me demorei na cidade, vi no porto carregar o vapor *Carangola* e seis patachos, por conta do sr. coronel José Ferreira Ramos, que manda taes mercadorias para o Rio de Janeiro, por falta de meios de transporte para a Bahia.

Mas a força do commercio do Prado é ainda hoje a exportação de madeiras especiaes para construcções navaes e predios. A exportação annual de madeiras para o Rio de Janeiro importa annualmente em 300 a 400 contos de réis.

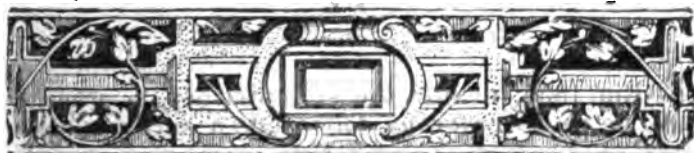
A renda da collectoria importa annualmente em cerca de réis 18:000$000, do telegrapho em 4:000$000 e os direitos municipaes em cerca de 32:000$000.

Bahia, 1899.

HENRIQUE PRAGUER.

———*———

EPHEMERIDES CACHOEIRANAS

POR

Aristides A. Milton

AGOSTO

1º de Agosto

—Em 1769, se sentiu na cidade da Bahia um pequeno tremor de terra. A noticia do facto causou aqui grande alarme e profunda sensação.

—Em 1822, o *inspector dos fardamentos*, em officio dirigido ao secretario da Junta do governo desta cidade, então villa, queixou-se amargamente de José Bouças, Manoel dos Santos Bouças e outros, por serem adversos á causa dos brazileiros.

Com effeito. Esses portuguezes tinham, desde alguns dias, *occultamente esvasiado suas casas de negocio, com o fim de nada venderem aos nacionaes, e d'est'arte protegerem seus compatriotas, creando difficuldades aos nossos patricios, que já se apparelhavam para as lutas da independencia.*

Procedendo-se a *varejo e busca*, se reconheceu a procedencia da queixa dada. Mas, os culpados pozeram-se—em tempo— a bom recato para evitar a pena, que as circumstancias impunham.

—No mesmo anno de 1822, foi promulgado um decreto, declarando inimigas as tropas enviadas de Portugal, ou de qualquer outro paiz, ao Brazil, sem révio consentimento de s. a. imperial o principe egente; fosse qual fosse o pretexto para isso inocado.

—Em 1855, manifestou-se, entre nós, o primeiro caso de *cholera-morbus*, fallecendo a parda de nome Brazida, lavadeira de profissão.

A 21 do mez antecedente, a terrivel epidemia tinha irrompido na capital do Estado, então provincia, para onde fôra importada do Pará, pela barca *Imperatriz*. E no bairro do Rio-vermelho havia ella começado sua obra de exterminio e de horror.

Aqui, foi pelo bairro do Caquende—que o *cholera* iniciou sua marcha assombrosa e fatal.

E porque recrudescesse de hora em hora, o pavoroso *morbus* encheu de panico toda a população, que bem cedo começou a emigrar, com o fim de fugir ás consequencias do flagello, comquanto levasse comsigo os germens delle, que ia sendo assim disseminado por varios pontos da provincia.

Apezar do exodo constatado, as victimas contavam-se por avultado numero nesta cidade; e o mal que, por ser quasi desconhecido, não se poude energicamente enfrentar, se estendeu pela comarca inteira, motivando a mais profunda perturbação nos espiritos, e semeando o luto por toda parte.

E', de certo, impossivel esboçar—ao menos—o quadro de tamanha e tão funesta calamidade.

Mas, dentre os factos contristadores que então se testemunharam, convém salientar—que os cadaveres ficaram muita vez insepultos, á falta de pessoal que se encarregasse de inhumal-os, e ha quem dê noticia de *cholericos*, que foram salvos quando iam ser enterrados ainda vivos, não conseguindo mesmo alguns escapar a esse destino atroz e desgraçado.

Como medida de hygiene, se recorreu por fim á cremação.

Na qualidade de presidente da provincia, servia a esse tempo o honrado cachoeirano Dr. Alvaro Tiberio de Moncorvo e Lima, cuja dedicação e actividade não podiam ser excedidas.

Elle enviou logo para aqui dous medicos, os Drs. Elias José Pedrosa, e Manoel Ladisláu Aranha Dantas, commissionados para tratar as pessoas acom-

mettidas da epidemia; pois os facultativos da localidade não bastavam para acodir aos enfermos.

Do Caquende, no entanto, o *cholera* se passara para a Pitanga; bairros ambos assentados á margem de rios, cujos nomes tomaram.

Do dia 1 ao dia 9, falleceram 31 *cholericos* nesta cidade, e 9 em S. Felix.

No dia 11, verificou-se—que de 240 pessoas, atacadas até então pela peste, 130 haviam succumbido.

A 14, chegaram 17 estudantes de medicina, contractados pelo governo para prestar serviços clinicos á pobreza desvalida.

Ao depois, vieram mais alguns medicos, em cujo numero o Dr. Salustiano Ferreiro Souto, acompanhado de outra turma de estudantes.

Padres, irmans de caridade, e praças de policia tambem para cá foram mandados com o fim de prestar á população assistencia, ao alcance de cada qual delles.

E, effectivamente, os sacerdotes não se pouparam; por toda parte, e a qualquer hora, andavam elles a administrar soccorros espirituaes, e consolações aos moribundos.

As benemeritas filhas de S. Vicente de Paulo serviam de zelosas enfermeiras, quer nos hospitaes, quer em casas particulares.

Os soldados, emfim, conduziam padiolas com enfermos, e ataúdes com defuntos, conforme as necessidades do momento.

Foram instalados tres hospitaes provisorios, inclusive um militar, que ficou estabelecido no convento do Carmo.

Dous medicos, tres academicos, duas irmans de caridade, o carmelita fr. Nicoláu, e o padre José Paulo de Souza Gouveia, vigario de Cotegipe, foram victimas de sua abnegação e philantropia.

Morreu, tambem, na humanitaria faina, o tenente do corpo de policia—Rozendo da Silva Maia.

As *irmans*, não raro, carregavam, nos proprios hombros, potes de agua para leval-os ás casas de

familias, que inteiras estavam chumbadas ao leito pela peste.

No meio dessa angustia e desolação, muito distinguiu-se o Dr. Joaquim Antonio de Oliveira Botelho, que bem mereceu o brinde, a si offertado pelo povo cachoeirano, em uma solemnidade, tão rara quanto imponente, a que noutro logar me refiro.

Por ordem da policia, no entanto, fôra fechado o hospital da Santa Casa de Misericordia, por ser considerado—bem ou mal—um foco de infecção.

A epidemia dizimou de preferencia as classes desfavorecidas da fortuna, entre as quaes a hygiene é pouco observada. Sobretudo, muito soffreu a multidão de escravos, que a esse tempo entre nós existia.

Calcula-se em 3.000 o numero de obitos, occasionados pelo *cholera-morbus*, nesta cidade só. A cifra da mortalidade, entretanto, subiu a 8.500 pessoas em toda a comarca. E na provincia constatou-se a somma de 29.590 casos fataes.

Vem de molde recordar—que já, em Outubro de 1832, o presidente da provincia, cumprindo a ordem da camara dos deputados, que lhe fôra transmittida com aviso de 26 de Setembro do mesmo anno, havia remettido á camara municipal desta cidade, afim de serem distribuidos pelo povo, diversos exemplares do *parecer da Sociedade de medicina do Rio de Janeiro*, e do da commissão parlamentar de saúde publica, acompanhado do *voto em separado* de um de seus membros, *acerca das medidas contra a introducção do cholera-morbus*.

Posteriormente, em 1834, o citado presidente enviou, com officio de 19 de Abril, á camara municipal tambem, varios numeros das *Lições* do Dr. Brossoes a respeito do *cholera-morbus* epidemico; livro aliás que, como aquelle outro, bem poucos leitores encontrou.

Como se sabe, o *cholera* já tinha devastado Hamburgo e Bremen, no anno de 1848; e fizera em 1849 sua invasão na cidade americana de Nova-York.

De ambas essas vezes, o Governo brazileiro recommendara, com insistencia, certas medidas de

prevenção, no intuito de evitar que a peste visitasse o nosso paiz. E o presidente da Bahia, que então era o Dr. Francisco Gonçalves Martins, depois barão de S. Lourenço, procurou corresponder aos desejos do Governo, secundando-lhe os esforços.

Mas, quando em 1855 o *cholera-morbus* aqui appareceu, ninguem achava-se apparelhado para combatel-o; porque todos haviam já se esquecido de tudo, até dos meios prophylacticos, aconselhados para conjurar o pavoroso mal.

De maneira que o monstro do Ganges poude—muito á sua vontade—crescer e caminhar.

Sómente em começo do mez de Outubro foi que a epidemia principiou a declinar, e permittiu que os habitantes desta cidade fossem voltando aos seus lares.

Nóta curiosa: com as providencias e os soccorros, que se tornou preciso expedir e prestar, e abrangeram a vasta zona assaltada pelo *cholera*, o presidente da provincia despendeu tão sómente . . . . . . 379:809$782.

—Em 1865, falleceu—depois de curta enfermidade—o medico José Ricardo Gomes de Carvalho, tenente-coronel da guarda-nacional, e supplente do juiz municipal e de orphãos do termo desta cidade.

Possuia, na freguezia de S. Gonçalo dos Campos, onde morava, uma excellente propriedade rural, e era jubilado na cadeira de agricultura, que em tempo aqui funccionara. . . sem alumnos.

—Em 1882, sepultou-se no arraial de Belém, do municipio desta cidade, a crioula Maria de Araujo, contando a bagatela de 120 annos de edade. Era virgem.

Pouco antes, havia morrido um irmão dessa mulher, tendo 130 annos bem puxados.

—Em 1888, foram inaugurados os candieiros para kerosene, na illuminação publica desta cidade.

Por esse motivo, desappareceram os antigos lampeões, que serviam com azeite de peixe e torcidas de algodão.

Nos primeiros dias, a illuminação satisfez geralmente; mas, dahi por diante deixou muito a desejar.

A proposito, lembrarei—que quando Bourgeois de Chateaublann inventou um reverbero para azeite, graças ao qual embolsou o premio de 2 000 francos, escreveu-se convencidamente o seguinte: *a luz que dá não permitte pensar que se possa encontrar jámais alguma luz melhor.*

Entretanto, depois della vieram—como se sabe—o petroleo, o gaz carbonico, a incandescencia electrica, o arco voltaico, a incandescencia pelo gaz, e por fim o acetyleno, que se apresenta como um concurrente temivel a todos os antigos processos, e que será, conforme uma revista scientifica sustenta, *a illuminação do futuro.*

Quem pode, comtudo, affiançal-o? Quem sabe onde o genio inventivo do homem ha de parar?

2 de Agosto

—Em 1721, chegou a esta cidade, então villa, o tenente-general de artilheria Francisco Lopes Villasbôas, que dias depois seguiu para o Aporá, com o fim de começar a guerra contra o gentio barbaro, que infestava os districtos da Cachoeira, Jaguaripe, e Cayrú.

Para essa diligencia o povo das tres indicadas villas concorreu efficazmente, por solicitação do governador Vasco Francisco Cezar de Menezes; como se conclue da carta por elle endereçada aos officiaes do senado da camara, em 6 do mesmo mez, e anno.

—Em 1823, a Junta provisoria do governo da Bahia representou, sob pretexto de não convir que fosse empossado o brigadeiro José Manuel de Moraes, a quem o imperador tinha nomeado commandante em chefe do exercito do reconcavo. E, apoiando-se na opinião dos commandantes de corpos, conseguiu que o general José Joaquim de Lima e Silva continuasse no exercicio daquelle cargo do qual foi, definitivamente, demittido em 10 de Outubro seguinte.

—Em 1886, foi inaugurado o *Engenho Central* do Iguape, fabrica importante de fazer assucar decanna.

Pouco depois elle deixou de trabalhar, mas esta interrupção cessou, quando o governo republicano se estabeleceu.

Não serão de mais os dados que, a respeito do fabrico do assucar, passo a registrar.

O primeiro engenho a vapor, que o Brazil possuiu, foi construido na ilha de Itaparica, d'este Estado então provincia; e pertenceu ao coronel Pedro Antonio Cardozo.

A' respectiva inauguração presidiu solemnidade apparatosa, a que compareceu numero consideravel de pessoas gradas, entre as quaes notou-se o conde dos Arcos.

Ao recordar este nome, é de justiça fazel-o com os elogios de que elle é credor. O muito illustre fidalgo promoveu varios melhoramentos, e animou muitas emprezas, na Bahia; dando assim prova inconcussa do interesse que lhe consagrava.

E comtudo ninguem ainda teve a idéa de dar a uma das ruas da capital o nome de tão operoso governador, quando aliás outros nomes de muito menor merecimento figuram nas placas das esquinas!

E' a justiça dos homens...

Voltando, porém, a tratar da canna de assucar, lembrarei— que no tempo do governador D. Francisco de Souza Coitinho, entre os annos de 1790 e 1803, foi que pela primeira vez o Pará recebeu de Cayenna a preciosa graminea, que veio dar grande impulso á lavoura de todo o paiz; pois que antes cultivava-se uma qualidade inferior, introduzida por Martim Affonso, que a mandar[a] vir da Ilha Terceira.

Entretanto, já em 12 de Abril de 1663 o rei de Portugal tinha dirigido uma carta ao conde do Brazil, a respeito dos engenhos de assucar existentes no reconcavo da Bahia. E por longo tempo se mantiveram elles como os mais importantes e numerosos estabelecimentos agricolas, até que as fazendas de cacáu, e de café, vieram supplantal-os.

De uma *Memoria*, escripta em 1825 pelo coronel J[os]é Joaquim de Almeida Arnizáu, se vê—que nesse a[nn]o a freguezia do Iguape, termo e comarca desta

cidade, então villa, contava 20 engenhos, *moentes e correntes*, conforme a linguagem propria do tempo.

—Em 1893, chegou a esta cidade a noticia de ter fallecido na de Itaparica, dias antes, o coronel Joaquim Mauricio Ferreira, cachoeirano, que fôra commandante do corpo de policia da Bahia, e com este marchara para a guerra do Paraguay.

Tinha edade superior a 70 annos.

O corpo de policia citado tomara o n. 41 de *voluntarios da patria.*

3 de Agosto

—Em 1818, um decreto do governo imperial concedeu privilegio ao marechal Felisberto Caldeira Brant Pontes, e outros, para o estabelecimento da navegação por vapores nas costas e rios da provincia, hoje Estado, da Bahia.

Este serviço, e o outro que prestou, introduzindo a vaccina em nossa terra, dão a esse personagem logar proeminente aqui.

Nascera o marquez de Barbacena, nome com que o marechal foi posteriormente agraciado, a 19 de Setembro de 1792, no arraial de S. Sebastião, perto da cidade de Marianna, em Minas-Geraes.

Quando serviu na possessão portugueza de Angola, libertou a costa respectiva da frequente invasão de corsarios. D'ali sahindo, veio com a patente de tenente-coronel para a Bahia, onde se casou no dia 27 de Julho de 1801. Desempenhou mais de uma missão diplomatica, sempre correctamente; foi ministro, e senador do imperio. Em 1827 exerceu o commando do exercito brazileiro, que estava em guerra com o oriental e o argentino tambem. Como plenipotenciario, contractou na Europa o segundo casamento do Imperador D. Pedro I, de cuja comitiva fez parte, na occasião em que sua magestade visitou este Estado, então provincia.

Tanto basta para dar idéa do valor e merecimento d'esse egregio cidadão.

—Em 1822, a camara municipal, tendo ouvido ao

coronel de cavallaria José Garcia Pacheco de Moura Pimentel e Aragão, commandante da força armada existente nesta cidade, então villa, resolveu abrir um emprestimo de guerra, entre os habitantes do respectivo districto, afim de acodir ao pagamento do soldo e etapa da guarnição, que estava a postos para repellir o general portuguez Madeira de Mello.

Os patriotas José Antonio Fiusa de Almeida, Joaquim Antonio Moitinho, Francisco Antonio Fernandes Pereira, Antonio Teixeira de Freitas Barboza, Antonio Lopes Ferreira de Souza, José de Oliveira Lopes, Felippe Correia Pinto, Domingos de Souza Guimarães, Francisco Paes Cardoso da Silva, José Paes Cardoso da Silva, tenente-coronel Manuel Ignacio de Lima, Luiz Ferreira da Rocha, José Gomes Moncorvo, tenente-coronel Jeronymo José Albernaz, capitão Antonio de Castro Lima, e o já citado coronel José Garcia obrigaram-se, por termo de fiança, a pagar toda e qualquer quantia a que devesse attender aquelle emprestimo, caso a fazenda nacional não as quizesse satisfazer.

Para regularizar a supracitada operação foram emittidas apolices, assignadas pelo quartel-mestre Francisco Antonio Fernandes Pereira, tenente Luiz Ferreira da Rocha, e capitão José Paes Cardoso da Silva.

—Em 1838, a lei provincial sob n. 85 reduziu a um, sómente, os dous districtos de paz, que existiam nesta cidade.

—Em 1888, falleceu nesta cidade o coronel Innocencio Vieira Tosta, que em tempo occupara posição saliente em nosso meio social.

Era septuagenario.

—Em 1893, expirou com 66 annos de edade, o capitalista—commendador Rodrigo José Ramos, que por muitos annos fôra negociante nesta, e residia então na cidade da Bahia.

Em testamento, bem como por disposições particulares, deixou valiosos legados, quer á Sancta Casa de Misericordia desta cidade, quer á da capital do Estado.

4 de Agosto

—Em 1879, foi sepultado nesta cidade, com aninharia de 100 annos, Maria Rosalia Pitanga, africana que, para desespero da sciencia, jámais conheceu, e muito menos praticou, qualquer preceito de hygiene.

—Em 1884, foram iniciadas as viagens diarias dos vapores da companhia de navegação *Bahiana*, entre o pôrto desta cidade e o da capital do Estado, então provincia. Mas, depois da explosão da machina do *Dous de Julho*, sinistro esse de que trato noutro logar, aquellas viagens foram supprimidas, e suppressas ficaram por uma vez.

Voltámos, conseguintemente, ao que era dantes: cada semana, tres viagens para lá, e tres outras para cá, em dias alternados. Aos domingos, o vapor... descansa.

5 de Agosto

—Em 1886, succumbiu—victimado por insidiosa molestia—o cidadão João Ribeiro, intelligente e zeloso guarda-livros, e caracter acima de toda excepção,

Contava apenas 44 annos de edade o digno cachoeirano.

6 de Agosto

—Em 1822, encontrou-se—em alto mar—a divisão portugueza, mandada em soccorro do general Madeira de Mello com a pequena expedição, que do Rio de Janeiro partira para auxiliar os cachoeiranos opprimidos.

Apezar das medidas, tomadas com a maxima solicitude, não foi possivel impedir—que, a salvo, entrassem na Bahia os vasos de guerra inimigos.

Estes haviam transportado de Lisbôa o batalhão de linha n. 1, que os filhos da metropole receberam por entre expansões de um enthusiasmo delirante.

O batalhão desembarcou, é verdade, mas nada afinal conseguiu, pois estava escripto—que a primogenita de Cabral remataria com um feito memoravel a obra ingente da independencia brazileira.

—Em 1823, o deputado geral cearense João Antonio Rodrigues de Carvalho, apresentou na camara de que fazia parte, uma indicação propôndo—que as tres villas Cachoeira, Santo Amaro, e S. Francisco fossem condecoradas com titulos honorificos, em premio de terem sido as primeiras a proclamar, na Bahia, a independencia do imperio.

Não se resolveu definitivamente o asumpto, naquella casa do parlamento; mas a lei provincial, que elevou a Cachoeira á categoria de cidade, conferiu-lhe o brazão de *heroica.*

—Em 1840, foi—tambem aqui—proclamada a maioridade do imperador D. Pedro II, aceitando assim esta cidade as consequencias da revolução que com tal intuito estalara na côrte do Rio de Janeiro, e ficou triumphante com o *quero já* do principe, a quem annos depois outra revolução derribou do throno.

A's 10 horas da noite, chegara aqui a noticia do que havia occorrido na capital do imperio.

E desde logo principiaram a espoucar girandolas de foguetes, a tanger os sinos de todas as egrejas, e a ouvir-se os *vivas* mais enthusiasticos, e as acclamações mais ruidosas.

As ruas principaes foram promptamente illuminadas. Ao toque de reunir, formaram dous batalhões da guarda nacional. E a camara, alguns dias depois, fez celebrar *Te-Deum* na egreja Matriz, havendo antes publicado uma proclamação de que ressumbrava o mais intenso jubilo.

—Em 1858, chegou ao porto desta cidade a escuna de guerra *S. Leopoldo*, conduzindo a seu bordo crescido numero de aprendizes marinheiros. Estes desembarcaram no dia seguinte e, precedidos da respectiva banda de musica, foram á egreja Matriz ouvir missa.

Quando a escuna tornou para a capital, levava

diversas creanças daqui, de cujo numero, em tempo, sahiram machinistas excellentes e artifices notaveis.

Hoje, os navios não se occupam com similhantes commissões; apodrecem no porto da capital federal. e si alguma vez levantam ancora é para... entrar no dique.

—Em 1880, rendeu alma ao Creador o Dr. Luiz Thomaz Navarro de Campos e Andrade. medico humanitario e vereador da camara municipal desta cidade.

Tinha 55 annos de edade.

—Em 1888 finou-se o capitão Manoel Vicente da Silva, negociante. e vereador da camara tambem.

Era maior de 40 annos.

7 de Agosto

—Em 1822, chegou á povoação de Nazareth, das Farinhas, hoje cidade, o capitão José Antonio da Silva Castro, que tinha daqui sahido, commandando uma companhia de bons soldados, afim de lá promover a acclamação do principe regente D. Pedro, a exemplo do que se tinha praticado cá.

Mas, a desejada acclamação desde alguns dias antes fôra feita, o que não obstou comtudo o desembarque da força, por mal dos nazarenos, pois ella em terra se entregou a excessos condemnaveis.

Em seu regresso, o capitão Silva Castro passou pela povoação de Santo Amaro do Catú, conseguindo assim que fosse esse o primeiro ponto da ilha de Itaparica a se decidir pelo movimento, como o fez solemnemente, no dia 14 do mesmo mez e anno.

—Em 1830, nasceu em uma fazenda do termo de Maragogipe, então pertencente á comarca desta cidade, o preclaro bispo do Pará—D. Antonio de Macedo Costa.

Tendo iniciado os seus estudos no seminario archiepiscopal da Bahia, foi concluil-os no de S. Sulpicio, em Pariz.

A 17 de Junho de 1857, o nosso digno compatr ota, que já se recommendava assás por sua appli

cação e seus talentos, recebeu a ordem de presbytero, que lhe foi conferida pelo arcebispo Francisco Nicoláu Marlot.

Seguindo então para Roma, ahi doctorou-se em direito canonico pela academia de Sant' Apolinario, sendo-lhe conferido o respectivo gráu no dia 28 de Junho de 1859.

De volta ao Brazil, o eminente sacerdote fixou sua residencia na capital d'este Estado, que a esse tempo era provincia; e no *Gymnasio B:hiano*, collegio dirigido pelo Dr. Abilio Cezar Borges, depois barão de Macahúbas, regeu com proficiencia e brilhantismo as cadeiras de religião, e de historia.

Eleito bispo do Pará no dia 23 de Março de 1860, e confirmado a 17 de Dezembro do mesmo anno, foi sagrado em Petropolis a 21 de Abril de 1861.

A 14 de Junho seguinte, o novo prelado chegou á cidade de Belém; e no dia 1.° de Agosto entrou pontificalmente em sua Sé.

Nomeado arcebispo da Bahia a 1.° de Agosto de 1890, tomou posse do cargo por procurador; mas não logrou a dita de exercel-o: e a 21 de Março de 1891 falleceu na cidade de Barbacena (Minas-geraes), donde foi transportado o cadaver para ser sepultado na egreja cathedral da Bahia, no dia 27 de Abril do mesmo anno.

Na questão, chamada religiosa, em que a maçonaria foi parte, o bispo do Pará salientou-se tanto por palavras, quanto por obras. Processado e preso, o Supremo Tribunal de Justiça o condemnou; mas o Governo, que era então presidido pelo duque de Caxias, concedeu-lhe amnistia, por decreto de 17 de Setembro de 1875.

D. Antonio prestou serviços importantes e numerosos á região do Amazonas. Edificou verdadeiros monumentos de arte, imprimiu direcção habil e nova aos negocios de sua Egreja, escolheu dentre a mocidade que o cercava uma pleiade distincta, e destinou-a - com verdadeira previdencia—ao sacerdocio catholico. Para colher o resultado, que tanto o encantava, o illustre bispo fez sacrificios de toda ordem,

até mesmo de dinheiro, com que auxiliou na Europa alguns estudantes pobres, pertencentes á sua diocese.

Considerando a catechese dos indios como serviço de alto valor, D. Antonio projectava construir o *Christophoro*, navio que deveria—com alguns sacerdotes a bordo—percorrer o rio Amazonas e seus affluentes, até aos pontos mais afastados; e assim levar aos selvicolas que ainda os povôam todos os soccorros espirituaes, com o ensinamento consolador e fecundo da religião de Jesus.

Tendo testemunhado as occurrencias, dadas na camara dos deputados quando o gabinete Ouro-Preto, —o derradeiro da monarchia—fizera sua apresentação e seu programma, após o que *vivas á republica* inopinadamente estrugiram no recinto; disse-me o virtuoso antistite: *acabo de assistir a uma sessão da Convenção franceza!*

Não era isso, com certeza; mas, o primeiro signal de agonia das velhas instituições que ruiam.

D. Antonio foi luzeiro de sua classe, e gloria de sua patria. E, para perpetuar-lhe a memoria, ahi ficaram mais de vinte obras de sua lavra, entre as quaes algumas de superior merecimento.

—Em 1855, falleceu o cidadão Francisco Pereira do Nascimento e Silva, que fora aqui juiz de paz, e partidor.

Por seu caracter, sisudo e recto, gozou sempre de geral sympathia.

—Em 1877, foi inaugurado o *Club de instrucção*, nesta cidade, onde por algum tempo manteve uma pequena bibliotheca, e deu representações theatraes por amadores.

—Em 1890, falleceu, na cidade do Rio de Janeiro, o nosso conterraneo Firmino Pinto Barretto, alferes honorario do exercito.

Bem joven ainda, marchara elle—como *voluntario da patria*—para a guerra do Paraguay, onde se portou com bravura.

Terminada a campanha, desempenhara, sempre com zelo e probidade, diversas commissões militares.

8 de Agosto

—Em 1822, os negociantes da praça da Bahia, juntamente com diversos habitantes do reconcavo, deliberaram representar á Junta provisoria do governo contra *a sedição*, que havia irrompido: isto é, contra o patriotico movimento, operado com o fim nobilissimo de consolidar a independencia nacional.

Os queixosos accusavam, no seu libello, todas as autoridades, quer civis, quer militares; protestando ao mesmo tempo *contra perdas e damnos imminentes*.

E não paravam elles ahi. Denunciavam como responsaveis pelos *hediondos crimes*, então commettidos, cidadãos de serviços assignalados, e dentre elles alguns da maior respeitabilidade.

Eis os nomes dos. . . réus: coronel Rodrigo Antonio Falcão Brandão, coronel José Garcia Pacheco, major José Joaquim de Almeida Arnizáu, capitão Antonio Teixeira de Freitas, Francisco Fernandes Pereira, José Moreira Guimarães, e um seu filho, Manuel Barbosa Cabral, o boticario Manuel Joaquim, o lapidario Domingos de tal, José Antonio da Silva Castro e seu irmão, qualificados de *scelerados*, Ignacio Joaquim Pereira Lisboa, Manuel Eleuterio, Roberto Barbosa Saldanha, os Macarios (*sic*), e o capitão-mór (!) Manuel de Souza Silva Coimbra.

Ultimos arrancos da resistencia, que—dentro em pouco—se teria de quebrar ante o heroismo de um povo, que pleiteava por sua liberdade. . .

De mais, era natural que os portuguezes tudo envidassem para não perder a colonia, cujas riquezas exploraram como donos por mais de tres seculos, e de que ainda hoje, aliás, tiram grande proveito.

Sim, que num documento official, datado de 1883, o proprio Governo portuguez calcula em 20.000:000$ de nossa moeda o dinheiro, que annualmente emigra do Brazil para *o reino*, como renda de subditos de S. Magestade Fidelissima *retirados*. Estes costumam ter seus haveres empregados em apolices da divida publica, predios, obrigações de companhias, e fundos de sociedade em nome collectivo.

Naturalmente por isto, na sessão da camara dos pares de 17 de Maio do anno por ultimo citado, o presidente do Conselho de ministros de Portugal, em resposta ao Sr. de Miranda, falou nos termos a seguir:

«E' minha opinião, a muito tempo, a exportação—ou como lhe queiram chamar—de homens para o Brazil é triste, debaixo do ponto de vista de nossa industria agricola; porque são braços que desapparecem, que vão para um paiz estrangeiro: mas, ao menos existe a grande compensação de nos vir de lá um poderoso elemento de riqueza, qual é o capital.

Esse facto da emigração... apresenta-se-nos comtudo como a inquestionavel e reconhecida origem de uma parte da riqueza, com que saldamos as contas com os paizes estrangeiros.

Vemos equilibrada a nossa balança do commercio com estes recursos, que nos vêm do Brazil. E eu ouso dizer uma cousa, e neste ponto vou de accordo com opiniões autorizadas: nós ganhámos mais com a independencia do Brazil do que ganhariamos, si aquelle paiz nos pertencesse, economicamente falando.

Temos hoje capitaes avultados, que vêm constantemente do Brazil fazer com que nosso commercio prospere e se desenvolva; e da parte dos que para ali vão ha um grande amor á sua patria, que é honroso para todos.»

—Em 1838, o presidente da provincia, hoje Estado, expediu ordem para ser paga pelo commando das armas a quantia de 20$000, que se devia a Manuel Simpliciano Pinheiro, pelo frete de seu barco *Santa Cruz da Boa-vista*, que desta cidade conduzira para a da Bahia os soldados do batalhão de caçadores da brigada de Pernambuco, que aqui tinham estado em diligencia.

Não consta, porém, qual o fim dessa diligencia, que talvez fosse o recrutamento, como era de uso naquelle tempo.

—Em 1890, foi elevada á categoria de villa a freguezia do Sapé, do municipio de S. Felix do Paraguassú. Mas, antes do fim do mez, outro acto

do governador Hermes da Fonseca *desvillara* o mesmo Sapé!

Parece que má estrella persegue esse canto da matta.

Quando, pela primeira vez, tentaram fazel-o freguezia, se travou a respeito—na assembléa provincial—um debate prolongado e renhido, que encheu os *Annaes* de muitas sessões.

Nessa occasião, certo deputado, já não tendo mais o que dizer, se lembrou de ler da tribuna um jornal inteiro, de grande formato; começou pelo titulo, e foi pausadamente até ao ultimo annuncio! . . .

E, graças á obstrucção, cahiu afinal o projecto, que só veio a passar, passados mais de 30 annos.

9 de Agosto

—Em 1857, tendo o israelita Leon Levy dado hospedagem, na sua propria casa, a Eufrosino Eugenio Cezar, filho de outro israelita, de nome Izaac Saffate, foi por elle gravemente ferido.

Era bem alta a noite, quando o crime se deu, mas não obstante foi preso o criminoso, no momento em que se occultava na porta de uma casa á rua da Matriz. Achava-se então elle em estado de completa nudez.

Attribuiu-se, geralmente, o facto a uma questão de natureza torpe.

—Em 1858, chegaram a esta cidade 150 colonos, contractados na Europa por Francisco Ribeiro Vianna para os trabalhos da companhia *Metallurgica do Assuruá*.

Desgraçado ensaio esse, como ao depois os de Commandatuba e outros, que só serviram para desacreditar a Bahia, no que se refere a um assumpto de tamanha importancia aliás. . .

A companhia não foi por diante, infelizmente.

Entretanto, após o advento da Republica se tentou reorganizar a empreza. Apezar, porém, das riquezas extraordinarias, a cuja exploração propunha-se ella, e que ninguem de bôa fé contestará, falhou mais uma

vez a seductora tentativa. Ao futuro, com certeza, está reservada a fortuna de levar ella ao cabo.

—Em 1868, anno que ainda nos não tinha felicitado com o serviço telegraphico, chegou a esta cidade a noticia da tomada de Humaytá, fortaleza paraguaya, que o presidente F. Solano Lopez reputava inexpugnavel, mas não poude resistir ao valor e á tactica das forças alliadas, e se rendera afinal.

Tão memoravel feito militar foi celebrado aqui, por entre expansões de um jubilo tão natural, quanto estrondoso.

—Em 1880, falleceu nesta cidade Joaquim Manuel Gouvêa Rosado, portuguez de nascimento, mas brazileiro de coração.

Procurava causas no fôro, e tinha attingido aos 70 annos de edade.

Recommendava-se, principalmente, por ser um amigo sincero e prestimoso.

10 de Agosto

—Em 1823, o coronel Felisberto Gomes Caldeira passou *revista de mostra* ao novo batalhão, que havia sido organizado nesta cidade, então villa, e cujo nome posteriormente tomou.

Para commandar esse *batalhão cachoeirense* foi nomeado o major do regimento de Itaparica—José Joaquim Salustiano Ferreira.

11 de Agosto

—Em 1758, o senado da camara desta cidade, então villa, mandou *fazer para seu uso quatro portadas de cortinados*, que foram os primeiros, provavelmente, vistos aqui.

Consta que o povo ficou deslumbrado diante de tamanho luxo. . .

—E logo em seguida o venerando senado sahiu para proceder a uma vistoria, com o fim de escolher o melhor caminho *para conducção dos carros de boi pela ladeira do Quebra-focinho.*

Dá-se, hoje, um premio a quem fôr capaz de indicar onde existiu essa ladeira, em que os nossos avós eram. . . tão maltratados.

—Em 1815, o rei de Portugal permittiu aos seus subditos do Brazil a inestimavel graça de poderem exercer o officio de ourives, tanto de ouro como de prata; sendo-lhes facultado de então por diante trabalhar com esses dous metaes.

Assim, ficou levantada a interdicção, posta pela carta régia de 30 de Julho de 1766, e outras disposições da mesma estofa.

—Em 1855, teve logar uma grande *procissão de penitencia*, que a população desta cidade promovera, sob o terror que lhe infundira a epidemia do *cholera-morbus*.

Foi incalculavel o numero de pessoas de todas as classes sociaes, que tomaram parte nessa imponente solemnidade, unica no seu genero entre nós.

Foram, então, muitas as pessoas que se *disciplinaram*. . .

—Em 1857, succumbiu na cidade da Bahia, onde achava-se em tratamento, o tabellião João Vicente Sapucaia, que á qualidade apreciavel de bom serventuario reunia a de parente extremoso e dedicado.

Contava apenas 44 annos de edade.

12 de Agosto

—Em 1759, sahiu do pôrto da Bahia uma frota, composta de 28 navios, conduzindo para Lisboa 2.827 rôlos e 173.237 arrobas de fumo em folha, quasi todo colhido no municipio desta cidade, então villa.

—Em 1776, baixou ordem de S. Magestade o rei de Portugal para ser levantado o recenseamento da população do Brazil.

O governador e capitão-general da Bahia—Manuel da Cunha e Menezes expediu logo todas as providencias necessarias para ser cumprida a ordem real.

E já nesse tempo foi registrado um facto, que ainda hoje se observa: «muitas pessoas esquivaram-se a

dar os nomes, por supporem que d'ahi lhes provinha algum damno, pelo que mentiam aos officiaes da diligencia».

Disto resultou—que o governador impozesse penas para os remissos, as quaes consistiam em trabalho e prisão, ou em multa, conforme se tratasse de plebeus, ou de nobres.

13 de Agosto

—Em 1823, partiram desta cidade, então villa, as praças que ainda aqui existiam do *Batalhão Cachoeirense.* Foram mandadas guarnecer a importante posição de S. Roque. á margem oriental do rio Paraguassú. Com ellas tambem seguiram 100 soldados da primeira linha.

Tendo, no entanto, se reconhecido em caminho ser mais urgente a defeza do sitio denominado *Encarnação.* para ahi se dirigiu toda essa força, que batalhava pela independencia da patria.

Quando, na ilha de Itaparica, foi ferido o primeiro combate se verificou—que do batalhão *Cachoeirense* 458 praças tinham tomado parte na memoravel acção.

—Em 1848, falleceu nesta cidade D. Maria Constança Bella, conhecida geralmente por *Freira Bella,* que, tendo fugido de um convento da Bahia onde achava-se recolhida, luxara nessa façanha uma das pernas.

A *Freira Bella* brilhou, por algum tempo, aqui.

Deve-se principalmente ao pae dessa senhora o impulso, que converteu no elegante templo, que é hoje, a velha capellinha de Nossa Senhora da Conceição do Monte. Foi tambem elle. que começou a construcção de uma ponte de alvenaria para ligar esta cidade a S. Felix.

— Em 1888, finou-se o cidadão Antonio de Britto Leal, que morava na freguezia da Moritiba, e tinha 70 annos de edade.

Pessoa estimabilissima, e amigo dedicado, sua falta será sempre sentida por quantos lograram a fortuna de conhecel-o.

Vereador da camara, e supplente do juiz municipal, nesta cidade, por muitas vezes exerceu esses cargos; revelando constantemente escrupulos assás respeitaveis, e sincero desejo de acertar.

Era cavalheiro da imperial ordem da Rosa.

14 de Agosto

—Em 1671, o senado da camara da cidade da Bahia representou, patrioticamente, ao rei de Portugal—de quem eramos subditos—contra a odiosa lei, que não permittia fossem brazileiros nomeados para desembargadores da Relação.

—E ao mesmo tempo communicou elle ao Governo a chegada dos paulistas, que tinham sido contractados para fazer a guerra ao gentio, existente no reconcavo da villa de Cayrú, e das freguezias de Maragogipe e Jaguaripe, onde mais de 400 homens haviam succumbido ás mãos dos selvagens irritados.

Os habitantes dessas importantes zonas, porém, contribuiram expontaneamente para as despezas da guerra, dando, só para transportar a gente contractada,—1.925$000; além do que lhes custou a munição de que se premuniram com abundancia.

Nada disto, no entanto, valeria si não fôra a solicitude do governador Affonso Furtado, «pois que tudo a variedade da gente paulista era capaz de inutilisar».

—Em 1704, o governador se dirigiu por carta ao sargento-mór Felippe de Mello Garcia para lhe ordenar—que fizesse arrancar todo o fumo (tabaco) plantado no districto de Maragogipe, por estar esta lavoura prejudicando a de mandioca, e ser isto em damno manifesto ao bem commum.

Nem para cada qual cultivar o que lhe parecesse melhor havia, pois, liberdade! Entretanto, a medida tinha sua razão de ser, e bem podera ter sido dada *mais docemente*.

A ordem citada foi transmittida ao coronel Berardino Cavalcante de Albuquerque para ter a devida xecução.

Curioso é que ainda hoje se sente o mesmo mal, que o previdente governador tentara destruir.

A cultura de mandioca é sacrificada não sómente á do fumo, senão tambem á do café. Dahi decorrem as frequentes *crises de farinha*, que tanto flagellam as classes pobres.

—Em 1823, o Conselho interino do Governo da Bahia se reuniu na sala do hospital de S. João de Deus, actualmente Sancta Casa de Misericordia desta cidade.

E resolveu mandar por terra um emissario ao Rio de Janeiro, afim não só de expôr verbalmente a D. Pedro I o estado da provincia, depois do *aviso imperial*, que pozera sob a immediata ordem do general P. Labatut toda a força de 1ª e de 2ª linha, mas tambem de reclamar medidas tendentes a garantir a independencia da Bahia.

Para a melindrosa commissão foi escolhido—por maioria de cinco votos—o Dr Francisco Gê Acayaba de Montezuma (posteriormente Visconde de Jequitinhonha), que dentro de poucos dias partiu.

Por outro *aviso*, que já encontrou Montezuma de viagem, S. Magestade lhe ordenara—que fosse á côrte, tanto para provar as accusações, que havia levantado contra aquelle general, quanto para se defender de outras, que contra si tinham sido formuladas tambem.

—Em 1828, aqui chegou por um barco a noticia de ter seguido, no dia anterior, com destino ao porto de Fortaleza (Ceará), o brigue-escuna *Despaths*, com um carregamento de generos alimenticios, no valor de 4.023$075, afim de acodir á população dessa provincia, combatida por temerosa secca.

Precedentemente, eguaes remessas haviam sido feitas, parte por conta do Governo, parte por meio de subscripção aberta entre os senadores e os deputados geraes.

Porção consideravel dos generos alludidos tinha sido comprada nesta cidade, então villa, e seus arredores.

—Em 1854, a camara municipal desta cidade resol-

veu nomear uma commissão de seu seio para administrar a obra do cáes da Manga, de conformidade com o que se deliberara na sessão de 28 de Janeiro. A pedra iniciadora do novo melhoramento foi assentada, naquella mesma data, com alguma solemnidade.

Mais de 40 annos depois veio a se continuar a dicta obra, com o proposito de fechar todo o cáes em frente á cidade, aterrando juntamente o alagadiço do *Calabar*, como medida de saneamento e belleza.

—Em 1865, o Barão de Nagé publicou, nesta cidade, uma proclamação, como commandante superior, que era, da guarda nacional do municipio, convidando com empenho esta a marchar para a guerra do Paraguay.

—Em 1869, a camara municipal desta cidade officiou para reforçar o pedido, que ao Governo imperial endereçara a viuva do Dr. Joaquim Antonio de Oliveira Botelho, solicitando uma pensão.

—Foi, em 1887, instalado nesta cidade o *Monte-pio dos empregados da estrada de ferro Central da Bahia*, que vae fazendo sua carreira proveitosamente.

15 de Agosto

—Em 1878, falleceu na cidade da Bahia, onde estava em tratamento de saúde, o padre Norberto Olympio Fernandes da Silva, vigario collado na parochia de Senhora da Purificação de Santo Amaro. O padre Norberto era cachoeirano e tinha fortuna.

—Em 1880, finou-se o capitão Manuel de Barros Amorim, negociante estabelecido em S. Felix, então do termo e comarca desta cidade, e que ali mais de uma vez exercera o cargo de subdelegado de policia.

16 de Agosto

—Em 1837, o procurador da camara desta cidade fez recolher ao cofre respectivo o saldo, até então purado, na importancia de 248$310, toda em moeda e cobre.

Pois bem. De 1893 em diante tanto o cobre, como o nikel, desappareceram por encanto. o que deu logar á escandalosa emissão de *vales* e *fixas*, que muito custou retirar da circulação.

—Em 1890, falleceu com 76 annos de edade, na freguezia de Moritiba, onde era vigario collado desde 1864, o padre Tito Livio dos Santos.

Homem de talento e de espirito, redigira alguns jornaes do seu tempo, e costumava amenisar a conversação com pilherias de bom gosto. Entretanto jámais conseguira prégar um sermão, si bem que muitos sermões para varios collegas escrevesse.

Quando religioso carmelita, de cuja ordem fôra egresso, residira por bastante tempo no convento desta cidade.

Era septuagenario.

—Em 1898, finou-se na capital federal o capitão de fragata Antonio Ignacio de Albernaz, do corpo de machinistas da armada nacional.

Tinha nascido nesta cidade, e era maior de 50 annos.

17 de Agosto

—Em 1810, os lavradores de fumo (tabaco) dos campos desta cidade, então villa, e os proprietarios de barcos occupados no serviço de transporte entre ella e a capital da provincia representaram ao principe regente contra a taxa, imposta pelo alvará do 1º de Abril de 1751. E á s. a. pediram—que mandasse reformar a tarifa dos preços dos carretos, bem como transferir a casa de arrecadação daquella mercadoria, permittindo que esta podesse ser exportada do nosso pôrto, antes do dia 20 de Janeiro de cada anno.

Vem de data afastada, portanto, o costume de gravar com impostos pesados, e difficultar de certo modo a cultura da estimada solanea.

Convém, todavia, relembrar o resultado final da temerosa representação.

Contra ella informaram tanto a meza da inspecçã como o funccionario Francisco Gomes de Souz

que declarou—serem os lavradores de fumo, apezar de tudo, mais favorecidos do que os da canna de assucar.

Nesse documento, se dá noticia de que o fumo então regulava, em Lisboa, o preço de 2$400 a 3$000 por arroba. Em 1895, porém, se vendeu—mesmo aqui—na razão de 13$000 a arroba. E pouco depois houve quem apurasse até 30$000 por arroba de fumo, de qualidade especial, proprio para fabrico de charutos.

Voltando á informação do funccionario acima citado, notarei—que naturalmente animados por ella, os lavradores de canna representaram—por sua vez—contra aquella poderosa meza, comquanto sem resultado algum. Tinha ella elevado o imposto sobre caixas de assucar, e lhes diminuido o conteúdo, por não serem repezadas ao sahir dos trapiches.

—Em 1887, deu-se o obito do padre Adolpho Borges de Carvalho que parochiava, como encommendado, a freguezia de S. Felix.

O finado contava 40 annos de edade, approximadamente.

Foi sepultado nesta cidade, de onde era natural.

18 de Agosto

—Em 1822, o coronel Rodrigo Antonio Falcão Brandão marchou desta cidade, então villa, com 70 praças, emigradas de differentes corpos, que achavam-se na capital da provincia, para estabelecer um ponto de apoio em Pirajá, onde deveriam acampar as forças patrioticas.

Por conveniencias do momento, porém, foram collocadas essas forças no sitio denominado *Cabrito*.

A 3 de Novembro seguinte, o infatigavel coronel era substituido pelo major José de Barros Falcão de Lacerda, que o mandou voltar ao commando das forças estacionadas aqui.

—Em 1823, o Governo provisorio, cuja séde era esta cidade, então villa, expediu providencias «para ie fosse fornecido de melhor carne o batalhão de

Minas,» aqui aquartelado; «visto como devia ter este o mais solicito tratamento, attento o fim a que se dirigira a esta provincia,» hoje Estado.

Do batalhão alludido, commandado pelo tenente-coronel José de Sá Bittencourt e Camara, era fornecedor—Francisco Gonçalves Pedreira França.

19 de Agosto

—Em 1855, a epidemia do *cholera-morbus* recrudesceu nesta cidade, e se manifestou noutros pontos do interior.

20 de Agosto

—Em 1823, D. Pedro I concedeu o soldo de alferes da 1ª linha á heroina cachoeirana D. Maria Quiteria, que se tinha distinguido em arriscados combates, como praça do exercito, em cujas fileiras alistara-se voluntariamente.

21 de Agosto

—Em 1822, reuniu-se a vereação desta cidade, então villa; e o coronel José Garcia Pacheco de Moura Pimentel Aragão propoz, e foi logo approvada, a creação de um Conselho interino de governo da provincia da Bahia, tendo sua séde aqui mesmo.

Presidiu a dicta vereação o Dr. Antonio de Cerqueira Lima, juiz de fóra, estando presentes os vereadores effectivos capitão Antonio de Castro Lima e o tenente-coronel Jeronymo José de Albernaz, o do anno transacto Joaquim Pedreira do Couto, e o procurador Manuel Teixeira de Freitas.

O Dr. juiz de fóra disse—que lhe havia sido entregue uma carta do dicto coronel Garcia, concebida nos termos que se seguem:

«Em consequencia da carta, que recebemos dos patriotas de Santo Amaro e S. Francisco, e representação que a acompanhava, o que tudo remetto poi cópia a V. S.; requeiro se sirva mandar convocar—

quanto antes—os vereadores e o procurador do senado, assim como tambem todos os cidadãos proprietarios e mais pessoas boas do districto, para se proceder nos termos da dicta carta, e representação. Deus guarde a V. S. Quartel da villa, 17 de Agosto de 1822.—*José Garcia Pacheco de Moura Pimentel e Aragão*, coronel commandante da força armada.»

A outra carta, a que alludia o coronel José Garcia, vinha assignada por Bento de Araujo Lopes Villasboas, Joaquim Ignacio de Siqueira Bulcão, Felisberto Gomes Caldeira, Manuel de Vasconcellos Souza Bahiana, Antonio Maria da Silva Torres, Luiz Lopes Villasboas, José de Aragão Bulcão, Ignacio José Aprigio da Fonseca e Galvão, Luiz Manuel de Oliveira Mendes, Francisco Maria Sodré Pereira, Joaquim José Pinheiro de Vasconcellos, Dr. Miguel Calmon du Pin e Almeida, Antonio José Duarte de Araujo Gondim e Antonio Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque.

Todos esses cidadãos entendiam—«que era indispensavel á defeza de sua causa o estabelecimento de um Governo geral, não só para o reconcavo e comarca da Bahia, mas tambem para toda a provincia.»

Como razão principal dessa medida, os patriotas accrescentavam—que a Junta provisoria existente tinha lhes dado «o final desengano, recusando acceitar um officio» que lhe haviam elles dirigido, o que provava a «natural fraqueza» da referida Junta, mais aggravada «pela presença» até então «infructuosa do bloqueio do Rio, chegado a seis dias, e que se achava em frente da esquadra do Madeira.»

Antes de tudo, o coronel José Garcia prestara juramento, como chefe da força armada, de obediencia á S. A. o principe regente D. Pedro de Alcantara, de fidelidade á causa do Brazil, e de exacta observancia dos regulamentos militares. Passou depois a ler uma representação, assignada por si, pelos coronel D. Braz Balthazar da Silveira, tenente-coronel Jeronymo José Albernaz, sargentos-móres José Joaquim de Almeida Arnizáu, Joaquim José Bacellar e Castro, José de

Araujo Bacellar e Castro e Manuel José de Freitas: pedindo a installação de um Conselho interino de Governo, egual aos que tinham sido creados em outras provincias, adhesas á independencia do Brazil.

O fim principal do dicto Governo seria—governar a provincia da Bahia, em nome do principe regente constitucional e defensor perpetuo, observando as suas ordens e sustentando-lhe a autoridade. Todos os funccionarios civis e militares ficariam subordinados a esse Conselho. Para elle as diversas camaras deveriam mandar seus deputados, e se consideraria dissolvido *ipso-facto*, desde que a capital da provincia, por sua vez, acclamasse e reconhecesse o dicto regente, e della se houvesse retirado a tropa de Portugal.

Deferida a representação, foi logo em seguida installado o projectado Conselho de cujos trabalhos existe impresso um «Relatorio», escripto pelo Dr Miguel Calmon du Pin e Almeida, já referido, que foi depois marquez de Abrantes e senador do imperio.

O Conselho fez suas sessões no salão do hospital, que é hoje Sancta Casa de Misericordia.

Seria fatigante enumerar todos os actos do Conselho, durante sua activa e gloriosa existencia. Não é facil, comtudo, resistir ao desejo de indicar alguns, dentre os mais importantes.

O Conselho fundou, logo, um «trem militar»; estabeleceu a inspecção dos commissariados, e dos hospitaes tambem; creou linhas terrestres de correio para as villas de S. Francisco e dos Ilhéos.

Mais ainda: conseguiu que, posteriormente, essa ultima linha se estendesse até ao arraial do Tijuco, hoje cidade de Diamantina, em Minas-Geraes; dahi se emendava ella com a que ia a Ouro-Preto, e com a que deste ponto seguia para o Rio de Janeiro.

O Conselho cassou as attribuições governamentaes, que algumas das «Caixas militares» haviam se arrogado; encarregou a José da Silva de fabricar polvora, na maior quantidade possivel; mandou tirar todo chumbo dos sinos das egrejas e

das fabricas dos engenhos para cunvertel-o em projectis; abriu a Casa da Moeda; declarou o *Justicio*, em que se achava a provincia, por causa da calamidade da guerra.

Finalmente, inaugurou a imprensa nacional, em um sobrado á rua de Entre Pontes (hoje Ruy Barbosa), que então era de João José Espinola, e faz esquina para a Ponte-Nova. Dessa officina sahiu, pouco depois, o *Independente Constitucional*, o mais antigo periodico publicado aqui, de que foi remettida uma collecção ao ministro José Bonifacio de Andrada e Silva, com officio de 31 de Maio de 1823.

O primeiro impressor, que trabalhou nessa typographia, foi Francisco Lopes, contractado no Rio de Janeiro, por 400$000 annuaes.

Quanto á Casa da Moeda, ficou ella assentada nos corredores do convento do Carmo.

Foram nomeados pelo Conselho: José Moreira Guimarães e José Coronna Christi Parahyba—encarregados da polvora; o cirurgião José Caetano Alvim—director do hospital militar, em cuja clinica egualmente serviu Manuel Martins Brazileiro; administrador das obras publicas—Antonio Teixeira de Freitas Barbosa; feitor das dictas obras - José Teixeira de Jesus; thesoureiro do thesouro pablico—Luiz Ferreira da Rocha; capitão do porto da villa—o capitão-tenente José Carlos de Almeida; escrivão da imprensa nacional—Luiz Gonzaga dos Santos.

Por aviso de 5 de Dezembro de 1822, expedido á camara da villa de Caetité, hoje cidade, D. Pedro I mandou que ella e todas as outras camaras da provincia *adherissem* ao Conselho, que se tinha creado aqui.

Uma simples observação: já nesse tempo *adherir* não era crime...

Referindo-se ao Conselho indicado, disse—em *Relatorio* publicado no mez de Junho de 1822, o Dr. Miguel Calmon, que morreu marquez de Abrantes: «pareceria um sonho, ou conto arabico, a simples relação do que soffrera o Conselho a alguns corpos armados e acantonados na Cachoeira!»

O Conselho, além de ter feito marcharem para Pirajá o batalhão de caçadores, o esquadrão de cavallaria, e parte da infanteria miliciana da Cachoeira, mandou sem demora organizar os regimentos de cavallaria miliciana das villas de Jacobina e Urubú de cima; crear quatro batalhões no termo de Jaguaripe, servindo-lhes de casco o regimento de milicias dessa villa, e a companhia de artilheiros de Nazareth; preparar mais nove batalhões na comarca dos Ilhéos, dissolvendo para isto o grande e moroso regimento de Valença; poz em campo a notavel *Guerrilha imperial*, do Pedrão; levantou o batalhão da *Honra imperial* e o de caçadores de Santo Amaro; e formou a guarda civica da Cachoeira.

Em sessões posteriores, o Conselho nomeou:

Para o commissariado de guerra—inspector, o major Antonio Maria da Silva Torres, que algum tempo depois foi substituido pelo major Euzebio Gomes Barreiros; commissario—Joaquim Antonio Moitinho; escrivão—Antonio Maria de Moura e Mattos a quem succedeu Antonio Tavares Itapagipe.

Para o commissariado de bocca: inspector—José Pedreira do Couto; commissario—Francisco Caribé Morotova; escrivão—Manuel Mauricio Rebouças.

Para o commissariado de fardamento—commissario, Francisco Antonio Fernandes Pereira.

O Conselho interino do governo da provincia da Bahia ficou, definitivamente, constituido com o seguinte pessoal:

O capitão-mór Francisco Elesbão Pires de Carvalho (depois barão de Jaguaripe), presidente, membro do governo da capital, representante da villa de Santo Amaro; Dr. Francisco Gé Acayaba de Montezuma (depois Visconde de Jequitinhonha) nomeado por esta cidade, então villa; Antonio José Duarte Gondim, pela villa de S. Francisco; Manuel Gonçalves Maia Bittoncourt, por Jaguaripe; Manuel da Silva Caraha Coimbra, por Maragogipe; Simão Gomes Ferr[illegible]

Velloso, por Inhambupe; padre Manuel José de Freitas pela Pedra-Branca; Dr. Miguel Calmon du Pin e Almeida depois Marquez de Abrantes), por Abrantes; João Dantas dos Imperiaes Itapicurú, por Itapicurú; padre Theodoro Dias de Castro, por Valença; vigario Francisco José de Miranda, por Agua-fria; Dr. Francisco Ayres de Almeida Freitas, por Jacobina; Manuel dos Sanctos Silva, por Marahú; padre Pedro José Vieira, por Santarém; capitão José Valentim de Souza, pela villa do Rio das Contas; padre Izidoro Manoel de Menezes, por Camamú; padre José de Mello Varjão, pela villa de Cayrú.

—Em 1836, a Sancta Casa de Misericordia desta cidade, então villa, assentou não receber mais escravos para tratar nas suas enfermarias.

—Em 1865, falleceu repentinamente o capitão Manoel da Costa e Souza que, tendo figurado na politica local, desempenhara os cargos de subdelegado de policia, agente do correio, e outros, nesta cidade.

Servira tambem á imprensa, editando o *Recopilador Cachoeirense*, e mais alguns periodicos, bem reputados no seu tempo.

Vem, de certo, a pello recordar—que o primeiro jornal, publicado no Brazil, foi a *Gazeta do Rio de Janeiro*, que viu a luz na manhan de 10 de Setembro do 1808.

O mais antigo typographo, que a Bahia conheceu, foi Marcellino José, contractado fóra para trabalhar na officina *Serva de Carvalho*.

A typographia em que era impresso o *Independente Constitucional* (vid. *ephemeride* de 20 de Agosto), fôra enviada do Rio de Janeiro por D. Pedro I. na escuna *6 de Fevereiro*; e acompanhou-a—na qualidade de director—José Francisco Lopes, em virtude da portaria de 19 de Dezembro de 1822.

'icou assim satisfeita uma solicitação do Conselh interino do Governo, que funccionava aqui.

22 de Agosto

—Em 1812, o principe regente do reino de Portugal dirigiu carta official ao Conde dos Arcos, Capitão—General e Governador da Bahia, incitando-o a solicitar a cooperação de todas as municipalidades, proprietarios, negociantes, e mesmo a dos empregados publicos (!) para manutenção do Banco do Brazil, creado por alvará de 12 de Outubro de 1808.

A carta insinuava—que toda essa gente deveria comprar acções do novo estabelecimento de credito.

—Em 1862, a camara municipal marcou o prazo improrogavel de seis mezes para serem demolidos os ultimos *balcões*, ou sacadas com rotulos de páu, que existiam na maior parte das casas de sobrado, tanto desta cidade, como de S. Felix.

Similhantes trambolhos afeiavam em demasia as ruas, além de tornal-as escuras; mas os paes de familia d'esse tempo attribuiam-lhes .... o condão de recatar as mulheres, por tal geito sequestradas ás vistas curiosas dos vizinhos e dos transeuntes.

As chronicas, entretanto, rezam—que nem por isto as venerandas avós, em regra analphabetas para não escreverem *cartas de namoro*, deixaram de receber cortejos, e mesmo de fugir do lar paterno com muito mais frequencia, e talvez com escandalo maior, do que se dá hoje, apezar de certa liberdade de que as moças gozam.

—Em 1886, foi solemnemente assentada a primeira pedra para construcção do cemiterio de S. Felix, então do termo desta cidade, o qual sómente em 1889 começou a funccionar.

—Em 1891, falleceu na freguezia da Conceição da Feira, do termo e comarca desta cidade, o major Manoel Cecilio da Costa, que occupara ali diversos cargos de eleição popular, e de nomeação do Governo.

23 de Agosto

—Em 1826, a camara desta cidade, então villa, fez publicar um edital com o fim de se construir a ponte, destinada a ligar S. Felix á Cachoeira.

Sobre se tratar de um melhoramento importante, era essa a condição imposta por D. Pedro I para poder ser elevada de categoria a mesma villa.

Nada, porém, a camara conseguiu.

—Em 1854, aportou pela primeira vez a esta cidade o vapor *Cachoeira*, que tinha a especialidade de haver sido construido nos estaleiros de Itapagipe, na Bahia.

—Em 1868, foi sepultado o capitão João Baptista de Magalhães, influencia politica em Cruz das Almas, então do termo e comarca desta cidade.

—Em 1871, finou-se o advogado Manuel Galdino de Assis, que aqui mesmo nascera a 13 de Fevereiro de 1812.

Homem habilissimo, regera primeiramente a cadeira publica de latim desta cidade. Jubilado que foi, se dedicou inteiramente ao fôro, conseguindo na sua profissão ganhar bem merecida fama.

Na politica local occupou distincta posição, tendo sido eleito por mais de uma vez vereador, e presidente da Camara Municipal. Em 1869, o partido conservador elegeu-o membro da Assembléa Legislativa Provincial, por este districto.

Tendo sido escolhido provedor da Sancta Casa de Misericordia, em Julho de 1855, exerceu esse cargo até á data de sua morte; desenvolvendo sempre louvavel actividade e zelo. Entre os bons serviços, que prestou, avulta a reedificação do hospital, dotado assim de maiores e mais convenientes proporções.

A influencia popular de que dispoz—por muitos annos—o advogado Assis fala bem alto em favor do seu merecimento.

) advogado Assis era commendador de uma das c dens honorificas do Imperio.

24 de Agosto

—Em 1855, falleceu victimado pelo *cholera-morbus* o Dr. Pedro da Fonseca Mello, ainda no vigor da edade.

Era formado em medicina, e nascera no arraial do Genipapo, então do termo e comarca desta cidade.

Estava aqui residindo e clinicando, havia algum tempo já

25 de Agosto

—Em 1853, a farinha de mandioca subiu a um preço elevadissimo, relativamente á época.

Queixas contra o monopolio, e protestos de plantar dahi em diante maior quantidade de maniva; tudo, segundo o costume, estava esquecido no dia seguinte. . .

26 de Agosto

—Em 1760, o rei D. José, nosso amado soberano, impoz 200 réis sobre cada arroba de fumo da Bahia, que fosse introduzido no Rio de Janeiro; e declarou —que incorreriam na pena do tresdobro quantos por acaso fraudassem a nova contribuição.

Antigo exemplo de imposto inter-provincial de que, ao depois, tão acrimoniosamente se falou . . .

—Em 1833, foi nomeado vigario collado da freguezia de S. Gonçalo dos Campos, então do termo e comarca desta cidade, o padre Vicente Ferreira Gomes, que veio a fallecer no dia 28 de Fevereiro de 1862.

Era conego honorario da Sé Metropolitana, e chegou aos 83 annos de edade.

Foi sempre muito estimado por seus parochianos.

—Em 1867, foram exhibidas—perante a camara municipal varias amostras de manganez, que existe em grande quantidade ao longo da estrada do Capoeirussú, suburbio desta cidade.

Admira que até hoje ninguem se tenha lembrado de explorar tamanha fonte de riqueza.

—Em 1897, rendeu alma ao Creador o antigo negociante Joaquim Pacheco de Miranda, portuguez de origem, mas brazileiro de coração.

Na vespera de sua morte, havia completado 64 annos de edade.

27 de Agosto

—Em 1805, a camara desta cidade, então villa, ordenou ao seu procurador—que fizesse vaccinar na capital da provincia duas creanças, como meio de se obter a lympha necessaria para innocular na população do municipio.

Como se sabe, a vaccina fôra descoberta por Ed. Jenner, medico em Berkley, que em Junho de 1798 publicara sobre o assumpto um opusculo, intitulado *Indagações a respeito das causas e effeitos das bexigas das vaccas*; estudo que o Dr. Peerson seguiu de perto.

No Brazil, a vaccina foi introduzida do seguinte modo: o cirurgião-mór da armada portugueza—Theodoro Ferreira de Aguiar vaccinou, na cidade de Lisboa, um homem preto, que vinha para a Bahia, de passagem no navio *Bom Despacho*; e ao mesmo tempo ensinou ao cirurgião de bordo—Manuel Moreira da Rosa,—o methodo da operação successiva, afim de ser praticada, durante a viagem, noutros pretos que eram, com certeza, escravos.

O *Bom-Despacho* ancorou no porto da Bahia, a 30 de Dezembro de 1804.

O cirurgião Rosa, entretanto, havia executado as instrucções do seu collega, e, depois de ter desembarcado, encarregou da propagação da vaccina ao Dr. José Avelino Barbosa.

A este profissional coube a dura tarefa de vencer a repugnancia, manifestada por grande parte da população, contra a maravilhosa conquista da sciencia.

Quando, em 1823, achava-se aqui reunido grande umero de soldados, o commandante em chefe de

exercito pacificador commissionou o cirurgião-mór Antonio José de Aguiar para vir vaccinal-os.

O batalhão de Minas, principalmente, mereceu todo cuidado da parte do cirurgião-mór, que offereceu seus serviços tambem «aos habitantes que quizessem aproveitar daquelle tão saudavel beneficio.»

—Em 1835, prestou juramento, como lente da cadeira de agricultura, nesta cidade, então villa, o medico José Ricardo Gomes de Carvalho.

Mas, os lavradores dessa época, tal qual alguns ainda hoje praticam, nem de escolas, nem de machinas, queriam saber. Bastava-lhes—a elles—o braço escravo, que vinha lá da *Africa adusta.*

De modo que, não teve alumnos a pobre aula; e o professor *para salvar as apparencias* era obrigado a fazer figurar na respectiva matricula uma legião de... *phosphoros*, como se diz em giria eleitoral.

Dahi cobrou forças a rotina para, absolutamente, imperar na lavoura.

—Em 1864, foi sepultado nesta cidade o Dr. Ricardo Pinheiro de Vasconcellos, que havia fallecido no dia anterior.

Servira como juiz dos orphãos, neste termo; e, ultimamente, tinha sido despachado juiz de direito para a comarcade Inhambupe.

28 de Agosto

—Em 1719, o vice-rei mandou ordens instantes ao juiz ordinario desta cidade, então villa, para que prendesse e lhe enviasse todos os homens *fraussteiros (sic)* que se achassem, ou fossem chegando aqui, pois havia fugido das náus, ancoradas na Bahia, e que deviam seguir para as Indias, a maior parte dos marinheiros.

Apezar das diligencias empregadas, é certo—que muitos dos evadidos ficaram residindo cá, para sempre.

—Em 1823, o deputado Pereira da Cunha, que foi depois Marquez de Inhambupe, apresentou—a assembléa constituinte de que era membro—um pro-

jecto de lei, creando duas Universidades no Imperio; sendo uma no Maranhão, e a outra no arraial de Belém, que demora a 6 kilometros, pouco mais ou menos, desta cidade.

Nem esse, nem outro projecto, relativo a Universidades, poude ainda triumphar; não obstante se ter propalado—que era resolução, tomada pelo ex-imperador D. Pedro II, crear ao menos um estabelecimento dessa ordem na cidade do Rio de Janeiro.

—Em 1824, falleceu o padre Luiz Fagundes de Britto que, desde 1816, occupava o logar de administrador do hospital de S. João de Deus, nesta cidade, então villa.

—Em 1826, foi installada, nesta cidade, a Sancta Casa de Misericordia, categoria a que havia sido elevado o hospital de S. João de Deus, nos termos do aviso do Governo imperial, de 20 de Abril do mesmo anno.

A contar dessa data, até hoje, têm exercido o cargo de provedor da respectiva irmandade os cidadãos que se seguem:

1 Antonio Lopes de Souza (1826), 2 Manuel Ferreira Luiz (1827-1828), 3 João Nepomuceno Ferreira (1828-1829), 4 padre Francisco Vieira Tosta (1829-30), 5 Dr. Theodoro Praxedes Fróes (1830-1831), 6 coronel Manuel Ignacio de Lima (1831-1832), 7 coronel Rodrigo Antonio Falcão Brandão (1832-1833), 8 barão de Itaparica (1833-1834), 9 José Leonardo Muniz Barretto (1834-1835), 10 Dr. Luiz Thomaz Navarro (1835-1836), 11 Antonio José Pereira (1836-1837), 12 João José Espinola (1837-1838), 13 Dr. Manuel Messias de Leão (1838-1839), 14 Antonio José Alves Bastos (1839-1840), 15 padre Joaquim Pereira Lesbio (1840 1841), 16 Matheus José Teixeira (*) (1841-1842), 17 Francisco Vieira Tosta, depois Barão de Nagé (1842-1843), 18 Francisco Gomes Moncorvo (1843-45),

(*) Este provedor apenas assistiu a sessão de posse, em 2 de Julho de 1841. Não tendo cumprido certas promessas que fizera, relativameute á irmandade, se viu forçado a renunciar o cargo, em Meza de 17 de Março 1842.

19 Carlos Joaquim de Magalhães Cirqueira (1845-46), 20 Manuel Pereira de Macedo Aragão (1846-1847), 21 Dr. Innocencio Marques de Araujo Góes, depois Barão de Araujo Góes (1847-1849), 22 Manuel Ferreira Luiz (**) (1849-1850), 23 Manuel Caetano de Oliveira Passos (1850-1851), 24 Antonio Olavo de Menezes Dorea (1851-1852), 25 tenente-coronel Innocencio Vieira Tosta (1852-1853), 26 Fructuoso Gomes Moncorvo (1853-1854), 27 tenente-coronel Aivino José da Silva e Almeida (1854-1855), 28 commendador Manuel Galdino de Assis (1855-1872), 29 coronel José Ruy Dias de Affonseca (1872-1800), 30 Dr. Aristides Augusto Milton (eleito em 1890, e succesivamente reeleito até hoje).

Os administradores do hospital de S. João de Deus foram: Fr. João de S. Thomaz Castro, de Julho de 1756 a Dezembro de 1769; Fr. José de Sant'Anna Lyra, de Janeiro 1770 a Janeiro de 1778; alferes José Martins Bastos, de Fevereiro de 1778 a Novembro de 1798; capitão Antonio Pinto de Mesquita, de Dezembro de 1798 a Julho de 1804; Luiz Ferreira da Rocha, de Agosto de 1804 a Dezembro de 1808; padre Custodio Luiz dos Santos Varella, de Janeiro de 1809 a Abril de 1816; uma junta nomeada pelo juiz de fóra, e composta do padre Luiz Fagundes de Britto, administrador, João Pires Gomes, escrivão, Carlos Pereira da Motta, thesoureiro, José Caetano Velloso, procurador, de Abril de 1815 a 1819; outra junta, composta do padre Luiz Fagundes de Britto, administrador, tenente Antonio de Souza Galvão, escrivão, capitão José Ferreira de Almeida, thesoureiro, alferes José Ferreira de Almeida Junior, procurador, de 1820 a 1823; uma terceira junta, composta do padre Luiz Fagundes de Britto, administrador, Miguel José Marques Guimarães, escrivão, Francisco Antonio Fernandes Pereira, thesoureiro, Francisco Barbosa Leal de Salles, procurador, de 1824 a 1825.

Como, porém, fallecesse o padre Fagundes de

(**) Este provedor assignava, de chancella, o proprio nome.

Britto, passou o thesoureiro a exercer o logar de administrador, sendo substituido então por Francisco de Salles Ferreira.

Uma ultima junta, composta do sargento-mór Joaquim José Bacellar e Castro, administrador, Francisco Gomes Moncorvo, escrivão, Florentino Rodrigues da Silva, thesoureiro, e José Alvares dos Santos Souza, procurador, serviu de 1825 até 27 de Agosto de 1826.

As irmandades da Misericordia têm origem muito remota. A primeira d'ellas foi instituida em Lisbôa, no anno de 1498, a solicitações do padre Miguel de Contreiras, monge da Ordem da Santissima Trindade, e por decreto da rainha D. Leonor, que era regente de Portugal, em nome de el-rei D. Manuel, então na Hespanha.

O mais antigo hospital de Misericordia, que existe no Brazil, é o da cidade de Santos, em S. Paulo, fundado por D. Braz Cubas.

O novo hospital desta cidade foi construido entre os annos de 1855 e 1862. E de 1890 para cá elle tem recebido custosos melhoramentos, e soffrido transformações importantes. Entre estas, avulta a da respectiva frontaria, cuja architectura foi completamente modificada.

—Em 1840, finou-se o cidadão Luiz Ferreira da Rocha, com 72 annos de edade.

O finado tinha sido aqui presidente da camara municipal, administrador do hospital de S. João de Deus, advogado e lavrador.

Possuia fortuna bem regular.

—Em 1881, deixou de existir o tenente-coronel Umbelino da Silva Tosta, contando 50 annos de edade.

Occupara elle varios logares de eleição popular e de nomeação do governo; e era—ao tempo do seu trespasso—o 1º juiz de paz da parochia de S. Felix.

Estimava em muito a industria nacional, a cuja causa prestou bons serviços, principalmente por ter concorrido a diversas *exposições* em que foi premiado.

—Em 1892, succumbiu—na capital da Bahia—o

barão de Sant'Iago, proprietario abastado, cujo domicilio era na freguezia do Iguape, termo e comarca desta cidade.

Domingos Americo da Silva, que assim se chamava o digno cidadão, era coronel da guarda nacional.

Tinha edade superior a 80 annos.

No testamento, com que falleceu, instituiu varios legados, entre os quaes um—de 2.000$000—á Sancta Casa de Misericordia, desta cidade.

29 de Agosto

—Em 1719, o vice-rei deu ordem para serem presas e remettidas á capital da Bahia todas as pessoas, que tinham deixado de plantar mandioca, por se entregarem sómente á cultura do tabaco (fumo).

Era renovação da providencia, alguns annos antes tomada (Vide *ephemeride* do dia 14).

—Em 1892, falleceu no arraial de Belém, termo e comarca desta cidade, o lavrador Apolinario Coelho de Oliveira, que attingira á edade de 105 annos, bem contados.

30 de Agosto

—Em 1766, uma carta régia mandou—que fosse extincto o officio de ourives, *na capital e todo mais territorio da Bahia.*

A singular e . . . patriotica disposição tambem nos alcançou, como se vê.

Rememorando o facto, é justo que todos admiremos a perspicacia e o tino dos estadistas portuguezes, que para elle concorreram. . .

—Em 1838, o capitão Manuel de Vasconcellos de Souza Bahiana chegou a esta cidade, com o proposito de fundar uma fabrica de rapé.

Para levar a effeito sua idéa, elle comprou, por escriptura publica lavrada em nota do tabellião João V. Sapucaia, a casa de engenho situada á marger do rio Pitanga, *com levada e cobocó,* pela quantia d

2:000$000, ao capitão Julio Emilio Pereira Guimarães e sua mulher.

Depois de ter aproveitado a safra, existente ainda no cannavial, e aliás a derradeira que se moeu nesse engenho, cujas ruinas hoje são conhecidas por *Engenho Velho*; o capitão Bahiana fez montar o seu esperançoso estabelecimento.

E por algum tempo explorou a nova industria, preparando o rapé, que entrou no mercado com o nome de *Rapé bahiano*.

Não foi só isto. O capitão Bahiana tentou abrir uma pequena fundição para trabalhar o ferro, que fosse extrahido das visinhanças da fabrica, e geralmente reputado de muito boa qualidade.

E' certo—que os planos do operoso cidadão falharam por completo, mas os seus nobres esforços não podem deixar de ser lembrados com o elogio que merecem.

O *meio* estreito, em que o capitão Bahiana teve de agir; os preconceitos, que então dominavam despoticamente; a falta de animação que elle sentiu; foram outros tantos motivos do insuccesso que se lhe deparou.

Tempo virá, porém, de se reconhecer e confessar—que a Cachoeira foi talhada para ser uma cidade industrial.

O capitão Bahiana, depois de ter lutado valentemente pela vida, expirou no dia 27 de Setembro de 1842, deixando, em testamento, um legado a quem lhe escrevesse a biographia.

31 de Agosto

—Em 1891, tomou notavel incremento a epidemia, conhecida pelo nome de *influenza*, que noutras cidades havia já feito algumas victimas, e pôsto em sobresalto familias inteiras.

A *influenza*, conforme as pessoas competentes—em tempo—apuraram, é molestia que existe desde época remota; comquanto varias vezes tenha mudado de nome. Esse, por que agora ella vae sendo co-

nhecida, data apenas de 1802. Até então se lhe deu diversos nomes, debaixo dos quaes andou viajando por todo o mundo.

Autores ha que fazem remontar a 876 uns, e a 1173 outros, a primeira apparição do insidioso *morbus*. E certos escriptores, depois de notarem-lhe a origem oriental, affirmam—ter elle feito sua primeira invasão na Europa em 1510.

Dahi por diante a *influenza* não abandonou mais a zona, que tão propicia tem sido á sua expansão e durabilidade. E, desgraçadamente, em mais de uma capital européa, a mortalidade, causada pela *influenza*, tem attingido a uma cifra respeitavel, por vezes egual, senão superior, a que o *cholera* ha produzido. Pelo menos, em 1889 e em 1890 assim succedeu.

Por aqui, a *influenza* accommetteu muita gente, é verdade; mas nenhum caso fatal se registrou, mercê de Deus.

Entretanto, na «pendencia européa» de 1580, só em Roma falleceram 9.000 pessoas de *influenza*. Do mesmo mal morreram 4.000 pessoas em Dublin, durante o anno de 1837. E 6.239 foram victimadas em Paris por essa epidemia, que em 1888 ahi reinou.

Li tambem, num bom livro, escripto a respeito desse assumpto, que só numa noite, em S. Petersburgo, 50.000 pessoas cahiram doentes de *influenza*.

E os jornaes contemporaneos publicaram—que em Agosto de 1894 calculara-se em 250.000 o numero de pessoas atacadas de *influenza*, na cidade de Buenos-Ayres.

Uma estatistica, organizada então pelo Dr. Penna, confirma esse computo.

Em fevereiro de 1900, o frio foi intensissimo em Madrid. A média dos obitos, causados então pela *influenza*, se elevou a 70.

Oxalá que a *influenza* se afaste para bem longe do Brazil...

A. Milton.

O VISCONDE DE CAVALCANTI

Passamos para as nossas columnas as notas biographicas que o «Jornal do Commercio» publicou por occasião do fallecimento do grande brazileiro e prestante consocio conselheiro Diogo Velho Cavalcanti de Albuquerque, em Juiz de Fóra, a 14 de Junho de 1899:

«Não podemos, sob pena de grave injustiça aos consideraveis meritos do finado, registrar laconicamente a dolorosa noticia, e, embora o tempo nos falte, vamos esboçar em traços rapidos a silhueta de sua individualidade politica.

Não foi uma aguia, comparado com outros illustres varões que com tanto brilho figuram na historia politica do segundo reinado, mas tambem não foi uma figura secundaria.

Pertenceu á classe dos homens que se deixam ficar em um plano inferior, mas que podem, querendo, galgar as mais elevadas posições.

O Visconde de Cavalcanti nasceu na capital da Parahyba no dia 9 de Novembro de 1829; morreu, pois, com a idade de 70 annos, podendo-se dizer que meio seculo de sua vida foi consagrado ao serviço publico.

Seu pai, do qual herdou o nome, era um rico agricultor da Parahyba e sua mãi chamava-se Angela Sophia Cavalcanti Pessoa.

O Visconde de Cavalcanti fez com brilhantismo o seu curso academico em Olinda, bacharelando-se em sciencias juridicas e sociaes e encetando depois a sua carreira na magistratura como Promotor Publico de uma das villas de sua provincia natal.

A sorte, que acompanha sempre os passos primeiros dos homens notaveis e os não abandona jámais, ora favorecendo-os, ora castigando-os com c… seus caprichos, quiz proporcionar ao joven, que e… um neophyto na magistratura, asado ensejo p…ra a revelação de seus talentos privilegiados.

Procedera-se na Provincia ás eleições. Suffragado pelo voto popular o nome do Dr. Trajano Olympio de Hollanda Chacon, a paixão politica, sempre funesta nos seus designios, decretou e executou o assassinato do novel deputado geral.

Coube ao Dr. Diogo Velho accusar, como Promotor Publico, que era, os autores do revoltante crime.

Nunca um libello foi com tanta logica e tanto vigor defendido por um representante da Justiça Publica.

A palavra do joven Promotor tomou todas as feições, assumiu todas as modalidades: nobre e austera ia desenrolando argumentos juridicos irrefutaveis; vingadora e raivosa, cahiu, com toda a força de um anathema, sobre a cabeça dos assassinos: philosophica e patriotica, tirou do facto illações profundas e de grande alcance para a moral politica.

Estava sagrado o homem, que tão galhardamente estreiara na vida publica.

O temperamento de Diogo Velho dizia melhor com a politica do que com a magistratura.

Elle proprio assim o entendeu e escolhendo entre os dous grandes e fortes partidos que se revesaram no poder durante o reinado do Sr. D. Pedro II aquelle cujas idéas se achavam mais de accordo com as suas, alistou-se nas fileiras conservadoras, mantendo-se até 1889 fiel á sua bandeira.

Rapida e brilhante foi a carreira politica do Dr. Diogo Velho.

Depois de occupar varios cargos administrativos na Parahyba, foi eleito 1· Vice-Presidente da Provincia e posteriormente, diversas vezes, Deputado provincial e Deputado geral.

Foi Presidente de tres Provincias: do Piauhy, em 1859, do Ceará, em 1868 e de Pernambuco, em 1870.

Em todas essas provincias deixou elle traços indeleveis de sua passagem, revelando-se um administrador de grande valor, energico quando em

preciso prestigiar o principio da autoridade, previdente sempre, trabalhador e dedicado em extremo ao cumprimento de seus deveres.

Em qualquer dessas tres provincias o nome de Diogo Velho ha de ser sempre respeitado e querido.

Homem de partido, tinha que soffrer, tambem, naturalmente os revezes do grande grupo a que estava filiado.

Quem quer que conheça a evolução politica do Brazil sob o segundo reinado deve saber que nessa época os partidos existiam de facto, distinctos, fortes, poderosos, como aggremiações organizadas e não como corpos amorphos que se fundissem e se dissolvessem ao sabor das conveniencias.

Houve movimentos de quasi radical transformação como a Liga, mas esses movimentos não eram constantes e as raras metarmorphoses ou transmutações partidarias faziam-se com um fim determinado e certo, tinham um movel, passavam rapidas, sem a balburdia das agitações, solidificando-se dentro de pouco tempo.

A luta, por vezes encarniçada, entre os partidos liberal e conservador, travava-se quasi sempre no terreno da competencia politica; a transicção effectuava-se alternada e naturalmente, os grupos se revesavam no poder normalmente.

Porque assim succedia, o homem politico, como parte integrante de um todo homogeneo, era obrigado a soffrer tambem os revezes do seu partido, cedendo aos adversarios as posições e trabalhando para de novo conquistal-as com o predominio da situação liberal, no periodo decorrido entre 1863 e 1868 o Conselheiro Diogo Velho, que era um dos mais conspicuos membros do partido conservador, conservou-se inactivo, esperando a hora, que fatalmente havia de chegar, da queda dos seus adversarios.

Operando-se esse movimento, que de tempos em tempos se repetia como facto natural e logico, Diogo Velho voltou de novo á arena e, no 2º gabinete Ita-

borahy, foi chamado a occupar a pasta da Agricultura, Commercio e Obras Publicas.

Em 1875 desempenhou o cargo de Ministro da Justiça e dos Negocios Estrangeiros.

Em 1877 a Provincia do Rio Grande do Norte incluiu-o na lista triplice, em que a Corôa devia escolher um nome para occupar uma curul senatorial que vagara.»

— —

A circumstancia de, estando no ministerio, ser eleito por uma provincia que não era a de seu nascimento deu logar a ser falsamente attribuido este resultado á intervenção official. Houve até quem escrevesse que o Imperador a reprovara; temos porém documento escripto do contrario.

A candidatura foi levantada pelos numerosos parentes nos dois partidos politicos e amigos que Diogo Velho tinha no Rio Grande do Norte, provincia limitrophe da sua e com esta intimamente ligada pela reciprocidade de relações sociaes, homogeneidade de população e enlace das principaes familias. A eleição correu na maior calma sem que tivesse havido alteração alguma no pessoal da administração provincial e por conseguinte sem que o governo interviesse por qualquer forma.

E' portanto pura phantasia a phrase: «. . .*Diziam outros que o facto de incluir-se um ministro em lista senatorial de provincia estranha, e de ser portanto escolhido com detrimento de naturaes e legitimos candidatos da terra, lhe provocara na Europa profundo desgosto*».

. . . .

do Sr. J. M. Pereira da Silva nas suas «*Memorias do meu Tempo*» (vol. 2. pag. 182), obra aliás competentemente julgada pelo illustre litterato José Verissimo (Revista Brazileira, 65· fasciculo 1.º de Setembro 1897, pag. 314) que a considera até perniciosa pelas inexactidões nella contidas.

«Nesse facto está perfeitamente synthetisado o prestigio e o valor politico que Diogo Velho gozava.

Caxias, que era então Presidente do Conselho, impuzera e conseguira a escolha do nome do eminente parahybano.

Não bastava, porém, a vontade do Imperador (*) para que a escolha se tornasse effectiva: o Senado tinha que resolver sobre ella, approvando ou rejeitando-a.

Era então voz geral que a nossa Camara Alta recusaria o seu voto á decisão do Monarcha.

Se asim acontecesse, a derrota não alcançaria somente o candidato: feria de morte o Gabinete e derrubava com elle a situação conservadora.

O clarividente Caxias assim o entendeu e poz em acção o seu prestigio para que o Senado approvasse a escolha.

Mesmo no dia do pleito, os espiritos estavam indecisos, a situação não parecia de antemão definida, tudo era incerto e vago, duvidoso e imprevisto.

Soou emfim a hora da batalha.

Diogo Velho venceu por um voto apenas de maioria.

Estava conjurada a crise. O Gabinete triumphára.

Como se vê, nesse momento o morto de hontem personificou todo o seu partido.

Era digno de tal quem sempre se mostrara fiel á sua bandeira, supportando os revezes com a mesma tranquillidade dos momentos felizes.

Era um bello typo de homem partidario.

Delle se poderá dizer o que Charles Dupuy disse recentemente em Pariz na inauguração do monumento de Charles Floquet:

«Confiants et fidéles, les hommes de son caractère ressemblent á ces voyageurs résolus qui garnis pour une longue route, ne se laissent courber un moment á l'inquiète mélancolie du une hante que pour repartir d'un pas plus ferme aux primiéres lueurs de l'aurore. Les heures douloureuses ne lui furent point épargnées, malgré l'irréprochable dignité de sa vie; mais

(*) A escolha foi da Princeza Regente.

si elles laissérent son cœur inconsolé, elles n'effleurérent jamais ni ses espérances sociales ni ses convictions».

Em 1886 Diogo Velho foi nomeado veador da Imperatriz e dous annos depois agraciado com o titulo de Visconde de Cavalcanti.

Em 1889 foi o Visconde um dos escolhidos para representar o Brazil na Exposição Universal de Pariz.

O advento da Republica encontrou-o no exercicio dessa missão.

O Visconde de Cavalcanti, comprehendendo que não devia continuar a militar na politica, permaneceu na Europa.

Ha pouco tempo voltou elle de novo ao seio da Patria, que tanto soube honrar e dignificar.

Completamente cego e abatido pelo peso dos annos, foi procurar repouso no Estado de Minas Geraes, de onde, hontem, nos veiu, pelo telegrapho, a noticia de seu fallecimento.

A' sua Exma. familia apresentamos os nossos sentidos pesames, e á Patria, que nelle perdeu um dos seus mais illustres filhos.»

Era: grande do Imperio, veador da Imperatriz, commendador da ordem de Christo do Brazil, Grande official da Legião de Honra, e gran-cruz da ordem de N. Senhora da Conceição de Villa Viçosa de Portugal e da Corôa Real da Prussia. Socio honorario do Instituto Archeologico de Pernambuco, do Lyceu de Artes e Officios do Rio de Janeiro, da Associação Beneficente de D. Pedro V, socio da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, socio correspondente do Instituto Geographico e Historico da Bahia e de varias outras associações nacionaes e estrangeiras.

---*---

O antigo palacio do Governo da Bahia

Varias têm sido as transformações por que tem passado o novo e sumptuoso palacio do Governo.

Tendo Thomé de Souza escolhido logar apropriado pela commodidade da situação e defeza da cidade, para sua residencia, mandou construir o palacio em 1549, sendo fabricado de taipa e barro. passando-se para elle logo que se concluiu. Ahi tambem residiram os demais governadores até que o capitão-general Francisco Barretto de Menezes, no mesmo logar em que se havia feito o de taipa, mandou, em 1663, construir outro de pedra e cal, como se vê da inscripção que se achava sobre a porta principal do palacio, que diz assim:—*Reinando El rei D. Affonso VI. mandou fazer esta obra Francisco Barretto, governador e capitão-general deste estado, no anno de mil seiscentos sessenta e tres (1663).*

Esse edificio tinha 20 braças de frente com onze rasgadas janellas e um passadiço para o Tribunal da Relação sobre quatro arcos, passadiço que foi demolido ha poucos annos; dividindo-se pelo norte com a praça do mesmo Palacio, e ao sul com o edificio da Thesouraria de Fazenda.

Ainda em 1687 não estava de todo acabado segundo se lê em uma portaria de 1 º de Agosto desse anno em que se ordenava que o capitão de engenheiros fosse ver todos os reparos e mais obras de que o palacio necessitava, fazendo-se o que fosse necessario.

No livro do *Tombo dos proprios nacionaes* lê-se o seguinte auto de medição. (*)

«Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1772, aos 29 dias do mez de Maio, nesta Cidade do Salvador, Bahia de Todos os Santos, no palacio da residencia dos Srs. governadores desta capitania, aonde eu escrivão fui vindo, presente o

---

(*) *Brazil Historico* vol. 1.· pag. 253.

desembargador Miguel Serrão Diniz, conselheiro do conselho ultramarino, e bem assim o desembargador Francisco Manuel de Souza Costa, procurador da real fazenda, e sendo tambem presentes o engenheiro Manuel de Oliveira Mendes e Alexandre Marques da Silva, mandou o conselheiro juiz do tombo, depois de vista e examinada uma fita de linho, que por ella se procedesse exactamente na medição do palacio, e tomadas todas as suas medidas, se achou que o referido palacio occupa de frente duzentos palmos; da parte do léste com a entrada que faz a praça com a rua Direita das Portas de S. Bento cento e noventa e tres palmos, sendo setenta e cinco com o mesmo frontispicio que tem a frente principal; da parte do oeste que vai do corpo da guarda para a ladeira da Conceição, e faz frente lateral para o mar, cento e oitenta e sete palmos; o fundo do palacio, em que está a cosinha, fecha a quadra do pateo, que encosta da parte do sul com o fundo das casas do capitão Fortunato José Rodrigues Pinheiro, e com os da Santa Casa da Misericordia.

E nesta conformidade houve elle conselheiro juiz do tombo, e officiaes medidores por bem feita a presente medição».

O edificio do palacio era contiguo a um sobrado particular pertencente a D. Michaela dos Passos, o qual foi depois comprado pelo Estado, e annexado ao palacio.

Naquelle sobrado havia uma grande porta que servia de cocheira, e que fôra alugada pela proprietaria para um estanco ou loja de tabaco de um portuguez de nome Joaquim Grulha, onde se reuniu constantemente grande numero de pretos africanos e outras pessoas da plebe, que iam ali fornecer-se de fumo, rapé, cigarros, e palestrar, os quaes soffriam de vez em quando impertinencias e descomposturas do dono da loja, quando, segundo diziam, estava elle com o *calundú*, e por isso ficou o portão que passou a pertencer ao palacio conhecido po *porta do calundú*. (*Resumo Chronologico da Bahia.*)

Acima da janella superior á porta principal lia-se uma inscripção em laminas de cobre, de quatro palmos em quadro e em lettras abertas em relevo inteiro, em que por ordem do governo se perpetuava a elevação da dymnastia de Bragança ao throno portuguez em 1640. (*)

Accrescenta Accioli:

«Apesar da antiguidade desta inscripção, e da força typica da cal, ainda alguns dos seus caracteres conservavam o primeiro douramento, que de ordem do presidente Francisco de Souza Martins foi retocado, e tornada a collocar no mesmo logar.»

Com o correr do tempo o governo geral dispendeu avultadas quantias com os reparos do palacio, além dos que eram feitos por conta da antiga provincia.

O palacio servia, no pavimento superior, para morada dos presidentes, e de secretaria. No pavimento terreo, além da guarda de palacio, havia o archivo da secretaria, a Caixa Economica e a repartição das obras publicas.

Em Dezembro de 1887 o presidente cons. Machado Portella pediu ao governo geral a restauração do palacio, que ameaçava desabar, orçada, então, em 70 contos; e quando, no anno seguinte, o governo da provincia insistia pela obra inadiavel, o ministro, em resposta, concedeu apenas 14 contos «para concertos, pintura e decoração» do paço, irremissivelmente condemnado.

Com a proclamação da republica, o governador Dr. Manuel Victorino officiou a 16 de Janeiro de 1890 ao engenheiro director das obras publicas, que tendo recebido do ministro do interior autorização para proceder ás obras de reconstrucção do palacio, fosse annunciada a concurrencia, afim de que ellas tivessem prompto começo de execução, de conformidade com o plano apresentado, feitas as

(*)—Estas placas de cobre acham-se no Instituto, offerecidas pelo secretario das obras publicas e distincto consocio Dr. José Antonio Costa.

modificações indicadas pelo mesmo Governador ao Dr. Alexandre Freire Maia Bittencourt.

No dia 24 de Janeiro, em virtude das obras decretadas, mudou-se a secretaria para os commodos onde funccionava a Assembléa provincial, no Paço municipal.

Orçadas as obras em cento e cincoenta contos, então, começaram os trabalhos de reconstrucção no dia 24 de Fevereiro, por pequenas empreitadas.

Por Aviso de 30 de Junho de 1891, assignado pelo cons. Araripe, o governo federal, attendendo ao estado das obras, concedeu como auxilio por uma só vez mais um credito de 50 contos de reis.

Em Outubro de 1891, sendo os palacios encorporados aos respectivos Estados, proseguiram as obras novamente orçadas em duzentos e cincoenta contos pela verba «obras publicas» e por conta do Estado.

Em 1896 o actual governador, cons. Luiz Vianna decide resolutamente o acabamento do edificio, cuja construcção ia bastante demorada, encarregando a Secretaria das obras publicas da sua execução; e, graças á sua força de vontade, conta hoje o Estado da Bahia mais um edificio solidamente construido e elegante.

Muitos são os factos da nossa chronica colonial e da historia dos nossos dias que se acham ligados ao antigo palacio do governo, dos quaes os seus velhos muros foram mudas testemunhas.

Pela invasão hollandeza, em Maio de 1624, o governador—geral Diogo de Mendonça Furtado, reconhecendo insustentavel a resistencia que offerecera ao inimigo ás portas da cidade, recolhera-se em palacio, de cujas janellas respondiam ao ataque das tropas invasoras.

Seguiu-se finalmente a prisão de Diogo de Mendonça e dos seus companheiros, sendo conduzidos

para bordo. Nas ameias do palacio tremulou então o pavilhão hollandez.

Fazendo erupção, no Brazil, em 1686, uma violenta epidemia, que o vulgo denominou—*mal da bicha*, desenvolveu-se intensamente na Bahia, da qual fora victima o governador Mathias da Cunha, que falleceu em palacio a 24 de Outubro de 1688.

Anteriormente, haviam ahi fallecido os governadores Lourenço da Veiga, a 17 de Junho de 1581, e Manuel Telles Barretto, em Março de 1587.

No governo do 3· conde de Castello-Melhor, D. Pedro de Vasconcellos e Souza (1713-1714,) o povo, que recebera com animosidade o imposto de 10 $^o/_o$ sobre o valor de todos os generos de importação e o augmento do preço do sal, reune-se em attitude hostil, cerca o palacio e exige a abolição daquelles tributos. Apesar da interferencia do arcebispo, o povo só cedeu depois que viu satisfeitos os seus desejos.

Sob o vice-reinado de D. Vasco Fernandes Cesar de Menezes, Conde de Sabugosa, foi installada em palacio a *Academia Brazilica dos Esquecidos*, em Março de 1724, constituida dos homens mais eruditos da epoca.

De 24 de Janeiro a 24 de Fevereiro de 1808 estiveram hospedados em palacio D. João VI e toda a familia real portugueza, transferindo o governador, Conde da Ponte, a sua residencia para o sobrado fronteiro, até bem pouco tempo conhecido por casa de Caetano de Mattos, no começo da rua Visconde do Rio Brancc.

A estada do principe regente na Bahia foi de grande importancia para a historia da independencia do Brazil.

Entre os grandes actos emanados do principe regente salienta-se a importante Carta Régia de 28 de Janeiro pela qual foram declarados abertos os portos do Brazil á todas as nações amigas; a creação de uma Escola cirurgica; a construcção de todas as obras necessarias para a defeza do porto; abertura de estradas, etc.

Datados de palacio, foram expedidos, em 1837, os primeiros decretos do ephemero governo do vice-governador do estado da Bahia, João Carneiro da Silva Rego. (*A Sabinada*).

Em 1859 serviu de residencia provisoria a S. S. Magestades D. Pedro de Alcantara e D. Thereza Christina e sua comitiva em visita ás provincias do Norte. Nessa occasião os veteranos da independencia deram a guarda de palacio.

Finalmente, no dia 15 de Novembro de 1889, com a proclamação da Republica no Rio de Janeiro, que o presidente cons. Almeida Couto considerou mero levante de quarteis, foi redigido em palacio um manifesto de adhesão ao imperador D. Pedro 2º., o qual foi subscripto por grande numero de influencias politicas de ambos os partidos dominantes.

Dois dias depois, esse documento, que devia ser dado á publicidade, foi consumido.

O palacio em 1859

Extractamos do *Jornal da Bahia* a descripção do antigo Palacio do Governo da Bahia, por occasião da visita de S. S. M. M. Imperiaes em Outubro de 1859, escripta pelo seu redactor chefe o Dr. Francisco José da Rocha.

O conselheiro Manuel Messias de Leão, vice-presidente da provincia, logo que teve participação official da viagem de S. S. M. M., nomeou uma commissão composta dos commendadores Antonio Pedroso de Albuquerque, Manoel José de Almeida Couto e Joaquim Pereira Marinho, que tratasse com zelo e promptidão do preparo e decoração do palacio do governo, que deveria servir de paço imperial.

A illustre commissão desempenhou cabal e satisfactoriamente a sua tarefa, correspondendo dignamente á espectativa dos seus compatriotas, e decla

rou ao governo que ficavam á sua disposição muitos dos objectos que, á expensas suas, mandáram collocar no palacio, e entre elles alguns de grande valor.

«O exterior do palacio foi pintado de amarello com portas brancas, tendo na janella do centro um mastro onde devia tremular o estandarte imperial.

A escada de pedra, que é a entrada principal, estava toda alcatifada de tapetes e conduzindo á uma grande sala de espera convenientemente preparada, ornada de arandellas, cujas paredes tingem uma bonita côr de pedra.

Para a direita desta sala, segue-se a do despacho de S. M. I.

A sua mobilia de jaqueira, é de um gosto singelo, mas elegante. O espaço entre as duas janellas da frente é occupado por um rico espelho, e defronte delle um magnifico relogio de bronze dourado, reliquia ainda da afamada mobilia de Cerqueira Lima. Um pouco adiante, uma mesa oval de mogno, coberta com um panno avelludado, tinha em cima uma escrevaninha de prata de 20 polegadas de comprimento, formando uma concha, que tem em cada uma de suas extremidades duas nymphas sentadas, sendo cada uma destas figuras de grande perfeição e primoroso trabalho. A sala é alcatifada de um oleado de bonitos desenhos, e as cortinas das janellas de finissima cassa branca.

A sala de jantar de S. S. M. M. é mobiliada de mogno e alcatifada de oleado.

Sobre a mesa e aparadores admirava-se um esplendido serviço de prata massiça, contendo peças importantissimas, não havendo para a mesa de S. S. M. M. um só prato que não seja desse metal e de trabalho artistico admiravel. Os talheres são todos de ouro.

Seguindo para o lado da rua direita, vê-se o aposento destinado ao ministro do imperio mobiliado de jacarandá com alcatifa tambem de oleado, e communicando com tres commodos, dos quaes um é a

sala de recepção e despacho, e os outros para os officiaes de gabinete.

Tomando-se para a esquerda da grande sala de espera, entra-se pela sala de recepção official com 70 palmos de comprimento e 30 de largura. E' toda alcatifada de tapete vermelho com desenhos escuros; tem uma bonita mobilia de mogno, de gosto não muito antigo, um lustre de vidro com 24 mangas, um grande espelho, estando as portas e janellas adornadas com bellissimas cortinas. No tôpo desta sala acha-se collocado o retrato do illustre cidadão José Bonifacio de Andrada e Silva.

Dahi passa-se para a sala de recepção, denominada —*sala vermelha.*

Tendo as mesmas dimensões que a precedente, foi alcatifada de tapete vermelho, e as paredes forradas de papel vermelho dourado; as cortinas são de cassa branca fina com bambinellas de seda escarlate e enfeites da mesma côr. O tecto é de feitio antigo formando diversos quadros pyramidaes, pintado de branco com frisos dourados. A mobilia a Luiz XV, é de mogno estofada de damasco vermelho.

Sobre os *consolos* ha dous espelhos grandes dourados, e um relogio de bronze dourado, de grande valor. Contigua á esta, e dando todos tres para a praça, fica a sala de docel, que chamaremos a *sala verde,* a qual tem quatro janellas para o mar, donde se descobre toda a bahia.

E' alcatifada de tapete verde, e as paredes são forradas de papel verde dourado.

As cortinas de seda verde e amarella, e o tecto branco tendo no centro a corôa imperial.

Na parede da esquerda ha 3 grandes retratos:— do sr. D. Pedro 2.º, de S. M. a Imperatriz, e do sr. Pedro 1.º, cobertos com setim verde. No fundo está o docel. Sobre tres degraus forrados de velludo verde e orlados de galão de ouro verdadeiro, ha duas cadeiras de braços, ambas douradas em obra de talha, estofadas de damasco escarlate de Lyão. Ao lado de cada uma dessas cadeiras ha um bofete de velludo verde, agaloado de ouro, e em cima delle

duas almofadas da mesma fazenda com borlas tambem de ouro.

Duas grandes e elegantes cortinas de velludo tambem verde circuladas de ouro caem de uma grande corôa dourada, da qual se desprende uma magestosa sanefa de velludo verde, orlado de galão, com borla de canutilho.

Todas estas salas communicam com a sala de jantar de estado, que tendo duas janellas para o mar atravessa todo o palacio até a rua Direita.

Esta sala tem mais de 200 palmos de extensão e é ricamente mobiliada com cadeiras de páo setim, tres sophás da mesma madeira, e seis aparadores, dentro dos quaes ha serviços completos tanto de porcellana e crystal, como de prata, merecendo especial menção algumas salvas e pratos travessos de prata.

No meio da sala ha duas grandes mesas ovaes, sobre as quaes, entre varios objectos de gosto e valor, ha tres peças muito importantes que pertenceram á casa Cerqueira Lima: são duas serpentinas de bronze dourado com mangas de crystal, e uma jardineira do mesmo metal, com um grande e bem acabado ramo de flores de panno.

Perto de uma das janellas que deitam sobre o mar ha um grande oculo de alcance, galvanisado de prata, e no espaço entre as duas janellas, em frente de um grande espelho, sobre pedestal de mogno dourado vê-se uma bacia de prata, circulada com uma grinalda de cerca de 80 polegadas de circumferecia, sobresahindo do centro uma rocha, da qual ergue-se uma Nayade, tambem de prata, que tem na cabeça uma rosa, de cujo centro sae o esguicho.

A figura, que tem 30 polegadas de altura, é de uma execução irreprehensivel, núa, apenas com uma toalha que lhe pende dos hombros. Aos pés nadava um bello cysne de prata, que parecia com o bico segurar a ponta inferior da toalha.

No fundo da sala, sobre um pedestal de jacarand , ha uma grande jarra de prata de mais de 60

polegadas de altura, e toda lavrada em relevo, com quatro azas entre as quaes quatro Nayades.

A tampa tinha por aza um cysne.

O coco, para tirar agua da jarra, figura um grande calix de flor sahindo de oito folhas; e o cabo, de cerca de 30 polegadas, é o seguimento de uma linda sereia.

Esta talha no pedestal tem 7 palmos de altura, e na sua maior circumferencia cerca de dez. Avaliam-se estas peças em 12:000$000.

No andar superior, ao sahir da escada, tambem coberta do tapete, entra-se em uma sala de espera, esteirada, com mobilia de jacarandá a Luiz XV. Junto ao sophá ha uma mesa oval toda de tartaruga com pés e rodellas de prata: os *consolos* de pedra côr de noz raiada de preto.

Os aposentos de dormir de S. S. M. M. occupam o centro do pavimento superior dando as janellas para a rua Direita de Palacio, e ao lado de cada um destes quartos os *toilettes*.

Ahi é que se acha a magnificencia e o luxo.

O toucador de S. M. a Imperatriz é alcatifado de um lindo tapete avelludado, e a mobilia consta de um sophá e doze cadeiras de mogno estofadas, dous consolos com pedra branca sustentando dous espelhos de moldura dourada, e tres serpentinas de prata com cinco ou seis mangas de crystal, figurando uma dellas uma magestosa palmeira. No fundo ha um grande espelho dourado, elevando-se do chão até mais de meia altura da parede, e em frente delle uma mesa redonda de charão, embutida de madre-perola, com um pequeno e lindissimo tinteiro de prata rendada, cujos vasos são de crystal azul. No meio uma mesa redonda de Sebastião d'Arruda com pedra marmore toda de mosaico embutido de varias cores e formas. O lavatorio é de mogno com pedra branca; tem um jarro e bacia de prata dourada, e dous jarros de crystal côr de canna, sobre os quaes ha dous espelhos concavos reflectindo todo o aposento. Ha tambem dous guard-vestidos de mogno, e um piano suisso de excellen

qualidade, um toucador com espelho oval, muitas perfumarias, etc.

O quarto de dormir de S. M. a Imperatriz tem a alcatifa igual ao do seu toucador. O leito é de jacarandá com talha de grande trabalho artistico, cortinados de gasse com ramos e a cupola dourada. A mobilia consta de um sumptuoso sophá e sete cadeiras a Luiz XV, de talha dourada sobre mogno massiço, e estofadas de seda de Lyão vermelha com adamascado dourado; de dous consolos do mesmo estylo com pedra branca, e tendo duas serpentinas de prata com jarras chinezas.

O quarto de dormir de S. M. o Imperador tem a mesma rica mobilia de talha dourada, que o de S. M. a Imperatriz, e alcatifa igual. O leito é tambem de jacarandá, e as colchas de seda amarella bordada de matiz da India, havendo mais um guarda-roupa de jacarandá, duas grandes serpentinas de prata com mangas de crystal e jarras chinezas: capachos de lã de carneiro e reposteiro de seda azul.

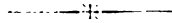
O gabinete particular ou toucador de S. M. o Imperador tem um grande sophá com oito cadeiras de mogno, uma mesa de Sebastião de Arruda sustentada por quatro mochos com as azas abertas, e tendo uma rara pedra marmore transparente amarello com grandes veias brancas como madre perola, pedra julgada superior ao alabastro.

Sobre esta mesa ha um rico e primoroso tinteiro de prata, uma charuteira e duas pequenas jarras de prata bordadas em relevo O toucador, o guarda-roupa e o lavatorio são de erable embutido de mogno com pedra branca.

Sobre um dos *consolos* ha uma magnifica serpentina de prata com mangas de crystal e duas jarras grandes de prata para flores. Sobre o outro ha um relogio de prata, que é a peça que mais tem prendido a attenção, não só pelo seu tamanho, como pela belleza do seu trabalho. Representa um leão e um veado sustentando uma pequena grinalda da qual sa um braço de homem com um martello, assentando os dous animaes, como a bandeija do relogio,

em um pedestal baixo de jacarandá coberto de velludo escarlate. De uma outra grinalda superior sae o mostrador, sobre o qual ha um passaro que parece amedrontado com o sussurro da pendula, querendo transmittir seus receios a um outro passaro que está mais alto. Nos lados do mostrador dous astronomos consultam o tempo e o determinam. Estas duas figuras têm cerca de 12 polegadas de altura cada uma, e são de prata lixada. Tudo revela o mais primoroso trabalho.

Todos estes commodos têm arandellas de prata com braços e mangas de crystal.

A' direita da sala de espera encontra-se a capella na qual ha dous nichos com dez imagens de prata».

CATALOGO DOS JORNAES BAHIANOS

(Continuação)

197	O Bom Senso.	1856
198	O Estudante.	1856
199	O Povo. 7 de Abril	1856
200	O Raio. 1° de Outubro	1856—57
201	A Lei. (1) 14 de Abril	1857
202	A Opinião. (2) 22 de Julho	1857—58
203	Echo Republicano.	1857
204	O Espelho Magico.	1857
205	O Fiscal. (3)	1857—58
206	O Justiceiro. 5 de Agosto	1857
207	O Rebate.	1857
208	A Imprensa. (4) Dezembro	1858—60
209	O Echo da Ordem. Abril	1858—59
210	O Ferro. (5) 20 de Fevereiro	1858
211	O Norte. (6) Agosto	1858
212	O Pharol. (7) Setembro	1858—59
213	O Telegrapho. 14 de Janeiro	1858
214	O Tempo.	1858
215	O Echo Bahiano.	1859—60
216	A Abelha. (8) Fevereiro	1860—61
217	Bibliotheca Bahiana.	1860
218	Correio do Norte. (9) 8 de Fevereiro	1860
219	Estrella do Norte.	1860
220	Jornal da Tarde.	1860
221	O Brazil Catholico.	1860—63
222	O Descentralisador 21 de Abril	1860—61
223	O Diabo a Quatro. Fevereiro	1860
224	O Direito.	1860—63
225	O Estudante.	1860

---

(1) Periodico politico, litterario e commercial.
(2) Periodico politico.
(3) Redactor e responsavel Joaquim José de Araujo.
(4) Periodico politico, litterario e noticioso. Typ. de Antonio Olavo da França Guerra.
(5) Periodico liberal e progressista.
(6) Jornal politico, litterario e commercial.
(7) Periodico politico e litterario.
( ) Jornal politico, litterario e noticioso.
( ) Periodico politico, moral e litterario.

226 O Interesse Publico. (1) 1860—70
227 O Kaleidoscopo. 1860
228 O Lyceista. 1860
229 O Maribondo. (2) 13 de Agosto 1860
230 A Constituição. (3) 1861—63
231 A Cabeçada. 1861
232 A Reforma da Instrucção. 1861
233 Gazeta Medica. (4) 1861
234 Interesse Agricola. 1861
235 O Artista. 6 de Novembro 1861
236 O Capoeira. 1861
237 O Caradura. 1861
238 O Casmurro. 1861
239 O Cosmopolita. 28 de Outubro 1861—62
240 O Cruzeiro. Abril 1861—64
241 O Diabo. 28 de Dezembro 1861—62
242 O Pharol da Razão. 1861
243 O Porvir. 1861
244 Recreio das Senhoras. 1861
245 A Bahia. 1862
246 A Bomba. 1862
247 A Barroca. 1862
248 A Experiencia. Outubro 1862
249 A Luz. 1862
250 A Matraca. 1° de Maio 1862
251 A Nova Epocha. 2 de Outubro 1862—63
252 A Platéa. 1862
253 A Sentinella. 1862
254 A Thesoura. 1862
255 A Violeta. 1862
256 Auxiliador das Artes. 1862
257 Echo Litterario. 1862
258 Jornal Satyrico. 1862
259 O Anjo da Guarda. 10 de Março 1862

(1) Redigido por Domingos Guedes Cabral. Foi processado e preso, sendo solto em Outubro de 1862.
(2) Jornal das verdades.
(3) Periodico politico. Reappareceu em 1865.
(4) Houve outra de igual nome, fundada em 1866, que ainda vive.

260	O Arrocho.	1862
261	O Conciliador.	1862
262	O Estudante.	1862
263	O Lyrico.	1862
264	O Imperialista.	1862
265	O Orgão da Razão e da Lei. 6 de Abril	1862
266	O Panno do Theatro.	1862
267	O Popular. (1) Novembro	1862–63
268	O Telescopio.	1862—63
269	O Vigilante. 1º de Fevereiro	1862
270	A Estrella.	1863
271	A Patria.	1863
272	A Religião.	1863
273	O Alabama. (2) 21 de Dezembro	1863—91
274	O Brazil. (3)	1863
275	O Investigador.	1863
276	O Observador. (4) 14 de Dezembro	1863—66
277	O Patriota. 8 de Março.	1863—65
278	Periodico do Instituto Historico da Bahia. (5)	1863—64
279	Primeiro de Março.	1863
280	A Catana.	1864
281	A Situação.	1864
282	A Tempestade. (6) 15 de Setembro	1864
283	Dous de Julho.	1864
284	Echo do Norte	1864
285	O Gaz. 23 de Maio	1864
286	O Liberal.	1864
287	O Mohican. (7) 21 de Janeiro	1864
288	Sancho Pança.	1864
289	Sete de Setembro.	1864
290	A Constituição. (8)	1865—67

(1) Jornal politico, noticioso e critico.

(2) Periodico critico e chistoso. Typ. do *Interesse Publico.* Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama.*

(3) Jornal catholico, litterario e noticioso.

(4) Jornal politico, litterario e noticioso.

(5) Publicou 8 fasciculos apenas.

(6) Jornal critico e litterario.

(7) Jornal do Povo e para o Povo.

(8) Jornal politico. Propriedade de Fortunato Antonio de F[illegible]itas.

291	A Critica.	1865
292	A Droga.	1865
293	A Estrella d'Alva. (1)	1865—66
294	A Imprensa.	1865
295	O Applicador. (2) Fevereiro	1865—90
296	O Cosmorama.	1865
297	O Critico.	1865
298	O Imparcial. 20 de Fevereiro	1865
299	O Novo Patriota. 16 de Junho	1865
300	O Observador.	1865
301	O Pharol. (3) Abril	1865—69
302	O Voluntario.	1865
303	Revista Academica. (4) Maio	1865
304	A Aurora. Julho	1866—67
305	A Bomba.	1866
306	Bosquejo Litterario.	1866
307	Botão de Rosa.	1866
308	Crepusculo.	1866
309	Gazeta Medica da Bahia. (5) 10 de Julho	1866—99
310	Jardim Recreativo.	1866
311	O Agricultor Bahiano. (6) 20 de Junho	1866

---

(1) Periodico litterario e scientifico.

(2) Periodico mensal do Collegio Septe de Septembro. O seu ultimo numero é de Julho de 1890. Era redigido pelo illustrado director do Collegio, o Dr. Luiz F. Pinto de Carvalho.

Foi publicado a principio na Typ. de E. Pedrosa, e depois nas de França Guerra e João Tourinho.

(3) Jornal politico e litterario. Redigido por Bellarmino Barretto.

(4) Publicação mensal. Periodico scientifico e litterario: redactores Americo Pacheco, Satyro Dias, A. Pacifico Pereira, Aprigio de Menezes e Rozendo Muniz Barretto.

(5) Fundada pelos Drs. Virgilio Climaco Damazio e Antonio Pacifico Pereira.

(6) Escripto pelo Dr. Alexandre José de Mello Moraes e consagrado exclusivamente aos interesses da agricultura brazileira sob os auspicios do Imperial Instituto Bahiano de Agricultura.

312 O Azorrague. 1º de Dezembro 1866
313 O Brado do Povo. Jornal politico 1866—67
314 O Cachorro. 1866
315 O Capeta viajante. 1866
316 O Diabo Côxo. 1866
317 O Instituto. 1866
318 O Liberal Progressista. 19 de Fevereiro 1866
319 O Novo Maribondo. 15 de Novembro 1866—67
320 O Oculo Magico. 19 de Maio 1866—72
321 O Progressista. 1866—68
322 O Renegado. 5 de Dezembro 1866—67
323 A Nova Sempre-Viva. 22 de Novembro 1867—68
324 A Canastra. 1867
325 Bemtevi. 1867
326 Correio do Povo. 9 de Agosto 1867
327 A Machambomba. 29 de Julho 1867
328 O Corisco. Illustrado. 1867
329 O Debate. 3 de Maio 1867
330 O Defensor do Povo. 1867
331 O Despertador. 1º de Outubro 1867
332 Orgão da Lei. (1) 26 de Outubro 1867—68
333 O Namoro. 1867
334 O Omnibus. (2) 19 de Janeiro 1867
335 O Raio. 1867
336 O Sentinella Invisivel. 2 de Fevereiro 1867
337 O Trovão: Junho 1867—68
338 Revista Brazileira. 1867
339 A Ideia. (3) Agosto 1868
340 A Nação. 1868—69
341 A Roseira. (4) 1868

(1) Periodico conservador.
(2) Periodico politico. satyrico e recreativo.
(3) Publicação quinzenal. Dr. Moura Magalhães, Julio Mario e Paulo Marques.
(4) Periodico para as familias. Redactor e proprietario Francisco de Macedo Costa.

342	Bahia Illustrada. (1)	1868—70
343	O Artista. 9 de Outubro	1868
344	O Iris.	1868
345	O Oraculo.	1868
346	Os Defunctos. (2) 7 de Setembro	1868—69
347	O Viajante. 4 de Junho	1868
348	Revista dos Estudantes.	1868
349	Telegrapho Universal. (3) Dezembro	1868—69
350	A Esperança (4) 2 de Outubro	1869
351	A Luz.	1869
352	A Monarchia. (5) Julho	1869
353	A Opinião Publica. (6) 28 de Junho	1869
354	A Sentinella.	1869
355	Chronica Religiosa. (7) 8 de Dezembro	1869—77
356	Jornal do Commercio.	1869
357	O Album. (8) Maio	1869
358	O Brado Liberal da Bahia. 1º de Agosto	1869
359	O Echo d'Além Tumulo. (9) Agosto	1869—71
360	O Echo do Povo.	1869
361	O Furioso. Outubro	1869

(1) Redactores e proprietarios Severiano Cardoso e Bricio Cardoso. Suspendeu a sua publicação em Maio de 1870 com 158 numeros, sendo substituida pela *Phenix*, gazeta illustrada tambem.

(2) Periodico politico e satyrico, red. por Augusto Pinto Pacca.

(3) Jornal de Variedades.

(4) Red. por uma associação de estudantes do collegio *Dous de Dezembro.*

(5) Periodico politico e litterario, redigido por Francisco Pires de Carvalho e Aragão.

(6) Orgão conservador.

(7) Periodico consagrado aos interesses da religião e publicado sob os auspicios do Exm. Arcebispo Conde de S. Salvador. Era redigido pelo Conego Juliano José de Miranda, Cura da Sé.

(8) Periodico litterario e recreativo. Redactor e proprietario Mamede de Vasconcellos.

(9) Monitor do Spiritismo na Bahia, red. por Luiz Olympio Telles de Menezes.

362	OGladio do Seculo. (1) 14 de Setembro	1869
363	O Grito da Patria.	1869
364	O Porvir. (2) 25 de Junho	1869
365	Zaca.	1869
366	Bahia Litteraria. (3) Fevereiro	1870
367	Boulevard. (4)	1870
368	Brado do Povo.	1870
369	Ensaios Litterarios. (5) 1º de Abril	1870
370	Jornal dos Caixeiros. (6) 26 de Março	1870
371	Microcosmo. (7) 25 de Maio	1870
372	Museu Social. Illustrado. Janeiro	1870
373	O Carril. (8) Novembro	1870
374	O Germen. (9) Junho	1870
375	O Irmão Terrivel. (10) 2 de Outubro	1870
376	O Patioba. 11 de Agosto	1870
377	O Prenuncio. (11) Junho	1870
378	Phenix. (12) Maio	1870

---

(1) Orgão do Instituto Litterario Bahiano.

(2) Periodico scientifico, e litterario. Redactores João B. de Castro Rebello, João Machado Sampaio, Pedro Leão Velloso Filho e Severino dos Santos Vieira.

(3) Publicação quinzenal dedicada a litteratura. Redactores João José de Britto e Hermenegildo da Silva Senna.

(4) Periodico instructivo e recreativo, dedicado ao bello sexo. Publicava-se duas vezes por semana.

(5) Publicação quinzenal sob a direcção dos academicos Frederico Lisboa, Alfredo Pompilio, Manoel Dantas e Paula Guimarães.

(6) Orgão da classe caixeiral. Red. por Severiano e Bricio Cardoso.

(7) Periodico scientifico e litterario, red. por academicos.

(8) Periodico, red. por Francisco Bento de Paulo Bahia.

(9) Periodico do curso pharmaceutico sob a direcção de Moura Junior e Leonidas Damazio.

(10) Periodico politico.

(11) Periodico scientifico, litterario e recreativo, red. por Franklin Cezar e Costa Barros.

(12) Gazeta illustrada e hebdomadaria, red. por Severiano e Bricio Cardoso.

379	Revista da Instrucção Publica. (1) 1º de Junho	1870—73
380	Revista Commercial da Bahia. (2) Maio	1870—75
381	União e Industria. (3) 8 de Dezembro	1870—71
382	Alcaçar. Illustrado. 2 de Janeiro	1871
383	A Voz do Sertão. 6 de Maio	1871
384	A Nova Era (4) 2 de Junho	1871
385	Correio da Bahia. (5) 25 de Março	1871—78
386	Ferrabraz.	1871
387	Instituto Academico. (6) 3 de Maio	1871
388	O Abolicionista. (7) 15 de Março	1871—74
389	O Democrata. (8) 24 de Março	1871
390	O Marquez de Pombal. 13 de Maio	1871
391	O Reverbero. Illustrado. 3 de Janeiro	1871
392	O Voluntario. 24 de Maio	1871
393	Tribuna Catholica.	1871
394	A Chrysalida (9) 10 de Agosto	1872
395	A Perola (10) 7 de Setembro	1872

(1) Publicação quinzenal, creada pela Lei de 16 de Maio de 1870, que reformou os estudos, e red. pelo Dr. Antonio Franco da Costa Meirelles.

(2) Era publicada pelo Sr. João Gonçalves Tourinho.

(3) Periodico destinado a auxiliar a Companhia *União e Industria*, e animar os operarios livres.

(4) Periodico scientifico e litterario, red. pelo Padre Dr. Romualdo de Seixas Barroso, Costa Barros e Barroso de Souza.

(5) Orgão conservador dissidente. Propriedade do Dr. Innocencio Marques de Araujo Góes Junior, era red. pelos Drs. Innocencio Góes e Eunapio Deiró.

(6) Redigido pelos academicos Eutichio Soledade e Alfredo Pompilio.

(7) Orgão quinzenal da Sociedade Libertadora—Sete de Setembro. Red. pelos Drs. Frederico M. de Araujo e Augusto Alvares Guimarães.

(8) Periodico politico e litterario.

(9) Periodico scientifico e litterario, red. por Pedro Leão Velloso Filho, João Baptista Tourinho, Rodrigo Brandão, Frederico de Castro Rebello e outros jovens estudantes.

(10) Periodico, red. por Bernardino José Muniz.

396	Diario de Noticias. (1) 24 de Janeiro	1872
397	Illustração Bahiana. Illustrada. 27 de Março	1872
398	O Academico. (2) 1° de Agosto	1872
399	O Apostolo.	1872
400	O Commercial. (3) 26 de Junho	1872—77
401	O Constitucional. (4) 27 de Abril	1872—75
402	O Horisonte. (5) 24 de Maio	1872
403	O Sentinella da Liberdade. (6) 4 de Julho	1872
404	Revista da Bahia.	1872
405	Revista Ecclesiastica. 11 de Abril	1872
406	Revista Illustrada. Maio	1872
407	A Luz. 10 de Maio	1873
408	O Instituto Academico. (7) 1° de Agosto	1873—74
409	Archivo Economico. (8) 26 de Maio	1873—75
410	A Razão. Jornal academico. 1° de Agosto	1874
411	Archivo Illustrado. (9) 15 de Julho	1874—75
412	A Motuca. (10) 25 de Maio	1874—75

(1) Publicação da tarde. Propriedade de Carvalho & Gama. Houve outro de egual nome em 1875, e que ainda vive.

(2) Periodico dedicado á medicina e á litteratura, e red. pelos academicos Ascendino Reis, Ribeiro da Cunha, Moura Junior e Arêa Leão.

(3) Preço Corrente da Praça. Propriedade de Adolpho Brazão.

(4) Orgão conservador.

(5) Orgão republicano na Bahia, red. pelo Dr. Frederico Lisboa.

(6) Redactor e Proprietario Veridiano de Amazone.

(7) Orgão da Sociedade—Instituto Academico, dedicado á medicina e á litteratura. Era red. pelos academicos Romualdo de Seixas Filho, redactor em chefe, Climerio C. de Oliveira, J. C. Balthazar da Silveira, Frederico de Castro Rebello e Guilherme Pereira Rebello.

(8) Periodico hebdomadario. Publicava escriptos historicos, litterarios e recreativos.

(9) Era publicado na Typographia Perseverança.

(10) Periodico satyrico, chistoso e litterario.

413 A Scentelha. (1) 16 de Setembro 1874
414 Jornal Academico. (2) 10 de Setembro 1874
415 O Lampadophoro. (3) 15 de Agosto 1874
416 O Museu Bahiano. (4) 4 de Outubro 1874
417 O Artista. Periodico illustrado. 8 de Outubro 1874—76
418 O Aqui d'El-Rei. (5) 18 de Abril 1874
419 O Cruzeiro. (6) 6 de Agosto 1874
420 O Estudante. 1874
421 O Incentivo. (7) 27 de Agosto 1874—75
422 O Jesuita. (8) 12 de Junho 1874
423 O Papyro. 23 de Maio 1874
424 A Lei.—Illustrado. 21 de Outubro 1875—78
425 A Mocidade. (9) 15 de Junho 1875
426 A Tribuna.—Illustrado. 1875—80
427 Diario de Noticias. (10) 1º de Março 1875—99
428 Norte-Academico. (11) Setembro 1875—76
429 O Gaiato. 7 de Junho 1875
430 O Velocipede. (12) 4 de Fevereiro 1875
431 A Rabeca. Agosto 1876—77
432 A Tribuna. (13) Outubro 1876
433 Brado da Liberdade. 1876

---

(1) Era publicado na Imprensa Economica, propriedade de uma associação de academicos. Redactores Julio da Gama e Arthur Americano.

(2) Orgão da Sociedade academica—Sciencias e Lettras.

(3) Orgão academico. Periodico semanal, scientifico e litterario.

(4) Periodico illustrado, satyrico e chistoso.

(5) Orgão politico. Edição unica.

(6) Periodico semanal dedicado a Religião e á Patria.

(7) Periodico da Faculdade de Medicina, redigido por Climerio C. de Oliveira e Romualdo A. de Seixas Filho.

(8) Jornal humoristico, redigido por Augusto Lessa.

(9) Periodico academico sob a redacção de Bellarmino Dorea e Rodolpho Theophilo.

(10) Gerente e Redactor Manuel da Silva Lopes Cardoso.

(11) Periodico academico, sob a redacção de Victorino Pereira, Ferreira de Campos e Aureliano Garcia.

(12) Jornal de annuncios da casa commercial—*65*.

(13) Periodico popular.

434	Jornal do Commercio. (1) 7 de Fev.	1876
435	Jornal do Povo. Junho.	1876
436	O Artista. (2)—Illustrado.	1876
437	O Bond.	1876
438	O Labor. (3) 1º de Setembro	1876
439	O Lidador.	1876—78
440	O Monitor. (4) 1º de Junho	1876—81
441	Vinte Cinco de Junho. (5) Março	1876—77
442	A Luz.	1877—78
443	Liga Operaria Bahiana.	1877—78
444	Labarum.	1877
445	O Arco da Velha.—Illustrado.	1877
446	O Binoculo.	1877—78
447	O Parafuzo.	1877
448	A Balança.	1878—79
449	A Epocha.	1878
450	A Navalha.	1878
451	A Sineta.	1878
452	A Vespa.	1878
453	Diario das Petas.	1878
454	Diario do Povo. Fevereiro	1878
455	O Amigo do Povo.	1878
456	O Azorrague.	1878
457	O Atheneu Bahiano. (6) 1º de Março	1878—79
458	O Brazil.	1878
459	O Caixeiro. (7) Março	1878—79
460	O Futuro Através dos Factos. 25 de Dezembro	1878—79

(1) Redigido pelo Dr. Barbosa Nunes.

(2) Artes, commercio e agricultura—J. G. Tourinho.

(3) Semanario litterario e noticioso: orgão de um grupo typographico.

(4) Orgão liberal dissidente. Redigido por Bellarmino Barretto e pelos Drs. Pedro Antonio Falcão Brandão, Antonio Eusebio de Almeida e Antonio Carvalhal.

(5) Periodico conservador: propriedade de Antonio Olavo da França Guerra.

(6) Periodico mensal. Orgão dos alumnos do Collegio.

(7) Publicação litteraria dedicada á classe caixeiral. Reactor e proprietario Severiano Pereira.

461 O Patriota. (1) Março 1878
462 O Patusco.—Illustrado. 1878—79
463 O Raio. 1878
464 O Typographo. 1878
465 Provincia da Bahia. 1878
466 Satanaz. 1878
467 Semana Religiosa da Archidiocese da Bahia. 17 de Julho 1878—80
468 A Chrysalida. 1879
469 Aurora Atheniense. (2) Agosto 1879—81
470 A Evolução. (3) Julho 1879
471 Ao Redor da Beocia (4) Agosto 1879
472 Gazeta da Bahia. (5) 1º de Janeiro 1879—90
473 Guaycurú. 24 de Agosto 1879
474 Jornal de Noticias. (6) 20 de Setembro 1879—99
475 O Balão. (7)—Illustrado. 1º de Julho 1879—88
476 O Dedo de Deus. 1879
477 O Ideal. 1879
478 O Liberal. 1879
479 O Santelmo. (8) Fevereiro 1879—81
480 O Sentinella do Povo. 14 de Julho 1879
481 O Telegrapho. 3 de Março 1879
482 O Telephone. 29 de Janeiro 1879
483 Pequeno Jornal. Maio 1879
484 Revista Democratica. (9) 30 de Junho 1879—80

---

(1) Periodico critico e litterario.

(2) Orgão dos alumnos do Collegio Atheneu Bahiano, redigido por Alfredo Campos, Salles Barbosa, Urcicinio Godinho, Felippe Machado e outros.

(3) Revista academica, redigida por Joaquim Climerio Dantas Bião e outros.

(4) Orgão do Club da Parvonia.

(5) Orgão do partido conservador.

(6) Fundado em 1879 e reformado em 1886 por Carlos de Moraes & Carvalho, é propriedade de Aloysio de Carvalho & Irmãos. E' redigida pelos Srs. Aloysio de Carvalho, Lelis Piedade e Alfredo Requião.

(7) Redigido por Augusto Lessa; reappareceu em 1896.

(8) Gazeta democratica em Bem do Povo.

(9) Publicação mensal: orgão da Sociedade Democratica Classe Caixeiral.

485	Vapor dos Traficantes.	1879
486	A Escola. (1) 7 de Setembro	1880—81
487	A Gargalhada. (2)	1880
488	A Lyra.	1880
489	A Voz do Commercio. (3) 2 de Dezembro	1880
490	Echo da Verdade.	1880
491	Gazeta da Tarde. (4) 1° de Março	1880—89
492	O Bahiano. (5)	1880
493	O Gladiador.	1880
494	O Satanaz.—Illustrado.	1880—82
495	O Seculo.	1880
496	Renascimento. (6) 24 de Abril	1880
497	A Bahia.	1881
498	A Instrucção Bahiana. (7) Março	1881
499	Gazeta Militar.	1881—82
500	O Grillo. Junho	1881
501	O Homem. 8 de Agosto	1881
502	O Imparcial.	1881
503	O Movimento.	1881
504	O Retratista. 1° de Janeiro	1881
505	O Tagarella.	1881
506	O Tempo.	1881
507	A Lanterna. 2 de Julho	1882
508	Colombo.	1882
509	Espelho Magico.	1882
510	Gazeta Illustrada.	1882
511	Mephisto	1882

---

(1) Periodico bimensal do Gremio Normalistico e redigido por Ezequiel Britto, Anisio Vianna, Leopoldo dos Reis e Argollo Castro.

(2) Revista hebdomadaria.

(3) Orgão da Sociedade Democratica Classe Caixeiral.

(4) Orgão abolicionista: propriedade do major Pamphilo de Santa Cruz.

(5) Redigido por Augusto Lessa.

(6) Publicação quinzenal, redigido por Alfredo Ceylão, Octaviano M. Barretto, Bonifacio da Cunha e Luiz Gualberto.

(7) Jornal illustrado, scientifico e litterario, de propriedade de A. Fonseca Sobrinho.

512	O Instituto. (1) 5 de Outubro	1882
513	O Pensamento.	1882–84
514	O Preceptor.	1882
515	O Propheta. (2) 1º de Fevereiro	1882
516	O Socialista.	1882
517	O Telescopio.	1882
518	O Trabalho. (3) 3 de Fevereiro	1882
519	Zingaro.	1882
520	Alencar.—Itapagipe.	1883—84
521	A Eschola.	1883—84
522	A Luta.	1883—84
523	A Phalena. Outubro	1883
524	A Voz do Povo. (4)	1883
525	Correio do Dia. (5)	1883
526	Diario do Povo. 4 de Maio	1883—89
527	Gazeta do Commercio.	1883
528	Gazeta Homœopathica. (6) 15 de Março	1883
529	Gazetinha.	1883
530	Luiz Gama. (7)	1883
531	O Aymoré.—Illustrado.	1883—85
532	O Brazil. 6 de Agosto	1883
533	O Direito. (8) Agosto	1883
534	O Encouraçado. (9)	1883
535	Planeta Venus.	1883
536	Triplice Alliança. (10)	1883—85
537	A Convicção.	1884
538	A Mutamba. (11)	1884—85

(1) Redigido pelo professor Manuel Florencio dos Passos.
(2) Orgão critico e noticioso, redigido por Acestes Sobrinho.
(3) Proprietario e redactor Manuel R. Querino.
(4) Litteraria, critica e recreativa.
(5) Periodico commercial e litterario.
(6) Publicação quinzenal. Orgão de propaganda.
(7) Numero unico de jornal especial.
(8) Periodico scientifico e democrata, redigido por João Clodoaldo.
(9) Redigido por Augusto Lessa e José Alvares do Amaral.
(10) Publicação mensal, distribuida gratuitamente. Propriedade do—Bazar 65.
(11) Orgão consagrado á defeza dos calvos.

539	Ave Caritas. (1)	1884
540	Castro Alves.	1884
541	Correio de Noticias. Março	1884
542	Orgão Civil. (2) Agosto	1884
543	O Conservador.	1884--85
544	O Diario da Tarde. (3)	1884
545	O Guerreiro.	1884
556	O Nacional.	1884—89
547	O Proletario.	1884
548	Revista da Sociedade Beneficencia Academica. (4)	1884—85
549	Revista da Instrucção.	1884
550	Revista da Sociedade Homœopathica Bahiana. (5) 1° de Janeiro	1884
551	Tupinambá.	1884
552	A Penna.	1885
553	A Tesoura. 6 de Dezembro.	1885—86
554	Bahia Price Current	1885
555	Cartas ao Zé Povinho.	1885
556	Gazeta Academica. (6)	1885—87
557	O Abelhudo.	1885
558	O Corsario.	1885—99
559	O Diabrete. Agosto	1885
560	O Faisca. (7)—Illustrado.	1885—87
561	O Phantasma.	1885-86
562	O Pirata.	1885
563	O Réo. (8)	1885—87

(1) Numero unico de jornal especial.
(2) Folha civil, litteraria, artistica, popular e commercial.
(3) Propriedade de Januario Raymundo Martins.
(4) Publicação mensal. Redactor-gerente Braz H. do Amaral.
(5) Publicação mensal. Redactor principal Dr. Silvino Moura. Reappareceu em 1888.
(6) Publicação mensal, redigido por Ezequiel Britto, Constancio Alves, Alfredo Britto, Bruno Miranda e José Albino.
(7) Periodico humoristico. Redactor e gerente Raymundo Bizarria.
("Guerra aos falsarios" era a sua epigraphe.

564	O Tempo.	1885
565	O Urso	1885
566	Revista Popular. 1º de Dezembro	1885—86
567	Vinte de Agosto. (1)	1885—86
568	A Palmatoria. Junho	1886
569	A Reforma.	1886
570	Barão de Macahubas.	1886
571	Diario de Petas.	1886
572	Echo da Verdade. (2) Maio	1886—88
573	Folha Nova	1886
574	O Genio e a Arte. (3) 1º de Julho	1886
575	O Petalogico.	1886
576	O Pharol.	1886
577	Atalaia. (4) 8 de Junho	1887—88
578	A Evolução.	1887
579	A Provincia. (5) 28 de Novembro	1887—88
580	A Religião. (6) 2 de Maio	1887
581	A Troça. (7) Janeiro	1887—88
582	A Voz do Povo.	1887
583	Boletim Geral de Medicina e Cirurgia.	1887
584	Liga Operaria Bahiana.	1887—88
585	O Florete.	1887
586	O Horror. Abril	1887
587	O Litterato. (8) Julho	1887—88
588	O Monitor Catholico. (9)	1887—95
589	O Orgão da Justiça.	1887
590	O Ramalhete.	1887

(1) Propriedade de Guilhermino Alves da Costa Dorea.

(2) Publicação mensal. "A Biblia, o Pulpito e a Imprensa."

(3) Numero unico de jornal especial. Homenagem do Club Caixeiral ao actor Alvaro Ferreira.

(4) Periodico litterario, religioso e commercial. Gerente João Ramos.

(5) Redactor e Proprietario Manuel R. Querino.

(6) Orgão da Igreja Catholica da Bahia.

(7) Redactores João Friólo, Angelo Pitou e Rabelais Junior.

(8) Proprietario e redactor Argeu Antonio de Freitas.

(9) Publicado sob os auspicios do Sr. Arcebispo D. Luiz Antonio dos Santos

591 O Rebate. 1887
592 O Telephone. 1887
593 O Trabalho. 1887
594 O Trahidor. 1887
595 O Tempo. (1) 26 de Julho 1887
596 O Terror. (2) Novembro 1887
597 Vinte e um de Maio. (3) 1887
598 A Justiça. 1888
599 A Locomotiva. (4)—Illustrada. 1888—89
600 A Republica Federal. (5) 2 de Julho 1888—90
601 Bahia. 1888
602 Correio da Manhã. 3 de Julho 1888
603 Cruz Vermelha. (6) 1888
604 Folha Nova. 1888—89
605 Lynce. 1888
606 Monitor Caixeiral. 4 de Novembro 1888—89
607 Orgão Conservador. 1888
608 O Atheniense. (7) 7 de Setembro 1888
609 O Bedengó. 1888
610 O Boreas.—Illustrado. 1888
611 O Brasileiro. 1888
612 O Diabo. (8) 6 de Julho 1888—89
613 O Domingo. Janeiro 1888—91
614 O Encouraçado. 1888
615 O Lapis.—Illustrado. Setembro 1888
616 O Neto do Diabo. (9) 4 de Maio 1888—89
617 O Progresso. 1888

---

(1) Periodico scientifico, litterario e critico. Director Julio Pimentel.

(2) "Orgão da moralidade social."

(3) Orgão do Club Caixeiral, redigido por M. Rosentino e Baptista Massena.

(4) Folha illustrada hebdomadaria. Empreza Candido Ferraz. Redacção-diversos.

(5) Orgão do Club Republicano Federal.

(6) Numero unico de jornal especial.

(7) Idem, Idem. Homenagem do Club Atheniense ao dia 7 de Setembro.

(8) Periodico critico, chistoso e moralisador.

(9) Critico, litterario e chistoso.

618	O Tentame. (1) 11 de Agosto	1888
619	Revista Carnavalesca.	1888
620	Treze de Maio. (2)	1888
621	A Justiça. (3)	1889—96
622	A Regeneração.	1889—90
623	A Voz da Patria.	1889
624	Cruzada.	1889
625	Derby.	1889
626	Diario do Commercio. (4) 12 de Janeiro	1889
627	Echo Itapagipano.—Itapagipe. 13 de Janeiro	1889
628	Incentivo.	1889
629	Jornal do Commercio. (5) 4 de Fevereiro	1889
630	Jornal do Povo. (6)	1889—90
631	Labaro.	1889
632	Leituras Religiosas. (7) 21 de Abril	1889—99
633	O Cruzeiro.	1889
634	O Duende. (8) Junho	1889
635	O Grito Nacional.	1889
636	O Movimento. (9)—Itapagipe—Dezembro	1889
637	Pega-Pega.	1889
638	Pequeno Jornal. (10) Dezembro	1889—92
639	Reporter. 4 de Agosto	1889
640	Revista Militar.	1889

---

(1) Publicação hebdomadaria, redigido por Virgilio de Lemos, R. de Azevedo e Conrado Lages.

(2) Orgão moral, litterario e chistoso. Gerente Claudiano Guerra.

(3) Publicação semanal. Redactor Albino H. da Silva.

(4) Sob a administração de Benjamim Neves da Rocha.

(5) Propriedade de Aristides R. de Sant'Anna.

(6) Noticioso e litterario, idem, idem.

(7) Redactor e proprietario conego Clarindo de Souza.

(8) Critico, chistoso e litterario.

(9) Orgão republicano, litterario e noticioso.

(10) Redactores—Eduardo Carigé, Dr. Antonio José de Mello e Cerqueira Lima. Passou depois a ser redigido pelo Dr. Cezar Zama.

641	Sentinella da Liberdade.	1889
642	Sport.	1889
643	Turf. (1) Janeiro.	1889
644	A Lanterna.	1890
645	A Patria.	1890
646	A Reforma. (2) 17 de Julho	1890—91
647	A Situação. (3) Setembro	1890
648	A Toca.	1890
649	A Tribuna.	1890
650	A Verdade. (4) 1º de Maio	1890
651	As Pêgas. (5) 30 de Agosto	1890
652	Bala.—Rio Vermelho.	1890
653	Brado Federal. 9 de Setembro	1890
654	Christão.	1890
655	Comedia.	1890
656	Estado da Bahia. (6) 21 de Agosto	1890—96
657	Gazeta Nova. Dezembro	1890
658	Jornal da Manhã. 10 de Abril	1890
659	Jornal da Tarde. Maio	1890
660	O Cidadão. (7) 20 de Novembro	1890
661	O Cartaz.—Illustrado.—Janeiro	1890
662	O Democrata. (8) Abril	1890
663	O Novo Estado do Rio Vermelho.	1890
664	O Operario.	1890
665	O Paladino.—Lapinha.	1890
666	O Socialista. 24 de Junho	1890

---

(1) Orgão das corridas do hypodromo S. Salvador. Regido por José Bonifacio Pereira de Mesquita.

(2) Publicação quinzenal. Orgão do Gremio do professorado Bahiano, redigido pelos professores A. Bahia, Vital Prudente e Gassiano Gomes.

(3) Propriedade de Augusto Lessa.

(4) Orgão dos alumnos do Lyceu de Artes e Officios. Redactores Leal Junior e F. Santiago.

(5) Hebdomadario, critico e humoristico. Director e proprietario Francisco du Bocage.

(6) Ex-Gazeta da Bahia. Orgão do partido nacional, e depois do partido coustitucional.

(7) Orgão popular. Rodactor e proprietario M. Alexandrino de Andrade.

(8) Orgão do Centro Republicano Democrata.

667 Tribuna Popular.-- Illustrada. 19 de Janeiro 1890
668 A Lucta. 25 de Maio 1891
669 A Nova Patria. (1) 24 de Janeiro 1891
670 A Palavra. (2) 30 de Julho 1891—92
671 A Voz do Operario. (3) 5 de Setembro. 1891
672 Correio do Povo. (4) 1º de Abril 1891
673 Gazeta Academica. (5) Maio 1891
674 O Azorrague. Junho 1891—92
675 O Combate. 1891
676 O Commercio. 1891
677 O Narrador. 15 de Agosto 1891
678 Orgão Federal. 1891
679 O Popular. 14 de Maio 1891
680 O Tio do Diabo. (6) Maio 1391
681 O Trabalho. (7) 25 de Abril 1891
682 Pequeno Diario. 1891
683 Revista Academica. (8) Abril 1891
684 Salão da Elegancia. — Jornal de modas. Junho 1891
685 A Federação. 17 de Março 1892—93
686 A Republica. 1892
687 Correio de Noticias. (9) 28 de Abril 1892—99
688 Echo do Povo. 1892

---

(1) Semanario sob a redacção de Lourenço de Castro, para doutrinar "as classes populares."
(2) Orgão da seita evangelica.
(3) Orgão official do partido operario.
(4) Orgão doutrinario. Proprietario e redactor Aristides R. de Sant'Anna.
(5) Publicação quinzenal. Redactores Santos Silva e Duarte Gamelleira.
(6) Orgão infernal, redigido por Lucifer, Lusbel, Satanaz e Chico Furia.
(7) Orgão das classes operarias.
(8) Orgão scientifico e litterario, redigido por Egas Muniz Barretto de Aragão e outros.
(9) Propriedade de Arthur, Mendes & Comp.—Passou a ser orgão official em 24 de Abril de 1894 como propriedade de uma associação.

689	Gazeta Academica. (1) 1º de Julho	1892
690	O Brazil. (2) 9 de Fevereiro	1892
691	O Monarchista. (3) Setembro	1892—93
692	O Mungango.	1892
693	O Papagaio. Janeiro	1892
694	O Publicista.	1892
695	O Trabalho. (4) 3 de Fevereiro	1892
696	Revista Commercial. (5) 5 de Maio	1892—93
697	Revista do Ensino Primario.	1892—93
698	Revista da Faculdade Livre de Direito da Bahia. (6) Setembro	1892—93
699	A Platéa.	1893
700	Echo da Mocidade.	1893
701	A Renascença. (7) 27 de Setembro	1894
702	Gazeta de Noticias (8) 30 de Março	1894—96
703	O Livro. (9) Maio	1894—95
704	O Pantheon. (10) 20 de Setembro	1894—95
705	O Triumvirato. (11) 24 de Outubro	1894
706	Revista do Gremio Evolução. (12)	1894

---

(1) Faculdade Livre de Direito. Redactores Mario Tourinho, Trasybulo Ferraz e Affonso Fachinetti.

(2) Periodico critico e litterario, redigido por Pedro G. dos Passos

(3) Redigido por Francisco Pires de Carvalho e Antonio Cavalcante de Albuquerque.

(4) Redigido por Manoel Raymundo Querino.

(5) Organisada por Gustavo Hasselmann e José Joaquim Correia de Moraes.

(6) Reappareceu em 1898.

(7) Propriedade de uma associação. Redigida pelos Drs. Julio Barbuda, Manuel Brito, Filinto Bastos, e Pethion de Villar.

(8) Propriedade de Cincinato J. Melchiades.

(9) Publicação hebdomadaria, redigida por Evangelista Pereira, Pedro Licinio, Dr. Manoel Brito e outros.

(10) Revista mensal illustrada. Director litterario Lellis Piedade, director artistico Rodolpho Lindemann.

(11) Revista litteraria e humoristica.

(12) Numero especial. Tributo ao grandioso e emerito poeta bahiano Antonio de Castro Alves.

707	Revista dos Tribunaes. (1)	1894—99
708	Revista Trimensal do Instituto Geographico e Historico da Bahia Setembro.	1894—99
709	A Lucta.	1895
710	Annaes da Sociedade de Medicina e Cirurgia	1895—96
711	A Revista.—Illustrada.	1895
712	A Revista do Norte.	1895
713	O Bacamartista.	1895
714	Diario do Commercio.	1895
715	Diario Mercantil.	1895
716	Luiza Leonardo. (2)	1895
717	O Domingo.	1895
718	O Litterato.	1895
719	Revista Spirita. (3) 15 de Agosto	1895
720	Revista Medico Legal. (4) 1º de Setembro.	1895—97
721	Sirius.	1895
722	Tribuna Academica.	1895
723	Annuncio. (5)	1896
724	A Bahia. (6) 8 de Abril	1896—99
725	A Escola.	1896
726	A Penna.	1896
727	A Satyra.	1896
728	Bahia Monthly. (7)	1896
729	Cidade do Salvador. (8) 1º de Dezembro	1896—98

(1) Publicação mensal, redigida pelos Cons. Drs. Joaquim Spinola e João Torres.

(2) Numero unico de jornal especial.

(3) Publicação quinzenal, redigida pelo Dr. S. Moura.

(4) Publicada pela Sociedade de Medicina Legal da Bahia sob a direcção e redacção do Dr. Nina Rodrigues e outros.

(5) Numero unico de jornal especial.

(6) Director-Proprietario J. B. de Castro Rebello, passando depois uma associação.

(7) Impresso no Rio de Janeiro.

(8) Era propriedade de de uma associação, e passou a pertencer ao Dr. Domingos Guimarães, que pouco tem depois fez cessão da typographia ao Arcebispado.

730	Condor.	1896
731	Cruzeiro do Sul. 15 de Junho	1896
732	Itapagipano.—Itapagipe.	1896
733	O Nacional.	1896
734	O S. Francisco. (1) 24 de Fevereiro	1896
735	A Coisa. (2) 30 de Agosto	1897—99
736	A Evolução. (3) 1° de Janeiro	1897
737	A Malagueta.—Illustrado. 15 de Dezembro	1897
738	Nova Vida. (Ex-Echo da Mocidade)	1897
739	O Album. (4)—Illustrado. 3 de Novembro	1897—98
740	O Operario.—Boa Viagem. 4 de Julho	1897
741	O Republicano. 2 de Junho	1897—98
742	Revista Bahiana. (5) 31 de Janeiro	1897
743	Revista Popular. Setembro	1897—98
744	Revista Typographica. Abril	1897
745	Salve. (6)	1897
746	A Lamparina. 15 de Maio	1898
747	A Verdade. 2 de Julho	1898
748	O Colibri.	1898—99
749	O Echo do Norte. 24 de Julho	1898
750	O Tempo.	1898
751	Revista Politica. 15 de Abril	1898
752	A Malagueta.	1899
753	Bahia Illustrada. (7) 5 de Agosto	1899

---

(1) Numero unico de jornal especial. Homenagem do commercio da Bahia ao Dr. Miguel de Teive e Argollo, Director e Engenheiro Chefe do Prolongamento da estrada de ferro da Bahia ao S. Francisco.

(2) Jornal critico e noticioso. Do 2.° numero em diante o periodico começou a crescer de tamanho.

(3) Publicação hebdomadaria; redactor principal Virgilio de Lemos.

(4) Revista illustrada sob a direcção artistica de Lopes Rodrigues. Director litterario J. A. Costa Pinto.

(5) Editor-proprietario Martiniano S. Junior.

(6) Numero unico de jornal especial.

(7) Revista hebdomadaria sob a redacção dos Drs. Virgilio Cunha e Abilio de Carvalho.

754 Cidade do Bem. (1) 1º de Janeiro 1899
755 Diario do Commercio. Janeiro 1899
756 Ensaio Litterario. (2) 15 de Setembro 1899
757 O Cysne. 11 de Abril 1899
758 O Lyrio. (3) Março 1899
759 O Mundo em Ceroulas. (4) 27 de Fevereiro 1899

VI. BARRA DO RIO GRANDE

1 Echo do Rio S. Francisco. 1874—77
2 Pequena Gazeta. 1893

VII. BOMFIM (EX-VILLA-NOVA)

1 O Futuro. 28 de Julho. 1898

VIII. CACHOEIRA

1 O Independente Constitucional 1823
2 O Recopilador Cachoeirense. 1835—36
3 Jornal de Agricultura. 1835
4 Constitucional Cachoeirano. 1837—38
5 O Legalista. 1837—38
6 O Brazileiro. 1846
7 Cachoeirano. (5) 3 de Setembro 1847—48
8 O Nacional. (6) 1848
9 O Povo Cachoeirano. 1849
10 Almotacé. 1850—51
11 Argos Cachoeirano. 7 de Setembro 1850—52
12 O Apostolo em Cachoeira. 1852
13 Vinte e Cinco de Junho. 1852—54

(1) Revista da Villa Operaria, sob a direcção de Mucio Teixeira.
(2) Revista scientifica e litteraria, redigida por Leonardo Pereira, Rodrigues Nunes e outros.
(3) Orgão litterario do Gymnasio Bahiano.
(4) Numero unico. Critica, humoristica e litteraria.
(5) Jornal politico, litterario e moral.
(6) Periodico puramente politico.

14 O Prélo. (1) Janeiro	1853
15 O Jornal. (2) Março.	1855—62
16 O Cachoeirano.	1857—60
17 O Defensor Cachoeirano. Setembro	1857—60
18 O Progresso. (3)	1860—79
19 O Americano.	1865—92
20 O Lince.	1867
21 O Critico.	1869—70
22 A Formiga. (4)	1869—72
23 O Vergel. (5)	1869—70
24 A Grinalda. (6)	1869—70
25 A Imprensa. 3 de Dezembro	1870—71
26 A Lyra. (7) Julho	1870—71
27 A Ordem. 2 de Junho	1870—99
28 A Sempreviva. (8)	1870
29 O Patusco. (9) 17 de Junho	1870
30 Sentinella da Liberdade. Janeiro	1870—71
31 A Esperança.	1872
32 O Brazil.	1872
33 O Tamanduá. 23 de Março.	1872
34 O Seculo. 1° de Agosto	1873—74
35 O Archivo. (10) 1° de Agosto	1874
36 O Echo Popular.	1874—77
37 A Verdade.	1876—83
38 Labor.	1878
39 O Futuro.	1878—80
40 O Guarany. (11)	1878—93
41 A Palavra.	1879

(1) Periodico noticioso, litterario e commercial.
(2) Propriedade de José Bruno da Silva Santos.
(3) Redigido por Augusto Ferreira da Motta.
(4) Periodico politico e chistoso.
(5) Periodico litterario e recreativo.
(6) Orgão democratico, noticiario, litterario e commercial.
(7) Jornal litterario e religioso.
(8) Periodico litterario e recréativo, redigido por José Joaquim Villasboas.
(9) "Periodico para fazer rir".
(10) Periodico litterario e recreativo.
(11) Litterario e commercial. Redigido por Augusto Ferrei a Motta.

42 Gazeta de Noticias. 1880—81
43 Diario da Cachoeira. 1880—81
44 A Lyra. 1880
45 O Rochedo. 1880
46 Santelmo. 1880
47 O Domingo. 1881
48 O Echo do Povo. 1881
49 A Faisca. 1881—83
50 Revista das Senhoras. 1881
51 Planeta Venus. 1883—87
52 A Imprensa. 1884
53 Tributo a Actriz Marion. (*) 1886
54 Asteroide. 1887—89
55 Jornal da Tarde. 1887
56 O Tempo. 1887—91
57 A Luz. 1888
58 A Patria. 1888—89
59 Heróes. (*) 1888
60 Republicano. 1890—91
61 Santelmo. 1891
62 A Vida. 1892
63 O Vigia do Serra. (1) Setembro 1894
64 Cachoeirano. 1896
65 A Cachoeira.—Orgão republicano. 24 de Setembro 1896—99
66 A Democracia. 1897

IX. CAETITÉ

1 A Penna. 1898

X. CANNAVIEIRAS

1 Correio do Sul. 1889
2 O Municipio. 1889—92

(*) Numero unico de jornal especial.
(1) Boletim da Semana. Redigido pelo Dr. Henrique Alvares dos Santos.

XI. CARAVELLAS

1	O Precursor.	1881

XII. CIDADE DE CURRALINHO

1	Curralinhense.	1882—84
2	Tribuno.	1884
3	Voz do Povo.	1886—87
4	O Autonomista. 13 de Maio	1894—99
5	O Lyrio.	1895
6	O Livro.	1896
7	Curralinho.	1897
8	Cysne.	1897
9	Pocema.	1897
10	Cidade de Curralinho.	1898

XIII. CONCEIÇÃO DO ALMEIDA

1	Boa-Nova. 6 de Maio	1894—98

XIV. FEIRA DE SANT'ANNA

1	O Feirense.	1862—63
2	O Nacional.	1863—64
3	O Commercial.	1867—76
4	A Gazeta do Povo.	1868
5	O Mercantil.	1868
6	O Duende. — Periodico chistoso e litterario. Novembro	1875
7	Capitulo.	1877
8	O Motor.—Orgão do commercio, da lavoura e da Industria. Maio	1877—81
9	O Vigilante. (1) Janeiro	1877—90
10	Echo Feirense.	1878
11	Correio da Feira.	1881
12	Chapa.	1882
13	Progresso.	1882
14	Jornal da Feira.	1884

---

(1) Substituiu ao "Commercial".

15 O Conservador. 1884
16 A Convicção. 1884
17 Correio de Noticias. 1885
18 Esforço. 1886—87
19 O Noticiador. 1886
20 Cidade da Feira. Outubro 1888
21 Bilontra. 1889
22 A Epocha. 1889
23 Evolução. 1889
24 A Reacção. 1889—90
25 Gazeta do Povo. 12 de Janeiro. 1890—93
26 O Municipio. 1891
27 O Propulsor. 15 de Outubro 1895—99
28 O Porvir. 1896
29 O Clarim. 14 de Julho 1899

XV. ITAPARICA

1 O Echo da Ilha.—Periodico noticioso e litterario. 1860
2 O Insular. Novembro 1879
3 O Beriberico. 9 de Novembro 1879
4 Septe de Janeiro de 1823. (*) 1884
5 O Municipio. (1) 1894—96

XVI. JOAZEIRO

1 Cidade de Joazeiro. 1896
2 O Commercio. 1899

XVII. MARAGOGIPE

1 O Maragogipano. 14 de Outubro 1860—61
2 O Espelho das Bellas.—Periodico litterario. 1860—61
3 Labaro. 1880—83
4 A Situação. 1880—84

(*) Numero unico de jornal especial.
(1) Fundado por Vicente Marques.

5	Colibri.	1882
6	O Democrata.	1882—90
7	A Magnolia.	1882
8	Echo Maragogipano.	1884—87
9	O Pyrilampo.	1888
10	Nova Era.	1889—99
11	O Jacaré.	1891
12	Interesse Publico.	1891
13	O Jaburú.	1895
14	Constitucional.	1895—97
15	Novo Seculo. 19 de Dezembro	1897
16	A Epocha. 10 de Março.	1899

XVIII. MATTA DE S. JOÃO E ABRANTES

1	O Gladiador. (1) 25 de Julho	1880

XIX. NAZARETH

1	O Industrial.	1857—61
2	O Regenerador. Novembro	1861—99
3	A Voz do Povo.	1868
4	O Povo. 23 de Junho	1872
5	O Artista Nazareno.	1873—74
6	A Opinião Liberal. (2) 7 de Maio	1876—84
7	O Arrebol.	1880
8	Phenix.	1883
9	O Independente.	1883—97
10	Tribuna Liberal. Julho	1885—87
11	O Nazareno.	1890
12	A Opinião Publica.	1891—92
13	Combate.	1895
14	O Evangelista.	1897

---

(1) Periodico litterario e noticioso. Proprietario e redactor Antonio Firmino Menezes. Era impresso na capital na Typ. do Constitucional.

(2) Propriedade de uma associação. Era redigido pelo Dr. Manoel Pedro de Rezende, Americo Muniz Barretto e outros.

XX. SANTO AMARO

1	Philopatria.	1846
2	Abatirá.	1850—51
3	Argos Sant'Amarense. (1)	1850—52
4	Aymoré.	1850
5	O Justiceiro. (2)	1851
6	O Brazileiro. (3)	1852
7	O Ramalhete. (4)	1852
8	Cigarra e Bemtevi.	1852
9	Rabecão, Rabeca e Rabequinha.	1853
10	A Atalaia. (5)	1857—59
11	A Primavera. (6)	1857—58
12	A Alvorada. (7)	1859
13	O Commercio.	1859
14	O Lidador. (8)	1860—64
15	O Ypiranga.	1860
16	A Imprensa.	1868
17	O Popular. (9)	1868—99
18	A Propaganda.	1874—75
19	A Crise.	1875

(1) Propriedade do Major Manoel Domingues Dorea.

(2) Propriedade de Henrique da Silva Moraes.

(3) Propriedade de José Correia da Silva Oliveira.

(4) Propriedade de Domingos Faria Machado.

(5) Propriedade de Antonio Correia da Silva Oliveira. Redigida pelo professor Henrique Teixeira dos Santos Imbassahy, Dr. Emilio Imbassahy, Dr. Olympio Pinheiro e Armando Brazileiro sob o pseudonymo de Vedeta de S. Francisco.

(6) Redactores Drs. Antonio Joaquim dos Passos e José Pinto de Souza Velloso.

(7) Succedeu á Primavera com os mesmos redactores.

(8) Succedeu á Atalaia. Redigido pelos Drs. Jayme de Almeida Couto, Cid Cardoso e Ricardo Deiró.

(9) Succedeu ao Lidador. Propriedade de Ignacio Xavier de Santa Barbara. Foi redigido a principio pelos Drs. Cid Cardoso e Ricardo Deiró. E' o unico periodico que existe em Santo Amaro, actualmente sob a direcção do Dr. [illegible]drigo Falcão Brandão.

20 O Sant'Amarense. (1) 1º de Setembro — 1875
21 O Liberal. (2) Setembro — 1876—89
22 O Artista. Novembro — 1877—78
23 O Echo Sant'Amarense. (3) Janeiro — 1882—84
24 A União. — 1882—83
25 O Povo. — 1883
26 A Actualidade. (4) — 1884
27 O Raio. — 1885
28 O Pára-raio. — 1885
29 A Democracia. (5) — 1885
30 A Ordem. (6) — 1885
31 A Situação. — 1887—89
32 O Mercantil. — 1888
33 O Santelmo. — 1888
34 O Semanario. — 1888—89
35 A Matraca. — 1889
36 A Propaganda. — 1889
37 O Commercial. (7) — 1890—95
38 O Verdadeiro. — 1890
39 2 de Fevereiro. (8) — 1894
40 O Labaro. (9) 11 de Outubro — 1896—97

---

(1) Jornal politico, commercial e agricola. Orgão do partido conservador.

(2) Orgão do partido liberal. Era propriedade de uma associação.

(3) Orgão do partido conservador, sob a redacção dos Drs. Pedro Muniz e Olavo Góes.

(4) Pertencia a uma associação do partido liberal.

(5) Orgão de propaganda abolicionista. Redactores Dr. Francisco Bulcão, Octaviano Muniz, Cruz Rios e Francisco dos Santos Silva.

(6) Sob a redacção do Dr. Manoel de Araujo Góes.

(7) Fundado por Leonidio Monteiro, foi redigido pelo Dr. Arlindo Fragoso.

(8) Numero unico de jornal especial.

(9) Propriedade do Dr. Ervidio Velho.

XXI. SANTO ANTONIO DE JESUS

1	Mocidade	1882
2	A Tribuna.	1886—88
3	A Grinalda.	1887
4	A Actualidade.	1890—93
5	O Progresso.	1895
6	O Combate. 14 de Julho	1898
7	O Commercio.	1898
8	O Municipio.	1899

XXII. S. BENTO DAS LAGES

1	A Aspiração.	1896
2	Revista da Escola Agricola. Dezembro	1897—98

XXIII. S. FELIX

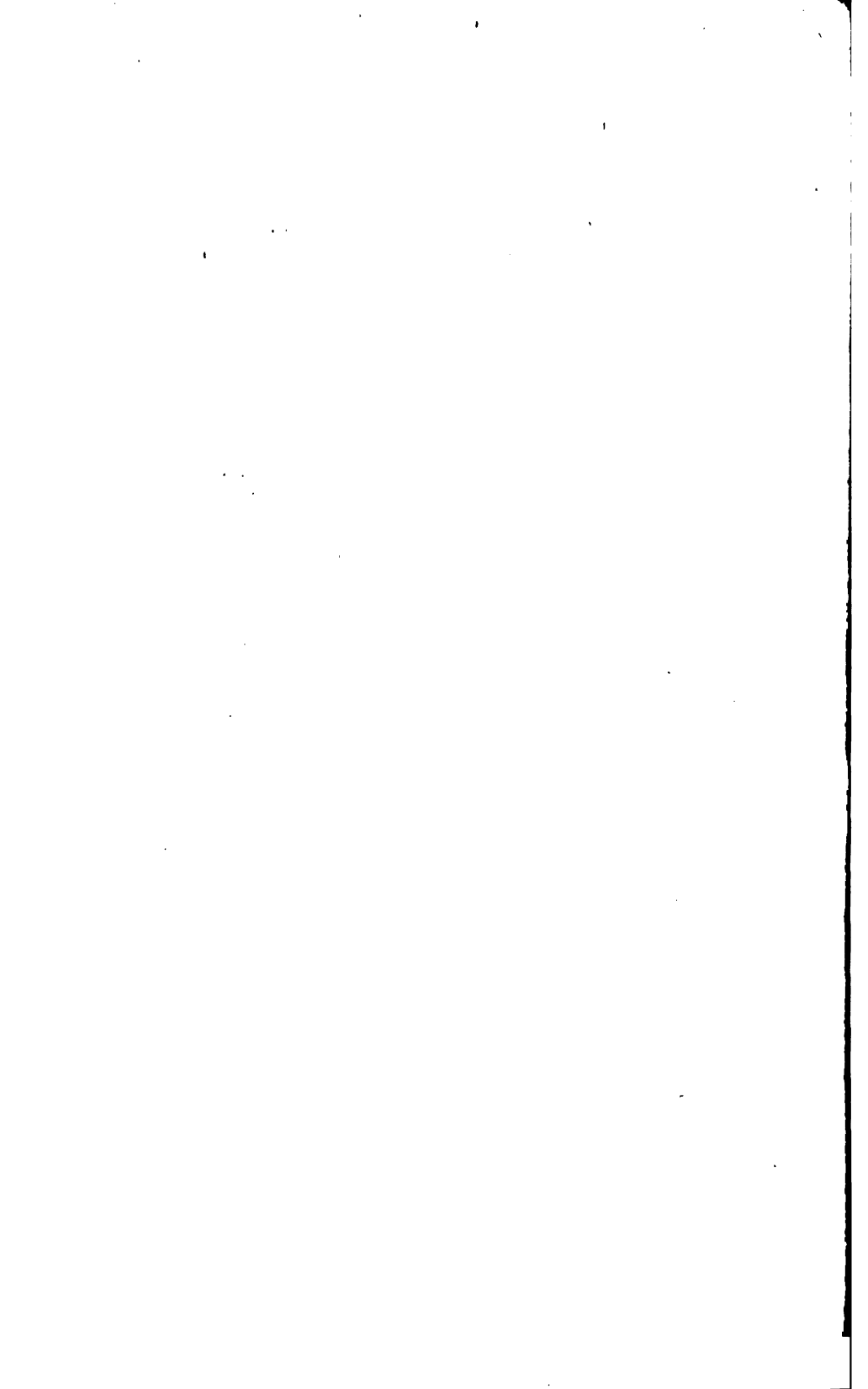
1	O Paraguassú.	1847
2	Paraguassú. 1º de Junho	1869
3	Panorama.	1878
4	O São Felixta.	1878
5	Globo.	1881
6	Phanal.	1884—85
7	Valete.	1885
8	A Aurora.	1887
9	O Beija-Flor.	1887
10	O Direito.	1887
11	Recreativo.	1889
12	O Paraguassú	1890—98
13	A Voz do Povo.	1890—91
14	Vinte de Dezembro. (*)	1890
15	A Patria. Junho	1891—99

(*) Numero unico de jornal especial.

XXIV. S. GONÇALO

1	A Luz.	1895

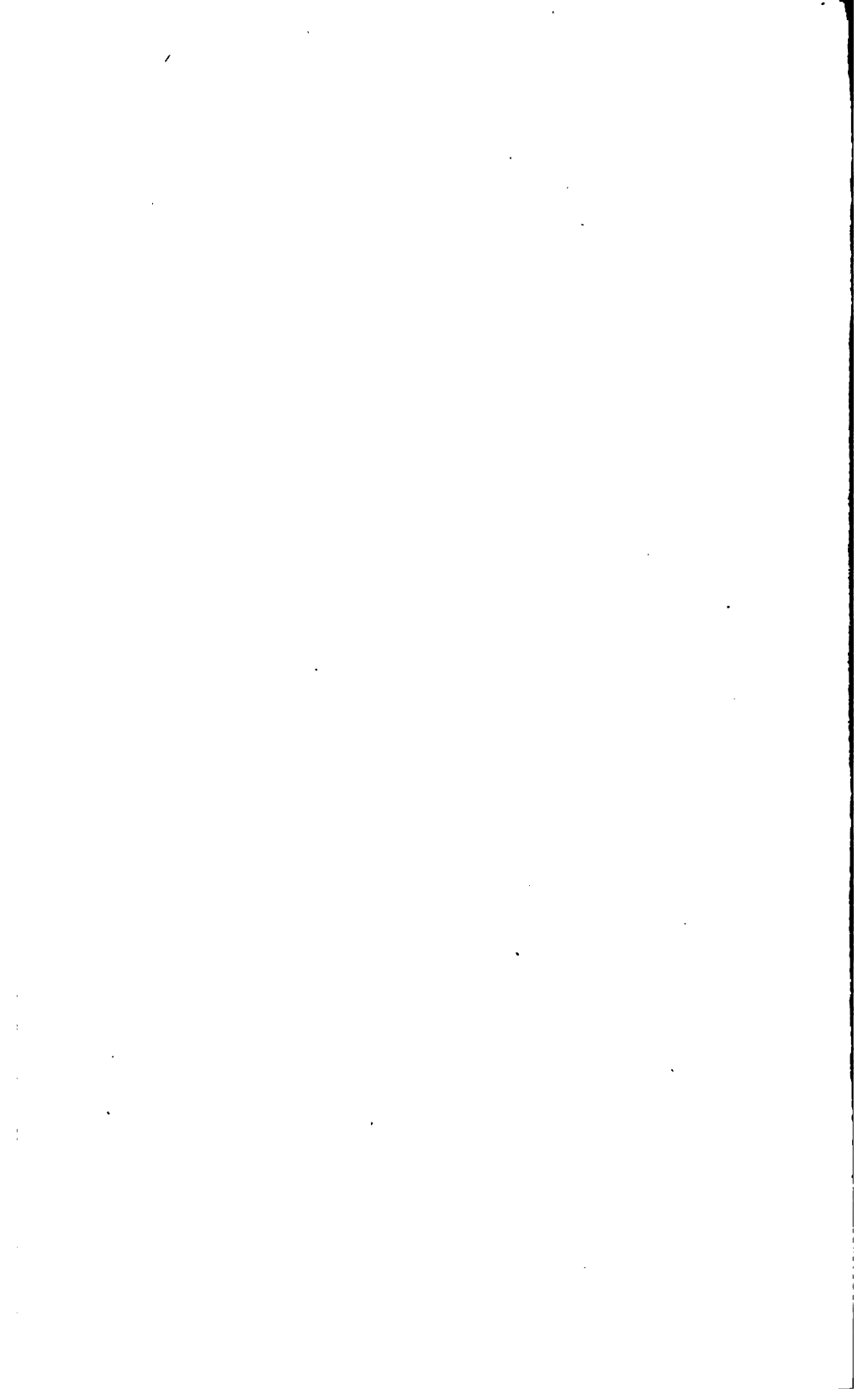
XXV. VALENÇA

1	Jornal de Valença.	1870—81
2	Echo do Sul.	1879
3	A União.	1881—88
4	O Valenciano	1882
5	A Aurora.	1883—84
6	O Occaso.	1884
7	O Inspirado.	1888
8	Gazeta de Valença	1888—93
9	O Popular.	1890
10	Tribuna Republicana.	1890
11	A Actualidade.	1891
12	O Esforço.	1892
13	O Povo.	1893
14	O Motivo.	1894
15	O Municipio.	1894—95
16	A Verdade.	1895
17	Poder da Vontade. 15 de Novembro	1897
18	A Vida Valenciana.	1898—99

RESUMO

Jornaes segundo as localidades

I. Alagoinhas	18
II. Amargosa	11
III. Aratuhype	3
IV. Areia	5
V. Bahia	759
VI. Barra do Rio Grande	2
VII. Bomfim (ex-Villa-Nova)	1
VIII. Cachoeira	66
IX. Caetité	1
X. Cannavieiras.	2
XI. Caravellas	1
XII. Conceição do Almeida	1
XIII. Curralinho	10
XIV. Feira de Sant'Anna	29
XV. Itaparica	5
XVI. Joazeiro	2
XVII. Maragogipe	16
XVIII. Matta de S. João e Abrantes	1
XIX. Nazareth	14
XX. Santo Amaro	40
XXI. Santo Antonio de Jesus	8
XXII. S. Bento das Lages (S. Francisco)	2
XXIII. S. Felix.	15
XXIV. S. Gonçalo.	1
XXV. Valença.	18
Total	1031

Recife, 1899.

ALFREDO DE CARVALHO.

Actas das sessões e Offertas

71ª SESSÃO, EM 15 DE OUTUBRO DE 1899

Presidencia do Exm. Snr. Cons. Salvador Pires

Aos 15 dias do mez de Outubro de 1899, nesta cidade do Salvador, Bahia de Todos os Santos, no salão do Instituto, á 1 hora da tarde, presentes os socios Cons. Drs. Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque e João Nepomuceno Torres, Drs. Braz Hermenegildo do Amaral, Satyro de Oliveira Dias, José Francisco da Silva Lima, Glycerio Velloso da Silva, Thomaz Garcez Paranhos Montenegro e Bonifacio de Aragão Faria Rocha, capitão Francisco Gomes Ferreira Braga, Commendador Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, Horacio Urpia Junior, Professor Austricliano Francisco Coelho, Eloy de Oliveira Guimarães, Henrique Praguer e Isaias de Carvalho Santos, foi aberta a sessão, sendo lida e approvada, sem debate, a acta da sessão anterior.

O expediente constou da leitura de duas propostas para admissão de socios, que forão remettidas á commissão competente.

O Sr. Cons. Presidente declarou, que a sessão tinha sido convocada a pedido da grande commissão do Centenario, por um de seus membros; que no dia 26 de Setembro ultimo o Instituto tivera a honra de receber a visita do illustre consocio Dr. Octaviano Muniz Barretto, Secretario interino do interior, justiça e instrucção publica; que o mesmo Instituto se fez representar na chegada do Exm. Snr. Cons. Luiz Vianna, e propunha que se nomeasse uma commissão para comprimentar a S. Ex. Revma., o Snr. Arcebispo, o que foi approvado, sendo desi-

gnados os socios Drs. Bonifacio de Aragão Faria Rocha, Glycerio Velloso da Silva e Cap. Francisco Gomes Ferreira Braga para comporem essa commissão.

Em seguida o Dr. José Francisco da Silva Lima, pedindo a palavra, expoz o estado dos trabalhos da grande commissão do centenario, lembrou a conveniencia de serem distribuidas, entre os socios, as listas para subscripção de exemplares da carta de Vaz de Caminha e perguntou si o Instituto insiste em cunhar medalhas commemorativas apezar do alto preço exigido pela Casa da moeda.

Usaram da palavra o Dr. Glycerio Velloso da Silva e o Cons. Dr. João Torres, ficando deliberado que sejão cunhadas as medalhas, para o que a commissão é autorizada a contractar o trabalho onde for mais conveniente.

O Dr. Satyro de Oliveira Dias disse que leu a noticia de uma conferencia do Dr. Augusto de Carvalho, no Rio de Janeiro, em que o mesmo procurou demonstrar que a descoberta do Brazil não fora obra do acaso, antes fôra devida a instrucções completas dadas ao grande navegador Pedro Alvares Cabral. Disse ainda, que o assumpto é muito interessante, e como sabe que esse litterato está disposto a vir aqui fazer outra conferencia, propõe que a meza dirija-lhe um convite nesse sentido. Esta proposta foi approvada, sendo nomeada uma commissão composta dos Drs. Octaviano Muniz Barretto, Satyro de Oliveira Dias, Braz Hermenegildo do Amaral e Arlindo Fragoso para incumbir-se de tudo quanto fosse relativo a recepção do mesmo Dr. Carvalho e á conferencia.

Nada mais havendo, lavrou-se a presente acta, que vai assignada pela meza—*Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque—João Nepomuceno Torres—Isaias de Carvalho Santos.*

72ª SESSÃO, EM 3 DE DEZEMBRO DE 1899

SESSÃO EXTRAORDINARIA PARA UMA CONFERENCIA PUBLICA SOBRE PONTOS IMPORTANTES DA HISTORIA PATRIA

Presidencia do Exm. Snr. Cons. Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque.—Orador o Exm. Snr. Dr. Augusto de Carvalho.

A's 12 horas do dia 3 de Dezembro de 1899, nesta cidade do Salvador, Bahia de Todos os Santos, no salão do Instituto, presentes o Exm Snr. Cons. Salvador Pires, presidente, Dr. Satyro de Oliveira Dias, vice-presidente, Dr. Braz Hermegildo do Amaral, orador, Capitão Francisco Gomes Ferreira Braga, thesoureiro, Isaias de Carvalho Santos, 2.º secretario, Dr. Abilio de Carvalho, supplente de secretario, que foi convidado a servir na ausencia do 1º. secretario Cons. Dr. João Nepomuceno Torres, e os socios Drs. José Francisco da Silva Lima, José Octacilio dos Santos, Alfredo Antonio de Andrade, Innocencio Munoz de Araujo Góes, Manoel Pedro de Rezende, Augusto de Araujo Góes, Cons. Drs. Antonio Carneiro da Rocha e José Botelho Benjamim, Desembargador Thomaz Garcez Paranhos Montenegro, Coronel Ernesto Barbosa Coelho, Pharmaceutico, Commendador Manoel Joaquim de Sant'Anna, Alfredo Octaviano Soledade, Horacio Urpia, Henrique Praguer, Damasceno Vieira, Professor Francisco Torquato Bahia da Silva Araujo, Pharmaceutico Luiz Antonio Filgueiras, Commendador Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, Desembargador Manoel Jeronymo Gonçalves, e, tambem presentes, o Exm. Snr. Cons. Luiz Vianna, Governador do Estado, os Exms. Snrs. Drs. José Antonio Costa, Secretario da Agricultura, Asclepiades Jambeiro, Secretario da Policia e Segurança Publica, Octaviano Muniz Barretto, Secretario interino do Interior, João Joaquim Salgado, Consul de Portugal e diversos representantes das differentes classes sociaes a saber: deputados federaes e esta-

duaes, senadores estaduaes, membros da magistratura superior, dos institutos de instrucção superior, do commercio, das artes, do exercito, da armada e da policia estadual, foi pelo Exm. Snr. Conselheiro Dr. Presidente declarada aberta a sessão e convidado o Exm. Snr. Cons. Dr. Governador do Estado a tomar assento á meza.

Em seguida, expondo o motivo porque fôra convocada a sessão, o mesmo Snr. Cons. Presidente fez a apresentação do Dr. Augusto de Carvalho, que viera a esta capital para realizar conferencias sobre pontos importantes da nossa historia e deu a palavra ao referido Dr. Augusto de Carvalho, que leu diversos trabalhos referentes á descoberta intencional do Brazil e ao papel que desempenharam illustres navegadores portuguezes nesse emprehendimento.

Esse trabalho é dividido em duas partes, referindo-se uma á Atlantida e a outra, a origem e primitiva significação da palavra—Brazil.

Por ultimo o orador fez algumas considerações sobre o assumpto da proxima conferencia e leu um trabalho a respeito, afim do auditorio melhor orientar-se.

Nada mais havendo a tratar-se o Snr. Cons. Presidente declarou encerrada a sessão, do que, para constar, eu, 2°, secretario, lavrei a presente acta, que vai escripta com uma penna de ouro, offerecida para esse fim pelo conferente, e pela meza assignada. —*Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque.* —*João Nepomuceno Torres.*—*Isaias do Carvalho Santos.*

73.ª SESSÃO, EM 10 DE DEZEMBRO DE 1899

SESSÃO EXTRAORDINARIA PARA A CONFERENCIA DO DR. AUGUSTO DE CARVALHO

Presidencia do Exm. Snr. Cons. Salvador Pires

Aos 10 dias do mez de Dezembro de 1899, a 1 hora da tarde, nesta cidade do Salvador, Bahia de Todos os Santos, no salão do Instituto, presentes os Exms. Snrs. Cons. Dr. Salvador Pires de Carvalho

e Albuquerque, Presidente, Dr. Satyro de Oliveira Dias, 1.º vice-presidente e Cons. Dr. Pedro Marianni, 2.º Vice-Presidente, Cons. Dr. João Nepomuceno Torres, 1.º, secretario, Dr. Braz Hermenegildo do Amaral, Orador, Capitão Francisco Gomes Ferreira Braga, Thesoureiro, e os socios Cons. Drs. Antonio Carneiro da Rocha e José Botelho Benjamim, Drs. Arlindo Fragoso, José Octacilio dos Santos, Manoel Pedro de Rezende, Innocencio Munoz de Araujo Goes e José Francisco da Silva Lima, Barão de S. Francisco, Professores Elias de Figueiredo Nazareth e Manoel Raymundo Querino, Pharmaceutico Luiz Antonio Filgueiras, Commendador Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, Horacio Urpia, Coronel Affonso Pedreira, Conegos Manfredo Alves de Lima e Elpidio Tapiranga, Damasceno Vieira, Nicolau Tolentino Carneiro da Cunha, Eloy Cuimarães, Henrique Praguer, Desembargador Thomaz Garcez Paranhos Montenegro e Isaias de Carvalho Santos, 2º. secretario, e presentes tambem o Exm. Snr. Cons. Luiz Vianna, Governador do Estado, os Exms. Snrs. Drs. José Antonio Costa, Secretario da Agricultura, Asclepiades Jambeiro, Secretario da Policia e Segurança Publica, Octaviano Muniz Barretto, Secretario interino do Interior, Justiça e Instrucção Publica, Theophilo Borges Falcão, Secretario interino do Thesouro e Fazenda do Estado, e diversos representantes das differentes classes sociaes, a saber: deputados e senadores federaes e estaduaes, membros da magistratura superior, dos Institutos de instrucção superior, do Commercio, das artes, do exercito, da armada e da policia estadual, foi declarada aberta a sessão, e convidado o Exm. Snr. Cons. Dr. Governador do Estado a tomar assento á meza da presidencia.

Em seguida foi concedida a palavra ao conferente Dr. Augusto de Carvalho que, por espaço de duas horas, occupou a tribuna discorrendo sobre a historia do descobrimento do Brazil.

Durante a conferencia esteve exposta no salão do

Instituto a planta do monumento commemorativo da descoberta do Brazil, concebida e executada pelo conferente.

Este, ao iniciar a conferencia, leu a lettra do hymno do 4.º centenario, que compoz para ser posto em musica, e ao terminar essa leitura foi executado o hymno pela banda de musica do 1.º Batalhão do Regimento Policial.

Finda a conferencia foi o orador muito applaudido pelo selecto auditorio; e nada mais havendo a tratar foi encerrada a sessão. E de tudo, para constar, eu, 2.º secretario, lavrei a presente acta, que vai devidamente assignada. Isaias de Carvalho Santos.

—*Dr. Satyro Dias—João Nepomuceno Torres*—Conego *Manfredo de Lima.*

OFFERTAS

(Mez de Outubro)

—Pelo Cons. Dr. *Pedro dos Santos*: Dous machados de pedra.

—Pelo socio Dr. *Glycerio Velloso*: Diversas cedulas do Paraguay.

—Pelo Dr. *Antonio Barretto Praguer*: «Os Mosquitos e a Malaria no Amazonas», pelo offertante.

—Pelo cidadão *Alberto F. Rodrigues*: Almanack Popular Brasileiro para o anno de 1900 (Porto Alegre) pelo offertante.

—Pelo socio Cons. *Pedro Mariani*: 22 moedas de cobre estrangeiras.

—Pelo Dr. *Pedro do Rego Barros Cavalcante*: Um quadro de bustos e chronologia dos soberanos de Portugal.

—Pelo socio *Nicoláo Tolentino Carneiro da Cunha*: Uma pequena photographia de D. Pedro de Alcantara.

—Pelo cidadão *Teixeira Barbosa*: Os dous opu

culos «Pedro quer ser Augusto» e «Estudo sobre o missal de Estevam Gonçalves», por José Feliciano de Castilho.

—Pelo Dr. *Gonçalo Moniz*: Considerações sobre a Peste Bubonica, pelo offertante, 1899.

—Pelas respectivas *redacções*:

Revista Portugueza, Colonial e Maritima, n. 24, 2º anno, 4º vol.; Gazeta Medica da Bahia, ns. 2 e 3, anno 31; Revista Maritima Brasileira, n. 2, anno 19; Bulletin de la Société de Geographie Commerciale de Bordeaux, ns. 17 e 18 de 1899; Bolletino della Societá Geografica Italiana, n. 8, vol. 12, Agosto de 1899; The National Geographic Magazine, n. 10, vol. 10; Bulletin de la Société de Geographie Commerciale de Bordeaux, ns. 19 e 20 de 1899.

(Mez de Novembro)

—Pelo socio Dr. *Manoel de Mello Cardoso Barata*: Estudos sobre o Pará, por Arthur O. N. Vianna

—Pelo socio *Coronel Gonçalo de Athayde*: Uma carta geographica do reconcavo da Bahia, organizada pelo Engenheiro Civil Theodoro Fernandes Sampaio.

—Pelo socio Dr. *Manoel Landaeta Rosales*: Tres Proceres de la causa liberal—Generaes Donato Rõiz da Silva, Zoilo Medrana y José de Jesus Gonzalez; Guerra de Venezuela em 1898; Hoja de servicios del General Antonio Guzman Blanco.

—Pelo socio Dr. *Mariano A. Pellisa*: Memoria de Relaciones Exteriores y Culto presentado al Honorable Congresso Nacional em 1899.

—Pela *Secretaria do Interior, Justiça e Instrucção Publica*: Relatorio apresentado ao Governo do Estado pelo Secretario de Estado, Dr. Satyro de Oliveira Dias.

—Pelas respectivas *redacções:*

Bolletin de la Sociedad Geografica de Madrid, terceiro trimestre de 1899 e n. 21, Agosto de 1899; Revista Maritima Brasileira, ns. 3 e 4, anno 19; Re-

vista Portugueza, Colonial e Maritima, n. 25, 5.º vol.; Bolletino della Societá Geografica Italiana, ns. 9 e 10, vol. 12. Bericht der Senckenbergischen naturforschenden Gesellschaft in Frankfort am Main—1899; Bolletim da Sociedade de Geographia de Lisboa, n. 12; Bulletin de la Societé de Geographie de Paris, 3.º trimestre, anno de 1899.

(Mez de Dezembro)

—Pelo socio Dr. *Manoel Pedro de Rezende*: «A Opinião Liberal» 1878 e 1879, 1 vol.

—Pelo socio *Candido Costa*: The City of Manáos—1893.

—Pelo cidadão *Alfredo C. Rodrigues*: «O Estado do Amazonas»—1899, Almanach Litterario e Estatistico do Rio Grande do Sul para o anno de 1900, pelo offertante; Notas para a historia da Imprensa do Rio Grande do Sul—1828 a 1844; Perfil Biographico de Antonio Vicente Fontoura, Ministro da Fazenda da Republica Rio-Grande—1807 a 1860.

—Pelo socio Dr. *Manoel de Mello Cardoso Barata*: Um mappa estatistico da divisão administrativa, judiciaria e eleitoral do Estado do Pará.

—Pela *Secretaria do Interior, Justiça e Instrucção Publica:* Leis sanccionadas no Estado da Bahia em 1898 de ns. 223 a 295.

—Pelas respectivas redacções:

The National Geographic Magazine, n. 11, vol. 10; Bulletin of the Bureau of American Republics, n. 4, vol. 17, 1899; Bolletino della Societá Geografica Italiana, n. 11, vol. 12 de 1899; Bulletin de la Société de Geographie Commerciale de Bordeaux, ns. 21 e 22 de 1899, Bulletin of the American Geographical Society, n. 14, vol. 31 de 1899; Bulletin de lá Société de la Geographie Commerciale du Havre, 3º trimestre de 1899; Revista dos Tribunaes (Bahia) n. 4, vol. 16 de 1899; A Lavoura—Boletim da Sociedade Nacional de Agricultura Brazileira, Outubro e Novembro de 1899.

HISTORIA PATRIA

Balthazar de Aragão

SECULO XVII

O bellissimo tracto de mar que forma a bahia, de Todos os Santos, era sulcado, ao finalisar o seculo XVI, por naves armadas em guerra, francezas, inglezas ou hollandezas, que appareciam e subitamente desappareciam, depois de algum recontro com as caravellas de Hespanha ou de Portugal, ancoradas no porto, em defeza da nascente colonia.

Essas naves aventureiras, vindas de longe em busca de facil e rendosa presa, surgiam na bahia, de velas ao vento propicio, e annunciavam aos timidos, e nesse então poucos moradores da cidade do Salvador, a approximação de temeroso inimigo, audaz, ambicioso e valente diante da fraqueza da praça e da escassez dos meios maritimos de defeza.

Rara era a vez, infelizmente, em que os corsarios, de torna viagem dessas aventuras, não desappareciam lentamente no horisonte encinzeirado, levando os bateis apresados no reconcavo, e cujas bordas beijavam o mar, farto o seu bojo do carregamento de assucar dos nascentes engenhos, das madeiras e especiarias preciosas da terra mysteriosa e havia poucas decadas descoberta.

De 1581 em diante, principalmente, accentua-se fortemente esse estado de franca hostilidade, e Portugal, unido á Hespanha, herda os inimigos implacaveis da grande nação, e vê as suas colo-

nias successivamente atacadas, os seus navios incendiados nos portos da America e as suas esquadras mercantes enriquecerem os atrevidos filhos da Batavia, os mais intransigentes adversarios, que, depois de sacudir o jugo omminoso do duque d'Alba, conseguiram a supremacia no mar desde a celebre tregua com a Hespanha em 1609, e dirigiram todos os seus esforços, todas as suas vistas ambiciosas, todos os seus justificados anhelos de vindicta contra a mais vasta e fertil das colonias hispano-portuguezas; o Brazil, d'oravante será o alvo ardentemente desejado de todas as suas tentativas colonisadoras, de todas as suas necessidades de expansão e de vitalidade.

Naquella data, despontava no vasto territorio a cidade do Salvador, e contra ella incessantemente dirigiram-se todos os ataques da Hollanda, e até a França, e a Inglaterra, e a propria Turquia, cubiçaram o mundo de Cabral, povoado de raças desconhecidas, de selvicolas que traziam aos marinheiros, ora timidos, ora aggressivos, as mãos em signal de prece, ou offertando, submissos, o ouro e as pedrarias dos seus sertões, ou nervosas e rijas, manejando atrevidamente a arma temivel do Tupinambá.

Os nossos escriptores eruditos do seculo XVII dizem que a Bahia fora atacada até 1604 por quatro poderosas esquadras, e duas dellas traziam por chefes a Withrington e a van Ceulen, dous temiveis homens do mar, que devastaram todo o littoral.

O temor continuo de uma investida mais seria e mais efficaz, contra a cidade, por parte das esquadras inimigas, fazia escrever ao classico chronista Gabriel Soares que os moradores da Bahia viviam atemorisados, esperando sempre a appa-

rição de qualquer veleiro grande para internarem-se nas frondosas mattas do interior.

A esse attribulado estado de cousas, ás constantes reclamações, ao grito de alarma dado pelas populações ribeirinhas, o governo da metropole respondera com a carta regia de 30 de Outubro de 1592, em que estabelecia um imposto de entrada e de sahida nos generos das colonias para o custeio de uma esquadra effectiva de doze navios para a defeza das costas e para comboiar e proteger os navios mercantes.

Essa providencia salutar não foi executada, e as costas do Brazil continuaram a abastecer durante annos os mercados da Hollanda.

Era tal, porém, a contingencia em que se achava a Bahia, era tal a sua estreiteza em recursos e em meios de defeza, que não raro era vêr-se particulares empenharem-se em luctas temerosas, quasi sempre fataes.

Nas chronicas antigas, e melhor ainda, nos poucos documentos particulares que nos restam da phase historica que serve de pallida moldura á figura altiva e forte de Balthazar de Aragão, encontram-se indicações de factos taes. E aquelle que mais deveria ser impressionado á nascente cidade foi, incontestavelmente, o que teve por theatro sanguinolento o nosso porto, em um dos mezes do anno de 1613.

Era Balthazar de Aragão, quando veiu á Bahia, como capitão-mór, homem já feito em idade, haveres e fama. Occupára, durante annos, igual cargo em Angola e exercera-o alli tão rijamente que a multidão africana o appellidára o Bangala, ou inflexivel.

Pouca cousa sabe-se relativamente ao capitão mór de Angola, e a sua passagem pela Bahia deixou igualmente poucos vestigios officiaes,

Esse silencio, essa ausencia, porém, de documentos, é, infelizmente, natural quando recordamos que os nossos archivos foram destruidos e em parte remettidos para a Hollanda em 1624, quando o almirante batavo Jacobs Willekens apoderou-se da cidade.

Assim é que somente dessa data em diante encontram-se documentos nos archivos do Estado, da municipalidade e de alguns cartorios.

Um frade que escreveu em 1768, chronista erudito da «provincia de Santo Antonio do Brasil», hoje maxima competencia em certos assumptos, é o unico a citar-lhe o nome no catalogo genealogico das principaes familias da Bahia, e a indicar o grande successo de sua morte em 1613.

Apezar da confiança que pode merecer um escriptor da respeitabilidade de Jaboatão, não me era dado ter como indiscutivel um facto historico de grande interesse, maxime quando elle era o unico a cital-o. Porque o silencio dos outros chronistas ou historiadores?

Seria tão somente uma lenda que chegára à epocha em que viveu e escreveu Jaboatão, adulterada ou sem origem pura e certa, e por isto mesmo despresada pelos outros historiadores?

Todas essas duvidas, todas essas difficuldades na averiguação da verdade, levaram-me a realizar pesquizas incessantes, coroadas, finalmente, do melhor exito.

Não estão de accordo os genealogistas, os autores mais competentes dos antigos livros de linhagens, sobre a origem do appellido illustre de Aragão. Dizem uns que esse nome procede de Rucones, povo que alguns julgam ter existid junto à Navarra, e que foi combatido e vencid

pelo rei Artamiro, em 567, no dizer da chronica antiga e de S. Izidoro.

João, abbade de Valdara, antigo escriptor portuguez, porém, discorda da denominação dada àquelle povo, e o chama aragones, ou os actuaes aragonezes.

Outros historiadores, Vasco, Nebrisa e Florião do Campo, afastando-se daquelles não menos competentes em taes assumptos, dizem que na palavra Tarragones deve-se ir buscar a origem do nome que nos occupa, supprimindo-se a primeira lettra.

Successivamente, si consultarmos dezenas de chronicas dos escriptores dos primeiros seculos da éra christã, encontraremos outras tantas opiniões, cada qual mais verosimil.

Nas minhas investigações, porém, não me deixei levar somente pelos trabalhos de escriptores mais ou menos antigos, e procurei logo aquelle que me apresentasse documentos que provassem fortemente a verdade de sua opinião historica.

As fontes diplomaticas da historia, representadas por toda especie de documentos reconhecidamente authenticos, depois de apurado estudo paleographico e critico, prestam esse relevante serviço á apreciação de epochas remotas, cujos chronistas muita vez adulteravam factos ou os transmittiam aos posteros sem averiguar-lhes a pureza da origem.

Hoje o estudo da historia tem por base a paleographia e a diplomatica, que é a philosophia della; outr'ora as fontes chamadas narrativas preponderavam, e por isso chegaram até nós verdadeiros absurdos historicos, admiravelmente apontados por Jubanville.

Seguindo, portanto, esse systema, inclinei-me logo á opinião do abbade Valdara, quanto a ori-

gem do nome de Aragão, porque vi em Frei Bernardo de Britto a citação de um decreto do Papa Hormisda, eleito pontifice no anno de Christo de 517 e fallecido em 525, dirigido a Sacrario, rei dos aragones. Antes, portanto, de Artamiro subir ao throno e desbaratar os Rucones, existia já um povo com aquelle nome.

Deixando ahi rapidamente descripta a origem mais provavel desse nome, e afastando-me de tratar das familias reinantes, e das da alta nobreza da Hespanha que o usaram, direi, que Balthazar de Aragão pertencia ao ramo que floresceu em Portugal e teve por tronco a Martim de Aragão, cavalheiro que acompanhou áquelle paiz a rainha D. Dulce, mulher de D. Sancho I. Isso dizem Brandão na sua «Monarchia luzitana», e o «Nobiliario» do conde D. Pedro.

Não me foi possivel precisar, apezar de todos os meus esforços, de todas as minhas pesquizas nos archivos publicos e no meu particular, a data exacta da chegada á Bahia de Balthazar Aragão. E' certo, porém, que elle achava-se aqui em 1599, pois a 13 de Novembro desse anno desposava uma bisneta de Catharina Paraguassú.

Governava nessa data a Bahia, D. Francisco de Souza, segundo Governador nomeado por Felippe II, já Portugal sob o dominio da Hespanha A Bahia começava a realizar sensiveis progressos; a sua população avultava rapidamente, e dava-lhe grande importancia o ser a séde do governo geral, a residencia das mais altas auctoridades coloniaes, além do governador, o ouvidor, o provedor, o bispo, e o provincial da Companhia de Jesus.

Não sei si o capitão mór, ao chegar a capital da colonia, era ainda solteiro ou si era viuv ; inclino-me porém á primeira hypothese, porq

os papeis de familia que possuo, tratando da sua descendencia americana, nada dizem relativamente a um primeiro matrimonio que elle houvesse contrahido.

Na epocha da sua chegada á America, a familia de maior importancia na Bahia era, incontestavelmente, a de Catharina Paraguassú. Os descendentes de Diogo Alvares viviam cercados da maior consideração, aureolados, por assim dizer, pela lenda do Caramurú, que lhes illustrára o berço.

Quer nos parecer que além da altivez, e de fria inflexibilidade, e do valor temerario que constituiam o fundo do caracter de Balthazar de Aragão, a ambição estimulava todas aquellas qualidades, faceis, é verdade, de encontrar reunidas nos feros cavalheiros de alguns seculos passados.

Capitão-mór na Bahia, revestido das prerogativas e da importancia que naquella epocha tinham esses funccionarios, Balthazar julgou talvez estender a sua influencia e augmentar os seus haveres, entrando em uma familia de grande importancia, casando-se em 13 de Novembro de 1599, na Sé, com Maria de Araujo, bisneta, por Maria Dias e Genebra Alvares, de Catharina Paraguassú e Diogo Alvares. Tinha Maria nessa data pouco mais ou menos de vinte annos de idade, baptisada como fôra, na Sé, em 21 de Agosto de 1579.

Installou-se então o capitão-mór em uma casa nobre que havia na rua chamada desde essa occasião do Bangala, denominação por que é ainda em nossos dias conhecida e que, no dizer de Mello Moraes, o curioso e infatigavel investigador dessas tradições, assim era chamada

por morar nella Balthazar de Aragão, mais conhecido por similhante alcunha.

Quem conhecer bem a epocha em que viveu na Bahia o capitão-mór, sabendo minuciosamente o modo por que se tratava a nobreza e tambem os ricos moradores da cidade do Salvador, ostentando bellos cavallos, jaezes preciosos, ricas alfaias, creados e escravos importados cuidadosamente para differentes misteres, especialmente escolhidos os mais garbosos e de puras formas athleticas para carregar as liteiras e as cadeirinhas douradas e de cortinas de seda do oriente, levando nas jaquetas as cores vistosas dos escudos de armas dos nobres senhores; relembrando os trajes do seculo XVI da severa côrte portugueza, alterados já pela influencia dos costumes mais elegantes e mais dissolutos da nobreza hespanhola, os calções, o gibão de setim ou de damasco, o gorro, as plumas e as armas preciosas cravejadas de pedrarias, poderá fazer uma nitida idéa do viver do rico e nobre Balthazar de Aragão.

Apezar da existencia luxuosa e ao parecer calma, que se levava na nova cidade, raro era o mez em que os sinos da Sé não tocavam a rebate, annunciando achar-se á vista, lá para as bandas do norte, um navio suspeito, e logo após a sua nacionalidade inimiga era indicada, attrahindo as auctoridades e o povo á praça, onde, dizem os chronistas coevos, se corriam touros quando convinha.

E durante algum tempo, via-se affluir de todas as arterias que desembocavam naquelle local, precipitadamente, os peões curiosos e amedrontados, os cavalheiros garbosos e atrevidos, afivelando ainda, na carreira, o cinto da espada,

os garotos e as mulheres em pranto pedindo aos céos os salvassem do hollandez.

Nesses momentos tremendos as altas patentes cercavam o Governador, e apraz-me divisar dentre ellas a Balthazar de Aragão, que morando mais distante, naturalmente vinha montado no seu ginete ajaezado de prata, acompanhado dos seus lacaios. E curioso, como todos, de medir a extensão do perigo, provavelmente apparecia a uma das janellas da «nobre casa em que se agazalhavam os governadores»; e talvez ficasse algum tempo a considerar, mudo e afflicto, na offensa que o hollandez irrogava á Hespanha e a Portugal. Desconsolado lançaria um olhar para a inutilidade da «artilheria grossa» assentada na praça, ao poente, e da qual zombava o inimigo audaz.

A vozeria do povo, inclinado sobre o barranco da praça, que dava para o mar, rodeando os poucos canhões que a defendiam, annunciava a cada momento as differentes manobras da esquadra ou do navio inimigo. Do palacio do Governador partiam precipitadamente soldados montados que levavam ordens para a defeza da cidade em caso de ataque.

Foi provavelmente em um desses dias atribulados, de vergonha e de raiva impotente, que nasceu subitamente na alma violenta, irrequita e altiva de Bangala a idéa temeraria de dar combate a umas dessas náos hollandezas que menosprezavam do valor e brio dos portuguezes.

Talvez em uma bella tarde de verão, apoiado a um dos canhões inuteis da praça, Balthazar se entretivesse comsigo mesmo dessa aventurosa empreza, no segredo do seu intimo, antes de communical-a á familia e aos amigos. O seu porte que me apraz considerar alto e forte des-

tacava-se no horizonte sereno de um crepusculo dos tropicos; e a sua cabeça arrogante e de traços severos e firmes, que não podia deixar de ser assim constituido um homem talhado a tão arriscadas emprezas, e que já havia dado de si sufficientes provas de rigor na acção de governar e de valor nos combates, era illuminada por um olhar frio e penetrante, revelador de um espirito intemerato e inflexivel.

Balthazar contemplava e espreitava as aguas limpidas da bahia, docemente frisadas pelo vento de terra, em uma tarde de verão, emquanto o seu genio construia o drama em que seria protogonista e que lhe daria invejavel renome; calculava friamente as vantagens e o arriscado da empreza, sem comtudo desanimar. Voltando ao lar, julgo que por um momento talvez naquelle peito frio passasse o ardor de alguma emoção ao recebel-o no limiar Maria de Araujo, rodeada de seus filhos, aos quaes nada referiu do seu projecto. Quer me parecer que foi somente dias depois, ao reunir em torno á sua mesa os mais importantes amigos, que o capitão-mór dirigiu a conversa para o assumpto sempre palpitante e relembrou os repetidos prejuizos que soffria a colonia, e chegou insensivelmente a propôr o alvitre de sahirem os particulares abastados a combatel-os em navios equipados e armados á sua custa, lembrando que elle como que estava indicado para enfrentar o primeiro impeto do hollandez, dada a coincidencia de terem entrado no porto, no mesmo anno em que desposára Maria de Araujo, quatro naves daquella nação.

Os convivas mais experimentados e idosos, talvez permanecessem mudos ou procurassem dissuadil-o de tal intento; os outros, porém, jovens e ambiciosos, receberam alegremente a nobre,

mas perigosa proposta, e ao finalizar a ceia só Maria de Araujo permanecia triste e silenciosa, temendo desgostar o seu marido e senhor.

Tinha já Balthazar de Aragão, em 1613, anno emque se passou este successo, (em que mez não me foi dado descobrir) varios filhos, alguns dos quaes foram troncos das mais illustres e nobres familias da Bahia. Um dos seus netos, Francisco de Araujo de Aragão, foi alcaide-mór desta cidade por Carta Regia de 1 de Março de 1687, e o livro antiquissimo de Preito e menagem dos governadores e alcaides-móres, existente no Archivo Publico, o dá como passado em 2 de Outubro do mesmo anno.

Seu filho Manoel, bisneto de Balthazar, succedeu a seu pae, e esta foi a primeira mercê que fez D. João V para o Brazil; prestou juramento em 21 de Junho de 1707. A descendencia de Balthazar de Aragão continuou a figurar e ainda occupa em 1899 altos cargos na Bahia.

Jaboatão, ao dizer laconicamente que Balthazar de Aragão fallecera em 1613, sahindo em uma náo a pelejar contra os hollandezes, accrescenta que elle governava a Bahia por morte do governador D. Diogo de Menezes.

Aquelle facto que levou-me logo a trabalhosas pesquizas ficou felizmente elucidado ao receber do Archivo Nacional da Torre do Tombo, em Lisboa, as cópias mandadas extrahir alli pelo illustre director do nosso Archivo das cartas regias que nomearam os alcaides-móres desta cidade. Em uma dellas, como eu previa, a que nomeava Francisco de Araujo de Aragão, neto do capitão-mór, encontrei como um dos motivos reponderantes da alta escolha que el-rei fazia o nomeado, o ter-se embarcado seu avô, o ca-

pitão-mór Balthazar de Aragão, em um seu navio de guerra, armado e equipado a custa da sua fazenda, a pelejar com os hollandezes que infestavam as costas, morrendo afogado, visto ter-se virado a náo em que ia.

Esse documento, de uma authenticidade indiscutivel, veiu fazer de Balthazar de Aragão uma figura interessantissima e dar-me verdadeiro prazer por ter tido a occasião de tirar do esquecimento o nome de um illustre ascendente.

O outro facto, porém, tambem citado por Jaboatão, de governar o capitão mór a Bahia poter fallecido D. Diogo de Menezes, conservou-se até o presente envolto no maior mysterio, apezar dos meus esforços. Talvez encontre ainda algum livro ou documento particular que tivesse escapado á sanha hollandeza e que authentique o facto.

Muito abastado em haveres devia ter sido o Bangala para lançar-se a uma empreza que, além de arriscada, deveria consumir avultadas sommas; loucura, o era incontestavelmente. Um official de terra, desacostumado ás lides do mar, sem o pessoal practico talvez, e sufficiente para luctar com os atrevidos e notaveis marinheiros batavos que tinham, além do mais, a superioridade que dá o habito de vencer, não poderia ter esperança de exito si não tivesse a coragem do Bangala. Si eu vivesse no primeiro quartel do seculo XVII, teria concorrido com a população toda da cidade do Salvador, a observar das eminencias della a sahida do porto da náo armada em guerra em que ia o capitão-mór.

Teria visto a anciedade de todos, os elogios de alguns, as lagrimas de muitos. E a náo bordejando a principio, a espera de propicia ar

gem, afastar-se lentamente, as velas cheias finalmente, em demanda das caravellas hollandezas, cujos vultos branquejavam no horizonte encinzeirado, de onde não deveria voltar Balthazar de Aragão.

Francisco Gil de Araujo

CAPITULO XVII

Da leitura de um curioso relatorio assignado por Frei Raymundo da Madré de Deus Pontes, Manoel Correia Garcia, F. M. Raposo d'Almeida e Dr. Odorico Octavio Odilon, commissão encarregada pelo Instituto Historico da Bahia de proceder a pesquizas archeologicas no subsolo da egreja Cathedral, onde se descobrira um vacuo abobadado ao proceder-se a inhumação dos restos do arcebispo Primaz do Brazil, D. Romualdo de Seixas, Marquez da Santa Cruz, nasceu a idéa de completar com alguns apontamentos biographicos aquella interessante noticia sobre o cavalheiro cujos restos foram encontrados naquelle subterraneo.

Aquella commissão, conforme se vê do trecho que transcrevo do seu relatorio, em 4 de Dezembro de 1862, dirigiu-se ao antigo e historico templo jusuitico e procedeu ao exame da abertura que se descobrira no plano da capella-mór da Cathedral,

«Ao meio dia, pouco mais ou menos, diz a commissão, era arrancada a pedra de marmore, que serve como porta a esse subterraneo; apenas levantada essa lage descortinamos quatro degràos de alvenaria que dão ingresso ao mesmo subter-

raneo e por onde apenas pode passar um homem, descemos por essa abertura ao interior e ahi, ao clarão das luzes, podemos ver uma pequena camara abobadada, cujo comprimento é de 13 palmos e 3 polegadas, e a altura, do vertice da aboboda, 7 palmos e 7 polegadas, sendo o pavimento de tijollos já muito estragados pela humidade do logar.»

Nesse vacuo encontrou a commissão ossos humanos calcinados, alguns pedaços de galão de ouro, tiras de velludo, alças de cobre, uma fechadura primorosamente trabalhada e outros objectos, parecendo ter sido o cadaver sepultado com vestes de cavalheiro.»

Extraordinaria foi a curiosidade que despertou essa descoberta, principalmente depois que se encontrou sobre a lapide de marmore que cobria esse jazigo uma inscripção latina que dava o nome do fidalgo alli sepultado. Dizia ella:

Hic iacet
Franciscvs Gil de Aravio
Præfetvræ c.vs sancte
Domine gubernator
Conditor magnifice patron
Singularis huius maioris sacelli Quod
Sanctiss.° iesu nomine erexit in titulum ipsis societi constrvxit in monumento sibiq ac posteris svis, posvit in sepvchro.
Obiit anno domini M. DCCXXXV Decem XX.(*)

Quem seria esse desconhecido? não podia dei-

(*)—O Dr. J. A. Teixeira de Mello no vol. 2.° das suas «Ephemerides Nacionaes» traz a data de 24 de Dezembro de 1685 como o dia em que falleceu na Bahia o coronel Francisco Gil de Araujo, donatario da Capitania do Espirito Santo, tendo-a comprado em 1674, por Alvará de licença de 6 de Junho, por 40.000 cruzados.

xar de ser uma influencia naquella data e no meio em que viveu. A collocação de seu sepulchro de familia em logar privilegiado no collegio dos jesuitas isso attestava. A commissão, porém, nada poude adiantar a esse respeito; no seu relatorio diz que «apenas poude saber que esse Gil de Araujo é um dos troncos genealogicos de uma antiga e grande familia desta provincia, a dos Garcias. Pachecos, Pimenteis e Aragões, à qual tambem pertence a casa da Torre Garcia d'Avilla.»

A mesma curiosidade que ha trinta e cinco annos assaltou os espiritos daquelles illustres homens de lettras. veiu lançar-me em pesquizas historicas e genealogicas. Consegui, felizmente, saber minuciosamente quem fôra Francisco Gil de Araujo. Prende-se sua ascendencia nada menos que á Catharina Paraguassú, a lendaria princeza brasilica. a esposa de Diogo Alvares.

Das quatro filhas legitimas deste matrimonio, Genebra Alvares casou com Vicente Dias, de Beja, de cujo enlace, entre outros filhos, teve a Maria Dias que casou com Francisco de Araujo, natural de Ponte de Lima, da nobilissima familia desse appellido que ha na provincia de Entre-Douro e Minho. Neto de Maria Dias por sua mãe Maria de Araujo, casada em primeiras nupcias com o capitão-mór Balthazar de Aragão, o Bangala por alcunha, pela rigidez e pela crueldade do seu governo em Angola, e em segundas em 2 de Dezembro de 1657 com Pedro Garcia que foi seu pai, a quem chamavam o velho, mercador mui rico para aquelles tempos, natural da ilha de S Miguel e filho de Manoel Pereira e de sua mulher Joanna Garcia, Francisco de Araujo achou-se trineto de Catharina, e, portanto, alliado ás mais illustres familias brazileiras.

Seu pai fez doação aos religiosos de Santo An-

tonio da terra necessaria para a fundação do convento de Paraguassú e nelle foi sepultado em 7 de Maio de 1691.

Herdeiro de um grande nome e de avultada fortuna, parece que Francisco de Araujo foi homem generoso, activo e ambicioso.

Conservou as vastas propriedades de sua familia e dotou principescamente suas sobrinhas, filhas de sua irmã Joanna casada com Antonio da Silva Pimentel, alcaide-mór da Bahia.

Foi donatario da Capitania do Espirito Santo por compra que della fez ao seu proprietario o almotacé-mor Antonio Luiz Gonçalves da Camara Coutinho, pela somma de quarenta mil cruzados.

Casou-se, em data que não posso precisar, com Joanna Pimentel, descendente desse Bernardo Pimentel de Almeida, fidalgo muito honrado, diz Jaboatão, que passou á Bahia em 1584.

Desse matrimonio teve quatro filhos e dentre elles Manoel Garcia Pimentel que herdou a casa de seu pai, foi como elle donatario da capitania do Espirito Santo, seu governador e capitão-mór, e senhor do morgado que lhe deixou seu tio o padre Pedro Garcia de Araujo.

Foi senhor da villa Velha, cavalleiro de Christo e successor da commenda que foi de seu pai.

Este velho e abastado fidalgo, querendo concorrer para que os jesuitas terminassem as obras internas do seu collegio, deu-lhes a importante quantia de trinta mil cruzados para fazer-se a capella-mór.

Eis, finalmente, desvendado o mysterio da preferencia honrosa que deram aos restos do seu bemfeitor os padres da Companhia de Jesus.

Abril 99.

INNOCENCIO GÓES.

INDICE

DAS

MATERIAS CONTIDAS NO VOLUME 6°

———*———

Mesa Administrativa

Presidente—Cons. Salvador P. de Carvalho e Albuquerque
1. Secretario—Cons. João Nepomuceno Torres
2· Secretario—Dr. Isaias de Carvalho Santos
Orador—Dr. Braz Hermenegildo do Amaral
Thesoureiro—Capitão Francisco Gomes Ferreira Braga

Commissão de Redação da Revista

Cons. João Nepomuceno Torres
Dr. Joaquim dos Reis Magalhães
Dr. Innocencio Munoz de Araujo Góes.

ASSIGNATURAS

Por um anno . . . . : 12$000
Por seis mezes. . . . . 6$000

PAGAMENTO ADIANTADO

Numero avulso e os anteriores. 3$000

AVISO

A correspondencia e todas as remessas de livros, jornaes e quaesquer objecto de valor historico devem ser encaminhadas para a Secretaria do Instituto, á Rua da Misericordia [illegible] 10 horas da manhã ás 3 da tarde.

Empreza Editora – Bahia

INSTITUTO GEOGRAPHICO E HISTORICO DA BAHIA

REVISTA COMMEMORATIVA

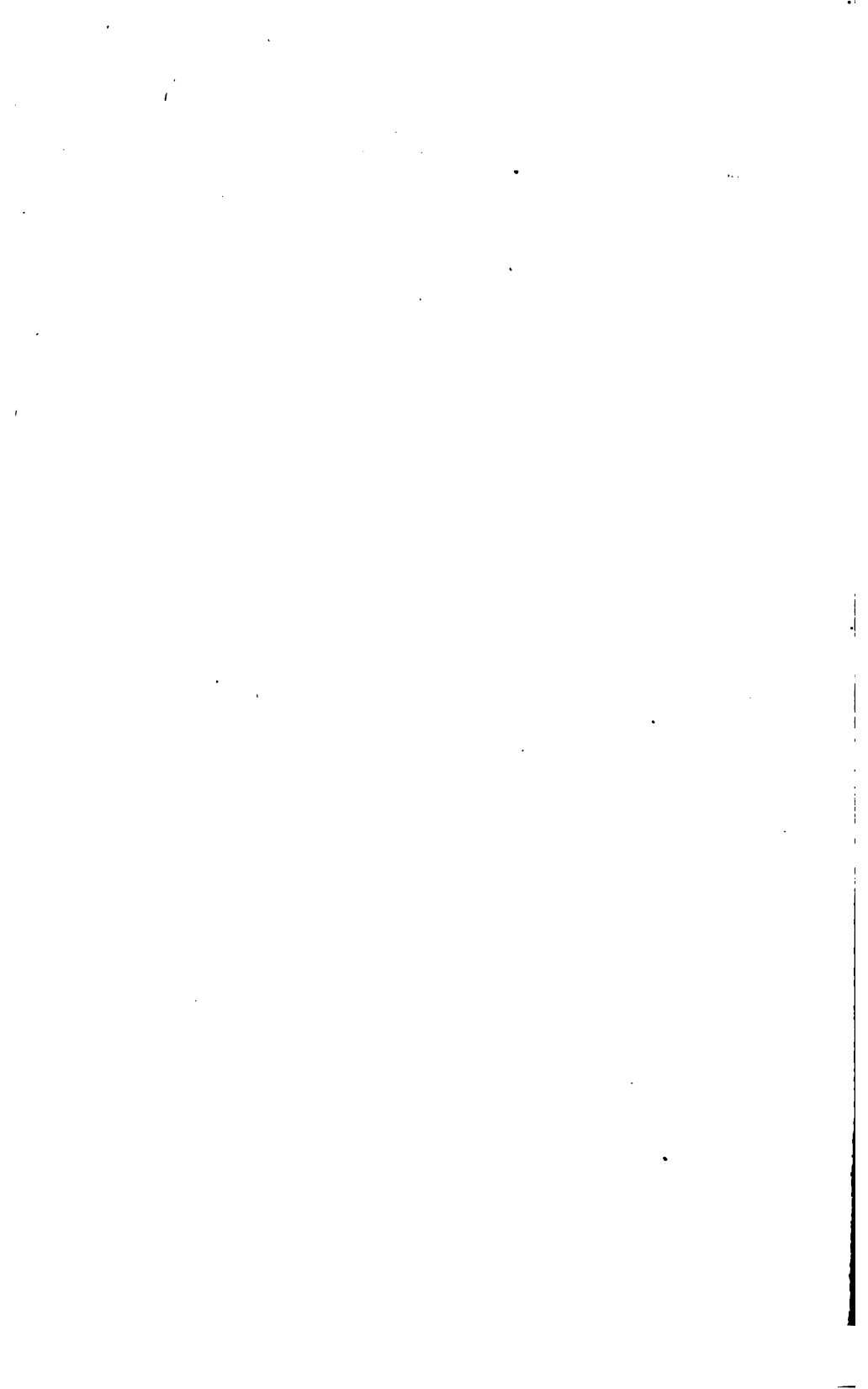
DO

Quarto Centenario

DO

BRAZIL

ANNO VII VOL. VII N. 23

BAHIA
Typ. e Encadernação—«Empreza Editora»
80—Rua do Corpo Santo—80
—
1900

Descoberta do Brazil ao acaso

Partiu de Belém no dia 9 de Março de 1500 a frota commandada por Pedro Alvares Cabral, com destino a Calecut, levando como Immediato e seu successor no caso de fallecer, Simão de Miranda d'Azevedo Capitães das náos: — Bartolomeu Dias já conhecido por ter dobrado o Cabo da Bôa-Esperança, levando em sua companhia seu irmão Nicolau Coelho, que tinha acompanhado Vasco da Gama tambem na viagem da India; Sancho de Toar (hespanhol) e Pero de Athayde; estes quatro erão os Capitães das náos, levando outros em os navios menores.

Para feitor da Armada e da Carga Ayres Correia devendo dirigir logo que chegasse a Calecut a feitoria, levando comsigo toda a familia, e este na qualidade de Feitor-Mór levou como Escrivães Pero Vaz Caminha, Gonçalo Gil Barboza, Diogo de Azevedo e Affonso Furtado.

D'estes quatro o mais illustrado era Pero Vaz Caminha, que contrariado em razão do casamento de uma filha com Jorge de Soiro, abandonou o norte de Portugal, onde residia, e acceitou o cargo de Escrivão na feitoria de Calecut.

Um dos homens mais considerados por lettras e sciencias era o Bacharel Mestre João physico Cirurgião de Sua Alteza, e que não contente em professar a medicina, tambem entendia um pouco de astronomia applicada á navegação.

Como missionario para catechese dos indios, escolheu El-Rei alguns frades franciscanos e porguardião Frei Henrique Soares, que depois foi Bispo de Ceuta, e alguns clerigos de missa, com seu vigario, para administrarem os Sacramentos.

O resto da tripulação entre marinheiros e soldados era de 1200 pessoas, todos voluntarios, e fóra a tripulação seguiram mais vinte degredados.

Carta escripta por um piloto portuguez companheiro de Cabral na viagem à India

«No anno de 1500 mandou o Serenisimo Rei de Portugual D. Manoel huma armada de doze nàos (1) e navios para as partes da India, e por seu Capitão Mór Pedro Alvares Cabral, Fidalgo da sua casa as quaes partirão bem apparelhadas, e providas do necessario para anno e meio de viagem.

(1) Falta uma, pois eram 13.

Dez d'estas náos levaram instrucções de hir a Calicut e as duas restantes a um lugar chamado Çofala para onde as outras dez hião carregadas.

Em um domingo 8 de Março d'aquelle anno, estando tudo prestes, sahimos a 2 milhas de distancia de Lisboa a um lugar chamado Rastello, aonde está o convento de Belém, e ahi foi El-Rei entregar pessoalmente ao Capitão Mór o Estandarte Real para a dita Armada.

No dia seguinte levantamos ancoras com vento prospero, e aos 14 do mesmo mez chegamos as Canarias: aos vinte e dous passamos Cabo Verde e no dia seguinte esgarrou-se uma nào da Armada, por forma tal, que não se soube mais d'ella (2). Aos 24 de Abril que era uma 4.ª feira do Oitavario da Paschoa, houvemos vista de terra; com o que tendo todos grandissimo prazer, nós chegamos á ella para reconhecer, e achando-a muito povoada de arvores e de gente que andava pela praia lançamos ancora na embocadura d'um pequeno rio.

O nosso Capitão mór mandou deitar fóra um batel, para ver que povos erão aquelles, e os que n'elle foram acharam uma gente parda, bem dispostos, com cabellos compridos; andavam todos nús sem vergonha alguma, e cada um d'elles trazia o seu arco com frexas, como quem estava alli para defender aquelle rio; não havia ninguem na Armada que entendesse a sua linguagem, de sorte que vendo isso os dos bateis, tornaram para Pedro Alvares, e no

---

(2) Navio de Vasco de Athaide.

em tanto se fez noute, e se levantou com ella um rijo temporal.

Na manhã seguinte corremos com elle a costa para o Norte, estando o vento S. E. até vêr se achavamos porto aonde podessemos abrigar e surgir; finalmente achamos um aonde ancoramos e vimos d'aquelles mesmos homens, que andavam pescando nas suas barcas; um dos nossos bateis foi ter aonde elles estavão e apanhou dous que trouxe ao Capitão mór para saber que gente erão; porém, como dissemos, não se entenderam por fallas nem mesmo por acenos, e assim tendo-os retido uma noute comsigo os poz em terra no dia seguinte, com uma camisa, um vestido e um barrete vermelho, com o que ficaram muito contentes e maravilhados das cousas que lhes havião sido mostradas.

No dia 26 de Abril, qne era no Oitavario da Paschoa, determinou o Capitão mór de ouvir Missa; e assim mandou armar uma tenda n'aquella praia, e debaixo d'ella um Altar, e toda a gente da Armada assistio a Missa, como a pregação, juntamente com muitos dos naturaes, que bailavam e tangião nos seus instrumentos; logo que acabou, voltamos aos navios, e aquelles homens entravam no mar até os peitos, cantando e fazendo muitas festas e folias.

Depois de jantar tornou á terra o Capitão mór e gente da Armada para esparecer com elles; e achamos n'este lugar um rio de agoa doce. Pela volta da tarde tornamos ás náos, e no dia seguinte determinou-se fazer agoada e tomar lenha; pelo que fomos todos a terra, e os naturaes vieram comnosco, para ajudar-nos.

Alguns dos nossos caminharam até uma povoação onde elles habitavam, cousa de tres milhas distante do mar, e trouxeram de lá papagaios, e uma raiz chamada inhame, que é o pão de que allí uzão, e algum arroz; dando-lhes os da Armada cascaveis e folhas de papel em troca do que recebião. Estivemos n'este lugar cinco ou seis dias; os homens, como já dissemos, são baços, e andão nús sem vergonha, tem os seus cabellos e grandes e a barba pellada; as palpebras e sobrancelhas são pintadas de branco, negro, azul, ou vemelho; trazem o beiço de baixo furado, e mettem-lhe um osso grande com um prego; outros trazem uma pedra azul ou verde e assobião pelos ditos buracos; as mulheres andão igulmente nuas, são bem feitas de corpo, e trazem os cabellos compridos. As suas casas são de madeira cobertas de folhas e ramos de arvores, com muitas columnas de páo pelo meio, entre ellas e as paredes pregão redes de algodão, nas quaes pode estar um homem; e de cada uma d'estas redes fazem um fogo, de modo que n'uma só casa póde haver quarenta ou cincoenta leitos armados á moda de teares. N'esta terra não vimos ferro nem outro algum metal, e cortão as madeiras com uma pedra; tem muitas aves de diversas castas, especialmente papagaios de muitas côres e entre elles alguns do tamanho de gallinhas, e outros passaros muito bellos, das pennas dos quaes fazem os chapeus e barretes de que usão. A terra é muito abundante de arvores, e de aguas, milho, inhame e algodão; e não vimos animal algum quadrupede; o terreno é grande, porém não podemos saber se era ilha ou terra firme, ainda

que nos inclinamos á esta ultima opinião pelo seu tamanho; tem muito bom ar; os homens usão de rêde e são grandes pescadores; o peixe que tirão é de diversas qualidades, e entre elles vimos um que podia ser do tamanho de um tonel mais comprido e todo redondo, a sua cabeça era do feitio de um porco, os olhos pequenos, e sem dentes, com orelhas compridas; pela parte inferior do corpo tinha varios buracos e a sua cauda era do tamanho de um braço; não tinha pés, a pelle era da grossura de um dedo, e a sua carne gorda e branca como a do porco. Nos dias que aqui estivemos determinou Pedro Alvares fazer saber ao nosso Serenissimo Rei o descobrimento d'esta terra, e deixar n'ella dous homens condemnados a morte, que traziamos na Armada para este effeito; e assim despachou um navio que vinha em nossa companhia carregado de mantimentos (3), além dos doze sobreditos, o qual trouxe á El Rei as cartas em que continha tudo quanto tinhamos visto e descoberto.

Despachado o navio sahiu o Capitão em terra, mandou fazer uma cruz de madeira muito grande e a plantou na praia, deixando, como já disse, os dois degradados n'este mesmo lugar, os quaes começaram a chorar, e foram animados pelos naturaes do paiz, que mostravam ter piedade d'elles. (4)

No outro dia, que erão 2 de Maio, fizemo-nos á vela para ir demandar o Cabo da Bôa-Esperança, achando-nos então engolphados no mar mais de 1200 legoas

---

(3) O navio de Gaspar de Lemos.
(4) Nada diz de observação de Mestre João.

de 4 milhas cada uma; e aos 12 do mesmo mez seguindo nosso caminho nos appareceu um cometa para as partes da Ethiopia, com uma cauda muito comprida, o qual oito ou dez noites a fio; em fim quando se contavão vinte do mez navegando a Armada toda junta, com bom vento as velas em meia arvore e sem traquetes por causa de uma borrasca, que tinhamos tido em o dia antecedente, veio um tufão de vento tão forte e tão de subito por diante, que o não percebemos sinão quando as velas ficaram cruzadas nos mastros; n'este mesmo instante se perderam 4 náos com toda a sua matalotagem, sem se lhe poder dar soccorro algum; e as outras 7 que escaparam estiveram em perigo de se perderem, e assim fomos aguentando o vento com os mastros, e velas rotas, e a Deus misericordia todo aquelle dia: o mar embraveceu-se por tal maneira que parecia levantar-nos ao Céu; até que o vento se mudou de repente e posto que a tempestade ainda era tão forte que não nos atreviamos a largar as velas; ainda assim navegando sem ellas, perdemo-nos uns dos outros de modo, que a Capitanea com duas outras náos tomaram um rumo, outra chamada El-Rei com mais duas tomaram outro; e assim passamos esta tempestade vinte dias consecutivos, sempre em arvore secca, até que em 16 do mez de Junho houvemos vista da terra da Arabia, onde surgimos; e chegados a costa podemos fazer uma boa pescaria. . . . .

. . . .

O original d'este escripto não existe e foi traduzido para o portuguez das obras de João Baptista

Ramuzio, por terem muita semelhança com os escriptos dos dois historiadores portuguezes Barros e Catanheda, encontrando-se tambem na obra de Cadamosto, sendo vertida em Latim por Archangelo Madrignano. A viagem de Cabral foi escripta por um piloto portuguez cujo nome ignora-se, o qual tendo acompanhado Cabral foi testemunha occular de quasi todos os factos a que se refere. Parece que os nossos historiadores tiveram pouco ou nenhum conhecimento d'este escripto que anda impresso em algumas das antigas collecções de viagens, e o erudito Abbade Barboza em sua Bibliotheca Luzitana attribue ao mesmo Pedro Alvares Cabral a autoria d'esse escripto, o que não deixa de ter razão pela semelhança que n'esta se encontra com a carta de Pero Vaz Caminha escripta de Santa-Cruz ao Rei de Portugal por ordem do Almirante dando parte do feliz achado. Caminha escrevendo ao Rei de Portugal (e desculpa-se em não encontrar S. Magestade n'esse documento), informação alguma dá em referencia a navegação, porque não sendo piloto, outros o foram com mais competencia. O roteiro do Piloto que acompanhou Cabral em toda a sua viagem á India, n'elle não se declara coisa alguma em referencia a navegação, prima pela ignorancia completa das obrigações que competem ao mais rude dos pilotos.

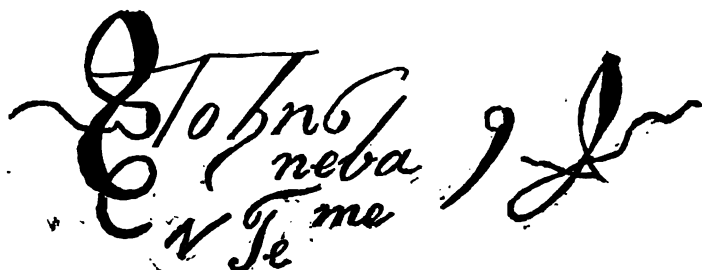
A divisão dos dias pelas horas não se encontra n'essa derrota, nem em outras semelhantes, falta esta que se nota tambem na derrota de Vasco da Gama; naturalmente por falta de relogios ignoravam o calculo para obter a hora a bordo.

Na derrota do Piloto não dá a hora da sahida de Lisbôa, nem mesmo quando avistaram terra da America.

As Latitudes e Longitudes não as tinhão senão estimadas, e erão tão disparatadas, como mostra a carta do Mestre João, escripta de Santa Cruz a El-Rei D. Manoel.

Mestre João era o unico homem que entendia um pouco de astronomia applicada á navegação.

Carta de Mestre João, Physico de El-Rei, para o mesmo Senhor, de Vera Cruz, ao 1.º de Maio de 1500

«Senhor.—O bacharel mestre Johan fisico e cirurgyano de vosa alteza besa vossas reales manos, porque de todo lo aca pasado largamente escriviron a vosa alteza asy Arias correa como todos los otros solamente escrevire dos puntos senor ayer segunda feria que fueron 27 de Abril decendymos en terra yo e el pyloto do capytan moor e el pyloto de Sancho de tovar e tomamos el altura del sol al medyo dya e allamos 56 grados e la sombra era septentrional por lo qual segund las reglas del astrolabio jusgamos ser afastados de la equinocial por 17 grados e por consyguiente tener el altura del polo antartico en 17 grados segund que es magnifiesto en el espera e esto es quanto alo uno por lo qual sabra vosa alteza que todos los pylotos van adyante de my e entanto que Pero escobar va adyante 150 leguas e otros mas e otros menos pero quien dyse la verdade non se puede certyficar fasta que en boa ora allegemos al cabo de boa esperança e ally sabremos quien va mas cierto

ellos con la carta o yo com el estrolabio, quanto Senor al sytyo desta terra mande vosa alteza traer un mapamundy que tyene pero vaay bisagudo e por ay podra ver vosa alteza el sytyo desta terra en pero a quel mapamundy non certifica esta terra ser habitada o no es mappamundi antiguo e ally fallira vosa alteza escrita tan byen la myna, ayer casy entendymos por asenõs que esta era ysla e que eran quatro e que de otra ysla vyenen aqui almadyas a peleear com ellos e los llevan catyvos, quanto Senor al otro puncto sabra vosa alteza que cerca de las estrellas yo he trabajado algo de lo que he podydo pero non mucho a cabsa de una pyerna que tengo mui mala que de una cosadura se me ha fecho una chaga mayor que la palma de la mano, e tanbyen a cabsa de este navio ser mucho pequeno e mui cargado que non ay lugar para cosa ninhuna solamente mando a vosa alteza como estan situadas las estrellas del, pero en que grado esta cada una non lo he podido saber, antes me paresce ser inpossible en la mar tomarse altura de ninguna estrella porque yo trabaje mucho en eso e por poco que el navio enbalance se yerran quatro o cinco grados de guiza que se non puede fazer synon en terra e otro tanto casy dygo de las tables de la Indya que se non pueden tomar com ellas sy non con mucho trabajo, que sy vosa alteza supuese como desconcertavan todos en las pulgadas reyria dello mas que del astrolabio por que desde lisboa ate as canarias unos de otros desconcertavan en muchas púlgadas que unos desyan mas que otros tres e quatro púlgadas e otro tanto desde las canarias

até as yslas de cabo verde e esto resguardando todos que el tomar fuese a una mesma ora de guisa que mas jusgavam quantas pulgadas eran por la quantydad del camino que les parescia que avyan andado queuon el camino por las pulgadas,

tornando Senor a proposito estas guardas nunca se esconden antes syenpre andan en de redor sobre el orizonte, e a aun esto dudoso que no se qual de aquellas dos mas baxas sea el polo antartyco, e estas estrellas principalmente las de la crus son grandes casy como las del carro e la estrella del

polo antartyco o sul es pequena como la del norte e mui clara, e la estrella que esta en riba de toda la crus es mucho pequena, non quiero mas alargar por non ynportunar a vossa alteza salvo que quedo rogando a nosso senor ihesu christo la la vyda e estado de vossa alteza acresciente J como vossa alteza desea. Fecha en vera crus a primero de Maio de 500 pera la mar mejor es regyrse por el altura del sol que non por ninguna estrella e mejor com estrolabio que non con quadrante din conotro ningud estrumento do criado de vossa alteza e vosso leal servidor.

Sobrescripto: A el Rey noso senor.»

A carta do Physico mór Mestre João mostra claramente os disparates das observações, quando ião na Armada Capitães experimentados em navegação, como Bartholomeu Dias, já conhecido por ter dobrado o Cabo da Bôa Esperança, Nicolau Coelho que fez a viagem á India com Vasco da Gama, e outros que n'aquella epoca gozavão de reputação de grandes Capitães.

Diz mais Mestre João que descendo em terra no

porto de Santa Cruz para observar a Latitude com o seu astrolabio achou 17 gráos Sul; deu portanto essa observação 43 milhas, differença a mais para o sul, indo os outros pilotos adiante 150 leguas uns mais e outros menos; quer dizer que estando a frota ancorada em Santa Cruz 16 gráos e 17 minutos e Latitude Sul os outros pilotos se julgavam em 24 gráos e outros mais.

Diz mais Mestre João na carta escripta a El-Rey de Portugal, ser impossivel tomar as alturas das estrellas no mar, porque dão muito trabalho e com os balanços dos navios apresenta uma differença de quatro a cinco gráos e o mesmo acontece trabalhando pelas taboas da India que davão o mesmo resultado disparatado e que se S. Alteza soubesse como desconcertão, ria-se d'ellas mais do que do Astrolabio.

O Astrolabio foi inventado em Portugal no tempo de D. João 2.º pelos Mestres Rodrigo e José, seus medicos, e por Martins da Bohemia, discipulo do grande João do Monte-Regio, e por meio d'este instrumento, feito a principio de páo, foi que os Portuguezes emprehenderam os descobrimentos das terras incognitas.

Os instrumentos que substituiram este em que no mar se observava o sol, eram o Annel graduado, a Balestilha, o quadrante de dois arcos e o quadrante de um só arco, porém todos imperfeitos e sem a menor exactidão.

E no entanto ha ainda quem duvide da descoberta do Brazil ao acaso!

Emquanto a carta ou roteiro pelo piloto portuguez

que dizem ter sido testemunha occular e companheiro de Cabral em toda a sua viagem, este documento é de tal natureza que não perderei tempo com a continuação de sua leitura, por julgal-o escripto por quem não tem o menor conhecimento da arte do mar, e destituido de bom senso, e para o affirmar citarei um só ponto, e esse mais que sufficiente para se avaliar a sua exactidão:

«No dia 20 de Maio navegando a Armada toda reunida, com bom vento e as velas em meia arvore e sem traquetes por cauza de uma borrasca, que tinha tido no dia antecedentè, veio um tufão de vento tão forte e tão de subito por deante que não percebemos, senão quando as velas ficaram cruzadas nos mastros; e n'esse mesmo instante se perderam quatro das nossas naos com toda sua matalotagem sem se lhe poder dar soccorro algum, e as outras sete que escaparam estiveram em perigo».

Será possivel que um piloto que vai na frota ignore os nomes dos navios que se submergiram e os que se salvaram sem d'elles fazer menção em seu diario ou derrota, pois na continuação da mesma derrota nada diz e explica, e só depois da chegada a Moçambique, aos 20 dias do mez de Julho, aonde fizerão aguada e tomaram um piloto que os conduzisse a Quiloa, e chegando a este porto a 26 do dito mez ahi se juntaram seis dos navios extraviados, porém os outros nunca mais se encontraram.

Só um facto destes é mais que sufficiente para se reputar tal escripto como improcedente.

Damos em seguida o Roteiro da viagem de Vasco da Gama em 2.ª edição, por Alexandre Hercu-

lano, e o Barão de Castello de Paiva, na parte em referencia ao Brazil.

«Em nome de Deus. Amen. Na era de mil e quatrocentos e noventa e sete, mandou El-Rei D. Manoel, primeiro d'este nome em Portugal, a descobrir, quatro navios, os quaes navios hião em busca de especiarias, dos quaes navios hia por Capitão moor Vasco da Gama, e de outros de um d'elles Paulo Gama e seu irmão, e de outro Nicollao Coelho.

Partimos de Restello n'um sabbado, que eram oito dias do mez de Julho da dita era de 1497, noso caminho, que Deus noso senhor deixe acabar em seu serviço. Amen.

Primeiramente chegamos ao sabado seguinte a vista das Canarias, e esa noite passamos a sotavento de Lançerote, e a noite seguinte amanhecemos com a Terra Alta, onde fizemos pescaria obra de duas oras, e logo esta noite em anoutecendo eramos atravez do Rio do Ouro;

. . . .

e de noite foi tamanha a serração que se perdeu Paulo da Gama por um lado e pelo outro o Capitão Mor.

E depois que amanheceu non ouvemos vista d'elle nem dos outros navios e nós fizemos caminho das Ilhas de Cabo Verde como tinhamos ordenado, que quem se perdesse que seguisse a rota.

Ao amanhecer no dia seguinte Domingo ouvemos vista da Ilha do Sall, e logo depois de uma hora ouvemos vista de tres navios, os quaes fomos de mandar e achamos a Náo de mantimentos e Nicolao Coelho e Bartùlameu Dias que hia em nossa companhia ate a Mina, os quaes tambem tinham perdido o Capitão Mor. E depois de sermos juntos seguimos nossa derrota, e faleceu-nos o vento e andamos em calmaria ate quarta feira pela manhan. E as 10 horas do dia ouvemos vista do Capitão Mor, avante nós obra de 5 legoas, e sobre a tarde nos vimos a falar com muita alegria onde tiramos muitas bombardas e tangemos trombetas e tudo com muito prazer pello termos achado.

A 27 chegamos a Ilha de Santiago aonde pouzamos na praia de Santa Maria com muito prazer e folgar e alli tomamos carne, agoa e lenha e carregando as vergas dos navios por que nos era necessario.

Partimos no dia 3 de Agosto com proa a Este, hindo um dia ao Sul e quebrou-se a verga ao navio do Capitão Mor, e no dia 18 de Agosto serião 200 legoas da Ilha de Santiago, pairamos com o traquete e papafigos dois dias e uma noite.

No dia 22 de Agosto hindo na volta do mar ao Sul quarto de Sudoeste achamos muitas aves feitas como garçōes e quando veio a noite tiravam contra o sul-Sueste muito rijas como aves que hião para terra, e a noite do mesmo dia vimos uma balea e isto a 800 legoas em mar.

No dia 27 de Outubro vespera de S. Simão e Judas, que era sexta feira achamos muitas babas e lobos, e em 7 de Novembro achamos signaes de terra.» . . .

. . . .

Se no dia 3 de Agosto partiram da Ilha de Santiago com proa de Este indo um dia a volta do Sul quando se quebrou a verga do navio capitanea, elles navegavam proximo a Africa, e seria isto mais correcto por irem em companhia de Bartholomeu Dias, já conhecedor de toda a costa até o Cabo de Bôa Esperança.

Não seria de bom conselho abandonar um caminho já conhecido para se engolfarem no meio do Oceano em tão frageis embarcações com agulhas falsas que não marcavam o verdadeiro rumo e sem os instrumentos precisos para bem navegar.

No dia 18 de Agosto suppunhão achar-se a 200 legoas de distancia da Ilha de Santiago a pairar com traquetes e papafigos dois dias e uma noite.

Pairar quer dizer esperar, e, por quem esperavam elles, era naturalmente por Bartholomeu Dias.

Em 22 de Agosto hindo na volta do mar ao Sul quarto de Sudoeste *quer dizer que vinhão de proximo a terra* e acharam muitas aves parecidas com grandes garças e quando veio a noite seguião contra o Sul-Sueste muito rijas como aves que hião para terra em 800 legoas ao mar.

Navegando a frota costeando Africa como indicavam o vôo das aves, reforçarei esta minha affirmativa pelo roteiro de navegação e regimento de pilotos do cosmographico mór do Reino Antonio de Mariz Carneiro, publicado em 1642, e diz: «o descobrimento da India por Vasco da Gama em 1497 no tempo de El Rei D. Manoel se fez costeando a Costa de Guiné e e Angola e chegou ao Cabo de Bôa Esperança aonde acabou-se-lhe a terra austral pela qual tantos dias

havia navegado, guiado mais por Deus Nosso Senhor que por roteiro» . . . .

Pedro Nunes, grande astronomo d'aquelle tempo, e autor do instrumento que o Infante D. Luiz presenteou aD. João de Castro em 1538 para observar a variação da agulha, diz na sua Definição da Carta de Marear que os descobrimentos de costa, ilhas e terras firmes, não se fizeram ainda a acertar.

Ha alguns escriptores que affirmão existir uma relação da viagem escripta por Vasco da Gama, mas não declaram em nenhuma de suas obras, por que modo a alcançaram e Alexandre Herculano contesta e diz que a relação de Gama é um sonho bibliographico, pois esta relação nunca existiu, nem existe, e pelo menos emquanto não apparecer é licito duvidar de sua existencia.

Esta minha conferencia tem por fim principal mostrar em toda a evidencia o accaso da descoberta do Brazil.

Tem havido quem affirme que Vasco da Gama, intimo amigo de Cabral, lhe communicara que no dia 22 de Agosto encontrara aves de feitio de grandes garças dando-lhe o nome de garções, e que ao anoitecer voavão contra o rumo de S. Sueste muito rijas como aves que se dirigião para terra.

Nada mais natural e verdadeiro do que as aves ao anoitecer caminharem para terra ao rumo de S. Sueste porque seria essa a sua verdadeira direcção, porém é uma torpe invenção em que o grande navegador d'aquella epocha chamado Vasco da Gama communicasse ao seu amigo Cabral semelhante disparate ; e qual o interesse para Cabral saber que para o Sul-

Sueste existia Africa, o que elle não ignorava, provando isto mais uma vez de que a frota de Gama navegava proxima da Costa em que as aves geralmente não se separão a grandes distancias.

Sendo impossivel marcar a verdadeira posição em que achava-se a frota de Gama, por falta de Latitude e Longitude verdadeiras, e até mesmo as distancias, a verdade é que as aves se dirigião ao anoitecer para o continente africano, indicando, portanto, signaes de terra.

Em uma conferencia feita no Retiro Litterario Portuguez pelo Dr. Augusto de Carvalho affirma este senhor, quando disse que a direcção que seguiram ao anoitecer, indicavão terras para os lados do Oeste, que serviu de signal para que Cabral descobrisse o Brazil propositalmente; isto só poderia ser affirmado por quem desconheça completamente a carta geographica e ignore os rumos da Agulha, em que a direcção de Sul Sueste são 22 gráos e 30 minutos do Sul para Este, e que só serviria a quem não quizesse procurar terras para o Oeste!!!!

E, se se levar em conta a variação da Agulha que é na parte d'essa Costa de 18 gráos NO, ignorada n'esse tempo pelos navegadores, porque certamente o rumo marcado seria o da bussola, com esta differença as aves caminhavão cada vez mais para Leste.

O Dr. Augusto de Carvalho n'essa conferencia quiz imitar o escripto, que no Instituto Historico leu o Sr. Barão de Sant'Anna Nery, e publicado no *Jornal do Commercio*; porém, este como mais sagaz, vendo que o rumo do roteiro de Vasco de Gama não lhe convinha para o fim que tinha em vista, o substituiu

pelo rumo do Sul-Sudoeste, isto é, 45 gráos de differença do rumo do roteiro; porém, quando se podesse admittir que se tivesse visto aves voando na direcção de S. SO., ellas não encontrarião terra n'essa direcção em costa banhada pelo Oceano.

Se a frota de Vasco da Gama em lugar de navegar proximo a Africa tivesse engolfando-se no Oceano de 10 a 15 gráos para o Oeste, poderia em outras latitudes encontrar aves voando de encontro ao S. SO., e mesmo Oeste, sem comtudo mostrar terras do Brazil e sim as ilhas oceanicas de Assumpção, Santa Helena e Tristão da Cunha, que não erão conhecidas dos navegadores d'aquella epocha, porque só depois de 1500 é que foram descobertas.

A primeira dista da costa do Brazil pela latitude de Olinda 1227 milhas e a segunda, Santa Helena, pela latitude de Belmonte (Bahia) 1991 e a ultima, Tristão da Cunha, pela latitude da Patagonia 2735; já se vê, pois, que em tão grandes distancias é impossivel o vôo das aves que não se separam da terra a distancia maior de 60 milhas; existe, é verdade, a garça real e outras aves de arribação, que transportão-se a grandes distancias e passão ás vezes de um continente para outro, porém sempre vendo terra.

Emquanto o proprio roteiro da viagem de Vasco da Gama, não tem valor algum hostorico por ter sido escripto á vista de documentos imaginarios, e desconhecidos seus autores, como affirma o proprio autor do roteiro em o prologo da 1ª edição, paginas XXVI, linha 17: «Quem porém fosse o autor do nosso manuscripto é que não pudemos alcançar.

Do contexto da obra se colhe que não era nenhum

dos Capitães, nem dos Pilotos dos navios, mas sim de um simples soldado ou marinheiro que pertencia a tripulação do navio de Paulo da Gama, irmão do Almirante».... Mais adiante diz: «que Castanheda na sua Historia dos Descobrimentos nos conservou os nomes de alguns d'elles, nomeando a Diogo Dias, escrivão de V. da Gama, Fernão Martins, o seu veador (cujo nome não aponta), João de Sá, escrivão de Paulo da Gama, um marinheiro chamado Gonçalo Pires, Alvaro Velho e Alvaro de Braga, escrivão de Nicoláo Coelho.»

O roteiro traçado em um pequeno Mappa tambem não é a expressão da verdade, como affirmam os seus autores na 2ª edição a paginas 10, linhas 16—: «Reproduzindo n'esta 2ª edição o Mappa da derrota da Armada, cumpre advertir que embora essa derrota saja em grande parte conjectural, e quanto possivel a reproducção graphica da narrativa a mesma derrota» . .

Desculpe-me a memoria d'este grande escriptor que se chamou Alexandre Herculano, que tanto illustrou a sua patria,—que na ausencia dos trez principaes elementos, que são latitude, longitude e distancias que não existião, nem mesmo o roteiro as menciona, é impossivel traçar uma derrota de navegação.

Assim tambem é mal applicado o nome de roteiro ao livro da viagem de Vasco da Gama; porque roteiro significa a viagem minuciosa do navegador com os pontos de partida e chegada a cada singradura, e todas as occurrencias que n'ella se dão, e nós encontramos n'esse livro uma ausencia completa d'essa

navegação desde o dia 22 de Agosto em que encontraram ás taes garças, e d'este ponto passa a 7 de Novembro, em que encontraram signaes de terra.

Que destino teve a frota durante 2 mezes e meio que o roteiro nada diz por onde navegaram?

A verdade é que a frota navegou durante o tempo que deixa de mencionar o roteiro, costeando a parte occidental da Africa, e não poderia deixar de o fazer, por ser essa uma navegação já conhecida até o Cabo da Bôa Esperança pelo grande explorador Bartholomeu Dias, que acompanhou Vasco da Gama até a costa de Mina, e seria um grande erro engolpharem-se em um mar desconhecido, com grande perigo para a frota em tão frageis embarcações.

Na ultima sessão do Instituto Historico do mez de Novembro de 1899 foi offerecido um folheto com o titulo «Descobrimento do Caminho Maritimo da India» e publicado para o Centenario em 1897 a 1898 pelo bibliothecario publico de Gôa, professor de economia politica e socio da Academia de Sciencias de Lisbôa, o Sr. J. A. Ismael Garcia, e copiando o roteiro de Alexandre Herculano, e Barão do Castello de Paiva, discorda em quanto o dia 3 de Agosto (Quinta-feira) e diz: «a 3 de Agosto partiram de S. Thiago para Este e foram rodeando a parte occidental de Africa» —no impresso a paginas 10 e linha 12.

Finalmente para que o pesquisador chegue á verdade dos factos, encontra grande difficuldade pelo desencontro de opiniões de varios escriptores em referencia ás navegações feitas desde 1497 a 1500, e, para que possa-se avaliar, apresentarei o seguinte facto,—o dia da chegada de Vasco da Gama a Lisbôa

foi de grande regosijo publico, festivo e de gala pela recepção do grande Almirante á sua viagem á India.

Diz João de Barros que nasceu pelo anno de 1496 e foi moço da Camara de El-Rei D. Manoel, tendo sido empregado na casa da India desde 1528 á 1567 em que renunciou o lugar,—na sua primeira decada impressa em 27 de Junho de 1532, em o livro quarto, que Vasco da Gama sahiu da Ilha Terceira a 29 de Agosto, e chegou ao porto de Lisbôa não dizendo quando; e apresentando a duvida se a 29 de Agosto foi a sahida da Ilha Terceira ou chegada a Lisbôa.

Damião de Góes que nasceu em 1501 e nomeado Guarda Mór da Torre do Tombo, encarregado pelo Cardeal D. Henrique de compôr a chronica de El-Rei D. Manoel, diz ter chegado a Lisbôa aos 29 dias do mez de Agosto do anno de 1499, havendo já 2 annos e quasi 2 mezes que partiu do mesmo porto.

Castanheda que foi historiador muito consciencioso, em seu livro que foi impresso em 1551 indica a chegada de Vasco da Gama ao porto de Lisbôa a 9 de Setembro de 1499.

Antonio Galvão que viveu na 1ª metade do seculo de 1600 e foi governador das Molucas, escrevendo o tratado dos diversos e desvairados caminhos por onde nos tempos passados se fizeram todos os descobrimentos antigos e modernos, nos affirma que viram as Ilhas de Cabo Verde e a Lisbôa na entrada de Setembro e pozeram vinte e seis mezes d'este caminho. sendo esta a conclusão que pôde colher de

todos os archivos e bibliothecas que examinou e de todos os documentos encontrados.

D. Jeronymo Osorio que seguiu João de Barros não fixa dia nem mez, e contenta-se em designar apenas o anno; e já na passagem da frota de Vasco da Gama em que dobrou o Cabo da Bôa Esperança a 26 de Abril de 1499, quando Alexandre Herculano a dá em 20 de Março.

Alexandre Herculano, tão escrupuloso e severo em assumptos historicos, diz: que foi somente nos ultimos dias de Agosto ou principios de Setembro de 1499 que entrou Vasco da Gama em Lisbôa.

A verdade é que não existe documento algum official e authentico, nem escripto contemporaneo da chegada do grande Almirante, pois todas as investigações feitas em differentes archivos de Portugal, Madrid e Veneza têm sido infructiferas em referencia a chegada, de volta d'essa viagem, a Lisbôa, em um dia tão festivo e de regosijo popular, nem mesmo documento algum de sua viagem.

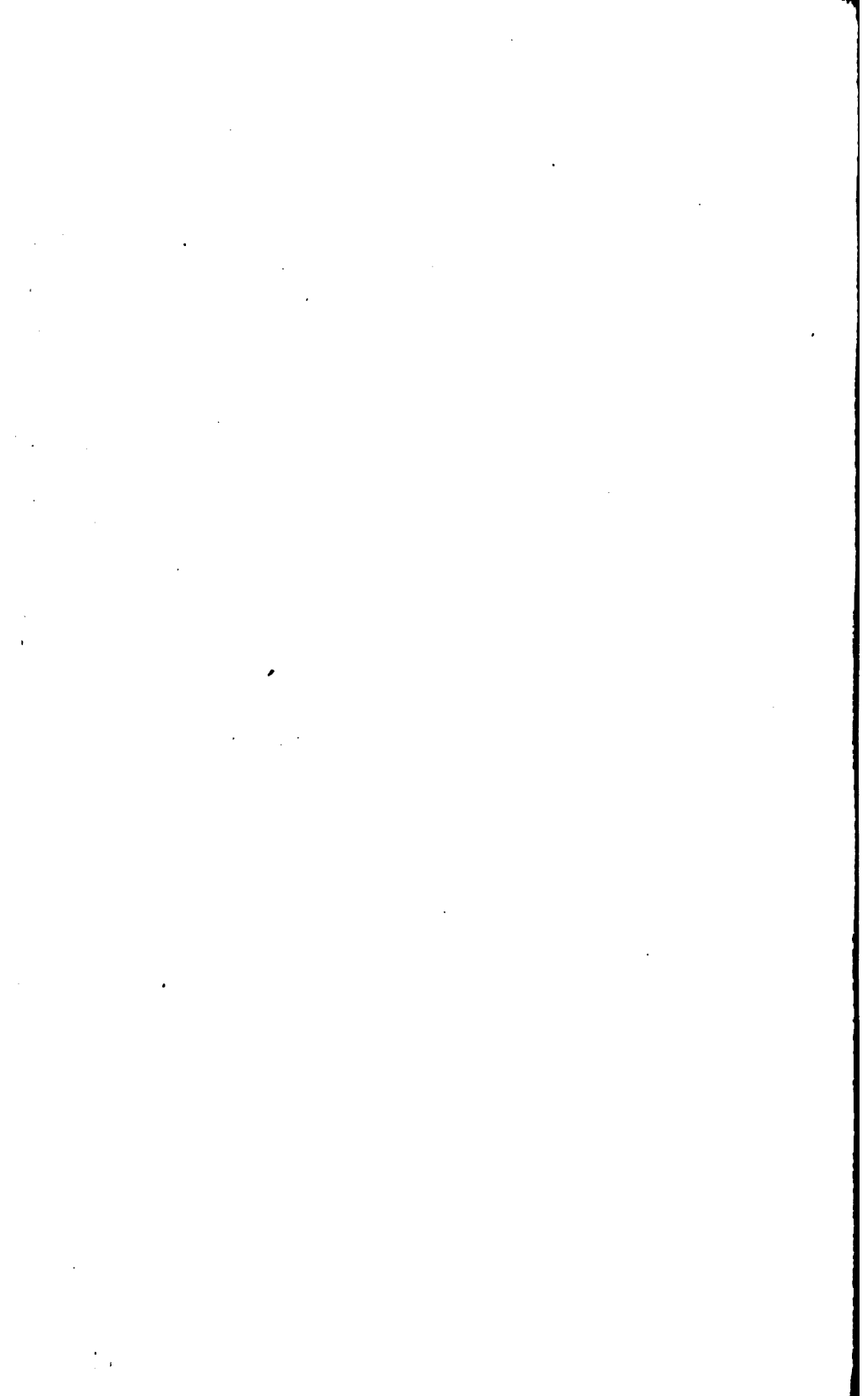
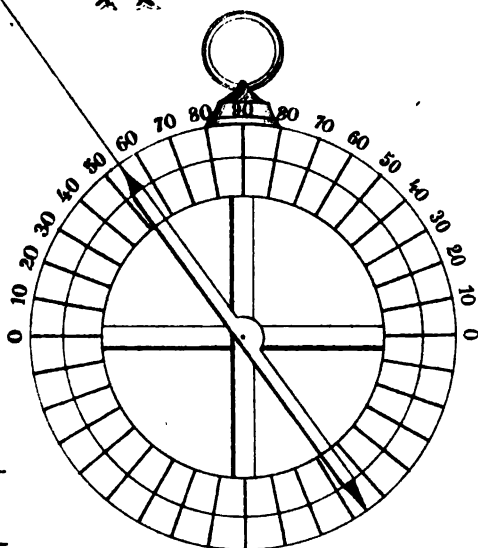
A historia das descobertas d'aquella epocha está todas estropeada, pelo grande numero de escriptores que d'ellas se têm occupado, em que cada um imagina tudo quanto entende, uns pela ausencia completa de documentos e outros pela ignorancia que os cerca.

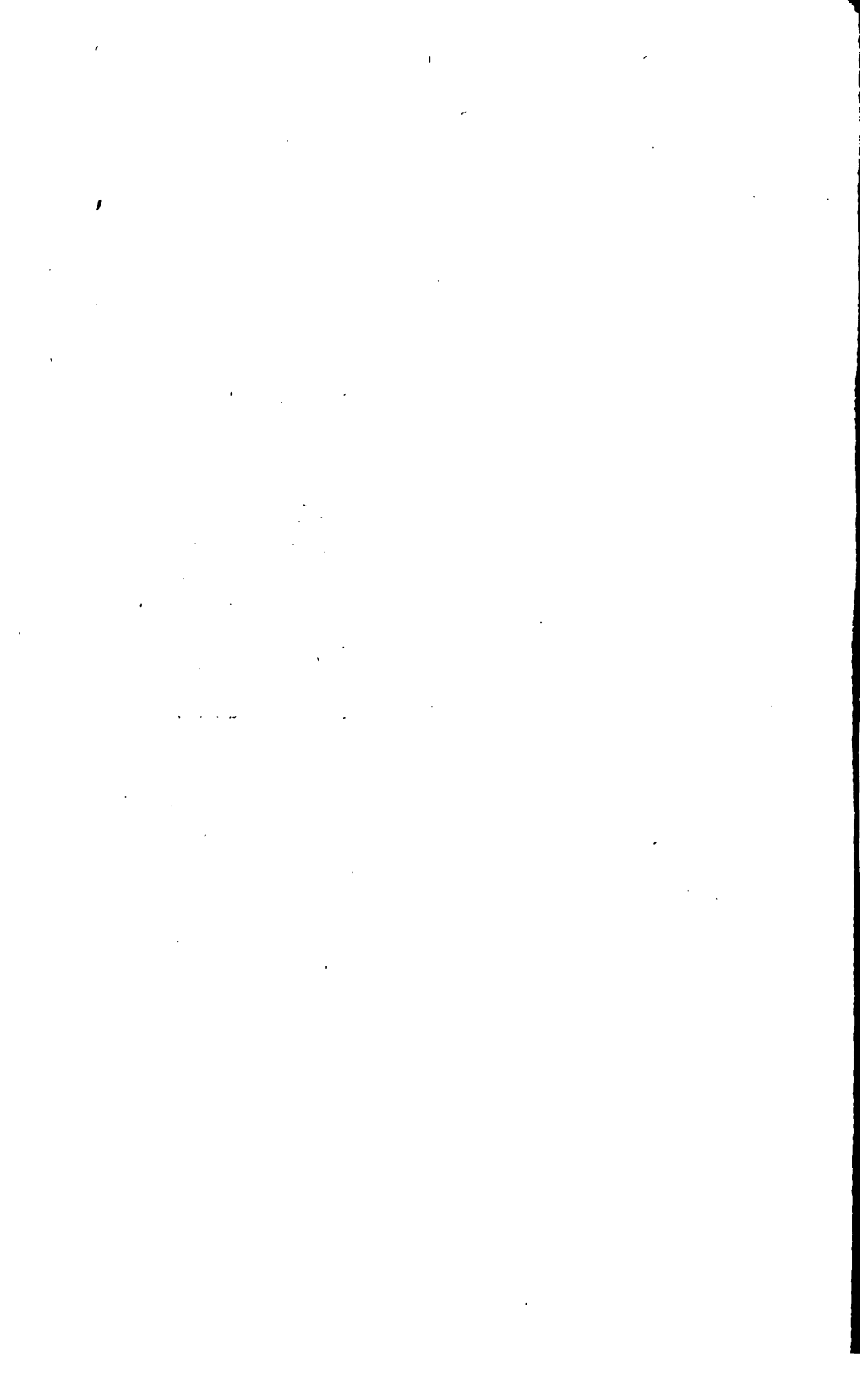
O mesmo caso se encontra a respeito da sahida de Vasco da Gama do porto de Lisboa. Ramuzio, San Roman, Maffei e Laclede attribuem a partida de Vasco da Gama a 9 de Julho de 1497. Antonio Galvão no tratado dos descobrimentos antigos e modernos dá o dia 20. Barrou no seu tratado chro-

nologico em 1761 dá o dia 3, e o Visconde de Santarém elogia a exactidão de um codice existente na Bibliotheca Real de Pariz por apresentar o dia 2 de Junho de 1497.

Emquanto á viagem de Pedro Alvares Cabral que descobriu o Brazil ao acaso em 3 de Maio de 1500, são ainda em maior numero os escriptores que têm tratado d'essa viagem, e se não fosse encontrada a Carta de Pero Vaz Caminha escripta a El-Rei D. Manoel, do porto de Vera-Cruz em 1º de Maio de 1500, documento este de grande valor historico e geographico, seria impossivel chegar a um accordo a vista do grande numero de disparates com que cada um escriptor mimozeia o publico.

Rio, Setembro de 1899.

OLIVEIRA CATRAMBY.

———*———

Observação feita em 7 de Maio de 1500 por Mestre João Phisico de El-Rei D. Manoel no Porto de Vera Cruz.

Carta de um piloto portuguez

SOBRE A

DESCOBERTA DO BRAZIL

Bahia, 21 de Fevereiro de 1900.

Illm. Exm. Sr. Dez. Dr. Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, Presidente do Instituto Geographico e Historico da Bahia.—Passo ás mãos de V. Ex. a traducção da carta d'um piloto portuguez, referente á descoberta do Brazil, conforme se lê na pagina 121 do 1º volume da obra de João Baptista Ramuzio, 3ª edição impressa em Veneza no anno de 1563, com privilegio do Serenissimo Pontifice, e do Senado Veneziano; a esta traducção acompanha um mappa geographico do Brazil que separei da mesma obra, per parecer-me digno de ser reproduzido na *Revista* do Instituto.

A carta citada abrange a descripção completa da viagem de Pedro Alvares Cabral ás Indias; desde a sua partida aos 8 dias do mez de Março do anno de 1500 até o seu regresso a Lisbôa.

Aos investigadores da nossa historia patria ahi fica mais este documento que pela sua publicação

antiga é digno de commentario, embora seja desconhecido o nome de seu autor.

Terei a satisfação de continuar a traducção da referida carta, e uma vez desempenhado d'esta tarefa, espero ter o ensejo de verter para a nossa lingua as duas importantes cartas, e o itinerario de Americo Vespucio dirigidas á Pedro Soderini, que se achão estampadas na mencionada obra de Ramuzio, e que devem interessar a historia do achamento do Brazil.

Subscrevo-me com alta consideração

De V. Ex.

Venerador e amigo

HORACIO URPIA JUNIOR.

EXPEDIÇÃO Á INDIA

SOB O COMMANDO DO

Capitão General Pedro Alvares Cabral

E A

DESCOBERTA DO BRAZIL

Extrahida da obra *Viagens e Navegação* de João Baptista Ramuzio, editada em Veneza no anno de 1563

VERSÃO PARA A LINGUA PORTUGUEZA

Navegação do Capitão Pedro Alvares, escripta por um piloto portuguez e traduzida da lingoa portugueza para a italiana

"Como o Rei de Portugal manda uma armada de 12 navios, Capitão Pedro Alvares, 10 dos quaes ião para Calecut, e os 2 por outro caminho para Cefalla, na mesma rota, para contractar mercadorias, e como descobrirão uma terra muito abundante de arvores e de gente".

NO ANNO de 1500 mandou o Serenissimo Rei de Portugal Don Manoel uma sua armada de náos e navios para o lado da India, a qual armada se compunha de 12 embarcações entre náos e navios, Capitão General Pedro Alvares, fidalgo, as quaes náos e navios partirão bem apparelhados, e suppridos de tudo necessario que bastasse por um anno e meio, dos quaes ordenou que 10 navios fossem para Calecut, e os outros dois para um outro logar chamado Cefalla, para querer contractar mercadorias, o qual logar de Cefalla se divisa achar no mesmo caminho de Calecut, e igualmente as outras 10 embarcações levassem mercadorias que chegassem para dita

viagem, e aos 8 dias do mez de Março do dito anno estavão promptos, e foi no dia de domingo que andarão duas milhas distantes d'aquella cidade para um logar chamado Rastello, onde está a igreja de Santa Maria de Belém, em cujo logar o piroprio Rei em pessoa foi entregar ao Capitão o estandarte real para dita armada. Na segunda feira que foi aos 9 dias de Março seguio a dita armada com bom tempo a sua viagem. Aos 14 dias do dito mez passava a dita armada pelas ilhas das Canarias. Aos 22 passou pelas Ilhas de Cabo Verde. Aos 24 separou-se uma náo da dita armada de maneira que não se soube mais noticias até o presente dia, nem se poude saber. Aos 24 de Abril, oitavo de Paschoa que foi uma quarta feira, teve a dita armada á vista uma terra, do que teve immenso prazer, e arribarão á ella para ver que terra era, a qual acharão muito abundante de arvores e de gente que andavão pela praia do mar, e lançarão ancora na boca d'um rio pequeno, e depois o Capitão mandou arriar um batel no mar, e mandou ver que gente era aquella, e acharão que era gente de côr escura entre o branco e o preto, e bem disposta com cabellos longos e vãos nús, como nascerão, sem vergonha alguma, e cada um d'elles trazia o seo arco com flecha, como homens que estavãc de guarda do dito rio; na dita armada não tinha alguem que entendesse a lingua d'elles, á vista d'isto aquelles do batel voltarão para a Capitanea; e n'este tempo se fez noite, na qual noite houve grande borrasca. O dia seguinte pela manhã foi-se a dita armada com um grande temporal, correndo a costa para o norte, o vento era de sueste, para ver se

achavamos algum porto para ancorar de volta; finalmente nós achamos um, onde jogamos ancora, e vimos d'aquelles mesmos homens, que andavão em seus barquinhos pescando; e um dos nossos bateis foi onde estavão, e nós trouxemos dois, os quaes mandamos ao Capitão para saber que gente era, e como foi dito não nos entendiamos por falla nem por aceno, e n'aquella noite o Capitão os deteve comsigo, e no dia seguinte os mandou em terra com uma camisa, uma vestimenta, e um bonet vermelho, pela qual vestimenta ficarão muito contentes, e maravilhados das coisas que lhes forão mostradas.

"Como os homens d'aquella terra começarão a tratar com aquelles da armada: da qualidade dos ditos homens, e das casas d'elles, e de certos peixes muito differentes dos nossos"

NAQUELLE mesmo dia a 26 de Abril que era oitavo de Pascoa, determinou o Capitão Mór de ouvir-se missa e mandou armar uma tenda n'aquella praia, debaixo da qual foi erguido um altar e toda gente d'armada foi ouvir missa e a predica, onde se acharão muitos d'aquelles homens bailando e cantando com suas cornetas, e logo depois que foi dita a missa todos voltarão para a náo, e aquelles homens de terra entravão no mar atè abaixo dos braços cantando e fazendo agrado e festa; e depois tendo o Capitão designado voltar á terra a gente da dita armada conseguirão folgança e prazer com aquelles homens de terra, e começarão a tratar

com aquelles da armada e davão a elles arcos e flechas por chocalhos e folhas de papel e peças de panno, e todo aquelle dia conseguimos folgar com elles outros, e achamos n'este logar um rio de agoa doce e á tarde voltamos a náo. Assim no outro dia determinou o Capitão Mór de trazer agoa e lenha, e todos aquelles da dita armada forão á terra e aquelles homens d'aquelle logar vinhão-nos ajudar a trazer a dita lenha e agoa e alguns dos nossos andarão pela terra d'onde estes homens estavão cerca de 3 milhas distantes do mar, e barganharão papagaios e arcos e uma raiz chamada Inhame, que é o pão que elles outros comião. Aquelles da armada davão á elles chocalhos e folhas de papel em pagamento das ditas coisas, n'este logar estivemos 5 ou 6 dias. Estes outros homens são por natureza de côr cabocla, e partes nuas, sem vergonha, e os cabellos d'elles são longos e usão a barba pellada, e as palpebras dos seus olhos; e por cima das sobrancelhas pinturas com figuras de côr branca, preta, azul e vermelha, e trazem o labio da bocca, isto é, o inferior furado, e ahi (trazem) usão um osso grande como prego, e outros usão ahi ora uma pedra azul e outros ora verde, e elevando-se por cima da bocca. As mulheres igualmente com as partes sem vergonha, são bellas de corpo, e trazem seus cabelllos longos e as casas d'elles são de madeira cobertas de folhas e ramos de arvores com muitos esteios de madeira no meio das ditas casas, e d'ahi dos ditos esteios para a (muro) parede mettem uma rêde de tecido de algodão pendurada, na qual está um homem, e entre uma rede e outra fazem um fogo de modo que em

uma só casa estavão quarenta e cincoenta camas armadas a modo de tear. N'esta terra não vimos ferro e faltavão outros metaes, e a madeira rachavão com pedra, e havia muitas aves de diversas especies, especialmente papagaios de muitas côres, entre os quaes uns são do tamanho de gallinhas, e outras aves muito bellas; e das pennas de ditas aves fazem capellas e barretes que elles trazem comsigo. A terra é muito abundante de muitas arvores e muita agoa e milho e inhame e algodão N'este local não vimos animal algum (de quatro pés) quadrupede. A terra é grande e não sabiamos se é ilha ou terra firme, assim acreditamos que fosse terra firme pela sua grandeza, e tem muito bons ares, e aquelles homens tem rêdes e são grandes pescadores, e pescão varias qualidades de peixes, entre os quaes vimos um peixe que pegarão, que poderia ser do tamanho d'uma pipa e bastante comprido e redondo e tinha cabeça como porco e seus olhos pequenos e não tinha dentes e tinha orelhas longas, abaixo do corpo tinha varios furos e a cauda era longa uma braça, não tinha pés alguns em algum logar, tinha pelle como couro, a qual era de grossura d'um dedo e as suas carnes erão brancas e gordas como de porco.

"Como o Capitão mandou carta ao Rei de Portugal dandolhe aviso de ter descoberto a dita terra e como por acaso se perderão 4 navios. De Cefalla que é uma mina de ouro conjuncta a duas ilhas"

N'ESTE DIA que estamos em que determinou o Capitão fazer sciente ao nosso Serenissimo Rei o achamento d'esta terra e de deixar n'ella dois homens degradados e condemnados á morte que

se achavão na dita armada para este effeito, e inesperadamente o Capitão despachou um navio d'entre elles, que tivesse viveres comsigo, e este um dos doze supraditos, o qual navio levou a carta para o Rei, na qual se continha quanto tinhamos visto e descoberto. E despachado o dito navio, o Capitão foi em terra e mandou fazer de madeira uma cruz muito grande e a mandou plantar n'aquella praia, e assim como acima ficou escripto deixou 2 homens degradados em o dito logar, os quaes começarão a chorar, e os homens de terra os confortavão e mostravão ter d'elles pena. No outro dia que foi 2 de Maio do dito anno, a armada fez se de vela á caminho para dar volta ao Cabo da Boa Esperança, o qual caminho seria do golfo do Mar para mais de 1200 legoas, que são de 4 milhas por legoa, e no dia 12 do dito mez andando o nosso caminho nos apercebemos d'um cometa para o verso do lado da Ethiopia com um rasto muito grande, o qual appareceu de continuo de veras 8 ou 10 noites.

De como se descobrio Santa Cruz, e a razam por que se deve chamar assim e nam Brazil

Reinando aquelle muy catholico e serenissimo Principe El-Rei Dom Manoel, fez-se huã frota para India de que hia per capitam mór Pedralvarez Cabral: que foy a segunda navegaçam que fezeram os Portuguezes para aquellas partes do Oriente.

A qual partio da cidade de Lisbôa a 9 de Março no anno de 1500. E sendo já entre as ilhas do Cabo verde (as quaes hião demandar para fazer ahi agoada) deu-lhes hum temporal, que foy causa de as não poderem tomar, e dese apartarem algũs navios da companhia. E depois de haver bonança junta outra vez a frota, empégaranse ao mar, assí por fugirem das calmarias de Guiné, que lhes podiá estovar suá viagem, como por lhes ficar largó póderem dobrar o cabó da boa Esperança. E avendo já hum mez, que hião naquella volta nauegando com vento prospero, foram dar na costa da provincia: ao longo da qual cortaram todo aquelle dia, parecendo a todos que era alguã grande ilha que alli estava sem haver Piloto, nem outra pessôa alguã que tivesse noticia d'ella, nem que prezumisse que podia estar terra firme para aquella parte Occidental. E no lugar que lhes pareceu della mais accommodado, surgiram aquella

tarde, oude logo tiveram vista da gente da terra: de cuja semelhança nam ficáram pouco admirados porque era differente da de Guiné, e fora do commum parecer de toda outra que tinham visto.

Estando assi surtos nesta parte que digo, saltou aquella noite com elles tanto tempo, que lhes foy forçado leuarem as ancoras, e com aquelle rumo, foram correndo a costa até chegarem a hum porto limpo e de bom surgidouro onde entraram, ao qual puzeram entam este nome, que hoje em dia tem de Porto Seguro, por lhes dar colheita e os assegurar do perigo da tempestade que levavam.

Ao outro dia seguinte, sahio Pedralvarez em terra com a maior parte da gente: na qual se disse logo Missa cantada, e ouve pregaçam: e os indios da terra que alli se ajuntáram ouviam tudo com muita quietaçam, usando de todas os actos e cerimonias que viam fazer aos nossos. E assi se punham de giolhos e batiam nos peitos, como se tiveram lume de Fé, ou por alguã via lhes fora revelado aquelle grande e ineffavel mysterio do Santissimo Sacramento. No que mostraram claramente estarê dispostos pera receberê a doutrina Christãa a todo o têpo que lhes fosse denûciada como adiante se verá na capitulo que trata de seus costumes.

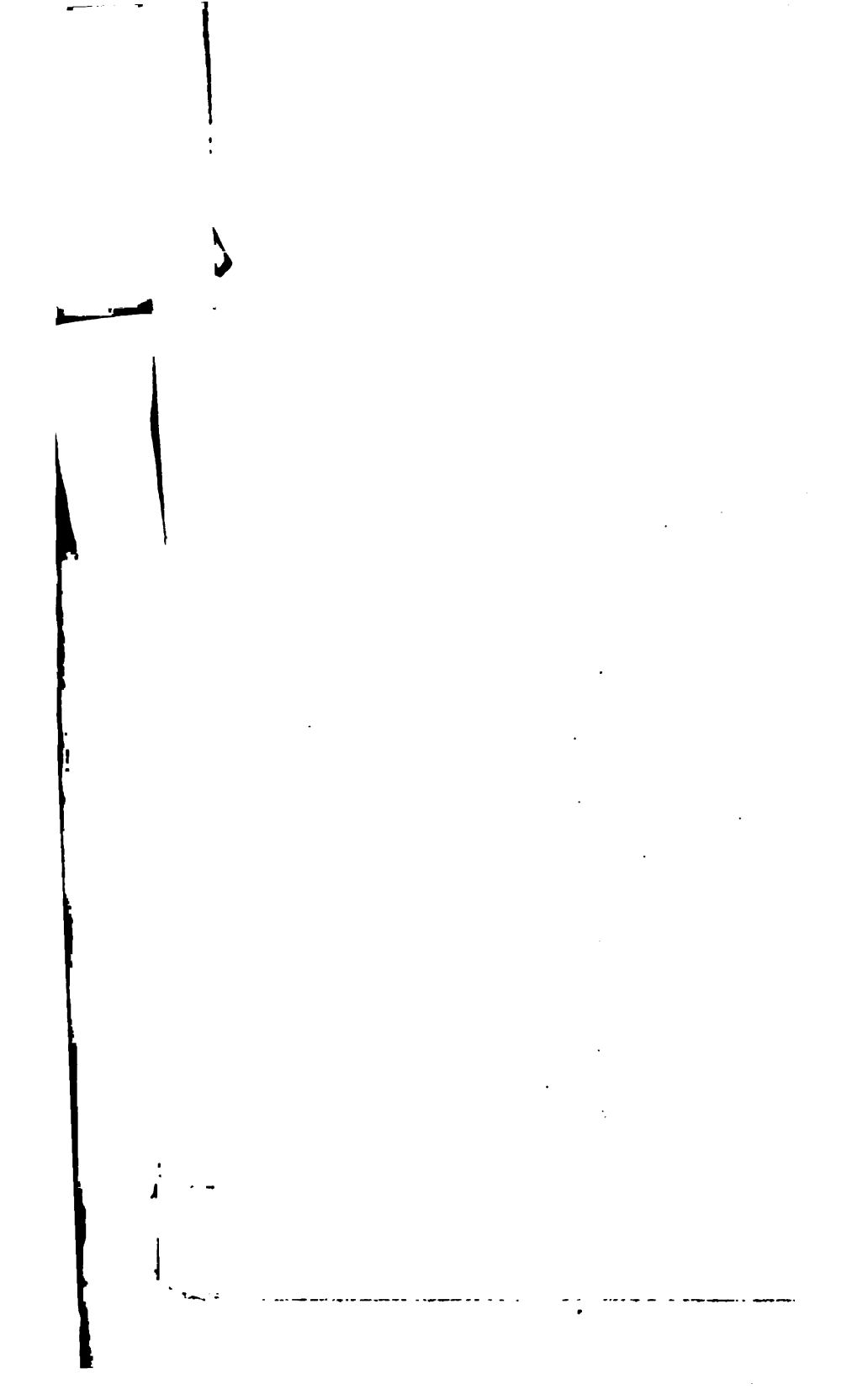
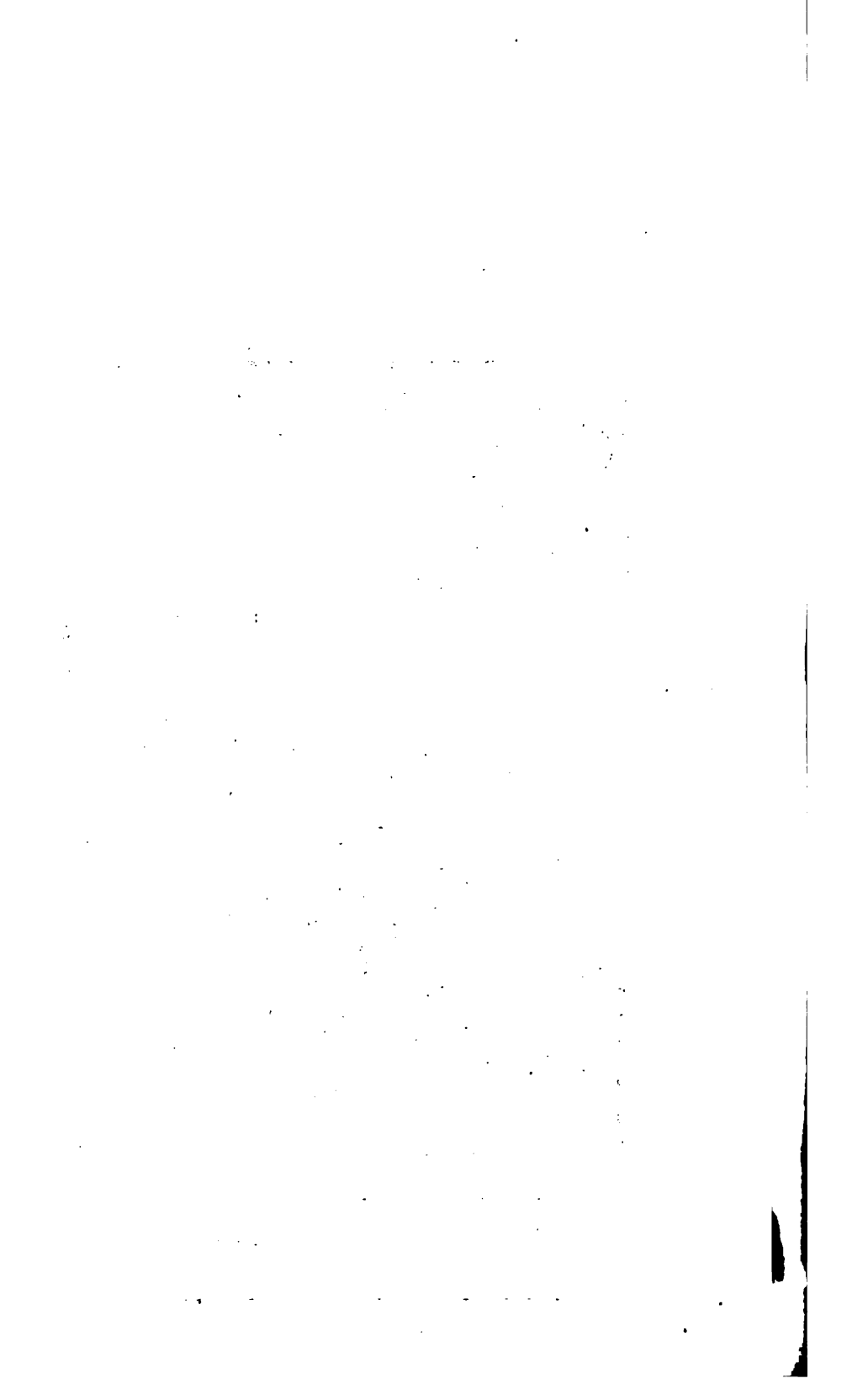
Entam despedio logo Pedralvarez hum navio cõ a nova a El-Rei Dom Manoel, a qual foi delle recebida com muito prazer e contentamento: e dahi por diante começou logo de mandar algûs navios a estas partes e assi se foy a terra descobrindo pouco a pouco e conhecendo de cada vez mais, até que

depois se vêo toda a repartir em capitanias e a pouoar da maneira que agora está. E tornando a Pedralvarez seu descobridor, passados algũs dias que alli esteve fazendo agoada e esperando por tempo que lhe servisse, antes de se partir, por deixar nome aquella provincia, por elle nouamête descoberta mandou alçar huã Cruz ao mais alto lugar de huã arvore, onde foy arvorada com grande solemnidade e benções de Sacerdotes que levava em sua companhia, dando a terra este nome de Santa Cruz: cuja festa celebrava naquelle mesmo dia a Santa madre Igreja (que era aos trez de Mayo). O que nam parece carecer de mysterio, porque assi como nestes Reinos de Portugal trazem a Cruz no peito por insignia da ordem e cavallaria de Christus, assi prouve a elle que esta terra se descobrisse a tempo, que o tal nome lhe podesse ser dado neste santo dia, pois havia de ser possuida de Portuguezes, e ficar por herança de patrimonio ao mestrado da mesma ordem de Christus. Por onde nam parece razam, que lhe neguemos este nome, nem que nos esqueçamos delle tam indevidamente por outro que lhe deu o vulgo mal considerado, depois que o páo da tinta começou de vir a estes Reinos.

Ao qual chamaram Brasil por ser vermelho e ter semelhança de brasa, e daqui ficou a terra com este nome do Brasil. Mas para que nesta parte magoemos ao demonio, que tanto trabalhou e trabalha por extinguir a memoria de Santa Cruz e desterral-a dos corações do homem (mediante o qual fomos redemidos e liurados do poder de sua

tyrania) tornemo-lhes a restituir seu nome, e chamamos-lhe provincia de Santa Cruz como em principio (que assi o amoesta tambem aquelle illustre famoso escritor João de Barros na sua primeira Década, tratando deste mesmo descobrimento).

Porque na verdade mais é de estimar e melhor soa nos ouvidos de gête christãa o nome de hú páo em que se obrou o mysterio de nossa redempção, que o doutro que nam serve demais que de tingir panos ou couzas semelhantes.

(Pero de Magalhães Gandavo, 1576*).*

O DESCOBRIMENTO

Como foi descoberto este Estado

CAPITULO PRIMEIRO

A TERRA do Brasil, que está na America, huma das quatro partes do Mundo, não se descobrio de proposito, e de principal intento; mas acaso indo Pedro Alvares Cabral, por mandado de El Rey Dom Manoel no anno de mil e quinhentos para a India por Capitão Mór de doze Náus, afastando-se da costa de Guiné, que já era descoberta ao Oriente, achou est'outra ao Occidente, da qual não havia noticia alguma, foi a costeando alguns dias com tromenta the chegar a hum porto seguro, do qual a terra visinha ficou com o mesmo nome.

Ali desembarcou o dito Capitão com seus soldados armados, para peleijarem; porque mandou primeiro hum batel com alguns a descobrir campo, e derão novas de muitos Gentios, que virão; porém não forão

necessarias armas, porque só de verem homens vestidos, e calçados, brancos, e com barba (do que tudo elles caressem) os tiverão por divinos, e mais que homens, e assim chamando-lhe Carahibbas, que quer dizer na sua lingoa cousa divina, se chegarão pacificamente aos nossos.

Donde assim como os Indios da Nova Hespanha, quando viram desembarcar nella os Hespanhóes lhes chamarão viracoches, que significa escumas do mar, parecendo-lhes que o mar os lançara de si como escumas, e este nome lhes ficou sempre, assim somos ainda destoutros chamados caraibbas e respeitados mais que homens. Mas muito mais cresceo nelles o respeito, quando virão a oito frades da ordem do Nosso Padre São Francisco, que hiam com Pedro Alvarez Cabral, e por Guardião o Padre Frey Henrique, que depois foi Bispo de Cepta, o qual disse ali Missa, e pregou, onde os Gentios ao levantar da Hostia e Calix se ajoelharam e batiam nos peitos como faziam os Christãos. . .

Bem quizerão os nossos frades pela facilidade que muito mostrarão, para acceitarem a nossa fe catholica ficar-se ali para os ensinarem e baptizarem; mas o Capitão Mor que os levava pera outra seara não menos importante, se partio dahi a poucos dias com elles pera a India, deixando ali hũa Cruz levantada como tambem dous Portuguezes degradados pera que aprendessem a lingoa, e despedio hum Navio a Portugal de que era Capitão Gaspar de Lemos com a nova a El Rey Dom Manoel, que a recebeo com contentamento, que tão grande cousa, e tam pouc esperada merecia.

CAPITULO SEGUNDO

Do nome do Brasil

O dia, que o Capitão Mor Pedro Alvares Cabral levantou a Cruz, que no Capitulo atraz dissemos era a tres de Maio quando se celebra a Invenção de Santa Cruz, em que Christo Nosso Senhor Redemptor morreo por nós, e por esta causa poz nome a terra, que havia descoberto, de Santa Cruz e por este nome foi conhecida muitos annos: porem como o Demonio com o signal da Cruz perdeo todo o Dominio, que tinha sobre os homens, . . trabalhou que se esquecesse o primeiro nome, e lhe ficasse o de Brasil, por causa de hum páu assim chamado de côr abrasada, e vermelha, com que tingem pannos. . .

(*Historia do Brasil*—por FREY VICENTE DO SALVADOR—Dezembro de 1627—Bahia).

Conforme a conta dos Padres Saliano e Bussieres

Tinha já dado o Sol cinco mil e quinhentas e cincoenta e duas voltas ao Zodiaco, pela mais apurada Chronologia dos annos, quando no de mil e quinhentos da nossa Redempção (oito depois que a Christovão Colon levou a especulação a demandar as Indias) trouxe a tempestade a Pedro Alvares Cabral a descubrir o Brazil. Hia este illustre, e famoso Capitão (o primeiro, que depois de D. Vasco da Gama, passava do Tejo ao Indo, e Ganges) governando uma formosa Armada de treze poderosas

naos, com que partio aos nove de Março, e navegando ao principio com prospera viagem, experimentou aos doze dias tão contraria fortuna, que arribando hum dos bateis a Lisbôa, os outros correndo tormenta, perdidos os rumos da navegação, e conduzidos da altissima Providencia, mais que dos porfiados ventos, na altura do Polo Antartico, dezaseis graos, e meyo da parte do Sul, aos vinte e quatro de Abril, avistou ignorada terra, e jámais surcada costa.

Descubrimento do Brazil. Nomes que lhe forão impostos

Nella surgindo as naos, pagou o General a aquella ribeira a segurança, que achara depois de tão evidentes perigos, com lhe chamar Porto Seguro, e á terra Santa Cruz, pelo Estandarte da nossa Fé, que nella arvorou com os mais exemplares jubilos, e ao som de todos os instrumentos, e artilheria da Armada; fazendo com a mesma militar ostentação, e piedade celebrar o Santo Sacrificio da Missa sobre huma Ara, que levantou entre aquelle inculto arvoredo, que lhe servio de docel, e de Templo, a cujas Catholicas ceremonias estiverão admirados, mas reverentes, todos aquelles Barbaros, e conformes com o exemplo dos Fieis, premissas do affecto, com que depois abraçarão a nossa Religião. Este foy o primeiro descubrimento, este o primeiro nome desta Região, que depois esquecida de titulo tão superior, se chamou America, por Americo Vespucio, e ultimamente Brasil, pelo pao vermelho, ou côr de brazas, que produz.

(*Historica da America Portugueza*, por SEBASTIÃO DA ROCHA PITTA—Bahia, 1725).

Este foi o notavel descobrimento do novo mundo por aquella parte do Norte, que depois se intitulou Nova Hespanha. O da outra parte do Sul, intitulada primeiro Santa Cruz, e depois Brasil materia principal de nossa historia, não foi menos maravilhoso, nem menos agradavel: e foi assi. Depois de tres annos de principiada a famosa empreza da India Oriental, querendo El-Rei D. Manoel, de santa memoria, dar successor aos illustres feitos do Capitão Vasco da Gama, escolheo pera este effeito a Pedro Alvarez Cabral, Portuguez, varão nobre, de valor e resolução. O qual partindo de Lisbôa pera aquellas partes da India com huma frota de treze náos em Março do anno de 1500, chegou com prospera viagem ás ilhas Canarias: porém passadas estas, foi arrebatado de força de ventos tempestuosos, e derrotados seus navios.

Hum d'elles, o do Capitão Luiz Pires, destroçado, tornou a arribar á Lisbôa: os outros doze engolfados demasiadamente em o Oceano Austral, depois de quasi um mez de derrota, aos 21 de Abril segunda oitava de Paschoa (segundo o computo de João de Barros, Luiz Coelho, e outros) vieram a ter vista de huma terra nunca d'antes sabida de outro mareante: esta reputaram por ilha ao principio, mas depois de navegarem alguns dias junto a suas praias, averiguaram ser terra firme.

Foi incrivel a alegria de toda a armada; porque n'aquella altura jámais viera ao pensamento que podia haver terra. Pozerão-lhe a prôa, e mandou Cabral ao mestre da Capitanea que entrasse no batel, e fosse

investigar o sitio e a natureza da terra: tornou alegre, e referindo que era fertil, amena, vestida de erva e arvoredo, e cortada de rios; e que vira andar junto ás praias huns homens nús, que tirávão de vermelhos, cabello corredio, com arco e flechas nas mãos. Não são cridas da primeira vez as cousas grandes; tornou a mandar Capitães, e fizeram estes certo tudo o re-referido, porque trouxerão comsigo dous pescadores, que apanhárão em huma jangada junto á praia, entrados na náo, vinhão a vêl-os com espanto, como a monstros da natureza: e como nem elles comnosco, nem nós com elles podiamos fallar, por acenos e sinaes procuramos tirar noticias; porém debalde; porque sua rudeza, e o medo com que estavão era tal, que a nada acudião. O que vendo Cabral, mandou que os vestissem, e lançassem em terra com bom tratamento; com que forão contentes aos seus, e lhes contárão o que virão, e facilitárão o tratto.

Lançou a armada ferro para descançar da viagem, e experimentar terra tão nova, em lugar a que chamárão Porto seguro, ou porque n'elle reconheciam seguro abrigo, ou porque n'elle consideravão já seguro o fim de seus maiores trabalhos. Saltárão finalmente em terra, como á competencia de quem primeiro punha o pé em tão ditosas praias. Aqui arvorarão aos 3 de Maio (como querem alguns) o primeiro trophéo de Portuguezes que o Brasil vio, o estandarte de Santa Cruz, ao som de demonstrações de grandes alegrias, e solemnidade de missa, prégação e salvas de artilheria da armada toda, pondo por nome a terra tão formosa, Terra de Santa Cruz, titulo que depois converteo a cobiça dos homens em

Brazil, contentes do nome de outro páo bem differente do da Cruz, e de effeitos bem diversos. Ao estrondo da artilheria, nunca d'antes ouvido n'aquellas regiões, se abalárão, como attonitos, dos arredores de suas serranias, bandos de barbaria, suspensos de verem que sustentava o corpo das agoas maquinas tão grandes, como a de nossas náos da India; e muito mais de verem hospedes tão estranhos, brancos, com barba, e vestidos, coisas entre elles nunca imaginadas.

(*Chronica da Companhia de Jesus do Estado do Brasil,*—pelo Padre Simão de Vasconcellos—1661.

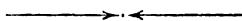
Em que se declara quem foram os primeiros descobridores da provincia do Brazil e como está arrumada

CAPITULO I

A provicnia do Brazil está situada além pa linha equinocial da parte do sul, debaixo da qual começa ella a correr junto do rio que se diz das Amazonas; onde se principia o norte da demarcação e repartição; e vai correndo esta linha pelo sertão d'esta provincia até 45 gráos, pouco mais ou menos.

Esta terra se descobriu aos 25 dias do mez de Abril de 1500 annos por Pedro Alvares Cabral, que n'este tempo ia por capitão-mor, para a India por mandado de El-Rei D. Manoel, em cujo nome tomou posse d'esta provincia, onde agora é a capitania de Porto Seguro, no logar onde já esteve a ilha de

Santa Cruz, que assim se chamou por se aqui arvorar uma muito grande, por mandado de Pedro Alvares Cabral, ao pé da qual mandou dizer, em seu dia, a 3 de Maio, uma solemne missa com muita festa, pelo qual respeito se chama a villa do mesmo nome, e a provincia muitos annos foi nomeada por de Santa Cruz e de muitos Nova Lusitania: e para solemnidade d'esta posse plantou este capitão no mesmo logar um padrão com as armas de Portugal, dos que trazia para o descobrimento da India, para onde levava sua derrota.

(*Gabriel Soares de Souza*—ROTEIRO DO BRAZIL—1587).

Mas cá onde mais se alarga, alli tereis
Parte tambem c'o pau vermelho nota;
De Santa Cruz o nome lhe poreis,
Doscobril-a-há a primeira vossa frota.
(*Lusiadas*—CAMÕES—Canto X, estancia CXL).

Rompem quilhas soberbas negros mares,
Pasmosa marcha endereçando afoitas;
Domada a furia aos euros, Luzos fortes,
Nos céos pregada a vista, e as mãos no leme,
D'aurora ao berço impavidos proejão.
Eis subita procella o fado excita
Propicia e rija os lenhos empuchando
A' nova plaga e occulta; eu oiço, eu oiço
O alegre som dos vivas, com qu'arvora
Sobre as praias Cabral a cruz e as quinas.
(Do poema *Nictheroy*).

Historia Geral do Brazil pelo Visconde de Porto-Seguro

. . . partiu da foz do Tejo, aos 9 de Março de 1500, uma esquadra de treze embarcações, armadas algumas por negociantes particulares, mas todas sujeitas á capitania mór de Pedr'Alvares Cabral, individuo de familia illustre, porém não afamado por feitos alguns anteriores. Nas instrucções escriptas que recebeu, e das quaes chegaram providencialmente a nossas mãos alguns fragmentos de maior importancia, foi lhe recommendado que, na altura de Guiné, se afastasse quanto podesse d'Africa, para evitar suas morosas e doentias calmas.

Obediente a essas instrucções, que haviam sido redigidas pelas insinuações do Gama, Cabral se foi amarando d'Africa, e naturalmente ajudado a levar pelas correntes oceanicas ou *pelagicas*, quando se achava com mais de quarenta dias de viagem aos 23 d'Abril, avistou a loeste terra desconhecida. O que desta se apresentou primeiro distinctamente aos olhos curiosos da gente d'essa armada, agora constante só de doze embarcações, por se haver desgarrado dias antes uma dellas, foi um alto monte que, em attenção a festa da paschoa que se acabava de solemnisar a bordo, foi chamado *Paschoal*; nome que ainda conserva esse monte, mui conhecido dos mareantes, que o consideram entre as melhores balizas para a conhecença d'essa parte do littoral.

A esquadra aproximou-se da costa no dia immediato.

O capitão-mór mandou um batel á terra, o qual, remando para uma praia em que havia gente, tentou communicar com ella. Mas baldados foram os esforços dos interpretes de linguas africanas e asiaticas, que iam no batel, para se fazerem entender. Assim, o primeiro trato com aquella gente se reduziu a algumas dadivas ou escambos feitos de parte a parte, e mediante as costumadas prevenções.

Isto tinha logar no dia 23 de Abril, cujo anniversario, (em virtude da correcção gregoriana em 1582) se deve celebrar dez dias depois, isto é a 3 de Maio, conforme entre nós effectivamente se admitte.

(Secção V—*Descobrimento da America e do Brazil*)

CABRAL suppoz que a terra que descobrira devia ser uma ilha grande; a extensão de costa que elle havia visto, seria de vinte cinco leguas, circumstancia de que um dos pilotos concluiu que o paiz seria parte do continente.

A abundancia de agua, a evidentente fertilidade do terreno e o temperado do clima, tudo se mostrava favoravel para um estabelecimento, que Pero Vaz julgou muito conviria alli fundar, como logar onde se refrescasse nas viagens para Calicut, mas principalmente para converter os indigenas.

Foi Gaspar de Lemos despachado para Lisboa com novas da descoberta, e sabe-se que levou comsigo um dos selvagens. Tambem aos indigenas, quando

virão que os seus hospedes estavão para partir, não persistiram em repellir os dous criminosos que se queria deixar entre elles.

A estes porém faleceu-lhes o animo, quando chegou o momento decisivo, e lamentavão a sua sorte com vozes tão sentidas, que moveram a compaixão d'estes pobres indios, os mais mansos e dóceis de todas as tribus brazileiras. Um d'elles comtudo viveu, para voltar a Portugal, e serviu mais tarde como interprete n'aquellas partes. Da armada desertaram dous moços, escondendo-se na praia, tentados pela perspectiva de liberdade e ociosidade da vida selvagem, de que apenas havião visto a superficie.

(Ramuzio—*Navegação de Pedro Alvares*, vol. 1º).

O Brazil, com as suas *steppes* immensas e as suas florestas virgens, constitue a parte mais consideravel da America Meridional.

E' verosimil que elle tenha sido descoberto por Martim Behaim.

Em 1500 lá aportou o almirante portuguez Cabral, acompanhado de Americo Vespucio, tomou posse da terra em nome de Portugal, erigindo um cruzeiro na costa, e chamando-a Santa Cruz. Os habitantes indigenas seguiram com interesse o officio divino dos Portuguezes, o que estes interpretaram como um augurio favoravel.

Uma tradição antiga refere que o apostolo S. Thomé veiu ao Brazil.

(*Diccionario Encyclopedico da Theologia Catholica*, pelos Drs. Wetzer, e Welte, art. *Brasil*, assignado por Herz).

O Brazil foi descoberto a 3 de Maio de 1500 por Cabral, que, dirigindo-se com uma flotilha á India, foi pelas correntes arrastado para o occidente, e aproou junto a Porto-Seguro. Elle deu ao paiz o nome de Santa-Cruz, que pouco depois foi substituido pelo de Brazil, da madeira assim chamada que ha alli em grande abundancia. Quasi ao mesmo tempo reconhecia Pinzon a costa no Maranhão; porém o governo hespanhol, para quem elle navegava, lá não fundou nenhum estabelecimento.

Os Portuguezes, não encontrando ouro nem prata no littoral, por muito tempo descuidaram-se da sua descoberta. Afinal o rei D. João III, apercebendo-se da importancia daquella rica região, em 1530 dividiu o littoral em diversas capitanias, distribuindo-as entre alguns fidalgos da sua côrte com o encargo de povoal-as. . . Os Judeus Portuguezes em 1548 haviam já introduzido na Bahia a canna de assucar, assentando assim as bases de sua futura riqueza.

. . . .

Quando os Europeus, no principio do seculo XVI, aproaram ao Brazil, acharam toda a costa occupada

pela grande familia dos Tupys, que dividia-se numa porção de tribus, a mór parte em hostilidade permanente, umas com as outras, sendo as principaes os *Carijós* que occupavam a costa de Santa Catharina, os *Tamoyos* que estendiam-se ao norte destes até. Angra dos Reis; os *Tupinambás*, os *Tupiniquins*, os *Tupinans*, que vagavam no Brazil central; os *Tayabós*, os *Cahetés*, os *Pitaguares*, que espalhavam-se entre o Rio Grande e o Amazonas. Toda esta gente vivia da caça e da pesca, sem pouso fixo e sem outra organisação social mais do que a de algumas reuniões em que resolviam-se negocios de interesse geral, e a submissão a certos chefes ou *caciques*, cuja auctoridade, fóra do tempo de guerra, era puramente nominal. Perfuravam-se nos labios, nariz e orelhas, e untavam o corpo de substancias oleosas. Finalmente eram em seu maior nnmero anthropophagos, mas isto só em damno de inimigos, Em meio, porém, de tanto embrutecimento conservavam idéas de generosidade, e timbravam em ser fieis á sua palavra. Distinguiam-se tambem por uma grande coragem. Os *Tupinambás*, principalmente, eram os que se avantajavam ás outras tribus, quer pelo numero, quer pela influencia. A raça *Tupy* havia recentemente conquistado o littoral á outra de costumes tão barbaros, que ella a reputava uma horda selvagem. Essa era a dos *Tapuyas*, igualmente subdividida em numerosas tribus. Mas a conquita não havia sido completa D'ahi uma comfusão que depois reproduziu-se nas narrativas dos primeiros historiadores do paiz. Hoje distinguir a gente da raça *Tupy* da de origem Tapuya é uma das maiores difficuldades

que offerece a etnographia brasileira, e está ainda por saber-se donde os primeiros vinham, quando deu-se a invasão. Estes oppuzeram a principio viva resistencia aos Portuguezes. Vencidos apezar disso, preferindo abandonar seu paiz a submetter-se, pela metade do seculo XVI começaram a emigrar, unico facto notavel da historia dos aborigenes. Os Tupinambás retiraram-se para a linha do littoral da Bahia a Pernambuco, e d'ahi para o Maranhão e para a embocadura do Amazonas. Encontrando em toda a parte inimigos ou molestias que até ahi não conheciam, avançaram cada vez mais longe, e subindo o rio Amazonas estacaram á foz do Madeira, onde os dois viajantes Spix e Martius descobriram em nossos dias seus ultimos despojos numa aldeia chamada Tupinambara.

(*Nuova Encyclopedia Popular*, editada em Turim em 1845, art. *Brasile*).

HA nas margens do Tejo um monumento a que prende-se mais de uma recordação na historia de Portugal. . . E' o velho convento dos Hyerorimitas de Belém.

Lá celebrava-se no seculo XVI uma grande festa nacional. Os cantos patrioticos misturavam-se aos hymnos solemnes da Egreja; os sons do campanario, levados nas azas do vento até os poeticos pincaros de Cintra, juntavam-se ás fanfarras dos soldados, e aos gritos de alegria de que os marinheiros enchiam

os ares. Quem houvesse transposto o limiar do mosteiro teria sido espectador de uma destas scenas que não se veem mais em nossos dias. O rei D. Manoel tinha a seu lado o grande capitão Pedro Alvares Cabral, encarregado da expedição que tinha de succeder à de Gama. O estandarte real da ordem de Christo com as suas dobras fazia sombra aos ministros que celebravam os santos mysterios. A alevantada voz do bispo de Ceuta, e depois de Viseu, Monsenhor Diogo Ortiz, echoava sob as abobadas do templo. Erguendo-se no throno, o rei cingiu á cabeça de Pedro Cabral o chapéo que Roma costuma enviar em signal de apreço aos mais famosos capitães. O cortejo desfilou depois pelas ruas de Lisboa em direcção ás margens do Tejo. O rei e o capitão attrahiam as vistas de todos. Dir-se-ia que os espiritos entreviam alguma cousa de sublime, algum maravilhoso acontecimento futuro. Uma poderosa flotilha, a mais brilhante que já ancorara nessas aguas, só esperava Pedro Cabral para velejar.

Era o seculo de ouro da litteratura portugueza; eram para essa nação os dias da Grecia no tempo de Pericles, os de Roma no tempo de Augusto, os tda Italia no tempo dos Medicis, os da França no empo de Luiz XIV. João de Barros polia o pomposo estylo de que servir-se-ia Camões alguns annos mais tarde, e dava a lume sua primeira década no momento em que o grande poeta, impellido pelo destino, ia cantar na gruta de Macao os feitos dos seus compatriotas, numa linguagem sempre *nova de immortalidade e de gloria.*

Cabral tinha por companheiros Nicolau Coelho, que

antes seguira Vasco da Gama, e Bartholomeu Dias, que havia descoberto o Cabo da Bôa Esperança.

Era decorrido apenas cerca de um mez e meio, quando Cabral, sem o esperar, viu as terras do Brazil, e dellas tomou posse em nome do rei de Portugal. A 24 de Abril deitou a ancora em Porto-Seguro, e ahi celebrou-se o primeiro acto religioso no sólo dessas vastas regiões, onde a humanidade era representada só por algumas tribus errantes.

(Padre Romualdo Maria de Seixas Barroso—*Quelques mots sur l'Eglise de Bahia* (*Brèsil*)

Com as armas reaes foi levantado
Aqui da redempção o sinal santo:
Da missa o sacrificio celebrado
Alli se vio com acatamento tanto.
O selvagem da terra então prostrado
Assistio. . . oh! que vel-o era um encanto!
Adorando de um Deus desconhecido
Um mysterio por elle não sabido.

(*Gonçalves Teixeira*—A Independencia do Brazil).

Na vasta divisão ao Luso veio
O precioso Brazil contido fica;
Paiz e gentes de prodigios cheio,
D'America feliz porção mais rica;
Aqui do vasto oceano no meio
Por horrivel tormenta a prôa applica
O illustre Cabral, com fausto acaso
Sobre gráos dezeseis do nosso occaso.

(*Santa Rita Durão*—Caramurú).

O caminho uma vez descoberto, logo nelle precipitaram-se os aventureiros e alguns homens de genio.

Acabámos de falar em Colombo e Americo Vespucio. Em 1500 o Portuguez Alvares Cabral, que dirigia-se ás Indias orientaes, foi arrastado por uma tempestade ás costas do Brazil de que tomou posse em nome de seu soberano . . . .

Essas descobertas suscitaram graves questões, entre as quaes a de como tão vastas regiões haviam sido povoadas. Hoje está verificado que os piratas scandinavos já visitavam a Groenlandia no seculo sexto, e lá deixaram colonias. No decimo seculo dois Irlandezes, Biarn e Leif, abordaram á região depois conhecida sob o nome de Nova Inglaterra e Nova Escossia, e á qual deram o nome de Finlandia; não é impossivel que tempestades iguaes á que levou Cabral para as costas do Brazil ahi tenham conduzido tambem navios phenicios e carthaginezes; pela sua parte septentrional, a America toca na Asia, e entre os indigenas escontram-se costumes, tradições, monumentos, que indicariam uma origem commum, e relações provaveis com o Egypto, e talvez mesmo com os christãos mais tarde.

(CHANTREL—*Historia popular dos Papas*).

O rei Manoel confiou a Pedro Alvares Cabral o commando de uma frota para o Hindostão, para continuar a obra de Gama, e estabelecer um centro

de commercio na costa do Malabar. A frota, de treze navios, com cerca de 1.200 homens desaferrou de Lisboa em 9 de Março de 1500. Depois de passar as ilhas de Cabo Verde, por alguma razão não ainda conhecida, quer impellido por temporaes, quer para fugir das calmarias que o podiam embaraçar na costa de Guiné, Cabral tomou uma direcção um tanto mais para oeste do que pretendia, e em 22 de Abril, depois de cançada navegação de menos de 60 leguas por dia, na média, achou-se na costa do Brazil, pouco além do limite a que chegara Lepe.

Era bastante facil atravessar assim, sem tal intenção o oceano, porquanto n'essa latitude a costa do Brazil está apenas a dez graus a oeste do meridiano das ilhas de Cabo Verde, e a corrente equatorial ao sul, desconhecida de Cabral, pende fortemente para o proprio ponto onde elle foi levado. Approximando-se d'ella d'este modo, Cabral estava certo de que esta costa devia cahir a leste do meridiano papal. Conseguintemente, no 1º de Maio, em Porto-Seguro na latitude de 16º 30' Sul, tomou posse formal da terra para Portugal, e despachou Gaspar de Lemos em um dos seus navios para Lisboa a levar a noticia. Em 2 de Maio levantou ferro e partiu para o Cabo da Bôa Esperança. Ao passar o famoso promontorio, o irado Genio do Cabo fez cahir a sua vingança sobre o audaz capitão que tinha ouvido revelar o seu segredo. Em uma horrivel tempestade sossobraram quatro navios, e em um d'elles encontrou nas aguas a sepultura o denodado Bartholomeu Dias.

Cabral deu á terra que tinha achado o nome de Vera Cruz, que presentemente é Santa Cruz; mas quando

Lemos chegou a Lisboa com a noticia levava comsigo lindos papagaios, e entre os primeiros nomes postcs em antigos mappas da costa do Brazil, encontramos os de—Terra dos Papagaios—e Terra da Santa Cruz.

A terra está tão evidentemente para leste, que a Hespanha não podia contestar que, afinal, havia para Portugal alguma cousa no—«mar oceano».

Ha muito que o Dr. Robertson observou, que, se Colombo nunca tivesse existido, e o encadeamento de causas e effeitos em acção independentemente d'elle não tivesse mudado, o descobrimento da America não se demoraria por muito tempo. (*) Ella teria sido descoberta por acaso em 22 de Abril de 1500, dia em que Cabral viu pela primeira vez a costa do Brazil. Todos os outros que navegaram para as costas occidentaes do Atlantico desde 1492 foram successores de Colombo; Cabral não. Na ordem de sequencia causal elle foi o successor de Gama e Dias, de Lançarote e Gil Eannes, e o capricho do vento e das ondas que o levaram a Porto-Seguro, nenhuma relação teve com o triumpho scientifico do grande Genovez.

Esta aventura de Cabral teve interessantes consequencias. Poz em movimento uma serie de acontecimentos que acabaram no fim de alguns annos por consignar no mappa o nome de «America». (Pags. 96 a 99).

(Segue a descripção da viagem de Americo Vespucio ao Cabo de S. Roque e d'ahi para o Sul até › de Santa Maria).

(*) Robertson. *Historia da America* liv. II. Harrisse faz, a ıesma ponderação no prefacio do seu *Christovan Colombo.*

O nome do navegador Florentino veio a ser synonymo do que hoje chamamos America do Sul, e esta significação lata veio a ser tão firmemente estabelecida, quanto a sua significação restricta foi usurpada pelo nome—Brazil. Tres seculos antes do tempo de Colombo o páo de tinta vermelha, chamado páo-brazil, era um artigo de commercio, com o mesmo nome, na Italia e na Hespanha. Era uma das cousas de valor que vinham do Oriente, e quando os portuguezes acharam em abundancia n'aquellas florestas tropicaes o mesmo páo que tão bello pareceu a Vespucio, o nome Brazil ficou desde logo vinculado ao paiz, e concorreu para desligar o nome America das suas associações locaes. (*)

(*) O historiador portuguez Barros declara que a substiuição do nome de Santa Cruz pelo de Brazil deve ter ido obra de algum demonio; pois o que vale este miseravel páo que tinge panno de vermelho comparado com o sangue derramado pela nossa eterna salvação!—"Porém como o demonio per o signal da Cruz perdeo o dominio que tiuha sobre nós, mediante a Paixão de Christo Jesus consummada n'ella; tanto que daquella terra começou a vir o páo vermelho chamado Brazil, trabalhou que este nome ficasse na bocca do povo, e que se perdesse o de Santa Cruz, como que importava mais o nome de um páo que tinge pannos, que daquelle páo que deo tintura a todo os Sacramentos per que somos salvos, por o sangue de Christo Jesus, que nelle foi derramado." (Barros. Decadas da Asia, Lisboa 1778, Tom. 1.º pag. 391.)

(JOHN FISKE—*The Discovery of America*, vol. 2.º)

GUANAHANI, a guarda avançada do Novo Mundo, foi vista por olhos europeus seis annos antes do descobrimento da America do Sul. Em 1498 Colombo desembarcou perto da embocadura do Orinoco e referiu em linguagem enthusiastica «a belleza da nova terra» e declarou-se impressionado como se «nunca pudesse sahir de um logar de tantos encantos». Entretanto, a honra do descobrimento do hemispherio occidental, deve ser conferida a Vicente Yanes Pinzon, que foi companheiro de Colombo, e commandou a *Nina* na primeira gloriosa viagem que revelou ao Velho Mundo a existencia do Novo. Pinzon desaferrou de Palos em Dezembro de 1499, e, cruzando o equador, deliciou os seus olhos em 26 de Janeiro de 1500 um promontorio verde que chamou Cabo da Consolação. Este é hoje conhecido como Cabo de Santo Agostinho, a terra avançada logo ao sul da cidade de Pernambuco. D'ahi seguiu rumo do norte, descobrindo as vastas embocaduras do Amazonas, e tocou em varios pontos até chegar ao Orinoco.

Quando Pinzon contemplou os palmeiraes e densas florestas, e sentiu recender a especiarias as brisas bafejadas da costa, suppoz estar visitando a India de além Ganges, e acreditou ter já navegado para além da afamada Cathay. Em nome de Castella tomou posse da auspiciosa terra; mas, antes de elle chegar á Hespanha, Pedro Alvares Cabral, distincto navegador portuguez, tinha tomado para o seu rei o territorio. Na volta de Vasco da Gama a Portugal, em 1499, com a certeza de ter descoberto o caminho

para as Indias pelo Cabo da Boa Esperança, o rei D. Manoel resolveu mandar uma grande armada áquellas famosas regiões, com instrucções para entrar em trato commercial com os soberanos orientaes, ou, no caso de recusa, fazer-lhes a guerra e submettel-os. O commando da expedição foi confiado a Cabral, e, a 9 de Março, uma mumerosa frota com os seus mil e quinhentos soldados e marinheiros desaferrou no meio de grandes cerimonias religiosas e militares, honrando o proprio rei o acto com a sua presença.

Com este punhado de homens, destinados a sujeitar o Oriente ás nações commerciaes de Portugal, Cabral fez derrota para as ilhas de Cabo Verde, e d'ahi, com o intuito de evitar as calmarias que reinam na Costa d'Africa, navegou tanto para oeste, que, sem menor intenção de sua parte, descobriu a 21 de Abril de 1500, a mesma terra que, noventa dias antes, fôra visitada por Pinzon.

O descobrimento de Cabral foi, entretanto, *na actual provincia do Espirito-Santo*, perto do monte Paschoal, que está a oito graus ao sul do Cabo de Santo Agostinho.

Alguns escriptores brazileiros de má vonta de mencinam a viagem de Pinzon; outros ignoram-n'a inteiramente, querendo, ao que parece, attribuir toda a gloria a um dos seus antepassados portuguezes.

Cabral foi, sem duvida, impellido pela monção e pelas correntes,—de que não tinha conhecimento— para a costa do Brazil, e assim fez a sua feliz descoberta. Hoje os navios que partem da Europa para as Indias Orientaes, podem (como bem demonstrou o tenente Maury nos seus mappas dos ventos e das

correntes) fazer as mais rapidas viagens aproveitando-se das maravilhosas monções (*trade-winds*) navegando primeiro para a America do Sul, e depois na direcção do cabo de Bôa esperança. Pinzon sahiu de Palos com o fim de fazer descobrimentos occidentaes; Cabral partiu de Lisboa com instrucções para se dirigir aos descobrimentos orientaes de Vasco da Gama; mas, porque um feliz accidente, (outros dizem uma horrivel tormenta) arrastou a sua armada para o Brazil, e isso, tambem, mezes depois de ter desembarcado o navegador hespanhol no cabo de Santo Agostinho, não ha nem razão nem justiça no orgulho nacional que pretende privar da prioridade do descobrimento a Vicente Yanes Pinzon.

No domingo de Paschoa foi celebrada missa, solemnidade que foi repetida no 1º de Maio; e na presença de milhares de aborigenes, foi levantada uma grande cruz com as insignias de D. Manoel, e a terra a que deram o nome de *Vera-Cruz* foi solemnemente declarada possessão do rei de Portugal.

Foi o padre Fr. Henrique de Coimbra quem dirigiu as cerimonias religiosas, e nas quaes elle foi piedosamente acompanhado (assim resa a chronica) pelos indigenas *imitando os gestos e movimentos dos portuguezes*.

Foram deixados dous degradados com os naturaes, e um d'elles veio a ser depois muito util como interprete. Cabral despachou para Lisboa Gaspar de Lemos, a partecipar ao monarcha o descobrimento e a posse em summa da nova Terra da Vera Cruz, depois do que seguiu a sua derrota para as Indias Orientaes. O papa de Roma fixou uma regra

determinando a propriedade das terras descobertas pela Hespanha e Portugal; e assim ficou disposta a questão entre Pinzon e Cabral.

(*Brasil and the brasilians*, pelos Reverendos James C. Fletcher e D. P. Kidder, 9.ª edição. Londres, 1879, pags. 46 a 48.)

Irá logo o Cabral, varão famoso,
Ver do Brazil a costa prolongada
Onde um trophéo levanta glorioso,
Em que deixa sua fama eternisada.

(G. Pereira—*Ulysséa*, canto 7).

Da nova região que attento observa
Admira o clima doce, o campo ameno,
E entre arvoredo immenso a fertil herva
Na viçosa extensão do aureo terreno:
Coberta a praia está de grã caterva
De incognita nação que com o aceno,
Porque a lingua ignorava, á paz convida
Erguendo-lhe o trophéo do autor da vida.

(*Santa Rita Durão*—Caramurú).

Carta do Rei D. Manuel aos reis catholicos da Hespanha, Fernando e Isabel partecipando-lhes a descoberta

Muy altos e muy excelentes y muy poderosos principes sen)res padre y madre.

. . . .

«O dito meu capitão (Pedro Alvares Cabral) com treze náos partio de Lisboa a 9 de Março do anno passado. Nas oitavas da Paschoa seguinte chegou a uma terra que novamente descobrio, a qual poz o nome de Santa Cruz, na qual achou as gentes núas como na primeira innocencia, mansas e pacificas, a qual parece que Nosso Senhor milagrosamente quiz que se achasse, porque é mui conveniente e necessaria para a navegação da India, porque ali reparou seus navios e tomou agua; e pelo grande caminho que tinha de andar não se deteve para se informar das cousas da dita terra; apenas me enviou d'ali um navio para me notificar de como a achou, e fez o seu caminho por via do cabo da Boa Esperança

Cintra, 9 de Julho de 1501.

(Do *Brazil Historico*, vol. 1°, pag. 66)

ENTRE varios povos vivia uma tradição relativa a uma ilha encantada, chamada Brazil. Era, pois, natural que apenas apparecesse um paiz, a que se podesse applicar, se fixasse n'elle este nome, que

até então andava vago e incerto, e d'aqui, provavelmente, veio o ter elle prevalecido sobre a denominação official, e até mesmo santificada pela sancção religiosa.

(SOUTHEY—*Historia do Brazil*).

PARTINDO de Lisboa a 14 de Março, e continuando sua viagem, foi tal sua ventura que a 24 do seguinte Abril depois de uma espantosa tormenta que lhe poz a mão na vida, por descanço d'ella e para recuperação da eterna, que infinitos barbaros tinham em perdição, descobriu a provincia do Brazil, terra conjunta com a do Perú e novo mundo, muito fertil e fresca, e tão sadia, que a vida de seus habitantes mais lhes falta pelos desamparar a natureza, que por enfermidade alguma que os persiga.

(*Dialogo de varia historia*, Dial. IV).

. . . . a cruz entanto
Sublime n'um outeiro se colloca;
O exercito formado ao signal santo
Se prostra humilde, pondo em terra a bocca;
Pasma o gentio e admira com espanto
A melodia com que o Céo se invoca,
Hymno entoando á cruz pios cantores,
E respondendo as tropas e os tambores.

(*Santa Rita Durão*—CARAMURÚ).

A BAHIA CABRALIA (*)

ESTA Bahia é formada pela curva intensa da costa, desde a ponta de Santo Antonio, ao norte, até a Corôa Vermelha, ao sul, e pelos recifes Sequarahyba, Itassepanema, Alagadas, Baixinha da Corôa Vermelha e pela rocha da mesma corôa. Tem a bahia 12.964 metros de comprimento, sobre 5.556 de largura, sendo protegida pela linha de recifes que margêa a costa.

As coordenadas da ponta norte que forma uma das entradas são: 16°—15'—35" de latitude e 4°—9'—15" de longitude, referida ao meridiano do Rio de Janeiro. São cinco os recifes que fecham a leste a bahia, todos differentes e situados desde a ponta norte a Corôa Vermelha; formando cinco passagens, das quaes quatro são tão profundas que dão ingresso á navios das maiores dimensões. A quinta, que fica mais ao norte, entre a ponta de Santo Antonio e o recife Sequarahyba, só é praticavel por embarcações de pequena cabotagem que navegam ao longo da costa por dentro dos recifes dos Araripes.

Depois do recife Sequaratyba, o que fica mais ao norte é o Itassepanema, a rumo S E da ponta de

---

(*) Extrahido dos "Estudos sobre a *Bahia Cabralia* e *Vera Cruz*" pelo Major Salvador Pires de Carvalho e Aragão, Bahia, 1899.

Santo Antonio. Tem elle 3.700 metros de comprimento N N E, S S W, ficando a descoberto em quasi toda a sua extensão; tendo no centro uma corôa chamada Coroa Alta. Este recife forma com o immediato, Alagadas, uma passagem de 1.389 metros com 12 metros de profundidade. A esta passagem chamam Boqueirão Grande.

A rumo S. S. W do Itassepanema se acham dois recifes, tendo um 415 metros e o outro 393 de comprimento, ficando na baixa mar com 2 metros d'agua, deixando entre si uma passagem a que denominam Boqueirão Pequeno e ambos os recifes —Alagadas. A sondagem desta passagem dá de 15 a 12 metros. A rumo S W das Alagadas existe uma rocha coberta, onde o mar raramente quebra chamada Baixinha da Corôa Vermelha e forma o limite sul da grande passagem. Esta rocha fica a rumo de 43° S E da Egreja de Santa Cruz. Tem ella 48m,50 de extensão, accusando a sonda, sobre ella, na baixa mar, 4 metros.

Pode, entretanto, ancorar qualquer navio, pois, em torno, a sonda diz que tem de 11 a 14 metros de profundidade. A 1200 metros da Baixinha e a rumo S S W della está o recife da Côroa Vermelha que, indo juntar-se a ponta da mesma coroa forma a extremidade Sul da bahia.

Sobre este recife, que fica a descoberto, na baixa mar, está a Corôa Vermelha, com 55 metros de comprimento por 19 de largura sempre visivel na prêa-mar. O recife da Corôa-Vermelha que fica a rumo N N E, forma com a costa, a que se liga, e que corre a rumo de N W um porto perfeitamente abrigado dos ventos do sul, accusando a sonda de

10 a 15 metros de profundidade. No canal que fórma á Baixinha com o recife sobre o qual se acha a Corôa Vermelha, diz a sonda ter 11 metros, sendo esta a quarta passagem que dá ingresso á bahia.

Ao sul o recife caminha sempre acompanhando a costa até unir-se aos de Porto-Seguro, tendo antes formado a pequena enseada do Mutá, de barra muito estreita, formada ao norte pela ponta sul do recife da Corôa Vermelha e ao sul pela ponta Itá, a que denominam Boqueirão dos Francezes.

O canal existente desde a Corôa Vermelha até Porto-Seguro, por dentro dos recifes, só pode ser navegado por canôas, isso mesmo na prêa-mar.

A Corôa Vermelha

Sobre uma rocha calcarea de cento e trinta e cinco metros de comprimento, formando com a ponta sul da costa, na baixa-mar, verdadeiro promontorio, se acha a Corôa Vermelha, formada de areia grossa de côr amarella escura. Esta corôa, que fica sempre a descoberto, fórma uma ilhota com 55 metros de comprimento por 19 de largura.

O recife que lhe serve de base dirige-se a rumo N N E e se vem ligar á praia que corre a rumo de N W, formando o *seguro porto* de Cabral. Não é de mais repetir que foi ahi que no sabbado 25 de Abril do anno de 1500 (5 de Maio) ancorou a esquadra de Cabral. Que foi *n'este ilhéo grande que na bahia está* que no domingo de Paschoela, 25 de Abril (6 de Maio) *pela manhã determinou o Capitão ouvir missa e pregação*.

Que foi n'este ilhéo, *debaixo de um esperavel, que o padre frei Henrique, em voz entoada e offerecida com aquella mesma voz pelos outros padres e sacerdotes, celebrou a primeira missa*.

Que, finalmente, neste ilhéo, pela primeira vez, foi erguida *alta da parte do evangelho a bandeira de Christo com que sahio de Belèm* a esquadra de Cabral. Da Coròa Vermelha, descortina-se toda a costa, desde a ponta de Santo Antonio, ao norte até a ponta sul, onde se acha collocada a cruz dos capuchinhos. D'ahi domina-se toda a enseada do Mutá ao sul e barra do Mutary ao norte.

O Monte Paschoal

Na imposibilidade de ir de perto estudar este monte, primeira porção de terra avistada pela esquadra de Cabral em 22 de Abril de 1500 (3 de Maio), assim como photographal-o do mar, devido á quadra em que elle se acha, coberto sempre de neblina, procuramos em uma manhã clara apanhal-o, embora a grande distancia. da torre da egreja de Porto-Seguro.

A distancia não dá logar a que se possa fazer precisa e nitida idéa; entretanto, aqui juntamos a descripção feita pelo almirante Mouchez, afim de que se possa mais claramente formar juizo a seu respeito: « Latitude 16° 53' 20," longitude 41° 44' 47" (meridiano de Paris), altura 536 metros, visivel a 16 legoas. Visto de éste e de nordeste, esta montanha apparece como um cabeço isolado de fórma arredondada, ligeiramente conica, dominando as terras circum-

visinhas; mas de sueste vê-se-o acompanhado de muitos cabeços menos elevados e de um pico muito notavel tendo a fórma cylindrica de uma grossa torre sobre o cume de uma montanha. Este pico é o João Leão, que está a 12 milhas a rumo de S W a W do Monte Paschoal e parece um pouco mais elevado que elle. São estes os unicos cumes, vistos de largo, que se encontram entre os morros de Commandatuba (15º 1/2 de latitude) e as altas terras do Espirito-Santo (20º de latitude).

Este monte está muito felizmente situado para prevenir ao navegador de approximar-se dos Abrolhos.»

Bahia (linda terra), monumento
D'antigos Portuguezes celebrados,
Altiva por prospecto corpulento,
Dominados dos Engenhos apostados.
Goza Mitra Primaz, e foi já assento
De Grandes Capitães, e bem prendados:
Por commercio feliz vive brilhante
Dos rijos Hollandezes triumphante.

(Padre *F. do N. Silveira*—CORO DAS MUSAS).

Centenario do Brazil

> **Que data de mez e dia do corrente anno de 1900, corresponde com o dia 22 de Abril de 1500, *de accordo* com a reforma do Calendario juliano, feita pelo papa Gregorio XIII em Outubro do anno de 1582?**

Ao sabio não deslustra o desacerto n'um conceito de qualquer assumpto, o *erro* de calculo n'uma equação algebrica, n'um problema aritmetico, no computo de um Calendario. A reflexão corrige a inadvertencia; a rectificação emenda o erro.

Era eu bem menino ainda quando li de um poeta carioca a estancia que ahi vai:

> "No fim do seculo decimo sexto,
> segundo a historia do melhor texto,
> aos vinte dois do mez de Abril,
> Cabral a costa viu do Brazil."

Os historiadores, que não são poetas, antes prosaicos, nos quaes não ha que fiar, e muito que desconfiar, que são submissos repetidores, e nunca investigadores acurados, são, *quasi* a uma, de consenso.

Foi, portanto, no dia 22 de Abril do anno de 1500, que Cabral deu com as terras do Brazil.

Vejamos agora no anno de 1900 em que mez e dia deve corresponder o dia 22 de Abril de 1500.

O anno de 1500 foi bisexto. Os annos bisextos teem letra dominical dupla: a letra do anno de 1500, é a dupla *E D*. A letra *E* serve para os mezes de Janeiro e Fevereiro e *D* para o mez de Março a Dezembro. A letra *D* indica que o 1º de Abril de 1500 foi uma 4ª feira; o dia 22, tambem 4ª feira.

Julio Cezar, 45 annos, conforme uns, 46 conforme outros, antes da era Christã, estabeleceu o calendario que ficou sendo chamado Calendario juliano. N'esse tempo tinha-se como certo, que o sol gasta exactamente 365 dias e um quarto em fazer sua revolução annual. Conseguintemente, Julio Cezar prescreveu a intercalação de um dia todos os quatro annos; de sorte que trez annos communs de 365 são seguidos de um anno bisexto de 366 dias. O dia intercalado ou complementar do anno bisexto se ajunta ao mez de Fevereiro que então conta 29 dias.

O periodo de tempo conhecido por *seculo* é a reunião de cem annos julianos de 365 dias e um quarto. Este periodo comprehende 36525 dias.

O calendario juliano regulou sem mudança nos paizes catholicos até o fim do XVº seculo.

A intercalação de um dia todos os quatro annos no calendario juliano torna o anno civil maior que o solar; pois resulta de um anno de $365^{ds.},25$; emquanto que o valor medio do anno tropico é realmente de $365^{ds.},2422166$.

A differença de $0^{d.},0077834$ por anno se eleva a $0^{d.},0311336$ em 4 annos e a $3^{ds.},11336$ em 400 annos.

D'esta sorte, o anno civil adoptado no calendario juliano sendo muito longo, seu começo retardava sempre sobre o começo do anno solar.

A differança era de 10 dias no fim do seculo XVI, em 1582. Para obstar a este inconveniente, determinou o papa Gregorio XIII (*Buoncompagno*) aconselhado pelo astrologo Luiz Lilio, que se cortassem 10 dias ao anno de 1582, e ficou assentado que, para o futuro, trez annos seculares, que segundo os regulamentos feitos por Julio Cezar deveriam ser *bisextos*, fossem *communs* e que no quarto somente se intercalasse um dia supplementar.

Na bula da reforma ordenou o papa Gregorio que o dia seguinte ao de 5ª feira 4 de Outubro de 1582 se chamasse 6ª feira 15 de Outubro do anno de 1582.

Em França o corte de 10 dias no Calendario só teve logar no mez de Dezembro seguinte. Por cartas-patentes do rei Henrique III, o domingo 9 de Dezembro de 1582 foi seguido immediatamente da 2ª feira 20 de Dezembro de 1582.

Depois desta correcção de 10 dias, continuou-se na intercalação juliana de um dia todos os quatro annos. Porém como ella produz um retardamento de 3 dias em 400 annos, ficou convencionado suprimir o dia intercalar nos trez annos de 1700, 1800, e 1800, e que trez annos seculares communs seriam seguidos de um anno secular bisexto.

O anno secular de 1600 sendo bisexto nos dois calendarios, o avanço do calendario gregoriano sobre o calendario juliano ficou de 10 dias durante o seculo XVII; de 11 dias no seculo XVIII; de 12 dias no seculo XIX, e agora desde o 1º de Março de 1900, de 13 dias.

Basta ajuntar 13 dias, do 1º de Março em diante, á uma data juliana para ter a data no calendario gregoriano.

Portanto o dia 22 de Abril de 1900, 4ª feira, corresponde ao 6 de Maio de 1900, Domingo. A letra dominical do anno de 1900 é *G*.

No calendario gregoriano, fundado sobre o movimento do Sol, as estações voltam nas mesmas épocas do anno. Não acontece o mesmo em relação as *festas moveis* que são reguladas pelo movimento combinado do sol e da lua, e que dam-se em datas differentes de um anno para outro. Estas festas são sempre separadas da festa movel da Paschoa por intervalos do mesmo numero de dias.

A festa da Paschoa é celebrada na 1ª dominga depois da lua cheia, que cai no dia do equinocio da primavera ou alguns dias mais tarde. O equinocio tendo sido fixado em 21 de Março pelos computistas e o decimo quarto dia da lua contado com a epacta, sendo reputado o dia da lua cheia, o Domingo de Pascua pode cahir ao mais cedo a 22 de Março e ao mais tarde a 25 de Abril.

As taboas abaixo servem para transformar as datas gregorianas em julianas e as julianas em gregorianas.

O calendario gregoriano avança	*Datas julianas*
De 10 dias de 5 de Outub. de 1582	a 18 de Fev. de 1700
" 11 dias de 19 de Fev. de 1700	a 17 de Fev. de 1800
" 12 dias de 18 de Eev. de 1800	a 16 de Fev. de 1900
" 13 dias de 17 de Fev. de 1900	a 15 de Fev. de 2100

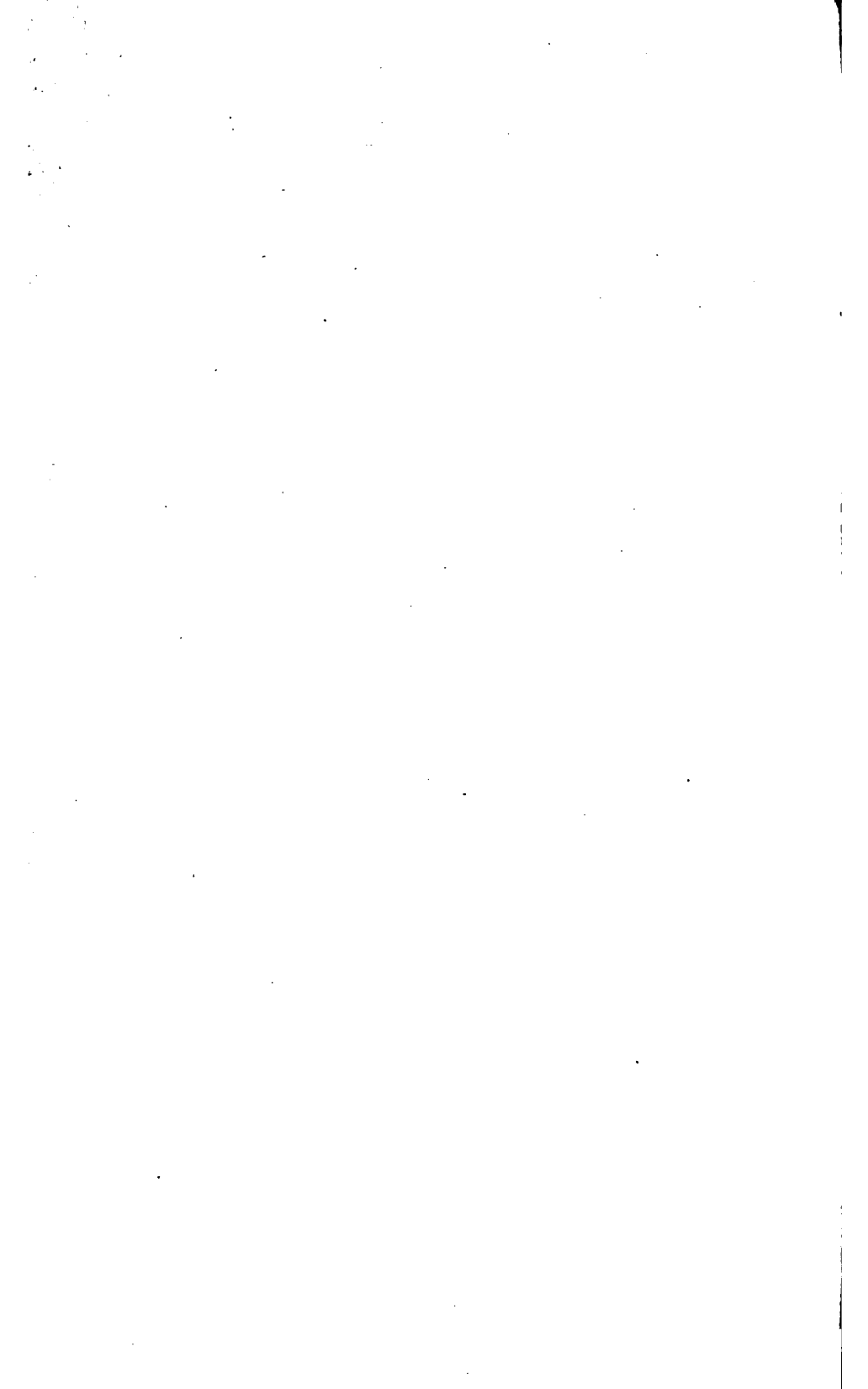
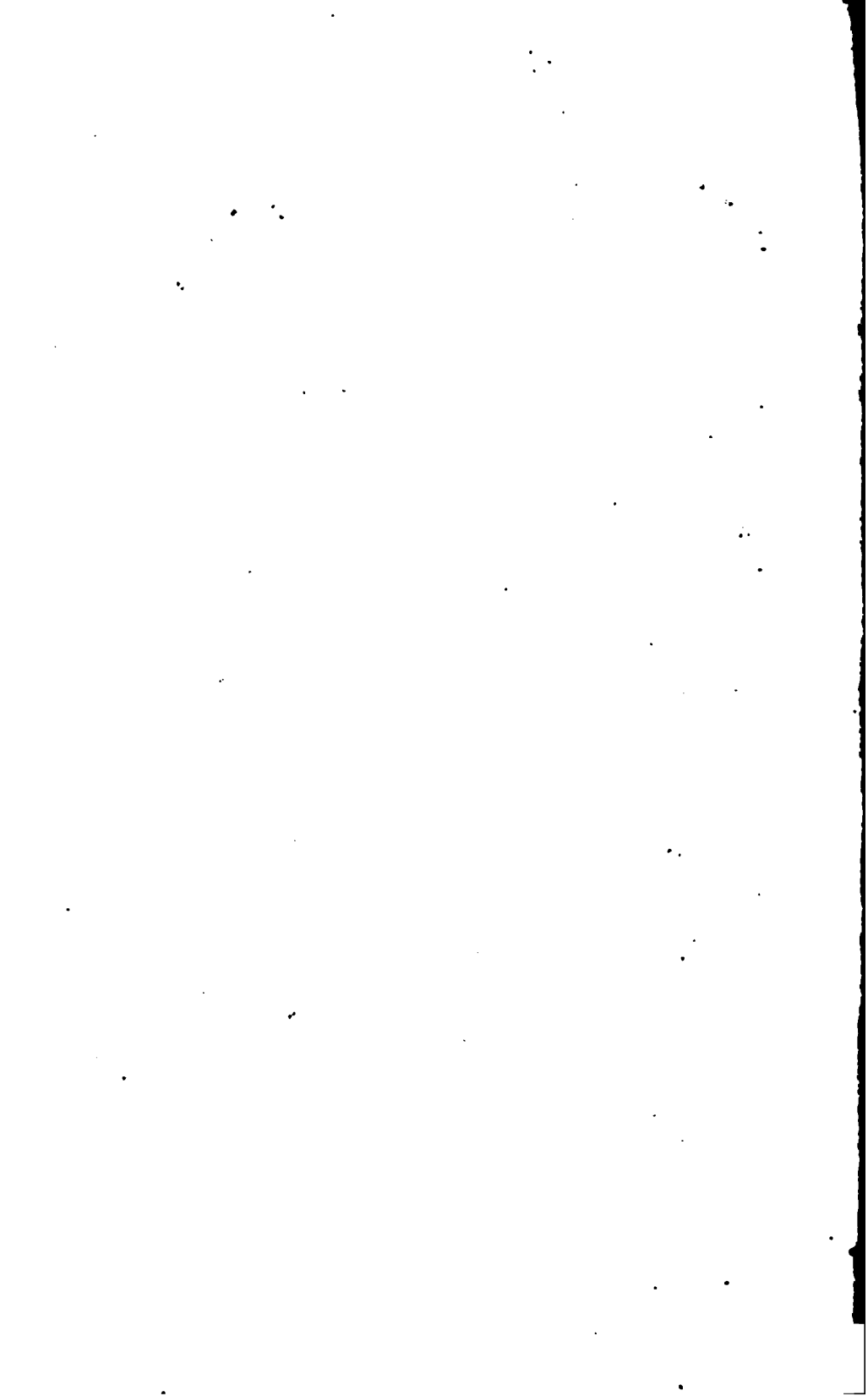
O calendarlo juliano retarda	*Datas gregorianas*
" 10 dias de 15 de Outub. de 1582	a 28 de Fev. de 1700
" 11 dias de 1º de Março de 1700	a 28 de Fev. de 1800
" 12 dias de 1º de Março de 1800	a 28 de Fev. de 1900
" 13 dias de 1º de Março de 1900	a 28 de Fev. de 2100

Fica provado; parece? que o dia 6 de Maio de 1900, Domingo, é o dia que corresponde ao dia 22 de Abril de 1500 e não o dia 3 de Maio, como tenho lido em escriptos relativos a questão.

Se desacertei, provem; se *errei*, rectifiquem o calculo. Aceito de bom grado a correcção, ou a rectificação.

In libro qui inscribitur in sapientem non caaere injuriam.

Bahia, 21 de Abril 1900.

Dr. Rozendo Aprigio P. Guimarães.

REVISTA TRIMENSAL

DO

Instituto Geographico

E

Historico da Bahia

FUNDADO EM 1894, RECONHECIDO DE UTILIDADE PUBLICA
PELA LEI N. 110 DE 13 DE AGOSTO DE 1895

Mexima sunt documenta equidem res temporis acti
In prœsens, validusque in veniens stimulos.

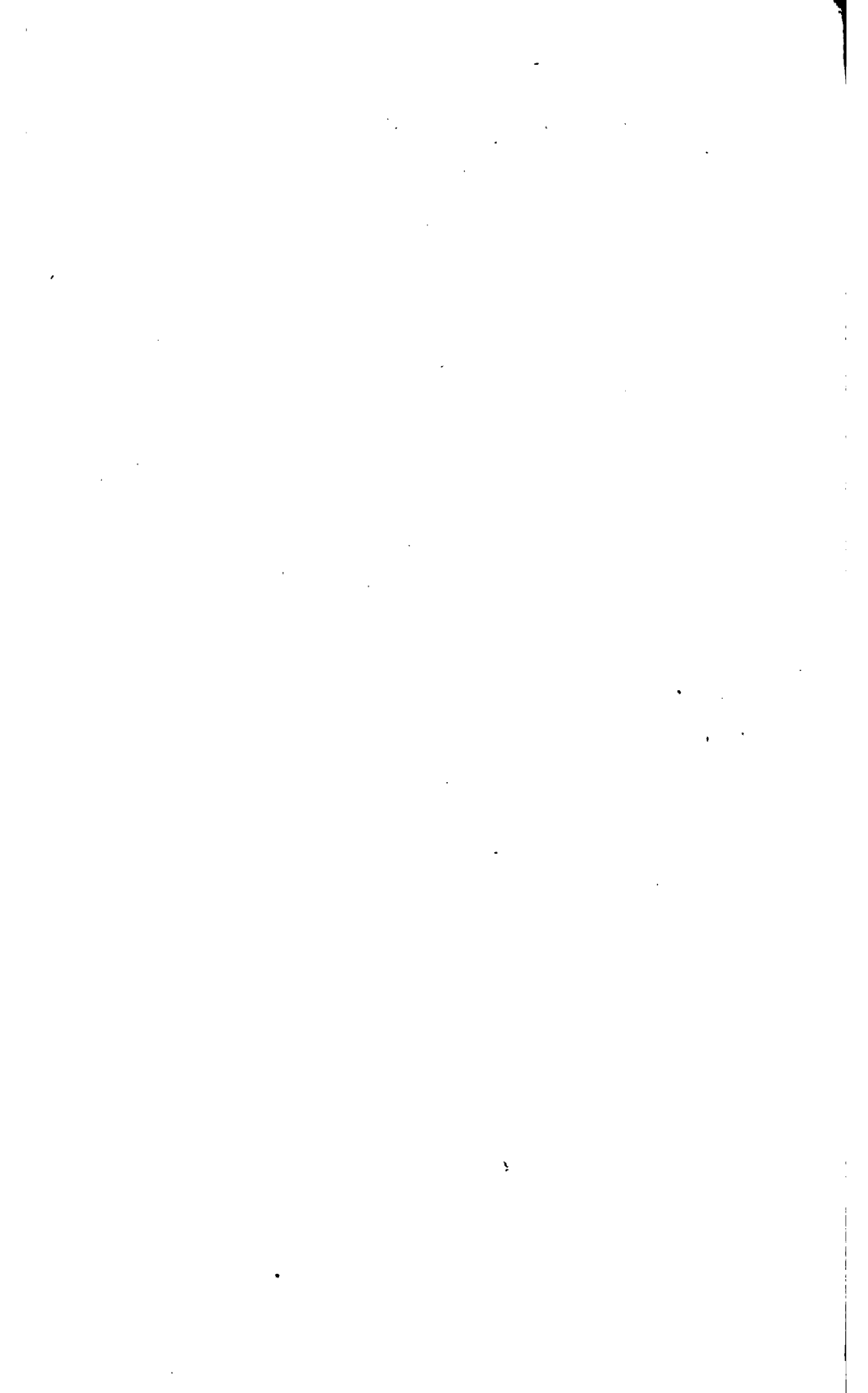
JUNHO DE 1900

ANNO VII VOL VII N. 24

BAHIA

1900

REVISTA TRIMENSAL

DO

Instituto Geographico e Historico

DA BAHIA

Anno VII Junho de 1900 Num 24.

O Centenario na Bahia

A Bahia, acudindo ao appello que lhe dirigira o Instituto Geographico e Historico para a commemoração do centenario do descobrimento do Brazil, dignificou, em expansões francas da alma popular, o grande facto historico, que regista o nosso nascimento na civilisação.

O pensamento que nesta agremiação scintillara fulgurante ao cuidar ella nesse testemunho da consciencia de nossa individualidade, e despertara, desde os primeiros momentos o enthusiasmo que accendem nos animos emancipados as idéas generosas, corporisara-se na adhesão sympathica de todas as classes no meio de applausos unanimes.

Foi assim que em uma grande reunião realisada no salão da Intendencia Municipal a 23 de Outubro de 1898, sob a presidencia do Governador do Estado e assistencia do consul de Portugal, organisou-se um programma de festas, que deviam ser levadas a effeito, sob a direcção de uma commissão eleita de

seu seio, constituindo a representação de todos os elementos interessados no facto que se ia commemorar.

O vasto plano de festa, traçado pela commissão. que secundando os esforços do Instituto, alargava o circulo de taes manifestações, que não se podiam limitar ás deliberadas por aquella associação, soffreu, por varias circumstancias de ordem economica, sensiveis modificações, ficando resumido ao que foi executado, e teve condigno realce nas irradiações de enthusiasmo de que foram revestidas as festas.

O acontecimento de ha quatrocentos annos, que assegurara a Portugal o melhor quinhão de suas conquistas, a mais soberba gloria de suas ousadas aventuras maritimas, descerrando-lhe vastissimo campo á multiplicação de sua riqueza e de seu poder, si não se desdobrava em oblações da colonia perdida ao colonisador afortunado e imprevidente, desentranhava-se em manifestações espontaneas e dignas da vontade de um povo livre á nação de que bebera o primeiro leite de sua existencia.

O vulto epico do navegador, que tivera a dita de engastar na corôa portugueza o Brazil como a mais bella gemma de sua opulencia, estava-lhe diante dos olhos da estatura de um predestinado.

Pouco importa que a fama desmedida da marinha lusa tivesse levado o venturoso rei, a quem servira, a sepultar-lhe essa gloria, que o tempo teria de vingar, exhumando-a.

Mais do que na historia do feito, envolvido nas fulgurações dos arrojados commettimentos *daquelles que por obras valerosas se foram libertando da lei da morte*; mais do que na legenda que os consagrava como da estatura dos herôes de Homero, o nome de Cabral era o de um genio bemfazejo, abrindo aos destinos da humanidade uma senda larga e triumphante, creando um nucleo poderoso de actividade e intelligencia, de onde surgiria mais tarde uma nacionalidade talhada para o progresso e para a liberdade.

A mocidade evocou-o em transportes de jubilo e a

infancia o repetiu em hymnos vibrantes, em acclamações ininterruptas e vivazes.

Era um preito de justiça altamente significativo e honroso em que fraternisavam animos amigos e sinceros, inspirados de gratidão.

Dando essa prova da comprehensão que tem de seu papel, no momento actual de sua vida, a terra que, no Brazil, primeiro banhou-se dos clarões da civilisação christã, não procurou affirmar, senão que pelos mesmos mares sobre os quaes arfaram indecisas e inquietas as velas da frota lusitana, continuará, num movimento crescente, a fazer affluir aos centros do velho continente os productos do seu trabalho; elevando o seu nome pelo exercicio consciente de sua liberdade, pela multiplicação de sua actividade, pela força privilegiada de sua intelligencia.

———

As festas celebraram-se na ordem em que as vamos enumerar e foram descriptas pela imprensa, que prestou á commissão solicitos e optimos serviços, publicando edições commemorativas, bem como artigos e poesias inspirados.

Foi este o programma das festas publicado pela commissão:

Dia 1.º de Maio

A's 9 horas da manhã missa campal celebrada pelo Exm. Sr. Arcebispo na praça Duque de Caxias, partindo em seguida, dalli até a praça Municipal, um prestito civico.

Dia 2

Sessão solemne no salão nobre do Conselho Municipal, presidida pelo Sr. Governador do Estado, subindo á tribuna o conferente Conego Manfredo de Lima ás 12 horas do dia, não havendo convites especiaes.

A' noite illuminação e musica nos coretos, e espectaculo de gala no Polytheama com o drama—*Cabral*.

Dia 3

Alvorada nos quarteis, salvando de hora em hora um parque de artilheria nos angulos da praça Duque de Caxias.

A's 9 horas missa e *Te-Deum* na egreja da Sé com assistencia do Sr. Arcebispo, cabido metropolitano, autoridades civis e religiosas.

A's 12 horas sessão solemne anniversaria do Instituto Geographico no seu edificio, situado na praça historica «Quinze de Novembro» (antigo Terreiro de Jesus), que será inaugurado.

A's 5 horas da tarde grande parada de revista militar no Parque Duque de Caxias, formando todas as forças militares federaes e estaduaes.

A' noite illuminação e musicas nos coretos, e espectaculo de gala no Polytheama.

Dia 4

Grande concerto vocal e instrumental ao meio dia no salão nobre do Conselho Municipal.

Missa campal

Com a missa campal tiveram começo as festas do Centenario.

Desde as primeiras horas do dia notava-se grande movimento da população, que de todos os pontos da cidade affluia para o Campo-Grande, onde se achava erigido um altar sobre um monte rodeado de arvores e varias plantas, no qual deveria officiar o Sr. D. Jeronymo.

A's 9 horas da manhã já a extensa praça Duque de Caxias estava apinhada de povo; vendo-se, no pavilhão e fóra delle, representantes do clero secular e regular, seminarios, communidades, representante do Governador do Estado, os secretarios do Estado, commissão executiva dos festejos, presidente e membros do *Instituto Historico e Geographico*, officiaes de terra e mar, consules, commandante e

officiaes da brigada policial, muitos representantes da guarda nacional, idem d'*A Bahia*, do *Correio*, *Diario* e *Jornal de Noticias*, membros do funccionalismo publico, estendendo-se pelas alamedas do parque as associações convidadas e o grande e festivo cortejo de creanças de escolas publicas, municipaes, collegios e outras.

Ameaçando chuva, foi o altar collocado no pavilhão da esquerda do monumento, celebrando então ahi a missa o Sr. Arcebispo, que ao terminar fez uma allocução analoga ao acto.

Por essa occasião foram entoados pelas creanças das escolas municipaes hymnos patrioticos.

Logo após organisou-se o prestito civico, bello e magestoso pelo seu numero excepcional.

O importantissimo cortejo desfillou na ordem seguinte:

Esquadrão de lanceiros da brigada policial.

Collegio dos Orphãos de S. Joaquim, precedido pela sua philarmonica.

Philarmonica Carlos Gomes.

Banda de clarins e tambores do 16º batalhão.

Alumnos da escola do Pilar levando bonito estandarte.

Na vanguarda via-se uma allegoria, representada por tres interessantes creanças.

Escola dos Mares, a cargo do professor Gonçalo Botas.

Escola da Penha, dirigida pelo professor Cincinato Franca e precedida pela philarmonica *Lyra de Apollo*.

Escolas municipaes, antecedidas de um estandarte branco.

Externato S. Domingos.

Escola dos Mares, regida pelo professor Prescilliano Leal.

Os alumnos levavam bandeirolas com as côres nacionaes e as iniciaes C. B. em doirado.

Escola de Sant'Anna, do professor Leopoldo dos Reis.

Dous alumnos iam na frente conduzindo uma effigie de Cabral, trabalhada a crayon.

Escola da Rua do Passo, dirigida pelo professor Lucio Casimiro dos Santos, precedida de cornetas e tambores do 9º batalhão.
Escola Mixta da Lapinha.
Escola do Rio Vermelho.
Gymnasio Archiepiscopal, puchado pela banda do 5.º batalhão de policia.
Lyceu de Artes e Officios, cujos alumnos empunhavam flammulas, umas verdes, outras amarellas.
Collegio Piedade. Todas as alumnas trajavam de branco. Dos hombros pendiam fitas azul-celeste franjadas de ouro e tinham o nome do collegio.
Collegio N. S. dos Anjos Levava vistoso estandarte, um anjo de roupagens verdes e azas brancas.
Trajo branco e cinto verde em alças amarellas.
Como distinctivo uma rosa de folheta dourada e palmas verdes.
Instituto Normal—Escolas annexas e alumnas do curso normal, seguidas do corpo docente e da secretaria do mesmo estabelecimento.
Era branco o trajo das alumnas, que tinham por distinctivo uma roseta encarnada.
Levavam bonito estandarte granate.
Quatro normalistas levavam aos hombros o andor com o retrato de Catharina Paraguassú.
Puchava o Instituto a banda do 3.º de policia.
Gymnasio da Bahia—distinctivo sulferino e oiro. Um alumno levava a bandeira nacional.
Escola de Bellas-Artes.—Estandante rico e de muito gosto. Distinctivo—Um laço de fita branco e vermelho.
Club Cycle Bahiano —Os socios deste club apresentaram-se de maneira a conquistar merecidos elogios.
Levavam com suas bicycletas pequeno e elegante estandarte, tendo a haste de metal prateado.
Trajo branco, bonet preto e largas faixas de gorgurão listradas de branco e encarnado.
Philarmonica União dos Chapelleiros.
Banda de tambores e clarins da brigada policial.
Collegio Santa Luzia—De branco, inclusive o calção, faixas verdes a tira-collo, com a denominação do collegio, em lettras doiradas.

Collegio Florencio—Uniforme branco.
Collegio Carneiro -Uniforme azul marinho.
Philarmonica da Barra.
Collegio 7 de Setembro com a bandeira do estabelecimento feita de sêda verde e emblema e dizeres em oiro.
Collegio S. Salvador—De branco, cinturão de oleado preto.
Precedia os alumnos deste collegio a banda do 9.º batalhão de infanteria.
Faculdade de Medicina e Escola Livre de Direito, levando erguidos os seus riquissimos estandartes.
Escola Polytechnica.
Na vanguarda das escolas superiores, que levavam o andor com a effigie de Tiradentes, marchava a banda do 2.º batalhão da Brigada policial.
Associação Commercial antecedida da banda do 1.º corpo de policia.
Colonia Portugueza.
Commercio.
Beneficencia Hespanhola com a respectiva bandeira.
Banda do 26 batalhão.
Classe Caixeiral—Compunha o seu prestito cerca de oitocentas pessoas.
Centro Operario.
Banda do 16.º batalhão.
Sr. general commandante do districto, seu estado maior, commandantes superior da guarda nacional e da brigada policial, officialidade.
Quatro officiaes levavam o andor do marechal Deodoro da Fonseca.
Ao attingir o prestito um dos angulos do forte de S. Pedro desenrolou-se uma bandeira nacional, atravessada em cordeis, daquella fortaleza para um predio fronteiro, e *confetti* côr de rosas cairam sobre a effigie do fundador da Republica.
Banda do 5º batalhão de artilharia.
Instituto Geographico e Historico, levando a charola de Pedro Alvares Cabral.
Quatro marinheiros nacionaes levavam aos hom-

bros a primeira pedra do monumento do descobridor do Brazil.

Seguiam-se: membros da commissão executiva e do Instituto, senadores e deputados estaduaes; secretarios do Estado; official de gabinete do Sr. Dr. governador, que não compareceu á missa nem ao prestito por incommodo de saude, segundo fez declarar; membros do Conselho municipal; representantes da imprensa, altos funccionarios, etc.

Fechava o prestito o corpo de bombeiros com o seu arsenal, clarins, etc.

O prestito que gastára cerca de tres horas em seu trajecto chegou á praça Municipal a 1 hora e 45 minutos da tarde, debaixo de vivissimos applausos de quantos lhe aguardavam a passagem enfileirados nas ruas de seu transito, bem como das janellas das casas, que estavam apinhadas de senhoras e creanças.

Tendo-se de proceder nesta praça a collocação da pedra do monumentoa Cabral, dirigiu-se a commissão executiva para um pavilhão ahi mandado construir para essa cerimonia, que foi presidida pelo Dr. Octaviano Muniz, que representava como secretario interino do Interior o Sr. Dr. Governador do Estado.

Pronunciaram por essa occasião discursos eloquentes e substanciosos os Srs. Dr. Salgado, consul de Portugal, José Antonio Costa, ex-secretario da agricultura do Estado, e presidente da commissão executiva.

Durante esta cerimonia ouviam-se hymnos patrioticos, cantados por centenas de creanças, e executados por muitas bandas de musica.

Após o discurso do Dr. Costa, o Dr. Braz do Amaral leu a acta, depois do que collocou em uma caixa de madeira, contida em outra de marmore, exemplares das edições de 30 de Abril do *Correio de Noticias*, *Diario de Noticias*, *A Bahia* e *Jornal de Noticias*; o numero especial da «Revista do Instituto Historico», o numero especial d'*A Bahia Typographica*: e moedas da epoca.

Na occasião de ser a pedra depositada na compe-

tente cava, e depois das principaes pessoas atirarem pasadas de cimento, o secretario do interior ergueu vivas á memoria de Cabral, á Bahia, berço da nossa nacionalidade, á Republica, á Constituição e á commissão do Centenario; sendo outros vivas levantados pelo Intendente municipal.

São estes os termos da acta:

ACTA DA INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO A PEDRO ALVARES CABRAL

No dia primeiro de Maio do anno de mil e novecentos, no meio da Praça Municipal, n'esta cidade da Bahia de Todos os Santos, perante o exm. sr. governador do estado, general commandante do districto, intendente do municipio, secretarios do estado, imprensa, capitão do porto, auctoridades de terra e mar, federaes e estaduaes, corporações e associações que compareceram á procissão civica, que partiu da praça Duque de Caxias em direcção a este ponto, após a missa campal alli celebrada, pelo Exm. Arcebispo, foi pelo Exm. Sr. Dr. José Antonio da Costa, presidente da commissão que promove, por iniciativa do Instituto Historico da Bahia, a commemoração do 4.º centenario do descobrimento do Brazil, declarado que tinham sido convidadas as pessoas presentes, para assistirem á collocação da 1.ª pedra do monumento que a Bahia vae erigir ao navegador portuguez Pedro Alvares Cabral, symbolisando o facto do descobrimento, que abriu este paiz a civilisação, concedendo em seguida a palavra ao Exm. Sr. Dr. João Salgado, consul de Portugal, que em nome de sua nação proferiu algumas palavras relativas ao mesmo facto, depois do que o Exm. Sr. Conselheiro Luiz Vianna, governador do estado da Bahia, collocou a primeira pedra do monumento, tocando as musicas, que se achavam na praça, o hymno nacional.

E eu, Dr. Braz do Amaral, primeiro secretario da commissão central executiva, que promove a commemoração do 4.º centenario da descoberta do Brazil,

lavrei a presente acta, da qual serão conservadas duas copias competentemente assignadas pelas autoridades e mais pessoas presentes, no Instituto Geographico e Historico da Bahia e no Archivo Publico.

(Seguem-se as assignaturas.)

Declaração—Declaro em tempo que o exm. sr governador, não tendo comparecido por molestia, foi substituido pelo Sr. Dr. Octaviano Muniz Barretto, secretario do interior, e que assistiram ainda a inauguração o sr. capitão de mar e guerra Antonio Alves Camara, pela marinha, e os representantes da imprensa.»

Na pedra do monumento foram gravados os seguintes dizeres.

«No dia 1.º de Maio de 1900 o Sr. Governador Dr. Luiz Vianna collocou esta pedra do monumento a Pedro Alvares Cabral, construido por iniciativa do «Instituto Geographico e Historico da Bahia» para perpetuar a commemoração do 4.º centenario da Descoberta do Brazil».

A' noite tocaram bandas militares nos pavilhões erguidos nas praças, que se achavam ornamentados com flammulas e bandeiras; illuminando os edificios publicos e muitas casas particulares.

O Governador do Estado offereceu um banquete ao almirante Schley e á officialidade dos navios da armada americana surtos em nosso porto, que tinham vindo assistir ás festas do Centenario.

Ao banquete estiveram presentes, além de altos funccionarios do Estado e da União, os presidentes das duas casas da assembléa legislativa, intendente municipal, os consules de Portugal, dos Estados-Unidos da America, da Inglaterra, da Italia e da Hollanda.

Ao champagne o Sr. cons. Luiz Vianna, em alevantadas phrases brindou aos Estados-Unidos da America do Norte na pessoa do seu presidente Mac-Kinley, representado alli pelo illustre almirante Schley e seus dignos camaradas.

O almirante respondeu em hespanhol, agradecendo e brindando o presidente da Republica na pessoa do Sr. cons. Luiz Vianna e a união da familia americana.

A's 9 1|2 horas terminou o banquete, seguindo-se ás 10 o baile, que se prolongou animadissimo até 4 horas da manhã.

——

No dia 2, conforme marcava o programma, realisou-se no salão nobre do paço municipal, a sessão solemne para conferencia do conego Manfredo Alves de Lima

Apesar da copiosa chuva que cahiu sobre a cidade, foi notavel a concurrencia á sessao, á qual compareceram os Srs. Governador do Estado, intendente e conselheiros municipaes, a meza e membros do Instituto Geographico, presidente e membros da commissão executiva, directores de collegios, funccionarios federaes e estaduaes, artistas etc

Presidiu-a o Sr. Dr governador, ladeado dos srs. Drs. intendente e presidente da commissão.

A 1 hora da tarde, aberta a sessão, occupou a tribuna o illustrado conferente, que em discurso substancioso prendeu com vivo interesse durante uma hora a attenção do escolhido auditorio, que o applaudiu calorosamente.

——

A' noite houve espectaculo de gala no Polytheama Bahiano, representando-se o drama de Arthur Azevedo—*O Badejo* e a comedia—A *carta anonyma.*

Foi extraordinaria a concurrencia.

Antes, porém, do espectaculo foi executado pela orchestra o hymno nacional, e em seguida a com-

posição do maestro José Nunes intitulada—«Hymno a Pedro Alvares Cabral»; recitandc depois o actor Eduardo Vieira uma poesia de Demetrio Alvares, que foi muito applaudida.

A's 9 1|2 horas da manhã do dia 3 de Maio forão celebrados na egreja da Sé missa e *Te-Deum* em acção de graças pela data faustosa do 4.º centenario do descobrimento do Brazil.

Pontificou o Sr. D. Jeronymo Thomé. Compareceram todo o clero superior, o intendente municipal e o presidente do Conselho, commissões do «Gabinete Portuguez de Leitura», da «Real Beneficencia Portugueza» e representantes da imprensa,

Nesse dia celebrou o Instituto a sessão magna annunciada.

A imponencia de que esteve revestida essa solemnidade, que se elevou á altura do acontecimento celebrado, deixou viva e perduravel impressão no animo de quantos alli estiveram presentes, que o foram em numero avultadissimo, não obstante os repetidos aguaceiros que cahiram sobre a cidade, impedindo quasi a toda a gente a sahida á rua.

A direcção, que, para dar maior realce á festa, inaugurou nesse dia o novo edificio de suas sessões, de que ha tempos fizera acquisição por compra do predio á praça «Quinze de Novembro», não poupou esforços para que a sessão tivesse o maior brilhantismo.

O auditorio, sobre ser numerosissimo, era constituido do que de mais conspicuo possue a Bahia nas lettras e sciencias.

Presidiu a sessão o Dr. Luiz Vianna, governador do Estado, ladeado pelos Drs. Salvador Pires, presidente do Instituto, e João Torres, 1.º secretario.

Era 1 hora da tarde quando começou.

O Cons. Salvador Pires, produzindo a oração de abertura da sessão, declarou inaugurado o novo edificio do Instituto Geographico da Bahia e agra-

deceu o comparecimento das pessoas presentes áquella solemnidade.

Seguiu-se-lhe com a palavra o Cons João Torres para fazer a leitura do relatorio do movimento da associação no anno findo.

Logo após occupou a tribuna o orador official, Cons. Filinto Justiniano Ferreira Bastos, cuja palavra, tantas vezes laureada, vibrou em magnificos accentos de eloquencia e erudição.

Calorosos e prolongados applausos acolheram o seu substancioso discurso.

Retirando-se o Sr. Dr. Luiz Vianna por ter de receber no palacio do Governo os cumprimentos officiaes do estylo, assumiu a presidencia o Cons. Salvador Pires; occupando o seu logar de 2.º secretario o Dr. Isaias Santos.

A tribuna do Instituto foi successivamente occupada pelos Srs. Dr. João Salgado, consul de Portugal, professor Borges dos Reis, que leu valiosa monographia de sua lavra sobre usos e costumes dos indigenas, Damasceno Vieira, que discorreu sobre o descobrimento e o capitão Arthur Gomes de Carvalho.

Todos os oradores, ouvidos com a attenção de que eram dignos, colheram justos e repetidos applausos.

A sessão terminou ás 3 1|4 da tarde.

Durante a cerimonia tocou a banda do 1.º corpo do regimento de policia, que executou ao finalisar a sessão o hymno nacional.

Foi distribuido um numero especial desta «Revista» em homenagem ao 4.º centenario da Descoberta do Brazil.

Em espectaculo de gala representou-se no Polytheama Bahiano o drama—«Pedro Alvares Cabral» —do Sr. Eduardo Victorino, secretario da Companhia Dias Braga.

Foi grande a concurrencia; comparecendo ao theatro o Sr. Dr. Governador do Estado, de cujo cama-

rote assistiu ao espectaculo o almirante americano Schley, que fôra acompanhado de diversos officiaes americanos.

Depois de executados pela orchestra o hymno nacional, o hymno a Pedro Alvares Cabral, a mocidade das escolas superiores ergueu enthusiasticos vivas, que foram respondidos pela maioria dos espectadores; sendo os vivas do estylo levantados do camarote do governador.

Do palco, onde ao assomar foi recebido com calorosas palmas, recitou em seguida o festejado poeta rio-grandense Damasceno Vieira a sua bellissima composição poetica—«A Flor do Manacá», colhendo geraes e merecidos applausos.

Teve então execução o drama, que foi intelligentemente interpretado pelos artistas.

Uma das mais bellas feições da commemoração do acontecimento de 1500, que tanto interesse despertou no espirito publico, foi sem duvida o concerto realisado no dia 4, no salão nobre da Intendencia municipal.

Uma affirmação cabal da nossa aptidão e do nosso gosto pela arte era indispensavel naquelle conjuncto de esforços intelligentes.

Em verdade foi isso o que se conseguiu mostrar naquella festa artistica, que coube ser organisada pelo Dr. Alberto Muylaert, director interino do conservatorio de musica annexo á Escola de Bellas-Artes.

Ao meio dia estava litteralmente cheio o salão, no qual era notavel o numero de senhoras.

O concerto começou pouco depois de 1 hora da tarde, com a execução da ouvertura do «Guarany» pela banda dos alumnos do Collegio dos Orphãos de S. Joaquim, sob a regencia do seu habil e infatigavel professor Guilherme Mello.

Finda a ouvertura, foi brilhantemente satisfeito o seguinte programma:

I PARTE—1.º—Mendelsohn—Marcha nupcial para 2 pianos a 8 mãos—Dd. Maria Alves e Imbassahy Gomes, e Sr. Boccanera, alumnos do conservatorio, e seu professor Alberto Muylaert.

2.º—Alard—Symphonia para 2 violinos — Mademoiselle Olga Domschke e professor Scheel.

3.º—Gounod—Ave-Maria—para canto, piano, harmonio e cordas—Dd. Almerinda Ribeiro, M. Alves, Alice e Alzira Ribeiro, Hilda Imbassahy, Isaura Aguiar e Srs. Maiffre, Custodio, Zeferino, Tolentino, Dante, Luiz e Jorge Dantas, alumnos do conservatorio, mademoiselles O. Domschke e Joaquina Lacerda e Srs. Bastos, V. Amaral, Ignacio e Luiz Brochado, Araujo, Muniz Barretto, Muylaert, Fróes e Scheel.

4.º—Quinteto de Widor—para pianno, harmonio, flauta, violoncello e violino—Srs. Muylaert, Fróes, A. Barros, Zeferino e Maiffre.

5.º—Wagner—Grande côro de Lohengrin — por todos os alumnos do conservatorio.

No intervallo da 1.ª parte a banda de musica dos Orphãos de S. Joaquim executou, com muito brio, um trecho da *Lucrecia Borgia*, merecendo muitos applausos.

II PARTE—Moskowsky—Serenata para cordas.

Haendel—Largo para piano, harmonio e cordas—Dd. Alice e Alzira Ribeiro, M. Alves, H. Imbassahy, I. Aguiar, Srs. Maiffre, Custodio, Zeferino, Tolentino, Dante, Jorge e Luiz Dantas, alumnos do conservario, e mademoiselles O. Domschke, Joaquina Lacerda e Srs. Bastos, Araujo, Muniz Barretto, Muylaert, Fróes e Scheel.

2.º—Fantasia—Para violino sobre o Ballo in Maschera, pelo seu auctor F. Muniz Barretto.

3.º—Saint-Saens — Aria para soprano da opera Sansão e Dallila—D. Almerinda Ribeiro.

4.º—E. Grieg — Suite de Per Gyntt (drama de Ibsen).

a)—A scena da morte d'Ase.

b) A scena da dança d'Anitra, para cordas, pelos alumnos, amadores e professores citados.

5.º—Saint-Saens—Dança macabra para 2 pianos a 4 mãos, pelos professores Muylaert e Fróes.

Foi debaixo dos applaulos calorosos dos assistentes que todos esses trechos finalisaram.

Encerrou o concerto a banda dos Orphãos de S. Joaquim, que executou magistralmente o hymno nacional.

A's 5 horas da tarde desse dia realisou-se no parque Duque de Caxias a retreta annunciada em accrescimo do programma.

Tomaram parte nesse excellente certamen todas as bandas militares, sob a regencia do alferes Joaquim Pedro, solicito e antigo professor das bandas do regimento policial.

A concurrencia foi enormissima, graças ao tempo que fez, em contraste com os dos dias anteriores, em que copiosos aguaceiros se succediam ininterrompidamente.

Foram executadas as peças seguintes, que muito agradaram ao publico assistente:

1.º Hymno Nacional.—2.º Hymno do Centenario. —3.º Hymno da Republica.—4.º Symphonia do Guarany.—5.º Homenagem á Bahia.

Entre essas peças produziram magnifico effeito a *Symphonia do Guarany* e a *Homenagem á Bahia* do maestro Domenech.

Durante as noites desses dias de festa illuminaram os edificios publicos e tocaram nos coretos erguidos nas praças principaes bandas militares; havendo sempre notavel concurrencia de pessoas.

Em consequencia das chuvas abundantes deixou de realisar-se no dia marcado no programma a parada militar, a qual entretanto no dia 6 effectuou-se com grande luzimento.

Formados ás 9 1/2 da manhã no largo do Cruzeiro o 5.º de artilharia de posição, o 9º e o 16º de in-

fanteria de linha, o 1º, o 3º e o 5º do regimento policial, constituindo uma divisão, seguiu esta, após as continencias á bandeira, sob o commando do coronel Saturnino Ribeiro da Costa, para o parque Duque de Caxias, guardando a seguinte ordem:

Coronel Saturnino Ribeiro da Costa Junior, commandante da divisão, com o seu estado maior;

1.ª brigada, commandada pelo coronel Lydio Porto, commandante do 16º batalhão, e composta dos referidos 9º, 16º e 5º, na ordem em que aqui ficam escriptos;

2.ª brigada, commandada pelo coronel Affonso Pedreira de Cerqueira, commandante da brigada policial, e composta dos 1º, 5º e 3º batalhões, nesta mesma collocação.

A's 10 horas e 1/4 entravam as tropas no parque Duque de Caxias, onde tomaram as seguintes posições: 5º de artilheria e 3º de policia, lado do *Chalet Parisien*; 9º e 16º batalhões, lado do Club Inglez; 1º e 5º de policia, lado chamado Banco dos Inglezes.

No pavilhão levantado no ponto do ramal do Rio Vermelho estavam os Srs. Dr. governador do Estado, os Drs. secretarios do interior e de segurança publica, o presidente do Senado Estadual, o presidente e membros da commissão executiva das festas commemorativas, representantes do *Instituto Geographico e Historico*, iniciador dessas festas.

A's 10 e 45 minutos chegava, acompanhado do seu estado-maior, o Sr. general de divisão Roberto Ferreira, commandante do districto, que se collocou ao lado direito do pavilhão, junto á bandeira nacional. Salvou então a artilharia; passando em seguida o Sr. general Roberto Ferreira, acompanhado de seu estado-maior e do Sr. coronel Saturnino Costa, revista ás tropas, que começaram a desfilar ás 11 e 15 minutos.

Após a passagem das tropas em frente ao pavilhão, o Sr. general Roberto Ferreira e o Sr. capitão de mar e guerra Alves Camara, foram apresentar ao Sr. governador do Estado os seus cumprimentos; retirando-se todos logo depois.

As tropas apresentaram-se com ordem e muito asseio.

A concurrencia de assistentes a esta festa foi extraordinaria.

Por essa occasião o Dr. Braz do Amaral, secretario da commissão executiva do Centenario, solicitou do Sr. Dr. governador do Estado que procedesse á distribuição de algumas das medalhas commemorativas, mandadas cunhar pelo Instituto Geographico, o que S. Ex. fez offerecendo uma a cada um dos seguintes Senhores: general Roberto Ferreira, comandante do districto militar; Dr. Octaviano Moniz Barretto, secretario do interior; Dr. Asclepiades Jambeiro, secretario de segurança; Capitão de mar e guerra Antonio Alves Camara, capitão do porto, e representando a marinha; Dr. José de Aquino Tanajura, presidente do Senado Estadual; Coronel Dr. José de Siqueira Menezes, delegado do chefe do estado-maior do exercito, no Estado; Tenente-coronel Dr. Ildefonso Martins, delegado da directoria geral de saude do exercito no Estado, estes dois ultimos fazendo parte, naquella occasião, do estado-maior general.

O Dr. Braz do Amaral offereceu, em nome da commissão, uma medalha ao Sr. Dr. governador do Estado.

Foram egualmente enviadas medalhas ao Sr. almirante Schley e a cada um dos commandantes dos tres vasos de guerra americanos, surtos neste porto, e os quaes assistiram ás festas do centenario.

Essas medalhas são de bronze, e têm o diametro de cinco centimetros.

Em uma das faces vê-se, em relevo, uma caravella portugueza de 1500, navegando com os pannos enfunados, e em torno os dizeres: «*Quarto centenario do descobrimento do Brasil—1500—1900.*»

Na outra face, as palavras *Instituto Geographico e Historico da Bahia*, cercando o emblema dessa associação, um escudo encimado por uma estrella e atravessado pelo distico *Urbi et orbi.*

O desenho dessas medalhas fôra apresentado pelo Sr. Dr. Braz Amaral.

Em uma das reuniões dessa commissão, na residencia e sob a presidencia do erudito Sr. Dr. José Francisco da Silva Lima, foi esse desenho approvado.

As medalhas cunharam-se em Lisboa, sendo destinadas ás auctoridades mais elevadas do paiz e sociedades congeneres do *Instituto Historico da Bahia.*

Nesse mesmo dia realisou-se no *Hippodromo S. Salvador* a corrida annunciada em homenagem á data que se commemorava.

Foi enorme a concurrencia, sendo notavel o numero de senhoras, que se viam na archibancada.

Compareceram a esta brilhante festa hippica os Srs. Drs. Governador do Estado e almirante Schley.

Moção da Camara

Em sessão da Camara dos Deputados do dia 5 o Dr. Souza Britto, em eloquente improviso,fundamentou a seguinte moção, que foi approvada unanimemente, assim como a emenda que em seguida publicamos:

A camara dos Srs. Deputados congratula-se com a Bahia pela grandiosa data que commemora o 4° centenario da descoberta do Brazil, e levanta em seguida a sessão.

Em Camara, 5 de Maio de 1900.—*Souza Britto.—Cerqueira Lima.—Themistocles de Menezes.—Octacilio dos Santos. — Prisco Paraizo. — Gustavo das Neves.—José Pires —Odalberto Pereira.—Ramiro de Azevedo. — Mariani Wanderley.—Hermelino Leão.*»

O Dr. Raphael Jambeiro fundamentou a seguinte emenda :

Depois da palavra—Brazil, accrescente-se: « E insere na acta um voto de louvor ao « Instituto Geographico e Historico », a cujos esforços e iniciativa se devem as festas aqui realisadas.

Em Camara, 5 de Maio de 1900.—*Raphael Jambeiro.—Odulberto Pereira.* »

Em muitos pontos do interior do Estado foi o memoravel facto celebrado com festas enthusiasticas; recebendo o Governador do Estado, a commissão executiva e autoridades superiores telegrammas de congratulação por esse motivo.

Como dissemos, a imprensa da capital, reflectindo o sentimento geral e interpretando-o dignamente, deu vivo impulso ás festas, e publicou edições interessantes pela boa escolha de artigos e poesias referentes ao assumpto dellas.

Isto, porém, que já era uma homenagem de alto preço á data celebrada, teve o esmalte de publicações outras, que valiosamente vieram attestar o estado actual da nossa intelligencia, como uma realidade apreciavel e um enthusiasmo fecundo.

Foram ellas :

Carta de Pero Vaz Caminha a El-Rei D Manuel—com o *fac-simile* do texto original —Edição para o Instituto Geographico e Historico da Bahia.

Pindorama — romance descriptivo do descobrimento por Xavier Marques. Obra premiada em concurso.

A Descoberta do Brazil—drama em 4 actos, por Moreira de Vasconcellos Obra premiada em concurso.

A Bahia Cabralia e Vera-Cruz—pelo major Salvador Pires de Carvalho e Aragão, mandada publicar pelo governo do Estado.

Revista do Instituto Geographico e Historico da Bahia—n. 23—commemorativo do Centenario.

A Flor de manacá—poemeto de Damasceno Vieira.

A Sublime Epopéa—synthese lyrica em tres cantos pelo Dr. Egas Moniz Barretto de Aragão.

Guainumby—scenas de costumes indigenas, por Carlos Gomes.

Thesouro do Brazil—de Damasceno Vieira.—Obra commemorativa. Estudo historico dos principaes acontecimentos occorridos no Brazil desde 1500 a 1900. Nos prelos da *Empreza Editora*.

Na Capital Federal foram feitas as seguintes publicações.

Brasil—pelo Dr. Zeferino Candido.

Historia do Brasil—por João Ribeiro.

Galeria Historica—pelo Dr. Ramiz Galvão.

Geographia do Brasil — por Eliseu Reclus, traducção do Dr. Ramiz Galvão.

A Missa de Frei Henrique e o Descobrimento do Brasil—pelo almirante Fonseca.

Revista Maritima—numero especial, commemorativo, 11 do vol. 19.

A Colonia do Sacramento, obra editada pelo «Retiro Litterario Portuguez».

Em Pernambuco:

Carta de Pero Vaz de Caminha, prefaciada e com um appendice pelo Dr. Francisco Augusto Pereira da Costa.

Em S. Paulo:

Pindorama—revista historica em 4 actos, pelo padre Araujo Marcondes.

No Paraná:

O Paraná no Centenario — obra mandada editar pelo governo do Estado.

No Amazonas:

As Duas Americas—por Candido Costa.

Em Santa Catharina:

A Ilha, 1º volume—de Virgilio Varzea.

Em Portugal:

Brasil-Portugal—numero extraordinario comme-

morativo: 1 volume de 100 paginas, com 150 gravuras.

Descobrimento do Brasil—romance historico por Alberto Pimentel.

Além das festas realizadas no Pará, entre as quaes salientaram-se as da intelligencia em sessões litterarias, cabe-nos registrar a fundação do «Instituto Historico e Ethnographico do Pará», em commemoração ao descobrimento do Brazil.

Concursos litterario e artistico

A commissão executiva do centenario, de accordo com o n. 5 do programma approvado pelo Instituto, declarou abertos dois concursos litterarios:

a) para um drama de assumpto nacional, o qual seria levado á scena n'um dos theatros d'esta capital·;

b) para um poema descriptivo do descobrimento do Brazil, ou um esboço historico sobre o mesmo assumpto

Os dois trabalhos preferidos no julgamento dariam direito a cada um dos seus autores ao premio de 1:000$000, sendo impressos á custa da commissão, cabendo aos autores 100 exemplares da sua producção, ficando de todo garantidos os direitos de propriedade.

A commissão julgadora d'esses concursos ficára constituida dos seguintes socios: Drs. Satyro de Oliveira Dias, Alfredo de Andrade, Braz do Amaral. José Octacilio dos Santos e Aloysio de Carvalho.

A essa commissão foram enviados os seguintes trabalhos:

1.—*Jaraguá*, drama indigena, em 4 actos e uma apotheose, com o pseudonymo *Hostiario*;

2.—*A Descoberta do Brazil*, drama em 4 act s, pseudonymo *Angelus*;

3.—*Os Degráos de um throno*, ou a *Honra dos Paulistas*—drama em 5 actos, em verso, pseudonymo *Orlando Rosas*;
4.—*Descoberta do diamante no Brasil*—drama em 3 actos e 10 quadros, pseudonymo *Raymundo de Castella*;
5.—*A Carta Regia*—drama em um acto, pseudonymo *Alea jacta est;*
6.—*Pindorama*—romance-poema, pseudonymo *F. Franco*;
7.—*Guaynumbi*—scenas de costumes selvagens, por Carlos C. Gomes

Lidos demorada e cuidadosamente esses trabalhos, foram unanimemente premiados, o drama *Descoberta do Brasil* e o romance-poema *Pindorama*.

Abertas as cartas reveladoras dos pseudonymos, verificou-se que *Angelus* era o talentoso actor dramatico brazileiro Francisco Moreira de Vasconcellos, então fallecido, e *F. Franco* o conhecido jornalista e litterato bahiano Xavier Marques.

Os originaes de todos esses trabalhos ficaram rubricados na primeira pagina pela commissão julgadora e carimbados com o sinete do «Instituto Geographico e Historico».

Infelizmente, apezar dos esforços empregados pela Commissão do Centenario e da subvenção especial que lhe foi concedida, a Companhia «Dias Braga» não quiz levar á scena o drama premiado em concurso, sendo representado o drama *Cabral* do Sr. Eduardo Victorino, director da Companhia.

Ao concurso de esculptura aberto pela Commissão para o monumento commemorativo do Centenario, enviaram suas propostas varios artistas nacionaes e estrangeiros, de grande talento e merecimento comprovado.

D'entre elles destacamos os Srs. Jozeph Gabriel Sentis, professor da nossa Escola de Bellas Artes; Domiciano Rossi e Amedeu Zanni, S. Paulo; An-

tonio Teixeira Lopes; Antonio Augusto da Ccsta Motta, da Escola de Bellas Artes de Lisboa; Ignacio José de Souza; Guilherme & Comp.; Vera Cruz de Villa Nova de Gaya; *Semper Fluctuat* (L. Wilde).

Em sessão de 13 de Março foi escolhido pela Commissão do Centenario o projecto do monumento executado pelo professor J. G. de Sentis.

O esquisso mede 2m,25 sobre 1 metro de base e e 1m,30 de diagonal.

Cabral, vestido de sua armadura de almirante da frota, está no centro de um magestoso grupo, erecto e radiante, apontando para o sólo com a mão direita.

A' direita e para o fundo, um sacerdote, frei Henrique de Coimbra, occupa-se em fincar no torrão gentio uma cruz talhada em madeira tosca.

A' esquerda e em plano inferior, sentado, um indio nú de fórmas vigorosas, apunhando com a mão esquerda arco e frecha, olha com pasmo para Cabral.

Ao fundo, sob a fronde de uma palmeira, uma india, tendo sobre os joelhos uma creança, que estreita contra o seio, tenta afastar o seu homem de ao pé de Cabral, travando-lhe do braço.

A columna sobre a qual se eleva o grupo, representa uma torre fortificada, de rigoroso estylo manuelino, tendo na base, em cada um dos angulos, pequenas guaritas, no cimo de cada das quaes veem-se os bustos de quatro homens notaveis da época.

Nas quatro faces do monumento, entre as guaritas, destacam-se baixos relevos, symbolos da marinha, do commercio e da industria, as armas portuguezas, as armas indigenas.

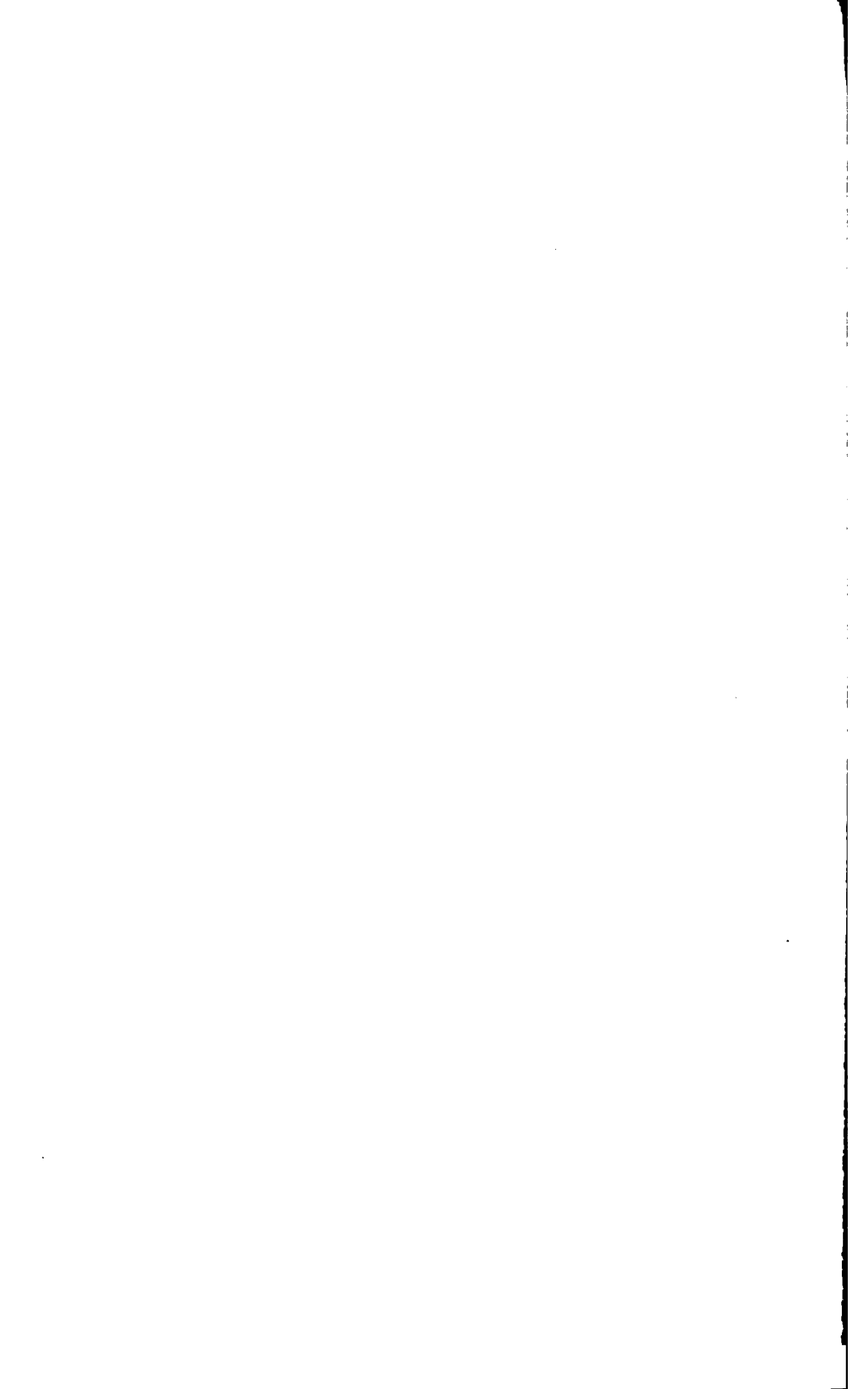
O grupo, como os bustos e os baixos relevos serão de bronze e a columna de marmore.

O monumento deverá ser de 15 metros de altura sobre 8 de base.

Congresso Chatolico

Para commemorar o 4.º Centenario do descobrimento do Brazil, sob a presidencia de honra do Exm. Sr. D. Jeronymo Thomé da Silva, Arcebispo da Bahia e Primaz do Brazil, se reuniu o primeiro Congresso Catholico Brazileiro na Igreja Cathedral de S. Salvador, no dia 3 de Junho do corrente anno.

A reunião do Congresso foi precedida de uma solemne procissão, extraordinariamente concorrida, no domingo 27 de Maio.

As sessões do Congresso, ao qual compareceram os bispos do Pará, de S. Paulo e de Petropolis, sacerdotes e seculares da Capital Federal, e de quasi todos os Estados da Republica, e ao qual adheriram todos os prelados brazileiros ausentes, bispos de varias republicas americanas, muitas corporações e que mereceu a approvação do Papa Leão XIII, tiveram logar de 3 de Junho até 10 do mesmo mez, quando solemnemente foi encerrado o Congresso, tendo o Exm. Sr. Arcebispo pronunciado os discursos de abertura e de encerramento.

Discurso do Dr. José Antonio Costa

Presidente da Commissão

Exm. Sr. Governador

Senhores

Investido pelo Instituto Geographico e Historico da Bahia, como presidente da commissão tirada do seu gremio, do encargo de promover condignamente a commemoração do 4.º centenario do descobrimento do Brazil, sinto-me preso ao dever de dirigir algumas palavras, por occasião de realisar-se o acto do lançamento da primeira pedra do monumento destinado a perpetuar a memoria de Pedro Alvares Cabral, o destemido nauta a quem coube a ventura de fazer surgir do desconhecido esta formosa região, que a nossa boa fortuna aprouve destinar para nossa Patria.

Não é essa uma elocução que vá buscar sua filiação em inconfessaveis preconceitos de nativismo, mas sim no mais elevado, nobre e justo dos sentimentos, o amor da Patria, que a todos nós avassala e prende com eguaes e fortes liames, tenhamos nascido nos mais cultos paizes do universo, ou nas mais frigidas ou adustas regiões da terra.

Ha 400 annos, occorrera o memoravel facto, que é nosso intuito commemorar.

Era então este paiz uma especie de grande tela, disposta para receber a impressão de todas as tintas adequada a transmittir todas as imagens, que a

alma forte do grande povo que o achara entendesse, de nella fixar.

E, para gloria desse povo, é grato reconhecer, que, com a sua melhor gente si não esboçara nesta tela as vivas côres que constituem uma nacionalidade ousada e aventurosa, lançara nella as colorações as mais risonhas e sympaticas, quaes as que caracterisam a cortezia, a generosidade e a bravura, que lhe são virtudes peculiares.

Por essas afinidades, nós somos os verdadeiros filhos d'essa outr'ora grande e poderosa nação; as idéas, os sentimentos, os preconceitos, os defeitos como as virtudes, que nos são proprios, é no bom e nobre paiz europeu que tiveram e, porventura, continuam a ter suas origens.

Foi um preito de homenagem a este paiz o que n'este momento lhe rendi, volvendo para elle o meu pensamento, antes de fixal-o no grandioso feito, que agora estamos commemorando.

E' a quarta vez que o tempo, em sua fatal e necessaria successão, ha deixado marcos na estrada que trilha a nossa patria, desde a época do seu descobrimento.

E nada que recorde essas datas notaveis se ha feito para demonstrar á posteridade as effusões de alegrias com que passaram.

Era que, então em sua juventude, o nosso paiz não tinha amadurecidas as qualidades de criterio, de sentimento de patriotismo, além de outras circumstancias, que lhe permittissem pagar o grande tributo de gratidão.

O fixar agora no marmore e no brônze o vulto do grande navegante, e os symbolos do feito notavel do descobridor do Brazil, é o attestado evidente de que o Brazil já attingiu a gráo adeantado de civilisação, sem o que não se realisariam essas homenagens ao homem que o retirara do nada de sua anterior existencia.

Os sentimentos de admiração e de respeito que determinam em um povo a necessidade d'essas manifestações são, além do mais, seguro penhor

de sua elevação no concerto dos outros povos do universo.

A veneração á memoria dos grandes homens, que pelos seus feitos, pelos seus actos de bravura, pelo seu genio nas conquistas pacificas da intelligencia, contribuiram para a gloria de um povo, é estalão para aferir-se a sua vitalidade e tirar-se os vaticinios de que elle gravará indelevelmente o seu nome nas paginas da Historia.

Nenhuma das grandes nações, de qualquer das edades da historia universal, tem deixado de prestar os tributos de sua veneração á memoria dos seus legisladores, dos seus estadistas, dos precursores e fundadores de sua organisação politica.

A culta e intelligente Athenas tão bem perpetuou a memoria de Acrops, Solon, Thales, Pericles e outros, já pelas obras dos seus historiadores, dos seus philosophos, dos seus poetas e escriptores, já no marmore, já na tela, aos quaes sabia emprestar pelo genio de seus artistas a essencia da propria vida, que sobre elles ha perpassado a successão de milhares de seculos, sem se ter obumbrado o seu nome nas trevas do esquecimento.

A forte e poderosa Roma, atravez as vicissitudes de sua accidentada existencia politica, transmittiu ás gerações futuras os nomes de toda uma pleiade de homens notaveis, que em tão grande numero difficilmente outra nação conterá, como os Tarquinios, os Scipiões, os Pompeus, os Gracchos, os Catões, Cezares e outros, que assim dilatados fizeram os limites da primitiva e modesta *urbs*, que estes entestaram no tempo do seu apogeu com os proprios limites do mundo conhecido.

As nações modernas todas sem excepção porfiam em elevar estatuas, dedicar monumeutos, despertando no povo os sentimentos de admiração pelos grandes vultos, honra da sua patria, gloria do grupo ethnico a que pertencem.

E', pois, o respeito, a veneração pelas grandes individualidades relacionadas com a historia de uma nação, a caracteristica mais evidente, mais

palpavel, da sua elevação moral e da boa organisação politica e social d'esta.

Não basta, porém, Senhores, que manifestemos estes sentimentos para com aquelles a quem a lei fatal que regula a evolução da materia tenha completado o seu cyclo: mas, sim, egualmente, para com os nossos contemporaneos, jungidos comnosco á mesma cadeia de tribulações de que é tecida a vida humana.

Nada mais funesto ao progresso de uma nação do que o espirito de demolição e de duvida, da maioria do seu povo, sentimentos que annullam por contraposição os de respeito e veneração á pessoa e actos dos seus concidadãos.

A Historia, onde vamos sempre sugar os ensinamentos para boa deducção dos nossos juizos, é que nos diz que sem esse acatamento, esse respeito aos actos dos seus concidadãos, não ha povo que possa elevar-se, engrandecer-se e fortalecer-se.

Lêde a Historia, e vereis o contraste dos destinos do povo atheniense e do romano; aquelle, apezar de mais culto e intelligente do que este, conserva-se fraco em todo o seu longo periodo historico.

Era que em Athenas, emquanto vivo, o banimento ou a morte constituia a recompensa para o cidadão que elevava-se por qualquer feito notavel, ou pela sua intelligencia, acima da craveira commum ás mediocridades ciosas das prerogativas que lhe outhorgavam a organisação politica e social estabelecidas.

Em Roma, pelo contrario, a riqueza, o triumpho, a gloria, as honras excepcionaes, eram a merecida recompensa tributada ao cidadão, a quem os seus talentos, a sua bravura, e os seus serviços, emfim, trouxeram á republica ou o goso de mais uma obra prima, ou a posse de mais uma provincia, ou ainda qualquer outro fructo que sóem dar o trabalho e a intelligencia.

E porque não trazer em apoio ao que venho discorrendo facto recentissimo, que se passára com o povo mais forte e poderoso da Europa?

III

A Inglaterra aprestára as suas esquadras, despachára os seus exercitos com os seus melhores generaes, para o fim de levar a guerra a um povo julgado fraco e facil presa de armas superiores. Os vaticinios eram todos errados, e uma serie de derrotas das hostes britanicas o demonstrou.

O povo inglez, por isso, não negou o seu apoio, não desacatou aos seus generaes, cujas derrotas antes preferiu attribuir a eclipse da boa estrella que os acompanhára em outros campos de batalha, do que á sua inepcia, á sua imprevidencia, ou á sua carencia de bravura, amparando-os assim do sacrificio inutil a que estariam votados, si este povo não tivesse os sentimentos de respeito e veneração á dignidade e aos feitos dos seus concidadãos.

Exemplos são estes das vantagnes que colhe uma nação, onde predominam os principios de respeito pelos actos dos seus concidadãos, e de veneração pelos feitos notaveis dos seus homens de acção.

Digamos, Senhores, a esta juventude estudiosa que nos cerca, quando pela primeira vez no Brazil se pensa em elevar um monumento em commemoração ao seu descobrimento, que essa manifestação não surgiu do acaso, sem ligações com a nossa evolução, mas sim consequencia da existencia entre o nosso povo d'aquelles sentimentos de respeito e veneração a que me referi.

Essa, a mais alta significação da solemnidade a que assistimos, e praza a Deus que a minha longa deducção se firme no espirito destas centenas de alumnos das nossas escolas, aos quaes cabe a responsabilidade pelo futuro da Patria.

Aos mestres, eu solicitaria que desenvolvessem esses principios, que incutissem no espirito dos seus alumnos a veneração pelos grandes homens do nosso paiz, a admiração pelas obras de nosso paiz, a admiração pelas obras de sua intelligencia, o amor, finalmente, á nossa Patria, quer seja a entidade moral, quer a propria materia que a fór-

ma, que é essa região cumulada pela natureza dos dons mais ambicionados pelo homem

Educar, Senhores, a mocidade, sob o regimen politico que escolhemos, é tarefa mui difficil, e infelizmente não emprehendida ainda.

Tem a educação, segundo as exigencias da organisação republicana, o dever de formar de cada cidadão uma unidade, que tenha valor por si proprio, que se reunan constituindo um numero qualquer de unidades, mais que valham neste caso tanto quanto a somma de todas ellas.

Devemos, por isso, relegar em materia de educação para o rol das cousas imprestaveis a applicação que se poderia fazer—do apologo do feixe de varas.

Não! Muitos homens fracos de corpo, com o espirito povoado de preconceitos, sem o sentimento forte de patriotismo, sem firmeza de caracter, constituirão sempre um todo desvalorisado.

E' na escola que se poderá crear verdadeiramente aquella unidade valida, á qual a Republica, nos trabalhos da paz ou nas provações da guerra, parodiando a ordem de batalha do almirante Nelson, em o memoravel dia de Trafalgar, possa dizer—«que confia que cada cidadão cumpra com o seu dever—» e para isso é essencial que a educação o torne apto a cumprir.

Exm. Sr. Governador, meus Senhores: a associação de idéas e o desejo de não fazer rhetorica foram me levando por essa conversação a tratar de assumptos que se encadeiam, não obstante a sua apparente diversidade.

Mas, como evitar deante da magnitude d'este acontecimento da descoberta do Brazil, que foi o alpha, o principio da organisação da nossa nacionalidade, que o espirito se volva para o omega, para o fim a que devemos tender, que é dar-lhe uma forte instrucção, que o emparelhe com os mais adeantados do Universo? Como não pugnar, em qualquer occasião, para que seja uma possibilidade surgir em seu seio intellectuaes da natureza dos

Edison, Graham, Bell, Westhnghose, Morse, Maury e outros muitos, que mui alto fazem cotadas a intelligencia e o genio norte americano?

Eis porque, meus Senhores, n'esta festa em que procuramos elevar um monumento a feitos do passado, o meu espirito, resvalando rapidamente pelo presente, fixou-se n'esse outro monumento que a actual geração pode elevar para o futuro; e este monumento será construido por essas novas gerações, que nos succederem, bem educadas, bem instruidas, fortes de corpo e de espirito, realisando o idéal da existencia humana—expresso pelo aphorismo latino—«*Mens sana in corpore sano.*»

———*———

CONFERENCIA

DO

Conego Manfredo Alves de Lima

Meus Concidadãos:

Patria, Patria! das sombras magestosas dos tumulos e das venerandas ruinas de um passado saudoso. quatro longas gerações te contemplam, transmittindo-te as saudações pelas tuas glorias!

Patria, Patria! Abrem-se, hoje, pagina por pagina, os brilhantes annaes de tua historia preciosa, onde fulguram os nobres feitos, que assignalaram os teus filhos na grande obra de tua Liberdade!

Patria, Patria! chegou o dia, em que o mundo civilisado subiu ao capitolio de tuas glorias, para admirar os teus bravos, os teus defensores, os teus heróes!

Um céo limpido e transparente, adamantinado de estrellas, não pode hoje rivalisar com os esplendores de tua grandeza e com os rutilos clarões de tuas celebres tradições.

Patria, Patria! das margens formosas do soberbo Atlantico até os pés dos Andes: das ribas faceiras do rio da Prata até as cabeceiras do gigantesco Amazonas, milhares de vozes se confundem n'uma acclamação solemne, e, n'um enthusiasmo indescriptivel, glorificam o teu passado e saudam o teu porvir!

E neste magnifico, imponente e estrepitoso concerto, ouve-se uma voz: é a da tua Filha primogenita, a Bahia, o berço de tuas glorias, a primeira que sonhou na tua Liberdade, quando dormias o primeiro somno nos braços da Cruz do Senhor!

Acceita, acceita o modesto cantico da Filha que te felicita, ó Patria; guarda bem no intimo as homenagens e a admiração dos teus filhos e recolhe, na arca santa de teus peregrinos affectos, as flores de sua gratidão!

Patria, amada Patria! a Bahia, de joelhos, te saúda!

*
* *

Era no seculo XV; não mais se ouviam os ultimos suspiros da Edade Média, onde se sepultaram, para sempre, anachronicas instituições, habitos exquisitos, idéas extravagantes, que dentro em pouco a civilisação devia condemnar.

Eram chegados aquelles seculos famosos, dos quaes falára, com os olhos de vidente, um philosopho; seculos, em que o «oceano alargaria as prisões das cousas, e a enorme terra se patentearia, e Typhis descobriria novos mundos, e Thule não seria no globo a ultima das terras».

Dois povos surgiram, disputando o dominio dos mares «nunca d'antes navegados»: Portugal e Hespanha. Nesta, o heróe é Christovão Colombo, que, em busca de um novo caminho para as Indias, arranca, das profundezas dos mares, um novo mundo, a perola dos continentes; naquelle são diversos os que se arrojam ás emprezas maritimas.

Sim, era chegada a vez de Portugal. A pequena nacionalidade ia mostrar que na historia devia ter um logar tão distincto com os mais celebres povos e que ninguem registraria façanhas tão assombrosas como as que praticaram os seus filhos. Bartholomeu Dias, Vasco da Gama, e outros traçaram o vasto campo, onde foi levantada a mais sublime das epopéas.

Mas, entre todas as suas conquistas maritimas, a de maior importancia social e historica foi a do Brazil por Cabral, obra do acaso, como está por demais provado, e que, entretanto, foi para Portugal um verdadeiro acontecimento.

Que determinaria este feliz acaso? As esplendidas

riquezas do Oriente fascinavam a Portugal e a urgente necessidade de assegurar o commercio naquellas seductoras pairagens movem D. Manuel, o Venturoso, a enviar uma expedição, chefiada por Pedro Alvares Cabral. E no meio de alegrias, de contentamento e de esperanças, o intrepido marinheiro deixa, a 9 de Março de 1500, as aguas saudosas do Tejo e, procurando o mais possivel afastar-se das costas d'Africa, atirou-se ás correntes oceanicas, a cujo impulso a destimida frota, a 21 de Abril, distinguiu signaes de terra. Que de indizivel e de mysterioso não se passaria nos corações dos gloriosos descobridores? Que terra era esta que uma singular casualidade conquistára á civilisação?

Seria, porventura, a sublime Atlantidas de Platão ou algumas das ilhas « afortunadas dos poetas »? Era a flor mais mimosa do jardim inventado por Colombo; era o paraizo do Novo Mundo, era a formosa terra da Santa Cruz, depois Brazil. Uma terra amena, onde cantava o sabiá, uma natureza esplendida, onde errava o Tabajara, um céo de anil, onde os raios de um sol deslumbrante se misturavam com as coruscantes irradiações da fé de Christo!

A magestade da creação estava alli concentrada.

Que florestas soberbas, que vegetação luxuriosa!

«Levanta-se a carnaúba como uma columna coroada por um capitel de folhagens, o feto com as suas palmas gigantescas, as myrtaceas, as scitaminias, as bromelias, a figueira atormentada e colossal, a mangueira, o cedro, a peroba. as palmeiras, as guttiferas. . . Dos braços tortuosos das grandes arvores pendem, como lagrimas, as orchideas, e os cipós entretecem os troncos, fazendo de tudo uma massa viva, em cujo seio habita o animal.

Infinitos os contornos das folhas, singulares, extravagantes as parasitas vegetaes, os musgos, os lychens, e deslumbrantes as flores, abrindo-se por entre uma ramagem de um verde sempre vivo, formam um conjuncto de que os tons se esbatem á luz de uma atmosphera saturada de vapores leves».

Tudo devia encher de assombro os primeiros exploradores.

Troncos tão elevados cujo aerio cimo baloiçava, ao minimo sopro do vento, guarda-sóes, ou leques de palma, e florestas de arvores desconhecidas que o ferro nunca tocara», um poetico firmamento povoado de brilhantes constellações, onde Venus mostra-se «enfeitada de diademas» e noites sem eguaes onde os pyrilampos apparecem como chuvas de estrellas derramadas do céo, tal era a terra encontrada!

Portugal exultou de contentamento á grata noticia do novo descobrimento, e apressa-se em communical-a a toda a Europa.

Aberto estava um vasto e opulento campo, onde deviam agir, com toda a pujança e arrojo, a fé, a sciencia, as industrias e o commercio.

Entretanto, Senhores, o rei que a tantos titulos gloriosos juntára est'outro—Senhor da navegação, da conquista e do commercio da Ethiopia, da Arabia, da Persia e das Indias, não ligou a devida importancia ao paiz descoberto.

Dir-se-hia o boçal artista que, encontrando rica e preciosa pedra, abandona-a, por desconhecer-lhe as excellentes qualidades. Ah! Senhores, havia um motivo e poderoso motivo pelo qual as côrtes lusitanas bem depressa esqueceram o Brazil. O commercio vantajoso das Indias, a ganancia de grandes lucros sem esforço e notavel trabalho, concorreram principalmente para isso.

Só em 1521, no reinado de João III, fundaram-se dois nucleos coloniaes sem resultados praticos e com grandes despezas para as côrtes.

O caminho dourado do Oriente, illuminado por todas as fascinações das riquezas e aplainado pelas facilidades de immensos reditos, magnetisava todo o commercio de então, monopolisando toda a actividade humana

Ainda assim, o rei, com vistas mais largas, recorreu á formação de capitanias hereditarias, system empregado, com vantagem, na Madeira e nos Açores

e que, certo, provaria mal no Brazil, immenso e vasto, e para cuja colonisação havia mister de recursos, braços fortes e trabalho serio e intelligente.

A' boa vontade do rei contrapoz-se a sua politica estreita e retrograda; como era fundar colonias restabelecendo o feudalismo da edade media, que já tinha recebido o golpe de exterminio, delegar aos donatarios poderes exhorbitantes, como o de captivar os indios e de vendel-os: transformar as capitanias em asylos de criminosos e restringir o mais que fosse possivel o commercio com os naturaes do paiz. Isto não era propriamente uma colonisação, era o estabelecimento ferrenho de uma estupida feitoria.

Como era de prever, foi despresado similhante systema. E como os desastres economicos ás vezes despertam os estadistas e os administradores das cousas publicas, teve D. João III a feliz lembrança de estabelecer um governo geral no Brazil, o qual foi confiado ao intelligente e experimentado Thomé de Souza, em cujo encargo houve-se com distincção e civismo.

Era em 1549, quando sulcou os mares a expedição á cuja frente estava o primeiro governador geral.

Meio seculo se passou de tentativas infructiferas, de planos frustrados e de trabalhos improficuos.

O dia, porém, de 29 de Março de 1549 foi illuminado de novas esperanças: ao Brazil aportava, com toda a sua comitiva, o novo governador.

Podia-se, em verdade, dizer que firmavam-se não os fundamentos de uma colonia, mas os de uma futura nação.

Teve começo a obra mais duradoura e mais humanitaria para o Brazil, a catechese dos selvicolas, onde se immortalisaram, impondo-se á gratidão e ás honras da historia, os benemeritos jesuitas Nobrega, Antonio Peres, Leonardo Nunes, no começo, e depois o immenso padre Anchieta, cognominado o Apostolo do Novo Mundo.

Falando d'este memoravel evangelisador, disse o nosso distincto publicista o Sr. Dr. Sylvio Romero:

« Um dia partiu para o Brasil e fez-se um dos nossos, isto é, um amigo desta terra, um devotado aos selvagens, um agente, um factor de nossa civilisação. Não poderei escondel-o. Anchieta é, a meus olhos, um vulto altamente sympathico. Chegado ao Brasil aos vinte annos de edade, aqui viveu quasi meio seculo, e nunca mais lhe passou pela mente voltar para a Europa ; dedicou-se fortemente, fanaticamente á catechese dos brazis; viveu para elles; para elles escreveu grammaticas, lexicons, comedias, hymnos; por amor d'elles, soffreu. Entre seus queridos indios morreu. »

Bello espectaculo, meus Senhores! ver-se o humilde filho de Loyola, á sombra do nosso frondoso e soberbo jequitibá, pregar ao selvagem a Liberdade da Cruz: contemplar-se o modesto apostolo do evangelho com a cruz em punho amansar aquelles homens indomaveis, apontando-lhes a porta magestosa do templo da civilisação!

Não eram soldados que elles apparelhavam para um conquistador; nem tão pouco os bons dos missionarios eram homens mercenarios que trabalhavam á discrição de um rei: eram doutrinadores que preparavam no homem livre o cidadão, o futuro brazileiro.

Em um trabalho desta natureza não me cabe descrever todas as differentes phases por que passou o Brazil, nem tambem entrar nos detalhes dos acontecimentos que precederam sua emancipação politica. Devo, porém, confessar que mais de dois seculos de vida esteril atravessou o nosso caro paiz.

A inaptidão de muitos dos seus administradores, a ambição dos colonos, as luctas incessantes com os indios e as discordias entre o poder civil e o religioso, e acima de tudo a ambição e o egoismo, tudo concorreu para certas paginas tristes e vergonhosas da nossa historia colonial.

O padre Antonio Vieira dizia que no Maranhão os dizimos rendião seis a oito mil cruzados, dos quaes o governador tomava metade para si e dava

o resto aos seus subordinados. As egrejas sem rendas cahiam em ruinas, e os clerigos viviam á custa dos naturaes.

«Os governadores vendem os postos militares, tirando o accesso aos soldados; vendem a justiça, inventam crimes para espoliar os particulares; compram e escravisam os indios.»

A tudo isto accrescentem-se as transformações politicas da Metropole, perdendo os direitos de nação independente, as varias invasões de estrangeiros cubiçosos das riquezas de um paiz, cuja fama ia espantosamente e ver-se-há que lhe era impossivel o progresso.

Por mais trefegos e exaltados que sejam os espiritos, não podem estar fadados a uma agitação constante e a essas luctas inefficazes, semeadas pela ambição e por ignobeis e loucas aventuras. A necessidade de uma situação calma vae pouco a pouco se impondo.

Finalmente, mais de treis seculos se tinham passado, sem que tivessemos vida propria, esperança, futuro e paz.

Nossas minas estavam exhaustas; a Metropole cada vez mais insaciavel, os filhos da terra não passavam de simples aggregados da corôa portugueza; exhausta tambem estava a nossa paciencia.

Quando, em 1789, as idéas liberaes e revolucionarias lavravam por todo o campo social, derrocando as monarchias absolutas e, por entre os gritos do terror e os horrores da guilhotina, planejavam uma moderna sociedade, Minas, que então possuia a gemma da mentalidade brazileira, acenou á Realeza lusitana, e de lá dos antigos mares foram descortinados os primeiros raios de nossa liberdade!

Xavier, o Tiradendes, fôra o insigne heróe, cuja ousadia custou-lhe um selvagem martyrio.

Era ainda noite, a aurora estava longe, e o grande Astro não podia apparecer.

Acontecimentos outros iam desenrolar-se, eomo outros tantos factores de nossa civilisação.

Era em 1807: na patria famosa de Clovis surgia

um desses homens extraordinarios, que ligam os seus nomes a todos os seculos, um homem que parecia ter nascido para a victoria e para impôr sua vontade inflexivel ao mundo inteiro; um homem que não conhecia impossiveis e que se transportava das vastidões dos mares ás solidões dos desertos; era o Attila dos tempos civilisados, que levava o terror por toda a parte: Napoleão! Na Europa, só uma nação não deixára de tomar parte nos despojos do seu carro triumphal, a Inglaterra, e isto mesmo graças a sua posição insular.

Não podendo levar á illustre Albion o brilho de sua espada, o guerreiro, tambem politico e estadista, recorre ao bloqueio continental como um meio de esmagar sua rival.

Portugal ou devia obedecer ás ordens do exterminador, ou devia preparar-se para receber o golpe de sua espada terrivel. Pensou manter a neutralidade, o que não solveria a questão. Dias depois o exercito francez a invade, e o principe reinante transporta-se, com toda a familia real, para o Brazil, do *«seio de cujo imperio vinha erguer a sua voz.»*

Ao passo que, com esta mudança das côrtes, o Brazil tomava um grande impulso, abria os seus portos ás nações amigas, o livre commercio augmentava-lhe a importancia, o espirito nacional se fortalecia e a inepcia da casa de Bragança ia inconscientemente cooperando para a nossa emancipação politica. Agora, os papeis estavam trocados; a colonia era Portugal, o Brazil era o reino.

Entretanto, em Portugal se davam graves acontecimentos politicos, e as idéas sociaes dominantes e victoriosas por toda a parte iam mudando radicalmente o animo dos portuguezes, que derrocaram as instituições absolutas e proclamaram a monarchia constitucional, sendo os augustos emigrados coagidos a se repatriar, e lá se foi D. João VI, deixando-nos D. Pedro na qualidade de regente.

Começaram então as provocações das côrtes.

Leis, decretos, ordenações acintosas, e até mesmo offensas aos nossos brios, tudo se viu. E, por ultimo, mandaram exigir até o nosso regente, considerado menino de escola, que devia ainda aprimorar sua educação.

Começava, pois, de entrar em agonia franca a grande noite de 322 annos, e, o horisonte social se tingia das côres douradas e formosas de uma bella aurora, e, a 22 de Setembro de 1822, bruxoleava o luminoso Sol de nossa independencia! Eramos um povo livre, iamos ter uma historia nossa!

Eu te saudo, ó dia feliz e memoravel, em que os nossos maiores quebraram, para sempre, os grilhões da escravidão!

Salve, ó 7 de Setembro, dia brazileiro! em que por terra viu-se o despotismo da Metropole!

Eleita a nossa primeira constituinte, e declarados os nossos direitos civis e politicos, começaram os primeiros dias de nossa vida social, onde appareceram, aureolados, continuadores da formação do espirito brazileiro, os Andradas, os vultos homericos de nossa independencia.

Não foram tão beneficas e tão fructiferas as primeiras alvoradas da nossa liberdade; é força confessar.

Tinhamos um principe mais portuguez do que brazileiro, e que só a força dos acontecimentos o collocára ao nosso lado. Sem as qualidades precisas de um estadista e maxime de uma nação joven, na qual era mister formar o caracter e plantar a união, mais propenso ao absolutismo do que á liberdade, estavam contados os seus dias, e, para provar que nada tinha de brazileiro, despede-se 9 annos depois com estas palavras: «Sejam felizes na sua Patria».

Não quero com isto, Senhores, dar o meu apoio ás idéas revolucionarias e á olygarchia então reinantes. Comtudo, em tal emergencia e no meio da exaltação partidaria dominante n'aquella época, era mister que o tino, a moderação e a prudencia do estadista sobrepujassem á violencia, o que não se

deu com Pedro II, o qual julgou dominar a complicada situação com a resistencia.

Todavia, a despeito dos erros politicos, não deixou de concorrer para o engrandecimento da nação que adoptára, e teve o bom senso de poupar, em momento angustioso, o nosso sangue. Brazileiro, digamos a verdade, deixemos de parte os preconceitos, suffoquemos as opiniões pessoaes, brazileiro de coração, de alma, de espirito, de vontade, era a creança que ficava e a quem pertencia o throno; brazileiro era o louro infante que a imperatriz Amelia confiava á mãe brazileira, e de quem despedia-se n'uma carta que era um primor de sentimento e um mundo de puros affectos.

O velho José Bonifacio, o anjo tutelar da Patria, o tomára nos braços e o apresentára aos brazileiros, que o saudaram por entre risos, esperanças e acclamações.

Entramos no periodo da menoridade do rei ou das regencias assignaladas por successos politicos de granda importancia onde os partidos mostraram quanto podem as paixões. A causa publica ia gradualmente progredindo, mas por entre serios embaraços.

Aqui, eram as ambições dos partidos, alli, os interesses individuaes, acolá, o reviver de antigos odios, além, o egoismo, mais além, a indisciplina a insubordinação do exercito, o maior obstaculo á unidade nacional.

Mas, ninguem se assuste: é esta a infancia de todos os povos; a historia da formação das nações é sempre a mesma, com esta ou aquella variante. Que foi a Grecia no seu começo? a invasão dos pelagios, dos helenos, as guerras de Thebas e de Troia, as luctas civis ou as guerras intestinas. Fôra a gloria em Marathona, Salamina, Platéa e Mycale constellada de refulgentes astros, como Milciades, Themistocles, Cimon, Aristides, Leonidas e outros; depois, a decadencia sob o dominio romano.

Foram vãos os esforços da Liga Achaica para conquistar sua independencia.

Que foi Roma? No começo, a lucta entre o povo e os nobres; nas guerras punicas e nas conquistas orientaes, o poder e a grandeza; a paz, no governo de Octavio Augusto; em Nero, o terror, o despotismo; e a narchia militar, quando a purpura real foi posta em leilão; depois, a decadencia e a ruina.

E é por entre este *mare magnum* de paixões, este chocar de systemas politicos: por entre o rufar do marcial tambor e gritos de guerra; por entre os horrores das luctas fratricidas, emfim, no meio deste fluxo e refluxo de idéas, que sobresahem os grandes espiritos, que avultam os grandes estadistas, e que surgem os talentos e as virtudes civicas.

E' ahi que se vê ás vezes uma nação inteira concentrar-se em um só homem, tal é José Bonifacio; é ahi que apparece um Feijo, a encarnação do patriotismo, da energia e da abnegação; um Antonio Carlos, o gigante da oratoria parlamentar, o tribuno destemido

Assumindo as redeas dos negocios publicos D. Pedro II, á parte algumas perturbações de pouca importancia, sempre suffocadas pelas resistencias legaes, o Brazil seguiu o caminho franco do progresso, marchando de conquista em conquista, sempre na vanguarda das idêas liberaes, assignalando-se ora pela bravura e coragem de seus filhos, ora pelo civismo, pela intelligencia e pela alta politica de seus administradores

Notabilisou-se em todos os ramos da civilisação, e, como um povo ainda envolvido nas faixas da infancia, nada deixou a desejar. Estadistas consummados, politicos eminentes, legisladores insignes, militares de bravura e de provada competencia, marinheiros de heroismo sem rival, não lhe faltaram. Aureliano Coutinho, Bernardo de Vasconcellos, Carneiro Leão, Felizardo Mello, Alvaro Carneiro, Silva Lisboa, Paulino de Souza, Miguel Calmon Pin e Almeida, Euzebio de Queiroz, Mattoso Camara, Rio Branco, Cotegipe, Saraiva, Dantas, são no-

mes que honram, com distincção e gloria, a magestosa galeria dos mais illustres estadistas.

Veiga Cabral, Teixeira de Freitas, Joaquim Nabuco, Zacharias, Candido Mendes, Fernandes da Cunha, o Cicero brazileiro, ennobreceram o fôro nacional.

José de Abreu, João Paulo Santos Barretto, Andrade Neves, Araujo Lima, Camara, Osorio, Barroso, Carlos de Carvalho, Saldanha, apontam á historia futura os dias mais assignalados da Patria e recordam commettimentos de assombro e de valor.

Uma nação que, desde o seu exordio, conta em seu seio varões tão proeminentes e que, no grande certamen da politica, da publica administração e de todas as sciencias economico-sociaes, não tinha medo nem receio de medir-se com os homens notaveis e summos estadistas da velha Europa, não é só uma nação grande, é uma nação privilegiada «talhada para as grandezas, para crescer, crear, subir».

Foi sob a mascula envergadura politica de quasi todos esses eminentes cidadãos que no segundo reinado se effectuaram importantes reformas obedecendo umas a opportunidade, outras ao imperio das circumstancias, emfim, ás exigencias do progresso. A reforma do codigo do processo, a da guarda nacional, a do codigo Commercial; a da reorganisação do Conselho de estado, a reforma judiciaria, a extincção do trafico africano, a lei eminentemente liberal e, mais que tudo, justa, equitativa da representação das minorias, uma das mais exhuberantes demonstrações de um governo liberal e uma das mais solemnes affirmações do suffragio popular, a eleição directa, uma conquista relativa das urnas; não fallando em melhoramentos outros materiaes, tendentes a levantar o commercio, as industrias, as artes, em todos os pontos do imperio, eis, Senhores, o modesto quadro traçado pela civilisação nacional de quasi meio seculo.

Ha um facto de singular importancia, que constitúe incontestavelmente, uma de nossas muitas glorias.

O Brazil, Senhores, antes de ser uma grandeza no mundo politico, era uma potencia intellectual. No grande exilio da colonia, era á sombra das mais poderosas mentalidades, que elle gradualmente elaborava a causa do sua emancipação. Ao contrario dos outros povos, que ordinariamente nascem por entre as trevas da noite medonha da ignorancia, nasceu o Brazil aos esplendores de matinal alvorada.

«Basilio da Gama, o auctor do Uruguay, Durão, Gonzaga, «o lyrico sublime», Costa Alvarenga, Pereira Caldas, Moraes e Silva, Hyppolito Costa, o patriarcha do jornalismo; Azevedo Coutinho, principe da economia portugueza; Villela Barboza, illustre geometra; Nogueira da Gama, provecto estadista; Coelho de Seabra, chimico notavel, Conceição Velloso, que produziu a Flora Fluminense; Araujo Camara, eis, Senhores, as fulgentes constellações que precederam os albores de nossa redempção politica.

Um dos mais brilhantes e fecundos sentimentos que caracterisam os povos é sem duvida, o amor proprio, que pode ser no individuo uma fraqueza, mas que nos povos é quasi sempre uma grande virtude, que torna-se a mola a cujo toque se despertam a idéa da unidade nacional, o dever de manter-se a integridade patria, e a obrigação indeclinavel que têm os povos de sustentar a honra, defender os seus direitos concuicados e de arrojar-se contra o inimigo que o affronta. E' este amor proprio que tem formado, através dos seculos, esta raça de gigantes, onde se encontram, a coragem, a abnegação, a austeridade. E este amor, umas vezes chama-se Grecia, outras vezes Roma, aqui é Esparta, alli é Carthago.

E sabeis, Senhores, porque este amor proprio é sempre isto? E' porque elle não se distingue do patriotismo, ou antes é uma fulgida scentelha d'este mesmo sentimento.

Somos um povo de hontem; podemos dizer que ainda estamos na infancia; mas, em compensação. temos tido a nitida comprehensão de todos os

nossos deveres e temos sabido bem avaliar o que valem a honra e a liberdade!

Varios conflictos internacionaes provaram exhuberantemente que a fibra nacional não se conservou indolente e impassivel, uma vez que se melindravam os nossos brios.

Ahi está a tremenda guerra do Paraguay, provocada pela inepcia e boçal ousadia de um tyranno, chefe de estado energumeno, que muito mal entendia das cousas publicas.

No dia em que, do norte ao sul do Brazil, repercutiu o grito de guerra, levantou-se a nação inteira, impellida pelo mesmo sentimento de desaffronta ao pavilhão nacional, e os campos da ingente pugna se coalharam de centenas de legiões voluntarias, que foram desforçar a Mãe-Patria ultrajada

Desde o soldado até o general, nunca se viu tanto heroismo! Uma serie de ininterruptas victorias coroaram as nossas armas.

Só um revez experimentamos, e assim mesmo os nossos vencidos se tornaram gloriosos como aquella escolhida legião do rei de Esparta, que succumbiu nas Thermopylas com mais honra e gloria do que o inimigo vencedor.

Mais de cem mil de nossos compatriotas foram immolados em holocausto á Patria; porém, os que sobreviveram trouxeram, na ponta da espada, os louros immarcessiveis da victoria!

Nesta campanha se immortalisaram muitos dos nossos filhos, que lograram triumphos soberbos, os quaes podem figurar na historia da humanidade ao lado dos grandes feitos de valor, de temeridade, de audacia e de heroismo

Paysandú, Riachuelo, Humaytá, Angustura, Mercedes, são monumentos impereciveis, mais fortes que o proprio bronze, que attestam altisonantemente ao futuro os prodigios de valentia do brazileiro soldado.

A paixão pela liberdade, Senhores, foi e é tambe um dos sentimentos dominantes do brazileiro. N sei que de mysterioso ha nesta terra de encanto ,

que a escravidão nunca poude aqui enraizar. Sua existencia neste solo foi sempre fugaz e ephemera, como a de horrorosa noite agonisante, que espavorida aguarda as douradas illuminações da aurora. Será porque o nosso céo tem estrellas mais argentinas, nossos jardins flores mais viçosas, os nossos passaros o canto mais celeste, os nossos mares o azul mais bello, as nossas relvas a vegetação mais soberba?

Ou porque os nossos indios viveram nas florestas a cantar o *eterno hymno* da selvagem liberdade? Seja como fôr, Senhores, o que é certo é que, si a nossa esplendida natureza meridional não nos inspirasse tão nobre paixão, tão ardente sentimento o inspiraria a nossa historia politica, que o sublime cantor das *Espumas Fluctuantes* compendiou nestes versos de ouro . . . «o porvir—em frente do passado.»

A liberdade--em frente a escravidão.
Era a lucta das aguias—e do abutre,
A revolta do pulso—contra os ferros,
O pugilato da razão—com os erros,
O duello da treva—e do clarão!» . . . .

Nestes vibrantes e mimosos versos, vê-se o Brazil colonial em braços com a Metropole, na lucta gigantesca pela sua independencia, e admira-se o povo livre, protestando contra a escravidão!

Do Brazil colonial já tratamos. Vamos agora a largos traços, acompanhal-o na magna campanha abolicionista. Este foi o seu periodo mais memoravel.

No declinio do seculo XIX ainda havia escravos no Brazil!

Uma vergonha para nós, Senhores, que viviamos açoitados pelos protestos do mundo inteiro civilisado! A causa da escravidão não tinha mais um defensor na velha Europa. Já no seculo passado tinha agitado o mundo inteiro, e o mais celebre ministro daquelle tempo, Pitt, a principio favoravel á escra-

vidão, depois capitùla vencido, quando o povo inglez inteiro, appellando para os sentimentos de humanidade, reclamava a extincção do elemento servil.

E Pitt, convertido, exclamou: eu não conheço nada mais barbaro do que arrancar cada anno sessenta, oitenta mil individuos de sua terra natal, pelos esforços combinados das nações mais civilisadas, dos paizes mais esclarecidos, com a sancção das leis do reino que se intitula o mais livre e feliz de todos. Ainda que a esses infelizes fosse provado algum grande crime, pertencer-nos-hia, porventura, sermos seus carrascos? . . . Mas, si fizessemos peior, si chegassemos a fazel-o vender seus irmãos, não é claro que, por meio de invasões de guerra injustas, de condemnações iniquas, elles fariam um numero de victimas sempre crescente á proporção dos nossos pedidos? As guerras da Africa dão-se por causa d'elles ou por nossa causa? São as armas inglezas que, postas nas mãos dos africanos, derramam a desolução n'aquella terra.»

No Brazil encetou-se a propaganda da abolição que, em breve espaço, tornou-se uma questão nacional. Os escravocatas queimaram o ultimo cartucho, appellaram para as urnas e ameçaram afinal o throno.

Ministerios se succederam uns aos outros; varios projectos se apresentam ás camaras até que impetuosa e invencivel tornou-se a corrente abolicionista, e, aos 13 de Maio de 1888, foi sanccionada a lei diamantina, que extinguiu o cancro da escravidão no Brazil! Povo algum festejou um tão assignalado triumpho.

Uma causa que em outros paizes abalára os alicerces do edificio social, causando as mais profundas commoções; que em S. Domingos originára uma guerra temivel entre os senhores e os escravos; que nas provincias do sul dos Estados Unidos fizera perigar o commercio e a lavoura, e derramára sangue, custando ao erario publico vinte milhões de libras esterlinas; uma causa que, dividira os brazileiros em dois partidos implacaveis, é sagrada

por entre acclamações e flores, congregando todos os partidos, sem que haja vencedores nem vencidos! podendo-se dizer que a nação inteira se convertera n'um soberbo carro de triumpho, onde subiu o escravo para desferir o cantico feliz de sua liberdade!

Assim effectuou-se, Senhores, a grande reforma que Roberto Peel dizia ser a mais feliz do mundo.

O triumpho da democracia éra cousa inevitavel: a questão era de mais algum tempo. Entretanto, a 15 de Novembro, a nação foi surprehendida com a noticia de que o throno cahira por terra e de que ás horas mortas da noite, quando as estrellas scintillavam no céo, o velho monarcha seguia o caminho do desterro, para nunca mais ver a Patria que tanto estremecera, e morrer mais brazileiro do que era, não consentindo que sobre o seu tumulo descançassem estas palavras de Scipião, o africano: «*Ingrata Patria não possuirás os meus ossos!*»

Nem um protesto se fez ouvir!

Os revolucionarios do Campo de Sant'Anna, parece, tinham magnetisado o povo, que recebera estupefacto, o inesperado acontecimento! Digo estupefacto, senhores, para não me servir da tristemento celebre expressão de um ministro do provisorio tão deponente do caracter nacional. Uma verdadeira aberração historica—, senhores, um acontecimento phenomenal! Aqui começa a historia da Republica Brazileira, guindada ao poder por uma revolução.

Sem que, em these, subscrevamos a theoria dos factos consummados, que é um perigo social e uma affronta ao direito, senhores, a bem da verdade da salvação publica, devemos todos dizer que a nação portou-se como se devia portar em circumstancias tão criticas e tão perigosas!

E tanto mais, Senhores, que é n'estas agitações e commoções assombrosas que consiste a historia da humanidade.

Os imperios os mais florecentes, as republicas as mais poderosas, têm os dias de sua gloria contados. Chegado o tempo marcado pela Providencia, cahem,

se esphacelam. Ninguem se esqueça de que Babylonia foi tomada de surpreza, quando o seu rei deleitava-se n'um soberbo festim . . .

Lembrem-se os que governam d'este dito sagrado, que é uma verdade social.

Et nunc, reges, intelligite: erudimini, qui judicatis terram.

Pois bem! a 15 de Novembro de 1888 se proclamava a Republica Brazileira !

Tornava-se uma brilhante realidade o sonho dourado dos primeiros brazileiros que levantaram a questão de nossa emancipação politica; que estava sagrada no coração popular a causa insigne que arrastára ao patibulo o glorioso Tiradentes. A flor exotica da America se estiolava e de suas reliquias levantava-se magestoso o pedestal da Democracia! e um novo sol clarificava os horizontes sociaes.

Aqui, Senhores, era lugar de entrarmos na historia da Republica, que um decennio já conta. Comtudo, devemos francamente confessar que a tão ardua empreza não nos arrojamos.

Escrever-se a historia de um povo que toma uma nova phase politico social, passados alguns instantes, para assim dizer, não entra em plano de historiador serio, imparcial, que tem por fito chegar ao conhecimento da verdade e aprofundar a natureza dos acontecimentos.

Ainda é cêdo para dizer-se o que tem sido a Republica. As paixões dos homens estão muito accesas; as pretenciosas ambições dos partidos não deram logar a que o paiz respirasse uma athmosphera livre e desimpedida.

Os odios de hontem, os despeitos dos que adoravam e continuam adorar o sol que já teve o seu occaso, estão muito vivos. Os enthusiastas do regimen passado querem ver no presente uma Vestal, não podem suppor que uma só mancha ensombre o sol da democracia.

Elles têm razão em parte, porque é natural que todos os povos, dia a dia, aspirem á perfeição, ao engrandecimento o ao progresso. Mas, hão de co[illegible]

vir que as instituições, assim como os individuos não são isentos de faltas; e os povos se constituem Senhores, se consolidam, muita vez, após longos desastres e tormentosas administrações. Porque havemos de ser homens de tão pouca confiança? Em vez d'estas incabiveis lamentações por um passado: d'essas desconfianças e calculado temor, olhemos para o céo, Senhores, e tenhamos fé no futuro! Dias virão em que o Brazil entrará no caminho franco do progresso e gosará d'essa estabilidade, d'essa paz, dessa concordia, d'essa confraternisação, que são as verdadeiras glorias de um povo.

Meus concidadãos! no dia de hoje, em que das alturas dos tempos quatro seculos nos contemplam, saudemos a futura Patria Republicana!

Recolhamos, uma por uma, as lições da experiencia; meditemos nos grandes feitos que conduziram ao Pantheon da gloria os nossos maiores: ouçamos a voz da historia, «a grande mestra da vida», tendo sempre em vista os exemplos de civismo e de abnegação dos nossos pais; e sejam estas civicas virdudes poderosos incentivos para encetarmos a santa jornada em prol do engrandecimento da Patria!

Concidadãos! Os antigos povos, nos dias de regosijo publico, marchavam para o templo, afim de renderem graças ás suas divindades. Inclinemo-nos tambem hoje ante a Cruz divina que nos imprimiu o sello da civilisação, derremando-nos as aguas do baptismo social! Inclinemo-nos ante o Augusto Symbolo, que, apontando ao selvagem o caminho do céo, disse-lhe: caminha, ó rude habitante das selvas, as portas da liberdade se te abrirão.

Mocidade brazileira! esta festa é particularmente vossa, porque é a festa commemorativa do futuro da Republica, e este futuro sois vós.

Sois as flores viçosas que a ornamentam no presente, sois vós as esperanças d'amanhã, de quem os de hoje recebem alento e conforto: sois vós os futuros levitas da cruzada da regeneração social!

Mocidade, mocidade, saudae, saudae a Patria, que é vossa, a Patria que, em vós, será altiva, grande, forte e virtuosa.

Cabral, Diogo Alvares, Martim Affonso, Thomé de Souza, Nobrega, Navarro, Anchieta, Saldanha, Mem de Sá, Marcos Teixeira! a gratidão do povo brazileiro, rompe neste momento quatrocentos annos para pousar sobre vossos tumulos, abençoando a vossa memoria e saudando, em vossos nomes venerandos, a Patria-Mãe, Portugal!

Portugal, Portugal, eis que te abraça aquella formosa Virgem do americano continente, com que o teu intrepido almirante magnificou tuas invejaveis conquistas. Eil-a, sentada no grande templo da Democracia, tendo na dextra o sceptro da liberdade. (*O orador é abraçado no meio de grandes applausos*).

———*———

Virgo Patria

Stetit, et mensus est terram.
VIRGILIO.

Caravana aventureira,
Pelos desertos marinhos
Campeia a frota guerreira
De Pedro Alvares Cabral.
Busca nos rastos do Gama,
Por longos, invios caminhos,
A larga estrada da fama,
Onde ha de encontrar vestigios
De quem fizera prodigios,
Em nome de Portugal.

As auras beijam-lhe as velas,
As ondas beijam-lhe as quilhas;
E falam de mil procellas
Em que as lusas caravellas
Nunca viram trepidar;
E lembram mil maravilhas
Desses nautas assombrosos,
Que por mares temerosos,
E no perigo altaneiros,
Sabem vencer pelas armas
E os furacões arrostar;
Desses fortes marinheiros
Que não se temem de alarmas,
E impam de orgulho, ás façanhas
Que os echos vão repetindo
Pelas solidões tamanhas,
Onde paira infinda gloria,
E por cujo ambito infindo
Reboa a tuba da historia,
Cantando homericas vidas
E enthusiasticas mortes
De assignaladas cohortes,
Que passaram, desabridas,
Rompendo os flancos do mar.

Mas que successo inaudito,
Que enorme acontecimento
Guarda o seio do infinito
Para encanto desses olhos,
Que fulminaram escolhos
Na arena dos vendavaes?

A que visão deslumbrante,
Pasma essa turma arrogante,
Que não vacilla um momento,
Quebrando as azas do vento
Nos assomos triumphaes?

E' que, após tantos labores,
Após tantos sacrificios,
Aos bravos navegadores
Se manifestam indicios
De alguma região ignota
Que vão talvez descobrir.
Vêem as azas da gaivota
Que lhes acênam dos ares
Como azas brancas de um sonho,
E verdes como esperanças,
As algas á flôr dos mares,
Desvanecendo lembranças
Do abysmo, que foi medonho
E agora parece rir.

Exultam: já toda a frota,
Sacudindo-se nas vagas,
Aprôa ás longinquas plagas
Que se erguem mysteriosas
No fundo azul—mar e céo.
Aborda-as, e todo o bando
Dessas aguias alterosas,
Que arremeteram bravias
Tamanha presa empolgando,
Eil-o agora que, poisando,
Fecha as azas alvadias...

. . . .

De um momento rasgou-se o véo.

II

Imagem do infinito, monumento
Da primitiva creação do mundo.

J. DE ALENCAR.

Oh galas! oh prodigio!
Que extranha magestade
Nessa deslumbradora e mascula grandeza,
O' virgem natureza,
Terra da Santa Cruz;
Da creação na gloria immensa, do fastigio,
Impões-te á humanidade,
O' patria de gentios,
Mundo que doira o sol dos tropicaes estios,
Vasta região da luz!

Em fremitos sonoros
Borbulha-te no seio a vida americana,
O' plaga soberana,
Homerico torrão,
Que has de vibrar, um dia, os grandes meteóros
Da civilização!

Parece imaginario
O que descobre a vista!
Como é solemne, e grande, e novo, e extraordinario
O sólo da conquista!
Que festa e que scenario,
Quando em bençãos de luz á terra verdejante
Irrompe do infinito a aurora brasileira!
As nuvens do arrebol
E a vasta cordilheira,
Que em pleno azul immerge a crista sobranceira,
Figuram do levante
Na apotheose augusta, excelsa e flammejante,
As purpuras e o throno em que, de toda a historia
Avassalando a gloria,
Resplende essa corôa immaculada—o sol!
E á noite, oh maravilha
Dos astros! como brilha
O firmamento, aonde o espirito fluctua

Nas mysticas luzernas,
No turbilhão sem fim das lampadas eternas
Illuminando a flux
A abobada do mundo! e com que fausto a lua
Entorna sobre a terra o globo adamantino,
Como um brazão divino
Que aos homens alardeia a triumphante luz!

Pujança desmedida!
Oh seiva tropical!
Por toda a parte a scena avulta e echôa a vida
Num drama original.

Aqui, do S. Francisco as aguas, rebentando
Em formidavel tombo,
Em catadupa enorme, estoiram num trovão
Que, ao tragico ribombo,
As nuvens combalindo e as selvas atroando,
Do bardo grandioso
As vozes arrancara ao plectro sonoroso,
No mesmo diapasão.

Alli, ossea montanha,
Escalavrada e núa, investe pelo ar,
E dos tufões rebate a desabrida sanha,
Esboroando o mar.

Nas lapas insondaveis,
Por onde o vento engole,
Parece que arreganha estrugidoras guelas
A denegrida mole
De talhe gigantesco, e grimpas formidaveis,
E cenho aterrador...
O bronco monumento,
Que ás nuvens desafia o raio das procellas,
Alçando no horizonte,
A solitaria fronte...
O espectro colossal de rigida estructura,
Que a propria noite obumbra e torva o pensamento.
Lembrando a catadura
Do velho Adamastor.

Ao norte, é o caudaloso
Rio, que affronta o oceano em desmarcada enchente. .
O monstro, á potestade, o Encelado assombroso
Das aguas... o Amazonas,
Que immensuraveis zonas
Abarca, fecundando os torridos sertões...
—Descommunal serpente
Que em meio dos palmares,
Rojando na amplidão das mattas seculares,
Ao tumido resfolgo abala o continente
Nas virgens solidões.

Massa diluvial, atira-se dos Andes
Nos braços do Equador,
E esbarra o oceano, e então—phenomenos tão grandes
Como esses macaréos de insolito fragor.

Ao sul, passam do pampa os impetos profundos,
As ancias do deserto, os sopros iracundos,
Os furacões brutaes,
Que entram pelo oceano a sacudir montanhas,
E o cavam nas entranhas,
E rugem no furor dos largos temporaes.

. . . .
. . . .
. . . .
. . . .

E eil-a, a visão da patria exuberante e rude,
Em toda a plenitude
Da sua virgindade;
E eil-a na magestade
Que assombra, no vigor da pura natureza,
—Selvatico paiz que exulta de grandeza,
E candido paiz
Onde da primavera as ambulas cheirosas
Se desatam mimosas
Até no pedernal dos negros alcantis.

E eil-a formosa e grande,
A brasileira terra,—o mundo onde se expande,
Em matizados lumes,
A flora que rebenta, e cresce, e luxuria,
E vae, numa explosão de côres e perfumes,

Da moita mais rasteira á fronde culminante,
Da planta de um só dia
A' milliaria selva,
Do lubrico tapiz de setinoza relva
A' abobada sombria
Dos troncos eternaes...
A flora que germina, intensa, crepitante,
E se esgalha possante
Nuns estos de verdura,
Num magico esplendor de fructos reluzentes
E petalas ardentes,
Num desabrochamento enorme, que fulgura,
De chammas vegetaes.

O' peregrina terra
De amplo e fecundo seio aberto á humanidade,
Que, auspiciosa, o invade
Na civilisadora inundação christan!
Que sonho, que esperança egregia, que destino,
O' mundo peregrino,
A um povo se descerra
No teu descommunal regaço de titan!

Ardente como a aurora
Que os fados te alumia,
Vôe, por ti, minha alma em rasgos de harmonia.
E aos olhos do universo, impavida e sonora,
Acclame-te, ó Brasil!
Mas falta-lhe no vôo á sibylina altura,
O' patria grandiosa!
Do genio a envergadura
Para attingir-te a fronte augusta e luminosa
Em versos culminantes,
E coroal-a abrindo as azas triumphantes
Nos echos immortaes de um cantico viril.

Bahia.

João B. de Castro Rebello.

Sessão anniversaria do Instituto

DISCURSO DO CONSELHEIRO SALVADOR PIRES

Presidente do Instituto

Exmas. Senhoras—Exm. Sr. Cons. Governador do Estado.—Exms. Srs. representantes de nacionalidades, associações e classes diversas—Exms. Srs. socios do «Instituto Geographico e Historico da Bahia»—Senhores do auditorio:

Quanto é doce e agradavel, meus Senhores, após um anno de operosa jornada tornar á esta cadeira, que tanto me honorifica, para nella repousar no ameno conforto, que provém da permuta de vossas congratulações pelo nosso profundo reconhecimento á gentileza de vossa acquiescencia ao convite para partilhardes a triplice alegria, que, transbordando de nossa alma, diffunde-se por todos os recessos deste vasto edificio para onde, de seu modesto berço, acaba de ser transportado o *Instituto Geographico e Historico da Bahia*, hoje que a ampulheta do tempo determina o sexto anniversario de sua installação, como rememora a imperecivel e gloriosa data do ingresso no convivio da civilisação ao vasto territorio da America meridional, que recebeu o nome da rubra côr de um de seus mui variados productos vegetaes, avidamente explorados pelos primeiros colonos, antes de conhecida a opulencia de sua flora, a riqueza inexhaurivel de suas minas, a uberdade prodigiosa do sólo, cuja fecundidade

desobedecendo ás leis que regem a genesis humana, desenvolve-se na razão directa de sua virgindade.

Pesa-me, porém, a impossibilidade de transmittir-vos a expressão de meus sentimentos, já pela emoção que me agita neste momento, já por não possuir o segredo ou talento «de dizer de um modo novo cousas velhas», como principalmente por carecer de competencia para fazer a apologia do feliz descobrimento realisado em 1500, pelo protonauta Cabral, missão, em boa hora confiada áquelle que, com os primores de seu estylo, em linguagem peregrina, nos arroubos de inimitavel eloquencia desempenhou-se hontem de tão augusta, quanto bem correspondida incumbencia.

Prevalecendo-me, todavia, do feliz ensejo que se me depara; si não devo, nem posso revibrar os echos da historia patria, tantas vezes, em harmoniosos sons, repassados hontem pela vossa audição, permitti que antes de alongar os meus braços para, em reverente amplexo, agradecer a honra de vossa presença cumpra um dever inherente ao cargo que immerecidamente continúa a ser-me confiado nesta instituição.

Dizer-vos, Senhores, que o *Instituto Geographico e Historico* viceja ao orvalho e á sombra protectora da opinião publica a todos os commettimentos de seus associados, em cujo numero encontram-se, para honra sua, o Exm. Sr. Cons. Governador do Estado. como aquelle que em breve o ha de succeder no governo e na benefica aspersão de favores officiaes. seria proclamar o que está na consciencia geral. como na vossa em particular, e seria fastidioso deante d'isso descer á demonstração de sua prosperidade, porque ella é palpavel e visivel. Envidando esforços, pondo em contribuição seu prestigio collectivo a actual meza do *Instituto* fez acquisição do elegante predio, em que ora nos encontramos, e executou os reparos de adatapção aos seus intuitos, sem que o seu credito periclite, sem que o seu *haver*

sejo inferior aos compromissos que com a pontualidade necessaria têm sido até hoje satisfeitos.

A sua bibliotheca e museu enriquecem dia a dia com as offertas, que porfiadamente succedem-se.

Vêde, pois, que o *Instituto*, modesta aggremiação litteraria, destôa de quasi todas as suas congeneres, que estiolam-se, ou fenecem asphyxiadas pela indifferença, e corajosamente avança para o futuro, confiante na generosidade e na illustração da sempre heroica Bahia, que jamais abdicará os foraes de sua nobreza, cujo lábaro de honra ha sido tantas vezes hasteado nas ameias da gloria quantas ha sido posto em contribuição o talento e bravura dos filhos que a estremecem.

Mas, Senhores, manda a modestia que não prosigamos na expansão de nosso desvanecimento pela incontestavel florescencia deste pequeno arbusto que brotou no cimo destas montanhas, donde ha quatro seculos, na eloquente phrase de Octaviano Muniz, desceu pela primeira vez o oxigenio aos pulmões do homem civilisado.

Sim, meus Senhores, foi pelo coração da Bahia que a civilisação de além-mar, injectando-se no corpo selvagem do gigante da America do Sul, assimilou-se com admiravel presteza no sangue aborigene, e não tardou que o indigena, recebendo da Cruz, que em signal de posse lhe deixaram os seus descobridores, o divino clarão daquella luz vivificante, banisse de sua taba a indolencia do selvicola para rotear o sólo, para indicar aos primeiros bandeirantes os thesouros nelle soterrados, e partecipante depois da riqueza a elles advinda se achasse bastante forte para dizer um dia—basta: beijo reconhecido a mão que conduziu meus primeiros passos na trilha do progresso civilisador; mas a edade, o desenvolvimento de minha musculatura, a cultura de minha intelligencia, a envergadura de minhas azas já me permittem trabalhar, reflectir com madureza, e voar em todas as direcções da liberdade. Não foi um repudio, uma evasão prematura do lar paterno, não foi a revolta de brios offendidos, não foi uma dis-

senção religiosa ou politica; foi a convicção intima da virilidade nacional; foi a evolução natural da civilisação, a causa efficiente da separação do Brazil, constituindo-o nação independente da Metropole portugueza para fazer de uma duas nações amigas, estreitadas, unidas pelos perduraveis laços do idioma, da religião, da fé politica:

"filho e pae da mesma raça,
bebenda na mesma taça,
as mesmas inspirações."

E' por isso que hoje ergue-se inteiro o Brazil, do norte ao meio-dia, de leste ao poente, para commemorar a gloriosa data de seu auspicioso descobrimento, e com a reverencia de profunda gratidão render a devida homenagem ao progenitor da sua civilisação, erigindo um monumento a Pedr'Aivares Cabral, o predestinado pela Providencia para ver primeiro das amuras de sua caravella, acima do nivel das aguas que singrava, um ponto singular no firmamento, o qual, a proporção que avançava na mesma prôa, foi como se desprendendo da abobada celeste até pousar no ponto da terra, que, pelo dia em que operou-se esse como que phenomeno espectral, ficou denominado «Monte Paschoal», fóco de luz do qual irradiou a civilisação para todos os angulos do territorio sul-americano, denominado a principio terra da Vera Cruz, Brazil, mais tarde.

Portugal, povo de irmãos, eis quanto a Patria brazileira vos venera, quanto vos idolatra a Primogenita de Cabral, e o *Instituto* que, n'este momento, tem junto a seu peito o escol de vossos filhos enternecidamente vos saúda, e abraça.

Mas, Senhores, em seus vôos de nação livre, na altivez de suas aspirações nacionaes, o Brazil pensa em occupar um lugar de respeito no convivio das nações poderosas, e reconhecendo que a força procede da união, lança um olhar sobre a carta da America, prescruta a vitalidade das nações visinhas e amigas do novo—Continente e abre o seu

coração á sympathia espontanea do Chile, estende a mão reconciliada e amiga á Republica Argentina, e alongando a vista para o norte lá vê um outro gigante; que moureja sem cessar para sobrepujar a Europa nas artes e industria, nas sciencias e commercio; que collima na mira de suas observações internacionaes a independencia absoluta das duas Americas que, unidas, devem e podem aspirar a hegemonia universal pelo mesmo titulo de successão que conferiu á Europa a herança da civilisação dos povos orientaes, e por ultimo o predominio do universo conhecido, e, pois, á grande União Norte-Americana, o Brazil affectuosamente cumprimenta, e sente que nasce nos dois corações reciproca sympathia, que na phrase poetica de C. de Abreu, é como dois ramos de uma grande arvore:

"bem longe ás vezes nascidos,
mas que se juntam crescidos,
e que se abraçam por fim."

Agora mesmo, nas festas com que a Bahia celebra o 4º centenario do seu descobrimento, quatro vasos de guerra dessa poderosa potencia maritima vieram testemunhar nossas alegrias, saudando hoje á bandeira brazileira, e á tamanha gentileza dispensada á nossa querida Patria o *Instituto* só pode corresponder em nome da Bahia e do Brazil, saudando com fervoroso enthusiasmo á patria de Washington, de Lincoln, de Cleveland.

E' já tempo, meus Senhores, de fazer-se ouvir o illustrado orador do *Instituto* e outros não menos dignos consocios, e oradores representantes de associações que se acham inscriptos, e hão de realçar o brilho desta solemne sessão; mas consenti que reiterando o reconhecimento do *Instituto* á Associação Commercial e á colonia portugueza aqui representadas pela sua direcção e diversos membros seus; levantando um hurrah á luzida officialidade da esquadrilha norte-americana, surta neste porto; agra-

decendo *ex-corde* a todas as associações e classes sociaes aqui representadas, e as que têm tomado parte em todos os festejos do 4º Centenario do Brazil, tão galhardamente executados pela benemerita commissão do *Instituto* e pela commissão central a elle reunida, cujos relevantes serviços ficarão registrados em letras d'ouro nos annaes da historia do mesmo *Instituto*, como já o estão no coração do povo bahiano; eu rendo, por ultimo, á illustrada imprensa desta capital os tributos da mais sincera gratidão pela assiduidade de sua presença em todos os festejos, particularmente nesta sessão, pelas palavras de conforto que tem dispensado ao *Instituto*, desde sua fundação, encarecendo com prodigalidade, e levando bem longe, nos echos de suas phrases, no adejar impetuoso de seus vôos, nas mimosas petalas de suas flores, que assim poderia chamar-se as folhas de seus jornaes, os serviços, aliás, circumscriptos e modestos desta associação, puramente litteraria, que si alguma vez ousa transpor a sua orbita, é sempre confiante na franca coadjuvação do governo do Estado, nomeadamente durante o periodo administrativo do nosso distincto consocio o Exm. Sr. Conselheiro Luiz Vianna, como na da illustrissima camara municipal desta capital, cujas tradições de acendrado patriotismo tantas vezes registrados na historia da mui heroica e leal cidade de S. Salvador, foram ainda agora cathegoricamente confirmados na commemoração festiva do Centenario, nos quaes por iniciativa propria e a expensas de seus cofres assumiu parte saliente e directa; e pois aos seus illustres representantes, como aos da imprensa, dando em nome do *Instituto Geographico e Historico da Bahia* um expressivo aperto de mão convido-os a erguer commigo um

Viva á Portugal e á colonia portugueza na Bahia!
Viva aos Estados-Unidos da America do Norte!
Viva á memoria de Pedr'Alvares Cabral!
Viva á imprensa bahiana!
Viva á Ratria Brazileira!

RELATORIO

DO

PRIMEIRO SECRETARIO DO INSTITUTO

Conselheiro João Torres

Senhor Presidente:
Illustres consocios:

Trazendo a esta solemne sessão a communicação dos factos occorridos durante o anno que passou, com dupla alegria vos fallo, podendo assignalar mais um anniversario de vida do nosso Instituto, quando satisfazemos a nossa maior aspiração actual, inaugurando o edificio, adquirido e reformado a custo de muito esforço, onde estabelecemos definitivamente a nossa séde.

Fundada a nossa Instituição com escassos recursos, o poderoso auxilio dos associados e dos poderes publicos conseguiu transformar uma patriotica aspiração de um grupo de dedicados em uma realidade, revestida hoje de pujantes elementos de vida.

Rejubila-me sobre modo a festa que estamos a celebrar, desvaneço-me em dizel-o, tal é o amor que consagro a esta instituição, á qual tenho dedicado a melhor e maior parte das minhas actividades.

Seis annos são passados que, cheios de desillusão e de descrença, reuniamo-nos a 13 de Maio de 1894 no salão do *Gremio Litterario*, e davamos como fundada uma associação scientifica, que, então, não

disponha de outros recursos senão a boa vontade e o devotamento daquelles que se congregaram para esse fim; e, como sabeis, por disposição dos Estatutos, e como uma homenagem prestada ao antigo Instituto Bahiano fundado a 3 de Maio de 1855, a nossa commemoração é feita no dia de hoje.

Pois bem, um espirito forte,—Tranquillino Torres, não medindo esforços e cheio de fé pela causa que abraçára, poude, com auxilio de poucos, dirigir os primeiros passos do nosso Instituto, dando-lhe a orientação verdadeira a adoptar.

A elle devemos o que somos; o seu excessivo zelo e a sua extraordinaria dedicação firmaram a existencia de nossa associação, fundando os alicerces, sobre os quaes ella se perpetuaria.

Em meio da cruzada desfalleceram-lhe as forças e a morte nos privou de seu desinteressado concurso.

Restava-nos a construcção deixada, apenas, em alicerces.

O illustrado presidente que o substituiu, secundado efficazmente por toda a Meza administrativa, consegue hoje realisar a installação do Instituto em casa de sua propriedade, o que importa affirmar a sua duradoura existencia, uma vez que não lhe falte a contribuição do auxilio dos socios.

Rememorar aqui os obices que encontrámos nesta empreza, seria historiar dia por dia a serie de difficuldades moraes e materiaes que nos surgiram.

Por coincidencia notavel, e que nos deve ser muito cara, a inauguração que estamos a festejar se associou á commemoração do quarto centerario do descobrimento do Brazil.

Tendo tomado a nossos hombros a celebração deste centenario organizámos os festejos na altura dessa commemoração e de accordo com os sentimentos de civismo e patriotismo da população desta capital.

Não nos era licito deixar passar em silencio a data commemorativa do nosso descobrimento: era um dever imposto pelos fins da nossa instituição,

que procura reconstituir com dados positivos os factos de nossa historia e celebrar as datas por elles assignalados.

Em poucos annos de vida já temos prestado os mais alevantados serviços: mantemos uma *Revista* que consubstancia elementos até então esparsos e ignorados, contribuindo poderosamente para a formação da nossa historia escripta; celebrámos festas de glorificação á memoria do sabio padre Antonio Vieira, rendendo justo preito de homenagem e veneração a um dos mais poderosos factores da nossa civilisação, e agora, a commemoração do centenario do descobrimento do nosso paiz vem augmentar a serie destes serviços.

A' Bahia devia pertencer a melhor parte nesta commemoração; as suas plagas foram as primeiras pisadas pelos ousados navegadores da expedição mandada por D. Manoel, em 1500, ás Indias.

A nós, pois, que representamos a historia viva de nossa terra, competia a celebração desta data com a magnificencia de que se tornára digna, pois ella marca o inicio da nossa civilisação.

Alliando á data do descobrimento do Brazil a da inauguração do nosso edificio, cumprimos um dever historico, rendendo a melhor das homenagens que nos era licito prestar.

Durante o anno social, celebrou o Instituto 11 sessões ordinarias e 2 extraordinarias. Na sessão de 16 de Abril, approvadas as medidas propostas pela Commissão do Centenario, deliberou-se que a Commissão se entendesse directamente com o Governo do Estado sobre o n. 8 do programma, que dizia respeito ao reconhecimento local e descriptivo dos pontos do littoral, relacionados com o descobrimento do Brazil.

O Exm. Dr. Governador accedendo a tão justo pedido, encarregou aos nossos consocios major Sal-

vador Pires de Carvalho e Aragão e Alfredo Soledade de fazer esses estudos, photographando os pontos necessarios, os quaes desempenharam-se dessa commissão de modo cabal e satisfactorio, publicando um trabalho de merecimento, com o nome de *Bahia Cabralia e Santa Cruz.*

Votou-se ainda, que por estar o predio em obras não seria solemnisado o anniversario do Instituto como de costume, celebrando-se nesse dia uma sessão ordinaria.

Na sessão de 3 de Maio, achando-se presente o distincto litterato Henrique de Coelho Netto, que foi proposto e approvado socio correspondente, o Dr. Braz do Amaral, referindo-se aos trabalhos da commissão incumbida das festas, salientando o auxilio que ella encontrára por parte do Governo do Estado, leu parte de importante memoria historica sobre o Castello da Torre de Garcia d'Avila, que foi ouvida com geral satisfação.

Na sessão de 21 de Maio teve logar na fórma dos Estatutos a eleição da Meza, que foi reeleita, e das differentes commissões, lendo o Cons. Filinto Batsos os apontamentos biographicos do bacharel José de Sá Bittencourt Accioli, e offerecendo ao Instituto por parte do coronel Ernesto de Sá Bittencourt Camara, residente em Camamú, um camafeu de louça brazileira representando o retrato de D. Maria 1ª de Portugal, feito em 1773 pelo mesmo bacharel José de Sá Bittencourt Accioli.

As duas sossões extraordinarias foram convocadas sob proposta do Dr. Satyro Dias para as conferencias, que a convite do Instituto, aqui viera fazer o Dr. Augusto de Carvalho, residente em Macahé, no Estado do Rio, nas quaes procurou demonstrar que a descoberta do Brazil não foi obra do acaso, referindo-se tambem a origem e primitiva significação da palavra Brazil; leu a lettra do hymno do 4.º centenario, que compoz para ser posto em musica e expoz a planta do monumento commemorativo da descoberta do Brazil, concebida e executada pelo mesmo conferente.

Do livro das offertas constam os importantes donativos que no anno findo receberam a nossa bibliotheca e as diversas secções do museu e archivo.

Entre as doações, detalhadamente publicadas na Revista, figuram em primeira linha ainda este anno as seguintes:

Pelos viscondes de Cavalcanti—O Brazil Hollandez por Gaspar Barleus, Amsterdam, 1648; Historia Natural do Brazil por Guilherme Pison e Jorge Margravi, 1647; o Oyapoch e o Amazonas, e uma medalha commemorativa da exposição universal de Paris em 1887; pelo socio commendador Joaquim Manuel de Sant'Anna uma medalha commemorativa da exposição universal de Philadelphia em 1876; pelo socio Dr. Antonio da Cunha Barbosa, uma Memoria sob o titulo — A *Litteratura Colonial Brazileira*—escripta especialmente para ser dedicada ao Instituto; pelo socio Desembargador Thomaz Montenegro, 53 volumes de relatorios do antigo regimen; pelo socio Luiz Rodolpho Cavalcanti de Albuquerque, um amarrado com flechas e arcos dos indigenas do Alto Amazonas; pelo socio major Rogociano Teixeira, 42 volumes; pelo sr. José da Nova Monteiro, 35 volumes da Collecção da *Revista* do Instituto Historico Brazileiro e mais 52 volumes sobre diplomacia, tratados e questões de limites com as republicas limitrophes; pelo sr. José Luiz da Fonseca Magalhães, 18 volumes; pelo socio Damasceno Vieira, 9 volumes de obras que têm publicado; pelo consocio capitão de mar e guerra Alves Camara uma colleção da *Revista Maritima*; pela Bibliotheca Nacional, 15 pacotes de obras enviadas por sociedades estrangeiras; pelo socio Barão de S. Francisco, 3 importantes autographos; pela secretaria dos negocios do Reino de Portugal, 1 volume das Investigações scientificas do Yatch *Amelia* sob a direcção de D. Carlos de Bragança; pelo socio Dr. Severino Vieira, 2 medalhas commemorativas da visita do General Roca ao Brazil e do monumento ao Duque de Caxias; pelo socio Dr. Manuel Cardoso

Barata, senador Federal, um rico album do Estado do Pará.

A secretaria adquiriu por compra 50 volumes pertencentes á Exma. D. Maria Correia Garcia, inclusive os Annaes da Constituinte de Lisboa.

A *Revista* continúa a ser distribuida com a maxima regularidade, esforçando-se a sua redacção para que ella constitúa valioso e importante repositorio de factos da historia patria, e è tal o empenho que se manifesta fóra do Estado pela acquisição da *Revista*, tal o conceito que esta publicação ja merece, que foi preciso augmentar a verba destinada á despeza da sua impressão e remessa.

E' lamentavel, porém, que o numero de assignantes esteja reduzido a 12.

Além dos exemplares distribuidos pelos socios, é ella offerecida a 46 bibliothecas e associações nacionaes e estrangeiras com as quaes o Instituto se corresponde, permutando-a ainda com 29 revistas estrangeiras e 13 nacionaes, e 39 jornaes nacionaes, postos a disposição do publico em sua bibliotheca, que jà conta numero superior a 7000 volumes.

* * *

O biennio de 1898 a 1900 foi de dolorosa impressão para o Instituto, porque foi grande a perda de seus socios, e que deploramos sinceramente, porque muitos d'elles, e não é preciso rocordar, collaboraram comnosco desde a fundação do Instituto, prestando relevantes serviços, taes são: o Dr. Alexandre Garcia Pedreira, major José Maria Barretto Falcão, Dr. Francisco Rodrigues Monção, Dr. José Machado Pedreira, Frei Francisco da Natividade Carneiro da Cunha, Christino Ramos de Oliveira, Antonio Moreira de Goes, Conselheiro João Baptista Guimarães Cerne, Dr. João Baptista do Sá e Oliveira, Conselheiro José Macedo de Aguiar, Conselheiro Visconde de Cavalcanti, Dr. Pedro Nolasco

Buarque de Gusmão e o General Frederico Solon de Sampaio Ribeiro.

Conta o Instituto presentemente 288 socios, a saber: 1 benemerito, 8 honorarios, 160 effectivos, e 119 correspondentes.

Dos effectivos são remidos 15 socios.

As nossas finanças vão em crescente prosperidade, graças aos altos poderes do Estado e da União.

Tendo sido approvada em sessão de 6 de Novembro de 1898 a deliberação da meza, de fazer aquisição do predio n. 13 sito a Praça *15 de Novembro* (antigo Terreiro), pertencente ao sr. Visconde de Guahy, foi a compra realizada por escriptura publica de 8 de Novembro de 1898, pela quantia de 38:000$000, sendo o thesoureiro autorizado a gastar o fundo de reserva na importancia de 10:000$000 e a levantar a quantia restante no Banco Auxiliar das Classes, mediante hypotheca do mesmo predio.

As obras de adaptação começaram em Abril do anno passado, confiadas ao zelo e administração do nosso incançavel e honrado thesoureiro, capitão Francisco G. Ferreira Braga; taes foram, porém, os obstaculos que se antolharam desde então, e as modificações por que teve de passar o edificio, que no dia de hoje apenas é inaugurado o salão nobre das sessões. (*)

O novo edificio está situado na praça *15 de Novembro* (Terreiro de Jesus), esquina da rua *7 de Novembro* (antiga da Oração).

A fachada do predio contendo 5 janellas de frente, é pintada a verde-mar e illuminada a gaz carbonico, com uma bella platibanda artistica, trabalho do industrial Francisco Ferraro, tendo no centro um escudo com a divisa *urbi et orbi*, sobre o qual está collocado um globo terraqueo.

Neste frontespicio está engastada uma comprida pedra marmore, tendo insculpidas em letras azues o nome—*Instituto Geographico e Historico da Bahia*.

No pavimento inferior, entrada vasta no centro do predio, tendo em frente bella escada de volta para o primeiro andar.

A' esquerda vasto salão ladrilhado, tendo duas janellas

Do balancete apresentado em Fevereiro do corrente anno, na fórma dos Estatutos, consta que a receita no exercicio de 1899 importou em 25:366$000 e a despeza em 26:389$000, tendo-se despendido com as obras do predio até 31 de Dezembro ultimo a quantia de 13:399$900.

Até agora se achava a nossa instituição em estado embryonario, os seus objectos historicos e curiosos, o seu museu, as suas collecções, a sua bibliotheca se viam accumulados em uma sala acanhada, sem ser possivel catalogar, estudar e ordenar.

Temos agora um espaçoso edificio, onde será depositado em variadas secções tudo que completa actualmente o nosso patrimonio.

Faz-se preciso, portanto, muito trabalho por parte dos illustres consocios para a installação das preciosidades que já possuimos.

As commissões que não têm podido dar conta da funcção que lhes é confiada, devem estar a postos

---

de frente e sete de lado, onde fuucciona a bibliotheca, destacando-se um grande arco abatido; á direita sala para a secretaria com duas janellas de frente, o archivo, e outros compartimentos.

No pavimento superior está collocado o salão nobre destinado ás sessões e solemnidades do Instituto, que foi augmentado com um commodo lateral, cuja parede foi desmanchada, construindo-se em seu logar um grande arco com molduras; tem 5 janellas de frente e duas lateraes.

No lado esquerdo duas salas com 5 janellas para gallerias de retratos e mappas, museu e quatro gabinetes para objectos historicos.

O sotão está dividido em sete commodos, inclusive tres espaçosas salas cercadas de janellas, destinadas para o archivo de jornaes, brochuras e moveis antigos.

Um pateo interno facilita a communicação de todos os compartimentos por meio de bem lançadas escadas.

A pintura do edificio foi confiada ao artista Jacob José dos Santos, e executada sob as vistas do distincto pintor e professor Lopes Rodrigues, nosso consocio.

A entrada é de estylo moderno-phantasia.

O salão nobre é pintado a oleo e no estylo Luiz XV.

Os demais, compartimentos têm pintura diversa e de gosto moderno.

afim de que possamos organizar o nosso Instituto, na altura de ser equiparado aos seus congeneres.

Toda a dedicação, todo o devotamento dos socios agora, mais do que nunca, é uma necessidade: do que contribuir cada um na medida de suas forças depende a nossa prosperidade e o nosso futuro.

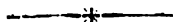
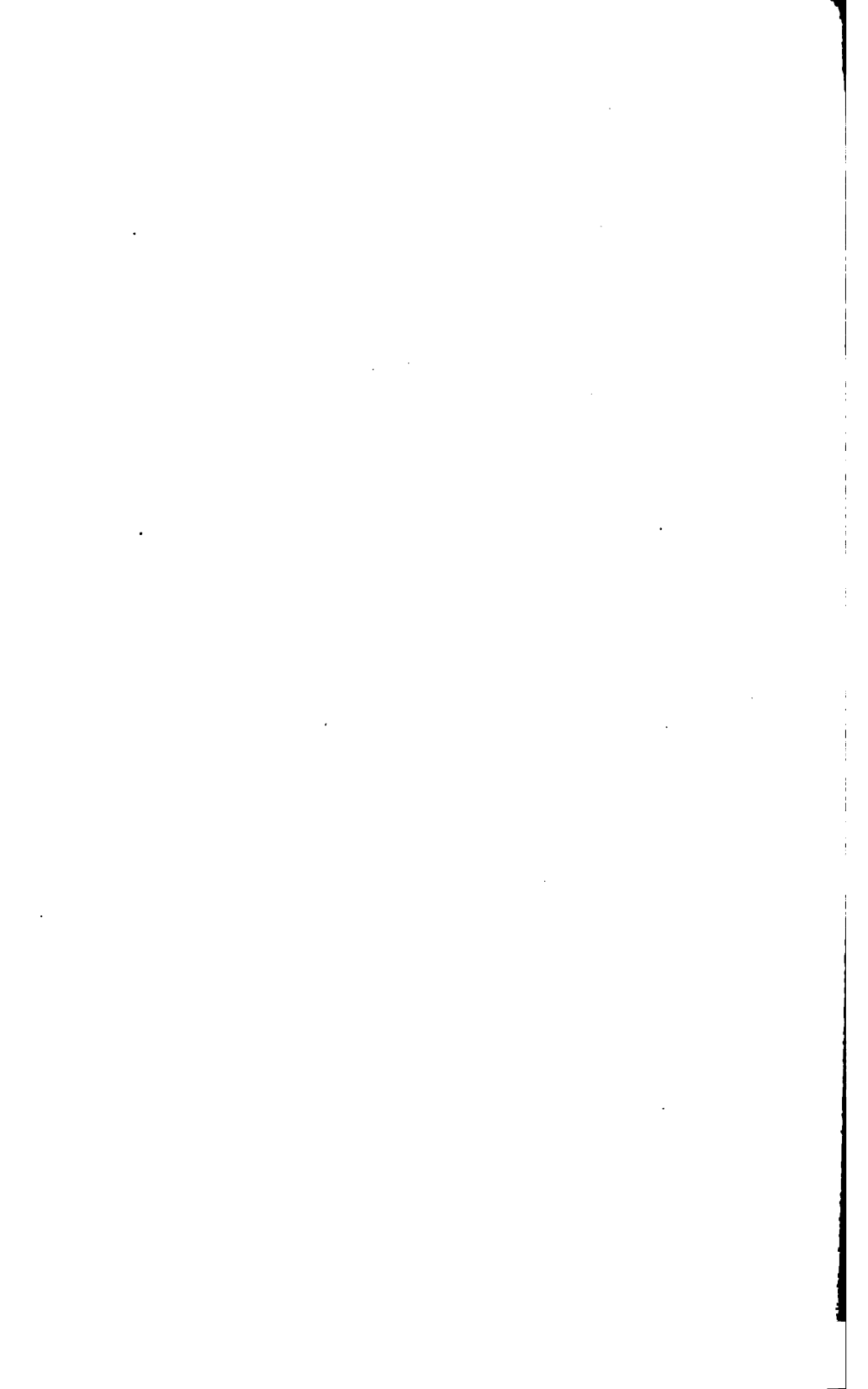
Não nos descuremos; trabalhemos todos em esforço commum, que a nossa missão será cumprida e reaisaremos todos os nossos intentos.

O mais difficil está concluido.

E quando a Meza sentir-se desfallecida, apontará para este edificio, como o maior serviço que ella poderia ter prestado ao Instituto.

---*---

DISCURSO

DO

Cons. Filinto Bastos

ORADOR DO INSTITUTO

Exmas. Senhoras:
Exm. Sr. Governador, presidente da sessão:
Meus Senhores:

Ao *Instituto Geographico e Historico da Bahia* corria o dever de incumbir-se da parte mais notavel da commemoração litteraria do quarto centenario do descobrimento do Brasil; ora, acontece que só nos ultimos dias foi communicado ao substituto do orador desta casa, quando impossivel era dar satisfação plena ao disposto em nossos estatutos, que a este festival faltaria o verbo ataviado e brilhante do seu orador eleito, e que mister se tornava, entretanto, não ficar vasia esta tribuna hoje, dia duplamente memoravel pela data que solemnisa e pela inauguração do edificio da nossa sociedade. *Habent sua fata libelli!*

Por um lance malevolo da caprichosa fortuna foi tambem recusado ao primeiro presidente do *Instituto*, e um dos seus mais esforçados fundadores, o Dr. Tranquillino Leovigildo Torres, presenciar este espectaculo, attestado incontestavel do progresso e da perseverança desta associação,

A' memoria dos consocios fallecidos nestes ultimos doze mezes deviam ser hoje dedicadas palavras de saudade, gratidão e respeito, communicando-se os que ainda estão a labutar entre as desillusões da vida com aquelles que avistaram já a luz da verdade, tendo transposto os «mares sepulchraes» em busca do bem eterno. Devia este discurso lembrar as virtudes e os altos feitos dos que prestaram a este *Instituto* o prestigio dos seus nomes e o concurso de seus trabalhos, dedicandose ao engrandecimento da nossa sociedade. Mas, além de escassos terem sido os subsidios que a angustia do tempo nos permittiu para uma condigna commemoração, a inadiavel celebração festiva de 3 de Maio de 1900 impõe que, em outra occasião, que se depare opportuna, seja cumprido o disposto em nossos estatutos, no tocante ao elogio funebre dos nossos finados consocios. Por tardia, não perderá em brilho e magnificencia similhante commemoração; as flores da eloquencia e as galas da erudição do nosso orador hão de dar-lhe excepcional realce.

Quem descobriu o Brasil?

Que data deve ser assignalada a tão notavel descobrimento, merecendo as honras de uma festa centenaria?

Se á primeira interrogativa difficil, senão impossivel, é segura a resposta, não nos parece que em relação á segunda o mesmo aconteça; pois, um facto ha geralmente acceito como o unico que, sob o ponto de vista sociologico, se adapta á nossa historia, auctorisando-nos a realisar uma grande solemnidade.

Teriam aportado ao Brasil, antes de *Pedro*

Alvares Cabral, os tres navegadores hespanhoes *Alonso de Hojeda*, *Vicente Yanez Pinson* e *Diogo de Lepe*, sendo *Alonso* quem os precedeu a todos em Junho de 1499?

Teria sido *Americo Vespucio* o feliz descobridor?

Teriam por habito os normandos e os bretões, especialmente os de Dieppe e S. Maló, mesmo antes do fim do seculo XV, atravessar o Atlantico para procurar no Brasil madeiras preciosas, algodão, macacos e papagaios, como affirma *J. Behin de Launay*, baseando-se em publicação feita por *Mr. d'Avezac*?

Disputem a Hespanha, a Italia e a França, para os seus filhos a gloria da descoberta do Brasil, esta cabe inteira, graças aos designios da Providencia, ao portuguez *Pedro Alvares Cabral* que, ou obedecendo a um plano de ante-mão assentado, ou impellido pelas correntes oceanicas, chegou a nossas praias, ahi confabulou com os incolas selvagens, e d'ahi, após haver deixado erguido o madeiro da redempção — o symbolo do amor divino—o emblema da fraternidade dos homens —enviou aos povos cultos a grata noticia de que mais uma região longiqua fôra accrescida ao mappa já grandioso das possessões lusitanas.

Muitos escriptores ha e de nota, que attribuem a *Vicente Yanez Pinson* a descoberta do Cabo de Santo Agostinho, em Pernambuco, a 26 de Janeiro de 1500, sendo, portanto, elle o primeiro navegador europeu que chegou a terras brasileiras quasi tres mezes antes de *Cabral*; mas, no conceito mesmo d'aquelles que assim o entendem, acceitando esta solução chronologica, «sociologicamente fallando, os descobridores do Brasil foram os portuguezes» segundo se exprime o illustrado Sr. Capistrano de Abreu. «Nos portu-

guezes inicia-se a nossa historia; por elles se continúa por seculos; a elles se devem principalmente os esforços que produziram uma nação moderna e civilisada em territorio antes povoado e percorrido por broncas tribus nomadas.»

Ora, meus senhores, o grande e sempre memoravel dia em que *Cabral* e a heroica e indefeza marúja portugueza tiveram vista de terra, a saber, como narra *Però Vaz Caminha*, testemunha presencial,—primeiramente de um grande monte mui alto e redondo e de outras serras mais baixas ao sul d'este e de terra chan com grandes arvoredos, ao qual monte alto o capitão poz nome o monte Paschoal e a terra—terra de Vera-Cruz—foi uma quarta-feira—22 de Abril de 1500. E é sabído que o pontifice Gregorio XIII, pela bulla de 25 de Fevereiro de 1582, para fazer desapparecer o erro do *Calendario Juliano*, que dava ao anno solar 365 dias e 6 horas, ordenou que o dia 5 de Outubro de 1582 fosse considerado como o dia 15, passando assim a corresponder a 3 de Maio o dia 22 de Abril dos annos que áquelle succedessem. Por isso é que hoje, quatrocentos annos depois do grandioso descobrimento, aqui nos achamos reunidos!

As scenas tão variadas quão encantadoras e maravilhosas da natureza do novo-mundo; a extensão infinita daquellas florestas, onde primavera eterna vestia de flores e agalanava de delicada fronde verde, de varios tons, as arvores seculares; aquelles veios de prata e crystalinos rios, que reflectiam o asseio apurado dos habitantes primitivos desta região; o sereno azul do firmamento, onde fascinava os olhares attonitos aquella majestosa constellação,que lembrava a vera-cruz--cuja invocação inspirou ao capitão *Pedro Alvares* o nome do paiz por elle descoberto; a docilidade, a confiança

dos indigenas, que tanto pasmo causaram á gente dos navios portuguezes; a cruz plantada sobre a terra então desconhecida á religião de Christo e aos beneficios da civilisação, e recebida pelos selvicolas entre signaes de prazer extraordinario: tudo isso concorria para que as noticias enviadas ao rei venturoso, — a D. Manoel, fossem avivadas pela phantasia dos missivistas e procurassem de alguma sorte attrahir a attenção de Portugal para as maravilhosas terras recem-descobertas.

Grande, porém, era a preoccupação pelas riquezas e pelas coisas da India, para que o monarcha portuguez se lembrasse da terra de Vera-Cruz; e largo periodo correu, durante o qual esteve entregue ás ambições e tropelias dos piratas esta região, antes que Portugal se lembrasse de aproveital-a e cultival-a.

Criminosa indifferença, imprevidencia fatal dos governos que, sabendo repleto o erario publico, descuram das riquezas que um bem dirigido labor devera auferir de novos emprehendimentos, da exploração de veios quasi desconhecidos!

O oiro do Oriente, meus senhores, deslumbrava a côrte portugueza; e o páo-brasil, não obstante a purpura que o revestia, não tinha as scintillações do metal que se impunha ao mercado dos grandes povos.

A empreza do Gama fôra extraordinariamente festejada no Reino; o capitão *Pedro Alvares Cabral* não attraira a nomeada que só mais tarde lhe foi concedida, quando a injustiça implacavel da historia proferiu sua decisão indefectivel.

Se el-rei D. Manoel e as altas personagens dirigentes dos destinos de Portugal pudessem entrever no futuro o premio de seu descuido e de sua impericia, abandonando a descoberta de *Cabral*; e

pudessem tambem, por um contraste notavel observar como os productos de uma actividade bem applicada surgem, sem embargo dos tropeços da má vontade e dos descuidos da decidia; se dado fôra aos magnatas da côrte de Lisboa, tendo á frente o seu feliz monarcha, ler no porvir os hieroglyphos indecifraveis da sorte, teriam as desillusões da conquista da India, que tanto sacrificio custou, servindo apenas ao engrandecimento do imperio britannico em terras do Oriente, reservadas a Portugal pequenas possessões pobres, desamparadas, em crescente decadencia naquellas mesmas paragens onde brilharam—fulgidas constellações de incomparavel brilho—a miraculosa energia de Affonso de Albuquerque e a caridade evangelica de S. Francisco Xavier: «Affonso de Albuquerque, em 1503, funda em Coulan a primeira feitoria portugueza; e já por brilhantes victorias, em que a moderação do vencedor era igual ao denodo do combatente. já por uma diplomacia habil e uma bondade inexcedivel, concluia tratados com os principes indigenas, lançava os fundamentos do grande imperio portuguez nas Indias, sendo o centro das operações a cidade de Goa.»

O jesuita santo, Francisco Xavier, auxiliava os planos gigantescos de Portugal, dando incremento á obra do Evangelho, pela predica ininterrupta, pelo exemplo edificante e pelos prodigios innumeros de sua caridade ardentissima. Duzentos annos depois, em 1706, entraram os inglezes na posse de Ceylão, assenhorearam-se logo da India, deixando a Portugal a cidade de Goa e um pequeno territorio, Damão e Diu, logares de secundaria importancia!

As selvas brasileiras—o encantado Pindorama dos nossos indigenas,—meus senhores, tinham caido em esquecimento: cessou porém um dia a

apathia letal, o mundo novo começou a interessar ás côrtes européas e Portugal sentiu a necessidade instante de cuidar da sua colonisação.

Iniciou-se pelos religiosos da ordem de S. Francisco, á qual pertencera Fr. Henrique de Coimbra —o celebrante da primeira missa em terras do Brasil, o trabalho da catechese—mais tarde confiado por D. João III, successor de D. Manoel, aos discipulos de Santo Ignacio de Loyola.

Desbaratados os primeiros missionarios, morto ás mãos dos Cahetés o primeiro bispo Pedro Fernandes Sardinha, nem por isso esmoreceu o alento aos obreiros do Evangelho, o inspirador dos Portuguezes daquelles tempos de fé e nobreza; e é incontestavel que aos jesuitas deveu o Brasil colonial as primicias de seu progresso moral, a cultura das letras e das artes, e até o primeiro brado contra a escravidão e — o que mais é—as primeiras prophecias de sua independencia. Nobrega, Anchieta, Aspicuelta, Navarro, Antonio Vieira, e tantos outros, ahi vivem nas fulgurações da historia, attestando a pujança do talento e os ardores da Fé, que tanto faziam realçar as conquistas dos Portuguezes.

Thomé de Souza, Mem de Sá, João Fernandes Vieira e cem outros destacam-se como vultos heroicos, symbolisando a previdencia e a prudencia ou a intrepidez e a coragem dos lusitanos, quer edificando cidades, quer defendendo a colonia das invasões dos inimigos.

As guerras contra os hollandezes e as luctas sangrentas com os francezes bem demonstram quanta energia e perseverança havia naquelle altivo povo, que se não deixava quebrar pelas difficuldades da guerra, e muitas vezes pela incontestavel superioridade das armas e da tactica dos estrangeiros, contra os quaes combatia: bas-

tando-nos citar aquella passagem em que o Bispo Marcos Teixeira «tendo por arma apenas uma cruz, reuniu em torno de si um pugillo de homens bravos e intrepidos, e marchando para esta cidade do Salvador, preparou aquella celebre jornada em que os hollandezes, sem embargo da sua bravura, foram destroçados por Francisco Padilha.»

A figura lendaria de Caramurú, ao qual se ligam o nome e a historia da formosa princeza das tribus que dominavam as terras onde Thomé de Souza levantou esta cidade — a Paraguassú gentil e dadivosa; João Ramalho estabelecendo em S. Paulo uma nova raça possante, da qual mais tarde sahiram os bandeirantes aventurosos; merecem ser estudados conscienciosamente e podem por si sós attestar que tanto valia o patriotismo portuguez quanto queria.

Muitas atrocidades, oriundas da dissolução dos costumes e da ambição desenfreiada dos aventureiros exploradores, macularam mais de uma pagina da nossa historia colonial, envilecendo os pergaminhos de degenerados fidalgos da metropole. Mais de uma vez o patibulo recebeu aquelles que, por um bem entendido e reflectido plano, ou exaggerado sonho de liberdade, haviam preconizado a independencia brasileira. Mesmo nesta cidade o padre Abreu e Lima e seus cpmpanheiros regaram de sangue o Campo dos Martyres: e pobres artifices enthusiastas da revolução franceza, foram na Praça da Piedade, ha pouco mais de um seculo, trucidados, sendo chasqueados (!!!) ainda depois de sua morte, por seu ridiculo jacobinismo!

Mas que povo logrou eximir-se a estas miserias e não foi cruel mormente quando a paixão politica ou as dissenções religiosas eram o motivo da lucta?

Fez-se pouco e pouco, mui lentamente, o nosso

processus de cultura: difficilmente se nos apparelharam escolas, só muito tarde se abriram os portos ao commercio internacional. Mas, a quem é dado accelerar ou retardar a evolução a que fatalmente obedecem as instituições de cada povo?

Independe a civilisação do poder dos seus chefes ou dos desvarios dos demagogos, Bonaparte, com um poder immenso, imagina pôr-se em antagonismo com seu tempo, pretendendo resuscitar o despotismo militar e vê cahir a sua obra como fôra «um edificio de neve sobre um solo ardente», na phrase concisa e feliz de De Bonald».

E' incontestavel que a união dos brasileiros com os portuguezes, estabelecendo na familia brasileira os costumes, os habitos, as crenças, as tradições, as tendencias da raça lusitana, o nosso caracter muito se resentiu da influencia preponderante da metropole; e por uma sympathia tão espontanea quão arraigada, do mesmo modo que os brasileiros colonos se interessavam pelas victorias da metropole, e fóra dos limites do Brasil se batiam valentes contra os inimigos de Portugal, tambem os portuguezes, por occasião de nossa independencia, ou depois della, como na guerra contra o Paraguay, hão dado provas sobejas de quanto amam a esta segunda patria, tendo levado muitos a sua dedicação, nas luctas de nossa emancipação politica, ao ponto de receber sobrenomes verdadeiramente brasileiros. O Brasil não conta entre seus estadistas de vulto um patriota mais notavel que Euzebio de Queiroz, nem temos em nossa marinha de guerra um nome mais circumdado de glorias que o do Almirante Barroso.

As faltas de Portugal — metropole não foram maiores que os beneficios outorgados por sua civilisação occidental: quando foi proclamada a nossa

independencia, já o Brasil possuira em filhos seus notaveis cultores das sciencias, das letras e das artes; ora, é irrecusavel que tal não se deu senão em virtude do concurso do reino portuguez.

Não me proponho, meus senhores, e nem para isso tive o tempo indispensavel a ligeiro preparo, não me proponho historiar-vos todos os factos, os acontecimentos mais palpitantes, da nossa vida colonial, para justificar o meu asserto relativo á influição benefica e civilisadora de Portugal sobre nossa patria. O que vos affirmo, sim, é que mais estreitos se mostram os laços de cordialidade e sympathia entre as duas nações, sendo ainda hoje o Brasil,—a terra que tão insignificantes cuidados mereceu a El-Rei D. Manoel, o campo mais feraz e extenso em que se desdobra a actividade industrial e commercial dos portuguezes, que daqui transmittem á mãe patria milhares de recursos, para o aformoseamento e o saneamento de suas cidades, para a exploração de suas ferrovias, para a expansão de sua industria agricola, em summa, para todos os ramos de seu progresso e de sua grandeza.

O Brasil, meus senhores, cresceu, desenvolveu-se, luctou por sua autonomia, conquistou a sua independencia, constituiu-se estado livre na livre America; e desfraldando nos ares o pavilhão auri-verde,

> "estandarte que a luz do sol encerra
> "e as promessas divinas da esperança,,

pode ver, sem odios, desdobrardas ao mesmo céo, agitadas pelas mesmas brizas, as gloriosas quinas portuguezas, lembrando-se que sob a immortal bandeira da terra de Viriato, Gama, e Albuquerque, recebeu os favores da civilisação do Occidente, civilisação verdadeiramente latina, ex-

pandindo-se na suavidade e na opulencia do idioma;—na fina e bem combinada contextura das leis para a energia das instituições do Direito; —na brandura dos costumes, para a qual muito concorreu a religião de Christo;—na coragem em frente ás adversidades, e até numa certa confiança inexplicavel no *imprevisto* — cujas mãos tomam ás vezes os destinos das nações, norteando-as a seu bel-prazer, e impellindo-as para rumos, até á vespera, nem de leve entresonhados.

E tudo isto se liga intimamente á gloriosa data que hoje festejamos, prendendo-se no ultimo anno do seculo XIX as acclamações do Brasil culto e independente, áquelles que os selvagens tupiniquins, ao expirar o seculo XV, faziam aos navios da afortunada expedição de *Pedro Alvares Cabral.*

Um ardente patriota e inspirado vate lusitano, descrevendo os ultimos momentos de Affonso de Albuquerque, põe nos labios já resfriados do heroe as seguintes palavras:

> "E se avistardes um dia
> a D. Manoel—o Feliz—,
> dizei-lhe que na agonia
> Albuquerque o não maldiz."

Era o esquecimento, o abandono do servidor leal nos transes derradeiros, que fazia o grande heroe enviar palavras de perdão ao monarcha que lhe olvidara os serviços. O capitão lusitano, o grande navegador a quem cabe os louros do descobrimento do Brasil, pois foi quem o apresentou á historia e lhe deu o baptismo da christandade, dos paramos eternos, aonde nos contempla, não nos poderá dirigir phrases que envolvam perdão ou tristezas; o Brasil, quatro seculos depois de sua descoberta reverente se mostra

e agradecido, bemdizendo a memoria da briosa e feliz expedição portugueza que, em 9 de Março de 1500, partindo do Tejo, foi pela Providencia impellida a estas plagas.

A Republica brasileira e o Reino portuguez, bandeiras desfraldadas aos quatro ventos, approximam-se do tumulo modesto e glorioso do descobridor do Brasil, proclamando á face do universo, sua benemerencia, sua immortalidade, resgatando assim uma divida imposta pela historia —oraculo indefectivel da humanidade—á gratidão nacional. *(Applausos geraes).*

DISCURSO

DO SR.

DAMASCENO VIEIRA

Sr. Presidente:
Srs. Consocios:
Meus Senhores:

Lembrar a data do Descobrimento do Brasil é remontar o espirito á missão excepcional que nos seculos XV e XVI desempenharam os portuguezes perante a historia, conseguindo, por meio de extraordinarias e gigantescas expedições, dar á humanidade a posse completa de nosso planeta.

A escola naval de Sagres, collocada na extremidade do Cabo de S. Vicente, foi o ponto de partida dos descobrimentos maritimos com que um pequeno paiz, de modestas proporções territoriaes, ampliou as cartas geographicas daquelle tempo e pelo arrojo de seus feitos, assombrou o mundo, impondo-se aos applausos da posteridade.

Creando a escola de Sagres, D. Henrique, illustre filho de D. João I, identificado com a Renascença que se operava em todos os departamentos do saber humano, tomou a si o alto empenho de, atravez dos perigos inventados pelas

lendas, proceder a explorações minuciosas em toda a costa occidental d'Africa.

O cabo denominado *Não*, situado na extremidade da cadeia do Atlas, era o phantasma que se erguia, como petrificadora cabeça de gorgona, deante dos nautas que pretendiam desvendar a parte maritima do continente negro.

Quem ousava ultrapassar a barreira fatidica?

Corriam na voz popular affirmações temerosas. Dizia-se que nos tropicos, na zona cortada a meio pelo circulo do Equador, existia paragem que, por sua elevadissima temperatura, tornava materialmente impossivel a existencia humana.

A zona torrida ardia em flammas, erguendo nuvens de fumo sobre o dorso encapellado do Atlantico, e estendendo sobre o immenso areal da Africa suffocante lençol de reverberações ardentes. Povoava-se o mar de monstros formidaveis, que interceptavam a passagem dos navegantes. Verdenegras ondas, fustigadas pelo latego das tempestades tremendas, iam, ululantes como feras, arrojar-se de encontro à prôa das náos atrevidas, que commettiam a temeridade de pretender perscrutar os pavorosos arcanos do *Mar Tenebroso*.

Era esta a visão espectral patenteada aos olhos dos navegadores, visão a que o povo imprimia exaggeradas formas, com as ficções da mythologia grega!

Só um espirito superior, completamente liberto de prejuizos e de temores supersticiosos, sentiu-se apparelhado de força herculea para offerecer combate ao oceano e, após renhidas pugnas, subjugal-o e vencel-o sob a quilha das náos.

O genio emprehendedor de D. Henrique, à semelhança de pharol altissimo que de Sagres irrompesse o espaço, desfez em jorros de luz as sombras em que mysteriosamente se envolvia o Atlantico.

Congregando n'aquella escola os mais illustres pilotos europeus, dentre os quaes devia immortalisar-se Christovão Colombo; compulsando escriptores antigos, como Strabo e Ptolomeu, e modernos, como Marco Polo e Averrhóes; mandando construir embarcações capazes de arrostar perigosas travessias; offerecendo recompensas honrosas aos mais afoutos de seus marinheiros, o principe conseguiu que fosse abraçada com enthusiasmo a grandeza de seu plano.

Sob o prestigioso influxo de sua iniciativa, um moço fidalgo de sua casa, Gil Eannes, possuido de coragem heroica, fez-se ao mar em 1434; consegue dobrar o lendario cabo *Não* e em seguida o *Bojador*.

De volta, offerece ao principe rosas colhidas a muitas leguas ao sul do segundo cabo: em retribuição a essas flores, que representam os louros da primeira conquista, D. Henrique, irradiante de gloria, premeia a dedicação e o valor de Gil Eannes fazendo-o cavalheiro da ordem de Christo.

Quebrado o encanto do tenebroso mar, succedem-se as expedições com tenacidade patriotica.

Todo o seculo XV é occupado em descobrir archipelagos, bahias e rios do grande territorio, que até então jazia impenetravel à investigação européa.

Dentre os bravos navegantes, destacam-se dois vultos notaveis: Bartholomeu Dias, o intrepido triumphador do Cabo Tormentoso, e Vasco da Gama, o almirante egregio que, atravez de innumeros perigos, conseguiu aportar ás Indias— façanha que, por sua relevancia, mereceu perpetuar-se nas fulgurantes paginas da mais gloriosa epopéa dos modernos tempos. Em nenhum poema, senhores, vibrou ainda, mais communicativo e mais forte, o amor da patria!

Tão grande como Homero a cantar a bravura dos heróes que combateram deante dos muros de Troya; tão majestoso como Virgilio a memorar as extraordinarias aventuras de Enéas; tão sublime como Dante a crear imponente galeria de personagens que povoam inferno, purgatorio e paraiso, engolfando-nos a mente em successivos assombros, —Luiz de Camões fez de sua patria um idolo portentoso, que foi collocar sobre o altar dessa cathedral sumptuosa que intitulou *Os Lusiadas!*

Para consolidar o dominio portuguez n'Asia e estabelecer ahi fortes relações commerciaes, D. Manoel fez apparelhar grande esquadra, que, sob o commando de Pedro Alvares Cabral, deixou a barra de Lisboa a 9 de Março de 1500.

Guiado por instrucções que recebera de Vasco da Gama, o almirante, ao chegar ás ilhas de Cabo Verde, tomou o rumo de oeste, para evitar as calmarias da costa e melhor contornar o cabo da Boa Esperança. A frota foi então arrastada pela corrente oceanica ou pelagica—phenomeno desconhecido n'aquella época—e dentro de um mez atravessou o Atlantico.

A 21 de Abril começam os navegantes a encontrar signaes de terra proxima—plantas desprendidas do continente e corvos marinhos, semelhantes a gaivotas, cujo bater de azas parece dirigir-lhes saudações pela boa vinda e convidal-os alegremente a visitar a nova terra.

No dia 22 de Abril de 1500 avistam os expedicionarios um monte alto e redondo, que o chefe denomina *Paschoal*, por se acharem no oitavario da Paschoa; á terra dá elle o nome de *Vera-Cruz*. Porque, senhores? A historia é omissa n'esta particularidade.

Não o explica a monumental carta do escrivão Pero Vaz de Caminha, nem a do *Piloto Por-*

tuguez, nem a do physico e cirurgião-mór d'el-rei, bacharel mestre João Emenelão. Quero, porém, persuadir-me de que Cabral adoptara o nome de *Vera-Cruz* porque na noite da vespera do descobrimento contemplára no céo original disposição de estrellas em fórma de uma cruz.

Cruz real e não imaginaria como aquella que em sonho appareceu ao rei D. Affonso Henrique e decidiu da sorte de uma batalha! Cruz verdadeira, vera-cruz, inapagavel, indestructivel, eterna, a fulgurar como enormes diamantes atravez da noite de todos os tempos! (*Applausos*).

Lembrando a data e o imprevisto acontecimento que attrahiu para o gremio da civilisação extensissima região povoada por tribus selvagens, um brado de reconhecimento se levanta por parte da geração hodierna:

—Salve, terra grandiosa e hospitaleira, que ha quatro seculos acolheste os navegantes europeus com festas e danças, com todas as expansões de alegria que irrompem de corações generosos!

A franqueza e illimitada confiança que revelaram os teus indios *Tupiniquins*, a ponto de conduzirem os hospedes ás suas proprias cabanas, cumulando-os de presentes, são os mesmos sentimentos que te ennobrecem, ó espartana Bahia, prestigiando-te aos olhos de quantos procuram refrigerio á sombra de tuas arvores seculares e estudo no seio de tuas instituições litterarias e scientificas!

Escolhestes, illustres consocios, o dia 3 de Maio para inaugurardes o edificio do *Instituto Geographico e Historico da Bahia*. A que factos interessantes prende-se a faustosa data! 3 de Maio, equivalente pela reforma do calendario Juliano, a 22 de Abril! 3 de Maio, dia memoravel, em que a civilisação, tripulando uma armada de 12 navios,

veiu do oriente para occidente, acompanhando a marcha apparente do sol, trazer a esta região a suavidade dos costumes e os salutares influxos da fé, symbolisada por essa cruz, deante da qual officiou frei Henrique de Coimbra, sob o sussurro mysterioso das ondas, a cobrir de rendas espumantes os recifes da bahia Cabralia! (*Applausos*)

Dia que assignalou á humanidade agigantado passo no caminho do progresso, porque abriu a Portugal amplos horisontes a seus dominios; porque d'esse momento em deante foram lançados n'esta terra os germens da liberdade—arvore colossal que alastrou por todo o paiz as raizes vigorosas e ergueu para o céo, como herculeos braços, os ramos exuberantes de seiva e opulentos de fructos!

Liberdade de commercio para com todas as nações, arrancada pelo illustre bahiano Visconde de Cayrú á indecisão de D. João VI!

Liberdade dos filhos de mulher escrava, proclamada por outro bahiano benemerito, o Visconde do Rio Branco! Liberdade total e incondicional dos captivos, imposta pela vontade do povo á sancção imperial! Liberdade, finalmente, na fórma de governo, ambicionada por todos os espiritos cultos, e traduzida em facto pela bravura e pelo patriotismo de um militar! (*Applausos.*)

3 de Maio! dia de acatada memoria para todos os bahianos que cultivam ou prezam letras!

Ha 44 annos, senhores, um grupo de homens illustrados, vinculados pelo mesmo pensamento e pelo mesmo sentir, lançou as bases de um *Instituto Historico Provincial*, destinado a colligir, archivar e publicar tudo quanto de precioso existe disseminado pelas bibliothecas e pelos archivos d'esta grande capital — documentos de valor inestimavel que convém libertar dos

estragos do tempo e da obscuridade em que jazem, para serem expostos á luz da imprensa como subsidios á historia da Bahia e fortes elementos de estudos á historia patria.

Recordar os nomes d'esse pugilo de patriotas, é dever e homenagem da geração contemporanea e especialmente do actual *Instituto* que, nos 6 annos que hoje conta de extstencia, ampliou, de modo admiravel, a idéa de seu venerando antecessor.

Citemos, senhores, como assistentes a esta festa da intelligencia, seis vultos apenas, como representantes da illustre corporação que findou, sem nos legar vestigios de sua passagem, á semelhança de formosa galera, que, assaltada por irresistivel cyclone, sossobrou em alto mar, arrastando ao abysmo os tripolantes e todos os thesouros accumulados durante annos de porfiadas luctas!

Passam deante de nós augustas sombras circumdadas da aureola de luz que se desprende de seus trabalhos litterarios: é o illustrado arcebispo D. Romualdo Antonio de Seixas, marquez de Santa Cruz, uma das mais altas capacidades do clero brazileiro, personalidade que em seus sermões nos legou um monumento; é o Dr. Agrario de Souza Menezes, poeta e dramaturgo a quem a Bahia coroou em scena, como preito ao seu talento extraordinario; é o Dr. Abilio Cesar Borges, o educacionista incansavel, o escriptor didactico que mais livros espalhou gratuitamente por todas as escolas publicas de nosso paiz, como enxames de passaros a cantar aos ouvidos das creanças hymnos ao progresso da instrucção popular: é José Pedro Xavier Pinheiro, o arrojado poeta que sentiu-se com força para interpretar o divino Dante e traduziu para a lingua vernacula as pavorosas

scenas do *Inferno*, as depurações redemptoras do *Purgatorio* e a glorificação de Beatriz no *Paraizo*; é o Conselheiro Dr. Jonathas Abbot, um dos maiores anatomistas que têm honrado os amphitheatros brazileiros e a quem a illustrada Faculdade de Medecina da Bahia honrou, dando ao gabinete de anatomia o titulo de *Gabinete Abbot*; é finalmente o benedictino illustrado, o coração magnanimo que em occasião do perigo abandonou a sua cella de estudos para ir aos inhospitos campos do Paraguay levar os confortos da religião aos heroes feridos em combates: é o orador que subiu, nas azas da eloquencia ás regiões do pathetico, quando no mosteiro e S. Bento do Rio de Janeiro, fez o elogio da bravura do coronel Fernando Machado, morto em combate; é o monge, cuja facundia attingiu ao sublime, quando rendeu tributo á memoria de D. Romualdo: é, emfim, aquelle de vossos consocios que, ao inaugurar-se este *Instituto* em Maio de 1894, suggeriu a idéa de ser esta associação considerada brilhante prolongamento do *Instituto Historico Provincial*, para que uma e outra idéa, nascidas no mesmo solo bahiano, abraçadas passassem á posteridade Sabeis, senhores, que faço respeitosa referencia á sombra gloriosa que teve entre nós o nome de Frei Francisco da Natividade Carneiro da Cunha! (*Applausos*).

O que estes homens de reconhecido merito não puderam conseguir, pelas circumstancias precarias que atravessaram, vós o realisastes, illustres consocios, obtendo por compra este predio que dará ao *Instituto* a duração que lhe é propria—a duração do monumento!

Venho cumprir o dever de saudar-vos, com toda a abundancia de meu patriotismo, n'esta occasião em que commemoraes litterariamente o 4.º centenario do descobrimento do Brazil, o

6º anniversario da installação do *Instituto Geographico e Historico da Bahia* e a inauguração d'este edificio, que representa mais uma corôa de victoria a enaltecer os gloriosos trophéos da *Princeza das Montanhas*!

Agora, que a vossa idéa adquiriu fórma, capaz de atravessar seculos, que esplendidos horisontes se não vão abrir aos vossos estudos e ao vosso amor pela diffusão de conhecimentos historicos!

A' semelhança dos antigos templos do Egypto e da Grecia, cujas portas enfrentavam o sol, para que a luz os revestisse de maior solemnidade, este bello edificio—templo de Minerva sapiente—recebe em cheio os raios solares, e o astro-rei, como um Deus fecundo, fonte de calor e de vida, inundando-o de pulverisações de ouro, ha de incutir enthusiasmo no coração dos devotados levitas, fazendo-lhes desabrochar do cerebro flores litterias, como aquelles mimos de vegetação que a natureza esparge pelos campos em dias de primavera! (*Applausos*).

Prosegui, confiantes no futuro, esforçados consocios que ha seis annos propagaes nas paginas da *Revista do Instituto* variados e bellos estudos sobre historia patria e especialmente sobre a historia d'esta grande terra—primeiro scenario em que os portuguezes representaram imponente papel no drama historico da civilisação occidental; primeira cidade que, por seu adeantamento, mereceu a honra de ver-se constituida séde dos governadores geraes!

Como homem de letras e como membro do *Instituto Historico e Geographico Brazileiro*, associação que conta 62 annos de benemerita existencia, eu dirijo fervorosos incitamentos ao vosso progresso!

Salve! pelo que no passado fizeram os illustres ba hianos, vossos predecessores!

Salve! pela victoria que conquistastes no presente, impondo o vosso edificio ao apreço e à admiração de todos os espiritos elevados!

Salve! pelas glorias que ides alcançar no porvir, fazendo d'esta instituição mais um fóco de luz a illuminar a estrada por onde a Republica Brazileira terá de caminhar, coberta de nossas bênçãos e festejada pelos applausos triumphaes de nossos filhos! (*Prolongada salva de palmas*).

EPHEMERIDES CACHOEIRANAS

POR

Aristides A. Milton

SETEMBRO

1º de Setembro

—Em 1817, o rei de Portugal, nosso soberano então, mandou que o Conde de Arcos lhe informasse —*qual o verdadeiro rendimento do officio de thesoureiro dos defuntos e ausentes*, nesta cidade, que ao tempo era villa.

Parece que a maquia valia a pena, e tinha enchido os olhos aos gananciosos da época . . .

—Em 1826, foi descoberta, e cercada pela policia, uma fabrica de moeda falsa de cobre, vulgarmente conhecida por *chenchen*, que funccionava no engenho Paty, da freguezia do Oiteiro-Redondo, então do termo e comarca desta cidade.

A força, encarregada da diligencia, que foi corôada do melhor exito, marchou sob o commando do tenente Theodorico das Virgens, official do batalhão da Torre de Garcia d'Avila.

Vieram presos—Domingos Fernandes, ferreiro, Carlos José Coelho, Sebastião Francisco Souto Guerra, e mais alguns outros, que trabalhavam na mencionada fabrica.

—Em 1871, falleceu, contando 90 annos de edade, o padre Manuel Teixeira, que primeiro se chamara Manuel Teixeira de Sant'Anna.

Fôra zeloso vereador da camara municipal, e na epidemia do *cholera-morbus* prestou serviços importantes á população flagellada.

Apezar de ser o vigario foraneo, e servir muitas vezes como encommendado na parochia de Nossa Senhora do Rosario, desta cidade, jámais conseguira ser collado nella; muito embora fosse este o seu sonho constante, e houvesse empregado para realizal-o o mais ingente esforço.

Caprichos do destino!

2 de Setembro

—Em 1825, foi publicado este decreto, que é dos mais curiosos com certeza:

«Não se verificando nesta côrte (Rio de Janeiro) os motivos que na de Lisbôa fizeram necessario o alvará de 2 de Abril de 1762, pelo qual se determinou que nenhuma pessoa, de qualquer condição que fosse, podesse andar uma legua della em carruagem de mais de duas bestas:

Hei por bem ordenar—que, sem embargo do dicto alvará, ou de outra qualquer ordem em contrario, todas as pessoas que gozam do tratamento de excellencia possam nesta côrte andar em carruagem de quatro bestas.

Estevão Ribeiro de Rezende, do meu Conselho, ministro e secretario de Estado dos negocios do imperio, o tenha assim entendido, e faça executar. Paço, em 2 de Setembro de 1825, 4º da independencia e do Imperio.—Com a rubrica de S. M. o Imperador. —*Estevão Ribeiro de Rezende.*»

Louvado seja Deus!

Para andar puxado a quatro bestas, nesta nossa terra, já foi preciso um decreto imperial, e se ter excellencia! O facto desafiou por aqui commentarios muito engraçados.

—Em 1897, se manifestou nesta cidade, então despercebida, o primeiro caso de variola, importada da capital do Estado, onde estava a peste dizimando a população.

Comquanto a municipalidade mandasse abrir um *lazareto* para tratamento dos doentes pobres, fizesse vir um medico e auxiliares da repartição de hygiene para o trabalho das desinfecções, e contribuisse efficazmente afim de que se procedesse á vaccinação e revaccinação em larga escala, ainda assim a epidemia se prolongou até ao mez de Julho do anno seguinte, victimando cerca de 200 pessoas.

3 de Setembro

—Em 1823, o Governo provisorio da Bahia deu ordem ao juiz de fóra da villa de Maragogipe, que depois fez parte da comarca desta cidade, para remetter preso até áquella capital o general P. Labatut, que se achava detido na cadeia da mesma villa, e devia ser apresentado no Rio de Janeiro.

—Em 1872, finou-se o cidadão Epiphanio José de Meirelles, com 35 annos de edade.

Tinha estudado humanidades, e cultivava com muito gosto a litteratura amena.

Esparsos por alguns jornaes e revistas, como o *Brazil Historico,* deixou elle composições ligeiras, que attestam aliás o seu amor ás lettras.

Em 1868, havia sido nomeado supplente do delegado de policia desta cidade.

—Em 1889, recebeu esta cidade a visita do senhor Conde d'Eu, consorte da princeza imperial senhora D. Izabel, herdeira presumptiva da corôa, quando a corôa era a instituição culminante neste paiz.

Teve acolhida cuidadosamente preparada pelo partido liberal, que então governava, e foi hospedado na mesma casa, que poucos mezes depois agasalhava o Dr. Manuel Victorino Pereira, primeiro governador do Estado Federado da Bahia, que faz parte da Republica Brazileira.

Coincidencia, digna de menção!

4 de Setembro

—Em 1700, o senado da camara desta cidade, então villa, se lembrou de fixar o preço da louça nacional, exposta á venda no mercado.

Por signal, que a um pote grande taxou-se o preço de 50 réis.

Hoje, dois seculos depois, um pote egual vale 640 réis.

5 de Setembro

—Em 1840, chegaram a esta cidade o principe de Joinville e muitas pessoas de sua comitiva, que a bordo do *Belle-Poule* e do *Favorite*, ancorados então no porto da Bahia, conduziam de Santa Helena para a França os ossos de Napoleão I.

Causou muita admiração—ver-se o Conde de Lascasas comer bananas com casca e tudo, ao jantar, no vapor que o trouxera até aqui. Mas, foi exactamente assim, que o illustre titular poude demonstrar o apreço, que dera á saborosa fructa, tão rara então nas estufas européas.

Aquelles dous vasos da marinha franceza, no dia 14, zarparam, seguindo de nossa capital para o seu destino

—Em 1849, falleceu na cidade da Bahia o general P. Labatut, que prestara á causa de nossa independencia reaes e preciosissimos serviços.

Posto que algumas vezes houvesse aberto lucta com os patriotas que nesta cidade batalhavam pela mesma idéa, se deve em todo o caso confessar—que a morte do valoroso soldado cobriu de luto e dó todos os corações verdadeiramente bahianos.

Demais, essas desavenças, embora lamentaveis, provieram simplesmente de ciumes, occasionados pela primazia, que cada qual disputava no serviço da patria brazileira.

Sepultado na egreja da Piedade, depois de pomposos funeraes para que muito concorreu a sociedade *2 de Julho*, annos depois, em 1853, os osso

de Labatut foram trasladados para Pirajá, como elle proprio pedira, *afim de fazer companhia aos seus irmãos de armas.*

—Em 1893, declararam-se em *grève* os trabalhadores da estrada de ferro *Central da Bahia*.

Tendo o respectivo superintendente augmentado 300 réis diarios ao salario, de cada trabalhador, a *grève* cessou logo.

Não foi ella, porèm, a primeira nem a ultima *parede*, occorrida nessa empreza. Em Fevereiro de 1900, por exemplo, uma outra se manifestou com caracter muito mais serio, conseguindo, então, alguns operarios das respectivas officinas, não só que fossem elevados os seus vencimentos, mas tambem que a todos fosse dada passagem gratuita pela ponte de ferro *Pedro II*.

—Ainda em 1893, falleceu na cidade da Bahia, depois de longo padecimento, o negociante portuguez Domingos Gonçalves de Oliveira, que aqui fôra estabelecido por muitos annos e conseguiu fazer fortuna.

6 de Setembro

—Em 1822, foi substituida a *Commissão* encarregada de administrar a *Caixa Militar* installada nesta cidade, então villa, pelo *Conselho interino de governo da provincia da Bahia*, que encetou seus trabalhos, funccionando no salão do hospital de S. João de Deus, convertido annos depois em Sancta Casa de Misericordia.

A idéa da creação do *Conselho* partiu principalmente de cidadãos notaveis de S. Francisco e Sancto Amaro, cujas camaras aliás tinham já representado sobre a conveniencia de se estabelecer em todas as villas da provincia commissões de administração da *Caixa Militar*, *ad instar* do que se praticara aqui.

Aventando similhante idéa, seus benemeritos iniciadores propuzeram—que o *Conselho de governo* se compuzesse de representantes das differentes villas, devendo cada uma dellas eleger o seu.

Assim se fez, sobretudo por ter sido reconhecida a necessidade de constituir um centro forte de acção, desde que o Governo provisorio da capital estava sem autoridade alguma, e não podia portanto valer á revolução.

Foi a esse Governo, entretanto, que José Bonifacio se dirigiu, por intermedio do major Montaury, prevenindo os patriotas de que *em seu apoio e para collaborar com elles pela causa proclamada estava a expedir-se do Rio forças de mar e terra.*

Serviu por consequencia, a Cachoeira de *villa capital*, onde se reuniram as forças que vinham de todos os pontos da provincia combater pela liberdade da patria.

Entre outras, a portaria de 8 de Abril de 1823 confere a esta nossa terra aquella honrosa graduação.

Pelo citado Conselho foram nomeados: capitão do porto, interinamente, o official de marinha Antonio João Pereira; cirurgião-mór do exercito—José Maria Cambuy do Valle; commissario assistente da thezouraria geral das tropas — Manuel Maria Alves Amaral; commandante militar da Cachoeira—o coronel Bento de Araujo Lopes Villasboas, que morreu Barão de Maragogipe; sub-inspector do exercito e ajudante de ordens do general em chefe—o tenente-coronel Antonio Maria da Silva Torres.

—Em 1892, falleceu com a edade de 72 annos o ex-negociante Candido Rodrigues da Silva, que affirmava ter descoberto um novo e excellente processo de fabricar o rapé. Era natural desta cidade.

7 de Setembro

—Em 1847, foi inaugurada a illuminação publica desta cidade, com os classicos lampeões para azeite de baleia.

Serviu, como primeiro administrador do respectivo serviço, o cirurgião José Caetano Alvim, que passa por ter sido o nosso major Quaresma.

Dentre as muitas pêtas, com que costumava elle regalar os seus admiradores, aqui registrarei uma

só, mas bastante para se aquilatar a força do nosso herôe.

O *Dr. Alvim*, como era elle geralmente conhecido, contava—com uma seriedade de fakir—que tinha plantado no quintal de sua casa uma aboboreira, cujo crescimento deu logar a metter ella as ramas pela janella da cozinha a dentro.

Dos fructos, que pendiam dessas ramas, diariamente se cortava o pedaço preciso para adubar a panella; e—circumstancia supinamente assombrosa—no dia seguinte os mesmos fructos amanheciam de novo inteiros, como si ninguem lhes houvera tocado!

Fale-se com franqueza: isso chega para immortalizar um homem . . .

—Em 1857, foi publicado o 1º numero de mais um periodico. Intitulava-se *Defensor Cachoeirano*, e era editado por Joaquim Tavares da Gama, que de alguns outros tinha sido já o responsavel legal, nesta mesma cidade.

—Em 1872, falleceu na cidade de Sancto Amaro, deste Estado então provincia, e onde era escrivão dos orphãos, o nosso conterraneo Egas José Guedes, com edade superior a 50 annos.

—Em 1873, foi inaugurada, nesta cidade, uma linha de *bonds*, por tracção animada. Bem poucos annos durou, naturalmente pelo pequeno lucro que deixava.

Com as carruagens o mesmo se tem dado, pois ellas ora se ostentam por cá, ora se somem daqui; sem que ao certo se saiba o motivo de taes mutações.

A ultima carruagem que rodou pelas ruas desta cidade, sem contar as que servem nas festas do Carnaval, foi vendida para a cidade da Bahia em 1892.

—Em 1890, depois de benzidos com todas as solemnidades do ritual romano, o cemiterio e a capella respectiva, pertencentes á irmandade da Misericordia, desta cidade, o vigario Heraclio Mendes da Costa celebrou, pela primeira e unica vez, em o novo sanctuario.

Unica vez, porque mais nunca o dito sacerdote disse, nem consentiu que outro padre dissesse, missa ali. sob pretexto de não se lhe pedir guia para os enterramentos.

Não obstante, o mesmo parocho acompanha os corpos que têm de ser inhumados naquelle cemiterio, não se recusando mesmo a encommendal-os dentro da capella condemnada.

O alvitre da irmandade, entretanto, foi tomado por força da lei que separou do Estado a Egreja; e está, demais, em perfeito accordo com o que foi proposto pela congregação dos Ritos, em 19 de Maio, e approvado pelo Papa, em 8 de Junho de 1896.

8 de Setembro

—Em 1716, nasceu na freguezia de S. Gonçalo dos Campos, então do termo, e ainda hoje da comarca desta cidade, o padre Miguel Luiz Teixeira, escriptor primoroso e orador sacro de primeira plana

Foi vigario geral, e provisor, do bispado de Algarves.

—Em 1882, perante o Conselho interino do governo da Bahia, cuja séde era nesta cidade, então villa, compareceram a camará municipal, as autoridades ecclesiasticas, civis e militares; e todas, pondo a mão direita sobre os Sanctos Evangelhos, juraram obediencia á sua alteza real o regente constitucional do Brazil, e seu protector e defenror perpetuo; fidelidade á causa do Brazil; e obediencia tambem ao Conselho de governo da Bahia.

Cento e setenta e quatro cidadãos assignaram a acta, que por essa occasião se lavrou.

—Em 1839, chegaram os capuchinhos Fr. Ambrosio de Rocca e Fr. Candido de Toggia, para abrir aqui os exercicios da *Sancta missão*.

Chrismaram elles 1.804 pessoas e conseguiram que se effectuassem 55 casamentos.

Os dois missionarios percorreram, depois, todas as freguezias visinhas, no exercicio do seu ministe-

rio, colhendo a religião e a moral resultados preciosos d'essa villegiatura apostolica.

Foi em 1858 que houve nesta cidade a derradeira *Missão*, tendo então prégado os padres lazaristas.

—Em 1866, finou-se o Dr. Joaquim Gregorio de Souza, desde muitos annos promotor publico da comarca desta cidade.

Além de ser um homem de talento, o Dr. Gregorio possuia o dom maravilhoso de se fazer comprehender por todos os jurados, ainda os mais ignorantes, de que aliás outr'ora o numero era crescido. Servia-se para isto de linguagem chan, que ás vezes tornava-se vulgar de mais.

—Em 1891, falleceu no districto da Conceição da Feira, do municipio desta cidade, o estimado cidadão Marcellino Pereira Mascarenhas, agricultor muito conhecido e membro de uma das mais antigas familias do logar.

Era maior de 70 annos.

9 de Setembro

—Em 1713, o senado da camara desta cidade, então villa, determinou—que ninguem salgasse peixe com *sal da terra*, mas exclusivamente o fizesse com o que era importado de Portugal; salvo, não havendo deste á venda.

A pena, imposta aos contraventores desta.... postura, era de 30 dias de prisão e multa de 1$000 ainda em cima.

Assim, protegia a metropole a industria... nacional.

—Em 1869, succumbiu nesta cidade, victimado por uma apoplexia fulminante, o tenente-coronel José Antonio de Araujo Lima.

O finado fôra, durante muitos annos, negociante de fumos; e havia exercido varios cargos publicos, entre os quaes o de vereador da camara municipal e o de commandante de um batalhão de guardas nacionaes.

Tinha perto de 60 annos de edade, e era muito estimavel por seu genio prestimoso.

10 de Setembro

—Em 1847, chegou ao porto desta cidade uma canôa que, tendo partido da povoação da Passagem, perto do Andarahy, nas Lavras Diamantinas, descera pelo Paraguassú, cuja navegabilidade dá cachoeira para cima se procurou d'est'arte estudar.

Depois de pequena demora, a canôa voltou com um carregamento de seccos e molhados; mas teve que vencer sérias difficuldades para subir os trechos encachoeirados do rio.

Em 1860, quando uma secca tremenda devastou todo o sertão deste Estado, veio da povoação de João Amaro outra canôa buscar mantimentos a esta cidade.

Os ensaios, assim tentados, não deram bom resultado; do que proveio a idéa de se construir a estrada de ferro *Central da Bahia*, que já presta áquella zona bem bons serviços e os pode prestar maiores ainda.

—Em 1855, falleceu na cidade da Bahia, victimado pelo *cholera-morbus* epidemico o brigadeiro Rodrigo Antonio Falcão Brandão, proprietario de engenhos de assucar e residente no districto de Iguape, do municipio desta cidade.

Fôra—por muitos annos—commandante superior da guarda nacional, e o Governo para reformal-o neste posto, cedendo á exigencias partidarias, o agraciou com o titulo de Barão de Belém, a que aliás o esforçado bahiano nenhuma importancia deu.

Cavalheiro, de muito valor, e francamente popular, o brigadeiro Rodrigo Brandão encheu uma grande lista com os serviços, que soube prestar á patria. Seu nome impõe-se ao reconhecimento dos posteros, pelas fulgurações que deixou na historia nacional.

Assim foi que elle emergiu, sempre victorioso, das lutas da independencia e dos combates pela legalidade, como attesta a sua brilhante fé de officio. Nas revoluções, conhecidas na Historia, pelos nomes de *Sabinada* e *Federação dos Guanaes*, Rodrigo Brandão salientou-se por serviços memoraveis.

Um soldado tão bravo, que era ao mesmo tempo um homem de espirito fino, se deixou no entanto impressionar de tal maneira pela invasão do *cholera-morbus*, ao ponto de se poder assegurar que morreu fulminado pelo terror, que a epidemia lhe causara.

A Cachoeira bem avaliou a perda, que soffria com o desapparecimento do prestimoso cidadão.

O brigadeiro Rodrigo, além do mais, recommendava-se por seu genio alegre e galhofeiro.

Conta-se d'elle—que tendo certo dia recrutado e prendido muitas pessoas, as foi pondo em liberdade, á medida que por qualquer dellas intercedia alguem. Com tamanha condescendencia, no entanto, o fez, que dentro de poucas horas apenas um homem restava no calabouço!

O brigadeiro mandou vir á sua presença esse infeliz, a quem fallou mais ou menos assim: *Vá-se embora tambem V. pois não me serve, por ser tão desgraçado, que não encontrou em toda esta cidade quem me pedisse por si!*

De outra feita, por occasião de uma batalha eleitoral muito renhida, o brigadeiro, que abominava a politica, resolveu fazer a custa desta uma troça monumental.

E, assim, á proporção que cada um dos candidatos lhe solicitava o voto, escrevia elle o respectivo nome em uma folha de papel. E foi esta exactamente a chapa, que o brigadeiro metteu na urna no dia da eleição. Levava, porém, ella 60 nomes, em vez de 36.

Na conformidade da lei, a Meza do collegio apenas apurou os 36 primeiros nomes da cedula, ficando consequentemente prejudicados os outros.

Em todo o caso, o brigadeiro affirmava aos candidatos ter cumprido seus compromissos todos, não sendo culpado de haver a dicta Meza dado preferencias, cuja razão elle não podia apprehender. De sua parte, tinha havido a maior justiça e lealdade. Desde que todos os candidatos eram dignos e merecedores do seu voto, os fôra attendendo na ordem chronologica dos pedidos feitos. O mais corria por conta da lei.

A tradição reza—que os candidatos *manquês* tiveram de embuchar. . .

— Em 1893, as autoridades locaes iniciaram medidas rigorosas para impedir a circulação illegal de *vales*, que inundavam toda a cidade.

Havia-os desde 100 réis até 10$000 e só depois de uma luta de anno, ou mais, conseguiu-se acabar com o abuso, que fôra aliás introduzido a pretexto da escassez de moeda divisionaria.

—Em 1893 tambem, falleceu no districto da Conceição da Feira, do municipio e comarca desta cidade, o capitão Joaquim Ferreira Mascarenhas, lavrador estimado e membro de familia numerosa e conhecida.

Contava 89 annos de edade.

11 de Setembro

—Em 1823, o tenente-coronel Manuel Borburema, cumprindo a ordem constante da portaria de 3, entregou preso o general P. Labatut ao coronel Joaquim Francisco das Chagas Catête, que o conduziu, acompanhado sómente pelo ajudante Antonio Victorino da Silva Guimarães.

—Em 1864, finou-se o Dr. Ricardo Pinheiro de Vasconcellos, que era então juiz de direito.

Tinha sido, em tempo, juiz dos orphãos no termo desta cidade.

12 de Setembro

—Em 1705, attendendo ás difficuldades do tempo, o Governador offereceu aos creadores do termo desta cidade, então villa, o preço de 400 réis por arroba (15 kilos) de carne de vacca, porque muito se carecia della para abastecer a frota real, que se achava no porto da Bahia, mas precisava partir para a India.

Em 1719, ainda vigorava esse preço da carne verde, aqui.

—Em 1726, o vice-rei mandou recolher á cadeia o cabo de esquadra Silvestre de Souza Marques, por

ter este feito violencia aos presos que desta cidade, então villa, conduzira para a da Bahia.

S. Ex., communicando o facto ao respectivo juiz ordinario, dizia—*que o cabo se achava com o contrapeso de um bom grilhão, com o qual purgaria os excessos que commettera.*

E era nos tempos do absolutismo! Hoje, o cabo nada soffreria.

--Em 1795, estando em vereação, o Conselho da cidade da Bahia resolveu—que *por estarem extinctos os 12.000 cruzados que, de ordem do general D. Fernando José de Portugal, a camara desta cidade, então villa, tinha emprestado áquelle Conselho, e continuando a necessidade de se findar a obra da cadeia, se fazia indispensavel de mais 20.000 cruzados, para os quaes tinha elle expedido os competentes avisos á camara para passarem as ordens necessarias, na mesma fórma como o primeiro emprestimo.*

A ordem do general foi registrada no livro 8° folhas 217, o emprestimo se effectuou; mas não consta que os 32.000 cruzados voltassem jámais aos cofres de nossa municipalidade, apezar do general na sua carta affirmar que—*o Conselho e o senado da Bahia ficavam obrigados a indemnisar aquella quantia.*

De resto, não foi este o calote unico de que se pode queixar a edilidade cachoeirana, com relação á sua co-irman da capital...

—Em 1838, houve, no recinto da camara municipal desta cidade, um grande *sarilho*, por ter o vereador Manuel Francisco de Salles Ferreira dito em plena sessão, e se dirigindo ao collega que a presidia: *mente, o senhor mente!*

A muito custo se poude apaziguar o tumulto, sem consequencias de maior importancia.

Na sessão seguinte, comtudo, o supradicto vereador compareceu *para pedir publico perdão da offensa*, irrogada ao presidente.

E tudo voltou... ao que era dantes.

13 de Setembro

—Em 1721, tendo o capitão-mór Antonio Velloso batido um crescido *quilombo*, que existia perto desta cidade, então villa, aprisionou muitos negros fugidos, que foram entregues aos seus respectivos senhores, mediante 15$000 de *tomadia* por cada um. Regalou-se, o capitão-mór!

—Em 1850, o vereador José Ruy Dias de Affonseca requereu e foi por unanimidade de votos approvado em camara—que se representasse ao Governo sobre a urgencia da construcção de uma estrada de ferro que, partindo desta cidade, cortasse a região sertaneja.

A representação foi immeditamente assignada pelos membros da camara, então presentes, a saber: advogado Manuel Galdino de Assis, presidente, José Ruy Dias de Affonseca, Antonio de Britto Leal, Francisco Martins Curvello, e Alvino José da Silva e Almeida; e no dia immediato seguiu, pelo correio, ao seu destino.

Em 1860, a secca inclemente que devastou uma importante e vasta zona deste Estado, então provincia, salientou mais ainda a necessidade apontada por aquelle prestante cidadão.

Felizmente, a estrada de ferro *Central da Bahia* tem já realizado em parte e pretende de futuro realizar no todo, a esperança concebida com a execução do pujante melhoramento, cuja grande utilidade outras seccas posteriores têm vindo demonstrar.

14 de Setembro

—Em 1822, o commandante da força armada, existente nesta cidade, então villa, ordenou—que todos os habitantes e quaesquer outras pessoas, empenhadas na defeza da ilha de Itaparica, se retirassem para o continente, abandonando-a portanto, e levassem comsigo todo o gado e mais o que de precioso por ventura possuissem.

Temor, pouca experiencia, ou talvez ignorancia

estranhavel das condições locaes, a verdade é—que similhante medida foi vivamente impugnada pelos insulares, e tambem pelos moradores de Jaguaripe e Nazareth.

Por delegação dos primeiros, o patriota Thomaz da Costa Ferreira veio aqui se entender com o citado commandante; e felizmente obteve a revogação da ordem, que fôra dada irreflectidamente.

15 de Setembro

—Em 1881, falleceu contando 76 annos de edade, o tenente-coronel Christovão Pereira Mascarenhas, que entre nós occupara posição social distincta, e muito se recommendava pela fidelidade aos principios da escola politica de que se tornara adepto. Um traço de sua vida o photographa nitidamente.

Como houvesse perdido toda sua fortuna, em consequencia de successivivos revezes, o dedicado *conservador* nem por isto se acobardou. Muito ao contrario, ganhando coragem no proprio infortunio, acceitou para viver independentemente o logar de caixeiro, que lhe fôra offerecido.

Lição eloquentissima, digna de ser aprendida! Exemplo, que merece ser imitado!

—Em 1891, se procedeu em todo o paiz, e por consequencia tambem nesta cidade, a primeira eleição depois que fôra proclamada a republica.

Em cada uma das tres secções, em que estava dividida a cidade, obtiveram a primeira votação: para senador—o Cons. José Antonio Saraiva, e para deputado—o Dr. Aristides Milton.

16 de Setembro

—Em 1822, partiu da fazenda *Acupe*, onde achava-se acampado, de marcha para esta cidade, então villa, a força commandada pelo coronel Rodrigo Antonio Falcão Brandão; e que dias antes, estando na Saubara, impedira que ali desembarcasse um grande grupo de luzitanos, entre os quaes fez varios mortos e feridos.

17 de Setembro

—Em 1853, foi concedida a Lucas Jezler a necessaria licença para edificar na povoação de S. Felix, hoje cidade, e então pertencente ao termo desta, um cemiterio acatholico: o primeiro desta natureza, que se construiu fóra da capital no nosso Estado, então provincia.

18 de Setembro

—Em 1822, o Conselho interino do Governo da Bahia, cuja séde era nesta cidade, a esse tempo ainda villa, estabeleceu um correio para o norte, afim de facilitar as communicações com as villas de S. Francisco e de Santo Amaro, bem como com os pontos de defeza em Pirajá, Torre, e outros logares.

E simultaneamente determinou — que o ouvidor interino da comarca mandasse abrir os armazens, lojas e casas de arrecadação que permaneciam fechadas, e aliás cumpria que funccionassem para expôr á venda as mercadorias existentes.

No caso de recalcitrarem os donos desses estabelecimentos, estes deveriam ser judicialmente abertos, e os generos respectivos entregues a uma administração, que o mesmo Conselho houvesse de nomear.

—Em 1824, o *Grito da Razão*, periodico da cidade da Bahia, deu á luz um artigo de que extraio alguns conceitos, por me parecerem opportunos:

«Muito receiamos tocar, escreveu a citada folha, muito receiamos tocar na classe militar; porque de ordinario, e em toda parte, chama-se offensa o que não passa de zelo do amor publico: e tudo querem decidir, não como pede a justiça, mas sim o que elles entendem por brio e pundonor militar.»

—Em 1873, o engenheiro Hugh Wilson, na qualidade de empreiteiro da estrada de ferro *Central da Bahia*, offereceu 3:000$000 para auxilio do calçamento das ruas das Flores e Formoza, desta cidade.

—E no mesmo anno, a camara municipal nomeou

para zelador da arborisação publica—o cidadão Francisco Americo Zenith.

Esse emprego, porém, foi supprimido a 21 de Março de 1878, por ser considerado então dispensavel; visto como estavam já crescidas as arvores, que tinham sido plantadas.

A arborização da cidade, entretanto, continúa ainda hoje; e, graças a ella, a *praça Maciel* e outros sitios promettem ficar muito aprazíveis.

19 de Setembro

—Em 1864, tendo se reunido a camara municipal desta cidade, elegeu—por unanimidade de votos—uma commissão para represental-a na cerimonia do casamento da princeza D. Izabel, então herdeira presumptiva do throno.

Afim de se incorporar a essa commissão, que se compoz de magnates residentes no Rio de Janeiro, para ahi seguiu pouco depois o vereador tenente-coronel Egas Muniz Barretto de Aragão.

—Em 1891, falleceu o commendador Albino José Milhazes, que contava 57 annos de edade.

Portuguez de origem, mas brazileiro naturalizado, tornara-se negociante abastado, e tinha tomado parte activa nas lutas politicas do districto.

Muito contribuira para augmentar a edificação desta cidade. Tinha a excellente qualidade de ser amigo dedicado e leal.

—Em 1892, falleceu na cidade de S. Gonçalo dos Campos, da comarca desta cidade, o coronel Antonio Carlos da Silva, maior de 70 annos, e professor publico primario, desde muito jubilado.

Por sua intelligencia e actividade, conseguiu gozar de verdadeira influencia no meio de seus conterraneos, que o cumularam de prestigio e distincções.

Nunca teve filhos, e legou aos sobrinhos toda a fortuna que possuia.

—Em 1892, tambem, succumbiu—depois de rebelde enfermidade—o cidadão Satyro da Silva Pinto, com 59 annos de edade.

Era serventuario do cartorio do jury, nesta cidade, e foi sempre um bom irmão.

20 de Setembro

—Em 1824, o tenente-coronel José de Sá Bittencourt foi mandado a esta cidade, então villa, pelo Governador das armas, afim de inquirir de um facto occorrido com o destacamento militar, que era accusado de haver commettido violencias, no acto de prender um cidadão.

Por similhante futilidade, ninguem se incommodaria agora. . .

—Em 1854, falleceu o Dr. Joaquim José Ribeiro Guimarães, advogado notavel nesta cidade, e graduado pela Academia de Direito de S. Paulo. Era maior de 50 annos.

—Em 1857, ficou installada, sob a regencia do maestrino José de Souza e Aragão, a primeira *Philarmonica*, desta cidade, a qual tinha por presidente o capitão Joviniano José da Silva e Almeida, que foi depois tenente-coronel. Compunha-se ella de pessoas da *elite* cachoeirana.

21 de Setembro

—Em 1854, á noite, foi assassinado — com um tiro—o portuguez Joaquim Cardoso da Silva, que a certa hora do dia tinha tido uma rixa com um tabaréo, a quem physicamente offendera.

Ao pobre roceiro foi, geralmente, attribuido o crime, que elle estava ainda expiando na cadeia, quando o verdadeiro culpado se denunciou, por occasião de se confessar *in extremis* a um virtuoso sacerdote.

Um *erro judiciario*, portanto; unico, mas poderoso argumento, que me leva a combater a pena de morte.

—Em 1863, a companhia de navegação a vapor *Bahiana* requereu e obteve da camara municipal a licença necessaria para construir uma ponte de embarque e desembarque no porto desta cidade.

Annos depois, a ponte ficou acabada, é verdade; mas não era cousa que correspondesse á importancia da terra.

Em 1893, foi ella substituida por outra, um pouco melhor; mas, ainda assim, muito inferior ao que merecemos, em virtude da somma avultada, com que a linha desta cidade concorre para a receita da companhia.

Em 1899, a ponte foi augmentada; e agora, com algum esforço mais, estará completa.

22 de Setembro

—Em 1724, o vice-rei mandou—que os officiaes da camara desta cidade, então villa, «prendessem todos *os vadios sem officio e domicilio certo*, que em grande numero andavam pelo districto de Maragogipe, a inquietar os moradores.»

Como estão vendo, os vagabundos vêm de longe...

—Em 1822, o Conselho interino do governo da provincia da Bahia, que aqui fôra anteriormente installado, deu começo aos seus trabalhos, reunindo-se então com os procuradores enviados pelas outras villas, no salão do hospital de S. João de Deus, que é hoje—como já fiz notar—a Sancta Casa de Misericordia desta cidade.

—Em 1892, foi installado o *pequeno jury*, ou junta correccional, de accordo com a nova lei promulgada pelo Estado, a 15 de Julho do mesmo anno.

23 de Setembro

—Em 1720, constando — que o benedictino Frei Joseph de S. Pedro, que apostatara havia mais ou menos quatro annos, estava nesta cidade, então villa, em casa do *official de borrachas* de nome Joseph Vaz: o vice-rei deu ordens terminantes ao corregedor da comarca, ao juiz ordinario da villa e ao coronel da respectiva cavallaria, para captural-o.

Já se vê — que tambem nós tivemos um frade apostata.

—Em 1844, falleceu nesta cidade, onde residia desde muito, o portuguez João José Espinola, deixando testamento, em que fez muitos legados, entre os quaes alguns á Ordem Terceira do Carmo, á egreja da Conceição do Monte, á capella de Nossa Senhora do Amparo e á Sancta Casa de Misericordia.

—Em 1854, a camara municipal desta cidade requisitou do Governo uma barca de excavação para o rio Paraguassú, que já estava obstruido em varios pontos.

Por aviso do mesmo anno, o Governo respondeu—que subindo a 50:000$000 a despeza orçada para similhante serviço, só *no anno seguinte* poderia ser attendida a requisição da municipalidade.

Pois bem. Esse *anno seguinte* jámais chegou!

—Em 1888, falleceu—contando 80 annos de edade, o abastado proprietario Ignacio Rodrigues Pereira d'Utra, Barão do Iguape.

Residia no districto deste nome, do municipio e comarca desta cidade, e ali gozava de muito prestigio.

24 de Setembro

—Em 1823, reuniram-se o senado da camara, o povo e a tropa desta cidade, então villa, afim de protestar contra os acontecimentos da noite anterior, em que o batalhão de Minas, aqui destacado, praticara alguns excessos contra a população, *por suppol-a affeiçoada ás idéas republicanas.*

Foi lavrada uma acta da numerosa reunião para repellir a suspeita, e affirmar o mais entranhado amor á monarchia.

—Em 1853, a camara municipal desta cidade representou ao Governo sobre a conveniencia de partir daqui a primeira estrada de ferro, que se tratava então de construir na provincia, hoje Estado.

A camara, porém, não foi attendida, e agora todos confessam—que o traçado escolhido para a via-ferrea do S. Francisco podera ter sido muito melhor.

Mas é que naquelle tempo se procurou sómente

satisfazer a vaidade da capital, por amor á centralização...

—Em 1857, foi condemnado á pena de galés perpetuas o soldado do corpo policial de nome Marcello Antonio da Silva, que em frente ao seu proprio quartel, e sem provocação nem conflicto, assassinara o alfaiate Joaquim José dos Santos Reis, conhecido por *Meus-pirões*.

O deploravel acontecimento emocionou profundamente a população, já por causa da victima, que fôra sempre um artista inoffensivo, já pela qualidade do criminoso, que era um dos agentes da segurança publica.

25 de Setembro

—Em 1587, foi dado regimento á Relação da Bahia, que então fôra creada, mas sómente em 1652 ficou definitivamente organizada, visto como o alvará de 23 de Janeiro de 1588 mandara sobrestar no estabelecimento della.

—Em 1738, o desembargador Joaquim Antonio Gonzaga, ouvidor-geral da comarca desta cidade, então villa, num seu provimento notou—que não se *guardava economia alguma na administração das rendas municipaes, e que ninguem se esforçava para que servissem ellas de bemfeitorias publicas, havendo grande deleixo e omissão a respeito.*

Vá com vista a quem entende—que tudo nos outros tempos era melhor e mais moralizado...

—Em 1822, uma *Junta da fazenda* substituiu a commissão, creada aqui com a incumbencia de fazer face aos gastos da guerra, que os bahianos sustentavam por amor da independencia nacional.

A *Junta* recebeu da commissão citada o saldo de 3:866$030, mas a receita arrecadada até Maio do anno seguinte se elevou á somma total de 108:780$234.

Uma das providencias, tomadas immediatamente pela *Junta*, foi mandar ella que se entregasse 5:000$

á commissão patriotica da villa de S. Francisco, que carecia de auxilios.

—Em 1859, o norte-americano Herbert G. Booven suicidou-se nesta cidade, disparando sobre o peito um tiro de pistola, depois de haver envenenado duas filhas de tenra edade, que tinha em sua companhia.

Dias antes, a consorte desse infeliz matara-se, tambem.

Foi a miseria, que os levou a tal extremo.

Annos depois, em 1890, a 25 de Março, occorreu em *Barbudas*, proximo a Pelotas, do Rio Grande do Sul, um facto similhante.

O colono allemão Kirch, casado, e com tres filhos, um de 8, outro de 7 annos e o terceiro de 6 mezes de edade, assassinou toda a familia a tiros de revolver, suicidando-se em seguida com um tiro tambem.

—A camara municipal desta cidade mandou, em 1867, continuar a obra do caes de S. Felix, *desde a ponte até ao jardim da casa Curvello.*

—Em 1888, falleceu com 61 annos de edade o Dr. Norberto Francisco de Assis, formado em medicina pela Academia de Pizza, na Italia, de onde chegara a 7 de Maio de 1851.

Servindo, desde 1855, de medico do hospital de Misericordia desta cidade, ahi ganhou bastante pratica de que veio a se utilizar com muito proveito na clinica civil.

E muito recommendavel é a sua memoria, como profissional; pois nenhum outro ainda o excedeu no interesse que ligava á sorte de seus doentes, quer estes lhe podessem retribuir o trabalho, quer não.

Varios e distinctos cargos publicos o Dr. Norberto occupou, taes como os de juiz de paz e delegado de policia; e a todos elles deu sempre cabal desempenho.

O desapparecimento do prestante cachoeirano foi geralmente sentido.

26 de Setembro

—Em 1817, foi nomeado D. Braz Balthazar da Silveira para coronel do batalhão de infanteria miliciana desta cidade, então villa.

E para tenente-coronel do mesmo corpo foi designado Manuel Ignacio de Lima Pereira, que tinha requerido aquella outra patente, em 26 de Agosto, na sua qualidade de *soldado da companhia da artilheria montada dos voluntarios guarda-costas do principe real.*

Era de perder o folego este . . . brazão.

—Em 1826, a camara municipal desta cidade, então villa, offereceu á Sancta Casa de Misericordia um apparelho completo *para a operação de restaurar a vida das pessoas afogadas*; e fêl-o acompanhar de varios exemplares de certa brochura, explicativa do uso que se deveria fazer do referido apparelho.

O barão de Itabaiana—Manuel Rodrigues Gameiro Pessoa—tinha doado á camara aquelle *machinismo*, de que aliás a Misericordia não se poude utilizar, por falta do dinheiro que para tanto se fazia mister.

Dahi procedeu—que a Misericordia, em 21 de Outubro, devolvesse o apparelho.

E deste facto originou-se um singular conflicto, que só terminou a 11 de Novembro, mediante a intervenção do presidente da provincia! . .

Que fim teria levado esse novo pomo de discordia?

Ninguem mais delle falou.

—Em 1882, falleceu Fr. João de Sancta Maria e Souza, que tinha nascido na cidade da Bahia em 1826, e para esta se mudara em 1837.

Era professor de lingua latina, prior do convento do Carmo desta cidade, desde 1862, e gozava das honras de prégador da capella imperial, si bem que nunca houvesse recitado um sermão.

Fôra deputado por sua Ordem para ir ao Rio de Janeiro, em 1842, cumprimentar D. Pedro II, que então havia sido declarado maior.

Fr. João deixou muitos discipulos, entre os quaes o autor destas linhas.

27 de Setembro

—Em 1842, expirou, na capital da Bahia, o capitão Manuel de Vasconcellos Bahiana, proprietario que fôra do engenho *Pitanga*, desta cidade, onde quiz estabelecer uma fundição de ferro, e que aqui montara, em tempo, uma fabrica de rapé.

No seu testamento, o capitão Bahiana deixou 1:000$000, ou uma legua de terra, á escolha, para quem lhe escrevesse a biographia.

Não houve, entretanto, quem quizesse apanhar esse premio.

—Em 1891, foi inaugurado o asylo de orphãs que, sob o nome de *Filhas de Anna*, existe nesta cidade.

A idéa concebida n'uma hora feliz, pelo cidadão Antonio Carlos da Trindade e Mello, vae produzindo bons fructos; e merece ser animada por todos os corações bem formados.

28 de Setembro

—Em virtude da lei de 28 de Setembro de 1871, que, declarando livre o ventre da mulher escrava, mandara proceder á matricula de todos os escravos, existentes então no Brazil, foram—como taes—arrolados na collectoria geral desta cidade, 17.207, a saber, 8.948 homens e 8.259 mulheres.

A 1º de Janeiro de 1876, se verificou—que delles ainda havia 15.164, excluidos os mortos, os alforriados e os que tinham mudado de domicilio.

E até 31 de Dezembro de 1875, por força da citada lei haviam sido matriculados, na mesma collectoria, 2.351 filhos livres de mulher escrava, a saber: 1.172 do sexo masculino e 1.179 do feminino.

O districto da collectoria desta cidade comprehendia então todo o territorio do municipio, que posteriormente foi desdobrado nas comarcas de Cachoeira, S. Felix e Curralinho.

29 de Setembro

—Em 1823, uma ordem do dia do commandante em chefe do exercito pacificador da Bahia mandou pagal-o, do 1º de Outubro em diante, como no tempo de paz; attendendo ao mau estado financeiro da provincia.

—Em 1865, marchou para a campanha do Paraguay o batalhão n. 107 da guarda nacional do municipio desta cidade.

Foi uma scena profundamente commovedora a despedida desses bravos, que corriam celeres ao theatro da guerra, afim de vingar a honra nacional ultrajada, e que no entanto volviam os olhos, rasos de lagrimas, para a familia e para os amigos, que saudosos cá ficavam.

Honra aos *voluntarios da patria!*

30 de Setembro

—Em 1772, segundo li no *Livro do Tombo*, fls. 81 v., procedeu-se a medição do *Fortinho*, situado no rio Paraguassù, 24 1/2 kilometros, mais ou menos, abaixo desta cidade, então villa.

Não se sabe ao certo a data, em que fôra construida essa praça de guerra, devida, entretanto, á iniciativa dos hollandezes.

Ella tinha a figura de um rectangulo simples e irregular, de 100 palmos de frente e 200 de fundo para o dito rio, a que flanqueava pelos tres lados. E servia para defender a subida pelo canal, entre as duas montanhas ahi existentes.

A' entrada do *Fortinho* deparava-se com o *corpo da guarda*, a *casa da polvora*, e o *quartel*; tendo este a face para o terrapleno.

O *Fortinho* estava armado com 8 peças, ficandolhe a bandeira na face do rio.

Mas delle, que nunca foi devidamente reparado, hoje apenas veem-se as muralhas.

Quando, em 1832, as circumstancias urgiam, foi mandado—em 25 de Fevereiro—o coronel Antonio de Souza Lima, afim de examinar o *Fortinho*, e mesmo fortifical-o, como parecia então conveniente.

Disso, porém, não se passou; mesmo porque, tendo cessado o perigo, ninguem se lembrou mais de que elle poderia renascer.

O juiz de fóra de Maragogipe, comtudo, em officio de 24 do mez e anno já citados, appellida o *Fortinho* de *chave de todo o reconcavo.*

—Em 1831, foi expedido um aviso da Regencia, do então, imperio, mandando—que tivessem applicação a beneficio do hospital da Sancta Casa de Misericordia, desta cidade, os legados pios, pertencentes ao respectivo municipio, e que deixassem de ser cumpridos em tempo; executando-se ácerca da referida instituição quanto se achava disposto no art 2 da lei de 6 de Novembro de 1827.

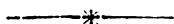
O aviso foi remettido á camara municipal, com officio do presidente da provincia, em 22 de Outubro do mesmo anno, afim de ser desde logo executado.

Cachoeira, 1900.

A. Milton.

(*Continúa*).

Actas das Sessões e Offertas

—*—

ACTA DA 74ª SESSÃO EM 18 DE MARÇO DE 1900

Presidencia do Dr. Satyro Dias, 1º Vice-Presidente

Aos 18 dias do mez de Março de 1900, á 1 hora da tarde, n'esta cidade do Salvador, Bahia de Todos os Santos, no salão do Instituto, presentes os socios Dr. Satyro Dias, 1.º Vice-Presidente, Cons. Dr. João Nepomuceno Torres, 1.º Secretario, Capitão Francisco Gomes Ferreira Braga, Thesoureiro, Des. Thomaz Garcez Paranhos Montenegro, Conego Manfredo Alves de Lima, Alfredo Octaviano Soledade, Eduardo Carigé e Comm. Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, foi aberta a sessão, sob a presidencia do Dr. Satyro Dias, na ausencia do effectivo, Cons Dr. Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, sendo convidado o Conego Manfredo de Lima para servir o logar de 2.º Secretario, na ausencia do effectivo.

Foram lidas e approvadas as actas das sessões extraordinarias anteriores.

O expediente constou do seguinte:

Officios: dos 1ºs secretarios da Sociedade «Perseverança e Auxilio dos Caixeiros de Maceió» enviando a relação dos funccionarios eleitos para o anno social de 1900 a 1901 e da Sociedade «Club

Caixeiral», d'esta capital. enviando a relação dos funccionarios eleitos para o exercicio de 1899 a 1900; do Presidente da Associação Commercial desta capital, enviando a relação dos membros da nova Directoria, empossada a 20 de Fevereiro ultimo; do Director da Secretaria do Senado deste Estado, enviando 4 volumes dos Annaes do Senado relativos às sessões de 1899.

Cartas: dos socios Drs. Manoel de Mello Cardoso Barata e José Pires Falcão Brandão, agradecendo a remessa de seus diplomas de socios correspondentes; do socio Horacio Urpia enviando a traducção da carta de um piloto anonymo portuguez referente á descoberta do Brazil, e traduzida do 1.º volume da obra de João Baptista Ramuzio. impressa em Veneza, 3.º edição, anno de 1563. afim de ser reproduzida na Revista Commemorativa do Centenario, e do Dr Manoel Duarte Moreira de Azevedo. residente na Capital Federal, enviando um manuscripto intitulado «O Primeiro Bispo do Brazil», memoria historica dedicada a este Instituto.

Em seguida é apresentado. na fórma dos Estatutos, o demonstrativo da Receita e Despeza de Janeiro a Dezembro de 1899, a cargo do Thesoureiro Capitão Francisco Gomes Ferreira Braga, importando a Receita em 25:366$398 e a Despeza em 26:389$906. E' remettido com urgencia à Commissão de orçamento.

Pelo Cons Dr. Torres, 1º Secretario, foi dito que se achavam sobre a mesa as seguintes offertas: do Dr. Augusto de Carvalho 6 autographos, sendo 2 relativos a factos occorridos em Pernambuco por occasião da revolução de 1817; do socio Dr. Antonio Coutinho de Sousa 4 moedas do periodo colonial, sendo uma de prata; do Sr. Julio Meili, de Zurich, por intermedio do Sr. Alvaro

Ramos, uma medalha commemorativa do 4º Centenario da descoberta do Brazil, offerecida e dedicada ao povo luso-brazileiro.

O Dr Satyro Dias declarou que o Cons. Dr. Salvador Pires, Presidente, não tinha comparecido por motivo de molestia e que a Commissão do Centenario da descoberta do Brazil encarregára ao mesmo Conselheiro de transmittir ao Instituto o que ella julga que se póde levar a effeito por occasião do mesmo Centenario; declarou mais que no dia 10 de Janeiro do corrente anno falleceu na Cidade de Belém, Pará, o distincto consocio General de Divisão Frederico Solon de Sampaio Ribeiro e por esse infausto passamento propunha que se inserisse na acta um voto de profundo pesar, o que foi unanimemente approvado; e, finalmente, que o Instituto recebeu com especial satisfação a visita que hoje fôra feita pelo socio honorario D. Jeronymo Thomé da Silva, Arcebispo desta Archidiocese, em retribuição a que lhe havia sido feita por uma commissão do Instituto.

Foram lidos os pareceres opinando que sejam reconhecidos e proclamados socios os Drs. Pedro da Luz Carrascosa e Fabio Lyra dos Santos, Pharmaceuticos Ismael Candido da Silva e Adolpho Accioli do Prado, Comm. Manoel de Sousa Campos e João Gama, sendo adiada a votação.

Foram tambem lidas diversas propostas para admissão de socios, as quaes foram enviadas á commissão respectiva.

O Sr. Dr. Satyro Dias por fim declarou que era necessario convocar-se outra sessão, e por isso designou o proximo dia 25 do corrente para ter logar essa reunião.

Nada mais havendo a tratar foi encerrada a sessão, e de tudo, para constar, lavrei a presente

acta que vai por mim assignada—Isaias de Carvalho Santos.

Approvada em sessão de 25 de Março de 1900—*Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque—João Nepomuceno Torres—Bonifacio de Aragão Faria Rocha.*

75.ª SESSÃO EM 25 DE MARÇO DE 1900

Presidencia do Exm. Sr. Cons. Salvador Pires

Aos 25 dias do mez de Março de 1900, nesta cidade do Salvador, Bahia de Todos os Santos, no salão do Instituto, à 1 hora da tarde, presentes os socios, Cons. Dr Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, presidente, e João Nepomuceno Torres, 1º Secretario, Capitão Francisco Gomes Ferreira Braga, Thesoureiro, Des. Thomaz Garcez Paranhos Montenegro, Drs. Bonifacio de Aragão Faria Rocha, Joaquim dos Reis Magalhães, José Julio de Calasans e Alfredo Cabussú. Padre Luiz da França dos Santos, Comms. Pharmaceutico Joaquim Manoel de Sant'Anna e Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, Henrique Praguer, Manoel Quirino, Horacio Urpia e Damasceno Vieira, foi declarada aberta a sessão, sendo convidado o Dr. Bonifacio Faria Rocha para substituir o 2 Secretario.

E' lida e approvada, sem debate, a acta da sessão anterior.

No expediente foi lida uma carta do socio Eduardo Carigé convidando o Instituto a ouvir a leitura do seu drama «Cabral», no proximo domingo, às 2 horas da tarde, no salão da Bibliotheca Municipal.

Tomado em consideração o convite, o Sr. Cons. Presidente designou os socios Comm. Joaquim Manoel de Sant'Anna, Henrique Praguer e Damasceno Vieira para, em commissão, representando o Instituto, assistirem a leitura desse drama.

Foi lida uma proposta apresentando para socios effectivos do Instituto o Coronel Dr. José de Siqueira Menezes e o industrial Francisco Ferraro, e para socio correspondente o Conego José Cupertino de Lacerda, senador estadoal, residente em Bomfim da Feira, comarca da Feira de Sant'Anna, sendo remettida à commissão competente

O mesmo Sr. Cons Presidente deu sciencia ao Instituto de que, por convite da commissão do Centenario, comparecera á sessão de 15 do corrente na qual, entre outros assumptos, tratou-se do programma dos festejos commemorativos do Centenario, programma que é mais ou menos este, salvo ligeira modificação que possa soffrer:

No dia 3 de Maio, após uma missa campal, a resar-se, provavelmente no «Campo dos Martyres», a inauguração do monumento symbolico da descoberta do Brazil, e por ser esse dia o do anniversario da installação do Instituto, fará esse sua sessão magna, ficando a conferencia, da qual foi incumbido o socio Revm. Sr. Conego Manfredo de Lima, para o dia seguinte, em logar que deverá ser escolhido pela commissão, terminando os festejos por um espectaculo de gala no dia 5.

Em seguida, foi por alguns socios discutido o assumpto e tornada saliente a impossibilidade de fazer-se a sessão magna no mesmo dia, após as duas solemnidades que devem precedel-a, opinando pela celebração da missa no dia 1.º de Maio.

O Dr. Faria Rocha propoz, então, que o Instituto autorizasse o Sr. Cons. Presidente a entender-se com a commissão afim de harmonisar o programma

dos festejos com a celebração da sessão anniversaria da installação do Instituto, o que foi approvado.

Pelo Sr. Thesoureiro foi pedida autorisação para reformar o debito hypothecario, elevando-o a 36:500$000 (trinta e seis contos e quinhentos), visto tornar-se necessaria a quantia de 5:000$000 (cinco contos de réis) para ultimação das obras do novo predio.

Submettida á discussão, foi sem debate approvada a proposta, e autorisado o Sr. Thesoureiro a fazer a operação de credito que julgue necessaria e mais conveniente para tal fim, no «Banco Auxiliar das Classes».

Foram lidos os pareceres da commissão de admissão de socios sobre propostas anteriormente apresentadas e, por escrutinio secreto, approvados e proclamados socios effectivos: Cons. Eustaquio Primo de Seixas, Drs. Pedro da Luz Carrascosa, Francisco Luiz da Costa Drumond e Quintino Ferreira da Silva, Coronel Francisco Felix de Araujo, Pharmaceutico Ismael Candido da Silva, Comm. Manoel de Sousa Campos, negociante João Gama, Major Salvador Pires de Carvalho e Aragão, Engenheiro João Pimenta Bastos, Coronel João Rodrigues Germano e Pharmaceutico Alfredo Accioli do Prado, e socios correspondentes: Drs. Fabio Lyra dos Santos (Feira de Sant'Anna), Antonino Pires de Sousa e Manoel Duarte Moreira de Azevedo (Capital Federal), Dr. Augusto de Carvalho (Macahé), Sebastião de Vasconcellos Galvão (Recife), Philoteio Pereira de Andrade (advogado em Nova Goa, India Portugueza) e José Petitinga (Joazeiro).

Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão ás 3 horas da tarde, tendo, em tempo, comparecido o socio Isaias de Carvalho Santos,

2.º Secretario, que de tudo lavrou a presente acta para constar, a qual vai devidamente assignada —Isaias de Carvalho Santos.

Approvada em sessão de 13 de Maio de 1900. —*Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque— Bonifacio de Aragão Faria Rocha — Isaias de Carvalho Santos.*

76ª SESSÃO EM 3 DE MAIO DE 1900

SESSÃO MAGNA ANNIVERSARIA DA INSTALLAÇÃO DO INSTITUTO E COMMEMORATIVA DO 4º CENTENARIO DO DESCOBRIMENTO DO BRAZIL

Presidencia do Exm. Sr. Cons. Dr. Luiz Vianna

Aos tres dias do mez de Maio de 1900, nesta cidade do Salvador, Bahia de Todos os Santos, às 12 horas do dia, no salão nobre adquirido e adaptado para ser ahi installado o Instituto como propriedade sua, edificio que é situado na «Praça 15 de Novembro» (antigo Terreiro de Jesus), presentes os Exms. Srs. Cons. Luiz Vianna, socio do Instituto e Governador do Estado, Dr. João Salgado, Consul de Portugal, Drs. Asclepiades Jambeiro, Secretario da Policia e Segurança Publica e Octaviano Muniz Barreto, Secretario interino do Interior, Justiça e Instrucção Publica, commissões do Commercio, do Club Caixeiral e de diversas associações, socios do Instituto Geographico a saber: Cons. Drs. Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, presidente, João Nepomuceno Torres, 1º Secretario, Filinto Justiniano Ferreira Bastos, adjuncto do Orador, José Botelho Benjamim e Francisco Ferreira Pacheco de Mello, Drs. Braz Hermenegildo do Amaral, Orador,

Alfredo Antonio de Andrade, José Octacilio dos Santos, Innocencio Munoz de Araujo Goes, Joaquim dos Reis Magalhães, José Julio de Calasans e Bonifacio de Aragão Faria Rocha, Pharmaceutico Comm. Joaquim Manoel de Sant'Anna, Comm. Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque. Padre Luiz da França dos Santos, Damasceno Vieira. Corbiniano Esteves de Lima. Luiz Antonio Filgueiras, Alfredo Octaviano Soledade. Henrique Praguer, Francisco Gomes Ferreira Braga, Thesoureiro, Isaias de Carvalho Santos, 2º Secretario. Capitão de mar e guerra Antonio Alves Camara, e Prof. Borges dos Reis, commissões da imprensa e grande numero de cidadãos representando todas as classes sociaes. foi declarada aberta a sessão e convidado pelo Sr. Cons. Presidente o Exm. Sr. Cons. Luiz Vianna, Governador do Estado, para presidir a sessão.

Assumindo este a presidencia, pediu a palavra o Snr. Cons. Salvador Pires e leu bonito discurso referente aos progressos do Instituto, ás festas commemorativas do 4.º Centenario do descobrimento do Brazil e ao facto da inauguração do predio adquirido pelo Instituto para nelle funccionar. Em seguida obteve a palavra o Snr. Cons. Dr. João Torres, 1.º Secretario, que leu bem elaborado e minucioso relatorio de todo o occorrido no anno ultimo; seguindo-se-lhe o substituto do Orador, Cons. Dr. Filinto Bastos, que declarou os motivos por que inesperadamente, quasi, tinha de substituir o orador, e leu um discurso de subido valor historico e analogo á commemoração do descobrimento do Brazil.

Pelo Snr. Cons. Dr. Luiz Vianna foi então dito que motivos de ordem superior o chamavam a outra parte e por isso pedia licença para retirar-se, e effectivamente retirou-se, sendo substituido

na presidencia da sessão pelo Snr. Cons. Dr. Salvador Pires.

Este deu a palavra ao Exm. Snr. Dr. João Salgado, Consul de Portugal, que proferiu vibrante discurso, e em seguida ao professor Antonio Alexandre Borges dos Reis, que leu uma communicação, escripta especialmente para ser lida nesta sessão, sobre as raças primitivas que habitavam o Brazil e o modo de seu apparecimento.

Depois disso foram ouvidos os socios Damasceno Vieira, que leu bonito discurso e o Capitão Arthur Gomes de Carvalho que proferiu discurso patriotico referente ao facto quo se commemorava.

Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão, do que, para constar, eu, 2.° Secretario, lavrei a presente acta e assigno.—Isaias de Carvalho Santos. Approvada em sessão de 13 de Maio. *Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque.— Isaias de Carvalho Santos. — Bonifacio Faria Rocha.*

77ª SESSÃO EM 13 DE MAIO DE 1900

Presidencia do Snr. Cons. Dr. Salvador Pires

Aos treze dias do mez de Maio de 1900, nesta Cidade do Salvador, Bahia de Todos os Santos, no salão do Instituto, á 1 hora da tarde, presentes os Socios, Cons. Drs. Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque e Filinto Justiniano Ferreira Bastos, Drs. Alfredo Cesar Cabussú, José Octacilio dos Santos, Glycerio Velloso da Silva, Innocencio Munoz de Araujo Góes, José Julio Calasans, Bonifacio de Aragão Faria Rocha e Aurelio Pires de Carvalho e Albuquerque, Des. Manuel Jeronymo Gonçalves, Francisco Gomes Ferreira Braga, Hen-

rique Praguer, Comm. Pharm. Joaquim Manuel de Sant'Anna, Padre Luiz da França dos Santos, Alfredo Octaviano Soledade, Damasceno Vieira, ãrofessor Elias de Figueiredo Nazareth, Manuel Quirino, Antonio José Gonçalves Neves, Eloy Guimarães, Alfredo Accioli, Pharmaceutico Luiz Antonio Filgueiras, Lopes Rodrigues, Nicolau Tolentino Carneiro da Cunha e Isaias de Carvalho Santos, foi aberta a sessão, sendo convidado o Dr. Bonifacio de Aragão Faria Rocha para servir o logar de 1.º Secretario na ausencia do effectivo, o Cons. Dr. João Nepomuceno Torresa

Foi lida e approvada, sem observações, a acta da sesso anterior.

O expediente constou do seguinte:

Tres telegrammas: Um do Conselho Municipal da Cidade da Cachoeira, outro da Sociedade philarmonica «28 de Setembro», do Joazeiro, e, finalmente um outro do Barão d eStudart, do Ceará, e todos de congratulações pelas festas do 4.º Centenario do descobrimento do Brazil.

O Barão de Studart pediu ao Cons. Pres. para, juntamente ao Dr. Satyro Dias e Cons. Dr. João Torres, representaI-o nessas festas.

Officios: do Instituto Polytechnico da Bahia communicando a eleição de sua directoria e Conselho Administrativo, realizada a 9 de Abril ultimo; da Sociedade Beneficencia Caixeiral communicando a eleição dos novos funccionarios para o exercicio de 1900 a 1901 e enviando um exemplar do relatorio apresentado pela administraão, cujo mandato findou; do dr. Arlindo Fragosopa rticipando haver sido novamente escolhido para o cargo de director da Escola Polytechnica deste Estado; do Snr. Ubaldo Couto, administrador da junta districtal da Conceição da Praia, communicando a installação desta; da Commissão

executiva das festas do 4.º Centenario do descobrimento do Brazil, na freguezia de Santa Barbara das Canôas (Minas Geraes) pedindo á Commissão executiva das festas aqui para represental-a; da Sociedade «União Beneficente dos Alfaiates» participando a eleição dos novos funccionarios e enviando um exemplar do relatorio apresentado; da Secretaria da Camara dos Snrs. Deputados, communicando a eleição da meza directora dos seus trabalhos;do 1º. Secretario do Senado convidando o Instituto para assistir a abertura solemne da Asembléa Geral do Estado, e do Exmo. Snr Arcebispo, D. Jeronymo Thomé da Silva convidando-o para a procissão que se vae realisar a 27 do andante e para as sessões do Congresso Catholico, no proximo mez de Junho. em commemoração da descoberta do Brazil.

Cartas: do socio Snr. Damasceno Vieira congratulando-se com o Instituto pelas festas do 4.º Centenario e offerecendo diversos exemplares do seu poema *A Flor de Manacá*; de Monsenhor Ludgero dos Humildes Pacheco, enviando, em nome de um dos parentes do fallecido Brigadeiro José Pedro de Alcantara. a espada que este usou na Campanha da Independencia, sendo então major de artilharia. e do Snr Manuel Henrique do Carmo, enviando em autographo o «Hymno 3 de Maio» expressamente composto para a solemnidade da inauguração do novo edificio do Instituto.

Em seguida. pelo Snr. Cons. Presidente foi dito que as occurrencias mais notaveis, da ultima á presente sessão. foram as festas do Centenario de que foi o Instituto o iniciador, rejubilando-se pelo brilhantismo dessas festas, que tiveram como um dos seus complementos a inauguração do predio.

Referindo-se, particularmente, á commissão executiva exalçou o modo por que se houve ella no desempenho de sua ardua tarefa. e, por isso, offerecia a consideração da assembléa geral a seguinte proposta:

Proposta — Considerando que as distincções honorificas, creadas pelos Estatutos, não o foram para n'elles figurar como lettra morta, senão para galardoar a dedicação e serviços dos socios que contribuirem para o engrandecimento do Instituto;

Considerando que devem ser reputados relevantes os serviços e ingentes esforços envidados pela commissão eleita em 1899 para promover e dirigir as festas do 4.° Centenario do descobrimento do Brazil;

A mesa do Instituto em sua maioria propõe:

1°. Que seja lançado na acta da sessão de hoje um voto de louvor e agradecimento à referida Commissão do Instituto e à Commissão Central a ella reunida, aos Poderes Publicos e a todas as classes sociaes, corporações e individuos que contribuiram para o realce das festas do Centenario;

2°. Que nos termos do § 2.° do art. 13 dos Estatutos sejam considerados socios honorarios os membros das referidas commissões que forem socios effectivos ao correspondentes;

3°. Que, si algum ou algum dos socios em condição de serem elevados a honorario, nos termos desta proposta, já o forem por serviços anteriores ou por terem adquirido direito a essa classificação (§ 3.° do cit. art.), sejam elevados à cathegoria de benemeritos, de accordo com o § 1°. do art. 15 dos mesmos Estatutos.

4.° Que si for possivel á commissão de admissão de socios interpor nesta sessão o seu parecer

acerca da 2.ª e 3.ª partes desta proposta, seja hoje mesmo submettida ella a discussão e votada. Sala das sessões do Instituto Geographico e Historico da Bahia, 13 de Maio de 1900 (assignados). «Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, Bonifacio de Aragão Faria Rocha. Isaias de Carvalho Santos, Filinto Justiniano Ferreira Bastos e Francisco Gomes Ferreira Braga».

Pedindo a palavra o Dr. Alfredo Cabussú, membro da commissão respectiva, disse que só um dos membros se achava presente, estando ausentes os outros dois, dos quaes, um gravemente doente, o que privará, talvez, por muito tempo, o Instituto dos seus serviços.

O Snr. Cons. Presidente disse, então, que, pelos Estatutos, podia nomear substitutos interinos aos dois socios ausentes; mas submettia á consideração da casa si o assumpto devia ou não ser tratado desde logo.

Pela assembléa foi resolvido que se discutisse o assumpto desde logo; pelo que foram nomeados os socios Dr. Innocencio Munoz de Araujo Góes e Damasceno Vieira para comporem a commissão.

Sendo presente á commissão a proposta, deu ella o seu parecer que foi lido e é assim concebido:

«A commissão de admissão de socios é de parecer que seja approvada a proposta nos termos em que está elaborada, attenta a relevancia dos serviços de que trata. Bahia, 13 de Maio de 1900, em sessão do Instituto. A commissão, (assignados) *A. Cabussú, Damasceno Vieira, Innocencio Góes*».

O Cons. Presidente fez ver que o parecer era um pouco ambiguo. O Dr. Cabussú disse que a discriminação dos nomes dos socios não podia ser feita de momento, e por isso a commissão attendendo aos termos elevados da proposta não teve duvida

em adoptal-a *in totum*, ficando á meza o cuidado de fazer a discriminação dos nomes dos socios nos termos da referida proposta, que, em discussão, foi sem debate approvada.

O socio Snr. Damasceno Vieira declarou que a commissão designada para assistir á leitura do drama do Snr. Eduardo Carigé, drama que é um optimo subsidio e revela a pertinacia do autor no estudo dos factos que interessam á nossa historia, cumpriu o seu dever.

Passando-se á votação para os diversos cargos, foram recebidas 23 cedulas para cada eleição, e deram o seguinte resultado:

Para presidente: Cons. Salvador Pires 22 votos, Dr. Satyro Dias 1. Para 1.º Vice-presidente: Dr. Satyro Dias 20 votos e outros menos votados. Para 2.º Vice-presidente: Cons. Pedro Mariani 19 votos.

Para 1.º Secretario: Cons. João Torres 18 votos, Cons. Filinto Bastos 3, e outros menos votados.

Para 2.º Secretario: Dr Isaias Santos 19 votos e outros menos votados.

Para supplentes de Secretario: Dr. Abilio de Carvalho 21 votos, Major Aloysio de Carvalho 20, e outros menos votados.

Para Thesoureiro: Capitão Francisco Gomes Ferreira Braga 19 votos, Eloy Guimarães 3.

Para Orador: Dr. Braz Hermenegildo do Amaral 21 votos, Conego Manfredo Lima 2.

Para supplente de Orador: Cons. Filinto Justiniano Ferreira Bastos 18 votos, Conego Manfredo 2, e outros menos votados.

Commissões: De admissão de socios—Dr. Abilio de Carvalho 22 votos, Dr. Alfredo Cabussù 19, Professor Austricliano Coelho 18, e outros menos votados.

De fundos e orçamentos Horacio Urpia Junior

23, Eloy de Oliveira Guimarães 21, Commendador Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque 20, e outros menos votados.

De redacção da Revista: Dr. Joaquim dos Reis Magalhães 19, Dr. Innocencio Munoz de Araujo Góes 17, Cons. João Nepomuceno Torres 14, e outros menos votados.

De manuscriptos e documentos: Dr. Innocencio Munoz de Araujo Góes 21 votos, Conego Manfredo Alves de Lima 21, Cons. Filinto Bastos 19, e outros menos votados.

De estatistica: Dr. Affonso Glycerio da Cunha Maciel 21, Dr Dionysio Gonçalves Martins 21, Pharm Diniz Gonçalves 20, e outros menos votados.

De mappas: Capitão de mar e guerra Alves Camara 20 votos, Alfredo Octaviano Soledade 19, Dr. Aurelio Pires de Carvalho e Albuquerque 13, e outros menos votados.

De biographias: Dr. Joaquim dos Reis Magalhães 19 votos, Dr. Manuel Joaquim de Souza Britto 17, Dr. Guilherme Pereira Rebello 16, e outros menos votados.

Os que se achavam presentes tomaram posse dos cargos para que foram eleitos; e nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão, do que, para constar, eu, 2º. Secretario lavrei a presente acta e assigno.—Isaias de Carvalho Santos.—*Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque — Isaias de Carvalho Santos.—Bonifacio Faria Rocha.*

OFFERTAS

(Mez de Janeiro)

Além dos Jornaes e Revistas do costume recebeu a Secretaria o seguinte:

—Pela *Secretaria da Associação Commercial*: Relatorio da Direcção apresentado á Assembléa Geral de 28 de Fevereiro de 1899.

—Pelo cidadão *Angelo Alves Affonso:* Um vol. contendo Alvarás e Cartas regias impressas em 1795.

—Pela *Secretaria do Arcebispado:* Carta Pastoral de D. Jeronymo Thomé da Silva, Arcebispo da Bahia, sobre o 4.º Centenario da descoberta do Brazil e 1.º Congresso Catholico Brazileiro.

—Pelo socio Dr. *Manoel de Mello Cardoso Barata:* Discurso pronunciado em S. Paulo no banquete politico offerecido a Quintino Bocayuva, pelo offertante; O Estado do Amazonas, por Arthur Luciani e Bertino de Miranda Lima.

—Pelo socio *Tenente Coronel Raymundo Ciryaco Alves da Cunha*: Album do Pará—em 1899.

—Pelo Dr. *Canuto Sebrão:* Biographie Universelle ou Dictionaire Historique—por uma sociedade de homens de lettras—6 vols; Eléments de Chirurgie Vétérinaire, por J. Gourdon—2 vols.; Dictionaire de Médecine Usuelle, por uma sociedade de homens de lettras—2 vols; The History of England by Thomas Macaulay—vols.-1, 3 e 4; Lexique Grec-Français, por C. Alexandre — 1 vol; Histoire de la Litterature Romaine — por Alexis Pierron—1 vol.; Obras de João Francisco Lisboa —pelo Dr. Antonio Henriques Leal—4 vols.; Philosophie de L'Histoire de L'Humanité, por J G. Herder—3 vols.; Poemes et Romans de Goethe, traduction nouvelle, por Jacques Porchat—vols. 5, 6, 7, 8, 9 e 10.

—Pelo professor *Joaquim de Sousa Mascarenhas:* Diccionario Technico e Historico de pintura, esculptura, architectura e gravura—por Francisco de Assis Rodrigues.

—Pelas respectivas *redacções:* Bulletin de la Société Royale Belge, ns. 5 e 6 de 1898 e ns. 1 e 2 de 1899: Bulletin de la Société Neuchateloise de Geographie, tomo XI — 1899; The National

Geographic Magazine, n. 12 vol. 10—1899; Bulletin de la Sociedad Geografica de Madrid, ns. 22 e 23—1899; Le Monde Medical, Revista Internacional de Medicina e Therapeutica, n. 111—de 1899; Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa, 16ª. serie, n. 12; Bulletin de la Societé de Geographie Commerciale de Bordeaux, n. 29—1899; Revista do Rio Grande do Norte, ns. 1, 2, 3 e 4 do anno de 1899; Revista Maritima Brazilera, ns. 5 e 6—1899; A Lavoura, Boletim da Sociedade Nacional de Agricultura Brazileira, n. 8, 2.ª serie de 1899; Revista Portugueza Colonial e Maritima, n. 27—5 º vol.; Bulletin de la Geographie Commerciale de Paris, ns. 5, 6, 7 e 8 de 1899; Bolletino della Societá Geografica Italiana, n. 12, vol. 12 de 1899.

(Mez de Fevereiro)

—Pelo Dr. *Vicente Ferrer Wanderley*: Almanach de Pernambuco para os annos de 1899 e 1900.

—Pela *Secretaria do Interior, Justiça e Instrucção Publica*: Leis e Resoluções do Estado da Bahia do anno de 1899 sob ns. 296 a 349.

—Pela *Secretaria do Senado da Bahia:* Annaes do Estado da Bahia—anno de 1899—4 vols.

—Pela *Directoria da Associação Commercial daBahia:* Estatutos da mesma Associação.

—Pelo Cidadão *Philoteio Pereira de Andrade*, advogado em Nova Goa: A Inercia da Materia, ensaio philosophico; Os Santos Martyres de Cuncolim; Documentos Konkanis para a historia de Gôa; Paginas de Pedra da India Portugueza, e Padre André Gomes pelo offertante; Contribuição para a Bibliographia Indo-Portugueza, por Ignacio Salvador Leonardo Dias.

—Pelo *Tenente Coronel Raymundo Cyriaco Alves da Cunha:* Relatorio da Instrucção Publica apresentado ao Governador do Estado do Pará pelo Dr. Augusto O de Araujo e Souza, Director Geral da Instrucção Publica; Relatorio apresentado a Assembléa Geral da benemerita Sociedade Mecanica Beneficente Paraense pelo seu presidente Torquato de Jesus dos Passos; Geographia Especial do Pará, pelo offertante: Chronica de Iguarapé-Miry, pelo Tenente Coronel Agostinho Monteiro Gonçalves de Oliveira.

—Pelas *respectivas redacções:* Revista Juridica (Rio de Janeiro) fasc 5—Dezembro de 1899; Comptes Rendu de Seances, n. 7—Outubro e Dezembro de 1899; Bulletin de La Société de Geographie de Paris, 4.° trimestre de 1899; La Geographie—Bulletin de la Société de Geographie de Paris—1900; Bolletino della Società Geografica Italiana, vol 1.°, n. 1—de 1900; The National Geographic Magazine, n. 1—Janeiro de 1900; Boletin de la Sociedad Geografica de Madrid, n 24—Dezembro de 1899; Bulletin de la Société de Geographie Commerciale de Bordeaux, ns. 1 e 2 de 1900; Bulletin de la Société Royale de Geographie d'Anvers—tomo 23, fasc. 2—de 1899; A lavoura, Boletim da Sociedade Nacional de Agricultura Brazileira—Abril a Junho e Dezembro de 1899; Bulletin of the American Geographical Society, n. 5, vol. 31 de 1899; Gazeta Medica da Bahia, n 5 de 1899.

—Pela Secretaria do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano: 4.° Centenario do Descobrimento de Pernambuco em 26 de Janeiro de 1500.

(Mez de Março)

—Pelo Dr. *Virgilio Cardoso de Oliveira, director do Instituto Civico-Juridico «Paes de Carvalho»:* Relatorio apresentado ao Senador Antonio

José de Lemos, Intendente Municipal de Belém (Pará) 1899.

—Pelo Cidadão *Demetrio de Araujo*: «O Propulsor»—Orgão da imprensa da Feira de Sant'-Anna, 1 vol. encadernado, contendo os annos de 1896 a 1899.

—Pelos *Snrs. Souza Vianna & C.ia*: «Mala da Europa», ns. 206 e 207, Janeiro de 1900.

—Pelo socio Dr. *Domingos Rodrigues Guimarães*: «O Treze de Novembro de 1899»—na Capital da Bahia (subsidio para a historia—1900).

—Pelo cidadão *Cardoso Junior*; «Larvas»—Com um prefacio de Silva Marques—Rio de Janeiro—pelo offertante.

—Pelo socio Dr. *Francisco de Góes Calmon*: Collecções dos Breves Pontificios e Leis Regias, desde o anno de 1741, sobre a liberdade das Pessoas, Bens e Commercio dos Indios do Brazil.

—Pelas *respectivas redacções*: Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, n. 52 de 1899

Bulletin de la Société de Geographie Commerciale de Bordeaux ns. 3 e 4—Fevereiro de 1900; Revista Portugueza. Colonial e Maritima, n. 29—3. anno. Fevereiro de 1900; La Geographie, (Bulletin de la Société de Geographie—ns. 2 e 4—de 1900); Bulletin de la Sociedad Geografica de Madrid. tomo XLI, 4.º trimestre—de 1899; Gazeta Medica da Bahia. n. 6 de 1899; «A Lavoura»—Boletim da Sociedade Nacional de Agricultura Brazileira, n. 1. 1.ª serie—Janeiro de 1900; «O Estandarte Catholico», n. 9, Março de 1900; La Geographie, Bulletin de la Société de Geographie, n. 3—Março 1900.

(Mez de Abril)

—Pelo socio Dr. *Guilherme Studart:* Almanach do Estado do Ceará para 1900, por João Camara; Quadro Synoptico dos nomes Indo-Brazileiros, pelo Conego Raymundo Ulysses de Pennafort; Revista Trimensal do Instituto do Ceará anno 13—3.º e 4.º trimestres de 1899 (2 exemplares.

—Pela *Directoria do Observatorio Astronomico do Rio de Janeiro:* Annuario publicado pelo Observatorio do Rio de Janeiro para o anno de 1900; Boletim Mensal do mesmo Observatorio—Janeiro de 1900; Methodo para determinar as horas das occultações de estrellas pela lua—por L. Cruls—1899.

—Pelo Dr. *Vieira Fazenda, Bibliothecario do Instituto Geographico e Historico Brasileiro*: Revista do mesmo Instituto, partes 1.ª e 2.ª do vol. 61, 1898-1899.

—Pela Exma. Snra. *D. Marianna Ferreira:* Pacificação dos Crichanás, por João Barbosa Rodrigues; The Indian Tribes of Guiana, by the Rev. Brett. London, 1868.

—Pelo Dr. *Alfredo de Carvalho* Revista do Instituto Historico Pernambucano, 2 vols. encad. de 1862 a 1872.

—Pelo Dr. *Manuel Freire de Carvalho*: Paraguasssú, poema epico, por Ladislau dos Santos Titara, Bahia—1835; Discursos de Zacharias do Góes e Vasconcellos em 1868; A Semana de Lisboa, Collecção de Jornaes de 1893.

—Pelo cidadão *Gaspar Guimarães*: As nossas fronteiras e a reorganisação do exercito nacional (artigos de propaganda) Manáos, 1900, pelo offertante.

—Pelas *respectivas redacções:* D Quixote—Diversos ns. até o 121 de 24 de Março de 1900; «No-

tre Dame» Orgão de propaganda do Estabelecimento Industro-Commercial — Notre Dame — da Cidade de Amargosa—n. 1 —de 1900; Revista do Rio Grande do Norte, ns. 5 e 6—Novembro e Dezembro de 1999; Bolletino della Societá Geografica Italiana—vol. 1 n. 3—Março de 1900; Bulletin de la Société de Geographie de Marseille, ns. 1 e 2- 1.º e 2.º trimestres de 1899; Le Globe—Journal Geographique, organe de la Société de Geofiraphie de Geneve, n. 1 —Novembro de 1999, a Janeiro de 1900; Boletim de Estatistica Demographo-Sanitaria da Cidade de S. Salvador—Julho a Novembro de 1899.

(Mez de Maio)

—Pelo Pharmaceutico *Pedro Cavalcanti*: Regimento de custas judiciarias do Estado de Pernambuco; A Ilha de Fernando de Noronha, pelo Dr. Francisco A. Pereira da Costa; Estatutos da Sociedade de Medicina de Pernambuco; Sessão Litteraria em commemoração ao 15.º anniversario do Collegio «Onze de Agosto»--Recife; Conferencia Republicana proferida no dia 5 de Maio de 1899 na Cidade de Goyana, por Amaro Rabello Junior; Constituição do Centro Social do Estado de Pernambuco; Historico da Companhia Pernambucana; Silva Jardim—A Republica no Brazil—Conferencia realisada na Cidade do Rio de Janeiro em Agosto de 1888; Relatorio da Inspectoria Geral de Hygiene apresentado ao Dr. Julio de Mello Filho pelo Dr. Eusebio Muniz Costa, Inspector Geral Interino — Recife—1896; Regulamento da Escola de Engenharia expedido pelo Governador do Estado, Cons. Dr. Joaquim Correia de Araujo —Recife—1898; Biographia do Generalissimo Manuel Deodoro da Fonseca; Exposição de factos

historicos que comprovam a prioridade de Pernambuco na Independencia Nacional, pelo Major José Domingues Codeceira—1890.

—Pela Directoria da Sociedade «*Beneficencia Caixeiral*»: Relatorio da mesma Sociedade apresentado em 1900.

—Pelo Socio Dr. *Aristides A. Milton*: Um covado antigo, oitavado, de jacarandá, e duas medalhas commemorativas da inauguração do templo da Candelaria em 1898.

—Pelos Snrs. Souza Vianna & C.: «Mala da Europa» ns. 35 e 36 do 6.º anno.

—Pelo Revm. Padre *Araujo Marcondes*: Pindorama — Revista Phantastico-Historica em 4 actos—em commemoração do 4.º Centenario do Brazil—1532—São Paulo—1900.

—Pelas respectivas *redacções*: Gazeta Medica da Bahia, ns. 8 e 9 de 1900; The National Geographic Magazine, n. 4—1900; Bulletin de la Société Royale de Geographie d'Anvers—1900; Revista Portugueza, Colonial e Maritima, numero commemorativo do 4.º Centenario do descobrimento do Brazil—vol. 6.º—Abril 1900; Revista Maritima Brazileira, ns. 7, 8 e 9—Janeiro a Março e n. 11—Maio—1900; Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa, ns. 1 e 2 de 1899; Boletin de la Sociedad Geografica de Madrid, 1.º trimestre de 1900; Bulletin of American Geographical Society—vol. 32, n. 1—1900; A Lavoura—Boletim da Sociedade Nacional de Agricultura Brazileira—Fevereiro de 1900; Boletim do Museu Paraense—n 1, vol. 3—1900; Revista Trimensal do Instituto do Ceará, 1.º e 2.º trimestres de 1900; Boletim de Estatistica Demographo-Sanitaria da Cidade de S. Salvador—Dezembro de 1899—n. 12; Revista do Rio Grande do Norte, ns. 1 e 2 de 1900; Bulletin de la Société de Geographie Commerciale de

Paris, ns. 9 e 10—1899; Bolletino della Societá Geografica Italiana, vol. 1.º n. 5—190; Bulletin de la Société de Geogrphie Commerciale de Bordeaux, ns. 7, 8 e 9—1900; «A Escola»—Revista Official do Ensino, n. 10—anno 1.º—1900—Belém—Pará.

(Mez de Junho)

—Pela *Secretaria de Justiça do Ceará:* Mensagens, Relatorios e Regulamentos.

—Pelo Socio Coronel *Raymundo Cyriaco Alves da Cunha:* Estatutos do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Pará—1900; Estudo sobre os Systemas Penitenciarios, pelo Desembargador Bezerra da R. Moraes.

—Pela Secretaria do *Estado Maior do Exercito*: Revista Militar, fasc. de Janeiro, Fevereiro e Março de 1900.

—Pela *Secretaria do Gremio Polymathico* do Rio Grande do Norte: Uma photographia da Missa Campal celebrada em 3 de Maio de 1900, na Cidade de Natal, em commemoração do 4.º Centenario do descobrimento do Brazil.

—Pelo Socio Dr. *Manuel de Mello C. Barata*: Revista Maritima Brazileira, Maio de 1900; Quarto Centenario do descobrimento do Brasil, pelo Dr. Zeferino Candido—1900; Catalogo da Collecção Numismatica, de Bernardo de Azevedo da Silva Ramos, 3 vols. e 1 Supplemento—1900, sob o auspicio do Governo do Estado do Amazonas; Catalogo Alphabetico da Bibliotheca do Senado Federal—1898.

—Pela Directoria do Museu Nacional: Archivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro, vol. 10—1897 a 1899.

—Pela «Representação do Estado do Amazo-

nas na commemoração do 4º. Centenario do Brasilna Capital Federal»: Collecção Numismatica. (Catalogo) de Bernardo de Azevedo da Silva Ramos, sob o auspicio do Governo do Estado do Amazonas, 3 vols e 1 Supplemento.

—Pelo socio *J. A. Ismael Gracias:* Instituições Administrativas das provincias ultramarinas, annotadas pelo offertante—Nova-Gôa—1899.

—Pelo Dr. *J. dos Remedios Monteiro:* A Ilha de Fernando de Noronha—noticia historica, geographica e economica—pelo Dr. Francisco Augusto Pereira da Costa.

—Pelo Dr. *Matheus Vaz de Oliveira:* Um numero do «Diario de Pernambuco»—de 1832.

—Pelo socio *Cons. Dr. Pedro Mariani:* Uma cedula de 10 pesos, do Paraguay.

—Pelas respectivas redacções: Revista de Jurisprudencia, ns 27 a 31—anno de 1900; Gazeta Medica da Bahia, ns. 10 e 11—Abril e Maio de 1900; La Geographie—Bulletin de la Société de Geographie, n. 5—1900; Bulletin de la Société de Geographie Commerciale du Havre, 4º. trimestre—1899; A Lavoura—Boletim da Sociedade Nacional de Agricultura Brazileira—Março de 1900; Revista Catharinense, n. 5, anno 1.º—1900, Capital Federal; Revista Portugueza, Colonial e Maritima, n. 32, 6.º vol., Maio 1900; Revista Maritima Brazileira, n. 12—1900; Bulletin de la Societé de Geographie Commerciale de Bordeaux, ns. 10 e 11, 1900; The National Geographic Magazine, ns 5 e 6, 1900; A Escola—Revista official do Ensino, n. 1, anno 1.º—1900.

BIOGRAPHIA

DO

PADRE MANOEL LEONARDO ROLIM

(UM JESUITA BAHIANO)

Na cidade da Bahia no Brazil nasceo a 6 de Janeiro de 1732 o padre Manoel Leonardo Rolim. Seus Pais, illustres não menos pela nobreza de sangue e copia de riquezas, que pelo fervor de piedade e solidez de religião, educarão-no com summo cuidado desde seus mais tenros annos, descobrindo n'elle uma indole candidissima e de si inclinada ao bem. Mandado estudar nas nossas escholas os primeiros rudimentos da grammatica e depois as bellas lettras, fez-se espelho e modelo dos seus condiscipulos pela compostura, devoção e diligencia. Na idade de deseseis annos, movido internamente por Deos, impellido pelo desejo de perfeição, pedio e obteve entrar na Companhia; e assim no dia 1.º de Fevereiro de 1748 foi admittido no nosso noviciado, onde com extraordinario fervor todo se dedicou a formar-se segundo o espirito proprio de sua vocação, exercitando-se na mais ardua e solida virtude.

Ligado a Deos mais estreitamente pelos santos votos, passou aos estudos da rhetorica, e depois da philosophia e theologia, que bem depressa foi obrigado a interromper, expulso com os outros padres no desterro por ordem vinda de Portugal do Ministro Sebastião de Carvalho, marquez de Pombal. E aqui foi onde o nosso Leonardo mostrou em que conta tinha a sua vocação. Os commissarios regios tendo em consideração a nobreza da familia e as instancias dos parentes, instarão-no para que abandonasse a Companhia e permanecesse no Brasil; porém, o bom moço regeitou com horror as suas propostas,

e disse com maravilhosa firmeza querer antes correr com os outros a mesma fortuna do exilio e manter-se fiel a Deos, ainda quando tivesse de perigar a sua vida. Soffrendo portanto com invicta paciencia e plena resignação os incommodos e padecimentos da longa viagem, quer por mar, quer por terra, da ultima costa da America veio a Italia, e d'ahi a Roma para continuar o curso interrompido da thetologia.

Florescia então o Collegio Romano com numerosa juventude, congregada, para assim dizer, de todas as nações, que com igual fervor e diligencia attendia ao estudo das lettras e da propria perfeição. Ora em uma congregação de moços de tão raras qualidades, o nosso Leonardo conquistou logo para si o amor e a benevolencia de todos. A' vivacidade do engenho junctava uma modestia e compostura inalteravel; tinha de si baixo sentimento e reputava-se o menor entre os seus condiscipulos. No trato era urbano e affavel; sempre prompto a todo o acêno de obediencia; exactissimo na observancia regular; amante da oração e do silencio.

Terminado o curso dos estudos foi mandado como Professor de philosophia para o Collegio de Viterbo onde elle conservou-se até a morte.

Ainda se não tinha passado um anno depois de sua chegada de Roma, que aquelles cidadãos conheceram ter adquirido n'elle não só um douto Professor de sciencias, porém um verdadeiro Pai dos Pobres, um experimentado director das almas, um Ministro zeloso da Gloria Divina, sempre occupado com obras de caridade em proveito e salvação do proximo.

D'ahi resultou que em muito pouco tempo todos o tivessem no conceito de homem Santo, e de operario incansavel. Esta opinião, em vez de diminuir, cresceo todos os dias nos quarenta annos, que elle sobreviveo em Viterbo, ainda depois da abolição da Companhia. O padre Francisco Pagnanelli que tratou longo tempo com elle, e o padre Thomaz de Caro, que foi seu confessor, deixaram por escripto

algumas memorias sobre as virtudes do padre Leonardo, que eu aqui referirei brevemente.

Seu pasto quotidiano era a oração. Em quanto viveo na Companhia aproveitava avidamente todo o resto do tempo, que lhe ficava livre de suas occupações, e o passava só com Deos orando e meditando diante do Santissimo Sacramento na Igreja ou na Capella domestica. Depois de abolição da Companhia, não tendo mais sujeição alguma, passava as noites inteiras na contemplação das cousas celestes. Testemunhas auctorisadas affirmam tel-o por muitas vezes visto absorto com a mente em Deos, arrebatado fóra dos sentidos, com todo o corpo elevado nos ares. Da oração tirava pura luz especialissima para dirigir as almas, e regular as consciencias, penetrando os segredos dos corações e predizendo cousas futuras. Muitos annos antes predisse a abolição da Companhia, e muitas particularidades a pessoas particulares.

Actuosissima foi a sua caridade em adjuctorio espiritual do proximo. Havendo conciliado com a santidade da vida o amor e a benevolencia de todos os Viterbenses, disto se valeo opportunamente em vantagem das almas delles. Assiduo em ouvir as confissões, acolhia todos com singular e amorosa benevolencia. Andava ás traças dos mais transviados, e com boas maneiras induzia-os a reconciliar-se com Deos; de preferencia fazia isto com a gente da mais baixa e humilde condição, que de ordinario vive mais abandonada.

Andando pelas ruas entrava nas lojas e tabernas, parava nas praças e nos beccos, e até mesmo nas tascas convidando todos a seguil-o, aos quaes acolhia com ternura e caridade.

Rara era a tarde em que o bom padre não era obrigado a estar 3 ou 4 horas continuas ouvindo confissões. Familiarisava-se com os esbirros e docemente trazia-os a si; reunia os meninos vagabundos e mendigos, e com invicta paciencia instruia-os nos mysterios da fé, e nos preceitos da moral christã.

Andava tambem em busca dos rusticos pelos campos, em quanto elles trabalhavam os entretinha com santos discursos e dispunha a receber os Sacramentos. Seu cuidado principal era com os enfermos abandonados nos hospitaes, com os condemnados ás prisões e aos trabalhos publicos. Muitas vezes foi a Civitavechia para pregar e cultivar o espirito dos gallés.

Tendo sabido que um salteador feroz para fugir ás mãos da justiça andava errante por montanhas e mattas impraticaveis, poz-se logo á cata delle e reduzio-o á penitencia. Um réo condemnado á morte por mais esforços que fizessem com elle, nada queria saber de Deos nem da alma Foi chamado o padre Leonardo, e este com somente fazer-lhe beijar o Crucifixo o venceo e humilhou aos seus pés

Nem menor era a sua caridade em soccorrer o proximo nas necessidades temporaes. Uma vez por mez dava de jantar aos encarcerados, não se envergonhava de levar elle mesmo ás costas o taboleiro das comidas que elle fazia preparar por pessoas devotas.

De sua pensão não expendeo nunca dinheiro algum comsigo, dando-a toda em esmola aos pobres. Pelo que não havia misero algum na cidade que não recorresse a elle muito certo de ser ajudado.

Dous irmãos contendiam entre si e se odiavam de morte. O padre Rolim tendo sabido que a causa da contenda era uma divida de 50 escudos que um devia a outro, pagou-a do seu dinheiro e reconciliou-os ambos. Pagou tambem uma divida de vinte escudos que trazia muito angustiado um pobre homem. Tendo chegado a Viterbo muitos francezes foragidos, principalmente ecclesiasticos, reduzidos á extrema miseria, o padre Rolim todo cheio de caridade andou por muitos dias em giro pelos mosteiros e pelas casas mais abastadas da cidade, pedindo roupas e esmolas para aquelles dignos sacerdotes expulsos aos bandos fora de sua patria. Nem ainda assim satisfeito empenhou por 3 annos a sua pensão para ter com que soccorrel-os.

Quanto era amoroso para com o proximo, tanto era comsigo mesmo austero. Trazia sobre a carne nua um aspero cilicio, e quasi todas as noites disciplinava-se a sangue.

Foi muitas vezes visto dirigir-se á noite para a porta da Igreja dos padres Servitas e dos padres Jeronymos, e estando alli algum tempo em oração descarregava sobre as costas uma aspera disciplina. Era muito parco na comida, como attesta o conego Filippe Pittirossi em cuja casa elle habitava. O seu alimento era ordinariamente só de legumes, que tomava com escassa medida. Vestia pobrissimamente. Ainda depois da abolição da Companhia uzou sempre de vestes, meias e manto de lã grossa que elle mesmo remendava. Cousas novas não se viu jamais em cima delle, e offerecidas muitas vezes como esmola não quiz nunca acceital-as. Era mantido gratuitamente pelo seu amoroso hospede, e por isso quanto tinha de seu distribuia aos pobres.

Predisse sua morte muitos mezes antes que acontecesse Em sua ultima enfermidade deu exemplos heroicos de virtude, e por fim recebendo com summa piedade os ultimos Sacramentos passou desta vida aos 6 de Janeiro de 1804 contando 72 annos de idade. Divulgada a noticia da sua morte foi acclamado Santo por toda a cidade de Viterbo.

Foram-lhe celebradas solemnes exequias a expensas dos devotos, e o padre Pedro Antonuzzi Sicilianno recitou ao numeroso povo que havia concorrido uma bem desenvolvida oração funebre. Sendo universal a fama de santidade do padre Rolim, muitos enfermos invocaram depois de morto a sua intercessão e receberam curas prodigiosas.

Uma mulher cega recuperou a vista, e uma outra, que era mulher de Julianno Borghesi sarou instantaneamente de varias e complicadas molestias que a haviam reduzido ao extremo. Contam-se outras cousas maravilhosas operadas pelo padre Rolim em vida e depois de morto que por brevidade se deixam.

(Extr. do Menologio da Companhia de Jesus).

SUMMARIO DO N. 24

Mesa Administrativa

Presidente—Cons. Salvador P. de Carvalho e [illegible]
1º Secretario—Cons. João Nepomuceno Torres
2º Secretario—Dr. Isaias de Carvalho Santos
Orador—Dr. Braz Hermenegildo do Amaral
Thesoureiro—Capitão Francisco Gomes Ferreira [illegible]

Commissão de Redacção da Revista

Cons. João Nepomuceno Torres
Dr. Joaquim dos Reis Magalhães
Dr. Innocencio Muniz de Araujo Góes

ASSIGNATURAS

Por um anno	12$000
Por seis mezes	6$000

PAGAMENTO ADIANTADO

Numero avulso e os anteriores . . . [illegible]

AVISO

A correspondencia e todas as remessas de livros, jornaes e quaesquer objectos de valor historico devem ser encaminhadas para a Secretaria do Instituto, á Praça 15 de Novembro (antigo Terreiro de Jesus) das 10 horas da manhã ás 4 da tarde.

REVISTA TRIMENSAL

DO

Instituto Geographico

E

Historico da Bahia

FUNDADO EM 1894, RECONHECIDO DE UTILIDADE PUBLICA
PELA LEI N. 110 DE 13 DE AGOSTO DE 1895

Maxima sunt documenta equidem res temporis acti
In praesens, validusque in veniens stimulus.

SETEMBRO DE 1900

ANNO VII | VOL. VII | N. 25

BAHIA

1900

REVISTA TRIMENSAL

DO

Instituto Geographico

E

Historico da Bahia

FUNDADO EM 1894, RECONHECIDO DE UTILIDADE PUBLICA
PELA LEI N. 110 DE 13 DE AGOSTO DE 1895

Maxima sunt documenta equidem res temporis acti
In præsens, validusque in veniens stimulus.

SETEMBRO DE 1900

ANNO VII VOL. VII N. 25

BAHIA
Typ. e Encadernação—«Empreza Editora»
LARGO DAS PRINCEZAS NS. 15 E 22

1900

REVISTA TRIMENSAL

DO

Instituto Geographico e Historico

DA BAHA

Anno VII **Setembro de 1900** **Num. 25**

HISTORIA PATRIA

Dous importantes assumptos offerecem o mais largo desenvolvimento:—o descobrimento do Brazil e as primeiras expedições mandadas por D. Manoel para exploração das costas, fixação de marcos e novas descobertas.

Communicando aos Reis Catholicos o descobrimento do Brazil, El-Rei D. Manoel descreveu-o como uma *Ilha grande e bôa para refrescarem e fazerem aguada suas armadas da India.*

Eram discordes as primeiras noticias que chegavam.

Da *Terra dos Papagaios*, como foi o Brazil conhecido desde logo e lê-se nos antigos mappas, asseguravam:—«apenas se tira grande quantidade de canna fistula e de páo Brazil e não achamos mais nada de valor.» (*Collec. Ultram II.*)

Foi D. João III que succedeu a D. Manoel, vinte annos depois do descobrimento, o colonisador do Brazil.

Iniciados os dous nucleos coloniaes de S. Vicente

e Piratininga, á custa de sacrificios ingentes do thesouro portuguez, resolveu D. João III dividir o vasto territorio então conhecido em capitanias hereditarias ou morgadios, vinculando-os em doze validos e magnates do Reino com o fim de cultivarem e civilisarem os extensos dominios, reservando a Coróa para si, entre outros privilegios, a cunhagem da moeda, o quinto dos metaes e pedras preciosas e os dizimos territoriaes.

Abrangiam estas doações regias enorme extensão territorial, cincoenta e mais leguas pela costa:—«com todas as ilhas que se acharem dez leguas ao mar fronteiras á costa e pelos sertões a dentro com a extensão que se achar»,—como se lê no fiel extracto destas Cartas de Doação, feito pelo douto João Francisco Lisbôa (*Obras Complet. 3.º vol. pag. 297—Edic. do Maranhão.*)

A cada doação acompanhava o *Foral* regulando os direitos e os tributos dos colonos ao Rei e ao donatario e dos solarengos pelas terras que recebessem em emphyteose. Accioli, no vol. III de suas *Memorias Historicas*, transcreve na integra o *Foral* da Capitania da Bahia, em substancia o mesmo das outras.

Estas capitanias, mal demarcadas, sem meios de facil communicação e auxilio nas aggressões externas dos piratas, que infestavam nossos mares, e nas luctas internas com os autochthones; governadas por senhores feudaes em geral experimentados apenas na arte da guerra, dispondo de poucos recursos e de numero limitado de colonos, na mór parte aventureiros, degradados e famulos, não podiam medrar.

Apenas a capitania de Pernambuco e uma outra mais floresciam, devido a sua situação geographica e a melhor pessoal.

Apreciando, em uma admiravel synthese, os systemas de colonisação adoptados em differentes epocas da historia, observa Le Roy Beaulieu: «os particulares representam importante papel na colonisação como exploradores, aventureiros, pioneiros e com-

merciantes. Mas não podem exercer uma acção methodica, prolongada, systematica sobre um paiz barbaro ou selvagem. Levam ao extremo o amor do lucro, o espirito da injustiça e da oppressão. Precursores uteis, auxiliares indispensaveis, têm necessidade de ser contidos e fiscalisados por um poder politico».

Era justamente este poder politico, a que allude o notavel economista, que faltava para organisação e direcção geral das capitanias, fiscalisando e contendo ao mesmo tempo os donatarios no exercicio da auctoridade de que abusavam.

Com este elevado intuito D. João III concentrou o governo de todas as capitanias nas mãos de um Governador Geral, elegendo para a sua séde a Capitania da Bahia de Todos os Santos.

Foi ella de preferencia escolhida, no dizer de Frei Vicente do Salvador, *para que fosse como o coração no meio do corpo, donde todas se socorressem e fossem governadas.*

Do territorio então conhecido no nosso Estado formaram tres capitanias:—Ilhéos, Porto Seguro e a Bahia de Todos os Santos, escopo destas ligeiras notas.

Occupando-me dos primitivos tempos da Bahia, terei necessidade de invocar frequentemente as fontes onde colhi seguras informações para dissipar as *lendas fabulosas* que, na opinião irreflectida de alguns criticos, envolvem a genese historica de nossa terra.

A Bahia de Todos os Santos foi descoberta por Americo Vespucio em uma de suas primeiras viagens a serviço da corôa portugueza.

Alguns chronistas erradamente emprestam a gloria desta descoberta ao navegador portuguez Christovão Jacques. Mas, attendendo-se para a data de sua viagem (1526) e das primeiras explorações do celebre cosmographo florentino ás costas do Brazil, vê-se que já em 1503 Vespucio, em carta a seu amigo o gonfaroneiro de Florença, Pedro Soderini, designava a Bahia como ponto de encontro dos navios da expedição, de accordo com o Regimento que trazia o

commandante Gonçalo Coelho, que partiu de Lisbôa em meiados de 1503.

Em um estudo moderno, reputado dos mais eruditos sobre as viagens de Americo Vespucio, inserido na *Revista Européa* sob o titulo *Il Terzo Viaggio di Amerigo Vespucci*, o celebre americanista *Luigi Hugues* consigna a descoberta da *Baia di Ognissanti* como o resultado de uma das primeiras viagens do insigne cosmographo ao nosso continente, a serviço do Rei de Portugal.

A Capitania da Bahia de Todos os Santos, comprehendendo a vasta extensão—do *Padrão* de Santo Antonio da Barra até a fóz do Rio S. Francisco,—foi doada, por Carta Regia de 5 de Abril de 1534, a um velho fidalgo, Francisco Pereira Coutinho.

A' chegada de Coutinho, em meiados de 1535, havia uma pequena povoação, fundada por Diogo Alvares, fidalgo de Vianna do Minho, que, escapo de um naufragio, residia na Bahia desde 1500.

Da influencia que exerceu sobre os tupinambás e de seu casamento, á face da igreja, com a Princeza Paraguassú, filha do bravo Itaparica, occupei-me na primeira *Carta*, salientando o testemunho de Frei Vicente do Salvador, contemporaneo de Paraguassú, e pregoeiro de suas virtudes como esposa christã. (*Historia do Brazil, vol. 3· pag. 60*).

Sobre a data em que começou a residir Diogo Alvares na Bahia encontra-se a indicação em dous preciosos documentos, sendo um impresso na magnifica publicação, protegida pelo governo hespanhol, a cargo do notavel historiador *D. Luiz Torres de Mendoza—Colleccion de documentos ineditos relativos al descobrimiento, conquista y colonizacion de las posesiones Espanolas en America y Oceania, del Archivo de Indias.*

A este documento referem-se o historiador *Herrera*, citado por *Accioli*, e os *Materiaes e Achêgas para a Historia do Brasil*, no capitulo *Informações.*

Vale a pena transcrevel-o do vol. V, pag. 97 da cit. *Coll. de Doc. Ineditos del Archivo de Indias.* E' a relação da viagem da armada de *Simon de Alca-*

zaba, que partiu do porto de São Lucas de Barrameda em 20 de Setembro de 1534, devendo passar pelo *Estreito de Magalhães*, com destino ás possessões hespanholas, *da provincia de Leon*.

Chegando á costa do Brazil, escreve o almirante:

«Y llegamos á tomar otro puerto en la dicha costa que se dice la bahia de Todos Santos á 28 de Julio (1535); en este puerto está un cristiano, que se dice Diego Alvarez, que há *veinte y seis annos* que está en el, *casado*, con mujer y hijos; y estaban con el otros seis ó siete cristianos, que habian escapado de una carabela, que se habia perdido, podia hacer dos ó tres meses; y de estos se vinieron con nosotros los cuartos de ellos.»

Tempos antes da visita do almirante hespanhol á Bahia, onde dominava o immortal Diogo Alvares, já haviam estado navios de corsarios francezes, naus hespanholas e as duas importantes expedições de Christovão Jacques e Martim Affonso de Souza.

Desta ultima escreveu a narrativa o irmão de Martim Affonso, Pero Lopes de Souza.

De sua visita á Bahia em 1531 foram estas em resumo as impressões do capitão-mór e de seu irmão:

«Aqui se apresentou ao capitão-mór o portuguez Diogo Alvares, que em terra vive entre os indios *os vinte e dous annos anteriores*, e que ahi tinha muitos filhos, havendo-se *alliado* a uma india, cujo nome primitivo corre haver sido Paraguaçú, Catharina o da *pia baptismal*. Por intervenção do mesmo Diogo Alvares, vieram todos os principaes visitar ao capitão-mór, trazendo-lhes mantimentos, que foram retribuidos com as dadivas do costume.

«Admirou Pero Lopes na Bahia a alvura da gente, a bôa disposição dos homens e a formosura das mulheres que não achou inferiores ás mais bellas de Lisbôa. (*Hist. Geral do Braz. tom. I, pag. 117*).

O donatario chegou á Bahia no mesmo anno e dias depois da partida da armada de Simão de Alcazaba, encontrando Diogo Alvares cercado do reduzido numero de christãos mencionado pelo almirante hespanhol.

O aldeamento levantado por Diogo Alvares, a que deu o nome de *São Salvador*, em piedoso tributo a sua salvação do naufragio, demorava na formosa collina da Graça (*Villa Velha*). As casas eram construidas de taipa de pilão com travessões e guaritas (*Jaboatam—Orbe Serafico—tom. I, pag 39*) em substituição ás antigas cabanas.

Instituiu uma forma de policia adaptada ás circumstancias e aos costumes indigenas e dos fragmentos de seu navio, que dera á costa, armou pequenos barcos (*Accioli—Memorias Hist vol. I, pag 52. Edic. 1835*).

O donatario, ahi recebido, augmentou a povoaçã- com casas para cem moradores; construiu uma fortao leza sobre o mar e concedeu cartas de sesmarias, entre outros, a Diogo Alvares «de quatrocentas varas de terra de largo e quinhentas de comprido, perto da Villa Velha.»

Fez construir dous engenhos de assucar, já tendo encontrado a canna cultivada pelos indigenas sob as vistas de Diogo Alvares.

A canna de assucar não é planta da flora indigena como pretende Lery, Ayres Casal e outros.

O nosso eminente conterraneo o Visconde de Cayrú, apoiado em uma sabia Memoria do Dr. Freire Allemão, escreve a este respeito:

«A canna de assucar não é indigena do nosso paiz; nem a «creoula», a do Malabar, na India, a primeira cultivada, e que tantos beneficios nos deu, como a de Otaiti, conhecida entre nós por «canna de Cayenna», introduzida em 1790, e menos a rôxa de Batavia, de data mais moderna. (Principios de Direito Mercantil—(6ª Ediç.) pag. 363).

Em sua opinião as sementes foram trazidas pelos contractadores de páo-Brazil, nos estabelecimentos passageiros que faziam nas costas do Brazil, tanto que Fernando de Magalhães, quando passou em 1519, encontrou-a em abundancia no Rio de Janeiro.

A historia infeliz do donatario é assás conhecida; da lucta travada com os indios resultou o abandono

da colonia e com a sua morte pereceu a obra iniciada.

Succedeu-lhe no vinculo o filho varão Manoel Pereira Coutinho, que nada emprehendeu, vindo a ceder á corôa portugueza todos os seus direitos ao morgado, pela conversão na quantia annual de 400$000, conhecida nas chronicas por «morgado do juro».

Resolvendo D. João III, como ficou dito linhas atraz, concentrar o governo de todas as capitanias nas mãos de um Governador Geral, escolheu para capital a Capitania da Bahia de Todos os Santos, denominada Capitania da Corôa,

O elevado cargo de Governador Geral foi confiado a Thomé de Souza, do Conselho de El-Rei, varão assignalado nos perigos e guerras da India, «homem muito avisado e prudente.»

Com o Governador Geral para a administração politica de todas as capitanias e da capital, que devia fundar, foram tambem nomeados um Provedor-mór, para os negocios da fazenda, um Ouvidor-geral, para a justiça, e um Capitão-mór, para o governo da costa.

Partiu de Lisbôa, a importante expedição, que Varnhagen chama— «Expedição Regeneradora do Brazil,»— commandada por Thomé de Souza e composta, além dos altos funccionarios referidos, de 600 milicianos, 400 degradados, muitas familias de colonos e os primeiros missionarios jesuitas, dirigidos pelo benemerito Manoel da Nobrega.

Thomé de Souza, chegando á Bahia em 29 de Março de 1549 (Carta de Manoel da Nobrega a Simão Rodrigues, esc. da Bahia em Abril do mesmo anno), depois de ter estudado a topographia do terreno, resolveu traçar a cidade no alto da montanha entre o logar que depois chamou-se «Terreiro de Jesus» e o «Largo do Theatro», por ser o sitio mais abastecido de fontes e melhor abrigo para defeza e segurança dos moradores. Começou a edificação da nova capital no dia 30 de Maio de 1549 (dia da Ascenção do Senhor), como se deprehende de um assento existente na Camara dahi (trasladado em nota por Jaboatão e

Accioli), comparado com as Cartas de Nobrega a Simão Rodrigues (Cassiano de Miranda—nota em additamento a Accioli—pag. 389).

Deu o nome á nova Capital de «Cidade do Salvador», que El-Rei D João III mandou pôr (Gabriel Soares—Trat. Descript. do Bras. pag. 106), e por armas uma pomba branca em campo verde, com um rollo á roda branco, com letras de ouro que dizem

Sic illa ad arcam reversa est

tendo a pomba tres folhas de oliva no bico.

Já existia, segundo refere Frei Vicente do Salvador, uma tradição antiga repetida pelos indios velhos, em que era o Brazil comparado a uma pomba, cujo peito é a Bahia e as azas as outras capitanias, «porque dizem que na Bahia está a polpa da terra.»

Thomé de Souza começou a edificação da nossa cidade, lançou as bases da centralisação do governo das capitanias, perseguiu os piratas, fez as primeiras entradas no sertão, introduziu o gado em nossos campos, mandando-o vir da ilha de Cabo Verde, e secundou valentemente a obra da cathechese emprehendida pelos intrepidos legionarios de Ignacio de Loyola.

Em quatro annos e meio de um governo fecundo executou o sabio Regimento que trouxe, redigido pelo Conde da Castanheira, deixando a Bahia saudoso e arrependido de ter insistido com o Rei pelo regresso á Patria.

A este respeito conta Frei Vicente do Salvador uma interessante anecdota, que não posso furtar-me ao prazer de transcrever.

«He costume nesta Bahia ir o meirinho do mar quando entram os navios, e trazer a nova ao Governador donde são e o que trazem; como pois fosse em aquella occasião, e achasse que vinha successor ao Governador tornou-se mui alegre e pediu-lhe alviçaras porque já eram cumpridos seus desejos e estava no porto novo Governador; respondeu-lhe elle, depois de estar um pouco suspenso:—Vêdes isso, meirinho, verdade é que eu o desejava muito e me crescia a

agua na bocca quando cuidava em ir para Portugal; mas não sei que he que agora se me secca a bocca de tal modo, que quero cuspir e não posso

«Não dêu o meirinho resposta», observa Frei Vicente, «nem eu a dou», para que os leitores deem a que lhes parecer »

Convém notar que esta anecdota na penna de Frei Vicente é dupla homenagem rendida a amizade de Thomé de Souza á nossa terra, porque em mais de um capitulo de sua curiosa «Historia do Brasil» queixa-se amargamente o espirituoso frade bahiano de que os povoadores desta terra só tenham o pensamento em Portugal e accrescenta em phrase pittoresca: «mesmo os bens e fazendas que aqui adquirem si pudessem fallar diriam como os papagaios, que a primeira cousa que ensinam é:

«Papagaio real para Portugal».

O fundador de nossa cidade, chegando a Lisbôa foi distinguido pelo Rei com elevado cargo de sua côrte e recebeu a doação de seis leguas de terra para as bandas da Pojuca, na Bahia, e mais oito até o Rio Real, que foram encorporadas depois ao rico patrimonio de Garcia d'Avila.

A Thomé de Souza seguiu-se uma serie illustre de governadores, cujos serviços á nossa terra e a todo o Brazil, no periodo difficil de sua formação, é impossivel enumerar, mesmo em synthese, sem estender demadiadamente esta «Carta».

Na excellente «Memoria sobre o Estado da Bahia», que devemos á alta cultura historica do Dr. Francisco Vicente Vianna, encontra-se uma resenha, por ordem chronologica, dos principaes serviços prestados por aquelles benemeritos varões.

Esta Memoria, universalisada com a traducção ingleza de nosso illustre conterraneo Dr. Guilherme Rebello, foi dedicada á Exposição de Chicago.

E' um trabalho de subido valor historico e que demonstra a riqueza de documentos do nosso Archivo, aproveitados na sua elaboração.

Felizmente, estes preciosos documentos virão á luz da publicidade, para conhecimento de todos, na «Re-

vista do Archivo», de que tenho noticia pelos jornaes, creada pelo Dr. Paula Guimarães, que assignalou ainda mais com este serviço a sua passagem pela administração de nossa cidade.

Rio, 1900.

(*Extr.*) *J. P. B.*

HISTORIA DAS ARTES

E

SUA MARCHA PROGRESSIVA NA BAHIA

Dos *Estudos Historicos*, valioso trabalho que o nosso operoso consocio Dr. Cunha Barbosa acaba de publicar, e no qual reuniu importantes dados sobre artistas e obras de arte do Brazil nos tempos coloniaes, transcrevemos para as nossas columnas o que diz respeito á Bahia.

«Não foi só no Rio de Janeiro que as artes tiveram um tal ou qual desenvolvimento, na Bahia foram tambem ellas representadas com certo brilhantismo. Sobresahiram o pintor José Joaquim da Rocha, que pintou as cupolas das igrejas da Conceição da Praia, de Nossa Senhora da Palma, e outras. Seus discipulos Antonio Pinto, Antonio Dias, Lopes Marques, Ramos da Motta, Souza Coutinho, José Theophilo de Jesus e Antonio Joaquim Franco Vellasco deixaram preciosos trabalhos, que muito os têm recommendado.

A historica e florescente cidade da Bahia, a antiga capital da rica colonia brazileira, tambem encerra em todos os seus diversos ramos as maiores preciosidades artisticas.

A Bahia teve tambem a sua antiga Escola de Pintura, fundada em meiados do seculo passado pelo celebre litterato e pintor mineiro José Joaquim da Rocha. Della sahiram famosos discipulos, autores de preciosos trabalhos. A cupola das igrejas da Conceição da Praia, a dos extinctos Agostinhos, a de

Nossa Senhora da Palma, etc., além de primorosos paineis, a cupola de S. Pedro Velho, a do Rosario da Baixa dos Sapateiros e seus paneis, a da ordem terceira de S. Domingos e paineis da sacristia.

Não menos notaveis foram, como dissemos, Antonio Pinto e Antonio Dias, que pintaram os primorosos tectos das igrejas do SS. Sacramento da Rua do Passo, da de Nossa da Ajuda, da de Nossa Senhora da Conceição do Boqueirão, da de Nossa Senhora da Saude e Gloria.

Foram illustres discipulos de José Joaquim da Rocha: Lopes Marques, Nunes da Motta, Verissimo, Souza Coutinho, José e Theophilo de Jesus e Antonio Joaquim Franco Vellasco já por nós referidos.

Verissimo, o decano desses pintores, pintou o tecto da igreja dos religiosos da Lapa. Foi seu discipulo Lourenço Machado, que pintou o tecto da igreja de Nossa Senhora do Rosario de João Pereira.

Souza Coutinho nos legou o panno de bocca do theatro de S. João, representando a figura da America brazileira.

Theophilo de Jesus, um dos mais eminentes desses artistas, pintou a excellente figura de Mercurio, em que se lia a inscripção: *Ridendo castigat mores.* Este bello trabalho desappareceu completamente.

Theophilo de Jesus e Franco Vellasco foram os dous discipulos mais illustres de José Joaquim da Rocha. O primeiro, depois de se ter aperfeiçoado em Lisboa, no seu regresso á Bahia pintou as cupolas das igrejas dos terceiros do Carmo, do Recolhimento dos Perdões e Boa Sentença, da igreja do mosteiro de S. Bento, da igreja da Barroquinha, da igreja de S. Joaquim, com tres notaveis paineis, a igreja matriz de Itaparica, a igreja de Nossa Senhora do Pilar, quadros e paines dos quatro evangelistas. Pintou tambem a igreja do Senhor do Bomfim e toda a galeria da vida do Redemptor, e da ordem terceira de S. Francisco. Foi um pintor operoso e notavel, a ponto de ter despertado a attenção do primeiro imperador. Falleceu a 19 de Julho de 1847. (1)

---

(1) Dr. A. J. de Mello Moraes.—O *Brazil Social e Politico.*

Francisco Vellasco fôra o primeiro professor nacional da cadeira publica de desenho na Bahia

Foram tambem dignos de nota: Bento José Rufino e Joaquim Tourinho, este autor de uma bella miniatura de Napoleão III e o insigne miniaturista Olympio Freire da Motta, que retratou seu mestre.

A esculptura tambem foi representada pelo celebre Chagas, conhecido por *Cabra*. Foi um esculptor de grande representação. Os seus trabalhos na igreja dos terceiros do Carmo. em que se nota o bello grupo das Dôres, S. João e Magdalena, a imagem da Santissima Virgem, de uma expressão de dôr profunda e admiravel e sobre tudo a imagem do Menino Deus, da Senhora do Carmo foram executados com muita arte e primor.

As suas imagens são tão perfeitas, que parecem tiradas do natural, principalmente as do Menino Jesus de S. Benedicto da igreja de Sant'Anna e da do Sacramento. Segundo o Sr. Dr. Mello Moraes constitue essa imagem uma maravilha de arte. A imagem do Bom Jesus da Redempção é um outro trabalho precioso. Foi celebre artista e chefe de uma escola de esculptura.

Foram tambem celebres esculptores: João de Abreu de Sant'Anna. Felix Pereira e seu discipulo Manoel Ignacio da Costa, autores da magnifica imagem de S. Pedro de Alcantara do convento de S. Francisco. Bento Sabino dos Reis, que compoz a imagem de S. Gonçalo, de uma expressão admiravel, e Feliciano de Aguiar.

Dispondo de tantas riquezas, é lamentavel que este berço de homens tão eminentes nas lettras, artes, sciencias e politica, não encontrasse um só filho, que nos legasse com os seus escriptos a descripção d'essas bellezas.

Nos conventos, no sumptuoso collegio dos Jesuitas, e até mesmo em alguns edificios, com prazer estudar-se-á a pintura e esculptura, a architectura e a decoração.

A riquissima Cathedral, antigo collegio dos Jesuitas, com a sua bella architectura, encerra na

magnificencia do seu interior bellissimos trabalhos de um primor admiravel, a sua linda sacristia, que tanto tem que admirar-se, a sua igreja, que obriga horas inteiras de contemplação, para apreciar-se a riqueza e o bom gosto dos seus trabalhos.

A pintura encantadora de seu tecto, os bellos paineis dos altares lateraes, e sobretudo os pequenos quadros dos dous primeiros altares lateraes, de fórma abobadada representando os martyres do christianismo, pintados talvez por quem devia possuir profundos conhecimentos da arte e da religião, são certamente composições que muito honram a bella patria de Paraguassú.

Tratando d'esse magestoso templo, o Sr. Dr. Eduardo da Silva Prado, em seu artigo *L'Art* no *Le Brèsil en 1889*, pag. 519, diz: «A igreja do collegio dos Jesuitas na Bahia era de esplendor admiravel, a sua sacristia era uma das mais magnificas do mundo, com tres altares, dous nas duas extremidades, um no meio da face contigua á igreja, no qual viam-se todas as manhãs mais de vinte calices de ouro vermelho e prata. Em ambos os lados desse ultimo altar existiam duas grandes mesas, entre espaços de duas portas, que davam entrada para a igreja. Estas mesas, magnificamente trabalhadas em bellissima madeira, eram guarnecidas de marfim e de uma grande quantidade de miniaturas, vindas de Roma. O quarto lado da sacristia era revestido de alto a baixo de diversos *croisèes*, e o tecto coberto de bellissimas pinturas.

Um viajante francez, Frezier, tendo estado na Bahia em 1714 fez desse magnifico templo uma lindissima descripção: «O convento dos Jesuitas, cuja igreja é edificada de um marmore trazido da Europa, a sua sacristia é bellissima, tanto pela correcta execução dos seus bufetes, pelas suas curiosas madeiras, pelos seus trabalhos de marfim, como especialmente pela ornamentação de seus quadros. (2)

(2) Frezier—*Relatation du voyage á l'Amérique du Sud*, etc. Amsterdam, 1717. Vol. II, pag. 535.

Assim ainda se exprime esse illustre viajante em relação a esse imponente templo: «La cathédrale qu'ils appellent Cez (sic) est dans la haute ville. Elle est grande, élevée, tout bâtie de pierres de taille et l'une des plus belles églises que je n'en sache point en France qui puisse lui être comparée. Mais on admire surtout leur sacristie. Les murs sont lambrissés de bois de jacarandá, je suis fort trompé si ce n'est le méme que celui qu'on appelle en France bois de violettes, tant il lui ressemble. Depuis le parquet, qui en est aussi, jusqu'au plafond, tout la peinture est exquise. Du côté où les prêtres s'habillent, il y a un grand nombre de tableaux qu'ils m'ont dit être des meilleurs maîtres d'Italie. De l'autre, entre les croisées, ce sont quantités de belles armoires de même bois que les lambris et bien travaillées. Toute belle et toute grande que soit cette sacristie, elle a un air de simplicité et de propreté qui m'a plu pus que tout le reste.» (3)

Uma outra descripção não menos attrahente desse lindo sanctuario é a feita por «Le Barbinnais le Gentil» em 1817, quando, tratando da cidade da Bahia aprecia esse convento. Ouçamol-o: «Il y a plusieurs monastères, celui des Jésuites est situé dans le lieu le plus agréable de la ville et c'est sans dout le plus beau, le plus vaste et le plus riche édifice, on y a admiré surtout la sacristie dont le lambrie est d'écalle de tortue mise en sonore, d'une manière fort delicate.» (4)

Quem como nós, que, tem visitado a legendaria e hospitaleira cidade da Bahia, nas nossas differentes viagens aos Estados do Brazil, que tem procurado estudar as artes modernas e antigas daquelle florescente Estado, poderá bem julgar as bellissimas descripções feitas por esses abalisados escriptores, e avaliar a exacta pintura feita de tão sumptuoso tem-

---

(3) *Journal d'un voyage sur les côtes d'Afrique*, etc. Amsterdam 1723, pags. 238—240.

(4) *Nouveau voyage au tour du monde.* Amsterdam. 1747, Vol. III, pag. 131.

plo. Deveras extasiámo-nos ao contemplar-mos estas soberbas maravilhas da arte, e sentimos não serem ellas sufficientemente conhecidas, para demonstrar o grão de desenvolvimento artistico desta época.

Si da Cathedral formos a Sé, aos conventos de S. Bento, do Carmo e de S. Francisco, encontraremos igualmente preciosidades artisticas de um valor inestimavel.

A igreja do convento de S. Francisco, situado á praça 15 de Novembro, antigo Terreiro, é um dos mais magestosos templos da Bahia. A sua bella e elegante architectura externa previne logo ao espectador o gosto e o luxo das suas riquissimas pinturas e trabalhos esculpturaes internos.

Logo ao entrar admira-se o bellissimo painel do tecto da portaria, tão fresco e alegre, que parece ter sido executado recentemente. Em seguida entra-se na sacristia, onde o visitante precisa demorar-se algum tempo, para melhor estudar os primorosos trabalhos de entalhamentos, feitos em madeira de jacarandá envernizada. Os bellissimos armarios em que se guardam os paramentos religiosos, e os dous bonitos moveis embutidos nas paredes para os atoalhados, são de bom effeito. Mas, o que prende mais a attenção de quem entra neste sagrado recinto, é um elegante altar de entalhamento dourado, com as suas columnas corynthias, de postes dourados, guarnecidos de anjos e flores tão perfeitos como originaes, repousando em pilastras adornadas de festões dourados, terminando em uma cupola abobadada, encerrando a sagrada imagem do Senhor, é um bonito e luxuoso trabalho esculptural. E' rodeado esse altar de dous magnificos paineis, pintados com muito capricho e correcção. A pintura de seu tecto completa a elegancia e riqueza de tão bella sacristia: entrando-se na igreja, fica-se deveras extasiado. Ajoelhado no fervor de nossas orações, pedimos a Deus que nos inspirasse, que nos mandasse Miguel Angelo, Raphael, Leonardo de Vinci e Benevenuto Cellini, que nos désse meças para descrevermos os admiraveis trabalhos de pintura, de esculptura e de decoração

tão bem executados por esses grandes mestres da arte, e como que reproduzidos nesse santo e encantador templo.

O seu riquissimo altar-mór de magnificas columnas corynthias sobre pilastras quadrangulares, e adornadas de festões dourados com os seus capitéis e volutas do mesmo modo douradas, terminados por uma cupola abobadada encerrando a imagem do seu padroeiro, são realmente trabalhos dignos de serem descriptos por uma penna mais competente que a nossa.

O arco do cruzeiro, os dous magnificos pulpitos em que nos lindissimos entalhamentos sobresahem anjos suportando o seu peso. O soberbo tecto do corpo da igreja, todo contornado de cornijas, formando quadros pintados de assumptos biblicos, paineis de um colorido fresco e suave, de tons tão alegres, de expressivas imagens e de felicidade na escolha do assumpto, constituem composições realmente encantadoras.

Terminamos esta tosca descripção, fallando nos dous excellentes altares, o do Santissimo Sacramento e o de Nossa Senhora. De um elegante pedestal quadrangular, parte uma esplendida columna corynthia encimada por um capitél com volutas, sustentando um anjo em adoração. Remata a columna uma cupola pyramidal, tendo no seu vertice uma pequena imagem. Trabalhados em madeira de jacarandá com entalhamentos e decorados de dourados e folhagens de parreiras e cachos de uvas com pellicanos á espicaçal-os, são de um bello e agradavel aspecto

O convento da Graça, na Victoria, contém muitos primores artisticos, devendo-se notar, principalmente, o retrato do famoso padre Antonio Vieira, tão perfeito e tão bem executado que dir-se-hia ter sahido do pincel de Van Dick.

A imagem de S. Francisco na igreja do convento desse santo, é um primor estatuario. Tão natural, tão expressiva, tão perfeitamente executada, que o

celebre viajante Koster, não duvidou declarar que só ella valia o templo todo.

O tecto da igreja do antigo collegio dos Jesuitas, na Bahia, é embutido de escamas de tartaruga de côres diversas, formando um bellissimo painel de effeito deslumbrante.»

Ainda sobre o mesmo assumpto escreve um nosso illustrado conterraneo:

«Em 1740 appareceu o pintor José Joaquim da Rocha, (1) em volta de sua viagem, que fez a Portugal, onde adquiriu algum conhecimento na arte da pintura, com especialidade na decoração dos tectos, então em moda, segundo o estylo romano.

Dotado de talento, e não havendo n'aquelle tempo alguem que lhe competisse obteve grande reputação.

Foi successivamente encarregado da pintura de muitos templos, como o da Matriz da Conceição da Praia, Pilar, S. Pedro Velho, capella da Baixa dos Sapateiros e Afflictos e outros, que ainda existem e nos quaes inda que se conheça uma concepção capaz de produzir bellos resultados, encontram-se todavia imperfeições, e algumas assás imperdoaveis, talvez por falta de estudo ao natural, principalmente nas figuras: e isto mais se nota na maneira de decorar o tecto de uma igreja (cujas paredes lisas são ornadas por toda a sua architectura por algumas pilastras), como vistas architecturiaes muito pesadas, e quasi sempre com sombras assás cruas, de modo que fazia a passagem para as meias tintas, como de salto.

Apezar de taes defeitos, o tom geral tendia para o loiro, as cabeças das figuras tinham expressão, suas roupas eram bem lançadas, os toques chatos, e a gradação aerea não era sem merecimento, e até na perspectiva, em que muita vez peccava elle, havia

---

(1) Quanto a terra de seu nascimento não podemos dizer ao certo, porque ao tempo que uns dizem ser de origem bahiano, outros tem-n'o como filho do Rio de Janeiro ou Minas.

pedaços em que a illusão era quasi completa, e é no tecto do já citado S. Pedro, que tal resultado apparece, talvez porque inda elle estava no vigor do seu talento.

Foi por elle tambem exercido o genero de— retrato, porém com pouca vantagem; pois que em taes representações, elle empregava um estylo, a que os francezes chamam *maniere*, e pouca attenção dava ás semelhanças.

Encarregado, como havemos dito, este pintor das principaes obras da Bahia, teve de formar discipulos, que o coadjuvassem: o que pôde conseguir já pela affluencia dos trabalhos, de que o occupavam, como tambem porque alguns paes entregavam-lhe seus filhos para com elle praticarem a pintura, e d'est'arte elle formou uma escola, d'onde sahiram estes pintores, que passo a enumerar: Virissimo de Sousa, Manoel de Sousa Coitinho, José Theofilo de Jesus e Antonio Joaquim Franco Velasco, alem de outros, que se deram a diversos ramos, como estufadores, decoradores, etc.

Virissimo de Freitas, natural da Bahia, foi o primeiro dos discipulos de Josè Joaquim da Rocha, que se apresentou como contemporaneo de seu mestre; alguns paineis de motivos religiosos, e o ser sempre empregado por seu mestre, lhe deram a reputação de artista: teve discipulos, e foi encarregado da pintura de alguns templos, como o Hospicio da Palma, a Capella de Santo Antonio da Mouraria e o convento da Lapa.

Em alguns templos aconteceu, que se elle encarregava dos paineis do centro da igreja e seu mestre pintava o tecto, em alguns succedeu o contrario.

O estylo deste pintor foi quasi o mesmo que seguia seu mestre, e em alguns quadros, e muito especialmente no tecto da igreja da Palma, ha uma imitação, quasi completa, e a differença, que se pronuncia em suas outras obras, o colloca um pouco abaixo de seu mestre; o tom geral tende mais para o cinzento, suas figuras não eram estudadas, as roupas mesquinhas, o desenho mui pouco correcto

pouca nobreza e relevo: era melhor decorador, e pintor de ornatos.

Apesar da analyse, que vimos de fazer, o pintor Freitas gosou de reputação; e seus discipulos não se distinguiram como os de J. J. da Rocha; porque todos exerceram os ramos de ornatos, estufo de imagens em relevo, ou o que vulgarmente se chama pintura de generos, alguns dos quaes chegaram assás perto da perfeição n'estes ramos.

Morreu velho e acha-se enterrado no Hospicio da Palma.

Manoel José de Sousa Coitinho nasceu na Bahia em 5 de Junho de 1776. Entregue a J. J. da Rocha foi um dos que apresentaram mais disposições naturaes para a arte, a que se ia dedicar; foi o companheiro de seu mestre, coadjuvando-o em suas emprezas, e depois que delle se separou deu-se a pintura de retratos: sendo depois encarregado pelo Governo da direcção da pintura no Arsenal de Marinha, logar donde partiam todas as obras publicas (ou reaes) naquelle tempo.

Este pintor era dotado de genio, e tinha bastante propensão para as representações opticas e d'architectura.

Quando se tratou da abertura do Theatro de S. João desta cidade, elle foi escolhido pelo Conde de Arcos para pintar o grande panno da bocca e toda a decoração do scenario; e foi tambem o primeiro que mostrou como regularmente se deviam de representar taes vistas: entre ellas lembramo-nos de uma sala régia, uma vista de praça e outra de carcere, em que a prespectiva foi sabiamente desempenhada e a illusão completa: teria sido um grande artista neste genero, se por ventura fora conveniente aproveitado, de sorte que se podesse desenvolver a esphera de sua capacidade e talento.

O mausoléo da rainha Maria 1.ª, obra feita no Collegio, foi de seu desempenho; o panno que representa a coroação de D. João 6.º foi de sua execução: recebendo o applauso e especial louvor do Conde de Palma, que não só mandou chamar á sua tribuna

para honral-o, como tambem pedir-lhe o desenho para ser mandado para a Côrte: deixou tambem dois quadros da Conceição, um da Intendencia da Marinha, e outro na Thesouraria Geral: são mais suas obras o retrato do Principe Regente, tirado a furto, quando aqui chegou, e a primeira planta do Arsenal de Marinha para ser mandada á Secretaria do Estado:— não deixou discipulos que se distinguissem e falleceu a 30 de Agosto de 1830 com 54 annos, e jaz na Ordem Terceira de S. Francisco.

José Theofilo de Jesus foi tambem estudar com J. J. da Rocha, e dotado de genio para pintar, aproveitou as lições do mestre, acompanhou-o em muita obra sua, até que sobre si foi conhecido como artista: deu-se ao genero de retrato, e a pintura de paineis de devoção; fez uma viagem a Portugal, e voltando já não vivia seu mestre: começou a ser empregado em diversas obras, e a primeira que fez em ponto grande foi a pintura do tecto da Ordem Terceira do Carmo, depois os paineis, que ornam os altares lateraes da Piedade e a pequena capella do Sacramento de S. Pedro Velho, onde ha quatro paineis representando passagens da Escriptura Sagrada: os paineis no mesmo genero para a sachristia de Sant'Anna e Bomfim: foi elle quem pintou o segundo panno da bocca do Theatro.

O pintor de que ora fallamos inda vive, já octagenario, e inda dá exercicio aos pinceis: guardamos silencio sobre seu estylo, defeitos e bellezas de suas obras em deferencia a elle, e mais ainda, porque não estamos em um paiz tão adiantado como a Europa civilisada, aonde em vez de uma critica severa ferir o amor proprio dos artistas vivos, tem produzido effeito opposto, e é pelas reflexões produzidas pelo escalpello da analyse, que muitos artistas se hão corrigido.

Nas exposições publicas assim acontece: ainda ha pouco acabamos de ler a descripção de certos quadros expostos na galleria do Museu Real, em Paris, na qual as bellezas e defeitos são apresentados com toda a imparcialidade, e seus auctores, quando isto se

publicava, inda viviam, com Mrs. Grwn, Gnerchin e outros e que se haviam por mui felizes de seus quadros merecerem a attenção dos sabios e dos amadores para serem conhecidos.

(*Extr.*) J. R. N.

A SABINADA (*)

Historia da Revolta da Cidade da Bahia em 1837

VIII

(*Continuação*)

Vendo Tupinambá tão depressa derrubada sua obra em Itaparica, correu á capital e conseguiu ahi que o governo lhe fornecesse forças para uma segunda empreza n'aquella villa.

Fez marchar uma força de tropa de linha armada por Firmino Mendes Limoeiro, levando uma peça de artilharia. Esta força desembarcou á noite no Manguinho, onde Tupinambá tinha a sua residencia e d'alli dirigiu-se para a villa. Encontrando no caminho com uma pequena força que, ao commando do tenente-coronel Francisco Xavier de Barros Galvão e o major Manoel Rodrigues, explorava por parte da legalidade aquelles districtos, mandou Tupinambá que a força, a cuja testa se achava, fizesse fogo, do que resultou o ferimento de um guarda nacional que se foi curar a bordo da corveta «Sete de Abril».

Continuando sua marcha até a fortaleza da villa sitiaram-n'a e aggrediram-n'a mandando fazer fogo

(*) Vide o n. 17 d'esta *Revista* de 1898.

sobre os sitiados e o portão da mesma fortaleza afim de o arrombarem, desenvolvendo muita energia e coragem o dito Tupinambá, ornado com sua fita de juiz.

A força, porém, dos sitiados conseguiu rechaçar o inimigo, resultando deste encontro muitos ferimentos e assassinatos.

Ao meio dia, mais ou menos, embarcava em uma lancha a força com Tupinambá no mesmo porto de Santos em que havia desembarcado.

Este acontecimento é por elle narrado em o seguinte officio que, do Manguinho, dirigiu ao presidente Carneiro a 19 de Novembro.

«Illm. e Exm. Sr.—Participo a V. Ex. que aportei n'este districto do Manguinho e logo que o barco foi embicando, recebemos cinco tiros de meia duzia de homens que estavão n'aquelle logar destacados, e usei da prudencia de não fazer fogo, e sim dar vivas a D. Pedro II e aos itaparicanos, e felizmente demos o desembarque. Dirigindo-nos á fortaleza, ficando os marinheiros com os mandões dentro della, e o Galvão felizmente escapou de uma descarga cerrada que lhe mandei dar.

Remetto a V. Ex. quatro marinheiros que vinhão em um escaler do brigue-barca, os quaes aprisionamos, ficando o escaler em terra.

Lembro a V. Ex. que fico circulado de inimigos por mar e por terra e assim espero reforço, pois eu tambem fico reunindo alguns guardas, e quando faltem estas providencias, será melhor uma boa retirada do que sacrificar-nos.

Espero que me mande pelo mesmo portador dinheiro sufficiente para pagar a quem trabalha, e uma porção de carne de sertão e farinha, pois a que trouxemos, com o barulho do desembarque, ficou no barco.

E' quanto tenho a levar ao conhecimento de V. Ex., de quem espero as mais energicas providencias.—Deus guarde a V. Ex.—Quartel de S. João do Manguinho 19 de Novembro de 1837.—Illm. e Exm. Sr. presidente do estado independente da Bahia – Manoel Joaquim Tupinambá, capitão.»

A respeito dos feitos desse dia, expressa-se o presidente Pedroso, em officio de 23 do Novembro ao ministro do imperio pela fórma seguinte:

«Ousaram os mesmos rebeldes atacar a ilha de Itaparica com uma força de 100—120 homens do 3.º batalhão de caçadores de 1.ª linha e do corpo de artilharia, forão, porém, repellidos e retiraram-se em completa debandada, deixando alguns mortos, outros feridos e outros extraviados, conseguindo voltar para a capital somente 70.

Deve-se este importante successo ao valor e fidelidade do coronel Antonio da Silva Lima que, coadjuvado de alguma força que desembarcou das embarcações de guerra. Só tivemos um soldado ferido levemente.»

Entre as numerosas pessoas altamente collocadas que emigraram para o Reconcavo, estava o arcebispo D. Romualdo Antonio de Seixas, que retirou-se para Santo Amaro, donde escreveu uma pastoral ás suas ovelhas, lastimando a sisania que com a revolução se espalhou entre ellas, pastoral que vem publicada na collecção de suas obras.

A impressão de suas palavras no animo dos rebeldes se vê do seguinte escripto assignado —*Um padre de requiem*—de que passa por autor o professor João da Veiga Murici, e que por isso vem junto ao precesso contra este instaurado pela promotoria publica a 25 de Maio de 1838.

Eil-o:

«Já tardava que intermediasse na politica adoptada por esta capital o exm. metropolitano D. Romualdo, sempre revestido do agradavel exterior de que falla Jesus Christo acerca dos sepulchros que, por fóra caiados, parecem bonitos, tendo dentro somente immundicias e ossos de defuntos.

E como perderá S. Ex. Rev. o habito em que está de intrometter-se distinctamente no que é alheio do —requiem—se lhe não é de pouca monta o centumvirato mais ainda o será a ordem senatorica, que póde almejar!

Certamente que quem por outros meios que pelas

virtudes catholicas e erudição theologica obteve a mitra, não póde bem desempenhar a tarefa da religião e da moral, ambiciosamente distrahida pela illicita devoção á politica, como ramo de maior conveniencia humana e terrea.

Fallo agora de uma pastoral que apparecida, fundida em 16 do corrente em Santo Amaro pelo nosso metropolitano, tambem esbaforidamente evadido para o reconcavo com terror panico não proprio dos padres apostolicos.

Essa pastoral começa primeiro por desapprovar e approvar governos civis do que por enviar a predica da communhão christan, sobre o que só se limita a ordenar aos sacerdotes o recitarem todos os dias a antiphona—Da pacem, Domine.

Exm. metropolitano, de que se aterra para perder a resignação apostolica que devem ter os delegados de S. Pedro, se é que V. Ex. algum dia a possuiu?!

Que indigno contraste do apostolo das gentes quando se despediu de seus co-enviados para ir soffrer o martyrio que o esperava!!

Sahiria V. Ex. d'aqui perseguido, como se presume de S. Thomé, nos barbaros tempos dos indigenas d'este sólo?!

Ah! meu Revm. padre tomae uma de duas: ou a causa que adoptamos é de justiça, e por consequencia de direito natural e de lei eterna, e então vós sois um anti-bispo em vosso ministerio e máo theologo em vossa doutrina ou, se nossa causa é injusta e desvairada, vós sois indigno da cadeira que occupaes, por fugirdes aos trabalhos apostolicos e pastoraes, sahindo d'entre aquelles que precisam de vossa pessoal illuminação e de vossa evangelica palavra.

Vêde lá, meu revm. padre, se nos quereis pôr além dos mesmos atheus, deistas e papões, quando entre estes é que os prégadores do evangelho desejavão derramar seu sangue na instrucção da verdade e na correcção dos vicios.

Mas vós, que ostentaes seguir diverso caminho dos antigos padres e dos santos martyres, vós puzestes á

salvação de impiedades e perseguições, porque ninguem apontará um facto que os bahianos de sete de novembro tenhão feito de insultante e violento contra outras pessoas, quanto mais contra vós.

Cuidaveis, sim, que breve se acabarião aqui as lindas salvas de doces, a gorda vitella, o suave Muscatel e outras delicias que regalavão a tão digno successor dos discipulos de S. Pedro e dos ouvintes de S. Paulo.

S. Paulo prégava no meio de seus inimigos, vós fugis d'entre vossas ovelhas, e que vos não offendem, ides prégar de fóra contra ellas.

Benigno Pastor!!

Vós sois mesmo mui suspeito na vossa degenerada pastoral tratando da politica actual, porque perdeis na modificação aqui feita, bem que perdeis naquillo que é estranho á vossa profissão; e por isso podeis ficar certo de que o Espirito Santo não é quem inspirou uma tal Pastoral.

Vós bem sabeis que mesmo a Sé apostolica não é infallivel nas questões de facto, quanto mais vós, como podeis ver nas provincias de Montalté.

Cuidae, para melhor aproveitamento, no que pertence ao vosso clero, ao qual nenhum exemplo daes d'aquelles dictames, que S. Paulo aconselhava e obrava.

Vêde que em vós os actos culpaveis são mais aggravantes do que em vossas ovelhas, tanto para com os homens, como para o tanque de fogo.

Prégae a palavra do evangelho se quereis ser tido por um bom prelado, e não politica, e se algum dever tendes de fallar sobre ella, como inseparavel de moral, é pela doutrina evangelica, isto é suadindo a concordia, a união christã, a fraternidade e o amor de uns para com os outros, e não insuflando os espiritos a prol do odio, da vingança e das hostilidades como fazião os jesuitas rivaes do grande Arnauld.

Vossa pastoral é propriamente um papel incendiario, cheio de atrozes calumnias, imposturas e miscellanias do sagrado e santo como o falso e o indiscreto.

Somos religiosos e amantes do Imperador Constitucional o Senhor D. Pedro II, não obstante vossas atrabilarias invectivas, mais proprias da manhosa panthera, que do zeloso pastor.

Mas, cá fico esperando por outras imposturas vossas.

Um padre de requiem, 19 de Novembro de 1837.»

Não posso, acabando de dar publicidade ao escripto acima desse importante bahiano ha poucos mezes roubado á sociedade, furtar-me ao prazer de aqui inserir um outro, assignado—O Philopatro—tambem a elle attribuido, e que vem dar-nos muita luz sobre o espirito da epocha.

«Qual a differença entre o governo do reconcavo e o governo da capital da Bahia? O governo do reconcavo obedece ao imperador constitucional do Brazil, o governo da capital tambem; o governo do reconcavo reconhece um interregno, o governo da capital tambem; o governo do reconcavo respeita o interregno dirigido pelo sr. Pedro de Araujo Lima. o governo da capital respeita o interregno dirigido pelo sr. Innocencio Rocha Galvão e em sua ausencia pelo sr. João Carneiro da Silva Rego; o governo do reconcavo quer dirigil-o debaixo da administração financeira e executiva dos inter-regnantes em nome de sua magestade imperial no Rio de Janeiro, o governo da capital quer dirigil-a sob a administração financeira e executiva dos inter-regnantes ou regentes em nome de sua magestade imperial da Bahia.

A legislação actual serve aos dissidentes, que se acham no reconcavo, e que o tem indisposto, a legislação actual durante a menoridade de sua magestade imperial não serve aos residentes na capital. os quaes a ninguem tem indisposto nem offendido. Se o Sr. Feijó, já regente pela menoridade de sua magestade imperial, pode, fingindo-se doente, ou estando-o realmente, nomear a outrem para fazer as vezes do monarcha e as d'elle, porque o não pode o povo de uma capital como da Bahia, o qual sempre representa por toda a Bahia, nomear, não

quem faça as vezes do Sr. Feijó, mas sim as do monarcha, visto que procedeu nesse acto com a mais bem ordenada acclamação, com a paz e unanimidade.

Nem digão os que hoje discutem que não houve unanimidade na capital; houve expressa e tacitamente. O Campo da Acclamação encheu-se de pessoas de todas as classes respeitaveis, quer civis, quer politicas, quer ecclesiasticas.

A revolução sendo no dia 7 de Novembro, foi no dia 13 que Sande abandona a cidade, illudindo a maior parte da guarda policial de seu commando, depois de ter voluntariamente se incorporado aos Setistas de Novembro, a quem por espaço de 5 dias mostrou a adhesão, valendo-se até de protestos sagrados.

Não lhes pode servir de salvaguarda á sua servil dissensão e torpe arrependimento o não ter apparecido a 1.ª acta fóra de toda a ambiguidade acerca do monarcha, porque sendo de principio sua pessoa reconhecida supremamente na revolução, logo que se vio ambiguidade na redacção da acta, tratou-se de dar todo o expresso e terminante esclarecimento.

E parece até que depois de ter assim praticado é que Sande e os mais começaram a por-se em fuga, offerecendo-nos de seu caracter duas illações: ou que são homens destituidos de honra civil ou que apoiavão a ambiguidade da acta, e então elles é que queriam alguma democracia afim de serem mais fortes os grandes da sociedade.

Fique-lhe a escolha a vontade.

Quanto a nós, por mais favoravel conceito a taes dissidentes, propendemos mais a crer que a primeira illação é verdadeira, pela rasão de que, quando todos os defensores de Paraiso se bandeavão solemnemente para os Setistas de Novembro e parecião sisudos em suas congratulações, pensavão que na eleição dos governantes se lançasse mão dos grandes aristocratas; nesse caso então elles terião permanecido na revolução; elles olharião a emenda com indifferença, e talvez a não julgassem diplomaticamente necessaria.

Logo, quem não vê que a opposição que nos fazem

os hypocritas regressistas é quanto ás pessoas que estão no governo desta cidade e não quanto a substancia da revolução.

Um homem que tinha reflectido no desenvolvimento pathetico de seus similhantes disse-me mui bem, que a soberba e a ambição são paixões as mais capazes de sacrificar tudo, de confundir tudo, de envenenar tudo que lhes pode chocar, e que, portanto, um homem obsecado de taes paixões, torna-se rival de seus proprios parentes, de seus amigos, de sua patria, emfim do proprio Deus.

Eis porque os regressistas do reconcavo se têm armado, contra nós, com mais furor ainda do que quando se luctou contra os inimigos de nossa independencia, naturaes de outro paiz, e que, pretentendo recolonisar-nos, commetteram contra nós as maiores atrocidades.

Entretanto que nenhum mal nem physico nem moral temos feito aos nossos concidadãos; nem physico porque ainda não se offendeo a pessoa de alguem; nem moral porque não se fez a mais pequena subtração nas repartições publicas, nem em alguma corporação, exceptuando a abolição metaphysica da guarda nacional por nociva á milicia, e isto não podia jamais offender a alguem, alem de ter sido acto posterior á emigração conluiada.

Como, pois, sem que nós tivessemos incommodado o pessoal de cidadão algum, rebentaram como do averno tão encarniçados inimigos?

Não erão esses mesmos que (a excepção de alguns dos mais sevados de ordenados) agora são nossos adversarios, os que antes de 7 de Novembro em qualquer companhia, e mesmo nas praças publicas vociferavão contra o aurisedento governo central do Rio de Janeiro?

Se não se animavão a promover a revolução, era por temerem a opposição da tropa, ou a licença da gente, que elles appellidavão— canalha.

Ora, esta appellidada canalha acha-se na cidade, mas o que tem ella feito contra a ordem mantida pelas tropas e mais povo?

Logo, desses mesmos presumidos patricios é que nascia o seduzir a chamada canalha para commetter violencias, o que assim mesmo nunca era senão com alguns portuguezes mal indigitados; pois essa canalha é menos soberba do que seus nobres seductores.

Quem induziu a demolição do cemiterio para o que muitos individuos da intitulada canalha receberam patrões?

Quem occasionou proxima e remotamente a celebre abrilada de 1831?

Ora, Srs. patricios, de nobreza imaginaria, quem não penetra hoje o fundo de genuinas intenções de Vs. Mcês?

Só no inexperiente reconcavo é que podeis formar partido com aquelles mesmos da ordem que vós quereis sevandijar, e mais claramente só com os incautos homens da roça é que vós podereis querer sustentar vossas distincções naturaes, armando-vos contra o que chamais canalha, e mais alguma cousa com o auxilio dos mesmos co-irmãos da canalha.

Tal é, comtudo, a cegueira humana, que nunca o pobre e o pequeno hão de deixar de ajudar ao rico e grande contra outro pobre pequeno!!

«Incautos cidadãos do reconcavo, pobres e pe«quenos na ordem civil, fazei o que aconselha aquelle «proverbio de Salomão—Se te disserem vem com«nosco, façamos emboscadas para derramar sangue, «armemos laços secretos ao innocente, que nos não «fez mal algum. . .

«Filho meu, não vás com elles, guarda-te de andar «pelas suas veredas — vêde que vós estaes com as «armas nas mãos para um dia servirem de vosso «proprio damno, nada espereis de quem desde já «vos obriga a tirar as vidas de vossos irmãos; nem «Deus pode jamais proteger vossa situação.

«Pelo contrario, bem a vosso pesar vêde, que o «direito da guerra, como dizem os escriptores delle, «autorisa, na verdade, que se faça ao inimigo todo «o mal que se pode fazer, este mal pode ser util «a nossa causa.

«E como vos não envergonhareis de serdes olhados «como nossos inimigos, vós para cujo melhoramento «tambem trabalhamos?

«Sabei que a lei de Deus recommenda não ao «corpo das nações o trabalhar para a sua conser- «vação, como aos homens em particular.

«E' o que estamos fazendo com a possivel con- «formidade com tal divina insinuação; mas vós, que «nem trabalhaes para o corpo das nações, nem para «vós em particular, que esperaes de vossos iniquos «trabalhos?

«Deixaes a vossos encobertos inimigos, sempre «promptos a extorquir vossos serviços quando pre- «cisão e a vos despresar em todas as occasiões!

«Vós nunca passareis entre elles de miseros cam- «ponezes, de quem sempre elles querem os baixos «cortejos e as civis saudações!»

Taes são o caracter, as idêas e a moralidade dos regressistas, que até mesmo já não guardão para comnosco acto algum da legalidade que ostentão como se nós o provocassemos em cousa alguma ao direito de força repulsiva.

O successo das armas, porém, felicitado pela protecção divina nos porá a salvo definitivamente de tantos aggressores e mysantropos.—O Philopatro.»

IX

A posição imposta, que teve na revolução, já como secretario do corpo de artilharia, já como chefe da 1.ª brigada e interino general da 1.ª divisão, já como familiar de Sabino; o seu reconhecido talento e illustração patenteados com muitos de seus escriptos d'esta importante epocha, muitos d'elles achados depois da revolução, tudo isto justificará, sem duvida, o dar eu a luz muitos escriptos, porque contribuem muito para o esclarecimento da idéa que se deve formar dos homens e da epocha para cuja historia contribuo com a pungente publicação.

O escripto que passo a communicar não tem titulo,

e é concebida nos termos seguintes: «E' innegavel que este governo tem marchado com toda a integridade administrativa e sinceridade em politica, mas como na epocha presente todos têm mais amplamente o direito de representar, convém muito:

«1.º, que todo o seu procedimento administrativo, politico, defensivo e offensivo deve partir deste fundamental principio—que a lei da revolução é tudo aquillo que tende a fazel-a prevalecer, e por isso não ha agora legalidades, antigas contemplações, escrupulos, divisão de poderes, economias espendiosas contra o sagrado progresso da causa; etc.

2.º, que este governo deve entender-se com os consules estrangeiros, propondo-lhes em nome do estado diminuições por metade dos direitos de importação dos generos, que os respectivos commerciantes metterem para dentro da capital, e procurar por todos os meios indispol-os contra os inimigos;

3.º, a fazer um manifesto a todas as nações alliadas, justificando a revolução de 7 de Novembro;

4.º, não permittindo mais que quem se retire para fóra leve genero comestivel de qualidade alguma, sem excepção de pessoa alguma;

5.º, promettendo por um bando a quantia que julgar conveniente a quem de fóra se vier unir ás tropas da capital, ou dois postos de accesso;

6.º, obrigando o commercio a gyrar, aliás expulsar os desobedientes, multados nas quantias que este governo resolver, sendo inimigo da causa todo aquelle que não abrir as suas lojas;

7.º, emquanto se não pode ter a assembléa constituinte, organisar um conselho com qualquer titulo para tratar de legislar sobre o estado actual e propôr ao governo tudo que julgar conveniente a revolução.

A secretaria deste governo continúa a mandar inserir como de proposito nas folhas publicas muitas cousas que convém occultar ao inimigo, e de duas uma: ou deve haver cuidado em sanar um tal prejuizo, ou então dirá com razão o povo, que o governo marcha muito atrazado na habilidade que

deve ter presentemente. Pois mesmo que luctassemos com inimigos externos, nunca tal devia deixar fazer.

Queixa-se tambem o publico de que este governo, operando em uma pensada revolução, só quer marchar restricto ás leis antigas, como si estas não fossem prescriptas pela revolução, e desta fórma ficando no statuquo, entretanto, que os inimigos já usão de medidas arbitrarias, como de obrigar violenta e penalmente os individuos a pegarem nas armas e outras cousas, que não sabemos a fundo, sendo elles os que estão sujeitos ás regras da legalidade.

E de facto, nunca se viu fazer-se uma revolução, e querer-se nella marchar exactamente com formalidades de leis politicas anteriores, causando torpor aos negocios da revolução, d'onde certamente virá resultar o cahir por terra o edificio revolucionario e de nada valerem as observancias de legalidades, de facto para a impunidade dos chefes da revolução.

Tambem já se censura o orçamento que começa a dispôr contra os militares, como si sem tropas pode a nossa revolução consolidar-se ou alguem d'ella sobreviver a ella.

Melhor é gastar avultada somma para em breve tempo destruir obstaculos á revolução, do que poupar dinheiro para depois não a ver vingada; pelo menos ainda não é tempo de se começar a obrar como os coripheus do 7 de Abril, que pensavam que não se precisa de tropa.

A revolução não se ha de sustentar com paisanos nem poupando dinheiro nas coisas precisas ao novo systema; o dinheiro ahi fica, e os inimigos depois rir-se-hão da nossa estupidez e da pouca habilidade do governo, o que não se deve deixar que aconteça. Ou bem que estamos em revolução, em estado temporariamente independente, ou bem estamos pelas leis todas antigas, pelo systema do governo trans acto, pela pequena autoridade de presidente de provincia e pela sua ronceira e escrupulosa marcha

Como prova de sua multilatera actividade publico em seguida mais o escripto que João da Veiga Murici, na sua qualidade de secretario do regimento de artilharia, apresentou ao vice-presidente Carneiro, intitulado «Duas palavras aos srs. officiaes superiores que houverem de commandar em acções de combate e assim tambem aos srs. subalternos, por João da Veiga Murici, 1.° tenente secretario do heroico e invencivel regimento de artilharia de 1.ª linha do estado da Bahia. 1837.

Art. 1.° O commandante em chefe que tiver de combater o inimigo deve primeiro dirigir á sua tropa uma breve fala animadora; isto fará ainda quando dê de repente com a avançada do inimigo, salvo se vir que convém carregar logo sobre ella por achal-a incauta; mas chegando a um ponto essencial d'elle deve preparar aos seus para o ataque por meio da fala e dos vivas principaes.

Art. 2.° Nunca o commandante em chefe deve ao principio metter em fogo toda a sua força; seja ella qual fôr, deve sempre constituir uma reserva, composta de boa gente que fique fóra dos tiros do inimigo, mas em posição de bem observar todos os seus movimentos offensivos.

Ella deve ter por funções: 1.°, reforçar com parte de si algum logar fraco ou batido; 2.°, prohibir que o inimigo córte a retaguarda dos combatentes ou os flanqueie; 3.°: substituir aos combatentes quando estiverem cansados, servindo então estes de reserva; 4.° embaraçar alguma retirada que a vanguarda faça desordenadamente, tomando no ultimo caso a frente ao inimigo em ordem unida e com vivo fogo de descargas cerradas, e até com baionetas se preciso fôr rompel-o debaixo de fogo que vier fazendo; 5.° tomar a retaguarda na retirada quando os combatentes não se retirarem sem ordem ou mui cançados do fogo.

Art. 3.° O commandante em chefe não tem precisão de se pôr, ao menos no principio do fogo, á frente dos seus combatentes; deve ordinariamente andar entre estes e sua reserva, donde possa não só vêr,

sem maior exposição de sua pessoa, os movimentos do inimigo, como os dos seus, e poder com sua reserva acudir aonde fôr preciso; no caso, porém, de alguma ruptura parcial dos seus deve approximar-se ahi com o seu reforço, sem tomar a vanguarda, pois ás vezes estando já quasi ganha uma acção, vem a perder-se pela morte inesperada do chefe victorioso.

Art. 4.º Aos officiaes de fileira não seja permittido levarem clavinas para o combate, porque, entretidos com atirar tambem no inimigo omittem suas principaes funcções de dirigir seus soldados, correr suas fileiras, animar a avançada e coordenar a retirada. Porém, sim, levar pistolas para d'ellas usarem contra o inimigo que tentar aprisional-os, ou mesmo contra qualquer dos seus que lhes desobedecerem formalmente no acto de combate, com perigo de tumulto na fileira de seu commando

Art. 5.º O commandante em chefe sempre que tiver de atacar um posto para tomal-o, deverá fazer em ordem profunda por pelotões, por divisões ou por grandes divisões conforme lhe permittir o terreno, e nunca com extensos e simples cordões, o que só serve para distrahir o inimigo, entretel-o, fazel-o cansar ou gastar a munição, e depois então por outra parte dar-lhe verdadeiro ataque.

Art. 6.º Quando o chefe entender que pode tomar um posto do inimigo, deve carregar sobre elle com uma rapidez sem fazer caso do seu fogo, porque, demorando-se, entra nos soldados a reflexão e a vista apprehensiva dos que morrem ou são feridos, e nesta vacillancia nenhum ardor ou resolução podem haver capazes de effectuar a tomada do posto que se quer.

Art. 7.º Quanto mais extensas e singelas são as linhas, mais fraco fica quem assim combate; até a retirada lhe é difficil, accelerada e sujeita a muitos perigos.

Art. 8.º Sempre que a avançada exceder de uma legua do ponto d'onde se parte, cada official regressará, podendo ser a cavallo, para na sua retirada, no

caso d'ella não poder deixar de ser precipitada, precedendo, comtudo, ordem do commandante em chefe ou de quem o substituir em seu impedimento; não havendo, porém, urgente precisão, claro fica que deve acompanhar a pé aos seus soldados, ordenando-os até se pôr fóra de todo do inimigo. O regresso a cavallo não obsta a presença do official aos seus commandados.

Art. 9.º Nenhum official deve jamais consentir que soldado algum ou outra qualquer pessoa communique em voz alta a outro a morte de alguem no meio do combate.

Art. 10. Quando o commandante em chefe vir que de um ponto principal do inimigo se faz vivo fogo contra os seus, deve entreter somente este ponto, fazendo o forte do ataque nos logares fracos e menos defendidos que vir, investindo a elles com toda a rapidez pelas fórmas quaesquer mais proprias, como já ficou dito ; sempre deve procurar illudir ao inimigo com falsos ataques, investindo logo ás operações, segundo a conducta, que nas suas seguir o inimigo, de fórma que onde achal-o forte entretel-o, onde achal-o fraco carregal-o.

Art. 11. Deve-se sempre andar com praticos dos caminhos e das veredas, os quaes não devem occupar-se no fogo, sem andarem juntos aos chefes para delles receberem suas ordens e encaminharem as columnas pelos caminhos convenientes.

Art. 12. Quando o commandante em chefe vir que mesmo a sua reserva é atacada pela retaguarda, então, unindo toda a sua força em columna cerrada, ou se puder, em grande divisão bem unida e algum tanto profunda, romperá por entre o inimigo com a ponta da baioneta até rechaçal-o, e seguirá de retirada a passo largo, mas nunca em tal circumstancia que não possa de vez em quando dar-lhe descargas cerradas, fazendo meia volta á direita com sua retaguarda, que deve destinar para este fim, si o inimigo prosegue; certo de que o maior elogio, que uma tropa pode ter, é o de fazer uma boa retirada, pois por ella é que se conhece verda-

deiramente a disciplina das tropas e a boa direcção dos officiaes e a habilidade do commandante em chefe.

Art. 13. Sempre que houver avançada para qualquer parte, irá acompanhada de uma ambulancia cirurgica e seu respectivo cirurgião-mór, ou ajudante.»

A estes artigos seguem-se mais os seguintes supplementares, intitulados—Artigos provisoriamente feitos para os soldados com força de artigos de guerra:

«Art. 1.º Todo o soldado em acção de combate prestará a maior attenção possível aos toques de suas respectivas cornetas, ou ás vozes de seus superiores, prompta execução ao que estes ou estas determinarem sob pena de rigoroso castigo.

Art. 2.º Fica prohibido a qualquer proferir no combate palavra alguma que communique aos outros a morte de alguem, e quando por accaso algum ou alguns saibão que morreu o commandante em chefe, devem conservar seus postos até que o immediato official tome o commando e dê suas ordens, o que se não effectuar, devem esperar que seus respectivos officiaes de fileira os mande retirar, e nunca se retirarem sem ordem superior, ou cada um de per si; sob pena do castigo, que pelos officiaes desobedecidos ou outros fôr determinado em conselho militar.

X

Dizia o presidente Barretto Pedroso em seu já citado officio, que os subdelegados tinhão arrombado todos os cofres e estabelecimentos publicos, inclusive a alfandega.

O Juiz de paz Felix da Graça Lisbôa, no interrogatorio a que foi submettido no processo, que contra elle se instaurou depois da rebellião, confirmou que tinha sido incumbido do arrombamento dos ditos cofres. Bastaria, portanto, somente a asseveração deste facto por essas duas testemunhas para tirar toda a duvida a respeito deste acontecimento.

Com a descoberta, porèm, dos processos feitos a grande numero de compartecipes da rebellião, chegamos á posse de documentos ainda mais positivos e minuciosos, com cuja publicação convém que hoje eu me occupe.

Fal-o-hei a principio com as portarias do vice-presidente do Estado da Bahia, e depois com os corpos de delicto feitos em Abril de 1838 nos differentes estabelecimentos publicos, onde se praticaram os arrombamentos.

«1.ª Illm. Sr. Envie V. S., para a thesouraria ou a este palacio, os ferreiros com os instrumentos necessarios para o arrombamento dos cofres publicos, que o juiz de paz se acha aqui prompto—Deus guarde a V. S.—Palacio da governo da Bahia, 13 de Novembro de 1837-- Illm. Sr. Intendente da marinha ---João Carneiro da Silva Rego.»

«2.ª O vice-presidente do estado ordena ao Sr. Intendente da marinha, que mande proceder a abertura, ainda que seja o arrombamento das portas, que ainda estiverem fechadas, das diversas repartições desse arsenal para o bom andamento do serviço do mesmo arsenal. Palacio do governo do Estado, 15 de Novembro de 1837.—P. S.

Depois de feito o arrombamento, si necessario fôr, convém que se ponha na maior cautella o que contiverem as casas e portas á vigilancia de pessoa de maior confidencia.—João Carneiro.»

«3.ª O vice-presidente deste estado ordena ao Snr. Intendente da marinha, que faça concertar com brevidade todas as fechaduras dos tribunaes que lhe forem enviadas pelo juiz de paz da freguezia da Conceição da Praia. Palacio do governo da Bahia, 24 de Novembro de 1837.—João Carneiro da Silva Rego.»

«4 ª O Snr. Presidente do estado ordena ao Snr. Capitão de mar e guerra, Intendente da marinha, que pelas 9 horas da manhã mande á thesouraria deste estado os operarios com instrumentos necessarios para abrirem alguns cofres. Palacio do governo

da Bahia, 25 de Novembro de 1837.—João Carneiro da Silva Rego.»

Eis, pois, ahi as autorisações officiaes justificativas dos arrombamentos feitos aos cofres publicos logo em seguida á installação do governo rebelde.

Vejamos agora o que nos contão os exames e corpos de delicto feitos, cinco mezes depois dessas ordens, nos differentes cofres e estabelecimentos publicos.

Do que fez a 3 de Abril de 1838 o Juiz de paz da Conceição da Praia na alfandega consta o seguinte:

«Aberto o cofre geral, não se achou nelle dinheiro e sim apenas duas medalhas francezas de metal, uma carteira de amostras com seis pares de feixos para capote, fingindo pesos fortes.

Achou-se uma pasta contendo 42 lettras de despachos de repartição a vencer em differentes prasos, na importancia de 7:088$070 e dous documentos de despeza, no valor total de 534$532.

Em um segundo cofre de ferro encontraram dous maços de papeis constantes de documentos das entregas feitas pelo thesouro da alfandega á thesouraria geral e outros pertencentes ao thesoureiro Jacintho Alvares de Sá ; uma colher de prata grande de servir sopa, 16 ditas de meza e 16 para chá do mesmo metal.

Um terceiro cofre contendo 5 documentos de entrega feita pelo mesmo thesoureiro á thesouraria geral, um livro em que o mesmo lavrava os recebimentos dos direitos, que se arrecadavão e alguns saccos.

Um quarto cofre, pertencente ao Monte-Pio particular dos guardas, não foi então aberto por determinar o juiz, que ficasse reservado para quando voltasse da commissão em que se achava em Itaparica o guarda José Francisco de Carvalho, thesoureiro do dito Monte-Pio.

No exame das gavetas pertencentes ao thesoureiro Jacintho Alvares de Sá e seu fiel Luiz Francisco de Almeida, encontrara-se na d'este uma carteira velha de couro com 20$000 em moeda papel e 560 réis de cobre, e na pertencente ao thesoureiro

achou-se a folha de ordenados dos officiaes da alfandega na importancia de reis 835$282, duas lettras de repartição apontadas pelo tabellião Neves, isto é uma sobre William Ewans & C , de 669$600, e outra sobre Moore Eduard, de 10$540, e outros documentos pertencentes ao mesmo thesoureiro.

Finalmente abriu-se mais um cofre em que nada se achou.

O corpo de delicto, feito a 3 de Abril de 1838 no cofre da Camara, provou que o dito cofre tinha sido arrombado pelas tres fechaduras, cortando-se-lhes as cabeças dos pregos com força de escopo ou talhadeira, tangido por martello, o que, no cortar da cabeça de um prego, tirou-se uma lasca de madeira na ilharga da frente.

Dentro do cofre estavão as tres fechaduras reformadas de novas chaves, sem outra mais outra cousa alguma dentro.

A carteira do respectivo contador estava arrombada, tendo dentro livros e papeis pertencentes ao contador.

O corpo de delicto feito a 24 de Abril de 1838 na thesouraria da fazenda publica e nacional provou que estava arrombado o cofre da repartição das rendas internas, pela fechadura, a cujos parafusos forão cortadas as cabeças.

Um outro cofre de madeira, chapeado, de uma só fechadura, foi arrombado pela tampa, por ser a fechadura de segredo.

Este cofre era da repartição do trôco.

Dous outros, tambem de madeira, chapeados, forão arrombados pelos pregos ou parafusos, e pertencião ao Juizo de orphãos.

Dous mais de ferro batido, com a fechadura no centro ou meio da tampa, tendo um delles 14 linguetas que fechavão para os quatro lados, e o outro 10, fechando eguaimente para os quatro lados, e mais com dous cadeados cada um

Forão arrombados pelas argollas dos cadeados, cortando-se as beiras com talhadeiras, á força de

martello ou malho, desorganisada assim a fechadura e arrancados os tampos.

Mais quatro cofres de madeira, chapeados, de tres fechaduras cada um, todos tambem arrombados pelas mesmas fechaduras, cortadas as cabeças dos pregos ou parafusos que as seguravão.

Estes seis cofres pertencião á Caixa Economica.

Outro cofre de madeira, chapeado, tambem de tres fechaduras, soffreu arrombamento pelo mesmo processo de corte das cabeças dos parafusos, e pertencia aos orphãos de S. Joaquim.

Um outro, pertencente á extincta casa da moeda, de madeira e tres fechaduras, foi como os outros arrombado.

Na repartição do thesouro geral acharão-se: 1º, um cofre pertencente, conforme a gravura que trazia, ao Banco da Bahia, todo de ferro coado, arrombado pelos parafusos que seguravão a fechadura;

2.º, um pertencente ao Deposito Publico, de madeira, chapeado, com tres fechaduras arrancadas pelo mesmo methodo empregado no arrombamento dos outros cofres;

3.º, um pertencente ao *expediente do thesoureiro*, de ferro, arrombado pela tampa a força de martello e malho.

A casa forte do thesoureiro tinha a porta arrombada, duas fechaduras depregadas a força de martello ou malho e um cadeado que fôra arrancado pela argolla.

Dentro dessa casa achou-se um cofre pertencente ao Banco, arrombado pela fechadura a força de talhadeira; dous mais de madeira, chapeados, cada um com tres fechaduras todas arrancadas pela fórma descripta; um mais de madeira tambem, chapeado e arrombado pela fechadura e, finalmente, mais um outro em identicas circumstancias.

Vinte e seis, pois, tinhão sido os cofres que, na alfandega, na Camara e na thesouraria, foram arrombados pelos rebeldes, cahindo, portanto, nas

mãos delles toda a fortuna publica que existia na Bahia.

Della apenas salvou-se a somma de 460:600$, que segundo o officio de 22 de Novembro de Barretto Pedroso ao presidente de Pernambuco, que vem a fls. 67 v. e seguintes do livro de officios dos presidentes, da secretaria do governo do anno de 1837, se deveu ás diligencias e aos bons serviços do thesoureiro geral Manuel José de Almeida Couto, e a de dez contos e duzentos mil réis que comsigo levou para os arraiaes dos legalistas no reconcavo o pagador da intendencia da marinha, João Lopes de Leão.

Estes documentos provão que os rebeldes se apossaram inteiramente de toda a força militar, de todo armamento, e de todo o dinheiro que existião na provincia; portanto, de todos os elementos possiveis e indispensaveis para a completa victoria de sua causa.

Não obstante esse feliz conjuncto de elementos tão importantes, grande foi a inactividade em que se pozeram, e inexplicavel a causa de tal inacção, que veio finalmente matar a empreza principiada sob tão bons auspicios.

Nesse entretanto o que fazião os povos do reconcavo, e a grande massa dos para ali emigrados da cidade?

Logo no dia que tomou posse do governo da provincia em Cachoeira, fez Barretto Pedroso a seguinte proclamação aos bahianos:

«Bahianos! Ao entrar nesta importante provincia, fui profundamente magoado com a noticia de que vossa Capital estava occupada por um grupo de rebeldes, que, em seu tresloucado procedimento, pretenderam nodoal-a com o infame ferrete de desleal e perjura.

Minha magoa, porém, cessou com a certeza, que tambem tive de que o vosso acrysolado patriotismo e a incomparavel energia do Exm. Snr. presidente havião preparado os meios de esmagar a rebeldia,

que ameaça engolir vossas propriedades e vossas vidas.

Bahianos! empossado hoje do honroso cargo da presidencia, afianço-vos que continuarei a pôr em pratica as sabias medidas tomadas por meu predecessor, cujo zelo e actividade procurarei imitar: não conhecerei um momento de repouso emquanto a provincia tiver em sua capital o bando de rebeldes que a conspurca.

Estes meus sentimentos e a profunda convicção que tenho de vossa adhesão ao throno e a integridade do imperio me fazem esperar, que breve, muito breve, será restituida a capital á obediencia das leis, e que nella proclamaremos:

Viva a religião!

Viva a constituição!

Viva o Snr. D. Pedro II!

Viva a integridade do imperio!

Vivam os bravos defensores de tão augustos objectos!

Cachoeira, 19 de Novembro de 1837.—Antonio Pereira Barretto Pedroso.»

Aos soldados que se tinhão deixado ficar na capital, fez elle no dia seguinte esta proclamação:

«Soldados que restaes na capital da provincia! Que è que vos ahi detem?

A subordinação devida aos vossos officiaes? Não, que essa é tão somente para guardar a constituição do imperio, obedecer e servir ao imperador e á patria, e, pelo contrario, elles se rebellão effectivamente contra a constituição, que juraram contra o imperador e contra a patria, que devem obedecer e servir. O interesse do soldo que os rebeldes vos tem promettido?

E' a maior deshonra em que poderião cahir os soldados brazileiros, a de perjurar, sacrificando a patria a troco de um certo numero de dinheiro; é o mais infame dos crimes em que os perversos vos procurão involver, pois que esse dinheiro que vos promettem é roubado dos cofres publicos, dos orphãos e dos depositos particulares, que elles não podiam abrir, e muito menos arrombar.

Soldados mostrae-vos puros de tamanhos e tão nefandos crimes, da maior de todas as deshonras e torpezas!

Aquelles, que directamente e por factos, tentaram destruir a integridade do imperio e cosummaram este horrendo crime, acclamando a provincia da Bahia em estado independente, estão incursos nas penas de prisão perpetua, com trabalho no gráo maximo, prisão com trabalho por 20 annos no medio, e por 10 annos no minimo, segundo o art. 68 do codigo penal.

Aquelles que tentaram directamente e por factos destruir a constituição politica do imperio, ou a forma de governo estabelecida e consummaram este crime, acclamando o governo republicano estão incursos nas penas de prisão perpetua com trabalho no gráo maximo, de prisão com trabalho de 20 annos no medio, e por 10 annos no minimo, segundo o art. 85 do codigo penal.

Aquelles que tentaram directamente, e por factos, desthronisar o imperador, privando-o em todo de sua jurisdicção constitucional nesta provincia, e o consummaram acclamando-a estado independente e republicano, e abandonando-a ao furor do rabido ante-militar Francisco Sabino Alvares da Rocha Vieira, estão como elle incursos na pena de prisão perpetua com trabalho no gráo maximo, prisão com trabalho por 20 annos no medio, e por 10 annos no minimo, segundo o art. 87 do codigo penal.

Aquelles que tentaram directamente,ou por factos, contra o regente do imperio, para prival-o em todo de sua jurisdicção constitucional, e consummaram este crime allegando e reconhecendo como governadores da provincia (a que chamam estado e absolutamente independente) os rebeldes João Carneiro da Silva Rego e Francisco Sabino Alvares da Rocha Vieira, estão incursos na pena de prisão com trabalho por 20 annos no gráo maximo, por 12 no medio e por 6 no minimo.

Aquelles que têm roubado os cofres publicos da

fazenda nacional e provincial, os dos orphãos e dos depositos, arrombando-os, estão incursos nas penas de galés por 1 a 8 annos. segundo o art. 269 do referido codigo. Além das penas civis estão os militares sugeitos ás penas dos artigos de guerra!!

Quaesquer pessoas do povo, e principalmente os soldados e empregados publicos são obrigados a prender criminosos taes, porque emquanto a capital da provincia não fôr d'elles expurgada pelas forças constitucionaes, se considerão em flagrante e por atrozes e nefandos crimes podem e devem ser presos sem culpa formada.

Bahianos em geral! O governo da provincia, fiel á constituição, ao imperador e á patria, vae empregar immediatamente o maior vigor e energia. que tudo quanto ha de mais sagrado, honroso e interessante exige, para restituir a paz, a honra e a dignidade desta provincia.

Todas as embarcações nacionaes e estrangeiras existentes no ancoradouro e franquia da capital vão ser effectivamente retiradas para as aguas de Itapagipe e Itaparica. A esquadra nacional, composta dos navios de guerra—*Carioca, Vinte e Nove de Agosto, Sete de Abril e Tres de Maio* e das canhoneiras armadas, occuparão posições mais convenientes para, de combinação com o exercito, realisarem o necessario, urgente e indispensavel designio de restituir o imperio da lei, a paz e a tranquillidade da capital.

Soldados! Bahianos em geral!

Extremae-vos dos criminosos, evitae-os e correi aos braços dos vossos companheiros e camaradas fieis, que os males da provincia de prompto desapparecerão.

Viva a religião!

Viva a constituição!

Viva o Snr. D. Pedro II!!

Viva o regente interino de imperio!

Vivam todos os bahianos constitucionaes e fieis.

Cachoeira, 20 de Novembro de 1837.—**Antonio Pereira Barretto Pedroso.**

XI

A' proclamação de 20 de Novembro do presidente Pedroso aos soldados da capital respondeu, a 21, o vice-presidente do estado da Bahia com a seguinte aos habitantes do reconcavo.

«Habitantes do reconcavo! Não podendo o governo do estado da Bahia ser indifferente aos males com que ainda hoje vos pretende opprimir uma récoa de despresiveis e fôfos aristocratas que, a custa de vosso sangue e de vossa liberdade, só tem em vista a defesa de seus lucros, ainda que para isso se extinga o doce nome de patria, e com esta desça ao abysmo um numero infinito de seres americanos; e não podendo, outrosim, deixar de abrir vossos olhos em frente da justiça e vossos ouvidos á voz da razão, e sempre solicito, emfim, em promover com todas as forças a seu alcance a vossa paz, união e felicidade, cumpre que, sem cessar, vos falle a linguagem da verdade.

Habitantes do reconcavo! Não vos deixeis fascinar pelos vossos verdadeiros inimigos; cerrae vossos ouvidos a phraseologia fraudulenta d'essas sanguesugas do povo!

Uni-vos aos vossos irmãos bahianos que, pelo seu comportamento, bem têm demonstrado suas justas e bem fundadas intensões.

Não abandoneis vossas familias para d'est'arte defenderdes vossos gratuitos inimigos que, debaixo de uma fingida amisade á patria (nome para elles phantastico e abominavel) vos pretendem armar e matar, deixando-se, porém, elles a coberto do furor dos homens livres, que jamais tributarão respeito ao monstro horrendo do despotismo.

Sim, elles emigraram, suas vistas são a sua defeza e o vosso exterminio; elles dizem que estão promptos a empunhar as armas, porém, onde não vejão o menor vislumbre de perigo, entretanto que vós, e só vós, estaes para elle no caso de exporдes vossos peitos ás balas, de que só elles são merecedores.

Sim, se sahiram da capital (onde nadão a paz e a união bahiana,) para vos fazerem a guerra, ou melhor, para sustentarem seus interesses particulares, a elles compete virem bater-nos, e não a vós que nenhum interesse tendes em derramar o sangue de vossos caros compatriotas, e nem no desamparo de vossas familias.

Sim, elles que venhão, e conhecerão então de quanto é capaz um filho da liberdade!

Deponde as armas, entre nos vossos misteres, e commigo entoaremos todos com ineffavel gosto vivas eternos a religião, ao Sr. D. Pedro II, á independencia da Bahia durante a menoridade d'este, e a todos os bahianos dignos d'esse nome tão grande na historia das nações.

Palacio do governo do estado da Bahia, 21 de Novembro de 1837.—João Carneiro da Silva Rego.»

Por esse tempo já se achava em Pirajá uma parte da força que, desde os primeiros dias da revolução, o presidente Paraiso tinha ordenado se organisasse e para ali seguisse.

Nesse mesmo dia, 19 de Novembro, em que na Cachoeira Pedroso tomava posse do governo, passando das mãos de Paim para as suas, temos um interessante officio do chefe de policia Francisco Gonçalves Martins, escripto no dito acampamento de Pirajá ainda ao presidente Paraiso, em que pinta o estado delle.

Diz que a sua posição ainda era a mesma, continuando assim emquanto não chegassem os reforços esperados de Santo Amaro, ou não se conseguisse adquirir algum armamento para as praças que, sendo aliás boas, estavão de braços cruzados.

Não lhes faltavão munições de bocca, graças a actividade do commissario geral, e o triste estado em que se achavão a respeito das munições de guerra, se tinha melhorado; porque, tendo se conseguido com difficuldade alguma polvora e chumbo, trabalhava-se muito na factura de cartuchames, no que se empregavão até senhoras que se achavão no engenho Cabrito.

Esperava-se ser atacado pelos rebeldes antes de vir o soccorro que se esperava da corveta *Sete de Abril*, que tinha entrado, e com cujo commandante não se tinha entrado ainda em combinação.

Com effeito, diz o chefe de policia, si os rebeldes *conhecessem bem seus interesses devião ter já atacado.*

Entretanto armaram com duas peças, segundo constava no acampamento, o paquete *Brasilia*, e tomaram a posição de Mont-Serrat para ver se sorprehendião a tropa que d'ahi devia vir.

Mas o commandante das armas officiara nesse dia ao commandante das forças navaes para que tomasse aquella posição e armasse alguns lanchões para a policia do porto, e que com elle viesse ter uma conferencia para se concertarem mutuamente na disposição de suas forças, no caso de um ataque activo ou passivo.

Esperava Martins nesse dia o visconde de Pirajá e Alexandre Argollo que querião, depois de uma conferencia n'aquelle acampamento, ir organisar uma força em Itapoan, Matta e Torre.

Com effeito já o visconde da Torre tinha estado em Pirajá, onde já a 14 de Novembro dirigira a seguinte proclamação:

«Bahianos! Amigos e camaradas reunidos no acampamento de Pirajá. Eu vos saúdo e annuncio que breve findará vosso soffrimento, pois que do reconcavo marcha força para se reunir n'este ponto e da Torre 1.200 homens, entre estes muitos que tiverão a gloria de fazer a campanha de nossa independencia.

Viva a religião!

Viva o nosso jovem imperador, o Snr. D. Pedro II!

Vivão os bahianos amigos da legalidade e da ordem!

Pirajá, 14 de Novembro 1837.—Visconde da Torre de Garcia d'Avila, coronel.»

Para, pois, de mais perto poder dar as mais energicas providencias, no sentido de augmentar

as forças reunidas em Pirajá deliberou Pedroso partir de Cachoeira para alli, o que fez a 25 de Novembro.

Mas na vespera proclamou ao povo daquella cidade pela fórma seguinte:

«Cachoeiranos! Convindo que immediatamente á entrada das tropas legaes na capital da provincia eu esteja onde possa dar promptas e energicas providencias para o restabelecimento da ordem publica, parto para Pirajá. A vossa rica cidade continúa a ser, entretanto, as éde do governo provincial.

Cachoeiranos! Coadjuvae as autoridades restabelecidas, e continuareis a gosar a tranquilidade indispensavel para o desenvolvimento de vossa industria e augmento de vossa riqueza, firmes como até aqui em guardar vossos juramentos, proclamemos á face do mundo.

Viva a religião!

Viva a constituição!

Viva o imperador, o Snr. D. Pedro II!

Viva o regente interino em nome do imperador!

Vivam os defensores da legalidade!

Palacio do governo da cidade da Cachoeira, 24 de Novembro de 1837. - Antonio Pereira Barretto Pedroso.»

No dia 26 estava o presidente em Itaparica, e no dia seguinte em Pirajá, onde fez a seguinte proclamação:

«Compatriotas e soldados reunidos em Pirajá! Eis-me entre vós para testemunhar o valor e heroismo com que correis a defender a constituição, a integridade do imperio e o throno do nosso jovem e amado imperador, o Snr. D. Pedro II.

Compatriotas e soldados! Os vossos comprovincianos, o Brazil inteiro têm fitos sobre vôs os olhos, e observão vosso comportamento; mostrae-lhes mais uma vez que os bravos, que se reunem em Pirajá em defeza do imperio e de sua integridade levão comsigo a victoria. Viva a constituição!

Viva o imperador, o Snr. D. Pedro II!

Viva o regente interino!

Pirajá, 27 de Novembro de 1837—Antonio Pereira Barretto Pedroso.»

Grande tinha sido a actividade deste presidente em ajuntar forças e em dar todas as providencias precisas. Apesar de tudo isto sentião grande falta de armamento as forças agglomeradas em Pirajá. Isto é facil de imaginar-se, quando se ponderar que todo o armamento da provincia se achava nos arsenaes da capital, e estes tinhão cahido em poder dos rebeldes.

Barretto Pedroso fez, pois, todos os esforços para procurar armas onde as houvesse, já requisitando-as do Rio, já de Pernambuco, Alagoas e Sergipe, já até pedindo emprestado aos consules estrangeiros.

Apesar, pois, de todos estes contratempos, e desvantagens nos arraiaes da legalidade, não se movião ainda os senhores da cidade.

Bloqueiados por mar, e cercados por terra, tinhão incorrido no mesmo erro, e repetião em 1837—38 o mesmo espectaculo de 1822 e de 1624—25.

Em 1822 o bloqueio tornou-se um verdadeiro cerco ; cada vez mais densamente apertava-se o circulo dos sitiantes ao redor da cidade, e quando, a 7 de Novembro, os portuguezes quizerão fazer uma tentativa de romperem as linhas inimigas, forão, não obstante uma investida tempestuosa, trez vezes repetida, rechassados, e viram-se forçados a recuar para dentro de suas muralhas com sensibilissima perda.

Era isto a repetição do que a 200 annos se deu na epocha da occupação hollandeza ; todo o paiz estava nas mãos dos brazileiros, que retinham os estrangeiros fechados dentro da cidade conquistada, sem que os podessem supplantar, nem pela fome, emquanto estivesse aberta a communicação com o mar

Foi, pois, em ambas as epochas, uma frota a que teve de dar o golpe decisivo. No tempo colonial foi a ella que competiu dal-o; no da independencia deu-o sob o commando de lord Cockrane; na Sabinada vel-a-hemos depois vir decidir a questão.

Por emquanto, porém, de poisde estabelecido o bloqueio, e tomados pelas forças de terra dos legalistas os pontos historicos, vamos ver os rebeldes procurarem romper as linhasinimigas.

Nesta empreza os encontraremos agora a 30 de Novembro e 14 de Dezembro.

Quanto ao feito de 30 de Novembro, eis como uma gazeta da epocha, *O Constitucional Cachoeirano* de 7 de Dezembro de 1837, nol-o relata:

Ao amanhecer o dia 30 atacaram os rebeldes com todas as forças que poderam os pontos da Campina e do Cabrito, montando suas tropas em perto de 800, segundo uns, e em perto de 1.000 segundo outros, concordando as noticias em que a força que acabou Cabrito montava em 300 homens.

Neste ponto achava-se apenas em observação um piquete de 20 homens da expedição de Cachoeira, commandada pelo tenente José Raymundo de Figueiredo Branco.

Conhecendo os rebeldes a insignificancia da força neste ponto, approximaram-se dos constitucionaes, (como se intitulavam os que combatiam pela legalidade) quanto poderam, mas achando n'elles uma desesperada resistencia, retiraram-se antes que chegasse áquelles um reforço de 250 homens commandados pelo coronel Senra, que foi ao seguimento delles até o Engenho da Conceição.

Um dos informantes da gazeta, de que nos vieram estas noticias, dizia que suppunha-se terem perdido os rebeldes muita gente, porque acharam-se 20 armas, muitos sapatos, barretinas, etc., e que até 2 de Dezembro constava de 15 mortos e feridos da gente delles, e dos constitucionaes somente o tenente José de Aquino Tanajura, que teve uma perna quebrada antes do ataque, por ter-se afoitado a ir com apenas 6 homens reconhecer as forças contrarias, e que um sargento de policia, que foi aprisionado, foi logo fuzilado pelos rebeldes, o que deu motivo a querer o commandante das armas entrar na cidade, o que faria se toda a tropa estivesse armada.

No ponto da Campina estava uma guarnição policial da capital com 60 homens commandados pelo major José da Rocha Galvão.

Esta pequena força, insignificante em relação a que a atacou que, segundo informaram as cartas, chegava a 500 homens, resistiu heroicamente até ser reforçada por 600 homens, commandados pelo commandante das armas Argollo, distinguindo-se especialmente o dito seu commandante Galvão e os officiaes de seu commando.

Perderam os rebeldes, segundo o nosso informante, neste ponto, 10 homens, entre os quaes alguns gravemente feridos, 8 prisioneiros, e um homem, que refugiou-se entre os constitucionaes.

A perda destes foi de um soldado policial de cavallaria.

São estas as noticias dos feitos desse dia, dadas pelos constitucionaes. Do lado dos rebeldes nenhuma ha. Comtudo alguma luz dá a seguinte proclamação desse mesmo dia do vice-presidente do estado:

« Bravos soldados da patria!

Valentes defensores da independencia e da liberdade da Bahia!

O governo não pode exprimir seus sentimentos de jubilo e gratidão pela ordem com que hoje marchastes para encarar os nossos inimigos, os inimigos dos direitos da natureza e humanidade.

E' certo, já se não pode duvidar, está segura a liberdade da Bahia com tão valentes soldados; com cidadãos tão abrasados no fogo sagrado do patriotismo, é impossivel que nos possam vencer escravos despresiveis, homens insensatos, que sem algum fundamento nem criterio, sem honra, sem virtudes, se querem distinguir dos outros homens.

Virtude só pode existir nos livres corações, virtuosos são os defensores da liberdade. Recebei, bravos da independencia, recebei, denodados officiaes e soldados, os agradecimentos deste governo. Os ceus hão de abençoar nossa causa.

Deus está com os livres. Elle protege os nossos

irmãos e patricios para que se possam livrar das vergonhosas illusões dos absolutistas, afim de correrem aos nossos braços.

Viva a religião catholica, apostolica romana!

Viva o Sr. D. Pedro II!

Viva a independencia da Bahia durante a menoridade do mesmo augusto Senhor!

Viva a liberdade!

Vivam os bahianos livres!

Viva a briosa e denodada tropa da Bahia!

Bahia, 30 de Novembro de 1837.—*José Carneiro da Silva Rego.*

Bahia, Maio de 1890.

FRANCISCO VICENTE VIANNA.

(*Continúa*)

EPHEMERIDES CACHOEIRANAS

POR

Aristides A. Milton

OUTUBRO

1.º de Outubro

—Em 1823, marchou desta cidade—então villa—para a pôvoação de Nazareth o sargento-mór de cavallaria Francisco Theobaldo Sanches Brandão, que por ordem superior assumiu, tres dias depois, o commando do destacamento da referida pôvoação, e da villa de Jaguaripe tambem.

A medida foi dictada, ainda, no interesse de consolidar a independencia nacional, que ali contava inimigos implacaveis e numerosos.

—Em 1832, a camara municipal desta cidade—então villa—mandou distribuir pelas escólas publicas primarias, existentes no territorio de sua jurisdicção, 15 exemplares da *Historia de Simão de Nantua*, que para esse fim lhe tinha offerecido, por intermedio do presidente da provincia, hoje Estado, a *Sociedade Conciliadora*, estabelecida na capital.

A esse tempo, as escólas do municipio tinham sua séde: uma aqui, e outra no arraial da Moritiba.

Presentemente, funccionam só nesta cidade oito aulas publicas de primeiras lettras, a saber, 4 para o sexo masculino e 4 para o feminino. Dellas o Estado mantém duas e o municipio seis, uma é nocturna e sete são diurnas. No Capoeirussú, suburbio

da cidade, existe uma outra escóla municipal, para ensino de ambos os sexos.

—Em 1858, foi aberta á serventia publica a *Praça dó Mercado*, que o cidadão Francisco Melchiades de Cerqueira construira, ao Largo da Manga desta cidade.

A população, porém, birrou com o melhoramento, e não houve força capaz de fazel-a se utilizar delle.

De balde, a policia interveio para auxiliar a camara municipal, no proposito de coagir o povo a fazer do novo edificio o centro do commercio de cereaes e verduras. A essa ordem o povo oppoz uma resistencia invencivel!

Em consequencia, foi fechada a *Praça de Mercado* e, passados alguns annos, demolida por amor á belleza do sitio, em que estava servindo de verdadeiro trambolho.

O peior é que até hoje não temos um mercado publico, digno desse nome.

Vem a talho de fouce a recordação de um facto egual, que aqui mesmo occorreu, faz muito tempo já.

O capitão Antonio Paes Cardoso da Silva, tendo melhorado o trecho então concluido do cáes desta cidade, no que despendera *para cima de 12.000 cruzados*, conforme affirmou, quiz obrigar o povo a ir vender todo o pescado para a *praça do peixe*, que elle capitão preparara junto á sua casa de negocio.

O povo resistiu e venceu, não obstante o requerimento longo e pretencioso, que o interessado se lembrou de levar á presença do rei.

—Em 1864, a irmandade do Sanctissimo Coração de Maria, creada na capella do Rosario, ao Monte Formoso, desta cidade, resolveu edificar um cemiterio para sepultura de seus irmãos.

O projecto foi, opportunamente, levado a effeito.

—Em 1872, alguns devotos comprometteram-se a reedificar a capella da Conceição dos Pobres, existente no bairro do Caquende, desta cidade, e cuja primeira pedra tinha sido lançada em 1.º de Janeiro de 1855.

Agora a capella se ostenta modesta, mas graciosa, na praça que tem o mesmo nome do bairro, onde ella serve á pratica do culto catholico.

—Em 1882, se finou nesta cidade, que o tinha visto nascer, José Raymundo de Figueiredo Branco, musico distincto, que á falta de escóla, deixou de ser uma gloria nacional.

Morreu quando apenas contava 32 annos de edade, mas nos legou composições bastantes para se poder aquilatar a pujança de seu talento, e a fecundidade de sua inspiração.

—Em 1893, começou a funccionar a estação arrecadadora dos impostos municipaes, desta cidade, a que o povo denomina *alfandega*, e foi desde então estabelecida no caes dos vapores.

2 de Outubro

—Em 1797, o ouvidor-geral desembargador Joaquim Antonio Gonzaga perguntou, na audiencia de correição que abrira, de quem era a villa da Cachoeira. E todos os membros da respectiva camara responderam — «que a Cachoeira era de sua magestade fidelissima, o rei de Portugal».

Hoje, a Cachoeira não é mais, seguramente, de rei algum; mas não faltam cidadãos, que lhe pretendam impôr o dominio eleitoral . . .

—Em 1822, o major José Antonio da Silva Castro, commandante dos caçadores voluntarios do Principe regente, representou ao Conselho interino de governo da Bahia, que tinha a séde nesta cidade, então villa, sobre a necessidade do juramento de bandeira ao seu batalhão.

E assim se deliberou.

Esse batalhão foi o que tomou posteriormente o nome de *Periquitos*, e veio a se celebrisar na Historia, em consequencia do assassinato do coronel Felisberto Gomes Caldeira.

(Vide *Revista do Instituto Historico e Geographico Brazileiro,* vol. 30, pag. 290).

—Em 1840, a camara municipal desta cidade fez

expôr aos lavradores do termo varios desenhos de machinas modernas, que — como amostras — lhe tinham sido enviados de New-York.

Os lavradores viram tudo, mas torceram desdenhosamente o nariz.

Dispunham elles então da machina chamada *escravo*, em que confiavam de mais, como ainda hoje confiam na rotina, que si não fôr abandonada os ha de tragar por força.

—Em 1881, foi sepultado o tenente-coronel Fortunato José Ferreira Gomes, que fôra—em tempo—negociante nesta cidade, e depois collector em S. Felix.

Homem de indole pacifica, e cidadão respeitador da lei, gozou sempre de geraes sympathias

Amava doidamente o jogo das loterias, em que perdeu muito dinheiro.

—Em 1893, falleceu com 32 annos de edade o padre Antonio Onofre da Silva, que servira de vigario encommendado nas freguezias de Villa-Nova da Rainha e do Sapé, tendo nascido nesta cidade, onde está sepultado.

—Em 1896, finou-se o cidadão Aristides Martins de Oliveira, que era industrial e commerciante nesta cidade, onde nascera.

Contava 39 annos de edade.

3 de Outubro

—Em 1657, foi nomeado o major Pedro Gomes para abrir um *caminho de carro*, desde esta cidade, então simples pôvoado, até á borda da matta da serra do Orobó, logar onde se devia edificar uma villa e casa forte, «como meio mais efficaz de se evitarem as hostilidades, que o gentio barbaro fazia nas freguezias de redor».

— Em 1852, foi assassinado em seu engenho de fabricar assucar, na freguezia do Iguape, termo e comarca desta cidade, o coronel Manuel Ferraz da Motta Pedreira, que occupava posição distincta na

sociedade cachoeirana, e era commandante superior da guarda nacional de Maragogipe.

Nunca foi conhecido exactamente o movel de tão grave crime.

Não será de mais aqui lembrar—que o presidente da provincia reluctou muito em dar posse do pôsto ao coronel Ferraz, sendo preciso que o aviso imperial de 7 de Fevereiro de 1839 assim o determinasse positivamente.

—Em 1892, deu-se começo a uma segunda exploração para trabalhos de desobstrucção do Paraguassú, cuja navegabilidade se vae tornando mais difficil, de dia a dia.

Infelizmente, de estudos ainda não se passou, nem creio que tão cedo se passe. E' pena, entretanto, que se venha a inutilisar uma via de communicação tão commoda e barata.

4 de Outubro

—Em 1819, o marquez de Barbacena—Felisberto Caldeira Brant Pontes, que tinha sido o introductor da vaccina no Brazil, conforme já referi, mandou construir um barco a vapor, que foi o primeiro a sulcar as aguas do poetico Paraguassú.

Depois de algumas viagens, esse navio foi atirado por uma tempestade á costa de Mont-Serrat, na bahia de Todos os Sanctos, de onde mais não safou.

Por decreto de 3 de Agosto de 1818, fôra concedido privilegio exclusivo, por 14 annos, ao marechal Felisberto Caldeira, ao commendador Pedro Rodrigues Bandeira, e ao capitão-mór Manuel Bento de Souza Guimarães, para navegarem por vapor os rios e as costas da provincia da Bahia, hoje Estado.

Assim, pois, o primeiro barco a vapor, que navegou em aguas brazileiras foi aquelle, construido para o rio Paraguassú, por iniciativa do marquez de Barbacena.

Em 1822, comtudo, surgiu no Rio de Janeiro a barca a vapor *Bragança,* a cujo bordo foram transportados para Sanctos o patriarcha José Bonifacio

de Andrada e Silva, e a deputação que o acompanhava.

Já naquella época, porém, contavam-se nos Estados-Unidos da America 35 navios, movidos a vapor.

5 de Outubro

—Em 1805, tiveram começo as obras da capella do Amparo, desta cidade.

Em 1815, foi transferida para ella a Imagem da respectiva padroeira, que até então se venerava na egreja Matriz.

Data, entretanto, de 1690 a creação da irmandade, transformada depois em confraria, de Nossa Senhora do Amparo, cujo compromisso foi approvado em 2 de Agosto de 1699.

O novo templo, que ella edificou, precisa ainda de ser caiado nos outões e no fundo, mas está collocado exactamente no sitio, em que outr'ora existiu a pequena Casa de oração consagrada a S. Francisco de Paula, cuja bella estatua foi—em tempo—removida para a capella de Nossa Senhora d'Ajuda, onde até agora se conserva.

—Em 1843, a camara municipal desta cidade se dirigiu por officio ao presidente da provincia, solicitando a entrega dos 9:200$000, que a lei do orçamento provincial, promulgada em 18 de Maio do mesmo anno, havia consignado para obras publicas no municipio.

A camara recebeu, não ha duvida, aquella quantia; mas por muitos annos não viu mais um vintem sequer dos cofres provinciaes.

—Em 1857, o presidente da provincia, hoje Estado, nomeou nova commissão para se encarregar de construir um cemiterio nesta cidade, de accordo com o architecto Lenoir.

E' verdade que a planta da obra chegou a ser levantada, dahi porém não se passou.

Si não havia dinheiro...

—Em 1892, foi publicada a lei federal n. 97, per

mittindo a livre entrada, no territorio da Republica, de immigrantes asiaticos.

Em 3 de Outubro de 1844, o *Correio Mercantil*, da Bahia, já pleiteava pela immigração chineza; e uma vez abolida a escravatura, os lavradores do norte do paiz encaravam aquella providencia como indispensavel e salvadora.

Até o presente, no entanto, nada se tem feito para aproveitar os effeitos da lei com tanto custo votada.

6 de Outubro

—Em 1807, uma Carta regia mandou—que fossem sentenciados, de accordo com os autos, e numa só instancia, todos os escravos *da nação Ussá*, que haviam se insurgido em varios pontos da Bahia.

Quaesquer que fossem as sentenças proferidas, deveriam ser executadas immediatamente. O ouvidor geral do crime ficou encarregado de relatar esses feitos, e julgal-os com os demais adjuntos da respectiva Relação.

—Em 1809, um decreto real confirmou solemnemente o privilegio, que os padres da Congregação do Oratorio, em Lisboa, tinham para compôr e publicar,.. «folhinhas do anno», nos termos dos decretos de 27 de Julho de 1709, e de 28 de Dezembro de 1740.

Este facto só por si caracterisa uma época e dá idéa exacta do regimen de governo, que então felicitava a minha patria.

—Em 1880, falleceu na capital da Bahia o cons. Antonio Ladisláu de Figueiredo Rocha, que nascera nesta cidade a 3 de Maio de 1813.

Desembargador aposentado, havia elle exercido antes outros cargos de magistratura, e de policia tambem.

Como vice-presidente, administrara a provincia, prestando-lhe bons serviços, entre os quaes é justo destacar a fundação do asylo *S. João de Deus*, para alienados.

Membro da assembléa provincial, e depois deputado

eleito á assembléa legislativa geral, foi sempre um homem de partido e convicções inabalaveis.

O governo imperial, para galardoar o merecimento do cons. Figueiredo Rocha, lhe conferira as honras de membro do Supremo tribunal de justiça.

7 de Outubro

—Em 1875, succumbiu na cidade do Rio de Janeiro onde estava como deputado á assembléa legislativa geral pelo districto desta cidade, o desembargador Manuel Joaquim Bahia.

Anteriormente, havia elle representado o Piauhy, na mesma camara, tendo tomado assento—como supplente—na sessão de 1856.

Juiz de direito, que o fôra em varias comarcas, inclusive a desta cidade; chefe de policia interino daquella provincia; presidente do Tribunal do Commercio da Bahia; o nosso digno comprovinciano foi sempre acatado como homem probo e como Juiz honesto.

8 de Outubro

—Em 1657, o governador e capitão general do Brazil—Francisco Barretto mandou abrir uma nova estrada. Partindo desta cidade, que era então pequeno pôvoado, devia terminar ella á borda das mattas do Orobó; «com o fim de evitar as hostilidades, que o gentio barbaro costumava sustentar contra os habitantes da Cachoeira, Jaguaripe, e mais logares adjacentes».

De tão proveitoso trabalho foi encarregado o sargento-mór Pedro Gomes.

—Em 1893, falleceu na sua fazenda *Paulista*, da freguezia de Sancto Estevam do termo desta cidade, o tenente coronel Manuel Pires Pedreira.

O finado que ficara cego, e contava cerca de 90 annos de edade, exercera por muito tempo grande influencia eleitoral na circumscripção de sua residencia.

9 de Outubro

—Em 1822. o Conselho interino do Governo da Bahia, cuja séde era nesta cidade, então villa, ordedou—que as alfaias, dos templos e das irmandades, destinadas ao culto divino e á piedade christan, fossem convenientemente acauteladas.

E neste proposito dirigiu-se por officio ao ouvidor da comarca, afim de que este, fazendo exhibir os inventarios daquellas preciosidades, intimasse os fabriqueiros, thesoureiros, e quaesquer outros administradores para que as encaixotassem, tomando as especificações necessarias, e depois as remettessem para o centro da provincia, hoje Estado. Ali deveriam ser todas ellas confiadas á guarda de algum proprietario chão e abonado, á escolha do mesmo ouvidor, que disto scientificaria—em tempo—ao dito Conselho.

E assim se cumpriu.

—Em 1874, finou-se o Dr. Francisco Baptista de Moura Leone, que era medico formado na Italia, e residia nesta cidade.

Natural da Barra do Rio Grande, o Dr. Leone contava apenas 39 annos de edade, mas tinha-u na clinica extensa.

Era homem de temperamento ardentissimo.

--Em 1883, expirou na cidade do Rio de Janeiro o Dr. Antero Cicero de Assis, juiz de direito em disponibilidade, e deputado geral por Goyaz.

Alma generosa e fidalga, bondoso e magnanimo coração, bem digno era o Dr. Antero de ter passado vida menos triste e penosa. Os ultimos dias de sua existencia foram de tortura e provação.

A memoria de seu nome, no entanto, perdurará bemdicta pelos muitos necessitados, a quem elle soccorreu na penuria, lhes estendendo a bemfazeja mão; sempre, porém, com o segredo e o recato, que o Christo a todos nos ensina e recommenda.

O malogrado cachoeirano, pela independencia de caracter de que forneceu provas inconcussas, principalmente como promotor publico da justiça, que o

fôra por largo tempo na Feira de Sant'Anna, honrou a terra de seu berço.

10 de Outubro

—Em 1883 fugiram oito presos da cadeia desta cidade, então villa.

Attribuiram o facto a deleixo do carcereiro, que aliás não foi devidamente punido.

11 de Outubro

—Em 1769, tomou posse do governo da Bahia—D. José da Cunha Gran Ataide e Mello, que promoveu a cultura do tabaco (fumo) nos campos desta cidade, então villa.

Nesse empenho, o illustre governador foi dedicadamente auxiliado pelo desembargador José Gomes Ribeiro, encarregado de animar nesta zona o plantio da preciosa solanea.

12 de Outubro

—Em 1709, o Dr. J. Pereira, ouvidor geral da comarca desta cidade, então villa, lançou curioso provimento, com endereço á camara, lembrando a esta varios preceitos, que infelizmente logo depois tornaram a cahir num completo esquecimento.

Dentre elles, reproduziremos dois, que o diligente magistrado citou: *oderunt peccare boni virtutis amore: oderunt peccare mali fomidine pœnæ*....

—Em 1822, a Commissão da caixa militar da villa do Rio das Contas, presidida pelo cap.-mór Antonio José de Menezes, levou ao conhecimento do Conselho interino do Governo da Bahia, creado nesta cidade, então villa, achar-se organisada, e disposta a se esforçar pela causa commum.

E fr. José Maria Brayner pediu, e foi-lhe concedida, permissão pelo mesmo Conselho para crear a *companhia guerrilheira de couraças*, com o fim de servir aos patriotas, que estavam se batendo pela causa nacional.

—Em 1841, a camara municipal desta cidade mandou cantar um solemne *Te-Deum*, commemorando a coroação e sagração de D. Pedro II, que era imperador do Brazil.

—Em 1864, falleceu em S. Gonçalo dos Campos, da comarca desta cidade, o padre Gonçalo Pedreira do Couto, que era muito laborioso e conhecido sacerdote.

13 de Outubro

—Em 1886, falleceu—com 65 annos de edade—o alferes Tiberio Lopes Regadas.

Passava por ser a *chronica viva* desta cidade, que elle amava com todos os extremos de um acendrado bairrismo.

Intelligente e bem conservado, era de ver o bom senso e criterio, com que tratava os assumptos de interesse geral; assim como o cuidado em que se esmerava em fazer e conservar as melhores relações com os artistas de nôta.

Em tempo, havia sido negociante.

14 de Outubro

—Em 1822, o inspector do commissariado de guerra—Antonio Maria da Silva Torres instou com o Conselho interino do Governo da Bahia para conservar nesta cidade, então villa, o *trem de guerra* que nella fôra fundado. E, com o fim de desenvolvel-o, simultaneamente indicou varias medidas que, no seu conceito, deveriam ser tomadas.

Esse *trem* prestou serviços assignalados, e ainda a 17 de Junho havia fornecido ao exercito balleiras de ferro, patronas, pratos de estanho e outros objectos.

15 de Outubro

—Em 1855, foi devidamente benzido o cemiterio destinado ás victimas do *cholera-morbus*, que assolava então esta cidade.

O modesto campo sancto ficava situado na area, que a capella do cemiterio da Misericordia e suas adjacencias presentemente occupam.

—Em 1857, uma resolução da Assembléa legislativa provincial creou a freguezia do Senhor Deus Menino de S. Felix, desmembrando para isto o territorio necessario da de S. Pedro da Moritiba, que a esse tempo fazia parte do termo e comarca desta cidade.

—Em 1881, por decreto sob n. 8.278, foi feita á companhia *The Bahia Central Sugar Factories, limited*, a concessão para estabelecer dois engenhos centraes neste Estado, então provincia; devendo ficar um delles collocado na freguezia de Sant'Iago do Iguape, do termo desta cidade.

A mesma concessão foi renovada no decreto n. 635, de 1890, expedido pelo Governo provisorio da republica.

16 de Outubro

—Em 1834, o presidente da provincia, hoje Estado, remetteu para esta cidade—então villa—400 saccas de farinha de mandioca, afim de serem vendidas ao povo, sem lucro; pois havia falta absoluta desse genero alimenticio, em nosso mercado.

17 de Outubro

—Em 1857, a camara municipal desta cidade indeferiu a reclamação dos negociantes estabelecidos á rua dos Arcos contra a transferencia, que fôra feita, do mercado de cereaes para o *Largo do chafariz*, (Praça da Regeneração.)

Annos depois, o antigo açougue, situado á mesma praça, foi transformado em celleiro publico, tendo antes porém servido de mercado

Esse casarão, no entanto, desde muito devera ter sido demolido para melhor hygiene e o necessario embellesamento da rua do Amparo.

—Em 1893, falleceu e sepultou-se em S. Gonçalo

dos Campos o artista Antonio Salustiano Pimenta, que tinha 49 annos de edade, e nascera cachoeirano.

Era musico de primeira agua, e si tivesse cursado algum dos Institutos europeus a sua reputação seria vasta, quanto incontestada.

—Em 1895, succumbiu na capital da Bahia—o Cons. Dr. Antonio de Cirqueira Pinto, nascido em 1820 na freguezia de S. Gonçalo dos Campos, então do municipio desta cidade.

Servira como lente da Faculdade de medicina desde 1855 até 1890; e de maio de 1891 ao mez de agosto de 1895 exercera o cargo de director da mesma; tendo sido sempre bemquisto e respeitado.

18 de Outubro

—Em 1698, foi mandado construir nesta cidade, então villa, o primeiro matadouro, que ficou bem collocado no largo outr'ora conhecido por *Curraes velhos*, e hoje denominado *Marechal Deodoro*.

Dessa data em diante, o serviço da matança tem mudado muitas vezes de logar; mas, não obstante, o matadouro actual, situado aos *Tres Riachos*, está longe de corresponder ás necessidades e á importancia da população a que serve.

—Em 1704, prestou juramento o primeiro escrivão de testamentos, nomeado para a freguezia de Nossa Senhora do Rosario do Pôrto da Cachoeira, desde 1837 elevada á categoria de Cidade.

Chamava-se elle—Manuel Alvares Mendonça.

—Em 1851, foram pelo governo da provincia expedidas as ordens necessarias, afim de ser executado o decreto n. 798 de 18 de junho do mesmo anno, que approvara o primeiro regulamento para o registro de nascimentos e obitos, e deveria vigorar desde o 1.º de Janeiro de 1852.

O governo, porém, não teve o poder de coagir a população á observancia da nova lei, que cahiu em desuso, e só muitos annos depois resurgiu, debaixo de outra fórma, e ao influxo de idéas mais adiantadas.

19 de Outubro

—Em 1712, o senado da camara desta cidade, então villa, fixou o prazo improrogavel de 30 dias ao cap. João Rodrigues Adôrno, afim de que este desse começo ás obras do caes, que se obrigara a construir como apoio a uma ponte para embarque e desembarque, á margem esquerda do Rio Paraguassú.

As despezas a se fazer com esse melhoramento seriam cobertas pelo producto do imposto de 10 réis por cada rolo de tabaco (fumo), que o cap. Adorno estava autorizado a cobrar.

O cáes apenas num pequeno trecho ficou prompto e só 185 annos mais tarde poude ser concluido!

—Em 1822, o Conselho interino do governo da provincia da Bahia, que funccionava nesta cidade, então villa, resolveu abrir aqui a Casa da moeda, em razão da falta de numerario, que se fazia geralmente sentir.

O acto do Conselho dizia assim: «O Conselho interino do governo desta provincia conhecendo, por uma parte, que a occupação militar da cidade pela insubordinada tropa de Portugal, e consequente estagnação do commercio interno e externo da mesma provincia tem produzido a falta de numerario, e a notoria mingua das rendas publicas, tanto mais sensivel na crise actual, quanto se approxima a chegada de parte, e a organização do todo do exercito libertador; e urge cada vez mais a necessidade, que já soffrem os proprietarios de engenho, e demais fabricas, dos capitaes necessarios ao seu custeio e laboração: e reflectindo, por outra parte, que ha nesta provincia uma Casa de moeda, de longo tempo estabelecida na sua capital onde, por se evadirem os officiaes della para o reconcavo, se acha inutilisado aquelle estabelecimento do qual a provincia não pode prescindir, nem privada por mais tempo; o mesmo Conselho, desejando prover ácerca de um objecto tão necessario e transcedente, de um modo regular e consentaneo á economia publica, e

conformando-se ao real decreto do 1.° de Agosto deste anno, que autoriza a adopção de medidas extraordinarias, sendo de mister á salvação desta provincia.

Ordena — que se estabeleça e abra nesta villa da Cachoeira a Casa da moeda, ora inutil na cidade, sendo composta dos officiaes mais necessarios e indispensaveis, em o qual numero entrarão — com decidida preferencia — segundo suas graduações e antiguidade, os que já foram taes, e se acharem no reconcavo, servindo de provedor interino aquelle que for determinado pela lei, o qual designará a casa que mais commoda for para o assentamento d'esse estabelecimento, que deverá trabalhar do mesmo modo, e segundo as mesmas leis e regulamentos da Casa da moeda da cidade, sem alguma alteração do valor e typo das moedas.

O secretario d'este Conselho expeça as ordens necessarias para execução da presente portaria, e a faça constar a quem pertencer. Sala das sessões na villa da Cachoeira, 19 de Outubro de 1822 — *Albuquerque*, presidente. — *Calmon*, secretario interino. — *Coimbra* — *Bittencourt* — *Freitas Castro* — *Mello* — *Miranda* — *Silva*. »

Em virtude dessa providencia, começou logo o trabalho; e pouco depois o Governo mandou aqui reduzir a moedas de 80 réis uma grande porção de cobre, com o fim de occorrer ás despezas publicas.

A imperfeição do cunho e a diminuição do peso daquellas, entretanto, *açulando — como era de esperar — os especuladores particulares a fabrical-a, fez com que dentro em pouco se não distinguisse uma da outra, que todas eram imperfeitas.*

O Sr. J. Meili (Collecção numismatica, as moedas da colonia do Brazil) diz — que não se sabe si o acto do Conselho chegou a ser executado. Mas, o mesmo facto, acima consignado, responde á duvida exposta. (Vid. ephem de 7 de Junho).

De mais, o Conselho fez para a Casa de moeda da Cachoeira as nomeações, necessarias para que ella podessse funccionar.

Assim foi que, para as vagas existentes no respectivo pessoal, o Conselho nomeou: Francisco Pessoa da Silva — 1.º abridor; Ignacio Marinho Garento, 1.º ajudante do abridor de cunhos; Luiz da França de Araujo Pessoa, 2.º ajudante do abridor de cunhos; José Braz Quaresma, 2.º cunhador; Zacarias Luiz Pereira de Britto e João Joaquim de Seixas, ajudantes do ensaiador; Joaquim José da Silva e Seixas, escrivão da receita e despeza.

Si não ha moeda alguma com a indicação de que fôra fabricada aqui, o facto se explica naturalmente; pois, todos os cunhos, mesmo o das moedas de 80 réis novas, tinham sido trazidos da Casa da moeda da capital, e utilizados independentemente de qualquer alteração.

— Em 1842, falleceu nesta cidade, onde então se achava, o desembargador João Martiniano Barata.

— Em 1846, a Sancta Casa de Misericordia desta cidade contractou com o dinamarquez Christ. Ruge, architecto, a construcção da torre de sua egreja.

A 23 de Novembro seguinte, a obra teve começo, mas outro foi o artista que a concluiu.

— Em 1881, a commissão popular, que nesta cidade se havia constituido, com o fim de obter a meza de trabalho, em que o benemerito visconde do Rio-branco elaborara o projecto, convertido depois na lei de 28 de Setembro 1871, offereceu á viuva do illustre estadista o precioso movel, afim de que não passasse a mãos de estranhos ou indifferentes do que, aliás, estava ameaçado.

21 de Outubro

— Em 1822, os habitantes do reconcavo e do interior da Bahia, dirigiram-se ao principe regente, communicando-lhe—que haviam lançado mão das armas para sustentar a regencia de sua alteza D. Pedro, a quem reconheciam como defensor perpetuo do Brazil.

Ao mesmo tempo, todos elles protestavam repellir as injustas e tyrannicas deliberações do Congresso

de Lisbôa, estando dispostos a sustentar a guerra, para o que se haviam colligado todas as comarcas e e villas da provincia, excepto a de Porto-Seguro, que afinal unir-se-hia para o mesmo alevantado fim.

E accrescentaram—que, á vista do estado acephalo da junta provisoria do governo, estabelecido na capital, tinham elles creado nesta cidade, então villa, o Conselho interino, composto de um procurador de cada qual das villas existentes.

E terminaram declarando—que o dicto Conselho estava installado desde o dia 6 de Setembro, já tendo —por amor da causa nacional—tomado varias medidas, cuja ennumeração detalhadamente fizeram.

—Em 1853, o decreto n. 1.258 mandou separar de novo as varas de juiz municipal, e de orfãos desta cidade, que tinham sido reunidas pelo dec. n. 686 de 24 de Julho de 1850, e primeiramente separadas pelo dec. n. 170 de 15 de Maio de 1842.

O dec. n. 232 de 15 de Março 1890 reuniu-as outra vez, e definitivamente.

22 de Outubro

—Em 1796, foi aberta nesta cidade, então villa, a primeira *audiencia de correição*. Presidiu-a o desembargador Joaquim Antonio Gonzaga, e o acto foi cercado de grande apparato e solemnidade.

—Em 1810, o rei de Portugal, que era nosso soberano tambem, desejando demonstrar seu grande jubilo pelo casamento da princeza D. Maria Thereza com o infante D. Pedro Carlos, perdoou a todos os criminosos, existentes nas cadeias dos districtos das Relações do Rio de Janeiro e Bahia.

Conseguintemente, participaram dessa graça real os presos, recolhidos á cadeia desta cidade, então villa.

E houve—entre elles—um regabofe, real tambem...

Mas, justiça se faça. Não foram contemplados na munificencia de sua magestade—os condemnados por «blasphemia, violencia contra o pudor de mu-

lheres, entrada em mosteiro com fim deshonesto», e como... «ladrões formigueiros».

Para bem comprehender este final, *vide* o Livro 5º das Ordenações do reino.

—Em 1822, depois de ter recebido as necessarias instrucções, partiu desta cidade, então villa, a deputação que o Conselho interino de governo da provincia mandava ao Rio de Janeiro, com o duplo fim de se entender com D. Pedro, e felicital-o em nome do povo bahiano.

A deputação, tendo seguido ás 8 horas da noite, foi pousar no engenho da Ponta, que demora approximadamente a 20 kilometros desta mesma cidade. No dia seguinte, chegou ella á Barra do Paraguassú.

Depois, foi ter á Valença, hoje cidade tambem; sendo alvo ahi de applausos e festas. Entre outras, effectuou-se um sumptuoso baile, que terminou pela madrugada do dia 27.

A deputação, que se compunha do Dr. Francisco Gomes Brandão Montezuma (que morreu visconde de Jequitinhonha) e de Simão Gomes Ferreira Velloso, estava de volta a esta cidade, então villa, no dia 8 de Janeiro de 1823.

—Em 1822, ainda, foi expedido ao Conselho já citado um officio, em que o tenente-coronel Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque communicava, de Abrantes, ter apparecido no exercito pacificador um espião do general portuguez Madeira de Mello, e consultava ao mesmo tempo como deveria proceder no caso.

—Em 1861, se realizou nesta cidade a primeira ascensão aerostatica.

A praça da Manga, onde o sr. Elias Bernardi armara o seu balão, ficou coalhada de povo.

O sr. Bernardi, effectivamente, subiu, mas—na opinião da maior parte dos espectadores —subiu . . . . pouco.

Como se sabe, aos irmãos Montgolfiers cabe a gloria de terem, muito antes que qualquer outro, fendido os ares em um aerostato, que partira de Annonay (França) a 5 de Julho de 1783.

O invento, porém, se deve ao genio de um brazileiro—fr. Bartholomeu de Gusmão, que tendo nascido na cidade de Sanctos (S. Paulo) em 1685, falleceu na Hespanha em 1724.

Já tendo sido applicado á guerra, notadamente na ultima campanha franco-prussiana, o balão continúa a ser objecto de estudos, por parte de mechanicos e curiosos que porfiam para lhe dar direcção á vontade. O problema, comtudo, tem sido muito difficil de resolver.

Em todo o caso, nós—os brazileiros—temos razão de nos envaidar pelo grandioso invento, que tanto preoccupa a sabia Europa.

Por elle, e pelo celeberrimo «jogo dos bichos», devido ao genio do barão de Drummond, é que a Europa virá talvez a se aperceber de nossa existencia...

Mas, assim como nos quer roubar a gloria do primeiro desses inventos, não será de admirar que, passados mais alguns annos nos pretenda negar a do segundo tambem...

E para tanto parece se preparar, pois alguns paizes estão já se. . . felicitando com a genial concepção do inesquecivel titular.

Bom proveito. . .

28 de Outubro

—Em 1822, o Conselho interino do governo da provincia da Bahia, que funccionava nesta cidade, então villa, approvou a creação de uma patriotica legião de tropas ligeiras, composta das tres armas, na conformidade do plano apresentado pelo coronel Francisco Maria Sodré Pereira, e pelos sargentos-móres Antonio Maria da Silva Torres e José Antonio da Silva Castro.

—Em 1891, falleceu nesta cidade, onde nascera, o pharmaceutico Presidio Elpidio de Assis.

Era estabelecido em S. Felix, e contava 35 annos de edade.

24 de Outubro

—Em 1700, o capitão João Rodrigues Adorno fez doação gratuita do terreno necessario para o consistorio da egreja da Ordem Terceira do Carmo, que ia ser edificado nesta cidade, então villa.

De 1768 a 1769, foram construidos os carneiros, que ainda hoje existem, dentro mesmo do templo, ao lado esquerdo de quem nelle penetra.

A dicta Ordem recebeu Compromisso a 8 de Setembro de 1696, quando fr. Manuel Ferreira da Natividade era vigario provincial da vigararia do Rio de Janeiro, commissario reformador, e visitador geral do Carmo. E por esse Estatuto ainda hoje ella se rege!

—Em 1752, o povo cachoeirano sentiu um verdadeiro alegrão!

Não quiz o Governo d'El-rei, nosso senhor, approvar o imposto, que o conde de Atouguia, vice-rei do Brazil, creara sobre as passagens daqui para S. Felix, e *vice-versa*. E neste sentido sua magestade fez expedir uma *Provisão*, que foi enthusiasticamente acolhida.

Si não houve *copo de agua* nem retrato a oleo, é certo entretanto que os *lundús*, *cocombys* e *cheganças*, divertimentos muito ao paladar da época, ferveram por longos dias, em signal de regosijo e gratidão.

—Em 1796, o ouvidor geral desta comarca—desembargador Joaquim Antonio Gonzaga, lançando um provimento em correição, recommendou *por urgentes e principaes* a obra da ladeira de Belém, e a conclusão da fonte publica da villa, afim de que cessasse a «extravagancia de se ver um chafariz sem agua! . . .»

—Em 1833, um decreto imperial creou muito acertadamente a vara de juiz de direito na comarca desta cidade, então villa, que ao tempo era «a mais populosa do imperio, de grande commercio, e achava-se nas condições do art. 13 das Disposições Provisorias sobre a justiça civil e criminal», na phrase do decreto citado.

Passou logo a servir de juiz de direito o Dr. Albino José Barbosa de Oliveira, que fôra até então juiz de fóra.

Esse magistrado falleceu a 7 de Dezembro de 1889, em Nictheroy, do Estado do Rio de Janeiro.

—Em 1873, finou-se o capitão Vicente Pereira da Cruz, negociante, e juiz de paz do districto desta cidade, donde era filho, e onde foi muito estimado.

Tinha de edade 55 annos.

25 de Outubro

—Em 1643, o provincial dos carmelitanos forneceu officialmente uma relação nominal dos religiosos da ordem respectiva. E della se vê—que, a esse tempo, existiam no convento desta cidade, então villa, 15 frades, 2 irmãos coristas, e 6 irmãos de *vida activa*, entre os quaes estava fr. Pedro. . . Peccador. Servia de prior—fr. José da Purificação. Actualmente, nem um frade, ao menos, reside no alludido convento.

—Em 1706, foi nomeado *medidor* e *arruador* desta cidade, então villa, Fernão Pereira da Silva.

Não nos pode ser indifferente a memoria de tão . . . perito profissional que, apezar de ter sido honrado com aquella distincção, sabia tanto do officio, quanto eu sei de hebraico.

E a prova disto nos deixou elle nas muitas ruas tortuosas que, infelizmente, conta a cidade, agora difficil de brunir e alinhar.

Bem podia limpar a mão á parede o tal arruador, que fez obra fina e asseiada. . .

Fique em todo o caso o seu nome exposto á censura da posteridade, e os cachoeiranos assim tomarão vingança cabal do execrando remendão

Ou Fernão Pereira, ou o barão de Haussman que embellezou Pariz. . .

—Em 1822, o general P. Labatut, que se achava em Inhambupe, dirigiu-se ao Conselho interino do governo da Bahia, cuja séde era nesta cidade, então villa, para communicar—que ia á Feira de Sant'Anna,

donde faria intimar ao general portuguez Madeira de Mello a ordem de evacuar a capital da provincia.

Este o motivo, allegava Labatut, porque não lhe era possivel chegar até aqui; podendo, comtudo, o Conselho enviar-lhe um delegado, com o qual não se recusaria a tratar.

—Em 1824, rebentou na cidade da Bahia pavoroso motim militar, promovido pelo *batalhão de periquitos*, que em suas fileiras contava numero consideravel de praças, procedentes desta comarca, a esse tempo bastante extensa. Aqui mesmo, fôra organizado o referido batalhão, cujo commando assumira o coronel José Antonio da Silva Castro.

O nome do batalhão provinha do distinctivo da respectiva farda. E antes de se ter incorporado ao exercito, em Pirajá, fôra elle mandado á villa de Nazareth, hoje cidade, em apoio dos habitantes, que não tinham podido ainda se manifestar livremente pela acclamação de D. Pedro como principe regente.

O motim dos *periquitos*, que começara ás 5 horas da manhan, teve como epilogo sangrento a morte do governador das armas—o coronel Felisberto Gomes Caldeira, a quem quatorze balas traspassaram, quando—já preso—descia elle a escada do quartel-general, que então funccionava numa casa nobre, á ladeira do Berquó.

Foi protogonista do movimento um certo capitão Macario, mas na hora de agir pozeram-se á frente dos soldados em revolta dois simples alferes, a saber: Jacintho Soares de Mello e João Pio de Aguiar Grugel. Em face dos seus aggressores, o coronel se portou com admiravel bravura.

Satisfeita, entretanto, a sanha da soldadesca infrene, o cadaver de Felisberto ficou abandonado—durante todo o dia—no logar onde havia sido commettido o pavoroso attentado. Só á noite foi elle conduzido para a egreja matriz de S. Pedro, mas ao mesmo tempo que algumas pessoas piedosas entregavam-se ao funebre serviço, procurando ainda assim o disfarce e o silencio, do quartel dos *periquitos* eram atacados foguetes em profusão!

Como, porém, isso destôa dos sentimentos de cordura e bondade do povo bahiano ! . . .

Verdade é—que Felisberto passava por homem de genio assomado e violento. Assim foi que estando nesta cidade, então villa, a coadjuvar o Governo de 1822, irritou-se certo dia, ao ponto de esbofetear um soldado de artilheria,—Estevão Chaves, cuja farda rasgou no acto de agarral-o.

Por isto, os corpos militares que andavam desde muito indisciplinados, accommetteram furiosos o quartel do regimento de milicias, onde Estevão se achava preso com outros camaradas mais. Era proposito de toda a força, commandada pelo coronel Rodrigo Brandão, vingar a affronta feita áquelle soldado. Mas, o Governo interveio logo, designando o cadête Daniel Gomes de Freitas para apaziguar os animos, o que felizmente se conseguiu, depois de haver o proprio Felisberto assegurado a todos a benevolencia imperial e o perdão para o crime perpetrado.

Entretanto, «por occasião da morte do coronel Felisberto, a facção anarchista se esperançava nesta cidade (então villa), onde contava estar semeada a demagogia pela maior parte dos cachoeiranos; e afim de que este partido se podesse mais livremente desenvolver, requereram e conseguiram os facciosos do presidente mandar retirar daquella villa o destacamento do 4º batalhão de linha (o qual muito tempo antes tinha sido para ahi mandado pelo fallecido governador das armas, por lhe constar haver na mesma villa pequenos fócos revolucionarios) e todo armamento que houvesse ahi.

Porém, enganaram-se; seus sectarios neste logar não excediam de meia duzia de pedantes ociosos, que não podiam avultar no numero dos honrados e fieis cachoeiranos, os quaes— a exemplo dos de Sancto Amaro e S. Francisco—formaram um conselho em Camara, e declararam não poderem annuir á ida do destacamento e remessa das armas; e terem deliberado que se avisassem os corpos milicianos para estarem promptos á primeira voz, afim de repellirem

qualquer aggressão, protestando adhesão ás autoridades constituidas e governo de s. m. imperial.» (*Revista do Instituto Historico e Geographico Brazileiro*, vol. 30 pag. 290.)

Provavelmente, por esta attitude da Camara os sediciosos não vieram para cá, si bem que fosse ponto central e defensavel, onde mesmo o ten-coronel Silva Castro tinha mandado occultar uma grande porção de armas.

O crime dos *periquitos* reclamava, em todo o caso, uma punição severa.

Para julgar os culpados foi, conseguintemente, nomeada uma commissão militar, por decreto de 16 de Novembro de 1824. E, de accordo com as sentenças que ella proferiu, quatro dos implicados no dicto crime foram fuzilados no Campo da Polvora (hoje *Campo dos Martyres*), da capital da Bahia, diversos expatriaram-se voluntariamente, e o resto do batalhão foi confinado para Matto-Grosso.

—Em 1824, tambem, foi pelo presidente da provincia Francisco Vicente Vianna expedido um officio ao capitão-mór das ordenanças desta cidade, então villa, declarando—que, em vista do assassinato do governador das armas, «passava elle a reunir em sua autoridade as attribuições militares, emquanto sua magestade ou o Conselho provincial, que já tinha sido convocado, não determinasse o contrario. E, para prevenir acontecimentos desastrosos, o mesmo presidente mandou—«que não se executasse ordem alguma, si não fosse por elle expedida e assignada.»

—Em 1834, a Camara municipal desta cidade, então villa, se reuniu para fazer—perante o povo—a leitura da lei de 12 de Agosto (*acto addicional*), que alterava profundamente a Constituição do imperio.

Tudo se passou—como diz a *chapa*, entre as expansões do mais vivo enthusiasmo.

—Em 1855, falleceu nesta cidade o Dr. João Antonio Sampaio Vianna, que era juiz de direito da comarca de Itapicurú.

—Em 1855, tambem se manifestou rapido incendio

na rua do Pagão, desta cidade, e devorou 15 casas de palha, cujos habitantes ficaram reduzidos á miseria.

—Em 1890, o governador do Estado elevou á cathegoria de cidade, com a denominação de S. Felix do Paraguassú, a modernissima villa de S. Felix, que fica fronteira a esta cidade.

Em signal de regosijo pelo acontecimento, houve lá por alguns dias varios festejos populares.

26 de Outubro

—Em 1856, falleceu na freguezia da Cruz das Almas —o padre Francisco Manuel dos Sanctos, conego honorario da Sé metropolitana, e vigario collado da parochia desta cidade, em que fora apresentado por decreto de 7 de Dezembro de 1848.

Em principio do seculo XVII, havia no termo da cidade do Salvador, capital da Bahia, 12 vigararias, que eram estas: Pirajá, Paripe, Pitangu, Cotegipe, Matuim, Pasi, Taessupira, Tanfarire, Sergipe do Conde, Paraguassú e Tapararіqua. Cada vigario percebia então o ordenado de 30$000 por anno, tendo mais 5$000 de ordinarias.

Quanto á freguezia desta cidade (*vide ephem. de 4 de Janeiro*), têm-na regido—a contar de 1743, primeiro anno de que pude encontrar noticia exacta—os parochos a seguir:

1743, padre Julião Ferreira de Magalhães; 1748, padre Antonio de Magalhães Teixeira, coadjutor; 1749, padre Felippe Rodrigues, encommendado; 1749, padre José dos Sanctos, encommendado; 1751, padre Antonio Brandão, encommendado; 1753, padre Antonio de Magalhães Teixeira, coadjutor; 1754, padre Antonio Brandão, coadjutor; 1754, padre Antonio Pedro Viral; 1757, padre Antonio Gonçalves de Moraes; 1761, padre Antonio Brandão, encommendado; 1762, padre Manuel José de Souza Moreira; 1763, padre Manuel de Lima Moreira; 1768, padre Antonio de Magalhães Teixeira, coadjutor; 1768, padre Manuel de Lima Moreira; 1775, padre Jeronymo das Neves Gama, coadjutor; 1775, padre

Manuel de Lima Moreira; 1780, padre Antonio Dias da Costa, coadjutor; 1781, padre Domingos de Lima Passos, encarregado; 1786, padre Manuel Bernardino Alves da Silva, coadjutor; 1790, padre Domingos de Lima Passos, encommendado; 1793, padre Gonçalo Cardoso de Moraes; 1796, padre Manuel Bernardino Alves da Silva, coadjutor; 1802, padre Manuel Bernardino Alves da Silva, encommendado; 1807, padre Gonçalo Cardoso de Moraes; 1810, padre Manuel Bernardino Alvares de Sousa; 1812, padre Thomé Joaquim Ferrão; 1814, padre Custodio Luiz dos Sanctos Varella; 1815, padre Bernardo Maria do Nascimento; 1815, padre Carlos Melchiades do Nascimento; 1818, padre Manuel do Nascimento de Jesus; 1820, padre Manuel Jacintho Pereira de Almeida; 1823, padre Rodrigo José da Hora, coadjutor; 1824, padre Bernardo Maria de Vasconcellos; 1834, padre Vicente Ferreira dos Sanctos; 1840, padre José Pinto Vaz, encommendado; 1842, padre Domingos Teixeira dos Sanctos; 1850, conego Francisco Manuel dos Sanctos; 1855, padre Manuel Teixeira, encommendado; 1857, padre Dionisio Borges de Carvalho; 1859, fr. Pedro de S. João Baptista, *pro parocho*; 1860, padre Manuel Teixeira, encommendado; 1860, conego Dr. Candido de Sousa Requião; 1880, padre Guilherme Pinto da Silveira Salles, encommendado; 1889, padre Heraclio Mendes da Costa.

—Em 1871, falleceu com 55 annos de edade o capitão Manuel Ignacio de Medeiros; «o pobre velho capitão Medeiros», como a si proprio elle se denominava.

Assás amigueiro e prestativo, o capitão Medeiros dispunha de excellentes relações e era muito sympathisado pelas classes populares.

Desde alguns annos, elle servia de partidor do fôro, e administrador das obras municipaes; occupando tambem o cargo de juiz de paz, nesta cidade.

27 de Outubro

—Em 1828, subiu ao patibulo Manuel Joaquim de Sant'Anna, enviado desta cidade, então villa, para a capital, como «recunhador» de moedas de cobre de 40 réis, que elle assim transformava em moedas de 80 réis.

Foi o unico punido tão severamente por um crime, que aliás muita gente praticava então, sem ser incommodada.

A opinião publica, por isto, qualificou de assassinato juridico aquella execução.

—Em 1865, embarcou para a capital, com destino á guerra do Paraguay, o batalhão de «voluntarios da patria», denominado «Princeza Leopoldina», organizado aqui pelo respectivo commandante tenente-coronel Hermenegildo Ferreira Nobre.

Contava numero superior a 300 praças, e a despedida desses bravos foi um acto profundamente tocante.

28 de Outubro

—Em 1822, chegou da Feira de Sant'Anna o general P. Labatut que, tendo sahido do Rio de Janeiro a 14 de Julho, desembarcara na costa da Bahia, e seguira por terra para Pernambuco, donde voltara por Alagôas, e Sergipe.

Estabeleceu seu quartel no «Engenho-novo».

—Em 1888, succumbiu—depois de atroz padecimento—o Dr. João Borges Ferraz, com 62 annos de edade.

Medico illustrado e cidadão correcto, nem por isto foi feliz; viveu, pelo contrario, combatido por successivos revezes.

Na calamitosa época do «cholera-morbus», o Dr. João Borges prestou serviços de alta valia. E nas Lavras Diamantinas, onde passara parte de sua existencia, deixou elle um nome immaculado.

Fôra supplente do juiz de orphãos, eleitor, juiz

de paz; e exerceu tanto estes, como outros cargos publicos, de modo sempre satisfactorio e digno.

—Em 1893, uma local da imprensa desta cidade noticiou ter fallecido em Sancto Estevam de Jacuipe, de cuja freguezia era vigario collado, o padre Paulo Pereira das Chagas, que s recommendava por sua intelligencia esclarecida.

29 de Outubro

—Em 1822, o Conselho interino do governo da Bahia, cuja séde era nesta cidade, mandou prender e enviar para a fortaleza de Itaparica, o cirurgião Francisco Sabino Alvares da Rocha Vieira, que se tinha evadido da fragata «União», a cujo bordo estava preso.

A 5 de Novembro seguinte, o general P. Labatut requisitou do mesmo Conselho a liberdade do dicto cirurgião, afim de que este fosse á sua presença. O Conselho, porém, recusou satisfazer a requisição feita, allegando ter sido realizada a prisão por ordem de sua magestade o imperador.

O Dr. Sabino celebrisou-se depois, como chefe da revolução em 1837.

—Em 1875, falleceu na villa de Sancta Izabel, hoje cidade de S. João de Paraguassú, de cuja parochia era então vigario collado, o padre Honorato da Conceição Menezes, carmelitano egresso, e maior de 50 annos de edade.

Pastor desvelado, cidadão ordeiro, e amigo extremoso, o padre Honorato era assás considerado por todas as pessoas, que o conheciam de perto, e querido—como não era possivel sel-o mais—por seu numeroso rebanho.

Foi de luto geral, conseguintemente, para aquella população hospitaleira e grata o dia, em que seu parocho amado fechou — para sempre—os olhos á luz da vida.

E durante a molestia que o victimou, o excellente vigario recebeu de toda a população de Sancta Izabel demonstrações inequivocas de uma estima illimitada,

tanto quanto de um reconhecimento profundo e sincero.

Merecia-o bem o digno sacerdote, que soube cumprir irreprehensivelmente os seus deveres de cidadão e de catholico.

O vigario Honorato não tinha nascido nesta cidade, mas vinculara-se tão estreitamente aos destinos della, desde que aqui fôra prior do convento do Carmo, ao ponto de nos merecer estima egual á que consagramos aos mais prestantes cachoeiranos.

30 de Outubro

—Em 1758, uma «Provisão», expedida pelo Tribunal do conselho ultramarino, em Lisboa, mandou: 1º. que os ouvidores do civel, e mais juizes conservadores, não admittissem acção alguma contra os moradores da Cachoeira, que não fosse para se tratar «por via ordinaria de libello, e não as que se houvessem de tratar por assignação de dez dias, juramento d'alma, ou outra summaria»; 2º.—que, mesmo por via de libello, não admittissem acção alguma fundada em cessão, ou traspasso feito aos privilegiados, mas tão sómente as que dimanassem do contracto ou da obrigação, que originariamente principiassem com os proprios devedores, e não com outros; 3º.—que as arrematações dos bens moveis e de raiz se fizessem na villa mesma, e ahi se processasem todos os incidentes relativos a ellas, devendo depois então se remetter os autos para o cartorio competente na cidade da Bahia, independentemente de traslado.

—Em 1865, seguiram desta cidade para a capital, com destino a guerra do Paraguay, 73 «voluntarios da patria», que haviam sido alistados na Villa da Barra do Rio-grande, hoje cidade, e marcharam sob o commando do tenente Christovam Lopes Portella.

31 de Outubro

— Em 1822, a deputação que daqui partira no dia 22 para o Rio de Janeiro, mandada pelo Conselho interino do governo da Bahia, cuja séde era nesta cidade, então villa, chegou á Barra do Rio de Contas.

Ahi, ella encontrou—pousando—o portador, que as camaras de S. Francisco, Maragogipe, Sancto Amaro, e desta mesma cidade tinham despachado pora ir á côrte communicar ao principe D. Pedro a sua acclamação para regente, effectuada a 25 DE JUNHO.

—Em 1852, falleceu nesta cidade o tenente Bento José Fernandes de Almeida, proprietario abastado e cavalheiro estimavel.

Cachoeira, 1900.

A. MILTON.

(*Continúa*)

A PESCA DA BALEIA NA BAHIA

Data do seculo XII a introducção, na Europa, da pesca da baleia, tornando-se habilissimos nessa industria os pescadores vasconços e biscainhos.

Do meiado do seculo XIV em diante fôra ella ensaiada na costa do Algarve, em Portugal, e ainda hoje existe na Torre do Tombo uma carta datada de 15 de Março de 1424, pela qual D. João I «fez mercê da renda da baleação a Estevam Vasques Filippe».

Com os primeiros descobrimentos maritimos dos Portuguezes, em 1419, a pesca da baleia foi, pouco a pouco, decahindo, chegando mesmo a extinguir-se.

Na Bahia, segundo Frei Vicente do Salvador, fôra introduzida, em 1603, pelo biscainho Pedro Urecha, que viera de Portugal em companhia do Governador Diogo Botelho, successor de Francisco de Souza. Urecha trouxe comsigo duas baleeiras e pessoal experimentado nessa industria, a qual fôra logo ensinada aos colonos portuguezes e aos escravos africanos.

Entretanto, suppomos que a captura desses cetaceos já se fazia em épocas anteriores, fundando-se a nossa presumpção em uma passagem de Pero de Magalhães Gandavo.

Em sua *Historia da Provincia de Santa Cruz* o chronista portuguez tratando, no capitulo 8º, das variedades de peixes que se encontravão nas costas maritimas do Brazil, fez referencia ás «muitas baleias, as quaes costumão vir de arribação a esta costa» e accrescenta. . . «nesta provincia, de que trato, se fez já *experiencia em muitas dellas, que sahirão a costa e dentro das tripas de algumas achárão muito ambar*, cuja virtude ião já digerindo por haver algum espaço que o tinhão comido. E

noutras se achárão no bucho outro ainda fresco e em sua perfeição, que parece que o acabárão de comer naquella hora antes que morressem ».

Dahi se infere que antes de Pedro Urecha já se apanhavão baleias no littorial do Brazil e naturalmente com o emprego de arpão, porquanto informa Gandavo que o peixe-boi e outros erão pescados « pelos moradores da terra comarpões ».

Refere Gabriel Soares (*Trat. Descript. do Brazil*) que em 1580 encalhárão no Rio Pirajá duas enormes baleias, das quaes se fez tanto azeite « que fartárão a terra delle dous annos ».

E' evidente, pois, que no seculo XVI já era utilisado na Bahia o azeite da baleia, e é natural que os pescadores, por quaesquer meios, procurassem captural-as.

Circumscripta hoje em dia ás aguas territoriaes deste Estado, (1) está actualmente em decadencia, conforme veremos mais adiante, ao passo que em fins do seculo XVII « chegou a ser a maior do mundo », como assevera Robert Southey (Hist. of Brazil) e é confirmado pelo academico Rocha Pitta (Hist. da Amer. Portug.) que nos diz que « quando o anno era propicio, se pescavão tres e quatro baleias por dia ». Durante o dominio hespanhol a exploração desta industria, na Bahia, era arrematada á fazenda real, de seis em seis annos, mediante 180.000 cruzados, tendo attingido, em 1723, a 205.000. (R. Pitta, Op. cit.)

Antes de referirmos, particularmente, o modo por que se faz essa pesca, descrevamos os petrechos e instrumentos empregados nessa industria.

A baleeira é uma embarcação ligeira, com duas prôas, de 12 a 18 metros de comprimento, tendo fundo de prato, exclusivamente destinada á pescaria da baleia. Estando o vento de feição, desenvolve uma marcha de 12 milhas por hora, e até pouco

---

(1) Tambem era feita, em grande escala, a pesca da baleia no Estado de Santa Catharina.

antes da proclamação da Republica o preço das de maiores dimensões não excedia de 700$000.

Possue a baleeira um só mastro, com inclinação para a pôpa, o qual apresenta na extremidade superior um furo, por onde corre a adriça da grande vela quadrangular, cosida na verga. O leme é o mesmo das outras embarcações e traz á pôpa, do lado de bombordo, um remo, que tambem funcciona como governo.

Além da vela, servem de propulsores ás baleeiras varas e remos. Os carpinteiros de Itaparica e de Caravellas, onde tambem se pesca a baleia, são os preferidos na construcção dessas lanchas.

O pessoal tripolante de uma baleeira compõe-se de dez homens, assim nomeados na giria dos pescadores: o arpoador, o timoneiro, o moço de armas, o balaieiro (especie de ajudante do arpoador), o barrileiro (aguadeiro de bordo), o cafeleteiro (despenseiro de bordo), o arrieiro, o balaeiro do timoneiro (empregado tambem na amura), o escoteiro de dentro e o lancheiro.

A este ultimo compete levar a baleeira ao ancoradouro ou trazel-a para terra todos os dias para o embarque da tripolação.

O arpoador e o timoneiro vencem a diaria de 320 rs., o moço de armas 300 rs. e os demais 240 rs., distribuindo o cafeleteiro a ração de um litro de farinha a cada um.

O armador ou proprietario de baleeiras contrata esse pessoal por seis mezes, pagando-lhe adiantado o salario correspondente a esse tempo.

Conforme as proporções da baleia que entregam nos *contratos*, recebem os tripolantes as seguintes gratificações extraordinarias, si o peixe é grande: o arpoador 140$, o timoneiro 70$, o moço de armas 35$ e os demais 20$ cada um; sendo, porém, o peixe pequeno, recebem metade das importancias indicadas.

Si as lanchas não levarem ao contrato uma só baleia durante a safra, a tripolação é obrigada a indemnisar o armador dos valores recebidos por

adiantamento, trabalhando para o mesmo em outras embarcações ou empregados em quaesquer serviços.
Os principaes aprestos da pescaria constão de 12 arpões, 4 lanças e 1 facão, a cargo do moço de armas. Além destes utensilios, existem as vioneiras de arpão e as de lanças, aquellas em numero de 12 e estas de 4.
As vioneiras são um cabo de uma pollegada de espessura, contendo 96 braças de extensão, cabendo 8 braças a cada arpão. Os cabos vioneiras ou vioneiras de lanças medem 36 braças, das quaes 9 para cada lança, e têm a espessura de 3/4 de pollegada.
Ao empregar-se o primeiro arpão na baleia, acompanha a vioneira um cabo de 80 braças e de 2 pollegadas de espessura, denominado cabo de ostacha.
O arpão de prôa é engastado em uma haste de madeira, de 18 a 20 palmos de comprimento com 6 pollegadas de espessura, sendo de 12 palmos as hastes das lanças.

A pesca da baleia nas aguas do Estado da Bahia começa em Junho e termina em Outubro ou Novembro, sahindo invariavelmente as lanchas para o mar no dia de Santo Antonio, 13 daquelle mez.

De Junho a Outubro para o mar se alarga,
Qual gigante maritimo a baleia . . .

(Santa Ritta Durão, *Caramurú* cant. 7º est. LXIX.)

Nos tres primeiros mezes a pescaria é quasi toda de sotavento, isto é, dentro da Bahia de Todos os Santos, desde o forte Santo Antonio até a enseada de S. Thomé de Paripe; e os outros tres mezes a barlavento, fóra da barra.
Sendo as regiões frigidas do pólo norte insupportaveis no inverno ao crescimento e conservação da prole, procurão as baleias os mares subequa-

toriaes, onde a temperatura é sempre mais elevada do que nos pólos.

As muitas enseadas da costa da Bahia são os lugares preferidos para a emigração e ahi as femeas parem e não regressão para os mares do norte emquanto os filhos não se achão em condições de emprehenderem a travessia

Durante os mezes de permanencia nas aguas deste Estado, dizem os pescadores, o macho da baleia ou caxarrélo exerce a funcção physiologica da reproducção da especie, e como se verá mais adiante torna-se arriscadissima a captura da baleia durante esse periodo.

Avistado o peixe, o pessoal da lancha fica logo a postos e investe o cetaceo ou aguarda que elle se approxime, para o que folgão a escota da lancha, si navegão a panno.

Uma vez junto da baleia, é atirado o primeiro arpão, de preferencia entre a *galha* e a cabeça.

Logo que o monstro marinho recebe este primeiro golpe parte em vertiginosa carreira, e a guarnição trata de retirar o leme, descer a vela e até o mastro. Os pescadores praticos distinguem, ás vezes, o sexo do monstro arpoado pelo impulso e velocidade da carreira.

Depois começa a tripolação a colher o cabo de ostacha, que prende o arpão à baleeira e assim se abeira novamente da baleia, que é então lanceada, si se reconhece a desnecessidade do emprego de segundo arpão.

Os golpes de lança se repetem até que a baleia se extenue, começando a expellir sangue pelo *bufador*. A morte, porém, é rapida si a lança se emprega no *cangotinho*, entre a cabeça e o *bufador*, o que muito favorece a amarração do monstro.

Exige-se muita pericia no serviço de lancear; porquanto, cahindo a lança no *fio do lombo*, pela ferida penetra grande porção de agua e a baleia submerge-se, sendo preciso cortar-se o cabo de ostacha para não ser tambem a embarcação arrastada ao fundo.

Não menor destreza é a da arpoação debaixo da agua, occasião em que o arpoador, a guarnição e a propria lancha podem ser victimas do subito movimento da cauda do animal marinho.

No seculo XVII cada baleia era perseguida por seis lanchas, quatro de arpão e duas de soccorro; actualmente uma unica baleeira é sufficiente para dar combate e capturar uma baleia, e si esta depois de arpoada ou lanceada conseguir desprender-se, sendo novamente arpoada por outra lancha, ainda pertencerá á primeira.

Perigosa, temeraria mesmo se torna essa pescaria, quando ao madrijo (femea da baleia) acompanha o caxarrêlo, sendo este conhecido por trazer a *galha* fóra da agua.

Para se arpoar os dous, os pescadores accommettem de preferencia o madrijo, que, ficando arpoado, atira-se ao caxarrêlo de encontro ao cabo de ostacha, como si quizesse desprender o arpão.

Nesta occasião é lanceado, e si a ferida é mortal tratam tambem de arpoal-o.

Morta a baleia, compete ao moço de armas, que trabalha na prôa com o arpoador, o serviço de amarração. Para esse fim cahe ao mar, levando comsigo o facão e os cabos denominados *cerra-boca*, de *bico* e de *galha*, desempenhando de ordinario este serviço com o mar agitado e em uma profundidade de 7 braças, rodeado de vorazes tubarões, que para alli affluem afim de sorver o sangue da baleia, sem lhe causar o mais leve damno. De bordo alão esses cabos e approxima-se o peixe, que é amarrado á lancha.

O modo por que ainda hoje se exerce essa industria não differe dos processos primitivos, como consta da seguinte informação de Francisco de Brito Freire, chronista do seculo XVII:

« Surgindo a baleia em cima da agua, a descobrem tres lanchas, que a pescão.

Quando torna a fundear, remão mui socegadas para ella; e quando torna a apparecer, ferindo-a com um tenaz arpão e largando-lhe o cabo comprido,

a que anda preso, depois se vai cobrando assim como ;vai a baleia enfraquecendo. Rendida já de todo, ousão a chegar tanto, que sangrando-a com lanças de ferro até o meio da haste, lhe atravessão até o vão do bojo, porque, fóra as costellas e espinhaço (cujos nós divididos pelas juntas não fazem menos capazes assentos que ordinarios tanhos), tudo mais é um monte de peixe e de toucinho, tão brando que se deixa penetrar facilmente. De modo que o arpão a cansa e as lanchas a matão. »

Todos os pescadores são unanimes em proclamar o estranho affecto, a dedicação carinhosa da baleia para com o filho. O monstruoso cetaceo é tambem o symbolo do amor materno.

Pelo filho acovarda-se, padece resignada, sacrifica a propria vida.

Por isso, quando o madrijo anda acompanhado pelo baleato, arpoa-se este levemente, porque assim se tem a certeza de matar aquelle sem muito esforço.

Diz Rocha Pitta que « o amor que este monstro tem aos filhos é tambem monstruoso ».

João de Brito, festejado poeta bahiano, tendo de cantar o amor materno, encarnou-o na baleia.

Não resistimos ao desejo de reproduzir as seguintes estrophes descriptivas, em que a fidelidade de observação resalta de cada verso:

. . . .

Descobrindo seu dorso denegrido,
Como ilha fluctuante, surge immensa
Uma baleia ao longe, e com ruido
Arroja dagua no ar columna densa.

Vem ao lado do filho que estremece,
Que acaricia cheia de ternura;
Desce aos antros sem luz, onde elle desce,
E, se acaso o não vê, douda o procura.

. . . .

Naquelle seio um coração palpita
Com desvelos de mãe; a natureza,
Que nos caprichos mostra-se infinita,
Quiz em um monstro provar toda a grandeza.

No emtanto os lenhos já navegão perto,
E cada qual demanda o baleato,
Que immerge, surde, bufa, salta, esperto,
Mas foge timido ao menor contacto.

Como se de um siphão internamente
Dispuzesse, evitando o choque á vaga,
Jorra-lhe a mãe na fauce o leite quente,
Que com soffreguidão ligeiro traga.

Por braço herculeo e destro sacudida,
Crava-se nelle a lamina farpada,
Apenas sente o misero a ferida,
Geme, e partindo solta a rabanada.

Não o segue um vapor nessa carreira
Do corsel de Mazeppa enfurecido,
Transportando sem vela a baleeira,
Que ostenta o arpoador na prôa erguido.

Vai co'o filho a baleia juntamente,
E, sem estorvo achar de si diante,
Agora espanca o mar co'a cauda ingente,
Agora se ergue, cahe, torna offegante.

. . . .

Do curso impetuoso o filho cansa;
E emquanto a mãe afflicta ao peito o cinge,
Na flanco embebem-lhe acerada lança,
Rompe em jactos o sangue e as ondas tinge.

Foge a desventurada enlouquecida,
A bramir, sem parar, vai longe, volta,
Quer morrer pelo filho, e expondo a vida.
Esbraveja, reluta, a ver se o solta.

Impossivel! . . . O golpe repetido
Põe-na de novo em fuga. E' santo o intento,
Mas o vigor se esgota. Atroz gemido
Proximo indica seu final momento.

Faz-se preciso então tel-a segura,
Arpoão-na tambem; já pouco sente
O arpão tenaz; a magua que a tortura
Por não livrar o filho é mais pungente.

A bordo do baixel reina a alegria,
Mas em volta a tristeza se derrama,
E o mar se muda, no esplendor do dia,
Em negro palco de um terrivel drama.

A baleia, o colosso do oceano,
De cuja boca o sangue em ondas corre,
Volve ao filho, inda vivo, um olhar humano,
Estrebucha, vacilla, arqueja e morre.

Preenchera a missão a mãe sublime,
Immolada do filho na defesa;
E o rei da creação, o heróe do crime,
Contempla extasiado a enorme presa! . . .

Não menos expressiva é a seguinte estancia de Santa Rita Durão, no seu poema *Caramurú*:

Brilha o materno amor no monstro horrendo,
Que, vendo prevenida a gente armada,
Matar se deixa nagua combatendo,
Por dar fuga, morrendo, á prole ama-la.
Onde no filho o arpão cação mettendo,
Com que attrahindo a mãe dentro a enseada,
Desde a longa canôa se alanceia,
Ao lado de seus filhos a baleia.

(Cant. VII—est. LXXIII).

Preso o baleato, a lancha que o arpoou iça immediatamente uma bandeira para assignalar a posse do madrijo.

Nestas condições, a baleia póde ser lanceada por outros pescadores, e ao presentirem que ella está exhausta de forças é convidado o dono a arpoal-a.

Todos os pescadores são obrigados a se auxiliarem reciprocamente, e succedendo no ataque qualquer soffrer avarias todas as despezas com os reparos correm por conta da baleeira arpoadora e no mais breve prazo possivel.

Finda a amarração, dirige-se a lancha com a sua presa para o *contrato* da armação, levando na prôa uma bandeira para indicar que o peixe é grande e na pôpa si é pequeno.

Não ha muitos annos existião *contratos* de baleia em Itapoan, Pituba, Paciencia (Rio Vermelho), junto ao forte de Santo Antonio da Barra, Gambôa, Pedra Furada, Caravellas, Manguinho, Porto dos Santos e Barra do Gil, estes tres ultimos na ilha de Itaparica. Presentemente funccionão os do Manguinho, Porto dos Santos, Itapoan e Caravellas.

Chegada a baleia diante do *contrato*, é arrastada para terra por meio de longo cabo passado no *bufador* e preso a um cabrestante movido pelo pessoal de serviço.

Extraordinario é o regozijo á chegada da baleia. O movimento gyratorio do cabrestante é feito ao som de cantigas improvisadas, ás vezes de momento.

Segue-se o trabalho de desmancho da baleia, a começar pelo dorso. O toucinho retirado colloca-se dentro de tachas de ferro, expostas á acção do fogo. Os residuos são approveitados para iscas de *munzuás* e a carne é beneficiada e vendida na capital.

Este processo de extracção e preparo do azeite ainda é identico ao primitivo.

Referindo-se a esse serviço, diz o citado Brito Freire:

« Encalhão-na (a baleia) de preamar, e ficando depois em secco, com passarem de oitenta negros os que começão a abril-a da parte opposta, nenhum se vê da outra.

Primeiro lhe despem o toucinho, e o mais grosso chega a quatro palmos de alto; logo cortão o peixe, que é de uma asquerosa grandeza cada posta. Não serve menos esse monstruoso animal de espectaculo extraordinario á vista, que de lucro grande ao interesse.

Sendo muitas as que matão cada anno, no tempo da guerra, porque a falta de mantimento, e já agora a continuação, tem feito comida ordinaria o peixe da baleia. Antes de satisfazerem as custosas despezas da sua fabrica, umas per outras renderá cada qual 1.000 cruzados, e o avanço maior se tira do toucinho.

Fregem-no e derrete-se nas caldeiras que ardem dia e noite em uma casa, e dessera melhor num inferno, pelo perpetuo fogo, espesso fumo, nocivo fedor, e negros nús, que gateadas as carnes com lavores, ou manchas sem ordem de certo barro para despegarem a grossura, cruzando a todas as partes, em beneficio d'este trabalho, com ganchos de ferro e instrumentos semelhantes, fazem propria figura de ministros de Satanaz ou de almas damnadas. »

Entretanto, muito antes de 1860 vinhão pescar baleias ao longo de litttoral bahiano grandes navios americanos, a que o povo pittorescamente denominava *azeiteiras*.

Capturada e morta a baleia pelas embarcações ligeiras, era suspensa a um dos lados do navio e assim desmanchada, aproveitando-se apenas o toucinho.

O oleo, extrahido mesmo a bordo pelos processos modernos da evaporação calorifica, para tornal-o claro e quasi inodoro, era depositado em grandes toneis. Antigamente com a carne de baleia se alimentavão os proletarios, os escravos nos engenhos de assucar e os tripolantes dos navios negreiros que demandavão a costa africana.

O azeite era utilisado na illuminação particular, sendo que as pessoas abastadas se servião do que vinha do Reino.

Até 1862 a illuminação publica desta Capital era

alimentada com o oleo da baleia; e ao ser substituida pela actual, na noite de 10 de Junho desse anno, o mimoso poeta Augusto de Mendonça, de saudosa memoria, dedicou aos velhos lampeões de esquina os seguintes versos, que lembrão o encanto das noites bahianas em tempos não muito remotos:

Adeus, testemunhas certas
Das populares canções,
Entoadas por chibantes
Menestreis de violões,
Adeus, para sempre adeus,
Malfadados lampeões.

Ante a vossa luz mortiça
Temperada para amor,
Quantas *Lilias* acordárão
Ouvindo a voz do cantor
Todas as noites fugindo
Da casa de seu senhor.

E foi-se o tempo *querido*
Da velha illuminação;
Trazião todos contentes
A cabeça e o coração,
Cacete em baixo do braço
Noutro braço o violão.

Maldito seja o progresso
Que tantos *males* nos faz
Vivia tudo tranquillo,
De repente tudo—zás,
Cahe o sceptro da torcida,
Sobe o reinado do gaz!

E agora triste do povo,
Outr'ora amante e feliz,
Modinhas de amores ás claras
De certo ninguem as diz;
Matárão toda a belleza
Das noites do meu paiz.

Adeus, pois, amigos velhos,
Taciturnos lampeões;
Adeus, modinhas e chulas,
Adeus, *doces libações*,
Adeus, para sempre adeus,
Cacetes e violões.

A pesca da baleia, uma das mais importantes industrias nacionaes, está hoje na Bahia em completa decadencia, ao passo que, si fôra devidamente explorada, offereceria remuneradora compensação, attentas as multiplas applicações do oleo desses cetaceos e a facilidade da sua pesca.

Os europêos e americanos aventurão-se á captura de baleias no Oceano Indico e nos mares da Siberia, da Groelandia, no territorio de Alaska, etc., entretanto na Bahia ellas è que vêm ao encontro dos arpoadores. Só esta vantagem é bastante ponderosa e não é para desprezar-se.

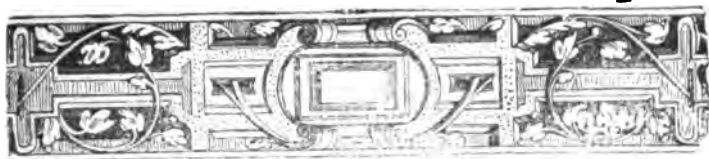
Duas circumstancias de grande relevancia contribuiram para a decadencia dessa industria entre nós—a escassez de baleias nos nossos mares, em comparação com a sua abundancia nos primeiros tempos coloniaes (1), e a falta de protecção do Governo, por meio de leis que assegurem o seu desenvolvimento. Neste particular apenas temos conhecimento do decreto de 10 de Setembro de 1850, que poderá servir de base á codificação de sabia legislação sobre a pesca da baleia no extenso littoral da Bahia.

(1) "Entre estes pescados ha muitos peixes de preço e reaes, como baleias tantas e tão grandes que é para ver. Aqui na Bahia das janellas dos cubiculos as vemos andar saltando e por toda a costa ha muitas."—(Informação do Padre J. de Anchieta—1584-1586.)

"Ha muitas, mui grandes baleias que, no meio do inverno, vêm a parir nas bahias e rios fundos desta costa, e ás vezes lanção a ella muito ambar do que do fundo do mar arrancão quando comem, e conhecido na praia porque aves, caranguejos e quantas cousas vivas ha acodem a comel-o." (Fr. Vicente do Salvador—*Hist. do Brazil.*)

Escrevendo esta despretenciosa noticia nenhum outro empenho tivemos em vista senão o de invocar a solicitude do Governo para o estado de decadencia dessa importante industria nacional.

Bahia, Junho de 1900.

J. Teixeira Barros

Actas das sessões e offertas

78ª. SESSÃO EM 1º. DE JULHO DE 1900

Presidencia do Sr. Cons. Dr. Salvador Pires

Ao primeiro dia do mez de Julho de 1900, nesta cidade do Salvador, Bahia de Todos os Santos, no salão do Instituto, á 1 hora da tarde, presentes os socios Cons. Salvador Pires e João Torres, padre Luiz da França dos Santos, Desembargador Thomaz Garcez Paranhos Montenegro, Commendador Joaquim Manuel de Sant'Anna, Dr. Bonifacio Faria Rocha, Alfredo Octaviano Soledade, Henrique Praguer, Coronel Gonçalo de Athayde Pereira, Professor João Joaquim dos Santos Sá, Capitão Francisco Gomes Ferreira Braga, Commendador Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, Cons. Filinto Justiniano Ferreira Bastos, Pharmaceutico Alfredo Accioli do Prado, Dr. Julio Calasans, Eloy de Oliveira Guimarães e Isaias de Carvalho Santos, foi declarada aberta a sessão, sendo lida e approvada, sem debate, a acta da sessão anterior.

O expediente constou do seguinte:

Officios: do sub-director dos Correios da Capital Federal, Dr. Antonio Pires de Souza e do Sr. José

Petitinga, da Cidade do Joazeiro, agradecendo a eleição de socios correspondentes deste Instituto; da direcção do Club Commercial da Cidade do Joazeiro enviando copia da acta da sessão em que foi commemorada a grande e gloriosa data da descoberta do Brazil; do Gremio Litterario Castro Alves, da Cidade do Remanso, congratulando-se com o Instituto pela maneira esplendorosa porque foi commemorado tão auspicioso acontecimento; de uma commissão de typographos desta capital enviando um numero especial impresso em setim e mais 20 de uma Polyanthéa que fez publicar no dia 1°. de Maio, dedicada a este Instituto por occasião do centenario; do Sr Bernardo de Azevedo da Silva Ramos, enviando os Catalogos da numismatica com que o Estado do Amazonas concorreu ás patrioticas solemnidades do 4°. centenario do descobrimento do Brazil, na Capital Federal; do Secretario perpetuo da Academia Real de Bellas Artes, Historia e de Antiguidades de Stockolmo (Suecia), fundada em 1753, desejando entrar em relações com o Instituto e pedindo permuta das suas publicações. Mandou-se responder e que fosse attendido pela secretaria.

Do socio Dr. Abilio de Carvalho communicando que transferiu sua residencia para o Estado do Rio de Janeiro (Paraty) e despedindo-se do Instituto; do socio Dr. Braz do Amaral, secretario da commissão central do centenario, enviando a medalha destinada a figurar no museu do Instituto e as que têm de ser enviadas ás seciedades congeneres, e que a commissão opportunamente apresentaria relatorio circumstanciado dos seus trabalhos; do socio Desembargador Manoel Maria do Amaral enviando copia dos artigos já publicados pelo conego Benigno José de Carvalho e Cunha e pelo Sr. Manuel Ferreira Lage sobre uma cidade abandonada, e que existiu no centro do Estado, lembrando que taes artigos devem ser transcriptos na Revista, e a conveniencia de que novas pesquizas e explorações sejão feitas nesse sentido.

O Cons. 1°. Secretario declarou que, em relação ao que a imprensa diaria tem publicado sobre o dia da morte do grande patriota Dr. Cypriano Barata, a secretaria possue a certidão de obito do mesmo Barata, facto que occorrera na cidade do Natal em 1°. de Junho de 1838, cujo documento leu e lhe foi enviado no anno passado por solicitação sua ao nosso patricio Dr. José Paulo Antunes, bem como varias outras informações sobre a vida de Barata e artigos publicados na «Republica» daquella cidade, Estado do Rio Grande; pelo que lembrava que esses papeis fossem enviados á commissão de biographias, o que foi approvado.

O Cons. presidente declarouque a presente sessão fôra convocada para a discussão e approvação do orçamento, cuja materia ficava adiada para a sessão seguinte por não ter a respectiva commissão apresentado o seu parecer, e propoz que não tendo sido completo o parecer da commissão de admissão de socios sobre a proposta por elle apresentada, na sessão anterior, voltasse o mesmo parecer á referida commissão para fazer referida descriminação dos socios sobre o assumpto da proposta.

Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão, do que, para constar, eu, 2o. secretario, lavrei a presente acta e assigno.—Isaias de Carvalho Santos.

Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, P.— *João Nepomuceno Torres—Isaias de Carvalho Santos.*

— —

79ª SESSÃO EM 12 de AGOSTO DE 1900

Presidencia do Sr. Cons. Salvador Pires

Aos doze dias do mez de Agosto de 1900, nesta cidade do Salvador, Bahia de Todos os Santos, no salão do Instituto, á 1 hora da tarde, presentes os socios Conselheiros Drs. Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, presidente, João Nepomuceno Torres 1.° secretario, e Filinto Justiniano Ferreira Bastos,

Drs. Bonifacio de Aragão Faria Rocha, José Julio de Calasans, Aurelio Pires de Carvalho e Albuquerque, Comm. Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque e pharmaceutico Joaquim Manuel de Santa Anna, Capitão Francisco Gomes Ferreira Braga, Horacio Urpia Junior, pharmaceutico Luiz Filgueiras. Coronel Gonçalo de Athayde Pereira, Henrique Praguer, Coronel Francisco Felix de Araujo, commigo Isaias de Carvalho Santos, 2.º Secretario, foi aberta a sessão, sendo lida e approvada, sem discussão, a acta da sessão anterior.

O expediente constou do seguinte:

Cartas: Do Dr. Manoel José Fernandes Ramos enviando para o museu o espadim e o chapeu de pasta que pertenceram ao Dr. Tiberio de Moncorvo e Lima; e do Coronel Joaquim Manoel Rodrigues Lima Filho enviando duas obras que pertenceram ao Dr. Sabino Alvares da Rocha Vieira.

Officios: do presidente da Associação Commercial da Bahia enviando o relatorio com que a Directoria transacta encerrou os seus trabalhos no anno findo; do 1.º secretario do Gremio dos Internos da Bahia, communicando a installação dessa associação a 24 de Julho ultimo e enviando a relação dos socios eleitos para comporem a sua Directoria; do 1.º secretario da Sociedade Beneficencia Academica enviando a relação dos Directores eleitos para o exercicio de 1900 a 1901; do 1.º secretario da Sociedade Beneficente União Philantropica dos Artistas communicando a eleição dos novos funccionarios para o anno social de 1900 a 1901, e do Director do Archivo Publico desta capital enviando ao Instituto documentos referentes ao Coronel Ignacio Accioly de Cerqueira e Silva, quando offertara ao Governo 59 exemplares de suas Memorias Historicas para serem distribuidos pelas comarcas da Provincia.

O Cons. Dr. Secretario communicou achar-se sobre a meza uma photographia do novo edificio do Instituto, offerta do industrial Sr. Francisco Ferraro e por elle executada.

Em seguida o Sr. Cons. Dr. Presidente dá noticia ao Instituto de que no dia 9 do mez passado falleceu, nesta capital, o socio installador, professor Austricliano Francisco Coelho, membro da commissão de admissão de socios, lembrando os serviços por elle prestados ao Instituto, e propoz que se inserisse na acta um voto de pezar, tendo declarado que o Instituto se fez representar no acto do enterramento, o que foi approvado.

Pelo mesmo Sr. Cons. Dr. Presidente foi dito que havia recebido uma carta do socio Dr. Alfredo Britto offerecendo ao Instituto um manuscripto inedito, existente em seu poder, contendo o 1º canto do poema «Moysés», em que o seu auctor, o fallecido conego Eduardo Augusto de Souza Mello, não conseguiu levar por diante, e propoz que fosse enviado elle á Commissão de manuscriptos para esta dar o seu parecer.

São lidos os pareceres da Commissão de Orçamento sobre as contas da «Receita e Despeza» do anno proximo findo, a cargo do Thesoureiro, Capitão Francisco Gomes Ferreira Braga, sendo julgadas merecedoras da approvação do Instituto, assim como o novo orçamento. Posto em discussão o parecer sobre as contas é elle approvado. Em discussão o parecer da mesma commissão sobre o orçamento para vigorar no exercicio corrente, fallaram diversos socios e entre estes o Coronel Francisco Felix de Araujo, que propoz que a discussão e votação ficassem adiadas para a seguinte sessão, fazendo-se nova convocação de socios, desde que em um dos additivos é proposta a creação do logar de servente: sendo approvada a proposta, depois de falarem o Cons. Dr. 1.º Secretario e o Dr. Faria Rocha.

Nada mais havendo a tratar foi encerrada a sessão, do que, para constar, eu, 2.º secretario, lavrei a presente acta e assigno. *Isaias de Carvalho Santos. João Nepomuceno Torres.—Bonifacio Faria Rocha.—Luiz Antonio Filgueiras.*

80ª SESSÃO, EM 26 DE AGOSTO de 1900

Presidencia do Sr. Cons. Dr. João Torres, 1.º Secretario

Aos vinte seis dias do mez de Agosto de 1900, nesta cidade do Salvador, Bahia de Todos os Santos, no salão do Instituto, á 1 hora da tarde, presentes os socios Conselheiro Dr. João Nepomuceno Torres, 1.º Secretario, Drs. Francisco Augusto de Góes Calmon, Innocencio Góes, Fernando Koch, Bonifacio Faria Rocha, Commendador Salvador Pires, Henrique Praguer, Coronel Gonçalo de Athayde, pharmaceutico Accioly do Prado, Professor Elias Nazareth, Pharmaceutico Luiz Filgueiras, Capitão Ferreira Braga, Octaviano Soledade e Antonio Gonçalves Neves, pelo Sr. Conselheiro Dr. João Torres, que assumiu a presidencia no impedimento do presidente Conselheiro Dr. Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque e dos Vice-presidentes, foi declarada aberta a sessão, sendo convidados os socios Dr. Bonifacio Faria Rocha para 1.º Secretario e o Pharmaceutico Luiz Filgueiras para 2.º Secretario, os quaes passaram a occupar os respectivos logares.

Foi lida e approvada, sem observações, a acta da sessão anterior, passando-se ao expediente, que constou do seguinte:

Officios: do socio Dr. Frederico Lisboa, Director do Archivo Publico, offerecendo copia de varios documentos relativos ao general Pedro Labatut e ao Coronel Ignacio Accioly de Cerqueira e Silva; do Vice-Consul da Republica Oriental do Uruguay, nesta Capital, enviando um exemplar do convite do Comité para que o Instituto se faça representar no 2.º Congresso scientifico Latino Americano, que se reunirá em Montevidéo em 20 de Março do proximo anno de 1901: Convite da Colonia Italiana, nesta Capital, para que o Instituto se faça representar nas solemnes exequias em suffragio do fallecido Humberto 1º, Rei da Italia; Carta do Dr. José Manoel Car-

doso de Oliveira, Consul do Brazil, em Berne, offerecendo ao Instituto dois exemplares do livro por elle publicado—«Pedro Americo», sua vida e suas obras—e bem assim um exemplar do «Foragido» ultima producção litteraria daquelle illustre artista brazileiro.

Pelo Sr. Cons. Presidente foi dito que o Instituto far-se-ia representar, por uma commissão, nos funeraes do Rei Humberto, e que agradeceria as offertas feitas

Declarou o mesmo Sr. Cons. Presidente que no dia 8 de Agosto corrente havia fallecido em Ouro preto o nosso eminente consocio Comm. José Pedro Xavier da Veiga, Director do «Archivo Publico Mineiro», publicista e historiador, e autor do importante trabalho «Ephemerides Mineiras» , e por isso propunha que se lançasse na acta um voto de pezar, o que foi approvado.

Declarou mais o Sr. Presidente que o assumpto principal da sessão era a eleição para preenchimento das vagas de um supplente de secretario por ter transferido sua residencia para fóra do Estado o supplente Dr. Abilio de Carvalho, e de dois membros da commissão de admissão de socios, vagos um pela mesma mudança do Dr. Abilio de Carvalho e o outro pelo fallecimento do professor Austricliano Coelho, e tambem a votação do projecto de orçamento.

Procedendo-se a eleição forãoeleitos: Supplente de secretario o Pharmaceutico Luiz Filgueiras por 13 votos, tendo o Dr. Francisco Calmon obtido um voto; e para membros da commissão de admissão de socios o Coronel Gonçalo de Athayde Pereira e o pharmaceutico Joaquim Manoel de Sant'Anna por 13 votos cada um, obtendo um voto o Pharmaceutico Luiz Filgueiras.

Em seguida é lido o projecto de orçamento para o corrente anno de 1900 com o parecer da respectiva commissão, sendo approvados.

O orçamento e parecer são do têor seguinte:

Parecer da commissão de fundos e orçamento:

A commissão de fundos e orçamento examinando attentamente as contas da Receita e Despeza prestadas pelo Thesoureiro, Capitão Francisco Gomes Ferreira Braga, durante o anno findo em 31 de Dezembro de 1899. assim como a escripturação as julga merecedoras da approvação da Assembléa Geral.

No demonstrativo apresentado e extrahido da respectiva escripturação vê-se que a Receita foi de Rs. 25:366$399 e a Despeza attingiu a Rs. 26:389$906. Para saldar esta despeza o thesoureiro adiantou por emprestimo, a quantia de Rs. 1:023$507.

No balanço a importancia despendida até o fim do referido anno com o predio pertencente ao Instituto monta em Rs. 51:447$240 e o compromisso até a mesma data, em virtude da acquisição do dito predio em Rs. 31:500$000.

As obras continuão em andamento a cargo do thesoureiro.

A Recetia arrecadada no anno proximo findo foi a seguinte:

RECEITA

Saldo do anno anterior . .		5:745$599
Subvenção municipal . . .	1:000$000	
Auxilio municipal para a Historia da Independencia . .	500$000	
Subvenção estadual, Dezembro de 1898 a Novembro de 1899	6:000$000	
Subvenção federal, Dezembro de 1898 a Setembro de 1899	4:166$332	
Loteria, caução e beneficio	1:724$468	
Mensalidades de socios . .	1:458$000	
Joias de socios	525$000	
Vendagem da Revista . .	99$000	
Assignaturas da Revista. .	48$000	
Emprestimo por lettra ao Banco Auxiliar das Classes .	4:000$000	
Remissão de socios . . .	100$000	

Dinheiro emprestado para occorrer ás despezas pelo capitão Francisco Gomes Ferreira Braga.	1:023$507	20:644$307
		26:389$906

A Despeza feita durante o mesmo anno foi:

DESPEZA

Compra de livros e encadernação	170$000
Aluguel da casa.	990$000
Compra de moveis	524$200
Juros com hypotheca ao Banco Auxiliar	2:750$000
Amortisação da mesma . .	2:500$000
Juros da lettra do Banco Auxiliar	312$800
Despezas geraes inclusive as de Secretaria e anniversario .	1:328$170
Ordenado do amanuense .	960$000
Idem do porteiro	720$000
Idem do cobrador	399$996
Commissão do cobrador . .	165$600
Impressão da *Revista* a E. Editora.	2:170$000
Despendido com obras no predio n. 13, sito á Praça «15 de Novembro». de Janeiro a Dezembro de 1899.	13:399$140
	26:389$906

Bahia e sala das sessões do Instituto Geographico e Historico da Bahia, 24 de Julho de 1900. (assignados) *Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque—Horacio Urpia Junior—Eloy de Oliveira Guimarães.*

Projecto de Orçamento de 1º. de Janeiro a 31 de Dezembro de 1900.

A commissão de orçamento submette á approvação da Assembléa Geral o novo orçamento para o corrente anno de 1900.

Art. 1º. A Receita é fixada em . . . .

A saber:

§ 1º. Subvenção estadual. .	6:000$000
§ 2º. Dita federal	5:000$000
§ 3º. Dita municipal . . .	1:000$000
§ 4º. Segunda prestação do auxlio votado pelo Conselho municipal para a publicação da Historia da Independencia pelo Dr. Manuel Correia Garcia. .	500$000
§ 5º. Mensalidades de socios	:400$000
§ 6º. Joias e donativos . .	500$000
§ 7º. Assignaturas da «Revista». . . . . , . .	50$000
§ 8º. Receita eventual, producto do beneficio das loterias contractadas com Julio T. da S. Lobo & C. (Maio a Dezembro)	8:800$000
	23:250$000

Art. 2º. A Despeza é fixada em. . . . .

A saber:

§ 1º. Aluguel do antigo predio de Janeiro a Junho. . .	515$000
§ 2º. Ordenado do amanuense.	960$000
§ 3º. Idem ao porteiro. . .	720$000
§ 4º. Idem ao cobrador . .	400$000
§ 5º. Commissão ao cobrador	$
§ 6º. Publicação da *Revista*, 4 ns. com 600 exemplares . .	3:000$000
§ 7º. Auxilio para a publicação da Historia da Independencia pelo Dr. Manuel C. Garcia.	1:000$000

§ 8°. Juros da hypotheca ao Banco Auxiliar.	2:750$000	
§ 9°. Amortisação da mesma	5:000$000	
§ 10. Juros da lettra. . . .	900$000	
§ 11. Amortisação da mesma	1:000$000	
§ 12. Despezas geraes inclusive as de Secretaria e anniversario.	1:500$000	
§ 13. Seguro do predio .	116:$000	
§ 14. Mudança da bibliotheca e de moveis para o novo predio	300$000	
§ 15. Concerto de moveis. .	400$000	

CONTAS A PAGAR

A Francisco Ferraro . .	1:170$000	
A Joel & C.	272$540	
A Campello	1:171$000	
A Costa Santos & C. . .	361$320	
A Comp.ª Serraria a vapor de materiaes de construcção	468$500	
Gratificação ao guarda-livros	200$000	3:643$360
		22:204$360
E mais para pagamento ao thesoureiro capitão Francisco Braga pela quantia que adiantou		1:023$507
		23:227$867

Art. additivo: Fica o thesoureiro autorizado a applicar o saldo que exceder do orçamento na amortisação da hypotheca e lettra.

Fica creado o logar de servente com a gratificação de Rs. 480$000 annuaes.

Bahia e sala das sessões do Instituto Geographico e Historico da Bahia, 24 de Julho de 1900. (assi-

gnados) *Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque—Horacio Urpia Junior.--Eloy de Oliveira Guimarães.»*

Nada mais havendo a tratar foi encerrada a sessão e de tudo, para constar, eu, 2º. Secretario, lavrei a presente acta e assigno.—Isaias de Carvalho Santos.

OFFERTAS

(Mez de Julho)

—Pelo *Dr. Thomaz Garcez Paranhos Montenegro Filho*: Guia dos Juizes de Paz—pelo offertante.

—Pelo socio *Dr. Manoel de Mello Cardoso Barata*: Promptuario Alfabetico dos Estados, Municipios e Districtos do Brasil.

—Pelo socio *Desembargador Thomaz Garcez Paranhos Montenegro*: O Paraná no Centenario—1500—1900—por José Francisco da Rocha Pombo—Rio de Janeiro

—Pela *Intendencia Municipal desta Capital*: Revista do Archivo Municipal do E. da Bahia, anno 1.º, n. 2.

—Pelo *Estado Maior do Exercito*: Revista Militar, ns. 4 e 5, Abril e Maio de 1900.

—Pelo socio *Dr. Francisco Augusto Pereira da Costa*: Carta de Pedro Vaz Caminha, prefaciada e com um appendice pelo offertante.

—Pelo cidadão *João Victor da Silva*: Breviarium Romanum, 2 vols.

—Pelo *Padre Joaquim Silverio de Sousa*: Vida de Santo Affonso, pelo padre theologo Julio Barberis (Salesiano) tradusida pelo offertante, e Sitios e Personagens, pelo offertante.

—Pelos *Srs. Sousa Vianna* & C.: Mala da Europa, ns. 39 a 41.

—Pela *Directoria da Associação Commercial deste Estado*: Relatorio da mesma Associação—1899.

—Pelo *Dr. Joaquim Manoel Rodrigues Lima Junior*: Traité des maladies des femmes, depuis la puberté,

par J. Capuron e Pirotologie Physiologique ou Traité des Fievres, par F. G. Boisseau—Obras estas que pertenceram ao Dr. Francisco Sabino A. da Rocha Vieira.

—Pelo *Dr. J. dos Remedios Monteiro*: Relatorio apresentado ao Governador do Estado de Santa Catharina, Dr. Felippe Schmidt, pelo Secretario de Estado José Teixeira Raposo—1900.

—Pelo socio *Dr. Eduardo Ferreira de Cerqueira*: Les Premiers Habitants de l'Europe—par H. d'Arbois de Jubainville.

— Pela *Directoria da Escola Polytechnica de S. Paulo*: Annuario da mesma Escola para o anno de 1900.

—Pelas *respectivas redacções*: Boletim de la Sociedad Geografica de Madrid, n. 27 de 1900; Revista da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro. Tomo 13—1898 a 1900; A Lavoura—Boletim da Sociedade Nacional de Agricultura Brasileira, n. 28—Abril de 1900; Bulletin de la Société de Geographie, n. 6—Janeiro—1900; Le Glob—Bulletin de la Societé de Geographie de Geneve, Tomo 11, n. 2—1900; Bulletin de la Société de Geographie Commerciale de Paris, ns. 3, 4 e 5 de 1900; Bulletin de la Societé de Geographie Commerciale de Bordeaux, n. 13, Julho de 1900; Bulletin of the American Geographical Society, n. 3 de 1900; Gazeta Medica da Bahia, ns. 11 e 12—Maio e Junho—1900.

(Mez de Agosto)

—Pelo socio *Dr. Joaquim Ignacio Tosta* : Discurso proferido pelo offertante na sessão inaugural do Congresso Catholico, na Bahia, 1900.

—Pelo Academico *Rosentino Motta*: Dois sellos brazileiros antigos.

—Pelo socio *Dr. Manoel de Mello Cardoso Barata*: «A Conspiração» officio do Procurador da Republica na formação da culpa dos denunciados (Juizo Federal —1900.)

—Pelo *Dr. Director do Museu Paulista*: Revista do Museu Paulista, vol. 4.º, 1900.

—Pela *Directoria da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro*: Annaes da mesma Bibliotheca, 1900.

— Pelo *Lyceu Litterario Portuguez* : *IV Centenario do Descobrimento do Brasil*—Historia topographica e bellicosa da Nova Colonia do Sacramento do Rio da Prata.

—Pelo Cidadão *José Jacintho Ribeiro*: Chronologia Paulista ou relação historica dos factos mais importantes occorridos em S. Paulo desde a chegada de Martim Affonso de Sousa a S. Vicente até 1898, pelo offertante.

—Pelas *respectivas redacções*: La Geographie—Bulletin de la Société de Geographie, n. 7.—1900; Gazeta Medica da Bahia, anno 32—ns. 1 e 2, 1900; Revista Militar, ns. 6 e 7., anno 3.º—1900; Revista Portugueza, Colonial e Maritima, n. 34—1900; Bulletin de la Société de Geographie Commerciale de Bordeaux, n. 14—1900; A Escola, Revista Official do Ensino, n. 3, anno 1.º (Belém—Pará); Bollettino de la Societá Geografica Italiana, ns. 7 e 8—1900· Boletin de la Sociedad Geografica de Madrid, n. 28—1900; Memore de la Societá Italiana—vol 9.º—1899; The National Geographic Magazine, n. 7—1900; Revista do Gremio dos Internos, anno 1.º, n 1 (Bahia) 1900.

(Mez de Setembro)

—Pela *Secretaria Geral da Instrucção Publica do Pará*: Congresso Pedagogico do Estado do Pará —1900.

—Pela *Secretaria de Agricultura do Estado de S. Paulo*: Boletim da Agricultura do E de S. Paulo 1ª serie, ns. 1 e 2 de 1900.

—Pelo Cidadão *Aristides Dias Olavo*: Um bloco, Lenhito extrahido da Fazenda Pricoara, municipio de Cayrú (Bahia).

—Pela *Seretaria do Conselho Municipal da Bahia*: Relatorio apresentado pelo Dr. Paula Guimarães —1900.

—Pela *Secretaria do Gabinete Portuguez de Leitura da Bahia*: Relatorio da respectiva Direcção—1900.

—Pela *Directoria do Museu Paraense*: Memorias do Museu Paraense de Historia Natural e Ethnographia—Escavações archeologicas, em 1895.

—Pelo *Cons. Presidente do Tribunal de Revista deste Estado*: Regimento Interno dos Tribunaes de Appellação e Revista, 1900.

—Pela *respectiva Secretaria*: Revista do Archivo Publico Mineiro, anno 4.° Fascs. 3 e 4 de 1899.

—Pelas *respectivas redacções*: Revista Catharinense, anno 1.°, n. 7; Boletim Demographo-Sanitario da Cidade de S. Salvador, n. 5—1900; The National Geographic Magazine, ns. 7 e 8—1900; Bulletin de la Société Royale de Geographie d'Anvers, Tomo 24, Fasc. 2°; La Geographie—Bulletin de la Société de Geographie, n. 8—1900; Revista Maritima Brazileira, n. 1—anno 20—de 1900; Revista do Rio Grande do Norte, ns. 4 e 6, 1900; A Escola, Revista Official de Ensino (Pará) n. 4—1900; Revista Portugueza, Colonial e Maritima, n. 35—1900; Boletin da la Sociedad Geografica de Madrid, n. 29—1900; Bulletin de la Société Geographie Commerciale de Bordeaux, ns. 15 e 16 de 1900; A Lavoura—Boletim da Sociedade Nacional de Agricultura Brazileira, n. 29—1900.

—Pelo Instituto Geographico e Historico Brasileiro e por intermedio dos socios Desembargador Montenegro e Dr. Satyro Dias—«Brasil» pelo Dr. Zeferino Candido, obra e uma medalha commemorativas do 4.° Centenario do Descobrimento do Brazil.

Poetas Bahianos

SECULO XVIII

V

JOSÈ FRANCISCO CARDOSO DE MORAES

Silvio Romero, estudando a Eschola Mineira no 1.º volume de sua obra *Litteratura Brazileira*, após uma analyse dos satyricos da epocha, na qual se occupa especialmente com as *Cartas Chilenas*, dedica muitas paginas ao estudo critico da poesia épica.

A epopéa brazileira é sem duvida alguma inferior à da antiguidade que produziu os poemas de Homero e Virgilio e a dos tempos modernos que nos deu a *Divina Comedia*, a *Jerusalem libertada* e os *Luziadas*.

Nossa historia não teve tempos fabulosos e heroicos, a nossa epopéa é de terceira ordem e só pode figurar abaixo do *Paraizo Perdido* e da *Messiada*, e soffrer confronto com a *Malacca conquistada* e *Affonso, o Africano*.

Quatro são os poemas epicos estudados pelo phi-

losopho sergipano, sendo dois de primeira ordem e dois de segunda.

Figuram no primeiro plaino o *Caramurú*, de Santa Ritta Durão e o *Uruguay*, de José Basilio da Gama, unicos poemas que mereceram de Silvio Romero um estudo mais aprofundado.

No segundo plaino, elle colloca o *Villa Rica* de Claudio Manuel da Costa, cujo merito como poeta lyrico é incontestavel, mas cujo poema épico elle classifica de chato, prosaico, duro e inutil; e cita depois deste o poema latino *Tripoli* do poeta bahiano José Francisco Cardoso, do qual apenas diz no fim do capitulo:

«De José Francisco Cardoso nada tenho a dizer. E' o mais esquecido dos escriptores brazileiros e este esquecimento é justo.»

Algumas paginas antes, fallando dos dois ultimos épicos, o mesmo author diz:

«Os dois ultimos, um com o *Villa Rica* e o outro com seu poema *Tripoli*, não merecem attenção demorada.

«Cardoso foi um versejador em latim, e Claudio é notavel somente como lyrista.»

Cardoso é dos epicos brazileiros o unico bahiano, e veremos que outros authores foram menos rigorosos que Silvio Romero, quando escreveram a sua biographia e a critica de seu poema.

Em 23 de Abril de 1761, nasceu na cidade da Bahia, José Francisco Cardoso de Moraes e ahi começou logo a distinguir-se como estudante de humanidades e latinista no Collegio dos Jesuitas.

Era filho de Gonçalo Cardoso de Moraes e de D. Francisca Antonia de Moraes.

Cultivando esmeradamente as lettras e mostrando-se apaixonadissimo dos poetas latinos, Cardoso em pouco tempo tornou-se tambem poeta latino de notavel merecimento.

Escreveu tambem poesias em portuguez.
Indo para Portugal completar os seus estudos, alli tornou-se amigo intimo de Bocage, que nunca negou os seus merecimentos como poeta e latinista.
De volta a sua patria foi nomeado professor regio da lingua latina, na qual foi um dos brazileiros mais versados.
O poema latino *Tripoli*, unica producção do author que escapou ao pó do esquecimento mereceu a honra de ser traduzido em bellissimas estrophes pelo distincto repentista luzitano.
A respeito deste poeta bahiano, Pereira da Silva, que o chama José Ferreira Cardoso, diz no *Supplemento Biographico* do 2.º volume de seus *Varões Illustres*:
«Foi poeta latino de gosto e litterato de reputação merecida. Compoz o poema intitulado *Tripoli*, que traduziu na lingua portugueza Manuel Maria Barbosa du Bocage, e que é admirado pela louçania da linguagem e elevação do pensamento.»
Dr. Joaquim Macedo, que tambem o chama José Ferreira Cardoso, na sua obra *Anno Biographico Brazileiro*, volume 1.º, assim termina o artigo que dedica a Francisco Cardoso:
«A justa e bem merecida reputação de poeta e litterato distincto que Ferreira Cardoso gosava, foi confirmada com legitima autoridade pelo seu amigo o famoso e inspirado Manuel Maria Barbosa du Bocage, que traduziu na lingua portugueza o poema *Tripoli*, do illustre brazileiro, vulgarisando as bellezas e altivo pensamento d'essa obra.»
Falleceu em 1842 ou 1843.
De suas obras citaremos as seguintes, que foram impressas: —*Joanni*, augustissimo, piissimo. De rebus a lusitanis ad Tripolim viriliter gestis carmen.

Olisipone, 1800, 35 pgs. in 8.º—E' este o poema conhecido pelo nome de *Tripoli* e que foi traduzido em versos portuguezes por Bocage, e publicado no anno de 1800 em Lisboa, com o texto latino ao lado, e com o titulo «Canto heroico sobre a expedição de Tripoli pelos portuguezes.» Fez-se ainda uma edição com o titulo:—*Ao serenissimo, piissimo, felicissimo* principe regente de Portugal D. João, ornam. prim., esperança e estabilidade do Brasil e protector eximio das lettras: canto heroico sobre as façanhas dos portuguezes na expedição de Tripoli. Rio de Janeiro, 1811.

—*Elogio* para se recitar na abertura do real theatro de S. João no faustissimo dia 13 de Maio, natalicio do principe regente, nosso senhor, offerecido ao Exm. Sr. Conde dos Arcos.—Dizem que foi impresso. Brito Aranha assevera que Innocencio da Silva possuia uma copia de 18 pgs. in 4º e outra copia foi pela Bibliotheca Publica da Bahia enviada para exposição de historia patria de 1881. E' em versos endecasyllabos soltos.

—*Epinicium*: (poema latino) offerecido ao Conde dos Arcos—No livro «Relação do festim que ao Illm. e Exm. D. Marcos de Noronha e Britto, VIII Conde dos Arcos, etc., deram os subscriptores da praça do Commercio aos 6 de Setembro de 1817, por occasião de collocarem n'elle o retrato do mesmo excellentissimo Conde, seu fundador.» Bahia, 1817, in 4º, de pg. 60 em diante.

—*Epistola* ao Ministro dos Negocios ultramarinos e da marinha, dom Rodrigo de Souza Coutinho, em verso latino.

—*Elegia* a dom Rodrigo de Souza Coitinho—Mans. de 9 fls. pertencente ao Instituto Historico.

—*Elegia* analysando a antiga e nova Bahia, 1815—Tambem foi enviada pela Bibliotheca Publica da Bahia para a citada exposição.

'Suppõe-se ser de sua penna a seguinte decima que appareceu anonyma quando José Agostinho de Macedo deu a lume o seu poema o *Oriente*:

Ao parnaso que subir
Novo rival de Camões;
Mas de loucas pretenções
As musas se põem a rir.
Apollo, sem se affligir,
D'est'arte fala ao casmurro:
«Pode entrar que não o empurro.
Nem me vem causar abalo;
Já tenho aqui um cavallo,
Sustentarei mais um burro.»

VI

DOMINGOS CADLAS BARBOSA

Duvidas que ainda não foram esclarecidas pairam sobre a data e local do nascimento d'este poeta brazileiro.

Filho d'um portuguez e de uma preta africana sua escrava, assevera o conego Januario da Cunha Barboza, na *Revista do Instituto Historico*, tomo IV., pag 210, baseado nas informações de um parente d'elle, que aldas nascera a bordo do navio negreiro que trazia para o Brazil sua mãe escrava em adiantada gravidez, sendo baptizado no Rio de Janeiro em 1738.

Fundado em alguns versos do proprio poeta, nas asseverações de pessoas da familia do fidalgo portuguez protector de Caldas, e, finalmente no testemunho do padre José Agostinho de Macedo, Warnhagen, no *Florilegio Brazileiro*, tomos II e

III. pags. 455 e 297 e ainda no tomo XIV da *Revista do Instituto Historico*, affirma que o poeta nasceu no Rio de Janeiro em 1740.

Pereira da Silva, nos *Varões Illustres*, tomo II pag 329, e o padre Ignacio Felix de Alvarenga Salles dizem, que Caldas nasceu na Bahia em 1738, e é por isso que nós lhe damos um lugar entre os poetas bahianos contemporaneos da Eschola Mineira.

Liberto e reconhecido por seu pae, recebeu Caldas esmerada educação e foi muito estimado pelos seus; outro tanto, porém, não succedeu com os seus patricios, nem com os seus contemporaneos em Portugal.

Mestiço e de côr *carregada*, filho de ventre escravo e d'um portuguez de baixa condição, luctou o poeta durante toda sua vida contra o preconceito de raça, e foi esta lucta amarga, que lançou no tinteiro, em que elle molhava a penna para escrever as suas estrophes, a gotta de fel que se distillou em satyras crueis com que vergastava aquelles que não o poupavam.

No collegio dos jesuitas do Rio de Janeiro, onde começou seus estudos, a sua condição de mestiço e os elogios que alcançou de seus mestres pela sua applicação e talento, captaram a má vontade de seus condiscipulos que lhe fizeram a mais encarniçada guerra.

Começou então a escrever as suas satyras ferinas que tanto offenderam a pessoas poderosas que estas foram queixar-se ao capitão-general Gomes Freire de Andrade e este mandou prendel-o violentamente e obrigou-o a sentar praça no regimento que tinha de partir para a colonia do Sacramento.

Desde 1762 que a colonia do Sacramento se achava no poder dos hespanhoes, por isso o regi-

mento voltou ao Rio de Janeiro. obtendo então Caldas Barbosa, a sua baixa, partindo em seguida para Portugal com os recursos que seu pae lhe proporcionou.

Em Vianna do Minho, quando já se tornava celebre pelas suas poesias, recebeu a noticia infausta do fallecimento de seu pae e portanto de seu completo abandono em terra estranha.

Em Portugal a lucta continuou e o poeta tentou diversas carreiras, sendo em todas, como na ecclesiastica e na militar, infeliz, não podendo terminal-as porque sempre a sua côr e o seu baixo nascimento por toda parte lhe eram lançados em rosto.

Em Barcellos travou Caldas Barbosa conhecimento com o marquez de Castello Melhor e seu irmão D. José de Vasconcellos e Sousa, amizades que mais tarde lhe proporcionaram melhores dias.

Em Lisboa julgou o poéta encontrar um Mecenas na pessôa do rei e dedicou-lhe o poema *Libreida;* fallecendo porém em breve o mocarcha ficou Barbosa entregue de novo a seu destino.

Apresentou-se n'esta occasião D. José de Vasconcellos e Sousa, então conde de Pombeiro e marquez de Pombal, que se instituiu seu protector decidido, fazendo-o tomar ordens menores e beneficiando-o com o titulo de capellão da Casa da Supplicação.

Caldas Barbosa, reconhecido aos favores que lhe prestavam, nunca foi um baixo adulador e por isso não se desfez em versos encomiasticos a seu Mecenas.

Antes de 1777, em uma digressão a Italia, foi acceito como socio da Arcadia de Roma, na qual tomou o nome de *Lereno Celynuntio*.

De volta á Lisboa coube-lhe a honra de ser um dos fundadores e presidente da «Nova Arcadia»

ou da «Academia das Bellas Lettras de Lisboa», como diz Perié.

Os poetas de seu tempo começaram então a fazer-lhe justiça e foi elogiado por seus amigos padre José Agostinho de Macedo, Curvo Semedo e outros.

Atacaram-no, porém, sem compaixão Filinto Elysio, Nicolau Tolentino, Bocage e o proprio padre José Agostinho de Macedo.

Nicolau Tolentino, o eterno adulador do marquez de Angeja, por inveja do talento poetico do nosso mestiço, não o poupou em uma de suas satyras dedicando-lhe uma quintilha.

Filinto Elysio, que embirrava com os versos de redondilha menor o verberou em suas satyras.

Bocage, que a principio foi amigo intimo de Caldas Barbosa, não lhe poude perdoar o tel-o desthronado nos salões aristrocatas que ambos frequentavam.

E' cousa notada por Silvio Romero que todo mestiço brazileiro tem decidida vocação pelas artes, principalmente pela pintura e mais do que tudo pela musica. Além dos exemplos apresentados pelo distincto critico sergipano: de Silva Alvarenga, Padre José Mauricio e Henrique de Mesquita, que foram mestiços e bons musicos; mesmo na actualidade entre nós a orchestra dos theatros é na sua maioria constituida por elles.

Caldas Barbosa, que tambem era mestiço, sempre mostrou vocação pela musica; tocava muito bem viola e cantava com boa voz as *modinhas* brazileiras; foi elle que introduziu o uso d'estas diversões nos salões aristrocatas de Lisboa.

O gosto por estas novidades desenvolveu-se no bello sexo, e o eximio trovador, improvisando suas modinhas e glosando de repente os mottes que lhe eram dados, tornou-se o *ai Jesus* das damas, des-

bancando o orgulhoso *Elmano* do seu pedestal de gloria.

Contam, entre outras, que n'um salão no qual o brazileiro fazia furor uma noite e sustentava um namorico com uma dama um pouco idosa, de cara grande e redonda como uma lua e, além de tudo, tabaquista, lhe foi dado o seguinte motte:

Eu vi nos braços da aurora
O sol tremendo com frio.

Lereno glosou assim:

Tenho visto até agora
Mil coisas que são portentos;
Trinta velhos rabugentos
Eu vi nos braços da aurora;
Um cão puchar uma nora,
Correr para traz um rio,
Velas arder sem pavio,
Vi um defuncto a correr,
Só me falta agora ver
O sol tremendo com frio.

Bocage, que ouvira a glosa e conhecia o que se estava dando na sala, retrucou immediatamente:

Se isto vae de foz em fora,
Tambem com luz diamantina
Vir raiando a matutina
Eu vi nos braços da aurora.
Só me falta ver agora
O *carangueijo* dum *rio*
Ver os *effeitos do cio*.
Cantar modas um macaco
A lua tomar tabaco,
O sol tremendo com frio.

E' bem saliente a satyra do poeta portuguez: elle julgava que Caldas Barbosa era fluminense, por isso o chama «carangueijo d'um rio» e por ser brazileiro cantador de modinhas atira-lhe o verso: «Cantar módas um macaco»; são allusões á dama predilecta do mestiço, as phrases: «ver os effeitos do cio» e o verso: A lua tomar tabaco.

Ainda Bocage satyrisa-o no epigramma intitulado:—«A um mulato glutão que murmurava de mim,—e no soneto que glosa o mote:—«Improvisa berrando o rouco bode»,—que se encontra em José Feliciano de Castilho, Livraria Classica, *Bocage*, T. 3º pags. 42 e 43.

O rival de *Elmano* não era homem pretencioso e nunca renegou a sua casta, até não fazia caso de que o chamassem mulato: como prova disso dizem que uma vez encontrando-se com o padre Sousa Caldas improvisara esta quadra:

Tú és Caldas, eu sou Caldas;
Tú ésrico, e eu sou pobre;
Tú és o Caldas de prata,
Eu sou o Caldas de cobre.

Domingos Caldas Barbosa falleceu a 9 de Novembro de 1800 em casa de seu protector, o conde de Pombeiro, com mais de setenta annos de idade.

O Snr. Innocencio Francisco da Silva no seu *Diccionario Bibliographico Portuguez* diz que o Caldas Barbosa, comquanto não chegasse a merecer a qualificação de poeta de genio e de grande imaginação, todavia seus versos respiram facilidade, correção e elegancia.

Accusam de triviaes e disparatadas as suas modinhas, cantigas e lundús improvisados ao som da viola, mas não devemos julgar o poeta por estas passageiras producções, devemos estu-

dal-o no drama joco-serio em um acto *A Doença ou a Vingança da Cigarra,* na recopilação da *Historia Sagrada* em verso para uso das escholas, na *Memoria em honra das musas brazileiras* e nas suas cantigas, sonetos e poesias lyricas, que formam, na opinião de Perié, um rico thesouro de arte e de sentimento com que se honra a litteratura patria.

O poeta não tinha ambição de gloria, era espontaneo e natural; repentista popular, elle só escreveu por necessidade uma obra de folego, o poema *Lebreida* e este mesmo mediocre.

O *fulo Caldas, o cantor de viola,* como lhe chamavam os seus inimigos, nunca foi invejoso, e no seu tempo elle era quem menos apreciava as suas producções; todas as suas modinhas andam ainda hoje na bocca do povo truncadas ou ampliadas e muitas vezes o *capadocio* bahiano, que ao som da viola em noites de luar, entôa o seu discante a porta de sua *bella,* estropia estrophes de *Lereno* sem ao menos conhecer de nome o pobre poeta.

E' esta a nota de sua poesia, facil, trivial e quasi sempre improvizada, feita sem outra pretensão que a de agradar ao povo.

Das poesias de Caldas Barbosa algumas existem nos *Parnazos Brazileiros* e todas ellas foram publicadas vinte e cinco annos depois de sua morte, isto é, em 1825, por João Nunes Esteves em Lisbôa sob o titulo—*Viola de Lereno*: *collecção das suas cantigas offerecidas aos seus amigos.* Tomo I—1819. Tomo II—1826.

Caldas Barbosa ainda escreveu:

Collecção de poesias feitas por occasião da inauguração da estatua do rei D. José I, em 5 de Junho de 1775. Lisbôa, 1775. 27 pags. in—8. Compõe-se de 5 odes e 6 sonetos.

—*Epitalamio* nas felicissimas nupcias do Exm.

Snr. Conde de Calheta com a Exma. Snra. D. Marianna de Assis Mascarenhas. Lisbôa, 1777, 7 pgs. in 8.—*Almach das Musas* Lisbôa, 1793, 4 vols.

Traducção de algumas odes de Horacio, Lisbôa 17**

Os viajantes ditosos, drama jocoso em musica. Lisbôa, 1790, 96 pgs. in—8.

—*A saloia namorada* ou o remedio é cazar. Drama joco—serio em 1 acto, Lisbôa, 1795, in—8.

—*A escola dos ciosos*, drama jocoso em 1 acto, traduzido do italiano, Lisbôa, 1795, in—8.

—*Henrique IV*, poema epico, traduzido do francez, Lisbôa, 1807, in—4.

—*Poema Mariano* ou narração dos mais espantosos milagres de N. S. da Penha, Victoria, 1854.

Lebreida poema, por occasião da inauguração da estatua equestre de D. José I em 1778.

—*Bôas festas*, ao arcebispo inquisidor.

Na *Cantora Brasileira*, de Norberto de Souza e Silva, ha muitos lundús e modinhas de Caldas Barbosa.

—*Retato de Aniera*, no IV tomo da *Revista Trimensal* do Instituto Brazileiro pg. 210, onde vem alguns apontamentos biographicos pelo conego Januario da Cunha Barbosa.

Occuparam-se com o estudo da biographia e obras de Domingos Caldas Barbosa os seguintes escriptores: Silvio Romero em sua *Litteratura* Brazileira, Dr. Joaquim de Macedo no *Anno* Biographico Brazileiro, Mello Moraes Filho no Parnaso Brazileiro, Pereira da Silva nos Varões illustres, Perié na Litteratura brazileira, Warnhagen no Florilegio, Innocencio da Silva no Diccionario Bibliographico Portuguez e muitos outros.

Bahia, **1900**

Dr. Manuel Brito.

SUMMARIO DO N. 25

Mesa administrativa

Presidente—Cons. Salvador P. de Carvalho e Albuquerque
1. Secretario—Cons. João Nepomuceno Torres
2. Secretario—Dr. Isaias de Carvalho Santos
Orador—Dr. Braz Hermenegildo do Amaral
Thesoureiro—Capitão Francisco Gomes Ferreira Braga

Commissão de Redacção da Revista

Cons. João Nepomuceno Torres
Dr. Joaquim dos Reis Magalhães
Dr. Innocencio Munoz de Araujo Goes.

ASSIGNATURAS

Por um anno	12$000
Por seis mezes.	6$000

PAGAMENTO ADIANTADO

Numero avulso e os anteriores 3$000

AVISO

A correspondencia e todas as remessas de livros, jornaes e quaesquer objectos de valor historico devem ser encaminhadas para a Secretaria do Instituto, á Praça 15 de Novembro (antigo Terreiro de Jesus) das 10 horas da manhã ás 3 da tarde.

REVISTA TRIMENSAL

DO

Instituto Geographico

E

Historico da Bahia

FUNDADO EM 1894, RECONHECIDO DE UTILIDADE PUBLICA
PELA LEI N. 110 DE 13 DE AGOSTO DE 1895

Maxima sunt documenta quibus res temporis acti
In promptu, calidaeque in venis stimulus.

DEZEMBRO DE 1900

ANNO VII **VOL. VIII** **N. 26**

BAHIA

1900

REVISTA TRIMENSAL

DO

Instituto Geographico

E

Historico da Bahia

FUNDADO EM 1894, RECONHECIDO DE UTILIDADE PUBLICA
PELA LEI N. 110 DE 13 DE AGOSTO DE 1895

Maxima sunt documenta equidem res temporis acti
In præsens, validusque in veniens stimulus.

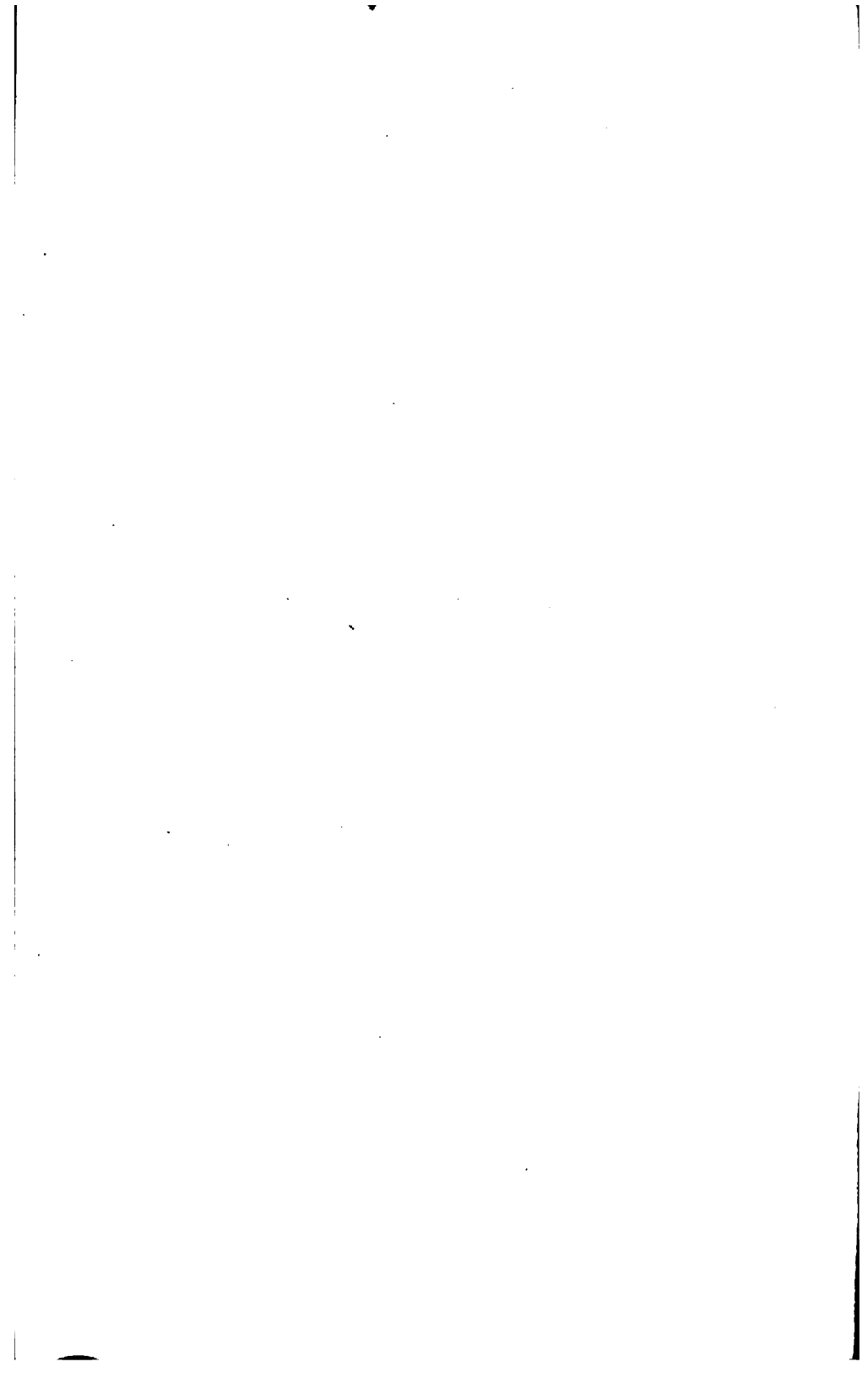
DEZEMBRO DE 1900

ANNO VII **VOL. VII** **N. 26**

BAHIA
Typ. Encadernação—«Empreza Editora»
LARGO DAS PRINCEZAS NS. 15 E 22

1900

REVISTA TRIMENSAL

DO

Instituto Geographico e Historico

DA BAHIA

Anno VII Dezembro de 1900 Num. 26

PRINCIPIOS JACOBINOS

Sedição de 1798 na Bahia

I

Os ultimos annos do 18.° seculo e os principios do 19.° formaram como que o laboratorio ardente das liberdades modernas.

Com o expirar d'aquelle tinham-se sepultado as instituições do antigo regimen, banhando-se em rios de sangue, como jamais viu a humanidade; com o surgir do nosso seculo principiou a complicadissima tarefa da organisação moderna dos povos.

Portugal não podia isentar-se d'esse movimento e, com elle, o Brazil.

Cêdo, bem cêdo ainda, apesar da distancia, o fogo da liberdade veio incendiar alguns cerebros ardentes na capitania de Minas Geraes.

Alli, para onde já tinham alguns brazileiros educados na França levado os primeiros raios da nova aurora da liberdade, um official de milicias, Joaquim José da Silva Xavier com o appellido de Tiradentes, morador em Ouro Preto, inflammou-se por tal maneira que chegou uma vez em um banquete a levantar á independencia de Minas e do Brazil um brinde, que foi acolhido pelos circumstantes com jubilosas demonstrações.

Não sabemos si elle cifrou-se n'isto ou si formou-se uma verdadeira conspiração com o fim de revolucionariamente declarar a independencia de Minas sob a fórma republicana. Em todo o caso, porém, não tinha a causa ainda feito particulares progressos, pois que, quando a attenção do governo se despertou e se principiou a devassa do caso não se acharam verdadeiras provas nem armas e nem correspondencia.

Mas a côrte de Lisboa tomou muito a sério esses acontecimentos, e em consequencia d'isto prenderam-se todos os suspeitos de qualquer forma, que não puderam fugir; instituiu-se um tribunal especial perante o qual installou-se um processo de inconfidencia, que dilatou-se por alguns annos, e do qual se entendeu evidenciar complicada e confusamente um plano de revolta.

Finalmente, em 1792 cahiu a sentença por accordão de 18 de Abril condemnando cinco dos mais graves accusados á pena de morte, pena, porém, que só foi executada em um, Tiradentes, que foi enforcado, esquartejado, expondo-se os pedaços do cadaver, arrazando-se sua casa em Ouro-Preto, em cujo logar, depois de salgado, levantou-se um poste infamante, que só depois da independencia do Brazil é que foi tirado.

Os outros accusados foram em geral condem-

nados á deportação perpetua ou temporaria para Angola, confiscadas suas fortunas, e o mesmo se deu com aquelles que fugindo para os mattos, subtrahiram-se á justiça.

Eis em poucas palavras como d'este importante facto da nossa historia, falla Haudelman na sua Historia do Brazil:

«A rainha fazendo lançar sobre a cabeça de Tiradentes a terrivel sentença, julgava-se collocar na mais impenetravel segurança.

O exemplo do castigo estava dado A sua energica resolução foi cercada e cumprida com o apparato e pompa especialmente recommendadas, fóra do commum das solemnidades tetricas que acompanham ao patibulo um condemnado.

O corpo de Tiradentes esquartejado, os pedaços do cadaver expostos ás intemperies do tempo, sua casa arrasada, salgado o logar e levantado nas ruinas ainda impregnadas do ar infecto do liberalismo, um poste infamante—era o freio que a côrte de Lisboa punha ao desenvolvimento dos *principios jacobinos* (como ella chamava) no Brazil. Vaidade! Julgava-se, com a morte de um homem e a deportação de outros para as plagas inhospitas, conter a corrente impetuosa das evoluções politicas de um povo».

Nada se move n'este mundo sem as leis impulcionadoras da natureza

Um povo não é mais do que um ser qualquer e, com elle, sujeito ás gradações da perfectibilidade.

Do ultimo suspiro em que foi-se a vida do martyr mineiro formou-se a cellula dos principios liberaes que, metamorphoseando-se no decorrer de noventa e tantos annos, deu vida ao corpo que ainda nas fachas infantis recebeu a 15 de Novembro de 1889, beatificado pelas auras brazileiras, o

mais limpido de todos os baptismos revolucionarios.

O resultado da inconfidencia mineira abafou o fogo da liberdade, mas não conseguiu extinguil-o.

A côrte de Lisboa parecia agora estar socegada e tranquilla; quem ousaria, jamais, á vista do seu energico procedimento conspirar!

Conscia do seu poder, voltou-se a usufruir e desfructar, rodeada de seus cortezãos, a uberrima riqueza de suas colonias ultramarinas.

Na embriaguez de seu poder, orgulhosa de suas conquistas, avida sempre de riquezas, só cuidava dos desenvolvimentos que lhe podessem trazer resultados seguros e immediatos, esquecendo-se descuidadamente da educação dos homens dos dominios ultramarinos.

Toda voltada para a importação de braços africanos, entulhava aos montões os mercados coloniaes com milhares de negros, buscados pelas negociações mais torpes nas costas africanas, sem cogitar dos males que lhe podessem sobrevir de futuro.

N'esse tempo, aqui na nossa cidade, a população negra representava mais do que a media da população branca.

Portugal não via n'esta colonisação deprimente o atrophiamento da nação futura.

Este desequilibrio estavel nas raças que ião se multiplicando sem selecção alguma de meios de educação, trouxe-nos, como consequencia immediata, uma serie de interrupções nos predicados que habilmente poderiamos ter herdado de cada uma.

Do cruzamento e do desenvolvimento das trez raças reunidas—aborigene, a caucasica e a ethiopica havia necessariamente de nascer uma outra,

e esta trouxe comsigo todos os attributos de uma raça espuria.

A nossa historia colonial apresenta-nos factos concludentissimos d'esta asserção.

E em um dos pontos em que mais cabalmente manifestou-se os sentimentos d'esta raça toda mestiça, foi no movel da sedição de 1798, acobertada então com as idéas republicanas que proclamavam a *equaldade*, a fraternidade e liberdade.

A côrte de Lisboa, porém, não quiz ver n'esta sedição o fructo sazonado da irrevocabilidade fatal, resultante de seu modo de colonisar.

Veio perturbar-lhe o socego e a calma em que parecia viver, a lembrança da inconfidencia mineira.

Um phantasma terrivel, agigantado, com a figura do enforcado de 92, apresentava-se-lhe em toda parte.

Ella via e sentiu nos factos mais insignificantes da politica exterior a mão esqualida d'esse phantasma a *infeccionar, a propalar os abominaveis principios francezes.*

Do palacio de Queluz sahiram então as cartas regias em profusão para os governadores, recommendando-lhes todo o rigor, e os mais energicos castigos àquelles que de leve deixassem transparecer os mais tenues vestigios de adhesão ou affeição à *absurda pretendida Constituição franceza que varia cada seis mezes.*

Vivia n'este estado de inquietação e assombramento a côrte de Lisboa, quando de leve echoou em seus ouvidos a noticia de que na Bahia *os principios jacobinos* tomavam vulto.

A constitucionalidade portugueza tremeu como abalada por electrico choque, e fazia partir a 4 de Outubro de 1798 a seguinte carta regia:

« Sua Magestade manda participar a V. S. que

depois que chegou o ultimo comboio, se espalharam aqui vozes que dão grande cuidado e que annunciam que as principaes pessoas d'essa cidade, por uma loucura incomprehensivel, e por não entenderem os seus interesses, se acham infectos dos abominaveis principios francezes, e com grande affeição á absurda pretendida constituição franceza, que varia cada seis mezes, e dá-se como razão d'isto a frouxidão do governo e a corrupção da Relação que permitte a todos que são poderosos de fazerem todas as violencias e assoadas que convêm a seus interesses. Dá-se tambem como razão a indisciplina, falta de subordinação e mau estado em que se acha a tropa d'essa cidade, havendo até quem chegasse aqui a dizer que se ahi apparecessem algumas forças francezas, nem a tropa resistiria, e que as pessoas principaes se união aos francezes e de que bem de pressa se arrependiriam.

Entre as pessoas de que se faz menção como as mais affeiçoadas aos principios francezes, é o padre Francisco Agostinho Gomes, homem rico e senhor do bergantim «Amizade», que agora se vendeu aqui, e de quem se diz que em sexta-feira da Paixão déra um banquete de carne, a que foram convidadas varias pessoas sectarias dos mesmos principios.

Sua Magestade ordena que V. S. examine logo este ultimo facto, e, achando-o verdadeiro, faça prender a elle, como aos seus amigos sectarios dos mesmos principios e os faça logo julgar com toda severidade das leis para que o castigo de taes réos seja verdadeiramente exemplar, e contenha semelhantes criminosos.

Repito novamente a V. S., de ordem de Sua Magestade, que premio e castigo são os dois pólos sobre que se estriba toda a machina po-

litica e que no momento presente toda a vigilancia contra os maus é indispensavel, e absolutamente necessaria, e que V. S. será responsavel de toda frouxidão que houver na execução d'estas reaes ordens.

Deus guarde a V. S. Sr. D. Fernando José de Portugal.—Palacio de Queluz, 4 de Outubro de 1798.»

Ao recebimento d'esta terminante carta seguiu-se logo com todo o cortejo de circumstancias a devassa ordenada, d'onde sahia illesa a pessoa do padre Agostinho Gomes.

Algum tempo durou o inquerito das testemunhas e, finalmente conhecida a innocencia do accusado, a rainha baixava por intermedio de seu ministro o seguinte:

«Sua Magestade, reconhecendo a innocencia de Francisco Agostinho Gomes, presbytero secular, é servida que V. S. assim o faça constar, havendo das falsas accusações dadas contra elle resultado um mais pleno conhecimento de sua lealdade ao throno, e das suas virtudes, esperando até a mesma augusta senhora que elle com as suas luzes, e cabedaes possa contribuir a melhorar muito as culturas d'essa capitania, mandando Sua Magestade recommendar a V. S. para estes louvaveis fins. Deus guarde a V. S.—Palacio de Queluz, em treze de Junho de 1799.»

Denunciado, como o padre Agostinho Gomes, tambem foi o cirurgião Cypriano José Barata d'Almeida, conhecido vulgarmente pela alcunha de—o *Baratinha*.

O nome d'este denunciado, envolvido n'estas accusações, causou mais medo que receio.

Seu genio intempestivo e turbulento, fazia contraste bem sensivel com a doçura e acanhamento notaveis em o padre Agostinho Gomes.

A rainha, recebendo a denuncia de que este e outros se achavam contaminados do mal que mais prejuizos e funestos resultados traziam ao socego e progresso de uma nação, enviava urgentemente ao governador d'esta capitania uma carta regia acompanhada da carta que recebera, onde o denunciante expunha a alta traição do Baratinha.

E nos termos do documento original abaixo transcripto, vê-se o terror manifesto que similhante denuncia causou.

«Tendo chegado á real presença de Sua Magestade uma accusação muito grave, seja ella falsa ou fundada, revestida de tão odiosas circumstancias, como V. S. verá da carta junto, é a mesma senhora servida que V. S. se informe com a maior exacção de tudo o que a mesma carta refere, para que, achando motivada aquella accusação, V. S faça castigar severamente os que na mesma vêm implicados e outros que possa descobrir culpados no mesmo horrendo crime, ou, não sendo a referida accusação mais do que uma calumnia, V. S. proceda com egual severidade contra quem a urdio; e de tudo o que obrar dará V. S. parte por esta secretaria de estado. Deus guarde a V. S. Palacio de Queluz, em 30 de Outubro de 1798, etc.»

Agora, a carta do denunciante:

«Senhora.—Com o mais profundo respeito o padre José da Fonseca Neves, presbytero secular, oriundo da freguezia de S. Mamede de Vallongo, bispado do Porto, e presentemente capellão nos engenhos de Paulo de Aragão e Teive, freguezia de Nossa Senhora do Monte, arcebispado da Bahia, como fiel vassallo de V. Magestade, dá parte e denuncia que Cypriano, por alcunha, o—Baratinha, cirurgião, e a Marcellino Antonio de Souza, musico, assistentes na dita freguezia e lavradores

de cannas nos engenhos de Joaquim Ignacio de Cerqueira Bulcão, são homens em todos os seus systemas contrarios ao alto decoro de V Magestade, e juntamente a Jesus Christo e a sua Esposa e nossa Mãe a santa egreja, pois não se envergonham de publicar as suas depravadas paixões entre os rusticos povos, já com palavras, já com escriptos, feitos uns novos legisladores não só das nossas monarchias, e muito principalmente do nosso respeitavel governo, mas tambem no que pertence ás leis de Deus e da egreja, e por isso obrigado de todo o meu coração, pela grande obediencia e respeito que tenho á nossa respeitavel monarchia, me fez dar esta parte a V. Magestade para que haja de dar aquella providencia, que não só houve cada vez mais o nosso alto poder, mas tambem glorie ao nosso Deus, de quem somos verdadeiros filhos.

Deus guarde a Vossa Magestade por muitos annos, etc. Nossa Senhora do Mont... 3 de Maio de 1798.

De V. Magestade o mais infimo vassallo e obediente—*José da Fonseca Neves.*»

Quando esta carta régia, escripta em 30 de Outubro acompanhando a do padre José da Fonseca Neves, chegava a esta cidade já o cirurgião Baratinha estava preso desde o dia 19 de Setembro como um dos incursos na sedição que ás occultas se tramava n'esta cidade.

Estes erão os principios jacobinos que tanto assustavam a côrte de Lisboa.

A sedição de 1798, desconhecida pelos nossos historiadores, ou na qual não quizeram achar a importancia que encerra, como um attestado vivo, os resultados nascidos da agglomeração de trez raças de caracteres tão distinctos e especiaes, que foram a força motriz no desenvolvimento

da nossa vida colonial, é sem duvida bem digna de estudos, porque ahi vemos desenrolar-se uma lucta que por fim achava-se em intimo connexo com os levantes africanos.

Os sediciosos de 98, acobertados com o manto das idéas democraticas, então florescentes e inflammantes com o despontar do 19.º seculo, occultavam um estimulo bem genuino que refervia-lhes no coração. A maxima questão para elles não era essencialmente a forma de um governo monarchico, elles discutiam em suas sessões secretas a exterminação dos preconceitos que os acorrentavam ao olvido; revoltavam-se contra a preterição que soffriam pela differença de côr, era, emfim, a revolução de uma casta que estorcia-se, lançada n'um circulo de restricções, pela cobiça de Portugal. Este não quiz reconhecer n'esta insurreição o seu erro, encarou-a sómente como uma sedição que cogitava essencialmente de mudar a forma de seu governo.

Estes desgraçados tiveram o mesmo premio que os inconfidentes mineiros.

Como a revolução de Minas, ella tambem foi trahida e denunciada: ao lado do nome do coronel de auxiliares (*) os sediosos bahianos escreveram com seu sangue os de José Joaquim de Siqueira, Joaquim José da Veiga e Joaquim José de Santa Anna.

II

O despontar do dia 12 de Agosto de 98 espalhou claramente n'esta cidade como a luz de seu sol que se levantava os prodromos de uma sedição abafada a tempo pelas medidas do então governador.

(*) Joaquim Silverio dos Reis.

O sol não tinha se erguido de todo e já notava-se estranho movimento na população que boquiaberta parava ás esquinas das rúas e praças onde se viam affixados nas paredes papeis escriptos à letra de mão.

Principalmente nas esquinas da Praça de Palacio, da rua de Baixo. junto a quitanda de S. Bento e nas outras portas da cidade a reunião era mais compacta e todos procuravam ler com avidez os papeis incendiarios e revoltosos que assim fallavam: « Aviso Animai-vos povos bahienses, que está para chegar o tempo feliz da nossa liberdade; o tempo em que todos seremos irmãos: o tempo em que todos seremos eguaes; sabei que já seguem o partido da liberdade os seguintes:

Officiaes de linha	34
Officiaes de milicia	54
Homens graduados em postos e cargos . .	11
Inferiores de milicias	39
Inferiores de linha	46
Soldados de linha	107
Soldados de milicia	233
Homens graduados em lettras	13
Homens do commum	20
Homens do commercio	8
Frades bentos	8
Franciscanos	14
Barbadinos	3
Therezos	14
Clerigos	48
Auxiliares do santo officio	8
Somma tudo	676

Aqui não se faz menção dos não conhecidos, porém sim d'aquelles que egualmente se communicam por consequencia da liberdade.

O povo bahiense. »

« Quer o povo que se faça n'esta cidade e seu termo a sua memoravel revolução, e que o soldado perceba 200 réis de soldo cada dia.

Povo. »

Aviso ao povo bahiense.

O' vós homens cidadãos, ó vós povos curvados e abandonados pelo rei, pelos seus despotismos pelos seus ministros...

O' vós povo que nascestes para serdes livre e para gosardes dos bons effeitos da liberdade, ó vós povos que viveis flagellados com o pleno poder do indigno coroado, esse mesmo rei que vós creastes; esse mesmo rei tyranno é que se firma no throno para vos vechar, para vos roubar e para vos maltratar.

Homens, o tempo é chegado para a vossa resurreição; sim, para resussitardes do abysmo da escravidão, para levantardes a sagrada bandeira da liberdade.

A liberdade consiste no estado feliz, no estado livre do abatimento: a liberdade é a dourada vida, o descanço do homem com egual parallelo uns para todos; finalmente a liberdade é o repouso e bemaventurança do mundo.

A França está cada vez mais exaltada, a Allemanha já lhe dobrou o joelho. Castella só aspira a sua alliança, Roma já vive annexa; o Pontifice já está abandonado e desterrado: o Rei da Prussia está preso pelo seu proprio povo: as nações do mundo todas têem seos olhos fixos na França, a liberdade é agradavel para todos: é tempo povo, povo o tempo é chegado para vós defenderdes a vossa liberdade: o dia da nossa revolução, da nossa liberdade e da nossa felicidade está para cheg[illegible] animai-vos, que sereis felizes para sempre. »

Dentro das egrejas da Sé, da Lapa, da mat[illegible]

da Rua do Passo, na de São Domingos tambem appareceram varios papeis de natureza tão sediciosa como os primeiros que foram vistos ao alvorecer do dia pregados pelas paredes.

Dos diversos que foram entregues ao governador transcrevemos para aqui os mais significativos;

— *Prelo.* — O povo bahiense e republicano ordena, manda e quer que seja feita n'esta cidade e seu termo para o futuro da sua memoravel revolução; portanto, manda que seja punido com morte natural para sempre todo aquelle sacerdote que no pulpito, confissionario, exhortação, por qualquer forma, modo, maneira ordinaria, persuadir aos ignorantes e fanaticos com o que for contrario á liberdade e bem do povo: manda o povo que o sacerdote que concorrer para a dita revolução seja reputado concidadão como condigno: os deputados frequentarão todos os actos da egreja para que seja tomado inteiro conhecimento dos delinquentes: assim se entenda aliás. . .

Note-se. Que todo o soldado terá de soldo 200 réis cada dia. — O povo — N. 676 Entes da liberdade.»

Nas costas d'este papel, que era dobrado em quadro, lia-se em um d'elles o seguinte:

«Deve ser publicado o presente que fica notado no livro das ditas fl. 18, Cap. 21. § 3°. n. 10. Republicanos 676. Do povo Bahiense em consulta dos deputados e representantes que são 392 entes —viva.»

Outra era assim concebida:

« Aviso ao clero e ao povo bahiense incauto — O poderoso e magnifico povo bahiense republicano d'esta cidade da Bahia republicana, considerando-nos muitos e repetidos latrocinios feitos com os titulos de impostura, tributos e direitos que

são celebrados por ordem da rainha de Lisboa, e no que respeita a inutilidade da escravidão do mesmo povo tão sagrado e digno de ser livre; com respeito à liberdade, à igualdade e ordem, manda e quer que para o futuro seja feita n'esta cidade e seu termo a sua revolução para que seja exterminado para sempre o pessimo jugo reinavel da Europa; segundo os juramentos celebrados, trezentos e noventa e dois dignissimos deputados representantes da nação, em consulta individual de duzentos e oitenta e quatro entes que adoptam a total liberdade nacional; contida no geral receptaculo de seiscentos e setenta e seis homens, segundo o prélo acima referido.

Portanto, faz saber e dá ao prélo que se acham as medidas tomadas para o soccorro estrangeiro e progresso do commercio de assucar, tabaco e pau-brazil, e todos os mais generos do negocio e mais viveres; comtanto que aqui virão todos os estrangeiros tendo porto aberto, mormente a nação franceza

Outrosim, manda o povo que seja punido com pena vil para sempre todo aquelle padre regular e não regular que no pulpito, confissionario, exhortação, conversação, por qualquer forma, modo e maneira persuadir aos ignorantes, fanaticos e hypocritas, dizendo que é inutil a liberdade popular; tambem será castigado todo aquelle homem que cahir na culpa da dita, não havendo isenção de qualidade para o castigo.

Quer o povo que todas as manobras militares de linha, milicia e ordenanças, homens brancos, pardos e pretos concorram para a liberdade popular, manda o povo que cada um soldado perceba de soldo dois tostões cada dia, além das suas vantagens, que serão relevantes.

Os officiaes terão augmento de posto e soldo,

segundo as dietas; cada um indagará quaes sejam os tyrannos oppostos a liberdade e estado livre do povo para ser notado, cada um deputado exercerá os actos da egreja para notar qual seja o sacerdote contrario á liberdade: o povo será livre do despotismo do rei tyranno, ficando cada um sujeito ás leis do novo codigo, e reformado formulario; será maldito da sociedade nacional todo aquelle ou aquella que fôr inconfidente á liberdade coherente ao homem e mais aggravante será a culpa havendo dólo ecclesiastico: assim seja entendido aliás. . .—*O Povo*.»

Era tambem dobrada da mesma maneira que a antecedente e lia-se o seguinte n'um dos quadros:

«Deve ser publicada para não haver ignorancia: fica notada a presente no livro das dietas fl. 12. Cap. 3º. § 1.º N. 10—Republicanos—Do povo bahiense em consulta dos deputados e representantes que são 392 entes.»

Logo que foi chegado ao conhecimento do general governador a existencia d'estes papeis, elle baixára a seguinte portaria:

«Por me ser constante que em varios logares publicos d'esta cidade, e dentro de algumas egrejas se fixaram na manhã do dia de hoje varios papeis sediciosos que acompanham esta, e seja necessario proceder ás mais exactas averiguações em materia tão delicada e melindrosa para servir no conhecimento de pessoa ou pessoas que os escreveram e espalharam, afim de serem punidos na fórma das leis, ordena ao desembargador ouvidor geral do crime, que sem perda de tempo proceda a devassa d'este caso e a todos os mais procedimentos que forem necessarios para o descobrimento dos autores dos mesmos papeis.

Bahia, 12 de Agosto de 1798.—Ao desembargador ouvidor geral do crime.»

No dia seguinte a esta portaria o prior dos carmelitas descalços remettia ao governador mais estas duas cartas, datadas, porém, de vinte de Agosto:

«Prescripção ao povo bahiense—O Povo—Reverendissimo em Christo padre prior dos cramelitas descalços, e para o futuro geral em chefe da egreja bahiense; segundo a sessão do plebiscito de 19 do corrente, quer e manda o povo que seja feita á sua revolução n'esta cidade por consequencia de ser exultada a bandeira de egualdade, liberdade e fraternidade popular; portanto, manda que todo sacerdote, regular e irregular assim o approve, e o vendo aliás. . *Vive et vale.*

Bahia Republicana, 20 de Agosto de 1798.

Anonymos Republicanos.»

A segunda, que era dirigida a D. Fernando, governador da Capitania, era escripta nos seguintes termos:

«Prescripção do povo bahiense.

—O povo—Illm. e Exm Sr.—O povo bahiense e republicano na sessão de 19 do presente mez, houve por bem eleger e com effeito ordenar que seja V. Ex. invocado compativelmente como cidadão presidente do Supremo Tribunal da democracia bahiense para as funcções da futura revolução que, segundo o plebiscito, se dará principio no dia 28 do presente, pelas duas horas da manhã, conforme o prescripto do povo.

Espera o povo que V. Ex. haja por bem o exposto.

Vive et vale.—Bahia Republicana, 20 de Agosto de 1798

Anonymos Republicanos.» (*)

(*) Todos estes papeis existem guardados no **Archivo Publico**, e os que foram affixados **nas paredes conservam ainda a caliça adherida ás costas pela acção do grude**: o

A cidade estava alarmada e assustada. Quem seria o autor ou autores de tão nefando e audacioso crime!?

Recebida a portaria pelo desembargador Dr. Manuel de Magalhães Pinto Avellar de Barbedo com vezes de corregedor do crime da côrte e sendo ouvidor geral do civel o desembargador Francisco Sabino Alvares da Costa Pinto, aquelle nomeou logo a Virissimo de Souza Botelho, escrivão em conformidade da mesma portaria, para proceder-se à devassa ordenada.

Ao correr das pesquizas que ião se suscitando, aggravaram-se as suspeitas de que Domingos da Silva Lisboa era o autor dos papeis sediciosos. Realmente foi preso em 16 de Agosto e sequestrados todos os seus moveis e papeis. A commissão de peritos nomeada para dar parecer sobre a legitimidade da letra não trepidou em facilmente apontal-o como culpado e verdadeiro autor dos ditos papeis. Porém, tres mezes depois foi reconhecida a innocencia d'este preso pelo mesmo jury que descobriu o erro commettido, e confirmada por accordão da Relação, foi logo posto em liberdade por uma portaria do governador, assignada e datada de 10 de Novembro.

Do reconhecimento da innocencia de Domingos da Silva Lisboa chegou-se ao descobrimento do verdadeiro autor e este era o soldado do primeiro regimento Luiz Gonzaga das Virgens. O tenente-coronel Alexandre Theotonio de Souza fez entrega de diversos papeis achados por occasião da prisão d'este soldado, d'onde se tiraram

---

que se lê é cópia fiel, apenas corrigida a orthographia e as lettras maiusculas que empregavam-se indifferentemente n'aquelle seculo. A contextura syntatica e a pontuação são as mesmas.

as mais irrefutaveis e concludentes provas da culpabilidade d'elle, como réo de alta traição á integridade do governo e da paz geral.

No correr do interrogatorio feito a este réo, conseguiu a perspicacia do juiz descobrir, apezar da insistencia com que elle procurava desnortear a marcha das perguntas, o fio que o levou a ver uma sedição que contava muitos adeptos, apresentando-se mais aterradora do que se julgava.

Então, com justo receio de que ella avolumasse, redobraram-se as pesquizas e vigilancias que tornaram-se desnecessarias, porque a maldição votada ao caracter delator do traidor mineiro não extinguiria de certo a hereditariedade psychologica que deixára após si esta alma pusilanime.

A traição tomara a dianteira á sagacidade policial, encarnando-se nas pessoas de Joaquim José da Veiga, José Joaquim de Siqueira e Joaquim José de Sant'Anna.

Em poucas palavras vou mostrar ao benevolo leitor o corpo d'esta sedição.

Estudando nos diversos processos organisados pela junta especialmente nomeada pelo governador para esta devassa, pude formar este estudo que agora offereço a illustrada competencia do bom leitor.

No archivo da Relação é que se deveriam encontrar todos os esclarecimentos tão necessarios ao bom entendimento de tão importante assumpto de que nos occupamos.

Infelizmente, porém, d'alli só poude o Archivo Publico obter dous livros!!

Quando se pensar que aquelle tribunal deve a sua inauguração ao primeiro decennio do XVII seculo, que é o primeiro que n'America Luzitana foi creado, que, além de seu fim meramente official, tinha mais o de seus membros, sob a presi-

dencia do governador e vice-rei do estado, tomarem importantissimas resoluções politicas e administrativas nos celebres assentos, facilmente se chegará á conclusão de que a perda de todo o seu archivo é horrorosamente lastimavel.

III

Existia por esse tempo no Brazil um forte contraste entre os descendentes da antiga emigração, os verdadeiros brazileiros, e os emigrados posteriormente—os portuguezes de Portugal ou filhos do reino.

Aquelles eram um povo essencialmente agricola, este exclusivamente commerciante, que chamaram a si todo o commercio de commissão e a retalho, e sendo em geral mais bem educados do que os aqui nascidos, possuindo mais habilidade e actividade, fizeram impossivel aos naturaes erguerem-se a seu lado, e tanto mais quanto todos os residentes ligavam-se contra aquelles.

D'esta fórma os immigrados do reino adquiriram em breve uma importante abastança, chamando, porém, sobre si a inveja e o odio dos brazileiros

O povo via n'elles a sua sanguesuga estrangeira

Além d'isso monopolisavam os portuguezes o serviço publico, tendo entre suas mãos quasi todos os empregos publicos.

Apezar de que sendo para este serviço indispensavel a educação juridica, que só se poderia adquirir em Coimbra, comtudo era esta difficil de ser obtida pela generalidade dos brazileiros, em virtude das exigencias pecuniarias que ella lhes fazia.

Portanto, não havendo muitos juristas brazileiros, era claro que os cargos publicos fossem dados aos filhos do reino.

Mas o que eram estes ministros?

«Os ministros de ordinario que vêm para estes logares, diz o (*) marquez do Lavradio, segundo o que a experiencia me tem mostrado, em nada mais cuidam que em vencer o tempo por que foram mandados, afim de poderem requerer o seu adiantamento; e no tempo em que residem nos mesmos logares vêem como os podem fazer mais lucrosos, de sorte que, quando se recolham possam levar com fazer beneficio ás suas familias.

A nenhum tenho ouvido fallar nunca na utilidade que fizeram aos povos do logar em que estiveram; nenhum conta estabelecimento util, que os promovesse: todos choram a miseria em que deixam as suas povoações, movendo-os a esta compaixão o pouco rendimento e utilidade que tiraram do seu logar.

Como os ordenados de todos estes ministros são pequenos, a sua principal idéa é o não se recolherem uns com menos cabedaes do que se recolheram os outros, e estimam se multipliquem os emolumentos; e isto não pode ser sem haverem muitas demandas, litigios e discordias entre os particulares, e outras cousas semelhantes, com que andam inquietos os povos, são obrigados a muitas despezas, e se divertem d'aquelles uteis serviços em que deviam estar empregados, e tudo isto por nenhum outro fim que o do vil interesse dos juizes e de seus officiaes, que são os principaes apparelhadores d'estas desordens. Em onze para doze annos que tenho governado na America me não constou nunca que um só juiz procurasse accommodar as partes, persuadil-os a que se não arruinassem com con-

(*) Relatorio do marquez do Lavradio ao entregar o governo a Luiz de Vasconcellos e Souza. *Rev. do Inst. Hist.* Rio de Janeiro. Numero de 16 de Janeiro de 1843.

tendas e injustiças feitas, e que n'esta parte fizesse finalmente o que as leis tanto lhes recommendam. Do mesmo modo não achei nenhum estabelecimento util feito por nenhum d'aquelles magistrados: e alguns que mandei informar sobre negocios d'esta qualidade, os achei tão ignorantes e alheios d'estas materias, que me resolvi a não tratal-os mais com elles.»

Vendo, portanto, os naturaes que esses empregados encaravam seu emprego como méra mina, com cujo roubo iam para Portugal, é claro e natural que n'elles se desenvolvesse uma justissima indignação.

D'est'arte desenvolveu-se uma differença nacional entre os ramos do mesmo tronco, o portuguez europeu e o portuguez brazileiro.

Si no Brazil colonial houve uma submissão das raças mestiças sob a branca, nunca foi ella de natureza politica como nos Estados-Unidos, e sim meramente social.

Deve-se isto muito particularmente ao caracter nacional portuguez, que, como todos os povos latinos, s inclinam com muito maior facilidade a misturar-se e entender-se com a raça indigena ou subjugada, do que os povos de raça germanica, as quaes ou a amalgamam inteiramente, ou a opprimem completamente.

Além disto não se deve perder de vista que no começo da colonisação quando os immigrantes portuguezes ainda formavam exclusivamente o povo brazileiro, faltava-lhes todo e qualquer governo colonial proprio, que os immigrantes inglezes d'America do Norte desde o principio gosavam.

Não podiam por isso, como estes, guardar para si, isto é, para a raça branca, por meio de leis para o todo o sempre a exclusiva participação nos negocios publicos, nas honras e dignidades.

D'aquellas preterições de que acima fallamos, soffriam os brazileiros de todas as raças, e foi justamente isto que deu posteriormente à revolução pela independencia brazileira o seu verdadeiro caracter: brancos e mestiços livres uniram-se immediatamente contra os portuguezes, supplantando-os em pouco tempo e expellindo-os, acabando-se então a parte popular da revolução.

Ainda quando mais tarde appareceram movimentos em que o povo tomava parte, a razão era sempre uma influencia portugueza real ou imaginaria que se queria debellar e uma inimizade enraizada contra os residentes ricos portuguezes.

Que ha, pois, que admirar, que os sediciosos bahianos de 1798, quando almejavam a sua elevação tivessem em vista a aniquilação d'aquelle elemento branco oppressor, representado por aquelles residentes filhos do reino que eram os primeiros negociantes, os primeiros homens do governo e da administração colonial?

D'entre os vultos mais salientes da sedição destacavam-se os dois pardos alfaiates João de Deus do Nascimento e o soldado Lucas Dantas d'Amorim Torres, pela actividade que desenvolviam já nos planos que concebiam, já em conquistar adeptos à sua causa.

Estes, de seu lado, tambem contribuiram para engrossar as fileiras revoltosas, seduzindo aos amigos, e para este fim citando-lhes os nomes de pessoas de posição, que eram dos seus.

Aos mais escrupulosos, a quem o receio da falta de circumspeção e de forças capazes de abafar a reacção legal fazia hesitar, procuravam tranquilisar com a citação de nomes importantes pertencentes ao partido revolucionario, e com a segurança de de dispôr este da força armada por intermedio do tenente do regimento de artilheria José Gomes,

e do do segundo regimento de linha Hermogenes Francisco d'Aguiar Pantoja, e o sargento de brigada do mesmo regimento de artilheria Joaquim Antonio da Silva, filho do meirinho da intendencia do ouro.

Infelizmente, porém, justamente estes, que citavam como garantia de seus planos, foram os que mais contribuiram para a sua desgraça, porque escaldados pelas idéas que defendiam, não tomavam as necessarias cautelas, chamando d'est'arte attenção sobre si.

Preoccupava particularmente a João de Deus o plano que queria pôr em execução. N'elle entravam em primeiro plano o levantamento do povo chamando à liberdade os captivos, o ataque às guardas, o assassinato ao governador e todas as mais pessoas da administração publica, o arrombamento da cadeia, o ataque aos conventos, em uma palavra, a desordem e a confusão.

No meio de tudo isso, porém, transparecia entre as sublimidades, que elle entrevia, o indistincto accesso dos pardos e pretos a todos os postos e ministerios publicos e honrosos, ao lado da maior abundancia de dinheiro e honrarias.

Elles já tinham confeccionado um regulamento, onde marcavam o soldo que havia de vencer na nova republica toda a tropa de linha, desde o soldado até o coronel, e os deputados do governo.

N'esta azafuma em que se achavam de alliciações e medidas preventivas ao despontar do dia desejado, veio como um raio petrificar a todos a noticia da prisão do sóldado Luiz Gonzaga, e o precedimento da devassa ordenada pelo governador.

Tremeram, é verdade, mas não deixaram se levar por este pavor de occasião.

O que urgia era pôr em liberdade o preso, e prin-

cipiar o rompimento que tinham marcado para um dia de opera a que assistisse o governador. e que agora não tinha outro remedio senão ser o seguimento do primeiro ataque que seria á cadeia onde se achava Luiz Gonzaga.

Este rompimento que seria o primeiro como estava assentado. onde elles. esperançosos e confiados, esperavam constranger o governador a acceitar a tentativa de ser o presidente da nova republica, onde apoderar-se-hião n'esta mesma occasião da casa dos fogos, e apprehenderiam os navios ancorados no porto para os armar logo em guerra . embaraçando sempre qualquer sahida para Lisboa. tinha-se tornado secundario agora.

Era preciso. tornava-se urgente uma reunião geral de todos os alliciados. mas não convinha que ella se effectuasse em casa de João de Deus como era de costume. pois o numero avultado de tanta gente attrahiria certamente a desconfiança publica.

Cogitavam de um ponto mais propicio a esse ajuntamento. quando foi lembrado o campo do dique do Desterro, que foi unanimemente acceito. e escolhido para ponto de reunião.

Tornava-se preciso. porém. avisar a todos para se reunirem no logar designado; e o dia 24. dia em que foi preso Luiz Gonzaga. e o immediato 25 até ás Ave Maria. hora em que teria logar o ajuntamento, foram empregados em avisos e communicações.

Lucas Dantas, indo especialmente ás 8 horas da manhã ao hospital onde se achava de guarda José Joaquim de Siqueira. avisal-o para o ajuntamento no campo do Dique ás Ave Maria. e que fosse á sua casa buscal-o, onde teria occasião de ver pessoas de alta importancia, e seguirem depois para o logar marcado onde se passaria revista e resolveria sobre as medidas precisas

para se effectuar na noite seguinte (26) o ataque á prisão em que estava Luiz Gonzaga, mal sabia, pobre victima, que de volta da reunião elle fosse propriamente denunciar ao general governador tudo o que tinha visto e ouvido.

A'shoras marcadas achavam-se no logar designado para o ajuntamento João de Deus, o capitão do terço de Henrique Dias, Joaquim José de Sant'Anna, o preto Vicente, Joaquim José da Veiga, Luiz da França Pires, escravo, e o tenente José Gomes.

Muitos outros, que se encaminhavam para a reunião voltaram, porque notavam vultos suspeitos pelas immediações do logar em que se ia tratar de assumptos transcedentes ás realisações da revolução.

Os que compareceram ao logar marcado, não vendo apparecer mais ninguem, e sem poderem fazer prolongar o tempo, para que não chegasse a hora da ronda, resolveram dispersar-se; n'esta occasião, porém, avistaram um vulto rebuçado em capote, no qual reconheceram o tenente-coronel Alexandre Theotonio de Souza, que já era sabedor dos passos dos sediciosos.

Do grupo dos revoltosos, um que se achava tambem embuçado e que procurava guardar o maior incognito sobre sua pessoa, quiz atirar sobre o dito tenente-coronel; puxando uma das pistolas que trazia, foi, porém, obstado por José Joaquim de Siqueira que tambem se achava presente.

Joaquim José da Veiga e Joaquim José de Sant'Anna, na madrugada do dia 26, denunciaram tudo ao coronel do regimento de artilheria D. Carlos Balthazar da Silveira, que achou prudente e efficaz aconselhar-lhes o maior silencio, e que fossem assistindo disfarçadamente aquellas escandalosas propostas, para se poder melhor

tomar conhecimento de sua aleivosia. Realmente elles tomaram parte em um pequeno conciliabulo no dia 26, que não trouxe resultado algum à projectada rebellião.

A prisão, no dia seguinte, de João de Deus fez abortar a sedição.

Muitos outros, como se vê da nota que junto a este trabalho, foram presos aqui na cidade, e outros em logares de fóra, por terem se evadido desde que foi conhecida a prisão de João de Deus.

Do encadeamento dos diversos processos instaurados aos réos presos, chegou-se a conhecer que algumas pessoas sabiam d'este levante, e estas, portanto, foram julgadas cumplices.

D'entre ellas destacava-se Francisco Moniz Barretto d'Aragão, professor de grammatica no Rio de Contas, comarca de Jacobina, onde foi preso.

A elle attribuiram os revoltosos a seguinte quadra e decimas que era conhecida e sabida de cór por quasi todos:

«Egualdade e liberdade,
No sacrario da nação,
Ao lado da sã justiça
Preenchem o meu coração.

Se a causa motriz dos entes
Tem as mesmas sensações,
Mesmos orgãos, e precisões
Dados a todos os viventes,
Se a qualquer sufficientes
Meios da necessidade,
Remir deu com equidade;
Logo são imprescritiveis
E de Deus leis infalliveis
Egualdade, e liberdade.

Se este dogma for seguido
E de todos respeitado,
Fará bem aventurado
Ao povo rude, e polido.
E' assim que florescido
Tem d'America a nação!
Assim fluctue o pendão
Dos francezes, que o imitaram
Depois que afoutos entraram
No sacrario da razão.

Estes povos venturosos
Levantando soltos os braços.
Desfeitos em mil pedaços
Feros grilhões vergonhosos,
Juraram viver ditosos,
Isentos da vil cobiça,
Da impostura e da preguiça
Respeitando os seus direitos,
Alegres e satisfeitos
Ao lado da sã justiça.

Quando os olhos dos bahianos
Estes quadros divisarem,
E longe de si lançarem
Mil despoticos tyrannos,
Quão felizes, e soberanos
Nas suas terras serão!
Oh que doce commoção
Experimentam estas venturas,
Só ellas, bem que futuras,
Preenchem meu coração.»

No termo de busca e achada procedida em sua casa foram encontrados diversos cadernos manuscriptos sobre a revolução franceza, e livros, entre os quaes notavam-se o 3º e 4º tomos de Julia

ou a Nova Heloise, de Rousseau, e mais dois tomos de obras escolhidas em verso do mesmo autor.

Inquerido sobre a paternidade que lhe davam d'aquellas decimas, desculpou-se dizendo que as tinha copiado de outras que lhe emprestára um moço de Pernambuco, o qual disséra que o seu autor era um religioso do Carmo de cuja mão as houvera.

Ficou crivel, porém, que foram feitas por elle· pois que além de possuir alguns conhecimentos fóra do commum, notava-se no proprio papel, achado em sua casa, onde se as viam escriptas, emendas e substituições de palavras que só ao autor conviria fazel-as.

IV

Como a inconfidencia mineira, a sedição de 1798 teve o seu desenlace fatal e funebre.

As mesmas cerimonias, o mesmo cortejo de formalidades necessarias ao cumprimento das ordens régias, emfim, tudo que podesse atrahir a attenção publica para o edificante exemplo do castigo, foi executado fielmente em observancia ás altas ordens recebidas.

Assim como a cabeça de Tiradentes, cahiram os corpos inanimados dos sediciosos bahianos!

Seus corpos esquartejados e divididos, tambem foram fincados como padrão de ignominioso e nefando crime.

O castigo aos outros, a deportação, a morte moral levada minguadamente ao coração do pae, do filho, do esposo que deixa na orphandade sua prole stygmatisada com o labéo de descendentes de um condemnado, fôra recommendado agora de circumstancias especies.

Era nos termos seguintes que Sua Magestade a ordenava:

«Querendo Sua Magestade que dentre os seus fieis vassallos sejam separados e inteiramente banidos todos aquelles que com as suas pessimas doutrinas podem perturbar o socego e tranquilidade publica: E' a mesma Senhora servida que V. S. ordene que todos os réos, que sendo complicados na conjuração urdida n'essa cidade, forem sentenciados a desterro, o sejam para logares de Africa não sujeitos á real corôa, afim de que o veneno dos seus falsos principios não possa jamais contaminar aquelles dos seus vassallos que justamente se conservam no verdadeiro reconhecimento dos seus deveres; o que Sua Magestade confia que V. S. pratique com o mais exacto cumprimento. Deus guarde a V. S. —Palacio de Queluz, em 9 de Janeiro de 1799.»

Depois da execução da sentença aos réos d'esta sedição, depois de ter corrido o sangue brazileiro pela segunda vez, tentando a côrte de Lisboa assim apagar no Brazil a lava incandescente e contaminoza dos principios liberaes, tranquilisava-se ella e Sua Magestade a rainha das inquietações que lhe perturbavam o socego regio, com a minuciosa e elucidativa carta que o governador da capitania, D. Fernando José de Portugal, dava conta do cumprimento exacto que tiveram as reaes ordens, e do resultado final da conspiração.

Esta carta que nos mostra o fim que tiveram os sediciosos bahianos era assim escripta: «Depois de largas e repetidas conferencias em Relação com assistencia minha, afim de examinarem com a maior ponderação e circumspecção os processos dos réos, dos papeis sediciosos espalhados nas principaes partes d'esta cidade, e dos que intentaram urdir um levantamento, foram

estes sentenciados, na forma da lei, e carta regia de 22 de Dezembro de 1798, que se me expedio a este respeito, proferindo-se contra elles os accordãos que remetto por copia, pelos quaes será constante a V. Ex. as penas que se lhe impuzeram, segundo as diversas imputações que contra elles havia, soffrendo a de morte natural quatro, como principaes cabeças de semelhante attentado, que foi n'elles executada no dia 8 de Novembro passado na Praça da Piedade, por ser uma das mais publicas d'esta cidade, assistindo a este acto funebre, mas indispensavel, os regimentos d'esta guarnição.

Poz-se egualmente em observancia o officio de V. Ex. de 9 de Janeiro do presente anno, sendo inteiramente separados d'entre os fieis vassallos e banidos por toda a vida para logares de Africa não sujeitos á corôa de Portugal aquelles réos que estavam n'estas circumstancias, que já foram remettidos em varias embarcações do gyro da Costa da Mina, recommendando-se aos respectivos mestres que os lançassem n'aquelles sitios, havendo outros individuos no numero de poucos que foram degradados por terem menos culpa para Angola, Benguela e Ilha de Fernando de Noronha, sendo o tenente do 2.º regimento de linha— Hermogenes Francisco d'Aguiar Pantoja e o tenente de artilharia José Gomes d'Oliveira, condemnados a uma prisão temporaria de seis mezes, para assim espiarem as leves imputações que contra elles resultavam dos autos, condemnados ao todo nas diversas penas que aponto, e na de açoites vinte e um e postos em liberdade dezesis em quem se não considerou culpa alguma.

O desembargador ouvidor geral do crime Manuel de Magalhães Pinto Avelar de Berbedo e o desembargador Francisco Sabino Alvares da Costa

Pinto trabalharam com zelo e actividade n'esta importante diligencia de que foram incumbidos. Deus guarde a V. Ex. Bahia, 19 de Dezembro de 1799. Illm. e Exm. Sr. D. Rodrigo de Souza Coutinho.—*D. Fernando José de Portugal*.»

Debalde procurei conhecer a qualidade da *morte natural* que levaram os desgraçados sediciosos, mas, o que é certo, é que seus corpos soffreram infamações eguaes ás do martyr mineiro, e esperariào pelo raiar da independencia, si o seu estado de putrefacção não chamasse a attenção e cuidados do provedor da saude a bem dos habitantes.

A representação que este levara ao governador, pedindo a remoção d'aquelles destroços humanos, era remettida ao desembargador Francisco Sabino Alvares da Costa Pinto para informar, e este a despachara assim:

«Illm. e Ex. Sr.—Por accordão da relação de 5 do corrente mez, sustentado no dia 7 se declarou para manifestar a gravidade e enormidade do delicto a que se precipitaram os infames réos do levante urdido n'esta cidade que os cadaveres dos tres principaes, Lucas Dantas, João de Deus e Manuel Faustino, fossem esquartejados, separadas as cabeças, estas e os quartos postados em logares publicos. e n'aquelles onde os passos do seu crime foram mais repetidos e mais aggravantes: em cumprimento do dito accordão se procedeu nas diligencias necessarias, e se executou o que n'elles foi determinado no dia 9.

Pretende agora o provedor da Saude que V. Ex. haja de mandar extrahir dos ditos logares aquelles monumentos, pelos motivos que expende em seu requerimento, sobre o qual me manda V. Ex. informar. A este effeito procedi ao exame incluso com medico e cirurgião da Camara, que assentaram

ser necessario a prompta e immediata extracção que a supplicante requer, pelos exhuberantes e muito attendiveis motivos que ponderam, os quaes, por isso que fundados no importante objecto da saude dos povos, tão recommendada e respeitada na sociedade, têm o primeiro acolhimento no eximio animo de V. Ex.

E ainda que por sentimento uniforme dos melhores criminalistas, só por mandato especial e licença expressa de Sua Magestade se possa fazer semelhante extracção; de sorte que nem a Relação nem o Regedor a devam permittir, é comtudo incontestavel que na longitude do throno, onde se não podem ir buscar as providencias extraordinarias que o concurso de urgentes circumstancias exige, só a V. Ex. como governador e capitão-general d'esta capitania, pertence conferil-a.

A' vista do que deferirá V. Ex. o que mais justo lhe parecer.

Deus guarde a pessoa de V. Ex por muitos annos. Bahia, 11 de Novembro de 1799.—O desembargador, *Francisco Sabino Alvares da Costa Pinto.*»

Transcrevo para aqui uma carta do réo Luiz Gonzaga, escripta antes de apparecerem os papeis sediciosos, que bem comprova o que a principio disse sobre o caracter d'esta sedição.

Ella serviu de base na verificação da letra. de onde chegou-se a conhecer o verdadeiro autor dos papeis apparecidos n'esta cidade em Agosto de 1798.

Eil-a:

«Illm. e Exm. Sr. Luiz Gonzaga das Virgens, soldado do primeiro regimento e quarta companhia de granadeiros d'esta guarnição, com o mais profundo respeito recorre a V. Ex. com a supplica seguinte:

Que sendo os homens pardos recrutados e ad-

scriptos ao gremio militar das tropas pagas, que recaindo sobre elles todos os deveres do bellico trabalho da infallivel fidelidade de expor as suas vidas pelo bem da real corôa do estado, da nação e tudo quanto é inherente aos que abraçam a profissão militar voluntaria e coactamente: que sendo os ditos homens pardos da mesma massa e sensibilidade dos outros individuos albicantes da sociedade militar e civil, sem mais differença que a da côr, accidente dissimilar com que a distinguiu a natureza. ou os phenomenos dos ceos, ficado os ditos, comtudo, parciaes e equipotentes aos homens brancos, tanto pela substancia material, como tambem pela principal (ou espiritual) segundo a consistencia microcosmica: que sendo os ditos contemplados e contidos indissoluvelmente no regio vinculo da boa união, são comtudo por abuso inofficioso, ignorancia supina e uma menos rasoada distincção, reputados nas tropas pagas e auxiliares da compatibilidade dos homens brancos como objectos da escravidão, do desprezo, como peripsémas de baixa estofa, e, finalmente, como exterminados ou espurios do minimo accesso e graduação dos postos; mas, supposto que os ditos homens pardos sejam obrigados a militar por muitos e delatados annos desde a adolescencia até perderem as forças, a saude, e a propria vida, sem descanço e sem premio, que só o que faz gostosos os trabalhos preteritos e o agente que anima os entes a soffrer as imminencias futuras, apenas não são verificados em uma lisongeira e futura esperança de accesso, de louvor, de premio, não na compatibilidade sagrada dos homens brancos, porém na dos seus semelhantes—com serem extrahidos para o quarto regimento erecto por ordem real para subsistencia dos ditos, pois pareca que toda a razão e humanidade, e a mais bem analy-

sada justiça assim o pede: e, porquanto o supplicante é um individuo da classe dos referidos desgraçados, tem a magoa, magoa inconsolavel de ver subir aos postos aquelles que nada mais têm, que a unica côr branca, não havendo outros relevantes motivos que constituam differentes merecimentos e nobiliarchia.

Exm. Sr., é bem certo que os grandes do mundo embalados com as suas phantasias não se humanisão senão com aquelles que lhes são eguaes ou immediatos aos seus imaginados respeitos ou constituidos por uma merita contextura. Visto, pois, declaro Senhor, serem todas as graças do regio patrocinio destribuidas pelas mãos eximias de V. Ex. ornado, o qual como exoravel tem merecido o titulo de pio, si bem que só para os homens brancos que militam, recorre, como desamparado do microcosmo, a piedade de V. Ex. para que seja servido promover n'elle o posto de um dos ajudantes do quarto regimento concernente ao dito, e aos seus semelhantes, ou outro qualquer que fóra d'esta cidade fôr contemplado, tudo assim em virtude do exposto supra, e por se offerecer no dito aptidão, como consta, sendo porém, do agrado de V. Ex., que como senhor mandará o que fôr servido, que com esta condição espera o dito supplicante receber esta memoravel e sempre egregia—Mercê—».

Ahi tem, pois, o leitor benevolo e illustrado, este mal traçado e pequeno estudo de um facto que, si não era completamente desconhecido para aquelles que mais profundamente se dedicam ao estudo da nossa historia, o era, assim o creio, para os que só se limitam a conhecer o que se tem impresso.

Publicando-o, tive só em mente divulgal-o, incitando assim o estudo da nossa historia particular.

onde se encontram scenas brilhantes e edificantes exemplos; historia tão esquecida e ignorada, que estudada e seguida nos ha de levar seguramente ao comicio dos povos que edificaram todo o seu bem estar politico e social firmados no estudo de sua historia primitiva.

Agora mais do que nunca é necessario e urgente que o povo conheça a sua historia; estudal-a e apreciai-a imparcialmente será o facto que o ha de guiar n'esta nova cruzada que se abre cheia de incertezas, onde novas e grandes reformas têm de se succeder simultaneamente.

No tecido emmaranhado d'esta sedição, vemos sobresahir altivo o caracter bahiano, marchando sempre na vanguarda das medidas as mais liberaes, e pondo sempre em relevo o seu patriotismo cercado das maiores abnegações.

A sedição que manifestou-se claramente em Agosto de 1798, já ha muito tempo fermentava-se no espirito bahiano.

Encontramos em documentos da época da inconfidencia mineira, e mesmo em alguns anteriores a ella, já um quer que seja de anormal no socego e tranquilidade colonial d'esta antiga capitania, que nos faz suppor a faisca que ateou o incendio no craneo dos revoltosos de 98.

Não quero com isto affirmar, sem que possua documentos concludentes, que d'aqui foi que sahiu o primeiro grito de revolta contra o jugo portuguez.

Mas o que é certo é que Minas e a Bahia foram as primeiras a manifestar-se, conhecendo que n'aquella época, já era tempo de se poder viver independente.

Cerquem, impugnem de que quizerem o levante bahiano, que não deixará jamais de ser a expressão altiva de um patriotismo provado.

Tentaram libertar-se, mas cahiram!

Porém dos destroços trucidados d'estas victimas, e das lagrimas dos deportados bahianos e mineiros, o anjo da victoria fundio em noventa e tantos annos no crisol da liberdade, a aurora que illuminou o Brazil em 15 de Novembro de 1889.

«Relação das pessoas, presas por occasião dos factos revolucionarios, de que tem devassado o desembargador de aggravos da Relação d'esta cidade da Bahia, o Dr. Francisco Sabino Alvares da Costa Pinto, por portaria do Illm. e Exmo. governardor e capitão general d'esta capitania D. Fernando José de Portugal, com declaração dos dias em que foram ellas presas, e das solturas de algumas:

—Domingos da Silva Lisboa, pardo, livre, solteiro, natural de Lisboa, alferes da companhia de granadeiros do 4.° regimento de milicias d'esta cidade da Bahia, e requerente nos auditorios, preso em 16 de agosto de 1798, solto em 10 de novembro de 1798.

—Luiz Gonzaga das Virgens, pardo, livre, solteiro, natural da cidade da Bahia, soldado granadeiro do primeiro regimento de linha d'esta praça, preso em 24 de agosto de 1798.

—João de Deus do Nascimento, homem pardo, livre, casado, natural da villa da Cachoeira, cabo de esquadra do 2.° regimento de milicias d'esta praça e mestre alfaiate, preso em 26 de agosto de 1798.

—Luiza Francisca d'Araujo, parda, livre e casada com o sobredito Jão de Deus, presa em 26 de agosto do mesmo, solta em 28 de setembro de 1798.

—Manoel Pereira, crioulo, livre, solteiro, natural d'esta cidade e cabelleireiro, preso em 26 de agosto do mesmo, solto em 26 de agosto do mesmo anno.

—Manuel do Nascimento, pardo, livre, solteiro, natural da villa da Cachoeira, soldado do 4.º regimento de milicias, alfaiate, residente n'esta cidade da Bahia, preso em 26 de agosto do mesmo, solto em 6 de novembro do mesmo anno.

—Lucrecia Maria Quent, creada, forra, solteira, natural d'essa cidade, presa em 26 de agosto do mesmo, solta em 5 de setembro do mesmo anno.

—Caetano Velloso Barretto, homem branco, casado, natural da villa de Alagoas, soldado do 2º. regimento de linha d'esta praça, preso em 26 de agosto do mesmo anno.

—José Joaquim de Siqueira, homem branco, solteiro, natural da cidade do Porto, soldado granadeiro do 1.º regimento de linha d'esta praça, preso em 26 de agosto do mesmo anno.

—Ignacio da Silva Pimentel, pardo, livre, natural da Jacobina, solteiro, soldado granadeiro do 2º. regimento de linha, preso em 27 de agosto do mesmo anno.

—Luiz da França Pires, pardo, escravo do secretario d'este estado, José Pires de Carvalho e Albuquerque, solteiro, natural d'esta cidade e alfaiate, preso em 27 agosto do mesmo anno.

—Antonio José, cabra, escravo do tenente-coronel Caetano Mauricio Machado, e seu bolieiro, preso em 28 de agosto do mesmo e falleceu em 29 de agosto.

—Vicente, preto, de nação Mina, escravo do tabellião Bernardino de Senna Araujo, solteiro e alfaiate, preso em 29 de agosto do mesmo anno.

—Romão Pinheiro, homem pardo, solteiro, natural d'esta cidade, soldado granadeiro do 1.º regimento de linha d'esta praça, preso em 30 de agosto do mesmo anno.

—José Felix da Costa, pardo, solteiro, escravo de Francisco Vicente Vianna, natural d'esta cidade, preso em 31 de agosto do mesmo anno.

—Felix Martins dos Santos, pardo, solteiro, natural d'esta cidade, tambor-mór do 2.º regimento de milicias d'esta praça, preso em 1.º de setembro do mesmo, solto em 3 de dezembro

—Joaquim Antonio da Silva, branco, solteiro, natural d'esta cidade, sargento do regimento pago de artilharia, preso em 4 de setembro do mesmo anno.

—José Gomes d'Oliveira Borges, branco, solteiro, tenente do regimento pago de artilharia e natural d'esta cidade, preso em 4 de setembro do mesmo anno.

—Felipe Nery, pardo, solteiro, escravo de Manuel José Vilella de Carvalho, preso em 4 de setembro do mesmo anno.

—Gonçalo Gonçalves d'Oliveira, pardo, livre, solteiro, natural d'esta cidade e alfaiate, preso em 7 de setembro do mesmo anno.

—Domingos Pedro Ribeiro, pardo, livre, solteiro, natural d'esta cidade, e bordador, preso em 10 de setembro do mesmo anno.

—Lucas Dantas d'Amorim Torres, pardo, livre, solteiro, soldado do regimento pago de artilharia, e natural d'esta cidade, preso em 15 de setembro do mesmo anno.

—Domingas Maria do Nascimento, parda, forra, solteira, natural d'esta cidade, presa em 15 de setembro, solta em 16 de setembro do mesmo anno.

—Anna Romana Lopes, parda, forra, solteira, natural d'esta cidade, presa em 15 de setembro, solta em 20 do mesmo anno.

—Manuel Faustino dos Santos Lira, pardo, forro, solteiro, natural do termo da villa de Nossa Senhora da Purificação de Santo Amaro, alfaiate, preso em 16 de setembro do mesmo anno

—José Raymundo Barata de Almeida, branco,

natural d'esta cidade, solteiro. vivia de escipta, preso em 19 de setembro do mesmo anno.

—Cypriano José Barata d'Almeida, branco, natural d'esta cidade, casado. cirurgião, preso em 19 de setembro do mesmo anno.

—Antonio Simões da Cunha, pardo, livre, natural d'esta cidade. casado e pedreiro, preso em 19 de setembro do mesmo anno.

—José do Sacramento, pardo, forro, soldado do 4.º regimento de milicias, solteiro e alfaiate, preso em 26 de setembro do mesmo anno.

—José Freitas Sacoto, pardo, livre, natural de Pernambuco, applicado á arte de cirurgia, e casado preso em 3 de outubro do mesmo anno.

—Manuel José da Vera-Cruz, pardo, escravo do secretario d'este estado José Pires de Carvalho e Albuquerque, natural do Rio-Real, e solteiro, preso em 4 de outubro do mesmo anno.

—Ignacio Pires, pardo, escravo do mesmo secretario, natural d'esta cidade, e carapina, preso em 4 de outubro do mesmo anno.

—Fortunato da Veiga S. Paulo, pardo, fôrro, natural d'esta cidade, solteiro, e carapina, preso em 4 de outubro do mesmo anno.

—José Pires, pardo. escravo de D. Maria Francisca da Conceição e Aragão, natural d'esta cidade, solteiro e alfaiate, preso em 4 de outubro do mesmo anno.

—Salvador, creoulo, escravo do capitão Paulino de Sá Tourinho, natural d'esta cidade, solteiro, e cabellereiro, preso em 4 de outubro, solto em 6 do mesmo.

—Cosme Damião Pereira Basto, natural d'esta cidade, pardo, escravo de Joaquim Pereira Basto, solteiro, alfaiate, preso em 5 de outubro do mesmo anno.

—Nicolau d'Andrade, branco, natural d'esta

cidade, solteiro e gravador, preso em 7 de outubro do mesmo anno.

—Salvador Pereira Sodré, pardo, livre, natural d'esta cidade, solteiro, e caixeiro de engenho; preso em 9 de outubro e solto a 22 do mesmo.

—Manuel Pereira Severio, pardo, forro, natural d'esta cidade, solteiro, e alfaiate, preso em 12 de outubro, solto em 17 do mesmo.

—João Felix dos Santos, pardo, livre, natural d'esta cidade, e solteiro, preso em 13 de outubro, solto em 25 do mesmo.

—José Roberto de Sant'Anna, pardo, forro, natural d'esta cidade, marcineiro, preso em 13 de outubro, solto em 25 do mesmo.

—Manuel José dos Santos, branco, natural de Portugal, solteiro, soldado granadeiro do 1.º regimento de linha d'esta praça, preso em 13 de outubro, solto em 20 do mesmo.

—José Francisco de Paula, pardo, livre, solteiro, natural d'esta cidade e gravador, preso em 14 de outubro, solto em 3 de dezembro do mesmo anno

—Joaquim Machado Peçanha, pardo, livre, natural d'esta cidade, solteiro e alfaiate, preso em 15 de outubro, solto em 25 do mesmo anno.

—João Fernandes de Vasconcellos, branco, casado, alfaiate, preso em 5 de novembro do mesmo anno

—Hermogenes Francisco d'Aguiar, tenente do 2º regimento de linha d'esta praça, branco, casado, natural d'esta cidade, preso em 4 de janeiro de 1799.

—Manuel de Sant'Anna, soldado do 2.º regimento de linha d'esta praça, homem pardo, natural d'esta cidade, preso em 1 de fevereiro de 1799.

—Francisco Moniz Barretto d'Aragão, homem

branco, natural d'esta cidade, solteiro, professor regio de gramatica no Rio de Contas, comarca de Jacobina, onde foi preso em 1 de fevereiro de 1799,

—Bahia, 2 de fevereiro de 1799 Desembargador. —*Franciso Sabino Alvares da Costa Pinto.*

José Carlos Ferreira.

Archivo Publico da Bahia, em dezembro de 1890.

Historia Patria

OS DE ARAGÃO

ALCAIDES-MÓRES

SECULO XVII

Ao Dr. Egas Moniz Barretto de Aragão

A alcaidaria-mór da cidade do Salvador esteve, pode-se assim dizer, de 1554, quando foi nomeado Diogo Moniz Barretto, primeiro na ordem chronologica por mim estabelecida, á 1814 quando extinguiu-se esse cargo, occupado então por Pedro Dias Paes Leme da Camara, em quatro das mais nobres e illustres familias da Bahia e do Brazil.

De 1554 a 1647 ella conservou-se na familia Moniz Barretto, cuja ascendencia illustrissima é encontrada em Portugal desde a chegada de D. Thereza e do conde D. Henrique em 1109, ao condado Portucalense; entre ella e a dos Telles de Menezes, de menos e muito mais moderna fidalguia, e que conservou a alcaidaria sómente por duas vidas, temos Felippe de Moura de Albuquerque e Henrique Henriques de Miranda que, embora de boa linhagem, não podiam deixar de ter para occupar tal cargo, ficam offuscados e desapparecem ao lado de tão nobres senhores.

Depois dos Telles temos Sebastião de Araujo e Lima, nomeado pelo marquez das Minas pelo prazo de um anno, emquanto o monarcha portuguez não preenchesse a vaga deixada por Francisco Telles.

D. Pedro II, então reinante, nomeou, porém, para esse alto cargo a Francisco de Araujo de Aragão, á quem succedeu na alcaidaria-mór seu filho Manoel de Araujo de Aragão; pertenciam elles a scol da nobreza e fidalguia da Bahia, não sómente pelo nascimento illustre, pela ascendencia remota e nobre como tambem pelos serviços que havia muitas gerações prestava sua familia á Bahia.

Entre esta e a dos Paes Lemes, que é a quarta a que nos referimos, não aqui nascida, mas não menos illustre que as citadas, e que conservou a alcaidaria por tres vidas, temos a Salvador Pires de Carvalho, em 1743, fidalgo tambem, e dos mais antigos e conceituados da outr'ora capital do Estado do Brazil.

A carta regia de D. Pedro II, de 1 de Março de 1687, nomeando para o elevado cargo de que tratamos o neto de Balthazar de Aragão, é um dos documentos mais nobilitantes que dar se pode, para aquelles que conservam como reliquias essas tradições sagradas dos avós illustres e cuja benemerencia augmenta com o decurso dos seculos; esse papel amarellento donde resaltam as escripturas do seculo XVII e da chancellaria portugueza, é incontestavelmente uma preciosidade.

Havia então na Bahia uma familia que gosava de incontestada e merecida influencia e preponderancia pelas suas tradições intimamente ligadas á propria historia da capitania de Coutinho, tradições que confundem-se com a legenda adoravel que todos os povos em sua origem se aprazem em venerar.

Quando, pelos annos de 1595 a 1599, veio a Bahia como capitão mór o celebre governador de Angola Balthazar de Aragão, preponderava na Bahia pela fortuna, pela vastidão das suas propriedades, pela tradição incomparavel de seu nome, a descendencia legitima, illustre e venerada de Diogo Alvares e da princeza brasilica Catharina Paraguassú.

Das filhas legitimas deste matrimonio, realisado pelos padres que acompanharam a Coutinho a Bahia pelos annos de 1535 a 1536, Genebra Alvares casou-

se com Vicente Dias de Beja, natural do Alemtejo, fidalgo da casa do infante D. Luiz.

Deste matrimonio nasceram variosfilhos que foram os troncos das mais illustres familias de então, e dentre elles Maria Dias que desposou a Francisco de Araujo, da nobilissima familia deste appellido que ha na provincia de Entre Douro e Minho.

Com a filha primogenita de Maria Dias, bisneta em linha directa de Catharina, casou-se Balthazar de Aragão em 13 de novembro de 1599.

Este capitão-mór, fidalgo portuguez, homem de guerra, de renome e de serviços, tivera o mesmo posto em Angola, sendo appellidado o Bangala, inflexivel, pelo rigor com que tratava os negros. Morou aqui na Bahia na rua que ainda hoje conserva a sua alcunha, na actual freguezia de Sant'Anna.

A respeito da sua morte gloriosa em 1613 escrevemos em outra occasião alguma cousa sobre o que havia de historico e de legenda no facto de ter elle equipado e armado á sua custa uma sua náo de guerra e sahido a pelejar com as caravellas hollandezas que de continuo forçavam o formoso tracto de mar que forma o nosso porto, devastando o littoral, e altivos e intangiveis tornando á patria com grandes despojos.

O brioso e destemido guerreiro não podia supportar que quasi diariamente a fortaleza do morro de S. Paulo désse signal da approximação de algum veleiro inimigo; signal aquelle que era reproduzido pelos demais fortes da nossa extensa e mal defendida costa e pelos templos da nascente cidade que tocavam a rebate, sobresaltando as populações, perturbando a vida particular e social da nova capital.

Um dia a impetuosidade do seu valor e do seu orgulho levaram-n'o á loucura de despender avultadas sommas de sua fazenda, armando em guerra uma sua náo, na qual sahiu á luctar contra uma outra hollandeza que apparecera arrogante no horisonte encinzellado do norte, em uma tarde de verão do anno de 1613.

O que foi a lucta não nos dizem as chronicas

nem a tradicção, nem os chartularios coevos desse successo que tão fundamente deveria ter impressionado esta cidade, não só pelo valor do capitão mór, como tambem pela perda de um homem de sua importancia, da sua familia e dos seus haveres.

A náo de Balthazar de Aragão foi a pique e o homem inflexivel de Angola pereceu nesse recontro.

Do seu enlace com Maria de Araujo teve varios filhos e dentre elles nos interessa Francisco de Araujo de Aragão, que serviu com sua pessoa e grandes quantias nas guerras de Pernambuco, senhor do Engenho Novo no Paraguassú, casado com D. Anna de Barros Sueiro, de quem teve Manoel de Araujo de Aragão, coronel das ordenanças e um dos homens mais autorisados do seu tempo, e Francisco de Araujo de Aragão, o primeiro alcaide-mór desta nobre familia.

Pelo fallecimento de Balthazar de Aragão, sua viuva desposou Pedro Garcia, a quem chamaram o velho, mercador mui rico, cujo filho, o coronel Francisco Gil de Araujo foi donatario da capitania do Espirito Santo, por compra que fez ao almotacé-mór Luiz Gonçalves da Camara Coutinho pela somma de quarenta mil cruzados. Maria de Araujo falleceu a 9 de Março de 1633, sendo sepultada na Misericordia.

Francisco de Araujo de Aragão, que foi tambem capitão na Bahia, prestou em varias occasiões relevantes serviços, e estes unidos aos de seu pae e avô lhe valeram a carta regia de 1.º de março de 1687 que o nomeou alcaide-mór da Cidade do Salvador.

Este alto cargo, investido em uma familia já poderosa, tornou ainda maior a influencia e importancia de que ella gosava, tornando-se assim, Francisco de Aragão, o chefe della pela elevada posição que occupava

A força, prosperidade, a grandeza desta familia provinham principalmente da união de todos os seus membros, e causou, por esse motivo, impressão a lucta travada entre o alcaide-mór e seu irmão o

coronel Manoel de Aragão de um lado e o mestre de campo Jeronymo Sodré Pereira, marido de sua irmã Francisca de Aragão, do outro, este apoiando as pretensões de João Amaro Maciel Parente sobre a villa de Santo Antonio da Conquista, nas terras dos Maracás, que pertencia então ao coronel Manoel de Aragão.

Esse acontecimento occupou durante algum tempo o espirito publico e o temor de que assumisse proporções demasiado serias foi tal que a côrte portugueza, reinando então D. Pedro II, teve de intervir directamente na contenda, e na carta regia de 17 de Janeiro de 1698 aquelle monarcha recommendava ao então vice-rei D. João de Lancastre que «convinha acudir com prompto remedio, e evitar a ruina entre vassalos de tanta importancia, e dos principaes desse Estado, de que se podem conseguir tantas consequencias» e para isso ordenava que os contendores comparecessem á presença do governador onde deveriam assignar o termo pelo qual se obrigariam a não mais contender, nem por si, nem por interposta pessoa.

Está tão intimamente ligada á vida dos Aragão a historia de João Amaro, que, de certo, não deixa de ter seu interesse esboçal-a aqui rapidamente e relatar o motivo de tão importante contenda.

Era João Amaro filho herdeiro do celebre aventureiro paulista Estevão Ribeiro Bayão Parente que, em 1671, no governo de Affonso Furtado de Mendonça do Rio e Menezes, visconde de Barbacena, viera á Bahia capitaneando a gente que o governador anterior Alexandre de Souza Freire, pedira a Pedro Vaz de Barros, rico e poderoso morador de S. Paulo, para auxilial-o na guerra contra o gentio que assolava o reconcavo.

Os serviços deste homem foram extraordinarios, e deveu-se-lhe a terminação das hostilidades dos indigenas, afugentados do littoral, perseguidos e internados pelos invios sertões.

Essa victoria foi aqui muito festejada, e o governador officiou á camara de S. Paulo concitando-a

a applaudir a gloria dos seus naturaes; a propria Relação da Bahia e o senado da camara dirigiram-se igualmente ao d'aquella cidade agradecendo tão extraordinarios serviços. O vencedor trouxera á Bahia mil e quinhentos indios prisioneiros, tendo morrido de peste mais de oitocentos.

Como era natural, grandes foram tambem as recompensas e a primeira que teve foi uma sesmaria das terras que conquistára ao barbaro gentio, onde o conquistador aventureiro iniciou a fundação de uma villa.

Foi esta villa a origem da grande lucta entre os Aragão e João Amaro.

Estevão Ribeiro falleceu na Bahia, achando-se seu filho em S. Paulo, de onde veio immediatamente, seguindo as conquistas de seu pae, ao qual sempre acompanhara nas perigosas entradas pelos sertões até então não visitados.

Não sabemos porque, em 1678, pouco mais ou menos, pedia Manoel de Araujo de Aragão, ao então governador Menezes permissão para fundar á sua custa uma villa com a denominação de Santo Antonio da Conquista, nas terras dos Maracás, paragem já anteriormente escolhida por Estevão Ribeiro para a edificação della, licença que lhe foi concedida em consideração a ser elle coronel de um dos regimentos desta cidade, pessoa de qualidade, serviços e cabedaes. Essa licença foi confirmada pela alvará regio de D. Pedro II, datado de 10 de Abril de 1688, a requerimento do mesmo coronel, com as clausulas de ser capitão mór da villa que fundasse, com o mesmo regimento que o visconde de Barbacena dera a Estevão Ribeiro e de ser seu donatario, direito que passaria a seus herdeiros, etc. O alvará citado ordenava que se passasse carta de donatario a Manoel de Aragão logo que a villa fosse fundada e nella houvesse cincoentas casaes de portuguezes e uma egreja decente.

Pelos documentos interessantissimos que possuimos vê-se que o coronel Aragão temia qualquer opposição por parte das autoridades, porque, logo

no anno seguinte, em 1689, elle representava ao rei, receioso de que, pela continua mudança de governadores, não se cumprisse o alvará do anno anterior.

A carta regia de 8 de Janeiro de 1690, porém, ordenava ao então governador interino frei Manoel da Encarnação, arcebispo da Bahia, substituto de Mathias da Cunha, victima da peste que assolou esta cidade em 1688, que fizesse cumprir o referido alvará como nelle se continha.

Durante este tempo João Amaro havia-se internado pelos sertões, continuando com grande difficuldade as conquistas de seu pae; voltando á Bahia pelos annos de 1692 ou 1693 encontrou o coronel Aragão donatario das terras que haviam sido de Estevão Ribeiro, reclamando immediatamente da metropole o direito que lhe cabia de substituir a seu pae, obtendo então a carta regia de 18 de Janeiro de 1694 que lhe dava o senhorio das conquistas, na forma da mercê feita a seu pae.

O mestre de campo Jeronymo Sodré Pereira, nesta contenda, apoiava as pretensões de João Amaro, e até auxiliou-o a ir ao Reino, onde a Relação resolveu a seu favor. Por esse motivo as paixões chegaram a um extremo tal que motivaram a carta regia citada, terminando finalmente esta lucta que poderia ter convulsionado esta capital ha quasi tres seculos.

Como era natural, o nosso alcaide mór Francisco de Aragão interveio na contenda tomando parte muito activa, vindo a fallecer muito depois em 8 de Julho de 1705 depois de 18 annos de exercicio n'aquelle elevado cargo, tendo prestado preito e homenagem em 2 de Outubro de 1687; foi sepultado no Carmo, onde não me foi possivel encontrar a sua sepultura apesar das mais pacientes pesquizas.

De seu matrimonio com D. Agueda de Góes, em 28 de Agosto de 1688, teve varios filhos, e foi seu primogenito Manoel de Araujo de Aragão que o subtituio na alcadaria mór da Bahia, cuja mercê

foi a primeira que fez D. João V para o Brazil, fazendo preito e homenagem nas mãos do governador Luiz Cesar de Menezes em 21 Junho de de 1704.

Este alcaide mór exerceu o cargo durante 20 annos, e durante este largo lapso de tempo viu passar pela Bahia os governadores Luiz Cesar de Menezes, D. Lourenço de Almada, o conde de Castello Melhor, o marquez de Angeja, o conde de Vimieiro e o conde de Sabugosa, 4° vice-rei do Brazil. Nesse periodo importantes successos se desenrolaram na scena politica do novo mundo; a invasão do Rio de Janeiro pelos francezes echoou lugubremente na Bahia, cuja praça lhe estava confiada, e grande foi a precipitação com que se concluiram as fortificações de Itaparica, e a defeza das costas. Em 1611, durante o governo do conde de Castello Melhor, pela execução do imposto de 10 °/₀ sobre todos os artigos de importação, o povo revolucionou-se e durante dias esteve paralysada a vida social; presenceou a horrivel execução de vinte e dous piratas em um só dia, e de cinco no immediato, enviados do Rio, e condemnados pela Relação, mas cujo doloroso espectaculo ensombreou tristemente para sempre, na tradição popular, o nome do governador conde de Vimieiro.

Esse alcaide mór que tanta parte deveria ter tomado em todos os acontecimentos daquella epocha, falleceu solteiro a 16 de Agosto de 1727, extinguindo-se assim aquelle cargo nesta illustre familia.

INNOCENCIO GÓES

Janeiro de 1900.

EPHEMERIDES CACHOEIRANAS

POR

Aristides A. Milton

NOVEMBRO

1°. de Novembro

Em 1844, partiu d'esta cidade uma extensa caravana, composta de negociantes, artistas, e cavovouqueiros, em demanda do sitio conhecido por *Mucugê*, nome tirado do pequeno rio que o banha.

Fôra ali que, conforme se propalara, José Pereira do Prado, primeiramente e, depois d'este, alguns aventureiros, tinham apanhado quantidade consideravel de pedras de diamante.

Seguindo-se d'esta cidade pela estrada geral, em direcção de O, se sobe, após uma viagem de 380 kilometros approximadamente, a ladeira do Carrapato. Ahi tem começo, com o nome de Sincorá (ou Cincurá) uma—a primeira—das quatro serranias, componentes da cordilheira que, partindo do sul, e limitando o Estado de S. Paulo com o de Minas-geraes, avança pelo interior do da Bahia. Dividindo, então, as aguas que correm para o rio S. Francisco das que se encaminham para o rio das Contas, e para o Paraguassú aonde o Mucugê despeja, ella afinal entra n'aquelle, e fórma essa soberba maravilha, que se conhece pelo nome de *Cachoeira do Paulo Affonso*.

A povoação do Mucugê passou a ser—ultimamente—cidade de S. João do Paraguassú, e convém reconhecer que é interessante a sua historia.

Como se sabe, a descoberta das *lavras diamantinas* occorrida em setembro do anno já citado, foi causa de uma revolução economica em toda a provincia, hoje Estado, da Bahia.

A zona diamantina, inteira, povoou-se como por encanto, com pessoas emigradas de toda parte do Brazil, e sobretudo de Minas—geraes.

De sorte que, uma grande porção de terreno, deserto em parte, na distancia de 300 kilometros mais ou menos, sendo a menor de 122 para as povoações mais vizinhas então, offereceu seu seio opulento para acolher n'elle—quasi de chofre—uma multidão superior a 30.000 almas.

Entre ellas achavam-se centenas de desertores, e criminosos, attrahidos por duplo interesse: o da impunidade, que a falta de policia lhes assegurava, e o da lavra, que a cobiça lhes aguçava.

E a população foi crescendo, dia a dia. Por isto, agora ali campêam tres cidades e varias villas, fóra o numero elevado de *garimpos*, disseminados pelas comarcas de Lençóes, e do Paraguassú, formadas ambas por essa famosa região, que se desdobra em *chapadas* vastas, a que põem remate concavos rochedos e penedias broncas.

Não fosse a politicagem barbara, torpe, e atroz, que as tem flagellado inclemente, e todas essas localidades estariam—n'este momento—n'um pé de prosperidade invejavel....

A tradição, entretanto, conserva a memoria de uma longa serie de crimes, commettidos n'essas paragens remotas, onde a febre de enriquecer de repente acommettia a todos indomavel e voraz. E, na verdade, muitas fortunas, em uma só hora, surgiram, si bem que para ser dissipadas logo após na hora seguinte.

A justiça, no Mucugê, foi—largo tempo—representada por inspectores de quarteirão. Nenhum respeito á pessoa, ou á propriedade. A lei era ali, desgraçadamente, um mytho.

Para experimentar uma espingarda nova, por exemplo, era alvejado o primeiro transeunte, que descuidado passava !

No curto espaço de dous annos, para cima de 100 malaventurados foram victimas do punhal e do fuzil!

Um bandido, certa noite, ateou fogo a uma casa de palha, pertencente a desaffecto seu Dentro de 50 minutos, as chammas haviam devorado todas as outras casas, construidas tambem de palha, e que eram cerca de 200! O prejuiso d'ahi decorrente para o commercio foi collossal, como indescriptivel o terror, que assaltou então todos os espiritos.

No meio de tanta desordem, de vez em quando os inspectores de quarteirão sentiam certos assômos crueis de energia. Mandavam, *verbi gratia*, seguir para a cadeia da villa do Rio das Contas os presos, a quem os conductores apalavrados deveriam summariamente executar, no sitio denominado *Sumidouro*. Em voltando sós para o Mucugê, tudo os guardas explicavam pela. ..resistencia dos criminosos, que aliás elles haviam recebido perfeitamente algemados!

Em todo o caso, é forçoso confessar—que o cidadão Sulpicio Luiz da Rocha prestou bons serviços de policiamento, em circumstancias tão anormaes.

A prostituição se alastrou pelas Lavras de modo assombroso, e os espectaculos que ella enscenava faziam lembrar, de algum modo, aquelles outros de que foram protogonistas as concubinas de Babylonia.

Tantas ondas de povo que se formavam, se fendiam, se entrechocavam depois, obedeciam todas a duas unicas preoccupações: a de uma especulação mercantil exagerada, e por isto mesmo indecente, e a do deboche, que se exibia ora afidalgado, ora pifio.

Mulheres de vida airada dansavam—completamente núas—o *caxambú* sobre um tapete, figurado por cedulas de differentes valores. E outras que, para accender o cigarro, faziam mécha de uma nota de 50 ou 100$000.

Quanto á descoberta, eis o que consta.

Desde 1842, José Prado e um irmão seu lavravam

no Mucugê muito occultamente, e os diamantes que d'ahi tiravam elles vendiam como procedentes da Chapada-velha. Mas, a qualidade das pedras, que são reputadas melhor do que as outras até agora conhecidas no Estado, despertou suspeitas de tal ordem que na primeira opportunidade, os exploradores foram seguidos por espiões, a quem afinal a verdade se ostentou em todo o seu brilho fascinante e seductor.

E d'ahi por diante, até que certas desillusões fossem conhecidas, notou-se em grande parte do Brazil um exodo, uma tonteira, um delirio.

Como se dizia na cópla, muito em voga ao tempo, e que os trovadores nocturnos garganteavam pelas esquinas das ruas, ao som do popular violão, até— *a moça bonita, de olhos de gato, ia á Chapada, tonante, cavar diamante.*

Corre, entretanto, que a 30 annos passados, o cap. Felix Ribeiro de Novaes, extrahira—ao pé da serra do Gagão—muitas pedras de diamante; tendo, porém, guardado a respeito do facto um silencio impenetravel, como a época do absolutismo exigia.

E, na verdade, o negocio era de encher os olhos....

Imaginem—que, só n'um pôço do rio Mucugê. Vencesláu de tal, tendo mergulhado em certo dia do mez de Outubro de 1844, ao sahir fóra d'agua trazia comsigo *19 oitavas* da preciosa pedra.

E o cap. Rodrigo de Castro, em 14 dias de trabalhos com 30 garimpeiros, apanhou 93 oitavas d'ella.

Por sua vez, José da Silva Dutra extrahiu 14 1/2 oitavas, no sitio denominado *Influencia*, 6 kilometros distante do pôvoado, hoje cidade.

E, assim, outros muitos.

Mas, saber-se, depois de tudo isto, que os Prado morreram na penuria, realmente espanta e contrista!

O mesmo facto, entretanto, havia acontecido já com capitão-mór Bartholomeu Bueno da Silva que, a 10 de Setembro de 1740 falleceu pobre, apezar de de ter sido o descobridor das minas de ouro que abriu em Goyaz.

E porque tenho falado em diamantes, não será descabido recordar aqui—que foi em 1729, no logar denominado Serro-frio, pertencente a Minas—geraes, que Antonio da Fonseca Lobo achou o primeiro diamante do Brazil.

A maior pedra d'essa qualidade encontrada em nosso paiz é a *Grão-mogol*, que se formou em Minas—geraes tambem.

Cuido eu, no entanto, que o maior diamante até hoje descoberto, em todo o mundo, é um que se deve ás minas do Estado livre de Orange. Com o peso de 971 quilates, foi avaliado em 50.000 libras sterlinas. Tem a fórma de um cone truncado, e mede 3 polegadas de altura.

O cafre, que o achou, vendeu-o por 150 libras sterlinas, um cavallo, e uma cadeira.

Que modesto cafre!

O rei dos diamantes pretos, porém, foi encontrado—a 15 de Julho de 1895—n'uma das minas d'este Estado.

Merece, em todo caso, especial menção a pedra, que o sr. Henri Moissau exhibiu perante a Academia de sciencias de Pariz, conforme a *Révue des Révues* noticiou. Elle disse—que essa pedra pesava 733 grammas, vindo a ser por tanto o maior fragmento de diamante preto conhecido até hoje. Sua rigidez era superior á dos diamantes brancos e, assim, foi utilisado para a construcção de perfuradores. Que pena!... Melhor ficaria adornando um collo alabastrino.

O *carbonato*, que se encontra ás vezes ao pé do diamante, tem ultimamente subido muito de valor.

Em 1895, foi apanhado no Brejo da Lama, do municipio de Lençóes, um *carbonato*, pesando 181 oitavas, e avaliado em mais de 160.000$000.

Teve a fortuna de apanhal-o o garimpeiro Sergio Borges de Carvalho, homem de 50 annos de edade, e pobre.

Até então, o maior *carbonato* conhecido pesava 2.240 quilates, e sahira dos Lençóes tambem. Quanto

a esse outro, que acima indiquei, tinha o peso de 3.132 quilates.

Conseguintemente, os maiores *carbonatos*, conhecidos no mundo, sahiram do muncipio dos Lençóes, d'este Estado da Bahia.

—Em 1893, cahiram sobre esta cidade frequentes e grossos aguaceiros, acompanhados de vento rijo, que inundaram, por algumas horas, as ruas principaes.

Foram registrados varios prejuisos materiaes, em virtude do transbordamento dos rios, e consequente interrupção da linha-ferrea.

Soffreu bastante a fabrica de tecidos, denominada *S. Carlos do Paraguassú*.

—Em 1897, a mulher de nome Maria Eulalia, moradora á rua do Sabão, d'esta cidade, deu á luz tres creanças; duas do sexo masculino e uma do feminino. Todas tres falleceram pouco depois de nascidas.

Foi esse o segundo caso de fecundidade, aqui occorrido no anno citado (*Vide* «Ephemeride» de 11 de Maio.)

2 de Novembro

—Em 1738, succumbiu na sua fazenda, situada á margem do rio Paraguassú, Sebastião da Rocha Pitta, que tinha nascido na cidade da Bahia a 3 de Maio de 1660, e foi *o pae da historia do Brazil*, como o Dr. Joaquim Manuel de Macedo o appellida.

A obra, escripta pelo erudito bahiano, e que lhe outhorgou tão merecidos fóros, foi a *Historia da America Portugueza*, ainda agora consultada como precioso manancial de elementos para o estudo aprofundado da época de que elle se occupou.

Rocha Pitta era socio supranumerario da *Academia real da historia portugueza*, estabelecida em Lisbóa.

—Em 1822, o general P. Labatut dirigiu-se ao Conselho interino do governo da Bahia, que funccionava n'esta cidade, então villa, solicitando provi-

dencias, no sentido de lhe serem fornecidos meios e recursos, com que mantivesse o exercito nacional e pacificador.

3 de Novembro

—Em 1801, sua alteza o principe regente de Portugal enviou a cada um dos governadores interinos da Bahia curiosa *tarifa*, mediante a qual quem quer que fosse poderia obter commendas, habitos, e outras quejandas *têtêas*; uma vez que entrasse para o *real erario* com a quantia respectivamente ali taxada.

Como se está vendo, vinha de longe o expediente; e não havia razão de estranhal-o aos tempos do Imperio.

—Em 1855, foi sepultado o tneente-coronel Carlos Joaquim de Magalhães Cirqueira, cidadão que dispunha de notavel influencia popular, e se tornara saliente em diversos acontecimentos politicos, verificados n'esta cidade.

—Em 1868, quando voltava d'esta cidade para seu engenho *Buraco*, sito na freguezia do Iguape, foi de emboscada aggredido—na estrada—o Dr. Pedro Moniz Barretto de Aragão, depois barão do Rio das Contas, a quem feriram gravemente, sobretudo na cabeça.

Do processo, instaurado em zazão d'esse crime que, sem duvida, causou geral sensação, já tratei n'outra ephemeride (*Vide* a do *1.º de Janeiro.*)

4 de Novembro

—Em 1849, celebrou solemne e concorrida sessão a *Polytechnica cachoeirense*, a primeira sociedade litteria, creada n'esta cidade com elementos vigorosos de vida que, apesar d'isto, foi ephemera, qual tem sido a de todas as associações congeneres aqui fundadas.

5 de Novembro

—Em 1822, o general portuguez Madeira de Mello escreveu a varios proprietarios do reconcavo, lhes pedindo parecer sobre o *melhor modo de descarregar a vara da justiça, somente contra os chefes da rebellião e da perfidia . . .*
Dizia elle—em seguida—que *desejava não confundir os innocentes com os culpados.*
Como se está vendo, o general se referia ao movimento para a independencia, que começara n'esta cidade, então villa.
—Em 1859, pelas 6 1/2 horas da tarde desembarcaram n'esta cidade suas magestades imperiaes o sr. d. Pedro II e sua augusta consorte d. Thereza Christina Maria.
Os illustres viajantes foram recebidos com as mais vivas demonstrações de regosijo e respeito.
Formou toda a guarda nacional do municipio, em grande paráda. A camara municipal, incorporada e levando seu estandarte á frente, compareceu para entregar ao imperador as chaves da cidade; cerimonia singular que se realisou n'um grande barracão preparado no largo dos Arcos.
Em seguida, foi cantado—na egreja Matriz—um solemne *Te-deum*, a que assistiram tanto os imperantes, como todas as autoridades civis e militares.
A' tribuna sagrada subiu fr. João do Carmo que, depois, recebeu as honras de pregador imperial.
O povo, curioso e satisfeito, tomou parte activa e directa em todos os festejos, acclamando frequentemente a familia imperial.
Foi sumptuosa a ornamentação das ruas, que por tres noites consecutivas estiveram illuminadas *a giorno*.
O sr. d. Pedro, durante a sua permanencia aqui, visitou as repartições publicas e muitos estabelecimentos particulares. A' Sancta Casa de Misericordia, onde esteve no dia 8, sua magestade fez a esmola de 2.000$000.
D'aqui seguiu o imperador para a Feira de Santa

Anna, então villa, sendo acompanhado por centenas de cavalleiros. Ahi teve o sr. d. Pedro condigna recepção.

No dia 9, pelas 2 horas da tarde, os nobilissimos hospedes regressaram para a cidade da Bahia, a bordo do vapor *Pirajá*, em que tinham vindo; e foi geral a saudade, que essa partida causou.

Trinta annos depois, o sr. d. Pedro II era desthronado, e banido pela republica victoriosa.

E, a 4 de Dezembro de 1891, elle exhalava o derradeiro suspiro em Pariz, d'onde seu corpo foi conduzido para Portugal, afim de que repousasse ao lado de seus avoengos.

A imperatriz—d. Thereza Christina, ralada por decepções e amarguras, dorme o somno eterno em terraestrangeira tambem.

Colheu-a inexhoravel a morte, muito antes do esposo amado; fechando assim o cyclo da desgraça pungitiva e suprema, que fulminou rainha tão desditosa, apesar de ser exemplo de virtudes.

Sic transeat gloria mundi!

6 de Novembro

—Em 1822, o Conselho interino do governo da Bahia, cuja séde era n'esta cidade, então villa, creou—a thesouraria, o commissariado geral, e a auditoria de guerra, para o exercito pacificador.

—No mesmo anno, aqui chegou—á tarde—o marechal João Chrysostomo Callado, que andava inspeccionando os corpos de milicia da provincia.

Recebido com as honras devidas ao seu elevado pôsto, o general passou revista aos batalhões 113 de infanteria, e 42 de cavallaria, bem como ao 4.º côrpo de artilheria.

—Em 1859, o presidente da provincia Herculano Ferreira Penna, que se achava n'esta cidade, acompanhando o imperador, expediu varias ordens, no sentido de ser immediatamente socorrido o sertão, e sobretudo as Lavras Diamantinas, que estavam sendo flagellados pela secca.

Em 1860, a pavorosa calamidade, a despeito das providencias tomadas, assumiu proporções collossaes. como só no seculo anterior tinham sido attingidas.

—Em 1894, a 1 hora da tarde, se espalhou n'esta cidade a noticia de haver se revoltado, no porto do Rio de Janeiro, parte da armada nacional, chefiada pelo contra—almirante Custodio José de Mello.

Muita gente se manifestou desde logo favoravel ao movimento, posto que ninguem d'aqui seguisse para auxilial-o.

Naturalmente, porque..... era longe.

7 de Novembro

—Em ,1753, o senado da camara—d'esta cidade, então villa, mandou—que o artista Victorio de Jesus pintasse a sala das audiencias, no paço municipal recentemente construido. E recommendou muito ao artista—que, no fôrro respectivo, exculpisse as armas da respeitavel corporação.

De tal pintura nenhum vestigio mais existe, e não ha documento, que nos possa dar idéa do brazão cachoeirano.

Que pena!

—Em 1799, foi expedido um regulamento para barcos e lanchas, em virtude do qual se cobrava d'aqui para a capital, e vice—versa: 320 rs por frete de pipa; barril de 4.º— 80 rs. estando cheio, e 40 rs. estando vasio.

Hoje, se cobra por pipa 10$000, e por barril de 5.º—2$000 (cheio).

—Em 1822, seriam 4 horas da madrugada, embarcou —depois de uma significativa despedida—a deputação que se achava na Barra do Rio das Contas, e seguiu para o Rio de Janeiro, onde se deveria entender com o imperador d. Pedro I, em nome do Conselho interino do governo, que aqui fôra installado.

—Em 1837, rompeu na cidade da Bahia a grande revolução conhecida pelo nome de *Sabinada*, por ter sido seu principal chefe o Dr. Francisco Sabino Alves da Rocha que, depois de vencido, foi degredado

para Matto-grosso, onde falleceu a 25 de Dezembro de 1846, tendo sido sepultado na fazenda *Santo Antonio de Jacobina*, do termo de S. Luiz de Cáceres. Em 1896, os restos mortaes do illustre cidadão foram transferidos para a capital da Bahia.

Tinha sido condemnado o Dr. Sabino á pena ultima pelo Jury d'essa cidade, em sessão de 2 de Junho de 1838, foi confirmada a sentença pelo Jury da villa de S. Francisco. O réo appellou, mas a Relação do districto, por *accordam* de 20 de Julho de 1839, negou provimento ao recurso interpôsto.

O Poder moderador, afinal, commutou aquella pena em degredo, que o Dr. Sabino cumpriu, como acima já referi.

Era objectivo da revolução, segundo se propalou, declarar a provincia da Bahia, separada do imperio para constituir um Estado autonomo e livre, até que d. Pedro II chegasse á maioridade.

Os revolucionarios, que ficaram sendo conhecidos pelo nome de *raposas*, como pelo de *perús* eram chamados os legalistas, publicaram muitos editaes, e bandos, libertando escravos que a elles haviam se juntado, e proclamando aos habitantes da provincia, cujo apoio queriam conquistar.

Foram muitas as pessoas da capital, que immigraram para aqui, seguramente por se ter a população d'esta cidade, em sua grande maioria, manifestado em favor do governo constitucional. E para prova, marcharam d'aqui batalhões da guarda nacional, e corpos de voluntarios, que concorreram para bater os rebeldes.

Aqui, tambem, foram julgados muitos dos implicados no movimento; e ainda em Janeiro de 1839 foi absolvido, pelo Jury, um d'elles—Antonio José de Sá Freire Mattos.

D'aqui, finalmente, era natural o Dr. João Carneiro da Silva Rego, filho, que assumiu posição muito saliente na *Sabinada*.

A 16 de Março de 1838, a revolução terminou, entrando a força do Governo na capital, que tinha sido incendiada em parte, e achava-se em poder

dos rebeldes, desde que o presidente da provincia. a 7 de Setembro do anno anterior, havia se retirado para a villa de S. Francisco.

Quando o Dr. Sabino, derrotado, foi preso afinal, mandaram-no para bordo da corveta *7 de Abril*, onde poseram-no a ferros, de sentinella a vista. O Dr. Sabino, que era cirurgião—mór do exercito, se tinha já celebrisado nos ataques que, a 7, 8 e 9 de Janeiro de 1822, a ilha de Itaparica soffreu das náus luzitanas. (*Vid. ephem.* de 29 de Outubro)

N'outras *ephemerides*, vão apontados episodios e factos da *Sabinada*, que têm mais intima relação com a Cachoeira.

8 de Novembro

—Em 1760, fugiram do convento da Palma, na cidade da Bahia, dois frades Agostinhos, que ali se achavam presos, e tinham de ser enviados para a ilha de S. Thomé, por ordem superior.

A passagem d'esses religiosos estava já contractada, por 64$000, com o commandante da corveta *Nossa Senhora do Crato*, que se prestava a levar egualmente, sem alteração de preço, o rev. fr. Manoel do Rosario, que acompanharia—como guarda—os collegas desterrados.

Consta—que um dos fugitivos veio aqui ter, e contou tudo quanto soffrera no *tronco*, em que lhe haviam mettido os pés, durante muitos dias.

O presidente da communidade requisitou auxilio do braço secular, afim de punir os culpados, que se chamavam fr. João Baptista, e fr. Manoel de S. Joaquim.

Em todo o caso, fica provado—que *o tronco* é uma instituição antiga, entre nós. Primeiro, serviu elle para os frades; para os escravos, depois e, finalmente, para os que—na roça—incorriam no desagrado de autoridades policiaes desbragadas.

—Em 1822, foi ferida notavel batalha entre as forças brazileiras, e as luzitanas ao mando do general Madeira de Mello, que occupava ainda a cidade da Bahia.

N'essa gloriosissima jornada de que sahiram triumphantes as armas nacionaes, distinguiu-se assás o contingente que d'esta cidade, então villa, marchara sob commando do coronel Rodrigo Antonio Falcão Brandão, e que no momento do combate havia tomado posição no sitio denominado *Coqueiro*, na eminencia á cavalleiro da ilha de Joannes.

—Em 1865, chegaram a esta cidade, vindos de Sancta Izabel do Paraguassú, hoje S. João do Paraguassú, com destino á guerra do Paraguay, 112 *voluntarios da patria.*

—Em 1874, falleceu n'esta cidade, onde tinha nascido, o tenente Antonio Francisco dos Santos, que—por muitos annos—fôra collector das rendas provinciaes, e possuira em tempo fortuna mais que regular.

Os ultimos annos da vida, no entanto, lhe foram de lutas e privações.

—Em 1886, foi sepultado—em S. Felix—onde residia desde muitos annos—o tenente Luiz Eloy Salomon, que era perito guarda-livros, um dos juizes de paz da freguezia, e sobretudo poeta de um lyrismo suavissimo.

Nascido em S. Paulo, se *naturalizara* comtudo bahiano,e particularmente san-felixta, de todo seu coração.

Larga mésse de sympathias conquistou com facilidade o excellente amigo, pôndo em evidencia os dotes preciosos de su'alma.

Quando elle morreu, contava pouco mais de 50 annos.

—Em 1892, o papa Leão XIII reorganisou a hierarchia ecclesiastica do Brazil.

Todo o territorio da republica foi dividido em duas partes: a do norte, e a do sul. Do norte ficou sendo metropolita o arcebispo de Bahia. do Sul o arcebispo do Rio de Janeiro.

Como suffraganeas da Bahia, foram designadas as egrejas episcopaes de Belém do Pará, S. Luiz do Maranhão, Fortaleza e Goyaz (antigas), Amazonas e Parahiba (creadas n'aquella data). Para a metropole

do Rio foram designadas, como suffraganeas, as egrejas episcopaes de S. Pedro do Rio-grande do sul, S. Paulo, Marianna, Diamantina, e Cuyabá (antigas), Nictheroy, e Coritiba (creadas na referida data).

Em 1896, foi creado o bispado do Espirito-Sancto, suffraganeo da metropole do Rio.

Em 1900, foram creados mais: um terceiro bispado em Minas, e um em Alagoas, a saber, aquelle ao sul e este ao norte.

Esta divisão nos deixou no mesmo logar, isto é, sob a jurisdicção do arcebispo da Bahia.

9 de Novembro

—Em 1865, seguiram d'esta cidade para a da Bahia, com destino á guerra do Paraguay, 112 *voluntarios da patria*, que dias antes haviam chegado de Sancta Izabel (hoje S. João) do Paraguassú, sob commando do ten-coronel Francisco José da Rocha Medrado, sobrinho.

—Em 1867, falleceu victimado por uma pustula maligna o Dr. Sulpicio Geminiano Barroso, nosso conterraneo, clinico distincto, e cidadão estimabilissimo.

Por algum tempo, leccionara elle a lingua franceza em sua propria casa, e depois no collegio *Conceição*, fundado n'esta cidade por Francisco Querino Bastos.

Recommendavel especialmente por sua modestia, contava o Dr. Sulpicio selecto numero de amigos.

Era maior de 50 annos.

—Em 1879, foi instalada n'esta cidade uma loja maçonica, denominada *Caridade e segredo*, que ainda hoje funcciona.

Nenhuma *officina* existia então aqui, muito embora em outros tempos algumas houvessem já trabalhado.

A todas ellas, porém, certas rivalidades inutilizaram completamente, tendo deixado triste memoria as que separaram *beneficios* e *maçons* em dois campos furiosamente hostis.

De modo que, estas associações tornavam-se motivo

de odios e conflictos, que assumiram—por vezes—proporções assombrosas, em logar de constituirem, como haviam promettido. doces recessos de amor e de paz.

10 de Novembro

—Em 1779, o senado da camara d'esta cidade então villa, mandou vir á sua presença diversos individuos, a todos os quaes intimou formal e publicamente *para que não lavassem mais, nem fizessem immundicies no rio Pitanga.*

Ainda hoje, a intendencia municipal tem que lutar com muita gente, para impedir uma infracção, condemnada aliás desde o seculo ante-passado!

A raça latina é assim mesmo...

O seu prazer maior consiste em desobedecer ás ordens da autoridade....

—Em 1822, o Conselho interino do governo da Bahia, cuja séde era n'esta cidade, então villa, fez publicar um *bando*, em que convidava o povo para se alistar na guarda civica, por elle creada para a defeza local. E nomeou para commandal-a o capitão-mór João Dantas dos Reis Portatil, que era membro do mesmo Conselho.

A guarda deveria se compôr de 140 praças.

11 de Novembro

—Em 1822, o general P. Labatut, officiando ao Conselho acima indicado, lhe communicou—ter cabido definitivamente a victoria aos brazileiros, na acção ferida no dia 8 do mesmo mez; porquanto, elles apenas tinhão tido 5 mortos e 11 feridos ao passo que o inimigo, além de grande numero de mortos, deixara 5 prisioneiros, e recolhera para cima de 200 feridos.

12 de Novembro

—Em 1822, reunido n'esta cidade, então villa, o supradicto Conselho, deliberou participar immediatamente a todas as camaras da provincia, e proclamar

aos bahianos em geral, o facto auspicioso de haver sido acclamado, a 12 do mez anterior, na côrte do Rio de Janeiro, o principe regente D. Pedro como imperador do Brazil.

Eis a proclamação:

«*Habitantes do reconcavo*! O Conselho interino do governo d'esta provincia se apraz em communicar-vos--que o magnanimo defensor da independencia politica do Brazil, o nosso augusto regente, acaba de ser elevado pelo amor dos brazileiros á dignidade de imperador constitucional do Brazil, em reconhecimento de suas virtudes, e de protestar a mais energica actividade em prestar-nos efficazes soccorros, além d'aquelles que já mandou.

O poderoso apoio de um joven imperador, guerreiro e justo e a presença de um general perito e valoroso, acrysolando o nosso enthusiasmo, exaltando a nossa coragem, e centuplicando os nossos recursos, nos affiançam gloriosas vantagens sobre as novas cohortes dos infames satelites do centumvirato de Lisbôa.

Mas, comquanto nos possamos augurar o afortunado exito da sagrada causa, em que somos empenhados, a prudencia requer que nos lembremos da possivel hypothese de ser acommettido o beira-mar do reconcavo pelos crueis janizaros de Portugal, ora animados com a recem-chegada expedição.

E cumprindo—em caso tál—privar os inimigos de todos os recursos, e não expôr victimas inermes ao seu furor e sanha, é de mister que o Conselho, não só em desempenho da confiança que n'elle haveis depositado, senão em observancia do real decreto do 1° de agosto d'este anno, advirta e recommende aos cidadãos, e familias dos logares maritimos do reconcavo, que tenham em bom recato o seu precioso, e que se vão prevenindo de habitações no interior, para onde se retirem com seus gados e fabricas.

Habitantes do reconcavo. Esta necessaria medida importa a nossa segurança, e a ruina infallivel dos nossos barbaros invasores; é quanto basta para que seja adoptada, apezar dos incommodos e sacrificios, pelos briosos e fieis bahianos. Não presteis attenção

a terroristas, que por ventura poderão envenenar esta salutar providencia; o progresso da nossa causa é notorio, e o nosso triumpho certo, infallivel.

Confiai no Governo, que vos protegerá com a solicitude, que lhe mereceis; no valente general Labatut, que vos defenderá com a desteridade, que nos promettem seus talentos e gloria militar, e no exercito pacificador, cuja bravura principia de encetar a colheita dos louros de que é digno.

Viva o imperador constitucional!

Sala das sessões na villa da Cachoeira, em 12 de novembro de 1822.

—Francisco Elesbão Pires de Carvalho e Albuquerque, presidente--Miguel Calmon du Pin e Almeida, secretario--Antonio José Duarte de Araujo Gondim --Manoel José de Freitas--José de Mello Varjam--Manoel dos Santos Silva--João Dantas dos Reis Portatil.»

Ao mesmo tempo, o Conselho tomou providencias para garantir sua correspondencia official, e a administração da Bahia, em nome de s. m. o imperador constitucional. E tratou de deferir aos que ainda não havia feito o juramento de obediencia ao mesmo senhor; adiando, entretanto, para occasião mais tranquilla os festejos, commemorativos do notaval acontecimento.

Foi o general Labatut quem transmittiu, officialmente ao Conselho a noticia da acclamação, e lhe remetteu ao mesmo tempo o n. 95 do *Espelho*, periodico em que vinha descripta com todas as minudencias aquella solemnidade.

—Em 1831, respondendo ao officio que a camara municipal d'esta cidade, então villa, havia lhe dirigido, exigindo o pagamento de 16.000$000 de que se julgava credora, o presidente da provincia declarou--que a dicta somma passara por emprestimo á camara da capital de quem deveria ser cobrada, nos termos da resposta, que em 1829, já tinha s. exa. dado.

Esse dinheiro fôra tomado pelo Governo, em 1793; e o resultado todos estão naturalmente adivinhando; a municipalidade, como parte mais fraca, perdeu-o.

1892, tendo sido sempre um soldado valente e audaz.

16 de Novembro

—Em 1810, uma carta régia conferiu ao Conde de Arcos, capitão-general e governador da Bahia, a incumbencia de angariar donativos, afim de serem resgatados os 615 portuguezes, que desde muito eram prisioneiros do bey de Tunis.

A Cachoeira contribuiu com a sua quota para tão bella obra de caridade.

—Em 1822, partiu desta cidade, então villa, para Itaparica, João de Oliveira Botas, tenente, encarregado pelo Governo Provisorio de crear uma força naval para defesa da ilha, que tem aquelle nome.

O eminente patriota poude levar a termo o seu bem delineado plano, e a 8 de Dezembro seguinte conseguiu sahir incolume, escoltando 18 barcos, abarrotados de mantimentos, para o rio Cotegipe.

—Em 1822, tambem, o sargento-mór Antonio Maria da Silva Torres, inspector das fortificações, achando-se na Saubara, reclamou do Conselho interino do governo algumas providencias, mediante as quaes *afiançava* a segurança da Cachoeira, e de todo o seu districto.

—Em 1837, chegou a esta cidade, o novo presidente da provincia—Antonio Pereira Barretto Pedroso.

E á Itaparica, para onde d'aqui partira, o coronel Antonio de Souza Lima, que assumiu sem demora o commando da força militar, e cuidou de guarnecer a fortaleza, montar peças, e expedir varias providencias, afim de se oppôr mais efficazmente aos rebeldes.

Aqui—por sua vez—tambem vieram ter os generaes João Chrysostomo Callado, e José Joaquim Coelho que chegara, de Pernambuco, trazendo 500 praças.

—Em 1856, a Meza administrativa da Ordem Terceira do Carmo, d'esta cidade, resolveu elevar a 1$280 o salario do escravo Raphael, que pertencia á dicta Ordem. Mas, passada que fosse a carestia de

viveres então reinante, aquelle salario voltaria a ser de 1$000 por semana, ou 140 rs. por dia.
Que regalo!

17 de Novembro

—Em 1812, o principe regente de Portugal mandou que fosse entregue á *Real junta do commercio, agricultura, fabricas, e navegação do Estado do Brazil e dominios ultramarinos* a machina, que fizera vir de Calcutá para imprensar fardos de algodão.
Cumpria á *Junta* utilizar-se da dicta machina, «pela maneira que mais conveniente lhe parecesse.»
De frete se pagou pelo *minimo* 2:372$170.
O peior foi que ninguem d'esta cidade, então villa, conseguiu lobrigar sequer a tal machina, apezar de terem ido muitas pessoas de proposito para vel-a. . .
O segredo havia de aproveitar muito, pois não!

18 de Novembro

—Em 1841, um juiz de paz de S. Felix, franco de mais, declarou—que n'um certo quarteirão do districto não existia pessoa habilitada para ser inspector.
Os tempos, agora, estão mudados. Hoje não ha inspectores, nem lá nem cá, porque todas as pessoas são habilitadas de mais para cargo. . . tão modesto.
—Em 1883, se realisou com inexcedivel brilhantismo a *manifestação* politica de que foi alvo o Dr. Honorato Antonio de Lacerda Paim, depois Barão de Lacerda Paim.
N'um *trem* especial da estrada de ferro, cêrca de 100 senhoras, e numero muito superior de cavalheiros, encaminharam-se para a fazenda *Serra da Conceição*, freguezia da Conceição da Feira, onde reside o prestimoso titular.
Iam todos cumprimental-o pela nova attitude, que elle havia assumido, com os seus amigos da parochia, na politica do districto.

Uma excellente philarmonica tomou parte na brilhante *manifestação*.

A casa de morar e todo o estabelecimento rural do distincto cidadão se achavam com luxo e gosto ornamentados.

Os visitantes foram recebidos ao espoucar de foguetes, e sob uma chuva de flores.

Diversos arcos de folhagem, todos encimados por bandeiras e gaihardêtes davam ao terreiro da *Serra* um ar festivo e jucundo.

Passou-se um dia feliz n'essa deliciosa vivenda, e durante elle houve dansas animadissimas e refeições principescas, tendo se trocado—ao jantar—brindes eloquentes e numerosos.

Não pode por alguem ser excedida a gentileza, com que o illustre amphytrião soube acolher os seus hospedes, revelando-se em tudo um verdadeiro fidalgo.

Ah! Bem custoso será se organizar aqui outra festa, egual a essa de que guardo a recordação mais viva e saudosa, pungida, entretanto, pela certeza de que muitas das pessoas que n'ella tomaram parte dormem, agora, nos braços hirtos da morte, o somno de que não se acorda jámais!

19 de Novembro

—Em 1822, a guarda avançada das tropas d'esta cidade, então villa, collocada na Saubara, tendo soffrido, na vespera, grandes ataques dos portuguezes inimigos, tratou de bem regular as suas operações de guerra.

Com este fim se reuniram, lavrando logo após um termo, em Conselho militar, o sargento-mór Antonio Martins da Silva Torres, commandante das forças da villa, Ignacio Joaquim Ferreira Lisboa, capitão-commandante da companhia de *Bellona*, Francisco Lopes Duarte Vianna, tenente-commandante da Companhia de *Jequiriçá*, Manuel Rocha Galvão, tenente da companhia de *Bellona*, e Manuel

José Rodrigues da Silva, alferes d'esta ultima companhia.

—Em 1837, prestou juramento e tomou posse do governo, perante a camara municipal d'esta cidade, por achar-se impedida a da Bahia, o presidente da provincia, hoje Estado, Antonio Pereira Barretto Pedroso.

O seu antecessor — Desembargador Honorato José de Barros Paim, esteve presente ao acto, que foi revestido da maior solemnidade.

O novo presidente proclamou, no mesmo dia, aos bahianos, affirmando-lhes — « que não conheceria um momento de repouso, emquanto a provincia tivesse na sua capital o bando de rebeldes que a conspurcavam. »

—Em 1838, se finou n'esta cidade o capitão-mór José Antonio Fiuza, proprietario de uma grande cinta de terras, aqui mesmo situadas, e de mais outros bens da fortuna.

—Em 1878, rendeu o espirito a Deus o nosso conterraneo Cons. Salustiano Ferreira Souto, que morava na cidade da Bahia, onde exercitava extensa clinica, e era cathedratico da Faculdade de Medicina.

Representara a provincia, por mais de uma vez, na camara dos deputados.

Declarada a guerra do Paraguay, pôz o Cons. Souto seus serviços á disposição do governo; e, vindo para esta cidade, em muito auxiliou a creação de mais um corpo de *voluntarios*.

Apezar de tuberculoso desde moço, o Cons. Souto logrou viver muitos annos, graças a uma hygiene rigorosa que observava.

—Era homem de salão, e adorador do bello sexo.

Em 1890, o Conselho Muuicipal deliberou mudar os nomes de algumas das ruas d'esta cidade. A 17 de Dezembro tomou providencia egual, com relação a outras ruas. E, finalmente, a lei n. 25 de 18 de Maio de 1897 deu nome a umas e mudou o de outras, com o fim de perpetuar a memoria de varios cachoeiranos illustres.

Nem todo nome novo, porém. . . calhou.

20 de Novembro

—Em 1822, o Conselho interino do governo da provincia da Bahia, cuja séde era n'esta cidade, então villa, approvou e fez publicar o plano de organização da *guarda civica*, instituida para defeza interior da dicta villa.

—Em 1837, o presidente Barretto Pedroso dirigiu proclamação especial aos soldados, que se tinham deixado ficar na cidade da Bahia.

N'esse importante documento, datado d'aqui, convidava o delegado do governo imperial áquellas praças a *se extremarem dos criminosos* (eram estes os «raposas»), *evitarem-os, e correrem aos braços de seus companheiros e fieis camaradas.*

—Em 1872, falleceu, com edade superior a 70 annos, o capitão João Xavier de Miranda, que occupara n'esta cidade varios cargos publicos, e dispozera de influencia popular.

Em épocas difficeis, o capitão Miranda prestara bons serviços á causa legal; e, na qualidade de juiz de paz, teve de condemnar alguns revolucionarios, concorrendo assim para victoria do Governo, e completo restabelecimento da ordem publica.

Nascera na freguezia do Pedrão.

—Em 1877, finou-se na cidade da Bahia, onde desde muito tempo morava, o nosso conterraneo tenente-coronel Manuel Jeronymo Ferreira, secretario aposentado da respectiva camara municipal, e ex-membro da assembléa legislativa da provincia, hoje Estado. Era maior de 60 annos.

Marchara voluntariamente para a guerra do Paraguay.

—Em 1889, a camara municipal e o povo d'esta cidade adheriram formalmente ao regimen republicano, que o exercito e a armada haviam, no dia 15 de Novembro, acclamado no Rio de Janeiro.

Do acto foi lavrada a acta a seguir:

«A 1 hora da tarde do dia 20 do mez de Novembro do anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1889, reunidos—no paço da ca-

mara municipal da heroica cidade da Cachoeira— os Srs. vereadores capitão Rosalvo de Menezes Fraga, advogado José Almachio Ribeiro Guimarães, major Manuel Alves Mascarenhas, capitão José Augusto Peixoto, e Sabino Santiago da Motta, sob a presidencia do Exm. Sr. Barão de Belém, foi aberta a sessão.

Em seguida, o Exm. Sr. presidente declarou que— á vista dos ultimos acontecimentos, occorridos na cidade do Rio de Janeiro, na capital da Bahia, e outros pontos do paiz, onde havia sido proclamado o systema republicano como fórma de governo, resolvera convocar extraordinariamente a camara, afim de que ella deliberasse sobre a attitude que lhe cumpre tomar, prestando ou não sua adhesão ao novo regimen.

O Sr. vereador capitão Rosalvo Fraga, pedindo em seguida a palavra, depois de algumas ponderações, leu os telegrammas, que haviam sido dirigidos á camara, e vão abaixo transcriptos; e propoz que, de accordo com a vontade manifestada pelo povo, e por bem da nação:

1.º Fosse por esta camara, em nome do seu municipio, proclamada a Republica Federal dos Estados-Unidos do Brazil, e reconhecido o seu governo.

2.º Fosse desfraldada, na frente do edificio da municipalidade, a bandeira d'este Estado da Bahia.

3.º Que fossem convidadas todas as autoridades e funccionarios para protestarem fidelidade ao novo regimen.

Pôsto em discussão o requerimento, não houve quem falasse sobre elle; e, passando a ser votado, foi approvado por todos os votos dos vereadores presentes.

Então, o presidente da camara ergueu um *viva* á Republica do Brazil, o qual foi enthusiasticamente correspondido pelos outros vereadores, autoridades, e cidadãos presentes; muitos dos quaes vão assignados na presente acta.

Acclamada, assim, a Republica, foi immediata-

mente içada, na janella central do paço da mesma camara, a bandeira do Estado da Bahia. que foi saudada por fervososas e repetidas acclamações.

Em acto continuo, foi lida a proclamação, que a camara resolveu dirigir aos seus municipes, e distribuida profusamente pelos cidadãos presentes; indicando o Exm. Sr. presidente—que, tanto esta acta, como as proclamações, fossem transcriptas em um livro especial: o que foi unanimemente approvado.

Depois do que, o Exm. Sr. presidente levantando-se, e bem assim os demais vereadores, prometteram todos fidelidade ao novo regimen republicano: seguindo-se—na mesma promessa—todos os cidadãos presentes, o que fizeram em alta e solemne voz. E em fé do que o fizeram, assignam a presente com a camara, que mandou lavrar esta para constar. Os telegrammas são do theor seguinte:

S. P.—Repartição geral dos telegraphos. Estação da Cachoeira, 18 de Novembro de 1889. — *Telegramma-circular.* — Presidente da Bahla. em 18, á camara municipal da Cachoeira. — Com grande acclamação do povo, e na melhor ordem possivel, acabo de prestar juramento perante a camara municipal, e tomar posse do governo d'este Estado. (Assignado) *Virgilio C. Damasio.*

Repartição geral dos telegraphos.—Estação Cachoeira, 19 de Novembro de 1889.—*S. P.* Procedente da Bahia, em 19.—Do governador do Estado da Bahia á camara municipal da Cachoeira.—O governo republicano está definitivamente constituido. A camara municipal da capital prestou juramento fidelidade. Toda a população adheriu com enthusiasmo. O governo do Estado da Bahia, investido de plenos poderes pelo chefe do Poder Executivo. General Deodoro, e ministerio constituido. Communico o facto a essa municipalidade, e convido-a a adherir, e prestar juramento de fidelidade ao novo regimen. Palacio do governo da Bahia, 19 de Novembro de 1889.—(Assignado) *Virgilio Damasio.*

Eu, Antonio Lopes de Carvalho, sobrinho, secre-

tario a escrevi.—Barão de Belém, p.—Rosalvo de Menezes Fraga.—Antonio Ferreira Carvalho Mascarenhas.—José Augusto Peixoto.—Manuel Alves Mascarenhas.—Sabino Santiago da Motta.—José Almachio Ribeiro Guimarães.—Antonio José de Castro Lima, juiz de direito.—Pedro Vicente Vianna, juiz dos orphãos.—Alferes Manuel Machado de Souza Pinto, commandante do destacamento do exercito.—Affonso Glycerio da Cunha Maciel, engenheiro fiscal da estrada de ferro «Central».—Genesio de Souza Pitanga, subdelegado em exercicio.—José Ferreira Vieira Formiga, proprietario e redactor do Jornal *O Tempo*.—José Joaquim Villasboas, redactor d'*O Americano*.—João Antonio Antunes, gerente d'*O Gurany*.—Annibal Rodrigues Seixas, redactor d'*A Ordem*.—José Ruy Dias d'Affonseca, juiz de paz.—Reinerio Martins Ramos, tenente-coronel commandante do batalhão n. 18 da guarda nacional.—Francisco Xavier Vieira Gomes.—Diogo de Andrade Vallasques, professor publico.—José Corrêa da Silveira e Souza.—José Maria Belchior.—José Marciano Gomes da Rocha.—Arsenio Rodrigues Seixas.—João da Matta Rocha Lima, delegado em exercicio.—José Ramiro das Chagas.—Dr. José Pereira Teixeira.—Joaquim Antonio da Silva Carvalhal.—José Antonio de Souza Lopes.—Joaquim Manuel de Sant'Anna.—Helvecio Vicente Sapucaia.—Jeronymo José Albernaz, tabellião vitalicio.—Satyro da Silva Pinto, escrivão do Jury vitalicio.—Manuel Xavier de Miranda, collector provincial.—Segefredo Ataliba Galvão, escrivão de orphãos.—Augusto Cezar Estrella, administrador das obras municipaes.—Ricardo José Ramos.—Augusto Moreira Sampaio, escrivão de collector. provincial.—Leolino Cunha.—Hermillo da Silva Fraga, subdelegado de S. Felix.—Guilhermino Moreira Mendes da Costa.—Dr. Virgilio Cezar Martins Reys.—Horacio Mendes da Silva, 2.° juiz de paz de S. Felix.—Carlos Rodrigues Moreira.—Francisco de Salles Dias d'Affonseca.—João Urbano de Souza Salles.—José da Costa Ferreira, presbytero regular.—João Vaz de Carvalho.—Joaquim

Florindo Lopes.—ClementinoMenezes Albuquerque. —Luiz Alves Dantas de Amorim, official honorario do exercito.—Thomaz Ferreira da Silva.—João do Carmo Pereira de Castro.—Adolpho Martins Reys.—Joaquim Ignacio Albernaz.—Fabriciano Martins de Oliveira Castanho.—Augusto Gomes dos Santos.—Herminio Pedreira de Souza.—Carlos Bernardino Freire.—Carolino R. da Franca Neves —Odilon Cavalcante de Albuquerque.—O carcereiro, Manuel Xavier Pinheiro.—Turibio Ferreira Gomes.—Jovino Ferreira Coelho.—Pamphilo Gonsalves Chaves.—Virgilio Ferreira Motta. — Hormino Martins Curvello.—Manuel Falcão —Pedro Simões de Freitas.—Antonio Ribeiro de Araujo. — Vicente Ferreira de Queiroz.—Manuel do Nascimento Milton.—João Casemiro Barbosa.—Germino Augusto de Amorim.—Hygino Cavalcante de Menezes, escrivão effectivo da subdelegacia de S. Felix.—Aristides Nonato da Paixão.—Theodoro Luiz da Rocha Lima.—Manuel Florentino de Souza Mattos.—Vicente Levite Pereira Seixas.—José Maria Baraúna. — Ervidio P. Souza Velho.—Manuel Moreira Dias Bastos.—Juvenal Ribeiro Guimarães. — Marcellino Telles de Menezes.—José Baptista de Souza, fiscal geral da municipalidade. — Fortunato dos Santos Costa.—Laudelino Guilherme Tinôco—Hermillo Gomes.—Antonio Corrêa da Silva, fiscal clavicularío.—Ignacio José de Freitas, porteiro interino na municipalidade.—Aristides A. Milton. »

21 de Novembro

—Em 1837, João Carneiro da Silva Rêgo, vice-presidente da *Sabinada*, lançou nova proclamação, destinada especialmente ao habitantes do reconcavo, para que estes adherissem á revolução, cujo exito parece que não tinha correspondido ás suas esperanças.

22 de Novembro

—Em 1610, um alvará do rei de Portugal declarou —que os desembargadores não poderiam se casar no Brazil!

Esta singular prohibição foi modificada por outro alvará — o de 27 de Março de 1734, pelo qual Sua Magestade mandou — que os dictos desembargadores não se casassem, antes de obter para isto uma licença especial.

No entanto, El-Rei — ainda por outro alvará, o de 3 de Fevereiro de 1615, tinha ordenado — que aquelles magistrados *trouxessem suas mulheres para cá.*

De modo que, si o caso não fôr bem destrinçado, fará suppôr — que os taes juizes, apezar de sua austeridade, deixavam *lá* ficar as consortes, e aqui tratavam de esposar a primeira mameluca ardente e carnuda, que lhes cahia debaixo dos olhos esbugalhados. . .

—Em 1822, o general P. Labatut se dirigiu por officio ao Conselho interino do governo da Bahia, que funccionava n'esta cidade, então villa, communicando—que na vespera havia mandado fuzilar 51 *pretos*, aprisionados nas immediações de Pirajá com as armas na mão; e simultaneamente surrar 20 mulheres, tambem *pretas*, que os acompanhavam.

Madeira de Mello, o general portuguez, foi quem tal gente expedira contra Labatut. . .

—Em 1822, tambem, a deputação nomeada pelo supradicto Conselho para ir ao Rio de Janeiro felicitar D. Pedro I pela sua acclamação. tendo se reunido a outras, que levavam a mesma incumbencia, foi recebida—ao meio dia—no paço imperial. Todas ellas tinham ido a pé pelas ruas do Ouvidor, e Direita (hoje *1.º de Março*).

Trocaram-se então os cumprimentos, e pronunciaram-se os discursos, de estylo em cerimonias taes.

—Em 1824, chegou a esta cidade, então villa, a noticia de que—na capital da provincia—fôra inaugurada, por entre demonstrações de jubilo, uma fabrica de papel.

Os promotores d'essa idéa, que infelizmente fracassou, foram José Antonio de Araujo, Manuel Beléns de Lima, e Joaquim Alves da Cruz Rios.

—Em 1834, a camara municipal d'esta cidade, então villa, encarregou a João Ferreira Lopes da conclusão da escada de pedra, que existe no caes dos Arcos.

Toda essa obra de cantaria foi feita com pedras extrahidas aqui mesmo, á margem do rio Caquende.

E tudo está indicando—que uma officina de parallelepipedos, estabelecida n'aquelle ponto, daria resultados largamente compensadores.

—Em 1854, foi publicado n'esta cidade o 1.º numero do *Apostolo Cachoeirano*, em cujo artigo-programma liam-se estas escandalosas palavras: *é livre o povo cachoeirano, viva o partido republicano!*

Joaquim Tavares da Gama, editor do novo periodico, sendo chamado a juizo para responder pelo crime, que assim tinha commettido, apresentou como responsavel da *folha*, nos termos da lei, o cidadão Domingos de Faria Machado.

Uma nota curiosa. Da mesma officina, em que se imprimia o *Apostolo Cachoeirano*, sahia tambem o *Constitucional* que, como o nome está indicando, defendia o systema monarchico, então vigente.

—Em 1894, falleceu na Feira de Sant'Anna o agrimensor Joaquim Alvares dos Sanctos Souza, nascido n'esta cidade, e contando mais de 50 annos de edade.

—Em 1897, falleceu o tenente-coronel Sancho José da Costa, negociante, com 48 annos de edade.

Era natural d'esta cidade, e durante o Governo provisorio servira como membro da camara municipal.

23 de Novembro

—Em 1823, o general P. Labatut se dirigiu, por officio, aos consules dos Estados-Unidos da America, da Inglaterra, e da França, pedindo-lhes—que se passassem com suas comitivas para esta cidade, então villa, «que era a séde do legitimo governo da provincia, e onde seriam elles respeitados e dignamente tratados, como representantes de nações amigas do hospitaleiro Brazil.»

—Em 1865, apurou-se 2:000$000 da subscripção popular, aberta n'esta cidade, para auxiliar as despezas com a guerra do Paraguay.

—Em 1874, foi inaugurado, na cidade da Bahia, o monumento existente á praça de Riachuelo, destinado a perpetuar os gloriosos feitos das armas brazileiras na guerra do Paraguay.

Tivera a iniciativa da idéa a *Associação Commercial*, que foi auxiliada pelo commercio da capital, e pelo d'esta cidade. (Moreira Pinto, *Apontamentos para o diccionario geographico do Brazil*, verb.—Salvador.)

O monumento custou 55:948$920. Mede—em seu todo—23.^{m}0 de alturas. O pedestal e a base, com a respectiva escadaria, abrangendo uma área de 4.^{m}0, são de fina pedra franceza polida.

Está cercado por grades de ferro, a que se prendem, n'umas elegantes columnatas—correntes do mesmo metal.

A columna é de bronze, de estylo corinthio, encimada por um capitel dourado, d'onde sahem oito volutas, tambem douradas; e sustenta uma esphera, sobre a qual, em attitude de voar, vê-se o anjo da Victoria, tendo em uma das mãos bella palma, e na outra uma corôa de louros, tudo de bronze dourado.

Do capitel para baixo, estão gravados, em lettras douradas, os nomes dos logares, onde se travaram os mais importantes combates.

No pedestal, do lado do mar, existe um medalhão de bronze, em que acham-se esculpidas as armas do extincto imperio; do lado de terra, outro medalhão, onde vêm-se as armas da cidade.

A base da columna é formada por dois anneis, d'onde partem quatro grandes festões, e egual numero de capacetes, sendo um em cada angulo; tudo de bronze. O monumento contém varias inscripções allegoricas.

24 de Novembro

—Em 1822, o sargento-mór Antonio Maria da Silva Torres officiou ao secretario do Conselho interino do Governo da Bahia, que havia sido insta-

lado n'esta cidade, então villa, reclamando «providencias em proveito da defeza da costa.»

—Em 1874, terminaram as obras da nova capella de Nossa Senhora dos Remedios, n'esta cidade, celebrando-se por esse motivo uma festa pomposa na modesta ermida.

—Em 1890, as aguas do rio Paraguassú começaram a se avolumar, em consequencia de chuvas copiosas, que estavam cahindo no sertão.

Depois de terem invadido as duas cidades fronteiras—Cachoeira e S. Felix—as aguas foram lentamente baixando, e alguns dias depois estavam ao nivel do rio.

25 de Novembro

—Em 1822, o general Pedro Labatut, tendo pedido ao Conselho interino do governo da Bahia, cuja séde era n'esta cidade, então villa, diversas nomeações, entre as quaes a de Pedro Rodrigues Bandeira para commissario geral do exercito pacificador; foi expedida a necessaria portaria, de conformidade com o pedido feito.

—Em 1827, o presidente da provincia, José Egydio Gordilho de Barbuda fez publicar um *bando*, em que, reconhecendo os grandes inconvenientes da moeda de cobre falsa, chamada *chechém*, que andava em circulação, ordenara comtudo que ella fosse recebida por todos, «emquanto não se assentava nos meios de extirpar pela raiz tão infame e terrivel flagello.»

S. Ex. transigiu, portanto, como as autoridades de 1893 e 1894 transigiram com as *fichas de bond*, e os *vales*, que innundaram todo o Estado, a pretexto da falta de moeda divisionaria.

Essa falta, aliás, provinha da mania que, sobretudo as quitandeiras, tinham de aferrolhar qualquer moeda de cobre, nickel, ou bronze, que lhes cahia nas mãos, e gastar apenas o papel-moeda em que não confiavam.

Certo é—que houve uma enorme emissão de *vales*. Toda gente podia assim concertar suas finanças.

Quem não possuia vintem assignou a responsabilidade de muitos contos de réis, em *vales* que jámais pagou. . .

Foi uma verdadeira orgia, a que só com muita difficuldade se pôz côbro.

—Em 1837, partiu d'aqui para Pirajá, com acompanhamento do mundo official, o presidente da provincia, Antonio Pereira Barretto Pedroso.

S. Ex. teve a gentileza de proclamar aos cachoeiranos, dizendo-lhes—que assim procedia, «porque convinha estivesse aonde podesse dar promptas e energicas providencias para o restabelecimento da ordem, logo após a entrada das tropas legaes na capital da provincia.»

No mesmo documento, o presidente accrescentou: «a vossa rica cidade continúa a ser a séde do governo da provincia.»

26 de Novembro

—Em 1675, falleceu na cidade da Bahia, e foi sepultado na egreja do convento de S. Francisco, D. Affonso Furtado de Mendonça Castro e Menezes, Visconde de Barbacena, 26.° governador do Brazil, a quem certo morador do nosso sertão trouxera varias amostras de prata, affirmando existir grande abundancia d'ella n'um sitio só por si conhecido.

O mysterioso sertanejo, ao mesmo tempo, declarou—que não se tratava das minas, a que Roberio Dias havia já se referido.

O governador, com a maior alacridade, enviou seu proprio filho á Lisbôa para dar parte da alviçareira nova ao rei. E Sua Magestade, muito contente, como era natural, remetteu logo para cá todos os utencilios, indispensaveis para se iniciar a exploração das seductoras jazidas.

Mas, oh! fatalidade! Quando o emissario, apparelhado com esses recursos, chegou, de volta, á Bahia, era já morto o sertanejo, sem haver entretanto indicado a situação do cobiçado thesouro!

Nas *entradas* que, para descobril-o, foram feitas

em vasta zona do sertão, acharam-se apenas amethystas e topazios.

Teremos, por acaso, alguma outra lenda, egual á da cidade encantada do conego Benigno, ou d'aquellas afamadas minas do já citado Roberio?

Vem a pello registrar, aqui, mais uma noticia do mesmo quilate, que encontrei n'um carunchoso alfarrabio da *Bibliotheca Nacional.*

Ahi vae ella.

Em 1748, pelo mez de Novembro, certo individuo, que aqui chegara como mestre de uma embarcação, contou—que uns mineiros mudados—fazia pouco tempo de cá—lhe tinham revelado—que oito dias de viagem da Moritiba, caminho do sul e derrota para o occidente, haviam elles descoberto um bello templo subterraneo de que ninguem falara jámais. E accrescentaram—que, tendo descido para melhor examinal-o, depararam com uma egreja, de tamanho quasi egual á Sé da Bahia, toda circumdada de columnas de pedra alvissima e luzidia.

Até hoje, porém, não appareceu ainda quem tornasse a encontrar similhante maravilha, ou a ella se referisse alhures.

—Em 1880, falleceu na villa de Itaparica, onde se achava em tratamento de saúde, o capitão Augusto de Souza Galvão, que fôra *voluntario da patria* na guerra do Paraguay, e era um cachoeirano bemquisto e popular.

—Em 1900, falleceu Virgilio Ferreira Motta, natural d'esta cidade, e que em tempo fôra negociante.

Como autoridade policial, prestou bons serviços á ordem publica, e se distinguiu sempre por sua actividade e energia.

Contava 38 annos de edade.

27 de Novembro

—Em 1668, foi expedida uma portaria, ordenando—que o escrivão do crime d'esta cidade, então villa, notificasse a Bento Pereira Ferraz para que «não fosse á horta de sua sogra, nem por si, nem por

outrem com ella se entendesse, sob pena de 200 cruzados » (um dinheirão n'aquella época !) « para o presidio, e dois annos de degredo para o Rio-Grande (?), em que logo seria executado. »

Que diabo teria feito esse homem? Si fôra hoje, diziam—*que era negocio de sogra.*

A horta d'essa mulher era, com certeza, cousa muito preciosa. . .

No mesmo anno, foi publicada uma provisão régia —prohibindo que os governadores consentissem se lhes tirar o retrato para ser collocado em qualquer logar publico, «em vista das ruins consequencias, que d'isto resultavam sempre. »

Aqui, foi lida a provisão pelas esquinas, aos rufos de tambôr.

Gente de siso, aquella do seculo XVII !

Hoje, entretanto, que já penetrámos no seculo XX, o retrato a oleo e o faqueiro de prata fazem as delicias dos vaidosos, e parte dos costumes nacionaes. E não ha *provisão* que valha!

—Em 1829, o presidente da provincia declarou, sob informação do commandante das armas José Joaquim do Couto, ser necessario se organizar a planta e o orçamento dos reparos, que se faziam precisos na fortaleza de Sancta Cruz, afim de os poder autorizar, como fôra requisitado.

Já se sabe, o velho systema do papelorio em scena. . .

Resultado final; a fortaleza desabou, e por terra para sempre ficou. . .

28 de Novembro

—Em 1704, a camara d'esta cidade, então villa, deu ao Governo parte da descoberta das minas do Serro-frio, que ficam no Estado de Minas-Geraes.

Respondendo, em 10 de Dezembro seguinte, a essa communicação, a primeira autoridade do paiz disse—que Sua Magestade fôra servido ordenar que . . . «se impedisse os descobrimentos de minas, que houvesse nos sertões da capitania.»

Eis como Portugal fomentava o progresso do Brazil, e acreditava acautelar a riqueza da nação!

—Em 1822, o Conselho interino do governo da Bahia, creado n'esta cidade, então villa, teve noticia de que estava imminente uma insurreição de escravos no reconcavo, fomentada *pelo damninho partido europeu portuguez*.

E tendo providenciado acertadamente, conseguiu que o movimento abortasse.

29 de Novembro

—Em 1822, o imperador D. Pedro I, attendendo á representação do supradicto Conselho, decretou:

Que emquanto durasse a occupação da capital pelas tropas portuguezas, os aggravos, appellações, e quaesquer outros recursos judiciarios, que deveriam ser interpostos para a Relação do districto, o fossem directamente para a Casa de Supplicação, do Rio de Janeiro.

O decreto alludido foi referendado pelo ministro da justiça—Caetano Pinto de Miranda Montenegro, que morreu Marquez da Praia-Grande.

Essa providencia impediu—que fosse instalada a Junta de justiça, da qual o Conselho cogitara, de accordo com o alvará de 18 de Janeiro de 1765

—Em 1822, tambem, o general Pedro Labatut, por officio endereçado ao referido Conselho, pediu-lhe—que fizesse reunir ás tropas por si commandadas a companhia, organizada por frei José Maria Brayner. Ao mesmo tempo, o general deprecou ao Conselho—o sequestro de todos os bens moveis e de raiz, pertencentes aos europeus que se tinham recolhido á cidade, e se revelado assim adversarios da causa brazileira. E, ainda no mencionado officio, Labatut deu parte da prisão de um alferes inimigo, realizada á ordem do general Madeira de Mello, por constar—que aquelle official tentara passar, com sua companhia, para o partido dos brazileiros.

—Em 1837, o presidente da provincia, Antonio Pereira Barretto Pedroso deu conta, por officio, ao

governo imperial das primeiras medidas, que tomara para suffocar a *Sabinada*.

S. Ex. narrava que, tendo partido d'esta cidade, chegara sem novidade á Pirajá, tendo encontrado ahi toda a tropa animada dos melhores desejos.

E que, á vista d'isto, combinara com o tenente-coronel Argollo (depois Barão da Cajahyba), commandante das armas, reunir toda a força existente em uma brigada, que ficaria debaixo do commando d'esse distincto official.

O presidente, ainda dizia—que se estava organizando, entre outros, um batalhão de guardas nacionaes n'esta cidade para ir ao campo da acção, sendo certo—que a Cachoeira se achava fortificada. e havia n'ella a força precisa á manutenção da ordem;

Terminava o presidente, annunciando — que o coronel Rodrigo Antonio Falcão Brandão voltaria para cá, dentro de breve prazo, para commandar a praça.

Julgo opportuno recordar—que se tendo formado, na Feira de Sant'Anna, um partido, adepto da *Sabinada*, por influencia de certo alferes Baraúna, o presidente da provincia fez reunir numero bastante de soldados, escolhidos tanto n'esta cidade, como em S. Gonçalo dos Campos, e com elles entrou n'aquella povoação, hoje cidade, que os rebeldes evacuaram, mesmo antes de travar qualquer combate.

30 de Novembro

—Em 1822, o general Pedro Labatut nomeou Antonio Maria da Silva Torres, sargento-mór, para substituir o coronel José Garcia Pacheco de Moura Pimentel e Aragão, no cargo de commandante das armas d'esta cidade, então villa.

—Em 1860, falleceu n'esta cidade o capitão Antonio Francisco de Souza Maia, que era negociante de grosso trato, e fôra subdelegado de policia, durante algum tempo.

Cachoeira, 1900.

A. MILTON.

(*Continúa*).

Actas das sessões e offertas

81ª SESSÃO EM 18 DE NOVEMBRO DE 1900

Presidencia do Exm. Snr. Cons. Salvador Pires

Aos desoito dias do mez de Novembro de 1900, nesta cidade do Salvador, Bahia de Todos os Santos, no salão do Instituto, á uma hora da tarde, presentes os socios, Cons. Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, Presidente, Cons. João Torres, 1.º Secretario, Cap. Ferreira Braga, thesoureiro, Drs. Alfredo C. Cabussú, João Pimenta Bastos, Joviniano A. Pereira Duarte, Comm. Salvador Pires, Coronel Gonçalo de Athayde, Damasceno Vieira, Pharm. Joaquim Manoel de Sant'Anna, Candido Vieira da Costa e Francisco Pires de Carvalho, foi aberta a sessão, sendo convidado o socio Dr. Alfredo Cabussú para occupar a cadeira de 2.º Secretario.

E' lida, e approvada sem debate a acta da sessão anterior.

O expediente constou das seguintes communicações: officio do socio Dr. Lindolpho Rocha, Juiz Preparador da villa de Jequié, sobre a existencia de grandes *capoeiras* no districto de Bôa Nova, habitadas por selvagens, onde existem minas de diamante e talvez de prata, junto das quaes devem restar as ruinas de uma feitoria abandonada, e de que a El-Rei D. João V já fallava, em 15 de Julho de 1734, o explorador mestre de campo João da Silva Guimarães ; — officio do secretario do Conselho Executivo do Centro Operario enviando um

exemplar do Relatorio no exercicio social de 1899-1900; — do secretario da Sociedade Euterpe enviando a relação da nova directoria eleita para o anno social de 1900-1901; idem, idem do Gabinete Portuguez de Leitura d'esta Capital; —do presidente da direcção do Lyceu de Artes e Officios pedindo a devolução do retrato que, por emprestimo, havia figurado nas festas do centenario do Padre Antonio Vieira, a pedido da commissão encarregada da festa commemorativa. Mandou-se responder, agradecendo.

O 1.º Secretario deu noticia de se acharem sobre a Mesa as seguintes offertas: o Almanak Popular Brazileiro para 1901 pelo sr. Alberto F. Rodrigues; o 4.º vol. da Revista do Museu de S. Paulo, pelo respectivo director Dr. von Ihering; a «Nova Colonia do Sacramento do Rio da Prata», livro commemorativo do 4.º centenario do descobrimento do Brazil, pelo Lyceu Litterario Portuguez, da Capital Federal; o 1.º vol. da *Chronologia Paulista,* trabalho publicado pelo sr. José Jacintho Ribeiro; um bloco de crystal de rocha pesando cerca de 50 kilos, o qual figurou na Exposição de Chigago, enviado do Brazil, e 1 diccionario, obra antiquissima, das linguas Guarany-hespanhola, pelo socio major Polydoro Bittencourt; — a photographia do diploma de doutor em medicina conferido ao Dr. José Francisco da Silva Lima pela Faculdade d'esta Capital em 18 de Dezembro de 1851, pelo socio Dr. Alfredo Cabussù; — pelo socio Dr. Joviniano Duarte uma cedula de 50$000 ao portador emittida pela casa da Fazenda da antiga Provincia da Bahia, em Abril de 1828.

Em seguida o Cons. Presidente felicita os socios Drs. Pimenta Bastos e Joviniano Duarte pela sua presença a sessão, e faz sentir o seu pezar pelo fallecimento do socio correspondente Dr. Cesar Augusto Marques, na Capital Federal, em 5 do corrente, illustre litterato e historiador; declarando que seria consignado na acta um voto de pezar.

O 1.º Secretario leu tres pareceres da commissão de admissão favoraveis á admissão de socios, e cuja votação ficou adiada por não ter comparecido numero legal de socios.

O snr. Thesoureiro pede a palavra para expôr ao Instituto o seu estado financeiro e lê documentos que justificam a sua exposição, requerendo que o Instituto o autorizasse a contrahir um emprestimo para satisfazer os compromissos, que importam em 6:000$000, em consequencia da rescisão do contracto da extracção das loterias.

O socio Dr. Cabussú pede a palavra e requer que seja essa exposição remettida á commissão de finanças para interpôr o seu parecer,—ficando consignado na acta que a caução dos snrs. Lobo & Comp. não seja levantada sem autorização da Meza Administrativa que deve submettel-a a assembléa geral.

Achando-se na ante salla o socio correspondente Candido Vieira da Costa, presentemente n'esta Capital, foi recebido por uma commissão, e o Cons. Presidente felicitou o Instituto pelo comparecimento do digno consocio, que acabava de enriquecer as lettras patrias com a publicação do seu notavel trabalho—*As Duas Americas*.

Nada mais havendo a tratar foi encerrada a sessão, e de tudo para constar, eu, 2.º secretario, lavrei a presente acta e assigno.—Isaias de Carvalho Santos.

Communicação do Dr. Lindolpho Rocha

Jequié, 4 de Novembro de 1900. Illm. Exm. Snr. Presidente do Instituto Geographico e Historico da Bahia.

Uma recente noticia da existencia de grandes *capoeiras*, vistas, á distancia, pelo lavrador João Francisco e outro, ambos de Bôa Nova, a S. E., desta povoação, e della distantes cerca de 14 a 15 legoas, confirmando as investigações que, ha 16 annos, tenho feito sobre essa região desconhecida, *hoje*, e habitada por selvagens desconversaveis e traiçoeiros, autorisa-me (aquella noticia) a affirmar ao Instituto que nessa região existem minas de diamante e talvez de prata, junto das quaes de-

vem restar as ruinas de uma feitoria abandonada e de que, a El-Rei D. João V, já fallava, em 15 de Julho de 1734, o explorador, mestre de campo João da Silva Guimarães. Os indicios de grandes culturas, a que me referi, foram vistos, á distancia de 6 leguas, mais ou menos, do pincaro de uma alta serra, (de que só agora se tem noticia), á barra do *Urúba* ou *Tarúgo*, circulando essas *capoeiras* uma vasta campina verde, semeada de pontos alvos, que são, no meu parecer e conforme a experiencia, *desmontes* de *catas*, e não blocos de quartzo branco, como tambem tenho visto. Os mesmos observadores, (por quem affianço) dão noticia de uma serra, á leste das *capoeiras*, com direcção norte-sul, e, o que mais *me convence*, um pequeno rio, que correndo ou vindo dessas paragens (serra e campina), banha a vertente oriental da serra em que se achavam os observadores, notando-se que, sendo ignorantes de mineração, os ditos lavradores ficaram «encantados» com a côr das areias do dito rio. Não posso, em simples officio, desenvolver uma communicação, na qual ser-me-ia necessario transcrever certo numero de cartas que possúo, de diversas datas, e de pessoas de todo o credito; entretanto, basta-me affirmar que, escrevendo esta, tenho pezado bem as responsabilidades moraes do Instituto, a que me honro de pertencer, sem esquecer as do meu obscuro porém zelado nome, e estou bem certo de que não trato de uma *aventura*, que terminar possa pelo ridiculo de um dispendio inutil.

Pretendo estar breve nessa capital; mas espero que o Instituto providencie já, para que não caiba a outrem a gloria de uma descoberta, bem importante para a Sciencia e para a economia do Estado.

Reitero a V. Ex. meus protestos de estima e alta consideração.

Saúde e fraternidade.

O socio correspondente,
Lindolpho Jacintho Rocha.

OFFERTAS

(Mez de Outubro)

Além dos Jornaes e *Revistas* do costume, recebeu o Instituto as seguintes offertas:

—Pelo socio *Major Polydoro de Bittencourt*: Um bloco de crystal de rocha, pesando cerca de 50 kilos, que figurou na Exposição de Chicago.

—Pela *Inspectoria Geral de Hygiene deste Estado*: Annuario de Estatistica Demographo-Sanitaria—1899.

—Pelo cidadão *Alfredo F. Rodrigues*: Almanack Litterario e Estatistico do Rio Grande do Sul para 1901; Notas para a historia da imprensa do Rio Grande do Sul; Homens e Factos do passado—narrativas historicas; David Canabarro e a Sorpresa de Porongos; A Pacificação do Rio Grande do Sul; João Manoel de Lima e Silva, General da Republica Rio-Grandense, perfil biographico—tudo pelo offertante.

—Pelo socio *Dr. Marianno Pelliza*: El Sol del Escudo Nacional y la Restauracion de los Incas, pelo offertante.

—Pelo *Dr. Francisco Mangabeira*: Tragedia Epica (guerra de Canudos), pelo offertante.

—Pelo socio *Dr. Luiz Gualberto*: Santa Catharina—A Ilha—4.º Centenario do Brazil, por Virgilio Varzea.

—Pelo socio *Dr. Alfredo Cabussú*: Uma photographia do diploma conferido pela Faculdade de Medicina da Bahia ao Dr. José Francisco da Silva Lima.

—Pelas *respectivas redacções*:

Revista Militar, n. 8, tomo 2º; Bolletim de Agricultura (S. Paulo) n. 3—1900; Bolletino della Societá Geografica Italiana, n. 9, vol. 1.º—1900; The National Geographic Magazine, ns. 9 e 10, 1900; «Pallas» Orgão do Gremio Estudantino Paraense, anno 1º, n. 9; «A Propaganda», orgão da Associação dos Empregados do Commercio de Pernambuco,

n. 1, anno 1°, 1900; Bulletin de la Société de Geographie Commerciale de Bordeaux, ns. 17 e 18, de 1900; La Geographie—Bulletin de la Société de Geographie, n. 9, 1900; A Escola—Revista Official do Ensino (Belém—Pará) anno 1°, n. 5; Revista do Instituto Geographico e Ethnographico do Pará, n. 1, vol. 1°, 1900; Historico dos trabalhos da Sociedade Nacional de Agricultura, 1899; A Lavoura—Boletim da Sociedade Nacional de Agricultura Brazileira, n. 30, 1900.

(Mez de Novembro)

—Pelo socio cidadão *Candido Costa*: « Pedro Alvares Cabral » Drama historico em 4 actos, em commemoração do 4° Centenario do descobrimento do Brazil, pelo offertante; « As Duas Americas »—em homenagem ao 4° Centenario do descobrimento do Brazil, 1900, pelo offertante.

—Pelo cidadão *Sebastião Pará*: Chorographia do Paraná, pelo offertante.

—Pelo socio *Dr. Adolpho Tourinho:* Regulamento de seu Collegio—« Gymnasio S. Salvador », 1900.

—Pelo socio *Dr. Matheus dos Santos*: Relatorio—Congresso Internacional da Tuberculose, Berlim, 1899, pelo offertante.

—Pelo socio *Dr. Mariano Pelliza*: La bandera y el Escudo Nacional, pelo offertante.

—Pela *Secretaria da Policia e Segurança Publica*: Relatorio apresentado ao Dr. Governador do Estado pelo Dr. Asclepiades Jambeiro.

—Pelo cidadão *Alfredo F. Rodrigues*: Amanack Popular Brasileiro para o anno de 1901 (Rio Grande do Sul).

—Pelas *respectivas redacções*:

Revista Maritima Brazileira, ns. 2 e 3 de 1900; A Escola, Revista official de ensino, n. 6, 1900; Boletim da Agricultura, Estado de S. Paulo, n. 4; Revista Portugueza, Colonial e Maritima, n. 37, vol. 7°, 1900; Bulletin de la Société de Geographie Commerciale de Bordeaux, ns. 19, 20 e 21, Outubro,

1900; La Geographie—Bulletin de la Société de Geographie, n. 10, 1900; Bolletino de la Societá Geografica Italiana, n. 10, vol. 1º, 1900; Bericht der Senckenbergischen Natuforschenden Gesellschaft in Frankfurt am Main, 1900; Revista Militar, ns. 9 e 10-1900; Revista dos Tribunaes (Bahia) ns. 1, 2 e 3 vol 17-1900; Boletin de la Sociedad Geografica de Madrid, n. 30-1900; Revista Juridica-Orgão dos alumnos da Faculdade Livre de Direito do Rio de Janeiro, Fasc. 1.º anno 6.º; Le Globe, Jornal Geographico (Genova), Tomo 39-1900; Bulletin de la Société de Geographie Commerciale du Havre, 1.º trim. de 1900; Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa, ns. 3 e 4 de 1898 e 1899; The National Geographic Magazine, ns 10 e 11, vol. 11-1900;

A Lavoura, Boletim da Sociedade Nacional de Agricultura Brazileira, n. 31-1900; O Gado e a Lavoura, fasc. n. 6-1900; O Preparo do solo-fasc. n. 5-1900, Proceedings of the Washinghton Academy of sciences, vol. 2, ns. 133-156, 157-159, 161-184; 185-201.

(Mez de Dezembro)

—Pelo socio Coronel *Antonio José Teixeira Junior*: Les Environs de Paris illustrés-par Adolphe Joanne; Os varões illustres do Brazil, durante os tempos coloniaes, por J. M. Pereira da Silva; Nouvelle France Pittoresque-Histoire, Geographie, Statistique de la France.

—Pela *Sociedade Beneficente Bahiana*: Estatutos da mesma Sociedade.

—Pelo *Gabinete Portuguez de Leitura* de Pernambuco: Numero especial commemorativo de sua fundação.

—Pela *Directoria Geral de Estatistica do Rio de Janeiro*: Recenseamento de 31 de Outubro de 1900.

—Pelo Dr. *Virgilio Cardoso*: Primeira conferencia publica realisada no Estado do Pará pelo Dr. Eliseu Elias Cezar e 2.ª Conferencia pela professora D, Maria Stellina Valmont.

—Pelo socio Dr. *Sacramento Blake*, por intermedio do socio Damasceno Vieira: Diccionario Bibliographico Brazileiro—Vol. 6,—1900.

—Pelo Dr. *A. Zeferino Candido*: «Portugal» Obra commemorativa do centenario da India, em 3 vols; Navegação e conquistas; A Honra de Vasco da Gama, todas pelo offertante.

—Pelo cidadão *Albano Pereira de Carvalho*: Discurso proferido pelo Cons. Antonio Candido na festa commemorativa do 4.° centenario do descobrimento do Brazil (Porto).

—Pelo Snrs. *Souza Vianna & Comp.*: «Mala da Europa» desde o n 239 até 3 de Dezembro de 1900.

—Pela *Secretaria da Repartição de Estatistica* e Archivo do E. de S. Paulo: Relatorio do anno de 1898 apresentado ao Dr. Secretario do Estado dos Negocios do Interior, pelo Dr Antonio de Toledo Piza.

—Pelas respectivas redacções: A Escola-Revista official de ensino ns. 5, 6, 7, e 8.: Annual Report of the President to the corporation of Brown University, 1900; Bulletin of the American Geographical Society n. 4-1900; La Geographie n. 11 de 1900: Gazeta Medica da Bahia, n. 5-1900; A Lavoura-Boletim da Sociedade Nacional de Agricultura Brazileira, n. 32-1900; Bulletin de la Société Royale de Geographie d'Anvers-1900; Revista Maritima Brazileira, n. 4-anno XX; Boletim da Agricultura (S. Paulo) n. 6-1.ª Serie; Revista do Instituto Historico, Geographico e Etnhographico do Pará, vol. 1, n. 2; Boletin de la Sociedad Geographica de Madrid, 3.° trim, 1900; Buletin de la Société de Geographie Commerciale du Havre, 2 ° trim., 1900; Buletin de la Société de Geographie Commerciale de Bordeaux, n. 23-1900.

UMA CURIOSIDADE

(LAVRAS DIAMANTINAS)

Existe nas proximidades do logar denominado «Macaco Secco», nos limites talvez, entre os terrenos da familia Medrado e os da familia Athayde, Fazenda de Bôa Esperança, e a uma distancia de meia legua da estrada real que vae do rio Una para São João do Paraguassú e Andarahy e outros logares das Lavras, dentro das mattas onde se vê verdadeiras arvores seculares,—um enorme morro de pedra, que alli ostenta um espectaculo indiscriptivel e admirador. N'esse morro, a natureza criou um enorme pôço, cuja profundidade não conseguimos conhecer, ou pelo menos, não nos consta que alguem tentasse conhecel-a.

Em 1883, com alguns amigos (hoje já fallecidos), tivemos a felicidade de visitar e admirar aquella grandeza que ali jaz esquecida, prestando-se aliás a descripções magnificas, taes as bellezas que se encontram desde a entrada da gruta, até muito embaixo onde vimos a agua limpida, na qual tocamos por meio de uma lata presa a um cipó que lá encontrámos.

A agua é limpida e de máo gosto.

Ali vimos algumas inscripções a lapis quasi apagadas, signal de que era ás vezes frequentado, e nos constou na occasião que pessôas supersticiosas lá iam fazer promessas.

Antes de chegarmos ao Poço, encontrámos uma grande roça do cidadão Manoel Calado, que muito nos serviu na occasião, guiando-nos até o logar desejado.

A entrada é a de uma gruta, notando-se que a pedra de certo ponto para baixo apresenta uma

fôrma concava que me lembro ter notado. Ha na gruta salões com muitos stallactites e stallagmites e junto a um d'esses encontrámos moedas de cobre de 20 réis.

Em tantos annos passados, não nos é dado lembrar de muitas minudencias e bellezas que apreciamos, para uma narração completa, o que seria facilimo na occasião, e era nosso intento visital-o novamente, e chegamos a escrever sobre o assumpto ao nosso especial amigo, de saudosa memoria, Dr. Tranquillino Torres, Presidente do Instituto, que em resposta á nossa carta, deu-nos animações e pediu-nos a descripção para a *Revista*.

Em 1895, estando em visita ás minas dos Lençóes o Sr. Miguel Wolff, hoje fallecido, e o Dr. Ch. De Mot, tivemos a lembrança de descrever a elles essa belleza, e combinamos uma visita ao logar, o que não aconteceu, por terem esses amigos vindo ás pressas á Bahia para um d'elles apanhar um vapor para a Europa, afim de tratar de negocios referentes á compra de terrenos diamantinos; ficando assentado que na volta iriamos visitar o logar, e infelizmente isso não aconteceu ainda d'essa vez, porque n'essa occasião o Sr. Miguel Wolff morreu aqui na Capital, e o Dr. Ch. De Mot e o Engenheiro Henri Babinsky que seguiram para as Lavras, não tiveram tempo para essa visita.

Cumpre-nos notar, que tendo acompanhado em varias excursões ao Dr. Charles De Mot, vimos trabalhos de tão illustre e intelligente engenheiro, que seriam de um valor inestimavel para o nosso Instituto, constantes de uma carta geographica do Chique-Chique, Andarahy, Lençóes, Palmeiras e Campestre, e varias narrações de viagens que fez em explorações scientificas nas Lavras Diamantinas.

Esse profissional, commissionado por um illustre negociante do Rio, teve de apresentar relatorio de seu trabalho e o fez juntando essa carta geographica, cuja cópia desejavamos possuir e nos foi promettida para o Instituto, não se lembrando elle mais d'isso.

Releva notar, que importante relatorio sobre minas de diamantes em Lençóes, apresentou tambem o engenheiro Henri Babinsky, seu companheiro n'essa occasião, a um syndicato em Pariz, relatorio esse, que prova as habilitações e competencia do distincto profissional, e que nos foi mostrado em 1898 aqui na capital por um amigo estrangeiro, que teve a felicidade de adquirir um exemplar d'aquella préciosidade.

Era nosso desejo que em um d'esses relatorios dos illustres profissionaes, se tratasse da visita e minucioso exame a esse pôço, de onde poderiamos colher muitas vantagens, pois que o Dr. Babinsky era muito competente sobre o assumpto; mas isso não aconteceu e nunca mais tivemos occasião de tocar áquella belleza que por lá jaz esquecida, sendo aliás conhecida de muitos moradores do Rio Una, Paraguassú, Macacos, Bôa-Esperança, Santa Izabel, Andarahy e outros logares.

O que colhemos sobre a descoberta de tal Pôço, foi o seguinte: —O seu descobridor, foi um caçador residente na passagem do rio Una, conhecido por Manuel *Grulha*, que muitas vezes se occupava de fazer bateias e internava-se nas matas para cortar os cedros e ás vezes procurava abelhas para tirar o mel e vender. Em uma d'essas excursões, encontrou o pôço, que foi visitado logo pelo capitão Sebastião de Athayde, capitão Joaquim Autonio Pereira e o velho Liberato, morador na Lagôa do Mocambo. Muitas outras pessoas, como o humilde signatario, levadas por essas noticias, tiveram a felicidade de vêr esse pôço que merece bem ser conhecido e estudado como subsidio para a nossa historia.

Bahia, Outubro de 1900.—*Gonçalo A. Pereira.*

O panorama de Victor Meirelles

(O DESCOBRIMENTO DO BRAZIL)

«Ao entrar na platafórma do Panorama pode o espectador considerar-se orientado no local do desembarque, e, nesta hypothese, fica-lhe á frente, á léste, o ilhéo da Corôa Vermelha. Na terra firme fronteira, a oeste, foi que Frei Henrique, por ordem e com assistencia de Cabral, e bem assim de sua luzida commitiva, celebrou a famosa missa de Maio de 1500.

Não ignoramos que com grande erudição se tem extranhado ao sr. Victor Meirelles haver considerado esta como a *primeira missa*, quando anteriormente outra fôra celebrada a 26 de Abril, sob um *esparavel* n'um ilhéo. Mas bem é de notar que jamais o sr. Victor laborou em tal equivoco, pois, antes de fazer o quadro que foi o arrebol da sua celebridade artistica, leu tudo quanto existe sobre a materia,e sobre ella discreteou com algumas das culminancias intellectuaes que mais sabiam da nossa historia. A *primeira missa* não é a primeira chronologicamente, mas a que, cerimonia de cunho official e grandioso, constituiu para o soberano portuguez o direito de posse sobre a descoberta de Cabral.

A composição do Bello quadro desta *primeira missa* reproduz-se agora no panorama. Cabral, de joelhos, está no centro do grupo, em frente do altar, rodeado dos capitães e soldados, que em sua guarda alli se acham. Sobre o altar, do lado do Evangelho, que Portugal pregava ao mundo quando *a fé e o imperio andara dilatando*, divisa-se o estandarte com a cruz de Christo, a honrosa insignia que nas mãos do egregio chefe puzera el-rei D. Manoel na ermida de Belém. Os frades Franciscanos

rodeiam o altar em attitudes diversas e bem expressivas dos sentimentos religiosos de que estão possuidos.

A alteroza cruz, cujos braços se destacam no formoso céo brazileiro, fôra cortada de uma arvore da matta que existia junto de Mutary,—riacho que desagua na Bahia Cabralia.

A embocadura desse corrego percebe-se no ponto do littoral onde se nota o effeito da evaporação produzida pela arrebentação das ondas na praia, formando-se delgadas neblinas que se elevam com a brisa.

No littoral figuram varias pessoas da comitiva, que guardam os escaleres, e alguns indigenas atrahidos pela natural curiosidade de que tanto reza a carta de Caminha.

Mais adiante, depois da barra do rio, acha-se a lagôa onde a tripulação de Cabral ia fazer aguada, e junto da qual cortava lenha.

E adiante ainda, e perto do ponto onde fica Vera Cruz, demora o local chamado Aracácahy; por elle se passa, deixando a praia, para ir a Vera-Cruz, que é onde se avistam muitas palmeiras.

Continuando o caminho pela praia, chega-se a Vera-Cruz, onde são vistos os recifes que ao longo da costa se estendem até a fóz do rio Santa-Cruz.

A ponta que muito adiante se enxerga, e onde a praia se perde de vista, é a de Santo Antonio.

Sobre a linha do horisonte, no mar, avistam-se galeões, náus e caravellas que compunham a frota de Cabral e que, alli ancorados, brevemente deviam seguir viagem.

Entre a ponta de Santo Antonio, que deixamos ao norte, e os recifes que se descobrem olhando para léste, e sobre os quaes se precipitam as vagas com espumosos marulhos, existem passagens ou aberturas que dão livre entrada a navios de alto bordo; e mui provavelmente foi por ahi que entraram as naves de Cabral

A baixinha da Corôa Vermelha e o ilhéo do mes-

mo nome são vistos entre rolos de mar que espumam de encontro á pedras.

Foi ness ilhéo a primeira missa, chronologicamente fall ndo, que Cabral, sem ter nenhum conhecimento dos habitantes do paiz, mandou celebrar, com espanto dos caboclos que da terra firme tudo observavam.

Depois d. Corôa Vermelha e em direcção ao sul está o recife, que, passando perto da ponta do Mutá, fórma com a extrema desta praia uma bella enseada, para a qual do lado do mar se entra por uma abertura, que existe junto ao recife denominado Boqueirão dos Francezes.

Toda esta bahia é assim formada de um lado pela praia, cujo aspecto fidelissimamente se reproduz neste panorama, e da outra parte pelos recifes, estendendo-se desde a ponta de Santo Antonio, ao norte, até a do Mutá, ao sul, e deparando em frente do espectador, que olha para oéste, a ponta fronteira á Corôa Vermelha.

Enseada bellissima, mas muito aberta em sua graciosa curva, ella deve aos parceis que delimitam as condições de bom encoradoro que lhe valeram o nome de Porto Seguro.

Bom é de saber-se que no proprio local do successo esteve o pintor do panorama, vendo, com aquelles seus olhos de artista que de um relance apanham dimensões, fórma e colorido, indagando, e estudando com o aspecto a flora da região.

Depois encerrou-se na sua rotunda e trabalhou mezes e mezes. A' porta vieram bater-lhe contrariedades, decepções o desgostos, que penoso fôra aqui rememorar. . . Mas, como os paladinos que nos antigos contos repelliam com talismans e palavras encantadas as obsessões de malfazejos espiritos, Victor, o encanecido e glorioso batalhador, tudo venceu e debellou com o triplice influxo da fé religiosa, que lhe avigora o animo, do amor da Patria e do culto da Arte.

Mede a téla 115 metros de comprimento sobre 14,5 de altura, isto é, 1667,50 metros quadrados.

Como trabalho manual para um artista desajudado dos elementos que na Europa sobejam aos executores de analogas emprezas, já se poderia dizer que é um esforço de Titan; como obra d'arte,—e mais alto do que nós o dirá a opinião publica—é mais um esplendor do brilhantissimo talento que tão auspicioso alvoreceu na *primeira missa.*»

Dr. Carlos de Laet

(*Extr.*)

Ancoradouros na Costa da Bahia

Relação dos portos, barras e ancoradouros da costa do Estado da Bahia, accessiveis á navegação a contar do extremo norte ao extremo sul.

Abbadia—porto no Rio Real, onde podem entrar embarcações que demandem 8 pés nas peiores circumstancias.

Itapicurú— barra onde podem entrar pequenas embarcações até 5 pés d'agua.

Torre do Garcia d'Avilla—ponto, que serve para embarcações até 8 pés d'agua.

Itapoan—proximo ao logar em que está collocado o pharol ha uma pequena enseada onde se podem abrigar pequenas embarcações dos ventos de N. E. até S. E. O pharol serve para por elle dirigirem os navegantes a navegação ao porto da Bahia, livres de encontrar o banco de Santo Antonio.

Bahia de S. Salvador—excellente porto, onde se podem accommodar todas as esquadras conhecidas: ha um pharol para servir de baliza, á entrada do porto.

Jaguaripe—barra por onde podem entrar embarcações até 6 pés.

Morro de S. Paulo—porto para toda e qualquer embarcação. Tem o melhor pharol da costa, e serve para por elle as embarcações se derigirem ao porto da Bahia.

Boipeba—barra para pequenas lanchas.

Carvalhos—barra para ditas.

Camamú—barra para toda e qualquer embarcação; é um bello porto.

Marahú—barra para pequenas lanchas.

Rio de Contas—barra para embarcações até 8 pés.

Ilhéos—porto para toda e qualquer embarcação.
Olivença—barra para pequenas lanchas.
Una—barra para ditas ditas até 6 pés.
Commandatuba—barra para ditas ditas até 6 pés.
Poxim—barra para ditas ditas até 8 pés.
Cannavieiras—barra para ditas ditas até 8 pés.
Belmonte—barra para ditas ditas até 8 pés.
Santa Cruz—«Bahia Cabralia», para qualquer embarcação.
Porto Seguro—barra para embarcações até 12 pés.
Frade—barra para ditas até 8 pés.
Joacemo—abrigo para ditas até 14 pés.
Carminoan—» » » »
Columbáo—barra para ditas até 12 pés.
Comuxatiba—bom fundeadouro para embarcações até 12 pés.
Prado—barra para embarcações até 8 pés.
Alcobaça—barra para ditas até 8 pés.
Caravellas—barra pela qual se entra por 3 canaes N., E, e S. todos ballizados, sendo o mais fundo o de E., regulam por 14 pès.
Viçosa—barra para embarcações até 8 pés.
S. José de Porto Alegre do Mucury—para embarcações até 8 pés.
Além do que fica mencionado os navegantes encontrarão no archipelago dos Abrolhos dous fundeadouros, um a N. e outro a S. da ilha de Santa Barbara, onde se poderão abrigar dos ventos oppostos. Na ilha ha um bom pharol.
Todas as pequenas barras são de areia movediça, conforme a direcção dos ventos.

Ponte sobre a enseada de Itapagipe

E' a mais importante obra d'arte de toda a linha da Estrada de Ferro da Bahia a Alagoinhas.

O systema é de tirantes (poutres) rectos de ferro batido em fórma de duplo T, assentados sobre tubos de ferro fundido, que servem de pilares collocados quatro a quatro, distando os dous de cada testa 0,914 metros de eixo a eixo. Cruzes de S. André no sentido vertical, e contraventos no horisontal, tudo de ferro batido, ligam entre si os tirantes, que achando-se presos aos tubos, ficam estes tambem entre si ligados, e o todo formando systema.

Tem a ponte 46 vãos de 11,277 metros, a excepção dos contiguos á parte levadiça (para das passagens aos barcos), que são menores: sendo o seu comprimento total de 553,4 metros. (251 1/2 braças).

A largura entre os parapeitos é de 4,267 metros, minimo determinado no contracto; e a distancia entre os tirantes é de 1,6 metro, a mesma que ha entre os carris da estrada, correspondendo assim estes a aquelles verticalmente como deve ser.

Os tubos têm 2,54 centimetros de espessura, e 3,048 decimetros de diametro externo.

Tendo-se principiado a ponte do meio para os extremos, a grande altura a que fica o seu pavimento do fundo do mar na parte em construcção, onde ha tubos de 8,23 metros fóra da terra, e 6,4 metros enterrado faz com que se dêem oscilações que se percebem a simples vista, quando o vento rijo embate a superficie que já lhe offerecem os tirantes.

E' de suppôr que quando a obra concluida, esta oscilação diminûa, além de que, como sóe fazer-se em casos taes, escoras tubulares de ferro partirem de certa altura dos pès direitos a incravarem-se no fundo do mar, como muito bem projectou-se a respeito da ponte para o rio Paraguassú, na cidade da Cachoeira.

(Relatorio de Outubro de 1859 pelo capitão de engenheiros Firmo José de Mello).

———*———

O Brazil e os seus Poetas (*)

«O Brazil, esse paraiso terreal da phantasia como lhe chamou o Sr. Castilho, não podia deixar de produzir em seu fecundissimo e florente sólo poetas para cantal-o.

Quem percorre os seus rios soberbos e os seus lagos immensos, quem penetra nas solidões profundas de suas virgens florestas e contempla o rigoroso aspecto de sua prodigiosa vegetação, sente no fundo da alma o reverbero da grandiosa e sublime poesia de que se vê cercado: sente-se necessariamente inspirado para cantar; mas Deus não concedeu a todos a mysteriosa faculdade de revelar as suas sensações por meio de palavras cheias de harmonia.

Ao poeta só é dado erguer a voz sob essas abobadas de verdura eterna, sustidas por arvores tão velhas como o mundo.

Os outros homens emmudecem de admiração ante o espectaculo magestoso da floresta virgem, e o poeta, esse louco sublime que se consola, cantando, das maiores amarguras, ousa quebrar com seus hymnos o silencio dos bosques, porque se sente alli, como Deus no meio do Genesis.

Deixai-o cantar! a sua voz abrandará a ferocidade do tigre, da onça e da serpente e annunciará no fundo dos seus antros que é chegada a civlisação que partira do Nascente ha muitos seculos. Deixai-o cantar, e vereis que as notas do seu canto são mais poderosas do que todas as machinas de guerra para combater a barbaria. A poesia adoça os costumes e modifica a rudeza dos povos, predis-

---

(*) Folhetim publicado em Lisbôa em 1859 por Gomes de Amorim, poeta portuguez e auctor do *Amazonas*, uma das suas mais distinctas composições.

pondo-os para acções generosas. Deixai pois o poeta, esse ente que talvez vos pareça inutil, deixai- viver, pensar, cantar, soffrer, chorar e trabalhar que elle leva na sua palavra cheia de enthusiasmo ardente metade da fé, da esperança, da religião e do porvir da humanidade.

Além do Atlantico resoam os canticos juvenis dos trovadores de Santa Cruz, cujas harpas se animam e incitam bafejadas pelos suaves perfumes das patrias selvas.

Lá brotam os talentos como as flores e sob aquelle céo de fogo só o corpo e a palavra são por vezes indolentes.

A intelligencia nasce expontanea e brilha como os astros do hemispherio austral, cuja luz reflecte.

Lá não se conhece a descrença, porque os homens e as cousas não tiveram ainda tempo de envelhecer; os annos passam quasi impunemente pelos individuos; passam sobre os corpos, mas não tocam nas cabeças. As idéas são novas, fecundas e viçosas, como os homens e as cousas.

As lyras que Grecia e Roma pendurava nos templos da fama coroadas de myrtho e louro, ergue-as o Brazil nas arvores aromaticas das suas virgens florestas, que são os templos da verdadeira poesia e enfeita-as com as açucenas e os jasmins dos seus matos, e com as rosas dos seus cajueiros.

Deixai que os vates d'esse paiz encantado se habituem a imitar somente a natureza que os rodeia e vereis o que são poemas.

A musa americana vestida de pennas, toucada de palmas, descendo das cachoeiras dos seus rios na canôa de cedro virá um dia surprehender o velho mundo com as melodias originaes da sua harpa mysteriosa.

As maravilhas d'essa terra que julgaes conhecida, quando forem reveladas na musica do verso, chamarão a si mais ardente curiosidade do que a noticia das suas minas de ouro e pedras preciosas.

Cantai, pois, oh! poetas de além-mar!

Dizei-nos como suspira o saudoso juruti nos cimos

das mangueiras, como resôa de noute a voz plangente do namorado sabiá, e como brilha o nevoeiro prateado das vossas grandes cataratas.

Cantai que a aurora dos vossos cantos fará em breve apparecer no horisonte o sol da vossa gloria; mas cantai a vossa terra, as vossas flores, as vossas arvores, as lendas dos vossos lagos mais poeticas do que as da Escossia, a mãe d'agua, a mãe dos bosques, as fadas dos vossos rios vestidas de prata e ouro, os olhos ardentes das vossas languidas mulheres e os astros brilhantes do vosso hemispherio. Não imiteis os estranhos; pintai a vossa natureza, e os vossos versos serão sublimes.

O Brazil conta hoje muitos poetas distinctos; e alguns d'elles poderiam adquirir em breve muito maior celebridade, consagrando os seus hymnos ás maravilhosas bellezas do seu paiz.

Entre outros, o Sr. Francisco Muniz Barretto, natural da Bahia, é um dos que devia procurar a inspiração nas cousas patrias, porque revestindo a sua musa com as cores nacionaes não se arriscava se não a triumphar.

Os seus versos são cadentes e cheios de harmonia, tem muita facilidade e elegancia em quasi todas as suas composições; e certamente tiraria grande partido do seu talento applicando-se a estudar e descrever em verso os costumes, os usos e o viver da sua terra natal.

No Brazil para qualquer lado que se volte o poeta encontra um assumpto admiravel, não para um, mas para muitos poemas, e o Sr. Barretto é um homem de quem a sua patria tem de esperar mais do que algumas poesias fugitivas.

O illustre poeta bahiano, reconhecido ao paiz que deu aos filhos do Brazil o seu sangue, a sua lingua, tem consagrado aos soberanos de Portugal varias das suas bellas producções poeticas.

Por occasião da morte de D. Maria II escreveu elle uma sentida elegia, em que por meio de excellentes versos vinha confundir com a dôr dos portuguezes a sua dôr sincera.

Nos anniversarios natalicios d'el-rei D. Pedro V costuma o Sr. Barreto compor uma poesia congratulatoria ao jovem monarcha, recitando-a no theatro da Bahia. E' a composição relativa ao anno de 1858, a que transcrevo de um jornal da Bahia, tanto para satisfação de seu autor, como para minha propria, porque me regosijo cada vez tornar mais intima a sympathia que deve reinar entre dous povos irmãos como são o portuguez e o brazileiro.»

(*Extr.*)

F. Gomes Amorim.

INDICE

DAS

MATERIAS CONTIDAS NO VOLUME 7°

Paginas

Mesa administrativa

Presidente—Cons. Salvador P. de Carvalho e Albuquerque
1. Secretario—Cons. João Nepomuceno Torres
2· Secretario—Dr. Isaias de Carvalho Santos
Orador—Dr. Braz Hermenegildo do Amaral
Thesoureiro—Capitão Francisco Gomes Ferreira Braga

Commissão de Redacção da Revista

Cons. João Nepomuceno Torres
Dr. Joaquim dos Reis Magalhães
Dr. Innocencio Munoz de Araujo Goes.

ASSIGNATURAS

Por um anno . . . . : 12$000
Por seis mezes. . . . . 6$000

PAGAMENTO ADIANTADO

Numero avulso e os anteriores. 3$000

AVISO

A correspondencia e todas as remessas de livros, jornaes e quaesquer objectos de valor historico devem ser encaminhadas para a Secretaria do Instituto, á Praça 15 de Novembro (antigo Terreiro de Jesus) das 10 horas da manhã ás 3 da tarde.